

PENTATEUCO



COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

WARREN W. WIERSBE

COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

Antigo Testamento
Volume I – Pentateuco

WARREN W. WIERSBE

TRADUZIDO POR
SUSANA E. KLASSEN

1ª Edição
5ª Impressão

Geográfica

Santo André, SP - Brasil
2010

Comentário Bíblico Expositivo
Categoria: Teologia / Referência

Copyright © 2001 por Warren W. Wiersbe
Publicado originalmente pela Cook Communications Ministries,
Colorado, EUA.

Título Original em Inglês: The Bible Exposition Commentary – Old
Testament: Pentateuch

Preparação: Liege Maria de S. Marucci

Revisão: Theófilo Vieira

Capa: Douglas Lucas

Diagramação: Viviane R. Fernandes Costa

Impressão e Acabamento: Geográfica Editora

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

A 1ª edição brasileira foi publicada em maio de 2006.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wiersbe, Warren W.

Comentário Bíblico Expositivo : Antigo Testamento : volume I,
Pentateuco / Warren W. Wiersbe ; traduzido por Susana E. Klassen. -
Santo André, SP : Geográfica editora, 2006.

Título original: The Bible Exposition Commentary -
Old Testament: Pentateuch

ISBN 85-89956-48-2

1. Bíblia A.T. – Comentários I. Título.

06-3968

CDD-221.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Antigo Testamento : Bíblia : Comentários 221.7
 2. Comentários : Antigo Testamento : Bíblia 221.7
-

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Geo-Gráfica e editora Ltda.

Av. Presidente Costa e Silva, 2151 - Pq. Capuava - Santo André - SP - Brasil

Site: www.geograficaeditora.com.br

SUMÁRIO

GÊNESIS.....	7
ÊXODO.....	232
LEVÍTICO.....	329
NÚMEROS.....	408
DEUTERONÓMIO.....	490

GÊNESIS

ESBOÇO

Tema-chave: Começos

Versículo-chave: "No princípio, criou Deus..."
(1:1)

I. DEUS CRIA O UNIVERSO – 1

II. ADÃO E EVA – 2-5

1. O jardim – 2
2. A queda – 3
3. As conseqüências da queda – 4-5

III. NOÉ E SUA FAMÍLIA – 6:1 – 11:9

1. O dilúvio – 6-7
2. A nova Terra – 8
3. A aliança – 9
4. As nações – 10
5. A torre de Babel – 11:1-9

IV. ABRAÃO E SARA – 11:10 – 25:11

O começo do povo hebreu

V. ISAQUE E REBECA – 25:12 – 28:22

VI. JACÓ E SUA FAMÍLIA – 29:1 – 38:30

O estabelecimento do povo hebreu como nação

VII. JOSÉ E SEU MINISTÉRIO – 39:1 – 50:26

A proteção dos hebreus como nação

Observe as dez "gerações" em Gênesis: Os céus e a Terra (1:1 – 2:46); Adão (5:1 – 6:8); Noé (6:9 – 9:29); Sem, Cam e Jafé (10:1 – 11:9); Sem (11:10-26); Tera (11:27 – 25:11); Ismael (25:12-18); Isaque (25:19 – 35:29); Esaú (36:1 – 37:1); Jacó (37:2 – 50:26).

CONTEÚDO

1. A.C.: Antes da criação
(Gn 1:1)..... 9
2. Quando Deus fala, algo acontece
(Gn 1)..... 15
3. As primeiras coisas primeiro
(Gn 2)..... 21
4. Este é o mundo de meu Pai -
ou não?..... 28
5. Perigos no paraíso
(Gn 3)..... 34
6. Caim no centro do palco
(Gn 4:1-24)..... 42
7. Quando as perspectivas são
sombrias, tente olhar para cima
(Gn 4:25 – 6:8)..... 48
8. Um homem e sua fé, um homem
e sua família (Gn 6:9 – 7:24)..... 54
9. O Deus dos recomeços
(Gn 8)..... 60
10. À vida! À vida!
(Gn 9:1-17)..... 66
11. O resto da história
(Gn 9:18 – 10:32)..... 71
12. Cuidado – Deus trabalhando
(Gn 11)..... 77
13. De volta aos fundamentos
(Revisão de Gn 1 – 11)..... 82

14. Um novo começo (Gn 11:27 - 12:9).....	86	27. Uma obra-prima arruinada (Gn 27 - 28).....	156
15. Fome, rebanhos e rixas (Gn 12:10 - 13:18).....	91	28. Disciplina e decisões (Gn 29 - 31).....	163
16. Crer é vitória (Gn 14).....	96	29. Pondo o passado em ordem (Gn 32 - 34).....	170
17. A noite escura da alma (Gn 15).....	102	30. Você pode voltar para casa (Gn 35 - 36).....	177
18. Cuidado com os desvios! (Gn 16).....	107	31. Apresento-lhes o herói (Gn 37).....	182
19. O que é um nome? (Gn 17).....	112	Interlúdio: Judá e Tamar (Gn 38).....	188
20. Como pelo fogo (Gn 18 - 19).....	117	32. O Senhor faz a diferença (Gn 39 - 41).....	190
21. Abraão, o vizinho (Gn 20; 21:22-34).....	123	33. Quando os sonhos se realizam (Gn 42 - 43).....	197
22. "Tempo de chorar, tempo de rir" (Gn 21:1-21; Gl 4:21-31).....	128	34. A verdade e suas conseqüências (Gn 44 - 45).....	204
23. A maior prova de todas (Gn 22).....	133	35. A sabedoria do avô (Gn 46 - 48).....	210
24. Lá vem a noiva! (Gn 24).....	138	36. Uma família de futuro (Gn 49).....	216
25. "Tempo de morrer" (Gn 23; 25:1-11).....	143	37. Três ataúdes (Gn 50).....	222
26. Tal pai, tal filho... quase (Gn 25 - 26).....	149	38. Seja autêntico: Visão geral e resumo.....	228

A.C.: ANTES DA CRIAÇÃO

GÊNESIS 1:1

A pesar do nome “Gênesis”, que significa “começos”, e de sua localização como o primeiro livro da Bíblia, o Livro de Gênesis não é o começo de tudo. Gênesis 1:1 nos lembra que: “No princípio, criou Deus”. Assim, antes de estudar os fundamentos apresentados em Gênesis 1–11, vamos nos familiarizar com o que Deus fez antes daquilo que se encontra registrado em Gênesis. Depois disso, estudaremos o que Deus fez e que aparece no relato de Gênesis e, por fim, o que ocorreu depois de Gênesis. Isso nos dará a visão mais ampla de que precisamos para estudar o restante da revelação de Deus na Bíblia.

1. ANTES DE GÊNESIS: O PLANO DE REDENÇÃO

O que estava acontecendo antes de Deus criar o Universo com sua palavra? Essa pode parecer uma pergunta hipotética e pouco razoável do tipo: “Quantos anjos cabem na cabeça de um alfinete?”, mas não é!¹ Afinal, Deus não age de modo arbitrário, e o fato de ter criado algo indica que devia ter em mente um propósito magnífico. Qual era, então, a situação antes de Gênesis 1:1 e o que ela nos ensina sobre Deus e sobre nós mesmos?

Deus existia em glória sublime. Deus é eterno. Ele não tem começo nem fim. Assim, é totalmente auto-suficiente, não precisa de nada além dele mesmo para existir e agir. De acordo com A. W. Tozer: “Deus tem uma relação voluntária com tudo o que criou, mas não tem uma relação necessária com coisa alguma além dele próprio”.² Deus não precisa de nada, nem do Universo material e nem da raça humana, e, no entanto, criou os dois.

Se você quer confundir sua cabeça, medite sobre o conceito de eterno, algo que não tem começo nem fim. Sendo criaturas ligadas ao tempo, você e eu podemos facilmente nos concentrar nas coisas passageiras ao nosso redor. No entanto, é difícil – para não dizer impossível – imaginar aquilo que é eterno.³ Contemplar a natureza e o caráter do Deus Trino que sempre foi, que é, e que sempre será, daquele que nunca muda, é uma tarefa grande demais para nós. “No princípio, criou Deus”; Moisés escreveu: “Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90:2). Frederick Faber expressou esse fato da seguinte maneira:

Além do tempo, do espaço, único e só.⁴
E, no entanto, Três em sua sublimidade,
Tu és, grandiosamente
e para sempre, somente
Deus em unidade!⁵

A “teologia de processo”, uma antiga heresia com uma roupagem moderna, fala de um “deus limitado” que se encontra no processo de tornar-se um deus “maior”. Contudo, se Deus é Deus, da forma como entendemos essa palavra, então ele é eterno e não precisa de nada; ele é onisciente, onipotente e onipresente. A fim de ter um “deus limitado”, é preciso, antes de tudo, redefinir a palavra “Deus”, pois de acordo com a própria definição desse termo, Deus não pode ser limitado.

Além disso, se Deus é limitado e “está se expandindo”, que poder o está tornando maior? Esse poder teria de ser maior do que “Deus” e, portanto, ser Deus! Isso não faria, então, com que tivéssemos dois deuses em vez de um?⁶ Porém, o Deus da Bíblia é eterno e não tem começo. Ele é infinito e não possui qualquer limitação de tempo ou espaço. Ele é perfeito e não tem como “melhorar”; por ser imutável, não tem como sofrer qualquer alteração.

O Deus que Abraão adorava é o Deus eterno (Gn 21:33), e Moisés disse aos israelitas: “O Deus eterno é a tua habitação e, por baixo de ti, estende os braços eternos”

(Dt 33:27). Habacuque disse que Deus era “desde a eternidade” (Hc 1:12; ver também 3:6), e Paulo chamou-o de “Deus eterno” (Rm 16:26; ver também 1 Tm 1:17).

A Trindade divina encontrava-se em comunhão de amor. “No princípio, criou Deus” seria uma declaração assustadora para um cidadão de Ur dos caldeus, lugar de onde Abraão veio, pois os caldeus e os povos ao seu redor adoravam uma miríade de deuses e deusas maiores e menores. No entanto, o Deus de Gênesis é o único Deus verdadeiro e não tem “deuses rivais” para contender com ele, como acontece nas fábulas e mitos do mundo antigo (ver Êx 15:1; 20:3; Dt 6:4; 1 Rs 8:60; 2 Rs 19:15; Sl 18:31).

Esse Deus verdadeiro e único existe na forma de três pessoas: Deus o Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo (ver Mt 3:16, 17; 28:18-20; Jo 3:34, 35; 14:15-17; At 2:32, 33; 38,39; 10:36-38; 1 Co 12:1-6; 2 Co 13:14; Ef 1:3-14; 4:1-6; 2 Ts 2:13, 14; Tt 3:4-6; 1 Pe 1:1, 2). Isso não quer dizer que um só Deus se manifesta de três formas diferentes nem que há três deuses, mas sim que um Deus existe em três Pessoas, iguais em seus atributos e, no entanto, individuais e distintas no que se refere a seus ofícios, incumbências e ministérios. De acordo com o Credo de Nicéia (325 d.C.), “Cremos em um só Deus, Pai [...] e em um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai [...] Luz da Luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro, gerado, não criado, de uma só substância com o Pai [...]. Cremos no Espírito Santo”.

Certa vez, ouvi um pastor começar um culto orando: “Pai, obrigado por morrer por nós na cruz”. Contudo, foi Deus, o Filho, não Deus, o Pai, quem morreu pelos pecadores na cruz; e é Deus, o Espírito Santo, que convence os pecadores e os conduz ao arrependimento e à salvação. Misturar e confundir as três Pessoas da Divindade implica fazer algo arriscado: mudar o que é ensinado nas Escrituras.

A doutrina da Trindade não foi revelada claramente no Antigo Testamento, pois a ênfase dessa parte das Escrituras é sobre o fato de que o Deus de Israel é um só Deus, que

não foi criado e que é o único e verdadeiro Deus. Adorar os falsos deuses dos povos que viviam a seu redor foi a grande tentação e o pecado no qual Israel caiu repetidamente, de modo que Moisés e os profetas bateram sempre na tecla da unidade e da singularidade do Deus de Israel. Até hoje, o adorador judeu devoto recita o *SHEMA* todos os dias: “Ouve [*shema*], Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6:4,5). O Deus revelado nas Escrituras não tem semelhantes nem rivais.

No entanto, o Antigo Testamento apresenta vislumbres e alusões à maravilhosa verdade da Trindade, uma verdade que mais tarde seria claramente revelada por Cristo e pelos apóstolos no Novo Testamento. As declarações na terceira pessoa do plural encontradas em Gênesis (Gn 1:26; 3:22; 11:7; ver também Is 6:8) indicam que as Pessoas da Divindade trabalham juntas, e as diversas ocasiões em que “o Anjo do SENHOR” entrou em cena, mostram a presença do Filho de Deus (ver Gn 16:7-11; 21:17; 22:11, 15; 24:7, 40; 31:11; 32:20-24; Êx 3:1-4 com At 7:30-34; 14:19; 23:20-26; 32:33 - 33:17; Js 5:13ss; Jz 2:1-5 e 6:11ss).

O Messias (Deus, o Filho) fala de si mesmo, do Espírito e do Senhor (Pai) em Isaías 48:16, 17 e 61:1-3; e o Salmo 2:7 declara que Jeová tem um Filho. Jesus tomou o versículo 7 para si quando desafiou os inimigos que não o aceitavam como Filho de Deus (Mt 22:41-46). Em Gênesis 1:2 e 6:3, o Espírito de Deus é distinguido do Senhor (Pai), e essa mesma distinção pode ser encontrada em Números 27:18; Salmo 51:11; Isaías 40:13; 48:16; e Ageu 2:4,5.

Apesar de a palavra “trindade” não aparecer em parte alguma da Bíblia, a doutrina certamente está presente, oculta no Antigo Testamento e revelada no Novo. Essa doutrina profunda e misteriosa tem algum significado prático para o cristão da atualidade? Sem dúvida, pois as três Pessoas da Divindade estão todas envolvidas no planejamento e na execução da vontade divina para o Universo, inclusive o plano da salvação.

A Trindade divina planejou a redenção.

O maravilhoso plano de redenção não foi algo improvisado para o povo de Deus escolhido em Cristo “antes da fundação do mundo” (Ef 1:4; Ap 17:8) e entregue ao Filho pelo Pai tanto para pertencer a seu reino (Mt 25:34) quanto para participar de sua glória (Jo 17:2, 6, 9, 11,12, 24). A morte sacrificial do Filho não foi um acidente, mas sim um compromisso (At 2:23; 4:27, 28); pois ele “foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8).

Nas deliberações eternas, a Divindade decidiu criar um mundo que incluiria seres humanos feitos à imagem de Deus. Não só o Pai (Gn 1:1; 2 Rs 19:15; At 4:24), mas também o Filho (Jo 1:1-3, 10; Cl 1:16; Hb 1:2) e o Espírito Santo (Gn 1:2; Sl 104:30) participaram da criação. Deus não criou o mundo porque precisava de alguma coisa, mas sim para que pudesse compartilhar seu amor com suas criaturas que, diferentes dos anjos, são feitas à imagem de Deus e podem corresponder a seu amor livremente.

A Divindade determinou que o Filho viria à Terra e morreria pelos pecados do mundo, e Jesus veio para fazer a vontade do Pai (Jo 10:17, 18; Hb 10:7). As palavras de Jesus vinham do Pai (Jo 14:24), e suas obras eram comissionadas pelo Pai (Jo 5:17-21, 36; At 2:22) e investidas do poder do Espírito (At 10:38). O Filho glorifica o Pai (Jo 14:13; 17:1, 4), e o Espírito glorifica o Filho (Jo 16:14). As Pessoas da Trindade trabalham em conjunto para realizar a vontade de Deus.

De acordo com Efésios 1:3-14, o plano da salvação é trinitário: somos escolhidos pelo Pai (vv. 3-6), redimidos pelo Filho (vv. 7-12) e selados com o Espírito (vv. 13, 14) – tudo isso para o louvor da glória de Deus (vv. 6, 12, 14)⁸. O Pai concedeu autoridade ao Filho para dar vida eterna àqueles que ele entregou ao Filho (Jo 17:1-3). Tudo isso foi planejado antes mesmo que o mundo existisse!

É importante observar que as três Pessoas da Divindade têm um papel na salvação dos pecadores perdidos. No que se refere a Deus o Pai, ele, em sua graça, me escolheu

em Cristo antes da fundação do mundo. No entanto, eu não tinha conhecimento algum da eleição divina até que fui convertido⁹. No que se refere ao Filho, fui salvo quando ele morreu por mim na cruz, e eu sabia dessa grande verdade desde os primeiros dias de minha vida. No entanto, no que se refere ao Espírito Santo, fui salvo em maio de 1945, quando fui convencido pelo Espírito de Deus e confiei em Jesus Cristo. Então, concretizou-se em minha vida aquilo que Deus havia planejado desde a eternidade.

O nascimento espiritual é um tanto parecido com o nascimento humano: você passa por ele, mas leva algum tempo para compreendê-lo! Afinal, eu não saberia o dia de meu aniversário se alguém não tivesse me contado. É só depois que nascemos na família de Deus que toda essa maravilha nos é revelada pela Palavra e desejamos, então, compartilhá-la com outras pessoas.

Quando você pensa na profundidade dos planos eternos de Deus, percebe que são grandes demais para sua mente. Mas não desanime, pois, ao longo dos séculos, teólogos competentes e devotos não conseguiram chegar a um consenso sobre suas especulações e conclusões. Um de meus professores no seminário costumava nos lembrar do seguinte fato: “Tente explicar essas coisas e você pode perder a cabeça, mas tente desfazer-se delas e perderá sua alma”.

Moisés expressou muito bem essa verdade: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29:29). O importante não é saber tudo o que Deus sabe, mas obedecer a tudo o que ele nos ordena. “Porque nós conhecemos em parte” (1 Co 13:9).

2. GÊNESIS: A PROMESSA DE REDENÇÃO

Quando Deus escreveu a Bíblia, não nos deu um livro de teologia enfadonho dividido em seções chamadas *Deus*, *a Criação*, *o Homem*, *o Pecado* e assim por diante. Em vez disso, deu-nos uma história, uma narrativa que começa na eternidade passada e termina na eternidade futura. Trata-se de uma história sobre

Deus e seu relacionamento com todos os tipos de pessoas e como elas reagiram a sua Palavra. Ao ler essas narrações, aprendemos um bocado de coisas sobre Deus, sobre nós mesmos e sobre nosso mundo. Além disso, descobrimos que nossa história pessoal pode ser encontrada em algum lugar nas páginas das Escrituras. Se você ler com tempo e honestidade suficientes, descobrirá a si mesmo dentro da Bíblia.

O Livro de Gênesis tem cinquenta capítulos em nossas versões da Bíblia, mas o texto hebraico original não possui divisões. Depois de descrever a criação (1:1 - 2:3), Moisés apresentou uma lista de onze "gerações" que constituem a narração de Gênesis: os céus e a Terra (2:4 - 4:26); Adão (5:1 - 6:8); Noé (6:9 - 9:29); os filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé (10:1 - 11:9), dando ênfase a Sem, o pai dos semitas (11:10-26); Tera, pai de Abraão (11:27 - 25:11); Ismael (25:12-18); Isaque (25:19 - 35:29); Esaú 36:1-8), que também é chamado de Edom (36:9 - 37:1); e Jacó (37:2 - 50:26). São esses os indivíduos apresentados em Gênesis.

Os onze primeiros capítulos de Gênesis tratam da *humanidade em geral* e concentram-se em quatro acontecimentos principais: a criação (1 - 2), a queda do homem e suas conseqüências (3 - 5), o dilúvio (6 - 9) e a rebelião em Babel (10 - 11). O restante de Gênesis volta-se para *Israel de modo específico* (12 - 50) e relata a vida de quatro grandes homens: Abraão (12:1 - 25:18), Isaque (25:19 - 27:46), Jacó (28 - 36) e José (37 - 50).¹⁰ Chamamos esses homens de "patriarcas", pois foram os fundadores de Israel como nação.

Durante nosso estudo do Livro de Gênesis, tenha sempre em mente que Moisés não escreveu uma história detalhada de cada pessoa ou acontecimento. Ele registrou apenas aquelas coisas que o ajudaram a cumprir seu propósito, que era explicar a origem das coisas, especialmente a origem dos judeus

como nação. Gênesis 1 - 11 é um registro do fracasso humano, mas Deus recomeçou com o chamado de Abraão. O pecado do homem trouxe a maldição de Deus (3:14, 17; 4:11), mas pela graça, a aliança de Deus com Abraão trouxe bênçãos a todo o mundo (12:1-3).

Também observamos que, no registro de Gênesis, quando o homem consegue mostrar o que tem de pior e atingir seu ponto mais baixo, Deus lhe dá um recomeço. De acordo com o Dr. G. Campbell Morgan, o ciclo de Gênesis é composto de "geração, degeneração e regeneração".¹¹ Caim matou Abel, mas Deus deu Sete para continuar a linhagem temente a ele. A Terra tornou-se violenta e perversa, de modo que Deus exterminou a humanidade, mas escolheu Noé e sua família para prosseguir com a obra divina. Deus chamou Abraão e Sara dentre os pagãos de Ur dos caldeus e deu-lhes um filho chamado Isaque. O futuro do plano de Deus para a salvação estava nesse filho. Isaque e Rebeca tiveram dois filhos, Esaú e Jacó, mas Deus rejeitou Esaú e escolheu Jacó para constituir as doze tribos de Israel e herdar as bênçãos da aliança.

Em outras palavras, do começo ao fim, Gênesis é a história da vontade soberana e da graça eletiva de Deus. Isso não significa que as pessoas da história eram simples robôs, uma vez que erraram e até tentaram impedir a realização do plano de Deus. No entanto, sempre que as pessoas resistiram ao domínio de Deus, ele prevaleceu e cumpriu seu propósito divino de qualquer modo. "O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações" (Sl 33:11).

Aquilo que tem início em Gênesis é desenvolvido ao longo de toda a Bíblia e, então, encontra sua plena consumação no Livro de Apocalipse, como podemos ver no seguinte resumo:

GÊNESIS

- O primeiro céu e a primeira Terra.
- O primeiro jardim; a Árvore da Vida é guardada.
- O primeiro casamento.
- Satanás tenta Eva a pecar.
- A morte entra em cena.
- A construção de Babilônia.
- A promessa de um Redentor.

APOCALIPSE

- O novo céu e a nova Terra.
- A "cidade do jardim" e a Árvore da Vida disponível.
- O último casamento, as bodas do Cordeiro.
- Satanás é lançado no lago de fogo.
- Não há mais morte.
- A destruição de Babilônia.
- O reino do Redentor.

Há muitas outras comparações entre esses dois livros, mas as que apresentamos acima dão uma idéia de quão importante é o Livro de Gênesis para se compreender o plano de Deus e o restante das Escrituras.

3. DEPOIS DE GÊNESIS:

O CUMPRIMENTO DA REDENÇÃO

Deus revelou seu grandioso plano de salvação de maneira gradual. Em primeiro lugar, ele deu uma promessa (Gn 3:15), a primeira promessa de salvação encontrada nas Escrituras. Trata-se da promessa de um Redentor que nasceria de uma mulher, derrotaria Satanás e traria a salvação para a humanidade. O Salvador prometido seria um homem, não um anjo, e salvaria seres humanos, não anjos caídos (Hb 2:5-18).

De onde viria esse Redentor prometido? Gênesis 12:1-3 responde a essa pergunta: o Redentor será um judeu, do povo de Abraão. Por meio de um milagre de Deus, Abraão e Sara tiveram Isaque; e Isaque foi o pai de Jacó. No entanto, Jacó teve doze filhos que fundaram as doze tribos de Israel. Qual dessas tribos daria ao mundo o Salvador? Gênesis 49:10 nos diz: o Redentor virá da tribo de Judá.

O Livro de Êxodo conta como Deus construiu a grande nação de Israel, enquanto esse povo sofria no Egito e, então, como ele os libertou com seu grande poder. O povo deveria ter se apropriado da herança de Canaã, mas, em sua incredulidade, desobedeceram a Deus e acabaram vagando pelo deserto durante quarenta anos (Nm 13 - 14). Josué liderou a nova geração, conduzindo-a para a Terra Prometida, onde estabeleceu a nação.

Depois de uma era trágica de governo dos juízes e do reinado de Saul, registrados no Livro de Juízes e em 1 Samuel, Deus ungiu Davi para ser rei e revelou que o Redentor prometido procederia da família de Davi (2 Sm 7). Não apenas seria o "filho de Davi", como também nasceria em Belém, a cidade de Davi (Mtq 5:2). Por intermédio do profeta Isaías, Deus anunciou que o Redentor nasceria de uma virgem de modo miraculoso (Is 7:14; ver Lc 1:26-38).

Sem dúvida, ao longo das eras do Antigo Testamento, Satanás fez todo o possível para impedir os planos de Deus. Caim era do diabo (1 Jo 3:12) e matou seu irmão Abel, mas Deus deu Sete para continuar essa linhagem temente ao Senhor (Gn 4:25, 26). Durante o dilúvio, Deus preservou Noé e sua família. Da família de Sete nasceu Abraão, o pai dos hebreus, uma nova nação.

Em pelo menos quatro ocasiões, essa linhagem temente a Deus foi ameaçada de extinção. Abraão mentiu duas vezes sobre a esposa, Sara, e ela foi levada por reis pagãos (12:10-20; 20:1ss). Seu filho, Isaque, cometeu o mesmo pecado e colocou em risco a esposa, Rebeca (26:6-16). Durante os dias sombrios que posteriormente sobrevieram à monarquia hebraica, a perversa rainha-mãe Atalia ordenou a morte de todos os descendentes da linhagem real. No entanto, um pequeno príncipe chamado Joás foi salvo e, assim, deu continuidade à linhagem de Davi (2 Rs 11).

Que fim teve essa história? "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a

fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4:4, 5). O anjo anunciou aos pastores: “É que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2:11).

A promessa havia se cumprido! E tudo começou em Gênesis!

Agora, voltemo-nos para o magnífico e inspirado registro de Moisés sobre a criação dos céus, da Terra e da vida humana.

1. É questionável que os teólogos da antiguidade, em algum momento, tenham feito essa determinada pergunta, mas a questão não é totalmente irrelevante. Anjos são espíritos e não possuem corpo material, exceto de modo temporário quando são enviados em missões especiais; assim, como podem ocupar espaço? Tomás de Aquino discutiu essa questão em sua *Summa Theologica*, de modo que ela deve ser considerada importante.
2. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. Nova York: Harper and Brothers, 1961, p. 39.
3. É claro que todo ser humano existirá para sempre, quer seja no céu quer no inferno; mas no que se refere a este mundo, somos todos forasteiros e peregrinos, estamos todos “de passagem”.
4. O termo “só” não indica que Deus precisasse de amigos. A palavra significa “sozinho”.
5. TOZER, A. W. *The Christian Book of Mystical Verse*. Harrisburg, Pa.: Christian Publications, 1963, p. 7.
6. Aquilo que conhecemos hoje como “teologia de processo” teve origem nos ensinamentos do filósofo inglês Alfred North Whitehead (1861-1947), amplamente difundidos por seu discípulo Charles Hartshore. A teologia de processo foi popularizada pelo rabino Harold Kushner em seu livro *Quando coisas ruins acontecem a pessoas boas* (São Paulo: Nobel). De acordo com Kushner, no momento, Deus é fraco demais para fazer alguma coisa sobre o câncer, as guerras e as tragédias da vida; mas, à medida que confiamos nele e fazemos o bem, nós o fortalecemos para que ele alcance maiores realizações. Para conhecer o ponto de vista evangélico sobre a teologia de processo, ver *On Process Theology*, editado por Ronald H. Nash (Baker Book House, 1987), e minha obra *Why Us? When Bad Things Happen to God's People* (Fleming, H. Revell, 1984).
7. A conjunção aditiva “e” na frase batismal é importante, pois mostra a igualdade das Pessoas da Divindade.
8. A doutrina da eleição divina não é uma desculpa para não se falar do evangelho a outros. O mesmo Deus que ordenou o fim – a salvação dos perdidos – também ordenou o meio para se alcançar esse fim, que é o testemunho de seu povo e as orações para que sua Palavra seja bem-sucedida. Deus escolhe pessoas para serem salvas, e então as chama por meio do evangelho (2 Ts 2:13, 14). As duas coisas andam juntas. Não sabemos quem são os eleitos, e o Senhor ordenou que levássemos o evangelho ao mundo todo (Mc 16:15; At 1:8).
9. O Dr. H. A. Ironside, que pastoreou durante dezoito anos a Igreja Moody de Chicago, costumava ilustrar essa verdade ao descrever uma porta na qual havia uma placa onde estava escrito: “Todo aquele que vier pode entrar”. Crendo nessas palavras, você passa pela porta e é salvo. Então, olhando para trás, vê outra placa do lado de dentro, que diz: “Escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo”.
10. Essa divisão de capítulos é arbitrária, uma vez que existe uma sobreposição de gerações nas narrações, como sempre acontece na história dos seres humanos. Tecnicamente, a seção “gerações de Jacó” começa em 37:2, mas a história de Jacó inicia muito antes e coloca Isaque em segundo plano. Não há uma seção chamada “gerações de José”, uma vez que José faz parte da narração de Jacó, que encerra o Livro de Gênesis.
11. Ver as obras de Morgan, *The Analyzed Bible* e *Living Messages of the Books of the Bible*, ambas publicadas por Fleming H. Revell.

QUANDO DEUS FALA, ALGO ACONTECE

GÊNESIS 1

Algumas pessoas dizem que o presidente dos Estados Unidos é “o líder mais poderoso do mundo”, porém mais de um ex-presidente iria discordar dessa afirmação. Ex-presidentes confessaram que suas ordens executivas não eram sempre obedecidas e que não podiam fazer muita coisa sobre isso.

Durante o primeiro mandato do presidente Nixon, por exemplo, ele ordenou que fossem removidas de Washington D.C. algumas construções temporárias de aspecto desagradável, prédios feios que estavam lá desde a época da 1ª Guerra Mundial; no entanto, levou meses para que sua ordem fosse acatada. Quando os jornalistas começaram a escrever sobre “a presidência imperial”, Nixon afirmou que se tratava de uma idéia “absurda”.¹ Podê ser que presidentes declarem e assinem ordens oficiais, mas isso não garante que alguma coisa vai, de fato, acontecer.

No entanto, quando Deus fala, *algo acontece!* “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9). Quando refletimos sobre os atos de Deus registrados em Gênesis 1, não podemos deixar de nos curvar reverentemente em adoração, pois seus atos criadores revelam um Deus de poder e de sabedoria, cuja palavra tem autoridade.

1. DEUS CRIA (GN 1:1, 2)

Três livros da Bíblia abrem com “começos”: Gênesis 1:1; Marcos 1:1 e João 1:1. Cada um desses começos é importante. As palavras: “No princípio era o Verbo” (Jo 1:1) remetem-nos à eternidade passada, quando

Jesus Cristo, o Verbo vivo de Deus, existia como o Filho de Deus. João não estava sugerindo que Jesus teve um começo. Jesus Cristo é o Filho eterno de Deus que existia antes de todas as coisas, pois fez todas as coisas (Jo 1:3; Cl 1:16, 17; Hb 1:2). Assim, o “começo” de João é anterior ao de Gênesis 1:1.²

O Evangelho de Marcos começa com as palavras: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. A mensagem do evangelho não começou com o ministério de João Batista, pois as boas novas da graça de Deus foram anunciadas em Gênesis 3:15. De acordo com o testemunho de Hebreus 11, houve pessoas que creram na promessa de Deus ao longo de todo o Antigo Testamento, e esses que creram foram salvos (ver Cl 3:1-9 e Rm 4). O ministério de João Batista, o precursor de Jesus, foi o princípio da *proclamação* da mensagem sobre Jesus Cristo de Nazaré (ver At 1:21, 22 e 10:37).

A frase: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1) refere-se a um passado indeterminado, no qual Deus fez com que o Universo viesse a existir a partir do nada (Sl 33:6; Rm 4:17; Hb 1:3).³ Gênesis 1:1, 2 é a *declaração* de que Deus criou o Universo, enquanto a *explicação* sobre seus dias de trabalho criativo é apresentada no restante do capítulo.

No capítulo 1, o Deus criador é chamado trinta e duas vezes de *Elohim*, uma palavra hebraica que enfatiza sua majestade e poder (o nome “Jeová”, usado no contexto da aliança, aparece pela primeira vez em Gn 2:4). *Elohim* é um substantivo plural usado com frequência junto a verbos e adjetivos no singular (os tempos verbais hebraicos são singulares, duais ou plurais). Alguns acreditam que essa forma plural é o que a gramática chama de “plural de majestade” ou, ainda, que pode ser uma indicação da existência de Deus em três Pessoas. Nas Escrituras, a criação é atribuída ao Pai (At 4:24), ao Filho (Jo 1:1-3) e ao Espírito Santo (Sl 104:30).

Elohim revela seu poder ao criar todas as coisas simplesmente ordenando-as pela palavra falada. A matéria não é eterna; ela teve início quando Deus falou e tudo passou a

existir (Ef 3:9; Cl 1:16; Ap 4:11; 5:13). As Escrituras não revelam o motivo de Deus ter decidido começar sua obra criativa com uma massa escura, sem forma e vazia;⁴ mas o Espírito Santo, que se movia sobre as águas,⁵ teria dado ordem ao caos e beleza e plenitude ao que antes era vazio.⁶ O Espírito ainda pode fazer isso, hoje em dia, na vida de todo aquele que se entrega a ele.

As nações que cercavam o povo de Israel possuíam antigas tradições que “explicavam” a origem do Universo e da humanidade. Esses mitos falavam de monstros que lutaram nas profundezas dos oceanos e de deuses que guerrearão para que o Universo viesse a existir. No entanto, o relato simples de Gênesis apresenta-nos um Deus que, sozinho, criou todas as coisas e ainda está no controle de sua criação. Se o povo de Israel tivesse prestado mais atenção ao que Moisés havia escrito, jamais teria adorado os ídolos de seus vizinhos pagãos.

2. DEUS FORMA (GN 1:3-13)

Existe um padrão nas atividades de Deus durante a semana da criação: primeiro ele *formou* e depois *encheu*. Fez três esferas de atividade: os céus, a Terra e as águas e, então, encheu-as com as formas de vida apropriadas.

Primeiro dia (vv. 3-5). Deus ordenou que a luz brilhasse e, depois, separou a luz das trevas. Mas como podia haver luz se os lumináres são mencionados apenas no quarto dia (vv. 14-19)? Uma vez que não é mencionado que essa luz procedesse de qualquer um dos lumináres criados por Deus, é provável que se originava do próprio Deus, que é luz (Jo 1:5) e que se cobre com um manto de luz (Sl 104:2; Hc 3:3, 4). A cidade eterna terá luz sem fim e sem a ajuda do Sol ou da Lua (Ap 22:5), portanto, não é possível que houvesse luz desde o princípio do tempo, antes da criação dos lumináres?⁷

A vida como a conhecemos não poderia existir sem a luz do Sol. Paulo viu nesse ato criador a obra de Deus na nova criação, a salvação dos perdidos. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração,

para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6). “A vida estava nele [Jesus] e a vida era a luz dos homens” (Jo 1:4).

Nas Escrituras, a luz é associada a Cristo (Jo 8:12), à Palavra de Deus (Sl 119:105, 130), ao povo de Deus (Mt 5:14-16; Ef 5:8) e à bênção de Deus (Pv 4:18), enquanto as trevas são associadas a Satanás (Lc 23:53; Ef 6:12), ao pecado (Mt 6:22, 23; Jo 3:19-21), à morte (Jó 3:4-6, 9), à ignorância espiritual (Jo 1:5) e ao julgamento divino (Mt 8:12). Isso explica por que Deus separou a luz das trevas, uma vez que as duas não têm nada em comum. O povo de Deus deve “andar na luz” (1 Jo 1:5-10), pois “que comunhão, da luz com as trevas?” (2 Co 6:14-16; Ef 5:1-14)

Desde o primeiro dia da criação, Deus estabeleceu o princípio da separação. Ele não apenas separou a luz das trevas (Gn 1:4), mas também o dia da noite (v. 14), como, posteriormente, separou as águas sobre o firmamento das águas debaixo do firmamento (vv. 6-8) e a terra das águas (vv. 9, 10). Por meio de Moisés, Deus ordenou ao povo de Israel que permanecesse separado das nações a seu redor (Êx 34:10-17; Dt 7:1-11), e quando transgrediram esse mandamento, sofreram as conseqüências. Hoje em dia, o povo de Deus precisar ter cuidado com seu modo de viver (Sl 1:1) e não ser contaminado pelo mundo (Rm 12:1, 2; Tg 1:7; 4:4; 1 Jo 2:15-17).

Tendo em vista que Deus é o Criador, ele tem o direito de dar às coisas o nome que lhe aprouver; assim, temos “dia” e “noite”. A palavra “dia” pode referir-se à porção de tempo em que é possível ver o Sol bem como a todo o período de vinte e quatro horas composto de “tarde e manhã” (Gn 1:5).⁸ Às vezes, os escritores bíblicos usavam a palavra “dia” para descrever um período mais longo, durante o qual Deus cumpre um determinado propósito como “o dia do SENHOR” (Is 2:12) ou “o dia do Juízo” (Mt 10:15).

Quando falamos de coisas espirituais, é importante que usemos o dicionário de Deus bem como seu vocabulário. As palavras trazem consigo certos significados próprios, e se atribuímos o significado incorreto a uma

palavra, isso pode nos colocar em sérias dificuldades. Seria um erro fatal para o paciente se o médico confundisse “arsênico” com “aspirina”, de modo que os profissionais da saúde têm o cuidado de usar a terminologia exata. O “vocabulário cristão” é ainda mais importante, pois a consequência de uma confusão pode ser a morte eterna. A Bíblia explica e ilustra palavras como pecado, graça, perdão, justificação e fé, e mudar seu significado é o mesmo que colocar mentiras no lugar da verdade de Deus. “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade; põem o amargo por doce e o doce, por amargo” (Is 5:20).

Segundo dia (vv. 6-8). Deus colocou um firmamento entre as águas superiores e inferiores e o chamou de “Céus”, aquilo que conhecemos como “céu”. Ao que parece, as águas eram como um “manto” de vapor que cobria inicialmente a massa usada na criação. Quando foram separadas da porção seca, as águas inferiores tornaram-se os oceanos e mares, e as águas superiores desempenharam um papel no dilúvio no tempo de Noé (Gn 7:11, 12; 9:11-15).

A palavra traduzida por “firmamento” significa “compreender”. Nas Escrituras, por vezes faz-se referência ao céu como uma abóbada ou cobertura; no entanto, em nenhuma passagem as Escrituras apóiam a idéia pagã mitológica de que o céu é algum tipo de cobertura sólida. Os luminares foram colocados no firmamento (Gn 1:14-17), e sob ele voam as aves (v. 20).

Terceiro dia (vv. 9-13). Deus reuniu as águas e fez surgir a porção seca, criando, assim, a “Terra” e os “Mares”. Os vizinhos pagãos de Israel acreditavam em todo tipo de mito sobre os céus, a Terra e os mares. No entanto, Moisés deixou claro que *Elohim*, o único e verdadeiro Deus, era Senhor de tudo. Pela primeira vez, Deus declarou aquilo que havia feito como sendo “bom” (v. 10). A criação de Deus ainda é boa, mesmo que sofra por causa do pecado (Rm 8:20-22) e que tenha sido devastada e explorada por seres humanos pecadores.

Deus também fez surgir a flora sobre a terra: a relva, as ervas que dão semente e as árvores que dão frutos “segundo a sua espécie”, o que possibilita a ordem na natureza. Deus colocou limites de reprodução tanto para plantas como para animais (Gn 1:21), pois ele é Senhor da criação. Não há sugestão de algum tipo de “evolução”. Deus estava preparando a Terra para ser habitada pelos seres humanos e animais, e as plantas ajudariam a prover o alimento para eles. Pela segunda vez, Deus diz que aquilo que fez é bom (v. 12).

3. DEUS PREENCHE (GN 1:14-27; 2:7)

Deus criou três “espaços” específicos: a terra, os mares e o firmamento dos céus. Durante os três dias criativos que se seguiram, preencheu esses espaços.

Quarto dia (vv. 14-19). No firmamento dos céus Deus colocou os corpos celestes e deu-lhes sua incumbência: fazer a divisão entre a noite e o dia e oferecer “sinais” para marcar os dias, anos e estações. A luz já havia aparecido no primeiro dia, mas no quarto dia foi concentrada nos corpos celestes.

Em função de suas práticas religiosas, o povo de Israel precisava saber as datas e estações, quando começava e terminava o sábado, quando tinha início um novo mês e quando era época de comemorar suas festas anuais (Lv 26). Antes da invenção do relógio e da bússola, as atividades do ser humano estavam intimamente ligadas aos ciclos da natureza, e os navegadores dependiam das estrelas para guiá-los. Israel precisava da ajuda dos corpos celestes para orientar suas atividades, e Deus usou sinais dos céus para comunicar-se com seu povo aqui na Terra.⁹

Deus ordenou aos israelitas que não imitassem seus vizinhos pagãos adorando corpos celestes (Êx 20:1-6; Dt 4:15-19; 17:2-7). Deviam adorar o verdadeiro Deus que havia criado as “hostes celestiais”, o exército dos céus que obedecia às suas ordens. Porém, o povo não obedeceu ao mandamento de Deus (Jr 8:2; 19:13; Ez 8:16; Sf 1:4-6), e seus pecados trouxeram grande sofrimento.

Os povos da Antiguidade eram fascinados pela Lua, pelas estrelas, pelos movimentos do Sol e dos planetas, e há apenas uma linha muito tênue entre admiração e adoração. Nas palavras de Ralph Waldo Emerson: “Se as estrelas aparecessem apenas numa noite a cada mil anos, como poderiam os homens crer, adorar e preservar por muitas gerações a lembrança da cidade de Deus que havia sido mostrada...”.¹⁰

Quinto dia (vv. 20-23). Deus havia criado os céus e as águas e, então, encheu-os abundantemente de criaturas viventes. Fez pássaros para voar nos céus e criaturas aquáticas para brincar nos mares. “Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas. Eis o mar vasto, imenso, no qual se movem seres sem conta, animais pequenos e grandes” (Sl 104:24, 25).

Nesse dia, foi acrescentado um novo elemento à obra de Deus: ele não apenas viu que isso era “bom”, mas também abençoou os seres que havia criado. Essa é a primeira vez que o termo “abençoar” aparece na Bíblia. A bênção de Deus permitiu que os animais e as aves se reproduzissem em abundância, desfrutando de tudo o que Deus havia criado para eles. Deus também abençoou o primeiro homem e a mulher (Gn 1:28; 5:2), o sábado (2:3) e Noé e sua família (9:2). Depois da criação, talvez a ocasião mais importante em que Deus concedeu sua bênção foi quando, por sua graça, fez aliança com Abraão e seus descendentes (Gn 12:1-3). Essa bênção estende-se até o povo de Deus nos dias de hoje (Gl 3:1-9).

Sexto dia (vv. 24-31; 2:7). Deus havia formado os céus e os preenchido com os luminares celestes e as aves que voam. Havia formado os mares e enchido as águas com várias criaturas aquáticas. A criação chegou a seu ápice quando, no sexto dia, o Senhor criou a fauna e, depois, o primeiro homem, o qual, juntamente com sua esposa, teria domínio sobre a Terra e suas criaturas.

Assim como o primeiro homem, os animais foram feitos do pó da terra (2:7), o que explica por que o corpo tanto de seres humanos quanto de animais volta ao pó

depois da morte (Ec 3:19, 20). No entanto, os seres humanos e os animais são diferentes. Não importa quão inteligentes sejam alguns animais ou quanto possam aprender, não foram dotados da “imagem de Deus” como os seres humanos.¹¹

A criação do primeiro homem é considerada uma ocasião muito especial, pois antes do acontecimento é realizada uma “conferência”. As palavras “Façamos o homem à nossa imagem” parecem ser a conclusão de uma deliberação entre as Pessoas da Divindade.¹² Não é possível que Deus estivesse discutindo seus planos com os anjos, pois eles não foram feitos à imagem dele (“à nossa imagem”) e não tiveram nada a ver com a criação de Adão.

“Então, formou o SENHOR DEUS ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7). O verbo “formou” faz lembrar o oleiro criando uma obra de arte com suas mãos habilidosas. O corpo humano é, de fato, uma obra de arte, um organismo incrivelmente complexo, que só teria sido idealizado pela sabedoria de Deus e criado pelo seu poder.

A matéria física do corpo de Adão veio da terra, pois o nome “Adão” significa “tirado da terra”; a vida de Adão, porém, veio de Deus. É claro que Deus é espírito e não tem pulmões para respirar e soprar. Essa declaração consiste em algo que os teólogos chamam de “antropomorfismo”, o uso de características humanas para explicar uma obra ou atributo divino.¹³

Há vários fatos importantes a observar sobre a origem dos seres humanos. Em primeiro lugar, *fomos criados por Deus*. Não somos produto de algum acidente galáctico nem ocupamos o degrau mais alto da escala evolutiva. Foi Deus quem nos fez, o que significa que somos criaturas e dependemos inteiramente dele. “Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17:28). Lucas 3:38 chama Adão de “filho de Deus”.

Em segundo lugar, *fomos criados à imagem de Deus* (Gn 2:26, 27). Diferentemente dos anjos e dos animais, os seres humanos podem ter um relacionamento muito especial

com Deus. Não apenas nos deu personalidade – a mente para pensar, emoções para sentir, arbítrio para tomar decisões –, mas também nos concedeu uma natureza espiritual interior que nos permite conhecê-lo e adorá-lo. A imagem de Deus presente nos homens e nas mulheres foi desfigurada pelo pecado (Ef 4:18, 19), mas por meio da fé em Cristo e da submissão à obra do Espírito Santo, os cristãos podem ter a natureza divina renovada dentro de si (2 Pe 1:4; Ef 4:20-24; Cl 3:9, 10; Rm 12:2; 2 Co 3:18). Um dia, quando virem Jesus, todos os filhos de Deus compartilharão da gloriosa imagem de Cristo (1 Jo 3:1-3; Rm 8:29; 1 Co 15:49).

Em terceiro lugar, *fomos criados para ter domínio sobre a Terra* (Gn 2:26, 28).¹⁴ Adão e Eva foram os primeiros regentes da criação de Deus (Sl 8:6-8). “Os céus são os céus do SENHOR, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens” (Sl 115:16). No entanto, quando Adão acreditou na mentira de Satanás e comeu do fruto proibido, perdeu seu domínio, e agora o pecado e a morte é que reinam sobre a Terra (Rm 5:12-21).

Quando Jesus Cristo, o último Adão (1 Co 15:45), veio à Terra, exerceu o domínio que o primeiro Adão havia perdido. Demonstrou ter autoridade sobre os peixes (Lc 5:1-7; Jo 21:1-6; Mt 17:24-27), as aves (Mt 26:69-75) e outros animais (Mc 1:13; 11:3-7). Quando morreu na cruz, conquistou o pecado e a morte, de modo que agora a graça pode reinar (Rm 5:21), e o povo de Deus “reinará em vida” (Rm 5:17) por meio de Jesus Cristo. Um dia, quando voltar, Jesus irá devolver aos seus o domínio perdido em função do pecado de Adão (Hb 2:5ss).

Até o dilúvio (Gn 1:29, 30; 9:1-4), tanto Adão quanto os animais eram vegetarianos. Isaías 11:7 indica que os animais carnívoros voltarão a ser herbívoros quando Cristo voltar e estabelecer seu reinado na Terra.

Em quarto lugar, *esse Criador maravilhoso é digno do nosso louvor, da nossa adoração e obediência*. Quando Deus fez um levantamento de sua criação, viu que tudo era “muito bom” (Gn 1:31). Ao contrário do que algumas religiões e filosofias ensinam, a criação não é um mal, e não é pecado gozar

as boas dádivas que Deus compartilha conosco (1 Tm 6:17). Davi observou toda a criação de Deus e perguntou: “Que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites?” (Sl 8:4). A Terra não passa de um pequeno planeta orbitando dentro de uma imensa galáxia e, ainda assim: “Ao SENHOR pertence a terra” (Sl 24:1). Foi o planeta que ele escolheu para visitar e remir!

As criaturas celestiais diante do trono de Deus o louvam por sua criação, e nós devemos fazer o mesmo. “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11). Quando curvamos nossa cabeça para orar antes das refeições e agradecer ao Senhor a comida que ele provê, quando vemos o sol e a chuva que nos são oferecidos sem qualquer custo e quando vemos o desenrolar das estações, devemos elevar nosso coração em louvor ao Criador por sua fidelidade e generosidade.

Por fim, *devemos ser bons despenseiros da criação*. Isso significa que devemos respeitar os outros seres humanos também feitos à imagem de Deus (Gn 9:6). Significa apreciar as dádivas que recebemos da criação e não desperdiçá-las nem abusar delas. Veremos essas questões em mais detalhes adiante, mas é válido observar que não podemos honrar ao Deus da criação se desonramos aquilo que ele criou.

Devemos aceitar a criação como uma dádiva e empregá-la para a glória de Deus. São de Isaac Watts estas belas palavras:

A bondade do Senhor louvo eu,
pois a Terra de alimento encheu.

Com sua palavra as criaturas formou,
“São boas”, no final, declarou.

Senhor, tuas maravilhas patentes estão,
para onde quer que volte meu olhar;
Quer seja o caminho por onde meus pés
vão,

quer nos céus que estou a fitar.

“O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145:9).

1. Ver *in the Arena*. Richard M. Nixon. Nova York: Simon and Schuster, 1990, p. 206.
2. João descreve sete dias na vida de Jesus (Jo 1:19-28, 29-34, 35-42, 43-51; 2:1), o que, obviamente, é um paralelo com Gênesis 1. Moisés escreveu sobre a antiga criação, mas João fala da nova criação (2 Co 5:17).
3. A palavra hebraica *bara* significa “iniciar algo novo, fazer existir”. É usada no relato da criação para descrever a criação dos peixes e das aves (Gn 1:21), a criação do homem e da mulher (v. 27) e toda a obra criadora (Gn 1; 2:3, 4).
4. A “teoria da lacuna”, apresentada no livro *Earth’s Earliest Ages* [Eras antigas da Terra], de G. H. Pember, e popularizada pela *Bíblia de Referência Scofield*, afirma que a criação original de Gênesis 1:1 foi julgada na queda de Satanás e que os versículos 3 em diante descrevem a restauração da criação destruída. O versículo 2 deve ser lido: “A terra, porém, tornou-se sem forma e vazia”. Assim, houve uma “lacuna” de duração indeterminada entre o primeiro e o segundo versículos de Gênesis. Contudo, que motivo Deus teria para destruir a criação toda só por causa da rebelião de Satanás? E se ele a criou instantaneamente, por que levaria seis dias para restaurá-la? As duas idéias têm defensores competentes, e todos afirmam apoiar-se no texto original hebraico. Ao que me parece, os versículos 3 em diante descrevem os atos originais de criação divina e não é necessário colocar uma “lacuna” entre o versículo 1 e o versículo 2 para resolver quaisquer dificuldades.
5. A imagem do versículo 5 é semelhante à de uma águia pairando sobre seus filhotes (Dt 32:11). Tanto no hebraico (*ruah*) como no grego (*pneuma*), a palavra para “Espírito” também quer dizer “vento” (ver Jo 3:8), de modo que o versículo pode ser traduzido como “o vento de Deus pairava sobre as águas”. No entanto, a tradução mais lógica parece ser “Espírito”.
6. “Sem forma e vazia” corresponde à expressão hebraica *tohu wabohu*, que descreve absoluta devastação, vazio e ruína. Jeremias tomou essa imagem emprestada para descrever o julgamento de Deus sobre a terra de Judá (Jr 4:23) e Isaías empregou-a para descrever a ruína de Edom (Is 34:11).
7. Alguns comentaristas acreditam que o trabalho de Deus no quarto dia não foi de criar luzeiros, mas de atribuir-lhes suas funções. No entanto, a descrição de Gênesis 1:14-19 é paralela àquela dos outros cinco dias e dá todas as evidências de ser uma explicação do ato criador de Deus.
8. Ao referir-se ao dia de vinte e quatro horas, o povo judeu dizia “tarde e manhã” e não “manhã e tarde”, pois seus dias começavam com o pôr-do-sol e não o com o nascer do sol. Assim, o pôr-do-sol da quinta-feira deu início à sexta-feira e o pôr-do-sol de sexta trouxe o sábado.
9. Quem usa mapas astrais para orientar suas decisões está seguindo antigos e fúteis costumes pagãos. Não há evidência alguma de que a posição dos corpos celeste influencie a vida humana aqui na Terra. A Bíblia condena toda tentativa do ser humano de prever ou de controlar o futuro (Dt 18:10-13; Is 47:13; Jr 10:2). A declaração de que o Sol e a Lua foram feitos para “governar” o dia e a noite, respectivamente, não significa que exerçam qualquer influência particular sobre questões pessoais, mas sim que o dia e a noite são os momentos em que operam. De acordo com a rotação da Terra, sua órbita ao redor do Sol bem como a órbita da Lua ao redor da Terra, o Sol e a Lua governam a quantidade de luz que incide sobre a Terra.
10. EMERSON, Ralph Waldo. *Nature*. Boston: Beacon Press, 1985, pp. 9, 10.
11. Ainda que muitos animais sejam mais fortes e vivam mais tempo do que nós, Deus deu aos seres humanos o domínio sobre eles. No entanto, isso não significa que podemos abusar e fazer o que bem entendermos com as criaturas de Deus (Jr 27:5). Apesar de os animais nos terem sido dados para servir-nos, devemos tratá-los como criaturas feitas por Deus. “O justo atenta para vida dos seus animais” (Pv 12:10). “Não atarás a boca ao boi quando debulha” (Dt 25:4). Deus cuida dos animais (Sl 36:6; 104:10-18; Mt 6:26) e sabe quando estão sofrendo (Jl 1:18-20; 2:22; Jn 4:11). Deus se interessa até mesmo pela forma como tratamos os frágeis passarinhos (Dt 22:6, 7). Aqueles que abusam da criação de Deus e a exploram, um dia, serão julgados (Ap 11:18).
12. Encontramos um “diálogo” parecido em Gênesis 3:22; 11:7; ver também Isaías 6:8.
13. Como vimos, a palavra hebraica *ruah* significa “fôlego” e “espírito” (ou Espírito). O fôlego de Deus deu vida a Adão, assim como o Espírito de Deus dá vida ao pecador que crê em Cristo (Jo 3:7, 8; 20:22).
14. É possível que Lúcifer desejasse ter o privilégio de exercer domínio sobre a Terra e suas criaturas, quando se rebelou contra Deus e liderou alguns anjos numa revolta contra o Senhor. Isaías 14:12-17 fala principalmente da queda do rei da Babilônia, mas por trás dessa passagem misteriosa esconde-se a imagem do “filho da alva”, que queria ser como o Senhor e que prometeu tornar Eva como Deus (Gn 3:5).

AS PRIMEIRAS COISAS

PRIMEIRO

GÊNESIS 2

Se você pudesse estar presente para testemunhar qualquer um dos acontecimentos históricos da Bíblia, qual deles escolheria?

Certa vez fiz essa pergunta a vários líderes cristãos conhecidos, e as respostas foram variadas: a crucificação de Cristo, a ressurreição de Cristo, o dilúvio, Israel atravessando o mar Vermelho e até mesmo Davi derrubando Golias. No entanto, um deles disse: "Gostaria de ter estado presente quando Deus terminou sua criação. Deve ter sido algo maravilhoso de se ver!"

Alguns cientistas afirmam que, se pudéssemos viajar com velocidade suficiente no espaço e ir longe o bastante, conseguiríamos "alcançar" os raios de luz do passado e ver a história desenrolando-se diante de nossos olhos. Talvez o Senhor nos permita fazer isso quando chegarmos ao céu. Espero que sim, pois gostaria de ver os acontecimentos extraordinários descritos por Moisés em Gênesis 1 e 2.

Gênesis 2 nos apresenta uma série de "primeiras coisas" importantes para nós, caso desejemos construir nossa vida de acordo com os fundamentos que Deus colocou em seu Universo.

1. O PRIMEIRO SÁBADO (GN 2:1-3)

A palavra "sábado" não se encontra nesse parágrafo, mas Moisés está escrevendo sobre o sábado, o sétimo dia da semana. A expressão "dia sétimo" é mencionada três vezes nos versículos 2 e 3. O termo "sábado" vem da palavra hebraica *shabbath* que significa "cessar o trabalho, descansar" e está relacionada à palavra hebraica "sete".¹

Precisamos considerar três diferentes sábados que encontramos na Bíblia.

O sábado pessoal do Senhor Deus (vv. 1-3).

Esse primeiro sábado não ocorreu porque Deus estivesse cansado depois de toda a sua obra criadora, uma vez que Deus não se fatiga (Is 40:28). Deus separou o sétimo dia porque sua criação estava concluída e ele estava contente e satisfeito com o que havia criado. "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom" (Gn 1:31).

Há três coisas que distinguem o sétimo dia dos demais. Em primeiro lugar, não é mencionada a expressão "tarde e manhã", o que sugere que o repouso do sábado de Deus não teria fim. Infelizmente, o pecado do homem interrompeu o descanso de Deus, e ele teve de procurar Adão e Eva e tratar com eles (Gn 3:8, 9 e Jo 5:9, 17). Em segundo lugar, não há qualquer registro de que ele tenha abençoado algum dos outros dias, mas Deus abençoou o sábado (Gn 2:3), tornando-o uma bênção. Em terceiro lugar, depois de abençoar o sétimo dia, Deus o santificou (v. 3), o que significa que ele o separou para seus propósitos especiais.²

Jeová é o Deus do tempo, bem como Senhor da eternidade. Foi ele quem criou o tempo e determinou a rotação dos planetas e sua órbita ao redor do Sol. Foi ele quem definiu uma semana de sete dias e separou um dia para si. Todas os seres vivos criados por Deus vivem um dia de cada vez, exceto os seres humanos feitos à imagem de Deus! As pessoas vivem numa rotina frenética, sempre planejando descansar, mas, aparentemente, nunca cumprindo seu plano.

Alguém disse que a maioria das pessoas em nosso mundo está sendo "crucificada entre dois ladrões": os arrependimentos de ontem e as preocupações de amanhã, por isso não consegue desfrutar o dia de hoje. Com os meios de transporte e de comunicação modernos, procuramos viver dois ou três dias de cada vez, só para acabar batendo de frente com o ciclo da criação do Universo. Os resultados são dolorosos e, com frequência, catastróficos.

Um conhecido estudioso chinês foi aos Estados Unidos para lecionar em várias uni-

versidades e, durante uma de suas viagens, foi recebido numa movimentada estação de trem por seu anfitrião.

— Se correremos, poderemos pegar o próximo trem e economizar três minutos — disse o norte-americano.

O estudioso perguntou calmamente:

— E o que vamos fazer de significativo com os três minutos que ganharmos se correremos?

Uma boa pergunta, que não pôde ser respondida. Há mais de um século, na sua obra *Walden*, Henry David Thoreau escreveu: “A massa de seres humanos leva uma vida de desespero silencioso”. Fico pensando o que ele diria se visse as pessoas agitadas correndo para cima e para baixo pelas escadas rolantes nos terminais de nossos aeroportos!

Deus fez muitas coisas maravilhosas durante os seis dias da criação, mas o ápice dessa semana foi quando Deus “descansou” depois de seu trabalho. Como veremos, Deus santificou tanto o trabalho quanto o descanso, mas, hoje em dia, o descanso parece ser aquilo que as pessoas mais necessitam em seu coração. Agostinho estava certo quando escreveu: “Tu nos criaste para ti, e nosso coração não encontra repouso até que descanse em ti”.

O sábado nacional de Israel. Não encontramos nenhuma menção ao sábado nas Escrituras antes de Êxodo 16:23, quando Deus apresenta a Israel as prescrições para que recolhessem o maná diário. A julgar pela forma como essa ordem foi expressa, ela sugere que os israelitas já sabiam da importância do sábado e observavam-no como um dia de descanso. Ao dar o sábado a Israel, o Senhor relacionou esse dia especial com outros acontecimentos da história sagrada.

Em primeiro lugar, quando Deus deu a Israel a lei no monte Sinai, o sábado foi associado à criação (Êx 20:8-11). Deus era o generoso Provedor de todas as necessidades do povo, e Israel devia reconhecê-lo como tal ao adorar o Criador e não a criação. Não devia imitar as nações pagãs a seu redor (Rm 1:18ss). Moisés até mencionou o descanso semanal necessário para os servos e animais usados pelo homem (Êx 23:12), de modo que guardar o sábado era

tanto um gesto humanitário quanto um dever religioso. O Senhor ordenou que seu povo observasse o sétimo ano fazendo dele um ano sabático e que a cada cinqüenta anos houvesse um ano de jubileu. Isso permitiria que a terra também tivesse seu sábado e descansasse (Lv 25).

O sábado não estava apenas ligado à criação. No final da entrega da lei, esse dia foi investido de significado especial *como um sinal entre Israel e Jeová* (Êx 31:12-17; Ne 9:13-15). “Certamente, guardareis os meus sábados; pois é sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o SENHOR, que vos santifica” (Êx 31:13). Não há evidência alguma de que Deus tenha exigido de qualquer outra nação que observasse o sábado, pois somente os israelitas eram o povo escolhido de Deus.

Existe uma terceira relação entre o sábado e o povo de Israel. Quando Moisés recitou a lei para a nova geração prestes a entrar em Canaã, relacionou o sábado *com sua libertação do Egito* (Dt 5:12-15). O sábado semanal e a festa anual da Páscoa lembrariam Israel da misericórdia e do poder de Deus ao libertar o povo de sua escravidão. Além disso, esse descanso semanal também serviria de prenúncio para o descanso que gozariam na Terra Prometida (Dt 3:20; 12:10; 25:19; Js 22:4). Deus os havia tirado do Egito para que pudesse conduzi-los até a Terra Prometida, a fim de se apropriarem de sua herança (Dt 4:37, 38). No Livro de Hebreus, esse conceito de “descanso prometido” é aplicado aos cristãos de nossos dias.

A nação de Israel acabou entrando em declínio espiritual e deixou de observar as leis de Deus, inclusive o sábado; por fim, foram castigados por sua desobediência (2 Cr 36:14-21; Ez 20:1ss; Is 58:13, 14; Jr 17:19-27). Israel, o reino do Norte, foi trago pelos assírios, e Judá, o reino do Sul, foi levado para o cativeiro pela Babilônia.

No tempo do ministério de Jesus, os escribas e fariseus haviam acrescentado suas próprias tradições à Palavra de Deus e transformado a lei em geral, mas especialmente o sábado, numa forma de escravidão

religiosa. As poucas proibições encontradas nos escritos de Moisés (Êx 16:29; 35:2, 3; Nm 15:32-36) foram expandidas de modo a constituírem inúmeras regras. Jesus, porém, rejeitou as tradições deles e chegou até a realizar milagres no sábado! Ele disse: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2:27).

O sábado espiritual do cristão (Hb 4:1-11). Hebreus 4 junta o descanso de Deus na criação (v. 4) com o descanso de Israel em Canaã (v. 8) para nos ensinar sobre o descanso espiritual que os cristãos encontram em Cristo (vv. 9-11). Quando você confia em Jesus Cristo, passa a ser “nova criatura” (2 Co 5:17) e a gozar o descanso espiritual no Senhor (Mt 11:28-30). Também passa a ser co-herdeiro da herança espiritual que ele dá a todos os que nele confiam (At 20:32; Ef 1:18; Cl 1:12). Os cristãos não se encontram sob a escravidão da lei (Cl 5:1), pois quando nos entregamos ao Espírito Santo, ele cumpre os preceitos da lei em nós (Rm 8:1-3).

Os primeiros cristãos reuniam-se diariamente para adorar a Deus e para ter comunhão (At 2:46), mas também reuniam-se no primeiro dia da semana, no dia que Cristo ressuscitou dos mortos (Jo 20:19, 26; At 20:7; 1 Co 16:2). O primeiro dia ficou conhecido como o “dia do Senhor” (Ap 1:10), e transformar o “dia do Senhor” num sábado cristão é fazer confusão quanto ao que esses dias representam dentro do plano de Deus para a salvação.

O sétimo dia da semana, o sábado judaico, simboliza a antiga criação e a aliança da lei; primeiro você trabalha, depois descansa. O primeiro dia da semana, o dia do Senhor, simboliza a nova criação e a aliança da graça: primeiro você crê em Cristo e encontra descanso, depois trabalha (Ef 2:8-10). Dentro da nova criação, o Espírito de Deus permite que façamos da semana toda uma experiência de adoração, louvor e serviço para a glória de Deus.

A lei judaica do sábado cumpriu-se por meio de Cristo na cruz, e o povo de Deus não está mais preso a ela (Cl 4:1-11; Cl 2:16, 17). No entanto, pode ser que alguns cristãos

optem por honrar o dia de sábado como sendo “para o Senhor”, e os cristãos não devem julgar nem condenar uns aos outros em função disso. Quando pessoas boas e tementes a Deus discordam sobre questões de consciência, devem colocar em prática o amor mútuo e a aceitação, concedendo liberdade uns aos outros (Rm 14:1 – 15:7). “Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida [as leis alimentares], ou dia de festa, ou lua nova [as festas judaicas], ou sábados” (Cl 2:16).

2. O PRIMEIRO LAR (GN 2:4-14)

Alguns estudiosos do Antigo Testamento afirmam que essa parte de Gênesis 2 é um segundo relato da criação escrito por outro autor, cuja mensagem diverge daquela que encontramos no capítulo 1. Essa teoria não é amplamente divulgada hoje em dia, pois nesses versículos Moisés conta a mesma história da criação, porém acrescenta detalhes necessários à compreensão de acontecimentos que ocorreram posteriormente. Gênesis 2:4 é a primeira de onze declarações sobre “gerações” que marcam o progresso da história escrita por Moisés no Livro de Gênesis. (Ver capítulo 1, seção 2, página 12.)

Adão, o trabalhador. Ao recapitular o terceiro dia (Gn 1:9-13), Moisés relatou como Deus criou a vegetação e proveu uma “névoa” para regar as plantas. A chuva não aparece em Gênesis até o dilúvio. É interessante que Deus precisava de alguém para cultivar a terra e para ajudar a produzir o alimento necessário. Os seres humanos são dispenseiros das bênçãos da criação de Deus e devem usar as dádivas do Senhor conforme ele ordena. Deus e o homem trabalham juntos, pois Deus colocou o homem no Éden para fazer seu trabalho ao cultivar a terra e cuidar do jardim (v. 15).

Certo homem aposentado, cansou-se de ver um terreno baldio quando saía para fazer sua caminhada diária e pediu permissão ao proprietário para plantar um jardim naquela área. Levou dias para tirar de lá todo o entulho acumulado e mais tempo ainda para preparar o solo, mas o homem trabalhou com

afinco. No ano seguinte, o terreno chamava a atenção de todos os que ali passavam por seu jardim cheio de vida e beleza.

– Deus certamente lhe deu um terreno muito bonito – disse um visitante enquanto admirava as flores e o trabalho de paisagismo.

– Sem dúvida – respondeu o atarefado jardineiro que cuidava das flores – mas você deveria ter visto este terreno quando era só de Deus!

Essa resposta foi sábia e de forma alguma irreverente. O mesmo Deus que ordena o fim – um belo jardim – também ordena os meios para alcançá-lo – alguém para realizar o trabalho. Afinal, “a fé sem obras é morta” (Tg 2:26), e não há orações nem estudos bíblicos capazes de substituir o trabalho de um jardineiro lavrando o solo, semeando, regando as plantas e arrancando as ervas daninhas. “Porque de Deus somos cooperadores” (1 Co 3:9).

O trabalho não é uma maldição, mas sim uma oportunidade de usar nossas aptidões e de cooperar com Deus, sendo despenseiros fiéis de sua criação. Depois que o homem pecou, o trabalho transformou-se em labuta (Gn 3:17-19), mas essa não era a intenção original de Deus. Todos nós temos aptidões e oportunidades e devemos descobrir o que o Senhor deseja que façamos com nossa vida neste mundo, para o bem de outros e para a glória de Deus. Algum dia, queremos ser capazes de estar diante de Deus e de dizer como Jesus: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17:4).

Adão, o inquilino. Deus plantou “um jardim no Éden, na direção do Oriente” (Gn 2:8). Éden significa “deleite” ou “lugar de muita água” e indica que esse jardim era um paraíso vindo das mãos de Deus. A história da Bíblia começa com um belo jardim, no qual o homem caiu em pecado, mas termina com a “nova Jerusalém”, uma cidade de grande beleza (Ap 21 – 22), na qual não haverá pecado. O que causou essa mudança? Outro jardim chamado de Getsêmani, onde Jesus entregou-se à vontade do Pai e levou adiante seu trabalho ao morrer na cruz pelos pecados do mundo.

Não temos nenhuma informação sobre os rios Pison e Giom; e, apesar de o Tigre e o Eufrates serem dois rios conhecidos, não temos dados suficientes para determinar a localização exata do jardim do Éden. A localização da terra de Havilá também é incerta; alguns dizem que fica na Armênia, outros na Mesopotâmia. A versão *King James da Bíblia* em inglês identifica a terra de Cuxe como a Etiópia, mas hoje em dia nem todos aceitam essa interpretação. Felizmente, não é necessário dominar a geografia da Antiguidade para compreender as lições espirituais desses primeiros capítulos de Gênesis.

Nesse magnífico jardim, Deus proveu tanto abundância quanto beleza; Adão e Eva tinham alimento para comer e a maravilhosa obra das mãos de Deus para se deleitarem. Até então, o pecado não havia entrado no jardim e transtornado sua felicidade.

3. A PRIMEIRA ALIANÇA (GN 2:16, 17)

Uma aliança é um compromisso entre duas ou mais partes que governa o relacionamento entre elas.³ A palavra *ordem* é introduzida nesse ponto, pois é Deus quem determina os termos do acordo. Deus é o Criador, e o homem é a criatura, o “inquilino real” no mundo maravilhoso de Deus, de modo que Deus tem o direito de dizer ao homem o que ele pode ou não fazer. Deus não pediu o conselho de Adão; simplesmente lhe deu sua ordem.

Deus havia concedido grande honra e privilégio a Adão ao fazer dele seu vice-regente da Terra (Gn 1:28), mas o privilégio sempre traz responsabilidades. A mesma Palavra divina que fez surgir o Universo também expressou o amor de Deus e sua vontade para Adão, Eva e seus descendentes (Sl 33:11). A obediência à Palavra manteria os seres humanos dentro da esfera de comunhão e de aprovação de Deus. Todas as ordens de Deus são boas e trazem benefícios para aqueles que lhes obedecem (Sl 119:39; Pv 6:20-23). “Ora, os seus mandamentos não são penosos” (1 Jo 5:3).

Deus colocou duas árvores especiais no meio do jardim: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2:9, 17; 3:3, 22, 24). Os frutos da árvore da vida

conferiam a imortalidade (v. 22). Os frutos da outra árvore conferiam um conhecimento experimental do bem e do mal, mas também causavam a morte (Gn 2:17).⁴ Tendo em vista que jamais haviam experimentado o mal, Adão e Eva eram inocentes como crianças (Dt 1:39; Is 7:15, 16). Quando desobedeceram a Deus, tornaram-se como ele no sentido de serem capazes de distinguir entre o bem e o mal. No entanto, tornaram-se diferentes dele no sentido de que perderam sua inocência e imortalidade.

Mas por que Deus precisou pôr Adão e Eva à prova? Pode haver uma porção de respostas a essa pergunta, mas uma coisa é certa: Deus queria que os seres humanos o amassem e lhe obedecessem livre e espontaneamente e não que fossem programados como robôs sem qualquer outra opção a não ser obedecer. Em certo sentido, Deus “se arriscou” quando criou Adão e Eva à sua imagem e deu-lhes o privilégio do livre-arbítrio; mas esse foi o modo que ele definiu para que aprendessem sobre a liberdade e a obediência. Uma das verdades fundamentais da vida é que a obediência traz bênçãos e a desobediência traz julgamento.

4. O PRIMEIRO CASAMENTO (GN 2:19-25)

No final do sexto dia da criação, Deus viu tudo o que havia feito e declarou que era “muito bom” (Gn 1:31). Mas, então, Deus diz que há algo em seu mundo maravilhoso que não é bom: o homem está só. Na realidade, no texto hebraico as palavras “Não é bom” aparecem logo no início da declaração do Senhor em Gênesis 2:18.

O que “não era bom” na solidão do homem? Afinal, Adão podia ter comunhão com Deus, aproveitar a beleza do jardim, comer de seus frutos, realizar seu trabalho diário e até brincar com os animais. O que mais ele poderia desejar? Deus sabia do que Adão precisava: de “uma auxiliadora que lhe [fosse] idônea (v. 18). Não havia ninguém assim dentre os animais, de modo que Deus criou a primeira mulher e apresentou-a ao homem como sua esposa, companheira e auxiliadora. Ela foi o presente especial de amor que Deus deu a Adão (Gn 3:12).

A dignidade da mulher (vv. 18-22). De modo algum a mulher era uma “criatura inferior”. O mesmo Deus que fez Adão também fez Eva e criou-a à sua própria imagem (Gn 1:27). Tanto Adão quanto Eva exerciam domínio sobre a criação (v. 29). Adão foi feito do pó da terra, mas Eva foi feita de uma costela de Adão, osso de seus ossos e carne de sua carne (Gn 2:23).

A verdade pura e simples é que Adão precisava de Eva. Nenhum animal que Deus havia criado realizaria o papel de Eva na vida de Adão. Ela era uma auxiliadora “idônea [adequada]” para ele. Quando Deus trouxe todos os animais para que Adão lhes desse nome, sem dúvida passaram diante dele em pares, cada um com sua companheira, e talvez Adão tenha se perguntado: “Por que eu não tenho uma companheira?”

Apesar de Eva ser a “auxiliadora idônea” de Adão, ela não foi criada para ser uma escrava. O conhecido comentarista bíblico Matthew Henry escreveu: “Ela não foi feita da cabeça para governar sobre ele, nem dos pés para ser pisada por ele, mas da sua costela para ser igual a ele, sob seu braço para ser protegida por ele, perto de seu coração para ser amada por ele”. Paulo escreveu que “a mulher é glória do homem” (1 Co 11:7); pois se o homem é o cabeça (1 Co 11:1-16; Ef 5:22-33), então a mulher é a coroa que a enobrece.

A santidade do casamento (vv. 23, 24).⁵

O modelo de Deus para o casamento não foi criado por Adão. Como diz a cerimônia tradicional de casamento: “O casamento nasceu no coração amoroso de Deus paraabençoar e beneficiar a humanidade”. Não importa o que os tribunais decretarem ou a sociedade permita; quando se trata do casamento, Deus tem a primeira e terá a última palavra (Hb 13:4; Ap 22:15). Talvez o Senhor olhe para tantos casamentos contrários ao modelo bíblico e diga: “Não foi assim desde o princípio” (Mt 19:8). Seu plano original era que um homem e uma mulher se tornassem uma só carne por toda a vida.

Deus tinha pelo menos quatro propósitos em mente quando realizou o primeiro casamento no jardim do Éden. Em primeiro

lugar, desejava oferecer a Adão companhia adequada, de modo que deu-lhe uma esposa. Concedeu-lhe uma pessoa e não um animal, alguém que era sua igual e que, portanto, podia compreendê-lo e ajudá-lo. Martinho Lutero chamou corretamente o casamento de “escola do caráter”. Quando duas pessoas vivem juntas em sagrado matrimônio, a experiência extrai o que há de melhor nelas ou o que há de pior. É uma oportunidade de exercitar a fé, a esperança e o amor e de amadurecer por meio do sacrifício e do serviço mútuos para a glória de Deus.

Em segundo lugar, mediante o casamento Deus concedeu o direito de desfrutar o sexo e ter filhos. O Senhor ordenou: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1:28). Isso não significa que o amor sexual vise somente a procriação, pois há muitas pessoas que se casaram que já não podem mais ter filhos. Porém, os filhos são uma parte importante da união matrimonial (1 Tm 5:14).⁶

Em terceiro lugar, outro propósito do casamento é estimular o domínio próprio (1 Co 7:1-7). “É melhor casar do que viver abrasado” (1 Co 7:9). Um casamento que se baseia apenas na paixão sexual provavelmente não será forte nem maduro. O amor sexual deve servir para enriquecer o relacionamento e não só para torná-lo excitante. É preciso que haja respeito mútuo entre os cônjuges de modo que o sexo não seja somente uma forma de usar o outro. Ao longo de todas as Escrituras, a união sexual fora do casamento é condenada e mostra-se destrutiva, sendo que o mesmo se aplica às perversões dessa união (Rm 1:24-27). Não importa o que juízes ou terapeutas conjugais digam: “Deus julgará os ímpuros e adúlteros” (Hb 13:4).

Por fim, o casamento é uma ilustração do relacionamento íntimo e amoroso entre Cristo e sua igreja (Ef 5:22-33). Paulo chamou isso de “grande mistério”, ou seja, uma profunda verdade espiritual outrora oculta, mas que foi revelada pelo Espírito. Jesus Cristo é o último Adão (1 Co 15:45) e, portanto, símbolo do primeiro Adão.

Deus fez com que Adão dormisse para tirar dele uma costela de modo que pudesse ter uma esposa, mas Jesus morreu na cruz e derramou seu sangue para que pudesse ter uma noiva, a Igreja (Jo 3:29). Cristo ama a Igreja, cuida dela e deseja purificá-la e torná-la mais bela para a glória de Deus. Um dia, Cristo virá buscar sua noiva para apresentá-la no céu em toda a sua pureza e glória (Jd 24; Ap 19:1-9).

Quando Adão viu sua noiva, irrompeu em alegre louvor (Gn 2:23), como se estivesse dizendo: “Finalmente tenho uma companheira apropriada!” (A *Nova Versão Internacional* da Bíblia e a ARA separam essas palavras como um poema.) A identidade dela – “varoa” – serviria para lembrar a todos que ela havia se originado do “varão”.⁷ Ela foi feita dele e para ele, e ele precisava dela. Assim, os dois sempre pertencerão um ao outro e servir-se-ão mutuamente em amor.

Não foi Adão quem disse as palavras registradas nos versículos 24 e 25. Elas são uma reflexão de Deus sobre aquele acontecimento e sua declaração do princípio da unidade matrimonial declarada por Adão. A mulher está unida ao homem tanto no que se refere a sua origem (veio do homem) quanto ao casamento. Na união sexual e em seus filhos, homem e mulher são “uma só carne”. O casamento é um relacionamento *civil* regulamentado por lei e deve ser um relacionamento *espiritual* e *emocional* governado pela Palavra de Deus e motivado pelo amor. O homem e a mulher não são, antes de tudo, “um só espírito” ou “um só coração”, por mais essenciais que sejam essas duas coisas, mas sim “uma só carne”. Desse modo, “deixar” pai e mãe e “unir-se” ao cônjuge (Ef 5:30, 31) é algo importante a ser cultivado e protegido.

A expressão “uma só carne” deixa implícito que qualquer coisa que rompa o laço físico do casamento também pode romper o próprio casamento. Uma dessas coisas é a morte, pois se um dos cônjuges morre, o outro está livre para casar-se novamente, tendo em vista que o laço matrimonial foi rompido (Rm 7:1-3; 1 Co 7:8, 9; 1 Tm 5:14). Em Mateus 19:1-9, Jesus ensina que o adultério

também pode romper o laço matrimonial. De acordo com a lei do Antigo Testamento, qualquer um que cometesse adultério devia ser morto por apedrejamento (Dt 22:22-24; Jo 8:3-7), liberando desse modo o cônjuge inocente para casar-se outra vez. No entanto, essa lei não foi determinada para a Igreja do Novo Testamento. Ao que parece, no Novo Testamento, o divórcio equivale à morte no Antigo, no sentido de que o cônjuge inocente está livre para casar-se novamente. No entanto, os

pecados contra os laços do matrimônio podem ser perdoados, e os casais podem exercitar o perdão e recomeçar no Senhor.

Vivemos num mundo criado por Deus, somos criaturas feitas à imagem de Deus e gozamos várias bênçãos das mãos do Senhor. Como é triste que tantas pessoas deixem Deus fora de sua vida e tornem-se andarilhos confusos neste mundo nada amistoso, quando poderiam ser filhos de Deus no mundo de seu Pai.

1. Nas Escrituras, o número sete com frequência representa plenitude e inteireza. De acordo com Levítico 23, o calendário hebraico foi desenvolvido a partir de uma série de setes. O sétimo dia da semana era o sábado, o Pentecostes era comemorado sete semanas depois da Festa das Primícias. Durante o sétimo mês, os judeus celebravam o Dia da Expição, a Festa das Trombetas e a Festa dos Tabernáculos. O sétimo ano era sabático e o quinquagésimo ano era de jubileu.
2. A palavra hebraica *qadas* significa “separar, tornar santo” e pode ser aplicada a pessoas (Êx 13:2; 19:14; 28:14), a objetos inanimados (Êx 29:36, 37, 44), a acontecimentos, tais como jejuns (Jl 1:14) e guerras (Jr 6:4, em que o termo “preparai” corresponde a *qadas*), e até mesmo ao nome de Deus (Ez 36:23). Aquilo que Deus santifica jamais deve ser tratado como algo comum.
3. Em português, o termo *aliança* está associado ao verbo *aliar-se*, que significa unir-se, juntar-se por pacto, acordo ou contrato. O aluguel de uma casa permite que duas partes juntem-se através de um contato comercial. Os votos matrimoniais, autorizados por uma certidão de casamento, permitem que um homem e uma mulher vivam juntos como marido e mulher. Sem tais acordos, a sociedade se desintegraria.
4. A árvore da vida é uma imagem que aparece repetidamente em Provérbios (3:18; 11:30; 13:12; 15:4, e também no Livro de Apocalipse (2:7; 22:2, 14, 19). A árvore da vida encontra-se na “nova Jerusalém” e provê sustento e cura.
5. Em Mateus 19:10-12, Jesus deixou claro que nem todos devem se casar, apesar de ser esperado que a maioria das pessoas se case e que provavelmente deseje fazê-lo. O estado solteiro não é desventurado. Deus dá diferentes dons a cada um (1 Co 7:7) e chama as pessoas para tarefas adequadas a seus dons. Na Igreja, nem o sexo nem o estado civil determinam a espiritualidade ou a comunhão (Gl 4:26-29).
6. O Livro de Cantares de Salomão engrandece o prazer do amor matrimonial e não diz nada sobre a concepção de filhos. Na sociedade judaica da Antiguidade, era considerado uma desgraça não ter filhos. No entanto, muitos casamentos excelentes não foram abençoados com filhos, como acontece também nos dias de hoje.
7. No hebraico, o texto diz: “Chamar-se-á *ishsha*, pois foi tirada de *ish*”. Os estudiosos não são unânimes quanto ao significado de *ishsha* como termo derivado de *ish*. Talvez se trate de um paralelo às palavras *adão* (homem) e *adama* (terra) em 2:7 e 3:19. O homem foi feito do pó da terra, e a mulher foi feita do homem.

ESTE É O MUNDO DE MEU PAI – OU NÃO?

Confesso, um tanto envergonhado, que, durante meus primeiros anos de ministério, evitava que a igreja cantasse o hino “Este é o mundo de meu Pai” durante os cultos. Com exceção de uma linha, esse cântico enfatiza o Deus da natureza e não o Deus da cruz, e eu queria que todos os elementos de nossos cultos fossem “evangélicos”. Além disso, considerava a linguagem do hino sentimental demais para meu gosto e ficava imaginando que tipo de pessoa era o compositor. Sem ao menos investigar, concluí que qualquer pessoa chamada Maltbie D. Babcock tinha de ser um recluso que sofria de tuberculose e passava as longas horas de cada dia olhando pela janela e escrevendo poemas cheios de sentimentalismo.

Imaginem como fiquei estarecido e até encabulado quando descobri que Maltbie D. Babcock (1858-1901) era um pastor presbiteriano vigoroso, excelente lançador de beisebol e campeão de natação. Quase todas as manhãs, ele saía para correr de doze a dezesseis quilômetros! Costumava dizer: “Estou saindo para ver o mundo de meu Pai”.

É claro que amadureci um pouco desde aqueles tempos de inexperiência e me arrependi de minha leviandade. Algum dia, quero encontrar-me com o pastor Babcock no céu e pedir-lhe desculpas. Percebi que Davi estava certo em louvar o Criador em seus salmos e que os seres glorificados no céu estão fazendo o que é certo quando adoram a Deus tanto como Criador (Ap 4) quanto como Redentor (Ap 5), pois as duas coisas andam juntas. A criação e a redenção fazem parte de um único e grandioso plano, pois a redenção concretizada por

Jesus na cruz libertará toda a natureza. Um dia, a criação de Deus entrará em regozijo na “liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8:21). Aleluia!

No entanto, nem todos concordam com Davi, Paulo e os adoradores celestes que este é o “mundo de nosso Pai”. Em seu texto *Prejudices: Third Series* [Preconceitos: Terceira Série], o editor, jornalista e ensaísta norte-americano H. L. Mencken escreveu: “O Universo é uma roda-gigante girando a dez mil rotações por minuto. O ser humano é uma mosca atordoada passeando nessa roda. A religião é a teoria de que a roda foi criada e posta para funcionar a fim de levar essa mosca para passear”. De acordo com o ensaísta britânico Walter Savage Landor: “Considerado em sua totalidade, o Universo é um absurdo”, e nas palavras do físico norte-americano Steven Weinberg: “Quanto mais o Universo parece compreensível, mais também parece despropositado”.

Bem, você pode escolher a idéia que achar mais interessante! Mas tome cuidado, pois sua escolha determinará o tipo de vida que você levará aqui na Terra e seu destino eterno quando você deixar este lugar. Os ateus dizem que o Universo não passa de um acidente ordenado. Os agnósticos admitem que simplesmente não sabem e não se preocupam muito com isso. Os teístas confessam que foi Deus quem criou todas as coisas, mas, há muito tempo atrás, abandonou sua criação. No entanto, ainda assim o cristão canta: “Este é o mundo de meu Pai”.

Que diferença faz o fato de o cristão acreditar em um Criador que não apenas fez o Universo, mas também o governa e controla seu destino? Se cantamos “Este é o mundo de meu Pai” na igreja, então como devemos viver no lugar onde trabalhamos e moramos para provar que é isso mesmo que queremos dizer?

1. ADORAREMOS SOMENTE A DEUS

“Tema ao SENHOR toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo. Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:8, 9).

A criação revela a existência, o poder e a sabedoria de Deus. A idéia de que este Universo tão complexo apareceu acidentalmente do nada por causa de um *big-bang* é tão provável quanto achar que as obras de Shakespeare resultaram de uma explosão numa gráfica. Somente um Deus poderoso seria capaz de criar algo do nada e somente um Deus de sabedoria seria capaz de colocar sua criação em funcionamento. Os cientistas só fazem suas descobertas depois de já realizados os feitos de Deus e apenas descobrem as leis que o Senhor estabeleceu em seu mundo na criação.

Paulo declarou que, com referência a Deus, a criação prova o “seu eterno poder, como também sua própria divindade” (Rm 1:20), e Davi entoou um cântico dizendo: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19:1). Jesus não hesitou em usar a palavra “criação” (Mc 10:6; 13:19), nem Paulo (Rm 8:1-20, 22), nem Pedro (2 Pe 3:4); Romanos 1:18-32 explica a involução da humanidade abandonando o conhecimento do verdadeiro Deus vivo e dedicando-se à adoração de falsos deuses e ídolos sem vida. Ao contrário do que ensinam aqueles que se dedicam ao estudo comparativo das religiões, a humanidade não começou sua jornada religiosa com a adoração de coisas da natureza para, então, gradualmente, ir alcançando níveis mais elevados e passando a adorar um único Deus. Na realidade, a humanidade começou do alto, tendo em si o conhecimento do verdadeiro Deus. Contudo, a fim de satisfazer seus apetites passionais, os seres humanos recusaram-se a adorá-lo e, em vez disso, voltaram-se para os ídolos. “E assim o mundo te esquece, ó Criador”, escreveu Agostinho, “e apaixonase por aquilo que tu criaste em vez de amar a ti”.

Quando Davi meditou sobre a grandeza dos céus, sentiu-se compelido a perguntar: “Que é o homem, que dele te lumbres? E o filho do homem, que o visites?” (Sl 8:3, 4). O profeta Isaías contemplou a magnitude do Criador e viu o desatino da idolatria (Is 40:12-26; 45:5-18).

Senhor, tuas maravilhas patentes estão,
para onde quer que volte meu olhar;
Quer seja o caminho por onde meus pés
vão,
quer seja nos céus que estou a fitar.

(Isaac Watts)

Um guia de um laboratório atômico deu ao seu grupo de visitantes a oportunidade de fazer perguntas e um deles indagou:

– Você diz que este mundo, que parece tão sólido, não passa de partículas elétricas em movimento. Se isso é verdade, o que as mantém unidas?

– Não sabemos – foi a resposta franca do guia.

No entanto, Paulo respondeu a essa pergunta séculos atrás: “Tudo foi criado por meio dele [Jesus Cristo] e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste” (Cl 1:16, 17). Esse é o Deus que adoramos e que leva a criação a unir-se a nós em louvores a ele (Sl 19:1-5; 96:10-13; 148:1-13).

2. SEREMOS BONS DESPENSEIROS DA CRIAÇÃO

Quando Deus deu ao primeiro homem e à primeira mulher o domínio sobre a criação (Gn 1:26-30), fê-los, assim como seus descendentes, responsáveis por valorizar as dádivas dele e por usá-las com cuidado para a glória do Criador. Deus criou todas as coisas para sua glória e seu prazer (Ap 4:11), bem como para serem desfrutadas e usadas por nós (1 Tm 6:17; At 17:24-28), e devemos sempre nos considerar despenseiros do mundo de Deus. Destruir a criação e desperdiçar sua abundância é pecar contra Deus.

Neste Universo, há Deus, as pessoas e as coisas que Deus fez – dentre elas, a água, a terra, a fauna, a flora, o ar e os vastos recursos subterrâneos. Os mandamentos que recebemos determinam que adoremos a Deus, amemos as pessoas e usemos as coisas para a glória de Deus e para o bem dos outros. A criação de Deus sofre quando há confusão nessa ordem divina. Quando nossa ganância nos leva a desejar as coisas, logo passamos a ignorar a Deus, a abusar das pessoas e a destruir a criação. O romancista Alan Paton escreveu: “A terra é santa, pois

veio do Criador. Conserve-a, guarde-a e cuide dela, pois ela conserva, guarda e cuida dos seres humanos. Destrua a terra e terá destruído o homem”.

Deus mostrou na lei de Moisés sua preocupação pelas pessoas, animais e plantas, bem como pela terra e seus recursos. A lei do sábado prescrevia o descanso tanto de trabalhadores quanto de animais (Êx 20:8-11; 23:12), enquanto o ano sabático e o ano de jubileu davam descanso à terra (Lv 25). Por não obedecer a essas leis, os judeus foram levados cativos, a fim de que a terra pudesse desfrutar de seus sábados e ser renovada (2 Cr 36:14-21).

Deus deu prescrições a Israel sobre animais perdidos e caídos (Dt 22:1-4), aves no ninho (Dt 22:6, 7), animais usados para lavar a terra (Dt 22:10) e filhotes recém-nascidos (Lv 22:26-28). O salmista louvou a Deus por sua constante preocupação e cuidado com as pessoas e animais (Sl 102:10-30). Não há como negar o fato de que Deus não abandonou sua criação, mas que, certamente, a humanidade a degradou e destruiu. Isso porque as pessoas acreditam ser donas da criação. Elas se esquecem de que somos inquilinos de Deus e despenseiros de suas dádivas.

Os ecologistas afirmam que cem espécies de plantas e de animais tornam-se extintas *todos os dias* e que, com o passar do tempo, a destruição de florestas e a poluição das águas e do ar produzirão cada vez mais tragédias ecológicas. No entanto, Deus ama sua criação e deseja que nós a usemos com amor. “O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras [...] O SENHOR é fiel em todas as suas palavras e santo em todas as suas obras [...] Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras” (Sl 145:9, 13, 17). Será que ousamos explorar e destruir a criação que Deus ama?

3. CONFIAREMOS NA PROVIDÊNCIA DE DEUS E NÃO NOS PREOCUPAREMOS COM COISA ALGUMA

Os agnósticos e ateus têm todo o direito de se preocupar, pois (como disse alguém),

“não possuem qualquer meio invisível de sustento”. Para eles, o Universo é uma máquina impessoal que se criou a si mesma, não a criação de um Deus sábio e um Pai amoroso. Contudo, os cristãos vêem a criação como o mundo de seu Pai. Chamam o Criador de “Pai” e confiam a ele sua vida, suas circunstâncias e seu futuro.

Todas as coisas da natureza louvam ao Senhor e nele buscam tudo de que necessitam. “Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo” (Sl 104:27). Não há nenhum indício de que aves, como os tordos, por exemplo, sofram de úlcera ou de que animais, como os coelhos, tenham colapsos nervosos.

O tordo disse ao pardal:

“Tenho uma curiosidade:

por que os humanos, cheios de ansiedade, se preocupam de modo tal?”

E ao tordo respondeu o pardal:

“Acho que sei por quê;

Vai ver que não têm um Pai celestial

Como o que cuida de mim e de você”.

O Universo não é uma engenhoca gigantesca que Deus criou, deu corda e abandonou. “Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24:1). “Tudo quanto aprovou ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos” (Sl 135:6). “Na sua mão está a alma de todo ser vivente e o espírito de todo o gênero humano”(Jô 12:10).

O termo “providência” vem de duas palavras do latim que, juntas, significam “ver de antemão”. Não importa o que precisa ser feito, o Senhor tomará as medidas necessárias (Gn 22:13, 14). Nosso planeta não está cambaleando pelo espaço feito um bêbado abandonado. Deus tem o mundo inteiro em suas mãos e está cumprindo seus propósitos divinos para o bem de seu povo e a glória do seu nome. Não importa quão difíceis sejam as circunstâncias, é essa certeza que dá paz ao seu povo. “O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio [...] Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Sl 46:7, 10).

No sermão da montanha (Mt 5-7), Jesus diz como tratar da ansiedade. Devemos colocar nossa vida nas mãos do Pai e confiar que ele nos guiará e proverá um dia de cada vez (Mt 6:24-34). Se colocarmos as coisas em primeiro lugar em nossa vida, então estaremos sempre preocupados e aflitos. Porém, se pusermos o reino de Deus em primeiro lugar, o Senhor suprirá nossas necessidades e nos dará paz (v. 33). Ele está trabalhando, a fim de que todas as coisas cooperem para o bem desde já (Rm 8:28), mesmo que talvez não sejamos capazes de ver nem de compreender tudo o que está fazendo por nós.

4. ORAREMOS A NOSSO PAI

Se Deus, o Criador e Senhor do Universo, é nosso Pai, então faz sentido que conversemos com ele sobre as coisas que nos preocupam. "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?" (Mt 7:11)

No entanto, se Deus é soberano e tem um plano traçado para seu povo e seu mundo, para que orar? A oração não é uma interferência na vontade de Deus? Não. A oração é um dos meios ordenados por Deus para realizar sua vontade no mundo. Alguém disse bem que o propósito da oração não é levar nossa vontade a ser feita no céu, mas a vontade de Deus a ser feita aqui na Terra. "Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6:10). Se não pedimos, não podemos receber (Lc 11:9, 10; Tg 4:1-3), e por meio de seu exemplo, instruções e promessas, Jesus nos incentiva a pedir.

Oramos ao Pai, pois sabemos que ele é o Criador e "Senhor dos céus e da terra". Todos os grandes intercessores da Bíblia podiam dizer: "O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra" (Sl 121:2). Essas foram as palavras de Abraão (Gn 14:22), de Ezequias (2 Rs 19:15), dos apóstolos, da Igreja primitiva (At 4:24), de Paulo (Ef 3:15) e até mesmo de nosso Senhor Jesus Cristo (Lc 10:21). Quando você se concentra na grandeza de Deus, seus problemas e fardos tornam-se menores e mais leves.

5. NÃO TEMEREMOS SOFRER POR AMOR A ELE

"Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem" (1 Pe 4:19). A palavra grega traduzida por "encomendar" é um termo bancário que significa "depositar para guardar em segurança" e deixa implícitas duas coisas: em primeiro lugar, que seu povo é de grande valor para o Senhor e, em segundo lugar, que podemos depender dele para cuidar de nós. "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós" (1 Pe 5:7). Afinal, se o Criador é capaz de manter o Universo coeso e funcionando a fim de realizar sua vontade, não pode fazer o mesmo por nossa vida, família e ministério? O Criador, que sabe quantas estrelas existem e conhece o nome de todas elas, também sabe quem somos e pode suprir nossas necessidades mais profundas (Sl 147:3-6).

Pedro escreveu sua carta aos cristãos que viviam no império romano; estavam prestes a entrar na "fornalha de fogo" (1 Pe 1:7; 4:12ss) e sofrer perseguição por sua fé. Porém, quando seu povo está na fornalha de fogo, o Criador não tira os olhos do relógio nem a mão do termostato. Sabe quanto calor permitir e por quanto tempo deixá-lo arder; Deus está sempre no controle.

Quando pelas provas de fogo teu caminho
passar,
Minha graça que sempre basta a ti irá
suprir.

A chama não virá a te ferir,
Pois esse fogo a queimar
É só para a escória consumir,
E teu ouro purificar.

(John Wade)

6. AMAREMOS E SERVIREMOS A HUMANIDADE

Quando Paulo dirigiu-se aos filósofos gregos no Areópago, deu-lhes um curso rápido de teologia e de antropologia (At 17:22-34). Disse-lhes que Deus era o Criador e que não precisava de seus templos e ídolos feitos por mãos humanas, pois ele é Senhor dos céus e da Terra. Não há nada que possamos dar a Deus, pois ele fez todas as coisas e é ele

quem “a todos dá vida, respiração e tudo mais” (v. 25).

Então, Paulo entrou num assunto delicado quando afirmou que Deus havia criado toda a raça humana “de um só” (v. 26), uma declaração que deve ter perturbado os orgulhosos gregos. Naquela época, consideravam-se um povo superior e todos os outros eram “bárbaros”. Mas Paulo sabia que todos os povos haviam surgido de Adão e que todas as raças e nações eram uma só família diante do Criador. Em sua providência, Deus permite que nações se elevem, caiam e até que ocupem novos territórios, mas todos são suas criaturas, feitos do pó e sustentados por seu poder.

Na lei do Antigo Testamento, Deus ordenou que os israelitas demonstrassem bondade para com os estrangeiros e forasteiros no meio deles (Êx 23:9; Lv 19:34; 23:22; Dt 10:17-19; 26:1-11). Jesus mostrou misericórdia tanto para com os gentios quanto para com os judeus e usou um samaritano como exemplo de alguém que fez o bem ao ajudar o próximo (Lc 10:25-37). Alguns dos judeus da Igreja primitiva tinham dificuldade em aceitar os gentios, mas Deus deixou claro que, no meio do povo dele, não havia lugar para preconceito (At 10; 11:1-24; 15:1-29; Gl 3:26-29).

Enquanto houver necessidades a suprir, devemos ajudar uns aos outros. Não basta ser fiéis cumprindo nossos deveres religiosos; devemos também ter compaixão dos necessitados (Is 58:6-11; 1 Jo 3:16-24; Tg 2:14-17). Mesmo que as pessoas não professassem crer em Cristo, são seres humanos feitos à imagem de Deus, e devemos fazer tudo o que pudermos por elas.

Certo dia, no mês de dezembro, quando minha esposa e eu estávamos viajando de carro para visitar a família dela no Estado de Wisconsin, derrapamos na pista e fomos parar dentro de uma vala. Não ficamos feridos e o automóvel não sofreu qualquer dano, mas não fazíamos a mínima idéia de como colocaríamos o carro de volta na estrada. Alguns minutos depois, três homens dentro de um automóvel passaram por nós, viram nossa dificuldade e pararam a fim de

nos ajudar. Não perguntaram nossa nacionalidade nem nossa convicção religiosa, simplesmente puseram-se a trabalhar e tiraram o carro da vala. Agradecemos profusamente, e eles seguiram seu caminho. Aquilo que o poeta escocês Robert Burns chamou de “desumanidade do ser humano” sem dúvida não foi o que testemunhamos naquele dia!

O estudioso judeu Abraham Joshua Heschel chamou o preconceito racial de “o máximo de ódio com o mínimo de razão”. No entanto, se somos criados “de um só”, como podemos nos desprezar e maltratar mutuamente? Com essa atitude, também causamos mal a nós mesmos.

7. LEREMOS E ESTUDAREMOS A PALAVRA DE DEUS

“As tuas mão me fizeram e me afeiçoaram; ensina-me para que aprenda os teus mandamentos” (Sl 119:73). As mãos que nos teceram no interior do ventre materno (Sl 139:13-16) também escreveram a Palavra para nos conduzir em nossa vida diária.¹

Quando você compra um carro ou eletrodoméstico novo, lê o manual de instruções para ter certeza de que sabe como funciona. A Bíblia é o “manual de instruções” da vida. Ela nos diz de onde viemos, quem somos e o que Deus espera que façamos. O Deus que nos criou sabe melhor do que nós como devemos viver, e se ignorarmos seus conselhos e advertências, estaremos procurando complicações. Levar nossa vida sem obedecer à Palavra de Deus é como pilotar um avião sem antes ter lido o manual de voo e sem freqüentar uma escola de aviação: estamos fadados a uma queda e tanto!

O Senhor tem um propósito divino para cada um de nós cumprir, e descobrimos esse propósito ao ler a sua Palavra e lhe obedecer. “O que a mim me concerne o SENHOR levará a bom termo; a tua misericórdia, ó SENHOR, dura para sempre; não desampares as obras das tuas mãos” (Sl 138:8). O Senhor quer guiar e permitir que cada um de nós desfrute aquilo que ele planejou para seus filhos, mas precisamos estar dispostos a cooperar. Ignorar a Bíblia é o mesmo que

deixar de lado o maior “manual de vida” já oferecido à humanidade.

“Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3:5, 6). Sem dúvida, devemos usar nosso intelecto e refletir sobre as coisas, mas não devemos nos apoiar em nosso próprio raciocínio sem levar em consideração a Palavra de Deus. O bom-senso disse ao jovem Davi que o gigante Golias era maior e mais forte do que ele, mas a fé disse que Deus iria derrotar o gigante (1 Sm 17). O raciocínio humano disse a três homens hebreus que a fornalha de fogo iria cremá-los, mas a fé em Deus os protegeu e preservou (Dn 3). “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17).

Deus é o Criador, e ele deu à sua criação um livro para ajudá-la a compreender quem ele é, como opera e o que deseja que faça. Trata-se de um livro com preceitos para obedecer, promessas para crer e princípios para entender. Também é um livro que fala de pessoas reais, sendo que

algumas delas obedeceram ao Senhor e outras não; a partir das experiências dessas pessoas, podemos aprender muita coisa sobre o que devemos evitar ao longo do caminho da vida.

Sem dúvida alguma devemos aprender tudo o que pudermos, mas tudo o que aprendermos deve ser testado de acordo com a Palavra de Deus. O físico norte-americano e vencedor do prêmio Nobel, Robert A. Millikan, disse: “Acredito que um conhecimento íntimo da Bíblia é uma qualificação indispensável para um homem bem instruído”. O professor William Lyon Phelps, da Universidade Yale, concordou quando disse: “Todos os que têm um profundo conhecimento da Bíblia podem ser chamados, verdadeiramente, de pessoas estudadas [...] creio que o conhecimento da Bíblia sem um curso universitário vale mais do que um curso universitário sem a Bíblia”.

Se você crê que Deus é seu Criador e que você está vivendo no Universo dele, então ouça o que ele tem a dizer e obedeça, pois esse é o segredo da verdadeira realização e sucesso (Js 1:7-9).

-
1. No Salmo 139, depois de refletir sobre o fato de Deus o haver entretecido no ventre de sua mãe, Davi menciona, logo em seguida, a Palavra de Deus (vv. 17, 18).
-

PERIGOS NO PARAÍSO

GÊNESIS 3

Se Gênesis 3 não estivesse na Bíblia, a Bíblia como a conhecemos não existiria. Isso porque o resto das Escrituras documenta as tristes conseqüências do pecado de Adão e explica o que Deus, em sua graça, fez para nos resgatar. Ao compreender as verdades fundamentais desse importante capítulo, é possível entender melhor a argumentação de Paulo sobre a justificação em Romanos 5, seus ensinamentos sobre homens e mulheres na igreja em 1 Timóteo 2:8-15 e sua explicação sobre a futura ressurreição em 1 Coríntios 15.

A desobediência de Adão trouxe o pecado para dentro da raça humana. No entanto, a Bíblia não nos oferece qualquer explicação sobre a existência de Satanás e do mal antes da queda do homem. O registro de Gênesis 3 não é um mito. Se a queda do homem, na verdade, não ocorreu, então a fé cristã foi construída sobre fábulas, não fatos, e Jesus Cristo sofreu desnecessariamente na cruz. De Gênesis 3 até Apocalipse 21, a Bíblia registra o conflito entre Deus e Satanás, o pecado e a justiça e insta os pecadores a se arrepender e confiar em Deus.

1. O INIMIGO (GN 3:1A)¹

Satanás já foi tão caricaturado por vários escritores, artistas, atores e comediantes que a maioria das pessoas não acredita que ele existe de fato; ou, se acredita em sua existência, não o leva a sério. O romancista inglês Samuel Butler, por exemplo, escreveu: "É preciso lembrar que só ouvimos um lado da história, uma vez que Deus escreveu todos os livros".² E Mark Twain comentou: "Não podemos reverenciar Satanás, pois isso

seria inconveniente, mas podemos, pelo menos, respeitar seus talentos".³ Um famoso comediante da TV norte-americana sempre arrancava risadas do público quando dizia: "Foi o diabo que me obrigou a fazer isso!"

Apesar de não termos detalhes sobre suas origens,⁴ sabemos que Satanás é real, é nosso inimigo e é perigoso. Em Gênesis 3, Satanás é comparado a uma serpente, imagem esta que se repete em 2 Coríntios 11:3. Em Apocalipse 12, ele é chamado de dragão, e os dois nomes são usados em conjunto em Apocalipse 20:2. No entanto, Satanás não é apenas uma serpente enganadora, mas também um leão que ruga e devora (1 Pe 5:8). Dentre seus nomes, encontramos "Abadom" e "Apoliom", o mesmo que "destruidor" (Ap 9:11); "Satanás", que significa "adversário" e "diabo" que quer dizer "caluniador".

Em João 8:44, Jesus chamou Satanás de homicida e "pai da mentira". Chamou-o, ainda, de "maligno" (Mt 13:19) e de "príncipe deste mundo" (Jo 12:31). Paulo e João também chamaram o diabo de "maligno" (1 Ts 3:3; 1 Jo 3:12), e Paulo disse que Satanás era "o deus deste século" (2 Co 4:4), governante do sistema mundial (Ef 2:2) e líder das forças demoníacas do mal (Ef 6:10-12).

Em resumo, Satanás não é um frouxo, e o povo de Deus deve cuidar-se, a fim de não dar espaço para ele em sua vida (Ef 4:27). Por isso estamos estudando a Palavra de Deus e procurando compreender a estratégia de Satanás (2 Co 2:11).

2. A ESTRATÉGIA DE SATANÁS (GN 3:1B-5)

A tentação é a oportunidade de fazer uma coisa boa do jeito errado. É bom tirar nota alta numa prova na escola, mas é errado conseguir isso colando. É bom pagar as contas, mas é errado roubar para fazer esses pagamentos. Em última análise, o que Satanás disse a Eva foi: "Posso dar-lhe algo que você precisa e deseja. Você pode tê-lo e desfrutá-lo agora. E o melhor de tudo é que não haverá qualquer conseqüência dolorosa. Que oportunidade!" Observe os estágios da tentação de Eva.⁵

Satanás usou um disfarce (v. 1a). Satanás não dá origem a nada; é um astuto imitador,

que disfarça seu verdadeiro caráter. Se necessário, pode até fazer se passar por um anjo de luz (2 Co 11:14).⁶ Quando chegou ao jardim, Satanás usou o corpo de uma serpente, uma das criaturas de Deus e que o Senhor havia declarado ser “boa” (Gn 1:31). Eva não pareceu perturbar-se com a presença da serpente ou com o fato de ela falar, de modo que podemos supor que ela não viu nada de ameaçador nesse encontro. Talvez Eva não tivesse sido apresentada a essa espécie e concluiu que a serpente podia falar.⁷

Ainda hoje, Satanás trabalha como grande imitador. Produz uma falsa justiça, diferente daquela que procede somente da fé no Salvador (Rm 9:30 – 10:13). Satanás tem falsos mestres (2 Co 11:13-16), que pregam o evangelho (Gl 1:6-10), e falsos irmãos (e irmãs), que se opõem ao verdadeiro evangelho (2 Co 11:26). O diabo reuniu seus cristãos falsos em igrejas falsas que Deus chama de “sinagogas de Satanás” (Ap 2:9), e é nessas assembléias que são ensinadas “as coisas profundas de Satanás” (v. 24).

Satanás questionou a Palavra de Deus (v. 1b). 2 Coríntios 11:3 deixa claro que o alvo de Satanás foi o intelecto de Eva, e sua arma, a falsidade. Ao questionar o que Deus havia dito, Satanás levantou dúvidas na mente de Eva sobre a verdade da Palavra de Deus e a bondade do coração de Deus.

— Está falando sério?! Não pode comer de *nenhuma* árvore? — foi o conteúdo da pergunta sutil. — Se Deus a amasse de verdade, teria sido muito mais generoso... Ele está ridicando!

Satanás queria que Eva se esquecesse de que Deus havia dito a Adão (que, por sua vez, havia falado a ela) que poderiam comer livremente das árvores do jardim. Para o próprio bem deles, o Senhor fez uma restrição: que não comessem da árvore proibida no meio do jardim (Gn 2:15-17).

A resposta de Eva mostrou que ela estava seguindo o exemplo de Satanás e alterando a Palavra de Deus. Compare Gênesis 3:2, 3 com 2:16, 17 e você verá que Eva deixou de fora a palavra “livremente”, acrescentou “nem tocareis nele” e não mencionou que Deus “lhe deu essa ordem”. Observe, ainda,

como Eva também imitou o diabo quando falou de “Deus” (*Elohim*) e não do “Senhor [Jeová] Deus”, o Deus da aliança. Por fim, ela disse “para que não morrais” – uma possibilidade – em vez de “certamente morrerás” – um fato. Assim, ela *subtraiu* elementos da Palavra de Deus, *acrescentou* coisas à Palavra de Deus e *mudou* a Palavra de Deus, todas ofensas graves (Dt 4:2; 12:32; Pv 30:6; Ap 22:19). Eva começava a duvidar da bondade e da sinceridade de Deus.

Satanás negou a Palavra de Deus (v. 4). “É certo que não morreréis” é uma contradição direta do que Deus disse: “Certamente morrerás” (2:17). Mas Satanás é um mentiroso (Jo 8:44), e Deus é o Deus da verdade (Dt 32:4). Assim, nossa resposta ao que Deus diz deve ser: “Por isso, tenho por, em tudo, retos os teus preceitos todos” (Sl 119:128). A essa altura, Eva deveria ter se lembrado da Palavra de Deus, crido nela, deixado a serpente e ido procurar o marido. É quando nos demoramos no lugar da tentação que nos metemos em dificuldades, especialmente quando sabemos que nossos pensamentos são contrários à verdade de Deus. A verdade de Deus é nosso pavês e escudo (Sl 91:4; Ef 6:16), mas ela só nos protege quando a tomamos pela fé e a colocamos em uso.

No lugar da verdade de Deus, Satanás colocou sua própria mentira (Gn 3:5). “E, como Deus, sereis” é uma promessa que pode chamar a atenção de qualquer um.⁸ “Glórias ao homem nas maiores alturas!” sempre foi o brado daqueles que rejeitam a revelação bíblica, quer favoreçam o humanismo sem Deus, quer seja o materialismo ou a chamada religião da Nova Era. (Na verdade, a filosofia da Nova Era não tem nada de novo. É tão antiga quanto Gênesis 3!)

Romanos 1:18-32 descreve como a civilização gentia, desde o tempo de Caim, rejeitou a verdade de Deus e escolheu a insensatez e as mentiras. “Pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador” (Rm 1:25). Ao falar sobre Satanás, Jesus disse: “Porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8:44). Em rebeldia a Deus, os seres humanos

trocaram a verdade dele pela “mentira” (observe o singular) e seguiram a Satanás, o pai “da mentira” (novamente no singular).

Qual é “a mentira” que tem governado a civilização desde a queda do homem? É a convicção de que todo homem e mulher pode ser seu próprio deus e viver em função da criação e não do Criador *sem sofrer qualquer conseqüência*. Ao crer nisso, os seres humanos se recusam a submeter-se à verdade de Deus, preferindo acreditar nas mentiras de Satanás e seguir seu plano diabólico para a destruição deles. Não se dão conta de que Satanás é seu mestre (Ef 2:1-3) e de que seu destino é o lago de fogo (Mt 7:13-23; Ap 20:10-15).

Ao rever essa seqüência, é possível compreender melhor como Satanás conduz as pessoas a uma atitude de desobediência. Uma vez que começamos a questionar a Palavra de Deus, estamos abertos para negá-la e para crer nas mentiras de Satanás. Então, só é preciso mais um pequeno passo para acreditar nas promessas de Satanás e desobedecer aos mandamentos de Deus. Quando nosso Senhor foi tentado (Mt 4:1-11), ele respondeu às mentiras de Satanás com a verdade de Deus e em três ocasiões declarou: “Está escrito!” Satanás deseja confundir nossa mente (2 Co 11:3), mas nós o derrotamos ao usar as armas espirituais que Deus provê (Ef 6:10-18; 2 Co 10:4, 5).

3. A TRAGÉDIA (GN 3:6, 7)

A necessidade de crer em algo faz parte dos seres humanos; e, se não crêem na verdade, então vão acabar acreditando em mentiras (2 Ts 2:10). Mas se crêem em mentiras, terão de sofrer as conseqüências que sempre acompanham a decisão de rejeitar a verdade de Deus.

Desobediência (v. 6). Primeiro, Eva tomou o fruto e comeu dele; depois, levou uma parte do fruto a seu marido e ele também comeu, de modo que ambos desobedeceram ao Senhor. Eva foi enganada, mas Adão pecou intencional e conscientemente (1 Tm 2:14). É por isso que Paulo indica Adão – e não Eva – como aquele que trouxe o pecado e a morte sobre a raça humana

(Rm 5:12-21). “Em Adão, todos morrem” (1 Co 15:22).

Deus considera o primeiro Adão como o cabeça da raça humana, a velha criação. Quando Adão pecou, nós pecamos nele e através dele sofremos as conseqüências do pecado e da morte. No entanto, Deus considera Jesus Cristo o Cabeça da igreja, a nova criação (2 Co 5:17), e, por intermédio de seu ato justo de obediência ao morrer na cruz, temos justiça e vida. Sem dúvida, a morte e o pecado reinam no mundo, mas a graça e a justiça também, por meio de Cristo (Rm 5:14, 17, 21). A fé em Jesus Cristo nos tira de Adão e nos coloca em Cristo, e somos aceitos na sua justiça.

Eva pecou, pois foi atraída pelo fruto da árvore proibida. Ela não estava agindo de acordo com a fé na Palavra de Deus, mas pelo que era certo a seus próprios olhos. Gênesis 3:6 é um paralelo de 1 João 2:16: “boa para se comer” – “concupiscência da carne”; “agradável aos olhos” – “concupiscência dos olhos”; “desejável para dar entendimento” – “soberba da vida”. Essas são as coisas que motivam as pessoas hoje em dia; e, quando o povo de Deus começa a pensar como o mundo, começa a viver como o mundo.

Sabemos o motivo de Eva ter sucumbido à tentação, mas por que Adão pecou deliberadamente, quando sabia que o que fazia era contrário à vontade de Deus? Viu a mudança em Eva e percebeu que a vida da mulher não era mais a mesma? Teve de escolher entre obedecer a Deus e ficar com a esposa que, sem dúvida, amava? Essas perguntas não são levantadas nem respondidas pela Bíblia e não é prudente especular sobre elas. Adão fez uma escolha, a escolha errada, e a humanidade tem sofrido desde então.

Conhecimento (v. 7a). Satanás prometeu que seriam “como Deus”, tendo conhecimento do bem e do mal, e sua promessa cumpriu-se tragicamente. Adão e Eva perderam a inocência e, pela primeira vez, perceberam o que significava pecar. Esse conhecimento não era necessário para a felicidade deles e teria sido muito melhor que

tivessem obedecido e crescido no conhecimento de Deus (Jo 7:17).

Nas Escrituras, a exposição desavergonhada do corpo nu é associada à idolatria (Êx 32:25), à embriaguez (Gn 9:20-23; Hc 2:15) e à possessão demoníaca (Lc 8:26-39; At 19:16). A marca de uma sociedade decadente, à beira da destruição, é o hábito de expor o corpo nu do ser humano a fim de transformá-lo em objeto de prazer, quer em pessoas, quer em figuras, quer em filmes. A pornografia é um grande negócio na sociedade de hoje.

Vergonha (v. 7b). Ao perceber sua nudez pela primeira vez (Gn 2:25), apressaram-se a providenciar algo para cobrir o corpo. O pecado faz com que nos envergonhemos de nós mesmos. Deus nos deu um juiz interior chamado “consciência”, que nos acusa quando fazemos algo de errado e aprova quando fazemos algo correto (Rm 2:12-16). Um índio norte-americano comparou a consciência à ponta de uma flecha dentro de seu coração. “Se faço o que é errado, ela vira e me machuca até que eu faça o que é certo. Porém, se persisto em fazer o que é errado, ela continua virando, e suas pontas se desgastam, de modo que ela deixa de machucar.”

A Bíblia chama isso de “mã consciência” (Hb 10:22) ou uma “consciência cauterizada” (1 Tm 4:2), que não funciona mais como deveria.

Quando as pessoas não se envergonham mais de seus pecados, seu caráter está praticamente extinto. “Serão envergonhados, porque cometem abominação sem sentir por isso vergonha; nem sabem que coisa é envergonhar-se” (Jr 6:15; 8:12). “Tu tens a frente de prostituta e não queres ter vergonha” (Jr 3:3). Os pecados que costumavam ser cometidos ocultos pela escuridão, agora são exibidos abertamente em filmes e na televisão e, quando as pessoas protestam, são chamadas de “pudicas” ou de “puritanas”.

Medo (v. 8). O pecado produz tanto vergonha quanto culpa, e essas duas coisas criam no pecador o desejo de se esconder. Adão e Eva se envergonharam por causa de sua condição (nudez) e sentiram culpa por causa de sua ação (desobediência a Deus).

A culpa e o medo normalmente andam juntos, o que explica por que o primeiro casal não quis desfrutar a comunhão com o Senhor no jardim no final do dia. Adão admitiu: “Tive medo” (v. 10). Certamente, é inútil tentar esconder-se do Senhor (Sl 139:1-12), e, no entanto, em sua culpa os pecadores sempre tentam fazer o impossível.

A vergonha, o medo e a culpa transformaram o ser interior de Adão e Eva a ponto de não poderem mais se deleitar com o maravilhoso jardim onde viviam. As árvores que haviam admirado, das quais haviam cuidado e se alimentado, transformaram-se em “coisas” a ser usadas para que os dois pecadores assustados se escondessem de Deus. Não era o que as árvores desejavam fazer, mas não tinham outra escolha. A natureza é uma janela através da qual vemos Deus, mas Adão e Eva transformaram-na numa porta trancada para manter Deus do lado de fora! Um dia, o Salvador iria morrer sobre um madeiro para que os pecadores assustados pudessem ir até o Senhor e encontrar o perdão.

4. A DESCOBERTA (GN 3:9-13)

Não recebemos nenhuma explicação sobre a forma como Deus se manifestava aos nossos primeiros antepassados de modo a ter comunhão com eles. É provável que assumisse, temporariamente, um corpo que cobria sua glória, como fez quando visitou Abraão muitos anos depois (Gn 18:1ss).

Buscando (v. 8). Adão e Eva deveriam ter corrido ao encontro do Senhor, confessando seu pecado e pedindo o perdão dele. Em vez disso, porém, esconderam-se de Deus, e ele precisou encontrá-los. “Não há quem entenda, não há quem busque a Deus” (Rm 3:11). De acordo com o evangelista Billy Sunday, os pecadores não são capazes de encontrar a Deus pelo mesmo motivo que os criminosos não são capazes de encontrar um policial: não o estão procurando! O Pai interrompeu seu descanso sabático para procurar o homem e a mulher que havia criado à sua própria imagem.⁹ Quando Jesus ministrou aqui na Terra, disse: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”

(Lc 19:10). Ele também interrompeu o sábio para curar um enfermo (Jo 5:1-16) e um cego (Jo 9), e sua defesa diante dos líderes religiosos intolerantes foi: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também [...] o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz” (Jo 5:17, 19). Nos dias de hoje, por meio do testemunho da igreja, o Espírito Santo está buscando os perdidos e conduzindo-os ao Salvador (Jo 16:7-11; At 1:8).

Falando (vv. 9-13). Deus não faz perguntas porque precisa de informações. Sendo Deus, sabe de todas as coisas. Antes, pergunta para nosso próprio bem, para nos dar a oportunidade de encarar os fatos, de ser honestos e de confessar nossos pecados. No entanto, não devemos pensar em Deus falando a Adão e Eva como um senhor cruel se dirige a um escravo desobediente ou um juiz irado a um criminoso condenado. O diálogo foi mais parecido com aquele de um pai entristecido conversando amorosamente com os filhos que perderam o rumo.

Em primeiro lugar, Deus chamou Adão para dar-lhe a oportunidade de responder e de sair de seu esconderijo.¹⁰ O simples fato de Deus o chamar foi um ato de bondade, pois ele poderia, justificadamente, ter pronunciado o julgamento e destruído Adão e Eva. Outro aspecto surpreendente dessa bondade foi o fato de Adão ser capaz de ouvir a voz de Deus e de responder, uma vez que sua natureza interior encontrava-se tão poluída pelo pecado que ele nem desejava encarar a Deus.

Uma vez que Adão e Eva saíram de seu esconderijo, Adão confessou que estavam envergonhados (por causa de sua nudez) e que sentiam medo (por causa de sua culpa). Sem dizê-lo abertamente, Adão admitia que haviam comido da árvore proibida. No entanto, quando Deus lhe perguntou diretamente se havia comido da árvore, em momento algum Adão disse: “Sim, eu comi!”

Em vez disso, culpou tanto Deus quanto sua esposa! Quando Deus interrogou Eva, ela culpou a serpente (Eva não disse: “A serpente que tu criaste”, mas talvez tenha

pensado nisso). Houve justificativas, mas nenhuma confissão.

Mais uma vez, nas palavras de Billy Sunday: “Uma desculpa é um invólucro de razão preenchido com uma mentira”. Sem dúvida, Eva deu do fruto a Adão porque a serpente a enganou, mas Adão não tinha nenhum motivo para desobedecer a Deus. Quando as pessoas começam a inventar desculpas, isso mostra que não têm idéia da enormidade de seus pecados ou que não desejam confessá-los e arrepender-se. Se os pecadores conseguem achar uma brecha, usam-na, mais que depressa, para fugir!

5. O CASTIGO (GN 3:14-19)

O amor de Deus pelo pecador de maneira alguma elimina sua abominação santa pelo pecado, pois, ainda que seja verdade que “Deus é amor” (1 Jo 4:8, 16), também é verdade que “Deus é luz” (1 Jo 1:5). Um Deus santo deve tratar do pecado, para o bem do pecador e para a glória de seu nome.

A serpente (vv. 14, 15). Deus proferiu a sentença primeiro para a serpente e depois para o diabo, que havia usado a serpente. Ao que parece, a criatura que Satanás usou não costumava rastejar pela terra, pois essa foi a condenação de Deus para humilhá-la (Sl 72:9; Is 49:23; Mq 7:17). Deus amaldiçoou a serpente e o solo (Gn 3:17), mas em momento algum amaldiçoou Adão e Eva.

As palavras de Deus a Satanás (v. 15) são chamadas de *protoevangelium*, “o primeiro evangelho”, pois trata-se da primeira ocasião na Bíblia em que é anunciada a vinda do Redentor. Para o povo de Deus na antiga aliança, esse versículo era um raio de esperança (Gl 4:1-4); para Satanás, era a declaração de guerra da parte de Deus, atingindo seu ápice na condenação do inimigo (Rm 16:20); para Eva, era a certeza de que havia sido perdoada e de que Deus usaria a mulher para trazer ao mundo o Redentor (1 Tm 2:13-15).

A descendência da serpente e a da mulher representam a família de Satanás e a família de Deus. Na parábola do joio (Mt 13:24-30, 36-43), Jesus afirma claramente que Satanás tem “filhos”, pessoas que professam ser cristãs sinceras, mas que, na

realidade, não passam de dissimuladas. A parábola revela que em todo lugar onde Deus “planta” um verdadeiro filho do reino, Satanás vem e planta um falso cristão. Os dois crescem juntos e só serão separados na colheita, no final dos tempos.

Essas são as pessoas que rejeitam a Jesus Cristo e que dependem confiantemente de sua própria hipocrisia religiosa para chegar ao céu. De acordo com João Batista, os fariseus eram “raça de víboras” (Mt 3:7-10), e Jesus usou a mesma expressão para defini-los, dando a entender que eram filhos do diabo (Mt 12:34; 23:15, 28, 33; Jo 8:44). Não há qualquer registro de que, em algum momento, Jesus tenha chamado os publicanos e pecadores de “raça de víboras”; ele reservou esse título para os fariseus hipócritas que o crucificaram.

Portanto, ao longo da história, Satanás e Deus, os filhos de Satanás e os filhos de Deus encontram-se em conflito. Como veremos em nosso próximo estudo, a batalha teve continuidade quando Caim matou Abel, pois Caim “era do Maligno” (1 Jo 3:12), ou seja, um filho do diabo. Na história de Israel, os inimigos dos profetas eram falsos profetas que *falavam em nome de Jeová*.

Tanto Jesus quanto Paulo retrataram os falsos mestres como dissimulados, “lobos disfarçados em pele de ovelhas” (Mt 7:13-15; At 20:28-31). Satanás, o grande enganador, sempre teve filhos dispostos a opor-se ao povo de Deus. No fim dos tempos, esse conflito culminará no confronto de Cristo com o Anticristo, a obra-prima da falsificação de Satanás. (2 Ts 2; Ap 13).¹¹ Na cruz, Satanás “feriu” o calcanhar de Cristo, mas, por causa de sua morte e ressurreição, Cristo pisou a cabeça de Satanás e alcançou a vitória absoluta sobre ele (Ef 1:17-23; Cl 2:14, 15).

A mulher (v. 16). Deus reforçou sua palavra de esperança para Eva ao garantir-lhe que ela teria filhos e, portanto, que não morreria imediatamente.¹² No entanto, o privilégio especial da mulher como aquela que dá à luz (e, em última análise, aquela que traz ao mundo o Redentor) incluiria dores multiplicadas no parto e submissão ao marido. Essa

submissão não é identificada como parte de uma maldição nem como uma ordem para que os maridos exerçam poder soberano sobre a esposa. O Novo Testamento deixa claro que maridos e esposas que se amam e que são cheios do Espírito Santo são mutuamente submissos (Ef 5:18ss; 1 Co 7:1-6).

O homem (v. 17-19). Eva teria dores de parto, mas Adão sofreria diariamente ao trabalhar no campo. Ao esforçar-se para obter seu alimento, Adão se depararia com obstáculos e teria de labutar e de suar para conseguir a colheita; isso serviria para lembrá-lo de que sua desobediência havia afetado a criação (Rm 8:18-23). Além disso, enquanto lavrasse o solo, se lembraria de que um dia morreria e voltaria para o solo de onde havia vindo. Adão, o jardineiro, tornou-se Adão, o labutador.

6. A RECUPERAÇÃO (GN 3:20-24)

Por amor a seu próprio caráter e a sua lei, Deus deve julgar o pecado; mas por amor a seu Filho querido, Deus está disposto a perdoar o pecado. Lembre-se de que Jesus é o Cordeiro, “morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8; ver At 2:23; 4:27, 28), de modo que Deus já havia provido o perdão e a salvação.

Um novo nome (v. 20). Adão creu nas promessas de Deus (vv. 15, 16) e chamou sua esposa de “Eva”, que significa “viva”. A fé simplesmente aceita o que Deus diz e age de acordo com isso.

Roupas novas (v. 21). A resposta de Deus à fé de Adão e de Eva foi remover os trajes frágeis confeccionados por mãos humanas e vesti-los com roupas aceitáveis, providas pelas próprias mãos divinas (Is 61:10). Foi preciso que animais inocentes morressem para que o homem e a mulher recomeçassem e voltassem a ter comunhão com o Senhor. Esse é um retrato daquilo que Cristo fez pelos pecadores na cruz quando morreu por um mundo pecaminoso (2 Co 5:21).

Um novo lar (v. 22-24). Se Adão e Eva comessem da árvore da vida, viveriam para sempre na Terra como pecadores, e seu futuro seria sombrio. Era preciso que morressem, pois “o salário do pecado é a morte”

(Rm 6:23). Assim, Deus removeu o casal do jardim, ou melhor, de acordo com Gênesis 3:24, ele os “expulsou” (ver Gn 4:14 e 21:10.) Deus colocou anjos para guardar a entrada do jardim e garantir que Adão e Eva não tentariam entrar lá outra vez. Um dia, Jesus Cristo reabriria o caminho para a “Árvore da Vida” mediante sua morte na cruz (Jo 14:6; Hb 10:1-25; Ap 2:7; 22:1, 2, 14, 19).¹³

Para o homem e a mulher, a vida diária passaria a ser uma luta fora do jardim ao

labutar pelo pão e criar sua família. Ainda poderiam ter comunhão com Deus, mas sofreriam diariamente as consequências de seu pecado, e o mesmo aconteceria com seus descendentes. A lei do pecado e da morte passaria a vigorar na família até o fim dos tempos, mas a morte e a ressurreição do Salvador introduziriam uma nova lei: “Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8:2).

1. Apesar de Satanás certamente atuar ao longo de toda a história bíblica no Antigo Testamento, ele realiza quatro “aparições pessoais”: para tentar Eva (Gn 3); para pedir permissão de atacar Jô (Jô 1 e 2); para tentar Davi (2 Sm 24:1; 1 Cr 21) e para acusar Josué, o sumo sacerdote (Zc 3). A fim de fazer um estudo dessas passagens e de seu significado para a igreja nos dias de hoje, ver minha obra *The Strategy of Satan* (Tyndale House). Outros livros que podem ser de ajuda para entender melhor Satanás e seus ardis são: *The Voice of the Devil*, de G. Campbell Morgan (reimpressão, Baker); *I Believe in Satan's Downfall*, de Michael Green (Eerdmans); *Satan: His Motives and Methods*, de Lewis Sperry Chafer (Zondervan); *Your Adversary the Devil*, de Dwight Pentecost (Zondervan) e *O Adversário*, de Mark Bubeck (São Paulo: Vida Nova).
2. BUTLER, Samuel. *The Note Books of Samuel Butler*. Editado por Henry F. Jones. Nova York: E. P. Dutton, 1921, p. 217.
3. NEIDER, Charles. *The Complete Essays of Mark Twain*. Garden City, Nova York: Doubleday, 1963, p. 237. Assim como Butler, Twain diz: “Não temos outras provas senão aquelas apresentadas pela procuradoria e, ainda assim, já demos o veredicto”.
4. Muitos estudiosos acreditam que a queda de Satanás (Lúcifer) está por trás da descrição do “hino de escárnio” da derrota do rei da Babilônia, que se encontra em Isaías 14:12-17. John Milton assimilou essa idéia (e desenvolveu-a) quando escreveu *Paraíso Perdido* (São Paulo: Martin Claret).
5. Em Gênesis 3:1-5, tanto Satanás quanto Eva usam pronomes no plural, sugerindo que talvez Adão estivesse presente, mas não houvesse dito nada. No entanto, é provável que esses pronomes na forma plural simplesmente indiquem que Satanás e Eva incluíram Adão, pois era a ele que Deus havia dado a proibição sobre as árvores primeiro (Gn 2:15-17). Deus usa o pronome singular quando fala com Adão, de modo que Eva ouviu a ordem divina de seu marido.
6. Muitas pessoas que afirmam ter passado por experiências “fora do corpo” relatam que sentiram medo, pois “viram uma luz brilhante no fim de um túnel escuro”. Pensando que essa luz fosse a presença de Deus no céu, tiveram a certeza de que estavam prontas para encontrar-se com ele. No entanto, Satanás, o imitador, sabe produzir luz e imitar até os anjos de Deus.
7. A reação inocente de Eva diante de um animal que falava é outro argumento em favor da ausência de Adão; do contrário, é preciso crer que no Éden os seres humanos podiam se comunicar com os animais. Uma vez que Adão havia dado nomes a todos os animais, conhecia a natureza da serpente e que ela não podia falar. Adão já foi culpado de não estar com a esposa, mas precisava trabalhar, e é provável que o jardim fosse grande. Quanto a Gênesis 2:15 – “Colocou [o homem] no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” –, a palavra hebraica traduzida por “guardar” pode significar, também, “cuidar” e foi assim traduzida em Gênesis 3:24. Tendo em vista que Deus havia declarado que a serpente era “boa”, que motivo Adão teria para considerá-la parte de um plano perverso e achar que sua esposa estava em perigo? Sem saber de antemão o que viria a acontecer, o que nós teríamos feito no lugar de Adão?
8. Se Isaías 14:12-15 é uma descrição da queda de Satanás, então a declaração “serei semelhante ao Altíssimo” (v. 14) revela a motivação oculta por trás da rebelião de Satanás: desejava ser semelhante a Deus. Ele não conseguiu atingir esse objetivo, de modo que passou o desejo adiante para Eva na forma de uma promessa. Satanás quer receber a adoração e o serviço que pertencem somente ao Senhor (Mt 4:8-10).
9. É curioso fazer um contraste entre Gênesis 3:8 (“Pela viração [vento brando] do dia”) e 18:1 (“no maior calor do dia”). A visita de Deus ao jardim visava chamar o homem ao arrependimento, mas sua visita a Abraão era para anunciar, dentre outras coisas, a destruição das cidades perversas da planície.

-
10. Observe três perguntas interessantes que Deus faz em Gn: “Onde estás?” (3:9); “Onde está o teu irmão?” (4:9); e “Tua mulher, onde está?” (18:9).
 11. O prefixo grego *anti* significa tanto “em vez de” (isto é, um falso Cristo) quanto “contrário a Cristo”. Havia “anticristos” (falsos mestres) opondo-se à igreja do primeiro século (1 Jo 2:18-29) e eles ainda estão presentes em nosso meio nos dias de hoje. O teste para detectar falsos mestres é aquilo que ensinam sobre a Pessoa e a obra de Jesus Cristo.
 12. A frase hebraica em Gênesis 2:17 é “morrendo, morrerás”, que significa “certamente morrerás”. No entanto, ela sugere tanto uma crise quanto um processo. Morrer significa estar separado de Deus, que foi o que aconteceu com nossos primeiros antepassados no momento em que pecaram. Mas a morte também pode significar a separação entre o corpo e o espírito (Tg 1:26), e o processo de morrer começou com sua desobediência e terminou anos depois, quando faleceram. Em função da lei do pecado e da morte, a vida é uma batalha constante para conquistar a morte.
 13. O primeiro Adão era ladrão e foi expulso do paraíso. O Último Adão, quando estava pendurado na cruz, disse a um ladrão: “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23:43).
-

CAIM NO CENTRO DO PALCO

GÊNESIS 4:1-24

“O mundo todo é um palco, e homens e mulheres, não mais que meros atores. Entram e saem de cena e, ao longo de sua existência, podem desempenhar vários papéis”, escreveu Shakespeare.¹

Shakespeare estava certo: temos muitos papéis a interpretar ao longo da vida e, de tempos em tempos, nos relacionamos com pessoas diferentes e enfrentamos situações diversas. O importante é que deixemos Deus escrever o texto da peça, escolher o elenco e dirigir a apresentação. Se não o levamos em consideração e tentarmos fazer nossa própria produção, a história terá um fim trágico.

Foi isso o que arruinou Caim, o primeiro bebê humano a nascer no palco do planeta Terra: ele ignorou o texto de Deus, resolveu fazer uma “produção independente” e foi um fiasco total. Gênesis 4 volta a atenção para Caim; seu nome é citado dezesseis vezes, e em sete ocasiões Abel é identificado como “seu irmão”. Ao refletir sobre a vida de Caim e alguns papéis que desempenhou, você poderá entender melhor como é importante conhecer a Deus e fazer sua vontade.

1. O IRMÃO (GN 4:1, 2A)

Deus ordenou a nossos primeiros ancestrais: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1:28), e eles obedeceram a essa ordem (Gn 5:4). Apesar de ser verdade que a constituição de uma família não é o único propósito do casamento e que nem todo casamento é abençoado com filhos, também é fato que os filhos são uma dádiva preciosa de Deus (Gn 33:5; 48:9; Sl 127:3) e devem ser recebidos com alegria. O povo judeu do Antigo Testamento e os cristãos

da igreja primitiva ficariam estarecidos com as estatísticas de abortos nos dias de hoje e com as filosofias das pessoas associadas a essa prática.

O nome “Caim” tem um som parecido com a palavra hebraica para “adquirido”. Eva louvou a Deus por ajudá-la durante sua gestação. Afinal, era uma experiência nova, e ela não contava com um médico ou parteira para ajudá-la. Depois de sua segunda gestação, ela deu à luz Abel. Seu nome significa “fôlego”, e é a palavra traduzida por “ vaidade ” pelo menos trinta e três vezes no Livro de Eclesiastes. O nome de Caim nos lembra que a vida vem de Deus, enquanto o de Abel nos diz que a vida é breve.

Gênesis é a história de uma família e fala um bocado sobre irmãos. Pelo fato de ser o filho primogênito, Caim era especial. No entanto, por causa de seu pecado, perdeu tudo, e Sete tomou seu lugar (Gn 4:25). Ismael era o primogênito de Abraão, mas Deus escolheu Isaque. Esaú era o primogênito de Isaque, mas foi preterido e seu lugar foi tomado por Jacó; por fim, Rúben, o primogênito de Jacó, foi substituído pelos dois filhos de José (Gn 49:3, 4; 1 Cr 5:1, 2). De fato, Deus chegou a reorganizar a ordem de nascimento dos filhos de José (Gn 48:8-22). Ao longo da história do Antigo Testamento, a soberania de Deus é demonstrada nas escolhas dele com referência a quem receberá sua bênção, uma vez que tudo o que recebemos é pela graça de Deus.

A rivalidade entre irmãos é outro tema de Gênesis. Ismael perseguiu Isaque; Jacó fugiu de casa para não ser morto por Esaú; os irmãos de José tinham a intenção de matá-lo, mas resolveram vendê-lo como escravo. Quando o pecado entrou na raça humana, deu-nos um legado de lares com problemas e defeitos, e somente o Senhor pode restaurar as famílias.

2. O TRABALHADOR (GN 4:2B)

À medida que seus filhos foram crescendo, Adão colocou-os para trabalhar nos campos. Com o passar dos anos, tornou-se evidente que cada menino tinha seus próprios interesses e aptidões. Caim tornou-se lavrador, e

Abel, pastor, o primeiro de muitos pastores que encontramos na Bíblia, como Abraão, Isaque, Jacó e seus filhos, Moisés e Davi.

Sem dúvida, Adão ensinou a seus filhos o motivo de precisarem trabalhar: era parte do mandamento de Deus na criação, e eles eram colaboradores de Deus (Gn 1:26-31). O trabalho não é um castigo de Deus por causa do pecado, pois Adão já trabalhava no jardim antes de sua esposa cair na tentação de Satanás. A abordagem bíblica do trabalho é que somos privilegiados em cooperar com Deus ao usar as dádivas de sua criação para o bem das pessoas e a glória de Deus (ver Cl 3:22, 23; 1 Ts 4:11, 12; Ec 9:10).

O trabalho é a vontade de Deus e não uma maldição; é uma bênção. O mandamento “seis dias trabalharás e farás toda a tua obra” (Êx 20:9) fazia parte da lei de Deus tanto quanto sua ordem para que se guardasse o sábado. A Bíblia não tem nada de bom a dizer sobre o ócio ou sobre pessoas ociosas que esperam que outros provejam para elas (2 Ts 3:6-15). Antes de começar seu ministério público, Jesus trabalhou como carpinteiro (Mc 6:3). Quando não estava viajando ou pregando, o apóstolo Paulo trabalhava confeccionando tendas (At 18:1-3).

Como cristãos, não devemos trabalhar simplesmente para pagar as contas e suprir nossas necessidades. Devemos trabalhar porque esse foi o meio ordenado por Deus para que sirvamos ao Senhor e aos outros e, assim, glorifiquemos a Deus em nossa vida (1 Co 10:31). Não trabalhamos só para ganhar a vida; trabalhamos para ter uma vida, desenvolver as aptidões que recebemos de Deus e aumentar a qualidade e a quantidade de nosso trabalho. Martinho Lutero disse às moças ordenhadeiras que poderiam ordenhar vacas para a glória de Deus, e, de acordo com Theodore Roosevelt, “o melhor prêmio que a vida oferece é a oportunidade de realizar com afinco o trabalho que é digno de ser realizado”. Talvez os meninos tenham perguntado ao pai por que o trabalho deles era tão difícil, e Adão teve de explicar que Deus amaldiçoou a terra por causa da desobediência dele. A

sentença de Deus – “No suor do teu rosto comerás o teu pão” (Gn 3:17-19) – era inescapável. No entanto, essa pergunta deu a Adão a oportunidade de lembrar aos filhos a promessa de Deus sobre um Redentor e um dia em que a criação seria libertada da escravidão do pecado (Gn 3:15).

3. O ADORADOR (GN 4:3-7)

Adão e Eva haviam aprendido a adorar a Deus durante seus dias maravilhosos no jardim, antes que o pecado trouxesse maldição para a vida deles e para a terra. Certamente, haviam ensinado aos filhos sobre o Senhor e sobre a importância de adorá-lo. Os trabalhadores precisam ser adoradores, do contrário, podem tornar-se idólatras, concentrando-se nos dons e não naquele que os concedeu, esquecendo-se de que é Deus quem dá a capacidade de trabalhar e de adquirir riquezas (Dt 8:10-20).

Quando Deus vestiu Adão e Eva com peles de animais (Gn 3:21), talvez tenha lhes ensinado sobre os sacrifícios e o derramamento de sangue. É possível que eles, por sua vez, tenham passado essa verdade para seus filhos. A verdadeira adoração é algo que devemos aprender com o próprio Deus, pois somente ele tem o direito de determinar as regras para nos aproximarmos dele e para lhe agradecer em adoração.

Deus aceitou Abel e suas ofertas e talvez tenha indicado esse fato ao enviar fogo do céu para consumir os animais sacrificados (Lv 9:24; 1 Rs 18:38; 1 Cr 28:26). No entanto, rejeitou Caim e suas ofertas. Caim não foi rejeitado por causa da oferta que escolheu, mas sua oferta foi rejeitada por causa de Caim: seu coração não estava em ordem com Deus. Foi “pela fé” que Abel ofereceu um sacrifício mais aceitável a Deus do que Caim (Hb 11:4), o que significa que ele cria em Deus e sua vida estava em ordem com o Senhor.

Muitos anos depois, a lei de Moisés prescreveu a oferta de grãos e de frutas (Lv 2; Dt 26:1-11), de modo que não temos motivos para acreditar que tais ofertas não eram aceitáveis desde o princípio. Contudo, mesmo que Caim tivesse sacrificado animais e

derramado o sangue deles, não teriam sido aceitáveis para Deus por causa da condição do coração de Caim. Abel trouxe o que tinha de melhor e procurou verdadeiramente agradar a Deus; Caim, porém, não teve essa atitude de fé. “Éis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1 Sm 15:22; ver também Is 1:11-13; Os 6:6; Mq 6:6-8; Mc 12:28-34).

O fato de muitas pessoas freqüentarem cultos religiosos e participarem de atividades da igreja não é prova de que são cristãs autênticas. É possível ter uma “forma de piedade” (2 Tm 3:5) e, ainda assim, jamais experimentar seu poder salvador. “Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29:13; Mt 15:8). Sem um coração submisso, nem mesmo as mais preciosas ofertas podem tornar o adorador aceitável diante de Deus (Sl 51:16, 17). “O caminho de Caim” (Jd 11) é o caminho da vontade própria e da incredulidade.

Quando Deus rejeitou sua oferta, Caim ficou muito irado. (A palavra hebraica deixa implícito que ele estava “consumindo-se de cólera”.) Deus falou com ele pessoalmente e tentou conduzi-lo de volta ao caminho certo da fé, mas Caim resistiu. É típico do Senhor nos dar mais uma oportunidade de lhe obedecer, e é típico dos pecadores obstinados recusar sua ajuda graciosa.

O Senhor advertiu Caim de que a tentação é como uma besta feroz que jazia à porta de sua vida e que era melhor não abrir essa porta. É perigoso carregar rancores e nutrir sentimentos de amargura em nosso coração, pois podem ser usados por Satanás para nos levar à tentação e ao pecado. Era a isso que Paulo se referia quando escreveu: “nem deis lugar ao diabo” (Ef 4:27). Se não tomarmos cuidado, poderemos servir de tentação para nós mesmos e causar nossa própria destruição.

4. O HOMICIDA (GN 4:8-10)

Não podemos separar nosso relacionamento com Deus dos relacionamentos que temos com nossos irmãos e irmãs. (Isso inclui

tanto nossos irmãos e irmãs naturais como aqueles em Cristo.) Um espírito rancoroso como o que possuiu Caim impede a adoração e destrói nossa comunhão com Deus e com o povo de Deus (Mt 5:21-26; 6:14-16). É melhor interromper nossa adoração e acertar o que é preciso com um irmão do que corromper nosso sacrifício com nossa atitude incorreta.

Homicídio (v. 8). A ira é uma emoção poderosa que pode levar à violência e, até mesmo, ao homicídio. Jesus ensinou que a ira no coração equivale moralmente ao homicídio executado com as próprias mãos (Mt 5:21-26). A cada ano, nas rodovias norte-americanas, motoristas enfurecidos causam acidentes que matam vinte e oito mil pessoas, e funcionários irados, depois de ser despedidos de seus empregos, já mataram centenas de pessoas inocentes. Se Caim tivesse dado ouvidos ao aviso de Deus e aceitado o convite gracioso do Senhor (Gn 4:7), jamais teria se transformado num homicida.

Quanto tempo se passou entre a rejeição das ofertas de Caim e o momento em que ele atraiu seu irmão para longe de casa e o matou? Foi no mesmo dia, ou Caim remoeu a questão durante algum tempo? É provável que, em seu coração, tenha assassinado o irmão várias vezes antes de cometer o ato em si. Invejava o irmão por causa do relacionamento que Abel tinha com Deus (1 Jo 3:12) e, ainda assim, não se dispôs a acertar sua situação com o Senhor. Quando odiamos outras pessoas, é sinal de que não estamos andando na luz (1 Jo 2:9-11) e de que não temos o amor de Deus em nosso coração (1 Jo 3:10-16).

Mentira (vv. 9, 10). Caim era um filho do diabo (1 Jo 3:12),² o que significa que ele era homicida e mentiroso (Jo 8:44). Mentiu para o irmão quando o atraiu para o lugar onde o matou. Mentiu para si mesmo ao pensar que poderia cometer um crime tão hediondo e escapar impune. Caim chegou a tentar mentir para Deus e encobrir seus atos perversos!³

Sem dúvida, existe um paralelo entre a forma como Deus tratou com Caim em Gênesis 4 e a forma como tratou com Adão

e Eva no capítulo 3. Em ambos os casos, o Senhor fez perguntas, não para obter informações (ele sabe de todas as coisas), mas para dar aos culpados a oportunidade de dizer a verdade e de confessar os pecados. Em ambos os casos, os pecadores foram evasivos e tentaram encobrir o que haviam feito, mas nas duas vezes Deus trouxe os pecados à luz e eles admitiram sua culpa.

Adão e Eva haviam corrido para se esconder quando ouviram a voz de Deus (Gn 3:8), mas Deus ouviu a voz de Abel clamando da terra, e Caim não pôde se esconder.⁴ O derramamento de sangue inocente contamina a terra (Nm 35:30-34), e esse sangue clama por justiça (Jó 16:18; Is 26:21; Ap 6:9, 10).⁵ Adão e Eva foram expulsos do jardim, e Caim tornou-se um errante rejeitado sobre a Terra.

Quanto mais se pensa no pecado de Caim, mais hediondo ele se torna. O homicídio não foi motivado por um ímpeto passional; foi cuidadosamente premeditado. Não matou um estranho em defesa própria; assassinou seu próprio irmão por inveja e ódio. Além disso, Caim o fez depois de estar diante do altar adorando a Deus e apesar da advertência e da promessa de Deus. Por fim, uma vez realizado o ato horrendo, Caim não se abalou e ainda tentou escapar mentindo.

5. O ERRANTE (GN 4:11-15)

Um vagabundo não tem lar; um fugitivo corre para longe do lar; um errante está longe do lar; mas um peregrino viaja rumo ao lar. “Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida” (Dt 30:19). Caim fez a escolha errada e, em vez de ser um peregrino, tornou-se um errante e um fugitivo, vagando sobre a terra.

A maldição de Deus (v. 12). Jeová havia amaldiçoado a serpente (Gn 3:14) e a terra (v. 17), mas não Adão e Eva. No entanto, amaldiçoou o filho deles, Caim, um filho do diabo (da serpente). Caim havia contaminado a terra com o sangue de seu irmão, de modo que a terra não trabalharia em seu favor. Se Adão labutasse e lutasse diariamente, teria uma colheita (vv. 17-19); mas

para Caim, jamais haveria qualquer fruto de seu trabalho. Assim, ele não poderia continuar sendo lavrador. Tudo o que lhe restava era vagar de um lugar para outro e procurar sobreviver.

O remorso de Caim (vv. 13, 14). Caim jamais se arrependeu de seus pecados. Suas palavras revelam apenas remorso e pesar. Ele não disse: “Minha culpa é maior do que posso suportar”. Estava preocupado apenas com seu castigo, não com seu caráter. Se vagasse de um lugar para outro, estaria se arriscando; mas se ficasse num mesmo lugar, morreria de fome. A terra havia se voltado contra ele, Deus havia se voltado contra ele⁶ e as pessoas se voltariam contra ele. Qualquer um com quem Caim se deparasse seria um parente desejando vingar-se da morte de Abel. O que poderia fazer?

Ao odiar e matar o irmão e ao recusar-se a se arrepender, Caim criou para si uma vida insuportável. Abriu a porta para a tentação (Gn 4:7) e fechou-a para a família, para Deus e para seu futuro. Não importava onde vivesse ou o que fizesse, Caim seria sempre um homem sem paz, para o qual não havia qualquer saída.

A misericórdia de Deus (v. 15). Deus fez uma coisa estranha: colocou em Caim uma marca que o protegeria do ataque das pessoas que quisessem matá-lo. Não sabemos o que era essa marca ou o que levaria as pessoas a reconhecerem-na como o selo de proteção divina; mas ela funcionou. Esse foi um ato da mais pura misericórdia da parte de Deus. Por que Deus permitiria que um homicida perverso como Caim ficasse livre? Em sua misericórdia, Deus não nos retribui conforme o que merecemos, e, em sua graça, ele nos dá aquilo que não merecemos. Essa é a natureza de Deus. O Senhor poupou a vida de Caim, *mas a história não termina aí.* Cedo ou tarde, Caim acabou morrendo, vindo “depois disso o juízo” (Hb 9:27). A civilização toda que construiu foi destruída no dilúvio, e o registro de sua vida deixado nas Escrituras é uma advertência para qualquer um que finge adorar a Deus, que brinca com o pecado e que não leva a tentação a sério. “O caminho de Caim” (Jd 11) não é o

caminho estreito que conduz à vida (Mt 7:13, 14).

6. O CONSTRUTOR (GN 4:16-24)

Deus foi fiel à sua palavra e protegeu Caim, enquanto ele vagava de um lugar para outro. Certo dia, ele encontrou um lugar que parecia bom para ele ficar e decidiu construir uma cidade. A terra não dava seus frutos a Caim como lavrador, porém ele conseguiu trabalhar e construir *sobre a terra* e ser bem-sucedido. No entanto, Caim jamais deixou de ser um fugitivo, como indica o nome da terra onde se estabeleceu, que significa “vagar”. Sua cidadania não se encontrava no céu (Fp 3:20, 21), tampouco havia qualquer esperança de ele alcançar a cidade celestial (Hb 11:9-16). O único céu que Caim conheceu foi sua cidade na terra.⁷

Caim era casado antes de sair do Éden ou encontrou uma esposa durante suas viagens? Ele contou a sua mulher que havia assassinado o irmão? Não sabemos, mas certamente teve de explicar a marca que Deus havia colocado nele. Era natural Caim procurar uma esposa; não apenas desejava construir uma cidade como também queria constituir uma família. De que outra forma seu nome poderia ser lembrado senão por meio de seus descendentes? Caim não sabia que seu nome e seus atos perversos seriam escritos na Palavra de Deus para que todos lessem.

A esposa de Caim deu-lhe um filho, ao qual ele chamou Enoque, nome relacionado à palavra hebraica para “consagrado”. Caim deu à sua cidade o mesmo nome do filho, mas a Bíblia não diz a quem ou a que a cidade era consagrada. Seis gerações de Caim aparecem nas Escrituras (Gn 4:17-22), sendo que algumas delas são bem conhecidas.

Lameque foi o primeiro bígamo; também foi um homem arrogante e um homicida. Não se sabe o motivo pelo qual um rapaz o feriu e nem a forma como o fez. Mas por que matar um rapaz por ter ferido alguém? A menção que Lameque faz da proteção de Caim (v. 24) dá a entender que a história de Caim foi passada de geração em geração. Indica, ainda, que Lameque acreditava que a proteção de

Deus também se estendia a ele. Se Deus vingaria um homicida como Caim, então certamente vingaria Lameque por “defender-se”. Observe que Lameque deseja a proteção divina, mas não menciona o nome de Deus.

O povo da cidade de Enoque tinha várias ocupações. Alguns seguiam Jabal e tomavam conta de rebanhos (v. 20). Outros foram aprendizes de Jubal e dedicaram-se a confeccionar e a tocar instrumentos musicais (v. 21). Os seguidores de Tubalcaim eram artífices de metais (v. 22), o que sugere que confeccionavam implementos para lavradores, faziam ferramentas e armas pessoais. Caim viveu numa sociedade rica em cultura, manufatura e produção de alimentos. Os habitantes da cidade de Enoque tinham de tudo, exceto Deus.

Ao comparar a árvore genealógica de Caim com a de Sete (cap. 5), é impossível não observar a semelhança entre os nomes. Há um Enoque (4:18) e um Enoque (5:18), há um Meujael (4:18) e um Maalalel (5:12); um Metusael (4:18) e um Metusalém (5:21); e há um Lameque (4:18) e outro Lameque (5:25). O Lameque de Caim teve três filhos (Jabal, Jubal e Tubalcaim), e Noé, descendente do outro Lameque, teve três filhos (Sem, Cam e Jafé).

Qual o significado dessa semelhança de nomes? Talvez seja a maneira de Deus nos dizer que a linhagem perversa de Caim (que ainda existe) faz todo o possível para imitar a linhagem piedosa de Sete. Afinal de contas, Satanás é um falsificador. Ele pode imitar o nome de cristãos verdadeiros, *mas não pode criar os cristãos*. Há um Enoque nas duas genealogias, mas o Enoque de Caim não andou com Deus e nem desapareceu um dia e foi para o céu! (5:24). “Qual a importância de um nome?” Nenhuma, se você não conhece o Senhor e não pertence a ele!

O mais triste, porém, é que essas duas linhagens – a descendência perversa de Caim e a descendência piedosa de Sete – convergiram e uniram-se (Gn 6:1, 2). O muro de separação desabou, e isso acabou criando uma sociedade depravada cujos pecados trouxeram o juízo do dilúvio. Violência semelhante à de Lameque espalhou-se pela

Terra (vv. 5, 11, 12), e na época do dilúvio, apenas oito pessoas creram no aviso de Deus e agiram pela fé. O restante foi destruído.

A árvore genealógica de Caim termina com a família de Lameque (Gn 4:19-24), um homicida arrogante cujos três filhos produziam coisas para este mundo. A linhagem de Sete termina com Noé (“consolo”), cujos três

filhos deram ao mundo um recomeço depois do dilúvio. O mundo daquele tempo provavelmente admirava as realizações de Caim; Deus as eliminou da face da Terra.

“Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17).

1. SHAKESPEARE, William. *As You Like It*, Ato 2, cena 7, linha 139.
2. É comum ouvir que, se você não é filho de Deus, então, automaticamente, é filho do diabo. No entanto, eu questiono esse clichê evangélico. De acordo com Efésios 2:1-3, por natureza, nascemos “filhos da ira” e, por escolha, nos tornamos “filhos da desobediência”. Se rejeitarmos a justiça de Cristo e dependermos de nossa própria falsa devoção, então tornamo-nos “filhos do diabo”. Ver os comentários sobre Gênesis 3:15 no capítulo 5, seção 5.
3. Essa seqüência pode ser encontrada em 1 João 1:6, 8 e 10.
4. *O piedoso Abel (Mt 23:35) fala ao povo de Deus nos dias de hoje tanto por meio de seus sacrifícios (Hb 11:4) como por seu sangue derramado (Hb 12:24)*. Nessa última passagem, o escritor faz um contraste entre o sangue de Cristo e o sangue de Abel. O sangue de Abel representa a Terra, mas o sangue de Cristo representa o céu. O sangue de Abel clama por justiça, mas o sangue de Cristo refere-se à justiça satisfeita na cruz. O sangue de Abel declarou a culpa de Caim e transformou-o num errante, mas o sangue de Cristo representa a graça e o perdão e reconcilia com Deus o pecador que crê.
5. A placa do lado de fora da “Câmara da Destruição”, no museu do holocausto no Monte Sião em Jerusalém diz: “Ouça! O sangue de teu irmão clama!”
6. Não sabemos quantas pessoas habitavam a Terra naquela época, apesar de sermos informados de que Adão “teve filhos e filhas” (Gn 5:4). O pecado ainda não havia exercido todo o seu efeito sobre o corpo humano e o mundo natural, de modo que as pessoas viviam mais tempo e, provavelmente, eram mais férteis.
7. Não devemos imaginar que a “cidade” de Caim fosse como as nossas cidades modernas. Tratava-se de um assentamento de pessoas reunidas para ter ajuda e proteção mútuas. Algumas viviam em tendas, outras em habitações mais permanentes; talvez houvesse um muro para protegê-las.

QUANDO AS PERSPECTIVAS SÃO SOMBRIAS, TENTE OLHAR PARA CIMA

GÊNESIS 4:25 – 6:8

O pecado havia entrado na raça humana, e não demorou para a corrupção que originou se espalhasse e contaminasse a criação de Deus. Como um tumor canceroso, o mal infectou a civilização e, por onde passou, levou consigo a morte. Os vice-regentes de Deus na Terra, criados à imagem de Deus, não conseguiam nem administrar a própria vida, quanto mais a criação divina, e, logo, as coisas começaram a se desintegrar.

Esta seção de Gênesis abrange mais de mil e quinhentos anos da história humana, um período obscurecido pelo pecado e pela tristeza. No entanto, é quando a noite está mais escura que as estrelas brilham com mais intensidade; é quando as perspectivas são mais sombrias que olhar para cima nos alenta mais. Nesta seção, encontramos os nomes de treze pessoas, e quatro delas se destacam por estarem ligadas a algo especial que Deus fez para animar seu povo. São elas Sete, Enos, Enoque e Noé.

1. SETE – UM RECOMEÇO DE DEUS (GN 4:25; 5:1-5)

O único raio de esperança naquele tempo de escuridão era a promessa de Deus de que, um dia, um Redentor nasceria da mulher e venceria a serpente (Gn 3:15). No entanto, Abel estava morto, de modo que não podia gerar filhos; e Caim, o homicida incrédulo, havia deixado seu lar para construir uma cidade na terra de Node, a leste do Éden. A promessa de Deus iria mesmo se cumprir? De que modo?

Deus é soberano em todas as coisas, e seus planos não são frustrados pelos caminhos

insensatos e pecaminosos da humanidade. Pelo fato de ser o Deus soberano, “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11). “No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115:3). O Senhor permitiu que Eva concebesse e desse à luz um filho, ao qual ela chamou de Sete (“concedido”), pois Deus o escolheu para substituir Abel.

Gênesis 5 é a primeira genealogia das Escrituras e apresenta o “livro da genealogia de Adão” (v. 1). Nessa passagem, encontramos uma lista de dez gerações, desde Adão até Noé, assim como são apresentadas dez gerações entre Sem e Abraão nas “gerações de Sem” (Gn 11:10-26).¹ Em oito ocasiões, ao longo de Gênesis 5, encontra-se a expressão melancólica: “e morreu”, pois a morte havia passado a governar a humanidade por causa do pecado de Adão (Rm 5:12-17, 21). O pecado e a morte ainda reinam nos dias de hoje, mas, por intermédio de Jesus Cristo, podemos “reinar em vida” (Rm 5:17, 21).

Na história da Bíblia, em várias ocasiões, o nascimento de um bebê fez a diferença entre a derrota e a vitória para o povo de Deus. Foi durante os anos difíceis dos judeus no Egito que Moisés nasceu e tornou-se o libertador de seu povo (Êx 2:1-10). Quando a chama da profecia bruxuleava prestes a apagar-se, Samuel nasceu para conduzir Israel de volta à Palavra de Deus (1 Sm 1 - 3), e quando o reino estava se desintegrando sob o governo de Saul, Deus deu a Jessé um filho, chamado Davi, o homem escolhido por Deus para suceder Saul no reinado (Rt 4:18-22; 1 Sm 16). Num momento de grande degradação na história dos judeus, pela graça do Senhor, um menino deu continuidade à linhagem de Davi (2 Rs 11:1-3). Apesar dos ataques de Satanás e da desobediência do povo, Deus foi fiel, operando de modo a cumprir sua promessa de um Redentor.

O conhecimento desses fatos deve animar o povo de Deus, ao ver o mundo voltar-se cada vez mais para o pecado e para a rebelião. Deus é soberano, e seus propósitos não serão frustrados.

2. ENOS – CLAMANDO POR DEUS (GN 4:26; 5:6-11)

Sete estava com cento e cinco anos quando seu filho, Enos, nasceu (Gn 5:6). “Enos” significa “homem” e vem de uma palavra hebraica que quer dizer “frágil, fraco”. É o termo usado para identificar o ser humano que enfatiza quão frágeis e fracos somos.

Há algo extraordinário registrado em relação ao nascimento desse menino: naquela época, o povo começou a reunir-se para adorar a Deus, proclamar seu nome e orar.² Houve um reavivamento do culto público e das orações sinceras quando os descendentes de Sete passaram a reunir-se em nome do Senhor. Enquanto os descendentes perversos de Caim se vangloriavam de sua força e valentia (Gn 4:23, 24), os descendentes piedosos de Sete davam glórias ao nome do Senhor.

Ao longo de toda a história sagrada, foi o remanescente piedoso que sempre deu continuidade à obra do Senhor neste mundo. De tempos em tempos, a nação de Israel se perdeu na idolatria e na letargia espiritual, mas um remanescente de crentes foi levantado para manter a chama ardendo. Essas pessoas corajosas clamaram a Deus pedindo livramento, e ele as ouviu e respondeu às suas orações.

Depois do dilúvio, a pequena família de Noé foi o remanescente que Deus usou para popular a Terra. O profeta Elias pensava estar sozinho em seu serviço a Jeová, mas havia na Terra sete mil pessoas que continuavam fiéis ao Senhor (1 Rs 19:9-18). O autor do Salmo 119 fazia parte do remanescente fiel de sua época (v. 63), e os profetas escreveram sobre o remanescente fiel de seus dias (Is 10:20-23; 37:31, 32; Jr 11:23; Mq 4:7; Ml 3:16). Isaías deu a um de seus filhos o nome de “Um-Resto-Volverá” (Is 7:3) e, de fato, um remanescente voltou à sua terra depois do cativeiro na Babilônia. Deus usou essas pessoas para reconstruir o templo e a cidade de Jerusalém e para restaurar a nação judaica como entidade política.

Quantas pessoas são necessárias para que Deus possa realizar sua obra? Dez pessoas piedosas em Sodoma poderiam ter

salvo a cidade da destruição (Gn 18:16ss), e Jesus disse que estaria presente onde apenas dois ou três se reunissem em seu nome (Mt 18:20). Em Pentecostes, Jesus enviou o Espírito Santo para dar poder a cento e vinte cristãos, e Paulo evangelizou o império romano com um pequeno grupo de homens e mulheres inteiramente dedicados ao Senhor. Deus sempre esperou que o remanescente orasse, confiasse nele e realizasse sua obra.

Assim, quando a obra do Senhor parece estar fracassando, e você se sente como o único que restou para servir a Deus, lembre-se de Enos e do remanescente piedoso de sua época, que clamou ao Senhor. “Porque para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos” (1 Sm 14:6).

3. ENOQUE – ANDANDO COM DEUS (GN 5:12-27)

Pessoas como Cainã, Maalalel e Jared podem não parecer relevantes para a grande história da salvação divina, mas são elementos importantes, pois constituíram “elos vivos” na longa cadeia de gerações que se estendeu de Sete até o nascimento de Jesus Cristo. A promessa de Deus em Gênesis 3:15 jamais poderia ter-se cumprido não fosse pela fidelidade de muitas pessoas indistintas, que para nós não passam de nomes estranhos numa genealogia antiga.

Quando Enoque estava com sessenta e cinco anos, sua esposa deu à luz um filho, ao qual deram o nome de Metusalém (“homem do dardo”). Tratou-se de um ponto crítico na vida de Enoque, pois foi a partir de então que ele começou a andar com o Senhor (Gn 5:22, 24, NVI; ver 6:9). Será que a responsabilidade de criar um filho num mundo tão perverso desafiou Enoque a ponto de ele saber que precisava da ajuda do Senhor? Ou será que, quando o bebê nasceu, Deus deu a Enoque discernimento sobre o futuro para que ele soubesse que o dilúvio estava por vir? Não se pode dizer ao certo. No entanto, sabemos que a chegada dessa criança mudou a vida de Enoque.

O significado do nome Metusalém não é importante, mas sua vida longa, de no-

vecentos e sessenta e nove anos, sim. O dilúvio veio no ano em que Metusalém morreu!³ Talvez o Senhor tenha dado essa notícia a Enoque no dia em que o bebê nasceu, e ela tocou seu coração a tal ponto que ele começou a andar com o Senhor e a fazer a vontade de Deus. “Visto que todas essas coisas não de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade” (2 Pe 3:11). O fato de Jesus estar prestes a voltar, a fim de julgar o mundo, deve motivar o povo de Deus a viver em santidade e em serviço obediente (1 Jo 2:28 - 3:3).

A expressão melancólica “e morreu” não se aplica a Enoque, pois ele é um dos dois homens das Escrituras que não morreram. *Tanto Enoque quanto Elias foram levados para o céu ainda vivos* (2 Rs 2:1-11). Alguns estudiosos vêem nesse “arrebatamento” de Enoque antes do dilúvio um retrato da igreja sendo levada para o céu antes da tribulação que Deus enviará sobre a Terra (1 Ts 4:13 - 5:11).

Enoque foi levado ao céu “pela fé” (Hb 11:5). Ele creu em Deus, andou com Deus e foi para junto de Deus - um exemplo a ser seguido por todos nós. Imagine como deve ter sido difícil andar com Deus durante aqueles anos que antecederam o dilúvio, quando a libertinagem e a violência prevaleciam e apenas um remanescente cria em Deus (Gn 6:5). Mas a vida de fé de Enoque não era desenvolvida apenas em devoção particular, pois ele anunciou com ousadia que Deus viria para julgar o mundo por seus pecados (Jd 14, 15). O julgamento do dilúvio veio no tempo de Enoque; porém, o julgamento que ele estava anunciando ocorrerá quando Jesus Cristo voltar, liderando os exércitos dos céus e condenando Satanás e suas hostes (Ap 19:11ss). A vida e o testemunho de Enoque nos lembram de que é possível ser fiel a Deus em meio a uma “geração pervertida e corrupta” (Fp 2:15). Não importa quão tenebroso seja nosso tempo ou quão terríveis as notícias, pois temos a promessa da volta de nosso Senhor para nos encorajar e motivar a ser piedosos. Um dia, o pecado será julgado, e o povo de Deus será recompensado por sua fidelidade. Assim, temos

todo motivo para nos encher de coragem em nossa caminhada com Deus.

4. NOÉ - DESCANSO E CONSOLAMENTO DE DEUS (GN 5:28 - 6:8)

Apesar de o nome ser o mesmo, o Lameque da linhagem de Sete era completamente diferente do Lameque da linhagem de Caim (Gn 4:18-24). O Lameque de Sete teve um filho chamado Noé, que andava com Deus (Gn 6:9), e foi usado por Deus para salvar a raça humana e dar continuidade à promessa messiânica. O Lameque de Caim assassinou um rapaz que o havia ferido e, então, vangloriou-se de seu ato perverso relatando-o às suas esposas.

Esperança (5:28-32). A grande preocupação de Lameque era que a humanidade encontrasse consolo e descanso em meio a um mundo perverso, onde era necessário labutar e suar só para sobreviver. A vida era difícil, e a única esperança dos crentes sinceros era a vinda do Redentor prometido. Lameque chamou seu filho de Noé, nome que se parece com a palavra hebraica para “consolo”. Lameque orava para que, de alguma forma, seu filho trouxesse ao mundo o descanso e o consolo tão necessários. Séculos depois, pessoas exaustas ouviram a voz de Jesus dizer: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11:28).

Lameque tinha 682 anos e Noé 500 anos quando Jafé 8 o filho de Noé - nasceu. A lista de Gênesis 5:32 não apresenta os filhos em ordem de nascimento, pois Cam era o filho mais jovem de Noé (Gn 9:20-24) e Jafé o mais velho (Gn 10:21). A ordem de nascimento seria Jafé, Sem e Cam.

Condescendência (6:1-7). Depois do capítulo 3, Satanás não é mais mencionado pelo nome em Gênesis, mas ele e suas hostes demoníacas estavam se esforçando ao máximo para impedir o nascimento do Redentor prometido. Foi esse o propósito de Satanás ao longo de toda a história do Antigo Testamento. Afinal, ele não queria que sua cabeça fosse pisada pelo Salvador (Gn 3:15)! Deus havia declarado guerra contra Satanás, e o enganador pretendia resistir.

Um dos recursos mais bem-sucedidos de Satanás é a *condescendência*. Se ele consegue iludir o povo de Deus para que abandone sua posição privilegiada de separação do pecado e de comunhão com Deus, então pode corrompê-lo e levá-lo a pecar. Foi o que fez com Israel na terra de Moabe (Nm 25; Sl 106:28-31) e, também, depois da conquista de Canaã (Jd 2; Sl 106:34-48). Os profetas advertiram o povo de Deus para não condescender com a adoração idólatra dos pagãos a seu redor; a nação não deu ouvidos e sofreu uma vergonhosa derrota nas mãos de seus inimigos.

Qual era o plano de Satanás para derrotar o povo de Deus no tempo de Noé? Levar a linhagem piedosa de Sete ("os filhos de Deus") a misturar-se com a linhagem perversa de Caím ("as filhas dos homens") e, assim, abandonar sua devoção ao Senhor. Trata-se da mesma tentação enfrentada pelos cristãos dos dias de hoje: ter amizade com o mundo (Tg 4:4), amar o mundo (1 Jo 2:15-17) e conformar-se com o mundo (Rm 12:2), em vez de separar-se dele (2 Co 6:14 - 7:1). É claro que isso poderia levar o povo de Deus a ser "condenado com o mundo" (1 Co 11:32). Ló é um exemplo desse perigo (Gn 13; 19).

Alguns intérpretes consideram que Gênesis 6:1-7 trata de uma invasão de anjos caídos que coabitaram com mulheres e produziram uma raça de gigantes.⁴ No entanto, por mais interessante que seja essa teoria, ela cria mais problemas do que os resolve, sendo que uma das questões mais complicadas é a união de seres espirituais, sem corpo, com seres humanos de carne e osso. Mesmo que tais uniões tenham ocorrido, seria possível a geração de filhos? E por que seriam gigantes? Além disso, como esses "gigantes" (*nefilim*, "caídos") sobreviveram ao dilúvio (v. 4; Nm 13:31-33)? Será que houve outra invasão de anjos caídos depois do dilúvio?

De fato, o termo "filhos de Deus" refere-se a anjos em Jó 1:6; 2:1; 38:7; porém nesse caso, *não são anjos caídos*, mas sim anjos servindo fielmente a Deus.⁵ Mesmo que anjos caídos fossem capazes de aparecer em corpo humano, por que iriam querer casar-se

com mulheres e assentar-se na Terra? Certamente, suas esposas e vizinhos iriam notar algo de diferente neles e isso criaria problemas. Além do mais, a ênfase de Gênesis 6 é sobre o pecado do *homem* e não sobre a rebelião dos anjos. A palavra "homem" é usada nove vezes nos versículos 1-7, e Deus afirma claramente que o julgamento estava por vir graças a tudo o que os seres humanos haviam feito. "Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra" (v. 5).

O limite de cento e vinte anos expresso no versículo 3 provavelmente se refere aos anos que precederam o dilúvio. Deus é longânimo com os pecadores perdidos, mas chega um momento em que deve realizar seu julgamento. Durante aquele "período da graça", Noé preparou a arca e deu testemunho do julgamento vindouro (2 Pe 2:5), a mesma mensagem que Enoque havia transmitido ao longo de sua vida (Jd 14, 15). Deus transmitiu sua mensagem por meio de duas testemunhas, mas o povo não ouviu.

A palavra "gigantes", em Gênesis 6:4, é uma tradução do termo hebraico *nefilim*, que quer dizer "caídos". Alguns daqueles que aceitam a "teoria dos anjos" para o capítulo 6 acreditam que se tratava de anjos caídos, cujos filhos tornaram-se grandes líderes. Como vimos anteriormente, se esses *nefilim* fossem anjos em forma humana, ou eles sobreviveram ao dilúvio (pois os espias hebreus os viram em Canaã; Nm 13:31-33), ou então houve uma segunda invasão de "anjos caídos". As duas idéias parecem um tanto inacreditáveis.

A interpretação mais provável para Gênesis 6:4 é que Deus considerava as pessoas daquele tempo "caídas", enquanto os homens viam-nas como grandes líderes. Ainda hoje, muitas das coisas admiradas pelo mundo são rejeitadas pelo Senhor (Lc 16:15). Quando os descendentes de Sete condescenderam e se misturaram com os cananeus, perderam a bênção de Deus. O Senhor entristeceu-se por eles se casarem com as perversas descendentes de Caím, escolhendo esposas como bem desejavam, sem levar em consideração a vontade de Deus (Gn 6:2). Ao fazê-lo, colocaram em

perigo o cumprimento da promessa de Gênesis 3:15, pois de que modo Deus poderia trazer um Redentor ao mundo por meio de um povo que não era santo? As pessoas daquele tempo “Casavam-se e davam-se em casamento” (Mt 24:37-39) e não deram atenção alguma às advertências de Enoque e de Noé a respeito do julgamento vindouro. A história humana chegou a um ponto em que somente Noé e sua família – oito pessoas – acreditavam em Deus e obedeciam à sua Palavra. O Espírito de Deus lutava para alcançar as pessoas perdidas, mas elas resistiam ao chamado do Senhor, entristecendo-o profundamente com seus atos.⁶

Para uma descrição da civilização daquele tempo, leia Romanos 1:17ss. A perversidade do homem era grande, e toda a imaginação de todos os seus pensamentos era *exclusiva* e *continuamente* perversa. Assim, não é de se surpreender que Deus resolvesse enviar seu julgamento.

Graça (v. 8). A única maneira de as pessoas serem salvas da ira de Deus é pela graça divina (Ef 2:8, 9). No entanto, a graça de Deus não é uma recompensa por uma vida boa: é a resposta de Deus à fé salvadora. “Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca

para a salvação da sua casa” (Hb 11:7). A verdadeira fé envolve todo o ser interior da pessoa: a mente compreende a advertência de Deus; o coração teme o que está por vir; e a iniciativa leva à ação em obediência à Palavra de Deus.

Entender a Palavra de Deus e não agir de acordo com ela não é fé bíblica, mas apenas uma aceitação intelectual da verdade religiosa. Ser emocionalmente tocado sem compreender a mensagem de Deus não é fé, pois a verdadeira fé baseia-se num entendimento da verdade (Mt 13:18-23). Ter a mente esclarecida e o coração tocado, mas não agir em obediência à mensagem não é fé, pois “a fé sem obras é morta” (Tg 2:14-26). A mente, o coração e a iniciativa fazem parte da verdadeira fé bíblica.

Todos os remidos foram salvos do pecado “pela graça, mediante a fé”, e isso inclui as pessoas de valor do Antigo Testamento que aparecem em Hebreus 11. Ninguém jamais foi salvo por levar um sacrifício a Deus (Hb 10:1-4; Sl 51:16, 17), por obedecer à lei (Gl 2:16) ou por fazer boas obras (Rm 4:5). A salvação é um dom de Deus, em sua graça, que pode ser rejeitado ou aceito pela fé. Assim como Noé, devemos todos encontrar “graça diante do SENHOR” (Gn 6:8).

1. Alguns estudiosos do Antigo Testamento nos advertem a não estruturar uma cronologia bíblica muito rígida tomando por base exclusivamente as listas encontradas em Gênesis 5, 10 e 11. A comparação com outras genealogias nas Escrituras indica que essas listas podem não ser completas. O fato de as genealogias, tanto em Gênesis 5 quanto 11, apresentarem dez gerações sugere que pode tratar-se de um padrão artificial (ver também Rt 4:18-22). Além do mais, os povos semitas da Antiguidade usavam o termo “pai” para referir-se a qualquer antepassado do sexo masculino.
2. A palavra hebraica traduzida como “invocar” tem o sentido de orar a Deus e de proclamar seu nome em adoração. Essa expressão também pode ser traduzida por: “os homens começaram a se chamar pelo nome do Senhor”. É provável que os três sentidos sejam válidos: os crentes que restaram reuniam-se para adorar a Deus e orar, pedindo sua ajuda e, com o tempo, passaram a identificar-se como portadores do nome dele.
3. Ao somar-se a idade de Metusalém, Lameque e Noé quando seus filhos mais velhos nasceram (187 + 182 + 500), acrescentando a isso os cem anos entre Gênesis 5:32 e 7:11, tem-se um total de 969 anos.
4. Ver PEMBER, G. H. *As eras mais primitivas da Terra* (Editora dos Clássicos) e os escritos de BULLINGER, E. W., especialmente *The Companion Bible* (The Lamp Press) e *How to Enjoy the Bible* (Londres: Eyre and Spottiswoode, 1928). James M. Gray também defende a “teoria dos anjos” em sua obra *Christian Worker's Commentary* (reimpressão, Kregel). Para uma refutação competente da “teoria dos anjos”, ver Sidlow Baxter, *Studies in Problem Texts* (Zondervan). A teoria é resultado da manipulação de algumas passagens difíceis de interpretar (Jd 6, 7; 1 Pe 3:19, 20; 2 Pe 2:4-9) e a omissão de alguns princípios fundamentais de hermenêutica.

-
5. "Filhos de Deus" também pode referir-se a seres humanos. Ver Deuteronômio 14:1; Salmo 82:6; Isaías 43:6; Oséias 11:1.
 6. Deus, o Pai, entristeceu-se com o pecado dos seres humanos aqui na Terra (Gn 6:6); Deus, o Filho, entristeceu-se com a dureza do coração das pessoas religiosas (Mc 3:5); e Deus, o Espírito, pode ser entristecido pelo pecado dos santos (Ef 4:38).
-

UM HOMEM E SUA FÉ, UM HOMEM E SUA FAMÍLIA

GÊNESIS 6:9 – 7:24

Exceto pelo aumento na criminalidade e na violência, as coisas iam bem. As pessoas estavam “comendo, bebendo e dando-se em casamento” (Mt 24:38), e a vida prosseguia como de costume. Quando os amigos se encontravam nas festas de casamento ou no mercado, riam de Noé e de sua família (“Imagine só, construir um barco enorme em terra seca!”), comentavam sobre Metusalém, o homem mais velho do mundo (“Pode crer que um dia desses ele morre!”) ou falavam sobre Enoque, o homem que havia desaparecido de repente (“A coisa mais estranha que eu já vi!”).

Metusalém era avô de Noé, e Noé sabia que, quando ele morresse, não haveria nada que impedisse o julgamento de Deus sobre o mundo perverso. Havia mais de um século, Noé falava às pessoas a respeito do julgamento iminente, mas apenas sua própria família havia crido nele e confiava no Senhor.

Então, Metusalém faleceu, e as coisas começaram a acontecer. Um dia, Noé e sua família entraram em seu “barco” e vieram as chuvas. (“Ela não pode durar para sempre”, dizia o povo. “Um dia desses ela pára...”.) Mas choveu durante quarenta dias e quarenta noites, e explosões subterrâneas liberaram ainda mais água na superfície da terra. Até mesmo depois que a chuva parou, a água continuou a subir e, em cinco meses, a terra toda encontrava-se submersa, e todo ser que respirava estava morto. As únicas exceções eram Noé e sua família, as oito pessoas das quais todos haviam zombado.

Que tipo de pessoa era Noé? Ele era o tipo de pessoa que você e eu devemos ser ao viver em nosso mundo de hoje.

1. UM HOMEM CRENTE QUE ANDAVA COM DEUS (GN 6:9-13)

“Porém Noé achou graça diante do SENHOR” (v. 8). Essa é a frase que introduz a terceira história de “gerações” em Gênesis: “Eis a história de Noé” (v. 9). Noé não foi um pequeno coadjuvante na história da redenção; ele é citado cinquenta vezes em nove livros da Bíblia.

Noé era um homem justo (v. 9; 7:1).

Essa é a primeira vez que a palavra “justo” aparece na Bíblia, mas a justiça de Noé também é mencionada em outras passagens (Ez 14:14, 20; Hb 11:7; 2 Pe 2:5). A justiça de Noé não vinha de suas boas obras; eram suas boas obras que vinham de sua justiça. Sua justiça, como a de Abraão, era uma dívida de Deus em resposta à sua fé pessoal. Tanto Abraão quanto Noé creram na Palavra de Deus, “e isso lhe[s] foi imputado para justiça” (Gn 15:6; ver Hb 11:7; Rm 4:9ss; Gl 3:1ss).

A única justiça que Deus aceita é a justiça de Jesus Cristo, seu Filho (2 Co 5:21), e a única forma de as pessoas receberem essa justiça é pela confissão de seus pecados e pela fé na salvação em Jesus Cristo (Rm 3:19-30; Gl 2:16). Noé deve ter aprendido essa verdade importante com seu pai, Lameque (Gn 5:28, 29), o qual, por sua vez, aprendeu-a com Metusalém, que a ouviu de Enoque. Como é importante ensinar nossos filhos e netos a confiar no Senhor!

Noé era um homem íntegro (v. 9). Se o adjetivo “justo” descreve a situação de Noé diante de Deus, então “íntegro” descreve sua conduta diante das pessoas. “Íntegro” não significa “sem pecado”, pois, exceto Jesus Cristo, ninguém viveu aqui na Terra sem pecado algum (1 Pe 2:21, 22). Essa palavra significa “íntegro, irrepreensível, imaculado”. Esse termo era usado para descrever os animais aceitáveis a Deus como sacrifício (Êx 12:5; Lv 1:3, 10). A conduta de Noé era tal que seus vizinhos não tinham como encontrar nele qualquer motivo de repreensão (Fp 2:12-16).

A pessoa correta diante de Deus pela fé em Cristo deve levar uma vida reta diante das pessoas, pois “a fé sem obras é morta”

(Tg 2:14ss). Paulo advertiu sobre “insubordinados, palradores frívolos e enganadores [...] no tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras” (Tt 1:10, 16). Noé não era esse tipo de pessoa.

Ele era um homem que andava com Deus (Gn 6:9). Seu bisavô, Enoque, havia “andado com Deus” e tinha sido repentinamente levado para o céu e salvo do julgamento vindouro do dilúvio (Gn 5:24). Noé andou com Deus e foi mantido em segurança durante o julgamento. Enoque foi exemplo de uma vida consagrada para Metusalém. É provável que Metusalém tenha passado valores piedosos para o filho, Lameque, que os transmitiu a Noé. Como é maravilhoso quando, geração após geração, uma família é fiel ao Senhor, especialmente num momento da história em que a corrupção e a violência fazem parte do modo de vida comum.

A vida de fé e obediência é comparada com uma “caminhada” que começa com um passo: crer em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Esse passo de fé conduz a uma jornada diária, um passo de cada vez, à medida que o Senhor nos guia. Ele diz que devemos “andar em amor” (Ef 5:2), “andar como filhos da luz” (v. 8), “andar no Espírito” (Gl 5:16, 25) e “andar prudentemente” (Ef 5:15). Um passo de cada vez, um dia de cada vez, andamos com o Senhor, e ele nos conduz à sua vontade e nos abençoa com sua sabedoria e força.

Noé era um homem obediente (Gn 6:22; 7:5, 16). Uma das principais mensagens das Escrituras é que não devemos apenas ouvir a Palavra de Deus, mas também lhe obedecer (Tg 1:22-25). Pelo fato de Noé ter sido obediente ao Senhor, sua “casa” não foi destruída quando veio a tempestade (Mt 7:24-27). Não foi fácil para Noé e sua família obedecer ao Senhor, pois o resto do povo era desobediente e rebelde à vontade de Deus. De acordo com Enoque, eram pessoas ímpias, cometendo impiamente obras de impiedade e proferindo palavras insolentes contra o Senhor Deus (Jd 15).

Quer seja associada à abstinência sexual, ao uso de álcool e de drogas ou à participação em gangues e infrações da lei, hoje em

dia ouvimos falar muito da “pressão social”. Essa é a desculpa para todo tipo de comportamento ilegal e imoral, desde sonegar impostos até trair o cônjuge. No entanto, ao longo da história, todos aqueles que desenvolveram um caráter piedoso tiveram de lutar contra essa pressão da sociedade a seu redor. Foi o que aconteceu com Noé e sua família, com Abraão e sua família, com Moisés no Egito (Hb 11:24-26) e Daniel e seus amigos na Babilônia (Dn 1). Resistir à pressão dos colegas e amigos significa não apenas dizer um “não” categórico às pessoas, mas também um “sim” consagrado ao Senhor (Rm 12:1, 2).

A maioria das pessoas sabe que Noé construiu uma arca. O que provavelmente não sabem, porém, é que ele construiu um caráter piedoso e uma família temente a Deus. Se não fosse pela família devota de Noé, Abraão não teria nascido. Sem Abraão, teria havido uma nação judaica, a Bíblia e o Salvador?

2. UM HOMEM FIEL QUE TRABALHAVA PARA DEUS (GN 6:14-22)

“A intimidade do SENHOR é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Sl 25:14). Quando você anda com Deus, ele fala com você por meio da Palavra dele e lhe diz o que precisa saber e o que deve fazer. Os cristãos são mais do que simples servos que fazem a vontade do Senhor; também são amigos de Deus, que conhecem seus planos (Jo 15:14, 15). O plano de Deus para Noé e sua família envolvia três responsabilidades.

Construir uma arca (vv. 14-17). Deus disse a Noé qual era sua tarefa: construir uma embarcação de madeira que sobreviveria às águas do dilúvio e manteria Noé e sua família em segurança. Se o côvado citado era a medida padrão de aproximadamente meio metro, então a embarcação tinha cento e cinquenta metros de comprimento, vinte e cinco de largura e quinze de altura. Possuía três conveses, uma porta e uma série de pequenas janelas, meio metro abaixo do teto, que ofereciam iluminação e ventilação. Os três conveses eram divididos em compartimentos

(Gn 6:14), onde seriam mantidos os diversos animais e onde Noé e sua família iriam morar.

A embarcação foi projetada para boiar. Era uma enorme caixa de madeira que podia flutuar na água e manter seu conteúdo seguro e seco. De acordo com os cálculos do Dr. Henry Morris, a arca era grande o suficiente para abrigar o conteúdo de quinhentos vagões ferroviários de gado, oferecendo espaço para cerca de cento e vinte e cinco mil animais. É claro que muitos deles eram bem pequenos e não precisavam de muito espaço. Quanto às grandes espécies, sem dúvida Noé juntou representantes mais jovens e menores.¹ Havia espaço suficiente na embarcação para levar alimento tanto para as pessoas quanto para os animais (v. 21), e os insetos e criaturas pequenas não teriam problema em encontrar um lugar para viver na arca.

Confiar na aliança de Deus (v. 18). Essa é primeira vez que a palavra *aliança* é usada na Bíblia. O termo aparece com frequência nas Escrituras, pois o conceito de aliança constitui parte importante do grande plano redentor divino (Deus explicou seu plano de aliança a Noé depois que ele saiu da arca; Gn 8:20 - 9:17). Uma aliança é um acordo que implica obrigações e benefícios para as partes envolvidas. Em algumas alianças, Deus é a única "parte pactual" e faz promessas incondicionais a seu povo. No entanto, também houve alianças que requereram do povo preencher certas condições antes de receber a bênção de Deus.

As palavras de Deus em Gênesis 6:13-21 são dirigidas especificamente a Noé, mas Deus também incluiu a família de Noé na aliança (v. 18). Noé teve seu primeiro filho só aos quinhentos anos de idade (Gn 5:32) e entrou na arca quando estava com seiscentos anos (Gn 7:6). Assim, seus três filhos ainda eram "jovens" para os padrões da época anterior ao dilúvio. Cam era o filho mais novo (Gn 9:24) e Jafé o mais velho (Gn 10:21), e os três rapazes eram casados (Gn 7:13).²

O fato de Deus haver feito uma aliança prometendo cuidar de Noé e de sua família deu-lhes a paz e a segurança de que

precisavam enquanto preparavam a arca e, depois, quando moraram dentro dela por mais de um ano. Deus é fiel em cumprir suas promessas e, como povo da aliança de Deus, aqueles oito crentes não tinham nada a temer.

Juntar os animais (vv. 19-22). Deus não desejava preservar apenas os seres humanos da destruição, mas também todo tipo de criatura que se afogaria nas águas do dilúvio. Mas como Noé juntaria um número tão grande de animais, aves e insetos? Deus faria com que as criaturas fossem até Noé (v. 20; 7:8, 15) e, então, Noé as conduziria para dentro da arca (Gn 6:19). Isso incluía não apenas os pares de animais impuros que *podiam se reproduzir depois do dilúvio*, como também sete pares de animais puros, sendo que alguns deles deviam ser usados para sacrifícios (Gn 8:20; 9:3). Além de aprender sobre a fidelidade de Deus, Noé e sua família viram a soberania de Deus em ação.

Em seu poder soberano, Deus levou os animais até Noé e seus filhos e controlou-os de modo que obedecessem à sua vontade. No entanto, a demonstração extraordinária do poder de Deus não tocou o coração dos vizinhos de Noé, e eles pereceram no dilúvio. As aves, animais e insetos conheciam a voz do seu Criador e lhe obedeceram, mas o povo feito à imagem de Deus recusou-se a ouvir o chamado de Deus. Séculos depois, Deus diria por meio de seu servo Isaías: "O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende" (Is 1:3).

Ao longo de todas essas atividades importantes, Noé estava servindo ao Senhor e dando testemunho em um mundo cheio de pecado. Durante cento e vinte anos (Gn 6:3), Deus foi longânimo para com os pecadores indiferentes e rebeldes. Eles, porém, ignoraram sua mensagem e perderam a oportunidade de salvação.

3. UM HOMEM SEGURO QUE ESPERAVA EM DEUS (GN 7:1-24)

"Não sejas como o cavalo ou a mula", admoestou o Senhor no Salmo 32:9, e Noé

obedeceu a essa admoestação. Por vezes, o cavalo quer correr à frente impetuosamente e a mula quer arrastar-se obstinadamente e ficar para trás. Noé, porém, andou com o Senhor, trabalhou para ele e deixou que Deus operasse a seu tempo.

Uma semana de espera (vv. 1-10). Tendo em vista que as chuvas começaram no décimo sétimo dia do segundo mês (Gn 7:11), foi no décimo dia do segundo mês que, em obediência às instruções de Deus, Noé e sua família se mudaram para a arca (v. 1). Durante aquela última semana antes do dilúvio, terminaram de reunir os animais e de estocar os suprimentos. Seguiram as instruções do Senhor, confiaram em sua promessa pactuada, sabendo que não havia nada a temer.

Davi observou uma tempestade se aproximando e, a partir dessa experiência, escreveu um hino contando como havia visto e ouvido Deus naquela tempestade. Ao refletir sobre o que havia acontecido, Davi pensou na tempestade no tempo de Noé, a chuva mais conhecida da história, e escreveu: “O SENHOR preside aos dilúvios; como rei, o SENHOR presidirá para sempre” (Sl 29:10). A chuva violenta, o estrondo dos trovões e o lampejo dos raios lembraram Davi da soberania de Deus. Não importa quão grande seja a tempestade da vida, Deus ainda está no controle levando tudo a cooperar para o bem. Por isso, Davi terminou seu hino dizendo: “O SENHOR dá força ao seu povo, o SENHOR abençoa com paz ao seu povo” (Sl 29:11).

No final daquela última semana de preparativos, Noé e sua família obedeceram à ordem de Deus e entraram na arca. Então, Deus fechou e trancou a porta (Gn 7:16). Eles não sabiam quanto tempo iriam passar dentro da arca, mas o Senhor conhecia todas as coisas, e era isso o que importava. “Nas tuas mãos estão os meus dias” (Sl 31:15). Um ano e dez dias depois, ele abriu a porta e convidou-os a sair e viver na terra que havia acabado de purificar (Gn 8:16).

O dia do acerto de contas (vv.11-24). O dilúvio foi o julgamento de Deus para um mundo perverso. Deus abriu as comportas do céu, fez cair chuvas torrenciais e “romperam-se

todas as fontes do grande abismo” (v. 11), de modo que até mesmo as montanhas mais altas foram cobertas pelas águas (v. 20). Deus havia esperado durante mais de um século para que os pecadores se arrependessem, e agora era tarde demais. “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto” (Is 55:6).

A chuva cessou depois de quarenta dias, correspondendo ao vigésimo sétimo dia do terceiro mês (Gn 7:12). No entanto, as águas continuaram a subir por mais cento e dez dias e chegaram a seu ponto mais elevado depois de cento e cinquenta dias (v. 24). Então, a arca foi parar no pico do monte Ararate (Gn 8:4). Foi preciso que se passassem mais cento e cinquenta dias para que as águas baixassem (v. 3), o que nos leva ao décimo segundo mês, décimo sétimo dia. Dois meses e dez dias depois, Noé e sua família saíram da arca e libertaram os animais (v. 14). Desde o dia em que Deus os havia trancado na embarcação, tinham passado dentro dela um ano e dez dias.

Um julgamento universal. Nos últimos anos, há quem tente adaptar as Escrituras às idéias da ciência moderna optando por um dilúvio “limitado” e não universal. Sugere-se que o escritor de Gênesis usou uma “descrição do aparente”, falando somente daquilo que podia ver.

Há certas dificuldades nos dois pontos de vista, mas a interpretação “limitada” parece ser a menos lógica das duas.³ A linguagem clara do texto indica que Deus estava enviando um julgamento universal. Referindo-se à destruição de seres humanos e de animais, Deus disse: “farei desaparecer da face da terra” (Gn 6:7)⁴, e declarou que destruiria “todos os seres que [fez]” (Gn 7:4, 21-23; 8:21). Se as montanhas ficaram cobertas de modo que a arca pôde boiar até o pico do monte Ararate, então o planeta todo deve ter ficado completamente submerso (Gn 7:18-20). Uma pessoa, lendo Gênesis 6 - 9 pela primeira vez, concluiria que o dilúvio foi universal.

No entanto, se o dilúvio não foi universal, por que Deus deu o arco-íris como sinal universal de sua aliança (Gn 9:11-15)? Por

que o povo de uma só região precisaria de um sinal como esse? Além disso, se o dilúvio foi um acontecimento local, por que Deus ordenou a Noé que construísse uma embarcação tão grande para salvar sua família e os animais? Certamente não foi por falta de tempo que Noé não reuniu sua família e os animais daquela região e levou-os a um lugar que não seria atingido pelo dilúvio.⁵

Deus prometeu que nunca mais mandaria outro dilúvio como aquele (vv. 8-17). Porém, se o dilúvio foi apenas um acontecimento local, Deus não cumpriu sua promessa! Ao longo dos séculos, houve diversas enchentes locais, sendo que algumas delas causaram morte e devastação em regiões inteiras. Só em 1996, uma grande enchente no Afeganistão durante o mês de abril deixou três mil pessoas desabrigadas; em julho, cheias em Bangladesh destruíram as casas de mais de dois milhões de pessoas. Em julho e agosto, os rios Amarelo, Yangtze e Hai inundaram nove províncias da China, matando duas mil pessoas. Se o dilúvio de Noé foi um acontecimento local como essas enchentes, então a promessa de Deus e o arco-íris como sinal da aliança não têm qualquer significado.

A simples leitura do texto nos convence de que o dilúvio foi um julgamento universal, “porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho [de Deus] na terra” (Gn 6:12). Não sabemos o quanto a civilização havia se espalhado pelo planeta, mas aonde quer que os seres humanos tivessem ido, havia pecado que precisava ser julgado. O dilúvio testemunha o pecado universal e o julgamento universal.

Tanto Jesus quanto Pedro usaram o dilúvio para ilustrar acontecimentos futuros que irão abranger o mundo todo; a volta de Cristo (Mt 24:37-39; Lc 17:26, 27) e o julgamento de fogo em toda a Terra (2 Pe 3:3-7). Se o dilúvio foi apenas local, essas analogias são falsas e enganosas. Pedro também escreveu que Deus não poupou “o mundo daquele tempo” quando enviou o dilúvio, o que deixa implícito um território muito mais extenso do que uma área limitada.

Uma família paciente. Apesar da destruição do lado de fora, Noé, sua família e os animais estavam seguros dentro da arca. Não importava como eles se sentiam ou quanto a arca era lançada de um lado para o outro pelas águas, estavam seguros dentro da vontade de Deus. Aguardaram pacientemente até que Deus completasse seu trabalho e os colocasse de volta em terra seca. Noé e sua família passaram um ano e dezessete dias na arca e, ainda que tivessem tarefas diárias a cumprir, isso é um bocado de tempo para ficar fechado num lugar só. Porém, é “pela fé e pela longanimidade” (Hb 6:12; 10:36) que herdamos as bênçãos prometidas de Deus, e Noé estava disposto a esperar no Senhor.

Pedro viu na experiência de Noé uma ilustração da salvação pela fé em Jesus Cristo (1 Pe 3:18-22). No tempo de Noé, a Terra foi submergida em água, mas a arca boiou e levou Noé e sua família a um lugar seguro. Para Pedro, essa era uma imagem do batismo: morte, sepultamento e ressurreição. A Terra estava “morta” e foi “sepultada” pelas águas, mas a arca elevou-se (“ressurreição”), a fim de transportar aquela família em segurança.⁶ Jesus morreu, foi sepultado e ressuscitou, e, por meio dessa obra completada por ele, temos a salvação do pecado. Pedro deixa claro que a água do batismo não purifica do pecado. Somos batizados em obediência ao Senhor (Mt 28:19-20), e é essa obediência que purifica nossa consciência de modo que possamos estar em ordem diante de Deus.

Nas palavras do intérprete britânico Alexander Maclaren:

Durante cento e vinte anos, os zombadores riram, as pessoas de “bom senso” imaginaram o que estaria acontecendo e o santo paciente prosseguiu, martelando e cobrindo de piche sua arca. Porém, numa certa manhã, a chuva começou e, aos poucos, de algum modo Noé não parecia mais tão tolo. A zombaria já não era mais a mesma quando as águas chegaram à altura dos joelhos e o sarcasmo enroscou-se em sua garganta enquanto se afogavam.

As coisas são sempre assim. E serão assim no último grande dia. Quando o futuro transformar-se em presente e o presente se transformar em passado e desaparecer para sempre, ficará evidente que os homens que viveram em função do futuro, pela fé em Cristo, são sábios,

enquanto aqueles que não tiveram nenhum objetivo além das coisas temporais, que desaparecem no horizonte melancólico, despertarão tarde demais para a convicção de que estão fora da arca de segurança, e que seu verdadeiro epitáfio será: “És tolo”.⁷

1. MORRIS, Henry M. *The Genesis Record*. Baker, 1976, p.180ss. Ver também Henry M. MORRIS, e John Whitcomb, Jr. *The Genesis Flood*. Baker, 1967 e Henry M. Morris. *Studies in the Bible and Science*. Baker, 1966.
2. Os três rapazes normalmente são identificados como filhos de Noé e não pelos seus nomes (Gn 6:18; 7:7; 8:16, 18; 9:1, 8). Em momento algum nos é dito o nome da esposa de Noé ou de suas três noras. A aliança de Deus com Noé incluía todos os membros de sua família.
3. Para uma discussão equilibrada sobre os dois pontos de vista, tendendo para a idéia de um dilúvio limitado, ver Ronald F. Youngblood. *The Book of Genesis: An Introductory Commentary*. 2. ed. Baker, 1991, capítulo 10.
4. Apesar de ser verdade que a palavra hebraica que identifica o planeta Terra também pode significar um território limitado, isso não se enquadra nas declarações universais do texto, como as que encontramos em Gênesis 6:12, 13, em que Deus promete exterminar “toda a carne”, e em 7:4, em que se refere à destruição de “todos os seres que [fez]”.
5. Argumentar em favor da idéia de que a arca era um “testemunho para o povo” implica ignorar o que Deus disse sobre a arca, sobre seu propósito de manter as pessoas e os animais vivos durante o dilúvio (Gn 6:19, 20; 7:23). Apesar de a construção da arca certamente ter chamado a atenção, o texto não menciona, em momento algum, que a arca serviu de testemunho para os perdidos.
6. O batismo do Novo Testamento era por imersão, retratando a identificação do cristão com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição (Rm 6).
7. MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scripture*. Baker, 1974, v. 1, p. 84.

O DEUS DOS RECOMEÇOS

GÊNESIS 8

Quando cristãos ansiosos buscam na Bíblia alguma palavra de encorajamento, é bem mais provável que abram em Romanos 8 do que em Gênesis 8. Afinal de contas, Romanos 8 é um dos capítulos mais encorajadores das Escrituras, enquanto Gênesis 8 descreve a operação de “limpeza” que Deus realizou depois do dilúvio.

No entanto, da próxima vez que você se vir em meio a uma tempestade, o texto de Gênesis 8 pode lhe dar nova esperança e ânimo. Isso porque o tema desse capítulo é a restauração e o descanso depois da tribulação. O capítulo relata o final de uma tempestade e o começo de uma nova vida e esperança para o povo e a criação de Deus. Reflita sobre o que Deus faz em Gênesis 8 e tenha bom ânimo!

1. DEUS SE LEMBRA DOS SEUS (GN 8:1A)

É fácil sentir-se abandonado quando passamos por tempestades. “Acho que o Senhor se esqueceu de mim”, disse uma senhora cristã que eu visitava no hospital.

Em sua mente, ela era capaz de se lembrar de Hebreus 13:5 e de citar essa passagem (“De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei”); mas, em seu coração, sentia-se só e abandonada. Onde estava o Deus dela? Quando aquela tempestade chegaria ao fim?

A sensação de abandono é uma emoção humana normal que quase todos nós já experimentamos, quer admitamos quer não. “Por que, SENHOR, te conservas longe?”, perguntou o salmista. “[Por que] te escondes nas horas de tribulação?” (Sl 10:1). Paulo confessou que suas dificuldades na

Ásia tinham sido tão graves que ele havia quase desistido da vida (2 Co 1:8), e Jesus, que passou por todas as provocações humanas, clamou da cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27:46). Sentir-se desamparado não é nenhuma novidade para o povo de Deus; mas, então, é possível lembrar-se da canção:

Deus no trono ainda está,
E dos seus se lembrará!

O termo “lembrar-se”, em Gênesis 8:1, não significa trazer à memória alguma coisa que se havia esquecido. Deus não se esquece de nada, pois ele conhece todas as coisas do princípio ao fim. Antes, o termo significa “atentar para, cumprir uma promessa e realizar um gesto em favor de alguém”. Deus promete, por exemplo: “Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre” (Hb 10:17), e com isso quer dizer que não usará essas iniquidades contra nós, tratando-nos como pecadores. Sem dúvida Deus sabe o que fizemos. No entanto, em função de nossa fé em Jesus Cristo, nossos pecados são “esquecidos”. Deus nos trata como se esses pecados jamais tivessem sido cometidos! O Senhor não considera mais esses pecados como testemunhas contra nós.

Lembrar-se significa agir em favor do outro. Deus lembrou-se de Abraão e salvou Ló da destruição de Sodoma (Gn 19:29). O Senhor lembrou-se tanto de Raquel quanto de Ana e permitiu que concebessem e tivessem filhos (Gn 30:22; 1 Sm 1:11, 19). O Senhor lembrou-se de sua aliança e livrou seu povo do cativeiro no Egito (Êx 2:24; 6:5). “Lembrar-se” deixa implícito um compromisso anterior de Deus e anuncia o cumprimento de sua promessa.¹ Noé, sua família e os animais haviam passado um ano juntos na arca, o que é um bocado de tempo para tanta “proximidade”. Será que perderam a paciência uns com os outros e com os animais? Não há registro algum de que Deus tenha falado com eles depois que os fechou dentro da arca, de modo que talvez alguém da família sentisse um temor

passageiro, de vez em quando, ao pensar que talvez Deus não se importasse mais com eles.

Deus não apenas se lembrou de Noé e de sua família, como também se lembrou dos animais que estavam com eles na arca.² Deus poupou essas criaturas para que pudessem viver no mundo renovado e reproduzir-se, cada uma segundo sua espécie. Deus desejava que suas criaturas desfrutassem a terra e contribuíssem para a alegria das pessoas que ele havia criado à sua própria imagem. Como veremos mais adiante, os animais foram incluídos na aliança de Deus com Noé.

Podemos estar certos de que Deus jamais se esquece de seu povo nem o abandona – não apenas em função de suas promessas,³ mas também por causa de seu caráter. Deus é amor, e onde há amor, há fidelidade. Ele jamais pode negar-se a si mesmo ou à sua Palavra, pois Deus é fiel. Ele jamais pode mudar, pois é imutável. Pelo fato de ser perfeito, é impossível Deus mudar para melhor, e pelo fato de ser santo, é impossível mudar para pior. Não importa como nos sentimos, podemos depender de Deus em toda e qualquer circunstância.

2. DEUS RENOVA SEU MUNDO (GN 8:1B-14)

De acordo com Gênesis 7:24, o dilúvio chegou a seu auge em cento e cinquenta dias. A chuva torrencial e as erupções subterrâneas de água cessaram (Gn 8:2), e durante os cinco meses seguintes, Deus fez com que a água baixasse, deixando para trás a terra seca.

Para onde foram as águas do dilúvio? Jamais subestime a força da água em movimento! É possível que o dilúvio tenha alterado de modo significativo os contornos da superfície terrestre bem como de suas regiões subterrâneas.⁴ Uma vez que houve erupções abaixo da superfície da Terra (Gn 7:11), é possível que cadeias de montanhas e continentes inteiros tenham surgido e desaparecido, criando enormes regiões para onde a água pudesse escoar. Os ventos que Deus enviou à Terra ajudaram a evaporar a água e também a colocá-la no lugar que Deus havia providenciado para ela. Um Deus

poderoso o suficiente para cobrir a terra de água também é sábio o suficiente para livrar-se dela uma vez concluído o seu trabalho.

Séculos depois, os ventos do Senhor sopraram para o Egito a praga de gafanhotos e, depois, levaram-nos até o mar (Êx 10:10-20). O vento de Deus também abriu o mar Vermelho, criando um caminho em terra seca para o povo de Israel quando este estava deixando o Egito (Êx 14:21, 22; 15:10). “Os ventos procelosos lhe executam a palavra [de Deus]” (Sl 148:8).

No sétimo dia do sétimo mês, a arca foi descansar no alto do monte Ararate, na atual Turquia. Não sabemos em qual pico a arca ficou, e exploradores em busca dos restos da embarcação não contam com muitos dados bíblicos para ajudá-los. Posteriormente, o sétimo mês tornou-se muito especial para os judeus, pois durante esse mês davam as boas-vindas ao novo ano com a Festa das Trombetas e celebravam o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos (Lv 23:23-44).⁵

O texto hebraico diz que “a arca repousou”, lembrando-nos de que o nome de Noé significa “conforto” ou “repouso” e de que a esperança de seu pai, Lameque, era que seu filho trouxesse repouso para um mundo exausto (Gn 5:28, 29). Apesar de a arca ter repousado em segurança, Noé ficou aguardando as instruções de Deus. Esperou durante quarenta dias e, então, enviou o corvo; uma vez que era uma ave impura e carniceira (Lv 11:13-15), sentiu-se completamente à vontade no meio das carcaças que boiavam.

Noé esperou uma semana e, depois, enviou uma pomba, a qual, sendo uma ave pura, não encontrou lugar algum para pousar, de modo que voltou para a arca (Gn 8:8, 9). Uma semana depois, Noé enviou a pomba novamente, e, quando ela voltou com um ramo novo de oliveira, Noé soube que as plantas estavam crescendo e que nova vida estava aparecendo na terra (vv. 10, 11). Uma pomba carregando no bico um ramo de oliveira é um símbolo de paz conhecido em todo o mundo. Passada mais uma semana, Noé enviou a pomba pela

terceira vez, e ela não voltou; assim, ele soube que a água secara.⁶

Noé havia feito uma “janela” no convés superior da arca (v. 9) e abriu-a para dar uma olhada no mundo lá fora. Isso foi no dia em que se completava um ano que os passageiros estavam dentro daquela embarcação. Noé viu que, de fato, a terra estava seca, mas não tomou nenhuma providência até receber do Senhor a permissão para sair. Vinte e seis dias depois, recebeu a ordem e lhe obedeceu (v. 15).

3. DEUS RECOMPENSA A FÉ (GN 8:15-19)

Noé era um homem de fé, cujo nome encontra-se registrado em Hebreus 11 ao lado dos outros heróis da fé (v. 7). Teve fé para andar com Deus quando as pessoas do mundo ignoravam e desobedeciam ao Senhor. Teve fé para trabalhar para Deus e ser sua testemunha em um mundo no qual mentir era a maior moda. Uma vez terminado o dilúvio, exerceu fé ao aguardar as instruções de Deus antes de sair da arca.

Depois de passarem mais de um ano confinados na arca, é bem provável que Noé e sua família ansiassem por voltar à terra seca. Contudo, esperaram pela orientação divina. As situação na terra parecia favorável para que desembarcassem, mas isso não era garantia de que Deus desejava que saíssem imediatamente e que comesçassem sua nova vida. A fé obediente é nossa resposta à Palavra de Deus, pois “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela Palavra de Cristo” (Rm 10:17).

Noé estava demonstrando incredulidade ao enviar os pássaros ou ao abrir a janela para observar o terreno a seu redor? Não. Estava simplesmente usando as oportunidades disponíveis para juntar informações. Não é errado fazer um reconhecimento da situação; o importante é não se apoiar no próprio entendimento (Pv 3:5, 6). Obedecer à vontade de Deus implica não apenas fazer a coisa certa, do jeito certo, com a motivação certa, mas também *no tempo certo*. “Nas tuas mãos estão os meus dias” (Sl 31:15).

Deus recompensou a fé de Noé e de sua família ao cuidar deles na arca durante mais

de um ano e preparar a terra para eles de modo que pudessem deixar a embarcação. Noé foi como um “segundo Adão” ao recomeçar a raça humana. Deus havia separado a terra das águas durante a semana da criação, preparando-a para Adão e Eva. Então, fez a terra passar pelo dilúvio e preparou-a para Noé e sua família. O Senhor chegou até a repetir o mandamento que havia dado na criação: “Sede fecundos, multiplicai-vos” (Gn 8:17; 1:22, 28).

Noé preparou a arca “para a salvação de sua casa” (Hb 11:7), e Deus foi fiel ao salvar sua casa. Não há qualquer indicação nas Escrituras de que, ao testemunhar para os outros, Noé os convidava para que se juntassem a ele e à sua família na arca, mas é bem provável que os tivesse incentivado a confiar em Deus e a preparar suas próprias arcas. É claro que ninguém levou sua mensagem a sério, e o mundo daquele tempo foi extinto (2 Pe 3:6).

O que levou o povo a rejeitar a palavra de Deus e perecer? Fizeram como as pessoas na parábola de Jesus (Lc 14:16-24) que se ocuparam com os afazeres da vida cotidiana (Mt 24:37-39) e deixaram de lado as coisas da eternidade. Acreditaram que a vida prosseguiria como sempre e que nada mudaria. Disseram que Deus não iria invadir o mundo deles nem interromper o fluxo habitual das coisas, mas foi exatamente o que ele fez! Hoje em dia, as pessoas têm essa mesma atitude com relação à volta do Senhor (2 Pe 3:1-9; 1 Ts 5:1-10).

No que se refere à fé salvadora, cada um de nós deve confiar em Jesus Cristo pessoalmente; não podemos ser salvos pela fé de um substituto. A esposa de Noé, seus três filhos e as três noras também eram crentes; provaram isso ao permanecer ao lado de Noé enquanto ele trabalhava e testemunhava e, depois, quando entraram na arca em obediência ao Senhor.⁷

4. DEUS RECEBE A ADORAÇÃO (GN 8:20)

Depois de sair da arca e de pôr os pés na terra restaurada, Noé estava tão grato que seu primeiro ato foi dirigir a família em adoração. Construiu um altar e ofereceu

alguns dos animais limpos como sacrifício ao Senhor.

Noé era um crente firme em sua fé. Andava com o Senhor em amorosa comunhão e desfrutava da presença de Deus. Trabalhou para o Senhor na construção da arca e deu testemunho do Senhor como “pregador da justiça” (2 Pe 2:5). Enquanto estava na arca, esperou pelas instruções de Deus sobre o momento de sair e, ao descer em terra firme, adorou ao Senhor. Assim como Abel, deu ao Senhor o que tinha de melhor (Gn 4:4) e, como o remanescente semita, invocou o nome do Senhor (Gn 4:26). A verdadeira adoração ao Senhor havia sido restituída na Terra.

Nos tempos do Antigo Testamento, quando se sacrificava um holocausto, dava-se o animal inteiro ao Senhor, sem tomar nada para si (Lv 1). De acordo com a lei bíblica, o adorador deveria colocar “tudo isso sobre o altar” (Lv 1:9), pois o sacrifício simbolizava consagração total ao Senhor.⁸ Dando mais um passo de compromisso, Noé consagrou a si mesmo e a sua família completamente ao Senhor. Em sua graça, Deus os havia protegido durante o dilúvio e, portanto, era mais do que apropriado que eles se colocassem à disposição do Senhor para fazer sua vontade.

Quando a descrição diz que Deus “aspirou o suave cheiro” (Gn 8:21), trata-se de uma forma humana de declarar uma verdade divina: Deus ficou satisfeito com o sacrifício, aceitou-o e agradou-se de seu povo e da adoração dele (Lv 1:9; 3:16). Se Deus se recusasse a “aspirar” o aroma do sacrifício, queria dizer que estava descontente com os adoradores (Lv 26:31; Is 1:11-15).⁹ Na linguagem do Novo Testamento, o sacrifício refere-se ao próprio Jesus Cristo oferecendo-se por nós. “E andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave” (Ef 5:2).

Não podemos agradar a Deus com nossas próprias forças, mediante aquilo que somos ou fazemos; porém, pela fé, podemos ser aceitos em Jesus Cristo. O Pai referiu-se a Jesus dizendo: “Este é o meu Filho amado,

em quem me comprazo” (Mt 3:17). Aqueles que depositam sua fé em Cristo estão “em Cristo” (2 Co 5:17), e, quando o Pai olha para eles, vê a justiça de seu Filho (2 Co 5:21). Os cristãos são aceitos no Filho “amado”, que é agradável ao Pai (Ef 1:6). Assim como a arca salvou Noé e sua família das turbulentas águas do dilúvio, Jesus Cristo passou pela tempestade do julgamento de Deus em nosso lugar. Jonas, um símbolo de Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição (Mt 12:38-40), passou pela tempestade da ira de Deus por causa de sua desobediência, mas Cristo passou pela tempestade em obediência à vontade de Deus. Assim, Jesus pôde dizer: “Todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim” (Sl 42:7; Jn 2:3). O sofrimento de Jesus na cruz foi o “batismo” ao qual Jesus se referiu em Lucas 12:50 e que foi retratado quando João batizou Jesus no rio Jordão.

5. DEUS REAFIRMA A ORDEM NATURAL (GN 8:21, 22)

O Senhor não disse essas palavras a Noé; disse-as para si mesmo em seu próprio coração. Foi assim que, em sua graça, respondeu à fé, à obediência e à adoração de Noé. O que Deus prometeu?

A terra não será mais amaldiçoada (v. 21a).

Deus havia amaldiçoado a terra pelo pecado de Adão (Gn 3:17) e havia acrescentado outra maldição pelo pecado de Caim (Gn 4:11, 12). A promessa de Deus registrada nesse versículo não anula as outras maldições, que não serão removidas até que Jesus volte e o povo de Deus habite na cidade santa (Ap 22:3). No entanto, por sua graça, Deus decidiu não aumentar a aflição do homem.

Não haverá mais dilúvios universais (v. 21b). Deus também determinou que, no futuro, não haveria outros dilúvios. A razão que Deus apresenta no versículo 21 já foi explicada de várias maneiras, e essa explicação depende, até certo ponto, da tradução do texto. Deus disse “porque é mau o desígnio íntimo do homem” ou “mesmo sendo mau o desígnio do seu coração”? Deus havia enviado o dilúvio por causa da

perversidade do coração das pessoas (Gn 6:5), de modo que não mandar outro julgamento daria a entender que o dilúvio havia sido um erro ou um fracasso, ou ainda que Deus havia desistido da raça humana criada à sua própria imagem.

Se entendermos a expressão de Gênesis 8:21 como “porque”, então Deus está dizendo: “o coração do homem é irremediavelmente perverso. O dilúvio exterminou os transgressores, mas não pôde mudar o coração humano. Assim, enviar outro julgamento não resolveria o problema”. Se a traduzirmos por “mesmo sendo”, então Deus está dizendo: “Sem dúvida, eles merecem o julgamento, pois seu coração é perverso. E persistir no pecado sem aprender a lição desse dilúvio só mostra como são perversos. Porém, pela graça, não mandarei outro dilúvio nem outra maldição sobre a terra”.

Talvez ambas as declarações sejam verdadeiras. O importante é que Deus disse essas palavras em resposta ao sacrifício de Noé, e que o sacrifício foi uma representação do sacrifício de Cristo (Hb 10:1-10; Ef 5:2). Tomando por base a expiação realizada por Jesus Cristo na cruz, Deus podia dizer: “Foi pago um preço pelos pecados do mundo, de modo que posso reter o julgamento. Fez-se justiça, minha lei foi preservada e posso usar de bondade para com o mundo perdido. Não enviarei outro dilúvio para exterminar a raça humana. Antes, darei a eles minha grande salvação”.

Isso não significa que Deus não julga o pecado hoje em dia nem que não haverá qualquer julgamento futuro para o mundo. Romanos 1:18ss deixa claro que o julgamento de Deus já está sendo revelado contra os pecadores mediante as conseqüências de seus pecados. Deus os entregou à sua própria escravidão de pecado e às conseqüências de seus pecados em seu próprio corpo. Um dos maiores julgamentos que Deus pode enviar aos pecadores é deixar que vivam à sua maneira e, *depois, que paguem por isso com a própria vida*. No momento, é esse o julgamento que o mundo está experimentando. Haverá um futuro julgamento global,

mas não será um julgamento pela água e, sim, pelo fogo (2 Pe 3).

O ciclo da natureza não será interrompido (v. 22). O dilúvio interrompeu o ciclo normal das estações durante um ano, mas isso não voltaria a acontecer. Pelo contrário, Deus reiterou que o ritmo dos dias e semanas bem como das estações continuaria enquanto durasse a Terra. Sem essa garantia, a humanidade jamais poderia estar certa de que suas necessidades vitais seriam supridas.

Sabemos que o ciclo constante de dias e noites, semanas e meses, estações e anos é mantido pela rotação da Terra em seu próprio eixo e em sua órbita ao redor do Sol. Deus assim o fez para que seu Universo funcionasse com eficiência. Apesar de haver miríades de galáxias dentre as quais poderia escolher, o Senhor optou por derramar a sua graça sobre os habitantes de nosso planeta Terra. “Ao SENHOR pertence a terra” (Sl 24:1). O Senhor também organizou o Universo de modo a sustentar tudo o que tem vida na Terra, e isso inclui homens e mulheres que, com freqüência, se esquecem do cuidado de Deus.

A garantia de Gênesis 8:22 nos dá esperança e coragem ao enfrentarmos um futuro incerto. Todas as noites, quando vamos para cama, ou sempre que viramos a folha do calendário, devemos nos lembrar de que Deus se preocupa com o planeta Terra e com seus habitantes. Com a invenção da luz elétrica e dos meios de transporte e de comunicação modernos, nosso mundo distanciou-se da vida marcada pelos ciclos da natureza determinados por Deus. Não vamos mais dormir quando o Sol se põe nem acordamos quando ele se levanta; se não gostamos de como está o tempo no lugar onde nos encontramos, podemos viajar rapidamente para um clima diferente. No entanto, se Deus apagasse o Sol, reorganizasse as estações ou inclinasse a Terra em outro ângulo, nossa vida estaria em risco.

Deus nos convida a viver um dia de cada vez. Jesus nos ensinou a orar: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6:11) e a ser gratos por isso. “Como os teus dias, durará

a tua paz" (Dt 33:25; ver Mt 6:25-34). Quando os discípulos advertiram Jesus a não ir para Betânia, ele respondeu: "Não são doze as horas do dia?" (Jo 11:9) Ele obedecia ao cronograma do Pai e vivia um dia de cada vez, confiando que o Pai cuidaria dele.

A aliança do Senhor com o dia e a noite é especialmente significativa para o povo de Israel, pois lhes serve de garantia do cuidado e da proteção de Deus, de modo que jamais deixará de ser uma nação (Jr 33:19-26). A promessa de Deus de que não enviará outro dilúvio é a segurança dos judeus de que a

aliança do Senhor com eles jamais será rompida (Is 54:7-10).

Temos a tendência de não apreciar o valor do nascer e do pôr-do-sol, da passagem das fases da Lua e das mudanças das estações, mas todas essas funções não passam de provas de que Deus está assentado em seu trono, cumprindo suas promessas. Toda a criação proclama, dia após dia, estação após estação, a certeza do cuidado amoroso de Deus. Podemos confiar em sua Palavra, pois "nem uma só palavra falhou de todas as suas promessas" (1 Rs 8:56).

1. Moisés usou essa abordagem quando intercedeu diante de Deus pelo povo pecador de Israel: "Lembra-te de Abraão, de Isaque e de Israel" (Êx 32:13), e essa foi, frequentemente, a oração de Neemias (Ne 13:14, 22, 29, 31). Pedir a Deus para lembrar-se é fazê-lo recordar de suas promessas e apropriar-se delas (Sl 25:6, 7; 105:8, 42; 106:4, 45; 132:1; 136:23). Maria regozijou-se, pois Deus lembrou-se de sua misericórdia (Lc 1:54, 55), e Zacarias cantou sobre isso quando João Batista nasceu (Lc 1:72, 73). O nome Zacarias significa "Deus se lembra".
2. Para uma revisão da preocupação especial de Deus com os animais, ler a nota 11 do capítulo dois.
3. Ver Gênesis 28:15; Deuteronômio 4:31; 31:6; Josué 1:5; 1 Reis 8:57; 1 Crônicas 28:9, 20; Isaías 42:16; Mateus 28:20; Hebreus 13:5.
4. Quando Kay Orr era governador de Nebraska, deu-me o título de Almirante da Marinha de seu estado. Quando perguntei a alguém que morava em Nebraska há muitos anos por que um estado sem saída para o mar possuía marinha, ele me explicou que era pelo fato de encontrar-se sobre "um oceano de água", o que explica seus vastos sistemas de irrigação agrícola. Nebraska também tem alguns dos mais ricos sítios arqueológicos de animais pré-históricos. Será isso algo que devemos atribuir ao dilúvio? Talvez.
5. A partir do êxodo, o povo de Israel passou a ter tanto um calendário civil quanto um religioso. O ano civil começava no sétimo mês (tisri), que equivale à nossa segunda quinzena de setembro e primeira quinzena de outubro; contudo, de acordo com os padrões religiosos, o ano iniciava na Páscoa, no décimo quarto dia de nisã (Êx 12:2), que corresponde à nossa segunda quinzena de março e primeira quinzena de abril. No entanto, nisã seria o sétimo mês do ano civil, e o décimo sétimo dia do sétimo mês seria três dias depois da Páscoa, o dia da ressurreição de nosso Senhor. Isso explica o motivo de Pedro haver associado a arca à ressurreição de Jesus Cristo (1 Pe 3:18-22), pois a arca repousou no monte Ararate na mesma data em que nosso Senhor ressuscitou dentre os mortos.
6. Desde o tempo dos patriarcas da igreja, os pregadores vêem as duas aves como ilustração das duas naturezas (e disposições) presentes no filho de Deus, a carne e o espírito (Gl 5:16-26). Sem dúvida, a pomba caracteriza o Espírito de Deus (Mt 3:18).
7. Deus se preocupa com a salvação e devoção de toda a família, motivo pelo qual instruiu os pais e as mães israelitas a ensinar a Palavra a seus filhos. Ver Deuteronômio 6:4-9 e Salmos 78:1-8; 102:28; 103:17,18; 112:1, 2. Em Pentecostes, Pedro declarou que a promessa de Deus incluía os filhos, de modo que também pudessem crer e ser salvos (At 2:38, 39), e Paulo deu a mesma garantia ao carcereiro filipense (At 16:31). Não podemos crer no lugar de nossos filhos, mas podemos prepará-los para que creiam.
8. O holocausto também envolvia a expiação pelo pecado (Lv 1:4; Jó 1:5) e as ações de graças a Deus.
9. Foi Deus quem proveu os sacrifícios, pois ordenou a Noé que levasse os animais limpos consigo na arca (Gn 7:2, 3). Damos a Deus aquilo que antes recebemos dele (1 Cr 29:14), não porque lhe falte algo (Sl 50:7-15) ou porque careça de alguma coisa (At 17:24, 25). Nossas ofertas alegram o Senhor, mas não enriquecem a Deus pessoalmente. Antes, o gesto de dar enriquece o adorador (Fp 4:18).

À VIDA! À VIDA!

GÊNESIS 9:1-17

A vida! é uma das canções mais alegres de *Um violinista no telhado*, o musical que dramatiza a vida dos judeus no vilarejo de Anatevka.

Tevey, o leiteiro, e seus vizinhos eram indefesos e pobres, e seu futuro na Rússia czarista era incerto. Mas, ainda assim, celebravam a vida como uma alegre dádiva de um Deus generoso. Fosse pelo anúncio de um noivado, pelo nascimento de um bebê ou até mesmo pela chegada de uma máquina de costura, os humildes moradores de Anatevka sempre encontravam motivos para agradecer pelas bênçãos da vida.

Nesse parágrafo (Gn 9:1-17), Deus dirigiu-se aos oito sobreviventes do dilúvio e deu-lhes instruções sobre quatro áreas da vida. Apesar de, inicialmente, essas instruções terem sido apresentadas a Noé e sua família, elas se aplicam a todas as pessoas, de todas as idades e de todos os lugares. Tratam-se de prescrições permanentes de Deus para toda a humanidade e não devem ser ignoradas nem alteradas. A vida é preciosa e deve ser levada com cuidado.

1. MULTIPLICANDO A VIDA (GN 9:1, 7)

Quando Noé saiu da arca, era como um “segundo Adão” prestes a encabeçar um novo começo para a raça humana na Terra. A fé no Senhor havia salvo Noé e sua família da destruição, e seus três filhos iriam popular a Terra outra vez (v. 18).

Deus havia dito a Adão e Eva: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1:28) e repetiu essa ordem *duas* vezes para Noé e sua família (Gn 9:1, 7). Todos os descendentes de Noé eram importantes para o

plano de Deus, mas especialmente a linhagem de Sem. Dessa linhagem nasceria Abraão, o homem que Deus escolheu para fundar a nação judaica. Dessa nação viria o Redentor, que cumpriria a promessa de Gênesis 3:15 e pisaria a cabeça da serpente.

Nas Escrituras, os filhos são descritos como bênção e não como maldição. Ter muitos filhos e netos era prova do favor de Deus (Gn 24:60; Sl 127:3-5; 128:3, 4). Deus prometeu a Abraão que sua descendência seria como as estrelas do céu e a areia do mar (Gn 15:5; 22:17), e os patriarcas pediram a bênção da fertilidade sobre seus herdeiros (Gn 28:3; 35:11; 48:4). O Senhor fez uma aliança com Israel na qual daria a esse povo muitos filhos, se a nação obedecesse às leis divinas (Lv 26:9; Dt 7:13).

Hoje em dia, muitas pessoas parecem não ter essa mesma atitude com relação aos filhos. Desde a Guerra Revolucionária, ao longo de 200 anos de história norte-americana, cerca de um milhão e duzentos mil militares foram mortos em nove grandes guerras. Contudo, em apenas *um ano*, por volta de um milhão e seiscentos mil bebês foram legalmente abortados nos Estados Unidos.¹ Nos tempos bíblicos, os casais judeus nem sequer pensariam em abortar uma criança, independentemente de quão difíceis fossem suas circunstâncias ou escassos seus recursos. A vida era uma dádiva de Deus, e os filhos, uma herança do Senhor, tesouros a ser protegidos e investidos para a glória dele.

2. SUSTENTANDO A VIDA (GN 9:2-4)

Uma pesquisa feita em 1900 mostrou que, para viver normalmente e sentir satisfação, acreditava-se que era preciso possuir setenta e dois itens. Cinquenta anos depois, numa pesquisa semelhante, o total de itens chegou a quase quinhentos! No entanto, a Bíblia só apresenta duas coisas: “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1 Tm 6:8).

No sermão da montanha, Jesus ensinou a mesma verdade quando falou sobre os pássaros e as flores (Mt 6:24-34). Se o Pai celeste cobre as flores de beleza e dá aos pássaros

seu alimento, certamente proverá comida e vestimentas para seus próprios filhos tão queridos. “Pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas [estas coisas]” (Mt 6:32).

Quando Deus colocou Adão e Eva em seu lar no jardim, deu-lhes frutas e plantas para alimento (Gn 1:29; 2:9, 16); mas, depois do dilúvio, ampliou a dieta dos seres humanos de modo a incluir carne. A harmonia natural da qual Adão e Eva haviam desfrutado no jardim já não existia mais, pois Noé e sua família não tinham “domínio” sobre os animais (Gn 1:26, 28). Os animais passariam a temer os seres humanos e a fazer todo o possível para fugir da ameaça de morte. Uma vez que a maior parte dos animais se reproduz rapidamente e que seus filhotes também não demoram a alcançar a maturidade, os animais poderiam facilmente ter ultrapassado a população humana, de modo que Deus colocou nos animais o medo do homem. Caim era lavrador, Abel era pastor, mas Noé e seus filhos eram caçadores.

No entanto, Deus impôs uma restrição sobre o uso de carne animal para alimento: não deveria conter sangue (Gn 9:4). Deus declarou a Noé, de modo conciso, aquilo que explicaria em mais detalhes por meio de Moisés: a vida encontra-se no sangue e deve ser respeitada, mesmo ao abater um animal para usá-lo como alimento. (Ver Lv 3:17; 7:26, 27; 17:10-14; 19:26; Dt 12:16, 23-25; 15:23).² Nessa restrição, Deus revelou, mais uma vez, sua preocupação com a vida animal. A vida está no sangue, ela vem de Deus e deve ser respeitada. Além disso, o sangue dos animais seria importante para a maioria dos sacrifícios mosaicos, de modo que era preciso tratá-lo com reverência.

Jesus ensinou que era permitido comer todo tipo de alimento (Mc 7:1-23), e tanto Pedro (At 10) quanto Paulo (1 Tm 4:3, 4; Cl 2:16) reafirmaram esse fato. Porém, a Igreja primitiva ainda enfrentava divergências sobre as questões alimentares (Rm 14:1 - 15:7). Para evitar que os cristãos gentios escandalizassem os cristãos judeus ou aqueles que estavam começando a buscar ao Senhor, foi aconselhado aos cristãos

da Igreja primitiva que fossem cautelosos quanto a comer carne (At 15:19-21; 24-29).³ O conselho de Paulo foi o seguinte: recebam uns aos outros, amem uns aos outros, não façam nada que leve outro a tropeçar e procurem edificar-se mutuamente na fé. A abordagem era o amor – o objetivo, a maturidade.

3. PROTEGENDO A VIDA (GN 9:5, 6)

Depois de instruir Noé sobre o derramamento de sangue animal, o Senhor prosseguiu discutindo um assunto ainda mais importante: o derramamento de sangue humano. Até então, a humanidade não tinha um histórico muito bom no que se referia a cuidar uns dos outros. Caim havia assassinado o irmão, Abel (Gn 4:8); Lameque havia assassinado um rapaz e se vangloriado disso (vv. 23, 24); e a Terra havia se enchedo de toda espécie de violência (Gn 6:11, 13). Deus colocou no coração dos animais o medo dos seres humanos, mas pôs o temor de Deus no coração dos seres humanos para que não destruíssem uns aos outros!

Aqueles que matarem outro ser humano terão de prestar contas de seus atos a Deus, pois homens e mulheres são criados à imagem de Deus.⁴ Atacar um ser humano é o mesmo que atacar a Deus, e o Senhor trará julgamento sobre o transgressor. Toda vida é uma dádiva de Deus, e tomar uma vida significa tomar o lugar de Deus. O Senhor dá a vida e, assim, só ele tem o direito de autorizar que seja tirada (Jó 1:21).

Mas de que modo Deus providenciou um castigo para os assassinos e para que se fizesse justiça? Estabeleceu um governo humano na Terra e, ao fazê-lo, compartilhou com a humanidade o poder assustador de tomar a vida de seres humanos. Esse é o conteúdo da ordem de Deus em Gênesis 9:6. O governo humano e a pena capital andam juntos, conforme Paulo explicou em Romanos 13:1-7. As autoridades governamentais têm consigo a espada e o direito de usá-la.

Sob o regime da lei no Antigo Testamento, não havia qualquer tipo de força policial como a conhecemos. Se era cometido um

homicídio, cabia à família da vítima encontrar o culpado e levá-lo à justiça. Há uma diferença entre homicídio doloso (intencional) e homicídio culposo (involuntário) (Êx 21:12-14), de modo que o Senhor instruiu a nação de Israel a criar seis cidades de refúgio para onde uma pessoa acusada de homicídio poderia fugir em busca de segurança (Nm 35:6-34; Dt 19:1-13). Os anciãos da cidade protegeriam o acusado até que o caso fosse investigado. Se fosse considerado culpado, a família da vítima poderia realizar a execução. Uma vez que o assassino havia derramado sangue, o sangue dele também deveria ser derramado.

Deus instituiu o governo, pois o coração humano é perverso (Gn 6:5), e o medo do castigo pode refrear possíveis infratores da lei. A lei é capaz de impor limites, mas não de regenerar; somente a graça de Deus é capaz de transformar o coração humano (Jr 31:31-34; Hb 8:7-13). No entanto, se indivíduos, famílias ou grupos tivessem permissão de tratar com criminosos a seu modo, a sociedade viveria num estado constante de caos. O governo humano tem suas fraquezas e limitações, mas é melhor do que a anarquia e do que permitir que cada um faça aquilo que considera mais reto aos seus próprios olhos (Jz 17:6; 18:1; 19:1; 21:25).⁵

Deus ordenou e estabeleceu três instituições aqui na Terra: o casamento e a família (Gn 1:26-28; 2:18-25), o governo humano (Gn 9:5, 6) e a Igreja (Mt 16:13-19; At 2). Cada uma tem sua esfera de responsabilidades, e uma não pode substituir a outra. A Igreja empunha a espada do Espírito (Hb 4:12), não a espada da justiça (Rm 13:4; Jo 18:36); porém, se o governo interfere em questões referentes à consciência cristã, os cristãos têm o direito de desobedecer (At 4:18-20).

Aqueles que se opõem à pena de morte perguntam: "A pena de morte reprime a criminalidade?" Mas será que *qualquer lei*, inclusive as leis de trânsito, é capaz de refrear a criminalidade? Talvez não tanto quanto gostaríamos, mas a punição de criminosos ajuda a sociedade a respeitar a lei e a justiça.

Ninguém sabe quantas pessoas pensam duas vezes antes de cometer um crime quando ficam sabendo das penas, caso sejam condenadas. A lei também ajuda a proteger e a compensar pessoas inocentes vítimas de comportamentos ilegais.

Nem tudo o que é legal é bíblico. Independentemente daquilo que filósofos, parlamentares e tribunais possam dizer, o mandamento de Deus para a prática da pena de morte começa com as palavras "se alguém". Essa lei foi dada por Deus, portanto deve ser respeitada e obedecida por todas as pessoas.

4. DESFRUTANDO A VIDA (GN 9:8-17)

Esta seção é o que os teólogos chamam de "Aliança com Noé". Apesar de Deus falar especificamente a Noé e a seus filhos, essa aliança inclui todos os descendentes de Noé (v. 9), sendo válida "para perpétuas gerações" (v. 12). Contudo, a aliança não pára por aí, pois também inclui todos os seres vivos (vv. 10, 12) e refere-se a "todos os seres viventes de toda carne" (v. 15). Seres humanos, aves, animais domésticos e selvagens são todos incluídos nessa maravilhosa aliança.

Nela, Deus prometeu, de modo irrisório, que jamais mandaria outro dilúvio para destruir toda a vida na Terra. E, como se desejasse dar ênfase ao fato, declarou três vezes "não mais" (vv. 11, 15). Ele não apresentou qualquer condição a que homens e mulheres precisariam obedecer; simplesmente declarou o fato de que não haveria mais dilúvios universais. Daquele dia em diante, Noé e sua família poderiam usufruir a vida e não se preocupar cada vez que começasse a chover.

Uma aliança com a criação. Nessa aliança, o Senhor mencionou, pelo menos quatro vezes, "todos os seres viventes". Com isso, referia-se aos animais e aves que Noé havia mantido em segurança na arca durante o dilúvio (v. 10). Mais uma vez, somos lembrados da preocupação especial de Deus com os animais.

Quando o apóstolo João contemplou a sala do trono no céu, viu quatro "seres

viventes” incomuns adorando perante o trono do Senhor, sendo que cada um se parecia com um animal diferente (Ap 4:6, 7). O primeiro era semelhante a um leão; o segundo, a um novilho; o terceiro tinha o rosto de um homem; e o quarto era semelhante a uma águia. Essas quatro aparências representam os quatro tipos de criatura com as quais Deus fez essa aliança: os animais selvagens, os animais domésticos, os seres humanos e as aves (ver Gn 9:9, 10). Essas criaturas encontram-se perpetuamente representadas diante do trono de Deus, pois o Senhor se preocupa com sua criação. Elas nos fazem lembrar que toda a criação adora e louva ao Senhor, que provê para todas as criaturas e alegra-se com sua adoração.⁶

Um sinal da aliança. Para ajudar seu povo a lembrar-se das alianças com ele, Deus lhes dava um sinal visível. Sua aliança com Abraão foi selada com o sinal da circuncisão (Gn 17:11; Rm 4:9-12), e a aliança com Moisés no Sinai, com o sinal do sétimo dia de cada semana (Êx 31:16, 17). A aliança de Deus com Noé e a criação animal foi selada com o sinal do arco-íris. Sempre que as pessoas vissem o arco-íris, poderiam se lembrar da promessa de Deus de não enviar mais tempestades que se tornassem um dilúvio mundial para destruir a humanidade.

Mark Twain e seu amigo William Dean Howells saíram da igreja exatamente quando estava começando um forte temporal. Howells perguntou:

– Será que vai parar?

– Até hoje, sempre parou – Mark Twain respondeu.

Ele estava certo: os temporais sempre cessam. Isso porque Deus fez uma aliança e ele sempre cumpre sua palavra.

Deus falou do arco-íris como se Noé e sua família já o conhecessem, de modo que era algo que devia existir antes do dilúvio. Os arco-íris são formados pela luz do Sol filtrada pela água no ar, sendo que cada gota transforma-se num prisma e separa as cores presentes na luz branca do Sol. Os arco-íris são frágeis, porém belos, e ninguém precisa pagar para vê-los! Suas cores maravilhosas nos falam daquilo que Pedro chamou

de “a multiforme graça de Deus” (1 Pe 4:10). A palavra grega traduzida como “multiforme” significa “variada, de muitas cores, sortida”. O arco-íris nos lembra da aliança bondosa de Deus e da “multicolorida” graça divina.

Vamos refletir um pouco mais sobre essa idéia. Se o arco-íris nos faz lembrar da fidelidade e da graça de Deus, então por que nos afligimos e nos preocupamos? Deus não prometeu que jamais passaremos por tempestades, mas prometeu que as tempestades não nos destruiriam. “Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão” (Is 43:2). Não temos o que temer quando as nuvens aparecem e o Sol se esconde.

Ao pensar no arco, lembramo-nos de que ele é um instrumento de guerra. No entanto, Deus o transformou num símbolo de sua graça e de fidelidade, numa garantia de paz. Deus certamente poderia voltar contra nós o arco da justiça, pois transgredimos sua lei e merecemos ser julgados. *No entanto, ele voltou seu arco para o céu e tomou o castigo sobre si!* Quando Jesus morreu na cruz, foi o Justo quem sofreu pelo injusto (1 Pe 3:18) e levou sobre si o sofrimento que nos pertencia por direito. Os arco-íris são universais; podem ser vistos no mundo todo. A graça multiforme de Deus é suficiente para o mundo todo e precisa ser anunciada a toda a Terra. Afinal, Deus amou o mundo (Jo 3:16), e Cristo morreu pelos pecados do mundo (1 Jo 4:10, 14).

Mas o arco-íris não foi feito para ser visto apenas por nós, pois o Senhor disse: “eu vê-lo-ei” (Gn 9:16). Certamente, Deus não se esquece de suas alianças com seu povo, mas essa é apenas outra forma de nos garantir que não precisamos temer. Quando vemos um arco-íris, sabemos que o Pai também está olhando para ele e, assim, ele se torna uma ponte que une o Pai a seus filhos.

Três arco-íris. Três homens nas Escrituras viram arco-íris importantes. Noé viu o arco-íris *depois da tempestade*, como o povo de Deus vê hoje em dia. O profeta Ezequiel viu o arco-íris *no meio da tempestade*, quando teve a visão extraordinária das rodas e do trono (Ez 1:28). Ezequiel também viu seres

viventes e cada um tinha quatro rostos! Um era semelhante ao de um homem, outro ao de um leão, outro ao de um novilho [N.T.: A versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) diz que um dos rostos era semelhante ao de “querubim”, não de novilho, sendo que, de acordo com a nota explicativa da *Living Bible*, a tradução “novilho” é literal (Ez 10:14)] e o outro ao de uma águia – os mesmos rostos que João viu (Ap 4:6, 7).

É claro que o apóstolo João viu o arco-íris antes de vir a tempestade do julgamento (Ap 4:3). Na realidade, João viu um arco-íris completo ao redor do trono de Deus! Na Terra, vemos apenas “em parte”, mas um dia – no céu – veremos as coisas em sua plenitude, como elas são de fato (1 Co 13:12).

A lição pessoal para o povo de Deus é esta: durante as tempestades da vida, olhe sempre para o arco-íris da promessa da aliança de Deus. Assim como João, pode ser que você veja o arco-íris antes da tempestade; como Ezequiel, pode ser que você o veja no meio da tempestade ou, como Noé, pode ser que tenha de esperar até depois da tempestade. No entanto, sempre verá o arco-íris da promessa de Deus, se olhar com os olhos da fé. Essa é a

versão de Romanos 8:28 apresentada no Antigo Testamento.

A aliança de Deus com a criação afeta todos os seres vivos da Terra. Sem ela, não haveria certeza da continuidade da natureza a cada dia e a cada estação. Jamais saberíamos, ao certo, quando viria a próxima tempestade e se seria a última.

Deus deseja que desfrutemos as bênçãos da vida natural e espiritual, pois ele “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17). Quando você conhece Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador, o mundo natural a seu redor passa a ser muito mais maravilhoso, pois o Criador tornou-se seu Pai.

Quando já era de idade, o evangelista norte-americano D. L. Moody contava sobre sua conversão na adolescência. “Estava em um novo mundo. Na manhã seguinte, o Sol brilhou com mais intensidade, e as aves cantaram com mais dulçor [...] os velhos olmos agitaram seus galhos em contentamento, e toda a natureza estava em paz. Foi a mais deliciosa alegria que já havia experimentado.”⁷

O Deus da criação é o Deus da salvação. Confie em Jesus Cristo e poderá cantar de coração: “Este é o mundo de meu Pai”.

1. Ver ZUCK, Roy B. *Precious in His Sight: Childhood and Children in the Bible*. Baker, 1996, p. 71. Todo pai e mãe, pastor, obreiro que trabalha com crianças e professor de crianças deve ler esse livro.
2. “Mas você não deve comer a carne de um animal que ainda está vivo.” É assim que Stephen Mitchell traduz Gênesis 9:4, em *Genesis: A New Translation of the Classic Biblical Stories* (Nova York: Harper Collins, 1996, p. 17). Uma vez que o sangue é a vida, então a carne com sangue ainda é considerada viva.
3. O que estava em debate na reunião em Jerusalém relatada em Atos 15 não era uma questão de saúde, mas sim de teologia: um gentio deveria tornar-se judeu a fim de ser cristão? A resposta, obviamente, é um alto e bem claro “não”. A pergunta relacionada a essa e sobre a qual Paulo discorreu em Romanos 14 – 15 era: “O cristão deve viver como judeu a fim de ser um bom cristão?”. Tratava-se de uma questão de amor pessoal: não fazer nada que pudesse levar os cristãos mais fracos a tropeçar, mas não permitir que permanecessem fracos. Ajudá-los a ver a verdade e a ter fé para lhe obedecer.
4. De acordo com a lei de Moisés, se um animal matava um ser humano, o animal devia ser morto. Caso já se tivesse conhecimento de que o animal era perigoso, mas este não estivesse preso, o dono do animal também corria o risco de perder sua vida. Ver Êxodo 21:28-32.
5. Para um estudo bíblico da pena de morte, ver William H. Baker, *On Capital Punishment* (Chicago: Moody Press, 1985). Ver também o ensaio magistral de C. S. Lewis, *The Humanitarian Theory of Punishment*, em *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*, editado por Walter Hooper. Grand Rapids: Eerdmans, 1970, p. 287-94.
6. O Salmo 104 enfatiza que toda a criação depende de Deus e o adora, inclusive as feras do campo (vv. 11, 21), as aves (vv. 12, 17), os animais que pastam (v. 14) e os seres humanos (vv. 14, 23).
7. CURTIS, Richard K. *They Called Him Mr. Moody*. Grand Rapids: Eerdmans, 1967, p. 53.

O RESTO DA HISTÓRIA

GÊNESIS 9:18 – 10:32

Sou um leitor inveterado de biografias e de autobiografias e muitas vezes me arrependi de ter virado a página de um livro só para descobrir algum “podre” de uma pessoa que admirava. Nas palavras do colonista norte-americano Russel Baker: “O problema do biógrafo é que ele nunca sabe o suficiente. O problema do autobiógrafo é que ele sabe demais”.¹ Contudo, quando Deus escreve a história, ele sabe tudo sobre bre todos e sempre diz a verdade – e ele o faz para nosso próprio bem.

A história de Noé e de sua família desloca-se do arco-íris para as sombras, e vemos os pecados vergonhosos de um grande homem de fé. O Dr. William Culbertson, que durante muitos anos foi presidente do Instituto Bíblico Moody, em Chicago, com frequência encerrava suas orações públicas dizendo: “Senhor, nos ajude a terminar bem”. Deus respondeu a essa oração do Dr. Culbertson, mas nem todo cristão que agora está no céu terminou a corrida ouvindo Deus dizer: “Muito bem!” Sejamos, porém, bondosos e nos lembremos da advertência de Paulo: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). Afinal, Noé não achava que isso poderia acontecer com ele!

1. UMA TRAGÉDIA FAMILIAR (GN 9:18-23)

O índice para “o resto da história” encontra-se nos versículos 18 e 19. Os personagens principais são relacionados – Noé, Sem, Cam e Jafé, e o tema principal dessa seção é enunciado: de que modo a família de Noé multiplicou-se e espalhou-se pela Terra. Um leitor contemporâneo da Bíblia

pode sentir-se tentado a pular essas listas de nomes desconhecidos, mas isso não diminui a importância deles. Essas “pessoas desconhecidas” fundaram nações que se relacionaram entre si ao longo da história da Bíblia e ajudaram a cumprir os propósitos de Deus aqui na Terra. Os descendentes de Sem – o povo de Israel – desempenharam um papel importantíssimo no palco da história.

Desgraça (vv. 20, 21). Ao tornar-se um lavrador, Noé seguiu a vocação de seu pai, Lameque (Gn 5:28, 29). Apesar de a Bíblia condenar a embriaguez (Pv 20:1; 23:19-21, 29-35; Is 5:11; Hc 2:15; Rm 13:13; 1 Co 6:10; Ef 5:18), ela não condena o cultivo e o consumo de uvas nem o hábito de beber vinho. As uvas, passas e vinho eram elementos importantes da dieta dos povos do Oriente. Na verdade, na sociedade do Antigo Testamento, o vinho era considerado uma bênção de Deus (Sl 104:14, 15; Dt 14:26) e era usado até mesmo com os sacrifícios (Lv 23:13; Nm 28:7).

Vemos, aqui, a primeira vez que o vinho é mencionado nas Escrituras, mas a produção de vinho já era realizada antes do dilúvio, e Noé sem dúvida sabia o que podia lhe acontecer se bebesse vinho demais. Numa tentativa de exonerar Noé de culpa, alguns estudiosos afirmam que o dilúvio causou uma transformação na atmosfera da Terra, e isso levou o suco de uva a fermentar pela primeira vez; no entanto, essa defesa não é muito sólida. Noé colheu as uvas, espremeu-as no lagar, colocou o suco em odres e esperou que fermentasse.

Tanto sua embriaguez quanto sua nudez foram vergonhosas, e as duas coisas com frequência andam juntas (Gn 19:30-38; Hc 2:15, 16; Lm 4:21). O álcool não é um estimulante, é um narcótico; quando o cérebro é afetado pelo álcool, a pessoa perde o autocontrole. Pelo menos Noé estava em sua própria tenda quando isso aconteceu, não em algum lugar público. No entanto, quando pensamos em quem ele era (um pregador da justiça) e no que havia feito (salvo sua família da morte), seu pecado torna-se ainda mais repulsivo.

A Bíblia não apresenta desculpas para os pecados dos santos, mas sim os menciona como advertências para que não façamos como eles (1 Co 10:6-13). Como disse Spurgeon: “Deus nunca permite que seus filhos pequem com sucesso”. Há sempre um preço a ser pago.

Em duas ocasiões, Abraão mentiu sobre a esposa (Gn 12:10-20; 20:1ss), e o filho, Isaque, seguiu seu mau exemplo (26:6-16). Moisés perdeu a calma e, como resultado, foi privado do privilégio de entrar na Terra Santa (Nm 20:7-13). Josué tirou conclusões precipitadas e acabou defendendo o inimigo (Js 9 - 10). Davi cometeu adultério com Bate-Seba e providenciou para que o marido dela fosse morto na guerra (2 Sm 11); a espada trouxe sofrimento à sua família nos anos que se seguiram.

Noé não planejou embriagar-se e expor-se vergonhosamente, mas, de qualquer modo, foi o que aconteceu. Os japoneses têm um provérbio muito apropriado: “Primeiro o homem toma um trago, depois o trago toma um trago e, então, o trago toma o homem”.

Desrespeito (v. 22). Cam não deveria ter entrado na tenda do pai sem ser convidado. Chamou o pai e não ouviu uma resposta? Perguntou a si mesmo se Noé estava doente ou talvez morto? Sabia que Noé havia bebido vinho? Há certas perguntas a que o texto não responde, de modo que é inútil tentar especular. Uma coisa é certa: Cam desrespeitou o pai.

A forma como as pessoas reagem ao pecado e à vergonha de outros é uma indicação de seu caráter. Cam poderia ter espiado na tenda, visto rapidamente qual era a situação e coberto o corpo do pai, sem comentar o incidente com ninguém. Em vez disso, pareceu ter se divertido com a cena e, em seguida, foi contá-la aos dois irmãos de modo um tanto desrespeitoso. É possível que tivesse até sugerido que os outros fossem lá olhar.

Moisés ainda não havia dito: “Honra teu pai e tua mãe” (Êx 20:12), mas certamente esse é um impulso natural dos filhos e deveria ter estado presente no coração de Cam.

Por que um filho mostraria tamanho desrespeito para com o pai? Apesar de Cam ser o mais jovem dos três, talvez representasse, no Antigo Testamento, o equivalente ao irmão mais velho do filho pródigo na parábola de Lucas 15:25-32, zangado com o pai por não haver recebido alguma coisa. Com esse gesto, Cam revelou uma fraqueza de seu caráter, algo que poderia aparecer em seus descendentes.

Decência (v. 23). Em vez de rir junto com o irmão e de ir ver a cena humilhante, Sem e Jafé demonstraram amor pelo pai ao colocar em prática o que diz Provérbios 10:12: “O amor cobre todas as transgressões” (ver 1 Pe 4:8). Juntos, os irmãos seguraram uma vestimenta atrás de si, entraram de costas na tenda olhando para outra direção e cobriram o corpo nu de Noé. “O que encobre a transgressão adquire amor” (Pv 17:9), e “o prudente oculta a afronta” (Pv 12:16).

O amor não *purifica* do pecado, pois isso é algo que só pode ser feito pelo sangue de Cristo (1 Jo 1:7). O amor também não é *conivente* com o pecado, pois o amor quer o melhor de Deus para os outros. Contudo, o amor cobre o pecado e não sai por aí expondo-o e incentivando outros a espalhar más notícias. Quando uma pessoa peca e nós ficamos sabendo, nossa tarefa é ajudar a restaurar essa pessoa em sua fraqueza espiritual (Gl 6:1, 2). Já foi dito que, no campo de batalha da vida, os cristãos têm a tendência de chutar os feridos, e muitas vezes isso é verdade. Porém, antes de condenar os outros, é melhor que pensemos em nossos próprios atos, pois todos nós estamos sujeitos a nos portar de modo impróprio para um cristão.

2. A PROFECIA SOBRE A FAMÍLIA (GN 9:24-29)

Quando Noé despertou de sua bebedeira, provavelmente ficou envergonhado com o que havia feito; mas também ficou surpreso de ver que estava coberto com uma vestimenta. Naturalmente, ficou imaginando o que havia acontecido na tenda enquanto dormia. Pela lógica, falou com Jafé, seu primogênito. É provável que Jafé

e Sem tenham contado a Noé o que Cam havia feito.

Essa declaração de Noé são suas únicas palavras registras nas Escrituras. É uma pena que esse breve discurso tenha sido distorcido e interpretado incorretamente como uma "maldição", pois aquilo que Noé disse teve muito mais o caráter de profecia de um pai sobre seus filhos e netos. A palavra "maldito" só é usada uma vez, mas refere-se a Canaã, o filho mais novo de Cam, e não ao próprio Cam. Isso indica que Noé estava descrevendo o futuro de seus filhos e de um de seus netos tomando por base o que via no caráter deles, algo não muito diferente do que Jacó fez antes de morrer (Gn 49).

Canaã - escravidão (v. 25). Se a intenção de Noé fosse proferir uma maldição, teria sido sobre Cam, o filho que havia pecado contra seu pai. Contudo, em vez disso, citou o nome de Canaã três vezes. Era um princípio da lei judaica posterior que os filhos podiam ser castigados pelo pecado de seus pais (Dt 24:16; Jr 31:29, 30; Ez 18:1-4), e é bem provável que isso também estivesse em vigor no tempo dos patriarcas.²

Ao olhar para os séculos futuros, Noé predisse três vezes que os descendentes de Canaã tornar-se-iam servos desprezíveis.³ Os cananeus aparecem na relação de Gênesis 10:15-19 e são justamente as nações que Israel conquistou e em cujas terras habitou (Gn 15:18-21; Êx 3:8, 17; Nm 13:29; Js 3:10; 1 Rs 9:20). É difícil descrever a corrupção moral da sociedade cananéia, especialmente a degeneração de suas práticas religiosas. No entanto, as leis apresentadas em Levítico 18 podem dar uma idéia de como aquele povo vivia.⁴ Deus advertiu os judeus a não ser condescendentes com o modo de vida cananeu, ordenando que destruíssem tudo o que poderia tentá-los nesse sentido (Êx 34:10-17; Dt 7).

Há duas idéias equivocadas que devem ser esclarecidas. Em primeiro lugar, os descendentes de Cam não eram membros da raça negra, mas sim caucasianos, de modo que não há qualquer fundamento para a instituição da escravidão nessa chamada "maldição de Canaã". Em segundo lugar,

apesar de seus caminhos maus, alguns desses povos descendentes de Cam formaram grandes civilizações avançadas, como a dos babilônios, dos assírios e dos egípcios. Em certo sentido, podemos dizer que os descendentes de Cam "serviram" o mundo todo através das idéias e implementos que descobriram e desenvolveram. Assim como os descendentes de Caim (Gn 4:17-24), essas nações foram dotadas de talento para criar coisas para este mundo (Lc 16:8).

Sem - enriquecimento (v. 26). Noé não abençoou Sem. Sua bênção foi para "o SENHOR, Deus de Sem". Ao fazê-lo, Noé deu glória a Deus por aquilo que faria com os descendentes de Sem. Noé reconheceu diante de seus filhos que tudo o que Sem viesse a possuir seria dádiva de Deus e quaisquer que fossem as bênçãos que trouxesse ao mundo no futuro, elas seriam resultantes da graça de Deus.

Sem é, obviamente, antepassado de Abraão (Gn 11:10-32), o qual, por sua vez, fundou a nação hebraica, de modo que Noé estava se referindo ao povo hebreu. A promessa do Senhor de que enriqueceria espiritualmente o povo de Israel foi feita a Abraão (Gn 12:1-3) e, mais tarde, explicada por Paulo (Rm 3:1-4; 9:1-13). É por intermédio de Israel que temos conhecimento do verdadeiro Deus, que nos foi dada a Palavra de Deus, e temos o Salvador Jesus Cristo, que nasceu em Belém, da tribo de Judá. Em hebraico, Sem significa "nome", e é o povo de Israel que preserva o nome do Senhor.

Sem era o segundo filho de Noé (Gn 9:24; 10:21), mas sempre que aparecem os nomes dos três filhos, o de Sem é colocado primeiro (Gn 5:32; 6:10; 9:18; 10:1; 1 Cr 1:4). Trata-se de mais um caso em Gênesis no qual a graça de Deus elevou o segundo filho à posição de primogênito. Deus escolheu Abel em lugar de Caim (Gn 4:4, 5), Isaque em lugar de Ismael (Gn 17:15-22) e Jacó em lugar de Esaú (Gn 25:19-23). Paulo discute essa profunda questão teológica em Romanos 9.

Jafé - expansão (v. 27). Ele foi o ancestral das nações que normalmente chamamos de

“gentias”. Há, aqui, um jogo de palavras, pois, no hebraico, o nome Jafé é muito parecido com a palavra que significa “expandir”. Os descendentes de Cam construíram grandes civilizações no leste, e os semitas assentaram-se nas terras de Canaã e territórios vizinhos. Já os descendentes de Jafé espalharam-se para lugares muito mais distantes que seus parentes e chegaram até as regiões que conhecemos hoje como Ásia Menor e Europa. Eram um povo que se multiplicaria e se mudaria para novos territórios.

Porém, apesar de os descendentes de Jafé serem bem-sucedidos em suas conquistas, no que se tratava de questões espirituais, dependiam de Sem. Deus é o Deus de Sem, e os descendentes de Jafé podiam encontrar a Deus “nas tendas de Sem”. Israel foi escolhido por Deus para ser “luz para os gentios” (Is 42:6; 49:6), pois “a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). É triste dizer que, em sua maior parte, a nação de Israel não deu testemunho aos gentios para que pudessem vir a crer no Deus vivo e verdadeiro (Is 52:5; Rm 2:24).

Quando Jesus veio à Terra, trouxe luz para os gentios (Lc 2:32), e os apóstolos da Igreja primitiva levaram essa luz às nações (At 1:8; 13:47). Descendentes dos três filhos de Noé encontravam-se representados na Igreja primitiva: o tesoureiro etíope, descendente de Cam (At 8:26ss),⁵ Paulo, descendente de Sem (At 9) e Cornélio e sua família, descendentes de Jafé (At 10).

Noé viveu mais três séculos e meio, e temos bons motivos para crer que ele andou com Deus e serviu-o fielmente. No que se refere aos registros escritos, caiu em uma ocasião, mas certamente se arrependeu, e o Senhor o perdoou. Em nossa caminhada com Deus, subimos os montes e, por vezes, descemos até os vales. Como George Morrison costumava dizer: “A vida é uma série de recomeços”.

3. UM LEGADO DE FAMÍLIA (GN 10:1-32)

Este capítulo é conhecido como “tabela das nações” e é um material singular nos anais da história antiga. O propósito do capítulo é apresentado no início (v. 1) e no final (v. 32):

explicar como, depois do dilúvio, a Terra voltou a ser povoada pelos descendentes dos três filhos de Noé. Pode-se encontrar uma lista semelhante (porém não idêntica) em 1 Crônicas 1.

Cuidado! Antes de verificar alguns detalhes deste capítulo e de procurar tirar dele algumas lições espirituais, precisamos usar de cautela com algumas questões.

Em primeiro lugar, essa listagem não é uma genealogia típica, que apresenta apenas o nome dos descendentes. O escritor nos lembra de que esses povos antigos eram organizados “segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações” (Gn 10:31). Em outras palavras, trata-se de uma genealogia acrescida de um atlas e de um livro de história. Por meio dela, observamos os movimentos dos povos e das nações no mundo antigo.

Em segundo lugar, a listagem não é completa. Não encontramos menção, por exemplo, a Edom, Moabe e Amom e, no entanto, trata-se de nações importantes na história bíblica. O fato de haver setenta nações na lista sugere que sua organização pode ser intencionalmente artificial, abordagem usada com frequência ao se fazer esse tipo de lista.⁶ Havia setenta pessoas na família de Jacó quando esta foi para o Egito (Gn 46:27; Êx 1:5), e o Senhor Jesus enviou setenta discípulos para pregar a Palavra (Lc 10:1).

Em terceiro lugar, é difícil identificar algumas dessas nações e dar-lhes nomes “modernos”. Ao longo dos séculos, pode acontecer de nações mudarem de nome, irem para outros lugares, modificarem sua linguagem e até mesmo alterarem sua composição racial por meio de miscigenação.

Os descendentes de Jafé (v. 2-5). São apresentados sete filhos e sete netos de apenas dois desses filhos. Isso significa que os outros cinco não tiveram filhos ou que se trata de mais uma evidência de abordagem seletiva do compilador? Jafé é o ancestral das nações gentias que se assentaram ao norte e oeste da terra de Canaã. Essas viam a ser as nações que representavam os “confins da terra” para a maior parte dos judeus do Antigo Testamento (Sl 72:8-10).

Os descendentes de Cam (vv. 6-20). Cuxe é o nome dado à antiga Etiópia (não à nação moderna); Mizraim corresponde ao Egito, e Pute, possivelmente à Líbia. Já mencionamos anteriormente os povos de Canaã. Os descendentes de Cam assentaram-se em regiões que identificamos como Egito, Palestina, Sudão, Arábia Saudita e Iêmen.

Neste ponto da listagem, encontramos um “parêntese” que trata de um homem famoso chamado Ninrode, fundador de um grande império (vv. 8-12). Ele é mencionado porque as nações que fundou tiveram papel importante na história de Israel e, também, porque uma delas (Babel) é discutida na seção seguinte de Gênesis.

Ninrode é chamado de “poderoso na terra” e de “poderoso caçador diante do Senhor” (vv. 8, 9). A palavra traduzida por “poderoso” refere-se a um campeão, alguém superior em força e coragem. É traduzida como “valentes” em 1 Reis 1:8 e 10 e refere-se à guarda especial de Davi. O texto não retrata Ninrode como um esportista caçando,⁷ mas sim como um tirano em suas conquistas impiedosas e no processo de fundação de um império. Ninrode construiu quatro cidades em Sinar (Babilônia) e outras quatro na Assíria. Tanto a Babilônia quanto a Assíria tornaram-se inimigas de Israel e foram usadas por Deus para disciplinar seu povo desobediente. Veremos mais detalhes sobre a Babilônia em nosso próximo estudo.

Os descendentes de Sem (vv. 21-31). Normalmente, Sem é mencionado primeiro, mas desta vez ele aparece em último lugar, de modo que a narrativa possa entrar diretamente na história de Babel e na genealogia de Abraão, um dos descendentes de Sem (Gn 11:10ss). São citados os nomes de cinco filhos, mas a ênfase fica sobre a família de Arfaxade, pois ele foi o avô de Héber (Gn 10:24). Abraão, pai dos hebreus, veio da linhagem de Héber, e sua história começa no capítulo 12.⁸

Há outro “parêntese” em Gênesis 10:25 para discutir a ocasião em que se “repartiu a terra” durante os dias de Pelegue, nome que significa “divisão”. Trata-se, possivelmente, da divisão e dispersão das nações descritas

no capítulo 11. No entanto, alguns estudiosos acreditam que essa divisão refere-se a uma divisão específica dos continentes e reposicionamento de grandes porções de terra.⁹

Importância. Essa lista de nomes e de lugares contém certas verdades teológicas importantes, sendo que uma das mais relevantes é o fato de que Jeová é o Senhor das nações. Deus deu sua herança às nações (Dt 32:8), “havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação” (At 17:26). Apesar de déspotas como Ninrode, Jeová é o Deus acima da geografia e da história. É ele quem está no controle. Aquilo que Deus promete, ele cumpre. A profecia de Noé sobre seus filhos se cumpriu.

Em segundo lugar, apesar das diferenças externas, *todas as nações pertencem à mesma família humana*. “De um só [Deus] fez toda a raça humana” (At 17:26), e não há etnia ou povo que possa afirmar ser superior a qualquer outra parte da raça humana. Apesar de, em sua providência [Deus] haver permitido que certas nações progredissem mais do que outras em termos econômicos e políticos, essas realizações não provam que tais nações sejam melhores do que outras (Pv 22:2).

Em terceiro lugar, *Deus tem um propósito a ser cumprido pelas nações*. O relato em Gênesis 9:24 - 11:32 deixa claro que Israel era a nação escolhida por Deus. Do capítulo 12 em diante, Israel passa a ocupar o espaço central no palco da narração. No entanto, Deus também usou o Egito, a Babilônia, a Assíria, a Média-Pérsia e Roma para cumprir seus propósitos com referência ao povo judeu. Deus pode usar governantes pagãos como Nabucodonosor, Ciro, Dario e até mesmo César Augusto.

Em quarto lugar, *Deus se preocupa com todas as nações*. No Livro de Salmos, encontramos, com frequência, a expressão “todas as nações” ou “todos os povos”. Os Salmos 66:1-8 e 67 expressam essa visão universal de que todas as nações da Terra devem conhecer a Deus e lhe servir. A comissão da Igreja para ir a todo o mundo não é uma idéia acrescentada no Novo Testamento -

ela se encontra entretecida na história do Antigo Testamento. Por fim, aquilo que está escrito em Gênesis 9 – 10 deve ter servido de incentivo para o povo de Israel quando conquistaram Canaã. Os israelitas sabiam que eram o povo escolhido de Deus e que os cananeus seriam seus servos. Sabiam, também, que seu Deus era o Senhor das nações e que delas poderia dispor como

lhe aprouvesse. A conquista de Canaã foi uma vitória de fé nas promessas de Deus, o que explica por que o Senhor admoestou Josué a meditar na Palavra de Deus (Js 1:8).

Os três filhos de Noé deixaram para o mundo um legado misto, mas o Senhor das nações ainda está no controle, e a história ainda lhe pertence.¹⁰

1. BAKER, Russell. "Life With Mother." *Inventing the Truth*. Editado por William Zinsser. Nova York: Book-of-the-Month Club, 1987, p. 49.
2. Êxodo 20:5, 6 e 34:7 contrabalançam esse princípio: de fato, Deus castiga os filhos pelos pecados de seus pais se os pecados dos pais são repetidos por seus filhos, como acontece com frequência. Quer seja por causa de fraquezas herdadas geneticamente, quer pela influência de maus exemplos, por vezes os filhos seguem os passos de seus pais.
3. Alguns estudiosos consideram esse "servir" não como escravidão, mas como a prestação de serviços a outros e, talvez, essa idéia esteja incluída na declaração de Noé. Algumas das civilizações descendentes de Cam contribuíram grandemente para o progresso material e intelectual do mundo.
4. Tendo em vista o que ocorreu com Noé, é importante observar que o termo "nudez" – ou outras palavras relacionadas – aparece vinte e quatro vezes nesse capítulo. "Descobrir a nudez" significa, obviamente, ter relações sexuais com uma pessoa.
5. Não se trata da Etiópia moderna, mas de uma nação africana identificada como "Cuxe" nas traduções mais atuais. Cuxe era filho de Cam.
6. Já observamos que há listas de dez gerações de Adão a Noé (Gn 5), de Sem a Abraão (Gn 11:10-26) e de Perez a Davi (Rt 4:18-22). A genealogia de nosso Senhor apresentada por Mateus segue um padrão de três conjuntos de catorze gerações cada, de Abraão até Cristo (Mt 1:1-17). Deuteronômio 32:8 afirma que a divisão das nações era "segundo o número dos filhos de Israel". Trata-se de uma referência às setenta pessoas da família de Jacó (Israel)? Alguns textos trazem "segundo o número dos filhos de Deus", o que pode ser uma referência aos anjos (Jó 1 e 2), uma vez que a tradição judaica dizia haver setenta "anjos territoriais" e que cada um foi incumbido de uma nação (Dn 10:12-21).
7. Certa vez, vi uma loja de produtos esportivos chamada "Rode e Ninrode", sugerindo que vendiam equipamentos para os mais diversos esportes, desde pesca até caça.
8. É possível que o termo "hebreu" tenha se originado de "Héber", mas nem todos os especialistas na língua hebraica concordam. Alguns associam "hebreu" com uma palavra que significa "atravessar ou passar sobre", isto é, "vindo do outro lado, um forasteiro, um estrangeiro". Abraão, o estrangeiro, era designado "o hebreu" (Gn 14:13), e José também era chamado dessa forma no Egito (Gn 39:14; 41:12; 43:32).
9. Em 1868, Robert S. Candlish propôs uma interpretação curiosa desse versículo intrigante. Sugeriu que Deus disse a Héber como deveria dividir as diversas nações e para onde deveria enviá-las. Ninrode estava procurando consolidar os povos sob seu domínio, mas Deus frustrou seus esforços ao dispersar os vários clãs. Ver Robert S. Candlish, *Studies in Genesis*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1979, pp. 172, 3.
10. O Dr. A. T. Pierson costumava dizer que: "A história humana é a história de Deus".

CUIDADO – DEUS TRABALHANDO

GÊNESIS 11

“O homem propõe, mas Deus dispõe.” Essa declaração tão conhecida é quase um clichê religioso. Muitas pessoas que a usam nem sequer sabem o que significa. Essas palavras foram escritas pelo monge agostiniano Thomas à Kempis (aproximadamente 1380-1471) em seu livro clássico *Imitação de Cristo*. Uma versão ampliada aparece no seguinte provérbio: “O homem faz o que pode, mas Deus faz o que quer”. Salomão usou mais palavras, mas se expressou melhor: “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (Pv 19:21).

Poucos capítulos da Bíblia ilustram essa verdade de modo mais claro do que Gênesis 11. Quando lemos a narração de Babel e, então, as genealogias subseqüentes, nossa impressão imediata é a de que Deus está trabalhando em seu mundo e cumprindo seus propósitos apesar dos planos e projetos dos pecadores.

1. DEUS IMPEDE UMA REVOLTA (GN 11:1-9)

Gênesis 1 – 11 registra quatro grandes acontecimentos: a criação do Universo, a queda do homem, o dilúvio e a tentativa de construir a torre de Babel. Esses capítulos revelam que, sempre que a humanidade desobedece a Deus, o Senhor julga o pecado e, então, sua graça oferece um recomeço.

Adão e Eva pecaram, mas Deus vestiu-os e prometeu enviar ao mundo um Redentor. Caim matou Abel, mas o Senhor enviou Sete para dar continuidade a uma linhagem teemente a Deus. Os descendentes de Sete misturaram-se com os perversos descendentes

de Caim, e Deus teve de limpar toda a Terra com o dilúvio. Porém, Noé e sua família crearam na Palavra de Deus e foram poupados. Depois do dilúvio, os descendentes dos três filhos de Noé repovoaram a Terra. No entanto, o recomeço com Noé acabou levando a uma das mais arrogantes revoltas contra Deus já registradas em todas as Escrituras.

Rebelião (vv. 1-4). É bem provável que os acontecimentos do capítulo 11 tenham ocorrido antes daqueles que se encontram no capítulo 10 e que a dispersão descrita no capítulo 10 tenha sido consequência do julgamento de Deus em Babel. Talvez a história tenha sido colocada aqui em Gênesis para que pudesse conduzir à genealogia de Sem, a qual, por sua vez, leva à genealogia de Abraão, o fundador do povo hebreu. Assim, a organização do texto é literária, não cronológica.

Deus ordenou que os povos fossem férteis, que se multiplicassem e que se espalhassem por toda a Terra, mas decidiram mudar para a cidade de Ninrode, na Babilônia, e assentar-se ali (Gn 11:8-12). Essa mudança representou uma rebelião explícita contra a ordem de Deus para que o povo se espalhasse. Ao que parece, Ninrode desejava tê-los em sua cidade e sob seu domínio.

A “torre” que construíram em Babel era uma estrutura conhecida como “zigurate”. Arqueólogos já escavaram várias dessas estruturas enormes construídas principalmente para fins religiosos. Um zigurate era como uma pirâmide, exceto pelo fato de que cada nível acima era menor, criando uma sucessão de “degraus” que permitiam subir até o topo. Ali ficava um santuário especial consagrado a um deus ou deusa. Ao construir essa estrutura, as pessoas não estavam tentando subir até o céu para destronar a Deus. Antes, esperavam que o deus ou a deusa que adoravam descesse do céu para encontrar-se com elas. Tanto a estrutura quanto a cidade eram chamadas de “Babel”, que significa “portal dos deuses”.

Esse projeto odioso foi uma declaração arrogante de guerra contra Deus, não muito diferente da rebelião descrita no Salmo 2:1-3. Para começar, o povo estava resistindo à

determinação divina para que se espalhasse e repovoasse a Terra. Motivados, talvez, por medo bem como por orgulho, decidiram construir uma cidade e um grande zigurate e ficar todos juntos. Porém, mais do que isso, desejaram tornar célebre seu nome, de modo que outros os admirassem e, talvez, até se juntassem a eles. Ao declarar seu propósito, repetiam a mentira do diabo no Éden: “como Deus sereis” (Gn 3:5).

Esse povo tinha várias elementos a seu favor. Eram, verdadeiramente, um conjunto de “nações unidas”, um só povo (Gn 11:6) que falava a mesma língua e usava um único vocabulário e dicionário.¹ Era motivado por um só espírito de orgulho e pelo desejo instigante de se tornar célebre. A única coisa que lhe faltava era a aprovação de Deus.

A reação de Deus (vv. 5-9). “Antes de destruir alguém”, escreveu o historiador Charles Beard, “os deuses o inebriam de poder”.² De Babel a Belsazar (Dn 5) e de Herodes (At 12:20-25) a Hitler, Deus demonstrou repetidamente que não vale a pena rebelar-se contra sua vontade. “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18), e Jesus advertiu que aqueles que se exaltassem seriam humilhados (Mt 23:12).

O Deus do céu jamais fica perplexo nem paralisado com aquilo que as pessoas fazem aqui na Terra. A arrogante exclamação de Babel “Subamos!” foi respondida com tranquilidade pelo céu: “Desçamos!”. “Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles” (Sl 2:4). É claro que Deus não precisa realizar uma investigação para saber o que está acontecendo em seu Universo; a linguagem usada serve apenas para dramatizar a intervenção divina.

Assim como aconteceu com Adão e Eva no jardim (Gn 3:22-24), o julgamento de Deus em Babel não tratou apenas dos pecados imediatos, mas também ajudou a prevenir futuros problemas. A unificação da humanidade só serviria para dar às pessoas uma idéia falsa de poder que as levaria a uma rebelião ainda maior contra Deus. Ao confundir sua linguagem e dispersá-las, Deus, em sua graça, poupou a vida delas e

deu-lhes uma oportunidade de voltar para o Senhor. Poderia ter destruído os construtores, a cidade e a torre, mas escolheu permitir que vivessem.

A palavra “Babel” é parecida com o termo hebraico *balal*, que quer dizer “confusão”. Por causa do julgamento de Deus, o “portal dos deuses” transformou-se na “porta para a confusão”. Em vez de tornarem célebre seu nome, o projeto deles recebeu de Deus um novo nome! Em sua igreja, “Deus não é de confusão” (1 Co 14:33); porém, no mundo, por vezes Deus usa a confusão para humilhar as pessoas e impedi-las de se unirem contra a vontade dele.

A palavra “Sem” significa “nome” em hebraico, e Deus prometeu a Abraão, um descendente de Sem, que engrandeceria seu nome (Gn 12:2). As pessoas do mundo dependem de sua própria sabedoria e de seus próprios esforços e, ainda assim, não conseguem criar para si um nome que permaneça. Quem conhece o nome de alguém que tenha trabalhado na famosa torre de Babel? Contudo, o nome de Abraão é conhecido ao redor do mundo e reverenciado por judeus, muçulmanos e cristãos. Há uma enorme diferença entre a humanidade dizer: “Tornemos célebre nosso nome!” e Deus dizer: “Te engrandecerei o nome!”

O Livro de Gênesis dá ênfase aos nomes, e, nesse livro, Deus muda vários nomes. Abrão, por exemplo, tornou-se Abraão; Sarai passou a ser Sara; Esaú tornou-se Edom; Jacó tornou-se Israel, e assim por diante. O nome que Deus dá a algo ou a alguém é muito mais importante do que a designação que usamos. Quando estava criando o mundo, Deus deu nome às coisas e pediu a Adão que desse nome aos animais. Hoje em dia, a palavra “Babel” faz pouca gente pensar em “portal dos deuses”; ao ouvir esse nome, a maioria pensa em “confusão”.

Nossa resposta. A história de Babel não é apenas uma parte da história antiga, pois Babel e a Babilônia apresentam um desafio espiritual para cada cristão da atualidade.

A Babilônia acabou tornando-se uma grande cidade e um grande império. Em 606-586 a.C., os exércitos babilônios atacaram

e capturaram o reino de Judá, queimaram o templo e a cidade de Jerusalém e levaram milhares de judeus cativos para a Babilônia. Deus usou os cruéis e idólatras babilônios para disciplinar seu povo desobediente.

Contudo, nas Escrituras, a Babilônia simboliza o orgulho perverso, a corrupção moral e a rebeldia contra Deus. A Bíblia apresenta o contraste entre a cidade terrena da Babilônia, que se rebela contra Deus, e a cidade celestial de Jerusalém, que glorifica a Deus. A fim de examinar melhor o contraste entre essas duas cidades, é interessante ler Jeremias 50 e 51 e Apocalipse 17 – 19. A Babilônia representa o sistema do mundo que se opõe a Deus, odeia a Jesus Cristo e é atraente aos apetites mais abjetos da natureza humana. A Babilônia é o oposto da Jerusalém celestial, que é a cidade dos santos (Hb 12:18ss).

Na cidade de Babel, as pessoas queriam construir uma torre que chegasse até o céu, mas na Babilônia de Apocalipse 17 e 18, o pecado da cidade é que chega até o céu (Ap 18:5). Aquela primeira unificação mundial que Ninrode desejava para a Babilônia de Gênesis um dia será obtida pelo sistema mundial perverso de Satanás (vv. 3, 9, 11, 23). A Babilônia terrena é chamada de prostituta, enquanto a cidade santa do céu é chamada de noiva de Cristo (17:1; 21:9ss).

“Toda geração constrói suas próprias torres”, escreveu a psicoterapeuta Naomi H. Rosenblatt, e ela tem razão.³ Quer sejam verdadeiros arranha-céus (como as torres Sears e Tribune, em Chicago, a torre Eiffel, em Paris, a torre Trump, em Nova York), quer corporações gigantesca que abrangem todo o globo, a idéia é a mesma: “Tornaremos nosso nome célebre”. O povo de Deus não pode evitar de estar *no mundo*, pois é no mundo que se encontra nosso ministério; no entanto, não devemos *ser do mundo*. Não estamos aqui para construir as torres arrogantes de seres humanos. Estamos aqui para ajudar a edificar a Igreja de Cristo.⁴

Aquilo que a humanidade não pode realizar por meio de suas “torres de orgulho”, Jesus Cristo realizou ao morrer numa cruz de humilhação. Todos aqueles que confiam

em Jesus são um em Cristo (Gl 3:27) e, um dia, partilharão do céu, independentemente de raça, cor, língua ou tribo (Ap 7:9). Enquanto o sistema do mundo produz uma uniformidade exterior, em seu interior está se desintegrando. A vida das pessoas vem sendo controlada por aquilo que os sociólogos chamam, atualmente, de “tecnopólio”.⁵

No entanto, o Espírito Santo usa a Igreja como uma agente de reconciliação, de modo a promover a unificação em Jesus Cristo (Ef 1:10; 2 Co 5:14-21). Em certo sentido, o Pentecostes foi o inverso do que ocorreu em Babel, pois as pessoas que se encontravam em Jerusalém naquela ocasião ouviram louvores a Deus em suas próprias línguas (At 2:1-12). Um dia, pessoas virão de todas as tribos e nações para adorar a Jesus Cristo (Ap 15:4), e o julgamento de Babel terá fim (Sf 3:9).

Cada pessoa deve fazer uma escolha. Vamos nos identificar com Babilônia ou com Jerusalém, com a prostituta deste mundo ou com a noiva celestial?

2. DEUS PRESERVA UMA FAMÍLIA (GN 11:10-26)

Deus havia prometido que enviaria um Redentor, um descendente da mulher (Gn 3:15) que derrotaria Satanás e traria a salvação. A profecia de Noé revelou que Deus abençoaria o mundo por meio da linhagem de Sem, os “semitas”, antepassados do povo hebreu (Gn 9:26, 27). “Sem, que foi pai de todos os filhos de Héber” (Gn 10:21), e é bem possível que a palavra “hebreu” venha do nome “Héber”.

Gênesis apresenta duas genealogias de Sem, em 10:21-29 e em 11:10-26. A primeira genealogia dá uma relação de todos os cinco filhos e de cinco dos seus netos, mas depois se concentra nos descendentes de Arfaxade: Salá, Héber e os dois filhos de Héber, Pelegue e Joctã. Encontramos uma lista dos muitos filhos de Joctã, mas não há nada sobre os descendentes de Pelegue. Contudo, a genealogia do capítulo 11 trata da parte da família relacionada a Pelegue e nos conduz a Abraão. A genealogia de Gênesis 5 vai de Adão até Noé, e a de Gênesis

11 vai de Sem, filho de Noé, até Terá e seu filho, Abraão.

Exceto pelo fato de as duas listas terem dez gerações, a relação de Gênesis 11:10-26 é diferente da genealogia de Gênesis 5. Dentre outras coisas, ela não traz a expressão repetida “e morreu”. A ênfase é sobre a idade do homem por ocasião do nascimento de seu primogênito. As pessoas que aparecem em Gênesis 11:10-26 não viveram tanto tempo quanto os homens citados em Gênesis 5. A lista começa falando dos novecentos e cinquenta anos de Noé, e essa idade vai diminuindo até chegar aos cento e quarenta e oito anos de Naor. As gerações pós-diluvianas estavam começando a sentir as conseqüências físicas do pecado sobre o corpo humano.

O que importa nessa genealogia é o fato de registrar a fidelidade de Deus ao cuidar de seu povo e cumprir suas promessas. Aquilo que para nós não passa de uma lista de nomes, para Deus foi uma “ponte” da escolha de Sem até o chamado de Abraão. Deus dignou-se a usar pessoas para ajudar a realizar sua vontade aqui na Terra. As pessoas são frágeis e nem sempre obedientes. No entanto, a “ponte” foi construída, e as promessas da aliança, mantidas.

3. DEUS COMEÇA UMA NAÇÃO (GN 11:27-32)

Se Gênesis 1 - 11 é um registro de quatro acontecimentos-chave - a criação, a queda, o dilúvio e o julgamento de Babel -, então Gênesis 12 - 50 é o registro da vida de quatro homens-chave: Abraão, Isaque, Jacó e José. Cinco pessoas destacam-se nesse parágrafo: Abraão e sua esposa, Sara;⁶ Terá, pai de Abraão; e Naor e Harã, irmãos de Abraão. Naor morreu e deixou um filho chamado Ló.

O propósito de Deus era chamar um homem e sua esposa e, a partir deles, constituir uma família. Dessa família formaria uma nação e, a partir dessa nação, Deus abençoaria todas as nações do mundo (Gn 12:1-3; 18:18). Foi uma obra da graça de Deus do começo ao fim, pois quando Deus chamou Abraão e Sara, faziam parte de uma família que adorava ídolos (Js 24:2). Tanto em Ur

dos caldeus como em Harã, o povo adorava o deus Lua.

De acordo com Estêvão (At 7:2), “o Deus da glória” apareceu a Abraão e chamou-o para ir para Canaã. É provável que Abraão tenha contado a sua família sobre essa mensagem incrível e avisado que ele e Sara estavam indo embora. Ele devia tomar apenas Sara e partir, deixando a família para trás (Gn 12:1). Porém, com exceção de seu irmão Naor e, obviamente, de seu irmão Harã, que havia falecido, todos foram com ele. Naor e a esposa, Milca, aparecem novamente mais adiante na história (Gn 22:20), mas Naor *foi o homem que ficou*. Será que, apesar de ter permanecido na região idólatra de Ur dos caldeus, Naor creu na mensagem que seu irmão lhe transmitiu sobre o verdadeiro Deus da glória? Esperamos que sim.

Ao que parece, Tera creu nessa mensagem e encarregou-se de cuidar da família e de suas viagens (Gn 11:31), mas Tera *foi o homem que parou*. Ele viajou cerca de setecentos e cinquenta quilômetros, até a cidade de Harã. Lá ele fez seu assentamento e lá ele morreu. Talvez a viagem fosse longa demais para ele, mas fazia parte do plano de Deus que Abraão e Sara o seguissem sem sua família. Com a morte de Tera, restou apenas Ló, o filho de Harã, o irmão de Abraão que havia falecido em Ur. Ló *tornou-se o homem que se desviou*, pois acabou deixando Abraão e assentando-se na cidade perversa de Sodoma (Gn 13:10-13; 14:12; 19:1ss).

O mais extraordinário sobre o chamado de Deus a Abraão e Sara é o fato de o casal não ter filhos. Abrão significa “pai exaltado”, mas ele nem era pai! Os dois eram os candidatos com a menor probabilidade de ter uma família e de construir uma grande nação. Mas os caminhos de Deus não são os nossos caminhos (Is 55:8, 9), e, ao chamar e abençoar aquele casal estéril, o Senhor revelou a sua glória e a grandeza de seu poder. Abrão seria chamado de “Abraão” que significa “pai de muitas nações”.

Existe um contraste e tanto entre os caminhos do homem em Babel e os caminhos de Deus ao chamar Abraão e Sara. O mundo

depende de um grande número de pessoas poderosas a fim de realizar seus propósitos. Deus, porém, escolheu duas pessoas fracas e deu início a uma nova nação. O povo de Babel desejava tornar seu nome célebre, mas Deus prometeu engrandecer o nome de Abraão. Os que trabalhavam na torre de Babel seguiram a sabedoria deste mundo, mas Abraão e Sara confiaram na Palavra de Deus (Hb 11:11, 12). Babel foi construída

com o vigor da carne e motivada pelo orgulho, mas a nação de Israel foi construída pela graça e pelo poder de Deus e apesar das fraquezas humanas.

Vivemos num mundo confuso, e Babel ainda está aqui conosco. Mas Deus continua a ter um remanescente fiel que o segue pela fé e mantém seus olhos firmes na cidade celestial (Hb 11:13-16).

Você faz parte desse remanescente?

1. Mesmo quando as pessoas falam a mesma linguagem, é possível que usem diferentes dialetos locais e que as mesmas palavras tenha significados distintos em diferentes lugares. Diz-se que, de acordo com George Bernard Shaw, a Inglaterra e os Estados Unidos são dois países divididos por uma linguagem em comum.
2. Nesse caso, Beard estava parafraseando uma declaração do dramaturgo grego Sófocles: "Aquele que Zeus pretende destruir ele antes leva à loucura". Essa declaração tornou-se um provérbio com diferentes versões em várias línguas.
3. ROSENBLATT, Naomi H. e HOROWITZ, Joshua. *Wrestling with Angels*. Nova York: Dell Publishing, 1995, p. 82.
4. Com isso, não estamos sugerindo que toda a tecnologia global e as enormes corporações multinacionais sejam, necessariamente, más em si. É o espírito e o propósito dessas "torres" que devem ser evitados pelos cristãos. "Não vos conformeis com este século" (Rm 12:2). "Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1 Jo 2:17). O povo de Deus pode fazer bom uso da tecnologia global para divulgar o evangelho e edificar a igreja, mas nossa fé deve estar no Senhor e nosso propósito deve ser de glorificar a Deus. A Bíblia adverte os cristãos, repetidamente, a que não se identifiquem com o sistema deste mundo para que, assim, não sejam identificados com tal sistema no dia do julgamento final deste mundo (Is 48:20; Jr 50:8; 51:6, 45; 1 Co 11:32; Ap 18:4).
5. Ver POSTMAN, Neil. *Technopoly: The Surrender of Culture to Technology*. Nova York: Knopf, 1992; reimpresso por Vintage Books, 1993; e ELLUL, Jacques, *The Technological Bluff*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.
6. O nome dos dois foi mudado, posteriormente, de Abrão para Abraão e de Sarai para Sara (Gn 17:1-17).

DE VOLTA AOS FUNDAMENTOS

REVISÃO DE GÊNESIS 1 – 11

O Livro de Gênesis é para a Bíblia o que os alicerces são para uma casa, o que a constituição é para a lei de um país e o que a tabela periódica dos elementos é para a química. Uma compreensão das verdades fundamentais de Gênesis, especialmente dos capítulos 1 a 11, lhe dará a chave necessária para abrir as portas do resto das Escrituras e viver para a glória de Deus. No entanto, você não pára em Gênesis 1 – 11, mas sim edifica sobre seus alicerces.

Façamos uma revisão de alguns desses fundamentos.

1. DEUS É REAL E PODEMOS CONFIAR NELE

A Bíblia começa com uma declaração de que Deus existe: “No princípio, criou Deus” (Gn 1:1). Gênesis não apresenta nenhum argumento filosófico para provar a existência de Deus; simplesmente o coloca no começo de tudo. Quando abrimos nossa Bíblia, Deus está lá; ele¹ estava lá antes de a Bíblia ser escrita ou antes mesmo de o Universo ser criado.

O Deus com o qual nos deparamos em Gênesis 1 – 11 não é apenas eterno, mas também sábio e poderoso. Ele é um grande Deus, e seu poder é tão extraordinário que ele só precisa falar para que as coisas aconteçam. Sua sabedoria é tão grande que aquilo que ele cria funciona! Desde o menor dos seres unicelulares até a mais vasta galáxia, o poder e a sabedoria de Deus são manifestos em toda a criação.

E, no entanto, esse grande Deus é um Deus pessoal. Ele nos dá atenção e quer ser nosso Senhor e nosso Amigo!

Ele é um Deus santo que não condescende com o pecado. Julgou os pecados

pessoais de Adão, Eva e Caim e também os pecados conjuntos do povo pré-diluviano e dos moradores de Babel. Contudo, ao mesmo tempo, ele é um Deus de amor, que nos criou à sua imagem e anseia ter comunhão conosco e revelar-se a nós. Nossos pecados o entristecem, mas, em sua graça, ele perdoa aqueles que confiam nele e dá-lhes mais uma chance.

O Deus de Gênesis tem um plano para a humanidade. Ele prometeu enviar um Redentor que conquistaria Satanás e traria a salvação para a raça humana (Gn 3:15). Cumpriu essa promessa ao enviar Jesus Cristo, o Filho de Deus, para morrer na cruz pelos pecados do mundo. Não conhecemos a Deus até que tenhamos crido em Jesus Cristo para nos salvar de nossos pecados.

2. VIVEMOS NA CRIAÇÃO DE DEUS

O Universo foi criado por Deus e não pelo acaso. Ele fez todas as coisas e ele mantém todas as coisas. O Universo não é um acidente. É a obra-prima singular de um Deus sábio e poderoso, que faz todas as coisas segundo os desígnios da sua perfeita vontade.

A complexidade do Universo revela o poder e a sabedoria de Deus, e a beleza do Universo mostra seu amor. Poderia ter criado um mundo enfadonho, mas enfeitou-o com uma abundância de cores e deu-nos uma enorme variedade de plantas, animais e pessoas para desfrutar. Dia após dia e noite após noite, a criação revela a glória de Deus (Sl 19).

Pelo fato de a criação pertencer a Deus, somos apenas pensseiros daquilo que ele nos deu. Devemos usar a riqueza da criação para o bem de outros e para a glória de Deus, lembrando-nos de que um dia prestaremos contas a Deus pela administração de seus recursos. Desperdiçar ou explorar a criação e descuidadamente poluir sua beleza é pecado contra Deus. Não se trata apenas de uma questão de ecologia; é uma questão de teologia; este é o mundo de nosso Pai.

Em sua generosidade, Deus “tudo nos proporciona [todas as coisas] ricamente para o nosso aprazimento” (1 Tm 6:17), e devemos

agradecer a ele por suas dádivas e usá-las com sabedoria.

3. SOMOS FEITOS À IMAGEM DE DEUS

Homens e mulheres foram criados. Não evoluíram, mas sim foram criados à imagem de Deus. Esse é um privilégio tremendo e uma grande responsabilidade. Cada bebê concebido é feito à imagem de Deus e tem o direito de viver, de fazer parte de uma família amorosa, de conhecer a Deus por meio de Jesus Cristo e de gozar uma vida cheia de propósito e de realização.

Uma vez que Deus nos deu uma mente para pensar, precisamos ler sua Palavra e aprender sua verdade. Ele nos deu livre-arbítrio para tomar decisões, e devemos decidir com sabedoria, de modo agradável ao Senhor. Temos o coração para amá-lo, e demonstramos esse amor ao ter comunhão com Deus e ao obedecer-lhe. Nosso ser interior é espiritual, e precisamos que Deus habite em nós, a fim de encontrarmos paz interior e satisfação.

“Tu nos fizeste para ti”, escreveu Agostinho, “e nosso coração persiste em inquietar-se até que descanse em ti”.

O fato de sermos todos criados à imagem de Deus significa que devemos amar e proteger uns aos outros. É Deus quem dá a vida e somente ele pode tirá-la. Ele deu ao governo humano a autoridade de aplicar a pena de morte, pois o homicida ataca a própria imagem de Deus.

A imagem de Deus em nós foi distorcida pelo pecado, mas essa imagem pode ser restaurada ao andarmos com Deus e ao deixarmos que seu Espírito opere em nós (2 Co 3:18). Tendo em vista que foi Deus quem nos fez, ele sabe o que é melhor para nós e nos deu sua Palavra como um livro de instruções para a vida. É o “manual de instruções” com o qual devemos nos familiarizar. Quando tudo falhar, leia as instruções.

4. A OBEDIÊNCIA É A CHAVE PARA A PRODUTIVIDADE, A ALEGRIA E A BÊNÇÃO

Nossos primeiros antepassados desobedeceram à Palavra de Deus e lançaram toda a raça humana no pecado. Caim desobedeceu

e tornou-se um errante. Noé obedeceu a Deus, e o Senhor salvou esse homem reto e sua família da destruição e os abençoou depois do dilúvio. Sempre que desobedecemos a Deus, rompemos nossa comunicação com ele e perdemos a alegria de sua presença. A obediência é a chave para a bênção; a desobediência é o caminho que conduz à infelicidade e à disciplina.

5. SATANÁS É REAL, MAS É UM INIMIGO

Satanás não é eterno; ele é um ser que foi criado. Não é onisciente, onipotente nem onipresente. É limitado, mas quer que você pense que é tão grande quanto Deus e digno de sua obediência. Satanás é muito poderoso e sutil e, sozinhos, não somos páreo para ele.

Satanás quer ser o deus de nossa vida. Quer nossa adoração e nosso serviço. Ele nos tenta ao questionar a Palavra de Deus:

“Foi isso mesmo que Deus disse?”

Promete nos tornar iguais a Deus, mas jamais cumpre essa promessa. O primeiro passo para a vitória sobre Satanás é não dar ouvidos a suas ofertas nem crer em suas promessas. Precisamos conhecer a verdade de Deus e crer nela se desejamos detectar e frustrar as mentiras do diabo.

Satanás já foi derrotado por Jesus Cristo e, através de Cristo, podemos nos apropriar da vitória (Cl 2:15; Rm 16:20; 1 Co 10:13).

6. O PECADO EXISTE

O mundo pode chamar de lapso, erro, fraqueza ou acidente, mas se é desobediência à vontade de Deus, o Senhor chama isso de pecado. O pecado é sério, pois conduz à morte e ao julgamento. Como todo Pai amoroso, Deus se entristece com o pecado de seus filhos e o julga. No entanto, Deus também perdoa e provê a purificação de que precisamos.

Quando pecamos, nossa tendência é fugir e tentar nos esconder, mas essa é a pior coisa que podemos fazer. É impossível esconder-se de Deus. A única coisa a fazer é arrepende-se, confessar e apropriar-se do perdão divino. Deus nos dá outra oportunidade de obedecer-lhe e de ser abençoados.

7. DEUS CRIOU O SEXO E SABE MELHOR DO QUE NÓS COMO DEVE SER USADO

Deus criou os primeiros seres humanos “homem e mulher”. Ele os fez não apenas para que pudessem se reproduzir e dar continuidade à raça humana, mas também para que aprendessem a amar e a desfrutar um do outro e para que descobrissem seu relacionamento de amor com o Senhor. Sua intenção original era que um homem se unisse a uma mulher pelo resto da vida.

A Bíblia não é um “manual de sexo”, mas deixa algumas coisas bem claras. É evidente que os pecados sexuais são destrutivos não apenas para o corpo e para o ser interior, mas também para outras pessoas, especialmente o cônjuge e a família daquele que peca. Deus criou o homem e a mulher um para o outro; qualquer combinação diferente dessa está fora da vontade de Deus, não importa o que a sociedade ou os tribunais de justiça digam. Deus instituiu o casamento, e o sexo fora dos laços de amor do matrimônio é errado.

8. TODOS OS SERES HUMANOS SÃO UMA SÓ RAÇA

Deus separou os descendentes de Noé em várias línguas e ações, mas todos eles são filhos e filhas de Adão e Eva. Pela providência de Deus, algumas nações e povos progrediram mais rapidamente do que outras neste mundo, mas isso não significa que essas nações mais avançadas sejam melhores do que outros povos. Somos todos uma só raça, e nem um povo pode afirmar que é melhor do que outro.

Deus ordenou que homens e mulheres trabalhassem. O trabalho não é uma forma de castigo. Antes, é uma oportunidade de cooperar com Deus cuidando de sua criação.

9. ISRAEL É O POVO ESCOLHIDO DE DEUS

Isso não significa que sejam melhores do que outros, mas apenas que receberam um chamado de Deus e, portanto, têm mais responsabilidades neste mundo. Deus os escolheu porque os amava, não por causa de seu valor intrínseco (Dt 7:6-11). Deus chamou

Israel a fim de que servisse de bênção para todo o mundo, e, por causa de Israel, temos o conhecimento do verdadeiro Deus, a Palavra de Deus em sua forma escrita e, acima de tudo, o Salvador Jesus Cristo. Nenhum cristão deve nutrir qualquer forma de anti-semitismo em pensamentos, palavras ou atos.

10. DEUS NÃO MUDA E ESTÁ SEMPRE NO CONTROLE

Deus ainda está no trono e sabe, a todo o tempo, o que está fazendo. Ele é longânimo para com os pecadores, mas, um dia, sempre julga o pecado e recompensa o justo. Quer seja a mais distante estrela, quer seja o mais minúsculo dos átomos, Deus sabe onde todas as coisas estão e o que todas elas estão fazendo, e, no final, tudo o que ele criou realizará sua vontade aqui na Terra.

Deus criou as leis que regem o Universo. Se lhes obedecermos, elas trabalham a nosso favor, mas se lhes desobedecermos, trabalham contra nós. A ciência é simplesmente a reflexão e a aplicação de tais leis. O Criador tem o direito de “quebrar” suas próprias regras e de fazer milagres.

11. NOSSO RELACIONAMENTO COM DEUS BASEIA-SE NA FÉ

“De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11:6).

Vivemos de promessas e não de explicações.

12. A VIDA MAIS GRATIFICANTE É AQUELA DEDICADA A DEUS

Deus tem um propósito diferente para cada um de nós cumprir, e ele nos capacita para isso à medida que confiamos em sua Palavra e obedecemos à sua vontade. Qualquer que seja a tarefa para a qual ele nos chama, pode ser realizada a fim de glorificar a Deus. Apesar de haver ocasiões em que os justos sofrem e os perversos são bem-sucedidos, no final, os justos receberão sua recompensa eterna, e os perversos,

o castigo eterno. Mesmo não sendo a mais fácil, a vida cristã é a mais satisfatória e gratificante de todas.

Estes são apenas alguns dos fundamentos que se encontram em Gênesis 1 - 11 e são ilustrados e explicados no restante da Bíblia. Quando entregamos nossa vida a Cristo e construímos sobre essas verdades essen-

ciais, edificamos sobre alicerces firmes que não podem ser abalados. Ignorar tais fundamentos é o mesmo que construir sobre a areia e criar para si uma existência que não suportará as tempestades da vida e nem o julgamento final de Deus. Jesus nos chama de volta aos fundamentos. Leia e reflita sobre Mateus 7:21-27.

-
7. Infelizmente, algumas pessoas têm colocado em discussão o pronome que devemos usar quando nos referimos a Deus. A Bíblia usa sempre "ele", mas não porque o gênero masculino seja o mais apropriado para Deus. Deus é espírito, e criaturas espirituais (inclusive os anjos) não têm gênero. Por alguma razão, pessoas que se opõem a que chamemos a Deus de ele não são contrárias a usarmos o mesmo pronome para Satanás; no entanto, Satanás também é uma criatura espiritual, e portanto sem sexo.
-

UM NOVO COMEÇO

GÊNESIS 11:27 – 12:9

“Se os outros planetas são habitados”, brincou George Bernard Shaw, “então devem estar usando a Terra como seu manicômio”.

Podemos achar esse comentário engraçado, mas ele nos faz lembrar de um fato triste: o mundo encontra-se num estado de caos, e as coisas não parecem estar melhorando. Qual é o problema?

A origem de tudo isso remonta aos acontecimentos registrados no Livro de Gênesis. Com exceção do relato nos capítulos 1 e 2, os onze primeiros capítulos de Gênesis registram uma sucessão de erros dos seres humanos, erros estes que estão se repetindo nos dias de hoje. Primeiro, o homem e a mulher desobedeceram a Deus e foram expulsos do jardim (cap. 3). Caim matou seu irmão, Abel, e mentiu sobre o que havia feito (cap. 4). A humanidade tornou-se tão corrompida que Deus limpou a Terra com um dilúvio (caps. 6 – 8). Noé embriagou-se, e seu filho, Cam, viu a nudez do pai (cap. 9). Rebelando-se contra Deus, os seres humanos construíram uma cidade e uma torre, e Deus precisou mandar confusão para acabar com essa rebelião (cap. 10).

Desobediência, homicídio, engano, bebedeira, nudez e rebelião parecem coisas bem atuais, não é? Se você fosse Deus, o que você faria com tais pecadores, homens e mulheres criados à sua imagem? “Provavelmente eu os destruiria!” poderia ser sua resposta.

Mas não foi isso o que Deus fez. Antes, chamou um homem e sua esposa para que deixassem seu lar e fossem para uma nova terra, de modo que pudessem dar um

recomeço à humanidade. Em consequência do chamado de Deus e de sua fé obediente, Abraão e Sara*, em última análise, propiciaram ao mundo a nação judaica, a Bíblia e o Salvador. Onde estaríamos hoje se Abraão e Sara não tivessem confiado em Deus?

Consideremos os elementos envolvidos em sua experiência.

1. UM CHAMADO (GN 12:1A)

Quando Deus chamou. A salvação vem porque Deus, em sua graça, chama o pecador, o qual responde pela fé (Ef 2:8, 9; 2 Ts 2:13, 14). Deus chamou Abraão do meio da idolatria (Js 24:2) quando se encontrava em Ur dos caldeus (Gn 11:28, 31; 15:7; Ne 9:7), uma cidade dedicada a Nanar, o deus Lua. Abraão não conhecia o verdadeiro Deus e não havia feito nada para merecer conhecê-lo, mas, em sua graça, Deus o chamou. “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros” (Jo 15:16).

Abraão tinha setenta e cinco anos quando Deus o chamou, de modo que a idade não é obstáculo para a fé. Ele confiou em Deus durante cem anos (Gn 25:7), e hoje podemos aprender com sua experiência a andar pela fé e a viver de modo agradável a Deus.

Abraão era casado com Sara, sua meia-irmã (Gn 20:12), e não tinham filhos. No entanto, Deus usou esse casal para fundar uma grande nação! “Porque era ele [Abraão] único, quando eu o chamei, o abençoei e o multipliquei” (Is 51:2). Por que Deus chamaria um casal nada promissor como esse para uma tarefa tão importante? Paulo dá a resposta em 1 Coríntios 1:26-31.

Deus chamou Abraão depois que os gentios haviam caído em pecado e se afastado do verdadeiro Deus vivo. O processo de involução é explicado em Romanos 1:18-32. O ser humano conhecia, desde o princípio, o verdadeiro Deus, mas recusou-se a glorificá-lo ou a dar-lhe graças por sua bondosa

* O nome deles, originalmente, era Abrão e Sarai, mas seguiremos o exemplo de Estêvão, em Atos 7:2, e usaremos seus novos nomes (Gn 17), uma vez que são mais conhecidos.

provisão, colocando ídolos no lugar do Deus vivo. A idolatria levou à imoralidade e à indecência, e não demorou para que o mundo gentio estivesse tão corrompido que Deus teve de abrir mão dele (Rm 1:24, 26, 28). Então, chamou Abraão, o primeiro hebreu, e começou de novo com ele.

Como Deus chamou. “O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai” (At 7:2). Não nos é dito como Deus apareceu a Abraão, mas, de acordo com o registro de Gênesis, foi a primeira de sete vezes que Deus se comunicou com Abraão. A revelação de Deus deve ter mostrado a Abraão a vaidade e insensatez da idolatria em Ur. Quem iria querer adorar um ídolo morto depois de ter um encontro com o Deus vivo? 1 Tessalonicenses 1:9, 10 e 2 Coríntios 4:6 descrevem essa experiência de salvação.

No entanto, Deus também falou a Abraão (Gn 12:1-3), e a Palavra realizou o milagre da fé. “Assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Foi um chamado para que Abraão se separasse da corrupção a seu redor, e ele obedeceu pela fé (Hb 11:8). A verdadeira fé baseia-se na Palavra de Deus e conduz à obediência. Deus não poderia abençoar e usar Abraão e Sara a menos que estivessem no lugar onde o Senhor queria que estivessem (2 Co 6:14 - 7:1).

É pouco provável que os pecadores perdidos de hoje recebam uma revelação especial da glória de Deus como aconteceu com Abraão e Sara. Contudo, podem ver a glória de Deus na vida de seu povo (Mt 5:16) e ouvir sua Palavra pela fé quando o povo de Deus dá seu testemunho. Deus falou diretamente a Abraão, mas hoje em dia ouvimos a verdade da salvação por meio do testemunho do povo de Deus (At 1:8).

Por que Deus chamou. Há pelo menos três motivos pelos quais Deus chamou Abraão e Sara. Em seu amor, Deus estava preocupado com a salvação deles, de modo que revelou sua glória e compartilhou com eles suas bondosas promessas. Mas, além da salvação pessoal deles, o propósito de Deus era abençoar todos os povos da Terra. Isso aconteceu quando Deus enviou seu

Filho ao mundo por meio do povo de Israel. Cristo morreu pelos pecados do mundo (1 Jo 2:2; 4:14) e quer que sua Igreja conte as boas novas da salvação a toda a Terra (Mc 16:15).

Existe, porém, um terceiro motivo: a vida de Abraão é um exemplo para todos os cristãos que desejam andar pela fé. Abraão foi salvo pela fé (Gn 15:6; Rm 4:1-5; Gl 3:6-14) e viveu pela fé (Hb 11:8-19), e essa fé ficou evidente em sua obediência (Tg 2:14-26). Abraão obedeceu quando não sabia onde (Hb 11:9, 10), como (vv. 11, 12), quando (v. 13-16) nem por que (vv. 17-19), e nós devemos fazer o mesmo.

Abraão e Sara não eram perfeitos, mas, de modo geral, sua caminhada caracterizou-se pela fé e pela fidelidade. Quando pecaram, sofreram por isso, e o Senhor mostrou-se sempre pronto a perdoá-los quando se arrependeram. “A vida cristã victoriosa”, disse George Morrison, “é uma série de recomeços”. Ao estudar a vida de Abraão e Sara, você verá o que é fé e como andar pela fé. Descobrirá que, quando você confia no Senhor, nenhuma provação é impossível de vencer e nenhum fracasso é permanente.

2. UMA ALIANÇA (GN 12:1-3)

A fé não se baseia em sentimentos, apesar de, sem dúvida, as emoções fazerem parte da experiência de fé em certas ocasiões (Hb 11:7). A verdadeira fé baseia-se na Palavra de Deus (Rm 10:17). Deus falou a Abraão e disse o que faria para ele e por meio dele, se ele confiasse e obedecesse. “Grandes vidas são moldadas por grandes promessas”, escreveu Joseph Parker, e certamente esse foi o caso de Abraão e Sara. A aliança de Deus concedeu-lhe a fé e as forças de que precisavam para uma vida toda de peregrinação.

Não somos salvos ao fazer promessas a Deus. Somos salvos ao crer nas promessas de Deus. Foi Deus quem, em sua graça, deu sua aliança a Abraão, e ele respondeu com fé e obediência (Hb 11:8-10). A maneira como você responde às promessas de Deus determina aquilo que ele fará na sua vida.

A Bíblia registra várias alianças de Deus, começando com a promessa de um Redentor, em Gênesis 3:15, e culminando com a nova aliança por meio do sangue de Jesus Cristo (Lc 22:20; Hb 8). A palavra hebraica traduzida por “aliança” tem vários significados: (1) *comer com* alguém, o que sugere comunhão e concordância; (2) *atar ou acorrentar*, o que significa compromisso; e (3) *distribuir*, o que sugere compartilhar. Quando Deus faz uma aliança, entra num acordo e compromete-se a cumprir suas promessas. Trata-se de um ato da mais pura graça.

Deus não deu a Abraão motivos ou explicações. Deu-lhe, simplesmente, uma promessa: “Te mostrarei [...] de ti farei [...] te abençoarei [...] abençoarei os que te abençoarem” (Gn 12:1-3). Deus prometeu mostrar-lhe uma terra, fazer dele uma grande nação e usar essa nação para abençoar o mundo todo. Deus nos *abençoa* para que possamos ser uma *bênção* para outros, e sua grande preocupação é que o mundo todo seja abençoado. *A comissão missionária da Igreja não começa com João 3:16 nem com Mateus 28:18-20. Começa com a aliança entre Deus e Abraão. Somos abençoados para que sejamos uma bênção.*

Observe o contraste entre Gênesis 11:1-9 e Gênesis 12:1-3. Em Babel, os homens disseram: “Façamos!”, mas para Abraão Deus disse: “Farei”. Em Babel, os homens queriam tornar seu nome célebre, mas foi Deus quem engrandeceu o nome de Abraão. Em Babel, os trabalhadores tentaram unir os homens para depois dividi-los. Mas, por meio de Abraão, o mundo todo foi abençoado e todos os cristãos são unidos em Jesus Cristo. É claro que Pentecostes (At 2) é o “inverso” de Babel; porém Pentecostes não poderia ter ocorrido sem a aliança de Deus com Abraão (Gl 3:14).

Deve ter sido difícil para Abraão e Sara crerem que Deus iria abençoar o mundo todo por meio de um casal idoso e sem filhos, mas foi exatamente o que ele fez. Deles procedeu a nação de Israel, e de Israel procedeu a Bíblia e o Salvador. Deus reafirmou sua aliança com Isaque (Gn 26:4) e Jacó (Gn 28:14) e cumpriu-a em Cristo (At 3:25, 26). Ao longo dos anos, Deus am-

pliou diversos elementos dessa aliança, mas deu a Abraão e Sara elementos suficientes da verdade para que cressem nele e partissem pela fé.

3. UMA CONCESSÃO (GN 11:27-32; 12:4)

Os primeiros passos de fé nem sempre são gigantescos, o que explica o motivo de Abraão não ter sido completamente obediente a Deus. Em vez de deixar a família, conforme Deus havia ordenado, quando saiu de Ur, Abraão levou consigo o pai e o sobrinho, Ló, e todos permaneceram em Harã até que seu pai morreu. Tudo aquilo que você traz consigo da antiga vida para a nova pode causar problemas. Tera, o pai de Abraão, serviu de empecilho para que Abraão obedecesse plenamente ao Senhor, e Ló criou sérias dificuldades para Abraão até que os dois finalmente decidiram se separar. Quando saíram de Ur (Gn 20:13), Abraão e Sara levaram consigo uma concessão pecaminosa que em duas ocasiões lhes causou problemas (Gn 12:10-20; 20:1-18).

A vida de fé exige separação total *d aquilo* que é mau e dedicação total *àquilo* que é santo (2 Co 6:14 - 7:1). Ao estudar a vida de Abraão, veremos que, com frequência, ele foi tentado a ser condescendente e, por vezes, chegou a ceder. Deus nos testa a fim de edificar nossa fé e de extrair o que há de melhor em nós, mas o diabo nos tenta a fim de destruir nossa fé e de extrair o que há de pior em nós.

Quando andamos pela fé, só podemos nos apoiar em Deus: sua Palavra, seu caráter, sua vontade e seu poder. Não que você tenha de se isolar de sua família e amigos, mas não os considera mais seu primeiro amor e primeira responsabilidade (Lc 14:25-27). Seu amor por Deus é tão intenso a ponto de fazer com que, em termos comparativos, o amor pela família pareça ódio! Deus nos chama para a “solidão” (Is 51:1-3), e não devemos fazer concessões.

4. UM COMPROMISSO (GN 12:4-9)

Thomas Fuller, um pregador puritano do século XVII, disse que toda a humanidade foi

dividida em três classes: os planejadores, os empreendedores e os realizadores. É possível que Tera fosse um planejador, mas não chegou à terra da promessa. Até certa altura. Lô foi um empreendedor, mas fracassou terrivelmente, pois não foi capaz de andar pela fé. Abraão e Sara foram realizadores, pois confiaram em Deus para realizar aquilo que havia prometido (Rm 4:18-21). Assumiram um compromisso com Deus e dedicaram a ele seu futuro, obedeceram ao que o Senhor ordenou e receberam tudo o que Deus havia planejado para eles.

A fé nos leva a mudar (vv. 4, 5). Pode ter sido o amor de um filho por seu pai idoso que fez Abraão protelar (Lc 9:59-62), mas finalmente chegou o dia em que ele e Sara tiveram de sair de Harã e dirigir-se à terra que Deus havia escolhido para eles. É impossível ter fé e duvidar (Tg 1:6-8), e não se pode servir a dois senhores (Mt 6:24). A fé exige compromisso.

Às vezes, tenho a impressão de que *compromisso* é algo em extinção no mundo de hoje. Muitas pessoas não querem se comprometer com seu emprego, com seus votos matrimoniais nem umas com as outras. "Vou fazer as *minhas* coisas do *meu* jeito!"

Essa é a essência da filosofia de nossos tempos e a atitude que também invadiu as igrejas. Muitos cristãos não se comprometem com um ministério da igreja e vão de uma igreja para a outra sempre que muda o pastor ou a programação musical. Hoje em dia, a palavra-chave é "temporário": professores temporários de escola dominical, coordenadores temporários do grupo de jovens, membros temporários do coral, membros temporários da igreja e até pastores temporários.

"Vivemos um tempo de declarações efêmeras", disse Vance Haver. "Os credos fundamentais da igreja encontram-se no final do hinário, mas desapareceram da vida da maioria de seus membros - se é que chegaram a significar alguma coisa. Declarações de dedicação pessoal desvanecem e precisam ser renovadas. São tempos de declarações de compromisso enfraquecidas!"

Onde estaríamos hoje se Abraão e Sara não tivessem assumido o compromisso de

obedecer ao Senhor pela fé? Onde estaríamos se gerações anteriores de cristãos não tivessem se entregado inteiramente ao Senhor? Nós, que chegamos depois, não devemos, de forma alguma, deixar de reconhecer o valor daquilo que gerações anteriores pagaram um alto preço para obter. Que a próxima geração olhe para nós e diga: "Eles foram fiéis!"

A fé nos conduz ao objetivo (vv. 6-8).

Deus nos coloca em ação para nos conduzir ao objetivo que tem para nós (Dt 6:23). Não sabemos nada sobre a longa jornada de Abraão e Sara de Harã até Canaã, pois o que importava era seu destino. Séculos depois, Deus daria aquela terra aos descendentes de Abraão. No entanto, quando Abraão e Sara chegaram, eram "estrangeiros e peregrinos" (Hb 11:13) em meio a uma sociedade pagã.

Apesar do que diz uma velha canção popular, entrar em Canaã não é como morrer e ir para o céu. Entrar na terra prometida é uma figura do cristão que toma posse de sua herança pela fé. Deus determinou uma "terra de Canaã" para cada um de seus filhos (Ef 2:10), e ela só é alcançada pela fé. Tomar posse da herança implica passar por provas e tentações, desafios e batalhas, mas Deus pode nos conduzir a seu objetivo (Fp 1:6).

A obediência nos leva a uma nova seguira em Deus e a novas promessas dele (Gn 12:7; Jo 7:17). Que consolo deve ter sido para Abraão e Sara quando receberam essa nova revelação de Deus ao chegarem a uma terra estranha e perigosa. Quando caminha pela fé, sabe que Deus está com você e não há nada a temer (Hb 13:5, 6; At 18:9, 10; 2 Tm 4:17). Deus cumprirá seus propósitos e realizará em você e por seu intermédio tudo o que está no coração dele.

A maioria de nós não recebe uma ordem para levantar acampamento e ir para outro país, mas os desafios de fé são igualmente reais. Por vezes, há problemas sérios em casa, no trabalho ou na igreja e nos perguntamos por que Deus permite que tais coisas aconteçam. A fim de se apropriar de sua herança espiritual em Cristo, você deve demonstrar fé na Palavra de Deus e obediência à vontade de Deus.

Para onde quer que Abraão fosse em Canaã, lá ele levantava sua *tenda* e seu *altar* (Gn 12:7, 8; 13:3, 4, 18). A tenda indicava que ele era um “estrangeiro e peregrino” que não pertencia a este mundo (Hb 11:9-16; 1 Pe 2:11), e o altar indicava que ele era um cidadão do céu que adorava o verdadeiro Deus vivo. Abraão testemunhava a todos que era separado deste mundo (a tenda) e consagrado ao Senhor (o altar). Sempre que Abraão abandonava sua tenda e seu altar, metia-se em apuros.

O lugar onde Abraão colocou sua tenda tinha Betel a oeste e Ai a leste (Gn 12:8). Os nomes da Bíblia por vezes têm significados importantes, apesar de não podermos levar isso ao extremo. Betel significa “a casa de Deus” (Gn 28:19) e Ai significa “ruína”. Em termos figurativos, Abraão e Sara estavam andando na luz, do Leste para o Oeste, da cidade da ruína para a casa de Deus! O sistema deste mundo está corrompido, mas os verdadeiros cristãos deram as costas para o mundo e voltaram o rosto para o lar celestial de Deus. “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4:18).

A fé nos coloca em movimento (v. 9). A vida de fé não deve jamais tornar-se estagnada, pois se nossos pés estão se movendo, nossa fé está crescendo. Observe os verbos usados para descrever a vida de Abraão: ele partiu (Gn 12:4), partiu e chegou (v. 5), atravessou (v. 6), passou dali (v. 8) e seguiu dali (v. 9). Deus manteve Abraão em movimento para que se deparasse com novos desafios e fosse forçado a confiar em Deus para receber “graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16). O cristianismo confortável é o oposto da vida de fé, pois “peregrinos e estrangeiros” devem enfrentar novas circunstâncias, a fim de obter novas percepções sobre si mesmos e sobre seu Senhor. “Deixemo-nos levar para o que é perfeito” (Hb 6:1).

Como Abraão soube para onde ir e o que fazer? Ele “invocou o nome do SENHOR” (Gn 12:8). Orou ao Senhor, e Deus o ajudou. Os vizinhos pagãos de Abraão viram que ele possuía um altar, mas não tinha ídolos.

Não tinha “lugares sagrados”, mas construía seu altar onde levantava sua tenda. Era possível traçar o caminho que Abraão havia percorrido até então seguindo o rastro dos altares que havia deixado para trás. Não se envergonhava de adorar a Deus abertamente enquanto seus vizinhos pagãos o observavam.

Na vida do peregrino, devemos prosseguir “de fé em fé” (Rm 1:17) para caminhar “de força em força” (Sl 84:7). G. A. Studdert Kennedy disse: “Fé não é crer apesar das evidências, é obedecer apesar das conseqüências”. “Pela fé, Abraão [...] obedeceu” (Hb 11:8). A fé sem obediência é morta (Tg 2:14-26), e a ação sem fé é pecado (Rm 14:23). Deus ligou a fé à obediência como os dois lados de uma moeda – as duas são inseparáveis.

Isso não significa que os pecadores são salvos pela fé e também pelas obras, pois as Escrituras declaram que os pecadores são salvos somente pela fé (Jo 3:16-18; Ef 2:8, 9). Certa vez, o Dr. H. A. Ironside – que durante muito tempo foi pastor da Igreja Moody em Chicago – ouviu uma senhora dizer que esperava ir para o céu tanto por sua fé quanto por suas boas obras.

— É como remar um barco — ela explicou. — É preciso dois remos para fazê-lo mover-se; do contrário, a pessoa só andará em círculos.

Ao que o Dr. Ironside replicou:

— É uma ótima ilustração, exceto por uma coisa: *Eu não vou para o céu de barco!*

A fé que salva é demonstrada por meio das boas obras (Ef 2:8-10; Tt 2:14; 3:8, 14). Abraão foi salvo pela fé (Hb 11:8; Gn 15:6; Rm 4:1-5), mas essa fé foi comprovada por sua obediência (Tg 2:21-24).

A essa altura da narrativa bíblica, Abraão encontra-se no lugar que Deus reservou para ele, fazendo o que Deus ordenou. Mas a história não termina aí – esse é só o começo! Mesmo quando você está vivendo em obediência, passa por testes e enfrenta provações, pois é assim que a fé cresce. Mas o mesmo Senhor que fez você *mudar, alcançar o objetivo e continuar em movimento* também o fará *atravessar* as provações, se você o seguir pela fé.

FOME, REBANHOS E RIXAS

GÊNESIS 12:10 – 13:18

“A vida pode ser difícil”, escreveu Amy Carmichael, missionária na Índia. “Às vezes o inimigo vem como uma inundação. Mas essa é a hora de provar nossa fé e de viver aquilo que cantamos” (*Candles in the Dark*, p. 51).

Não dá para confiar numa fé que não se pode provar. Pedro comparou as provações do cristão à prova do ouro na fornalha (1 Pe 1:7), e o patriarca Jó usou a mesma imagem: “Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro” (Jó 23:10). O propósito de Deus ao permitir as provações não é apenas avaliar nossa fé, mas também purificá-la e remover toda a escória. Deus sabe que tipo de fé nós temos, mas nós não sabemos; a única maneira de progredir na “escola da fé” é passar nas provas.

Assim como Abraão, passamos por três provas especiais para progredir na “escola da fé”: as *circunstâncias* (Gn 12:10), as *pessoas* (Gn 12:11 – 13:4) e as *coisas* (Gn 13:5-18).

1. CIRCUNSTÂNCIAS (Gn 12:10)

Ao deixar sua família e viajar para uma terra desconhecida, Abraão deu um grande passo de fé. Depois que chegou, viu Deus pela segunda vez e ouviu sua promessa. Abraão e Sara, provavelmente, esperavam assentarse e aproveitar o novo lar, mas Deus tinha outros planos. Em vez disso, permitiu que houvesse uma grande fome sobre a terra. Não há nenhum registro de que Abraão tivesse enfrentado escassez de alimento em Ur ou Harã, mas agora que estava na terra de Deus, precisava encontrar comida para um grupo grande de pessoas e para todos os seus rebanhos (ver Gn 14:14).

Por que Deus permitiu essa falta de alimento? Para ensinar a Abraão e Sara uma lição fundamental na “escola da fé”, uma lição que você também deve aprender: *muitas vezes, as vitórias são seguidas de provações*. Esse princípio é ilustrado pela história de Israel. Assim que o povo foi liberto do Egito, sofreu a perseguição do exército egípcio e viu-se encurralado diante do mar Vermelho (Êx 12 – 15). Vitória seguida de provação. Deus os livrou, mas logo passaram por outra prova: a falta de água (Êx 15:22-27). Depois disso veio a fome (Êx 16) e um ataque dos amalequitas (Êx 17). As provações vêm depois das vitórias.

“Pensei que aceitar a salvação iria resolver todos os meus problemas”, disse-me um recém-convertido. “Mas agora sei que a fé em Cristo criou para mim uma série de problemas novos! Só que, agora, duas coisas são diferentes”, acrescentou com um sorriso. “Não enfrente esses problemas sozinho, pois o Senhor está comigo. Além disso, sei que ele permite as dificuldades para meu próprio bem e para a glória dele.”

Um dos inimigos da vida de fé é o orgulho. Quando você alcança uma vitória, pode ficar confiante demais e começar a dizer a si mesmo que é capaz de derrotar *qualquer* inimigo a *qualquer* hora. Começa a depender de suas experiências passadas e de seu conhecimento cada vez maior da Palavra, em vez de depender inteiramente do Senhor. Isso explica o motivo de a promessa de 1 Coríntios 10:13 ser precedida de uma advertência no versículo 12: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia”. Deus não queria que Abraão se tornasse orgulhoso nem que ficasse confiante demais, assim colocou a ele e sua fé na fornalha da provação.

Depois de ter alcançado uma grande vitória pela fé, espere um ataque do inimigo ou uma prova do Senhor – ou ambas as coisas. *Essa é a única maneira de crescer na fé*. Deus usa as circunstâncias difíceis da vida para fortalecer os músculos da sua fé e guardá-lo de confiar em outra coisa que não seja a Palavra dele. *Não tente fugir dos problemas*. Não vai dar certo.

Em vez de permanecer na terra e de confiar que o Senhor o ajudaria, Abraão “desceu [...] ao Egito” (Gn 12:10). Na Bíblia, o Egito é símbolo do sistema do mundo e de sua escravidão, enquanto a terra de Israel é um retrato da herança das bênçãos que Deus tem para você (Dt 11:10-12). Quando as pessoas iam para Jerusalém, *subiam* até a cidade; mas quando iam para o Egito, *desciam* àquela terra. Em termos espirituais, “descer para o Egito” significa duvidar das promessas de Deus e correr para o mundo em busca de ajuda (ver Nm 11; 14; Is 30:1, 2; 31:1; e Jr 42:13ss).

Quando as circunstâncias se complicam e você se vir dentro da fofalha da provação, *fique onde Deus o colocou até que ele diga para você se mover*. A fé nos coloca no rumo da paz e da esperança, mas a incredulidade nos leva à inquietação e ao medo. “Aquele que crer não foge” (Is 28:16). Em tempos de provação, a pergunta importante não é: “Como posso sair dessa situação?”, mas sim: “O que posso aprender com essa situação?” (ver Tg 1:1-12). Deus está trabalhando para edificar sua fé.

Somente Deus tem o controle das circunstâncias. Você está mais seguro passando por uma grande fome dentro da vontade dele do que vivendo num palácio fora da vontade dele. Alguém disse muito bem: “A vontade de Deus jamais o conduzirá a um lugar em que a graça de Deus não pode guardá-lo”. Abraão não foi aprovado no teste das circunstâncias e afastou-se da vontade de Deus.

2. PESSOAS (GN 12:11 - 13:4)

Uma vez no Egito, Abraão enfrentou uma nova série de problemas. Isso acontece porque, se alguém foge de uma prova, logo enfrenta outra. Uma vez que você se matricula na “escola da fé”, não tem como “desistir do curso” só porque não passou em uma prova. Deus tem um propósito a cumprir em você e por meio de sua vida, e ele fará todo o necessário para que seja bem-sucedido (Sl 138:8; Fp 1:6).

Em Canaã, Abraão só precisava lidar com a falta de alimento. No Egito, porém, teve de

tratar com um Faraó arrogante e seus oficiais. O Faraó era considerado uma divindade, mas não era um deus como o Deus de Abraão – amoroso, generoso e fiel. Abraão logo descobriu que teria sido melhor lidar com as circunstâncias de Canaã do que com o povo no Egito.

Para começar, *Abraão deixou de confiar e começou a tramar*. Abraão não tinha um altar no Egito, e não o vemos clamando ao Senhor em busca de orientação e de ajuda. Quando eu trabalhava com o ministério Moidade para Cristo, meu amigo e colega Pete Quist com frequência nos lembrava de que “Crer é viver sem tramar”. Quando você pára de confiar na Palavra de Deus, começa a apoiar-se na sabedoria humana, e isso traz problemas (Pv 3:5, 6; 1 Co 3:18-20). Abraão e Sara trouxeram consigo de Ur uma “meia-verdade” (Gn 20:13). Usaram-na no Egito e em Gerar (Gn 20), e, mais tarde, seu filho, Isaque, adotou o mesmo esquema (Gn 26). Quando você se pega tramando a fim de escapar de problemas com pessoas, tome cuidado; coisas piores ainda estão por vir!

Além disso, *Abraão deixou de confiar e começou a temer*. Quando você se encontra no lugar que Deus escolheu, não precisa jamais temer; isso porque a fé e o temor não podem habitar no mesmo coração (Is 12:2; Mc 4:40). O temor do Senhor conquista todos os outros medos (Sl 112; Is 8:13). Mas “quem teme ao homem arma ciladas” (Pv 29:25). Deus havia dito, repetidamente, a Abraão: “Eu farei”, mas Abraão dizia: “os egípcios [...] vão” (Gn 12:12; ênfase minha). Deixou de olhar para o Senhor e começou a olhar para as pessoas.

Ocorreu, ainda, outra mudança: *ele deixou de preocupar-se com os outros e passou a preocupar-se consigo mesmo*. Mentiu e explicou a Sara o motivo: “para que me considerem por amor de ti” (Gn 12:13). Como marido, Abraão deveria ter pensado primeiro na esposa e não em si mesmo (1 Pe 3:7; Ef 5:25, 28, 29). Na verdade, nem sequer deveria tê-la levado consigo! Um marido que não está dentro da vontade de Deus pode causar inúmeros problemas para a esposa e a família.

Isso nos leva à quarta mudança: *ele deixou de trazer bênçãos e começou a trazer julgamento*. Deus chamou Abraão para ser uma bênção às nações (Gn 12:1-3). No entanto, por causa da desobediência de Abraão, o Faraó e sua casa receberam julgamento (v. 17). O mesmo ocorreu anos depois em Gerar (Gn 20). Se você deseja ser uma bênção para outros, então fique dentro da vontade de Deus. Jonas fugiu da vontade de Deus e causou uma tempestade que quase afundou o navio. Assim como Jonas, Abraão perdeu seu testemunho diante de incrédulos e teve de sofrer a vergonha e a repreensão.

Em sua graça, Deus cuidou de seu servo e tirou-o de uma situação difícil. Se Sara tivesse se tornado uma das esposas do Faraó, o que teria acontecido com a promessa do Redentor? Quando não deixamos Deus controlar nossa vida, ele prevalece e cumpre seus propósitos, mas nós pagamos um alto preço por nossa desobediência.

Abraão aprendeu a lição, arrependeu-se e “saiu” do Egito (Gn 13:1). Quando desobedecemos à vontade de Deus, a única coisa certa a fazer é voltar para o lugar onde deixamos o Senhor para trás e recomeçar (1 Jo 1:9). Na “*escola da fé*”, *nenhum fracasso é permanente*. Abraão voltou para sua tenda e seu altar e para uma vida de “peregrino e estrangeiro”.

Alguém, observando esse episódio de passagem, pode concluir: “O que aconteceu com Abraão não foi tão ruim. O Faraó deu-lhe muitas riquezas (Gn 12:16; 13:2) e Sara recebeu Agar, uma serva só para si (Gn 16:1). Deus perdoou o pecado de Abraão, e ele começou de novo. Então, qual é o problema?”

O “problema” é que *tudo o que Abraão recebeu no Egito acabou causando transtornos*. Por causa de sua grande riqueza, Abraão e Ló não puderam mais viver juntos e precisaram separar-se (Gn 13:5, 6). Agar, a escrava egípcia, trouxe divisão e tristeza para aquele lar (Gn 16). Uma vez tendo provado o que havia no Egito (no mundo), Ló começou a medir tudo pelos parâmetros de lá (Gn 13:10, 11), e isso levou à queda e

ruína de sua família. A desobediência não traz nenhum benefício.

A lição prática de tudo isso é simplesmente esta: *nunca abandone seu altar*. Mantenha-se em comunhão com Deus, quaisquer que sejam as circunstâncias. Se você desobedeceu, e Deus o está disciplinando, *volte para o lugar onde você deixou o Senhor e coloque as coisas em ordem*. Lembre-se: “A vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços”. Isso não serve de desculpa para pecar, mas é um incentivo ao arrependimento.

3. COISAS (GN 13:5-18)

Fico imaginando quantas brigas de família foram causadas pelo amor ao dinheiro. O jornal sempre traz reportagens de famílias lutando nos tribunais por causa de uma herança ou de um prêmio de loteria. Pessoas que costumavam amar e gostar umas das outras começam a atacar-se só para conseguir dinheiro; *mas o dinheiro não é capaz de comprar as bênçãos que a família concede gratuitamente*.

Abraão pode ter sido reprovado nos dois primeiros testes, mas passou com nota máxima no terceiro. Essa provação não foi fácil, pois envolvia terras e riqueza. No entanto, Abraão deu o exemplo daquilo que todo o cristão deve fazer quando se vê envolvido em disputas por coisas materiais.

Abraão resolveu ser um pacificador e não um encrenqueiro. O problema entre Abraão e Ló não foi causado pela terra, pela falta de comida, pela riqueza (os dois eram muito ricos) nem pelos pastores (Gn 13:7). *O coração de todo problema é o problema do coração*. O coração de Ló estava nas riquezas e realizações do mundo, enquanto Abraão só desejava agradar a Deus. “*Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?*” (Am 3:3)

Foi triste uma contenda separar parentes chegados (Gn 13:8). Porém, mais triste ainda foi ela ser testemunhada pelos pagãos da terra onde os dois habitavam (v. 7). *Quando cristãos entram em conflito, isso prejudica o testemunho do Senhor*. Ao longo de meu ministério pastoral, muitas vezes visitava parentes e amigos não cristãos de membros da

igreja, procurando levá-los a se interessar pelas coisas espirituais, só para descobrir que sabiam de todas as “brigas de igreja” que aconteciam na cidade. Não é de se admirar que nosso Senhor orou para que seu povo fosse um, a fim de que o mundo pudesse crer (Jo 17:20-23). A união dos cristãos é um bom aroma e dá frutos (Sl 133). A desunião, porém, transforma esse bom perfume em mau cheiro e o pomar em deserto.

O texto de Tiago 3:13 - 4:10 explica por que Ló era um agitador e não um pacificador. Seu coração não estava em ordem com Deus. Ele seguiu a sabedoria deste mundo (como seu tio, Abraão, havia feito no Egito) e não a sabedoria de Deus. A sabedoria e a riqueza do mundo, que parecem dar tanta satisfação, no final, só trazem decepção.

A cobiça - um apetite insaciável por mais coisas - leva a todo tipo de mal (1 Tm 6:10). A fim de conseguir mais dinheiro, as pessoas mentem (Pv 21:6), maltratam os outros (Pv 22:16), usam de meios desonestos para enriquecer (Pv 28:8) e afligem a própria família (Pv 15:27). “A cobiça é o começo e o fim do alfabeto do diabo”, escreveu Robert South, “é o primeiro mal a surgir na natureza corrupta e o último a morrer”.

Abraão havia causado problemas no Egito porque estava no lugar errado, e Ló causou problemas em Canaã por estar no lugar errado: *Na realidade, seu coração estava no Egito* (Gn 13:10). De acordo com 1 Coríntios 2:14 - 3:3, existem apenas três tipos de pessoa no mundo: as naturais (não salvas), as carnis (salvas, mas vivem no mundo e na carne) e as espirituais (dedicadas a Deus). Você encontra esses três tipos em Gênesis 13: natural (homens de Sodoma; v. 13), carnal (Ló) e espiritual (Abraão). Ló era um homem reto (2 Pe 2:7, 8), porém não dedicado ao Senhor. Ele não podia andar com Abraão, pois seu tio era amigo de Deus (2 Cr 20:7; Is 41:8), e Ló era amigo do mundo (Tg 4:4). Muitas divisões de igreja e brigas de família são causadas por cristãos carnis que não estão andando com o Senhor nem com outros cristãos.

Abraão vivia para os outros e não para si. Enquanto estava no Egito, Abraão pensou

primeiro em si mesmo (Gn 12:12, 13); mas quando voltou para seu altar em Canaã, colocou Deus em primeiro lugar e, depois, os outros. Como “líder ancião” do acampamento, Abraão tinha todo o direito de decidir a questão e dizer a Ló o que fazer. No entanto, deixou que Ló escolhesse primeiro. “Amavos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12:10). O cristão espiritual não insiste em seus direitos, cedendo-os de bom grado a outros.

Em sua velhice, o general William Booth, fundador do Exército de Salvação, estava franco demais para comparecer aos congressos mundiais da organização, mas costumava enviar representantes com uma mensagem. Num desses anos, mandou-lhes um telegrama contendo uma única palavra: OUTROS. Tive o privilégio de ministrar com o Exército de Salvação em várias partes do mundo e posso testemunhar que levam essa palavra - OUTROS - muito a sério. “Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2:4).

Abraão viveu pela fé e não pelas aparências. Qualquer que fosse a decisão de Ló, Abraão não estava preocupado com o futuro, pois sabia que tudo estava nas mãos do Senhor. Abraão nunca leu o Salmo 47:4 nem Mateus 6:33, mas colocou essas duas passagens em prática. Havia se encontrado com Deus no altar e sabia que tudo estava sob controle. *Quando Deus ocupa o primeiro lugar em sua vida, não faz diferença quem está em segundo ou em último.*

Ló possuía uma tenda, mas não tinha um altar (Gn 13:5), o que significa que não invocava o Senhor pedindo sabedoria em suas decisões (Tg 1:5). Em vez de levantar os olhos para o céu, Ló levantou os olhos para a campina do Jordão (Gn 13:10) e fixou-se lá. *Os olhos vêem o que o coração ama.* Abraão havia tirado Ló de dentro do Egito, mas não conseguiu tirar o Egito de dentro de Ló. A forma de ver as coisas ajuda a determinar os resultados. Os olhos de Abraão estavam voltados para a cidade santa de Deus (Hb 11:13-16), e ele caminhou com o Senhor até herdar

suas bênçãos. Os olhos de Ló estavam voltados para as cidades pecaminosas dos homens, e ele obteve o sucesso do mundo, a falência espiritual e um fim vergonhoso.

Ló teve uma excelente oportunidade de tornar-se um homem de Deus enquanto estava com Abraão, mas não encontramos nenhuma informação de que Ló tivesse construído um altar ou invocado o nome do Senhor. Primeiro, olhou para Sodoma (Gn 13:10); depois, partiu para aquela região (Gn 13:11, 12) e, por fim, mudou-se para Sodoma (Gn 14:12). Em vez de ser um peregrino, progredindo rumo a seu lar, Ló regrediu, rumando para o mundo e afastando-se da bênção do Senhor (Sl 1:1). "Partiu para o Oriente" (Gn 13:11) e deu as costas a Betel ("casa de Deus"), rumando para Ai ("ruínas"; ver 12:8). Talvez, para Ló, o povo de Sodoma não parecesse perverso, mas com certeza o era para Deus, e isso é o que importa.

Abraão deixou que Deus escolhesse por ele. Depois que Ló partiu, Abraão teve outro encontro com o Senhor (Gn 13:14-18). Ló havia levantado seus olhos e visto o que o mundo tinha a oferecer; então, Deus convidou Abraão a levantar os olhos e ver o que o céu tinha a oferecer. Ló escolheu um pedaço de terra que acabou perdendo, mas Deus deu a Abraão *toda a terra que ainda pertence a ele e a seus descendentes*. Ló "escolheu para si" as terras que desejava. Deus disse a Abraão "eu te darei". Que contraste!

Ló perdeu sua família, mas Abraão recebeu a promessa de uma família tão grande que não poderia ser contada. (Lembre-se de que Abraão e Sara eram idosos e não tinham filhos.) Ló estava vivendo para o possível, mas Abraão confiava em Deus para o impossível.

Depois de dizer: "Ergue os olhos e olha" (v. 14), o Senhor disse a Abraão: "Levanta-te, percorre essa terra" (v. 17). Aproprie-se de

sua herança pela fé! (Js 1:1-3; Dt 11:24). A disciplina pela qual Abraão passou ao descer para o Egito ensinou-o a respeitar os limites, de modo que Deus pôde, então, confiar-lhe os horizontes. *É a sua fé em Deus que determina quanto das bênçãos dele você vai desfrutar.*

Quando você creu em Jesus Cristo como seu Salvador, Deus lhe deu. "toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo" (Ef 1:3). Agora, você tem sua herança! Tudo o que precisa fazer é apropriar-se dela pela fé e usufruir da "sua riqueza [de Deus] em glória" (Fp 4:19). A Palavra de Deus é o "testamento" que diz quão rico você é, e a fé é a chave que abre o cofre para que possa apropriar-se de sua herança.

Abraão deu graças a Deus. Abraão não apenas ergueu os olhos e olhou (Gn 13:14); ele levantou-se e percorreu a terra (v. 17), como também elevou o coração e adorou a Deus, agradecendo-lhe por suas generosas bênçãos. Mudou a tenda de acampamento em acampamento conforme Deus o dirigia e construiu seu altar de testemunho e de adoração. O povo de Sodoma orgulhava-se de sua afluência (Ez 16:49), mas Abraão possuía uma riqueza da qual eles não tinham qualquer conhecimento (Jo 4:31-34). Caminhava em comunhão com Deus, e seu coração estava satisfeito.

Satanás quer usar circunstâncias, pessoas e coisas para tentá-lo e para extrair o que há de pior em você. Deus quer usar tudo isso para prová-lo e para extrair o que há de melhor em você. Abraão foi reprovado nos dois primeiros testes, pois recorreu à sabedoria humana em vez de usar a fé na Palavra de Deus. No entanto, passou no terceiro teste com honras, pois deixou que Deus assumisse o controle. "E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1 Jo 5:4).

CRER É VITÓRIA

GÊNESIS 14

Quando você se matricula na “escola da fé”, nunca sabe o que pode acontecer em seguida. Num dia, Abraão pode ser visto resolvendo uma disputa de terras. Noutro, prepara-se para uma batalha. Por que isso acontece?

Dentre outras coisas, Deus quer que avancemos a maturidade em todas as áreas da vida, mas não é fácil amadurecer. Não pode haver crescimento sem que haja desafios. Se as circunstâncias nunca mudassem, tudo seria previsível, e quanto mais previsível a vida se torna, menos desafios oferece. William Cullen Bryant escreveu:

Não chores porque o mundo se transforma -
Se o mundo insistisse em conservar
Um estado imutável e sem reforma -
Então motivo terias, em verdade, para chorar.

Quando você anda na luz (1 Jo 1:5-10), pode enxergar o que acontece, e sua vida terá variedade. Na escuridão, porém, tudo parece igual. Não é de se admirar que pessoas ainda não-salvas (e cristãos que abandonaram a fé) sintam-se tão entediadas e precisem sempre buscar uma forma de fugir desse tédio! A vida de fé apresenta desafios que fazem você se mover - e crescer!

Neste capítulo, Abraão, o homem de fé, desempenha três papéis especiais: o de observador (Gn 14:1-12), o de batalhador (vv. 13-16) e o de adorador (vv. 17-24). Nesses três papéis, Abraão exercitou a fé em Deus e tomou as decisões certas.

1. ABRAÃO, O OBSERVADOR (GN 14:1-12)

Esse trecho registra a primeira guerra mencionada na Bíblia, e não teria sido incluída aqui se Abraão não estivesse envolvido. Podemos encontrar muitos relatos históricos nas Escrituras. Mas, como disse o Dr. A. T. Pierson, “a história humana é a história de Deus”. Aquilo que está escrito nos ajuda a entender melhor como Deus realizou seu grande plano de salvação no mundo. Na Bíblia, com freqüência, os fatos históricos são janelas para verdades espirituais.

As cinco cidades-estados da planície do Jordão (Gn 14:2; ver 13:10) haviam se submetido a doze anos de governo sob os reis de quatro cidades-estados do Oriente (Gn 14:1) e acabaram revoltando-se contra elas. Obviamente, isso representou uma declaração de guerra. Assim, os quatro reis invadiram a planície do Jordão para subjugar os cinco reis das cidades daquela região. De nosso ponto de vista moderno, a invasão foi um pequeno conflito sem muita importância. No entanto, para os padrões daquela época, isso foi considerado um conflito internacional de grandes proporções.

É claro que cinco reis deveriam ser capazes de derrotar quatro reis, especialmente porque lutavam em seu próprio território. Mas o exército das cidades da planície foi completamente derrotado pelos reis invasores! Ao que parece, os cinco reis nem sequer conheciam suas próprias terras, pois ficaram presos em poços de betume (v. 10). Tudo o que seu exército conseguiu fazer foi fugir para os montes.

Diz-se que, certa vez, ao passar em revista suas tropas, o Duque de Wellington falou: “Não sei que impressão esses homens causarão no inimigo, mas eles *me* dão medo!” Ezequiel 16:49, 50 indica que o estilo de vida do povo de Sodoma e de Gomorra não os havia preparado para a guerra (comparar Ez 16:49, 50 com 1 Jo 2:15-17).

Quaisquer que fossem os propósitos dos reis naquele conflito, Deus tinha um plano específico para Ló: ele foi capturado como prisioneiro de guerra. *Ló ergueu os olhos para Sodoma, rumou para Sodoma* (Gn 13:10-13) e, naquele tempo, *vivia em*

Sodoma (Gn 14:12; ver Sl 1:1). É possível que você não perceba isso pela conduta dele, mas Ló era um homem justo (2 Pe 2:6-8). Onde foi que ele errou?

Enquanto estava no Egito com Abraão, Ló provou um pouco do sabor do mundo e gostou. Em lugar algum as Escrituras registram que Ló tivesse construído um altar e buscado ao Senhor, como fez seu tio, Abraão. Abraão era amigo de Deus (Tg 2:23), mas Ló era amigo do mundo (Tg 4:4). Com o tempo, Ló acabou conformando-se com o mundo (Rm 12:2), e quando Sodoma perdeu a guerra, Ló foi condenado junto com o mundo (1 Co 11:32). Se você se identifica com o mundo, então espere sofrer aquilo que o mundo sofre.

A captura de Ló foi a forma usada por Deus para discipliná-lo e lembrá-lo de que não devia estar em Sodoma. Sem dúvida, Abraão orava fielmente por seu sobrinho, para que se separasse do mundo e comesse a viver como um verdadeiro “estrangeiro e peregrino”. Deus disciplina seus filhos porque ele os ama e quer o melhor para eles (Pv 3:11, 12; Hb 12:1-11). Se não ouvimos as repreensões de Deus, então ele é obrigado a chamar nossa atenção de algum outro modo, e esse modo normalmente é doloroso.

2. ABRAÃO, O BATALHADOR (GN 14:13-16)

Sua atitude. Abraão não se envolveu na guerra até ficar sabendo que Ló havia sido capturado. Só então ele tomou uma atitude. *Abraão estava separado do mundo, porém não isolado dele; era independente, porém não indiferente.* Na verdade, ele e alguns dos príncipes da região haviam formado uma aliança justamente para esse tipo de emergência (v. 13). Ele era “Abraão, o hebreu” (v. 13), que significa, “o estrangeiro, a pessoa que não tem uma posição garantida na sociedade”. Não era “Abraão, o cruel”. Era “peregrino e estrangeiro” naquela terra, mas isso não servia de desculpa para a inércia.

Ainda que não devam descender com incrédulos em questões referentes à vida espiritual e ao ministério (2 Co 6:14 - 7:1), os cristãos podem cooperar com eles no que

se refere a cuidar dos outros e “promover o bem-estar geral”. Quando você vê pessoas em dificuldade, não pede que dêem um testemunho antes de ajudá-las (Lc 10:25-37; Gl 6:10). O serviço sacrificial é uma das maneiras de mostrar a outros o amor de Cristo (Mt 5:16). Se os cristãos não carregam sua parcela dos fardos comuns da vida, como podem ser o sal da terra e a luz do mundo?

José, por exemplo, serviu no Egito, e Deus o usou para preservar sua família e a nação judaica. Neemias serviu a um rei pagão e, no entanto, Deus usou a autoridade e os recursos desse rei para permitir que Neemias reconstruísse Jerusalém. Ester era uma judia que se casou com um rei gentio, e Deus a usou para proteger o povo judeu de um extermínio quase certo. Na Babilônia, Daniel jamais abriu mão de suas convicções, mas ainda assim assistiu a vários reis e foi grandemente usado por Deus. Podemos cooperar com diversas pessoas em inúmeras ocasiões a fim de alcançar diversos objetivos, mas devemos sempre ter consciência de nossa obrigação de glorificar a Deus.

Abraão tratou seu sobrinho com amor, tanto quando deixou que Ló escolhesse primeiro as terras que desejava (Gn 13:9) quanto na ocasião em que arriscou sua própria vida para salvá-lo. Ló não havia usado de bondade para com Abraão, e Abraão tinha todos os motivos para deixar que o sobrinho sofresse as conseqüências dolorosas de suas próprias decisões insensatas. No entanto, Ló era seu “sobrinho” (o termo usado no original pode ser traduzido como “irmão”; Gn 14:16), de modo que Abraão colocou em prática o amor fraternal e venceu o mal com o bem (Rm 12:17-21; Gl 6:1, 2).

Seu exército. Apesar de ser um homem pacífico, Abraão estava preparado para a guerra. Ele não lutou por motivos egoístas nem em benefício próprio; lutou porque amava Ló e desejava ajudá-lo. Ao refletir sobre as características do exército de Abraão, vê-se o que é preciso ter, na esfera espiritual, para obter a vitória sobre o mundo.

(1) Os homens eram nascidos em sua casa (v. 14). Em termos espirituais, isso nos lembra de que “Todo o que é nascido de

Deus vence o mundo" (1 Jo 5:4). Nosso primeiro nascimento nos fez filhos de Adão, e ele foi vencido; ao nascermos de novo, porém, tornamo-nos filhos de Deus, e Jesus Cristo é o Vencedor. Ele subjogou todos os inimigos (Ef 1:19-23) e compartilha sua vitória com todos aqueles que confiam nele. "E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1 Jo 5:4).

(2) Estavam armados (v. 14). É preciso mais do que zelo e coragem para vencer uma guerra: é necessário ter um equipamento eficaz. Os soldados cristãos devem usar toda a armadura de Deus e as armas espirituais que Deus ofereceu (Ef 6:10-18). Nossas armas são espirituais, não carnis (2 Co 10:3-5), e são usadas no poder do Espírito Santo. A Palavra de Deus e a oração (At 6:4) são nossas armas mais eficazes e devemos empunhá-las pela fé. Como diz a letra de um cântico: "Veste a armadura do evangelho / Cada uma de suas partes / Veste em oração".

(3) Eram treinados (v. 14). Não importa quão excelente seja o equipamento; se os soldados não forem treinados, serão facilmente derrotados. Um dos propósitos da igreja local é treinar o povo de Deus para usar a Bíblia com eficácia, orar, reconhecer o inimigo e obedecer a ordens como soldados do exército de Cristo. *Quanto melhor você conhece a Bíblia, mais bem equipado você está para a batalha* (2 Tm 3:16, 17). O Capitão de sua salvação deseja treiná-lo para "aperfeiçoar" você (Hb 13:20, 21), sendo que, no grego, esse termo significa "equipar um exército". Se fracassamos na batalha, a culpa não é do equipamento nem da estratégia de nosso Capitão. O problema está nos soldados.

(4) Acreditavam em seu líder. Abraão e seus aliados viajaram quase duzentos quilômetros para realizar um ataque surpresa aos quatro reis e tiveram vitória absoluta. Ao que parece, Abraão seguiu instruções do Senhor, fazendo daquela investida uma vitória de fé. A aplicação espiritual é clara: se o povo de Deus espera derrotar seus inimigos, deve confiar no Senhor e obedecer a suas ordens. Foi assim que Josué conquistou a Terra Prometida e que Davi derrotou os inimigos de Israel,

e é assim que a Igreja deve lutar nos dias de hoje.

(5) Eram unidos. Não eram três exércitos com três líderes; era um único exército, e Abraão estava no comando. Que vitórias conquistaríamos se o povo de Deus de nossos dias estivesse unido em amor! Cantamos o hino que diz: "Como um poderoso exército / Avança a Igreja do Senhor"; mas na realidade a Igreja é muito diferente de um exército, especialmente no que se refere à disciplina de marchar todos juntos. "O problema da Igreja", disse um pastor amigo meu, "é que não há um número suficiente de soldados rasos".

(6) Tinham um único e firme propósito. Seu objetivo não era a vingança nem o lucro pessoal (Gn 14:22, 23), mas sim a vitória sobre o inimigo para que os prisioneiros pudessem ser soltos. Um soldado hesitante em seus propósitos está destinado à derrota: "Nenhum soldado em serviço se envolve com negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou" (2 Tm 2:4). Quando nos lembramos de Acã (Js 7), de Sansão (Jz 13 - 16) e de Saul (1 Sm 15), vemos como isso é verdade.

Sua conquista. Abraão e seus aliados eram tão fortes que perseguiram o inimigo por mais de cento e cinquenta quilômetros, libertaram todos os prisioneiros e recuperaram todos os espólios. Será que Abraão e seu sobrinho materialista tiveram uma longa conversa no caminho de volta? Será que Ló cumpriu a promessa que fez quando estava preso? Será que fez promessas a Abraão?

Não temos como responder a essas perguntas, mas uma coisa é certa: nem a disciplina do Senhor nem sua bondade ao salvar Ló adiantaram. A bondade de Deus deveria ter conduzido Ló ao arrependimento (Lc 15:14-19; Rm 2:4), mas, em vez de se arrepender, Ló voltou para Sodoma. Ele poderia ter se juntado novamente a Abraão, mas escolheu voltar ao pecado.

"Abraão foi o pai dos fiéis", escreveu Alexander Whyte em sua obra clássica *Biblical Characters*, "e seu sobrinho, Ló, foi o pai de todos os que são salvos por um triz". Algumas pessoas serão salvas, "todavia, como

que através do fogo" (1 Co 3:15), mas é muito melhor ter "amplamente suprida a entrada" (2 Pe 1:11) no reino eterno do Senhor.

3. ABRAÃO, O ADORADOR (GN 14:17-24)

Mais uma batalha. Às vezes, enfrentamos os maiores perigos após vencer uma batalha. Foi depois de haver tomado Jericó que a autoconfiança dos israelitas levou-os à derrota em Ai (Js 7). Foi depois de seu sucesso no monte Carmelo que Elías entrou em pânico e fugiu amedrontado (1 Rs 19). Não é de se admirar que o devoto pastor escocês, Andrew Bonar (1810-1892), disse: "Estejamos tão alertas depois da vitória quanto estávamos antes da batalha".

Quando Abraão voltou da batalha, dois reis foram a seu encontro: Bera, rei de Sodoma ("queimando"), e Melquisedeque, rei de Salém ("paz"). Bera ofereceu a Abraão todos os espólios em troca da libertação das pessoas, e Melquisedeque deu-lhe pão e vinho. Abraão rejeitou a oferta de Bera, mas aceitou o pão e o vinho de Melquisedeque e lhe deu o dízimo dos espólios. Tudo isso é simbólico e apresenta algumas importantes verdades espirituais que você deve entender e aplicar.

Abraão teve de escolher entre dois reis que representavam dois estilos de vida opostos. Sodoma era uma cidade perversa (Gn 13:13; Ez 16:49, 50), e Bera representava o domínio desse sistema tão atraente à carne (Ef 2:1-3). O nome Bera quer dizer "dádiva", sugerindo que o mundo tenta comprar sua fidelidade. Contudo, Sodoma significa "queimando", portanto tenha cuidado ao escolher! Se você se inclinar para Bera, tudo o que há de mais importante em sua vida um dia arderá em chamas. Foi o que aconteceu a Ló!

Melquisedeque significa "rei da justiça", e Salém quer dizer "paz". Tanto Hebreus 7 quanto o Salmo 110 associam Melquisedeque a Jesus Cristo, "Rei da paz" e "Rei da justiça" (Sl 85:10). Assim como foi Melquisedeque no tempo de Abraão, Jesus Cristo é nosso Rei e Sacerdote no céu, permitindo que gozemos justiça e paz ao lhe servir

(Is 32:17; Hb 12:11). Sem dúvida, podemos ver no pão e no vinho a lembrança da morte do Senhor por nós na cruz.

Assim, quando Abraão rejeitou Bera e aceitou Melquisedeque, estava fazendo uma declaração de fé: "Levem o mundo, eu fico com Jesus". Ló deveria ter tomado essa mesma decisão, mas ele escolheu voltar para sua vida de condescendência com as coisas terrenas.

Por que teria sido errado Abraão aceitar os espólios? Afinal, ele não arriscou sua vida e a de seus soldados para derrotar os reis invasores e salvar os prisioneiros? Em termos legais, Abraão tinha todo o direito de se apropriar dos espólios, mas em termos morais, essas riquezas estavam fora de seus limites. *Muitas coisas no mundo estão dentro da lei para os tribunais de justiça, mas são moralmente erradas para o povo de Deus.*

Além disso, antes de tomar para si os espólios, Abraão precisava concordar em entregar o povo de Sodoma a seu rei, que disse: "Dá-me as pessoas" (Gn 14:21). Assim como Deus quer usar o corpo humano para sua glória (Rm 12:1, 2; 1 Co 6:19, 20), o inimigo deseja usar o corpo humano para propósitos perversos (Rm 6:12, 13). De fato, o inimigo disse para José (Gn 39) e para Daniel (Dn 1): "Dá-me o seu corpo", mas os dois disseram "Não!" Quando, porém, o inimigo pediu a mesma coisa a Sansão (Jz 16), a Davi (2 Sm 11) e a Judas (Jo 13:27), eles disseram "Sim!" E que preço pagaram por isso!

Abraão não aceitou a oferta do rei Bera. É bem provável que, em vez disso, tenha dado a todos aqueles que libertou a oportunidade de se juntarem a ele e de confiarem no verdadeiro Deus vivo. Abraão era um chefe de tribo poderoso e seus vizinhos sabiam de sua tenda e de seu altar. No entanto, não há qualquer indicação de que algum deles (inclusive a família de Ló), tenha aceito o convite de Abraão. Com exceção de Ló e de suas duas filhas, todos pereceram na destruição de Sodoma.

Mais uma bênção. Melquisedeque tinha algo melhor a oferecer para Abraão: a bênção do "Deus Altíssimo que possui os céus

e a terra". *Abraão vivia pelas bênçãos do Senhor e não pelos subornos do mundo.* Ele não queria que alguém pensasse que o mundo o havia tornado um homem rico. Até uma coisa pequena como um cadarço poderia afetar sua caminhada com Deus! Muitos servos do Senhor enfraqueceram seu testemunho por ter aceito aplausos e presentes de pessoas do mundo. Não se pode ser um servo de Deus e uma celebridade do mundo ao mesmo tempo.

Melquisedeque encontrou-se com Abraão depois da batalha, *a fim de fortalecer-lo para a vitória.* O Senhor conhece as tentações que enfrentamos depois que derrotamos o inimigo. Abraão havia se encontrado com o Senhor *antes da batalha* e prometido que não tomaria para si nenhuma parte dos espólios da vitória. Ele manteve firme seu propósito ao liderar seu exército, e Deus lhe deu a vitória.

Abraão não impôs sua convicção a seus aliados – Aner, Escol e Manre (Gn 14:24). Deixou a critério deles resolver se desejavam tomar para si a parte que lhes cabia dos espólios. Também não esperou que dessem o dízimo a Melquisedeque. Abraão era um peregrino e estrangeiro, enquanto os aliados eram homens do mundo, cuja conduta era governada por um conjunto diferente de valores. "Os outros podem – você não deve".

Encontramos em Gênesis 14:20 a primeira menção que a Bíblia faz ao dízimo. Dar o dízimo significa dedicar a Deus 10%, seja de dinheiro, de colheitas ou de animais (a palavra hebraica significa "dez".) Quando damos o dízimo, reconhecemos que tudo pertence a Deus e que somos despenheiros agradecidos de sua riqueza. Os judeus pagavam um dízimo anual ao Senhor (Lv 27:30-33), bem como um dízimo a cada três anos, que era dedicado especificamente aos pobres (Dt 26:12-15). Também podiam dar o dízimo dos 90% restantes como "oferta comemorativa" a ser desfrutada em Jerusalém (Dt 12:5-19).

A prática de dar o dízimo é anterior à lei de Moisés. Vemos não apenas Abraão dando o dízimo, mas também Jacó (Gn 28:22).

Por esse motivo, muitos cristãos de hoje acreditam que o povo de Deus deve começar a ofertar ao Senhor entregando o dízimo. Um diácono muito devotado me disse: "Se o judeu do Antigo Testamento, que vivia sob a lei, podia dar seu dízimo, nós, cristãos do Novo Testamento vivendo sob a graça, deveríamos dar muito mais!"

Em 2 Coríntios 8 – 9, encontramos delimitado o plano para a contribuição com dízimos e ofertas. O falecido R. G. LeTourneau, conhecido industrial e filantropo cristão, costumava dizer: "Se você dá o dízimo pensando nos lucros, vai sair no prejuízo!"

Abraão, porém, nos dá um excelente exemplo de contribuição. *Levou seus presentes a Jesus Cristo por meio da pessoa de Melquisedeque* (ver Hb 7:1-10). Não damos nossos dízimos e ofertas para a igreja, para o pastor ou para os tesoureiros. Se nossa contribuição é um gesto sincero de adoração, nós a entregamos ao Senhor e, por esse motivo, desejamos dar o que temos de melhor (Mt 1:6-8).

Numa das igrejas que pastoreei, não recolhíamos ofertas aos domingos. Em vez disso, tínhamos caixas especiais para esse fim colocadas na saída antes ou depois dos cultos. Certo dia, um menino que estava visitando a igreja perguntou a seu amigo para que serviam aquelas caixas, e o outro respondeu:

– É lá que colocamos nossas ofertas.

– E o que acontece com o dinheiro? – perguntou o visitante.

– Acho que o entregam ao irmão Eastep – respondeu o menino. (Na época, o Dr. D. B. Eastep era o pastor dessa igreja.)

Ainda mais perplexo, o menino perguntou:

– Tudo bem, mas o que o irmão Eastep faz com o dinheiro?

Dessa vez, seu amigo estava pronto para responder:

– Não sei como ele faz isso, mas o irmão Eastep *entrega o dinheiro para Deus!*

Meu piedoso antecessor naquela igreja deu boas risadas quando ouviu essa história. Sabia (como todos nós) que cada adorador deve levar suas ofertas ao Senhor

e entregá-las com um coração agradecido. Todo aquele que faz parte do povo de Deus é sacerdote e pode levar seus sacrifícios a ele (1 Pe 2:5, 9).

Abraão *deu prontamente*. Tinha os princípios de despenseiro firmemente guardados em seu coração, de modo que não havia motivo para adiar a oferta.

Ele também *deu proporcionalmente*, um procedimento incentivado pelo apóstolo Paulo (1 Co 16:1, 2). O dízimo é um bom começo; mas à medida que Deus abençoa, devemos aumentar essa porcentagem, se desejamos colocar em prática aquilo que é descrito em 2 Coríntios 8 - 9.

Abraão *deu porque amava ao Senhor e desejava reconhecer sua grandeza e bondade*. Que contraste entre o "Deus Altíssimo"

e os ídolos pagãos! O Deus de Abraão é o possuidor (Criador) dos céus e da Terra (Gn 14:19; ver Is 40). Ele merece toda a adoração e louvor de seu povo.

Antes da batalha, Abraão levantou as mãos pela fé num voto solene a Deus de que não tomaria para si coisa alguma dos espólios. Seu coração e sua mente estavam firmes em seu propósito (Mt 6:24).

Durante a batalha, Abraão empunhou sua espada pela fé e confiou que Deus lhe daria a vitória.

Depois da batalha, pela fé, Abraão fechou as mãos ao rei de Sodoma e abriu-as para o rei de Salém, ao receber pão e vinho e dar o dízimo.

"E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1 Jo 5:4).

MAZINHO RODRIGUES
Um Instrumento Escolhido - At 9:16

A NOITE ESCURA DA ALMA

GÊNESIS 15

“Aquele que verdadeiramente teme e obedece ao Senhor pode ver-se numa situação de escuridão, sem ter qualquer luz. Pode ser que ande muitos dias e anos nessa situação...”

Assim escreveu o teólogo puritano Thomas Goodwin (1600-1679), concordando com as palavras do profeta Isaías: “Quem há entre vós que tema ao SENHOR e que ouça a voz do seu Servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do SENHOR e se firme sobre o seu Deus” (Is 50:10).

Às vezes, até o mais dedicado dos cristãos sente que está “no escuro” e se pergunta por que Deus parece tão distante. Durante a Rebelião dos Boxers, a Missão do Interior da China passou por grande sofrimento, e seu fundador, J. Hudson Taylor, disse a um amigo: “Não consigo ler, não consigo pensar, nem sequer consigo orar; mas posso confiar”. Foi um período de trevas, mas Deus, a seu tempo, trouxe a luz.

Abraão passou por uma experiência que alguns líderes espirituais chamam de “noite escura da alma”. O termo vem de um clássico espiritual do século XVI com esse mesmo nome e escrito por São João da Cruz. Tomando por base as cenas noturnas descritas em Cântares de Salomão, o livro conta como o filho de Deus chega ao mais profundo amor e fé ao passar pela escuridão temporária e parecer distante de Deus. Não se trata de uma experiência fácil, mas por vezes é necessária.

Abraão tinha três grandes preocupações. Quando o patriarca passou por essa “noite escura”, Deus tratou dessas três questões.

1. SUA SEGURANÇA (GN 15:1)

Ouvindo a si mesmo. O capítulo anterior concentrou-se nas ações de Abraão, mas este capítulo trata de suas emoções, inclusive de “grande pavor e cerradas trevas” (Gn 15:12). Pessoas de fé também têm sentimentos que não devem ser desmerecidos nem ignorados. Muitos cristãos ortodoxos têm a tendência de enfatizar a mente e a vontade e de minimizar as emoções. Trata-se de um erro grave que pode levar a uma vida desequilibrada.

Somos feitos à imagem de Deus, e isso inclui nossas emoções. Ao mesmo tempo que não é sábio confiar nas emoções e ignorar o que diz a mente, também não é sábio negar e reprimir as emoções e tornar-se um autômato religioso. No Livro de Salmos, Davi e outros escritores foram honestos em dizer a Deus aquilo que sentiam sobre ele, sobre si mesmos e sobre suas circunstâncias, dando-nos um exemplo a ser seguido. Jesus era um homem verdadeiro e expressou abertamente suas emoções de alegria, tristeza, ira santa e amor.

O que Abraão tinha a temer, uma vez que havia vencido a batalha? Dentre outras coisas, ele era humano, e nossas emoções “se desintegram” depois de um período de grande perigo e dificuldade. Isso ajuda a explicar por que o profeta Elias ficou tão desanimado depois da vitória sobre Baal no monte Carmelo (1 Rs 19). Depois do pico da montanha, vem o vale.

Havia, ainda, a possibilidade de os quatro reis voltarem com reforços e de atacarem o acampamento de Abraão. Ele sabia que uma derrota como aquela era uma questão muito séria para os reis do Oriente e que não se esqueceriam dela tão cedo. E se Abraão fosse morto? O que aconteceria à aliança e à promessa de Deus?

Ouvindo a Deus. Sem dúvida você deve “dar ouvidos a seus sentimentos” e ser honesto sobre eles. De acordo com o psiquiatra David Viscott: “Quando uma pessoa assume a responsabilidade por seus sentimentos, também assume a responsabilidade por seu mundo”. Mas não pare por aí. Dedique tempo para ouvir a Deus e receba as palavras de

encorajamento do Senhor. Essa é a primeira vez na Bíblia em que encontramos a expressão "Veio a palavra do SENHOR", e ela é usada mais de cem vezes no Antigo Testamento. A fé que conquista o medo é a fé na Palavra, não nos sentimentos.

Deus chamou seu amigo pelo nome (Jo 10:3). Quando eu era pequeno, ia sempre fazer compras para minha mãe, e os balconistas das lojas me chamavam pelo nome e me perguntavam da família. Quando meus pais iam ao banco, normalmente os caixas os reconheciam e cumprimentavam. Salvo raras exceções, os balconistas e caixas que me atendem hoje consideram-me apenas mais um número no computador. Parece incrível, mas o Deus que dá nome a todas as estrelas e que as numera sabe seu nome e se preocupa com suas necessidades (Sl 147:3, 4).

Nessa passagem, também vemos, pela primeira vez na Bíblia, estas palavras que inspiram confiança: "Não temas". Deus repetiu-as para Isaque (Gn 26:24), para Jacó (Gn 46:3) e, em várias ocasiões, para o povo de Israel (Êx 14:13; 20:20; Nm 14:9; Dt 1:21). As promessas contendo "não temas" em Isaías são ótimas para ler e meditar naqueles momentos em que você está lidando com o medo (Is 41:10, 13, 14; 43:1, 5; 44:2, 8).

O remédio do Senhor para o medo de Abraão foi lembrá-lo de quem era seu Deus: "Eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande" (Gn 15:1). O EU SOU de Deus é perfeitamente oportuno quando o homem diz: "eu não sou". "Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus" (Sl 46:10). Sua vida é tão grande quanto sua fé, e sua fé é tão grande quanto seu Deus. Se você passar o tempo todo olhando para si mesmo, ficará desanimado, mas se olhar para Deus pela fé, será encorajado.

Deus é nosso escudo e nosso galardão, nossa proteção e provisão. Abraão não precisava se preocupar com outra batalha, pois o Senhor o protegeria. Também não precisava se arrepender de ter perdido a riqueza que o rei de Sodoma havia lhe oferecido, pois Deus iria recompensá-lo de maneiras muito maiores. Essa passagem é o equivalente,

no Antigo Testamento, aos textos de Mateus 6:33 e Filipenses 4:19.

Proteção e provisão são bênçãos que o mundo está buscando e que os políticos prometem sempre que concorrem a um cargo. Os candidatos oferecem aos eleitores proteção contra guerras e contra a violência das ruas, bem como a provisão de empregos, saúde, educação e aposentadoria. Algumas das promessas são cumpridas, mas muitas são esquecidas. O Deus Todo-Poderoso é o único que pode fazer promessas de proteção e de provisão e cumprí-las. "Porque o SENHOR Deus é sol e escudo; o SENHOR dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente" (Sl 84:11).

2. SEU HERDEIRO (GN 15:2-6)

Pedindo (vv. 2, 3). Deus havia prometido a Abraão que seus descendentes seriam tão numerosos quanto o pó da terra (Gn 13:16) e que trariam bênçãos para o mundo todo (Gn 12:1-3). Contudo, Abraão e Sara ainda não tinham filhos e, se Abraão morresse, o único herdeiro seria seu "primeiro-secretário", Eliezer (é possível que ele seja o servo citado em Gn 24:2). Ló havia saído de cena, e os outros parentes de Abraão estavam a quase oitocentos quilômetros de lá, na Mesopotâmia. O que havia acontecido com a promessa?

A preocupação de Abraão não era apenas consigo mesmo e com sua esposa, mesmo que, como todos os casais do Oriente, eles desejassem ter filhos. Estava preocupado com a concretização do plano de Deus para a salvação de todo o mundo. O Senhor tinha um plano glorioso e havia feito uma promessa generosa, *mas Deus parecia não estar fazendo nada!* Abraão e Sara estavam envelhecendo, e o tempo estava se esgotando.

Essa é uma das lições fundamentais da "escola da fé": *A vontade de Deus deve cumprir-se do jeito de Deus e no tempo de Deus.* Deus não esperava que Abraão e Sara descobrissem uma forma de ter um herdeiro. Tudo o que pediu foi que estivessem à disposição para que ele pudesse cumprir seu propósito neles e por intermédio deles.

O que Abraão e Sara não podiam ver era que Deus estava esperando até que estivessem “amortecidos”, a fim de que somente o Senhor recebesse todo o poder e glória.

É bom compartilhar suas preocupações com o Senhor, mesmo que as coisas que você diz sejam prova da incredulidade ou da impaciência do seu coração. Deus não fecha seus ouvidos para suas perguntas e não é insensível para com os seus sentimentos. Ele não repreendeu Abraão. Antes, deu-lhe a certeza de que precisava. “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5:7).

Procurando (vv. 4, 5). Deus deixou claro que somente Abraão seria o pai do futuro herdeiro. *A hereditariedade depende da paternidade* (Rm 8:14-17). Então, de modo comovente, Deus garantiu a Abraão que esse herdeiro seria o pai de tantos descendentes que ninguém conseguiria contá-los. *Mesmo quando a vida está escura, você ainda pode ver as estrelas.* Abraão estava procurando a solução para o problema a *seu redor*, mas a resposta era buscar a solução *lá no alto*.

O Catálogo Geral usado pelos astrônomos tem cerca de trinta mil estrelas registradas, mas calcula-se que, além dessas, ainda haja mais de cem bilhões! Deus não disse que Abraão teria esse número de descendentes, mas sim que, como as estrelas, seriam demais para poder contar. Quer Abraão olhasse *para baixo* e visse o pó da terra (Gn 13:14), quer olhasse *para cima* e visse as estrelas (Gn 15:5), iria lembrar-se da promessa de Deus e confiar. Essa promessa foi repetida a Abraão (Gn 22:17) e reafirmada a Isaque (Gn 26:4).

Crendo (v. 6). As promessas não nos servem de nada se não crermos nelas e se não agirmos em função delas. Abraão já havia confiado na promessa de Deus (Gn 12:1-3) e *provado essa confiança ao deixar seu lar e ir para Canaã* (Hb 11:8). No entanto, Gênesis 15:6 é a primeira referência que a Bíblia faz à fé do patriarca Abraão. Esse versículo do Antigo Testamento equivale a João 3:16, e, por esse motivo, os escritores do Novo Testamento usaram essa passagem para ilustrar a salvação pela fé.

O original hebraico de Gênesis 15:6 contém apenas cinco palavras, mas como são ricas em significado! O versículo é citado três vezes no Novo Testamento: Gálatas 3:16, Romanos 4:3 e Tiago 2:23. As três palavras-chave são: *crer*, *imputado* e *justiça*.

Abraão *creu* em Deus, o que, literalmente, significa “Abraão disse: ‘Amém, Deus!’” A palavra hebraica traduzida por “*crer*” significa “apoiar todo o peso sobre”. Abraão apoiou-se completamente na promessa de Deus e no Deus da promessa. Não somos salvos ao *fazermos promessas* para Deus, mas sim ao *crer nas promessas* de Deus. No Evangelho de João, escrito para dizer às pessoas como encontrar a salvação (Jo 20:31), a palavra *crer* é usada quase cem vezes. A salvação é uma dádiva generosa de Deus e é recebida pela fé (Ef 2:8, 9).

Qual era a maior necessidade de Abraão? *Justiça*. Essa é a maior necessidade das pessoas em nosso mundo de hoje, pois “*todos pecaram e carecem da glória de Deus*” (Rm 3:23). “*Não há justo, nem um sequer*” (Rm 3:10). Não basta ser “religioso”; Deus requer de nós perfeita justiça, do contrário não permitirá que entremos em seu lar celestial.

De que modo Abraão recebeu essa justiça? Ele *creu* no Senhor, e a justiça *lhe foi imputada*. “*Imputar*” quer dizer “atribuir a alguém, caracterizar como”. Na cruz, nossos pecados foram atribuídos a Jesus (“foi contado com os transgressores” Is 53:12), quando ele sofreu o castigo que nos era devido (Is 53:6). Ao confiar em Cristo, a justiça dele *lhe é atribuída* (2 Co 5:21), e você pode apresentar-se justo e perdoado diante de um Deus santo.

Abraão provou sua fé por meio de suas obras quando ofereceu Isaque no altar (Tg 2:14-24). Abraão não foi salvo por sua obediência a Deus, *nem por prometer ser obediente a ele*; contudo, sua obediência provou sua fé. Os pecadores não são salvos pela fé acrescida de obras, mas por uma fé que *redunda em obras*.

Gaste algum tempo lendo Gálatas 3, Romanos 4 e Tiago 2 e você verá como Abraão ilustra a salvação pela fé. Em Gálatas 3, Paulo

concentra-se no *crer*; em Romanos 4, ele trata do *imputar*; em Tiago 2, Tiago explica a *justiça*. São necessários três capítulos do Novo Testamento para explicar um versículo!

A resposta ao medo de Abraão foi a presença de Deus: EU SOU. A resposta à preocupação de Abraão quanto a seu herdeiro foi a promessa de Deus: EU VOU. De que modo Deus respondeu à terceira preocupação de Abraão?

3. SUA TERRA (GN 15:7-21)

Afirmção (v. 7). Deus disse a Abraão que daria a terra de Canaã a ele e a seus descendentes (Gn 12:7; 13:15, 17), e então reafirmou essa promessa. A terra é uma parte importante da aliança, pois é na terra de Israel que se desenrola o drama divino da “história da salvação”. Israel também serve de palco para o último ato desse drama, quando o Messias voltar para reinar na Terra.

Durante séculos, Israel foi uma nação sem terra, e tudo indicava que a promessa não se cumpriria. Em 1932, o comentarista inglês G. Campbell Morgan escreveu: “Agora estou quase inteiramente convencido de que o ensinamento das Escrituras, como um todo, é este: não há futuro algum para Israel como povo aqui na Terra” (*This Was His Faith*, p. 290). Então, em 14 de maio de 1948, a nação de Israel voltou a existir! Assim como Deus cumpriu sua promessa a Abraão e enviou o Messias, também cumprirá sua promessa e restaurará a terra a seu povo.

Garantia (vv. 8-12). A pergunta de Abraão não era uma demonstração de incredulidade, mas sim o pedido de um sinal como garantia. Ele estava certo de que Deus lhe daria o filho prometido, mas a terra estava na mão de nações pagãs (vv. 19-21). Uma coisa era Abraão *possuir* a terra, mas como seus descendentes *tomariam sua posse* para que pudessem *desfrutar* dela?

A descrição dos versículos 9-17 mostra aquilo que, na época, era chamado de “aliança de corte”. Esse ritual solene incluía a morte de animais e o compromisso das pessoas com uma promessa. As pessoas que estavam realizando a aliança sacrificavam vários animais e dividiam as carcaças,

colocando uma metade de frente para a outra no chão. Então, as partes envolvidas caminhavam pelo meio dos sacrifícios declarando que, se deixassem de cumprir sua promessa, mereciam o mesmo fim que aqueles animais (ver Jr 34:18, 19).

No entanto, não foi o que aconteceu com Abraão. Ele abateu os animais, colocou-os no chão e passou o restante do dia espantando as aves de rapina atraídas pela carne e pelo sangue. Quando o sol se pôs, ele caiu em sono profundo e, então, Deus apareceu para ele e lhe falou. *Mas só Deus passou no meio das partes dos sacrifícios!* (Gn 15:17). Foi Deus quem fez as promessas a Abraão, não o contrário. Eram promessas incondicionais; a aliança da graça veio do coração generoso de Deus.

Esperança (vv. 13-21). Em meio a “pavor e cerradas trevas”, Abraão ouviu os termos da aliança de Deus e descobriu qual era o plano de Deus para a nação (vv. 13, 14, 16, 17), para ele (v. 15) e para a terra (vv. 18-21).

A nação (vv. 13, 14, 16, 17). Jacó e sua família foram para o Egito a fim de ser protegidos por José; lá cresceram e transformaram-se num povo forte (Gn 46 – Êx 1). Os judeus chegaram ao Egito como convidados de honra e acabaram tornando-se uma ameaça. Assim, o Faraó transformou-os em escravos e afligiu-os grandemente (Êx 1:11, 12). Talvez o fogareiro fumegante (Gn 15:17) fosse um símbolo do sofrimento do povo no Egito (Dt 4:20). A crueldade do Faraó não foi capaz de exterminar a nação, pois Deus tinha planos para seu povo escolhido. Deus julgou o Egito com dez pragas e, então, permitiu que Moisés liderasse o povo em triunfo para fora daquela terra (Êx 5 – 15).

Os acontecimentos e o tempo de cada um estavam nas mãos do Senhor. Os quatrocentos anos de Gênesis 15:13 referem-se a todo o tempo que Israel ficou no Egito, desde a chegada de Jacó até o êxodo. É um número arredondado, pois, pelo cálculo de Êxodo 12:40, foram quatrocentos e trinta anos (ver também At 7:6). Por que Deus esperou tanto tempo para libertar seu povo? Porque Deus foi longânimo com as nações

em Canaã e adiou seu julgamento de modo que tivessem mais tempo para se arrepender (2 Pe 3:8, 9; Mt 23:32). Aqueles que condenam Israel (e Deus) pela forma como os cananeus foram tratados se esquecem de que Deus concedeu-lhes séculos para se arrependerem de sua perversidade.

Abraão (v. 5). Os “dias da vida de Abraão” foram cento e setenta e cinco anos (Gn 25:7), o que significa que ele andou com Deus durante um século (Gn 12:4). Apesar de seus erros ocasionais, Abraão realizou a vontade de Deus e trouxe bênção para o mundo todo. Essa promessa de Deus deve ter dado grande ânimo a Abraão e Sara durante seus tempos de dificuldades, assim como as promessas de Filipenses 1:6 e Efésios 2:10 servem de encorajamento para as pessoas hoje em dia.

A terra (vv. 8-21). No começo da peregrinação de Abraão, Deus lhe disse: “Vai para a terra que te mostrarei” (Gn 12:1). Mais tarde, disse: “eu ta darei” (Gn 13:15-17). Então, sua palavra a Abraão foi: “À tua descendência dei esta terra” (Gn 15:18). A aliança de Deus declarou que aquela questão estava resolvida. A terra pertencia aos descendentes de Abraão pela linhagem de Isaque.

Salomão governou uma região vasta (1 Rs 4:21; Sl 72:8), mas Israel não possuía toda aquela terra. Os reis simplesmente reconheciam a soberania de Salomão e pagavam-lhe tributo. Quando Jesus Cristo reinar no trono de Davi (Mt 19:28; Lc 1:32), a terra de Israel chegará às dimensões completas prometidas por Deus.

Não importa em que Israel crê, a aliança de Deus com Abraão permanece. Ela é incondicional; seu cumprimento não depende da fé nem da fidelidade de seres humanos. Semelhantemente, a nova aliança estabelecida por Jesus Cristo não depende de as pessoas aceitarem-na ou não. Aqueles que depositam sua fé em Jesus Cristo entram nessa aliança e recebem salvação eterna (Hb 5:9; 9:12), uma herança eterna (Hb 9:15) e glória eterna (1 Pe 5:10).

Quando Abraão preocupou-se consigo mesmo, Deus deu-lhe segurança dizendo: “EU SOU!”. Quando se preocupou com seu herdeiro, ouviu o Senhor dizer: “Eu vou!”. Quando sua preocupação foi com a terra, Deus respondeu: “Eu já te dei!”

Em Jesus Cristo, Deus dá essas mesmas garantias para seu povo nos dias de hoje.

Abraão creu em Deus.
Você crê?

CUIDADO COM OS DESVIOS!

GÊNESIS 16

Na década de 1960, minha esposa e eu passamos alguns dias de férias perto das montanhas Apalaches. Quando estávamos voltando para casa, ela disse: "Vamos pegar essa estrada secundária. Parece um caminho interessante".

Interessante?... Na verdade era uma das piores estradas de terra que já havíamos visto, inclusive considerando algumas em campos missionários no exterior. Não havia buracos, só crateras. Quanto mais poeira o carro levantava, mais mal-humorado e impaciente eu ficava. Ao fazer uma curva com todo o cuidado, chegamos à conclusão de que quase ninguém passava por ali; isso porque, na nossa frente, passeando bem no meio da estrada, havia duas tartarugas.

Quando, finalmente, chegamos à civilização e entramos numa estrada asfaltada, pensei nas palavras que Vince Havner costumava dizer: "O desvio é sempre pior que a estrada principal".

Gênesis 16 mostra um doloroso desvio que Abraão e Sara tomaram em sua peregrinação, o qual trouxe conflitos não apenas ao lar dos dois, mas também ao mundo todo. Aquilo que os jornalistas chamam, hoje em dia, de "conflito árabe-israelita" começou com esse desvio.

No entanto, o relato é muito mais do que uma parte da história antiga com suas seqüências contemporâneas. Trata-se de uma ótima lição para o povo de Deus sobre andar pela fé e esperar que Deus cumpra suas promessas do jeito dele e no tempo dele. Ao estudar as etapas dessa experiência, você verá como é perigoso depender de sua própria sabedoria.

1. A ESPERA (GN 16:1A)

Abraão estava com oitenta e cinco anos de idade. Sua caminhada com o Senhor havia começado dez anos antes, e ele havia aprendido algumas lições preciosas sobre a fé. Deus havia prometido um filho a Abraão e Sara, mas não disse quando essa criança iria nascer. Era um período de espera, e a maioria das pessoas não gosta de esperar. Contudo, é "pela fé e pela longanimidade [que os cristãos] herdaram as promessas" (Hb 6:12).

Deus tem um tempo perfeito para todas as coisas que deseja fazer. Afinal, esse acontecimento não era só o nascimento de mais um bebê: era parte do grande plano de Deus para a salvação do mundo todo. Porém, Sara ficou impaciente enquanto esperava que alguma coisa acontecesse.

Por que Deus demorou tanto? Porque queria que Abraão e Sara estivessem "amortecidos" (Hb 11:12), a fim de que a glória fosse dada somente ao Senhor. Aos oitenta e cinco anos de idade, Abraão ainda se mostrou viril o suficiente para ter um filho com Agar, de modo que não era chegado o momento de o bebê que resultaria de um milagre nascer. Aquilo que é verdadeiramente feito pela fé é realizado para a glória de Deus (Rm 4:20), não para a exaltação do homem.

Disposição para esperar no Senhor é outra prova de que você está andando pela fé. "Aquele que crer não foge" (Is 28:16). Paulo citou esse versículo em Romanos 10:11 e ampliou seu significado: "Todo aquele que nele crê não será confundido". (Foi o mesmo Espírito Santo que inspirou tanto Isaías quanto Paulo e ele tem o direito de fazer tais alterações.) Sempre que deixamos de confiar em Deus, começamos a "fugir" para a direção errada e acabamos sendo confundidos.

Outra indicação de fé é agir de acordo com a autoridade da Palavra de Deus. "A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10:17). Se você está obedecendo ao que Deus diz em sua Palavra, pode agir pela fé e saber que Deus o abençoará. Hebreus 11 registra os atos poderosos de homens e de mulheres comuns,

que ousaram crer nas promessas de Deus e obedecer a seus mandamentos.

Por fim, sempre que estiver vivendo pela fé, *Deus lhe dará alegria e paz*. “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer” (Rm 15:13). Você pode estar cercado de conflitos, mas terá a paz e a alegria de Deus.

Estas são, portanto, as evidências da verdadeira fé bíblica: (1) estar disposto a esperar; (2) estar preocupado somente com a glória de Deus; (3) obedecer à Palavra de Deus; e (4) ter a alegria e a paz de Deus em seu ser. Enquanto Abraão e Sara esperavam, Deus aumentava a fé e a paciência do casal e construía seu caráter (Tg 1:1-4). Então, Abraão e Sara resolveram tomar um doloroso desvio.

2. O PLANO (GN 16:1B-4A)

Sara sabia que não podia ter filhos, mas que seu marido ainda era capaz de gerar uma criança. Deus havia designado Abraão especificamente como o pai do herdeiro prometido, *mas ainda não havia identificado a mãe*. Pela lógica, deveria ser a esposa de Abraão; mas talvez Deus tivesse outros planos. Sara estava tentando prever o que Deus faria – uma atitude perigosa. Lembre-se de que a verdadeira fé baseia-se na Palavra de Deus (Rm 10:17) e não na sabedoria humana (Pv 3:5, 6), pois “crer é viver sem tramar”. Quando Sara sugeriu seu plano a Abraão, não havia convicção em suas palavras. Deus havia dito a Abraão: “Sabe, com certeza” (Gn 15:13); mas Sara não tinha tal certeza para servir de base para suas ações.

Além disso, Sara não estava preocupada com a glória de Deus. Seu único objetivo fica claro quando ela diz: “assim me edificarei com filhos por meio dela” (Gn 16:2). Talvez houvesse uma pontinha de decepção com Deus e até mesmo a intenção de *culpar* Deus em suas palavras: “O SENHOR me tem impedido de dar à luz” (v. 2). Diz-se com frequência que, para Deus, adiar não é o mesmo que negar. Contudo, Satanás sussurra: “Deus está retendo aquilo que lhe é de direito! Se amasse você, as coisas seriam diferentes! Ponha a culpa nele!” (Ver Gn 3:1-6.)

De acordo com as leis matrimoniais daquela época, era perfeitamente aceitável que Abraão tomasse Agar para ser sua segunda esposa. Anos depois, Jacó casou-se com Bila e Zilpa – servas de suas esposas –, e cada uma delas lhe deu dois filhos. Além disso, o plano parecia ter dado certo, uma vez que Agar concebeu. Talvez, no final das contas, Sara tivesse razão.

No entanto, nem tudo o que é permitido pela lei ou que parece dar certo é aprovado pela vontade de Deus. Em momento algum, Deus aceitou Agar como esposa de Abraão; o anjo do Senhor chamou-a de “serva de Sara” (Gn 16:8). Mais tarde, ela foi referida como “essa escrava e seu filho” (Gn 21:10) e não “a esposa e o filho de Abraão”. Isso porque “tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23). Deus rejeitou a trama toda, pois tinha algo muito melhor em mente para Abraão e Sara.

Ao recapitular as quatro evidências da fé bíblica explicadas acima, você pode observar que Abraão e Sara não passaram no teste. Não estavam dispostos a esperar no Senhor e se precipitaram colocando em prática seus próprios planos. Agiram de modo a satisfazer apenas a si mesmos e não a glorificar a Deus. Não estavam obedecendo à Palavra e, certamente, não trouxeram alegria e paz para seu coração e seu lar.

O romancista escocês George MacDonald estava certo quando disse: “Em tudo o que faz sem Deus, o homem fracassa desgraçadamente ou alcança o sucesso ainda mais desgraçadamente”. O que nos leva à terceira etapa do “desvio” que Abraão e Sara tomaram.

3. O CONFLITO (GN 16:4B-6)

Quando você age conforme a sabedoria do mundo, acaba lutando como o mundo (Tg 3:13-18). De todos os conflitos, as brigas em família são as mais dolorosas e as mais difíceis de resolver. As coisas poderiam ter sido diferentes, se Agar tivesse mantido uma atitude de serva. No entanto, ela se tornou orgulhosa e irritou sua senhora (Pv 30:21-23).

Vemos na casa de Abraão a ilustração da pergunta de Paulo em Gálatas 3:3: “Sois as-

sim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?" Abraão e Sara haviam começado no Espírito quando colocaram sua fé no Senhor, mas depois buscaram ajuda na carne, e algumas das obras da carne estavam começando a aparecer (Gl 5:19-21). Abraão, Sara e Agar guerreavam entre si porque estavam em guerra com o Senhor. Estavam em guerra com o Senhor porque tinham desejos egoístas que guerreavam dentro do coração (Tg 4:1-10).

A primeira coisa que deveriam ter feito era construir um altar, adorar a Deus e contar-lhe seus problemas. Deveriam ter confessado seus pecados e recebido o perdão que Deus concede em sua graça. Ao parar de lutar com Deus e consigo mesmo, será mais fácil não lutar com os outros. O primeiro passo para a reconciliação com os outros é colocar as coisas em ordem com Deus.

Porém, em vez de encarar seus pecados com honestidade, cada pessoa envolvida tomou um rumo diferente. A solução de Sara foi expressar toda sua raiva *culpando o marido e maltratando sua serva*. Parecia ter se esquecido de que a idéia daquela união havia partido dela. A solução de Abraão foi ceder à esposa e *abdicar da liderança espiritual* de seu lar. Deveria ter se compadecido de uma serva desamparada e grávida, mas permitiu que Sara a maltratasse. Deveria ter chamado todos para o altar, mas não o fez.

A solução de Agar foi *fugir do problema*, uma tática que todos nós aprendemos com Adão e Eva (Gn 3:8). No entanto, logo se descobre que não é possível resolver os problemas fugindo deles. Abraão aprendeu essa lição quando fugiu para o Egito (Gn 12:10ss). Houve paz no lar durante algum tempo, mas não era a "paz de Deus". Era apenas uma trégua, frágil e temporária, que logo acabaria.

4. A SUBMISSÃO (GN 16:7-16)

Tiago 4:1-10 explica o que leva os cristãos a entrar em conflito e como podem viver em paz. As brigas ocorrem em nosso meio porque obedecemos a três inimigos: o mundo (Tg 4:4), a carne (v. 1) e o diabo (v. 7). Como

podemos esperar ter paz com Deus e uns com os outros se vivemos para o inimigo?! "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4:6-7).

Agar teve de se submeter ao Senhor (vv. 7-14). É nessa passagem que aparece, pela primeira vez nas Escrituras, o Anjo do SENHOR, geralmente identificado com Jesus Cristo. Em Gênesis 16:10, o anjo prometeu fazer aquilo que somente Deus pode fazer, e, no versículo 13, Agar chamou o anjo de "Deus". Essas visitas de Jesus Cristo à Terra em sua forma preencarnada tinham por finalidade ir ao encontro de necessidades específicas ou realizar tarefas especiais. O fato de o Filho de Deus ter assumido temporariamente uma forma física, deixado o céu e descido para ajudar uma serva rejeitada certamente revela sua graça e seu amor. Seus servos Abraão e Sara haviam pecado contra o Senhor e contra Agar, mas o Senhor não os abandonou.

O anjo chamou-a de "serva de Sara", o que indica que Deus não aceitou seu casamento com Abraão. Ao que parece, Agar estava voltando para o Egito quando se depարou com o anjo, mas Deus lhe disse para voltar para o acampamento de Abraão e sujeitar-se a sua senhora. Para isso, seria necessário um bocado de fé, uma vez que Sara havia maltratado Agar antes e poderia fazê-lo de novo.

Então, Deus lhe disse que estava grávida de um filho e que deveria chamá-lo de Ismael ("Deus ouviu"). Ainda que não fosse o herdeiro de Abraão na aliança, desfrutaria as bênçãos de Deus, uma vez que era filho de Abraão. Deus prometeu multiplicar os descendentes de Ismael e transformá-los numa grande nação (Gn 21:18; 25:12-18), e assim o fez, pois de Ismael originaram-se os povos árabes.

Ismael seria "como um jumento selvagem" (Gn 16:12), uma descrição não muito lisonjeira. Ela o identificava com o deserto onde viveu usando de sua grande habilidade como flecheiro (Gn 21:20, 21; Jó 24:5). Também revelava sua natureza independente e belicosa.

Seria um homem odiado, vivendo “fronteiro a todos os seus irmãos” (Gn 16:12). Não devemos aplicar essas características a todos os descendentes de Ismael, mas as hostilidades entre judeus e árabes ao longo dos séculos são por demais conhecidas para ser ignoradas. As nações árabes são povos independentes que habitam nas terras do deserto e resistem à intromissão de outras nações, especialmente Israel e seus aliados.

A experiência de Agar no deserto colocou-a face a face com Deus e ensinou-lhe algumas verdades importantes sobre o Senhor. Ela aprendeu que ele é o Deus vivo, que nos vê e ouve nosso clamor quando sofrermos. O nome do poço onde Agar encontrou-se com o anjo é “Beer-Laai-Roi”, que significa “o poço daquele que vive e me vê”. Ele é um Deus pessoal, que se preocupa com as vítimas de abuso e com bebês ainda não nascidos. Conhece o futuro e cuida daqueles que nele confiam.

Agar voltou e submeteu-se a Sara. Certamente, pediu perdão por ser arrogante, por desprezar sua senhora e por fugir. Confiou em Deus para protegê-la e a seu filho e para cuidar deles nos anos vindouros. Jamais resolvemos os problemas da vida fugindo deles. As coisas cooperam para o nosso bem e para a glória de Deus quando nos submetemos ao Senhor e confiamos nele.

Sara teve de se submeter a Deus. Como Sara se sentiu quando Agar voltou para o acampamento e contou que Deus havia falado com ela? Será que Deus tinha tempo para atender uma pobre serva? Deus se preocupava com o bebê de uma escrava? Será que o Deus de Israel se importava com uma egípcia? Sim; pois o filho daquela egípcia também era filho de Abraão, e Deus havia feito uma aliança com Abraão. O texto não diz qual foi a reação de Sara, mas, ao que parece, ela acreditou no relato de Agar e aceitou-a de volta como sua serva. Sara não voltou a maltratá-la, pois, afinal de contas, Deus estava vendo!

Abraão teve de se submeter a Deus. Em todo esse episódio, Abraão teve um papel

um tanto passivo. Deixou que Sara o convencesse a casar-se com Agar e permitiu que Sara a maltratasse e a expulsasse do acampamento. Temos a impressão de que Abraão não ofereceu qualquer tipo de ajuda a Agar. (Posteriormente, ele tomou uma atitude; Gn 21:9ss.) No entanto, quando seu filho nasceu, Abraão reconheceu-o e, obedientemente, deu-lhe o nome que Deus havia determinado.

Tanto Abraão quanto Sara tiveram de aprender a viver com seus erros. Certamente Abraão gostava de ver o menino crescendo, e o coração do patriarca idoso era cheio de amor por ele (Gn 17:18). No entanto, Abraão sabia que Ismael não seria parte permanente da família da aliança. A solução de Deus para o “problema de Ismael” foi não culpar Abraão, Sara ou Agar, mas enviar outro bebê àquele lar: *Isaque*. Ismael não causou problemas a Abraão e Sara até que *Isaque nasceu*. Então, o menino começou a dar trabalho (Gn 21:1-11). Como veremos em capítulos mais adiante, todas essas coisas têm um profundo significado teológico para o cristão de hoje.

Ao rever o capítulo 18, você verá que vários textos-chave da epístola aos Romanos são ilustrados por aquilo que é relatado aqui em Gênesis.

“Tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23). Certifique-se de que seus planos e procedimentos passam pelos quatro “testes da fé” apresentados acima. As pessoas podem concordar com você, a lei pode defendê-lo, mas se Deus não puder abençoá-lo, não leve seu plano adiante! Deixe que Deus realize sua vontade a seu modo e a seu tempo. Sara tentou adiantar-se ao Senhor e criou problemas que persistem até hoje.

“[...] os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida” (Rm 5:17). Em Gênesis 15, a graça reinava pela justiça em função da fé de Abraão (v. 6), e Abraão estava reinando em vida para a glória de Deus. No entanto, no capítulo 16, ele abdicou do trono, e o pecado começou a reinar. A incredulidade, a impaciência, o orgulho e a indiferença tomaram conta do lar

de Abraão e quase destruíram sua família. O povo de Deus é composto de reis e de sacerdotes (Ap 1:6), que devem "reinar em vida" ao entregarem-se a Jesus Cristo (ver Rm 6:11-14).

"Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5:20). Isso não significa que Deus faz vista grossa para o pecado e que a abundância de pecados é a chave para a abundância da graça (Rm 6:1-7). Antes, quer dizer que a graça de Deus é maior do que o pecado do homem e pode realizar o que Deus tem de melhor, mesmo quando o homem age de acordo com o que tem de pior. Em sua graça, Deus viu Agar fugindo para o Egito, foi a seu encontro e supriu suas necessidades. O Senhor tornou-a mãe de uma grande nação. É claro que ele o fez por causa de Abraão, mas a aliança de Deus com Abraão era uma aliança da graça divina.

Do ponto de vista humano, esse "desvio" foi uma tragédia que interrompeu o grande plano divino da salvação. Considere, porém, o ponto de vista de Deus. Ele nunca é pego de surpresa. Quando não domina todos os acontecimentos, ele prevalece e sempre cumpre seus propósitos.

Satanás quer nos convencer de que nossos "desvios de desobediência" devem tornar-se estradas permanentes para o resto de nossa vida, mas isso é mentira. Como Abraão e Sara, podemos confessar nossos pecados, receber a purificação de Deus (1 Jo 1:9) e, então, aprender a conviver com nossos erros. Sem dúvida, haverá dor e desgosto, mas, no final, tudo isso será superado pela graça de Deus.

Vale a pena citar George Morrison novamente: "A vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços".

O QUE É UM NOME?

GÊNESIS 17

Se você já leu *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, pode ser que tenha notado no segundo ato a famosa frase: “O que é um nome? Aquilo que chamamos de rosa teria um perfume igualmente doce com qualquer outro nome”.

Julieta disse essas palavras enquanto falava sozinha na sacada, sem saber que Romeu estava embaixo ouvindo. Ela estava refletindo sobre o fato de pertencer à família Capuleto e de Romeu ser da família rival dos Montéquio e sobre como esse acaso de seu nascimento os impedia de se casarem. Que diferença faziam os dois nomes? Não importava o nome, Romeu ainda era seu grande amor!

Não obstante Shakespeare, se você tivesse feito a pergunta: “O que é um nome?” para um personagem bíblico, a resposta seria: “Tudo! Nosso nome é extremamente importante!”

Os nomes podem registrar algo significativo sobre o nascimento (Gn 29:31 – 30:24) ou sobre alguma experiência que transformou a vida da pessoa. Jacó passou a se chamar Israel depois da noite em que lutou com Deus (Gn 32:24-32), e Simão recebeu o nome Pedro (“rocha”) quando encontrou Jesus Cristo (Jo 1:40-42). Os nomes dados a bebês ainda não nascidos também serviam para transmitir mensagens (Gn 16:11; Mt 1:18-25).

Neste capítulo, você vai descobrir quatro nomes novos e um nome que sempre será antigo, pois não pode ser mudado.

1. DEUS TODO-PODEROSO (GN 17:1, 2)

Revelação. *El-Shaddai*, no hebraico; esta é a primeira vez que esse nome aparece nas Escrituras. O termo *Shaddai* é traduzido por

“Todo-Poderoso” 48 vezes no Antigo Testamento. No Novo Testamento, o equivalente grego é usado em 2 Coríntios 6:18 e Apocalipse 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7 e 14; 19:6 e 15; e 21:22 e também é traduzido por “Todo-Poderoso”.

El é o nome de Deus e refere-se a poder, mas o que significa *Shaddai*? Os estudiosos não são unânimes quanto a isso. Alguns dizem que vem de uma palavra hebraica que significa “ser forte”; outros preferem uma palavra que quer dizer “montanha” ou “seio”. Em termos metafóricos, uma montanha é um “seio” que se eleva da planície e, certamente, constitui um símbolo de força. Se combinarmos todas essas idéias, podemos dizer que *El-Shaddai* é o nome do “Deus Todo-Poderoso e absoluto, que pode fazer qualquer coisa e suprir qualquer necessidade”.

Mas por que Deus revelaria esse nome a Abraão nessa ocasião, depois de treze anos de silêncio? *Porque Deus estava prestes a dizer a seu amigo que Sara daria à luz um filho.* O Senhor queria que Abraão soubesse que ele é o Deus absoluto e Todo-Poderoso e que nada é difícil demais para ele. Neste capítulo, Deus diz doze vezes o que farei (“Farei”, “Estabelecerel”, “Dar-te-ei”...).

Depois da batalha de Abraão com os quatro reis, Deus dirigiu-se a ele como um guerreiro e disse que era seu “escudo”. Quando Abraão refletiu sobre o fato de ter rejeitado a riqueza de Sodoma, Deus disse: “teu galardão será sobremodo grande” (Gn 15:1). E, no capítulo 17, quando Abraão e Sara estavam “amortecidos”, Deus garantiu-lhes que ele era mais do que suficiente para realizar o milagre do nascimento. Deus vem até nós da forma que mais precisamos.

Responsabilidade. A revelação sempre traz consigo responsabilidade. Enoque e Noé haviam andado *com Deus* (Gn 5:22; 6:8, 9), mas Abraão deveria andar *na presença* de Deus, ou seja, viver sabendo que os olhos de Deus estavam sempre sobre ele (Hb 4:13). A palavra “perfeito” não significa “impecável”, pois ninguém poderia alcançar esse objetivo (1 Rs 8:46). O termo quer dizer “honesto, sem culpa, sincero, inteiramente

dedicado ao Senhor". Em Êxodo 12:5, a palavra refere-se a um sacrifício "perfeito", imaculado. Trata-se de um chamado à integridade.

Isso não significa que o povo de Deus deve se contentar com qualquer coisa aquém do desejo de estar absolutamente dentro da vontade do Senhor. "A vontade dele deve ser nosso objetivo e desejo", escreveu Alexander Maclaren. "Maior é a bênção de ter o mais profundo desejo de conquistar o incontestado do que de estagnar num contentamento ignóbil de realizações parciais. É melhor escalar, com a face voltada para o alto, o cume inacessível do que deitar-se em plácidos vales" (*Expositions of Holy Scripture*, v. 1, p. 120 [Baker Book House, 1974]).

A adoração pessoal ao Senhor é o segredo de caminhar em perfeição diante de Deus. Assim como Abraão, todo cristão deve prostrar-se diante de Deus e entregar-lhe tudo. Se ele é *El-Shaddai*, o Deus Todo-Poderoso", então quem somos nós para resistir à sua vontade?

Relacionamento. A expressão "minha aliança" é usada nove vezes neste capítulo e define o relacionamento de Deus com Abraão. Não era outra aliança, diferente da que Deus já havia feito com Abraão (Gn 12:1-3; 15:1-21). Era uma reafirmação daquela aliança com o acréscimo importante da circuncisão, o sinal e selo da aliança.

Abraão e sua esposa não tinham filhos, porém, mais uma vez, Deus prometeu multiplicar sua família. Seus descendentes seriam como "o pó da terra" (Gn 13:16) e as estrelas do céu (Gn 15:5). Essas duas comparações – terra e céu – sugerem que Abraão teria uma família material, os judeus (Mt 3:9), e uma família espiritual constituída de todos os que crêem em Jesus Cristo (Gl 3:26-29).

2. ABRAÃO (GN 17:3-14, 23-27)

O povo. O nome "Abrão" significa "pai exaltado"; Abraão quer dizer "pai de muitos". Quando Abraão informou ao povo de seu acampamento que tinha um novo nome, alguns devem ter sorrido e dito: "Pai de muitos... Mas ele e a esposa são velhos demais para ter filhos!"

Quer ele olhasse para a terra sob seus pés quer para o céu, ou sempre que alguém o chamava pelo nome, Abraão era lembrado de que Deus, em sua graça, havia prometido dar-lhe muitos descendentes.

Não se esqueça de que os descendentes de Abraão incluem não apenas os judeus, mas também o mundo árabe (pela linhagem de Ismael) e as nações relacionadas em Gênesis 25:1-4. Todos aqueles que confiam em Jesus Cristo como Salvador são filhos espirituais de Abraão (Gl 3:6-9). No final, sua descendência será, de fato, uma grande multidão (Ap 7:9).

Não temos nada dentro de nós mesmos que nos permita dar frutos para Deus. Abraão e Sara tentaram pôr em prática seu próprio plano, mas fracassaram vergonhosamente. Jesus disse: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15:5). "Dizemos ser dependentes do Espírito Santo", escreveu Vance Havner, "mas na verdade acreditamos ter tantos recursos que, se o fogo não descer do céu, podemos apertar um botão e produzir nosso próprio fogo falso".

Li sobre um jovem pastor escocês que andou com altivez até o púlpito para pregar seu primeiro sermão. Era dotado de uma mente brilhante e de uma boa educação e sentia-se seguro de si ao encarar sua primeira congregação. Porém, no decorrer do sermão, foi ficando cada vez consciente de que "o Senhor não estava no vento". Concluiu sua mensagem rapidamente e desceu do púlpito com a cabeça abaixada, sem todo o orgulho de antes. Mais tarde, um dos membros da igreja lhe disse: "Se você tivesse subido ao púlpito da forma como desceu, teria saído da forma como subiu".

A terra. A aliança perpétua de Deus também incluía uma posse perpétua: a terra de Canaã. Hoje em dia, essa terra é um campo de batalha, e será assim até que o Senhor volte para reinar. No entanto, no que se refere à aliança de Deus, a terra pertence a Israel.

O *direito de propriedade* que os judeus têm àquela terra depende única e exclusivamente da aliança que Deus, em sua graça, fez com Abraão: Deus lhe deu a terra.

No entanto, sua *posse* e *usufruto* dependem da fidelidade dos israelitas em obedecer ao Senhor. Esse foi o tema das mensagens de Moisés em Deuterônimo. Nesse livro, Moisés disse ao povo mais de sessenta vezes que iriam herdar ou ter a posse da terra. Em pelo menos vinte e cinco ocasiões, Moisés lembrou-os de que a terra era uma dádiva do Senhor. O nome de Deus estava lá (Dt 12:5, 11, 21) e ele iria cuidar da terra e abençoá-la, caso seu povo andasse em seus caminhos.

O único pedaço de terra que todos os patriarcas possuíram foi a caverna que Abraão comprou de Efrom, filho de Zoar, a fim de usar como sepultura para a família (Gn 23; 49:29-31). Jacó e sua família tiveram de deixar a terra e ir para o Egito (Gn 46), mas Deus havia prometido que voltariam a Canaã no tempo determinado (Gn 15:13-17).

Josué liderou o povo até a terra onde conquistaram os cananeus e apropriaram-se da herança. No entanto, o povo não permaneceu fiel à aliança, de modo que Deus teve de discipliná-los *na terra* (Jz 2:10-23). O Senhor levantou nações inimigas para derrotar Israel e para escravizá-lo. Israel estava na terra, mas não a *controlava* e nem a *desfrutava* (Dt 28:15ss).

Durante o reinado de Davi e, posteriormente, de Salomão, o povo desfrutou sua herança e serviu ao Senhor fielmente. Contudo, depois que o reino se dividiu, tanto Israel quanto Judá degeneraram-se espiritualmente (exceto por alguns interlúdios ocasionais de reavivamento), e o povo foi levado cativo. A Assíria derrotou Israel e a Babilônia conquistou Judá. Assim, Deus disciplinou o povo *fora da sua terra*. Era como se estivesse dizendo: "Vocês poluíram minha terra com seus ídolos, portanto, vou colocá-los numa terra de idólatras. Aproveitem! Depois que tiverem passado setenta anos longe da terra da herança, talvez aprendam a apreciar o que eu lhes dei".

Deus permitiu que um remanescente voltasse para a terra, reconstruísse a cidade e o templo e restaurasse a nação; mas ela nunca mais tornou-se uma grande potência.

No entanto, seja Israel fiel ou infiel, a terra lhe pertence, e um dia o povo a herdará e a desfrutará para a glória de Deus. A escritura da terra no nome de Israel é uma parte essencial da aliança perpétua que Deus fez com Abraão.

O sinal. Em Gênesis 17:4, Deus disse: "quanto a mim", mas no versículo 9 disse: "quanto a ti". A parte de Abraão na aliança era obedecer a Deus e colocar em cada pessoa do sexo masculino em sua casa o sinal da aliança. A circuncisão não era um ritual novo, pois outras nações a realizavam no tempo de Abraão; porém, Deus deu uma nova importância e um significado especial a essa prática. Para os descendentes de Abraão, a circuncisão não era uma opção, era uma obrigação.

É importante observar que a circuncisão não era um "sacramento". Sua realização não transmitia uma bênção espiritual ao recipiente. Um menino de oito dias (Lv 12:3) nem podia entender o que estava acontecendo e, quando crescesse, o ritual teria de ser explicado a ele. O importante era a obediência dos pais, pois caso não obedecessem a Deus nessa questão, seu filho seria excluído de seu povo (Gn 17:14). O povo da aliança deveria levar em seu corpo a marca da aliança.

Tendo em vista que a aliança incluía a "descendência" de Abraão, era apropriado que a marca da aliança fosse feita no órgão reprodutor masculino. Uma vez que todas as pessoas eram concebidas em pecado (Sl 51:5), essa marca serviria para lembrá-las de que eram aceitas por Deus por causa da aliança que ele, em sua graça, havia feito com Abraão. Foi Deus quem escolheu os judeus e não os judeus que escolheram Deus (Dt 7:1-11). Ele os escolheu para que fossem um povo santo. A imoralidade corria solta no meio dos cananeus, chegando a ser parte de sua religião. Porém, o povo de Israel era "marcado" para ser separado do mal a seu redor.

Infelizmente, os israelitas acabaram transformando a circuncisão num meio de salvação. Esse ritual era uma garantia de ser aceito por Deus. (Hoje em dia, algumas pessoas colocam uma falsa confiança desse tipo no batismo, na Santa Ceia e em outros ritos

religiosos, que podem ser muito significativos se usados corretamente.) *O povo não se dava conta de que a circuncisão representava algo muito mais profundo: o relacionamento da pessoa com Deus. Deus quer que pratiquemos a "circuncisão do coração" e que nos dediquemos totalmente a ele em amor e obediência (Dt 10:16; 30:6; Jr 4:4; Rm 2:28, 29).*

Romanos 4:9-12 deixa claro que a operação física não tinha qualquer relação com a salvação eterna de Abraão. Abraão havia crido em Deus e recebido a justiça de Deus antes de ser circuncidado (Gn 15:6). A circuncisão não era um meio de obter a salvação, mas sim uma marca da separação dele como homem em relacionamento de aliança com Deus. Os membros legalistas da Igreja primitiva tentaram transformar a circuncisão e a obediência à lei num requisito para a salvação dos gentios, mas essa heresia foi refutada (At 15:1-35). Em sua epístola aos gálatas, Paulo argumentou, de modo persuasivo, em favor da salvação exclusivamente pela graça.

Qual o significado de tudo isso para o cristão da atualidade? O selo da nossa salvação não é um rito exterior, mas a presença de uma testemunha interior, na pessoa do Espírito Santo de Deus (Ef 1:13; 4:30; Rm 8:9, 16). Passamos por uma "circuncisão de Cristo" (Cl 2:9-12) que nos torna parte da "verdadeira circuncisão" (Fp 3:1-3). No dia em que confiamos em Cristo para nos salvar, o Espírito de Deus realizou uma "cirurgia espiritual" que nos permite ter vitória sobre os desejos da velha natureza e da velha vida. A circuncisão remove apenas uma parte do corpo, mas a verdadeira "circuncisão espiritual" significa um "despojamento do corpo da carne" (Cl 2:11) e trata a natureza pecaminosa de modo radical.

Essa "circuncisão espiritual" é realizada na conversão, quando o pecador crê em Cristo e é batizado pelo Espírito, passando a fazer parte do corpo de Cristo (1 Co 12:13). Esse batismo identifica o cristão com Cristo em sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão e, também, em sua circuncisão (Cl 2:11, 12; Lc 2:21). Não se trata da "circun-

ção de Moisés", mas sim da "circuncisão de Cristo", que é o que importa para o cristão.

Donald Grey Barnhouse disse: "Temos uma natureza pecaminosa que precisa ser tratada com o bisturi [...] Deve ser tratada como um todo e não em pequenas partes". Em Cristo, podemos "[andar] no Espírito e [...] não [satisfazer] as concupiscências da carne" (Gl 5:16).

Abraão obedeceu a Deus sem demora e colocou em todos os homens e meninos de sua casa a marca da aliança. Sem dúvida, quando contou qual era seu novo nome, também explicou o significado desse ritual.

3. SARA (GN 17:15-17)

O outro novo nome foi "Sara", que significa "princesa". (Não se sabe ao certo o significado de "Sarai". Alguns dizem que quer dizer "escarnecer" ou "ser contenciosa". Poderia ainda ser outra forma da palavra "princesa".) Uma vez que viria a ser a mãe de reis, era mais do que apropriado ser chamada de "princesa"!

Não devemos subestimar o lugar de Sara no grande plano de Deus para a salvação. Assim como seu marido (e como todos nós), Sara tinha lá seus defeitos; no entanto, também como o marido, confiou em Deus e cumpriu os propósitos do Senhor (Hb 11:11). Não é apenas a mãe do povo judeu (Is 51:2), mas também um bom exemplo a ser seguido pelas esposas cristãs (1 Pe 3:1-6). O marido cristão deve tratar a esposa como uma princesa, pois é sua identidade no Senhor.

Há três ocasiões relacionadas ao nascimento de Isaque em que houve riso: Abraão riu de alegria quando soube que a esposa daria à luz o filho prometido (Gn 17:17); Sara riu de incredulidade quando ouviu essa notícia (Gn 18:9-15); e Sara riu de felicidade quando o menino nasceu (Gn 21:6, 7). O nome Isaque significa "ele ri".

A maternidade deve ser considerada em alta estima, e o nascimento de um bebê deve ser recebido com alegria. Apesar de Deus não chamar todas as mulheres para se casarem nem todas as mulheres casadas para ter filhos, ele se preocupa de maneira especial tanto com a maternidade quanto com os

filhos (Sl 113:9; 127:3-5; Mt 19:14). Numa sociedade egoísta, muitas pessoas encaram a maternidade como um empecilho, e os filhos como um fardo. Na verdade, algumas pessoas consideram filhos um fardo tão grande que dão cabo deles antes que tenham a oportunidade de tornar-se uma bênção.

O ventre de uma mulher é um santuário onde Deus age (Sl 139:13-18). Como é triste quando transformamos esse lugar de vida num lugar de morte, e o santuário num holocausto!

4. ISAQUE (GN 17:18-22)

O primeiro bebê da Bíblia a receber um nome antes de nascer foi Ismael (Gn 16:11) e o segundo foi Isaque. Como veremos quando estudarmos Gênesis 21, esses dois meninos representam dois nascimentos diferentes: (1) Ismael, nosso primeiro nascimento segundo a carne; e (2) Isaque, nosso novo nascimento segundo o Espírito (ver Jo 3:1-8 e Gl 4:21-31, especialmente os vv. 28, 29.)

Do ponto de vista humano, podemos entender o motivo de Abraão ao interceder por Ismael. Ele era seu filho, e o pai o amava profundamente. Viviam juntos havia treze anos, e Ismael estava entrando na vida adulta. Será que Deus desperdiçaria tudo o que Abraão havia investido em Ismael? O menino não teria futuro algum? Afinal, Ismael não era culpado de ter nascido! Abraão e Sara haviam pecado, e não o menino.

No entanto, do ponto de vista espiritual, Ismael não podia substituir Isaque nem mesmo igualar-se a ele no plano divino da aliança. Deus já havia prometido abençoar Ismael (Gn 16:11) e cumpriu sua promessa (Gn 25:12-16), mas as bênçãos da aliança não faziam parte da herança de Ismael. Somente Isaque herdaria todas as coisas (Gn 25:5, 6; Rm 9:6-13).

Encontramos, aqui, uma lição prática para todo o que deseja viver pela fé: *não se apegue às coisas do passado quando Deus está preparando um futuro brilhante para você*. Ismael representava o passado, e Isaque, o futuro. Ismael simbolizava o modo carnal de o ser humano realizar algo para Deus; mas Isaque era a criança do milagre, nascido pelo poder de Deus. Ismael trouxe dissensão àquele lar, mas Isaque trouxe riso. Se você tem um "Ismael" em sua vida, entregue-o a Deus. O Senhor tem um plano perfeito, e aquilo que ele pretende fazer é o melhor. Pode ser difícil abrir mão de seus sonhos tão preciosos, mas os caminhos de Deus são sempre os caminhos certos.

Amy Carmichael, missionária na Índia, escreveu a uma amiga que estava lidando com uma experiência difícil: "Eu lhe direi o que nosso Pai celeste me disse há muito tempo e ainda me diz com frequência: 'Veja nisso tudo uma oportunidade de morrer'".

Talvez todos nós precisemos orar: "Que morra o 'Ismael' dentro de mim!"

Ismael não recebeu um novo nome, pois representa a carne, e a carne não pode ser mudada. "O que é nascido da carne é carne" (Jo 3:6) e *sempre será carne*. "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum" (Rm 7:18).

"O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita" (Jo 6:63). A velha natureza pode ser disciplinada, reprimida e, até certo ponto, controlada, mas não pode ser mudada. Até que recebamos o corpo glorificado na presença do Senhor, a luta entre a carne e o Espírito continuará (Gl 5:16-26).

Era o começo de um novo dia para Abraão e Sara, pois Sara ia ter um menino!

"Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se" (Jo 8:56).

COMO PELO FOGO

GÊNESIS 18 – 19

“**N**o campo dos conflitos humanos, nunca tanta gente deveu tanto a tão poucos.”

Sir Winston Churchill declarou essas palavras ao parlamento inglês no dia 20 de agosto de 1940. Fez uma retrospectiva do primeiro ano de guerra e, em seguida, prestou um tributo especial aos pilotos da Força Aérea britânica “que mudaram o rumo da Guerra Mundial com sua bravura e dedicação”.

Os cidadãos da Grã-Bretanha *sabiam* o que a força aérea estava fazendo por eles, mas os cidadãos de Sodoma e Gomorra e das outras cidades da planície não sabiam que três pessoas – Abraão, Ló e Jesus Cristo – eram tudo o que havia entre eles e a total destruição.

1. ABRAÃO, O AMIGO DE DEUS (Gn 18)

Abraão recebe esse título especial em 2 Cr 20:7; Is 41:8 e Tg 2:23, e é a única pessoa na Bíblia com essa designação. Jesus chamou Lázaro de seu amigo (Jo 11:11) e chama de “amigos” aqueles que crêem nele e lhe obedecem (Jo 15:13-15). Como amigos dele, podemos compartilhar de seu amor e comunhão e podemos conhecer sua vontade. “Se somos atacados por um inimigo invisível”, escreveu Vance Havner, “também somos ajudados por um Amigo Invisível. Grande é nosso adversário, porém maior ainda é nosso Aliado”.

A amizade envolve ministério, e nesse capítulo você verá Abraão ministrando em três áreas diferentes: ao Senhor (Gn 18:1-8), a seu lar (vv. 9-15) e aos perdidos do mundo (vv. 16-33).

Ele ministrou ao Senhor (vv. 1-8). Todo ministério deve, antes de tudo, ser voltado para o Senhor, pois se não somos uma bênção para o Senhor, jamais seremos uma bênção para outros. Era assim com os sacerdotes de Israel (Êx 28:1, 3, 4, 41; 29:1) e com os servos de Deus na Igreja primitiva (At 13:1, 2). “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens [...] A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Cl 3:23, 24).

Abraão estava em seu descanso diário durante o calor do dia quando viu três estranhos se aproximando. Poucas pessoas viajavam quando o sol estava tão quente, de modo que Abraão imediatamente ficou curioso, mas também foi cortês. A hospitalidade é uma lei importantíssima no Oriente, e Abraão cumpriu-a com fidelidade.

Os três estranhos eram o Senhor Jesus Cristo e dois de seus anjos (Gn 18:1, 22; 19:1). Nada na aparência deles indicou a Abraão quem eram; mas ao ter comunhão com eles, Abraão descobriu que estava recebendo visitantes da realeza. Seu ministério ao Senhor foi tão agradável que deve servir de exemplo para nós hoje em dia.

Em primeiro lugar, ele serviu ao Senhor *pessoalmente*. Lembre-se de que Abraão tinha noventa e nove anos de idade, era um chefe de tribo muito rico e poderia ter incumbido seu assessor ou um de seus mais de trezentos servos (Gn 14:14) de cuidar dos três viajantes. Em lugar disso, resolveu ministrar ao Senhor pessoalmente.

Ele também ministrou *imediatamente*. Abraão poderia tê-los ignorado, fingindo estar dormindo, ou poderia ter pedido que se assentassem e esperassem até que tivesse terminado seu cochilo. Mas Abraão era um homem de fé, e a fé não protela para servir ao Senhor.

Este capítulo enfatiza que Abraão serviu ao Senhor *com rapidez*. Ele *correu* ao encontro dos visitantes (Gn 18:2), *apressou-se* para a tenda de Sara e pediu que ela fizesse pão (v. 6). *Correu* ao gado, escolheu um novilho e deu-o ao criado, que se *apressou* em prepará-lo (v. 7). Não se esqueça de que estamos falando de um homem de idade

correndo no calor do dia! Abraão só parou depois que havia servido seus visitantes (v. 8).

Abraão serviu ao Senhor *com generosidade* e deu-lhe o melhor daquilo que tinha. Sara preparou o pão da “flor de farinha” (v. 6), e o novilho era “tenro e bom” (v. 7). Não ofereceu restos nem produtos de segunda para visitantes tão ilustres! Que contraste entre ele e os sacerdotes do tempo de Malaquias, que não davam ao Senhor o que tinham de melhor (Ml 1:6-14)!

O serviço de Abraão foi marcado pela *humildade*. Ele prostrou-se em terra diante de seus visitantes (Gn 18:2) e chamou a si mesmo de servo (vv. 3, 5). Quanto ao banquete, disse tratar-se apenas de um “bocado de pão”. Serviu os três visitantes e, então, permaneceu de pé, à disposição, caso precisassem dele. Interrompeu seu gostoso cochilo da tarde para tornar-se um servo de três desconhecidos, mas, por causa desse serviço, recebeu enormes bênçãos para si e para a esposa.

Por fim, Abraão serviu ao Senhor *cooperativamente* e envolveu o ministério de outros. Sara assou o pão; um criado preparou a carne e, sem dúvida, outros servos levaram a coalhada e o leite. “Preferia pôr dez homens para trabalhar do que fazer o trabalho de dez homens”, disse, com toda razão, o evangelista D. L. Moody.

Ao longo dos anos, estudei a biografia de grandes homens e mulheres de Deus e aprendi que os servos dedicados do Senhor incentivam e inspiram outros a servir a Deus. D. L. Moody foi usado por Deus para arrematar e assistir um exército de obreiros, que incluía F. B. Meyer, G. Campbell Morgan e R. A. Torrey. Paul Rader teve um trabalho parecido em sua geração, ajudando a começar ministérios que existem até hoje. Quando servimos a nós mesmos ou ao nosso próprio ministério, nosso trabalho perece, mas quando servimos ao Senhor, ele nos dá frutos duradouros e abundantes (Jo 12:20-28).

Antes de terminar esta seção, gostaria de falar sobre a importância da hospitalidade cristã. Hoje em dia, com a conveniência

de hotéis e de restaurantes, raramente pensamos no que significa acolher pessoas desconhecidas (Hb 13:1, 2); mas a hospitalidade é parte importante do ministério cristão (Rm 12:13; 1 Pe 4:9). Na verdade, ser “hospitaleiro” (1 Tm 3:2; Tt 1:8) é um dos requisitos para a liderança da igreja local. Ao servir a outros em amor, servimos a Jesus Cristo, nosso Senhor (Mt 25:34-40), e promovemos a propagação da verdade de Deus (3 Jo 5-8).

Ele ministrou à esposa (vv. 9-15). Pelo fato de Abraão ser fiel ao Senhor, tornou-se um canal das bênçãos divinas para a esposa e, posteriormente, para a família (v. 19). Sara tinha um papel importante a desempenhar na realização do plano de Deus para a salvação do mundo e fez sua parte (Hb 11:11; 1 Pe 3:1-7; Rm 4:18-21). Estava com oitenta anos de idade e, ainda assim, era uma mulher desejável, com seu charme e beleza (Gn 20), em parte porque o marido a amava e a tratava como a princesa que ela era.

O Senhor tinha vindo lá do céu para anunciar algo a Abraão e Sara. No ano seguinte, naquela mesma época, Sara daria à luz o filho prometido! A notícia era tão incrível que Sara riu e perguntou se uma coisa dessas poderia acontecer a dois velhos. O riso de Abraão brotou de sua fé repleta de alegria (Gn 17:17), mas o riso de Sara foi marcado pela incredulidade, mesmo que ela o negasse.

É claro que, quando duvidamos de Deus, questionamos tanto sua veracidade quanto sua capacidade. Ele cumpre suas promessas? Ele tem poder de realizar aquilo que se compromete a fazer? A resposta para ambas as perguntas é: *sim!* (ver Rm 4:20, 21.)

“Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil?” (Gn 18:14) Claro que não! Se você precisa de provas, então veja o que disseram Jó (42:2), Jeremias (32:17, 27), o anjo Gabriel (Lc 1:37) e o apóstolo Paulo (Ef 3:20-21). Se Deus faz uma promessa, você pode ter certeza de que tem poder de cumpri-la e continuará sendo fiel, mesmo que nós não tenhamos fé (2 Tm 2:13). Mais tarde, Sara se arrependeu de sua incredulidade e, juntamente com o marido, confiou em Deus. O Senhor lhes deu o filho prometido.

O marido que ministra ao Senhor também se verá ministrando aos membros de sua família, especialmente à esposa. Ele será uma fonte de bênçãos em seu lar. Quando estudarmos Gênesis 19, veremos o contraste com Ló, um homem apegado às coisas do mundo e que não teve qualquer influência espiritual sobre seu lar.

Ele ministrou aos perdidos do mundo (vv. 16-33). Abraão pertencia àquele grupo seleto de pessoas de Deus conhecidas como intercessoras - indivíduos como Moisés, Samuel, Elias, Jeremias, os apóstolos e o próprio Senhor Jesus. Na verdade, o ministério de nosso Senhor no céu, agora mesmo, é um ministério de intercessão (Rm 8:34). Assim, em momento algum somos mais parecidos com Cristo do que quando estamos intercedendo por outros. Não basta ser uma bênção para nosso Senhor e nosso lar; também devemos procurar ganhar um mundo perdido e levar os pecadores ao Salvador.

Charles Spurgeon disse: "Se eles [os pecadores perdidos] não querem ouvir você falar, não podem impedi-lo de orar. Zombam de suas exortações? Não podem perturbá-lo enquanto ora. Está longe demais para alcançá-los? Suas orações podem chegar até eles. Declararam que nunca mais o ouvirão nem verão seu rosto? Não se preocupe. Deus tem uma voz que não podem deixar de ouvir. Fale com Deus, e ele tocará o coração deles. Mesmo que agora tratem você com desprezo, retribuindo seu bem com o mal, siga-os com suas orações. Jamais permita que pereçam por falta de súplicas de sua parte" (*Metropolitan Pulpit*, v. 18, pp. 263, 4).

O Senhor e os dois anjos deixaram o acampamento de Abraão e rumaram para Sodoma, mas o Senhor ficou para trás enquanto os anjos prosseguiram (Gn 18:16, 22; 19:1). Na primeira metade do capítulo, vemos Abraão correndo de um lado para o outro. Nesta última parte, porém, ele está reverentemente na presença do Senhor intercedendo por Ló e pelo povo de Sodoma. Bem-aventurados aqueles que sabem ter equilíbrio!

Um intercessor deve conhecer o Senhor pessoalmente e ser obediente à vontade dele.

Deve estar próximo o suficiente do Senhor para aprender a ter "intimidade" (Am 3:7; Sl 25:14) e para saber sobre o que orar. As palavras do Senhor: "eu o conheço" (Gn 18:19) significam "eu o escolhi e ele é meu amigo íntimo" (ver Jo15:15). Abraão sabia mais sobre o futuro de Sodoma do que os próprios moradores daquela cidade, inclusive Ló. O cristão consagrado compartilha dos segredos de Deus.

Sara e os servos ajudaram Abraão quando ele preparou uma refeição para os três visitantes, mas, em seu ministério de intercessão, Abraão precisava servir sozinho. Abraão aproximou-se do Senhor (Tg 4:8); a palavra usada no hebraico significa "ir a um tribunal para defender uma causa". Abraão sentia um peso no coração por Ló e sua família, bem como pelos pecadores perdidos das cinco cidades da planície, e precisava compartilhar esse peso com o Senhor.

A oração de Abraão não se baseava na misericórdia de Deus, mas sim em sua justiça. "Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18:25; ver Dt 32:4). Um Deus justo e santo não podia destruir crentes retos juntamente com incrédulos perversos, e Ló era um crente (2 Pe 2:6-9), mesmo que suas ações e palavras parecessem desmentir esse fato.

As cidades de Sodoma e Gomorra eram extremamente perversas (Gn 13:13), pois os homens dessas cidades eram dados a práticas sexuais contrárias à natureza (Gn 19:5; Jd 7; Rm 1:27). A palavra "sodomia" é sinônimo de tais práticas homossexuais. Os homens não tentaram esconder seus pecados (Is 3:9) nem se arrependeram deles (Jr 23:14). A destruição repentina de Sodoma e Gomorra é usada nas Escrituras como exemplo do julgamento justo de Deus sobre os pecadores (Is 1:9; 3:9; Lm 4:6; Sf 2:9; 2 Pe 2:6ss), e Jesus a usou como advertência ao povo no fim dos tempos (Lc 17:28-32).

Mas por que Abraão iria querer que Deus poupasse um povo tão perverso? Seria muito melhor que fosse exterminado da face Terra! É claro que, antes de tudo, Abraão estava preocupado com Ló e sua família. Na verdade, Abraão já havia salvo o povo

de Sodoma exclusivamente por causa de Ló (Gn 14:12-16), ainda que, aparentemente, nenhum dos cidadãos tivesse dado o devido valor ao que Abraão havia feito por eles. Todos voltaram a seu antigo modo de vida e não deram ouvidos à advertência de Deus.

No entanto, além da situação de Ló (que, para começar, nem deveria estar em Sodoma), *Abraão não queria que todas aquelas pessoas se perdessem para sempre*. Deus “não [quer] que nenhum [ser humano] pereça” (2 Pe 3:9) e “deseja que todos os homens sejam salvos” (1 Tm 2:4). “Não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva” (Ez 33:11). A questão não é o tipo de pecado que as pessoas cometem, apesar de alguns terem conseqüências mais sérias que outros, mas sim o fato de que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23) e, além dessa morte, o que os espera para a eternidade é o inferno. Os intercessores devem ter um coração compassivo e uma profunda preocupação com a salvação dos perdidos, independentemente de quais sejam os pecados deles (ver Rm 9:1-3; 10:1).

Não devemos ficar com a impressão de que Abraão discutiu com o Senhor, pois não foi isso o que ele fez. Antes, colocou-se humildemente diante de Deus e apresentou sua causa (Gn 18:27, 30-32). Abraão estava certo de que havia pelo menos dez crentes naquela cidade.

Nunca subestime a importância de um grupo de crentes, mesmo que seja pequeno. Ainda que houvesse só dez pessoas tementes a Deus, a cidade teria sido salva da destruição! Se Ló tivesse levado apenas sua família a crer no Senhor, o julgamento teria sido evitado. Não importa quão insignificante você se sinta, seu testemunho pessoal nos dias de hoje é muito importante para Deus.

2. LÓ, O AMIGO DO MUNDO (GN 19)

Este capítulo relata as tristes conseqüências do declínio espiritual de Ló; então, Ló sai de cena, enquanto a história de Abraão continua (ver 1 Jo 2:17). Abraão era amigo de Deus, mas Ló era amigo do mundo (ver Tg

4:4), e não é difícil visualizar o contraste entre esses dois homens.

Lugares (v. 1). Quando a comitiva celeste visitou Abraão, ele estava à porta da sua tenda. Ló, por sua vez, estava sentado à porta de uma cidade perversa. Abraão era um peregrino e um estrangeiro apenas de passagem neste mundo. Ló havia, gradativamente, abandonado sua tenda e se assentado em Sodoma. Em vez de manter seu olhar fixo na cidade celestial (Hb 11:10, 14-16), Ló olhou para Sodoma e começou a andar pelas aparências (Gn 13:10, 11). Em seguida, mudou-se para as proximidades de Sodoma (v. 12) e, por fim, para dentro da cidade (Gn 14:12). O lugar onde Ló se encontrava – na porta da cidade – indica que ele era um homem de uma certa autoridade, uma vez que era ali que se realizavam os negócios (Rt 4:1ss).

Se Ló tivesse ido para Sodoma por ter recebido uma orientação de Deus, o fato de estar lá teria cumprido os propósitos divinos. Afinal, Deus colocou José no Egito, Daniel na Babilônia e Ester na Pérsia. Uma vida mundana não é uma questão de localização geográfica, mas sim de atitude de coração (1 Jo 2:15-17). *O coração de Ló já estava em Sodoma muito antes de seu corpo mudar-se para lá*. Sem dúvida, ele se apaixonou pelo mundo quando foi para o Egito com Abraão (Gn 13:1, 10) e jamais superou essa paixão.

Horas (v. 1). Era o começo da tarde quando o Senhor e seus anjos visitaram Abraão (Gn 18:1), mas era noite quando os anjos entraram em Sodoma. Abraão estava “andando na luz”, enquanto Ló estava “andando nas trevas” (1 Jo 1:5-10).

Visitantes (v. 1). Só os dois anjos visitaram Ló, pois o Senhor não podia ter comunhão com Ló e sua família como teve com Abraão e Sara. Apesar de Ló ser cristão, sua vida era tal que o Senhor não se sentia “à vontade” com ele. É o cristão consagrado que desfruta da intimidade (2 Co 6:14-18) e da comunhão (Jo 14:21-24) com o Senhor. Kenneth Wuest, estudioso da língua grega, traduziu a oração de Paulo em Efésios 3:17 da seguinte forma: “que Cristo, por fim, se acomode e sinta-se completamente em casa em seu coração por meio de sua

fé". Ao contrário de Abraão, Ló não possuía uma tenda nem um altar, e o Senhor não podia ter comunhão com ele.

Hospitalidade (vv. 2-11). Ló chamava-se de "servo", mas não o vemos *apressando-se* para preparar uma refeição, como fez Abraão, e em pé esperando para ver o que mais poderia fazer para servir. Aquela noite, porém, culminou com a chegada dos homens da cidade à porta da casa de Ló, para onde foram com intenções imorais ("Trazem fora a nós para que abusemos deles"; v. 5). Ló estava disposto a sacrificar suas duas filhas virgens à luxúria daquela multidão (ver Jd 19), mas os anjos intervieram. O que havia acontecido com os valores pessoais de Ló a ponto de oferecer as filhas para satisfazer a sensualidade de um bando de homens? Abraão, pelo contrário, ofereceu o filho ao Senhor.)

Mensagens (vv. 2-13). A mensagem de Deus para Abraão era uma mensagem de alegria: dentro de um ano, ele e Sara teriam o filho prometido. A mensagem para Ló, por outro lado, era assustadora: Deus iria destruir Sodoma e tudo o que havia na cidade! O Senhor teria poupado a cidade se os anjos tivessem achado dez pessoas tementes a Deus ali. No entanto, uma vez que isso não aconteceu, em toda sua misericórdia, Deus salvou os crentes que pôde encontrar (v. 16). A mensagem para o mundo perdido é que o julgamento está próximo, mas sua promessa ao próprio povo é de que ele os salvará (1 Ts 5:1-11; 2 Pe 2:4-10).

Influência (v. 14). Por causa de sua fé e obediência, Abraão foi uma bênção para sua casa e para todo o mundo. Por causa de seu apego às coisas do mundo, Ló não teve influência espiritual nem sobre sua cidade, nem sobre seu próprio lar. Suas filhas casadas e genros zombaram dele e recusaram-se a deixar a cidade. Até mesmo a esposa amava tanto Sodoma que precisou virar-se e olhar para a cidade uma última vez - e por olhar para trás, morreu (Gn 19:26; Lc 17:32). As duas filhas solteiras de Ló fugiram da cidade com ele, mas acabaram numa caverna, embriagando o pai e cometendo incesto com ele. Depois de se separar de Abraão, Ló havia

permitido que seu caráter se deteriorasse e, com ele, sua influência.

Atitude (vv. 15-26). Na primeira vez em que Deus salvou Ló, ele era um prisioneiro de guerra (Gn 14:12, 16). Ao se ver livre, Ló voltou direto a Sodoma. Aquela experiência dolorosa deveria ter servido para adverti-lo de que estava fora da vontade de Deus. Mas se Ló ouviu o aviso, certamente não lhe deu atenção. Então, Deus precisou tomar Ló *pela mão* e arrastá-lo à força para fora de Sodoma! Primeiro, Ló demorou-se; depois, discutiu; por último, implorou para que o deixassem seguir seu caminho. Em vez de ser grato a Deus por sua misericórdia e de obedecer aos anjos enviados para salvá-lo, Ló resistiu a eles e causou-lhes problemas. Num contraste claro, Abraão obedeceu à vontade de Deus a ponto de oferecer-lhe o próprio filho.

Conseqüências (vv. 27-38). O resultado da visita do Senhor a Abraão foi nova esperança e entusiasmo, enquanto Abraão e Sara aguardavam ansiosamente o nascimento de um filho. Porém, Ló perdeu tudo quando Sodoma foi destruída e ele próprio foi salvo apenas "como que através do fogo" (1 Co 3:15). Suas filhas deram à luz dois filhos, cujos descendentes seriam inimigos do povo judeu. Quando Abraão viu as cidades da planície destruídas (Sl 91:8), soube que Deus não havia encontrado nelas dez pessoas justas. No entanto, Deus livrou Ló *por causa de Abraão* (Gn 19:29). Tratou-se da mais pura demonstração da graça e misericórdia de Deus (v. 19).

Ló conformou-se com o mundo (Rm 12:2). Tudo aquilo a que se havia dedicado virou cinzas e perdeu-se em meio às ruínas, em algum lugar na região do mar Morto. Ló serve de advertência para que os cristãos não amem o mundo, não se tornem amigos do mundo, nem sejam corrompidos pelo mundo (Tg 1:27), pois mais cedo ou mais tarde o julgamento vem.

3. JESUS, O AMIGO DOS PECADORES

Apesar de ser verdade que a destruição de Sodoma e Gomorra é um exemplo do julgamento justo de Deus (Jd 7), também é fato que o amor de Deus pelos pecadores

perdidos pode ser visto de maneira clara nessa história. Por certo, Jesus não aprovava o estilo de vida dos homens de Sodoma. Contudo, veio para salvar pecadores exatamente como aqueles de Sodoma e Gomorra (Mt 9:9-17). Quando ministrou na Terra, Jesus ficou conhecido como “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11:19) – e *foi mesmo!*

Considere, por exemplo, o amor de nosso Senhor pelas pessoas perversas das cidades da planície. Para começar, foi longânimo com elas ao ver seu pecado (Gn 18:20; 19:13). Assim como o sangue de Abel clamou ao Senhor da terra (Gn 4:10), também os pecados do povo clamaram das cidades perversas. Deus é longânimo e retém seu julgamento para que os pecadores tenham tempo de se arrepender (2 Pe 3:1-9).

Não apenas o Senhor foi longânimo, mas também se mostrou disposto a ouvir a intercessão de Abraão e a pensar em poupar Sodoma, caso lá houvesse dez justos. Quando chegou a hora de as cidades serem queimadas, Deus enviou seus anjos para livrar Ló, *mesmo que não pudesse ter encontrado dez pessoas justas!* “[...] onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Ló merecia ser livrado? Claro que não! *Mas será que qualquer um de nós merece ser salvo da ira vindoura? Claro que não!*

O mais impressionante é que Jesus Cristo *morreu pelos pecadores de Sodoma e Gomorra!* “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo

pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Pe 3:18). Cristo não morreu pelas pessoas boas, pois elas não existem. Ele morreu pelos “ímpios” (Rm 5:6) e pelos “pecadores” (v. 8). Pode ser que não tenhamos cometido os mesmos pecados que o povo de Sodoma e Gomorra, mas ainda assim somos pecadores; sem fé em Jesus Cristo, não poderemos ser salvos do julgamento vindouro.

A situação não é diferente nos dias de hoje. Jesus ainda é o Amigo dos pecadores e salvará todos os que se voltarem para ele com verdadeiro arrependimento e fé. Ele precisa de intercessores e de testemunhas, pessoas que orem pelos pecadores perdidos e que lhes digam que Jesus morreu por eles e que podem começar de novo, se crerem nele.

Ao despertar aquela manhã, os habitantes das cidades da planície não tinham idéia de que seria o último dia da vida deles (Gn 19:23). A vida seguia sua rotina habitual... então veio o fogo (Lc 17:26-30).

Quando vier o julgamento, você será como Abraão e não terá de se preocupar com a ira de Deus? Ou, semelhantemente a Ló, será salvo “como que através do fogo”? Ou, ainda, como o povo de Sodoma, se perderá para sempre?

“Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55:6, 7).

ABRAÃO, O VIZINHO

GÊNESIS 20; 21:22-34

“Nós fazemos nossos amigos e inimigos”, escreveu G. K. Chesterton, “mas é Deus quem determina quem serão nossos vizinhos”. Alguém disse que um vizinho “é uma pessoa que leva um minuto para entrar em sua casa e duas horas para sair”. Vizinhos podem ser uma grande fonte de bênçãos e tornar-se até mais chegados a nós do que parentes. “Mais vale um vizinho perto do que o irmão longe” (Pv 27:10). No entanto, cristãos ou não, podem ser um problema. Na verdade, podemos ser um estorvo para nossos vizinhos!

Costumamos pensar em Abraão como um homem que estava sempre realizando grandes atos de fé e nos esquecemos de que sua vida diária era um tanto rotineira. Precisava tomar conta de uma esposa grávida e de um filho jovem e tinha de administrar grandes rebanhos e de cuidar dos negócios do acampamento. Abraão e seu assessor eram responsáveis por resolver disputas cotidianas e por tomar decisões importantes.

Além disso, precisava relacionar-se com os vizinhos como Abimeleque, rei de Gerar. Nas relações com os vizinhos, o patriarca é visto primeiro como agitador (Gn 20) e, depois, como pacificador (Gn 21:22-34). Ao estudar essas duas experiências, podemos aprender como nos relacionar de modo positivo com pessoas que não compartilham da nossa fé e melhorar nosso testemunho a elas (Cl 4:5; 1 Ts 4:12; 1 Tm 3:7).

1. ABRAÃO, O AGITADOR (GN 20)

Se você nunca tivesse ouvido falar de Abraão e lesse este capítulo pela primeira vez, qual dos dois homens você diria que é temente a

Deus? Certamente não seria Abraão, o mentiroso! Não foi Abraão quem mostrou integridade e não foi Abraão a quem Deus guardou do pecado. O que Abraão fez foi egoísta, mas Abimeleque respondeu com generosidade. Se há alguém nessa história que revela um excelente caráter é Abimeleque e não Abraão, o “amigo de Deus”.

No entanto, antes de tirar conclusões injustificadas, considere com calma os fatos revelados nesse acontecimento. Os erros de Abraão são trágicos, mas com eles aprendemos algumas lições de grande valor para nos ajudar em nossa caminhada de fé.

Os cristãos pecam, sim. Esse capítulo seria vergonhoso para nós se não fosse por uma coisa: a Bíblia diz a verdade sobre todas as pessoas, e isso inclui o povo de Deus. Ela não esconde o fato de que Noé embebedou-se e expôs-se de modo indecoroso (Gn 9:20-23), de que Moisés perdeu a calma (Nm 20:1-13) ou de que Davi cometeu adultério e tramou a morte de um soldado valente (2 Sm 11). Pedro negou o Senhor três vezes (Mt 26:69-75), e Barnabé deixou-se levar por uma falsa doutrina (Gl 2:13).

Essas coisas não foram registradas para nos incentivar a pecar, mas sim para nos advertir do pecado. Afinal, se até mesmo esses grandes homens de fé desobedeceram ao Senhor, então nós, “santos comuns”, devemos ter cuidado! “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12)

Por que Abraão pecou?

Um dos motivos foi que, apesar de Abraão ter sido justificado pela fé (Gn 15:6), ainda possuía uma natureza pecaminosa. Deus havia lhe dado um novo nome (de “Abrão” para “Abraão”), mas isso não mudou sua velha natureza. “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1 Jo 1:8). Por causa do Espírito que habita em nós (Gl 5:16ss) e da obra de Cristo na cruz (Rm 6), os cristãos podem dominar a velha natureza, mas isso não acontece automaticamente. Se esperamos vencer a tentação, devemos andar no Espírito.

Isso nos leva à segunda questão: Abraão mudou-se para o “território inimigo”. Depois

de viver em Hebrom (“comunhão”) durante cerca de vinte anos, decidi ir para a terra dos filisteus. Gerar ficava próximo à fronteira, mas ainda assim era perigoso ficar lá. Talvez tenha sido a destruição de Sodoma e Gomorra que levou Abraão a querer mudar-se; qualquer que tenha sido o motivo, não foi uma decisão sábia. É verdade que Abraão não desceu para o Egito como havia feito antes (Gn 12). Ainda estava dentro dos limites da terra que Deus havia lhe prometido, mas sua mudança colocou-o numa posição arriscada. “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (Mt 26:41).

Depois de chegar a Gerar, Abraão começou a andar pelas aparências e não pela fé, pois passou a ter medo (Gn 20:11). O medo de homens e a fé em Deus são duas coisas que não podem habitar juntas no mesmo coração. “Quem teme ao homem arma ciladas, mas o que confia no SENHOR está seguro” (Pv 29:25). Abraão se esqueceu de que seu Deus era o “Deus Todo-Poderoso” (Gn 17:1) que podia fazer qualquer coisa (Gn 18:14) e que havia entrado em aliança para abençoar Abraão e Sara.

No entanto, o motivo fundamental do erro de Abraão foi o triste fato de que ele e Sara *não haviam se arrependido do pecado que haviam cometido no Egito* (ver Gn 12:10-20). Admitiram sua transgressão ao Faraó e a confessaram a Deus, mas o fato de ela aparecer novamente indica que não tinham se arrependido inteiramente nem deixado para trás esse pecado (Pv 28:13). Na verdade, o pecado havia ficado ainda pior, pois Sara *passou a mentir com Abraão* (Gn 20:5). As coisas certamente não vão muito bem num lar unido por uma mentira.

Uma admissão descomprometida do pecado não é o mesmo que uma confissão feita com um coração quebrantado (Sl 51:17). Se temos uma atitude correta, vamos odiar nosso pecado e sentir horror de nós mesmos por ter pecado (Ez 6:9; 36:31), recusando até a lembrança de tal transgressão. As pessoas que relembram seus pecados com alegria e prazer, em momento algum se arrependeram verdadeiramente nem viram quão pecadores são de fato.

William James, pai da psicologia norte-americana, escreveu: “Para aqueles que confessam, as dissimulações chegaram ao fim e começaram as realidades”.

Abraão e Sara haviam se convencido de que não estavam contando nenhuma mentira, apenas uma “meia verdade” (Gn 20:12) – e, supostamente, meias verdades não são tão vergonhosas quanto mentiras inteiras. São *ainda piores!* “Uma mentira consiste tanto da motivação quanto das palavras em si”, escreveu F. B. Meyer. Uma meia verdade tem tanto o teor suficiente de fatos para torná-la plausível como de falsidade para torná-la perigosa.

Assim, os cristãos caem em pecado. No entanto, isso não anula sua fé nem destrói sua salvação, mas pode fazer levar seu testemunho a cair em descrédito. Abraão ainda era filho de Deus, apesar de seu testemunho do Senhor ter sido extremamente enfraquecido. Abimeleque, porém, encontrava-se numa posição muito mais perigosa do que Abraão, *pois encontrava-se sob uma sentença de morte* (Gn 20:3, 7).

Abimeleque era um homem íntegro, e quando Deus lhe falou, ele obedeceu. Possuía muitas qualidades excelentes, contudo não cria em Deus e, portanto, era um homem morto (Ef 2:1-3). Isso não minimiza a enormidade do pecado de Abraão, pois seu proceder não foi digno de um crente. No entanto, diante de Deus, Abraão e Abimeleque encontravam-se em duas posições diferentes: um deles era salvo, o outro estava perdido. Assim, qualquer pessoa não salva, que deseje usar Gênesis 20 como “munição” contra os cristãos (“Vocês são todos uns hipócritas!”), deve refletir melhor sobre sua situação espiritual diante de Deus. Se uma pessoa não salva concorda com o que a Bíblia diz sobre Abraão – que ele mentiu –, então também deve concordar com o que a Bíblia diz sobre ela: que está morta em suas transgressões e pecados. Apesar de sua desobediência, Abraão era aceito diante de Deus; Abimeleque, no entanto, era rejeitado e vivia sob a condenação divina (Jo 3:18-21). Deus disciplinou Abraão, mas condenou Abimeleque.

Quando os cristãos pecam, eles sofrem.

Charles Spurgeon disse: "Deus não permite que seus filhos pequem com sucesso". Quando desobedecemos a Deus deliberadamente, sofremos tanto as conseqüências de nossos pecados quanto a disciplina da mão de Deus, a menos que nos arrependamos e nos humilhemos (Hb 12:5-11). Em sua graça, Deus perdoará nossos pecados (1 Jo 1:5-10), mas em sua soberania, deve permitir que o pecado produza uma triste colheita (Gl 6:7). Leia os Salmos 32 e 51 para ver o que aconteceu a Davi física e espiritualmente enquanto não se arrependeu e confessou seus pecados ao Senhor.

Levou apenas alguns segundos para Abraão contar uma mentira, mas essa mentira consistiu em muito mais do que simples sons e ar saindo por entre seus lábios. Tornou-se uma semente plantada, que cresceu e deu frutos amargos. Deus detesta mentiras (Pv 6:17; 12:22). Ele é o Deus da verdade (Dt 32:4), o Espírito é o Espírito da Verdade (Jo 14:17), e a Palavra é a Palavra da Verdade (Tg 1:18). "Uma língua mentirosa dura apenas um momento", escreveu Matthew Henry. "A verdade é a filha do tempo e, com o tempo, ela se revelará."

O que essa mentira custou a Abraão? Para começar, custou-lhe seu caráter. Phillips Brooks disse: "O propósito da vida é construir o caráter mediante a verdade". Deus não está apenas "salvando almas" e levando as pessoas para o céu. Por meio de testes e proações da vida, torna as pessoas salvas mais semelhantes a Jesus Cristo e, assim, glorifica seu nome. Abraão parou de perguntar: "O que é certo?" e começou a perguntar: "O que é seguro?", e isso o levou à sua queda. Uma vez que o sal perder o sabor, como fazê-lo voltar ao que era?

Além disso, perdeu seu *testemunho*. Como Abraão poderia falar a seus vizinhos pagãos da verdade de Deus quando ele próprio havia contado uma mentira? Lô perdeu seu testemunho em Sodoma, e Abraão perdeu o seu em Gerar. "O exemplo de um homem mau tem pouca influência sobre homens bons. Porém, o mau exemplo de um homem bom, de posição eminente e de reputação impecável,

tem um enorme poder para o diabo", escreveu James Strahan em *Hebrew Ideals* (Kregel, 1982, p.141).

Imagine a humilhação de Abraão quando Abimeleque o chamou, confrontou e repreendeu. Já é difícil o suficiente sujeitar-se à repreensão de um irmão ou irmã em Cristo, mas aceitar a repreensão de uma pessoa não salva exige um bocado de honestidade e de humildade. "Tu me fizeste o que não se deve fazer" (Gn 20:9). Essas palavras feriram profundamente! Os cristãos devem ter cuidado com a maneira como se relacionam com "os de fora" (Cl 4:5; 1 Ts 4:12).

Ele perdeu seu *ministério*, pois em lugar de ser fonte de bênção (Gn 12:1-3), foi motivo de julgamento. Nenhuma criança nasceu durante o tempo que Abraão passou em Gerar (Gn 20:17, 18). Quando um filho de Deus começa a caminhar fora da vontade do Pai, normalmente a disciplina de Deus não tarda. Jonas causou uma tempestade que quase fez naufragar um navio (Jn 1); Acã levou o exército a ser derrotado (Js 7) e Davi trouxe grande tristeza sobre sua família (2 Sm 12:10).

Abraão quase perdeu Sara e Isaque. Naquele tempo, o rei tinha o direito de tomar para seu harém qualquer mulher solteira que lhe aprovesse. Abimeleque pensou que Sara era uma mulher solteira, de modo que a tomou para si. E, se não fosse pela intervenção de Deus, o rei teria consumado fisicamente seu relacionamento com ela. Aquilo que o rei fez colocou em perigo o grande plano de Deus para a salvação, de modo que o Senhor teve de agir para proteger Sara e Isaque. Sempre que fazemos alguma coisa que obriga Deus a intervir miraculosamente, estamos tentando o Senhor; e tentar a Deus é pecado (Dt 6:16; Mt 4:7).

Talvez uma das conseqüências mais lamentáveis do pecado de Abraão tenha sido o fato de que *Isaque fez a mesma coisa anos depois* (Gn 26:7-11). É triste quando nossos pecados afetam pessoas de fora, mas é ainda mais triste quando são imitados por nossa própria família. Na verdade, a mentira de Isaque foi pior que a do pai, pois, de fato, Sara era meia-irmã de Abraão, enquanto Rebeca era apenas prima de Isaque.

Quando os cristãos pecam, são disciplinados por Deus até que cheguem ao arrependimento e à confissão. Essa disciplina não é agradável, mas extremamente proveitosa e, no final, produz alegria e santidade para a glória de Deus.

Os cristãos que pecam podem ser perdoados e restaurados. Apesar de não defender o pecado de Abraão, Deus defendeu Abraão e controlou as circunstâncias de modo que seu servo não fosse completamente abatido. Na verdade, Deus chamou Abraão de profeta e disse que a intercessão de Abraão era a única coisa que separava Abimeleque da morte (Gn 20:7). O fato de Deus ter respondido à oração de Abraão por Abimeleque mostra que Abraão havia confessado seu pecado e que o Senhor o havia perdoado (Sl 66:18-20).

Deus não rejeita seus filhos quando pecam, assim como um pai ou mãe não rejeitam um filho desobediente (Is 49:13-16). Abraão foi justificado pela fé e era um homem reto diante de Deus (Rm 4:1-5). A justificação não muda; não importa o que somos por nós mesmos, fomos aceitos em Jesus Cristo (2 Co 5:17, 21; Ef 1:6). Obviamente, o fato de sermos justificados diante de Deus significa que haverá uma mudança em nossa vida, pois "a fé sem obras é morta" (Tg 2:20). No entanto, *nossa situação em Cristo* (justificação) não será alterada por *nosso proceder aqui na Terra* (santificação).

O importante é que tratemos de nossos pecados com humildade e honestidade, confessando-os a Deus, arrependendo-nos deles e, então, deixando-os para trás e nos apropriando das promessas divinas de perdão (1 Jo 1:9; Mq 7:18, 19; Is 55:6-13). Abraão e Sara começaram de novo, e você também pode fazê-lo.

2. ABRAÃO, O PACIFICADOR (GN 21:22-34)

Juramento (vv. 22-24). É possível que tenham se passado até quatro anos desde os acontecimentos de Gênesis 20, e, durante esse tempo, ficou claro que Deus estava abençoando Abraão e Sara. Sempre que um cristão é restaurado à comunhão com o Senhor, Deus

pode voltar a abençoá-lo. O propósito da disciplina é a restauração, e o propósito da restauração é o ministério e a bênção. Não apenas a riqueza de Abraão aumentou como também Isaque nasceu, e esse "filho do milagre" deve ter sido o assunto de todas as conversas dos vizinhos.

Abimeleque não era um nome, mas sim um título oficial, de modo que não podemos ter certeza de que o Abimeleque desse episódio seja o mesmo homem que repreendeu Abraão anteriormente. O fato de ele querer uma garantia da fidelidade de Abraão indica que a falsidade do patriarca levou à falta de confiança por parte de seus vizinhos. Queriam ter certeza de que iria "jogar limpo" com eles, pois era um homem muito poderoso.

Que testemunho: "Deus é contigo em tudo o que fazes" (Gn 21:22)! Abraão não permitiu que um lapso na fé o derrubasse; colocou sua vida em ordem com Deus e começou novamente. James Strahan disse: "Os homens não devem ser julgados pela presença ou ausência de defeitos, mas sim pelo rumo de sua vida" (*Hebrew Ideals*, p. 142). Deus está disposto a nos abençoar quando nos posicionamos para ser abençoados (Sl 1:1-3).

Enquanto estava vivendo em Hebrom, Abraão havia se aliado a alguns dos líderes da região (Gn 14:13), de modo que não havia problema algum em fazer um acordo com Abimeleque. Com isso, Abraão não estava comprometendo seu testemunho. O povo de Deus coopera com várias pessoas diferentes, em diferentes momentos e com diferentes propósitos, e o cristão que tem discernimento sabe quando uma aliança não está de acordo com a vontade de Deus.

Reprovação (vv. 25, 26). A água ainda é um bem muito precioso na Terra Santa. Hoje em dia, são usados vários métodos de irrigação. No tempo de Abraão, porém, era necessário cavar poços e guardá-los com cuidado. Se alguém não vigiasse seu poço, os inimigos poderiam apossar-se dele ou enchê-lo (Gn 26:18). O tratado não havia adiantado muito, pois alguns dos servos de Abimeleque tinham tomado à força o poço de Abraão.

Abraão teve a atitude correta e confrontou seu vizinho com os fatos, mas Abimeleque declarou que não sabia de nada. Estaria dizendo a verdade? Só Deus sabe, mas Abraão providenciou para que o problema não se repetisse.

Testemunho (vv. 27-32). A palavra hebraica para "jurar" significa "atar com sete coisas", e as palavras "juramento" (*seba*) e "sete" (*saba*) são muito parecidas. Dessa vez, os homens foram além de um simples juramento: fizeram uma aliança que incluía o abate de animais (Gn 21:27; 15:9, 10). Ao andar no meio das carcaças dos animais, na realidade, Abraão e Abimeleque estavam dizendo: "Que Deus faça o mesmo e até mais conosco, se não mantivermos nossa aliança um com o outro". Era um assunto muito sério.

No entanto, Abraão foi ainda mais longe: separou sete cordeiras de grande valor como testemunhas vivas de que ele havia cavado um poço e que a água lhe pertencia. Deus as cordeiras a Abimeleque. Este as guardou com cuidado, como "recibos" garantindo que Abraão era o proprietário do poço. O nome do poço (Berseba, que quer dizer "poço do juramento") também serviu como testemunho da transação. Os dois homens juraram manter a aliança, e o problema foi resolvido.

A transação toda envolveu três elementos: sacrifícios (Gn 21:27), testemunhas (vv. 28-30) e promessas (vv. 31, 32). Podemos encontrar esses mesmos elementos na aliança de Deus conosco por intermédio de Jesus Cristo, conforme vemos em Hebreus 10:1-18. Em primeiro lugar, temos o sacrifício de Jesus Cristo na cruz (vv. 1-14); depois, o testemunho do Espírito Santo dentro do cristão (v. 15), e, por fim, a promessa da Palavra de Deus (vv. 16-18). A aliança de Abraão com Abimeleque apenas garantia a posse de um poço, o qual oferece água para sustentar a vida. A aliança de Deus com seu povo nos garante a água viva, que dá vida eterna a todo aquele que confia no Salvador!

Plantio (v. 33). As tamargueiras também faziam parte da aliança, como testemunho das promessas que Abraão e Abimeleque haviam feito. A tamargueira é um arbusto de

madeira muito dura e de folhas sempre verdes. Ao construir um oásis, Abraão certamente tinha interesses ecológicos (água e árvores), porém, mais do que isso, estava dando testemunho do que Deus havia feito por ele. Passara por uma experiência difícil em sua vida e havia deixado bênçãos para a posteridade. Era como o peregrino descrito no Salmo 84:6, que passa pelo vale árido e faz dele um lugar de mananciais que refrescam a outros.

Adoração (v. 33). Você poderia acompanhar a jornada de Abraão pelos poços que cavava e os altares que construía (Gn 12:7, 8; 13:4, 18). Ele não se envergonhava de construir um altar na presença dos vizinhos e de oferecer sua adoração ao Senhor. Um novo nome para Deus é apresentado neste versículo: *El-Olam*, o "Deus eterno". Abraão já conhecia *El-Elyon* ("Deus Altíssimo" - Gn 14:19, 22) e *El-Shaddai* ("Deus Todo-Poderoso" - Gn 17:1); mas passou a ter um novo nome para usar em sua adoração. É importante que, ao longo da vida, aprendamos mais e mais sobre Deus de modo que possamos adorá-lo melhor.

Que grande encorajamento conhecer o "Deus Eterno"! Os poços desapareceriam, as árvores seriam cortadas, as cordeiras cresceriam e morreriam, os altares ruiriam e os tratados se extinguiriam, mas o Deus Eterno permaneceria. Esse Deus eterno havia feito uma aliança perpétua com Abraão e seus descendentes (Gn 17:7, 13, 19) e havia lhes dado a terra de Canaã como posse perpétua (v. 8; 48:4). Ao encarar os anos vindouros, Abraão sabia que Deus não mudaria e que seria sempre o Deus que, "por baixo de ti, estende os braços eternos" (Dt 33:27).

Espera (v. 34). A expressão "muito tempo", neste versículo, pode significar até dez ou quinze anos, pois Isaque era um rapaz quando acompanhou Abraão até o monte Moriá (Gn 22). Deve ter sido um tempo de paz para Abraão, Sara e Isaque e um tempo de grande felicidade, enquanto acompanhavam o crescimento de seu filho tão querido. Mal sabiam que o maior teste ainda estava por vir, mas Deus os estava preparando, e eles estariam prontos.

“TEMPO DE CHORAR, TEMPO DE RIR”

GÊNESIS 21:1-21; GÁLATAS
4:21-31

“A vida cristã é uma terra de montes e de vales”, disse o pregador escocês George Morrison baseando suas palavras em Deuteronômio 11:11. Salomão expressou a mesma idéia quando escreveu, em Eclesiastes 3:4, que há “tempo de chorar e tempo de rir”. O céu é um lugar de alegria sem fim; o inferno é um lugar de sofrimento sem fim. Contudo, enquanto estamos aqui na Terra, devemos esperar tanto alegrias quanto tristezas, tanto riso quanto lágrimas. Não há montes sem vales.

Isso é verdade especialmente na vida familiar, pois as mesmas pessoas que nos dão alegria também podem nos causar tristeza. Os relacionamentos podem tornar-se desgastados e mudar de uma hora para outra, enquanto nos perguntamos o que aconteceu com um lar antes tão feliz. De acordo com um provérbio chinês: “Ninguém tem uma família que possa pendurar na porta de sua casa uma placa dizendo: ‘Aqui não há nada de errado’”.

A chegada de Isaque ao lar de Abraão e Sara trouxe-lhes tanto tristezas como alegrias. Ao observar as pessoas envolvidas nesse acontecimento importante, é possível aprender algumas lições preciosas sobre fundamentos da doutrina cristã e sobre como viver a vida cristã.

1. ABRAÃO E SARA: FÉ E PROMESSA (Gn 21:1-7)

Sara havia carregado consigo o fardo da esterilidade durante muitos anos. Aliás, um fardo extremamente pesado naquela cultura e naquela época. As pessoas deviam sorrir quando ouviam que o nome de seu marido

era Abraão, “pai de uma multidão”. Ele era pai de *um* filho, Ismael, mas isso não era muito, e Sara *jamaiz* havia dado à luz. Mas, agora, toda a sua vergonha havia se extinguido, e Abraão e Sara estavam se regozijando com a chegada de seu filho.

Contudo, o nascimento de Isaque envolvia muito mais do que a alegria dos pais, pois significava o *cumprimento da promessa de Deus*. Quando Deus chamou Abraão, havia prometido fazer dele uma grande nação que abençoaria o mundo todo (Gn 12:1-3); e, em várias ocasiões, prometera que daria a terra de Canaã aos descendentes de Abraão (Gn 17:7) e que os multiplicaria grandemente (Gn 13:15-17). Abraão seria o pai do herdeiro prometido (Gn 15:4), e Sara (não Agar), a mãe (Gn 17:19; 18:9-15). O nascimento de Isaque lembra que, a seu modo e a seu tempo, Deus cumpre suas promessas. Apesar de seus lapsos ocasionais, Abraão e Sara criam em Deus, e o Senhor honrou sua fé (Hb 11:8-11).

O nascimento de Isaque também significa a *recompensa pela paciência*. Abraão e Sara tiveram de esperar vinte e cinco anos pelo nascimento do filho, pois, “pela fé e pela longanimidade, [herdamos] as promessas” (Hb 6:12; ver Hb 10:36). Confiar nas promessas de Deus não apenas lhe propicia uma *bênção no final*, mas também lhe concede uma *bênção enquanto espera*. Assim como os atletas olímpicos desenvolvem suas habilidades ao treinar por muito tempo e com afinco antes do grande evento, também os filhos de Deus crescem em devoção e em fé enquanto esperam pelo cumprimento das promessas de Deus. A fé é uma jornada, e cada destino feliz é o início de uma nova caminhada. Quando Deus deseja desenvolver nossa paciência, ele nos dá promessas, nos manda provações e nos diz para confiar nele (Tg 1:1-8).

O nascimento de Isaque certamente foi a *revelação do poder de Deus*. Esse foi um dos motivos pelos quais Deus esperou tanto tempo: ele queria que Abraão e Sara estivessem “amortecidos” para que o nascimento de seu filho fosse um milagre de Deus, não algum tipo de maravilha da natureza humana

(Rm 4:17-21). Abraão e Sara experimentaram o poder de ressurreição de Deus em sua vida, pois se entregaram a ele e creram em sua Palavra. A fé nas promessas de Deus libera o poder divino (Ef 3:20, 21; Fp 3:10), “Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas” (Lc 1:37).

Por fim, o nascimento de Isaque foi mais um passo no processo de *cumprir o propósito de Deus*. A futura redenção de um mundo perdido encontrava-se num bebê! Isaque geraria Jacó; Jacó daria ao mundo as doze tribos de Israel; e de Israel nasceria o Messias prometido. Ao longo dos séculos, alguns “elos viventes” na cadeia das promessas podem ter parecido insignificantes e fracos, mas ajudaram a cumprir os propósitos de Deus.

Você pode se perguntar se aquilo que faz é, de fato, importante para Deus e sua obra aqui neste mundo. Mas se for fiel em confiar na Palavra de Deus e fizer a vontade dele, o que você faz tem valor. Da próxima vez que se sentir desanimado e derrotado, lembre-se de Abraão e de Sara e lembre-se de que a *fé* e a *promessa* andam juntas. Deus cumpre suas promessas e lhe dá o poder de que necessita para cumprir a vontade dele. Não importa quanto tempo demore, pode estar certo de que Deus realizará seus propósitos.

2. ISAAQUE E ISMAEL: ESPÍRITO E CARNE (GN 21:8-11).

Em Gálatas 4:28, 29, Paulo deixa claro que Ismael representa o primeiro nascimento do cristão (a carne) e que Isaque representa o novo nascimento (o Espírito). Ismael foi “nascido da carne” (Gn 16), pois Abraão ainda não estava “amortecido” e ainda podia gerar filhos. Isaque foi “nascido do Espírito”, pois, quando foi concebido, seus pais estavam “amortecidos”, e só o poder de Deus seria capaz de concretizar sua concepção e nascimento. Ismael nasceu primeiro, pois o natural vem antes do espiritual (1 Co 15:46).

Quando você crê em Jesus Cristo, passa por um nascimento miraculoso que vem de Deus (Jo 1:11-13) e que é obra do Espírito Santo de Deus (Jo 3:1-8). Abraão representa a *fé* e Sara representa a *graça* (Gl 4:24-26),

de modo que Isaque nasceu “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9). Essa é a única maneira de um pecador entrar para a família de Deus (Jo 3:16-18).

É importante observar que, no registro bíblico, em várias ocasiões Deus rejeitou o primogênito e aceitou aquele que nasceu depois. Rejeitou Caim e escolheu Abel (Gn 4:1-15). Rejeitou Ismael, o primogênito de Abraão, e escolheu Isaque. Deixou de lado Esaú, o primogênito de Isaque, e escolheu Jacó (Rm 9:8-13). Escolheu também Efraim em vez de Manassés (Gn 48). No Egito, o Senhor condenou *todos* os primogênitos (Êx 11 - 12) e poupou apenas os que “nasceram de novo”, pois foram protegidos pela fé no sangue do cordeiro.

Isaque é o retrato do filho de Deus não apenas em seu nascimento, mas também na *alegria que trouxe*. Isaque significa “riso”, e dessa vez não foi um riso de incredulidade (Gn 18:9-15). Nas parábolas registradas em Lucas 15, Jesus enfatizou a alegria resultante do arrependimento dos pecadores que se voltam para o Senhor. O pastor alegrou-se quando encontrou sua ovelha perdida; a mulher alegrou-se quando encontrou a moeda que havia perdido, e os dois convidaram seus amigos a participar de sua alegria. O pai alegrou-se quando o filho pródigo voltou para casa e convidou os vizinhos para um banquete, a fim de que compartilhassem de sua alegria. Há até mesmo alegria no céu quando os pecadores voltam-se para Deus (Lc 15:7, 10).

Não lemos em parte alguma que Ismael trouxe grande alegria ao lar de Abraão. Abraão amava o filho e desejava o que havia de melhor para ele (Gn 17:18). Desde seu nascimento, Ismael foi a origem de conflitos dolorosos (Gn 16); depois que ficou mais velho, causou desavenças ainda maiores na família (Gn 21:9). Não importa quanto se esforce, a velha natureza não é capaz de produzir o fruto do Espírito (Gl 5:16-26).

Observe, ainda, outra comparação entre Isaque e o filho de Deus: “Isaque *creceu* e foi *desmamado*” (Gn 21:8, ênfase minha). O novo nascimento não é o fim, mas sim o começo, e o cristão deve alimentar-se da Palavra

de Deus e crescer espiritualmente (Mt 4:4; 1 Co 3:1-3; Hb 5:12-14; 1 Pe 2:1-3; 2 Pe 3:18). Ao amadurecer no Senhor, devemos “[desistir] das coisas próprias de menino” (1 Co 13:9-11) e permitir que Deus venha a nos “desmamar” (Sl 131) das ajudas temporárias que se tornam empecilhos permanentes.

A mãe desmama o filho, pois ela o ama e deseja que tenha a liberdade de crescer sem depender mais dela. No entanto, a criança interpreta suas ações como uma expressão de rejeição e de ódio. O filho apega-se ao conforto do passado, e a mãe tenta incentivar a criança a crescer e a encarar os desafios do futuro. Chega um momento, em toda vida cristã, que os brinquedos devem ser substituídos por ferramentas e que a segurança egoísta deve ser substituída pelo serviço altruísta (Jo 12:23-26).

Como todo filho de Deus, *Isaque foi perseguido* (Gn 21:9; Gl 4:29). Ao que parece, Ismael era um filho obediente até que *Isaque entrou na família*. Então, a “carne” começou a opor-se ao “Espírito”. Alguém disse bem que a velha natureza não respeita nenhuma lei, mas a nova natureza não precisa de nenhuma lei; isso sem dúvida ficava claro nos dois filhos de Abraão.

As crianças israelitas normalmente eram desmamadas por volta dos três anos de idade. Assim, nessa época, é provável que Ismael estivesse com cerca de dezesseis anos (Gn 16:16). Quanta arrogância de um adolescente atormentar um garotinho quatorze anos mais jovem! Mas Deus havia dito que Ismael se tornaria “um jumento selvagem” (Gn 16:12), e essa previsão se cumpriu. O constante conflito entre a carne e o Espírito persistirá até que vejamos o Senhor (Gl 5:16-26).

Quando, assim como Isaque, você é nascido do Espírito, *nasceu na riqueza* (Gn 21:10). Isaque era o herdeiro de tudo o que seu pai possuía, e os filhos de Deus são “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8:17). Abraão cuidou de Ismael enquanto o menino estava em casa, mas “Abraão deu tudo o que possuía a Isaque” (Gn 25:5).

Por fim, *Isaque nasceu livre*, enquanto Ismael era filho de uma escrava (Gl 4:22).

A liberdade é um dos principais temas de Gálatas (5:1) e uma das maiores bênçãos da vida cristã (Gl 4:31). É claro que a liberdade cristã não é sinônimo de anarquia, uma vez que esse é o pior tipo de escravidão. A liberdade cristã significa desembaraço de tudo para ser e fazer tudo o que Deus tem para nós em Jesus Cristo. “Nenhum homem deste mundo obtém a liberdade de qualquer espécie de escravidão a não ser para entrar numa servidão mais elevada”, disse Phillips Brooks, e essa “servidão mais elevada” é a entrega pessoal a Jesus Cristo. Ninguém tem mais liberdade do que o filho de Deus que se agrada do Senhor e faz sua vontade de todo o coração.

3. SARA E AGAR: A GRAÇA E A LEI (GN 21:9-13)

Sara estava errada quando disse a Abraão para casar-se com Agar (Gn 16:1, 2), mas estava certa quando pediu a Abraão que expulsasse Agar e Ismael do acampamento. O apóstolo Paulo considerou esse acontecimento uma alegoria envolvendo a lei de Moisés e a graça de Deus (Gl 4:21-31). Sara representa a graça (a Jerusalém celestial) e Agar representa a lei (a Jerusalém terrestre em escravidão). A lição é, simplesmente, que os filhos de Deus devem viver sob as bênçãos da graça e não sob a escravidão da lei.

Os conflitos dentro do lar de Abraão poderiam ter sido resolvidos de quatro maneiras. Isaque poderia ter sido mandado embora, mas isso significaria rejeitar as promessas de Deus e tudo o que ele havia planejado para o futuro. Isaque e Ismael poderiam ter vivido juntos, mas isso implicaria intermináveis conflitos. A natureza de Ismael poderia ter sido transformada de modo a torná-lo mais tratável, mas para isso seria preciso um milagre. “O que é nascido da carne é carne” (Jo 3:6) e *sempre será carne*. A única solução era expulsar Ismael e sua mãe do acampamento e tornar Isaque o único herdeiro.

Ao refletir sobre os fatos referentes a Agar, você poderá entender melhor a relação entre a lei e a graça na vida cristã.

Em primeiro lugar, *Agar era a segunda esposa de Abraão*. Ela havia sido acrescentada

à família ao lado de Sara. Assim também a lei foi “acrescentada” ao lado das promessas já existentes de Deus, e seu caráter era temporário (Gl 3:19, 24, 25). Deus não começou com a lei; começou com a graça. Seu relacionamento com Adão e Eva baseava-se na graça e não na lei, apesar de ele os ter testado por meio de uma única e simples restrição (Gn 2:15-17). A redenção de Israel do Egito foi um gesto da graça de Deus, como foi sua provisão, os sacrifícios e o sacerdócio. Antes de Moisés dar a lei, a nação de Israel já se encontrava num relacionamento de aliança com o Senhor (“casada com Deus”) por meio das promessas de Deus aos patriarcas (Êx 19:1-8).

Em segundo lugar, *Agar era uma serva*. “Qual, pois, a razão de ser da lei?”, pergunta Paulo em Gálatas 3:19, que, em seguida, responde. A lei servia a Deus como um “aio” ou “tutor” para manter a jovem nação de Israel sob controle e prepará-la para o Redentor que viria (Gl 3:24, 25; 4:1-5). A lei foi dada para revelar o pecado (Rm 3:20), mas não para nos redimir do pecado. A graça não serve à lei; é a lei que serve à graça! A lei revela nossa necessidade da graça, e a graça nos salva de modo absolutamente separado das obras da lei (Rm 3:20, 28).

Há um terceiro fato que fica evidente: *Agar não deveria ter um filho*. A lei não pode dar aquilo que somente Jesus Cristo pode oferecer: vida (Gl 3:21), justiça (2:21), o Espírito Santo (3:2) e uma herança eterna (3:18). Todas essas bênçãos vêm somente “pela graça [Sara] [...] mediante a fé [Abraão]” (Ef 2:8, 9).

Isso nos leva ao quarto fato: *Agar deu à luz um escravo*. Se você decide viver sob a lei, torna-se filho de Agar, um escravo, pois a lei gera escravidão e não liberdade. A primeira batalha doutrinária da Igreja foi debater justamente essa questão. Foi decidido que os pecadores são salvos exclusivamente pela graça, independentemente de guardar a lei de Moisés (At 15:1-32). Os legalistas nas igrejas de hoje estão transformando filhos em escravos e substituindo a liberdade pela escravidão (Gl 4:1-11); no entanto, Deus nos chama à liberdade (Gl 5:1)!

Agar foi expulsa. Não houve condescendência: ela foi completa e permanentemente expulsa e levou Ismael consigo. Em vez de subjugar a carne, a lei serve para incitá-la (Rm 7:7-12), pois “A força do pecado é a lei” (1 Co 15:56). Os cristãos não precisam de submeter-se a algum tipo de lei religiosa a fim de se tornarem semelhantes a Cristo, pois em Cristo já são aperfeiçoados e plenos (Cl 2:8-23) e têm o Espírito Santo para capacitá-los a vencer o pecado (Rm 8:1-4).

Por fim, *Agar nunca se casou de novo*. Deus deu sua lei somente à nação de Israel e em momento algum a impôs sobre os gentios ou sobre a Igreja. Nove dos dez mandamentos são citados nas Epístolas, indicando sua aplicação para os crentes da atualidade, e devemos obedecer a esses mandamentos. No entanto, não recebemos qualquer prescrição que determine nossa obediência às leis cerimoniais dadas apenas a Israel (ver Rm 13:8-10). Paulo afirma que é o amor que cumpre a lei. Quando amamos a Deus e uns aos outros, *queremos* obedecer a Deus e, pelo poder do Espírito, desejamos fazer aquilo que é certo.

Antes de concluir esta seção, devemos observar que há uma “utilização legítima da lei” (1 Tm 1:1-11). Apesar de a lei não poder nos salvar nem nos santificar, revela a santidade de Deus e o horror do pecado. A parte cerimonial da lei serve para ilustrar a pessoa e a obra de Jesus Cristo. A lei é o espelho que nos ajuda a ver nossos pecados (Tg 1:21-25), mas você não lava o rosto no espelho! Ela é apenas um espelho que revela a glória de Jesus Cristo e, ao meditar nele, podemos ser transformados de modo a nos tornarmos mais parecidos com ele (2 Co 3:18). Qualquer sistema religioso que o leve à escravidão não serve para engrandecer o evangelho do Novo Testamento da graça de Deus (2 Co 3:17; Jo 8:31-36).

4. DEUS E AGAR: A PROMESSA E A PROVISÃO (GN 21:12-21)

Foi “penoso” (Gn 21:11, 12) para Abraão despedir-se de seu filho, mas era a ordem de Deus, e ele precisava obedecer. O que ele não sabia é que sua obediência era uma

preparação para um teste ainda maior, no qual teria de colocar Isaque sobre o altar. A palavra traduzida como “penoso” significa “sacudido violentamente”, como cortinas agitando-se com o vento. Abraão foi profundamente movido em seu interior e talvez tenha ficado um tanto descontente com essa mudança de rumo nos acontecimentos.

No entanto, Deus não abandonou Agar e Ismael, pois Ismael era filho de Abraão, o amigo de Deus (v. 13). Se Ismael e Agar guardavam qualquer mágoa de Abraão, certamente não estavam com a razão; tudo o que Deus fez por eles foi por causa de sua fidelidade a Abraão. O Senhor reafirmou sua promessa de que Ismael tornar-se-ia uma grande nação (vv. 13, 18; 17:20) e cumpriu essa promessa (Gn 21:12-16). Hoje em dia, o mundo árabe é uma potência digna de reconhecimento, e tudo começou com Ismael.

Apesar das ilustrações que às vezes aparecem em revistas de escola dominical e em livros de histórias da Bíblia, Ismael era um adolescente, não uma criança, quando isso aconteceu. A palavra traduzida por “menino” pode referir-se a um feto (Êx 21:22), a bebês recém-nascidos (Êx 1:17, 18), a crianças pequenas (1 Rs 17:21-23) ou até mesmo a adolescentes (1 Rs 12:8-14; Dn 1:4ss). Nesse caso, refere-se a um menino de pelo menos dezesseis anos de idade.

Ismael e Agar se perderam no deserto, a água acabou e, desesperados, entregaram-se à sua sorte. Essa experiência foi bem diferente da primeira vez em que Agar encontrou-se com Deus no deserto (Gn 16:7ss). Dezesseis anos antes, ela havia encontrado uma fonte; mas dessa vez não via esperança alguma. Ao que parece, Agar havia se esquecido das

promessas que Deus havia lhe feito sobre seu filho, mas Ismael deve ter se lembrado delas, pois clamou ao Senhor pedindo socorro. Deus ouviu o clamor do rapaz e salvou-os por amor a Abraão.

Quantas vezes, durante as provações da vida, somos incapazes de ver as provisões divinas preparadas para nós e nos esquecemos das promessas que Deus nos fez. Entendemos as mãos buscando e pedindo aquilo que julgamos necessário, em lugar de pedir que Deus abra nossos olhos para vermos o que já temos. A resposta à maior parte dos problemas está a nosso alcance, caso sejamos capazes de enxergar (Jo 6:1-13; 21:1-6).

Sem dúvida, Agar é um retrato das multidões necessitadas do mundo de hoje: pessoas vagando sem destino, cansadas, sedentas, cegas e se entregando ao desespero. Como é importante levar a essa gente as boas novas de que a água da vida está à sua disposição e de que o poço não fica longe (Jo 4:10-14; 7:37-39)! Deus é cheio de graça e de bondade para com todos os que o invocam, por amor a seu Filho amado, Jesus Cristo.

Horatius Bonar escreveu estas palavras:

Ouvi a voz de Jesus dizer:
 “Eis que te dou liberalmente
 Da água viva, ó sedento.
 Abaixa-te, bebe e passa a viver”.
 Fui a Jesus e bebi,
 Do manancial vivificador;
 Minha sede saciada, minh’alma revigorada,
 Agora vivo no Senhor.

“Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7:37). “E quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22:17).

A MAIOR PROVA DE TODAS

GÊNESIS 22

Uma inscrição no relógio de uma cate-dral diz:

Quando em minha infância eu ria e chorava,

O tempo se arrastava.

Quando em minha juventude eu sonhava e falava,

O tempo caminhava.

Quando um homem crescido vim a ser,

O tempo passou a correr.

E, mais tarde, ao mais velho ficar,

Vi o tempo voar.

Logo, nesta jornada em que estou,

Verei que o tempo passou.

Abraão matriculou-se na “escola da fé” aos setenta e cinco anos de idade. Nesta passagem, estava com mais de cem anos e continuava passando por experiências intensas. Nunca somos velhos demais para enfrentar novos desafios, para lutar novas batalhas e para aprender novas verdades. Quando paramos de aprender, deixamos de crescer, e quando deixamos de crescer, paramos de viver.

“Os primeiros quarenta anos de vida nos dão o texto”, escreve Arthur Schopenhauer, “e os outros trinta nos apresentam o comentário”. Para o cristão, o texto é Habacuque 2:4: “O justo viverá pela fé”. O “comentário” está sendo escrito quando ouvimos a voz de Deus e obedecemos à sua direção, um dia de cada vez. É triste dizer, mas algumas pessoas não entendem nem o texto nem o comentário, e sua vida acaba antes que tenham começado a viver de fato.

Gênesis 22 registra a maior prova pela qual Abraão teve de passar. É verdade que

esse texto também apresenta um belo retrato do sacrifício de nosso Senhor no Calvário, mas a principal lição refere-se à *fé obediente que supera todas as provações da vida*. Abraão nos ensina como encarar e tratar as provas de nossa vida para a glória de Deus. Pense nestas cinco instruções simples:

1. ESPERE QUE DEUS MANDE PROVAS (GN 22:1, 2)

Na “escola da fé”, precisamos, periodicamente, passar por provas. De outro modo, jamais ficaremos sabendo onde nos encontramos em termos espirituais. Abraão teve sua cota de provas desde o começo. Primeiro, foi a “prova da família”, quando teve de deixar seus entes queridos e dar um passo de fé dirigindo-se a uma nova terra (Gn 11:27 - 12:5). Logo em seguida, veio a “prova da fome”, na qual Abraão não passou, pois duvidou de Deus e foi buscar ajuda no Egito (Gn 12:10 - 13:4).

Uma vez de volta à terra, Abraão passou pela “prova de cordialidade”, quando deixou que Ló escolhesse primeiro as terras para pastagem (Gn 13:5-18). Também passou pela “prova da luta”, quando derrotou os reis (Gn 14:1-16), e na “prova da fortuna”, ao dizer “não” às riquezas de Sodoma (vv. 17-24). No entanto, foi reprovado na “prova da paternidade”, quando Sara impacientou-se com Deus e sugeriu que Abraão tivesse um filho com Agar (Gn 16). Quando chegou o momento de mandar Ismael embora, Abraão passou na “prova da despedida” (Gn 21:14-21).

Nem toda experiência difícil na vida é, necessariamente, um teste pessoal de Deus. (É claro que qualquer experiência pode tornar-se uma prova ou tentação, dependendo de como lidamos com ela. Ver Tg 1:12-16.) Por vezes, é nossa própria desobediência que causa dor ou decepção, como aconteceu com Abraão quando foi para o Egito (Gn 12:10ss) e para Gerar (Gn 20). Às vezes, nosso sofrimento é simplesmente uma parte normal da vida humana: como quando envelhecemos, quando amigos e entes queridos vão para longe ou morrem, quando a vida muda a nosso redor e devemos nos adaptar, mesmo que seja doloroso.

Aprenda a distinguir entre *provações* e *tentações*. As *tentações* vêm dos desejos dentro de nós (Tg 1:12-16), enquanto as *provações* vêm do Senhor, que tem um propósito específico a cumprir. As *tentações* podem ser usadas pelo inimigo para estimular o que há de pior em nós, mas as *provações* são usadas pelo Espírito Santo para extrair o que há de melhor em nós (Tg 1:1-6). As *tentações* parecem lógicas, enquanto as *provações* parecem não fazer sentido algum. Por que Deus daria um filho a Abraão para, depois, pedir que matasse o menino?

Todos os cristãos são tentados a pecar de forma parecida (1 Co 10:13), mas nem todos os cristãos passam pelas mesmas *provações* de fé. As *provas* de Deus são feitas sob medida para cada um de seus filhos, e a experiência de cada um deles é singular. Deus jamais pediu a Ló que passasse pelas mesmas *provas* que Abraão. Isso porque Ló estava sendo tentado pelo mundo e pela carne e jamais alcançou o mesmo nível de maturidade que Abraão. Em certo sentido, o fato de Deus nos mandar *provações* é um elogio – mostra que Deus deseja nos levar para o estágio seguinte da “escola da fé”. Deus jamais envia uma *prova* até que saiba que estamos preparados para ela.

“A vida é difícil”, escreveu o psiquiatra M. Scott Peck. “Uma vez que sabemos, de fato, que a vida é difícil – uma vez que sabemos e que aceitamos isso –, então a vida deixa de ser difícil” (*The Road Less Traveled*, p. 15). Essa é a primeira lição que devemos aprender. Espere *provas* de Deus, pois a vida cristã não é fácil.

2. CONCENTRE-SE NAS PROMESSAS, NÃO NAS EXPLICAÇÕES (GN 22:3-5)

“No início da vida espiritual”, escreveu a religiosa francesa Madame Guyon, “nossa tarefa mais difícil é sofrer com nosso próximo; ao longo de seu progresso, conosco mesmos; e, no final, com Deus”. *Nossa fé não é verdadeiramente testada até que Deus nos peça para suportar aquilo que parece insuportável e para esperar aquilo que parece impossível*. Quer você olhe para José na prisão, para Moisés e Israel no mar Vermelho, para

Davi na caverna, quer para Jesus no Calvário, a lição é a mesma: vivemos pelas promessas, não pelas explicações.

Pense em como foi absurdo o pedido de Deus. Isaque era o único filho de Abraão, e o futuro da aliança dependia dele. Isaque era o filho do milagre, a dádiva de Deus a Abraão e Sara em resposta à sua fé. Abraão e Sara amavam Isaque profundamente e haviam construído todo o seu futuro em torno dele. Quando Deus pediu a Abraão para oferecer seu filho em sacrifício, estava testando a fé, a esperança e o amor. Parecia que Deus estava acabando com tudo pelo que Abraão e Sara haviam vivido.

Quando Deus nos manda uma *provação*, normalmente nossa primeira reação é perguntar: “Por que, Senhor?” e, depois: “Por que eu?”. Mais que depressa, queremos que Deus nos dê explicações. É claro que sabemos que Deus tem seus motivos para mandar essas *provas* – talvez para purificar nossa fé (1 Pe 1:6-9), para aperfeiçoar nosso caráter (Tg 1:1-4) ou até mesmo para nos proteger do pecado (2 Co 12:7-10) –, mas não vemos de que modo tais coisas se aplicam a nós. O fato de pedirmos explicações ao nosso Pai indica que não nos conhecemos como deveríamos ou que não conhecemos a Deus como deveríamos.

Abraão ouviu a Palavra de Deus e obedeceu imediatamente pela fé. Ele sabia que Deus jamais entraria em contradição com suas promessas, de modo que se apegou à promessa de que “por Isaque será chamada a tua descendência” (Gn 21:12). Abraão creu que Deus, mesmo que lhe permitisse sacrificar seu filho, poderia ressuscitar Isaque dentre os mortos (Hb 11:17-19). *A fé não exige uma explicação; ela descansa nas promessas*.

Abraão disse a seus dois servos: “Eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós” (Gn 22:5). Pelo fato de Abraão crer em Deus, não tinha intenção de trazer de volta um morto! Já foi dito que Abraão creu em Deus e obedeceu a ele quando não sabia onde (Hb 11:8), quando (Hb 11:9-10, 13-16), como (Hb 11:11, 12) nem por quê (Hb 11:17-19).

3. DEPENDA DA PROVISÃO DE DEUS (GN 22:6-14)

Há duas declarações que revelam a ênfase dessa passagem: “Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto” (v. 8); e “Jeová-Jiré” (Gn 22:14), isto é, “O SENHOR proverá”. Ao subir o monte Moriá com seu filho, Abraão estava confiante de que Deus supriria todas as necessidades.

Em que Abraão podia confiar? Certamente não em seus sentimentos, pois devia sentir uma dor terrível dentro dele ao pensar em sacrificar o filho no altar. Amava seu único filho, mas também amava a Deus e desejava lhe obedecer.

Abraão também não podia depender de outras pessoas. Sara ficou em casa, e os dois servos que o haviam acompanhado permaneceram no acampamento. Agradecemos a Deus pelos amigos e membros da família que nos ajudam a carregar nossos fardos, mas há provações na vida que precisamos enfrentar sozinhos. *É somente nessas ocasiões que podemos ver o que nosso Pai pode, de fato, fazer por nós!*

Abraão podia confiar na promessa e na provisão do Senhor. Já havia experimentado o poder de ressurreição de Deus em seu próprio corpo (Rm 4:19-21), e assim sabia que Deus poderia ressuscitar Isaque dentre os mortos, caso esse fosse seu plano. Ao que parece, não houve nenhum caso de ressurreição antes daquela época, de modo que Abraão estava exercitando grande fé em Deus.

De acordo com Efésios 1:19, 20 e 3:20, 21, os cristãos têm o poder da ressurreição de Cristo disponível em seu corpo ao entregar-se ao Espírito Santo. Podemos conhecer “o poder da sua ressurreição” (Fp 3:10) ao enfrentar aquilo que a vida diária exige de nós, bem como suas provações. Quando a situação parece desesperadora, pergunte-se: “Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil?” (Gn 18:14), e lembre-se: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

Deus providenciou o sacrifício, e um carneiro tomou o lugar de Isaque no altar (Gn 22:13). Abraão descobriu um novo nome

para Deus – “Jeová-Jiré” – que pode ser traduzido como “o Senhor proverá” ou “o Senhor será visto”. A declaração: “No monte do SENHOR se proverá” nos ajuda a compreender algumas verdades sobre a provisão do Senhor.

Onde o Senhor provê nossas necessidades? No lugar indicado por ele. Abraão estava no lugar certo, de modo que Deus pôde ir ao encontro de suas necessidades. Não temos o direito de esperar pela provisão de Deus se não estivermos dentro da vontade de Deus.

Quando Deus provê nossas necessidades? Exatamente quando precisarmos, nem um minuto antes. Quando você coloca seu pedido diante do trono da graça, Deus responde com misericórdia e graça “em ocasião oportuna” (Hb 4:16). Por vezes, temos a impressão de que Deus espera até o último minuto para nos socorrer, mas esse é apenas nosso ponto de vista humano. *Deus nunca chega atrasado.*

Como Deus provê? De maneiras que, normalmente, são bastante naturais. Deus não enviou um anjo junto com o sacrifício; simplesmente permitiu que um carneiro ficasse preso pelos chifres nos arbustos no momento em que Abraão precisava e num lugar que Abraão podia alcançar. Abraão só necessitava de um animal, de modo que Deus não mandou um rebanho de ovelhas.

A quem Deus concede sua provisão? Àqueles que confiam nele e que obedecem a suas instruções. Quando estamos fazendo a vontade de Deus, temos o direito de esperar pela provisão divina. Um diácono da primeira igreja que pastoreei costumava nos lembrar de que: “Quando a obra é feita à maneira de Deus, não carecerá do apoio de Deus”. O Senhor não tem obrigação de abençoar minhas idéias e projetos, mas tem obrigação de apoiar sua obra, se ela é feita da maneira correta.

Por que Deus supre todas as nossas necessidades? Para a glória de seu nome! “Santificado seja o teu nome” (Mt 6:9-13) é a primeira petição da oração do Pai-Nosso e governa todos os outros pedidos. Deus foi glorificado no monte Moriá, pois Abraão e

Isaque fizeram a vontade do Senhor e glorificaram a Jesus Cristo. Devemos parar e refletir sobre essa importante verdade.

4. PROCURE GLORIFICAR A CRISTO

Durante as provações, é fácil pensar apenas em nossas necessidades e em nossos fardos; em vez disso, devemos nos concentrar em glorificar a Jesus Cristo. Pegamo-nos perguntando: “Como posso sair dessa situação?” em lugar de: “O que posso aprender com isso de modo a honrar ao Senhor?”. Por vezes, desperdiçamos nosso sofrimento ao negligenciar ou ignorar as oportunidades de revelar Jesus Cristo a outros que nos observam, enquanto passamos pela fornalha de fogo.

Se já houve duas pessoas sofredoras que revelaram Jesus Cristo foram Abraão e Isaque no monte Moriá. Sua experiência é um retrato do Pai, do Filho e da cruz e um dos símbolos mais antigos de Cristo encontrados em todo o Antigo Testamento. Jesus disse aos judeus: “Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se” (Jo 8:56). No nascimento miraculoso de Isaque, Abraão viu o dia do nascimento de Cristo. E no casamento de Isaque (Gn 24), viu o dia da volta de Cristo para buscar sua noiva. No monte Moriá, porém, quando Isaque estava disposto a colocar-se no altar, Abraão viu o dia da morte e ressurreição de Cristo. Encontramos várias verdades sobre a expiação nesse acontecimento.

O Pai e o Filho agiram em conjunto. A frase comovente: “Caminhavam ambos juntos” (Gn 22:6, 8) aparece duas vezes durante a narração. Em nosso testemunho evangelístico, muitas vezes damos ênfase ao amor do Pai pelos pecadores perdidos (Jo 3:16) e ao amor do Filho por aqueles pelos quais morreu (1 Jo 3:16), mas deixamos de mencionar que o Pai e o Filho *amam um ao outro*. Jesus Cristo é o “Filho amado” (Mt 3:17) de seu Pai, e o Filho disse: “para que o mundo saiba que eu amo o Pai” (Jo 14:31). Abraão não reteve seu filho para si (Gn 22:16), assim como o Pai não poupou seu Filho, mas “por todos nós o entregou” (Rm 8:32).

O Filho precisava morrer. Abraão levou consigo uma faca e uma tocha. Dois instrumentos usados para a morte. A faca daria cabo da vida física de Isaque e o fogo queimaria a lenha no altar onde seu corpo seria colocado. No caso de Isaque, um substituto morreu em seu lugar; *mas ninguém podia assumir o lugar de Jesus na cruz*. Ele era o único sacrifício capaz, de modo completo e definitivo, de tirar os pecados do mundo. Deus proveu um *carneiro*. A resposta à pergunta de Isaque: “Onde está o cordeiro?” foi dada por João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1:29).

Na Bíblia, o fogo com frequência simboliza a santidade de Deus (Dt 4:24; 9:3; Hb 12:29). A cruz foi o instrumento físico da morte. No Calvário, porém, Cristo experimentou muito mais do que a morte. Ele sentiu o julgamento de Deus pelos pecados do mundo. Isaque não sentiu nem a faca nem o fogo, mas Jesus sofreu com ambos. O pai amoroso de Isaque estava perto dele, mas Jesus foi abandonado por seu Pai quando se fez pecado por nós (Mt 27:45, 46; 2 Co 5:21). Que maravilhoso amor!

O Filho levou o fardo do pecado. É interessante que a lenha seja mencionada cinco vezes nessa narrativa e que Isaque não começasse a carregá-la até que chegaram ao monte Moriá. A lenha não é um símbolo da cruz, pois Jesus não carregou sua cruz o caminho todo até o Calvário. A lenha parece retratar o fardo do pecado que Jesus levou por nós (1 Pe 2:24). Abraão tomou a lenha “e a colocou sobre Isaque, seu filho” (Gn 22:6), e “o SENHOR fez cair sobre ele [Jesus] a iniquidade de nós todos” (Is 53:6). O fogo consumiu a lenha como um retrato do julgamento de Deus contra o pecado.

O Filho foi ressurreto dentre os mortos. Isaque não chegou a morrer, mas, “figuradamente” (Hb 11:19), morreu e foi ressurreto dentre os mortos. Jesus, porém, morreu de fato e foi sepultado, mas foi ressurreto de modo triunfante. É interessante o fato de que *Abraão* voltou para onde estavam os dois servos (Gn 22:19), *mas não se faz menção alguma de Isaque*. Na realidade, não é dito mais nada sobre Isaque até que o vemos

encontrando-se com sua noiva (Gn 24:62). Apesar de ser óbvio que Isaque voltou para casa com o pai, a simbologia bíblica lembra que o próximo acontecimento no calendário de Deus é a volta de Jesus Cristo para buscar sua noiva, a Igreja.

A melhor coisa que pode acontecer ao passarmos pelas provações que Deus envia é nos aproximarmos de nosso Pai e nos tornarmos mais semelhantes a Jesus Cristo. *O Calvário não é apenas o lugar em que Cristo morreu por nossos pecados. É também o lugar onde ele santificou o sofrimento e, através de sua ressurreição, transformou o sofrimento em glória.* Procure glorificar ao Senhor, e ele cuidará do resto.

Nas palavras de Martinho Lutero: “Nosso sofrimento não é digno de receber esse nome. Quando penso em minhas cruzes, tribulações e tentações, me envergonho profundamente de pensar no que são em comparação com os sofrimentos de meu bendito Senhor Cristo Jesus”.

5. ESPERE COM GRANDE EXPECTATIVA AQUILO QUE DEUS TEM RESERVADO PARA VOCÊ (GN 22:15-24)

Nas provas da vida, há sempre um “depois” (Hb 12:11; 1 Pe 5:10), pois Deus nunca desista do sofrimento. “Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro” (Jó 23:10). Abraão recebeu várias bênçãos de Deus por causa de sua fé obediente.

Em primeiro lugar, Abraão recebeu *nova aprovação de Deus* (Gn 22:12). Abraão havia descrito toda essa experiência difícil como “adoração” (v. 5), pois, para ele, era nisso que consistia. Ele obedeceu à vontade de Deus e procurou agradar o coração do Senhor, e Deus o elogiou. Vale a pena passar por provações se, no final, o Pai puder lhe dizer: “Muito bem!”

Ele recebeu de volta um *novo filho*. Isaque e Abraão tinham estado no altar juntos, e Isaque passou a ser um “sacrifício vivo” (Rm 12:1, 2). Deus deu Isaque a Abraão, e Abraão devolveu Isaque a Deus. *Devemos cuidar*

para que as dádivas de Deus não tomem o lugar dele.

Deus deu a Abraão *novas garantias* (Gn 22:16-18). O patriarca tinha ouvido essas promessas antes, mas elas adquiriram novo significado. Charles Spurgeon costumava dizer que as promessas de Deus nunca brilham com tanta intensidade quanto na fornalha da aflição. Aquilo que dois homens fizeram num altar solitário um dia serviria de bênção para o mundo todo!

Abraão também descobriu um *novo nome* para Deus (Gn 22:14). Como vimos, “Jeová-Jiré” quer dizer “o Senhor será visto” ou “o SENHOR proverá”. O templo judeu foi construído sobre o monte Moriá (2 Cr 3:1), e, durante o ministério de nosso Senhor aqui na Terra, ele foi visto lá. Cristo era o verdadeiro Cordeiro de Deus oferecido por Deus pelos pecados do mundo.

O fundador do ministério Missão para o Interior da China (conhecido hoje como Overseas Missionary Fellowship), J. Hudson Taylor, costumava pendurar em sua casa uma placa com duas palavras em hebraico: “Ebenézer” e “Jeová-Jiré”, que significam, respectivamente “pedra de ajuda” (Até aqui nos ajudou o SENHOR”, 1 Sm 7:12) e “o SENHOR proverá”. Quer olhasse para o passado, quer para o futuro, Hudson Taylor sabia que o Senhor estava trabalhando, portanto ele não tinha nada a temer.

Quando chegou em casa, Abraão ouviu outro nome novo: Rebeca (Gn 22:23), a moça que Deus estava reservando para Isaque. Um homem com um único filho poderia ter desanimado ao ouvir a lista de nomes da família do irmão de Abraão, mas o patriarca não se abalou. Afinal, Deus havia prometido que seus descendentes seriam tão numerosos quanto as estrelas no céu e a areia na praia do mar (Gn 22:17)!

Por fim, Abraão saiu dessa provação com um *amor mais profundo pelo Senhor*. Jesus nos fala desse amor mais profundo em João 14:21-24, e Paulo ora sobre isso em Efésios 3:14-21. Você já experimentou esse amor?

LÁ VEM A NOIVA!

GÊNESIS 24

Parece estranho que o capítulo mais longo de Gênesis conte como um homem conseguiu sua esposa. Apesar de tratar-se de um assunto importante e, certamente, de esta ser uma linda história, será que merecia tanto espaço? Apenas trinta e um versículos são dedicados ao relato da criação em Gênesis 1. Aqui, são usados sessenta e sete versículos para relatar como Rebeca tornou-se esposa de Isaque. Por quê?

Um dos motivos é que o capítulo enfatiza a separação. Abraão deixou claro que seu filho não deveria se casar com uma mulher cananéia (Gn 24:3). A lei de Moisés não permitia que os homens israelitas se casassem com mulheres pagãs (Dt 7:1-11). Os cristãos também não devem se casar com pessoas incrédulas (2 Co 6:14-18; 1 Co 7:39, 40). Gênesis 24 é cheio de encorajamento para aqueles que querem ajuda na hora de escolher seu cônjuge. Hoje em dia, apesar de não usarmos o mesmo procedimento que o servo de Abraão, ainda podemos aplicar o princípio então utilizado. Devemos desejar a vontade de Deus, orar, buscar sua orientação e ficar atentos para o que Deus está fazendo.

É claro que quando o marido da história é Isaque, o filho amado de Abraão, a narrativa adquire maior importância. Afinal, Isaque era o próximo “elo vivo” da cadeia de bênçãos que culminaria no nascimento do Salvador, Jesus Cristo; assim, tudo aquilo que acontecia com Isaque era de suma importância no plano de Deus para a salvação.

Contudo, esse capítulo vai além da história e trata de teologia. Apresenta um retrato do Pai celestial oferecendo uma noiva a

seu Filho (Mt 22:1-14). A Igreja é comparada a uma noiva (2 Co 11:2, 3; Ef 5:22-33), e, na presente era, o Espírito Santo está conclamando as pessoas a confiarem em Cristo e a pertencerem a ele (Rm 7:4). Os elementos que fazem parte do casamento de Isaque com Rebeca também estão presentes no casamento de Cristo com sua Igreja. Podemos citar quatro:

1. A VONTADE DO PAI (GN 24:1-9)

Abraão estava com cento e quarenta anos de idade (Gn 21:5; 25:20) e ainda viveria mais trinta e cinco anos (25: 7). Sua grande preocupação era conseguir encontrar, antes de morrer, uma esposa para seu único filho, Isaque. Só então Deus cumpriria suas promessas da aliança de abençoar Abraão com muitos descendentes e de dar-lhes a terra de Canaã por herança (Gn 12:1-3; 13:14-17; 15:18; 21:12). Naquele tempo, eram os pais que arranjavam os casamentos. Um homem e uma mulher se casavam e depois aprendiam a se amar (Gn 24:67). Hoje em dia, isso mudou muito na maior parte do mundo.

Não sabemos quem era esse “mais antigo servo”. Se era Eliezer (15:2), então devia estar bastante idoso, uma vez que os acontecimentos registrados em Gênesis 15:2 haviam ocorrido mais de cinquenta anos antes. Abraão fez com que ele jurasse três coisas: (1) que não escolheria uma esposa para Isaque dentre as mulheres cananéias; (2) que a escolheria dentre os parentes de Abraão; e (3) que não levaria Isaque de volta para a terra de onde Abraão havia saído.

Sabendo que havia incumbido seu servo de uma tarefa difícil, Abraão também disse-lhe algumas palavras de encorajamento (Gn 24:7, 39-41). Deus havia guiado e abençoado Abraão durante sessenta e cinco anos e não iria abandoná-lo naquele momento. Além disso, Deus havia dado uma promessa específica a Abraão de que sua descendência herdaria a terra. Portanto, isso significava que seu filho precisaria ter uma esposa que lhe desse um herdeiro. Por fim, o anjo de Deus iria adiante do servo e o guiaria até a mulher certa.

Abraão era um homem de fé, que acreditava na Palavra de Deus e sabia como aplicá-la a situações e decisões específicas. Procurava obedecer à Palavra de Deus, pois a verdadeira fé sempre leva à obediência. Quanto mais meditar sobre a Palavra de Deus, mais verdade encontrará dentro dela e mais orientação obterá dela. Isso se aplica a decisões sobre casamento, vocação, ministério e a outras áreas da vida. A menos que confiemos na Palavra de Deus e que obedecemos ao que ela diz, Deus não irá nos guiar (Pv 3:5, 6).

Assim como Abraão queria uma noiva para o filho, Deus, o Pai, escolheu oferecer uma noiva a seu Filho amado. Por quê? Não porque Jesus precisasse de qualquer coisa, pois o Filho eterno de Deus é em tudo auto-suficiente. *A noiva é uma dádiva de amor do Pai para o Filho.* Normalmente, enfatizamos que o Filho é a dádiva de amor do Pai ao mundo (Jo 3:16) e nos esquecemos de que a Igreja é a dádiva de amor do Pai para o Filho (Jo 17:2, 6, 9, 11, 12, 24).

Em seus desígnios eternos, o Pai escolheu salvar os pecadores perdidos por sua graça, o Filho concordou em morrer pelos pecados do mundo e o Espírito Santo concordou em realizar essa obra na vida de todos aqueles que cressem. Esse fato é revelado em Efésios 1:1-14, em que vemos a obra de Deus, o Pai (vv. 3-6), de Deus, o Filho (vv. 7-12) e de Deus, o Espírito Santo (vv. 13, 14). Observe, especialmente, que o motivo para esse grande plano de salvação é a *glória de Deus* (vv. 6, 12, 14). Aqueles que confiassem em Cristo seriam um povo separado, sua herança (v. 18) e sua noiva (Ef 5:22-33). Sua noiva traria glória para Cristo na Terra e por toda a eternidade. Um dia, Jesus Cristo teria a honra de apresentar sua noiva em glória para o Pai (Hb 12:2; Jd 24).

Da próxima vez que tiver o privilégio de testemunhar de Jesus Cristo, lembre-se de que está convidando as pessoas para irem a um casamento!

2. O TESTEMUNHO DO SERVO (GN 24:10-49)

O servo. Nem Abraão e nem Isaque foram em busca da noiva; a tarefa foi dada a um

servo anônimo, absolutamente dedicado a Abraão. Sempre chamava Abraão de “senhor”, termo que usou dezenove vezes nessa narrativa. Vivia e servia apenas para agradar seu senhor – um ótimo exemplo para nós hoje em dia.

O servo recebeu as ordens de seu senhor e não se desviou delas. Seu juramento de obediência foi sincero, e ele manteve sua palavra. Fosse ele bem-sucedido em sua missão ou não, o servo sabia que teria de prestar contas a seu senhor e desejava poder fazê-lo sem qualquer embaraço. (Ver Rm 14:10-12 e 1 Jo 2:28.)

Mas o que ele faria para encontrar a mulher certa para o filho de seu senhor? *O servo agiu pela fé no Deus de Abraão e Isaque* (Gn 24:12). Ele creu na promessa de Deus e confiou na providência divina para dirigi-lo (v. 27). Separou um tempo para orar e pedir a ajuda de Deus e, então, ficou de olhos bem abertos para ver o que Deus poderia fazer. Na verdade, enquanto estava orando, Deus já estava enviando a resposta (Is 65:24). O servo não foi impulsivo, antes esperou no Senhor para ver o que ele faria (Gn 24:21). “Aquele que crer não se apressará” (Is 28:16, v.r.).

A noiva. Em sua providência, Deus levou Rebeca para junto do poço justamente no momento em que o servo estava orando, e ela fez exatamente o que ele estava dizendo em sua oração. O servo usou o mesmo tipo de procedimento que Gideão usaria anos depois: “[pôs] uma porção de lã na eira” (Jz 6:36-40). Essa não é melhor maneira de o povo de Deus determinar a vontade do Pai, pois as condições que apresentamos a Deus podem não estar de acordo com a vontade dele. Com isso, andamos pelas aparências e não pela fé e podemos acabar tentando Deus. Mas Deus adaptou-se às necessidades do servo (e de Gideão) e guiou-os conforme pediram.

Rebeca não fazia idéia de que realizar uma tarefa tão simples para um desconhecido faria dela a noiva de um homem rico, que desfrutava de um relacionamento de aliança com Deus. Ela se tornaria a mãe de Jacó, que seria o pai das doze tribos de Israel! Anos

atrás, li uma citação de um autor, identificando apenas como "Marsden", e suas palavras ficaram gravadas em minha memória: "Faça de toda ocasião uma grande ocasião, pois você nunca sabe quando alguém o está avaliando para algo mais elevado".

O servo avaliava Rebeca, a fim de determinar se ela seria uma boa esposa para Isaque. Podia ver que ela era gentil, agradável, humilde, saudável e esforçada. Dar água a dez camelos não é um trabalho fácil! Depois de uma longa caminhada, um camelo pode chegar a beber até cento e cinquenta litros de água, e Rebeca precisava tirar toda água do poço manualmente.

A pergunta: "De quem és filha?" (Gn 24:23) é fundamental para qualquer pretendente. É claro que o servo estava interessado na família dela, mas para os cristãos de hoje - tanto homens quanto mulheres - essa pergunta tem uma aplicação mais ampla. "Você é filho(a) de Deus? Nasceu de novo na família de Deus?" Como é trágico quando cristãos se casam com incrédulos e tentam começar um lar sem a mais plena bênção de Deus.

A família. Rebeca pegou seus presentes e correu para casa, a fim de contar aos pais e ao irmão, Labão (aparentemente, o chefe da família), que um desconhecido generoso precisava de um lugar para passar a noite. A hospitalidade é uma lei de grande importância no Oriente, de modo que a família foi encontrar o visitante. O caráter de Labão é revelado no versículo 30: ficou mais empolgado com os presentes caros do que com o privilégio de demonstrar hospitalidade para um desconhecido. Jacó, o filho de Isaque e de Rebeca, descobriria, anos mais tarde, quão astuto e enganador era Labão (Gn 29 - 31).

O servo não aceitou comer até que tivesse cumprido sua missão (Gn 24:33; Jo 4:32). Não falou de si mesmo, mas sim de Isaque e da grande riqueza dele. (A caravana de dez camelos ajudava a reforçar o que contava.) Recapitulou o que havia acontecido próximo ao poço e, só então, Rebeca descobriu que estava sendo "avaliada" para uma nova e emocionante incumbência. Mas será que a

família a deixaria ir e será que ela concordaria em partir?

Antes de ficarmos sabendo as respostas a essas perguntas, devemos fazer uma pausa para ver de que modo o servo retrata a obra do Espírito Santo no mundo de hoje quando usa os cristãos para testemunhar de Jesus Cristo (At 1:8). Ele não falou de si mesmo, mas de seu senhor e das riquezas dele (Jo 15:26; 16:13, 14). Deu provas das riquezas de seu mestre, assim como o Espírito nos dá as "primícias" como "penhor" de nossas riquezas espirituais em Cristo (Ef 1:13, 14). O melhor ainda está por vir!

A tarefa do servo não era argumentar nem subornar, mas apenas dar testemunho da grandeza de seu senhor. Ele não forçou Rebeca a casar-se com Isaque; simplesmente lhe apresentou os fatos e deu-lhe a oportunidade de tomar uma decisão. Apesar de não haver nada de errado em exortar as pessoas a buscar a salvação (At 2:40), devemos ter o cuidado de não tentar assumir o lugar do Espírito, pois somente ele pode realizar a obra de convencer o coração humano (Jo 16:7-11).

3. A PRONTIDÃO DA NOIVA (GN 24:50-60)

O irmão e a mãe de Rebeca consentiram que ela se casasse com Isaque, porém desejavam que a moça esperasse pelo menos dez dias antes de partir. Era um pedido natural, uma vez que os pais queriam passar o máximo de tempo com ela e, talvez, até convidar os vizinhos para comemorar com a família (Gn 31:25-27). É claro que ficaram encantados com os ricos presentes que o servo lhes deu, provavelmente o dote de casamento; sem dúvida, queriam saber mais sobre Isaque e o lar que Rebeca iria dividir com ele.

Assim como o servo não se demorou em apresentar seu pedido (Gn 24:33), também não desejava adiar a conclusão de sua missão. Quando o Senhor está operando, é hora de ir em frente! Ele pediu que deixassem Rebeca decidir, e a resposta dela foi:

"Eu vou!"

Essa é uma decisão que todo pecador deve tomar para se comprometer com Deus e compartilhar de seu lar no céu.

O que levou Rebeca a tomar a decisão certa? Ela ouviu o que o servo tinha a dizer sobre Isaque e acreditou em seu relato. Viu provas de sua grandeza, generosidade e riqueza e sentiu o desejo de pertencer a ele pelo resto da vida. Nunca tinha visto Isaque (1 Pe 1:8), mas o que ouviu a respeito dele a convenceu a ir para Canaã com o servo.

Seus pais e amigos poderiam ter apresentado a Rebeca muitos argumentos contrários à sua decisão.

– Você nunca viu esse homem!

– Talvez o servo seja um impostor!

– Isaque mora a quase oitocentos quilômetros daqui. É uma viagem e tanto!

– Talvez você nunca mais volte a ver sua família!

Mas ela estava decidida a fazer a longa e difícil viagem e a tornar-se a esposa de um homem sobre o qual só tinha ouvido falar.

Fica clara a aplicação para aqueles que ainda não são salvos nos dias de hoje: *não devem adiar sua decisão de seguir a Cristo*. É uma decisão de fé, baseada nas evidências oferecidas pelo Espírito Santo por meio da Palavra e do testemunho da Igreja. O pecador que protela pode perder a oportunidade de pertencer à família de Deus e de viver no céu (Jo 14:1-6). “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (Hb 3:7, 8, 15). “Eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2 Co 6:2).

No culto de encerramento de uma grande cruzada evangelística realizada em Fort Worth, no Estado do Texas, o Dr. George W. Truett, que naquela época era pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, disse ao grande público ali presente: “Satanás não se importa que homens e mulheres venham à casa de Deus e a cultos públicos como este; nem que prestem atenção e sejam profundamente tocados, desde que deixem passar essa oportunidade religiosa e vão embora sem que nada mude. Que possibilidade assustadora, deixar passar essa oportunidade, abrir mão de sua alma e permitir que se perca para sempre” (*A Quest for Souls*, p. 362). De fato, é uma possibilidade assustadora!

Cento e cinquenta anos antes, Charles Spurgeon disse à sua congregação em Londres: “Dez dias podem não parecer muito tempo, mas talvez dez dias seja muito tarde. Um dia não é muita coisa, mas talvez um dia a mais represente um dia de atraso eterno; um minuto de atraso pode significar estar atrasado para sempre!” (*Metropolitan Tabernacle Pulpit*, v. 13, p. 533.)

A história toda deixa claro que Deus havia escolhido Rebeca para Isaque; sua orientação providencial é vista a cada passo do caminho. *No entanto, Rebeca teve de decidir se ficaria com Isaque*. Não há conflito algum entre a soberania divina (o plano de Deus) e a responsabilidade humana (a decisão do homem). Na verdade, Jesus ensinou sobre *ambas* em uma só declaração: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim [responsabilidade divina]; e o que vem a mim [responsabilidade humana], de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6:37).

O pecador não deve se perguntar se é um dos eleitos de Deus. A admoestação para “confirmar a vossa vocação e eleição” (2 Pe 1:10) foi escrita para cristãos, não para pecadores. O que os pecadores perdidos devem perguntar é: “Que devo fazer para que seja salvo?” (At 16:30; ver 2:37). E a resposta é: “Crê no Senhor Jesus” (At 16:31; cf. 2:37). Quando Deus falar com você, essa é a hora de responder e de colocar sua fé em Cristo (Is 55:6, 7).

“Definimos quais serão nossas decisões”, escreveu Frank Boreham. “Então, a situação se inverte, e as decisões é que nos definem”. Desde o minuto em que saiu de casa (Gn 35:8), Rebeca viu-se sob o cuidado providencial de Deus e passou a fazer parte de um plano emocionante, que traria a salvação para o mundo todo (Gn 12:1-3). Se Rebeca tivesse ficado na Mesopotâmia e se casado com um dos homens da região, nunca mais teríamos ouvido falar dela.

4. A RECEPÇÃO DO NOIVO (GN 24:61-67)

Os camelos viajavam cerca de trinta e oito quilômetros por dia; podiam percorrer até oitenta quilômetros diariamente, se fosse necessário, enquanto a média de uma pessoa a

pé seria de cerca de trinta quilômetros por dia. Uma caravana de dez camelos com servos e guardas podia, facilmente, fazer a viagem de ida e volta entre Hebron e a Mesopotâmia em menos de dois meses. O servo era o tipo de homem que não permitia atrasos e estava ansioso para completar com sucesso sua incumbência. Certamente, Abraão e Isaque estavam orando por ele e por sua missão, e suas orações foram respondidas.

Com seu nascimento miraculoso, Isaque é um retrato de nosso Senhor Jesus Cristo (Gn 21). Também prefigura o Senhor em sua disposição de obedecer ao pai e de entregar sua vida (Gn 22). Já observamos que o versículo 19 não diz que Isaque voltou do monte Moriá com o pai, apesar de certamente ter sido isso que fez (v. 5). Essa omissão sugere a ascensão de nosso Senhor: ele voltou para a glória a fim de esperar pelo momento de receber sua noiva (1 Ts 4:13-18).

Naquele tempo, Isaque não estava morando com o pai, mas sim ao sul de Hebron, preparando-se para começar seu próprio lar. Isaque é identificado com poços (Gn 24:62; 25:11; 26:17-33), assim como Abraão é identificado com altares. A água era um bem precioso e precisava ser guardada com cuidado.

O nome do poço deve ter servido de encorajamento para Isaque enquanto esperava pela volta do servo: "Poço Daquele que Vive e Me Vê" (Gn 16:14, NTLH). Se Deus havia tomado conta de Agar e suprido suas necessidades, certamente cuidaria de Isaque e lhe daria a esposa de que ele precisava, a fim de manter a linhagem messiânica. Jeová é o Deus vivo, que vê todas as coisas e que planeja todas as coisas para sua glória e para o bem de seus filhos.

Gênesis 24:63 indica que Isaque era um homem quieto e meditativo que buscava a solidão para ponderar as coisas do Senhor (Sl 1:2). Sua esposa era mais ativa, de modo que haveria um bom equilíbrio no lar do

casal. Os dois se viram de longe, e Rebeca apeou do camelo para poder caminhar ao encontro de Isaque. Naquele tempo, era considerado falta de etiqueta as mulheres andarem em animais de montaria na presença de homens desconhecidos. Além disso, ela se cobriu com um véu como sinal de recato e de submissão.

O fato de Isaque encontrar-se com sua noiva "ao cair da tarde" (Gn 24:63) é significativo, pois quando Jesus vier buscar sua igreja, será um tempo de escuridão espiritual (Rm 13:11-14). Assim como um novo dia nasceu para Rebeca, também a vinda de Jesus Cristo trará um novo dia para seu povo (1 Ts 5:1-11).

No entanto, aquele encontro envolveu muito mais do que um noivo tomando para si sua noiva. O servo também prestou contas ao filho de seu senhor (Gn 24:66). Quando Jesus Cristo vier buscar sua Igreja, não haverá apenas uma alegre festa de casamento (Ap 19:1-9), mas também um tribunal solene (Rm 14:10-13; 2 Co 5:9, 10) em que nossas obras serão examinadas, a fim de que sejam distribuídas as devidas recompensas (1 Co 3:13-15; 4:1-5).

Para Isaque, foi um caso de "amor à primeira vista", mas o que Jesus Cristo viu em nós para nos querer como sua noiva? Éramos pecadores rebeldes sem qualquer beleza nem mérito de que nos gloriar e, ainda assim, Jesus nos amou e morreu por nós (Rm 5:6-8).

Rebeca havia recebido alguns presentes de Isaque, mas, quando tornou-se esposa dele, passou a compartilhar de tudo o que ele possuía. A vida dos dois convergiu em uma só – e o mesmo acontece com Cristo e sua Igreja (Ef 5:22-33).

Trata-se de algo muito maior do que uma história antiga e idílica de amor. Essa pode ser sua história de amor *hoje*, se você confiar em Jesus Cristo e disser:

"Eu vou!"

“TEMPO DE MORRER”

GÊNESIS 23; 25:1-11

Nas palavras do rei Salomão: “Melhor é a boa fama do que o unguento precioso, e o dia da morte, melhor que o dia do nascimento” (Ec 7:1). Ele não disse que a morte é melhor do que o nascimento, pois, afinal de contas, é preciso nascer antes de morrer.

A idéia de Salomão era que o nome que você recebe quando nasce é como um unguento perfumado, e você deve mantê-lo assim até o dia da sua morte. Quando você nasceu e recebeu um nome, ninguém sabia o que você faria com ele; porém, ao chegar o momento da morte, esse nome é repleto de perfume ou de mau cheiro. Se é repleto de perfume, as pessoas têm motivo para se alegrar, pois, após a morte, não há nada que mude essa boa fama. Assim, para uma pessoa com boa fama, o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento.

Abraão e Sara tiveram boa fama na vida e na morte e ainda hoje são repletos de bom perfume. Nestes capítulos, encontramos Abraão e Sara no fim de sua caminhada, e aprendemos com eles o significado da morte para os que andam pela fé.

1. A MORTE DE UMA PRINCESA (GN 23:1-20)

Sara havia sido uma boa esposa para Abraão e uma boa mãe para Isaac. Sem dúvida, como todos nós, tinha seus defeitos. Porém, Deus a chamou de princesa (Gn 17:15) e colocou-a entre os heróis e heroínas da fé (Hb 11:11). O apóstolo Pedro citou-a como um bom exemplo a ser seguido pelas esposas cristãs (1 Pe 3:1-6), e Paulo usou-a para ilustrar a graça de Deus na vida do cristão (Gl 4:21-31).

As lágrimas de Abraão (v. 1, 2). Quantas vezes, ao longo de meu ministério pastoral, ouvi pessoas bem-intencionadas, porém ignorantes, dizerem a amigos ou parentes sofrendo profunda dor: “Ah! não chore!”

Esse é um péssimo conselho, pois Deus nos criou com a capacidade de chorar e espera que choremos. Até Jesus chorou (Jo 11:35). A tristeza é uma das dádivas de Deus para ajudar a curar o coração alquebrado quando a morte toma de nós as pessoas que amamos. Paulo não disse aos cristãos de Tessalônica que não deveriam chorar; acautelou-os para que não se angustiassem “como os demais, que não têm esperança” (1 Ts 4:13-18). A tristeza do cristão deve ser diferente da tristeza do incrédulo.

Abraão amava sua esposa, e a morte de Sara foi uma experiência dolorosa para ele. O patriarca demonstrou seu amor e sua tristeza ao chorar. Essas são as primeiras lágrimas registradas na Bíblia, e as lágrimas não cessarão até que Deus as enxugue na glória (Ap 21:4). Mesmo sendo um homem de fé, Abraão não considerou suas lágrimas um sinal de incredulidade.

Sara morreu caminhando na fé (Hb 11:11-13), de modo que Abraão sabia que ela estava sob os cuidados do Senhor. No Antigo Testamento, pouca coisa havia sido revelada sobre a vida depois da morte. No entanto, as pessoas que pertenciam ao povo de Deus sabiam que Deus as receberia quando morressem (Sl 73:24).

A esposa do falecido Vance Havner chamava-se Sara. Logo depois da morte súbita de sua mulher, encontrei-me com o Dr. Havner no Instituto Bíblico Moody e compartilhei com ele minhas condolências.

— Lamento pela sua perda — disse-lhe quando nos encontramos no refeitório.

Ele sorriu e respondeu:

— Meu filho, quando você sabe onde uma pessoa está, *you não a perdeu*.

Para o cristão, “estar ausente no corpo” significa “estar presente com o Senhor” (Fp 1:21-23; 2 Co 5:1-8); de modo que o cristão não encara a morte com medo. “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. [...] para que descansem de

suas fadigas, pois as suas obras os acompanham” (Ap 14:13).

A morte dos perversos é descrita de forma bastante clara em Jó 18... e que retrato assustador! Quando os perversos morrem, é como uma luz que se apaga (vv. 5, 6), como um animal ou ave que cai numa armadilha (vv. 7-10), como perseguir um criminoso (vv. 11-14) ou como arrancar uma árvore (vv. 15-21). Como faz diferença quando Jesus Cristo é seu Salvador, “a ressurreição e a vida” (Jo 11:25, 26; 2 Tm 1:10)!

O testemunho de Abraão (vv. 3-6). Não podemos prantejar nossos mortos para sempre. Chega um momento em que devemos aceitar o que aconteceu, encarar a vida e cumprir nossos compromissos tanto para com os vivos quanto para com os mortos. Pelo fato de não ser um cidadão da terra onde morava (Hb 11:13), Abraão precisou pedir um lugar para sepultar sua esposa. A verdade é que aquelas terras pertenciam a Abraão. Deus as havia dado a ele, mas o patriarca não tinha como convencer seus vizinhos desse fato.

Assim como aconteceu com Abraão, o povo de Deus, hoje em dia, é também “peregrino” e “estrangeiro” (1 Pe 1:1; 2:11, NVI). Vivemos em “tabernáculos” (2 Co 5:1-8) que, um dia, serão desfeitos quando nos mudarmos para a glória. Quando Paulo escreveu: “o tempo da minha partida é chegado” (2 Tm 4:6), usou um termo militar que significa: “desarmar a tenda e avançar”. O corpo que temos agora é temporário, mas um dia receberemos um corpo glorificado como o que Jesus Cristo tem agora no céu (Fp 3:20, 21; 1 Jo 3:1-3).

Os homens de Canaã chamavam Abraão de “príncipe de Deus” (Gn 23:6). Ele dava um bom testemunho em meio a esses homens, e eles o respeitavam. Apesar de o mundo não ser nosso lar, como peregrinos e estrangeiros, devemos ter o cuidado de dar bom testemunho para os de fora (1 Ts 4:12; Cl 4:5; 1 Pe 2:11ss). Esses heteus não adoravam o Deus de Abraão, mas respeitavam o patriarca e sua fé. Na verdade, ofereceram a ele que usasse uma das sepulturas deles (Gn 23:6), mas Abraão recusou a oferta.

É maravilhoso quando, num momento de profunda tristeza, o filho de Deus dá forte testemunho aos perdidos. Há uma tristeza natural que todos esperam que manifestemos; porém há também a graça sobrenatural que Deus concede, de modo que possamos nos alegrar em meio à tristeza. Aqueles que não são salvos poderão notar a diferença, e isso nos dá a oportunidade de compartilhar as boas novas do evangelho.

O tato de Abraão (vv. 7-16). Na cultura oriental daquele tempo, a maior parte das transações comerciais era realizada à porta da cidade (v. 10), tendo o povo como testemunha (v. 7). Para se chegar a um preço final, passava-se pelo processo de pechinchar e de demonstrar uma cortesia cheia de deferência, que, às vezes, servia para esconder a ganância e a intriga. Abraão, porém, fez um pedido franco e honesto: desejava comprar a caverna de Macpela de Efrom, que naquela ocasião encontrava-se no meio do povo.

Seguindo o costume do Oriente, Efrom ofereceu como presente a Abraão não apenas a caverna, mas também os campos em volta. É claro que se tratava apenas de uma astuta manobra de sua parte, uma vez que não tinha qualquer intenção de doar tal propriedade valiosa, especialmente para um homem tão rico quanto Abraão. No entanto, a resposta de Efrom deu a Abraão duas informações: Efrom estava disposto a vender, mas queria fechar negócio com a propriedade toda, não somente a caverna.

Efrom havia colocado Abraão numa situação difícil e sabia disso. Sara precisava ser sepultada logo, e Efrom possuía a única propriedade que atendia as necessidades de Abraão. Assim, Abraão concordou em comprar a caverna e os campos ao redor antes mesmo que Efrom fizesse seu preço. Isso é o que se chama viver pela fé! O preço de Efrom foi extremamente alto, mas Abraão pagou-o e tomou posse da propriedade.

Em Atos 7:15, 16, Estêvão parece entrar em contradição com o relato de Gênesis ao dizer que Abraão comprou a propriedade de Hamor, situada em Siquém, e não Hebrom (Gn 23:19). No entanto, certamente se tratam de duas sepulturas diferentes. É provável

que Abraão tivesse comprado de Hamor outra propriedade para usar de sepultura e que, anos mais tarde, Jacó teve de comprá-la de volta (Gn 33:18, 19). Uma vez que Abraão, Isaque e Jacó mudavam-se com frequência, era difícil para os moradores daquela terra saber exatamente onde estavam aqueles estrangeiros e quais eram suas propriedades.

Em nossos negócios com pessoas do mundo, devemos ter o cuidado de manter a honestidade e a integridade e de colocar o testemunho do Senhor antes do lucro. Abraão sabia que Efrom o havia colocado num beco sem saída, e, por mais que o povo do Oriente goste de negociar, era inútil regatear sobre o preço.

O túmulo de Abraão (vv. 17-20). A oração-chave desse capítulo usada sete vezes é “sepultar ali a minha [tua] morta”. Apesar de Sara já não estar mais com ele, Abraão mostrou respeito para com seu corpo e quis dar-lhe um sepultamento apropriado. Esse é o costume para o povo de Deus ao longo de todas as Escrituras. Nem os judeus do Antigo Testamento nem os cristãos do Novo Testamento cremavam seus mortos. Em vez disso, lavavam o corpo, envolviam-no em um pano limpo com especiarias e colocavam-no no solo ou num sepulcro. Apesar de haver alguns casos em que a cremação pode ser o melhor fim a ser dado para o corpo, a maior parte dos cristãos prefere o sepultamento. Assim foi feito com o corpo de nosso Senhor depois de sua morte (Mt 27:57-61) e, ao que parece, Paulo ensina sobre o sepultamento em 1 Coríntios 15:35-46.

Quando Abraão comprou a caverna de Macpela para usá-la como sepultura, estava fazendo uma declaração de fé a todos os presentes. Não levou Sara de volta a seu antigo lar em Ur, mas sepultou-a na terra que Deus havia dado a ele e a seus descendentes. Não desconsiderou o corpo, mas sim deu-lhe um sepultamento adequado, *tendo em vista a ressurreição prometida*. Quando Deus nos salva, ele o faz como um todo e não só “a alma”. O corpo tem um futuro, e o sepultamento é testemunho de nossa fé na volta de Cristo e na ressurreição do corpo.

Devemos ressaltar, porém, que a ressurreição não é uma “reconstrução”, e que Deus não vai reconstituir o pó do corpo e restaurá-lo à sua condição anterior. Deus nos promete um novo corpo! Em 1 Coríntios 15:35-38, Paulo deixa claro que há *continuidade* porém não *identidade* entre o antigo corpo e o novo.

O apóstolo ilustrou esse milagre ao falar da plantação de uma semente. A semente morre e se decompõe, mas dela sai uma linda flor ou algum tipo de grão. Há continuidade, porém não identidade: O que brota do solo não é a mesma semente plantada, mas aquilo que saiu dessa semente. O sepultamento do cristão serve como testemunho de que cremos na futura ressurreição.

No final de Gênesis, a sepultura de Abraão encontra-se bastante cheia. Sara foi sepultada lá, depois Abraão, Isaque, Rebeca e Lia (Gn 49:29-31) e, posteriormente, Jacó (Gn 50:13). Gênesis termina com um sepulcro cheio, mas os quatro Evangelhos terminam com um sepulcro vazio! Jesus conquistou a morte e tirou dela seu aguilhão (1 Co 15:55-58). Por causa de sua vitória, não precisamos temer a morte nem a sepultura.

Abraão era dono de toda aquela terra, mas a única propriedade que lhe pertencia legalmente era uma *sepultura*. Se o Senhor Jesus não voltar para nos levar para o céu, a *única propriedade que cada um de nós terá neste mundo será um pequeno lote no cemitério!* Não levaremos nada conosco, deixaremos tudo para trás (1 Tm 6:7). No entanto, se estamos investindo em coisas eternas, podemos “despachá-las com antecedência” (Mt 6:19-34). Se vivemos pela fé, então podemos morrer pela fé. Quando você morre pela fé, seu futuro é maravilhoso.

Em novembro de 1858, o missionário John Paton chegou às ilhas Hebrides para começar um ministério entre o povo de lá. No dia 12 de fevereiro de 1859, sua esposa deu à luz um filho e, no dia 3 de março, ela faleceu. Dezesete dias depois, o bebê morreu. “Se não fosse por Jesus que ali compartilhou de meu sofrimento”, disse Paton, “eu teria enlouquecido e morrido ao lado daquele túmulo solitário”.

No entanto, não nos angustiamos como aqueles que não têm esperança! Nascemos de novo “para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pe 1:3) e estamos “aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2:13).

2. A MORTE DE UM PATRIARCA (Gn 25:1-11)

Depois que uma pessoa morre, lemos o obituário e, depois do sepultamento, lemos o testamento. Façamos o mesmo com Abraão.

O obituário de Abraão (vv. 7, 8). Ele “morreu em ditosa velhice” (Gn 15:15), conforme o Senhor havia lhe prometido. Havia caminhado com Deus durante um século (Gn 12:4) sendo “o amigo de Deus” (Tg 2:23). A velhice é boa quando se tem a bênção do Senhor na vida (Pv 16:31). Apesar da degeneração física e da fraqueza, é possível desfrutar a presença de Deus e a vontade dele até o fim (2 Co 4:16 – 5:8).

Assim como Sara antes dele, Abraão “morreu caminhando na fé”. Durante cem anos, ele foi estrangeiro e peregrino na terra, em busca de um país celestial e, por fim, seus anseios foram atendidos (Hb 11:13-16). Sua vida não foi fácil, mas ele andou pela fé, um dia de cada vez, e o Senhor o acompanhou até o fim. Sempre que Abraão falhava diante do Senhor, voltava para Deus e começava de novo, e o Senhor lhe dava um recomeço.

Além disso, morreu “avançado em anos” (Gn 25:8). Isso indica mais do que quantidade de tempo; sugere qualidade de vida. James Strahan traduz essa oração como “satisfeito com a vida” (*Hebrew Ideals*, p. 197). Abraão, que continuou próspero e produtivo até a idade avançada, foi uma demonstração viva do retrato de velhice apresentado no Salmo 92:12-15. Como são poucas as pessoas que experimentam verdadeira alegria e satisfação ao chegar a uma idade avançada! Quando olham para trás, é com arrependimento; quando olham para frente, é com medo; e quando olham ao redor, é com murmuração.

Diz o comentário espirituoso que é melhor estar “indo morro abaixo” do que estar

“embaixo do morro”. Porém, para aquele que confia em Jesus Cristo e vive por sua Palavra, a morte não é uma ameaça. A velhice pode ser um tempo de experiências ricas com o Senhor e de oportunidades maravilhosas de compartilhar dele com a geração seguinte (Sl 48:13, 14; 78:5-7). Então, quando a morte chegar, você encontrará o Senhor com alegre confiança.

Deus prometeu que Abraão morreria “em paz” (Gn 15:15), e assim foi. O poeta galês Dylan Thomas escreveu que: “a velhice deve inflamar-se e enfurecer-se com o dia que se vai”; mas essa não é a atitude do cristão com relação à velhice ou à morte. Abraão foi salvo pela fé (v. 6) desfrutando, assim, de “paz com Deus” (Rm 5:1). Andara no caminho da justiça e, portanto, estava em paz com o Senhor (Is 32:17). O Deus que o havia guiado ao longo de um século não o abandonaria na reta final (Is 46:4).

Assim como todas as outras coisas na vida, para ser bem-sucedido na velhice, deve-se começar a trabalhar nisso ainda jovem. Esse é o conselho de Salomão em *Eclesiastes* 12. Esse capítulo descreve alguns dos problemas físicos inevitáveis da velhice, mas também enfatiza que uma vida piedosa começa na juventude, como um investimento que paga altos juros quando a vida vai chegando ao fim.

A expressão “e foi reunido ao seu povo” (Gn 25:8) não significa que foi sepultado com a família, pois na sepultura da família só havia o corpo de Sara. É a primeira vez que essa expressão aparece na Bíblia e significa ir para onde estão aqueles que morreram, referindo-se ao espírito, não ao corpo (Tg 2:26). A palavra do Antigo Testamento para o lugar onde estão os que morreram é *sheol*; no Novo Testamento, seu equivalente é *hades*. Trata-se do “lar” temporário dos espíritos dos mortos que aguardam a ressurreição (Ap 20:11-15).

O lar permanente dos salvos é o céu, e o dos perdidos, o inferno. Lucas 16:19-31 indica que esse *sheol-hades* é dividido em duas partes, separadas por um enorme abismo, e que os salvos estão num lugar de bênção, enquanto os perdidos encontram-se num

lugar de dor. É bem possível que Jesus tenha esvaziado a parte do *sheol-hades* correspondente ao paraíso quando voltou para o céu em glória (Ef 4:8-10). A parte do hades reservada ao castigo será esvaziada na ressurreição que antecede o julgamento diante do grande trono branco (Ap 20:11-15). Para os perdidos, o hades é a cadeia da delegacia, enquanto o inferno é a penitenciária.

Um dia você será “reunido ao seu povo”. Se o povo de Deus foi seu povo em vida, então estará com ele depois da morte, no lar que Jesus está preparando (Jo 14:1-6). Se a família cristã não é seu “povo”, então você ficará com a multidão que está indo para o inferno, conforme a descrição de Apocalipse 21:8, 27. É melhor tomar a decisão certa, pois a eternidade é para sempre.

O testamento de Abraão (vv. 1-6).

Abraão deixou sua riqueza material para a família e a riqueza espiritual para o mundo, para todos aqueles que crerem em Jesus Cristo.

Quando Deus renovou as forças naturais de Abraão para gerar Isaque, não retirou dele essas forças. Assim, depois da morte de Sara, Abraão pôde se casar novamente e ter outra família. No entanto, fez uma distinção entre esses outros seis filhos e seu filho Isaque, pois Isaque havia sido escolhido por Deus para dar continuidade à linhagem da aliança. Os filhos de Quetura receberam presentes, mas Isaque recebeu a herança e as bênçãos da aliança.

Todos os que confiam em Jesus Cristo são “filhos da promessa, como Isaque” (Gl 4:28). Isso significa que temos parte no testamento de Abraão! O que ele deixou de herança para nós?

Primeiramente, Abraão nos deixou *um testemunho claro da salvação pela fé*. Paulo citou seu exemplo em Romanos 4:1-5, relacionando-o à experiência de Abraão em Gênesis 15. Era impossível que a salvação de Abraão fosse resultado de guardar a lei, pois a lei ainda não havia sido dada. Ele não podia ter sido salvo pelo ritual da circuncisão, pois Deus o declarou justo muito antes de Abraão ser circuncidado. Como todas as outras pessoas que já aceitaram a salvação,

Abraão foi salvo única e exclusivamente pela fé (ver Hb 11 e Gl 3).

Contudo, Abraão também nos deixou o exemplo de *uma vida fiel*. Tiago usou Abraão para ilustrar a importância de aperfeiçoar nossa fé pelas obras (Tg 2:14-26). Aonde quer que Abraão fosse, montava sua tenda e construía seu altar. Também deixava claro para o povo da terra que era um adorador do Deus vivo e verdadeiro. Quando ofereceu Isaque no altar, Abraão provou sua fé em Deus e seu amor pelo Senhor. O patriarca não foi salvo por obras, mas provou sua fé pelas obras.

Com Abraão, aprendemos a *andar pela fé*. É verdade que, ocasionalmente, sofreu alguns lapsos de fé; contudo, no balanço geral, sua vida evidenciou fé na Palavra de Deus. “Pela fé, Abraão [...] obedeceu” (Hb 11:8). “O cerne, a essência da fé”, disse Charles Spurgeon, “encontra-se na total confiança nas promessas”.

O falecido maestro e compositor Leonard Bernstein disse numa entrevista: “Creio em tudo, creio em qualquer coisa que qualquer pessoa crê, pois creio nas pessoas. Em outras palavras, creio na convicção, creio na fé” (*Maestro: Encounters With Conductors of Today*, Helena Matheopoulos, Harper & Row, 1982, p. 7).

Contudo, “crer na fé” não é o mesmo que crer em Deus, pois é uma convicção sem fundamento. É como construir sobre a areia (Mt 7:24-27). *A verdadeira fé é uma resposta de obediência à Palavra de Deus*. Deus fala, nós o ouvimos, cremos e, então, fazemos o que ele ordena. Abraão e Sara apegaram-se às promessas de Deus, e o Senhor recompensou sua fé.

Abraão deu ao mundo a *nação judaica* e, por intermédio dos judeus, temos conhecimento do verdadeiro Deus, da Palavra de Deus e da salvação de Deus (Jo 4:22). Para mim, é absolutamente incompreensível que alguém seja anti-semita, tendo em vista quanto os judeus deram ao mundo e quanto sofreram no mundo. É uma pena que os judeus pensassem que o fato de serem descendentes de Abraão e de Sara era suficiente para salvá-los (Mt 3:7-12; Jo 8:33-59), quando,

na verdade, não são em nada diferentes dos gentios perdidos que acreditam que vão para o céu porque seus pais ou avós eram cristãos (Jo 1:11-13).

Por fim, graças a Abraão, *temos um Salvador*. No primeiro versículo do Novo Testamento (Mt 1:1), o nome de Abraão é associado ao nome de Davi e de Jesus Cristo! Deus prometeu a Abraão que, por meio dele, todo o mundo seria abençoado (Gn12:1-3), e Deus cumpriu sua promessa. O problema é que a Igreja não está dizendo ao mundo todo que Jesus é, de fato, "o Salvador do mundo" (Jo 4:42). Estamos guardando as boas novas quando deveríamos estar procurando todas

as maneiras possíveis de torná-las conhecidas a todo o mundo.

No grande plano de redenção de Deus, só pode haver *um Abraão e uma Sara*, mas você e eu temos tarefas a cumprir dentro da *vontade de Deus* (Ef 2:10). No que se refere a sua herança espiritual, é *hoje* que você está escrevendo seu obituário e preparando seu testamento. É *hoje* que você está se preparando para a última etapa da jornada da vida.

Está fazendo os devidos preparativos?

Está vivendo pela fé?

Se você vive pela fé, então, como Abraão, será OBEDIENTE.

TAL PAI, TAL FILHO... QUASE

GÊNESIS 25 – 26

Isaque era filho de pai famoso (Abraão) e pai de filho famoso (Jacó); por esses motivos é, por vezes, considerado um “peso leve” entre os patriarcas. Comparada aos grandes feitos de Abraão e de Jacó, a vida de Isaque parece, de fato, um tanto convencional e comum. Apesar de ter vivido mais tempo do que Abraão ou Jacó, o registro de Gênesis dedica apenas seis capítulos à vida de Isaque e só há um versículo sobre ele em Hebreus 11 (v. 9).

Isaque era um homem quieto e meditativo (Gn 24:63), que preferia arrumar as coisas e ir embora a confrontar os inimigos. Durante seus muitos anos de vida, não viajou para lugares distantes. Abraão havia realizado uma longa jornada de Harã a Canaã e até mesmo visitado o Egito. Jacó foi buscar uma esposa em Harã, mas Isaque passou a vida toda mudando de um lado para outro dentro da terra de Canaã. Se no antigo Oriente Médio existisse o modismo que há hoje de viajar para lugares badalados, Isaque não teria feito parte de todo esse agito.

No entanto, existem mais pessoas como Isaque no mundo do que como Abraão e Jacó. São pessoas que fazem contribuições importantes para a sociedade e para a Igreja, mesmo que seus nomes não apareçam escritos em néon nem sejam citados no boletim do culto de domingo. Além disso, Isaque era parte viva do plano divino que, a seu tempo, produziria a nação judaica, nos daria a Bíblia e traria Jesus Cristo ao mundo, o que não é pouco para um único povo.

Isaque não era um fracassado, apenas *diferente*. Afinal, as pessoas de cada geração

precisam descobrir sua verdadeira identidade e viver de acordo com ela e não passar a vida toda procurando servilmente imitar seus antepassados. “Os homens nascem iguais”, escreveu o psiquiatra Erich Fromm em sua obra *Fuga da liberdade*, “mas também nascem diferentes”. Descobrir nosso caráter singular e usá-lo para a glória de Deus é o desafio essencial da vida. Por que ser uma imitação barata, quando pode ser um valioso original?

Nenhuma geração existe isoladamente, pois quer gostemos disso quer não, cada nova geração está ligada às anteriores. Isaque estava unido a Abraão e Sara por laços que não podiam ser facilmente ignorados nem rompidos. Vejamos alguns desses laços e o que eles nos ensinam sobre nossa própria vida de fé nos dias de hoje.

1. ISAQUE RECEBEU A HERANÇA DE SEU PAI (GN 25:1-18)

Abraão reconheceu seus outros filhos ao dar-lhes presentes e enviá-los para outros lugares, garantindo, assim, que não tomariam o lugar de Isaque como herdeiro de direito. Juntamente com uma enorme riqueza (Gn 13:2; 23:6), Isaque também herdou as bênçãos da aliança que Deus havia dado a Abraão e Sara (Gn 12:1-3; 13:14-18; 15:1-6). Isaque tinha pais que criam em Deus e, apesar de alguns deslizos ocasionais, procuravam agradecer ao Senhor.

Ismael, o primogênito de Abraão (cap. 16), não foi escolhido para ser o filho da promessa e herdeiro das bênçãos da aliança. Deus prometeu abençoar Ismael e fazer dele uma grande nação e cumpriu sua promessa (Gn 17:20, 21; 25:12-16); “a minha aliança, porém, estabeleci-la-ei com Isaque” (Gn 17:21; ver também Rm 9:6-13). Ismael estava presente no funeral de seu pai (Gn 25:9), mas não estava incluído na leitura do testamento de Abraão.

Ismael é o retrato da pessoa “natural” (1 Co 2:14), ainda não salva, que está fora da fé e é hostil para com as coisas de Deus. Isaque, porém, é o retrato daqueles que creem em Jesus Cristo e experimentaram o milagre do novo nascimento pelo poder de

Deus (1 Pe 1:22, 23). “Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque” (Gl 4:28). Ismael nasceu escravo, mas Isaque nasceu livre (Gl 4:21-31; 5:1, 2); Ismael nasceu pobre, mas Isaque nasceu rico. Todo aquele que crê em Jesus Cristo compartilha de todas as bênçãos do Espírito em Cristo (Ef 1:3) e é parte da gloriosa herança de Cristo (vv. 11, 18).

Desde o momento em que nascemos, todos nós dependemos da geração mais velha para cuidar de nós até que possamos fazer isso sozinhos. Também temos uma dívida para com as gerações anteriores por guardar e passar a nós o conhecimento, as aptidões, as tradições e a cultura – elementos extremamente importantes para nossa vida diária. Imagine como seria a vida se cada nova geração tivesse de produzir o alfabeto, inventar a impressão, descobrir a eletricidade ou criar a roda!

A parte mais importante do legado de Isaque não era a grande riqueza material deixada pelo pai, mas sim a riqueza espiritual que lhe deixaram seu pai e sua mãe: conhecer o Deus vivo e verdadeiro, confiar nele e ser parte das bênçãos da aliança que Deus, em sua graça, havia concedido a Abraão e Sara e a seus descendentes. Como é triste quando filhos de cristãos consagrados dão as costas para sua herança espiritual de valor inestimável – como fizeram Ismael e Esaú – e vivem para o mundo e para a carne, em vez de se dedicarem ao Senhor!

2. ELE OROU AO DEUS DE SEU PAI (GN 25:19-34)

Gênesis é um registro de dez “gerações”¹ sucessivas. As gerações passam, mas o Senhor permanece e não muda. “Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração” (Sl 90:1).

Um lar dedicado (vv. 19, 20). Quando Isaque estava com quarenta anos de idade, Deus escolheu Rebeca para ser sua esposa (Gn 24; 25:20), e temos motivos para crer que os dois eram dedicados ao Senhor e um ao outro. O relato indica que, dos dois, era Rebeca quem possuía uma personalidade mais agressiva no que se referia às questões

de família. Mas talvez ela fosse exatamente o tipo de esposa de que Isaque precisava. Quaisquer que sejam os erros cometidos por Isaque como marido e pai, uma coisa é certa: quando era jovem, colocou-se espontaneamente sobre o altar a fim de obedecer ao pai e de agradecer ao Senhor (Gn 22; Rm 12:1, 2).

Um lar desiludido (v. 21). Isaque e Rebeca esperaram vinte anos por uma família, mas os filhos não vieram. O Livro todo de Gênesis enfatiza a soberania de Deus e a sabedoria de suas “demoras”. Abraão e Sara tiveram de esperar vinte e cinco anos antes que Isaque nascesse; Jacó teve de trabalhar arduamente durante quatorze anos para conseguir suas duas esposas; José precisou esperar mais de vinte anos antes de reconciliar-se com os irmãos. Nosso tempo está nas mãos de Deus (Sl 31:15), e seu tempo é perfeito.

Assim como Abraão, Isaque era um homem de oração, de modo que intercedeu junto ao Senhor por sua esposa estéril. Isaque tinha todo o direito de pedir filhos a Deus tomando por base as promessas da aliança que o Senhor havia feito ao pai e à mãe, promessas que Isaque havia ouvido repetidamente em sua família e nas quais ele cria. Se Rebeca permanecesse estéril, de que modo a descendência de Abraão poderia se multiplicar como o pó da terra e as estrelas do céu? De que modo a descendência de Abraão se tornaria uma bênção para o mundo todo? (Gn 12:1-3; 13:16; 15:5; 17:6)

É certo que o propósito da oração não é conseguir que seja feita nossa vontade no céu, mas sim a vontade de Deus na Terra. Mesmo que todo casal hebreu quisesse ter filhos, Isaque não estava orando de modo egoísta. Estava preocupado com o plano de Deus para cumprir sua aliança e abençoar o mundo todo através do Messias prometido (Gn 3:15; 12:1-3). A verdadeira oração implica preocupar-se com a vontade de Deus, não com nossos próprios desejos, e apropriar-se das promessas de Deus na Palavra. O Senhor respondeu à oração de Isaque e permitiu que Rebeca concebesse.

Um lar angustiado (vv. 22, 23). Um problema logo puxou outro, pois a gestação de Rebeca foi difícil: os bebês em seu ventre

estavam lutando entre si. A palavra hebraica usada nessa passagem significa “esmagar ou oprimir”, sugerindo que os movimentos dos fetos não eram normais. Rebeca ficou imaginando se Deus estava tentando lhe dizer alguma coisa e foi buscar uma resposta. Isaque era feliz por ter uma esposa que não apenas sabia orar, mas também desejava compreender a vontade de Deus para si mesma e para seus filhos.

Na história da salvação, a concepção e o nascimento de filhos é um acontecimento divinamente ordenado que tem conseqüências significativas. Foi o caso do nascimento de Isaque (Gn 18 e 21), dos doze filhos de Jacó (Gn 29:30 - 30:24), de Moisés (Êx 1), de Samuel (1 Sm 1 - 2), de Davi (Rt 4:17-22) e de nosso Senhor Jesus Cristo (Gl 4:4, 5). A concepção, o nascimento e a morte são desígnios divinos, não acidentes humanos, e constituem parte do plano amoroso e sábio de Deus para seu povo (Sl 116:15; 139:13-16).

Imagine a surpresa de Rebeca quando soube que seus dois filhos lutariam um contra o outro a vida toda! Cada filho daria origem a uma nação, e essas duas nações (Edom e Israel) se rivalizariam, porém o mais jovem seria senhor do mais velho. Assim como Deus havia escolhido Isaque - o segundo filho - e não Ismael, o primogênito, também escolheu Jacó, o segundo a nascer, e não Esaú, o primogênito. O fato de o mais jovem ser senhor do mais velho ia contra a tradição humana e a lógica, mas foi o que decidiu o Deus soberano (Rm 9:10-12),² e Deus nunca erra.

Um lar dividido (vv. 24-28). O nome “Esaú” provavelmente significa “peludo”. Ele também tinha um apelido: “Edom”, que quer dizer “ruivo” e refere-se à cor do seu cabelo e à sopa de lentilhas que Jacó lhe vendeu (vv. 25, 30). Os gêmeos não eram diferentes apenas em aparência, mas também em personalidade. Esaú era robusto, gostava de viver ao ar livre e era um ótimo caçador. Jacó era mais “caseiro”. Seria de se pensar que Isaque mostraria preferência por Jacó, uma vez que os interesses dele eram mais parecidos com os seus, mas Jacó era o preferido de Rebeca. Ela era uma mãe muito prática, que sabia o

que estava acontecendo dentro de sua casa, e podia elaborar formas de conseguir o que julgava ser o melhor para todos.

É triste quando os lares se dividem porque pais e filhos colocam seus desejos pessoais acima da vontade de Deus. Isaque gostava de comer a saborosa carne de caça que Esaú trazia para casa, fato que, posteriormente, seria importante para a história da família (Gn 27). Isaque, o homem quieto, realizava seus sonhos em Esaú, o homem corajoso e, ao que parece, ignorava o fato de que seu filho mais velho era um homem do mundo.³ Isaque fazia idéia de que Esaú havia aberto mão de seu direito de primogenitura? O relato não diz. Mas sabia que Deus havia escolhido o filho mais jovem em lugar do mais velho.

Um amigo meu tinha sob o vidro da escrivaninha em seu escritório um cartão que dizia: “Crer é viver sem tramar”. Esse cartão teria sido bom para Jacó. Antes de seu nascimento, havia sido escolhido por Deus para receber o direito de herança e a bênção. Assim, não havia necessidade alguma de elaborar tramas nem de se aproveitar do irmão. É bem provável que Jacó já tivesse visto vários indícios de que Esaú não se preocupava com as coisas espirituais, uma atitude que o tornava inadequado para receber as bênçãos do Senhor e para realizar a vontade de Deus. Talvez Jacó e sua mãe tivessem discutido essa questão.

O nome “Jacó” vem de uma palavra hebraica (*yaaqob*) que significa “que Deus proteja”; mas pelo fato de soar como as palavras *aqueb* (“calcanhar”) e *aqab* (“espreitar” ou “surpreender”), seu nome transformouse num apelido: “ele agarra meu calcanhar” ou “enganador”. Jacó e Esaú já haviam lutado antes de nascer e, durante o parto, Jacó agarrou o calcanhar de seu irmão. Esse gesto foi interpretado como indicação de que Jacó faria seu irmão tropeçar e se aproveitaria dele. A previsão mostrou-se verdadeira.

O fato de que Deus já havia decidido dar as bênçãos da aliança a Jacó não absolve ninguém de sua família das obrigações que tinham diante do Senhor. Todos eram responsáveis por suas ações, pois a soberania

divina não elimina a responsabilidade humana. Na verdade, o fato de saber que se é o escolhido de Deus significa ter responsabilidade ainda maior de fazer a vontade dele.

3. ELE ENFRENTOU AS TENTAÇÕES DE SEU PAI (Gn 26:1-11)

A verdadeira fé é sempre testada, seja pelas tentações dentro de nós ou pelas provações a nosso redor (Tg 1:1-18), pois uma fé que não pode ser testada não é digna de confiança. Deus nos testa para extrair o que há de melhor em nós, mas Satanás nos tenta para extrair o que há de pior em nós. De uma forma de ou de outra, cada nova geração deve passar pelas mesmas provas que as gerações anteriores, mesmo que seja para descobrir que o inimigo não muda e que a natureza humana não progride. Neste capítulo, Abraão é mencionado oito vezes, e podemos encontrar a palavra "pai" em seis ocasiões. Isaque era muito parecido com o pai. Abraham Lincoln estava certo: "Não podemos escapar da história".⁴

A tentação de fugir (vv. 1-6). Quando Abraão chegou a Canaã, deparou-se com uma grande fome naquela terra e enfrentou seu primeiro teste importante de fé (Gn 12:10 - 13:4). A solução que encontrou foi abandonar o lugar que Deus havia escolhido para ele, o lugar de obediência, e correr para o Egito, dando assim um mau exemplo para seus descendentes, propensos a imitá-lo.⁵ O lugar mais seguro do mundo é dentro da vontade de Deus, pois a vontade de Deus nunca nos conduz a um lugar em que sua graça deixe de prover o que necessitamos. A incredulidade pergunta: "Como posso sair dessa situação? Enquanto a pergunta da fé é: "O que posso aprender com essa situação?"

Quando Isaque enfrentou o problema da fome, decidiu ir para Gerar, a capital dos filisteus, e buscar a ajuda de Abimeleque.⁶ É bem provável que, naquele tempo, Isaque e Rebeca estivessem vivendo em Beer-Laai-Roi (Gn 25:11), o que significa que viajaram cerca de cento e dez quilômetros a noroeste para chegar a Gerar. Mesmo depois de chegarem lá, é possível que Isaque e Rebeca tivessem se sentido tentados a ir para o Egito, que

ficava ao sul, apesar de Deus os ter advertido para não levar essa possibilidade em consideração.

Deus permitiu que Isaque ficasse na Filístia e prometeu abençoá-lo. Deus havia prometido a Abraão que seus descendentes se multiplicariam grandemente e que, um dia, possuiriam todas aquelas terras. Assim, Isaque tinha o direito de estar lá, desde que fosse com a aprovação de Deus (ver Gn 12:2, 3; 13:16; 15:5; 17:3-8; 22;15-18). Deus abençoou Isaque por amor a Abraão (Gn 26:5; ver também v. 24), assim como abençoa os crentes de hoje por amor a Jesus Cristo.

É impossível fugir das provações, pois Deus providencia para que seus filhos aprendam suas lições de fé aonde quer que vão. Não podemos crescer na fé ao fugir das dificuldades, porque "a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência" (Rm 5:3, 4). Assim como Davi, talvez desejemos ter "asas como de pomba" para poder [voar] e [achar] pouso" (Sl 55:6), mas se fizéssemos isso, seríamos sempre como pombas, quando, na verdade, Deus quer nos ver subir "com asas como águias" (Is 40:31).

A tentação de mentir (vv. 7-11). Isaque conseguiu fugir da fome, mas quando se colocou numa situação da qual não tinha como escapar, teve de recorrer à falsidade a fim de se proteger. Abraão cometeu o mesmo pecado em duas ocasiões: uma vez no Egito (Gn 12:14-20) e outra na Filístia (Gn 20). Lembre-se de que "crer é viver sem tramar", e mentir é uma das maneiras prediletas da humanidade de fugir da responsabilidade.

Perguntaram a Isaque quem era a mulher que estava com ele e, assim como seu pai, Abraão, havia feito antes dele, Isaque respondeu que era sua irmã.⁷ No entanto, quando Abimeleque viu Isaque acariciando Rebeca, soube que ela era esposa dele.⁸ O que levou Isaque a mentir? O medo de que os pagãos o matassem para ficar com sua linda esposa. Sua mentira foi uma demonstração de incredulidade, pois se ele havia se apropriado da promessa da aliança quando orou pedindo filhos (Gn 25:21), por que não lembrar-se de que essa mesma promessa o protergia e à sua esposa?

O poeta inglês John Dryden escreveu: "A verdade é o alicerce de todo conhecimento e a argamassa de todas as sociedades". Quando as pessoas não cumprem sua palavra, os alicerces da sociedade são abalados, e as coisas começam a desmoronar. Lares felizes, amizades duradouras, negócios prósperos, governos estáveis e igrejas que dão fruto – o sucesso de todas essas coisas depende da verdade. O pregador norte-americano Phillip Brooks disse: "A verdade é sempre forte, não importa quão frágil pareça; a mentira, por sua vez, é sempre fraca, não importa quão forte pareça". A verdade é como argamassa, a mentira, como calção.

Quando se viu em dificuldade, Isaque foi tentado a fugir e a mentir. Enfrentamos essa mesma tentação hoje em dia. Isaque sucumbiu à tentação e foi descoberto. É triste quando pessoas incrédulas, como Abimeleque, expõem publicamente as mentiras contadas por um servo de Deus. Quanta vergonha para a causa do Senhor, a causa da verdade!

4. CAVOU NOVAMENTE OS POÇOS DE SEU PAI (GN 26:12-33)

Isaque herdou diversos rebanhos do pai, que havia levado uma vida nômade. Com sua riqueza, o herdeiro fixou-se num só lugar e tornou-se um fazendeiro, permanecendo em Gerar "por muito tempo" (v. 8).

A bênção (vv. 12-14). Isaque e seus vizinhos tinham acesso ao mesmo solo e dependiam do mesmo sol e da mesma chuva, mas as colheitas de Isaque eram mais fartas do que as deles, e seus rebanhos multiplicavam-se com mais abundância. Qual era o segredo? Deus cumpriu sua promessa e abençoou Isaque e tudo o que ele fazia (vv. 3-5). Anos depois, Deus daria uma bênção semelhante a Jacó (Gn 31).

No entanto, Isaque era um enganador! Como o Senhor podia abençoar alguém que afirmava ser crente e, no entanto, mentia deliberadamente para os vizinhos? Porque Deus é sempre fiel a sua aliança e cumpre suas promessas (2 Tm 2:11-13), e a única condição que Deus colocou para cumprir suas promessas de bênçãos era que Isaque

permanecesse na terra prometida e não fosse para o Egito.

Deus também abençoou Isaque por causa da vida e da fé de Abraão (Gn 26:5), assim como ele nos abençoa por amor a Jesus Cristo. Até que cheguemos ao céu, não saberemos quantas de nossas bênçãos foram "dividendos" de investimentos espirituais feitos por amigos e familiares piedosos que trilharam esse caminho antes de nós.

O conflito (vv. 14-17). Apesar de suas bênçãos materiais, Isaque, ainda assim, sofreu em função de sua mentira, pois as bênçãos que recebeu trouxeram fardos e batalhas para sua vida. Ao ver sua grande riqueza, os filisteus ficaram com inveja dele e decidiram que Isaque era uma ameaça a sua segurança. (Uma situação semelhante ocorreria mais tarde, quando o povo hebreu se multiplicou no Egito. Ver Êx 1:8ss.) "A bênção do SENHOR enriquece, e, com ela, ele não traz desgosto" (Pv 10:22). Se Isaque não tivesse mentido sobre sua esposa, Deus não o teria disciplinado, antes lhe teria dado paz com os vizinhos (Pv 16:7). Por causa de seu pecado, porém, as bênçãos materiais de Isaque lhe causaram transtornos.

Os filisteus tentaram convencer Isaque a sair de lá e a assentar-se em algum outro lugar e, para compeli-lo, taparam os poços de Abraão, de modo que os rebanhos ficaram sem a água, da qual precisavam tão encarecidamente. A água era um bem precioso no Oriente Próximo, e ainda hoje é necessário cavar determinados tipos de poço para prosperar naquela terra. A crise ocorreu quando o rei ordenou que Isaque mudasse de lá, e Isaque obedeceu.

A busca (vv. 18-22). Não importava quanto Isaque viajasse, o inimigo o seguia e confiscava os poços de seu pai bem como os novos poços que os servos de Isaque cavavam. Encontrar um poço de "água nascente" (v. 19) era uma bênção especial, pois garantia água fresca em todo o tempo, mas os filisteus também lhe tomaram esse poço. Os nomes dos poços que Isaque cavou mostram os problemas que teve com os vizinhos, pois *Eseque* significa "contenda" e *Sitna* quer dizer "ódio". Reobote, porém,

significa “expansão”, pois Isaque finalmente encontrou um lugar onde foi deixado em paz e achou espaço suficiente para seu acampamento e seus rebanhos.

Sempre que Abraão tinha um problema com alguém, ele o confrontava com ousadia e acertava a questão, fosse seu sobrinho Ló (Gn 13:5-18), reis invasores (Gn 14), Agar e Ismael (Gn 21:9ss) ou os filisteus (vv. 22ss). No entanto, Isaque era um homem prestes a se aposentar, que desejava evitar confrontos. Como era um peregrino, podia mudar seu acampamento de lugar e ser um pacificador.

A cada situação difícil da vida, é preciso ter o discernimento de Deus para saber se o Senhor deseja que sejamos confrontadores, como Abraão, ou pacificadores, como Isaque, pois Deus pode abençoar e usar as duas abordagens. “Quanto depender de vós, tende paz com todos os homens” (Rm 12:18). Às vezes, isso não é possível, mas devemos pelo menos tentar. Devemos, também, depender da sabedoria do alto, que é “pura” e “pacífica” (Tg 3:17).

Ao observar a experiência de Isaque do ponto de vista espiritual, podemos aprender uma lição importante. Na Bíblia, os poços, alguma vezes, simbolizam bênçãos das mãos do Senhor (Gn 16:14; 21:19; 49:22; Êx 15:27; Nm 21:16-18; Pv 5:15; 16:22; 18:4; Ct 4:15; Is 12:3; Jo 4:14).⁹ A Igreja vive buscando alguma coisa nova quando, na verdade, tudo o que precisamos é cavar novamente os antigos poços de vida espiritual que têm sustentado o povo de Deus desde o começo – a Palavra de Deus, a oração, a adoração, a fé, o poder do Espírito, o sacrifício e o serviço – poços que permitimos que o inimigo tapasse. Sempre que houve um reavivamento espiritual de poder na história da Igreja, foi porque alguém cavou novamente os velhos poços, de modo que o Espírito vivificador de Deus tivesse liberdade de operar.

A segurança (vv. 23-25). Berseba era um lugar muito especial para Isaque, pois era lá que seu pai havia feito uma aliança com os líderes filisteus (Gn 21:22ss). “Berseba” quer dizer “o poço do juramento”. O Senhor nos dá sua palavra de segurança quando precisamos de encorajamento (ver At 18:9-11;

23:11; 27:23, 24; 2 Tm 2:19). Não importa quem está contra nós, Deus está conosco e é por nós (ver Gn 28:15; 31:3; Rm 8:31-39), por isso não precisamos temer. Em resposta à promessa bondosa de Deus, Isaque construiu um altar e adorou ao Senhor. Estava pronto a enfrentar seus adversários.

Assim como o pai, Abraão, Isaque era identificado por sua tenda e seu altar (Gn 26:25; ver Gn 12:7, 8; 13:3, 4, 18). Isaque era rico o suficiente para construir para si uma mansão, mas sua tenda o identificava como um peregrino e estrangeiro naquela terra (Hb 11:8-10, 13-16). Um fugitivo foge de casa; um vagabundo não tem casa; um estrangeiro está longe de casa; *mas um peregrino está rumando para casa*. A tenda mostrava Isaque era um peregrino, e o altar anunciava que ele adorava a Jeová e estava a caminho do reino celestial.

Como Isaque, todos os que confiam em Jesus Cristo são estrangeiros neste mundo e peregrinos a caminho de um mundo melhor (1 Pe 1:1; 2:11). O corpo no qual vivemos é nosso “tabernáculo”; um dia, ele será desfeito, e iremos para a cidade celestial (2 Co 5:1-8). A vida aqui na Terra é curta e temporária, pois este tabernáculo é frágil, mas o corpo glorificado será nosso por toda a eternidade (Fp 3:20, 21; 1 Jo 3:1-3). Mas, enquanto estamos aqui na Terra, sejamos fiéis em construir altares e em dar testemunho de que Jesus Cristo é o Salvador do mundo.

O acordo (vv. 26-33). A estratégia de Isaque deu certo, pois os líderes filisteus foram até ele a fim de acertar a questão dos direitos de propriedade (ver Gn 21:22ss). Fortalecido pelas promessas de Deus, Isaque foi muito mais ousado em sua abordagem e confrontou os filisteus com seus delitos. Vale a pena observar que a conduta de Isaque durante esse conflito causou grande impacto sobre esses líderes, que puderam ver que o Senhor o abençoava ricamente. Mais importante do que o direito de propriedade dos poços foi o privilégio que Isaque teve de compartilhar seu testemunho com vizinhos pagãos. (Para uma situação oposta, ver 1 Co 6:1-8.)

Isaque e os líderes conseguiram chegar a um acordo. Para selar o tratado, Isaque

ofereceu um banquete, uma vez que, naquela cultura, comer com outros era uma forma de criar laços fortes de amizade e de apoio mútuo. Naquele mesmo dia, os servos encontraram um dos poços de Abraão (Gn 21:25-31) e *abriram-no*. *Isaque chamou-o novamente de Berseba*. “O poço do juramento” passou, assim, a referir-se tanto ao tratado de Isaque como ao de Abraão.

Mais conflitos (vv. 34, 35). Isaque estava em paz com seus vizinhos, mas seu lar encontrava-se em pé de guerra. Esaú, o filho profano, havia se casado com duas esposas pagãs que deram muita tristeza a Isaque e Rebeca. (Mais tarde, só para provocar os pais, ele se casou com uma terceira mulher pagã. Ver Gn 29:8, 9.) Tendo em vista a vida pecaminosa que Esaú levava, é de se perguntar por que Isaque desejava dar-lhe a bênção patriarcal (Gn 27).

Todos nós gostaríamos de encontrar nosso “Reobote” (expansão), de forma a ter espaço em abundância e sem contendas, mas Isaque só o encontrou depois de suportar conflitos. É por meio das dificuldades que Deus nos faz crescer para que ocupemos os lugares mais amplos que tem preparado para nós. “Ouve-me quando eu clamo, ó Deus da minha justiça; na angústia me deste largueza; tem misericórdia de mim e ouve a minha oração” (Sl 4:1, ARC). Quando crescem as aflições de nosso coração e *confiamos em Deus*, ele nos faz crescer também (Sl 25:17) e nos leva “para um lugar espaçoso” (Sl 18:19). Se queremos “espaço”, precisamos passar pelos sofrimentos, pois esse é o único modo de nos desenvolvermos e de nos sentirmos em casa nos lugares espaçosos que Deus nos dá quando estamos prontos para isso.

- Essas dez orações são citadas em Gênesis 2:4; 5:1; 6:9; 10:1; 11:10; 11:27; 25:12, 19; 36:1; 37:2.
- É indiscutível que Deus tem o direito soberano de escolher como lhe apraz. Seus pensamentos são muito mais elevados do que os nossos, e seus caminhos, “inescrutáveis” (Rm 11:33-36). Na verdade, Paulo deixou claro que o fato de Deus ter escolhido Jacó foi um ato da mais pura graça, não baseado em qualquer mérito de Jacó (Rm 9:10-12). Aqueles que acham a passagem de Malaquias 1:2, 3 (“amei a Jacó, porém aborreci a Esaú”) perturbadora devem se lembrar de que “amar” e “aborrecer” são termos relativos (como em Gn 29:31-33; Dt 21:15-17; Lc 14:26). Nem Jacó e nem Esaú mereciam a graça de Deus mais do que qualquer um de nós a merece hoje em dia (Ef 2:8, 9). O fato de Deus haver escolhido Jacó, mesmo com todas as suas tramas, é tão misterioso quanto o de o Senhor ter escolhido para sua obra o sanguinário Saulo de Tarso.
- O autor de Hebreus 12:16 chamou Esaú de “profano”. A palavra grega significa “acessível a qualquer pessoa”, o oposto de sagrado ou de santificado. O termo, do latim *profanus*, de onde vem a palavra em português, significa “fora do templo, comum, ordinário”. Esaú não tinha desejos nem parâmetros piedosos; era acessível a qualquer um e a qualquer coisa. Como homem profano bem-sucedido, ignorava a vontade de Deus e fazia as coisas a seu modo. O fato de haver se casado com duas mulheres do povo heteu prova que não estava interessado nas coisas de Deus (Gn 26:34, 35).
- Mensagem do Presidente Lincoln ao Congresso em 1º de dezembro de 1862.
- Sempre que se viam em dificuldades, os israelitas ameaçavam voltar para o Egito (Êx 16:1-3; 17:1-4; Nm 11; 14). Durante o declínio do reino, em vez de confiarem em Deus, os reis de Judá muitas vezes buscaram a ajuda do Egito (Is 30:1, 2; 31:1; Jr 42:13ss; Os 7:11).
- Essa jornada, provavelmente, foi realizada durante os vinte anos em que Isaque e Rebeca ficaram sem filhos, quase um século depois que Abraão e Sara tinham estado em Gerar (Gn 20). É possível que “Abimeleque” fosse alguém com o mesmo nome do rei com o qual Abraão havia se encontrado ou talvez esse fosse um título da realeza.
- O pecado de Isaque foi maior, pois ele sabia o que havia acontecido com o pai em duas ocasiões e Rebeca não era sua irmã. Abraão contou uma meia verdade, enquanto Isaque mentiu descaradamente.
- A palavra traduzida por “acariciar” vem do mesmo radical hebraico do nome “Isaque”, que significa “rir” ou “brincar” (ver Gn 17:17; 18:12, 13, 15; 21:6). Apesar de seu amor ser louvável, Isaque e Rebeca estavam trocando expressões de afeto mais apropriadas para a privacidade de seus aposentos.
- A palavra hebraica para “poço” é *be'er*, o que explica por que há lugares na Terra Santa chamados de Berseba (“poço do juramento”; Gn 21:30-31) e de Beer-Laai-Roi (“poço daquele que vive e me vê”; Gn 16:14).

UMA OBRA-PRIMA ARRUINADA

GÊNESIS 27 – 28

O filósofo George Santayana chamou a família de “uma das obras-primas da natureza”. Se isso é verdade, então muitas dessas obras-primas tornaram-se apenas obras arruinadas, pois se esqueceram do Mestre. Gênesis 27 descreve uma família dessas.

Se eu tivesse vivido no tempo dos patriarcas, provavelmente teria dito que o casamento de Isaque e Rebeca seria muito bem-sucedido. Afinal, Isaque era um homem dedicado que se colocou no altar em obediência ao Senhor (Gn 22; Rm 12:1, 2). Ele confiou em Deus para escolher uma esposa para ele (Gn 24) e amou a mulher que Deus lhe enviou (v. 67). Tanto Isaque quanto Rebeca sabiam como orar e buscar a vontade de Deus para seu lar (Gn 25:19-23). O que mais um casal poderia querer?

No entanto, apesar dessas vantagens, a família se desintegrou rapidamente quando Isaque envelheceu. Isso porque seus membros colocaram as próprias tramas e intrigas no lugar da fé, cada um procurando conseguir o que queria. Ao observar as cenas dessa tragédia, vamos estudar cada um dos membros da família de Isaque e ver qual foi sua contribuição para o problema ou para a solução.

1. ISAQUE: DECLÍNIO (GN 27:1-4)

Durante os vinte e três anos em que foi presidente do Instituto Bíblico Moody, em Chicago, o Dr. William Culbertson, com frequência, terminava suas orações dizendo: “Senhor, ajuda-nos a terminar bem”. Deus ouviu suas orações, e o Dr. Culbertson

completou sua corrida vitorioso, mas não é o que acontece com todos os cristãos.

Um bom começo não é garantia de um bom final. Essa é uma das lições que as Escrituras ensinam repetidamente, confirmada de maneira trágica na vida de Ló, Gideão, Sansão, Saul, Salomão, Demas e muitos outros. Acrescentemos Isaque a essa lista. Se já houve um homem abençoado com um começo extraordinário, esse homem foi Isaque. No entanto, terminou a vida envolto em sombras. Considere alguns de seus pecados.

Colocou a si mesmo antes do Senhor.

Isaque estava certo de que ia morrer¹ e, ainda assim, seu maior desejo era desfrutar uma boa refeição feita pelo filho e cozinheiro favorito, Esaú (Gn 25:28).² Quando Abraão, o pai de Isaque, estava se preparando para morrer, sua preocupação foi encontrar uma noiva para o filho e manter a promessa da aliança. Quando o rei Davi estava chegando ao fim de sua vida, organizou os preparativos para a construção do templo, e a preocupação de Paulo antes de seu martírio era que Timóteo fosse fiel em pregar a Palavra e guardar a fé.

Alguém disse bem: “O fim da vida revela os fins para os quais foi vivida”. Quando P. T. Barnum, promotor de eventos, estava morrendo, perguntou:

— Quanto foi a arrecadação de hoje?

Napoleão gritou em seu leito de morte:

— Exército! General do exército!

O naturalista David Thoreau disse apenas duas palavras:

— Alce... Índio.

Porém Isaque, o homem que havia meditado e orado nos campos ao cair da tarde (Gn 24:63) e que havia intercedido junto ao Senhor por sua esposa (Gn 25:21), queria apenas uma coisa: uma saborosa refeição de carne de caça. Em vez de procurar pacificar a contenda em sua família, causada pelo favoritismo egoísta dele e de sua esposa, Isaque perpetuou a rixa e destruiu a própria família.

Desobedeceu o mandamento de Deus.

Antes de os meninos nascerem, Deus havia dito a Isaque e Rebeca que Jacó, o filho mais novo, receberia a bênção da aliança

(Gn 27:19-23). No entanto, Isaque planejava dar a bênção a Esaú. Certamente Isaque sabia que Esaú havia desprezado seu direito de primogenitura vendendo-o a Jacó e que havia se tornado indigno da bênção ao casar-se com mulheres pagãs. Será que Isaque não se lembrava de que seu pai havia mandado um servo percorrer quase oitocentos quilômetros até Harã para encontrar uma esposa adequada para ele? Isaque pensava mesmo que poderia enganar a Deus e dar a bênção ao profano e incrédulo Esaú?

Viveu de acordo com seus sentimentos.

Isaque estava cego e, ao que parece, não podia mais se levantar (Gn 27:19, 31). É de se pensar que, numa situação dessas, ele confiaria em Deus e buscaria seu auxílio. Em vez disso, Isaque rejeitou o caminho da fé e confiou em seus próprios sentidos: paladar (vv. 4, 9, 25), tato (v. 21), audição (v. 22) e olfato (v. 27). Ele usou a “abordagem científica”, e ela o decepcionou. “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (Pv 19:21).

Um personagem do romance de Ernest Hemingway, *Morte na tarde*, provavelmente expressa uma das convicções do próprio Hemingway ao dizer: “Tudo o que sei é que, depois de fazer coisas morais, você se sente bem, e depois de fazer coisas imorais, você se sente mal”. Hoje em dia, a maior parte das pessoas apoiaria essa filosofia de vida, tomando decisões com base apenas no sentimento e não no que se encontra na Palavra de Deus. “Se eu me *sinto* bem, então é bom!”

Isaque era um crente em declínio, vivendo de acordo com as coisas naturais em vez das sobrenaturais, confiando em seus próprios sentidos em lugar de crer na Palavra de Deus e de lhe obedecer. Estava cego, preso ao leito e afirmando que ia morrer, mas, ainda assim, tinha um ótimo apetite. Com um pai desses como cabeça do lar, não é de causar espanto que a família se desintegrasse.

2. REBECA: DISSIMULAÇÃO (GN 27:5-17)

Sir Walter Scott escreveu em seu poema “Marmion”:

“Oh! que teias emaranhadas tecemos / Quando pela primeira vez a arte de enganar praticamos.”

Lembre-se de que crer é viver sem tramar. Crer significa obedecer a Deus independentemente da forma como nos sentimos, daquilo que pensamos ou daquilo que pode acontecer. A obediência resultante da fé foi o segredo da vida de Abraão (Hb 11:8), mas a falta dessa obediência pela fé gerou problemas no lar de Isaque e Rebeca.

Ouvindo furtivamente (v. 5). Rebeca percebeu quando Isaque chamou Esaú para ir à sua tenda e ficou por perto para saber o que estava acontecendo. Mais tarde, quando Esaú revelou que planejava matar o irmão, Rebeca também o ouviu (v. 42), de modo que devia ter o hábito de ouvir furtivamente e de ficar a par do que acontecia na família.

Entretanto, que tragédia quando um marido e sua esposa, antes tão dedicados ao Senhor e um ao outro, deixam de se relacionar, não conversam mais sobre a Palavra de Deus e nem oram juntos.

Armando intrigas (vv. 6-10). Sabendo que Jacó havia sido escolhido para receber a bênção da aliança, Rebeca imediatamente encarregou-se de garantir que o filho predileto não perderia o que o Senhor lhe havia prometido. Se ela e Jacó tivessem conversado com Isaque enquanto Esaú estivesse fora, talvez o patriarca reconhecesse o que estava acontecendo e concordasse com eles. Em vez disso, porém, Rebeca decidiu manipular Jacó e enganar o marido.

O comentário do Novo Testamento sobre essa cena encontra-se em Tiago 3:13-18. Isaque confiava em seus próprios sentidos, mas Rebeca dependia de sua sabedoria terrena. Contudo, a sabedoria terrena sempre termina mal. “Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins” (Tg 3:16).

A rapidez com que Rebeca elaborou seu plano nos leva a suspeitar de que ela já havia pensado nisso de antemão. Ela sabia que Esaú era o filho predileto do marido e que Isaque não era mais o homem espiritual de outrora. Rebeca estava até com a receita pronta e devia mesmo ser uma excelente

cozinheira para fazer com que carne de cabrito ficasse com gosto de carne de caça!

Jurando (vv. 11-17). A preocupação de Jacó não era: “Será que isso é certo?”, mas sim: “Será que *vai dar certo*?”. Estava preocupado com o décimo primeiro mandamento: “Não serás pego em flagrante”. No entanto, Rebeca não planejava usar apenas a carne do cabrito, mas também a pele, de modo a fazer com que Jacó, um rapaz de pele lisa, ficasse parecido com Esaú, que era coberto de pêlos. Ela também vestiu Jacó com as roupas de Esaú para que ele ficasse com o cheiro do irmão, que vivia ao ar livre. Para encorajar seu filho, Jacó, Rebeca disse: “Caia sobre mim essa maldição” (v. 13), mas não fazia idéia do que estava falando. Depois que Jacó partiu para Harã, Rebeca nunca mais viu o filho predileto.

A filosofia de Isaque era: “Se faz com que eu me sinta bem, então é bom”, mas a filosofia de Rebeca era: “Os fins justificam os meios”. Ela não pôde confiar que Deus cumpriria seu plano e teve de ajudar o Senhor... afinal, era por uma boa causa. Contudo, não há lugar para a dissimulação na vida do cristão, pois Satanás é o enganador (2 Co 11:3), mas Jesus Cristo é a verdade (Jo 14:6). “Bem-aventurado o homem [...] em cujo espírito não há dolo” (Sl 32:2).

3. JACÓ: DEFESA (GN 27:18-29)

Ao cooperar com a intriga, Jacó estava apenas obedecendo à sua mãe, mas poderia ter se recusado e sugerido que encarassem a situação de forma honesta e confrontassem Isaque. No entanto, uma vez que Jacó vestiu-se com as roupas de Esaú e tomou aquela saborosa refeição em suas mãos, a sorte estava lançada, e ele precisava desempenhar seu papel com sucesso.

Mentiu sobre seu nome (vv. 18, 19). Isaque pediu que ele se identificasse porque não podia ouvir bem? Provavelmente não (v. 22). É possível que estivesse desconfiado, pois não esperava que Esaú voltasse tão rapidamente da sua caçada (v. 20). Além disso, a voz que ouviu não soava como a de seu filho mais velho. Foi, então, que Jacó contou a primeira mentira: afirmou que era Esaú.

Mentiu sobre a comida e sobre o Senhor (vv. 19, 20). Disse ter atendido os desejos de seu pai (a segunda mentira) e, em seguida, chamou a carne de cabrito de “minha caça” (terceira mentira). Chegou até a dar crédito ao Senhor por tê-lo ajudado a encontrar a caça tão rapidamente (quarta mentira). Não apenas mentiu sobre si mesmo, mas também sobre o Senhor! Usar o Senhor para encobrir um pecado é um passo rumo à blasfêmia.

Mentiu novamente sobre sua identidade e sobre seu amor (vv. 21-27). Não querendo confiar em seus ouvidos, Isaque sentiu as mãos de Jacó e confundiu a pele de cabrito com os pêlos de homem, e Jacó garantiu-lhe, novamente, que era, de fato, Esaú (quinta mentira). Como é trágico ver um filho desonrar o pai dessa maneira! Depois que Isaque havia terminado a refeição, pediu a Jacó que o beijasse, e esse beijo foi a sexta mentira, pois foi um beijo hipócrita (Lc 22:48). Como Jacó podia afirmar que amava o pai exatamente enquanto o enganava? Uma vez que o cheiro das roupas finalmente convenceu Isaque de que era Esaú quem estava lá, tudo estava pronto para que fosse dada a bênção.

Isaque abençoou Jacó com bênçãos naturais e materiais, tão importantes para aqueles que vivem da terra, mas acrescentou ainda autoridade política com referência a seu próprio povo e a outras nações (Gn 27:29). Isaque reafirmou o que Deus havia dito sobre os meninos (Gn 25:23) e, ao usar substantivos no plural (“irmãos” e “filhos”), foi além dos dias de Jacó, pensando no tempo em que a descendência de Jacó se multiplicaria. Durante o reinado de Davi e, depois, no de Salomão, outras nações se sujeitaram ao governo de Israel. Isaque garantiu a Jacó não apenas as bênçãos de Deus, mas também a proteção divina e citou a primeira promessa feita pelo Senhor a Abraão (Gn 12:3).

Estava feito. Isaque não podia revogar a bênção, e ninguém da família conseguiria alterar as conseqüências.

4. ESAÚ: DESESPERO (GN 27:30-40; HB 12:16, 17)

Por pouco Jacó não se encontrou com Esaú voltando da caçada. Que mentira Jacó teria

contado para explicar por que estava vestindo as roupas de seu irmão? Não demorou para que Isaque e Esaú descobrissem a conspiração, mas cada um deles reagiu de forma diferente.

Isaque estremeceu de violenta comoção (vv. 30-33). Um estudioso de hebraico traduziu esse versículo por: “ele tremeu de estremecimento sobremodo excessivo”.³ Por que Isaque ficou tão agitado? Pois sabia que o Senhor havia prevalecido sobre seu plano egoísta de modo que seu filho predileto não recebeu a bênção. Isaque havia mentido para Abimeleque em Gerar (Gn 26) e havia tentado mentir para Deus ao desobedecer à Palavra (Gn 25:23), mas suas mentiras o haviam alcançado.

Esaú chorou e implorou pela bênção (vv. 34-40). O homem que desprezou seu direito de primogenitura e casou-se com duas mulheres pagãs chorou e clamou para que o pai o abençoasse. É claro que a culpa não era dele e sim do irmão ardiloso.⁴ Quando estiver em dúvida, jogue a culpa sobre outra pessoa.

Hebreus 12:16, 17 é o comentário de Deus sobre esse acontecimento. Esaú tentou arrepende-se, mas seu próprio coração estava endurecido demais, e não conseguiu fazer o pai mudar de idéia. As lágrimas de Esaú não eram de arrependimento por ser um homem profano, mas sim de desgosto, pois havia perdido a bênção da aliança. Esaú queria a bênção, mas não desejava ser o tipo de homem que Deus poderia abençoar! Podemos nos esquecer de nossas decisões, mas elas não se esquecem de nós.

A “bênção” de Isaque (Gn 27:39, 40) mandou Esaú para “longe” das bênçãos da terra e do céu concedidas a Jacó. Em vez de governar, Esaú viveria pela espada. Os edomitas – descendentes de Esaú (Edom) – construíram sua nação no monte Seir (Gn 36:5-8), na extremidade sudeste do mar Morto, e foram inimigos constantes dos israelitas. Durante o reinado de Davi, os edomitas eram súditos de Israel, mas quando Jorão era rei de Judá, rebelaram-se e conquistaram sua liberdade (2 Rs 8:20-22).

5. ISAQUE, REBECA E JACÓ: DESPEDIDA (GN 27:41 - 28:9)

Finalmente, os membros daquela família de crentes se reuniram e tomaram decisões sábias. No entanto, ainda há certa dissimulação no ar, pois havia mais de um motivo para Jacó sair de casa.

Para proteger a vida de Jacó (vv. 41-45). A filosofia do “Não se irrite, vá à forra” é bem aceita, especialmente no meio dos políticos, mas Esaú era adepto das duas coisas: cultivava profundo rancor pelo irmão e planejava matá-lo. Afinal, se Esaú não podia desfrutar as bênçãos, Jacó também não. O homem destinado a viver pela espada começaria usando-a em casa.

Sempre por dentro das últimas notícias da família, Rebeca ouviu a ameaça e pôs-se em ação. Seu plano era mandar Jacó para Harã, a fim de viver com o irmão dela, Labão, e mais tarde mandar buscá-lo, quando fosse seguro ele voltar para casa. Sua pergunta: “Por que hei de eu perder os meus dois filhos num só dia?” (Gn 27:45) deixa implícito que esperava que alguém, talvez Deus, se vingasse do assassinato de Jacó e matasse Esaú. O período de “alguns dias” transformou-se em vinte anos, e ela nunca mais viu Jacó aqui na Terra.

Para encontrar uma esposa adequada para Jacó (27:46 - 28:9). Uma vez que as duas esposas pagãs de Esaú (Gn 26:34, 35) eram um aborrecimento em seu lar, Rebeca usou isso como desculpa para discutir com o marido o futuro de Jacó. Tendo em vista que Jacó havia recebido a bênção da aliança, era importante que se casasse com a mulher certa e não com uma das pagãs de Canaã.

Isaque concordou e chamou Jacó para comunicar-lhe a decisão. Ao ser chamado para falar com o pai, talvez Jacó esperasse uma repreensão por aquilo que havia feito, mas não foi o que Isaque fez. O ancião havia sido pego em sua própria rede e sabia que os planos de Deus eram melhores que os seus próprios. Não apenas Isaque falou ao filho com bondade como também deu-lhe mais uma bênção antes de ele começar sua longa jornada para Harã. Dessa vez, o mais

importante foi a “bênção de Abraão”, o cumprimento da promessa de Deus de abençoar a terra por intermédio dos descendentes de Jacó (Gl 3:14).

A reação de Esaú a essa notícia foi mais uma prova de que ele desprezava tudo o que era espiritual, pois saiu e tomou para si outra esposa. Uma vez que Jacó estava procurando uma esposa dentre as filhas de seu tio, Labão, Esaú escolheu sua mulher da família de seu tio Ismael. Talvez tivesse pensado que sua escolha o qualificaria para receber algum tipo de bênção de Deus, mas isso só aumentou a irritação dos pais.

6. JACÓ: DEDICAÇÃO (GN 28:10-22)

Jacó, o rapaz “caseiro”, não tinha mais um lar e estava começando uma caminhada de quase oitocentos quilômetros até Harã fugindo de um irmão irado. Tinha diante de si um futuro incerto, e a única coisa na qual podia se apoiar era a bênção de seu pai. Daquele momento em diante, o rapaz caseiro teria de tornar-se um peregrino e de andar pela fé. Era uma viagem de três dias até Betel, e aqueles três primeiros dias de sua aventura devem ter sido extremamente difíceis. Esaú iria segui-lo e tentar matá-lo? Teria comida suficiente para prosseguir? (Ver Gn 32:10.) Quando resolveu passar a noite em Betel,⁵ não fazia idéia de que Deus iria encontrar-se com ele lá e, a partir daquela noite, Betel seria um lugar muito especial para Jacó (Gn 35:1ss).

Um sonho importante (vv. 11, 12). Jacó dormiu no chão, tendo uma pedra como “travesseiro” (vv. 11, 18), prática comum no Oriente Próximo. A pedra, provavelmente, servia mais como proteção do que como travesseiro. Enquanto dormia, teve um sonho no qual viu uma escada ou escadaria⁶ com anjos subindo e descendo entre o céu e a Terra. Jacó descobriu que não estava sozinho, mas que Deus estava com ele! O Deus de Abraão e de Isaque cuidava dele, e seus anjos estavam lá para guardá-lo e servi-lo.⁷

Uma declaração importante (vv. 13-15). Jacó viu o Senhor acima dele e, em seguida, ouviu-o falar. O Senhor não repreendeu Jacó por ter participado da intriga de Rebeca;

antes, disse palavras de promessa e de segurança. O mesmo Deus que havia cuidado de seu pai e de seu avô comprometeu-se a cuidar dele e de dar-lhe a terra sobre a qual estava deitado. Também multiplicaria sua descendência e cumpriria a promessa de abençoar todo o mundo por meio de seus descendentes.

O Senhor prometeu estar presente com Jacó, quaisquer que fossem as circunstâncias por vir. Naquele tempo, as pessoas achavam que, ao sair de casa, deixavam seu deus para trás. No entanto, o Senhor de toda a Terra prometeu ir com Jacó, protegê-lo e, um dia, levá-lo de volta para casa. Independentemente do que viesse a ocorrer, Deus realizaria sua vontade em Jacó e por meio dele. A promessa da presença de Deus com seu povo é repetida com frequência nas Escrituras (Dt 31:6-8; Js 1:5; 1 Sm 12:22; 1 Cr 28:20; Mt 28:20; Hb 13:5). Sem dúvida, “O Deus de Jacó é o nosso refúgio” (Sl 46:7, 11).

Deus voltaria a aparecer para Jacó pelo menos mais cinco vezes ao longo dos anos, mas esse primeiro encontro foi muito importante. Ele descobriu que Deus se interessava por ele e estava trabalhando em sua vida. Daquela noite em diante, desde que confiasse no Senhor e fizesse sua vontade, não teria o que temer.

Uma decisão importante (vv. 16-22). Ao despertar, a primeira reação de Jacó foi de medo e de surpresa. Deus estava naquele lugar, e ele não o sabia! Mas, “o temor do SENHOR é o princípio do saber” (Pv 1:7), de modo que a reação de Jacó foi correta. Ele descobriu que podia encontrar Deus nos lugares mais inesperados e que qualquer lugar é a “casa de Deus” (Betel), pois Deus está lá. Jacó passaria pelo menos vinte anos longe da casa de seu pai, mas o Senhor seria seu “refúgio” (Sl 90:1) aonde quer que ele fosse.

Seu próximo gesto foi adorar ao Deus que lhe havia aparecido. Transformou o travesseiro em um pilar de modo a criar um memorial da experiência extraordinária daquela noite. Ao derramar óleo sobre a pedra, consagrou-a ao Senhor. Não usou a pedra para fazer um sacrifício; simplesmente separou-a como um marco. Posteriormente,

na liturgia hebraica, o ato de derramar um líquido seria símbolo do derramamento da vida de uma pessoa em devoção ao Senhor (Êx 29:38-41; ver também Fp 2:17; 2 Co 12:15).

Porém, o mais importante de tudo foi que, naquela manhã, Jacó consagrou-se ao Senhor e apropriou-se das promessas que Deus havia lhe feito (Gn 28:13-15). O “se” que aparece em várias traduções no versículo 20 também pode ser entendido como “uma vez que”. Jacó não estava negociando com Deus; estava afirmando sua fé em Deus. Uma vez que Deus havia prometido cuidar dele, ficar com ele e levá-lo de volta ao lar em segurança, Jacó afirmaria sua fé em Deus e buscaria adorá-lo e honrar somente ao Senhor.

Nos anos que se seguiram, Jacó não teve uma vida fácil, pois, apesar de Deus ter perdoado seus pecados e de acompanhá-lo em

suas jornadas, Jacó sofreu as conseqüências de seus pecados. Em sua graça, Deus nos perdoa, mas, em seu justo juízo, providencia para que ceifemos aquilo que semeamos.

Jacó havia enganado Isaque, mas seu sogro, Labão, mentiu para Jacó e logrou-o. Jacó usou um cabrito para enganar o pai, e os filhos de Jacó usaram um cabrito para enganá-lo (Gn 37:29-35). Durante os anos em que trabalhou para Labão, Jacó suportou muitas provações, tanto como pastor quanto como marido de quatro esposas e pai de muitos filhos (Gn 31:36ss). Era sua fé nas promessas de Deus que o sustentava quando as coisas ficavam difíceis. Deus havia prometido estar com ele, e era disso que Jacó dependia (Gn 31:42; 49:24-25).

O Senhor não o abandonou e nem nos abandonará. “O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio” (Sl 46:7).

1. Não é possível determinar com exatidão a idade de Isaque nessa ocasião. Se os acontecimentos do capítulo 27 ocorreram logo depois dos casamentos de Esaú (Gn 26:34-45), então Isaque estava com apenas cem anos. Uma vez que ele morreu com cento e oitenta anos de idade (Gn 35:28-29), parece estranho ele ter pensado que o fim estava tão próximo, a menos que estivesse apenas fingindo para poder dar a bênção a Esaú o mais rápido possível. No entanto, se fizermos as contas tomando a idade de Jacó quando ele foi para o Egito (Gn 47:9), então em Gênesis 37 Isaque estaria com cento e trinta e sete anos, restando-lhe ainda mais quarenta e três anos de vida. Mas isso significaria que Jacó estava com setenta e sete anos quando foi para Harã, uma idade um pouco avançada para procurar uma esposa. A cronologia das Escrituras não é exata e não sabemos com quantos anos Jacó estava quando cada um de seus doze filhos nasceu.
2. Foi sugerido que o fato de o pai dividir uma refeição com o filho a ser abençoado fazia parte da cerimônia. No entanto, não encontramos nada que indique que Isaque tenha convidado Jacó para comer com ele, mesmo pensando que Jacó fosse Esaú.
3. LEUPOLD, H. C. *Exposition of Genesis*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1953, v. 2, p. 752.
4. É uma pena que os cristãos em geral tenham adotado a visão preconceituosa de Esaú com relação a Jacó caracterizando-o como um enganador astuto, sempre tentando aproveitar-se de alguém. Jacó errou ao enganar o pai, mas estava certo ao crer na Palavra de Deus e ao saber que a bênção da aliança era dele. Não roubou o direito de primogenitura, mas sim o comprou. Foi um homem diligente, que trabalhou arduamente durante quatorze anos para conseguir suas esposas e outros seis anos para adquirir seus rebanhos. Foi Labão quem defraudou Jacó e não Jacó quem roubou de Labão. Não era perfeito, mas era um homem de fé que se tornou “Israel, um príncipe de Deus”. Em várias ocasiões nas Escrituras, Deus houve por bem chamar-se de “Deus de Jacó” e “Deus de Israel”. Em nenhum momento, vemos Deus repreendendo Jacó por enganar alguém. Muito pelo contrário, ao longo da vida de Jacó, Deus cumpriu o significado básico de seu nome: “Deus protegerá”; Esaú, porém, usou o apelido de Jacó: “ele agarra o calcanhar”.
5. Foi Jacó quem deu ao lugar onde descansou (que antes se chamava Luz) o nome de “Betel”, que significa “casa de Deus”. O novo nome aparece em Gênesis 12:8 e 13:3, pois na época em que Moisés escreveu, Betel era o nome mais conhecido pelos leitores. Infelizmente, anos depois, Betel tornou-se um santuário de idolatria (1 Rs 12:26 - 13:10) condenado pelos profetas (Am 3:14; 4:4; 5:5, 6; 7:13; Os 4:15; 5:8; 10:5). O rei Josias destruiu o santuário de Betel (2 Rs 23:15).

6. Jacó viu uma “escada” ou “escadarias” ? A palavra hebraica é encontrada apenas nesta passagem do Antigo Testamento, de modo que não temos nenhum outro contexto para usar como comparação. O termo, provavelmente, vem de um radical que significa “levantar”, como na construção de uma rampa. No entanto, havia escadas naquele tempo, e existem palavras em hebraico para escadarias que poderiam ter sido empregadas nesse caso. O sonho é simbólico, uma vez que anjos não precisam subir e descer escadas. Assim, quer Jacó tenha visto uma escada quer escadarias, isso não afeta o significado do sonho.
7. Jesus aplicou essa imagem a si mesmo (Jo 1:51), pois ele é o Mediador entre Deus e o homem (1 Tm 2:5) e o “elo vivo” entre Deus e seu povo aqui na Terra.

DISCIPLINA E DECISÕES

GÊNESIS 29 – 31

A vida não é fácil, e aquilo que ela faz conosco depende muito daquilo que encontra em nós. Pode ter sido fácil para Jacó deixar os problemas de família para trás, mas teve de levar consigo seu maior problema – ele mesmo. Durante vinte anos (Gn 31:41), Jacó passaria por muitas provações penosas na casa de Labão, mas, no final, tornar-se-ia um homem de Deus, que realizaria a vontade de Deus.

Contudo, não leia estes capítulos como uma história antiga sobre a família de um homem. Trata-se de uma história contemporânea sobre todos nós, que estamos tomando decisões importantes ao longo da estrada da vida, decisões que determinam nosso caráter e destino.

1. CASAMENTO: ENCONTRANDO SUA CARA-METADE (GN 29:1-30)

Jesus deixou claro que nem todo mundo deve se casar (Mt 19:1-12). No entanto, para Jacó, o casamento não era uma opção, mas sim uma obrigação. O sucesso das promessas da aliança que Deus havia feito a Abraão (Gn 12:1-3; 28:1-4) dependia de Jacó encontrar uma esposa e de constituir com ela uma família que, um dia, seria o povo de Israel, a nação que traria ao mundo o Redentor prometido.

O encontro (vv. 1-13). Fortalecido pelas promessas que Deus, em sua graça, havia lhe dado em Betel (Gn 27:10-22), Jacó realizou a longa jornada até Padã-Arã. O episódio do poço nos lembra do servo de Abraão, quando estava à procura de uma esposa para Isaque (Gn 24:10ss), história que Jacó certamente havia ouvido muitas

vezes. Contudo, não há registro algum de que Jacó tenha orado como fez o servo de seu avô; mas talvez orasse pedindo a orientação de Deus a cada passo de sua longa jornada.

Tenho a impressão de que, quando Jacó viu Raquel, foi amor à primeira vista. Se esse foi o caso, isso explica por que ele tentou fazer com que os pastores dessem água a seus rebanhos e fossem embora logo – ele queria ficar a sós com Raquel em seu primeiro encontro. A pedra que cobria o poço era grande (Gn 29:2), mas Jacó conseguiu movê-la de modo que pudesse dar de beber ao rebanho de Raquel. Quando se apresentou, ela correu para dar a notícia a Labão. No antigo Oriente, os laços de família eram muito fortes, e, quando um parente ia visitar os familiares, mesmo que não se conhecessem, era bem recebido na casa daqueles de seu próprio sangue.

Vemos a providência de Deus nesse encontro. Jacó poderia ter tomado emprestadas as palavras do servo de Abraão: “Estando no caminho, o SENHOR me guiou” (Gn 24:27). Para os incrédulos, esse acontecimento pode ser chamado de “uma feliz coincidência”, mas para os cristãos foi a orientação da bondosa mão de Deus. Na vida do cristão que confia, nada é acidental, tudo tem um propósito.

No entanto, vemos também nesse acontecimento o começo de algumas mudanças para melhor no caráter de Jacó. Observe, por exemplo, sua ousadia ao confrontar os pastores, ao mover a pedra e ao apresentar-se a Raquel. Veja sua honestidade ao contar sua história a Labão, pai de Raquel (Gn 29:18). O texto não diz exatamente quanto da história de sua família Jacó incluiu no relato dos “acontecimentos de viagem”, mas por certo teve de explicar por que estava lá e quais eram seus planos para o futuro. Ao lembrar-se da riqueza que sua irmã havia recebido de Isaque, talvez Labão esperasse que Jacó fosse ser igualmente generoso.

O acordo (vv. 14-20). Durante o primeiro mês na casa de Labão, Jacó fazia sua parte do trabalho e ficava feliz com todas as oportunidades que surgiam de estar com

Raquel. O que Jacó não percebeu foi que Labão era um enganador experiente que controlaria sua vida pelos próximos vinte anos. Na empolgação daquele momento de decisão, que incluía aceitar um emprego e ficar noivo de uma bela mulher, Jacó não notou que Labão não fez promessa alguma de que lhe daria Raquel no final dos sete anos. Apenas concordou que lhe daria Raquel como esposa.

Mais uma vez, vemos crescimento no caráter de Jacó enquanto ele, pacientemente, serviu Labão durante sete anos difíceis. Ser pastor de ovelhas não é um trabalho fácil, e sete anos é um bocado de tempo, mas o amor de Jacó por Raquel tornou o fardo do trabalho mais leve e fez com que o tempo passasse rapidamente. Alguém disse, de forma acertada, que a felicidade consiste em ter alguém para amar, algo para fazer e alguma expectativa; Jacó tinha essas três coisas.

A dissimulação (vv. 21-30). O homem que enganou o pai foi enganado pelo sogro, e o homem que se passou por primogênito recebeu a primogênita como esposa.¹ É uma lei inescapável da vida que cedo ou tarde colhemos aquilo que semeamos (Gl 6:7, 8). Em sua graça, Deus perdoa nossos pecados quando os confessamos (1 Jo 1:9), porém em sua justiça, permite que arquem com as conseqüências desses pecados. Para Jacó, a decepção foi só o começo da colheita.

As mulheres do Oriente eram mantidas em certa reclusão e, naquela cultura, não havia nada parecido com "namoro". Mas certamente Jacó teve a oportunidade de conhecer Raquel e Lia relativamente bem durante aqueles sete anos. Então, como foi tão facilmente enganado? Tendo em vista que os aposentos nupciais eram escuros, que a noiva usava um véu (Gn 24:65) e que, talvez, na intimidade do leito nupcial, tivesse apenas sussurrado suas palavras, como Jacó poderia saber quem era a mulher?

Será que Jacó havia comemorado demais? Talvez.² Ou pode ser que estivesse inebriado demais de tanto amor apaixonado (Pv 5:19). Lia concordou com a intriga ou seu inescrupuloso pai obrigou-a a lhe obedecer? E onde estava Raquel enquanto

esse drama se desenrolava? Podemos imaginar várias possibilidades, mas é impossível ter certeza de qualquer uma delas.

Se Lia quisesse, poderia facilmente ter revelado toda a intriga, mas teria envergonhado Labão diante de seus convidados e até levado Jacó a ser expulso da casa deles sem sua amada Raquel. Então, pelo resto de sua vida, Lia teria de viver com uma irmã desiludida e com um pai irado, que encontraria alguma forma de vingar-se da filha mais velha. Assim, não valeria a pena revelar o que estava acontecendo. A minha impressão é de que Lia foi cúmplice voluntária, feliz por conseguir um marido tão trabalhador quanto Jacó e que, um dia, herdaria toda a riqueza de Isaque e desfrutaria as bênçãos da aliança de Abraão. Sem dúvida, ela sabia que Raquel também seria parte da negociação, mas estava disposta a correr os riscos, quaisquer que fossem as dificuldades do futuro. É possível que Lia tenha "tomado emprestadas" algumas das roupas de sua irmã e, talvez, até aprendido a imitar alguns de seus gestos. Se foi esse o caso, tratou Jacó exatamente da forma como ele havia tratado o pai ao passar-se por Esaú.

Imagine, porém, o noivo acordando na primeira manhã de sua semana de comemorações nupciais só para descobrir que havia se casado com a mulher errada! No meio do povo semita, era costume tratar o noivo e a noiva como reis durante setes dias depois de seu casamento, mas Jacó deve ter se sentido mais como o bobo da corte. Labão o havia logrado, mas Jacó não tinha o que fazer, pois o patriarca da casa era sua autoridade suprema. Seu sogro inescrupuloso havia casado duas filhas com um homem que, provavelmente, seria extremamente rico e, além disso, como brinde, havia garantido mais sete anos de serviço do seu genro!

Jacó queixou-se da forma como ele e Raquel foram tratados por Labão, mas aceitou mansamente sua sorte e voltou a trabalhar durante mais sete anos. Aos poucos, Jacó aprendia a submeter-se à amorosa mão do Senhor, crescendo na fé e em caráter. No final da semana de comemorações, Jacó casou-se com Raquel, a mulher que amava,

e teve mais uma semana para viver como rei. No entanto, dali em diante, teria de suportar treze anos de dificuldades e de conflitos, não apenas por causa de seus parentes, mas também de suas duas esposas e respectivas servas.³

Labão devia estar muito satisfeito consigo mesmo pelo sucesso de sua intriga, sem fazer idéia de que o Senhor governava soberano e prevalecia em todos os acontecimentos. “Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR” (Pv 21:30). Como diria José, o filho de Jacó, anos mais tarde: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gn 50:20). Hoje em dia, os cristãos citariam Romanos 8:28.

2. PATERNIDADE: CONSTITUINDO UMA FAMÍLIA (GN 29:31 – 30:24)

Cantares de Salomão nos lembra de que o povo hebreu de modo algum subestimava os prazeres pessoais do casamento. No entanto, também enfatizava a responsabilidade de ter filhos e de constituir uma família temente a Deus. “Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam [...] Herança do SENHOR são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão” (Sl 127:1, 3).

Os hebreus encaravam a paternidade e a maternidade como uma forma de serviço a Deus, o que se aplicava ainda mais ao caso de Jacó, cujos descendentes se multiplicariam “como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar” (Gn 22:17). Deus honraria Jacó fazendo dele o pai das doze tribos de Israel, mas o fato de haver quatro mulheres envolvidas na constituição de sua família criaria sucessivos problemas para Jacó. O homem que havia crescido num lar competitivo e dividido (Gn 25:28) acabaria formando uma família igualmente dividida e competitiva.

Os filhos de Lia (29:31-35; 30:17-21). A palavra “desprezada”, no versículo 31, não implica abuso da parte de Jacó; significa, simplesmente, que Jacó amava a Raquel mais do que a Lia e que dava mais atenção e carinho a Raquel. (Ver Dt 21:15-17 e as palavras do Senhor em Mt 6:24 e em Lc 14:26.)

O fato de Lia dar seis filhos e uma filha a Jacó indica que ele cumpriu suas responsabilidades conjugais para com ela, porém ela sabia que o coração de Jacó pertencia a Raquel.

O Senhor também sabia disso, de modo que abençoou Lia dando-lhe filhos. É um paradoxo que, apesar de quatorze anos de trabalho de Jacó para pagar por suas duas esposas, apenas uma delas estava tendo filhos. Jacó sabia que os filhos eram uma bênção do Senhor (Gn 30:1, 2), pois foi Deus quem deu Isaque a Abraão e Sara e, também, Esaú e Jacó a Isaque e Rebeca (ver Sl 139:13-16).

Lia chamou seu primogênito de *Rúben*, que significa “veja – um filho!” Na língua hebraica, o nome soa como “Ele [Deus] viu a minha aflição”. Uma vez que todo pai hebreu queria filhos do sexo masculino (Sl 127:4, 5), Lia tinha certeza de que esse bebê faria com que seu marido a amasse. No entanto, estava errada. O nome *Simeão* quer dizer “aquele que ouve” e sugere que Lia havia falado com Deus sobre seu sofrimento. Anos depois, Jacó colocaria no lugar de Rúben e de Simeão os dois filhos de José, Efraim e Manassés (Gn 48:1-6). Foram substituídos porque Rúben cometeu um pecado sexual (Gn 35:22; 49:3, 4; 1 Cr 5:1-2) e Simeão participou do massacre do povo de Siquem (Gn 34:24-31; 49:5-7).

Lia chamou o terceiro filho de *Levi*, que significa, “apegado”, pois ela ainda tinha esperanças de que Jacó a amaria por causa dos filhos que havia lhe dado. Deve ter sido doloroso para Lia entregar-se a um marido que estava apenas cumprindo sua obrigação e não demonstrando afeição. No entanto, o nascimento do quarto filho pareceu trazer nova alegria a sua vida, pois ela o chamou de *Judá*, que vem da palavra hebraica que significa “louvor”. Em vez de queixar-se ao Senhor sobre a falta de amor do marido, ela estava dando graças a Deus por suas bênçãos. “Esta vez louvarei o SENHOR” (Gn 29:35).⁴

Depois de um tempo sem conceber, Deus permitiu que Lia tivesse mais dois filhos: *Issacar*, que significa “recompensa”,

e *Zebulom*, que provavelmente quer dizer “honra” (Gn 30:14-21).

Naquele tempo, o fruto da mandrágora era chamado de “maçã do amor” e considerado um poderoso afrodisíaco. Quando Raquel viu as mandrágoras que Rúben havia apanhado, ela as desejou para seu próprio uso e dispôs-se a dar a Lia uma noite com Jacó como forma de “pagamento” pelas plantas. Talvez Raquel tivesse pensado que os frutos da mandrágora a tornariam fértil.

Vemos nesse episódio mais um sinal do crescimento espiritual de Jacó, pois não apenas Labão lhe dava ordens como também as próprias esposas de Jacó faziam acordos sobre os quais ele não ficava sabendo até que voltasse para casa no fim de um dia cansativo cuidando dos rebanhos. Raquel e Lia trataram Jacó como um servo e usaram-no como um peão nas suas negociações de família, e ele suportou pacientemente.

Os filhos de Bila (30:1-8). O fato de Jacó zangar-se com a esposa predileta não deve nos causar surpresa. Até mesmo os casais mais amorosos de vez em quando têm desentendimentos. E, afinal de contas, ela o estava culpando por algo que se encontrava totalmente fora do controle de Jacó. No entanto, Raquel precisava não de uma aula de teologia nem de tratamento ginecológico, mas sim da carinhosa compreensão de seu marido e do encorajamento que só o amor dele poderia dar.

Ao oferecer sua serva Bila para ser mãe em seu lugar (ver capítulo 16), Raquel estava exercendo seu direito de acordo com a lei daquela terra e concordando que Bila deveria tornar-se esposa de Jacó.⁵ A oração, “eu traga filhos ao meu colo” (Gn 30:3), refere-se à adoção legal de quaisquer filhos que Jacó tivesse com Bila (ver Gn 50:23).

O Senhor respondeu às orações de Raquel (Gn 30:6), pois Bila concebeu e deu à luz um filho, o qual Raquel tomou para si como seu próprio bebê e chamou-o de *Dã*, que vem de uma palavra hebraica que significa “vindicação, julgamento”. Ela chamou o segundo filho de Bila de *Naftali* (“minha luta”) por causa das dificuldades que havia suportado em decorrência das bênçãos

desfrutadas pela irmã mais fértil. Depois do nascimento de Naftali, Bila não concebeu mais.

Zilpa (30:9-13). A esterilidade temporária de Lia (compare o v. 9 com os vv. 14-21) serviu de motivação para que desse a Jacó a quarta esposa, sua serva Zilpa, e, como Raquel, tomasse para si os filhos de Zilpa como sendo seus próprios. Ela deu ao primeiro menino o nome de *Gade* (“a sorte veio, afortunada”)⁶ e ao segundo, *Aser* (“abençoada, feliz”).

Raquel (30:22-24). Finalmente, Raquel concebeu e deu à luz um filho, que chamou de José. As mandrágoras não tiveram nada a ver com sua concepção. Foi Deus quem a abençoou e ouviu sua oração. A palavra hebraica *qsaf* quer dizer “tirar” e *yosef* significa “acrescentar”. Deus havia tirado sua vergonha por não ter filhos e lhe acrescentara bênçãos. Sua oração, “dê-me o SENHOR ainda outro filho” (v. 24), foi respondida com o nascimento de *Benjamim* (“filho da minha destra”), mas Raquel morreu no parto (Gn 35:16-20). José seria o filho usado por Deus para salvar a família toda quando veio uma terrível fome.

3. VOCAÇÃO: GARANTINDO SEU SUSTENTO (GN 30:25-43)

Havia chegado a hora de Jacó mudar sua grande família para a terra de sua possessão, onde viveriam por conta própria. A essa altura, tinha onze filhos e uma filha⁷ e havia feito mais do que o necessário para cumprir sua parte do acordo. Merecia o direito a sua liberdade. Era hora de parar de trabalhar para Labão e de começar a construir sua própria segurança para o futuro.

No entanto, o ardiloso Labão não estava disposto a perder o genro, especialmente quando sabia que a presença de Jacó havia lhe trazido as bênçãos de Deus (vv. 27-30).⁸ Mas Labão não estava interessado no Senhor, apenas nas bênçãos que recebia por causa do Deus de Jacó. Sem dúvida, Labão sabia das promessas que Deus havia feito a Abraão e a seus descendentes (Gn 12:3) e queria tirar o máximo de proveito delas.

Dessa vez, porém, Jacó estava preparado para o sogro, pois o Senhor lhe falou em

um sonho dizendo exatamente o que fazer (Gn 31:1-13). Tudo o que Jacó queria como pagamento era o privilégio de formar seu próprio rebanho de ovelhas, bodes e cabras a partir dos animais listados, malhados e salpicados que, de qualquer modo, eram considerados inferiores. Esses seriam separados dos rebanhos de Labão por uma jornada de três dias para que, a qualquer momento, Labão pudesse investigá-los e saber imediatamente se Jacó o estava roubando.

As varas descascadas de Jacó pertencem à mesma categoria das mandrágoras de Raquel: eram práticas supersticiosas, que não tiveram nada a ver com aquilo que, de fato, ocorreu. Foi Deus quem controlou a estrutura genética dos animais e multiplicou as ovelhas, bodes e cabras, aumentando rapidamente a riqueza de Jacó. Em Betel, Deus havia prometido abençoar Jacó e cumpriu sua promessa (Gn 28:13-15). Uma vez que Labão tinha concordado com os termos de Jacó, não havia nada que pudesse fazer quanto aos resultados.

Durante os seis anos seguintes, Jacó tornou-se um homem extremamente rico por causa de sua fé e pela bênção do Senhor. Então, estava pronto para declarar independência, voltar para sua própria terra e seu povo e cumprir os propósitos que Deus tinha para ele. Quando havia chegado a Padã-Arã vinte anos antes, tudo o que tinha era seu cajado (Gn 32:10). No entanto, havia trabalhado com afinco, sofrido muito e confiado em Deus. Tinha constituído uma grande família e era dono de enormes rebanhos de ovelhas, bodes e cabras saudáveis, bem como de camelos, jumentos e servos para cuidar de todos os animais.

4. LIBERDADE: RECUPERANDO SUAS RAÍZES (GN 31:1-55)

Jacó havia passado vinte anos longe de casa e era chegada a hora de voltar a suas raízes. Isaque, seu pai, e Esaú, seu irmão, ainda estavam vivos, e Jacó tinha alguns “negócios pendentes” a resolver com os dois.

Fuga (vv. 1-21). De que modo o Senhor comunicou a Jacó que era hora de partir? Da mesma forma como orienta seu povo nos

dias de hoje: falando-lhe ao coração, usando as circunstâncias externas da vida e a verdade de sua Palavra.

Seis anos antes, Deus havia colocado no coração de Jacó o desejo de voltar a sua terra (Gn 30:25), e esse desejo ainda estava lá. Apesar de nem todo anseio do coração humano ser necessariamente a voz de Deus (Jr 17:9) e de ser preciso usar cautelosamente de discernimento, o Senhor, com frequência, começa a nos falar dessa maneira.

Juntamente com o desejo dentro de nós, Deus também nos dirige, como fez com Jacó, por meio das circunstâncias (Gn 31:1, 2). Mais perto do fim daqueles seis anos críticos, Jacó observou que seus parentes não eram mais tão amigáveis com ele quanto costumavam ser. Isso se devia, em grande parte, ao fato de sua riqueza haver aumentado. Nem sempre as circunstâncias são o dedo de Deus apontando para seu caminho (At 27:1-15), mas podem ser indicadores importantes da vontade dele. Quando Deus quer nos levar a outro lugar, por vezes ele nos tira o conforto e “desperta a sua ninhada” (Dt 32:11).

A terceira e mais importante forma como Deus nos conduz é por intermédio da sua Palavra. Deus já havia falado com Jacó em um sonho (Gn 31:10-13), mas Jacó permaneceu em Padã-Arã para enriquecer. Então, Deus lhe disse: “Torna à terra de teus pais e à tua parentela; e eu serei contigo” (v. 3). À medida que a história de Jacó se desenrola, vamos descobrindo que Deus lhe falou em todas as crises importantes de sua vida: ao sair de casa (Gn 28:12-15), ao voltar para casa (Gn 31:1-13), ao encontrar-se com Esaú (Gn 32:24ss), ao visitar Betel (Gn 35:1ss) e ao mudar-se para o Egito (Gn 46:1-4). Deus nos orienta pelos caminhos da justiça, se estivermos dispostos a segui-lo (Sl 23:3).

No entanto, Jacó levou algum tempo para dizer a Raquel e Lia o que tinha em mente; afinal, estava pedindo-lhes que deixassem seu povo e sua terra e que o acompanhassem para outra terra com outro povo. Apesar de a Palavra de Deus ser nossa principal fonte de sabedoria ao tomar decisões (Sl 119:105), é apropriado consultar e buscar o conselho

de outras pessoas, especialmente daquelas mais próximas de nós. Tanto Raquel quanto Lia concordaram que seu pai não havia sido justo com Jacó nem amoroso para com elas e que era hora de começar de novo. Não apenas Labão havia tratado o marido delas como escravo como também havia usado os dotes pagos pelas duas (Gn 31:14, 15).

Contudo, em vez de encarar Labão de maneira honesta e de confiar que o Senhor manteria suas promessas e cuidaria de tudo, Jacó fugiu com a família como se fosse um criminoso driblando a justiça. Foi um ato de medo e de incredulidade e não um ato de fé, pois “aquele que crer não foge” (Is 28:16). Na verdade, mais tarde Jacó admitiu a Labão que havia partido às pressas e em segredo porque havia ficado com medo (Gn 31:31). Não basta conhecer e obedecer à vontade de Deus; também devemos fazer a vontade dele da forma como ele quer, de modo a glorificar ao máximo o nome do Senhor.

Confronto (vv. 22-42). Uma vez que o acampamento de Jacó era separado por três dias de jornada do acampamento de Labão (Gn 30:36), demorou esse tempo para que Labão soubesse da fuga de seu genro e, quando Labão recebeu a notícia, Jacó já estava longe. Levou uma semana para Labão alcançar a família fugitiva, e Labão e Jacó finalmente se encontraram na montanha de Gileade.

Mais que depressa, Labão tentou colocar-se numa posição de vantagem ao repreender Jacó pela maneira como havia deixado Padã-Arã furtivamente. Imagine aquele astuto enganador perguntando a Jacó: “Por que fugiste ocultamente, e me lograste?” (Gn 31:27). Lograr?! Labão havia passado vinte anos *lógando* Jacó! Apesar de todo seu barulho e comoção, não havia nada que Labão pudesse fazer contra Jacó, pois o Senhor o havia advertido para ter cuidado (vv. 24, 29). Deus prometeu proteger Jacó e cumpriu sua promessa.

No entanto, o que havia deixado Labão mais furioso era o fato de alguém ter roubado seus ídolos do lar, e estava certo de que havia sido alguém da família de Jacó. Labão

tinha razão; Raquel havia roubado os ídolos (v. 19), mas Jacó não o sabia. O fato de Labão ter ficado tão perturbado mostra que depositava sua fé em ídolos, não no verdadeiro Deus a quem Jacó servia.⁹ Ao fingir estar impura por causa de sua menstruação, Raquel escapou de ser pega e de ter mais problemas com o pai.

Jacó encheu-se de ira – e com razão – com o atrevimento do sogro perverso de revistar os bens de sua família. Sentimentos que haviam ficado guardados em seu coração durante vinte anos vieram à tona. Jacó falou abertamente sobre as práticas escusas de Labão, sobre como havia enganado Jacó, dado a ele o trabalho mais pesado e mudado seu salário uma porção de vezes. Deus havia abençoado Labão por causa de Jacó, mas Labão jamais havia agradecido a Deus e nem a Jacó; sequer havia pago ao genro os animais perdidos que Jacó substituíra à sua própria custa.

No entanto, a coisa mais importante do discurso de Jacó foi a maneira como ele glorificou o Senhor: “Se não fora o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o Temor de Isaque,¹⁰ por certo me despedirias agora de mãos vazias. Deus me atendeu ao sofrimento e ao trabalho das minhas mãos e te repreendeu ontem à noite” (Gn 31:42). Que testemunho vindo de um homem acostumado a ceder aos outros e a fazer o que lhe mandavam!

Trégua (vv. 43-55). O aviso de Deus no sonho e a defesa enérgica de Jacó mostraram a Labão que ele havia sido derrotado, mas ainda assim o velho enganador assumiu uma fachada de bravura e tentou convencer a todos de que era um pacificador. As duas famílias ajuntaram pedras e fizeram um montão, ao lado do qual comeram juntos uma refeição como símbolo do acordo realizado. Dividir uma refeição era um costume oriental praticado na realização de alianças (Gn 26:26-33).

O monte de pedras deveria servir de testemunho do acordo que haviam feito, mas deveria ser também uma torre de vigia (Mispa) ou marco delimitando uma fronteira que nem Jacó nem Labão tinham permissão de cruzar. Na verdade, aquele “acordo” não

era uma declaração de paz, apenas uma tré-gua que podia ser quebrada se qualquer um dos lados violasse seus termos.

É uma pena que a “Bênção de Mispá” (Gn 31:49) ainda se encontre em muitos hi-nários cristãos, pois aquilo que Labão disse a Jacó não foi, de forma alguma, uma bênção (vv. 48, 49). Uma paráfrase do que Labão disse seria: “Estamos nos separando um do outro, mas Deus estará nos vigiando. Se você maltratar minhas filhas, eu não ficarei sabendo, mas Deus verá. Portanto, tome cuidado!” Labão não via o Deus de Abraão e de Isaque como um Senhor bondoso que os ha-via unido, mas sim como um Juiz celestial que impediria que os dois fizessem mal um ao outro. Apesar de seus juramentos, Jacó e Labão não confiavam um no outro, de modo que precisavam confiar que o Senhor não permitiria que se ferissem. Mispá era um mo-numento à desconfiança e ao medo, não ao amor e à confiança.

Jacó encerrou o dia oferecendo sacrifi-cios ao Senhor e convidando seus parentes a

participar da refeição sacrificial. Queria que o Deus de seus antepassados fosse honrado diante dessa família pagã que havia lhe cau-sado tanta tristeza. Na manhã seguinte, Labão despediu-se e voltou para casa, e um longo e difícil capítulo da vida de Jacó se encerra-va, capítulo esse em que Deus o acompa-nhou do começo ao fim (vv. 5, 24, 29, 42). Contudo, uma nova etapa estava prestes a começar, e nela seu irmão, Esaú, teria um papel proeminente.

A vida não é fácil, mas se nos sujeitarmos à disciplina de Deus e se deixarmos que ele nos conduza em nossas decisões, podere-mos suportar as dificuldades de modo trium-fante e desenvolver o tipo de caráter que glorifica a Deus. Poderemos realizar conquistas ao nos apropriarmos de promessas como 1 Pedro 5:10: “Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna gló-ria, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, for-tificar e fundamentar”.

O Deus de Jacó nunca falha.

1. Jacó chamou Raquel de “minha mulher”, pois o noivado era um compromisso tão sério quanto o casamento e só podia ser desfeito pelo divórcio. Maria e José eram considerados marido e mulher mesmo que ainda não tivessem consumado seu casamento (Lc 2:5; ver também Dt 22:22-24).
2. A palavra hebraica para “banquete”, no versículo 22, significa “uma festa para beber” e vem de um radical que quer dizer “beber”.
3. A lei de Moisés proíbe um homem de casar-se com irmãs (Lv 18:18).
4. Para Lia, foi uma honra ser mãe de Levi, fundador da tribo sacerdotal, e de Judá, fundador da tribo dos reis, a tribo de nosso Salvador Jesus Cristo.
5. A palavra hebraica também pode ser traduzida por “concubina”; contudo, até uma concubina tinha direitos legais, apesar de sua condição de esposa secundária (Gn 25:6; 2 Sm 5:13; 15:16; 16:21). A lei de Moisés reconhece esse tipo de relacionamento (Êx 21:7-11; Dt 21:10-14). Os filhos de concubinas eram considerados legítimos, mas elas próprias tinham pouca ou nenhuma influência sobre os assuntos da casa.
6. Gade também pode ser traduzido como “boa sorte [fortuna]” ou como “tropa”. No entanto, é difícil ver a relação entre uma “tropa” e o nascimento de um bebê.
7. O autor de Gênesis 37:35 falou de “filhas”, mas o termo também pode referir-se a cunhadas.
8. José, o filho predileto de Jacó, experimentaria a mesma bênção de Deus na terra distante do Egito (Gn 39:1-6).
9. Por que Raquel roubou os ídolos do lar da casa de seu pai? Evidências arqueológicas indicam que a pessoa que estivesse de posse de tais ídolos garantiria a herança da família, mas Raquel estava saindo de casa e não teria herança alguma. Raquel sentia-se profundamente magoada pela maneira como o pai a havia tratado, e essa foi sua retaliação. Além disso, é possível que sua fé em Jeová não fosse tão forte. Pode ser que Labão usasse aqueles ídolos para adivinhações (Gn 30:27), e que Raquel os tivesse roubado para evitar que ele soubesse demais. Posteriormente, Jacó ordenou que todos os membros de sua família entregassem seus ídolos, que, em seguida, foram enterrados (Gn 35:1-4).
10. O título “Temor de Isaque” é usado apenas aqui e no versículo 53. A palavra hebraica significa, simplesmente, “terror, pavor” e, portanto, “o Deus que Isaque temia”. Sugere que os outros também deviam temê-lo. (Ver Gn 15:1; 27:33; 28:17.)

PONDO O PASSADO EM ORDEM

GÊNESIS 32 – 34

O lema do partido político “Ingsoc”, do livro *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, de George Orwell, era: “Aquele que controla o passado controla o futuro; aquele que controla o presente controla o passado”.

Esse lema inteligente pode funcionar para políticos que têm autoridade para reescrever livros de história, mas ninguém é capaz de mudar a história em si. Duas décadas antes, Jacó havia fugido de Esaú para Labão; agora, estava fugindo de Labão só para ser confrontado por Esaú! Para aflição de Jacó, depois de vinte anos, seu passado o estava alcançando. É estranho como nos convencemos de que somos capazes de escapar do passado e não colher o que semeamos. Tentamos nos esquecer de nossos pecados, mas nossos pecados não se esquecem de nós. O que havia feito ao pai e ao irmão tinha sido perdoado por Deus, mas nem o tempo e nem a distância poderiam mudar as conseqüências daqueles atos.

À medida que você estuda as ações de Jacó em seus momentos de crise, você vê caracterizados muitos dos conflitos que ocasionalmente todos nós experimentamos entre fé e medo, confiar em Deus e tramar contra ele, ou pedir a orientação do Senhor e então agir como se não o conhecêssemos. Uma crise não produz um homem; ela revela do que ele é feito.

1. CONTEMPLAÇÃO (Gn 32:1-8)

Grandemente aliviado com a partida de Labão e com a presença de “Mísapa” entre eles, Jacó rumou para Betel, o destino que Deus havia lhe indicado (Gn 31:3, 13; 28:15; 35:1). No entanto, Jacó sabia que, mais cedo

ou mais tarde, iria se deparar com Esaú, pois, ao viajar para Betel, passaria por perto do monte Seir, onde Esaú vivia (Gn 33:16).

Preparativo. “O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza” (Pv 18:19). Prevenido uma reunião difícil com Esaú, Jacó usou uma abordagem sábia e enviou diante dele mensageiros para informar seu irmão de que ele estava a caminho. Contudo, em vez de entregar a questão toda ao Senhor, que o havia protegido de Labão, Jacó usou de uma atitude condescendente que não era própria para o homem que Deus havia escolhido para dar continuidade à aliança de Abraão. Enviar os mensageiros foi uma boa idéia, mas chamar Esaú de “meu senhor” e a ele próprio de “teu servo” bem como a tentativa de impressionar Esaú com sua riqueza mostraram claramente que Jacó não estava confiando que Deus cuidaria dele.

Proteção. Imagine a surpresa de Jacó quando viu um exército de anjos diante dele! “Este é o acampamento de Deus!”, exclamou chamando o lugar de Maanaim, que significa “dois acampamentos” – o de Jacó e o de Deus. Vinte anos antes, Jacó tinha visto os anjos em Betel e descoberto que Deus estava com ele (Gn 28:10-12). Mas agora ele descobria que o exército angelical de Deus estava ali para protegê-lo e para lutar por ele. Assim, não havia motivo para temer. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31).

A angelologia é um assunto da moda hoje em dia, e lojas seculares têm em exposição dezenas de livros sobre anjos, sendo que nem todos são de conteúdo bíblico. Pode-se até participar de palestras sobre anjos e aprender a entrar em contato com eles, obtendo seu auxílio para resolver problemas. Anjos são seres reais e, de fato, ministram ao povo de Deus (Sl 34:7; 46:7, 11; Hb 1:13, 14), mas é Deus quem os ordena e não os simples seres humanos. Um dia, no céu, ficaremos sabendo quanto ajudaram a família de Deus em tempos de dificuldade e de perigo. Até que isso aconteça, porém, precisamos deixar que Deus diga a suas hostes celestiais o que devem fazer.

Plano. Enquanto Jacó, sua família, servos e rebanhos viajavam para o sudoeste rumo a

Betel, os mensageiros encaminhavam-se rapidamente para o monte Seir. Quando Jacó chegou ao Jaboque, um afluente do rio Jordão, os mensageiros haviam voltado com um recado funesto: Esaú e mais quatrocentos homens estavam indo ao encontro de Jacó. Esperando pelo pior, Jacó chegou à conclusão precipitada de que Esaú estava indo lá para vingar-se e para acabar com ele e sua família. Uma consciência pesada, muitas vezes, nos leva a ver o quadro mais sombrio possível.

Quando o medo toma o lugar da fé, nossa tendência é começar a fazer planos e a confiar em nossos próprios recursos. Uma senhora disse ao evangelista D. L. Moody: "Encontrei um versículo maravilhoso que me ajuda a vencer o medo" e, então, citou Salmo 56:3: "Em me vindo o temor, hei de confiar em ti". Posso lhe dar uma promessa melhor, disse Moody, e citou Isaías 12:2: "Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei".

Os cristãos que estão caminhando pela fé não precisam temer o inimigo nem qualquer infortúnio que possa lhes ocorrer. "Não se atemoriza de más notícias; o seu coração é firme, confiante no SENHOR" (Sl 112:7). Mas Jacó "teve medo e se perturbou" (Gn 32:7) e, assim, voltou ao antigo hábito de traçar seus próprios planos.

Em vez de se lembrar da animadora visão do exército angelical de Deus, Jacó dividiu seu acampamento em dois bandos, de modo que se um grupo fosse atacado, o outro poderia fugir. Era uma péssima estratégia contra quatrocentos homens, e teria sido melhor para Jacó manter os dois grupos do começo - seu povo e o exército angelical de Deus - e confiar que o Senhor o livraria.

2. ORAÇÃO (GN 32:9-12)

A prece de Jacó é uma das grandes orações registradas nas Escrituras e, no entanto, trata-se da oração de um homem cuja fé era extremamente fraca. Era como o pai do menino endemoninhado que clamou: "Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!" (Mc 9:24). Cada uma das declarações dessa oração indica que Jacó possuía um conhecimento

profundo dos caminhos e do caráter de Deus e, ainda assim, estava orando em desespero e não cheio de confiança. Observe os argumentos que ele apresentou a Deus para que o Senhor o livrasse de Esaú.

A aliança de Deus (v. 9a). Em sua graça, Deus havia chamado Abraão e feito uma aliança com ele (Gn 12:1-3), e essa aliança havia sido reafirmada tanto a Isaque quanto a Jacó. Foi com base nela que Jacó pediu a Deus pela ajuda de que precisava desesperadamente. Hoje em dia, o povo de Deus se aproxima do trono da graça por intermédio de Jesus Cristo tomando por base a nova aliança que ele fez por meio de seu próprio sangue (Hb 8:6-13; 12:22-24).

A ordem de Deus (v. 9b). Sem dúvida, Jacó estava feliz por afastar-se do controle de Labão, mas Deus havia lhe dito para sair de Padã-Arã e para voltar à sua própria terra (Gn 31:13). Jacó se esqueceu de que uma ordem de Deus sempre inclui a capacitação de Deus, pois a vontade do Senhor nunca nos leva a um lugar em que o poder de Deus é incapaz de nos proteger e de suprir nossas necessidades. Mas a imaginação de Jacó ultrapassou sua teologia, e ele teve certeza de que Esaú estava vindo para destruí-lo.

O cuidado de Deus (v. 10). Ao fazer uma retrospectiva dos últimos vinte anos, Jacó lembrou Deus da maneira maravilhosa como o Senhor havia cuidado dele. A cada fardo e provação que Jacó precisou suportar, Deus havia sido fiel e bondoso para com ele. Quando Jacó chegou à casa de Labão, tudo o que possuía era seu cajado de peregrino e, agora, com a bênção de Deus, era um homem abastado. Por que Deus cuidaria dele ao longo de vinte anos para, em seguida, permitir que ele fosse assassinado pelo irmão?

O propósito de Deus (v. 11). Jacó não estava pensando apenas em si mesmo, mas também tinha em mente sua família e o grande plano de Deus. Os filhos de Jacó se multiplicariam e se tornariam a nação de Israel. Por meio de Israel, Deus abençoaria toda a humanidade. O Salvador veio da tribo de Judá para morrer pelos pecados do mundo, e Paulo viria da tribo de Benjamim para levar o evangelho aos gentios. Estaria esse

propósito eterno prestes a ser frustrado por causa da ira de um homem?

A promessa de Deus (v. 12). Jacó lembrou o Senhor das promessas que ele lhe fizera em Betel (Gn 28:12-15), especialmente de que lhe faria bem e de que multiplicaria sua descendência. Deus disse a Jacó que estaria com ele, que o levaria de volta a Betel e que realizaria seus propósitos nele e por meio dele. Se Deus permitisse que os homens de Esaú matassem Jacó e sua família, nenhuma dessas promessas se cumpriria.

Apesar de não desejarmos imitar o medo, a incredulidade, a dissimulação e a tendência a tirar conclusões precipitadas de Jacó, sua maneira de orar é um exemplo a ser seguido. Ele se apropriou das promessas de Deus, lembrou-se da bondade do Senhor e firmou-se no caráter e na aliança de Deus. Não importam as circunstâncias que tenhamos de enfrentar, nem o medo que se apoiar de nosso coração, podemos confiar que Deus será fiel a seu caráter e a sua Palavra. “Confiarei e não temerei”.

3. PACIFICAÇÃO (GN 32:13-21)

Seria de se esperar que uma oração com um conteúdo teológico tão sólido quanto esse traria a paz de Deus ao coração de Jacó, mas não foi o que aconteceu e, em sua inquietação, ele resolveu agir. “Eu o aplacarei” (v. 20), disse Jacó e preparou um presente caro.

Sir Robert Walpole, primeiro-ministro da Inglaterra, comentou a respeito do Parlamento: “Todos aqueles homens têm seu preço”. Muita gente do mundo segue essa filosofia (“Toda pessoa tem seu preço”), e era justamente essa filosofia que Jacó estava seguindo quando preparou seu presente de quinhentos e oitenta animais de grande valor. Ele os dividiu em diferentes rebanhos e ordenou que os servos deixassem um espaço entre os rebanhos, de modo que Esaú não pudesse evitar de se impressionar com a generosidade de seu irmão.

Além disso, cada servo deveria dizer a mesma coisa a Esaú: “São de teu servo Jacó; é presente que ele envia a meu senhor Esaú” (v. 18). Com essas palavras “teu servo” e “meu

senhor”, Jacó estava se humilhando novamente e ignorando o fato de que Deus o havia feito senhor sobre seus parentes, inclusive sobre Esaú (Gn 27:29). Jacó planejou seguir discretamente atrás do último rebanho, esperando que o impacto do presente preparasse Esaú para perdô-lo e recebê-lo quando, finalmente, se encontrassem.

Já aprendemos que viver pela fé é viver sem tramar. Contudo, antes de criticar Jacó, é preciso examinarmos nosso próprio coração para ver se não fazemos o mesmo: oramos com devoção e, depois, dependemos de nossos próprios planos e recursos. É verdade que “a fé sem obras é morta” (Tg 2:20), mas o presente de Jacó não foi um ato de fé, uma vez que Deus não ordenou que ele o oferecesse. O velho ditado: “Deus ajuda a quem se ajuda” é totalmente antibíblico. A verdadeira fé é baseada na Palavra de Deus (Rm 10:17), e tudo aquilo que fazemos que não é motivado pela fé é pecado (Rm 14:23), não importa quão bem-sucedido possa parecer.¹

O verdadeiro problema não era Esaú, mas sim Jacó. Portanto, Deus estava prestes a resolver esse problema.

4. LUTA (GN 32:22-32)

É perigoso cruzar o rio à noite, mas Jacó preferia a travessia ao risco de perder seus entes queridos, de modo que levou sua família a um lugar que esperava que fosse seguro. Tendo se esquecido do exército de Deus, ele queria algo que protegesse sua família do exército de seu irmão. Jacó criou seus próprios “dois acampamentos”.

É quando estamos sozinhos – como estava Jacó – e esgotamos nossos próprios recursos que Deus pode vir a nós, fazer alguma coisa em nós e por nós. Observe os três encontros que Jacó teve naquela noite difícil.

Jacó encontrou-se com o Senhor (vv. 22-26). O ensaísta inglês Walter Savage Landor estava certo ao chamar a solidão de “sala de audiência de Deus”. Quando estamos sozinhos, não podemos fugir para o coração e a mente de outras pessoas nem nos distrair; precisamos conviver conosco mesmos e encarar

a nós mesmos. Vinte anos antes, Jacó havia se encontrado com o Senhor quando estava sozinho em Betel; então, em toda sua graça, Deus foi novamente ao encontro de Jacó em seu momento de necessidade (vv. 28, 30; Os 12:2-6).

Deus vai a nosso encontro no lugar onde estamos e nos eleva até o lugar onde ele quer que estejamos. Para Abraão, o peregrino, Deus apareceu como um viajante (Gn 18); para Josué, o general, mostrou-se como um soldado (Js 5:13-15). Jacó havia passado a maior parte de sua vida adulta lutando com as pessoas – Esaú, Isaque, Labão e até mesmo com suas esposas –, de modo que Deus se manifestou como um lutador. “Com o puro, puro te mostras; com o perverso, inflexível!” (Sl 18:26).

Em Betel, Deus havia prometido abençoar Jacó e, do ponto de vista material, a promessa havia se cumprido, pois Jacó era um homem extremamente rico. No entanto, as bênçãos de Deus são mais do que só rebanhos e servos; também há o caráter piedoso e a *influência espiritual*. Durante aquela “noite escura da alma”, Jacó descobriu que havia passado toda sua vida lutando contra Deus e resistindo a sua vontade, e que o único caminho para a vitória era a entrega. Como disse A. W. Tozer: “O Senhor não pode abençoar plenamente um homem enquanto não o tiver vencido”.² Deus venceu Jacó ao enfraquecê-lo.

Jacó encontrou-se consigo mesmo (vv. 27-32). Jacó desejava a bênção de Deus em sua vida mais do que qualquer coisa, o que é um desejo elogiável. No entanto, antes de podermos começar a ser como o Senhor, precisamos encarar quem realmente somos e admitir qual é a nossa verdadeira natureza. Por isso o Senhor perguntou-lhe: “Como te chamas?”. No que se refere ao relato de Gênesis, da última vez que Jacó ouviu essa pergunta, ele mentiu! Seu pai lhe perguntou: “Quem és tu, meu filho?”, e Jacó disse: “Sou Esaú, teu primogênito” (Gn 27:18, 19).

O Senhor não fez essa pergunta a fim de obter uma informação, pois certamente sabia o nome de Jacó e estava ciente de que Jacó tinha a fama de ser dissimulado e enganador.

A pergunta: “Como te chamas?” queria dizer: “Você vai continuar fazendo jus a seu nome ou vai admitir quem você é e deixar que eu o transforme?” Na Bíblia, receber um novo nome significa começar de novo (Gn 17:4, 5, 15; Nm 13:16; Jo 1:40-42), e aquela era a oportunidade de Jacó ter um recomeço em sua vida.

O novo nome que Deus lhe deu foi “Israel”, vindo da palavra hebraica que quer dizer “lutar”. No entanto, os estudiosos ainda não chegaram a um consenso sobre o que o nome significa. Alguns o traduzem como “aquele que luta com Deus”, “Deus luta” ou “permita que Deus governe”. De acordo com a explicação de Gênesis 32:28, Jacó recebeu poder porque prevaleceu. Ele havia perdido a batalha, mas tinha conquistado a vitória! Ao buscar a bênção de Deus e, por fim, ser enfraquecido e forçado a entregar-se, havia se tornado um “príncipe com poder recebido de Deus”. Assim como Paulo, que precisou travar sua própria batalha, Jacó tornou-se forte quando ficou fraco (2 Co 12:1-10).

G. Campbell Morgan chamou a experiência de Jacó de “aleijamento recompensador” e interpretou o nome “Israel” como “um homem governado por Deus”.³ Estou propenso a concordar com ele. Quando Deus governa sobre nossa vida, então pode nos confiar seu poder, pois somente aqueles que estão sob sua autoridade têm o direito de exercê-la. Enquanto vivia com os pais, Jacó havia servido a si mesmo e criado problemas; durante vinte anos serviu a Labão e criou ainda mais problemas; mas, dali em diante, serviria a Deus e se tornaria parte da solução.

Mais uma vez, Jacó deu um nome especial a um lugar importante.⁴ Dessa vez, chamou aquele lugar de *Peniel* (Gn 32:31), que quer dizer “a face de Deus”. Jacó pensou que ver a face de Deus o levaria à morte, mas, na verdade, deu-lhe nova vida. Foi o começo de um novo dia para Israel/Jacó (v. 31): tinha um novo nome, um novo jeito de andar (estava manquejando) e um novo relacionamento com Deus que iria ajudá-lo a enfrentar e a resolver qualquer problema, desde que exercitasse sua fé. O grande teste

estava prestes a acontecer, pois Esaú havia chegado ao lugar onde ele estava.

Jacó estava pronto para o terceiro encontro: sua reunião com Esaú.

5. FRACASSO (GN 33:1-17A)

Jacó erguera os olhos e vira anjos (Gn 32:1, 2), chegando até mesmo a ver a Deus face a face (v. 30), mas quando viu Esaú e seus quatrocentos homens, pareceu perder tudo o que havia ganhado em sua luta consigo mesmo e com o Senhor. Uma coisa é ser abençoado no alto da montanha com Deus; outra bem diferente é levar essa bênção ao fundo do vale. Jacó falhou consigo mesmo, com sua família e com seu Deus em vários aspectos.

Ao tramar em vez de confiar (vv. 1, 2). O “príncipe com Deus” deixou de reinar e começou a tramar. Como muitos do povo de Deus, deixou de viver de acordo com sua nova posição no Senhor. Ao colocar Raquel (sua esposa predileta) e José (seu filho predileto) atrás dos outros, criou mais um problema em seu lar, e não é de se admirar que os irmãos de José viessem a odiá-lo tanto nos anos que se seguiram. Na casa de Jacó todo mundo sabia, sem sombra de dúvida, qual era seu lugar!

Ao prostrar-se em vez de manquejar (vv. 3-7). Quando o povo do Oriente se encontrava, muitas vezes prostravam-se e trocavam saudações tradicionais (“Salaam” ou “Shalom”); mas a forma como Jacó e sua família saudaram Esaú foi mais do que apenas uma questão de tradição. Jacó havia se tornado “príncipe com Deus”, mas não estava agindo como tal. “Vi servos a cavalo e príncipes andando a pé como servos sobre a terra” (Ec 10:7), e Jacó era prova dessa tragédia. Afinal, o mais velho (Esaú) deveria servir o mais jovem (Gn 27:29), então por que o irmão caçula precisava prostrar-se?

A força de Jacó estava em seu manquejar, pois era uma lembrança constante de que Deus o havia conquistado e de que ele podia confiar que o Senhor estaria sempre com ele. Se Jacó tivesse manquejado, seu irmão teria notado e perguntado a causa; teria sido uma excelente oportunidade de Jacó dizer-lhe o que Deus havia feito por

ele. Não vemos Esaú se prostrando. Em vez disso, ele correu para o irmão, lançou-se a seu pescoço e beijou-o.

Ao suplicar em vez de testemunhar (vv. 8-15). O fato de Esaú correr para o irmão, abraçá-lo, beijá-lo e chorar deixa claro que havia ocorrido uma mudança em seu coração. A porta se abriu para que Jacó falasse com Esaú sobre o passado e colocasse em ordem as questões de família; afinal, o exército de Deus estava por perto, e Jacó não precisava temer. Contudo, em vez de confessar seus pecados e de dar testemunho da graça de Deus em sua vida, Jacó gastou seu tempo implorando a Esaú que aceitasse os presentes que havia mandado.

Jacó disse: “Se logrei mercê diante de ti, peço-te que aceites o meu presente, porquanto vi o teu rosto como se tivesse contemplado o semblante de Deus” (v. 10). *Jacó havia visto o semblante de Deus*, mas não disse nada sobre isso a Esaú! “Deus tem sido generoso para comigo” (v. 11), acrescentou, mas não contou exatamente como isso havia acontecido nem deu glórias a Deus. Não contou a Esaú que tinha um novo nome – provavelmente porque, naquela ocasião, ainda não estava vivendo de acordo com esse nome. Deus fez dele um príncipe, mas Jacó estava agindo como um mendigo.⁵

Ao prometer porém não realizar (vv. 12-17a). Esaú, num gesto de bondade, ofereceu-se para acompanhar o irmão até o Sul, onde ficava seu lar, no monte Seir, mas Jacó não queria passar mais tempo do que o necessário com Esaú. Assim como sua despedida de Labão, o encontro de Jacó com Esaú era uma trégua e não uma verdadeira reconciliação. No entanto, Jacó deu a impressão de que estava, de fato, rumando para o monte Seir (v. 14) e ofereceu todas as desculpas que conseguiu imaginar para que Esaú fosse adiante dele e o deixasse prosseguir a seu próprio passo. A repetição da expressão “meu senhor”, nesse parágrafo, pode indicar respeito e cortesia da parte de Jacó, mas também sugere que estava se humilhando novamente. Uma coisa é certa: Jacó estava enganando Esaú outra vez.

Esaú rumou de volta ao monte Seir, viajando para o sul, enquanto Jacó foi para o noroeste, em direção a Sucote, e, depois, a Siquém. Não há registro algum de que Jacó, em alguma ocasião, tenha visitado o irmão no monte Seir. É provável que depois do encontro dos dois, no funeral de Isaque, não tenham mais voltado a se ver (Gn 35:27-29).

6. PROTELAÇÃO (GN 33:17B - 34:31)

Deus havia ordenado que Jacó voltasse a Betel (Gn 31:13) e, depois, a seu lar em Hebrom, onde Isaque ainda vivia (Gn 35:27). Em vez disso, Jacó primeiramente se demorou em Sucote e depois se assentou em Siquém. Em Sucote, o peregrino que deveria viver numa tenda (Hb 11:9-16) construiu para si uma casa e abrigos para seus rebanhos. (A palavra "Sucote" significa "palhoças".) Quando se mudou para as cercanias de Siquém, Jacó comprou uma propriedade e tornou-se um "estrangeiro residente". Esta-va assentando-se naquela terra.

É evidente que Jacó não tinha nenhuma pressa em obedecer a Deus e voltar para Betel. É elogiável o fato de ter erguido um altar e dado testemunho público de sua fé no Senhor, mas o sacrifício não substitui a obediência (1 Sm 15:22). O nome que deu ao altar ("Deus, o Deus de Israel") indica que ele se apropriou de seu novo nome, "Israel", mas certamente não estava vivendo de acordo com tudo o que ficava implícito nesse nome. Pelo fato de haver se demorado nessa parte da terra, sua filha, Diná, foi violentada e dois de seus filhos tornaram-se assassinos. Esse desvio do caminho custou muito caro.

Descuido (34:1). Diná era ingênua, rebelde ou simplesmente ignorante quanto às coisas do mundo? Por que era tão importante para ela conhecer as mulheres daquela terra e por que sua mãe não a aconselhou nem mandou algum irmão junto para lhe fazer companhia durante aquela viagem de "turismo"? (Seus irmãos estavam nos campos com os rebanhos.) Em primeiro lugar, o que Jacó estava fazendo demorando-se naquela região pagã e deliberadamente colocando a família em perigo? Deveria estar em Betel conduzindo-os para mais perto do Senhor.

O nome do Senhor não é mencionado nenhuma vez nesse capítulo e, sem dúvida, a sabedoria do Senhor também não estava presente. Quando desobedecemos ao Senhor, colocamos a nós mesmos e a nossos entes queridos em perigo. Considere o que aconteceu a Abraão no Egito (Gn 12:10-20) e em Gerar (Gn 20:1ss), a Ló em Sodoma (19:1ss), a Isaque em Gerar (Gn 26:6-16), a Sansão na Filístia (Jz 14; 16), a Elimeleque e Noemi em Moabe (Rt 1) e a Pedro no pátio da casa do sumo sacerdote (Lc 22:54ss).

Violação (vv. 2-5). Por três vezes nessa passagem, a palavra "violada" é usada para descrever o ato perverso de Siquém (vv. 5, 13, 27).⁶ O jovem príncipe afirmou que a tomou para si porque a amava e queria que ela fosse sua esposa. Mas violentar e manter a moça confinada numa casa (v. 26) era uma forma muito estranha de declarar seu amor.

No entanto, seus atos e palavras serviram apenas para testemunhar que o povo de Deus e o povo de Canaã tinham padrões diferentes de conduta. Para os hebreus, o ato sexual que violava a lei de Deus profanava a vítima e trazia o julgamento de Deus sobre os culpados. Posteriormente, a lei mosaica e suas penalidades procuraram proteger as pessoas ao declarar a conduta sexual imprópria como pecado e como crime (ver Lv 18). O silêncio de Jacó ao ouvir a notícia trágica (Gn 34:5) não foi uma demonstração de indiferença nem de covardia da sua parte. Uma vez que seus filhos estavam no campo com as ovelhas e o gado e tendo em vista que não podia fazer nada sem a ajuda deles, foi sábio em esperar.

Dissimulação (vv. 6-24). Quando os filhos de Jacó ficaram sabendo o que havia acontecido, entristeceram-se profundamente com o fato de sua irmã ter sido violentada e enfureceram-se com o homem que havia feito tal coisa. Em vez de declararem guerra imediatamente, fingiram buscar a paz com seus vizinhos e ofereceram fazer negócio com eles e até mesmo se casar com gente do povo deles. Tudo o que os homens de Siquém precisavam fazer era concordar em ser circuncidados. É claro que a circuncisão não seria suficiente para transformar cananeus em

membros do povo de Deus, uma vez que não estavam presentes quaisquer outras das condições da aliança.

Os cananeus viram nesse acordo uma oportunidade de assimilar Israel e de, aos poucos, tomar para si as terras e riquezas de seu povo. Os filhos de Jacó, porém, consideraram-no um meio de enfraquecer os homens e de prepará-los para uma chacina. Sem suspeitar do perigo, os homens da cidade submeteram-se à cirurgia.

Vingança (vv. 25-31). No momento em que os homens de Siquém estavam sofrendo dores demais para se defender, Simeão e Levi – dois dos irmãos de Diná também por parte de mãe – reuniram alguns homens do acampamento de Jacó e atacaram os siquemitas, matando Hamor, seu filho e todos os homens da cidade. Em seguida, saquearam o lugar e levaram mulheres e crianças como escravos. Foi um ato de perversidade, e, quando Jacó ficou sabendo, irou-se e teve medo. No entanto, ao longo de sua vida, uma vez que ele próprio havia tramado intrigas e também

havia enganado o próprio pai, Jacó não podia repreender os filhos sem incriminar-se a si mesmo.

Sem dúvida, Simeão e Levi foram longe demais ao assassinar os cananeus e saquear sua cidade a fim de vingar a irmã, e Jacó nunca se esqueceu disso (Gn 49:5-7). Com sua dissimulação e destruição implacável, acabaram com o testemunho de Jacó diante do povo daquela terra. De que adiantava Jacó construir um altar e adorar o Deus verdadeiro diante de seus vizinhos pagãos se seus filhos também agiram como pagãos? No entanto, é triste ver que a maior preocupação de Jacó não era recuperar a pureza nem mesmo seu testemunho na terra, mas sim sua própria segurança. Se Jacó e sua família tivessem ido a Betel, que era seu lugar, é possível que tal tragédia não tivesse ocorrido.

Conforme havia dito (Gn 28:15), porém, Deus ainda não terminara sua obra na vida de Jacó. Ele passaria por sofrimentos e alegrias, mas em tudo o Deus de Jacó se mostraria fiel.

1. Alguns comentaristas tentaram exonerar Jacó dizendo que seu presente não foi um suborno, mas sim uma tentativa de fazer uma reparação e de compartilhar suas bênçãos com seu irmão. No entanto, a própria declaração de Jacó: “Eu o aplacarei” (v. 20), deixa claro que o presente era um tipo de propiciação para aplacar a ira de Esaú.
2. TOZER, A. W. *A Conquista Divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 35.
3. MORGAN, G. Campbell. *The Westminster Pulpit*. Londres: Pickering & Inglis, v. 7, p. 323.
4. Luz tornou-se Betel, “a casa de Deus” (Gn 28:19); Maanaim significa “os dois exércitos” (Gn 32:1, 2) e Sucote quer dizer “palhoças” (Gn 33:16, 17).
5. Mesmo que Jacó não estivesse em seu melhor momento, Esaú ainda assim aceitou aquilo que seu irmão estava dizendo como verdade e recebeu os presentes como uma expressão de amor e de boa vontade. Jacó falou sobre a graça, mas foi Esaú quem demonstrou graça. Às vezes, as pessoas do mundo fazem o povo de Deus envergonhar-se de suas atitudes não-cristãs (Gn 12:10-20; 20; 26:6-16).
6. A palavra hebraica usada no versículo 2 e traduzida por “humilhar” significava “violentar”, enquanto a palavra usada nos versículos 5, 13 e 27 quer dizer “tornar impura”. Muitas vítimas de abuso sexual confessam terem se sentido “suja” por causa do que passaram.

VOCÊ PODE VOLTAR PARA CASA

GÊNESIS 35 – 36

Ir de Gênesis 34 para Gênesis 35 é como sair de um deserto e ir para um jardim, de um pronto-socorro para uma festa de casamento. O ambiente de Gênesis 35 é de fé e obediência, e a ênfase é sobre a purificação e a renovação. Deus é mencionado dez vezes no capítulo 35, e o nome usado para ele é *El-Shaddai*, que significa “Deus Todo-Poderoso”. O melhor de tudo é que, no capítulo 35, vemos os peregrinos de Deus fazendo progresso e chegando ao lugar que Deus lhes havia ordenado.

No entanto, o novo passo de fé dado por Jacó não evitou que passasse por outros problemas e provações. Durante esse tempo de renovação, Jacó sepultou o pai e sua esposa mais amada e, para aumentar ainda mais seu profundo sofrimento, seu filho primogênito cometeu um pecado horrível. Ser um cristão vitorioso não significa escapar das dificuldades da vida e apenas desfrutar de dias despreocupados. Antes, significa andar com Deus pela fé, sabendo que ele está conosco e confiando que ele nos ajudará para nosso bem e para sua glória, independentemente das dificuldades que ele permitir que passemos. O cristão que está amadurecendo não ora perguntando: “Como posso sair dessa?”, mas sim: “O que posso aprender com isso?”.

1. UM RECOMEÇO (GN 35:1-15)

De acordo com as boas novas do evangelho, não precisamos permanecer do jeito que somos. Não importa quantas vezes fracassamos em nossa jornada com o Senhor, podemos sempre voltar para casa, se nos arrependermos e obedecermos de coração.

Foi o que aconteceu a Abraão (Gn 13:1-4), Isaque (Gn 26:17), Davi (2 Sm 12), Jonas (Jn 3:1-3), Pedro (Jo 21:15-19) e, então, com Jacó.

Deus falou a Jacó (v. 1). Jacó demorou-se vários anos num lugar a menos de cinquenta quilômetros de Betel e pagou caro por sua desobediência.¹Então, o Senhor falou com ele e disse-lhe para ir a Betel assentar-se lá. Jacó já sabia que Betel era o lugar determinado por Deus para ele e sua família (Gn 31:13), mas havia sido tardio em obedecer. “Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras” (Ap 2:5).

Jacó havia construído um altar na propriedade que tinha comprado próximo a Siquém e chamou esse altar de “Deus, o Deus de Israel” (Gn 33:20). No entanto, Deus não se agradou com esse altar, pois queria que Jacó voltasse a adorar em Betel, “a casa de Deus”. O Senhor lembrou Jacó de sua situação desesperadora vinte anos antes e de como ele o havia livrado e abençoado. Em Betel, Jacó havia feito alguns votos ao Senhor, e era chegada a hora de cumpri-los.

Muitos dos problemas na vida cristã e na igreja local são resultado da obediência incompleta. Sabemos o que o Senhor quer que façamos, começamos a fazê-lo, mas então paramos. Quando não continuamos a obedecer a Deus e a realizar sua vontade, até mesmo aquilo que fizemos começa a morrer. As palavras de Jesus para a igreja de Sardis também são adequadas para nós hoje: “Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus” (Ap 3:2).

Jacó instruiu os membros da sua casa (vv. 2-4). É animador ver Jacó assumir o controle da situação e testemunhar com ousadia o que Deus lhe disse e o que o Senhor fez por ele. Essas instruções aplicavam-se não apenas às esposas e filhos de Jacó, mas também a seus servos de Padã-Arã. Uma vez que Jacó possuía grandes rebanhos e muito gado, provavelmente precisava de um grande número de homens para ajudar a cuidar de tudo.

Jacó pediu um tempo de purificação para todos, sendo que a primeira coisa que

precisavam fazer era livrar-se de seus ídolos. Raquel havia roubado os ídolos do lar de seu pai (Gn 31:19, 34, 35), e Jacó sabia que havia outros falsos deuses escondidos no acampamento. A adoração aos deuses das nações pagãs sempre foi uma tentação para os israelitas. Moisés precisou adverti-los sobre a idolatria antes de entrarem na Terra Prometida (Dt 7), e Josué teve de desafiar os israelitas a abandonar seus deuses depois que haviam conquistado a terra (Js 24:14, 23, 24). Até mesmo Samuel enfrentou esse problema em seu tempo (1 Sm 7:2-4), e os profetas repreenderam a nação, em várias ocasiões, por edificar santuários em lugares altos e ali servir a falsos deuses.

A segunda instrução foi “purificai-vos e mudai vossas vestes” (Gn 35:2). A maioria das pessoas, hoje em dia, está acostumada a ter água encanada dentro de casa, sabonetes perfumados e guarda-roupas cheios, de modo que nos esquecemos de que os antigos povos nômades das terras bíblicas não possuíam quaisquer conveniências desse tipo. Aliás, nossas práticas modernas de higiene e os confortos que temos hoje em dia eram desconhecidos pelas civilizações ocidentais durante boa parte da história. Aquilo que agora chamamos de necessidade, nossos antepassados consideravam luxos.

Nas Escrituras, porém, o ato de lavar o corpo e de trocar as roupas simboliza um recomeço. Assim como a sujeira, o pecado nos contamina e deve ser removido com a água (Sl 51:2, 7; Is 1:16; 2 Co 7:1; 1 Jo 1:9). Nossas roupas velhas retratam a antiga vida e seus erros (Is 64:6). Mas Deus, em sua misericórdia, nos dá “vestes novas” para que possamos recomeçar (Gn 3:21; Is 61:10; Zc 3:11-15; Lc 15:22; Ap 3:18). Antes de dar a lei a Moisés no monte Sinai, Deus ordenou que o povo se lavasse e trocasse de roupa, pois estava prestes a entrar em aliança solemne com o Senhor (Êx 19:9-15).²

Todo o povo obedeceu às ordens de Jacó, entregou-lhe seus ídolos e jóias identificadas com deuses pagãos (ver também Êx 32:3; Jz 8:24-27; Os 2:13). Jacó enterrou tudo sob o “carvalho que está junto a Siquém” (Gn 35:4), aparentemente uma árvore bastante

conhecida e, talvez, a mesma à qual se faz referência em Gênesis 12:6.

Deus protegeu Jacó e sua casa (v. 5).

Depois do ataque sangüinário de Simeão e Levi contra os siquemitas, Jacó temeu ser atacado pelos cananeus (Gn 34:30), mas Deus cumpriu sua promessa (Gn 28:15) e cuidou de Jacó e de seu povo enquanto se dirigiam a Betel (Sl 105:7-15). Esse mesmo “terror de Deus” foi adiante de Israel em sua jornada rumo a Canaã e preparou o caminho para que conquistassem a Terra Prometida (Êx 15:14-16; Dt 2:24, 25; Js 2:8-14). Quando o povo de Deus faz a vontade de Deus à maneira de Deus, pode contar com a proteção e provisão do Senhor (Is 41:10, 14; 44:2, 8; 43:1-5). Quando tememos a Deus não precisamos temer a mais ninguém.

Jacó adorou a Deus (vv. 6-8). Deus havia prometido conduzir Jacó em segurança até Betel (Gn 28:15) e cumpriu sua promessa, como sempre faz (Js 21:45; 23:14; 1 Rs 8:56). Jacó cumpriu sua parte no acordo ao construir um altar e liderar toda sua casa em adoração ao Senhor. Mais uma vez, Jacó deu um novo nome a um velho lugar. Ele havia chamado Luz de “Betel, a casa de Deus” (Gn 28:19) e, então, expandiu esse nome para “o Deus de Betel”. O importante não era o lugar, mas sim o Deus do lugar e o que ele havia feito em favor de Jacó.

O povo judeu considerava vários lugares especiais por causa daquilo que Deus havia feito por eles ali – lugares como Betel, o monte Sinai, Jerusalém, o rio Jordão e Gilgal. É possível que todos tenhamos lugares especialmente significativos para nós por causa de experiências espirituais que tivemos neles, mas um “lugar santo” jamais deve substituir o Deus Santo. Visitar um lugar especial e tentar lembrar antigas bênçãos é viver no passado. Vamos pedir a Deus novas bênçãos e uma nova revelação dele!

Não sabemos em que momento Débora, a serva de Rebeca (Gn 24:59), tornou-se parte da casa de Jacó, mas sua presença no acampamento sugere que, àquela altura, a mãe de Jacó havia morrido. Débora havia ficado com Isaque até Jacó aproximar-se de Hebrom e, então, foi ao encontro do menino

que havia ajudado a criar tantos anos antes. Será que foi ela quem contou a Jacó que Rebeca havia morrido? O carinho com que Jacó tratou essa serva idosa é um exemplo a ser seguido por todos nós.

Deus apareceu a Jacó (vv. 9-15). Em sua primeira experiência em Betel, Jacó havia visto Deus e os anjos em seu sonho (Gn 28:12), mas, dessa vez, o Senhor apareceu-lhe de alguma forma especial e o abençoou. Deus reafirmou o novo nome de Jacó - "Israel" - e seu próprio nome - "Deus Todo-Poderoso" (*El-Shaddai*; Gn 17:1; 28:3; 43:14; 48:3; 49:25).³ Reafirmou, também, a promessa sobre a multiplicação dos descendentes de Jacó e sua posse da terra, assegurando a Jacó que haveria nações e reis em meio a sua descendência. Naquele tempo, Jacó tinha onze filhos, mas Deus ainda lhe daria mais um filho, abençoaria todos eles abundantemente e aumentaria seu número.

Como havia feito anos antes em Betel, Jacó ergueu uma coluna de pedra e consagrou-a ao Senhor (Gn 28:18). Ele não apenas derramou óleo sobre o pilar, mas também um pouco de vinho (uma "libação"). A libação era um complemento que fazia parte dos sacrifícios comuns e era derramada sobre o altar enquanto o sacrifício queimava (Êx 29:40-41; Nm 6:17; 15:5-10, 24; 29:22-38). Era um símbolo de consagração, da vida do adorador sendo derramada para o Senhor (2 Sm 23:16; Fp 2:17).

A restauração de Jacó havia se completado. Estava de volta ao lugar que Deus havia escolhido para ele; havia oferecido sua própria vida e seus sacrifícios ao Senhor; o Senhor havia lhe falado, e as promessas da aliança haviam sido reafirmadas. Saíra da casa de Labão e chegara à casa de Deus e, apesar de ainda ter muito o que aprender sobre sua caminhada com o Senhor, Jacó estava começando a ser "Israel" e a viver como príncipe em vez de mendigo.

2. OUTRO FILHO (GN 35:16-20)

Passamos agora da voz de Deus para o choro de um bebê e para as últimas palavras de sua mãe.

Nascimento (vv. 16, 17). Quando Raquel, a amada de Jacó, soube que estava grávida, a notícia deve ter sido motivo de grande alegria para os dois. Dera a Jacó apenas um filho chamado José ("acrescentar") e, ao dar-lhe esse nome, havia expressado seu desejo de ter outro filho (Gn 30:22-24). Deus respondeu a suas orações e deu-lhe mais um menino. Assim, Jacó ficou com doze filhos, os fundadores das doze tribos de Israel.

Morte (vv. 18a-19). Raquel havia dito a Jacó: "Dá-me filhos, senão morrerei". Agora estava prestes a dar-lhe o segundo filho, mas ao fazê-lo entregaria a própria vida em troca da vida da criança (Gn 30:1). Não devemos, porém, interpretar sua morte como um juízo de Deus por causa de sua declaração precipitada nem pelo fato de ela ter roubado os ídolos de seu pai.⁴ A vida é um mosaico de luzes e sombras, de alegrias e tristezas, e o mesmo bebê que trouxe felicidade a Raquel e a seu marido também lhe deu lágrimas.

Fé (v. 18b). *Benoni* quer dizer "filho da minha tristeza" ou "filho da minha dificuldade" e não é um nome muito agradável para um homem levar consigo ao longo de toda a vida, lembrando-o de que seu nascimento havia contribuído para a morte da mãe. Seu aniversário teria sido obscurecido por um profundo pesar. Porém, Jacó estava sempre pronto a dar novos nomes, de modo que chamou seu filho de *Benjamim*, que significa "filho da minha destra", ou seja, um filho a ser honrado.⁵ O primeiro rei de Israel viria da tribo de Benjamim (1 Sm 9), bem como o apóstolo Paulo (Fp 3:5).

Amor (v. 20). Mais de vinte anos antes, Jacó erguera uma coluna de pedra em Betel para comemorar seu encontro com Deus. Então, colocou outra coluna para servir de memorial à sua amada esposa, Raquel. Ficava no "caminho de Efrata", outro nome para Belém (Efrata significa "frutífera" e Belém quer dizer "casa do pão".) Diz a tradição que o túmulo de Raquel fica cerca de um quilômetro e meio ao norte de Belém, no caminho para Jerusalém, mas de acordo com Jeremias, encontrava-se perto de Ramá, cerca de oito quilômetros ao norte de Jerusalém (Jr 31:15).

Se não fosse pelo nascimento de Jesus em Belém, a cidade seria lembrada principalmente pela morte de Raquel. Pelo fato de ele ter nascido ali, temos “boas novas de grande alegria” em vez de lágrimas de tristeza. Mateus associou a referência de Jeremias ao túmulo de Raquel com o assassinato de milhares de crianças inocentes em Belém em cumprimento às ordens de Herodes (Mt 2:18). O nascimento de Jesus trouxe alegria (Benjamim) e tristeza (Benoni).

3. OUTRO PESAR (GN 35:21, 22)

A morte de uma esposa querida é, no mínimo, uma experiência normal na vida do ser humano e não costuma trazer sentimentos de culpa, mas o que Rúben fez foi anormal e repleto de culpa e de vergonha.

Rúben era o primogênito de Jacó e, portanto, o mais velho de seus filhos (Gn 29:31, 32). É bem provável que, nessa época, tivesse vinte e poucos anos. O episódio com as mandrágoras em sua infância pode ou não ser uma indicação de sua natureza (Gn 30:14, 15). Bila era serva de Raquel e havia dado dois filhos a Jacó: Dã e Naftali (vv. 1-8). Talvez a morte recente de Raquel tivesse despertado em Bila o desejo de estar perto de Jacó outra vez, e Rúben usou essa oportunidade para entrar em ação. Uma vez que o texto não indica que Rúben violentou a esposa do pai, supomos que ela foi cooperativa.

No entanto, o pecado de Rúben envolvia muito mais do que simplesmente satisfazer um desejo lascivo. Isso porque, quando um filho tomava para si uma esposa do pai dessa maneira, estava declarando que, daquele momento em diante, era o chefe da família. Quando Abner tomou a concubina do rei Saul, Isbosete – o filho e herdeiro de Saul – protestou, pois significava que Abner estava usurpando a coroa (2 Sm 3:6-11). Quando Davi sucedeu Saul como rei, recebeu as esposas de Saul como se fossem suas próprias mulheres (1 Sm 12:8). O rebelde Absalão declarou-se rei ao tomar para si as concubinas de seu pai (2 Sm 16:20-23), e Adonias, ao pedir para si a mão de Abisague como esposa, estava desafiando o direito de Salomão ao trono (1 Rs 2:13-25).

Ao que parece, portanto, a intenção de Rúben era assumir a liderança da família, o que tornava seu ato ainda mais vil. Assim como o filho mais moço da parábola de Jesus, Rúben não conseguiu esperar para receber sua herança (Lc 15:11-24). Quis tê-la de imediato.

A princípio, Jacó não tomou nenhuma providência, mas certamente ficou arrasado com o que o filho havia feito. Rúben demonstrou ter algum caráter ao proteger José para que não fosse morto, mas não foi capaz de poupá-lo da escravidão (Gn 37:20-30). Apesar de Rúben ser o primogênito, seus irmãos não pareciam respeitar sua liderança. Em sua velhice, Jacó expôs o pecado de Rúben e destituiu-o de seu direito de primogenitura, dando-o a José (Gn 48:1-14; 49:3, 4; 1 Cr 5:1, 2).

Aqueles que ensinam que nossa dedicação ao Senhor automaticamente nos protege das dificuldades e das lágrimas precisam ler esse capítulo com muita atenção. Sem dúvida, Deus havia perdoado Jacó e, com certeza, Jacó estava andando com o Senhor em fé e obediência. Ainda assim, teve sua cota de provações. Se obedecermos a Deus apenas em função daquilo que ganharmos com isso e não porque ele é digno de nosso amor e obediência, então nossa motivação e atitude são erradas. Tornamo-nos o tipo de pessoa que Satanás acusou Jó de ser (Jó 1:6 – 2:10).

4. OUTRA SITUAÇÃO (GN 35:23 – 36:43)

Mais de vinte anos antes, Isaque havia pensado estar prestes a morrer (Gn 24:1-4), mas a morte só veio quando ele estava com cento e oitenta anos de idade. Ele foi o patriarca que teve uma vida mais longa e, no entanto, encontramos menos informações sobre ele do que sobre seu pai, seus filhos e seu neto, José.⁶

Cremos que Isaque e Jacó reconciliaram-se de todo e que o velho patriarca morreu “avançado em anos” (Gn 25:8), como seu pai. Esaú veio do monte Seir para dar seus pêsames e ajudar Jacó a sepultar o pai na caverna de Macpela (Gn 49:29-32). Esaú era um homem do mundo, não um filho da aliança, mas ainda assim era filho de Isaque e irmão de Jacó e tinha todo o direito de estar lá. A morte é uma experiência de todo ser

humano e que traz dor ao coração. Cuidar do sepultamento dos mortos é responsabilidade de todos os membros da família – crentes e incrédulos.

No entanto, a morte de Isaque mudou a situação de Jacó: ele passou a ser o chefe da família e herdeiro das bênçãos da aliança. Não apenas adquiriu a enorme riqueza de Isaque como também herdou tudo o que fazia parte da aliança com Abraão. Seu Deus viria a ser conhecido como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

Existe um grande contraste entre o registro da família de Jacó, em Gênesis 35:23-26, que apresenta a lista das quatro esposas de Jacó e de seus doze filhos, e a longa lista de pessoas pertencentes à família de Esaú no capítulo 36.

Há seis listas de nomes, incluindo filhos (vv. 1-14, 20-28), príncipes (vv. 15-19, 29, 30, 40-43) e reis (vv. 31-39), e parece haver, também, repetição de nomes (compare os vv. 10-14 com 15-19, e 20-28 com 29, 30). Esaú teve sua cota de bênçãos materiais;⁷

mas Jacó recebeu do Senhor as bênçãos da aliança.

Gênesis 36 é um capítulo longo que contém muitos nomes, mas no que se refere a Esaú, é o fim da história! Os edomitas são citados no Antigo Testamento somente porque fazem parte da história de Israel. “Esaú” e “Edom”, inimigos declarados dos israelitas, são mencionados mais de duzentas vezes na Bíblia, mas os nomes “Jacó” e “Israel” aparecem mais de duas mil vezes! Elifaz, filho de Esaú, foi o pai de Amaleque, e os amalequitas também foram inimigos de Israel (Êx 17:8-16; Nm 14:39-45; Dt 25:17-19; 1 Sm 15).

Gênesis 37 dá continuidade à história não de Esaú, mas de Jacó! A oração: “Esta é a história de Jacó” (Gn 37:2) é a décima vez em que uma das declarações de “geração” aparece em Gênesis e apresenta a história de José, o filho predileto de Jacó. Com todas as suas fraquezas e falhas, os filhos de Jacó dariam continuidade à obra de Deus na Terra e cumpririam as promessas da aliança que Deus havia feito a Abraão.

1. Se Jacó estava com setenta e sete anos quando saiu de casa e, uma vez que ficou vinte anos com Labão, isso significa que estava com noventa e sete anos quando rumou para Betel. Isaque era sessenta anos mais velho que Jacó e, portanto, estava com cento e cinquenta e sete anos quando Jacó voltou e tinha ainda mais vinte e três anos de vida (Gn 35:28). A morte de Isaque é registrada nos versículos 27-29, mas a seqüência dos acontecimentos no relato bíblico nem sempre é cronológica. Ver nota 6.
2. Paulo usou a imagem das vestimentas para ensinar sobre a “novidade de vida” para o cristãos (Rm 13:11-14; 1 Co 6:9-11; Ef 4:17-32; Cl 3:8-17) bem como sobre o novo corpo que receberemos quando Cristo voltar (2 Co 5:1-5).
3. Para os estudiosos da língua hebraica, a interpretação tradicional de *El-Shaddai* é “Deus Todo-Poderoso” ou “Deus Todo-Suficiente”, o que relaciona a palavra ao termo hebraico para “seio”. Assim, ele é o Deus que nutre e provê, que sustenta e capacita. Estudos recentes sugerem “o Deus da montanha” (força, estabilidade) e “Deus meu destruidor” (poder contra o inimigo).
4. Alguns traduzem Ben-oni como “filho do meu pecado”, relacionando-o ao roubo dos ídolos de Labão. Esse nome também já foi traduzido por “filho do Sul”, uma vez que Benjamim foi o único filho de Jacó que não nasceu em Padã-Arã. Também foi o único filho ao qual Jacó deu nome.
5. Aqueles que se dedicam aos estudos proféticos vêem nesses dois nomes os dois aspectos da vida e ministério de nosso Senhor: seu sofrimento (*Ben-oni*) e sua glória (*Benjamim*) (ver Lc 24:26 e 1 Pe 5:1.)
6. Os acontecimentos dos capítulos 37 - 40 de Gênesis ocorreram enquanto Isaque ainda estava vivo, mesmo que sua morte encontre-se registrada nessa passagem. Se Jacó estava com cento e trinta anos quando foi para o Egito (Gn 47:9) e José com trinta e nove (41:46 [trinta anos de idade] mais sete anos de fartura e dois anos de fome [Gn 45:11]), então Jacó estava com noventa e um anos quando José nasceu. Se José tinha dezessete anos quando foi levado para o Egito (Gn 37:2), então Jacó estava em Canaã havia onze anos e tinha 108 anos de idade. Seu pai, Isaque, estava então com 168 anos (Gn 25:26) e, portanto, ainda estava vivo quando José foi vendido. Isaque morreu doze anos depois, um ano antes de José ser elevado à posição de vice-governador do Egito.
7. A separação de Jacó e Esaú (vv. 6-8) nos lembra o que aconteceu com Abraão e Ló (Gn 13:5-11).

APRESENTO-LHES O HERÓI

GÊNESIS 37

A declaração: “Esta é a história de Jacó” (v. 2) informa que estamos entrando em outra seção do Livro de Gênesis dedicada a Jacó, que nos foi apresentado quando lemos sobre “as gerações de Isaque” (Gn 25:19). Contudo, o ator principal dessa seção de Gênesis sobre “Jacó” será José, mencionado duas vezes mais que seu pai nos catorze capítulos a seguir.¹ Jacó não será ignorado, porém o centro do palco será ocupado por José.

A história de José pode ser lida pelo menos de três formas diferentes. Se a lermos como literatura, descobriremos uma história fascinante de um pai extremamente amoroso, um filho mimado, alguns irmãos enciumados, uma esposa dissimulada e uma escassez de alimentos de abrangência internacional. Não é de se admirar que, ao longo dos anos, artistas criativos voltaram-se para essa história em busca de inspiração. Em 1742, Henry Fielding usou o José da Bíblia como modelo para criar seu personagem *Joseph Andrews*. No ano seguinte, Handel compôs o oratório *José*. Num período de dezesseis anos, o escritor alemão Thomas Mann escreveu quatro romances baseados na vida de José. No entanto, Gênesis 37 – 50 é muito mais do que um texto de literatura dramática, pois ao investigarmos seu conteúdo em mais detalhes, descobrimos uma história repleta de profundas implicações teológicas. A mão de Deus fica evidente em cada uma das cenas controlando e prevalecendo sobre as decisões das pessoas e, no final, Deus constrói um herói, salva uma família e cria uma nação que será bênção para o mundo todo. Por trás dessa história, está

o cerne do Deus da aliança que sempre cumpre suas promessas.

Para o cristão, existe ainda uma terceira forma de ler essa história, pois José é uma das ilustrações mais ricas de Jesus Cristo no Antigo Testamento. José é semelhante a Jesus por ser amado por seu pai e obediente à sua vontade, rejeitado por seus próprios irmãos e vendido como escravo, acusado falsamente e castigado injustamente e, por fim, elevado de um lugar de sofrimento para um trono de poder, salvando, desse modo, seu povo da morte. A maior diferença, porém, é que o relato diz apenas que José morreu, enquanto Jesus Cristo, de fato, deu sua vida na cruz, porém foi ressurreto da morte a fim de nos salvar.²

Gênesis 37 mostra em detalhes a dinâmica de uma família cujos membros conheciam o verdadeiro Deus vivo e, ainda assim, pecaram contra ele e uns contra os outros por meio de palavras e ações. A presença de José naquela casa não criou os problemas, mas sim tornou-os aparentes. Considere as forças destrutivas operando nessa família, forças sobre as quais Deus, em sua graça, prevaleceu para o próprio bem daquelas pessoas. Onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rm 5:20).³

1. ÓDIO (GN 37:1-4)

“Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (Sl 133:1). Porém, a família de Jacó não desfrutava da bênção da união, pois, desde seu início, era um lar dividido. As primeiras esposas de Jacó eram rivais, e o acréscimo de duas concubinas não diminuiu a tensão. Um lar com um pai, quatro mães diferentes e doze filhos tem todos os ingredientes para uma porção de problemas. Infelizmente, Jacó veio de um lar dividido e trouxe consigo esse mal. Por que os irmãos odiavam tanto José?

José possuía integridade (v. 2). Os filhos de Bila eram Dã e Naftali, e os filhos de Zilpa, Gade e Aser. Ao que parece, José cuidava de ovelhas junto com eles e era seu assistente ou aprendiz. Ninguém sabia, então, que José estava destinado a coisas maiores que

aquelas e, no entanto, ele começou como servo (Mt 25:21).

Não era fácil para José trabalhar com seus meios-irmãos, pois o modo de vida deles era diferente do seu. Será que os rapazes estavam roubando o pai? Estariam envolvidos demais com o estilo de vida do povo daquela terra? Não sabemos quais eram as coisas perversas que faziam, mas, quaisquer que fossem seus pecados, José achou que era preciso que Jacó ficasse sabendo de tudo. José também sabia o que seus outros irmãos faziam e relatava tudo a Jacó.

José tinha o direito de denunciar os irmãos? Sempre o consideramos em alta estima por seu caráter, mas será que, em sua juventude, não passava de um dedo-duro adolescente? Sem dúvida, não tinha autoridade alguma sobre os irmãos e não precisava prestar contas do comportamento deles. Ia para os campos com eles para trabalhar e não espioná-los.

Os acontecimentos subsequêntes provaram que, por mais jovem que fosse, José tinha bom-senso e discernimento. Assim, aquilo que seus irmãos estavam fazendo devia ser terrivelmente perverso; do contrário, José não teria relatado ao pai. Talvez Jacó suspeitasse da maldade dos filhos e tivesse pedido a José que contasse o que sabia. Certamente, o menino não mentiria ao pai e, quando Jacó foi conversar com os filhos sobre seu comportamento, souberam na hora quem havia sido o informante.

José era o filho predileto (vv. 3, 4). Uma vez que havia sentido as tristes conseqüências do favoritismo no lar em que havia crescido (Gn 25:28) e no tempo com Labão (Gn 29:30), Jacó deveria ter demonstrado discernimento e não ter mimado José como fez. Porém, José era filho de Raquel, a esposa predileta de Jacó, e o coração do ser humano por vezes engana a mente e leva as pessoas a fazerem coisas inexplicáveis. Como escreveu Pascal em sua obra *Pensees*: "O coração tem razões que a razão desconhece". Ainda assim, não foi a maneira mais sábia de governar seu lar.

Não sabemos, ao certo, como era exatamente a famosa "túnica talar" (Gn 37:3), mas

a definição mais plausível parece ser de "um manto ricamente colorido". Exceto pelos versículos 23 e 33, o único texto em que encontramos esse termo hebraico é 2 Samuel 13:18, que descreve as vestimentas da filha de um rei. A "túnica" de José chegava aos calcanhares e tinha mangas longas. Era a vestimenta usada por governantes ricos, e nem o pastor mais bem-vestido precisaria de algo no gênero para trabalhar nos campos.

No entanto, Jacó tinha em mente algo mais importante do que a última moda quando deu a vestimenta especial a José. É bem provável que fosse a forma de dizer que havia escolhido José para ser seu herdeiro. Rúben havia perdido sua condição de primogênito depois do pecado que cometera com Bila (Gn 35:22), e Simeão, o filho seguinte, havia se envolvido juntamente com Levi na matança dos siquemitas. Além disso, os quatro primeiros filhos de Jacó eram de sua união com Lia, uma mulher com a qual não havia se casado voluntariamente. O desejo absoluto de seu coração era casar-se com Raquel, mas Labão o havia enganado. Talvez o raciocínio de Jacó fosse de que, aos olhos de Deus, sua primeira esposa era Raquel, e José era o primogênito de sua união com ela. Assim, José tinha o direito de ser tratado como primogênito.

Se os irmãos viam a situação desse modo, não é de se admirar que odiassem tanto José. Jacó sabia dos verdadeiros sentimentos deles e chegou a mencioná-los em seu leito de morte. "Os flecheiros lhe dão amargura [a José], atiram contra ele e o aborrecem" (Gn 49:23).

O ódio é um pecado de terríveis conseqüências, pois gera outros pecados. "O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões" (Pv 10:12). "Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas" (1 Jo 2:9). Em termos morais, o ódio no coração equivale ao homicídio (Mt 5:21-26). "Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si" (1 Jo 3:15).

2. INVEJA (GN 37:5-11)

O autor de um manual para pregadores do século XIV escreveu que a inveja "é a mais preciosa filha do diabo, pois segue seus passos ao frustrar o bem e promover o mal".⁴ O autor poderia ter acrescentado, ainda, que a Inveja tem uma irmã chamada Malícia, e que as duas normalmente trabalham juntas (Tt 3:3; 1 Pe 2:1). A inveja causa o sofrimento interior quando os outros são bem-sucedidos, e a malícia causa a satisfação interior quando os outros fracassam. Com frequência, a inveja e a malícia geram a maledicência e a crítica injusta, e, quando esses dois pecados se escondem por trás do véu do zelo religioso e da hipocrisia, produzem um veneno ainda mais mortal.

De acordo com Max Beerbohm, humorista britânico: "As pessoas que insistem em contar seus sonhos são um dos terrores à mesa do café da manhã". Será que José fez bem em contar seus sonhos para os familiares ou essa foi só outra demonstração de sua imaturidade adolescente? Os dois sonhos inevitavelmente irritaram a família e pioraram as coisas para ele. Afinal, como José poderia se tornar um governante e por que seus irmãos iriam prostrar-se diante dele? Era tudo muito absurdo. Quando José relatou o segundo sonho, até o pai ficou perturbado e o repreendeu.⁵ No entanto, quando estava sozinho, Jacó meditou sobre os sonhos. Afinal de contas, Jacó havia recebido mensagens de Deus em seus sonhos (ver Gn 28:12ss; 31:1-13), de modo que talvez fosse o Senhor que estivesse falando com José.

Talvez José pudesse ter sido um pouco mais diplomático na maneira de relatar seus sonhos, mas certamente estava certo em compartilhá-los com a família. Não se tratava de "entusiasmo adolescente", mas sim da vontade de Deus. Se os irmãos tivessem prestado atenção nesses dois sonhos, estariam mais bem preparados para o que aconteceu vinte anos depois. Se Jacó tivesse compreendido o significado dos sonhos, poderia ter crido que José ainda estava vivo e que o veria novamente. É claro que é fácil criticar quando sabemos o fim da história.

Deus nos fala ainda hoje por meio de sonhos? Ou somos guiados somente pelo Espírito Santo usando a Palavra de Deus ao orar e buscar a vontade do Senhor? No Antigo Testamento, Deus comunicou-se por meio de sonhos em muitas ocasiões, falando tanto a crentes como a incrédulos, mas essa não parece ser a norma no Novo Testamento. Deus usou sonhos para guiar José, o marido de Maria (Mt 1:20-25; 2:12, 13, 19-22), mas não há evidência de nenhuma outra pessoa nos Evangelhos ou no Livro de Atos que tenha recebido orientação divina através de sonhos.⁶

Devemos usar de cautela quando as pessoas afirmam que Deus lhes deu sonhos com instruções e orientações para si mesmas e para outros, pois os sonhos podem ser induzidos pela própria pessoa ou até influenciados por Satanás (Jr 23:25-28). Já ouvi de missionários que conheceram pessoas cujo primeiro interesse em Cristo e na Bíblia tinha vindo por meio de sonhos, mas foi a Palavra de Deus que as acabou conduzindo ao Salvador. Certamente, Deus é soberano e pode usar sonhos para realizar sua vontade, caso não haja nenhum outro meio disponível, mas sua maneira habitual de comunicar-se conosco é pelo Espírito nos ensinando a Palavra (Jo 14:25, 26; 16:12-15).

Mais adiante em sua vida, José interpretaria sonhos de outros homens (Gn 40 - 41), mas não há qualquer indicação de que tivesse entendido imediatamente os dois sonhos que ele próprio havia relatado. Enquanto esperava na prisão, sem dúvida o significado dos sonhos ficou mais claro e serviu para encorajá-lo (Sl 105:16-23). Entender o plano de Deus ajudou-o a decidir sobre o rumo que deveria tomar ao tratar com os irmãos.

O resultado imediato de José ter compartilhado seus sonhos foi que seus irmãos passaram a odiá-lo ainda mais e, também, a invejá-lo secretamente.⁷ Ele era o predileto do pai, escolhido para receber as bênçãos do primogênito, usava vestimentas distintas e sonhava com coisas estranhas. Por que precisava ser tão especial? O que iria acontecer?

3. VIOLÊNCIA (Gn 37:12-28)

A inveja é um dos frutos da carne, resultante do coração pecaminoso do ser humano (Mc 7:22; Gl 5:21). Por causa de sua inveja, os irmãos de José venderam-no a mercadores (ver Mt 27:18 e Mc 15:10, em que se pode observar um paralelo com o sofrimento de Cristo). Seu ódio crescente era o mesmo que homicídio (Mt 5:21-26), pois, apesar de não terem assassinado José de fato com as próprias mãos, alguns deles haviam feito isso em seu coração muitas vezes.

Perguntas (vv. 12-17). Ao ler essa seção, surgem várias perguntas. Em primeiro lugar, por que os filhos de Jacó estavam pastoreando rebanhos a mais de setenta quilômetros de casa, quando, certamente, havia bons pastos disponíveis mais perto de Hebrom? Uma possível resposta: não queriam ser espiados por ninguém da família. Segunda pergunta: por que voltaram à região perigosa próxima a Siquém, já que a reputação da família de Jacó entre aquele povo era tão terrível (Gn 34:30)? Podemos sugerir como resposta: os irmãos estavam envolvidos com o povo daquela terra e não queriam que Jacó ficasse sabendo disso.

Contudo, há uma terceira pergunta que nos deixa mais perplexos ainda: sabendo que seus filhos odiavam José, por que Jacó mandou que fosse visitá-los sozinho e usando a vestimenta especial que havia causado tanta irritação nos outros? Um dos servos de confiança de Jacó poderia ter feito esse mesmo serviço mais rapidamente (José se perdeu) e talvez com igual eficiência. A resposta é que a mão providencial de Deus estava operando de modo a realizar seus propósitos divinos para Jacó e sua família e, em última análise, para o mundo todo. “Adiante deles enviou um homem, José, vendido como escravo” (Sl 105:17). Deus já havia determinado que José devia ir para o Egito, e esse foi seu meio de realizar tal intento.

Conspiração (vv. 18-24). É possível que José tenha levado uns três dias para ir de Hebrom a Siquém, mas quando chegou lá, ficou sabendo que seus irmãos haviam se deslocado cerca de vinte quilômetros ao norte até Dotã, o que significou mais um dia

de viagem. Quando eles o viram ao longe, reconheceram-no imediatamente (estava usando sua vestimenta especial) e começaram a fazer planos.

A combinação de ódio e inveja é letal. Fervilha no coração e espera pela faísca que causará a explosão. Não foi necessário tentar os irmãos para que fizessem mal a José. Só precisavam de uma oportunidade e viram que estava a caminho. Seu comentário sarcástico: “Vem lá o tal sonhador!” (v. 19) poderia ser traduzido por: “Vêm lá o especialista em sonhos!”. Nessa situação, os sonhos de José colocaram-no em dificuldades, porém treze anos mais tarde, os sonhos de outras pessoas o tirariam de sua situação difícil. “Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos [de Deus]!” (Rm 11:33).

Qual foi o primeiro irmão a sugerir que matassem José?⁸ Não foi Rúben, pois seu conselho foi que jogassem José numa cisterna seca. Rúben planejava voltar mais tarde e salvar o irmão, mas, mesmo que conseguisse, como poderia levar José de volta para casa? Jacó certamente descobriria a verdade sobre os filhos e a reação dele criaria ainda mais problemas dentro da família. É elogiável Rúben ter protegido José da morte, especialmente porque Rúben era o filho primogênito que José havia substituído (1 Cr 5:1).

Indiferença (vv. 25-28). Os irmãos devem ter sentido grande prazer em tirar a túnica especial de José e em jogá-lo na cisterna vazia. Normalmente, as cisternas eram bastante fundas e tinham uma abertura longa e estreita, alta demais para uma pessoa subir. Quem caísse ali, precisaria que alguém lhe jogasse uma corda e o puxasse para cima (Jr 38).

É difícil entender como aqueles homens foram capazes de sentar e comer calmamente, enquanto seu irmão sofria e implorava que o libertasse (Gn 42:21). Mas o coração endurecido pelo ódio e contaminado por pensamentos homicidas não está propenso a prestar muita atenção nos clamores de sua vítima. Contudo, pense no que o próprio povo de nosso Senhor fez com ele! Todos

nós temos o potencial de agir como os irmãos de José, pois “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9).

Não demorou para que os irmãos avisassem uma caravana de mercadores midianitas⁹ atravessando a planície, e com isso, Judá teve uma idéia. Podiam vender o irmão como escravo, livrando-se dele e, ao mesmo tempo, ganhar algum dinheiro. Uma vez que era quase impossível uma pessoa levada para o Egito e vendida como escravo receber sua liberdade e voltar, não havia perigo de a conspiração ser descoberta. Eles se esqueceram de que Deus estava vendo tudo e ainda estava no controle. Jacó havia herdado a bênção da aliança, e isso fazia dele uma pessoa muito especial aos olhos de Deus. O Senhor tinha seus propósitos a cumprir, e “não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR” (Pv 21:30).

A começar com o assassinato de Abel pelo irmão, Caim, tanto a história bíblica quanto a secular oferecem um registro aflitivo da “desumanidade do homem para com o homem”.¹⁰ Somos todos feitos à imagem de Deus e pertencemos todos a uma só raça e, no entanto, parece impossível nos entendermos. Tudo – desde brigas de família por bilhetes premiados de loteria até guerras civis atribuídas a ofensas passadas – deixa bem claro que o mundo precisa desesperadamente de um Salvador que transforme os corações.

4. DISSIMULAÇÃO (GN 37:29-36)

Rúben não estava presente quando os irmãos venderam José, tendo saído possivelmente para cuidar de algum problema com as ovelhas. Ou talvez tivesse se ausentado de propósito, a fim de que não suspeitassem de seu plano. Quando voltou à cisterna, ficou estarelecido ao ver que José não estava mais lá. Assim, correu de volta até o acampamento para descobrir o que havia acontecido. Sem dúvida, a atitude e as ações de Rúben deixaram claro para os outros irmãos que ele simpatizava com José, pois quando ouviu

o que havia se passado, rasgou as roupas em sinal de lamentação.

“O que cobre as suas transgressões jamais prosperará” (Pv 28:13). Essa é a lei imutável de Deus, mas as pessoas ainda acham que podem desafiar-la e escapar incólumes. No meio dos filhos de Jacó, um pecado levou a outro, enquanto aqueles homens falsificavam as provas de que José havia morrido depois de ter sido atacado por uma fera do campo. Não seria difícil para Jacó identificar a túnica especial e não teria como saber de quem era o sangue nas vestes do filho. Por mais trágica e traiçoeira que fosse essa dissimulação, Jacó estava apenas colhendo o que ele próprio havia semeado. Muitos anos antes, matara um cabrito a fim de enganar o pai (Gn 27:1-17); seus filhos seguiam seus passos.

H. C. Leupold traduziu Gênesis 37:32 da seguinte forma: “E mandaram a túnica de mangas longas, fazendo com que fosse levada até seu pai.¹¹ Uma vez que não estavam dispostos a confrontar o pai, enviaram um servo a Jacó para mostrar-lhe a “prova” e contar-lhe a mentira que haviam urdido. Foi uma forma cruel de tratar o pai, mas “o coração dos perversos é cruel” (Pv 12:10).

Com sua tendência para tirar conclusões precipitadas (Gn 32:6-8), Jacó acreditou naquela prova e na história e deduziu que, de fato, José estava morto. Entrou em luto profundo e, vinte anos depois, ainda lamentava a morte de José (Gn 42:36). Sua família tentou consolá-lo,¹² mas de nada adiantou. Seu filho predileto havia morrido, e Jacó carregaria consigo sua tristeza até a morte.

Anos depois, Jacó lamentaria: “Todas estas coisa me sobrevêm” (Gn 42:36), quando, na verdade, todas aquelas coisas estavam cooperando para o bem dele (Rm 8:28). Isso não significa que Deus aprovou ou orquestrou o ódio e a dissimulação dos irmãos, nem que eles deixaram de ser responsáveis por aquilo que fizeram. Significa, sim, que nosso Deus é tão grande que pode cumprir seus propósitos, mesmo quando as pessoas mostram seu lado mais perverso. O maior exemplo disso é o Calvário (At 3:12-26).

Depois de muitos anos, José diria: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gn 50:20).

Com sua providência, Deus conduziu José em segurança até o Egito e cuidou para que fosse vendido a um dos oficiais do Faraó. Potifar é chamado de “comandante da guarda” (Gn 37:36), o que sugere que era chefe dos guarda-costas pessoais do Faraó e responsável pelas execuções oficiais. O mais importante, porém, não era que José acabou se relacionando com um homem muito poderoso no Egito, e sim que “O SENHOR era com José, que veio a ser homem próspero” (Gn 39:2).

A forma como Deus opera em sua providência é, de fato, algo espantoso e deve servir de fonte de encorajamento para nós durante as circunstâncias difíceis da vida. “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4:35).

Jacó e José nunca leram Romanos 8:28, mas experimentaram a verdade expressa nessa passagem e viram o que a mão de Deus pode fazer. Se as promessas eram válidas para eles, também valem para nós hoje, pois Deus e sua Palavra ainda são os mesmos.

1. Até esse ponto de Gênesis, José é mencionado apenas cinco vezes (Gn 30:24, 25; 33:2, 7; 35:24). Nos quatorze capítulos seguintes, o nome de Jacó/Israel é citado sessenta e duas vezes, e o de José, cento e trinta e três vezes.
2. Apesar de ser verdade que não há nada no Novo Testamento que nos autorize a chamar José de “tipo” de Jesus Cristo, há tantas semelhanças entre Jesus e José que as evidências não podem ser ignoradas. O fato de algumas pessoas terem levado essa analogia longe demais não deve nos impedir de examinar o texto de maneira honesta em busca de características de nosso Senhor (Lc 24:27; Jo 5:39). O Novo Testamento menciona José em apenas duas passagens: na defesa de Estêvão (At 7:9-16) e em Hebreus 11:21, 22.
3. Como Romanos 6:1, 2 deixa claro, o que está escrito em Romanos 5:20 não é uma desculpa para pecar. Isso porque aqueles que pecam sofrem as conseqüências de seu pecado, mesmo que Deus faça com que a desobediência resulte, no final, em benefício. Os irmãos de José sofreram mais em decorrência de seus pecados do que José por causa do ódio deles ou das conseqüências de seus atos perversos.
4. *Fasciculus Morum: A Fourteenth-Century Preacher's Handbook*. Trad. Siegfried Wenzel. University Park: Pennsylvania State University Press, 1989, p. 149.
5. Quando Jacó mencionou “a tua mãe” (Gn 37:10), estava se referindo a Lia, que havia se tornado a mãe da família depois da morte de Raquel.
6. Não é dito claramente que o sonho da esposa de Pilatos sobre Jesus (Mt 27:19) foi enviado por Deus, a fim de comunicar por intermédio dela alguma verdade a Pilatos.
7. Uma vez que Raquel havia invejado Lia (Gn 30:1), Jacó conhecia alguns dos efeitos desse pecado num lar.
8. Tendo em vista a forma como José tratou Simeão posteriormente no Egito (Gn 42:24), é possível que Simeão tivesse tomado a iniciativa. Sabemos que tinha uma disposição sangüinária (Gn 34:25).
9. Os termos “israelita” e “midianita” eram usados de modo intercambiável (Jz 3:22-24). Os mercadores são caracterizados dessa forma, pois muitos midianitas dedicavam-se ao comércio.
10. O poeta Robert Burns usa essa frase reveladora na sétima linha de seu poema “Man Was Made to Mourn” [“O homem foi feito para prantear”].
11. LEUPOLD, H.C. *Exposition of Genesis*. Grand Rapids: Baker Book House, 1953, v. 2, p. 972. Em sua apresentação de Gênesis, Robert Alter traduz o trecho por: “E enviaram a túnica ornada e fizeram que fosse levada até seu pai” (NY: W. W. Norton, 1996, p. 215).
12. Tanto quanto sabemos, Diná era a única filha da família, de modo que “filhas”, em 37:35, significa “noras”.

INTERLÚDIO: JUDÁ E TAMAR

GÊNESIS 38

Os acontecimentos deste capítulo parecem interromper a história, mas, na verdade, ocorrem simultaneamente à "história de José". José tinha dezessete anos quando foi vendido e trinta anos quando subiu ao trono, o que soma treze anos. Se acrescentarmos os sete anos de fartura e os dois anos de fome, temos vinte e dois anos entre sua venda e a reconciliação com os irmãos. Foi tempo suficiente para que Judá se casasse, gerasse três filhos, enterrasse dois deles¹ e a esposa e se envolvesse com Tamar. Se o casamento dele aconteceu antes do exílio de José, o tempo para esses eventos foi ainda maior.

Por que essa história encontra-se aqui?

História. Um dos principais propósitos de Gênesis é registrar a origem e o desenvolvimento da família de Jacó, o fundador das doze tribos de Israel. Os israelitas foram para o Egito como uma grande família e, quatro séculos mais tarde, voltaram de lá como uma grande nação. Tendo em vista que a tribo de Judá é a tribo da linhagem real da qual surgiria o Messias (Gn 49:10), qualquer coisa que se relacione com Judá é de suma importância para a história relatada em Gênesis. Se não existisse esse capítulo, ficaríamos admirados de encontrar Tamar e Perez na genealogia de Cristo (Mt 1:3).² Perez foi um antepassado do rei Davi (Rt 4:18-22) e, portanto, um antepassado de Jesus Cristo (Mt 1:1).

Moralidade. No entanto, este capítulo contém, ainda, alguns valores práticos. Em primeiro lugar, mostra como era perigoso

para o povo de Deus estar na mesma terra que os cananeus. Havia sempre a tentação de viver como os vizinhos e não como povo de Deus.

Encontramos, além disso, um contraste dramático entre Judá e José. José recusou envolver-se com a mulher de Potifar (Gn 39:7-20), mas Judá dormiu com uma mulher estranha que pensou ser uma prostituta. Vamos, também, a continuação da "colheita" dos frutos da dissimulação na família. Jacó usou uma túnica para enganar o pai, Isaque, e Judá e seus irmãos também usaram uma túnica para enganar Jacó (Gn 37:32). Aqui, Tamar usa uma túnica para enganar Judá (Gn 38:14). Colhemos o que semeamos.

Comunidade da aliança. Judá meteu-se em problemas quando se afastou dos irmãos e começou a fazer amizade com os cananeus na terra. Como Sansão, viu uma mulher da qual gostou e a tomou como esposa (Gn 38:2; Jz 14). Tanto Abraão como Isaque haviam cuidado para que os filhos não se casassem com as mulheres da região, evitando assim que a "semente escolhida" de Israel fosse contaminada pela idolatria e pela imoralidade (Gn 24:3, 4; 28:1-4).³ Os irmãos de Judá estavam fazendo coisas que o pai deles jamais aprovaria; mesmo assim, Judá estaria mais seguro na companhia deles do que com o povo da terra. Pelo menos, a presença deles relembra a Jacó de que ele era filho da aliança (ver Rm 12:1, 2; 2 Co 6:14 - 7:1).

Graça. A história dos patriarcas em Gênesis nos lembra da graça de Deus e de sua soberania sobre a vida humana. Os homens e as mulheres que participaram desse drama tão importante não eram perfeitos, e alguns deles até se mostraram deliberadamente desobedientes, mas ainda assim o Senhor usou-os para realizar seus propósitos. Isso não significa que Deus concordasse com seus pecados, já que esses mesmos pecados acabaram sendo revelados e julgados. Significa, sim, que Deus pode utilizar as coisas fracas deste mundo para cumprir seus propósitos (1 Co 1:26-31).

Agora voltemos à história de José.

1. Não sabemos que pecados Er cometeu para merecer tal julgamento, mas o pecado de Onã foi recusar-se a constituir uma família e perpetuar o nome de seu irmão falecido (Dt 25:5-10; Rt 4). Tratava-se de um “casamento de levirato”, do latim *levir*, que significa “cunhado”. O tempo dos verbos, no versículo 9, indica que sempre que Onã e a esposa tinham relações, ele as interrompia para que ela não engravidasse. Essa recusa constante em obedecer a Deus desagradou ao Senhor e Deus o matou. É um fato infeliz que a masturbação tenha sido associada a Onã (“onanismo”), pois não está de modo algum relacionada a essa história.
2. Além de Maria, outras três mulheres são citadas na genealogia de Jesus em Mateus 1: Tamar (v. 3), Raabe e Rute (v. 5). Não era comum incluir o nome de mulheres nas genealogias judaicas, especialmente mulheres como essas três. Tamar era uma cananéia que se passou por prostituta; Raabe era prostituta em Jericó (Js 2); e Rute era uma moabita que se converteu ao judaísmo (Rt 2). As três eram gentias, e duas delas (Tamar e Raabe) tinham reputação duvidosa. Que maravilhosa demonstração da graça de Deus!
3. Deus colocou um muro de separação entre judeus e gentios, não porque os judeus fossem melhores do que as outras nações, mas porque eram diferentes, separados para seus propósitos divinos. Uma vez que o Salvador veio e morreu pelos pecados do mundo, Deus deixou claro que “não há distinção” (At 10; Rm 3:22, 23; 10:12).

O SENHOR FAZ A DIFERENÇA GÊNESIS 39 – 41

Uma vez no Egito, José viu-se num país composto, principalmente, de vilarejos habitados por camponeses que cultivavam a terra e plantavam grãos e vegetais. Graças ao sistema de irrigação dos egípcios, a cheia anual do rio Nilo oferecia água em abundância tanto para as plantações quanto para o gado. Havia algumas cidades grandes, como On (Hierápolis), onde se adorava Rá, o deus-sol, e Mênfis, cidade consagrada a Ápis, o touro sagrado, mas a maior parte da população vivia nos vilarejos.

Também era um país prisioneiro das superstições religiosas. O povo reconhecia pelo menos dois mil deuses e deusas, inclusive o próprio Faraó, considerado uma divindade, e dava-se ênfase especial aos preparativos para a vida depois da morte, quando Osíris julgaria os feitos de cada pessoa. Num sentido muito concreto, o Egito era um país tão devotado à morte quanto à vida.

Os egípcios eram grandes construtores, e os governantes convocavam tanto escravos quanto seus próprios cidadãos para os enormes projetos arquitetônicos. Enquanto o povo comum vivia em casas feitas de tijolos de barro, as estruturas importantes eram construídas em pedra. (Algumas das pirâmides possuem pedras que pesam mais de quinze toneladas.) O governo era constituído de uma enorme burocracia, com muitos oficiais de vários níveis e milhares de escribas para manter em ordem os registros.

Os sacerdotes e magos egípcios estudavam os céus e a Terra e desenvolveram um calendário solar com 365¼ dias, tornando-se conhecidos por seus remédios. Além disso, aperfeiçoaram a arte do embalsamamento.

Os egípcios tinham cavalos e carros e eram guerreiros competentes.

Havia muitos escravos semitas, como José, no Egito, mas José era especial, pois o Senhor estava com ele (Gn 39:2, 3). Pelo fato de o Senhor estar com José, ele demonstrou ser um homem de muitos talentos. No entanto, aquilo que José realizou, também podemos fazer quando confiamos em Deus e procuramos honrá-lo, como José.

1. COMPARTILHANDO AS BÊNÇÃOS DE DEUS (GN 39:1-6)

Quando José ainda estava em seu lar em Hebrom, os irmãos dele o consideravam um agitador, mas, no Egito, ele foi uma fonte de bênção, pois o Senhor estava com ele. Deus prometeu a Abraão que seus descendentes teriam bênçãos às outras nações (Gn 12:1-3), e José cumpriu essa promessa no Egito. Assim como o homem abençoado no Salmo 1, José prosperava em tudo o que fazia (Sl 1:3; ver também Js1:8).

José é um bom exemplo de crente que confiou em Deus e que se valeu de suas circunstâncias difíceis. Nunca leu o que Jeremias escreveu sobre os exilados na Babilônia (Jr 29:7) nem o que Pedro escreveu aos cristãos dispersos pelo império romano (1 Pe 2:13-20), mas certamente colocou em prática essas instruções. Imaginamos que José preferia estar em casa, mas aproveitou o melhor que pôde sua situação no Egito, e Deus o abençoou.

A bênção do Senhor ficou bastante clara para as pessoas da casa de Potifar, que sabiam que a causa de receberem tal graça divina era a presença de José. “O SENHOR abençoou a casa do egípcio por amor de José” (Gn 39:5), assim como o Senhor abençoou a casa de Labão por amor de Jacó (Gn 30:27, 30). Aos poucos, Potifar foi dando mais responsabilidades a José, até que José acabou administrando toda a casa, exceto pelo alimentos que Potifar comia.¹

Todos na casa de Potifar gostavam de José, e, no Egito pagão e idólatra, ele era um testemunho do verdadeiro Deus vivo. Era um trabalhador honesto e fiel, e as pessoas com as quais convivia e trabalhava percebiam seu

testemunho. Deus atentou para o caráter e a conduta de José e fez dele uma bênção; sem que José soubesse, o Senhor planejou para que se cumprissem os sonhos que havia lhe dado. “Vês a um homem perito na sua obra? Perante reis será posto; não entre a plebe (Pv 22:29).²

Contudo, seu serviço fiel não foi apenas uma bênção para toda a casa de Potifar, mas também para o próprio José. Se ele tivesse ficado em seu lar, sendo mimado pelo pai, talvez não tivesse desenvolvido o tipo de caráter que resulta do trabalho árduo e da submissão às ordens de outros. No método que emprega para nos edificar, Deus dá a cada um de nós um trabalho a fazer e pessoas a quem obedecer. Ele nos testa como servos antes de nos promover a governantes (Mt 25:21). Antes de permitir que exerçamos autoridade, é preciso nos submeter à autoridade e aprender a obedecer.

A descrição de José em Gênesis 39:6 prepara o caminho para um episódio envolvendo a esposa de Potifar. José não era apenas temente a Deus, confiável e eficiente, mas também era formoso de porte e de boa aparência, qualidades que herdou da mãe (Gn 29:17).

2. VENCENDO UMA GRANDE TENTACÃO (Gn 39:7-20)

José havia sofrido numa cisterna por causa da inveja dos irmãos, mas estava prestes a encarar um perigo ainda maior por causa da lascívia de uma mulher perversa. “Pois cova profunda é a prostituta, poço estreito, a alheia” (Pv 23:27).

Ao convidar José para seu leito, a esposa de Potifar tratou-o de modo humilhante. É possível que tivesse pensado: “Afinal de contas, ele não é apenas um judeu e um escravo? Não trabalha para meu marido e, portanto, para mim? Tendo em vista que meu marido não está aqui, eu dou as ordens, e José é meu empregado. Sua obrigação é obedecer a ordens”.

Ela tratou José como um objeto, não como um ser humano, e, quando seus convites foram recusados, voltou-se contra ele.³

Não importa quanto as pessoas falem sobre “amor” e defendam o sexo fora do casamento, esse tipo de relacionamento é errado, vulgar e humilhante. O adultério transforma um rio de água cristalina num esgoto, pessoas livres em escravos e, depois, em animais (Pv 5:15-23; 7:21-23). Aquilo que começa como “doçura” logo se torna veneno (Pv 5:1-14). José não estava prestes a sacrificar sua pureza nem sua integridade só para agradar a esposa de seu senhor.

Foi preciso um bocado de coragem e de determinação para José lutar, dia após dia, contra essa tentação, mas saiu vitorioso. Explicou-lhe por que não podia ceder: (1) Ela era esposa de outro homem, o qual era o senhor dele; (2) seu senhor confiava nele, e José não desejava trair essa confiança; (3) mesmo que ninguém ficasse sabendo, Deus saberia e não se agradaria dele. A esposa de Potifar pediu apenas um momento de prazer, mas, para José, aquilo seria uma grande maldade contra Deus (Gn 39:9).

No dia em que desferiu seu maior ataque, é provável que a esposa de Potifar tenha providenciado para que os outros servos não atrapalhassem, mas, ao mesmo tempo, cuidou para que estivessem por perto de modo que ouvissem quando ela os chamasse para ver as vestes de José. Em certas ocasiões, fugir pode ser sinal de covardia (Sl 11:1, 2; Ne 6:11), no entanto, há momentos em que fugir é prova de coragem e de integridade. José foi sábio o suficiente para seguir o mesmo conselho que Paulo deu a Timóteo: “Foge das paixões da mocidade” (2 Tm 2:22).

O autocontrole é um fator importante na construção de nosso caráter e na preparação para a liderança. “Como cidade derrubada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio” (Pv 25:28). Quando não há muros, qualquer coisa pode entrar ou sair. José exerceu autocontrole, mas Sansão usou o corpo para satisfazer os próprios prazeres. José acabou reinando em um trono, enquanto Sansão terminou sua vida soterrado por um monte de escombros (Jz 16:23-31).

Pela segunda vez na vida, José perdeu as vestes (Gn 39:12; ver também 37:23);

mas como disse o pregador puritano: “José perdeu as vestes, mas manteve o caráter”. Tendo em vista que Potifar estava ligado ao sistema judiciário egípcio, ficamos imaginando por que não tentou levar José a julgamento nem mesmo executá-lo. É claro que Deus estava no controle, trabalhando em seu plano maravilhoso para José, para o Egito, para a família de José e para o mundo.⁴

3. JUSTIÇA DURADOURA (Gn 39:21 - 40:23)

Mais uma vez, o Senhor fez a diferença. Quer José fosse o administrador da casa de Potifar, quer um homem na prisão acusado de um crime, “o Senhor era com José” e dava-lhe sucesso.

Aprendendo a esperar (39:21-23). “Cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros” (Sl 105:18), disse o salmista sobre José, mas Gênesis não fala sobre tais experiências. Talvez José tivesse ficado preso por pouco tempo, sendo que não demorou para o carcereiro soltá-lo e colocá-lo como responsável sobre todos os presos. Assim como Potifar, o carcereiro entregou tudo nas mãos de José e observou seu trabalho prosperar.

Deus permitiu que José fosse tratado injustamente e lançado na prisão para, com isso, ajudar a construir seu caráter e prepará-lo para as tarefas que teria pela frente. A prisão foi como uma escola onde José aprendeu a esperar no Senhor até que Deus, a seu tempo, fizesse justiça e realizasse os sonhos de seu servo. José teve tempo para pensar, orar e meditar sobre o significado dos dois sonhos que Deus havia lhe dado. Descobriu que as demoras de Deus não são recusas.

Muitos servos de Deus já se arrependem de procurar adiantar-se a Deus e de chegar ao trono quando ainda não era hora. O Dr. D. Martyn Lloyd-Jones costumava dizer: “É trágico quando alguém alcança o sucesso antes de estar preparado para ele”. É pela fé e paciência que herdamos as promessas (Hb 6:12; ver Hb 10:36), e a melhor maneira de aprender a ser paciente é com as tribulações (Rm 5:3, 4). “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias prova-

ções, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tg 1:2-4).

Deus muitas vezes tira nossas “muletas” para aprendermos a andar pela fé e a confiar somente nele. Dois anos depois, Deus usou um copeiro para ajudar a tirar José da prisão. Assim, a súplica de José não se perdeu. Durante aqueles dois anos de espera, José apegou-se aos sonhos que havia recebido de Deus, da mesma forma como eu e você nos apegaríamos às promessas do Senhor. Deus havia prometido que as pessoas se curvariam para José, e ele acreditava nas promessas de Deus. Não sabia como Deus realizaria sua obra, nem quando isso iria acontecer, mas sabia que Deus era fiel.

Aprendendo a interpretar (40:1-13, 16-22). Tendo em vista que estava numa prisão onde eram colocados os prisioneiros do rei, José conheceu alguns homens de altos cargos oficiais e que tinham acesso ao Faraó, dentre eles o mordomo (copeiro-chefe) do Faraó e o padeiro-chefe. A função do copeiro era certificar-se de que o vinho do Faraó fosse preparado corretamente e seguro para beber (Ne 1:11 - 2:1). Uma vez que servia na presença do Faraó, era um homem poderoso que tinha acesso ao rei. Deus colocou esses dois homens na vida de José para que, no devido tempo, pudesse libertá-lo e colocá-lo no trono que havia preparado para ele.

Os sonhos tinham um papel importante na vida dos governantes do Egito, e a capacidade de interpretá-los era uma aptidão extremamente respeitada. Até então, José havia refletido sobre seus próprios sonhos, sendo esta a primeira vez que interpretou o sonho de outros. O fato de ter notado o semblante perturbado daqueles homens mostra que José era um homem atencioso e de discernimento, e o fato de ter dado a glória a Deus (Gn 40:8) demonstra que era humilde.

A expressão “[tirar] fora a cabeça” (vv. 13, 19) significa “levar o pleito ao rei e ser restaurado” (ver 2 Rs 25:27; Jr 52:31). Contudo, no que se referia ao padeiro, a expres-

são tinha um sentido duplo, pois ele seria executado por ordem do Faraó. Os egípcios não usavam a forca; em vez disso, decapitavam a vítima e, depois, empalavam o corpo numa estaca ("madeiro"). Assim, num sentido duplo, a cabeça do padeiro foi "tirada fora".

A interpretação de José se realizou. O copeiro foi restaurado a seu cargo, e o padeiro foi executado. Apesar de, sem dúvida, José ter lamentado pelo que havia acontecido ao padeiro, deve ter se animado ao ver que sua interpretação havia sido correta e que o Faraó, de fato, ouvia o pleito de prisioneiros e libertava alguns deles.

Aprendendo a confiar (vv. 14, 15, 23).

No que se refere ao registro em Gênesis, José demonstrou incredulidade em apenas duas ocasiões, e esta é a primeira. (A segunda aparece em Gênesis 48:8-20, quando José tentou dizer a Jacó de que modo deveria abençoar seus dois netos.) Sabendo que o copeiro seria libertado e que teria acesso ao Faraó, José pediu que não se esquecesse dele e que procurasse tirá-lo da prisão. Depositou sua confiança naquilo que um homem podia fazer e não em Deus. Estava ficando impaciente, em lugar de esperar pelo tempo de Deus.

José não mencionou seus irmãos e nem os acusou de ter feito mal a ele. Disse apenas que havia sido "roubado" (seqüestrado) de sua casa e que, portanto, era um homem livre que merecia um tratamento melhor. A palavra "masmorra", usada por José em Gênesis 40:15 (ver também Gn 41:14), não significa que ele e os prisioneiros estavam num lugar terrivelmente miserável. Ficavam num cárcere reservado aos prisioneiros do rei (Gn 39:20) e chamado de "casa do comandante da guarda" (Gn 40:3), de modo que certamente não era uma masmorra.⁵ É bem provável que se tratasse de um tipo de "prisão domiciliar". José estava falando da mesma forma como você e eu nos expressaríamos ao querer que outras pessoas simpatisassem com nossa situação difícil: "Estou no fundo do poço!"

Depois de ser libertado e restaurado a seu cargo, não só o copeiro não disse nada ao

Faraó sobre José como também se esqueceu completamente dele! Esse é o resultado de se confiar em pessoas em vez de esperar no Senhor. "Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação.[...] Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no SENHOR, seu Deus, que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e mantém para sempre a sua fidelidade" (Sl 146:3, 5-6).

4. ESPERANDO DEUS AGIR (GN 41:1-44)

Dois anos se passaram, e José ainda estava trabalhando na prisão, esperando que algo acontecesse. Mas quando as coisas começaram a se desenrolar, foi tudo muito rápido, pois havia chegado a hora de Deus colocar em ação seus planos para José. Se há um capítulo em Gênesis que revela a soberania de Deus, certamente é este.

Deus deu dois sonhos ao Faraó (vv. 1-8). Deus fez com que o Faraó tivesse dois sonhos na mesma noite, que o deixaram perplexo e que seus magos (adivinhos) não conseguiram interpretar. Observe a repetição da expressão "à vista", nos versículos 1-7, enfatizando o caráter vívido do sonho e a rapidez da seqüência de imagens. Ao contrário do rei Nabucodonosor (Dn 2), o Faraó não se esqueceu do sonho, mas contou-o a seus sábios. Eram homens talentosos na arte da interpretação de sonhos, mas Deus impediu que tivessem sucesso nesse caso.

Deus fez o copeiro lembrar-se de José (vv. 9-13). Uma vez que era chegada a hora de José ser libertado da prisão, Deus estimulou a memória do copeiro de modo que ele se lembrasse do que lhe havia acontecido na prisão. Seu relato sobre as aptidões de José para interpretar sonhos era exatamente o que Faraó queria ouvir. O fato de José ser chamado de hebreu (v. 12) não perturbou o Faraó, pois o povo semita era aceito no Egito e até mesmo promovido a cargos públicos importantes. Sem dúvida, o Faraó se lembrava dos acontecimentos dramáticos envolvendo o padeiro e o copeiro.

Deus guiou o Faraó para que mandasse chamar José (vv. 14-36). Uma vez que, naquele tempo, os homens egípcios não usavam

barba, José teve de se barbear, trocar de roupas e preparar-se para encontrar-se com o Faraó. Pela terceira vez em treze anos, perdeu suas vestes, mas dessa vez ganharia as vestes de um governante.

É elogiável a humildade de José e seu desejo de honrar o verdadeiro Deus vivo (v. 16; ver também Gn 40:8; Dn 2:27, 28). Ele ouviu enquanto o Faraó descrevia seus dois sonhos e, então, deu-lhe a interpretação. Era um assunto sério, pois Deus havia mostrado ao governante do Egito quais eram seus planos para os próximos quatorze anos, e o Faraó tinha consciência desse fato. Uma vez que passou a ter conhecimento do plano de Deus, o Faraó tinha a responsabilidade de colocar em prática o que Deus queria que ele fizesse.

Sabendo disso, José foi além da interpretação e deu sugestões ao Faraó, o que requereu dele um bocado de fé e coragem. Porém, Deus estava usando José, e o Faraó aceitou suas sugestões. Em primeiro lugar, o Faraó devia nomear um homem inteligente e sábio para administrar a terra e suas colheitas. Em segundo lugar, devia dar a esse homem vários administradores para cuidar das diversas regiões daquela terra e entregar ao Faraó *um quinto de cada colheita ao longo dos sete anos seguintes*. Em terceiro lugar, toda a comida devia ser armazenada para quando viessem os anos de fome.

Deus tocou no coração do Faraó para que ele escolhesse José (vv. 37-39). “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1). A atitude de José, sua capacidade de interpretar sonhos e sua sabedoria em encontrar uma solução para o problema da fome – todas essas coisas impressionaram o Faraó e convenceram-no de que José era o homem certo para aquele trabalho. Treze anos antes, seus irmãos haviam arrancado dele sua túnica especial, mas, então, o Faraó deu-lhe roupas de importância muito maior. O anel de sinete e o colar de ouro eram símbolos da autoridade de José como vice-governante do Egito (ver também Dn 5:7, 16, 29).

Observe a série de declarações que comecem com: “Disse Faraó”. De acordo com

Gênesis 41:38, o Faraó falou a seus oficiais e, nos versículos 39-41, dirigiu-se a José e declarou sua posição de autoridade. No versículo 44, o Faraó fez a proclamação formal a José e a seus oficiais e, assim, tudo ficou acertado. José recebeu do Faraó um novo nome, cujo significado não é claro,⁶ mas o Faraó continuou a chamá-lo de José (v. 55).

José também recebeu seu próprio carro, com homens que iam adiante dele ordenando que o povo se prostrasse para ele como faziam para o Faraó. Se aqueles egípcios incrédulos se prostravam diante de José, sem dúvida, um dia, a família de José também faria o mesmo, exatamente como Deus havia anunciado em seus sonhos.

Por fim, juntamente com as vestes, o anel, o colar de ouro, um novo nome e um carro, José recebeu uma esposa,⁷ a filha de um dos sacerdotes do deus-sol Rá.⁸ No Egito, os sacerdotes constituíam uma casta poderosa, e ter uma esposa egípcia fortaleceria o relacionamento de José com os líderes religiosos da terra. Meu desejo é crer que José ensinou-a sobre o verdadeiro Deus vivo e que ela, assim com Rute, abandonou seus falsos deuses e foi para “debaixo das asas” (Rt 1:14-22; 2:11, 12) de Jeová, o Deus de Israel.

5. PERDOANDO E ESQUECENDO O PASSADO (GN 41:46-57)

Ao longo de um período de treze anos, Deus permitiu que José realizasse algumas coisas extraordinárias. Trouxe bênçãos à casa de Potifar e às pessoas da prisão. Venceu a tentação e, por isso, suportou as falsas acusações e grande injustiça. José era um homem de fé que esperava Deus agir e estava pronto e obediente quando chamado. No entanto, houve mais uma realização na vida dele e que, de certa forma, foi a maior de todas: José foi capacitado, pela graça de Deus, a apagar suas dores e memórias do passado e a começar de novo.

Sem dúvida, um homem capaz de interpretar os sonhos dos outros também era capaz de interpretar seus próprios sonhos. José deve ter concluído que a fome traria seus irmãos para o Egito, e isso significava que

teria de confrontá-los com os pecados que haviam cometido contra ele e seu pai. Queria que seu coração estivesse limpo e correto diante de Deus, a fim poder ser uma bênção para eles, assim como havia sido uma bênção nos lugares em que Deus o havia colocado.

O nome *Manassés* quer dizer “esquecer”. José não se esqueceu de sua família nem dos acontecimentos que haviam ocorrido, mas se esqueceu da dor e do sofrimento que haviam causado. Compreendeu que Deus havia permitido tais coisas para seu bem (Gn 50:20). Assim, ao olhar para o passado desse ponto de vista, José venceu suas memórias dolorosas e sua amargura. Poderia ter guardado rancor em seu coração pela maneira como seus irmãos o haviam tratado, mas o rancor é como as ervas daninhas num lindo jardim e como micróbios num corpo saudável: estão no lugar errado.

O nome *Efraim* significa “duas vezes próspero”. O Egito havia sido um lugar de aflição para José, mas agora tinha dois filhos e era próspero naquela terra. Mais do que isso, seria próspero como vice-governante da terra e seria usado por Deus para salvar muitas vidas, inclusive sua própria família e a nação de Israel.

É maravilhoso quando podemos passar pelas provações com a mesma atitude de José, deixando para trás as mágoas do

passado e nos alegrando com as bênçãos do presente, sendo, ao mesmo tempo, “perdoadores” e “prósperos”. Como é triste quando as pessoas se lembram de coisas dolorosas que outros lhe fizeram e carregam por toda a vida uma amargura que as impede de sentir paz e alegria. Assim como José colocou de lado suas roupas da prisão e começou de novo, também nós precisamos, com frequência, “despir-nos” de nossas antigas mágoas e nos revestir de uma nova atitude de fé e de amor (Ef 4:20-32; Cl 3:1-17).

A interpretação de José para os sonhos mostrou-se correta, e o Egito desfrutou sete anos de colheitas fartas, sendo que um quinto destas foi armazenado nas cidades do Faraó. Então, a fome atingiu aquela região do Oriente Médio, e José pôde prover alimento para salvar o povo de lá. No entanto, estrangeiros começaram a chegar no Egito em busca de comida, e José sabia que, um dia, seus irmãos viriam e se prostrariam diante dele. Dessa forma, teria início o processo mais difícil: restaurar os relacionamentos num lar dividido e sarar as feridas que haviam ficado abertas durante tantos anos.

A conduta de José como servo, prisioneiro e oficial foi exemplar, mas a maneira como tratou os seus irmãos e conduziu-os ao arrependimento foi uma obra-prima de discernimento espiritual, paciência e amor. Esse será o tema dos dois estudos a seguir.

1. Os egípcios não comiam com os hebreus (Gn 43:32). Não era uma questão de dieta, mas sim uma atitude de exclusão para com outros povos.
2. É interessante observar como a vida de José ilustra a história de Israel. Assim como a nação de Israel, José foi uma bênção para os gentios; sofreu na mão deles, foi acusado e caluniado; no entanto, foi liberto para tornar-se governante e para ajudar a salvar as nações. As experiências de Daniel na Babilônia são semelhantes às de José no Egito. Como José, Daniel foi levado de seu lar; seu nome foi mudado e ele interpretou sonhos; foi promovido e tornou-se bênção para os gentios.
3. Para uma situação parecida, ver 2 Samuel 13:1-22 e observar como o “amor” de Amnom transformou-se em ódio.
4. Potifar sabia que a presença de José era o motivo da prosperidade em sua casa e poderia ter questionado se sua mulher estava falando a verdade. Afinal, as “provas” eram absolutamente circunstanciais; era a palavra dela contra a de José. Contudo, Potifar teve de escolher entre ser justo ou ter um lar tranqüilo e, afinal de contas, José era um escravo e um hebreu. Fico me perguntando como José tratou Potifar e a esposa dele alguns anos depois, quando se tornou vice-governante do Egito.
5. Uma vez que a mesma palavra hebraica usada para “masmorra” é traduzida por “cisterna” em Gênesis 37:22, 24, 28, 29, talvez, em sua mente, José estivesse relacionando as duas experiências.
6. Os significados sugeridos são: “abundância de vida”, “Deus fala e vive”, “o homem que tem conhecimento” e “sustentador da vida”.

7. Alguns vêem no casamento de José um retrato de nosso Senhor Jesus casando-se com uma noiva gentia durante este tempo em que foi rejeitado por Israel.
 8. Om era chamada pelos gregos de Hierápolis, que significa "cidade sagrada". Era dedicada à adoração de Rá, o deus-sol. Um pequeno verso diz: "O deus-sol Rá, cujo santuário cobria terras sem medidas / Hoje é só um par de quadrinhos nas palavras cruzadas". Mas no tempo de José, os sacerdotes do Sol eram altamente respeitados.
-

QUANDO OS SONHOS SE REALIZAM

GÊNESIS 42 – 43

Ao apresentar estudos bíblicos sobre Gênesis num programa de rádio, recebi uma carta de crítica de um ouvinte que discordava da minha interpretação de Gênesis 42 – 44. Na opinião do ouvinte, José agiu mal e foi até mesmo cruel na forma como tratou os irmãos. Em vez de ter “perdido tanto tempo”, o ouvinte acreditava que José deveria ter se revelado imediatamente aos irmãos e realizado uma “reconciliação instantânea”.

No entanto, a verdadeira reconciliação requer arrependimento sincero e confissão humilde do pecado e, muitas vezes, leva tempo para uma pessoa chegar a esse ponto. Creio que José tratou com os irmãos de maneira paciente, amorosa e sábia e que foi por isso que sua abordagem deu certo. Deus precisava conduzir os irmãos de José a um ponto em que admitissem as coisas perversas que haviam feito ao irmão e ao pai. O arrependimento superficial leva a uma falsa reconciliação. Trata-se apenas de uma trégu instável. Do ponto de vista humano, José teria ficado feliz com uma “reconciliação instantânea”, pois poderia ter visto logo o pai e o irmão, Benjamim. Contudo, como um médico habilidoso, José foi paciente. Falou e agiu de modo que os pensamentos ocultos no coração de seus irmãos foram revelados a Deus e, finalmente, conduziram-nos ao verdadeiro arrependimento.

1. TEMPO DE PROVAR (GN 42:1-35)

Depois dos sete anos prometidos de fartura, vieram os anos de fome sobre o Oriente Médio. Porém, graças a José, no Egito havia abundância de grãos. Deus havia enviado José

adiante (Gn 45:5; Sl 105:17) para preservar a vida de sua família de modo que, um dia, a nação de Israel pudesse dar ao mundo Jesus Cristo, o “Pão da Vida” (Jo 6:48).

Esses acontecimentos ocorreram durante os primeiros dois dos sete anos de fome (Gn 45:6). Àquela altura, os irmãos de José já haviam passado por várias provações planejadas por Deus para conduzi-los ao arrependimento.

Fome (vv. 1, 2). A família de Jacó era grande (Gn 46:26), e havia muitos servos. Como a escassez de comida persistia, tornou-se cada vez mais difícil alimentá-los. Sem dúvida, tanto os irmãos quanto o pai sabiam que havia grãos no Egito, mas não falavam sobre o assunto. Jacó percebeu a atitude estranha dos filhos e perguntou: “Por que estais aí a olhar uns para os outros?”

Por que, de fato, os irmãos hesitaram em falar sobre o problema ou mesmo em oferecer-se para ir ao Egito comprar comida?

Um dos motivos era a jornada para o Egito, uma viagem longa (375 a 450 quilômetros), perigosa e que, somando ida e volta, podia levar até seis semanas. Mesmo chegando ao Egito, não tinham como saber, ao certo, se seriam bem recebidos por lá. Como “estrangeiros” de Canaã, estariam numa situação extremamente vulnerável e poderiam até ser presos e vendidos como escravos. Se isso acontecesse aos filhos de Jacó, quem cuidaria de suas famílias e de seu pai idoso?

Talvez os filhos de Jacó também fossem assombrados pela lembrança de ter vendido o irmão inocente a mercadores que rumavam para o Egito. Esse ato de perversidade havia sido cometido fazia mais de trinta anos, e, àquela altura, tinham certeza de que José estava morto (Gn 42:13), mas não haviam esquecido a cena de José clamando em sua angústia (vv. 17-24). A consciência consegue desenterrar o passado e provocar dúvidas e medos dentro de nós.

Como líder do clã, Jacó decidiu mandar todos, exceto Benjamim, ao Egito a fim de comprar alimentos. Depois do que havia acontecido a José, sem dúvida Jacó suspeitava de seus filhos e, por isso, Benjamim ficou

em casa. Uma vez que José não estava mais com eles, Benjamim era a única ligação de Jacó com sua amada Raquel, e o velho pai não estava disposto a perder o segundo de seus dois filhos prediletos (v. 38).

O que Jacó e seus filhos não sabiam era que o Deus soberano estava operando e providenciando para que os irmãos fossem ao Egito e se prostrassem diante de José. A fim de realizar seus propósitos divinos, o Senhor pode usar uma época de fome, um raptó (2 Rs 5:2, 3), um concurso de beleza no palácio real (Et 2), uma morte súbita (Ez 24:15ss), um sonho (Dn 2), uma peste (Jl 1) e até um censo do governo (Lc 2:1-7). "No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada" (Sl 115:3).

Palavras duras (vv. 6-14). Como vice-governante do Egito, certamente José não participava de cada transação de venda de grãos, pois tinha muitos compromissos importantes. Além disso, o suprimento de comida encontrava-se armazenado em várias cidades (Gn 41:46-49), e José era assistido por administradores (vv. 34-36). Sem dúvida, as transações com os egípcios que residiam em sua terra eram procedimentos rotineiros. Já os estrangeiros precisavam ser cuidadosamente avaliados para garantir que não tinham planos de invadir o país (vv. 56, 57). Pela providência divina, quando seus dez irmãos chegaram para comprar grãos, José estava por perto e os reconheceu.¹

Mesmo que esperassem deparar-se com José, o que não era o caso, os dez homens não teriam reconhecido o irmão. Quando o venderam, o rapaz tinha dezessete anos de idade, e nos vinte anos que se seguiram, sua aparência havia mudado muito mais do que a dos irmãos mais velhos. Além disso, estava completamente barbeado, à moda dos egípcios, vestia-se como um egípcio e falava com eles na língua egípcia por meio de um intérprete.

Quando os dez homens curvaram-se diante dele, José soube que o Deus fiel estava começando a cumprir as promessas que lhe havia revelado em seus dois sonhos (Gn 37:7, 9). Deve ter sido difícil para José controlar as emoções enquanto se dirigia a eles

com aspereza, pois seu desejo natural, provavelmente, era o de falar com eles em hebraico e revelar-lhes quem era. No entanto, isso teria estragado tudo, pois José sabia que os onze irmãos teriam de se prostrar diante dele. Isso significava que, na próxima viagem deles, Benjamim teria de acompanhá-los. Além disso, os irmãos de José precisavam ser forçados a encarar seus pecados e chegar a uma confissão honesta, algo que levaria tempo.

José acusou-os quatro vezes de estarem no Egito sob falsos pretextos (Gn 42:9, 12, 14, 16), e cada um dos dez afirmou sua inocência como "homens honestos". Sua declaração "somos doze irmãos [...] outro já não existe" (v. 13) deve ter tocado fundo no coração de José, mas ele se alegrou ao ouvir que o pai e o irmão mais novo estavam vivos e com saúde.

Confinamento (v. 17). José colocou os irmãos na prisão por três dias, só para que tivessem uma idéia de como era ser um prisioneiro e a fim de dar-lhes algum tempo para pensar. Apesar de a tradução apresentar o termo "prisão", no versículo 17, a expressão mais exata, de acordo com o original, seria "sob custódia". A palavra traduzida por "prisão" em Gênesis 39 - 40, descrevendo a situação de José, significa um cárcere, não apenas estar sob custódia ou em prisão domiciliar. José sofreu como prisioneiro numa prisão de verdade, enquanto seus irmãos só ficaram sob vigilância. No entanto, essa experiência ensinou-lhes uma lição. Quando, finalmente, foram liberados três dias depois, os homens começaram a sentir que Deus estava tratando com eles por causa de seus pecados (Gn 42:21).

Garantia (vv. 15, 16, 18-20). Uma vez que os dez irmãos insistiam que eram homens honestos, José deu-lhes uma oportunidade de provar o que estavam dizendo. Ordenou que mandassem um deles para Canaã a fim buscar Benjamim. Ele manteria os outros nove sob sua vigilância até que Benjamim chegasse ao Egito para provar que a história deles era verdadeira.²

No entanto, José resolveu mudar o "teste". Ficaria apenas com um dos irmãos, enquanto

os outros voltariam para casa a fim de buscar Benjamim e levá-lo para o Egito. José concluiu, sabiamente, que, mais cedo ou mais tarde, os homens precisariam voltar para buscar mais grãos e seriam obrigados a levar Benjamim com eles ou, então, passariam fome.³ Além disso, era muito mais seguro que viajassem em grupo em vez de apenas dois homens fazerem a jornada, sem mencionar que os homens teriam muitos sacos de grãos para carregar.

José estava sinceramente preocupado com a família em Canaã e não queria que passassem fome. Ao mesmo tempo, desejava que a promessa de Deus se cumprisse para que pudesse se reconciliar com os irmãos e reunir-se ao pai. Havia recebido a garantia de Deus de que, um dia, os onze irmãos se prostrariam diante dele, mas queria motivá-los a tomar uma atitude. Foi por isso que manteve Simeão como refém.

Confissão (vv. 21-24). Essa experiência toda fez com que uma pequena semente de convicção começasse a germinar no coração daqueles homens. Sem saber que José podia entender o que diziam, discutiram os clamores e lágrimas do irmão que haviam vendido e a dureza do coração deles. Rúben não resolveu o problema ao dizer: "Não vos disse eu: Não pequeis contra o jovem?", mas com isso, sem querer, informou a José de sua bondade ao tentar salvar o irmão desamparado (Gn 37:21, 22). Contudo, àquela altura, Rúben estava certo de que José havia morrido e de que o julgamento divino estava próximo, pois disse: "vedes aí que se requer de nós o seu sangue" (Gn 42:22).

A essa altura, José precisou dar vazão a suas emoções tão intensas e deixou a sala para chorar sozinho. Foi a primeira de seis ocasiões em que José chorou nessa sucessão de acontecimentos. Lágrimas vieram-lhe aos olhos quando viu Benjamim (Gn 43:29, 30), quando revelou sua identidade aos irmãos (Gn 45:2), quando se encontrou com o pai no Egito (Gn 46:29), quando o pai morreu (Gn 50:1) e quando garantiu aos seus irmãos que haviam sido perdoados de todo o coração (v. 17). Uma boa prova do caráter

de uma pessoa é observar o que a leva a chorar.

Por que José escolheu Simeão como refém, uma vez que Rúben era o primogênito? Provavelmente porque apreciou o fato de Rúben ter tentado salvá-lo de seus irmãos e porque Simeão era o segundo filho de Jacó. Simeão era conhecido como um homem cruel (Gn 34:25; 49:57), e talvez José esperasse ensinar-lhe uma lição.

Quando penso na forma como José comportou-se em relação a seus irmãos, o versículo que me vem à mente é Romanos 11:22: "Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus". Apesar da severidade de seu discurso e de alguns de seus gestos, José certamente usou de bondade para com os irmãos, e aquilo que fez por eles foi um ato de benignidade. Sua motivação era o amor, e seu propósito era levá-los ao arrependimento e à reconciliação. Precisamos nos lembrar disso da próxima vez que pensarmos que Deus está nos tratando de maneira injusta.

2. UM PERÍODO DE TENSÃO (GN 42:25 - 43:15)

Quando os nove irmãos estavam se preparando para partir, José demonstrou generosidade ao dar-lhes suprimentos para a viagem. Não foi fácil para os irmãos deixar Simeão para trás, mas estavam certos de que voltariam para buscar mais grãos e de que poderiam trazer Benjamim com eles. As nuvens pareciam estar se dissipando, mas não perceberam as tensões que ainda se criariam em sua família nos dias que estavam por vir.

Medo e perplexidade (vv. 25-35). Seguindo ordens de José, o mordomo dele restituiu o dinheiro dos irmãos, colocando-o nos sacos, porém, posteriormente, o mordomo afirmou ter recebido a prata deles e deu crédito disso ao Senhor (Gn 43:23). Ou o mordomo estava mentindo, o que é pouco provável, ou o próprio José pagou pelos grãos, de modo que pudesse cuidar dos pais e dos parentes que havia mais de vinte anos não via. O dinheiro nos sacos fazia parte de seu plano para testar os irmãos e prepará-los para a próxima viagem ao Egito.

No entanto, há alguns problemas relacionados à descoberta do dinheiro. Quando um dos irmãos encontrou a prata em seu saco de mantimentos (Gn 42:27, 28), todos os outros devem ter procurado também, encontrando o restante da prata. Pelo menos essa foi a história que contaram ao mordomo de José quando chegaram ao Egito pela segunda vez (Gn 43:21). Contudo, se foi isso o que aconteceu, por que os irmãos reagiram com tanta surpresa quando abriram os sacos de grãos ao chegar em casa? (Gn 42:35).

Dizer que seu relato ao mordomo foi apenas uma “versão condensada” seria o mesmo que acusá-los de ter péssima memória. Os irmãos afirmaram especificamente que haviam descoberto o dinheiro dentro dos sacos na “estalagem” e não em casa. Supomos que essa seja a verdade, uma vez que não tinham motivo algum para mentir para o mordomo de José, pois precisavam desesperadamente da ajuda dele. E por que mentir quando estavam devolvendo todo o dinheiro?

Quais são algumas possíveis soluções para esse impasse? Talvez o mordomo tivesse colocado parte do dinheiro nos sacos de mantimentos e parte nos sacos de grãos. Os irmãos acharam o dinheiro que estava nos sacos de mantimentos quando chegaram na estalagem naquela noite, mas só descobriram o restante quando chegaram em casa e esvaziaram os outros sacos de grãos. No entanto, o autor afirma claramente que cada homem encontrou todo seu dinheiro na primeira parada que fizeram (Gn 43:21; “o dinheiro de cada um”), o que significa que os nove irmãos procuraram rapidamente em suas coisas e, na mesma hora, encontraram toda a prata.

Se foi isso o que aconteceu, então talvez os irmãos tivessem colocado o dinheiro de volta nos sacos com a intenção de enganar o pai e de mostrar surpresa quando o dinheiro fosse descoberto na casa deles. No entanto, pela maneira como Gênesis 42:35 foi escrito, a impressão é de que sua surpresa e espanto foram verdadeiros quando encontraram o dinheiro. E por que enganar o pai quanto ao

dinheiro? Eles não o haviam roubado e podiam levá-lo consigo em sua próxima viagem. De qualquer modo, Jacó não demonstrou preocupação e simplesmente comentou: “pode bem ser que fosse engano” (Gn 43:12).

Qualquer que seja a explicação, a experiência provocou medo e perplexidade no coração dos irmãos. “Que é isto que Deus nos fez?” (Gn 42:28) Sabiam que eram inocentes no que se referia ao dinheiro, mas conseguiriam convencer os egípcios disso? A vida deles poderia estar em perigo (Gn 43:18).

O relato que deram ao seu pai só fez com que o ancião se sentisse pior, especialmente quando ficou sabendo do confinamento de Simeão e do futuro envolvimento de Benjamim. Aquele episódio todo deveria ter levado Jacó e seus filhos a sondar seu coração e a confessar seus pecados, mas, ao que parece, não foi o que aconteceu. Teria sido um bom momento para buscar ao Senhor e orar pedindo sua ajuda e orientação. No entanto, apesar dos erros deles, Deus ainda estava operando de modo a cumprir seus propósitos.

Desespero (vv. 36-38). Aquilo tudo foi demais para Jacó. “Tendes-me privado de filhos” (v. 36), clamou o ancião⁴ indicando, assim, como suspeitava de que seus filhos estavam por trás do desaparecimento misterioso de José. “Todas estas coisas me sobrevêm”. Do ponto de vista humano, essa era uma declaração válida, porém da perspectiva de Deus, todos aqueles acontecimentos estavam cooperando para o bem de Jacó, não para seu mal (Rm 8:28).

É triste ver Jacó expressando novamente seu maior amor por José e Benjamim, algo que devia magoar os outros irmãos. Afinal, os outros dez filhos não haviam realizado a difícil jornada até o Egito a fim de preservar a família? Era culpa deles que o oficial egípcio havia feito tantas perguntas pessoais, chamado os dez de espíões e tomado Simeão como refém? Eram responsáveis pela devolução do dinheiro? Jacó poderia ter sido mais compreensivo, mas ainda estava sofrendo com a perda de José (Gn 37:35); e a perda de Simeão, juntamente com a possível

perda de Benjamim, era mais do que ele podia suportar.

Levando-se em consideração que Rúben não tinha o favor do pai (Gn 35:22), deveria ter ficado quieto, porém talvez tivesse se sentido na obrigação de agir como líder, uma vez que era o primogênito de Jacó. Sua sugestão foi absurda. Que direito tinha de oferecer a vida de seus filhos como compensação pela perda de Benjamim? Será que chegou a discutir essa idéia com a esposa e os filhos? Além do mais, de que modo a morte de dois meninos inocentes poderia reparar a perda de um dos dois filhos prediletos de Jacó? Será que Rúben estava se oferecendo a sacrificar um de seus filhos por José e outro por Benjamim? De que modo isso melhoraria a situação naquela casa?

Jacó não quis saber da sugestão de Rúben nem de qualquer outra idéia que colocasse Benjamim em perigo. As palavras "e ele ficou só" (Gn 42:38) significam que "Dos dois filhos de Raquel, só restou Benjamim". Trata-se de mais uma declaração egoísta de Jacó, que fez com que outros filhos se sentissem membros de segunda categoria dentro da família. Benjamim devia ser protegido, mesmo que a família inteira morresse de fome! A crise não faz o homem, só mostra quem ele é. Jacó estava revelando quem era verdadeiramente o objeto de seu afeto, da mesma forma que havia feito em seu encontro com Esaú (Gn 33:2).

Demora (43:1-10). A cada semana, a família via seus suprimentos diminuindo, mas sabendo dos sentimentos do pai, nenhum dos filhos ousou falar sobre outra viagem ao Egito. A tensão naquele lar deve ter se tornado insuportável, especialmente para Benjamim. Enquanto Jacó protegia o filho predileto, quem estava demonstrando preocupação com Simeão no Egito e sua família em Canaã? Por causa de sua resistência à realidade, Jacó vivia dentro de seu próprio mundo de fantasia, fazendo os outros sofrerem.

Quando acabaram os suprimentos, Jacó disse aos filhos: "comprai-nos um pouco de mantimento", e essa foi a oportunidade de Judá manifestar-se e de assumir o controle de uma situação delicada.⁵ A falta de visão

de Jacó quanto a seu relacionamento doentio com Benjamim e a forma egoísta como alimentava seu sofrimento pela perda de José (Gn 37:35), além de suas suspeitas veladas com relação aos outros filhos, tudo isso em conjunto tornava Jacó um homem quase intratável.

Judá lembrou o pai de que não poderiam voltar ao Egito sem levar Benjamim com eles. Jacó tentou colocar a culpa nos outros filhos só por terem mencionado o irmão mais novo, procurando fazer, mais uma vez, com que se sentissem culpados por suas aflições. "Por que me fizestes esse mal?" (Gn 43:6).

Judá evitou sabiamente discutir com o pai questões que já haviam sido debatidas anteriormente e que não podiam ser mudadas. Judá ofereceu-se como garantia no lugar de Benjamim, a fim assegurar que este voltaria para casa em segurança. Tal oferta generosa indica uma transformação na vida de Judá desde que haviam vendido José (Gn 37:26, 27). Talvez sua experiência com Tamar tivesse servido para ensinar-lhe algumas lições (capítulo 38). Judá deixou claro que se tratava de uma questão de vida ou morte (Gn 43:8, 10) e chegou a lembrar Jacó de suas próprias palavras (Gn 42:2).

Incredulidade (vv. 11-15). Existe uma diferença entre entregar-se à providência amorosa de Deus e submeter-se a um destino sem sentido, e a declaração de Jacó mostra qual era sua posição "Se é tal, fazei [...] se eu perder os filhos, sem filhos ficarei" (vv. 11, 14). Esse tipo de resposta, sem dúvida, não condiz com o Jacó de Betel, que se apropriou das promessas de Deus e que tinha anjos cuidando dele! Também não parece vir do mesmo Jacó que conduziu sua família de volta a Betel para começar de novo com o Senhor. Seus sentimentos de dor e de desespero haviam quase apagado sua fé.

Sempre desejando estar no controle, Jacó disse a seus filhos exatamente o que fazer. É claro que deviam oferecer um presente para que o governante egípcio libertasse Simeão (ver Gn 32:13ss).⁶ Além disso, precisavam levar o dobro do dinheiro de modo que pudessem devolver o que haviam encontrado em seus sacos e ainda comprar mais alimentos.

É interessante Jacó ter dito: "Levai vosso irmão também" (Gn 43:13) e não: "Levai meu filho também". Será que, com isso, estava enfatizando a responsabilidade pessoal de cuidarem daquele que tinha o mesmo sangue que eles?

Jacó os enviou com uma bênção (v. 14), pedindo que *El-Shaddai* (o Deus Todo-Poderoso) falasse ao coração do "homem" de modo que ele demonstrasse misericórdia libertando Simeão e não fazendo mal a Benjamim. Contudo, suas palavras finais não demonstraram muita fé ou esperança: "se eu perder os filhos [José, Benjamim e Simeão], sem filhos ficarei"; talvez ele quisesse que essas palavras trágicas ecoassem na mente dos filhos enquanto viajavam para o Egito.

3. UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO (GN 43:16-34)

Os nove irmãos tinham muito o que pensar durante a viagem sem precisar ficar refletindo sobre a tristeza crônica do pai. Na verdade, havia três problemas complicados a solucionar: (1) explicar aos oficiais por que haviam ficado com o dinheiro; (2) conseguir que Simeão fosse liberto de seu confinamento; e (3) proteger Benjamim. Contudo, no caminho de volta para casa, acharam que esses três problemas haviam sido resolvidos.

A questão do dinheiro (vv. 16-23a). É bem provável que alguns dos servos de José tivessem visto os irmãos entrarem na cidade e imediatamente informaram seu senhor da chegada deles. José organizou um banquete para eles em sua casa, mas os irmãos concluíram que estavam indo para a casa do oficial egípcio porque as coisas haviam se complicado. Alguém sabia sobre o dinheiro, e eles seriam presos e castigados, talvez até transformados em escravos ou mortos.

Numa situação como essa, o melhor é sempre procurar o mediador mais próximo, e os irmãos foram sábios ao se voltarem para o mordomo de José. Se conseguissem convencê-lo da inocência deles, então teriam como apresentar seu caso a José, o qual, por sua vez, poderia perdôá-los. Estavam prestes a ter outra surpresa, pois o mordomo sabia mais sobre a questão do dinheiro do

que eles e garantiu-lhes que não tinham nada a temer (v. 23).

A libertação de Simeão (v. 23b). Então, o mordomo mandou buscar Simeão e levou-o para junto dos irmãos. Deve ter sido um momento de grande alegria, e Simeão ficou especialmente grato ao ver que Benjamim havia acompanhado os outros para resgatá-lo. Como era possível o mordomo saber que Benjamim estava presente e que Simeão devia ser libertado? José havia dito a ele. Simeão aprendeu alguma coisa durante seu período de confinamento? Se as palavras de Jacó em seu leito de morte servem de indicação, então provavelmente a resposta é não (Gn 49:5-7). É triste quando desperdiçamos nosso sofrimento e não o usamos como uma oportunidade para crescer.

A proteção de Benjamim (vv. 24-34). A última coisa que os irmãos esperavam era receber um convite para um banquete na casa do vice-governante do Egito, o qual havia tratado com eles de modo tão severo durante sua primeira visita. Quando José chegou, os irmãos se prostraram e deram-lhe seus presentes; então, prostraram-se novamente, quando responderam à pergunta dele sobre o pai. Os onze irmãos prostraram-se diante dele e os sonhos se cumpriram.

Ver Benjamim, seu irmão também por parte de mãe, levou José às lágrimas (Gn 42:24), de modo que deixou a sala para que pudesse se controlar. O coração sensível de José era um milagre da graça de Deus. Havia passado anos cercado pelos ídolos mortos do Egito e pela adoração fútil a eles, mas ainda assim havia mantido sua fé em Deus e um coração terno para com seu próprio povo. José poderia ter endurecido o coração alimentando o rancor, mas preferiu perdoar e deixar o passado nas mãos de Deus (Gn 41:50-52).

Os onze irmãos estavam prestes a ter mais surpresas intrigantes. Primeiramente, todos eles foram assentados de acordo com sua ordem de nascimento, e não havia meio de qualquer egípcio ter conseguido tal informação. Além disso, José providenciou pratos especiais para seus convidados,

certificando-se de que Benjamim recebesse cinco vezes mais do que os outros. Em vez de se preocuparem com a segurança de Benjamim, perceberam que o governante egípcio havia gostado do irmãos mais novo do grupo, o que lhes deu grande ânimo.

Para os irmãos, aquele foi um período de transição do medo para a paz, uma vez que não havia mais a possibilidade de serem castigados por causa da questão do dinheiro. Transição também do confinamento para a liberdade, pois Simeão havia sido solto, e da ansiedade para a alegria, pois Benjamim não estava em perigo. Assim, os irmãos de José comeram e beberam como se não houvesse fome na terra e regozijaram-se com a generosidade do governante à cabeceira da mesa.

No entanto, foi uma alegria falsa e transitória, pois os irmãos ainda não haviam lidado com seus pecados. Uma coisa é sentir-se aliviado, outra bem diferente é ser perdoado e reconciliar-se. Era preciso que pedissem perdão a José pela forma como o haviam tratado no passado e deviam fazer o mesmo com o pai, pelo fato de terem enganado o patriarca e entristecido seu coração tão profundamente.

A sensação de falsa alegria e paz é perigosa, e pensar que a vida está em ordem com Deus só porque tudo está correndo bem e os problemas não parecem tão ameaçadores é pedir por uma tragédia. Como aconteceu nos dias de Noé e nos dias de Ló, assim também será quando Jesus voltar (Lc 17:26-30). As pessoas se sentirão seguras de si enquanto vivem sua rotina diária e cultivam seus pecados, mas o julgamento sobrevirá e será inescapável.

Qualquer coisa que fique aquém do arrependimento humilde e da confissão não trará a reconciliação com Deus nem com os outros. "Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte" (Pv 14:12). Como o homem rico da parábola de Cristo, as pessoas têm uma falsa confiança, pois crêem que seu futuro está garantido apenas para, mais tarde, descobrirem que deixaram Deus de fora da sua vida (Lc 12:16-21).

O próximo ato desse drama trará à tona essas questões e, por mais estranho que pareça, a ação se concentrará em torno de Benjamim, o jovem cujos irmãos acreditaram que estava acima de qualquer suspeita e livre de qualquer perigo.

1. O "reconhecimento" é um tema secundário, que aparece ao longo de toda a história. Os irmãos reconheceram José à distância e começaram a tramar suas intrigas (Gn 37:18); Jacó precisou dizer se reconhecia as vestes manchadas de sangue que pertenciam a José (vv. 32, 33); e Tamar perguntou a Judá se reconhecia seus objetos pessoais (Gn 38:25).
2. Posteriormente, ao analisar suas experiências em retrospectiva, os irmãos veriam que esse "teste" era a indicação de que esse oficial egípcio reconheceria Benjamim quando o visse! Afinal de contas, os irmãos poderiam levar qualquer rapaz hebreu da mesma idade de Benjamim, e os egípcios não teriam como dizer que não era ele. Além disso, o fato de o oficial ter feito perguntas sobre o pai deles e sobre o irmão foi outra indicação de que seu interesse ia além da curiosidade sobre a família deles (Gn 43:7).
3. A declaração trágica "não morrereis", no versículo 20, refere-se à fome caso não voltassem para o Egito a fim de buscar mais comida. Fica implícito, ainda, que o irmão que estava servindo de refém poderia ser executado.
4. *The Torah*. Filadélfia: The Jewish Publication Society, 1962, p. 79.
5. A crescente liderança de Judá em sua família começa a se manifestar (Gn 44:14, 16, 18-34; 46:28), e seus descendentes constituiriam a tribo dos reis, da qual viria o Messias (Gn 49:8-12).
6. Eram iguarias que não podiam ser encontradas no Egito.

A VERDADE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

GÊNESIS 44 – 45

“**H**á fundamento para a declaração de que o homem moderno tornou-se um ignorante moral.”

Essas palavras foram publicadas em 1948, na primeira página da obra *Ideas Have Consequences*, do Dr. Richard M. Weaver, que, na época, era professor de letras na Universidade de Chicago. O livro teve o efeito de uma bomba atômica sobre a comunidade acadêmica pós-guerra, e um crítico chamou-o de “profundo diagnóstico da enfermidade de nossa cultura”. A mensagem do livro era simples: se você não vive de acordo com a verdade, então deve enfrentar as conseqüências.

O Dr. Weaver devia ver como anda a situação moral hoje em dia! A sociedade não apenas rejeitou a verdade, como também não acredita que há conseqüências. No mundo de hoje, a verdade é aquilo em que você deseja acreditar; e se você acreditar na coisa errada, não precisará se preocupar com as conseqüências – elas não existem. Uma vez que simplesmente não há absolutos morais, você pode fazer o que bem entender e sair incólume. “Sabei que o vosso pecado vos achará” (Nm 32:23) é uma idéia que não se aplica mais à nossa realidade. Se não há uma verdade, não há conseqüências.

Por vinte e dois anos, os irmãos de José haviam seguido essa filosofia e encoberto seus pecados cuidadosamente. Não haviam dito a verdade e, aparentemente, nenhuma conseqüência mais séria havia surgido. Além disso, não tinham medo de ser descobertos, pois a única pessoa que podia testemunhar contra eles era José, e ele certamente estava morto (Gn 44:20). No entanto, a verdade havia aparecido, tanto para o bem deles

como para que o plano divino de salvação do mundo fosse bem-sucedido. Há quatro cenas nesse drama comovente que começa com más notícias e chega ao auge com boas notícias.

1. CONFRONTAÇÃO: A DESTRUIÇÃO DA FALSA SEGURANÇA (GN 44:1-13)

José tinha mais um estratagema em seu plano sábio para conduzir os irmãos ao arrependimento, e este incluía seu amado irmão Benjamim. Uma vez que os filhos de Jacó tivessem sido confrontados com seu pecado e se arrependido, José poderia revelar quem ele era e poderiam reconciliar-se.

Alegres. Quando os onze irmãos saíram da casa de José, tinham toda razão de estar alegres (43:34). Não haviam sido presos por ficar com o dinheiro dos grãos, Simeão havia sido solto, Benjamim estava seguro viajando com eles de volta e, finalmente, estavam voltando para casa. Haviam sido convidados de honra num maravilhoso banquete e voltavam para sua terra com vários sacos de grãos recebidos do generoso oficial egípcio. Sem dúvida, era um dia feliz.

Porém, sua alegria não passava de uma ilusão. A verdadeira alegria e paz jamais podem basear-se em mentiras; devem ter a verdade como fundamento. Edificar sobre mentiras é como edificar sobre a areia e chamar para si o julgamento divino. Sem retidão não pode haver paz real, apenas uma trégua muito frágil que, mais cedo ou mais tarde, entra em erupção e transforma-se em guerra. “O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre” (Is 32:17).

Surpresos (vv. 1-6). Os irmãos devem ter ficado bastante surpresos quando viram que estavam sendo seguidos pelo mordomo de José e seus guardas, sem saber que seus pecados estavam prestes a alcançá-los. Sem dúvida, ficaram consternados quando o mordomo acusou-os de pagar o bem com o mal. No entanto, o maior sobressalto foi quando anunciou que um dos irmãos havia roubado o copo de prata de seu senhor.¹

Ousados (vv. 7-12). Os irmãos estavam tão certos de sua inocência que se defenderam

com ousadia.² Alegaram que, em primeiro lugar, não eram o tipo de gente que andava por aí roubando. Não haviam provado ao mordomo sua honestidade quando lhe contaram sobre o dinheiro que encontraram nos sacos de grãos? Se fossem ladrões, teriam ficado com o dinheiro e não teriam dito nada.

No entanto, foram longe demais em sua defesa, pois propuseram que o culpado fosse morto e que eles fossem tomados como escravos. Com essa atitude, imitaram o que seu pai havia dito ao tratar com Labão (Gn 31:32). O mordomo, porém, rejeitou a oferta e fez outra proposta: o culpado seria mantido no Egito como escravo e os outros poderiam voltar para casa.

Quando o mordomo examinou os sacos, criou ainda mais tensão começando a inspeção do mais velho para o mais moço (Gn 44:12). Era a segunda vez que os irmãos ficavam se perguntando como os egípcios sabiam qual era sua ordem de nascimento (Gn 43:33). Mais uma vez, encontraram o dinheiro de cada um de volta no saco de grãos, mas o texto não diz mais nada sobre isso. O fato de o dinheiro ter sido restituído aos sacos novamente deve ter inspirado temor naqueles homens, enquanto o mordomo procurava pelo copo de prata. Quando o copo foi encontrado no saco de Benjamim, os irmãos tiveram certeza de que aquele era o fim.³

Transtornados (v. 13). Os irmãos demonstraram verdadeira angústia e consternação ao rasgar suas roupas como se alguém tivesse morrido. Imagine os pensamentos que passaram pela cabeça deles enquanto voltavam para a cidade. Como poderiam provar sua inocência? Será que Benjamim havia mesmo roubado o copo? Ele se tornaria escravo ou seria executado? Para começar, por que haviam feito uma proposta tão tola? O que Judá diria ao pai quando voltassem para casa sem o irmão mais novo? Tendo em vista que também haviam encontrado o dinheiro de volta em seus sacos de grãos, todos eles seriam condenados como ladrões?

Uma vez que era o responsável por Benjamim, sem dúvida Judá estava preparando

seu apelo e, talvez, orasse ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó para que lhe concedesse sucesso. Seu discurso indica que Judá havia decidido contar a verdade e confessar seus pecados e os pecados de seus irmãos.

2. CONFISSÃO: A DEMONSTRAÇÃO DE PREOCUPAÇÃO FRATERNA (Gn 44:14-34)

A oração "Judá com seus irmãos" (v. 14) chama nossa atenção para o fato de que Judá passou a ser o porta-voz da família. É verdade que a idéia de vender José havia partido de Judá (Gn 37:26-27) e era ele quem, sem saber, havia cometido incesto com a nora (Gn 38), mas, pela graça de Deus, as pessoas podem mudar e recomeçar. Lembremo-nos de Judá por seu discurso corajoso e cheio de compaixão e não por seus pecados insensatos.

Submissão (vv. 14-17). José estava à espera de seus irmãos, pois era um momento pelo qual ele vinha esperando havia muitos anos. Quando chegaram, não se curvaram simplesmente diante dele; lançaram-se ao chão, onze homens assustados e quebrantados. Era a terceira vez que se prostravam diante dele (Gn 42:6; 43:26), de modo que os sonhos proféticos de José foram mais do que realizados.

Em suas palavras de abertura, Judá deixou claro que nem sequer tentaria defender a si mesmo e aos irmãos, pois o que poderia dizer? Quando os pecadores se calam e param de se defender, então Deus pode mostrar-lhes sua misericórdia (Rm 3:19).

A oração "Achou Deus a iniquidade de teus servos" (Gn 44:16) não se refere apenas ao dinheiro ou ao copo descobertos no meio dos grãos. Essa declaração aplica-se também a seus pecados ocultos, à maneira como trataram José e seu pai anos antes. Em sua primeira visita ao Egito, haviam expressado esse sentimento de culpa levando José às lágrimas (Gn 42:21-24).

Antes de lhes revelar sua verdadeira identidade, José queria descobrir qual era a atitude deles em relação a Benjamim. Assim, anunciou que Benjamim ficaria no Egito como seu escravo, enquanto o restante dos homens voltaria para casa. Foi então que Judá

defendeu Benjamim no discurso humano mais longo do Livro de Gênesis. Em oito ocasiões durante sua defesa, Judá chamou José de "meu senhor" e usou a palavra "pai" treze vezes. O que Judá não sabia era que, a cada vez que usava a palavra "pai" ou que se referia a seu irmão, Benjamim, tocava profundamente o coração do homem que tinha o futuro deles em suas mãos.

Garantia (vv. 18-34). Judá fez uma retrospectiva da história recente de sua família e lembrou José de fatos que ele conhecia tão bem quanto eles, talvez até melhor. O objetivo de Judá era pleitear a libertação de Benjamim, de modo que este pudesse voltar para casa e para seu pai idoso. Para começar, Benjamim só estava lá porque José havia pedido que ele os acompanhasse. As famílias em Canaã morreriam de fome se os irmãos não levassem Benjamim com eles. Talvez Judá estivesse sugerindo que, sem a presença de Benjamim, nada daquilo teria acontecido.

Judá deixou claro que, se Benjamim ficasse no Egito, seu pai morreria e, para provar, citou as palavras de Jacó (v. 29; ver também 42:38). A ligação entre Jacó e Benjamim era tão forte no "feixe dos que vivem" (1 Sm 18:1; 25:29) que Jacó não poderia viver sem o filho mais moço. Será que Judá sabia que o poderoso governante egípcio diante dele também tinha dois filhos jovens e, assim, esperava que sua história comovesse o coração dele como pai?

O apelo final de Judá foi sua oferta para ficar no Egito no lugar de Benjamim. O fato de Judá haver se oferecido como garantia pelo irmão mais novo (Gn 43:8-10) e de estar disposto a tomar o lugar dele sem dúvida tocou o coração de José. Judá estava certo de que havia causado a morte de José e não queria ser responsável pela morte de Jacó. Mais de vinte anos antes, Judá testemunhara a profunda tristeza de seu pai e não queria que isso se repetisse.

Esse discurso comovente, sem dúvida alguma, revelou a preocupação de Judá tanto com o pai idoso como com o irmão mais moço. Na verdade, Judá praticamente implorou para tornar-se escravo de José! "Agora,

pois, fique teu servo em lugar do moço por servo de meu senhor" (Gn 44:33). De fato, era um Judá transformado que estava diante de José, um homem no qual José sabia que podia confiar. Era chegada a hora de José revelar sua identidade aos irmãos.

Precisamos nos lembrar de que Jesus é a garantia ("fiador") de todos aqueles que crêem nele (Hb 7:22). Ele tomou sobre si a responsabilidade que era nossa de modo a garantir que chegássemos ao Pai (Jo 14:1-6). Jesus está "conduzindo muitos filhos à glória" (Hb 2:10) e providenciará para que cada um deles chegue em segurança. Judá estava disposto a assumir o lugar de Benjamim e a separar-se do pai, mas Jesus, de fato, assumiu nosso lugar e morreu por nós na cruz clamando: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27:46). Ele é nosso Fiador que não falha.

3. COMPAIXÃO: A DEMONSTRAÇÃO DE PERDÃO E DE GRAÇA (GN 45:1-15)

Tendo em vista que se tratava de uma reunião formal, havia outros oficiais egípcios presentes, mas uma vez que estava prestes a resolver uma questão familiar há muito pendente, José queria ficar a sós com os irmãos. Seu intérprete e talvez outros oficiais presentes entenderiam sua conversa em hebraico, e todos poderiam ver as lágrimas dos irmãos e suas demonstrações de amor. Era hora de ter privacidade com a família.

Reconhecimento (vv. 1-4). A declaração simples: "Eu sou José" foi como o estrondo de um trovão aos ouvidos deles e encheu seu coração de terror. De súbito, pensamentos confusos de todo tipo começaram a revolver-se em sua mente. Como era possível aquele governante egípcio saber o nome de seu irmão falecido? Por que estaria afirmando ser alguém que sabiam estar morto? Porém, se ele é mesmo José, por que os estava tratando daquela maneira e o que faria para castigá-los por seus pecados? Não havia palavras. Calados, viram-se todos culpados diante de seu juiz (Rm 3:19).

Contudo, duas coisas deveriam ter servido para animá-los: José pediu que se aproximassem, algo que os egípcios não faziam

com os hebreus (Gn 43:32), e chorava livremente. Era a terceira vez que José chorava por causa dos irmãos, mas a primeira vez que o fazia em público. Voltou a falar-lhes e não apenas se identificou como José, mas também lhes disse o que haviam feito com ele! O segredo de família não era mais segredo nenhum.

Reafirmação (vv. 5-8). Percebendo a reação deles, um misto de medo e de desnoiteamento, José os encorajou com palavras vindas de um coração amoroso e perdoador. Sem dúvida, o que haviam feito tinha sido errado e eram culpados; no entanto, pediu-lhes que não se prendessem a seus pecados, mas sim que olhassem para o que Deus havia feito por todos eles. Deus prevaleceu sobre a atitude cheia de ódio dos irmãos e sobre seus atos cruéis e operou de modo a fazer com que tudo cooperasse para o bem deles. (Ver as palavras de José em Gênesis 50:20, que são a versão do Antigo Testamento para aquilo que se encontra em Romanos 8:28.) Os irmãos eram responsáveis pelo sofrimento de José, mas Deus usou-os para cumprir seus propósitos.

A história de José e de seus irmãos nos serve de estímulo para reconhecer a soberania de Deus nas questões da vida e para confiar em suas promessas, por mais sombria que seja nossa situação. "Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá" (Pv 19:21). Deus enviou José ao Egito para que a família de Jacó fosse preservada e a nação de Israel viesse a nascer e, por fim, dar ao mundo a Palavra de Deus e o Salvador. Sem que percebessem, José e seus irmãos estavam ajudando Deus a cumprir sua aliança com Abraão (Gn 12:1-3).

Mudança (vv. 9-13). Uma vez que José era "senhor de toda a sua casa" (v. 8; ver também At 10:36), por que sua família deveria passar necessidade em Canaã? Ainda havia cinco anos de fome pela frente, e seria tolice fazer várias viagens para o Egito em busca de alimento. José instruiu os irmãos para que se apressassem em voltar para casa, dar ao pai a boa notícia de que seu filho estava vivo, arrumar os pertences necessários e mudar-se de vez para o Egito. Prometeu

protegê-los e suprir suas necessidades. A terra de Gósen era uma região fértil do Egito onde a família de Jacó e seus descendentes poderiam viver perto uns dos outros sem medo.

A notícia era boa demais para ser verdade, e talvez alguns dos irmãos tenham demonstrado incredulidade ou hesitação (Lc 24:41). Será que a oferta era mais uma armadilha astuta, como o dinheiro escondido no meio dos grãos e o copo "roubado"? No entanto, José estava falando com eles em sua própria língua hebraica e não por meio de um intérprete (Gn 45:12; ver 42:23). Apesar de terem visto o irmão pela última vez vinte e dois anos antes, certamente eram capazes de reconhecer a voz dele e sua maneira de falar. Pelo menos Benjamim conseguiria reconhecer aquele que era seu único irmão também por parte de mãe!

Reconciliação (vv. 14, 15). Não era hora de explicações nem justificativas, mas sim de expressões sinceras de amor e de perdão. José abraçou os irmãos e beijou-os – especialmente Benjamim –, e eles choraram juntos. Pelo fato de o pecado oculto ter sido exposto e tratado e de ter sido concedido perdão, "encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram" (Sl 85:10).

No entanto, não se esqueça de que a reconciliação só foi possível porque José havia sofrido e triunfado e, desse modo, é um belo retrato do que Jesus Cristo fez pelos pecadores com sua morte na cruz e sua ressurreição. Assim como Jesus, José passou do sofrimento à glória, da prisão ao trono e pôde compartilhar sua riqueza e sua glória com outros. Em sua defesa diante do Sinédrio, Estêvão teve o trabalho de mostrar-lhes que José revelou-se a seus irmãos "uma segunda vez" (At 7:13). Isso também retrata a experiência de Cristo com seu próprio povo, Israel: eles o rejeitaram quando veio pela primeira vez (Jo 1:11; 5:43), mas o reconhecerão e o receberão quando vier pela segunda vez e, então, chorarão e se arrependerão (Zc 12:10 -13:1).⁴

"Depois seus irmãos falaram com ele" (Gn 45:15). Essa é uma frase simples, mas que diz muito por aquilo que deixa de relatar.

Quando José era adolescente em casa, seus irmãos o odiavam tanto que não podiam nem falar com ele (Gn 37:4), mas depois de se reconciliarem e de serem perdoados, a comunicação tornou-se possível. Temos motivo para crer que pediram perdão pela forma como o trataram e, certamente, colocaram José em dia com as notícias da família, especialmente sobre seu pai. A reconciliação de irmãos e irmãs separados deve levar a um relacionamento de afeto restaurado e de alegre comunhão (2 Co 2:1-11). José não colocou os irmãos num período probatório. Ele os perdoou livremente e convidou-os para dentro de seu coração e de seu lar.

É impossível não fazer um contraste entre a forma como José tratou dos pecados de seus irmãos e o modo como o rei Davi tratou dos pecados de seus próprios filhos (2 Sm 13 - 19). José foi amoroso, porém firme; sabia que seus irmãos precisavam ser conduzidos ao arrependimento e à confissão antes que pudessem ser perdoados e receber responsabilidades. Davi, porém, perdoou seus filhos sem pedir qualquer prova de verdadeiro arrependimento, e seu amor desmedido por Absalão quase lhe custou a dedicação de seu povo.

Assim como Annon e Absalão, Davi também havia cometido um pecado de ordem sexual, e é possível que isso tivesse afetado sua capacidade de lidar com as transgressões deles. José era um homem puro e íntegro e sua abordagem ao tratar com os irmãos foi muito mais madura e semelhante ao tratamento de Deus com os pecadores. Não é necessário nos arrastarmos na lama a fim de termos empatia com os pecadores ou de ajudá-los a levar uma vida limpa. Jesus foi amigo dos pecadores (Mt 11:19; Lc 7:34) e, no entanto, era "santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores" (Hb 7:26).

4. COMEMORAÇÃO: A PROCLAMAÇÃO DAS BOAS NOVAS (GN 45:16-28)

Quando José pediu aos egípcios que saíssem da sala, provavelmente ficaram esperando perto da porta para que pudessem ser os primeiros a descobrir o que estava acontecendo e contar ao Faraó. Quando ouviram

José e seus irmãos chorando e entenderam o motivo dessa emoção, levaram as notícias ao Faraó, que se regozijou que os irmãos de José estavam com ele. Afinal, José era o salvador daquela nação e um "pai" para o Faraó (Gn 45:8), e o governante do Egito desejava dar as boas-vindas reais à família de José.

Promessas (vv. 16-21). José já havia dito aos irmãos que se mudassem para o Egito. Assim, é bem provável que ele e o Faraó tivessem discutido a idéia anteriormente, e que o Faraó tivesse consentido nisso. As palavras do Faraó não apenas confirmam o que José havia prometido, mas também expandem essa promessa. Ele lhes prometeu "a fartura da terra" para desfrutarem e carros para buscarem suas famílias e os bens que desejassem levar consigo para o Egito. Por causa de José, Jacó e sua família haviam obtido o favor do governante do Egito, que iria prover tudo de que precisassem!

Presentes (vv. 22, 23). Os irmãos haviam tomado de José suas vestes quando o venderam para os mercadores (Gn 37:23), mas ele deu a cada um deles vestes novas para usarem. Em várias passagens das Escrituras, mudar de roupas é sinal de recomeço (Gn 35:1-7; 41:14), e certamente os onze filhos de Jacó estavam começando de novo.

Os irmãos de José o haviam vendido por vinte peças de prata, mas José deu a Benjamim quinze vezes essa quantia.⁵ Também deu aos homens mais comida e dez animais para carregarem todo o alimento e puxarem os carros quando os irmãos retornassem ao Egito com as famílias. Seria preciso muita comida para alimentar Jacó e os sessenta e cinco membros de sua família ao viajarem para o Egito.

Sabendo da natureza humana, em geral, e conhecendo especificamente a índole de seus irmãos, José deu-lhes uma última admoestação: "Não contendais pelo caminho" (Gn 45:24).⁶ Em sua primeira reunião com José, Rúben já havia expressado o equivalente hebraico da famosa expressão "Eu avisei!": "Não vos disse eu?" (Gn 42:21, 22), e José não queria que isso voltasse a acontecer. A questão havia sido resolvida de uma vez por todas e não havia necessidade de

discuti-la, nem de tentar colocar a culpa em alguém ou de determinar o tamanho dessa culpa. "Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!" (Sl 133:1).

Reavivamento (vv. 25-28). Jacó ficou feliz ao ver seus filhos de volta ao lar em segurança, especialmente Benjamim, com quem estivera particularmente preocupado. Mas não estava preparado para o relato extraordinário de que (1) José estava vivo; (2) era o vice-governante do Egito; (3) queria que a família toda se mudasse para o Egito; e (4) cuidaria de todos eles. Quantas boas notícias um ancião é capaz de suportar num só dia?

A expressão "O coração lhe ficou como sem palpitar" (v. 26) significa, literalmente, que seu coração "ficou frio" ou "entorpecido". Ele quase teve um ataque cardíaco! As notícias eram boas demais para crer, mas ele não podia negar a presença dos carros que José havia mandado e dos animais adicionais para levar as cargas e puxar os carros. Seu espírito foi reavivado ao pensar em ver José e ter sua família reunida ao redor dele até morrer. Quando foi para o Egito, Jacó estava com cento e trinta anos de idade (Gn 47:9) e morreu com cento e quarenta e sete, o que significa que teve dezessete anos para

desfrutar sua família, especialmente os dois netos que não havia visto antes (v. 28).

Sem dúvida, os irmãos contaram ao pai a verdade sobre o que haviam feito com José e certamente pediram perdão a Jacó por terem-lhe causado vinte e dois anos de tanta tristeza. É bem provável que ele não tenha se surpreendido com a confissão, pois havia suspeitado, desde o começo, que seus filhos escondiam no coração um segredo sombrio (Gn 42:36). Dezessete anos depois, em seu leito de morte, Jacó teria seu dia de justiça ao reunir os filhos a seu redor e contar-lhes a verdade sobre eles e o plano de Deus para seu futuro (capítulo 49).

O Deus soberano havia prevalecido sobre as intrigas dos pecadores e realizado seu plano para Jacó, José e seus irmãos. Durante os quatro séculos seguintes, os hebreus ficariam no Egito, primeiro como convidados de honra e, depois, como escravos sofredores, mas, em meio a tudo isso, o Senhor iria moldá-los até se transformarem no povo que precisavam ser, a fim de fazer a vontade de Deus.

"Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11:33).

1. Um homem piedoso como José não usaria de qualquer forma de adivinhação e nem precisava fazê-lo. Deus jamais teria aprovado, naquele tempo, algo que depois viria a proibir na lei (Lv 19:26; Nm 23:23; Dt 18:10). A adivinhação era apenas uma parte do plano. Àquela altura, os homens estavam certos de que seu senhor sabia de tudo!
2. A expressão: "Longe estejam teus servos", no versículo 7, às vezes é traduzida por: "Deus nos livre", uma tradução não muito precisa, uma vez que os judeus cuidavam para não invocar o nome de Deus em vão ao fazer juramentos.
3. O verbo "achar" é repetido oito vezes nesse capítulo (Gn 44:8, 9, 10, 12, 16 [duas vezes], 17, 34).
4. Estêvão também ressaltou como os judeus rejeitaram Moisés da primeira vez em que ele se ofereceu para ajudá-los (At 7:23-29), mas aceitaram sua liderança quando veio pela segunda vez (vv. 30-36).
5. Talvez esse dinheiro fosse uma espécie de "pagamento de redenção" oferecido pela parte ofendida, a fim de afirmar que tudo estava perdoado e que a questão nunca mais viria à baila (ver Gn 20:14-16). Tanto as vestes quanto o dinheiro certamente foram deixados com José no Egito e recebidos posteriormente, quando a família chegou a seu novo lar. Não havia necessidade de levar os presentes até Canaã e, então, de volta para o Egito.
6. A palavra traduzida por "contendais" significa "agitar, tremer". O termo pode descrever tanto a agitação pessoal, que poderia levar a uma discussão entre os irmãos, quanto à falta de paz no coração deles. A respeito de que poderiam inquietar-se? (1) A reação do pai idoso à notícia de que José estava vivo. (2) Sua obrigação de contar a Jacó a verdade sobre o que haviam feito a José. (3) Como essa confissão afetaria Jacó e seu relacionamento com eles. (4) Preocupação quanto à possibilidade de José mudar de idéia e decidir não perdoá-los (ver Gn 50:15-21).

A SABEDORIA DO AVÔ

GÊNESIS 46 – 48

De acordo com um provérbio judaico: “Para os ignorantes, a velhice é o inverno; mas, para os eruditos, é a colheita”. Jacó estava com cento e trinta anos e, durante esses anos, havia aprendido várias lições importantes sobre Deus, sobre si mesmo e sobre outras pessoas, especialmente seus filhos. Algumas dessas lições da escola da vida haviam sido difíceis de assimilar, e Jacó não havia se saído bem em todas as provas. No entanto, graças à bondade de Deus e à fidelidade de José, Jacó teria uma colheita rica no Egito durante seus últimos dezessete anos de vida. Esses anos não seriam como o inverno que traz o frio e as tempestades. Para Jacó, seu ocaso seria como o outono, com o brilho dourado do Sol trazendo paz e como a fartura da bondosa ceifa de Deus.

1. A SEGURANÇA DE UM PEREGRINO (GN 46:1-30)

A maior parte das pessoas idosas teme e resiste a mudanças, e não podemos culpá-las por isso. Coisas e lugares conhecidos e a presença da família e de amigos de longa data oferecem aos mais velhos uma sensação de segurança e de controle, que faz com que a vida pareça mais protegida e feliz. Jacó havia vivido com a família em Hebrom durante muitos anos, mas havia chegado a hora de todos se mudarem.

A promessa de Deus (v. 1-4). Jacó e sua família deixaram Hebrom (Gn 37:14) e viajaram cerca de uma semana até chegar a Berseba, na extremidade sul de Canaã (Js 15:21, 28).¹ Berseba era um lugar muito especial para Jacó, pois Abraão havia cavado um poço naquele local (Gn 21:30) e vivido

ali depois de oferecer Isaque no monte Moriá (Gn 22:19). Isaque também viveu em Berseba (Gn 26:23, 32, 33), e foi de seu lar em Berseba que Jacó partiu para a casa de Labão em busca de uma esposa. Em Berseba, Deus havia aparecido a Agar (Gn 21:17), a Isaque (Gn 26:23, 24) e ainda apareceria a Jacó.

Uma vez que estava prestes a deixar sua própria terra e a dirigir-se a um país estrangeiro, Jacó parou para construir um altar e adorar ao Senhor. É bom pedir a ajuda e a bênção especial de Deus quando estamos prestes a entrar numa nova fase de nossa vida. Lembra-me de ver uma família inteira ir à frente na igreja, no final de um culto, e ajoelhar-se para orar. O pai era militar e estava sendo transferido para outra base e, assim, a família toda se juntou a ele no gesto de entregar-se ao Senhor para essa nova empreitada.

Mas o que poderia preocupar Jacó quanto à sua viagem para o Egito? Seu filho, José, não lhe havia dito para ir até lá? Não era a coisa mais sábia a se fazer diante da fome que ainda continuaria a assolar a terra? Talvez Jacó estivesse com medo, pois se lembrava de que seu avô, Abraão, havia se metido em sérios problemas ao ir para o Egito (Gn 12:10ss). E quando Isaque, o pai de Jacó, rumou em direção ao Egito, o Senhor o impediu de ir para lá (Gn 26:1, 2). O Egito podia ser um lugar arriscado para um peregrino de Deus.

No entanto, o Senhor veio a Jacó durante a noite e garantiu-lhe de que era seguro para ele e sua família a mudança.² A exclamação: “Jacó, Jacó!” nos faz lembrar de “Abraão, Abraão” (Gn 22:11), “Samuel, Samuel” (1 Sm 3:10), “Marta, Marta” (Lc 10:41), e “Saulo, Saulo” (At 9:4). É animador saber que o Senhor conhece nosso nome e nossas necessidades pessoais (Jo 10:3, 14, 27). Jeová desejava lembrar Jacó de que ele não estava limitado à terra de Canaã, pois é o Senhor da terra, inclusive do Egito (Js 3:11, 13; Sl 83:18). Deus iria com Jacó para o Egito e estaria com ele para abençoá-lo, assim como havia estado com José e o havia abençoado (Gn 39:2, 21). Jacó não tinha nada a temer,

pois o Senhor cumpriria as promessas que havia feito a ele em Betel (Gn 28:15).

Por que Deus queria que a família de Jacó fosse viver no Egito? Pois lá ele multiplicaria os descendentes de Jacó e faria deles uma grande nação (Gn 12:2). Os hebreus começariam sua estadia temporária no Egito sob a proteção do Faraó, desfrutando a fartura da terra. Séculos depois, no entanto, os hebreus estariam sofrendo uma cruel escravidão no Egito e clamando a Deus por libertação (Êx 1; 2:23-25). Contudo, Deus usaria seu sofrimento para transformar aquele povo numa nação poderosa sob a liderança de Moisés.

Deus deu a Jacó mais uma garantia ao dizer-lhe que ele morreria no Egito e que seu filho amado, José, providenciaria para que ele tivesse um funeral com grandes honras.³ O corpo de Jacó seria levado de volta a Canaã e seria sepultado na caverna onde jaziam Abraão, Sara, Isaque, Rebeca e Lia (Gn 49:30, 31). Firmando-se nessa promessa, Jacó deixou Canaã e rumou para o Egito.

A bênção de Deus (vv. 5-27). O Faraó havia lhes dito que não precisavam se preocupar em trazer suas posses, uma vez que toda a riqueza do Egito estava à sua disposição (Gn 45:20). Contudo, teria sido cruel abandonar os rebanhos naquele tempo de fome e, sem dúvida, haviam levado consigo alguns objetos pessoais que lhes eram de valor. Do modo típico dos semitas, essa lista apresenta o nome dos homens, porém não das mulheres, exceto por Diná (Gn 46:15), a filha de Jacó. As "filhas", no versículo 7, provavelmente são uma referência a suas noras, uma vez que não se tem notícia de outras filhas nascidas na família de Jacó.

Deve ter sido um grande estímulo para Jacó ver como Deus havia multiplicado seus descendentes, protegendo-os e suprindo suas necessidades, mantendo-os juntos para essa mudança importante. É possível que alguns membros da família não tivessem consciência disso, mas eram um povo muito especial para o Senhor, pois uma tarefa vital lhes estava reservada nos anos subsequentes. Aquele pequeno bando de migrantes,

um dia, seria uma bênção para o mundo todo (Gn 12:1-3).

O registro apresenta primeiramente os filhos, a filha e os netos de Lia (Gn 46:8-15), depois a família de Zilpa (vv. 16-18), a de Raquel (vv. 19-22) e a de Bila (vv. 23-25), num total de setenta pessoas.⁴ Isso nos faz lembrar as palavras de Jacó em Jaboque: "Pois com apenas o meu cajado atravessei este Jordão; já agora sou dois bandos" (Gn 32:10). Seus descendentes seriam incontáveis, como a areia na praia e as estrelas no céu (Gn 15:5; 22:17; 26:4; 32:12), pois o Senhor cumpre suas promessas.

A bondade de Deus (vv. 28-30). Os onze irmãos já haviam se encontrado com José, mas Jacó estava prestes a vê-lo depois de vinte e dois anos de separação. O fato de Jacó escolher Judá para ser o guia do grupo indica que confiava em seu filho, o que sugere que os homens haviam contado tudo ao pai e caíram nas boas graças dele outra vez. Jacó finalmente conseguiu ver a mão de Deus em tudo o que havia acontecido. Apesar de seus erros passados, Judá estava se mostrando fiel, e seus descendentes, um dia, seriam chamados de tribo dos reis (Gn 49:8-12).

A terra de Gósen ficava na região nordeste do delta do Nilo, uma área com cerca de dois mil e trezentos quilômetros quadrados, de solo muito fértil e excelentes pastagens. Foi lá que José e seu pai se encontraram. José estava esperando em sua carruagem real, e Jacó chegava num dos carros que o Faraó havia providenciado. Pela quinta vez, vemos José chorando, apesar de não haver nenhum comentário específico indicando que Jacó chorou. Talvez Jacó estivesse tão aturdido de alegria e de gratidão a Deus ao ver José novamente que nem conseguiu derramar lágrimas.

A declaração de Jacó, no versículo 30, nos faz lembrar das palavras de Simeão ao contemplar o menino Jesus: "Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação" (Lc 2:29, 30). Jacó parecia preocupado com a tristeza e a morte e não com as alegrias de passar seus últimos

anos com sua família, especialmente com José.⁵

Todos os sonhos de José haviam se realizado. Era chegada a hora de compartilhar as alegrias e as tristezas da vida com toda sua parentela.

2. A BENEVOLÊNCIA DE UM GOVERNANTE (Gn 46:31 - 47:27)

Apesar de José ser um "pai" para o Faraó (Gn 45:8), ainda assim era preciso que a família de José fosse apresentada oficialmente à corte como novos "residentes estrangeiros" no Egito. Uma vez que José e o Faraó já haviam concordado sobre o assentamento da família em Gósen, a apresentação dos irmãos na corte era uma formalidade, mas, ainda assim, uma formalidade importante.

O Faraó e os irmãos de José (46:31 - 47:6). José teve o cuidado de explicar aos irmãos o que significava ser pastor no Egito. O fato de os filhos de Jacó terem levado consigo seus rebanhos indicava claramente que estavam planejando ficar no Egito e continuar em suas atividades. Sabendo do preconceito dos egípcios contra pastores, José deu ênfase aos rebanhos de gado e não de ovelhas. No entanto, não mentiram sobre sua ocupação, sendo honestos e sinceros em todos os seus negócios com o Faraó.

Não sabemos quais foram os cinco irmãos dentre os onze que José escolheu para representar a família ou qual foi seu critério de escolha. Por ser um observador perspicaz da natureza humana e um homem de discernimento, José sabia quais dos irmãos estariam mais aptos para o encontro com o Faraó, a fim de fazerem uma boa apresentação. O Faraó, por sua vez, manteve sua palavra e deu-lhes o melhor da terra para seus rebanhos e seu gado e pediu que também cuidassem dos rebanhos dele. Para os onze filhos de Jacó, isso representava uma promoção e tanto. Num dia, eram simples residentes estrangeiros e, no outro, pastores oficiais do Faraó! José havia usado de bondade para com o Faraó, e este estava sendo bondoso com a família de José.

O Faraó e o pai de José (v. 7-10). O Faraó devia estar ansioso para encontrar-se com Jacó,

o ancião e pai tão importante para José. A primeira coisa que Jacó fez foi abençoar o Faraó em nome de seu Deus e, também, abençoou o Faraó no final da audiência com ele. Nisso Jacó foi um bom exemplo de como um verdadeiro cristão deve se relacionar com os que são de fora da família de Deus (1 Pe 2:11-17). Apesar de ter errado, como todos nós erramos, Jacó levava consigo a bênção de Deus aonde quer que fosse.

Todos têm uma metáfora que usam para descrever a vida - uma batalha, uma corrida, uma armadilha, um quebra-cabeça -, e a metáfora de Jacó era a da peregrinação. Os patriarcas eram peregrinos e estrangeiros na terra (Hb 11:13-16), assim como o povo de Deus também (1 Cr 29:15; 1 Pe 1:1; 2:11). Concordamos com Abraão, Isaque e Jacó que este mundo não é nosso lar. Nosso tempo aqui é curto, e aguardamos com ansiedade nosso lar definitivo, a cidade de Deus no céu.

"Poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida" (Gn 47:9), disse Jacó ao Faraó, que provavelmente pensou que cento e trinta anos com certeza não eram "poucos". No entanto, Isaque havia morrido com cento e oitenta anos e Abraão com cento e setenta e cinco, de modo que, em termos comparativos, a peregrinação de Jacó foi curta. A palavra "maus" não se refere apenas à perversidade, mas também à "dificuldade" ou à "angústia". A vida de Jacó havia sido difícil, mas se encerraria com dezessete anos de paz e de felicidade.

Não podemos deixar de admirar José pelo modo como tratou da mudança de sua família e de sua apresentação ao Faraó. Sem dúvida, era um administrador de talento. Numa terra dedicada à adoração de inúmeros deuses e deusas, era importante que a família de José desse testemunho do verdadeiro Deus vivo por meio de sua conduta. Pedro chama isso de "[manter] exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios" (1 Pe 2:12).

O Faraó e o povo de José (v. 11-27). O Faraó permitiu que os familiares de José se assentassem na melhor parte da terra do Egito, onde poderiam ser bem cuidados. Contudo, os egípcios tiveram de pagar um alto

preço para sobreviver. Durante os cinco anos restantes de fome (Gn 45:6), o povo egípcio foi ficando cada vez mais pobre, até que, finalmente, tiveram de vender-se como escravos para não morrer. A fim de facilitar a distribuição de comida, muitos agricultores foram levados para as cidades até que houvesse sementes disponíveis para plantar.

Quando a fome terminou e foi possível voltar a plantar, o Faraó possuía todo o dinheiro do Egito, todo o povo e suas propriedades, exceto pelas terras dos sacerdotes. Além disso, os agricultores deviam pagar um quinto de sua colheita ao Faraó como imposto anual. José não apenas havia salvo a nação da fome, como também havia criado um sistema econômico que dava ao Faraó o controle total sobre a nação.

O que o povo de Israel fazia nesse meio tempo? Multiplicava-se (Êx 1:7)! Quando Moisés conduziu a nação para fora do Egito, havia pelo menos dois milhões de hebreus naquela terra.⁶ Deus havia prometido que faria deles uma grande nação e cumpriu a promessa.

O Faraó era um governante pagão que adorava uma porção de deuses falsos e, no entanto, Deus tocou seu coração e usou-o para cuidar de Jacó e de sua família (Pv 21:1). Muitos cristãos, hoje em dia, acreditam que Deus só pode usar gente de seu povo em posições de autoridade, mas o Senhor pode realizar sua vontade mesmo por meio de líderes incrédulos, como o Faraó, Ciro (Ed 1:1ss; Is 44:28), Nabucodonosor (Jr 25:9; 27:6) e César Augusto (Lc 2:1ss).

3. A HERANÇA DE UM AVÔ (GN 47:28 - 48:22)

Jacó havia desfrutado a presença de José durante dezessete anos em Hebrom (Gn 37:2) e teria mais dezessete anos para aproveitar a companhia de José e de seus filhos (Gn 48:28). É triste que os pecados dos filhos de Jacó tivessem roubado do pai vinte e dois anos de convivência com José, mas, mesmo nesse sacrifício, Deus havia realizado seu plano de maneira impecável e havia cuidado de seu povo com todo carinho.

Jacó planeja seu sepultamento (47:28-31). Uma vez que Jacó havia rejeitado Rúben, José estava cumprindo os deveres de primogênito, inclusive tratando do funeral do pai. Jacó sabia que seus dias estavam contados e queria ter certeza de que seria sepultado na Terra Prometida e não no Egito. Alguns podem até argumentar que Jacó estava cometendo um erro, uma vez que os egípcios eram tão proficientes na inumação de corpos, mas essa não era a questão. Jacó era um dos peregrinos de Deus e desejava ser sepultado com sua família na terra que, um dia, seria o lar de seus descendentes (Gn 49:29-32; 23:1ss).

O desejo de Jacó era que seu funeral fosse um testemunho claro de que ele não era um egípcio idólatra, mas sim um crente no verdadeiro Deus vivo. Ao pensar em como será seu funeral e seu sepultamento, últimos testemunhos públicos que dará, isso deve fazer com que queira planejá-los com cuidado. É importante preparar seu testamento, mas não se esqueça de seu último testemunho.

Durante meu ministério pastoral, vi pessoas que se diziam cristãs fazerem todo tipo de plano desorientado para seu funeral, inclusive a seleção de cânticos e de leituras de textos sem qualquer relação com a Bíblia ou com a vida cristã. Algumas dessas escolhas eram claramente pagãs e a única justificativa para elas era que se tratava de algo do gosto do falecido. Não era fácil pregar o evangelho nessas ocasiões. Sigamos o exemplo de Jacó e planejemos cuidadosamente nosso funeral para a glória de Deus. José não apenas prometeu realizar os desejos de seu pai, como também, mais tarde, pediu aos irmãos que lhe fizessem a mesma promessa que havia feito ao pai (Gn 50:24-26).

Jacó adota seus netos (48:1-20). Jacó estava de cama, com a vista muito fraca (v. 8); sabia que o fim estava próximo. No entanto, quando José entrou no quarto, Jacó juntou forças suficientes para assentar-se no leito e conversar com o filho sobre questões importantes demais para ser adiadas. Não falou sobre as dificuldades da vida, mas sim sobre o Deus Todo-Poderoso (vv. 3, 11, 15, 20, 21)

e sobre aquilo que ele havia feito por seu servo.

Quando Abraão viu que sua morte se aproximava, seu desejo foi encontrar uma esposa para Isaque e passar-lhe as bênçãos da aliança (cap. 24). Infelizmente, quando Isaque pensou que ia morrer, quis comer sua refeição predileta e, em seguida, pensou em abençoar seu filho predileto, que não era aquele que Deus havia escolhido para receber as bênçãos da aliança (cap. 27). A preocupação de Jacó era abençoar José, a quem ele havia declarado seu primogênito e, então, adotar os filhos de José como se fossem seus e fazer deles "filhos de Israel". É bom chegar ao fim da vida sabendo que completou o trabalho que Deus lhe deu da forma como ele queria.

Jacó fez uma retrospectiva das experiências de sua peregrinação com Deus, começando com as promessas que o Senhor lhe dera em Betel (vv. 3-4; ver 12:1-3) e incluindo a morte de sua amada Raquel, a mãe de José (Gn 48:7). Jacó assegurou a José de que Deus multiplicaria o número de seus descendentes e, um dia, os tiraria do Egito até sua herança na terra de Canaã. Os dois filhos de José - Manassés e Efraim - teriam parte na herança daquela terra, pois seu avô os estava adotando.

Como vimos, José ficou no lugar de Rúben, o primogênito de Jacó (Gn 49:3-4; 1 Cr 5:2); assim, os filhos de José substituíram Simeão e Levi (Gn 49:5-7), o segundo e o terceiro filhos de Jacó. Os levitas não receberam herança alguma na terra prometida, vivendo em quarenta e oito cidades espalhadas por Israel (Nm 18:20; Dt 18:2; Js 13:33; 14:4; 21:1ss), e Simeão acabou sendo assimilado pela tribo de Judá (Jz 19:1-9). Desse modo, Deus castigou Levi e Simeão por sua fúria e violência em Siquém (Gn 34).

Jacó não apenas adotou seus dois netos, como também lhes deu uma bênção especial. É provável que Jacó estivesse assentado na lateral da cama e que os meninos

estivessem em pé diante dele, enquanto José encontrava-se prostrado, com o rosto próximo ao chão.⁷ Quer os meninos tivessem consciência disso quer não, tratava-se de uma ocasião solene.⁸

Pela quinta vez no Livro de Gênesis, deparamo-nos com uma inversão na ordem de nascimento. Deus havia escolhido Abel e não Caim; Isaque e não Ismael; Jacó e não Esaú; e José e não Rúben.⁹ Escolheria, então, Efraim e não Manassés. José ficou perturbado com o que seu pai fez e tentou mudar a forma como o ancião estava impondo as mãos sobre os meninos. Contudo, guiado por Deus, Jacó sabia o que estava fazendo. (Vemos aqui a única ocasião em que é registrada uma expressão de desagrado de José para com o pai ou qualquer outra pessoa.)¹⁰

Ao abençoar os filhos de José, Jacó também abençoou o próprio José, pois as tribos de Efraim e de Manassés se tornariam líderes fortes em Israel. Jacó deu toda a glória a Deus, o Deus que chamou seus pais e os abençoou, que o conduziu por toda a vida e cuidou dele e que o salvou do mal, mesmo quando teve de passar por grandes dificuldades.

Jacó divide suas riquezas (vv. 21, 22).

Naquele dia, José recebeu um presente inesperado, um pedaço de terra que Jacó havia tomado numa batalha contra os amorreus. Essa é a única evidência de que Jacó foi um guerreiro bem-sucedido. É possível que essa vitória tivesse ocorrido durante o episódio tão sofrido em Siquém (Gn 34:25-29).¹¹ Posteriormente, Jesus se encontraria com a mulher samaritana nesse mesmo lugar e a conduziria à fé salvadora (Jo 4:15). Uma vez que era oficialmente o primogênito, José tinha direito a uma porção dupla da bênção (Dt 21:15-17) e Ezequiel 47:13 indica que, no reino futuro, José terá duas porções de terra.

Jacó havia abençoado os filhos de José e era chegado o momento de encontrar-se com seus filhos e de abençoá-los também.

1. A expressão conhecida "de Dã a Berseba" significava "do extremo norte de Israel até ao extremo sul" (Jz 20:1; 1 Sm 3:20; 2 Sm 3:10; etc.).

2. Deus havia se revelado a Jacó e lhe falado quando ele havia saído de casa para ir a Harã (Gn 28:10ss) e quando deixara Harã partindo de volta a Betel (Gn 35:9ss).
3. Cabia ao parente mais próximo fechar os olhos de seu ente querido no momento da morte. Assim, essa declaração é a primeira indicação de que José seria escolhido como primogênito no lugar de Rúben (1 Cr 5:1, 2).
4. Os 33 da família de Lia + os 16 de Zilpa + os 14 da família de Raquel + os 7 da família de Bila = 70 e Diná, dão um total de 71. No entanto, Er e Onã haviam morrido (v. 12), e José e seus dois filhos já estava no Egito, de modo que aqueles que foram com Jacó foram $71 - 5 = 66$, conforme registrado no versículo 26. Se acrescentarmos Jacó, José e os dois filhos de José, temos um total de 70 (ver Êx 1:1-5). Ao dirigir-se ao Sinédrio, Estêvão disse haver um grupo de 75 pessoas (At 7:14), número este encontrado na tradução grega do Antigo Testamento conhecida como Septuaginta, bastante difundida entre os judeus helenistas da época. O texto da Septuaginta também incluía os três filhos de Efraim e os dois filhos de Manassés (Nm 26:28-37; 1 Cr 7:14, 15, 20-25).
5. Jacó mencionava sua perda com frequência e falava de sua morte e sepultamento (Gn 42:36, 38; 37:35; 44:22, 29, 31; 45:28; 46:30; 47:29; 48:21; 49:29-32). Talvez tivesse herdado essa disposição do pai, que anunciou sua morte “imminente” muitos anos antes de ocorrer de fato (Gn 27:1-4). No entanto, Isaque viveu cento e oitenta anos, mais tempo do que Abraão ou Jacó.
6. No tempo do Êxodo, havia seiscentos mil homens adultos hebreus (Êx 12:37). Assim, com o acréscimo de mulheres e crianças, é possível que o total da população ficasse em torno de dois milhões ou mais.
7. A menção dos joelhos em Gênesis 48:12 é ligada à idéia de adoção (30:3). Mais tarde, José adotou (“tomou sobre seus joelhos”) os filhos de seu neto, Maquir, para ficarem no lugar de Efraim e de Manassés (Gn 50:23).
8. José casou-se aos trinta anos de idade (Gn 41:45-52) e estava com trinta e nove anos quando reencontrou Jacó, que tinha cento e trinta anos quando foi para o Egito. Assim, quando Jacó faleceu aos cento e quarenta e sete anos, José estava com cinquenta e seis anos, e seus filhos eram dois rapazes e não mais crianças.
9. Ao fazê-lo, Deus estava colocando Raquel (a mais jovem) no lugar de Lia (a mais velha). Mais uma inversão na ordem de nascimento.
10. Apesar de não haver fundamentos bíblicos para isso, é tentador ver a figura da cruz no gesto de Jacó ao cruzar as mãos. A ordem de nascimento do pecador é invertida quando ele aceita a Jesus Cristo, pois é aquele que nasce depois que é recebido por Deus sem ser o primogênito. Tudo isso é possível por causa do sacrifício de nosso Senhor na cruz.
11. Esse pedaço de terra não deve ser confundido com aquele que Jacó comprou (Gn 33:19) e onde, por fim, José foi enterrado (Js 24:32).

UMA FAMÍLIA DE FUTURO

GÊNESIS 49

O capítulo 49 de Gênesis normalmente é chamado de “Bênçãos Proféticas de Jacó”, mas Jacó usou o termo “bênção” apenas com referência a José (vv. 25, 26) e ao que coube a cada um dos filhos (v. 28). O versículo 28 diz duas vezes que Jacó os “abençoou” e, num sentido profético, sem dúvida isso é verdade, pois Jacó anunciou o que o Senhor tinha reservado para eles no futuro.¹No entanto, a “bênção” de Jacó foi muito mais do que isso.

Dentre outras coisas, as palavras de Jacó foram uma revelação da conduta e do caráter humano bem como dos propósitos divinos. Três dos filhos ficaram sabendo que sua conduta passada lhes custaria sua herança futura (vv. 3-7), pois sempre colhemos aquilo que semeamos. Porém, as palavras proféticas do patriarca também devem ter servido de estímulo para seus descendentes durante os tempos difíceis de sofrimento no Egito, bem como ao longo dos anos infelizes vagando no deserto. Garantiu a cada tribo um lugar futuro na terra prometida, o que foi extremamente importante para eles.

Mas, além disso, vemos no “último testemunho” de Jacó uma bela revelação do Senhor bondoso, que cuidou de seus servos durante tantos anos. Encontramos, ainda, uma revelação do Messias, que havia sido prometido ao povo de Jacó. Nessas palavras de Jacó, vemos Siló (v. 10), Salvação (*Yeshua*, v. 18), o Poderoso, o Pastor e a Pedra (v. 24), e o Todo-Poderoso (v. 25), sendo que todos esses nomes apontam para nosso Salvador Jesus Cristo.

Ao dirigir-se a eles, Jacó seguiu a ordem de nascimento dos filhos, começando com

os seis filhos de Lia² e terminando com os dois filhos de Raquel, José e Benjamim.

1. OS FILHOS DE LIA (GN 49:3-15)

Deus deu a Jacó seis filhos com Lia, a esposa que ele não queria (Gn 29:31-35; 30:14-21). Lia foi honrada por ser mãe de Levi, que fundou a tribo sacerdotal, e de Judá, o pai da tribo dos reis.

Rúben (vv. 3, 4). Jacó falou diretamente a Rúben, seu filho mais velho, mas o que lhe disse não foi elogioso. Um pecado muito antigo que ele havia cometido finalmente havia encontrado Rúben (Gn 35:22; Nm 32:23), e ele perdeu seus privilégios de primogenitura. Jacó deu essa bênção a José e seus dois filhos (1 Cr 5:1, 2). Como filho primogênito de Jacó, Rúben deveria ter sido um homem forte e de grande dignidade, que traria honra para o pai e a família. Em vez disso, tornou-se um homem fraco, que desgraçou sua família ao profanar o leito de seu pai.

A definição “Impetuoso como a água” (Gn 49:4) refere-se tanto à turbulência quanto à fraqueza. A atitude arrogante de Rúben e seu modo de vida temerário não condiziam com a de um filho primogênito. A água, em si, sem dúvida é extremamente frágil, porém as águas turbulentas podem causar grande destruição. É difícil encontrar nas Escrituras algum membro da tribo de Rúben que tenha se destacado como um líder. A população da tribo entrou em declínio entre o êxodo e a entrada na terra prometida (Nm 1:20, 21; 2:11; 26:7),³ passando de sétimo para nono lugar em número de membros. Datã e Abirão eram da tribo de Rúben e lideraram a revolta de Corá (Nm 16:1), que levou à morte de milhares de pessoas.

A tribo de Rúben assentou-se na margem leste do rio Jordão juntamente com a tribo de Gade e a meia tribo de Manassés, pois a terra lá era boa para seus rebanhos e gado. O exército de Rúben não atendeu ao chamado de Débora e de Baraque para lutar contra os cananeus (Jz 5:15, 16). Ao que parece, não tinham a coragem e a ousadia necessárias para entrar na batalha, mas, anos depois, mandaram soldados para ajudar Davi em Hebrom (1 Cr 12:37).

Simeão e Levi (vv. 5-7). A lascívia foi o pecado que custou muito caro a Rúben, mas para Simeão e Levi foi sua fúria e violência no massacre desenfreado dos siquemitas (Gn 34:25-31). Estavam certos em vingar-se pelo estupro da irmã Diná, mas era absolutamente desnecessário terem exterminado pessoas inocentes só para satisfazer seu próprio desejo de vingança.⁴

Uma vez que era perigoso entrar “no seu conselho”, Deus providenciou para que as duas tribos não pudessem se reunir nem fazer qualquer coisa juntas. A tribo de Simeão acabou sendo assimilada pela tribo de Judá (Js 19:1, 9), e a de Levi recebeu quarenta e oito cidades, onde poderia viver dispersa pela terra (capítulo 21). De fato, os irmãos foram “[divididos] em Jacó e [espalhados] em Israel”.

Judá (vv. 8-12). Jacó havia exposto os pecados de Rúben, Simeão e Levi, mas não disse nada sobre o fato de Judá ter sugerido que vendessem José como escravo (Gn 37:26, 27). Jacó percebeu que aquilo que Judá fez pelo menos serviu para salvar a vida de José e levá-lo ao Egito, onde Deus tinha uma missão para ele cumprir. Jacó também não mencionou o pecado de Judá com Tamar (Gn 38).

Aos poucos, a estima de Jacó por Judá crescera, uma vez que Judá havia se oferecido como fiador de Benjamim e, sem dúvida, José havia contado a Jacó sobre a petição comovente de Judá em favor do irmão mais moço. Quando Jacó e a família mudaram para o Egito, Jacó enviou Judá adiante para fazer os preparativos (Gn 46:28). Judá havia cometido alguns erros, mas também havia colocado algumas coisas em ordem com seu pai e sua família, e era isso o que o diferenciava dos seus três irmãos mais velhos.

O nome Judá e a palavra hebraica para “louvor” são muito parecidos (Gn 29:35), e Judá fez jus a seu nome.⁵ Ele fundou a tribo que deu a Israel seus reis – sendo que alguns deles foram líderes tementes a Deus – e que, por fim, trouxe ao mundo Jesus Cristo (Hb 7:14). Judá era uma tribo de conquistas e de liderança e permaneceu fiel à linhagem de Davi quando a nação se dividiu.

Uma vez que Deus escolheu Judá para ser a tribo dos reis, era lógico associar essa tribo com um leão, o rei das feras⁶ (ver também Nm 24:9; Ez 19:1-7; Mq 5:8; Ap 5:5). Jacó comparou Judá com um leãozinho, um leão e uma leoa (Gn 49:9). Quem se atreveria a despertar um leão descansando depois de ter se alimentado de sua caça ou mexer com uma leoa enquanto guarda seus filhotes?

O nome “Siló”, que aparece no versículo 10, deu origem a várias interpretações e especulações, porém a mais razoável delas é que se trata de uma referência ao Messias (Nm 24:17). A oração poderia ser traduzida como “até que venha aquele que tem em sua destra [o cetro, ou seja, o domínio]”, pois a palavra Siló quer dizer “a quem pertence”. Os estudiosos rabínicos da Antiguidade entendiam que Siló era o Messias prometido, sendo que somente a ele pertencia o direito de tomar posse do governo sobre Israel, o povo de Deus.

A descrição nos versículos 11, 12, certamente, se estende para além do tempo de Judá e fala das bênçãos da era do reino, quando o Messias reinará sobre Israel. Ninguém, no tempo do Antigo Testamento, usaria uma excelente videira como poste para amarrar um jumento, pois isso certamente destruiria a videira e, provavelmente, acarretaria o extravio do animal. Assim como nenhuma esposa desperdiçaria seu precioso vinho usando-o para lavar roupas! Trata-se, aqui, do uso da linguagem de hipérbole. Ela descreve a terra como sendo um lugar tão rico e de povo tão próspero que as pessoas poderiam fazer essas coisas absurdas sem se preocupar com as consequências. Durante a era do reino, quando o Messias reinar, o povo desfrutará saúde e beleza (v. 12), pois os inimigos destruidores da vida humana terão sido removidos.

Zebulom (v. 13). Apesar de não se encontrar diretamente na costa do Mediterrâneo, a tribo de Zebulom recebeu uma parte da terra que ficava próxima o suficiente do mar para que o transporte de bens fosse lucrativo para seu povo. Zebulom ficava numa rota importante que levava mercadorias da

costa para o mar da Galiléia e para Damasco. Moisés referiu-se a eles dizendo “porque chuparão a abundância dos mares” (Dt 33:19; ver Js 19:10-16). Na sua maioria, o povo judeu não era ligado ao mar, porém a tribo de Zebulom negociava com os fenícios que ficavam a leste e forneciam produtos importados para os povos a oeste.

No entanto, também eram um povo valente, cujos guerreiros tinham excelente reputação (1 Cr 12:33). Débora e Baraque louvaram os homens de Zebulom por juntarem-se à sua causa e lutarem contra Sísera (Jz 5:14-18). Elom, um dos juízes, era dessa tribo (Jz 12:11, 12).

Issacar (vv. 14, 15). Sua tribo ficava na extremidade leste do vale fértil de Jezreel (Js 19:17-22), entre o território de Zebulom e o rio Jordão. O juiz Tola era da tribo de Issacar (Jz 10:1, 2). Os homens de Issacar lutaram contra Sísera (Jz 5:15), e Davi tinha soldados dessa tribo que eram conhecedores do tempo e sabiam o que Israel devia fazer (1 Cr 12:32). Muitos dos homens dessa tribo mostraram-se valentes em combate (1 Cr 7:5).

Hoje em dia, pensamos no jumento como um animal de carga desprezível, mas, no tempo do Antigo Testamento, os reis andavam em jumentos (1 Rs 1:38ss). A imagem de Gênesis 49:14, 15 é de um povo forte, sem medo de levar cargas. O povo de Issacar era trabalhador e dedicado ao solo. Ficaram satisfeitos com sua parte da herança e dedicaram-se a aproveitá-la ao máximo. Dessa tribo vieram grandes heróis, mas seu trabalho diário era ajudar os outros. Afinal, nem todos em Israel foram chamados para ser como Judá ou José!

Dos seis filhos de Lia, três perderam as bênçãos de Deus por causa de seus pecados: Rúben, Simeão e Levi. Eles servem para nos lembrar de que a pureza e o autocontrole são essenciais para um caráter piedoso. Zebulom e Issacar foram “pessoas comuns” cujas tribos serviam às outras e não eram especialmente famosas por suas empreitadas. Para que a vida continue correndo tranquilamente, precisamos de lavradores e de comerciantes. Por fim, apenas um filho – Judá

– destacou-se dentre seus irmãos como a tribo real que conquistou inimigos e que deu origem a reis, inclusive o Rei dos reis, Jesus Cristo.

2. OS FILHOS DE BILA (GN 49:16-18, 21)

Bila, a serva de Raquel, foi dada a Jacó para ter filhos com ele, pois até então Raquel não havia concebido (Gn 30:1-8).

Dã (vv. 16-18). O nome Dã significa “julgar” (Gn 30:6), e foi dessa tribo que veio um dos juízes mais conhecidos – Sansão (Jz 13 – 16). A tribo de Dã recebeu uma área fértil à beira do Mediterrâneo, dentro do território filisteu (Js 19:40-48), mas não foram capazes de expulsar os filisteus. A fim de conseguir mais terras, dirigiram-se para o norte e conquistaram o povo de Laís, tomando para si as terras deles (v. 47; Jz 18:1-29).

Ao relacionar Dã com a serpente, Jacó revelou sua natureza sagaz e seu costume de realizar ataques de surpresa contra os inimigos. A forma como a tribo conquistou o povo indefeso de Laís é um exemplo de suas táticas sutis, e o fato de terem erguido uma imagem em seu território mostra como não eram totalmente dedicados ao Senhor (Jz 18:20, 30). Dois séculos mais tarde, o rei Jeroboão colocou em Dã um de seus bezerros de ouro para idolatria (1 Rs 12:28-30).

Dã é deixado de fora das genealogias de 1 Crônicas 2 – 10 e da lista de tribos em Apocalipse 7:1-8. Teria sido por causa de sua idolatria? No entanto, quando Ezequiel descreveu a disposição das tribos durante a era do reino, havia um lugar reservado para Dã (Ez 48:1, 2).

A exclamação: “A tua salvação espero, ó SENHOR!” (Gn 49:18) sugere que Jacó estava em comunhão com Deus enquanto falava com seus filhos. Pedia a Deus por mais forças a fim de concluir o que tinha a dizer? Ou estava anunciando que, em breve, o Senhor o chamaria para a eternidade? A palavra traduzida por salvação é *yeshua*, da qual temos o nome Josué, “Jeová é salvação”. A forma grega é “Jesus”.

Naftali (v. 21). Por algum motivo, Jacó falou a Gade e Aser, filhos de Zilpa, antes de dirigir-se a Naftali, irmão de Dã. Essa tribo

ficava situada ao norte de Zebulom e de Issacar e incluía o mar da Galiléia. Zebulom e Naftali eram parte do distrito chamado de “Galiléia dos gentios” (Is 9:1, 2) pelo profeta Isaías, onde Jesus ministrou (Mt 4:12-16). Observe que Zebulom e Naftali distinguiam-se por sua bravura em combate (Jz 5:18).

A imagem de uma “gazela solta” sugere um povo de espírito livre, que não se prendia às tradições. A tribo ficava na região montanhosa, de modo que essa imagem foi bem escolhida. De acordo com Moisés, esse povo “[gozava] de favores e, [era] cheio da bênção do Senhor” (Dt 33:23). A última oração – “ele profere palavras formosas” – sugere que eram um povo poético que sabia se expressar muito bem. Com aptidões como correr feito gazelas e proferir palavras poéticas, os membros da tribo de Naftali dariam excelentes mensageiros.

Os descendentes dos dois filhos de Bila parecem ser povos bem diferentes um do outro. Dã afastou-se da fé no verdadeiro Deus e confiou em ídolos. Sua tribo tornou-se um povo dissimulado, que explorava os outros para conseguir o que queria. Naftali, por outro lado, não é acusado de nada. Quando os assírios invadiram o reino do Norte, Israel, Naftali foi uma das primeiras tribos a ser subjugada e deportada (2 Rs 15:29).

3. OS FILHOS DE ZILPA (GN 49:19, 20)

Zilpa era serva de Lia, dada a Jacó para ter mais filhos depois que Lia deixou de conceber (Gn 30:9-13). Porém, mais tarde, Lia deu à luz Issacar, Zebulom e Diná (vv. 14-21).

Gade (v. 19). Seu nome pode significar tanto “boa fortuna” (Gn 30:11) quanto “uma tropa”. Pelo fato de a tribo situar-se do lado leste do Jordão, as tropas inimigas podiam facilmente invadir seu território. Jacó assegurou os gaditas de que nenhuma conquista seria definitiva, mas que um dia terminariam por subjugar os inimigos. Esse versículo pode ser traduzido, literalmente, por “Tropa [Gade], uma tropa fará tropel sobre ele, mas ele tropeará em seus calcanhares”. Mesmo sendo um ancião em seu leito de morte, Jacó ainda teve a perspicácia de fazer um jogo de

palavras com o nome de seu filho. Os gaditas foram excelentes guerreiros (Js 22:1-6). Moisés os comparou com um leão que podia despedaçar os braços e a cabeça de seus inimigos (Dt 33:20).

Aser (v. 20). O nome significa “venturoso” ou “feliz” (Gn 30:13). Uma vez que a tribo de Aser não foi capaz de expulsar os habitantes de seu território (Jz 1:31, 32), contentaram-se em ser um povo agrícola, aproveitando a terra fértil que Deus havia lhes dado (Js 19:24-30). Moisés chamou Aser de “bendito”, numa referência à abundância de azeite de oliva em suas terras e à segurança de suas cidades (Dt 33:24, 25). Sem dúvida, a comida de Aser era rica, e a tribo produzia iguarias consideradas “delícias reais”.

4. OS FILHOS DE RAQUEL (GN 49:22-27)

Jacó não hesitava em deixar claro que Raquel era sua esposa predileta e que os dois filhos que ela havia concebido eram seus prediletos. Esse tipo de favoritismo causou um bocado de problemas na família; no entanto, Deus prevaleceu em tudo isso a fim de realizar seus propósitos. Jacó dedicou mais palavras a José do que a qualquer outro de seus filhos, mas não falou muito sobre Benjamim.

José (vv. 22-26). Jacó usou o termo “bênção” cinco vezes e “abençoará” uma vez em seu discurso para José e sobre ele. Comparou José a um ramo frutífero junto a uma fonte (Sl 1:3), cujos galhos se estendem sobre um muro. José foi tirado de casa e passou a viver no Egito, e a palavra “frutífero” refere-se a seu filho Efraim (Gn 41:52), fundador de uma tribo que cresceu grandemente e que expandiu seu território (Js 17:14-18).⁷ Era impossível confinar José e seus filhos!

Jacó usou a imagem de “flecheiros” para descrever o sofrimento pelo qual José havia passado nas mãos de seus irmãos e de seu senhor no Egito. Nas Escrituras, lançar flechas, por vezes, simboliza contar mentiras e proferir palavras cheias de ódio (Sl 57:4; 64:3, 4; Pv 25:28; 26:18, 19; Jr 9:8). Os irmãos de José não conseguiam falar com ele de modo civilizado (Gn 37:4) e mentiram sobre ele para o pai. Além disso, a esposa de Potifar

acusou José falsamente e contribuiu para que ele fosse preso. Sem dúvida, os “flecheiros” atiraram contra aquele jovem inocente sem qualquer misericórdia.

Contudo, José não reagiu! Deus o fortaleceu para que suas palavras fossem sempre verdadeiras, e foi sua integridade que, por fim, o tirou da prisão e permitiu que fosse elevado a vice-governante do Egito. No entanto, a referência a arcos e flechas vai além da idéia de mentiras. Ela também nos lembra a destreza militar dos homens de Efraim (Jz 8:1ss; 12:1ss; Js 17:17, 18).

Jacó usou mais três nomes específicos para o Senhor: Poderoso de Jacó, Pastor e Pedra. Jeová *houve por bem chamar-se “Deus de Jacó”, e como “Deus Poderoso”, supriu as necessidades de Jacó, ajudando-o em seu trabalho árduo (Gn 31:36-42) e livrando-o do perigo (v. 24).*

Jacó já havia se referido ao Senhor como “o Deus que me sustentou [cuidou de mim] durante a minha vida” (Gn 48:15). Uma vez que o próprio Jacó era um pastor, sabia quais eram as implicações de cuidar de ovelhas. O conceito de Deus como um Pastor pode ser encontrado com freqüência nas Escrituras (Sl 23:1ss, 80:1, 100:3; Is 40:11; Ez 34) e culmina em Jesus Cristo, o Bom Pastor que deu a vida por suas ovelhas (Jo 10).

A Pedra é outra imagem bastante usada para o Deus de Israel (Dt 32:4, 15, 18, 31; 1 Sm 2:2; 2 Sm 22:32) e também aponta para Cristo (Sl 118:22; Mt 21:42; At 4:11; 1 Co 10:4; 1 Pe 2:7). Associamos a imagem de uma pedra a força, estabilidade e segurança, e Deus proveu tudo isso e muito mais a Jacó durante sua peregrinação aqui na Terra.

Jacó prometeu a José que Deus daria a seus descendentes bênçãos sobre o solo que cultivassem ao enviar chuvas dos altos céus e mananciais no deserto (ver Dt 33:13-16). Também prometeu fertilidade para o povo de modo que a tribo crescesse para a glória de Deus (Os 12:8). Efraim e Manassés foram tribos importantes de Israel, sendo que o reino do Norte era, muitas vezes, chamado de “Efraim” (Is 7:1, 2; Os 13:1).

Deus havia abençoado Abraão ricamente (Gn 13:6), e Abraão havia compartilhado

sua riqueza com Isaque (Gn 25:5), que, por sua vez, a passou para Jacó. No entanto, o trabalho árduo de Jacó havia gerado ainda mais riqueza.

Assim, de geração em geração, essa riqueza cresceu pelas bênçãos do Senhor, enchendo a terra até as montanhas. Mas o número de herdeiros também cresceu, havendo, então, doze filhos. Mas José era o primogênito, e seus dois filhos repartiriam a herança do pai.

Benjamim (v. 27). Seria de se esperar que Jacó dissesse mais coisas ao jovem Benjamim e a respeito daquele que era o “filho da sua destra”; no entanto, suas palavras foram poucas e enigmáticas. *Por que comparar Benjamim a um “lobo que despedaça”?*⁸ Os homens de Benjamim eram valentes e ajudaram a derrotar Sísera (Jz 5:14), mas ao ler a história da tribo de Benjamim, em Juízes 19 e 20, vemos em ação o lobo que despedaça. Saul, o primeiro rei de Israel, era da tribo de Benjamim. Ao longo de seu reinado, Saul tentou matar Davi mais de uma vez (1 Sm 19:10) e massacrrou sem piedade todos os sacerdotes da cidade de Nobe (1 Sm 22:6ss). Outros benjamitas conhecidos por seu furor foram Abner (2 Sm 2:23), Seba (2 Sm 20) e Simei (2 Sm 16:5-14). Saulo de Tarso, um benjamita (Rm 11:1; Fp 3:5), era como um animal selvagem ao perseguir a Igreja e sair ao enalço dos cristãos para prendê-los.⁹

É impressionante que as palavras de Moisés sobre Benjamim não façam qualquer referência ao comportamento feroz de um animal (Dt 33:12). Antes, Moisés o chamou de “o amado do SENHOR” e prometeu-lhe constante proteção de Deus. Na verdade, Benjamim “habitará seguro com ele [o Senhor]”, uma expressão que sugere ser carregado nas costas ou perto do coração. Quando a nação se dividiu depois da morte de Salomão, a tribo de Benjamim permaneceu fiel à linhagem de Davi e ficou com Judá. Juntos formaram Judá, o reino do Sul.

5. TODOS OS FILHOS JUNTOS (GN 49:28-33)

As declarações que Jacó fez a cada um de seus filhos seriam lembradas por eles e repetidas

aos membros de sua família nos anos por vir. Com o passar do tempo, veriam novos e mais profundos significados para esses pronunciamentos e guardariam consigo as garantias que Jacó havia lhes dado da parte do Senhor.

Contudo, as últimas declarações do ancião foram sobre si mesmo e não sobre seus filhos, pois ele desejava ter a garantia deles de que o enterrariam na caverna de Macpela, onde jaziam os corpos de cinco membros de sua família. Abraão havia comprado a caverna como um lugar para sepultar Sara (Gn 23), mas ao longo dos anos, Isaque, Rebeca e Lia também haviam sido sepultados lá, e logo Jacó se juntaria a eles. Já havia discutido

a questão com José (Gn 47:27-31), de modo que estava certo de que seguiriam suas instruções, mas queria que todos os seus filhos soubessem que tinham a responsabilidade de obedecer a suas últimas ordens e de demonstrar respeito pelo pai.

A vida longa e penosa de Jacó havia chegado ao fim. Ele havia feito sua última jornada, dado sua última bênção e comunicado seu último pedido. Com seu trabalho concluído, Jacó deu o último suspiro e morreu. Levando consigo apenas seu cajado, havia atravessado o Jordão muitos anos antes, e ainda segurava consigo seu cajado ao fazer a última travessia da vida (Hb 11:21). Jacó foi um peregrino até o fim.

1. A oração “nos dias vindouros” (Gn 49:1) também aparece em algumas versões como “nos últimos dias”. Por vezes, nas Escrituras, a expressão “nos últimos dias” refere-se aos dias antes da volta Jesus Cristo, mas não é esse o caso nessa passagem.
2. Issacar e Zebulom eram o quinto e o sexto filhos de Lia, mas nasceram depois que Bila e Zilpa haviam dado à luz dois filhos cada uma. Jacó incluiu Issacar e Zebulom com os quatro primeiros filhos de Lia (Gn 49:13-15), mas, por algum motivo, inverteu a ordem de nascimento.
3. É bem provável que Moisés estivesse preocupado com o futuro da tribo de Rúben, pois orou: “Viva Rúben e não morra; e não sejam poucos os seus homens” (Dt 33:6).
4. A declaração a respeito de Simeão e de Levi jarretarem touros (Gn 49:6) mostra quão cruéis eram os dois irmãos, pois os animais irracionais certamente não eram responsáveis pelo que havia acontecido a Diná. Deus tem uma preocupação especial com os animais e devemos ter cuidado com a forma como os tratamos (ver Lv 22:26-28; Dt 22:6, 7; Sl 36:6; 104:10-30; Jn 4:11).
5. Judas Iscariotes tinha o mesmo nome, mas desgraçou-o com seu pecado. Quem hoje em dia chamaria um filho de “Judas”?
6. Cinco tribos são relacionadas, de alguma forma, à vida animal: Judá é o leão (Gn 49:9); Issacar, o jumento (v. 14); Dã, a serpente (v. 17); Naftali, a gazela (v. 21); e Benjamim, o lobo (v. 27).
7. Heróis como Débora, Josué e Samuel vieram da tribo de Efraim, e Gideão e Jefté eram da tribo de Manassés.
8. Um dos descendentes mais famosos de Benjamim foi Éúde, o juiz que matou o rei Eglom (Jz 3:12-30). O nome Benjamim significa “filho da minha destra”, mas Éúde, o benjamita, era canhoto! (ver Jz 20:15, 16).
9. De acordo com Lucas, Paulo “assolava a igreja” (At 8:3), sendo que o verbo “assolar” descreve um animal destruindo sua presa. Jesus disse que Saulo estava “[recalcitrando] contra os agulhões” (At 26:14), uma referência a um fazendeiro aguilhoando um animal para controlá-lo. (Para as declarações do próprio Paulo sobre seu comportamento antes de sua conversão, ver At 22:3, 4, 19; 26:9, 10; 1 Co 15:9; Gl 1:13, 22-24; Fp 3:6; 1 Tm 1:12, 13.)

TRÊS ATAÚDES

GÊNESIS 50

Certa vez, perguntei a um amigo qual era a taxa de mortalidade em sua cidade, e ele respondeu calmamente: “Uma morte por pessoa”. Essa é a proporção em todo lugar.

A morte não é um acidente, é um encontro marcado (Hb 9:27). “Não que eu tenha medo de morrer”, escreveu Woody Allen. “Só não quero estar presente quando isso acontecer”. Mas ele estará presente; você e eu também, quando acontecer conosco. Até hoje, ninguém descobriu um jeito de dar uma espiada na agenda de Deus e apagar essa data.

O capítulo 50 de Gênesis registra três sepultamentos. Dois são literais e um é figurado, mas os três são importantes.

1. UM ATAÚDE PARA UM PAI QUERIDO (GN 50:1-14)

A cena era solene. Jacó não tinha mais nada a dizer. Assim, voltou para a cama, deitou-se e adormeceu com os filhos a seu redor e seu Deus esperando por ele. Deixou para trás o núcleo de uma grande nação e o testemunho do que um grande Deus pode fazer com um homem imperfeito que procurou viver pela fé. Ele trocou sua tenda de peregrino por um lar na cidade celestial (Hb 11:13-16).

Tristeza (vv. 1, 10, 11). “Os velhos devem morrer”, escreveu Alfred Loyd Tennyson, “do contrário o mundo ficaria rançoso e só voltaria a gerar o passado”.

Talvez. No entanto, quando os velhos morrem, aqueles que os amam sofrem uma perda profunda. Quanto mais tempo de sua vida você passa com alguém que ama de todo o coração, mais profundas são as raízes

dela em seu ser e mais arrasadora é a experiência de ter essas raízes arrancadas. Sem dúvida, a tristeza da perda é uma parte natural da vida, mas os cristãos não se entristecem “como os que não têm esperança” (1 Ts 4:13). Ainda assim, a morte é uma inimiga, e quando ela se infiltra em nosso meio e toma de nós alguém que nos é querido, sentimos a dor por longo tempo.

Essa é a sexta vez que vemos José chorando, e ele não o fez de modo tranqüilo, mas “lançou-se” sobre o pai, como havia feito com Benjamim e seus irmãos em seu reencontro (Gn 45:14, 15). Os povos semitas não têm vergonha de expressar suas emoções abertamente, e José não deixou que seu cargo importante abafasse seus verdadeiros sentimentos de tristeza. Mais tarde, quando o cortejo fúnebre aproximou-se de Canaã, José dirigiu o povo em uma semana de lamentação pública por Jacó (Gn 50:10).

Quando alguém que amamos morre, Deus espera que choremos. Por isso ele nos deu a capacidade de derramar lágrimas. Essas lágrimas naturais são parte do processo de cura (Sl 30:5), enquanto a tristeza desmedida aumenta as feridas e prolonga a dor. Em meu ministério pastoral, aprendi que as pessoas que reprimem sua tristeza correm o risco de desenvolver problemas emocionais ou físicos difíceis de ser tratados. O poeta e pastor anglicano, John Keble, chamou as lágrimas de “o melhor presente de Deus para o homem sofredor”.

Preparativos (vv. 2-6). Jacó havia preparado a família e a si mesmo para sua morte, o que é um bom exemplo a ser seguido. Havia conversado em particular com José e passado instruções sobre seu sepultamento (Gn 47:27-31) e, depois, havia repetido essas instruções publicamente para todos os filhos (Gn 49:29-32). Não tinha como haver desavenças sobre essa questão, pois tudo já havia sido decidido de antemão.

É estranho como muitas pessoas insistem em fazer preparativos detalhados para as férias ou para viagens de negócios, mas deixam de preparar com cuidado a última e mais importante jornada de todas. Jacó disse aos filhos onde queria ser sepultado e

encarregou José de realizar seus desejos. Instruções prévias e uma pessoa confiável encarregada de executá-las fizeram com que tudo corresse tranqüilamente.

José providenciou para que o corpo de seu pai fosse devidamente preparado para o sepultamento, uma arte que os egípcios dominavam com perfeição.¹ Para realizar essa tarefa, escolheu médicos e não embalsamadores oficiais, provavelmente para evitar os rituais religiosos pagãos que acompanhavam o processo de embalsamamento egípcio. Jacó não precisava da ajuda de divindades egípcias. Séculos depois, Moisés rogaria pragas sobre aquela terra e mostraria quão frágeis eram os deuses e deusas do Egito.

O Faraó ordenou que os egípcios observassem um período oficial de luto por Jacó. Afinal, Jacó era pai do vice-governante da terra. Esse tipo de reconhecimento normalmente era reservado a pessoas importantes, como o próprio Faraó ou membros de sua família. É provável que o período de quarenta dias para o embalsamamento e o tempo de setenta dias de luto oficial tenham sido concomitantes.

Por que José usou oficiais da corte para levar sua mensagem ao Faraó em lugar de falar com ele pessoalmente? Talvez José fosse considerado impuro por causa da morte do pai ou é possível que houvesse uma tradição egípcia que impedia aqueles que estavam de luto de falar com o rei (Et 4:2). Como "pai" do Faraó, José precisava receber permissão para sair do país e, também, precisava garantir ao Faraó que ele e sua família voltariam. Ao citar as palavras de seu pai (Gn 50:5), José teve o cuidado de não mencionar que Jacó havia pedido especificamente para não ser sepultado no Egito (Gn 47:29, 30).

Homenagens (vv. 7-13). Exceto pelas crianças menores, a família toda viajou do Egito para Canaã a fim de prestar as últimas homenagens ao fundador da família. A viagem podia ser inconveniente para alguns e difícil para outros, mas era a coisa certa a fazer. Em nossa sociedade moderna, é cada vez mais incomum as pessoas gastarem tempo para expressar seus sentimentos ou demonstrar seu respeito quando alguém

conhecido falece. Nos Estados Unidos, existem até "velórios *drive-through*", em que as pessoas podem ver o corpo e assinar um livro de presença sem sair do carro.

O tempo de luto em Canaã causou uma forte impressão nos habitantes da região. José escolheu uma eira para que fosse observado um período de uma semana de lamentação, pois as eiras ficavam fora da cidade, em lugares elevados, e ofereciam um espaço amplo, permitindo que várias pessoas se reunissem no local.

O versículo 13 sugere que nem todo o grupo que entrou em Canaã foi até a caverna de Macpela, mas que os doze filhos de Jacó carregaram seu corpo até o local de sepultamento. Uma vez que todos nós estamos juntos nessa jornada rumo ao fim, a morte e a tristeza devem servir para unir as pessoas. Isaque e Ismael uniram-se para sepultar Abraão (Gn 25:9), e o mesmo aconteceu com Esaú e Jacó quando sepultaram Isaque (Gn 35:29).

Aquela foi a primeira viagem de José de volta à sua terra natal em trinta e nove anos e, infelizmente, teve por finalidade o sepultamento do pai. No entanto, ele não se demorou em Canaã, pois Deus havia encarregado José de uma tarefa no Egito, e ele pertencia àquele lugar com sua família.

2. UM ATAÚDE PARA UM PASSADO DOLOROSO (GN 50:15-21)

Quando a morte invade o círculo familiar e já foi feito todo o necessário para honrar o falecido e consolar os que sofreram a perda, chega o momento de voltar para a vida e para suas obrigações. Isso não significa que nos esqueçamos da pessoa que morreu, mas sim que colocamos a tristeza em seu devido lugar e que seguimos com nossa vida. Afinal, a melhor maneira de honrar quem morreu é cuidar dos que estão vivos. O luto prolongado pode trazer mais compaixão, porém não desenvolve mais maturidade nem nos torna mais úteis para os outros. José e sua família voltaram para o Egito e para seus afazeres, José servindo na corte do Faraó e seus irmãos cuidando dos rebanhos do Faraó.

Inquietação (v. 15). Quando aconteceu? Foi depois que a família voltou do sepultamento de Jacó em Canaã ou foi durante o período de luto oficial no Egito? O que o texto mostra sugere que tudo aconteceu depois de terem voltado de Canaã, mas pode muito bem ter sido durante o longo período de luto antes daquela viagem. Um dia, os onze irmãos se deram conta de que a morte do pai os havia deixado sem ninguém como mediador entre eles e José, o segundo homem mais poderoso do Egito, e, ao pensar nisso, se atemorizaram.

Ao ler o relato séculos depois, nossa tendência é dizer: "Gente, afinal de contas, qual é o problema? José não perdoou vocês, beijou vocês, chorou por vocês e deu toda prova possível do amor dele por vocês? Ele não explicou que Deus havia prevalecido para o bem sobre todo o mal que haviam feito ao seu irmão? José não tomou todas as providências para que vocês fossem para o Egito a fim de poder cuidar de vocês? Então por que tanta inquietação?"

A resposta é simples: *eles não acreditavam em seu irmão*. A maneira bondosa como ele havia lhes falado e o amor com que os havia tratado não tinham causado qualquer impacto no coração deles. No entanto, os irmãos de José não são diferentes de algumas pessoas que se dizem cristãs hoje em dia e que estão sempre preocupadas com o julgamento de Deus, querendo saber se ele as perdoou de fato e se as recebeu em sua família.

Certo dia, uma mulher da nossa igreja me disse:

— Sinto que Deus me abandonou. Tenho certeza de que estou caminhando para o julgamento e de que não sou salva.

— Que garantias você gostaria de receber de Deus? — perguntei. — Gostaria que ele realizasse um milagre?

— Ah, não. Isso não funcionaria, pois Satanás também pode fazer milagres.

— Gostaria de ouvi-lo falar com você lá do céu?

— É... Uma mensagem pessoal de Deus ajudaria.

— Ótimo, então vamos abrir a Palavra de Deus e ver o que ele tem a dizer sobre os

seus pecados e o perdão dele. Afinal, quando abrimos a Bíblia, Deus abre sua boca e fala conosco.

Lemos as Escrituras juntos e, quando ela se apropriou das promessas de Deus, o Senhor lhe deu paz.

Depois de tudo o que José havia feito para encorajá-los, era cruel seus irmãos dizerem: "Talvez José nos odeie e retribua todo o mal que lhe fizemos". (Com frequência, suspeitamos de que os outros podem fazer aquilo que nós faríamos se tivéssemos a oportunidade!) Quando você duvida da Palavra de Deus, logo começa a questionar o amor dele e, em seguida, perde toda a esperança para o futuro, pois a fé, a esperança e o amor andam juntos. No entanto, tudo começa com a fé: "A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10:17).

O que os irmãos deveriam ter feito era sentar e relembra calmamente tudo o que José havia dito e feito por eles. José deu muitas demonstrações palpáveis de seu amor e perdão e deu-lhes todo motivo para crer que seus pecados do passado haviam sido enterrados e esquecidos. Não tinham absolutamente nada a temer.

Como sabemos que Deus nos ama e que perdoa todos aqueles que aceitam a Cristo pela fé? *Porque está escrito na Palavra de Deus, e ela não muda*. "Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus" (1 Jo 5:13). Aquilo que sentimos e aquilo que Deus diz são duas coisas bem diferentes; jamais devemos julgar a Palavra eterna de Deus tomando por base nossas emoções passageiras. "Quem nos separará do amor de Cristo?", perguntou Paulo e, então, prosseguiu respondendo à pergunta: *Nada* (Rm 8:35, 38, 39).

Apelo (vv. 16, 17). Com receio de abor- dar José pessoalmente, os irmãos lhe enviaram uma mensagem esperando convencê-lo. Será que Jacó disse mesmo as palavras que citaram? Provavelmente não. Se Jacó tivesse desejado interceder pelos filhos culpados, poderia facilmente tê-lo feito quando estava sozinho com José. Além disso, teve dezesse- te anos para fazê-lo! É bem possível que os

irmãos inventaram essa história na esperança de que o amor de José pelo pai o fizesse amar mais seus irmãos.

De que modo José reagiu a essa mensagem? “José chorou enquanto lhe falavam” (v. 17). Ele ficou profundamente magoado pelo fato de seus irmãos não acreditarem em suas palavras e de não aceitarem seus gestos de bondade como demonstrações sinceras de seu amor e perdão. O que mais poderia ter feito para convencê-los? Talvez Charles Wesley tivesse em mente os irmãos de José quando escreveu o hino *Profundidade da misericórdia*:

Profundidade da misericórdia! Pode haver
Misericórdia para mim reservada?
Pode meu Deus sua ira conter
E minha vida de pecador ser poupada?

Inclino-me em arrependimento
Minha vil revolta a deplorar;
Meus pecados eu lamento
Com lágrimas e fé para não mais pecar

Eis que vejo meu Salvador
Suas mãos feridas me estendendo
Sei e sinto que Deus é amor!
Jesus que chora, ainda me amando.

Garantia (vv. 18-21). José deve ter convocado seus irmãos para se reunir em sua casa, pois é pouco provável que tivessem ido lá espontaneamente. Quando chegaram, prostaram-se diante dele cheios de temor e, pela última vez, cumpriram o sonho profético de José. Assim como o filho pródigo, não eram capazes de aceitar o perdão gratuito. Seria esperar demais! Os irmãos ofereceram-se para tornar-se servos e trabalhar até que José pudesse perdô-los e aceitá-los (Lc 15:19). Se é assim que você vê o perdão, então leia Efésios 2:8, 9 e aproprie-se dessas palavras.

As únicas pessoas que Deus pode perdoar são aquelas que sabem que são pecadoras, que admitem e confessam que não há nada que possam fazer para merecer ou obter o perdão de Deus. Quer seja a mulher perto do poço (Jo 4), o coletor de impostos no alto da árvore (Lc 19:1-10) ou o ladrão na

cruz (Lc 23:39-43), todos os pecadores precisam admitir sua culpa, abandonar suas tentativas arrogantes de conquistar a salvação e entregar-se à misericórdia do Senhor.

De que modo Deus garante a seus filhos que, de fato, os perdoou e se esqueceu de seus pecados? Da mesma forma como José assegurou aos irmãos assustados: *Ele nos fala através da sua Palavra*. Por duas vezes, José disse: “Não temais”. Ele os consolou e lhes falou ao coração. É isso o que Deus faz pelos seus, se lerem a Palavra, receberem-na no coração e confiarem nela plenamente. “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei” (Is 12:2).

Alguns cristãos acreditam que a marca da humildade e da santidade mais elevada é ter medo e insegurança quanto à salvação. Na verdade, a atitude de indecisão temerosa e de ansiedade é apenas uma prova de incredulidade e da recusa em acreditar no que Deus diz em sua Palavra. Com certeza, isso não é motivo de orgulho! Podemos confiar em Deus? Ele falha com sua Palavra? Suas promessas são verdadeiras? Então, por que as pessoas vacilam com incredulidade?

José não minimizou os pecados dos irmãos, pois disse: “Vós, na verdade, intendestes o mal contra mim” (Gn 50:20). Sabia que tinha havido perversidade no coração deles, mas também sabia que Deus havia prevalecido sobre esses atos perversos a fim de realizar seus bons propósitos. Isso nos faz lembrar do que aconteceu na cruz. Pedro disse: “sendo [Jesus] entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; o qual, porém, Deus ressuscitou” (At 2:23, 24). Por meio do maior pecado cometido pela humanidade, Deus trouxe a maior bênção já concedida à humanidade.

José não apenas perdoou os irmãos como também assegurou-os de seu cuidado constante: “Eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos” (Gn 50:21). Deus lhes um lar onde morar, trabalho a fazer, alimento para comer e supriu suas necessidades. Mais uma vez, vemos aqui um retrato de nosso Salvador, que promete jamais nos deixar ou abandonar (Mt 28:20; Jo 6:37;

10:27-29; Hb 13:5, 6) e *suprir todas as nossas necessidades* (Rm 8:32; Fp 4:19).

Durante dezessete anos, os irmãos de José viveram à sombra do medo e da apreensão, tudo porque não confiaram verdadeiramente nele. Enquanto o pai deles estava vivo, fiaram-se nos laços humanos para protegê-los, mas quando Jacó morreu, sua única defesa se foi. Se tivessem acreditado em José, poderiam ter desfrutado daqueles dezessete anos com ele e com o pai e a sombra do medo não os teria privado de sua alegria.

Como filhos de Deus pela fé em Cristo, regozijemo-nos porque nossos pecados foram perdoados e esquecidos, atirados nas profundezas do mar (Mq 7:19), lançados para trás das costas de Deus (Is 38:17), apagados e não mais lembrados (Is 43:25; 44:22; Hb 8:12; 10:17). Vamos crer naquilo que Deus diz! A vida antiga foi sepultada, e podemos andar em novidade de vida (Cl 2:13; 3:1-11).

3. UM ATAÚDE PARA UM IRMÃO ESPECIAL (GN 50:22-26; HB 11:22)

Seja José visto como um filho, um irmão ou um administrador, certamente foi um homem extraordinário. Por causa de José, muitas vidas foram salvas durante a fome, inclusive as de seus próprios familiares e, assim, o futuro do povo de Deus foi garantido. Se a família de Jacó tivesse sido extinta, o mundo teria sido privado da Palavra de Deus e do Filho de Deus. Assim, devemos muito a José.

Família (vv. 22, 23). José tinha dezessete anos de idade quando foi levado para o Egito (Gn 37:2) e viveu lá noventa e três anos, sendo que cinquenta e um deles foram perto de sua amada família. Durante aqueles anos, providenciou para que o povo judeu fosse cuidado e protegido, pois Deus tinha um trabalho especial a ser realizado por eles. José tornou-se avô e, depois, bisavô! Adotou os netos de Manassés, assim como Jacó havia adotado os filhos de José. Não encontramos uma explicação sobre como isso afetou o futuro deles.

Fé (vv. 24, 25). “Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de

Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos” (Hb 11:22). As promessas de Deus a Abraão (Gn 15:13-16) foram passadas para Isaque e Jacó e, então, Jacó transmitiu-as a José (Gn 48:21). A fé não é uma emoção superficial que desenvolvemos por nossa própria conta nem uma atitude otimista que diz “espero que aconteça...”. A verdadeira fé é fundamentada na Palavra infalível de Deus, e porque Deus assim o disse, cremos e agimos em função disso.

A verdadeira fé sempre conduz à obediência (Tg 2:14-26). José sabia em que ele cria e onde era seu lugar. Assim, não queria que seu caixão ficasse no Egito quando Deus libertasse seu povo. Fez seus irmãos jurarem que instruiriam seus descendentes, que, por sua vez, transmitiriam essa instrução às gerações posteriores; e eles cumpriram essa promessa. Moisés levou os restos mortais de José consigo quando os hebreus saíram do Egito (Êx 13:19), e Josué os enterrou em Siquém (Js 24:32; ver também Gn 33:19). Uma vez que Siquém tornou-se a “capital” de Efraim e Manassés, as tribos fundadas pelos dois filhos de José, ele foi sepultado no lugar ideal.

Quando paramos para refletir sobre a questão, é impressionante que José tivesse absolutamente qualquer fé. Vivera separado de sua família durante muitos anos, cercado por uma poderosa falsa religião no Egito. Pelo que sabemos, não havia ninguém no Egito que pudesse estimular sua fé. Se José tivesse recorrido às desculpas que as pessoas usam hoje em dia para rejeitar as promessas de Deus, teria se entregado ao paganismo.

Seus irmãos “crentes” o haviam tratado com crueldade, o Senhor o havia feito passar por várias provações, e as pessoas às quais ele havia ajudado se esqueceram dele em seu momento de necessidade. José poderia ter argumentado que “se viver pela fé é isso, então não quero nem saber”. No entanto, sua fé, mesmo quando foi provada, não vacilou. Tudo o que tinha para lhe dar ânimo a fim de prosseguir eram seus sonhos, mas ele se apegou à promessa de que, um dia, seus irmãos iriam curvar-se diante dele, e o Senhor não o decepcionou.

Futuro (v. 26). José faleceu aos cento e dez anos, cinquenta e um anos depois da morte do pai. É provável que tenha vivido mais tempo que seus irmãos mais velhos, mas seus próprios netos sabiam o que ele desejava que fosse feito com seus restos mortais. *O ataúde de José no Egito era uma lembrança constante para que o povo hebreu tivesse fé em Deus.* Quando sua situação no Egito mudou e os hebreus viram-se escravos em vez de residentes estrangeiros (Êx 1:8ss), puderam encontrar ânimo ao olhar para o local onde José havia sido sepultado temporariamente. Durante o tempo em que vagaram pelo deserto, ao carregarem consigo, de um lugar para outro, os restos mortais de José; a memória dele ministrou-lhes e instou-os a confiar em Deus sem nunca desistir.

Pode parecer desalentador terminar um livro com as palavras: “E o puseram num caixão no Egito”, mas do ponto de vista da fé, não poderia ser mais encorajador. Afinal,

apesar de José estar morto, seu testemunho prosseguia. Como disse John Wesley: “Deus sepulta seu obreiro, mas sua obra continua”. E como escreveu o apóstolo João: “Aquele [...] que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17). Nas palavras de G. Campbell Morgan:

Entregue sua vida a Deus, tenha visão, faça o trabalho que lhe vier à mão para fazer – o trabalho que ele determinar – com sinceridade e esmero e, ao morrer, saiba que deu início a delicadas influências, forças dinâmicas que prosseguirão ao longo das gerações vindouras até que ajuntem a colheita dos gloriosos resultados diante do trono do Eterno. A obra do homem de Deus no mundo não termina quando ele é colocado num caixão.²

Sem dúvida, José ainda é uma bênção para nós nos dias de hoje, até mesmo quando estudamos sua vida!

1. Os judeus do Antigo Testamento não embalsamavam os mortos, mas simplesmente envolviam o corpo em panos com especiarias e colocavam-no num sepulcro ou cova sem um caixão. Não admitiam a cremação, uma vez que o corpo é destinado a voltar ao pó e não às cinzas. Além do mais, não queriam ter qualquer relação com as piras funerárias de seus vizinhos pagãos.
2. *26 Sermons by G. Campbell Morgan.* Joplin, MO: College Press, 1969. Coleção 3, pp. 158-9.

SEJA AUTÊNTICO: VISÃO GERAL E RESUMO

Ficamos conhecendo um pouco melhor Isaque, Jacó e José e alguns dos membros de sua família e fizemos algumas descobertas interessantes sobre o que significa ser um cristão autêntico.

1. OS CRISTÃOS AUTÊNTICOS SÃO FEITOS DE BARRO

Começemos com uma confissão do famoso evangelista norte-americano, Dwight L. Moody:

Houve um tempo em que esses personagens bíblicos costumavam me perturbar um bocado. Costumava pensar que, pelo fato de serem santos, tudo o que faziam era certo, e não conseguia entender como Deus permitia que fizessem tais coisas sem ser castigados [...]

No entanto, quando nos deparamos com um personagem como Jacó e descobrimos que Deus teve graça suficiente para salvá-lo, creio que há esperança suficiente para quase qualquer um de nós [...]¹

Qualquer um que leva a Bíblia a sério identifica-se com a preocupação de Moody. Com frequência, pensamos que os personagens importantes das Escrituras são angelicais e não humanos, sempre obedientes e acima de qualquer reprovação, nunca tropeçando nem resistindo à vontade de Deus. Então, descobrimos que essas pessoas famosas na história bíblica são frágeis e falhas, feitas do mesmo barro que nós. *Mas, ainda assim, o Senhor usou-as para cumprir seus propósitos!*

Gideão era um agricultor assustado até que Deus transformou-o num valente general. Raquel e Lia eram esposas que viviam armando intrigas, competindo pelo amor de Jacó e, no entanto, ajudaram a construir a nação de Israel. Moisés era um fugitivo da justiça, procurado por homicídio no Egito, mas transformou dois milhões de escravos numa poderosa nação e escreveu os cinco primeiros livros da Bíblia. De vez em quando, Jeremias fazia as coisas a seu próprio modo e chorava diante de Deus, desejando renunciar a seu chamado profético e, no entanto, perseverou em seu trabalho durante quarenta anos difíceis da história do povo judeu.

Se eu fosse acreditar em alguns sermões que já ouvi e em livros que li, poderia facilmente chegar à conclusão equivocada de que Deus chama e usa pessoas perfeitas, que nunca ficam desanimadas e nunca têm vontade de desistir, mas isso não é verdade. Moisés e Elias ficaram tão desanimados que pediram a Deus que lhes tirasse a vida (Nm 11:14, 15; 1 Rs 19), e tanto Jó (Jó 3) quanto Jeremias (Jr 20:14ss) amaldiçoaram o dia em que nasceram e desejaram jamais ter vindo ao mundo. Lá se vai a perfeição!

Saber que Deus pode usar pessoas frágeis e falhas para realizar seu trabalho na Terra – pessoas que cometem erros, que querem dar o melhor de si, mas dificilmente sentem que alcançaram seu objetivo – é uma grande libertação para nós. O mais importante sobre essas pessoas autênticas e o que as tornou personagens tão marcantes foi o fato de simplesmente aceitarem a si mesmas, serem elas mesmas e ousarem confiar que, ainda assim, seriam usadas por Deus. Apesar de o Senhor não aprovar sua desobediência, cada uma delas era preciosa para Deus, e ele cumpriu todas as promessas que lhes fez.

Frederick Buechner chama esses santos de “tesouros peculiares”, um nome bastante apropriado.²

2. OS CRISTÃOS AUTÊNTICOS DEPENDEM DA GRAÇA DE DEUS.

Em contrapartida, devemos considerar outro fato óbvio: pessoas autênticas pagam por

seus pecados e erros e aprendem com eles, pois dependem da graça de Deus. Para elas, a vida é uma escola. As lições são difíceis, e a graça é sua mestra (Tt 2:11, 12). Por maior que seja o esforço necessário, progridem e aprendem mais sobre si mesmas, sobre aquelas a seu redor e sobre Deus, pois aprendem com a graça de Deus.

Se você fosse Deus, teria se encontrado com Jacó em Betel, mostrado anjos subindo e descendo uma escada e dado promessas maravilhosas? Lembra-se de que Jacó havia enganado o irmão e o pai, e as Escrituras deixam claro que Deus deseja que o ser interior seja verdadeiro (Sl 51:6). Se Deus tivesse lhe perguntado sobre o plano dele de aparecer a Jacó em Betel, teria concordado com ele? Provavelmente não.

Pessoas autênticas experimentam a graça de Deus e dependem dela. Sabem que não são dignas nem da menor das misericórdias de Deus (Jacó disse isso em Gn 32:10), mas também sabem que não teriam bênção alguma se não fosse pela boa vontade do Senhor. Não me entenda mal: não estou sugerindo que “pratiqueemos males para que venham bens” (Rm 3:8). Estou apenas propondo que adotemos uma visão como a de José, que disse: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gn 50:20).

Tenho minhas suspeitas de que não devia ser fácil trabalhar com o apóstolo Paulo no ministério cristão. Sua formação era a de um fariseu, o que sugere amor à exatidão, ênfase à obediência e à força de vontade e alto grau de perfeccionismo. Pelo fato de ser solteiro, nunca foi abrandado pelas exigências do casamento e da paternidade. Errou no seu modo de tratar Barnabé e João Marcos? (At 15:36-41) É provável que sim. Pelo menos, 2 Timóteo 4:11 sugere que ele mudou de idéia.

Mas com todos esses aspectos complexos de seu caráter – e todos nós os temos –, Paulo foi um verdadeiro servo de Deus, pois dependia da graça do Senhor. “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou [...] trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo”

(1 Co 15:10). Viver pela graça de Deus significa depender dele para nos capacitar. Não estamos lutando com nosso próprio poder a fim de fazer alguma coisa para o Senhor. Antes, ele está trabalhando em nós e por nosso intermédio para realizar sua vontade. Essa é a diferença entre o legalismo e a vida.

O inimigo quer que o povo de Deus se concentre em suas imperfeições e fracassos, pois isso os impede de entregar-se totalmente à grandeza e à graça de Deus. Sem dúvida, há um lugar para a introspecção e para confissão, mas a vida cristã não é uma eterna autópsia. É um banquete! Assim, depois de termos nos lavado, desfrutemos desse banquete para a glória de Deus (1 Co 5:7, 8).

3. OS CRISTÃOS AUTÊNTICOS NÃO SÃO TODOS IGUAIS.

Uma das principais diferenças entre uma igreja e uma seita é que as seitas transformam seus seguidores em produtos padronizados, saídos de uma linha de montagem, enquanto as igrejas refletem a variedade de santos como indivíduos no torno do oleiro. A fé cristã desenvolve-se com a unidade na diversidade: um só corpo e muitos membros (1 Co 12:12ss).

Isaque, Jacó e José eram todos crentes, mas os três eram diferentes um do outro. Isaque começou muito bem quando era jovem e obedeceu ao pai, entregando-se espontaneamente no altar para morrer. Demonstrou sensibilidade espiritual na forma como aceitou Rebeca, a mulher que Deus havia escolhido para ser sua esposa, e na maneira como orou pela situação de sua família.

No entanto, a vida de fé de Isaque chegou a um certo patamar e, então, entrou em declínio; no final, ele se mostrou mais preocupado com o cardápio de seu jantar do que em fazer a vontade de Deus. Nem todas as pessoas autênticas terminam bem.

A experiência espiritual de Jacó teve vários altos e baixos, como uma rolha no mar durante uma tempestade. O “homem de ânimo dobre [é] inconstante em todos os

seus caminhos" (Tg 1:8). Ele orava com toda sinceridade sobre seus problemas, implorava pelo auxílio de Deus e, depois, criava seu próprio plano e fazia as coisas de seu jeito. Era especialista em usar subornos apresentados como presentes. Foi só quando Deus lutou com Jacó e o quebrantou que ele se tornou Israel, um príncipe com Deus.

Quanto a José, sua vida de fé parecia constante e estável, e cada nova provação servia para elevá-lo. Sem dúvida, teve suas horas de sofrimento em que se perguntou se o Senhor, um dia, o ouviria, mas, tanto quanto sabemos, sua fé nunca se abalou. José foi um homem perdoador que se lembrou de esquecer do mal que os outros lhe causaram. Viveu pela fé e morreu pela fé, e, por causa de sua fé, o povo judeu foi salvo.

Assim, temos três homens importantes, todos eles servos do Senhor e, no entanto, todos diferentes. Hoje em dia, ainda encontramos em nossa igreja os Isaques que têm um começo maravilhoso em sua mocidade, mas que, aos poucos, entram em declínio e se entregam às coisas do mundo. Temos muitos como Jacó, que parecem estar sempre lutando contra alguma coisa ou tentando sair de uma situação difícil e, no entanto, de algum modo conseguem realizar a obra de Deus e ser uma bênção para todos.

Há alguns que são constantes como José, homens e mulheres que acabam assumindo posições importantes de liderança e que ajudam muito a outros. A igreja provavelmente tem mais Josés do que percebemos, pessoas que fazem seu trabalho fielmente, suportam a falta de compreensão e as críticas de outros e que glorificam a Deus.

Quando Jesus chamou seus doze apóstolos, selecionou um grupo variado de homens. Mateus havia trabalhado para o governo romano, enquanto Simão, o zelote, havia procurado destruir o governo romano. Ao que parece, Pedro era um homem ousado e impetuoso, disposto a tudo, mas Tomé dava ares de ser um pessimista com grande dificuldade em crer, mesmo diante de provas. Cada um deles era autêntico, errava ocasionalmente, por vezes se mostrava contrário aos outros e nem sempre se dava bem com o

restante do grupo. No entanto, todos tinham em comum seu amor por Jesus e o desejo de parecer-se mais com ele.

Deus não se envergonhava de chamar-se "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (Êx 3:6), assim como Jesus não se envergonha de nos chamar de irmãos (Hb 2:11, 12). Ele conhece nossas fraquezas e fracassos e, ainda assim, continua a nosso lado, ajudando-nos a persistir na corrida rumo ao objetivo que escolheu para nós. As pessoas autênticas de Deus são originais e não imitações.

4. OS CRISTÃOS AUTÊNTICOS SABEM QUE A VIDA É UMA PEREGRINAÇÃO.

De acordo com Hebreus 11:13-16, os patriarcas confessaram que eram "estrangeiros e peregrinos na terra". Um vagabundo não tem casa, um fugitivo está fugindo de casa, mas um peregrino está indo para casa. Todos tinham os olhos fixos no futuro, na cidade gloriosa que Deus estava preparando para eles e passaram adiante essa visão celestial a seus descendentes.

Viver como peregrino não é uma questão de geografia, mas sim de atitude: é sentir-se como viajante e não como colono. Sua tendência é sentir-se "temporário", imaginar se pertence mesmo a este lugar e ter sempre aquele olhar sonhador.

Os peregrinos avançam. Se você ficar parado em sua vida de fé, deixa de ser peregrino. Há sempre novas promessas para se apropriar, novos inimigos contra os quais lutar e novos territórios a conquistar. Peregrinos têm muitos privilégios, mas um privilégio que não têm é o de ficar parados e levar a vida sem qualquer sobressalto.

De acordo com Alexander Whyte, conhecido pregador presbiteriano escocês, a vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços. Nunca "chegamos lá" e, se crermos que já chegamos, isso é prova de que ainda temos um longo caminho a percorrer. Martinho Lutero expressou muito bem essa idéia:

A vida, portanto, não é retidão, mas crescimento em retidão; não é saúde, mas

cura; não é descanso, mas exercício. Ainda não somos o que haveremos de ser, mas estamos rumando para isso. O processo ainda não se completou, mas está em andamento. Este não é o fim, mas sim o caminho. Nem tudo ainda brilha em glória, mas tudo está sendo purificado.³

5. OS CRISTÃOS AUTÊNTICOS TORNAM-SE SEMELHANTES A JESUS CRISTO.

Ser “conforme à imagem de seu Filho” (Rm 8:29) é o objetivo da obra da graça de Deus em nossa vida, e ninguém revela esse fato melhor do que José.

Assim como Jesus, ele foi amado por seu pai, porém rejeitado pelos irmãos. Foi castigado por crimes que não cometeu e aceitou tudo sem revidar. Pensou nos outros e serviu-os, mesmo que se esquecessem dele e de sua bondade. Foi separado do pai para poder salvar os irmãos e passou da prisão ao trono, do sofrimento à glória.

Perdoou os que lhe haviam feito mal e nunca usou atos de perversidade contra eles. Chorou com eles, pois os amava. Em sua bondade, deu-lhes um lar e supriu todas as suas necessidades. Poderíamos dar mais exemplos, mas esses já deixam clara a questão: aquilo que José experimentou como crente autêntico fez com que se parecesse cada vez mais com Jesus Cristo. Esse é o propósito da vida do peregrino. Mas Jacó também experimentou a obra da graça em sua vida e terminou num patamar mais elevado. Ao envelhecer, amadureceu na fé e procurou ser um líder espiritual mais adequado para sua família, cada vez maior. Nunca é tarde demais para retomar o caminho do peregrino que conduz para o alto.

6. OS CRISTÃOS AUTÊNTICOS FAZEM DIFERENÇA NO MUNDO.

O mais importante da vida não é o que carregamos conosco, mas o que enviamos adiante de nós e o que deixamos para trás. Chegamos nesta vida sem possuir nada, e a deixaremos sem levar nada conosco. Em meio às alegrias do nascimento e às tristezas da morte, somos apenas despenseiros daquilo que Deus nos dá, e o Senhor quer que sejamos despenseiros fiéis.

A vida, em si, é um bem a ser administrado e, como tal, deve ser investida, não simplesmente gasta ou desperdiçada. Quando aceitamos nossa vida como uma dádiva de Deus e nossas oportunidades como recursos a ser bem utilizados, podemos realizar mudanças duradouras em nosso mundo. Talvez não cheguemos tão alto quanto José, mas ainda assim faremos as contribuições que Deus deixou a nosso encargo (Ef 2:10). Aquilo que Maria de Betânia fez por Jesus tornou-se uma bênção para o mundo todo (Mc 14:9), a última coisa que ela esperava que acontecesse.

Assim, o desafio que temos diante de nós hoje é: seremos cópias sem graça ou originais fascinantes? Tomaremos o caminho seguro usado pelos turistas ou o mais perigoso reservado aos pioneiros? Pela graça de Deus, permitiremos que as provações e sofrimentos sirvam para nos tornar mais semelhantes ao Mestre? Ao chegar ao fim da vida, teremos feito qualquer diferença no mundo em que vivemos?

“Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor” (Fp 2:12). Esse é o chamado de Deus para que *sejamos autênticos*, para que nos transformemos em “tesouros peculiares”, em pessoas especiais para a obra especial de Deus.

1. *The Gospel Awakening: Sermons and Addresses of D. L. Moody*. Chicago: J. Fairbanks and Co., 1879, p. 620.
2. BUECHNER, Frederick. *Peculiar Treasures*. Nova York: Harper and Row, 1979. Essa é uma coleção de ensaios curtos, porém profundos, sobre alguns dos principais personagens da Bíblia. A abordagem do autor é singular e, por vezes, bem-humorada.
3. Ver *What Luther Says*, compilado por Edwald M. Plass. St. Louis, MO.: Concordia Publishing House, 1959, v. 1, pp. 234-5. Há várias traduções diferentes das citações famosas do reformador, mas a mensagem geral é a mesma.

ÊXODO

ESBOÇO

Tema-chave: Deus nos liberta para que possamos lhe servir.

Versículos-chave: Êxodo 6:6-8

I. REDENÇÃO: O SENHOR LIBERTA SEU POVO – ÊXODO 1 – 18

“[Eu] vos tirei” (6:6)

1. O Senhor chama um líder – 1 – 4
2. O Senhor declara guerra contra o Faraó – 5 – 10
3. O Senhor é vitorioso – 11:1 – 15:21
4. O Senhor provê para seu povo – 15:22 – 17:16
 - Cura – 15:22-27
 - Carne – 16:1-13
 - Maná – 16:14-36
 - Água – 17:1-7
 - Proteção – 17:8-16
5. O Senhor aconselha seu líder – 18

II. ALIANÇA: O SENHOR SE APROPRIA DO SEU POVO – 19 – 24

“Tomar-vos-ei por meu povo” (6:7)

1. O povo se prepara – 19
2. O Senhor declara a sua lei – 20 – 23
3. A aliança é confirmada com sangue – 24

III. ADORAÇÃO: O SENHOR HABITA COM O SEU POVO – 25 – 40

“Eu sou o SENHOR, vosso Deus” (6:7).

1. As instruções sobre o tabernáculo – 25 – 27; 30 – 31
2. A consagração dos sacerdotes – 28 – 29

3. A desobediência do povo – 32 – 34
4. A construção do tabernáculo – 35 – 39
5. A glória de Deus entra no tabernáculo – 40

Observe os contrastes na experiência espiritual do povo de Israel: Deus os libertou da escravidão (Êx 1 – 18), mas a liberdade deve levar à obediência (Êx 19 – 24), e a obediência redonda em adoração para a glória de Deus (Êx 25 – 40). Sem a adoração, a liberdade transforma-se em anarquia, e a obediência em opressão.

CONTEÚDO

1. Procura-se um libertador (Êx 1 – 4)..... 234
2. Declaração de guerra (Êx 5:1 – 8:19)..... 242
3. “O SENHOR, poderoso na batalha” (Êx 8:20 – 10:29)..... 249
4. Mais uma praga (Êx 11:1 – 13:16)..... 256
5. Redimidos e regozijantes (Êx 13:17 – 15:21)..... 264
6. A escola da vida (Êx 15:22 – 16:36)..... 271
7. “O SENHOR dos Exércitos está conosco” (Êx 17 – 18)..... 277
8. Ouçam a voz de Deus (Êx 19:1 – 20:21)..... 285
9. O Livro da Aliança (Êx 20:22 – 24:8)..... 293
- Interlúdio..... 301
10. O lugar onde Deus habita – Parte I (Êx 24:9 – 25:40; 27:20,

21; 30:11-16; 31:1-11; 35:4 - 36:38; 37:1-24; 38:21-31).....	302	12. O sacerdócio santo (Êx 28 - 29; 30:22-33; 39).....	315
11. O lugar onde Deus habita - Parte II (Êx 26:1-37; 27:1-19; 30:1-10, 17-21; 37:25-29; 38:1-20).....	309	13. Um coração quebrantado e um rosto resplandecente (Êx 32 - 34; 40).....	322

PROCURA-SE UM LIBERTADOR

ÊXODO 1 - 4

A criança que definiu o rádio como “uma televisão sem imagens” não sabia o que estava dizendo. Cresci durante os Anos Dourados do rádio e posso garantir que, enquanto escutava os programas, via muitas imagens vívidas e figuras empolgantes – usando só minha imaginação. A televisão não permite que você faça isso. As novelas do rádio continuavam dias a fio e nos faziam pensar: “E agora, o que vai acontecer?”

O Antigo Testamento é a “novela” de Deus sobre o grandioso plano de salvação que ele anunciou a Adão e Eva (Gn 3:15) e a Abraão (Gn 12:1-3). Isso explica por que o texto hebraico de Êxodo começa com “e”, pois Deus está dando continuidade à história que começou em Gênesis.¹ A seu tempo, a história maravilhosa de Deus chegou até a vinda de Jesus à Terra para sua morte na cruz e não terminará até que todo o povo de Deus suba aos céus e veja Jesus assentado em seu trono. Uma história e tanto!

O tema de Êxodo é *libertação*, e não se pode ter libertação sem um libertador. É aí que Moisés entra na história, como o grande libertador, legislador e mediador.

1. O LIBERTADOR INDISPENSÁVEL (Êx 1:1-22)

Os rabinos judeus chamam o Livro de Êxodo de “Livro dos Nomes” (ou “Estes São os Nomes”), pois ele começa com uma lista dos nomes dos filhos de Jacó (Israel) que levaram suas famílias para o Egito, a fim de fugir da fome que assolava Canaã (Gn 46).² Deus usou a experiência de Israel no Egito com a intenção de prepará-los para a tarefa especial que deviam cumprir aqui na Terra:

ser testemunho do verdadeiro Deus vivo, escrever as Sagradas Escrituras e trazer ao mundo o Salvador.

Bênção (vv. 1-7). Durante os anos em que José serviu como vice-governante do Egito, sua família foi extremamente respeitada e, mesmo depois que José morreu, sua memória foi honrada pela forma como os egípcios trataram os hebreus. Deus cumpriu as promessas da aliança que havia feito com Abraão ao abençoar seus descendentes e fazer com que se multiplicassem grandemente (Gn 12:1-3; 15:5; 17:2, 6; 22:17). No tempo do êxodo, o povo hebreu contava com mais de seiscentos mil homens de vinte anos ou mais (Êx 12:37; 38:26) e, se acrescentarmos a esse número as mulheres e crianças, temos um total de cerca de dois milhões de pessoas, sendo que todas elas eram descendentes da família de Jacó. Sem dúvida, Deus havia cumprido sua promessa!

No entanto, um novo Faraó não se agrudou da rápida multiplicação do povo hebreu e, assim, tomou medidas para controlá-la.

Primeira medida – A aflição dos adultos (vv. 8-14). Deus havia dito a Abraão que seus descendentes iriam para um país estrangeiro e lá seriam escravizados e maltratados, mas prometeu libertá-los por seu poder quando fosse a hora certa (Gn 15:12-14). Deus comparou o Egito com uma fornalha de ferro (Dt 4:20) em que seu povo iria sofrer, mas sua experiência nessa fornalha transformaria os israelitas numa nação poderosa (Gn 46:3).

Ao longo dos séculos que os hebreus habitaram no Egito (Gn 15:13; Êx 12:40, 41), passaram pela mudança de várias dinastias egípcias. Mas que novo Faraó seria tão ignorante a ponto de não saber sobre José e sua família e de tentar destruir “o povo dos filhos de Israel”?³ A décima sétima dinastia dos hicsos⁴ também era de origem estrangeira, como os hebreus, de modo que provavelmente simpatizavam com Israel. No entanto, a décima oitava dinastia era egípcia, e seus governantes expulsaram os estrangeiros da terra do Egito. Pode ter sido nessa dinastia que começou a perseguição ao povo de Israel.

Por que os egípcios desejavam tornar a vida dos hebreus tão infeliz? Israel era uma fonte de bênçãos para a terra, como José havia sido antes deles (Gn 39:1-6), e não estava causando problemas. De acordo com a razão apresentada pelo Faraó, a presença de tantos hebreus era um risco para a segurança nacional, uma vez que eram estrangeiros e, se houvesse uma invasão, sem dúvida se tornariam aliados dos inimigos. No entanto, quer o Faraó percebesse quer não, a verdadeira causa do conflito anunciado em Gênesis 3:15 era a inimizade entre o povo de Deus e os filhos de Satanás, conflito que persiste no mundo de hoje.

Não encontramos nos registros da história nenhum povo que tenha sofrido tanto quanto os judeus, mas toda a nação ou governante que perseguiu o povo de Deus foi castigada por isso. Afinal, Deus havia prometido a Abraão: “Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” (Gn 12:3). Deus cumpriu essa promessa na forma como tratou com o Egito e a Babilônia na antiguidade e com Stalin e Hitler nos tempos modernos. Deus é longânimo ao observar as nações que perseguem seu povo escolhido, mas chega a hora em que sua mão de julgamento pesa sobre os opressores.

Os capatazes egípcios, “com tirania, faziam servir os filhos de Israel” (Êx 1:13), obrigando os escravos hebreus a construir cidades e trabalhar nos campos. Mas a bênção de Deus fez com que o povo de Israel continuasse a se multiplicar, o que assustou e irou ainda mais seus dominadores egípcios. Era preciso fazer alguma coisa para manter Israel sob controle.

Segunda medida – A matança de meninos hebreus recém-nascidos (vv. 15-21). Se esse plano tivesse dado certo, o Faraó teria exterminado o povo hebreu. A futura geração de homens estaria morta, e as meninas acabariam se casando com escravos egípcios e sendo assimiladas pela raça egípcia. No entanto, de acordo com Gênesis 3:15 e 12:1-3, Deus não permitiu que isso acontecesse e usou duas parteiras hebréias para frustrar o plano do Faraó.⁵

Esse é o primeiro caso nas Escrituras daquilo que chamamos, hoje, de “desobediência civil”, a recusa em obedecer a uma lei perversa tendo em vista o bem comum. Textos das Escrituras, como Mateus 20:21-25, Romanos 13 e 1 Pedro 2:11, admoestam os cristãos a obedecer às autoridades humanas. Contudo, Romanos 13:5 nos lembra de que essa obediência não deve ofender nossa consciência. Quando as leis de Deus são contrárias às leis dos homens, “Antes importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29). Vemos um exemplo disso não apenas no caso das parteiras, mas também no de Daniel e de seus amigos (Dn 1; 3; 6) e no dos apóstolos (At 4, 5).⁶

As parteiras estavam mentindo para o Faraó? Provavelmente não.⁷ Os bebês nasciam antes que as parteiras chegassem, pois Sifrá e Puá haviam pedido a suas assistentes que se atrasassem! Deus abençoou às duas parteiras-chefes por arriscarem a vida a fim de salvar a nação israelita da extinção. No entanto, honrou-as de um modo estranho: deu-lhes filhos numa época em que isso era tão arriscado! Talvez tenha lhes dado filhas ou, então, protegido seus filhos como fez com Moisés. De qualquer modo, essa bênção de Deus mostra quão preciosas são as crianças para o Senhor: ele desejava conceder a essas mulheres a mais alta recompensa e, assim, deu filhos a Sifrá e a Puá (Sl 127:3).

Terceira medida – o afogamento de bebês do sexo masculino (v. 22). Quando o Faraó descobriu que havia sido enganado, mudou seu plano e ordenou a todo o povo que providenciasse para que os bebês hebreus do sexo masculino fossem afogados no sagrado rio Nilo. Os guardas do Faraó não tinham como vigiar cada uma das parteiras hebréias, mas o povo egípcio podia ficar de olho nos escravos hebreus e avisar quando um menino nascia. No entanto, estava para nascer um menino que o Faraó não conseguiria matar.

2. NASCE O LIBERTADOR (Êx 2:1-10)⁸

Os pais de Moisés eram Anrão e Joquebede (Êx 6:20), e, enquanto o texto de Êxodo enfatiza como a mãe teve fé, Hebreus 11:23

elogia tanto o pai quanto a mãe por terem confiado em Deus. Sem dúvida, foi preciso que os dois tivessem fé para ter relações conjugais numa época perigosa em que os bebês hebreus estavam sendo mortos. Moisés tornou-se um grande homem de fé e aprendeu sobre isso primeiramente com seus pais, um casal temente e Deus. Anrão e Joquebede tinham mais dois filhos: Miriã, a mais velha, e Arão, três anos mais velho que Moisés (Êx 7:7).

Desde o princípio, Moisés foi considerado "formoso aos olhos de Deus" (At 7:20; ver Hb 11:23),⁹ e ficou claro que Deus tinha um propósito especial para ele. Credo nisso, os pais contrariaram o édito do Faraó e protegeram a vida de seu filho. Não foi nada fácil, uma vez que todos os egípcios haviam se tornado espiões oficiais do Faraó à procura de bebês para serem afogados (Êx 1:22).

Joquebede obedeceu à lei ao pé da letra quando colocou Moisés nas águas do Nilo, mas certamente desafiou os ordens do Faraó na forma como seguiu essa lei. Confiou na providência de Deus e não foi decepcionada. Quando a princesa foi até o Nilo para realizar suas abluções religiosas, viu o cesto, descobriu o bebê e ouviu-o chorar. Seguindo seus instintos maternos, salvou o menino e cuidou dele.

Deus usou as lágrimas de um bebê para controlar o coração de uma princesa poderosa. Usou as palavras de Miriã a fim de providenciar para que o bebê fosse criado por sua mãe e ainda recebesse por isso! A expressão "frágil como um bebê" não se aplica ao reino de Deus, pois quando o Senhor deseja realizar sua obra poderosa, com frequência começa enviando um bebê. Foi o que aconteceu quando ele mandou Isaque, José, Samuel, João Batista e, especialmente, Jesus. Deus pode usar as coisas mais fracas para derrotar os inimigos mais poderosos (1 Co 1:25-29). As lágrimas de um bebê foram as primeiras armas de Deus em sua guerra contra o Egito.

A princesa adotou Moisés como seu próprio filho, o que significa que ele teve uma posição privilegiada no Egito e recebeu

uma educação especial para os serviços do governo (At 7:22). Na língua egípcia, Moisés significa "nascido" ou "filho", e o som dessa palavra é parecido com o do termo hebraico para "tirado" (da água). Anos depois, seu nome lembraria Moisés do Deus que o havia salvo e feito grandes coisas por ele no Egito. Em mais de uma ocasião, Moisés salvou seu povo, pois confiou no Senhor.

3. A PREPARAÇÃO DO LIBERTADOR (Êx 2:11-25)

Moisés passou os primeiros quarenta anos de sua vida (At 7:23) trabalhando para o governo egípcio. (Alguns estudiosos acreditam que ele estava sendo preparado para tornar-se Faraó.) O Egito parece o lugar menos provável para Deus começar a treinar um líder, mas os caminhos do Senhor não são os nossos caminhos. Ao capacitar Moisés para seu serviço, Deus usou várias abordagens.

Educação. "E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras" (At 7:22). O que fazia parte dessa educação? Os egípcios eram uma civilização extremamente desenvolvida para sua época, especialmente nas áreas de engenharia, matemática e astronomia. Graças a seus conhecimentos de astronomia, desenvolveram um calendário de precisão extraordinária, e seus engenheiros planejaram e supervisionaram a construção de estruturas que existem até hoje. Seus sacerdotes e médicos eram mestres na arte de embalsamar, e seus líderes possuíam grande competência em organização e administração. Aqueles que visitam o Egito hoje em dia inevitavelmente se impressionam com as realizações desse povo da Antiguidade. O servo de Deus deve aprender tudo o que puder, dedicar esse conhecimento a Deus e servi-lo fielmente.

Fracasso (vv. 11-14). Apesar de algumas pessoas se confundirem com a etnia de Moisés (v. 19), ele sabia que era hebreu, não egípcio, e não podia evitar identificar-se com o sofrimento de seu povo. Certo dia, tomou a corajosa decisão de ajudá-los, mesmo que isso significasse perder sua posição

de nobre como filho adotivo da princesa (Hb 11:24-26). Os prazeres¹⁰ e tesouros do Egito desvaneceram quando ele se viu ajudando a libertar o povo escolhido de Deus.

É possível que o oficial egípcio não estivesse apenas disciplinando o escravo hebreu, mas espancando-o com a intenção de matá-lo, pois é isso que pode significar a palavra hebraica usada nesse caso. Assim, quando Moisés interferiu, provavelmente estava salvando a vida de um homem. E se o egípcio voltou-se contra Moisés, o que deve ter acontecido, então Moisés também estava defendendo a própria vida.

Contudo, se o plano de Moisés era libertar os hebreus matando os egípcios um por um, estava prestes a ter uma surpresa. No dia seguinte, descobriu que os egípcios eram apenas parte do problema, pois os hebreus não conseguiam nem chegar a um entendimento entre si! Quando tentou reconciliar os dois hebreus, eles rejeitaram sua ajuda! Além disso, Moisés também ficou sabendo que seu segredo havia sido revelado e que o Faraó estava atrás dele para matá-lo. A única coisa que lhe restava fazer era fugir.

Esses dois episódios revelam Moisés como um homem compassivo e de motivações sinceras, mas ao mesmo tempo impetuoso em suas atitudes. Sabendo disso, é de se admirar que, mais tarde, ele tenha sido considerado "mais [manso] do que todos os homens que havia sobre a terra" (Nm 12:3). Moisés deve ter ficado desolado com sua tentativa fracassada de ajudar a libertar os hebreus. Por isso, Deus o levou a Midiã e fez dele um pastor de ovelhas durante quarenta anos. Ele precisava aprender que o livramento viria das mãos de Deus e não das mãos de Moisés (At 7:25; Êx 13:3).

Solidão e serviço humilde (vv. 15-25).

Moisés tornou-se um fugitivo e escondeu-se na terra dos midianitas, parentes dos hebreus (Gn 25:2). Agindo de acordo com sua natureza corajosa, ajudou as filhas de Reuel, o sacerdote de Midiã (Êx 2:18). Com isso, recebeu a hospitalidade daquele lar, casou-se com Zípora, uma das filhas de Reuel, e esta lhe deu um filho.¹¹ Posteriormente, Zípora teve outro filho ao qual deu o nome de Eliezer

(Êx 18:1-4; 1 Cr 23:15). Reuel ("amigo de Deus") também era conhecido como Jetro (Êx 3:1; 18:12, 27), mas é possível que Jetro ("excelência") fosse seu título como sacerdote e não seu nome.¹²

O homem "poderoso em palavras e obras" encontrava-se, agora, em pastos solitários cuidando de ovelhas obstinadas, mas era justamente esse tipo de preparo que precisava para liderar uma nação de pessoas obstinadas. Israel era o rebanho especial de Deus (Sl 100:3), e Moisés, o pastor escolhido pelo Senhor. Assim como nos treze anos que José viveu como escravo no Egito e como o intervalo de três anos na vida de Paulo, depois de sua conversão (Gl 1:16, 17), os quarenta anos de espera e de trabalho de Moisés prepararam-no para toda uma vida de ministério fiel. Deus não envia seus servos imediatamente, mas capacita-os para sua obra.

Quando há demora, não se trata de desinteresse de Deus, pois ele ouve nossos gemidos, vê nossas lutas, sente nossas tristezas e lembra-se de sua aliança. Cumprirá o que prometeu, pois jamais quebra sua aliança com seu povo. Quando chega a hora certa, Deus põe-se imediatamente a trabalhar.

4. O LIBERTADOR RECEBE SEU CHAMADO (Êx 3:1 - 4:17)

Moisés passou quarenta anos servindo como pastor em Midiã (At 7:23; Êx 7:7), e, durante aqueles dias e noites no campo, sem dúvida meditou sobre as coisas de Deus e orou por seu povo que sofria no Egito. O fato de Deus chamar pessoas ocupadas é significativo: Gideão estava malhando trigo no lugar (Jz 6); Samuel estava servindo no tabernáculo (1 Sm 3); Davi estava cuidando de ovelhas (1 Sm 17:20); Eliseu estava arando a terra (1 Rs 19:19-21); quatro dos apóstolos estavam cuidando de sua pescaria (Mc 1:16-20); Mateus estava coletando impostos (Mt 9:9). Deus não tem nada de bom a dizer sobre a preguiça (Pv 24:30-34; Mt 25:26, 27; 2 Ts 3:10-12).

O que Moisés viu (vv. 1-4). Deus pode tomar um arbusto insignificante, fazê-lo arder

e transformá-lo num milagre; era exatamente isso o que desejava fazer com Moisés. Alguns vêem na sarça ardente uma imagem de Israel como nação - a luz de Deus para o mundo, perseguidos porém não consumidos. No entanto, a sarça ardente também era um retrato do que Deus havia planejado para Moisés: ele era um frágil arbusto, mas Deus era o fogo que lhe daria poder (Êx 19:18; 24:17; Dt 4:24; Jz 13:20; Hb 12:29); com a ajuda de Deus, não havia nada que Moisés não pudesse fazer.

O que Moisés ouviu (vv. 5-10). Deus falou com Moisés e garantiu-lhe que era o Deus de seus pais e que sentia o sofrimento dos hebreus no Egito. Havia chegado a hora de libertá-los de lá e de conduzi-los à terra prometida. Para isso, havia escolhido Moisés como líder.¹³ A declaração de Deus: "Vem, agora, e eu te enviarei" deve ter deixado Moisés estarelecido. Por que Deus escolheria um fracassado?

O que Moisés fez (3:11 - 4:17). Moisés deveria ter se regozijado, pois Deus estava, finalmente, respondendo às suas orações, e deveria ter se submetido à vontade de Deus e dito: "Eis me aqui, envia-me a mim". Mas, em vez disso, discutiu com Deus e tentou escapar do chamado divino para libertar Israel da escravidão. Quarenta anos antes, ainda no Egito, Moisés tinha agido como um cavalo impetuoso e corrido na frente de Deus, mas agora estava agindo como uma mula obstinada, resistindo ao Senhor (Sl 32:9). Moisés apresentou cinco motivos para não aceitar o chamado de Deus:

(1) "Não sou ninguém" (3:11, 12). Não importava o que Moisés pensava sobre si mesmo ou o que os outros achavam dele. Deus havia falado e Moisés não precisava de nenhuma outra garantia de que era o homem certo para aquela missão. Será que os quarenta anos pastoreando ovelhas haviam apagado o fogo de sua alma a ponto de crer que não podia servir ao Senhor? "Eu serei contigo." Essa é toda a segurança de que precisam os servos de Deus a fim de ser bem-sucedidos (Js 1:5; Is 41:10; 43:5).

(2) "Não sei o teu nome" (vv. 13-22). Como representante de Deus, era necessário

que Moisés fosse capaz de revelar o caráter do Senhor ao povo judeu. É claro que o nome "Jeová" havia sido revelado há séculos (Gn 4:26) e era conhecido pelos patriarcas (Gn 14:22; 15:1; 25:21, 22; 28:13; 49:18). O que Moisés perguntou foi: "O que significa seu nome? Que tipo de Deus o Senhor é?"

Deus explicou que Jeová é um nome dinâmico, baseado no verbo hebraico "ser" ou "tornar-se". Ele é o Ser de existência própria que sempre foi, é e será o Deus fiel e confiável, que se chama de "EU SOU".¹⁴ Séculos depois, Jesus tomaria para si o nome "EU SOU" e o completaria: "Eu sou o pão da vida" (Jo 6:35), "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8:12), "Eu sou a videira verdadeira" (Jo 15:1), e assim por diante.

O Deus eterno sabe, desde o princípio, como será o fim de todas as coisas, de modo que pôde dizer a Moisés exatamente o que aconteceria quando ele voltasse para o Egito (Êx 3:16-22). Os anciãos de Israel aceitariam Moisés como seu líder e creriam que Deus estava prestes a libertá-los. O rei do Egito resistiria à mensagem de Deus e sofreria julgamento terrível nas mãos do Senhor. O povo de Israel seria liberto daquela terra e levaria consigo espólios do Egito, recebendo, assim, o pagamento que lhes havia sido sonogado durante seus anos de escravidão.

(3) "Os anciãos não crerão em mim" (4:1-9). "Eles não crerão", na verdade, significa "Eu não creio". Moisés estava preocupado com suas credenciais diante dos anciãos hebreus, de modo que Deus deu-lhe três sinais para convencê-los de que era verdadeiramente o servo escolhido de Deus. "Os judeus pedem sinais" (1 Co 1:22). Daquele momento em diante, Moisés experimentaria o poder de Deus e faria milagres.

(4) "Não sou um orador eloqüente" (vv. 10-12). Moisés não chegou nem perto de entender a mensagem sobre o nome de Deus e o poder miraculoso do Senhor. "EU SOU" é tudo de que precisamos em todas as circunstâncias da vida, e não faz sentido algum argumentar: "eu não sou". Se Deus pode transformar varas em serpentes e serpentes em varas, se pode curar a lepra e transformar

água em sangue, então pode capacitar Moisés a transmitir sua Palavra com poder.¹⁵ Moisés estava cometendo o erro de olhar para si mesmo em vez de olhar para Deus (Êx 6:12). O Deus que nos fez é capaz de usar os dons e aptidões que nos concedeu a fim de realizar a tarefa da qual nos incumbiu.

Moisés demonstrou uma atitude de orgulho ou de verdadeira humildade? Quarenta anos antes, ele se sentiu perfeitamente adequado para enfrentar o inimigo e agir em favor de seu povo, mas, naquele momento, retraía-se, considerando-se um fracassado inútil. Contudo, ser humilde não significa fazer pouco de si mesmo; quer dizer, simplesmente, não pensar em si mesmo, mas sim fazer com que Deus seja tudo em nossa vida. O servo humilde pensa apenas na vontade e na glória de Deus e não em sua própria inadequação, sucesso ou fracasso. Moisés estava vestindo seu orgulho e incredulidade com uma confissão superficial de fraqueza.

(5) “Qualquer outra pessoa pode fazer melhor” (vv. 13-17). “Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim” (v. 13). Moisés chama Deus de “Senhor” e, no entanto, recusa-se a obedecer a suas ordens (Lc 6:46; At 10:14). A maioria de nós entende essa atitude, pois cometemos o mesmo erro. Se Deus não for Senhor de tudo, então não poderá ser chamado de Senhor.

Em sua ira, Deus nomeou Arão para ser porta-voz de Moisés, mas Arão nem sempre foi uma ajuda para seu irmão. Foi Arão quem cooperou com o povo para fazer o bezerro de ouro (Êx 32), e Arão juntamente com a irmã, Miriã, criticaram Moisés e sua esposa e causaram problemas para todo o acampamento dos israelitas (Nm 12). Êxodo 4:14 sugere que, ao aceitar Arão, Moisés estava confundindo os ministérios do Antigo Testamento, pois Arão deveria ser o sacerdote e Moisés o profeta. Quando Deus, em sua ira, nos dá aquilo que pedimos por causa de nosso egoísmo, essa dádiva dificilmente vem a ser uma bênção (Nm 11:33; Os 13:11). Um dos julgamentos mais dolorosos que Deus manda sobre seu povo é deixá-lo conseguir o que quer.

Acontecimentos subseqüentes mostraram que Moisés era capaz de proferir as palavras de Deus com grande poder, tanto para seu próprio povo como para o rei do Egito. À medida que a história de Israel se desenrola, vemos Moisés comunicando mensagens eloqüentes pelo poder do Senhor. O Livro de Deuteronômio registra seu magnífico discurso de despedida.

A lição é clara: Deus nos conhece melhor do que nós mesmos, de modo que devemos confiar nele e obedecer a suas ordens. Quando compartilhamos nossas fraquezas com Deus, não estamos lhe contando nada que ele já não saiba (Jz 6:15; 1 Sm 9:21; Jr 1:6). A vontade de Deus jamais nos conduzirá a um lugar em que não seja possível o poder de Deus nos capacitar, portanto caminhe pela fé, confiando nas promessas do Senhor.

5. O LIBERTADOR É ENVIADO (ÊX 4:18-31)

Quando alguém vive quarenta anos num mesmo lugar, é difícil arrumar as coisas e partir, especialmente sabendo que irá para um lugar perigoso. O texto descreve cinco palavras de ânimo que o Senhor deu a Moisés, enquanto ele procurava fazer a vontade de Deus.

A bênção de seu sogro (v. 18). Moisés não podia partir sem antes informar ao sogro e receber a permissão e a bênção dele. No entanto, não há registro algum de que Moisés tenha contado a Jetro sobre seu encontro com Jeová e sobre seu chamado para libertar o povo de Israel da escravidão. Disse apenas que desejava visitar o Egito para ver se sua família ainda estava viva.

As promessas de Deus (vv. 19-23). Quando Moisés deu seu passo de fé, Deus lhe falou e encorajou. O Senhor disse a Moisés para não ter medo de voltar ao Egito, pois seus inimigos estavam mortos. Então, assegurou a Moisés de que ele o capacitaria para fazer sinais milagrosos, mas o Faraó só endureceria ainda mais seu coração e, assim, chamaria sobre sua terra mais juízos do Senhor. Antes mesmo de chegar ao Egito, Moisés sabia que tinha em suas mãos uma batalha. Não seria fácil convencer o Faraó a libertar os escravos hebreus.

Deus também assegurou Moisés de seu amor especial por Israel, seu primogênito (Jr 31:9; Os 11:1). No mundo antigo, o primogênito de toda família tinha direitos e privilégios distintos, e Deus providenciaria para que Israel, seu primogênito, fosse redimido e recompensado, enquanto os primogênitos do Egito seriam mortos. Deus estava lembrando Moisés de que ele era servo de um grande Deus que sabia o que fazer. A chave para a vitória era a fé no Senhor.

A obediência de Zípora (vv. 24-26). Moisés não havia circuncidado seu segundo filho, Eliezer, e Deus acometeu Moisés com uma enfermidade que poderia ter sido fatal. A impressão que temos é a de que, quando Moisés havia circuncidado Gérson, seu primogênito, Zípora havia ficado chocada com a cerimônia e, portanto, resistiu à idéia de que Eliezer fosse circuncidado. Moisés cedeu à vontade de Zípora, e isso desagradou o Senhor. Afinal, Moisés não podia conduzir o povo de Israel se havia desobedecido a um dos mandamentos fundamentais do Senhor (Gn 17:10-14). Mesmo que os hebreus não fizessem idéia, Deus conhecia sua desobediência e estava extremamente desgostoso.

O servo do Senhor deve cuidar para “[governar] bem a sua própria casa” (1 Tm 3:4), se espera desfrutar as bênçãos do Senhor, “pois, se alguém não sabe governar a

própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (1 Tm 3:5).

A chegada de Arão (vv. 27, 28). Moisés encontrou-se com Arão – seu irmão mais velho e aquele que seria seu companheiro de trabalho e parceiro durante os quarenta anos seguintes – no monte Horebe (outro nome dado ao monte Sinai; Êx 19:10, 11; Dt 4:10). No serviço do Senhor, é melhor serem dois do que um (Ec 4:9). Jesus enviou seus discípulos em pares (Mc 6:7), e Deus chamou Barnabé e Paulo juntos para levar o evangelho aos gentios (At 13:2). Apesar de ter defeitos como todos nós, Arão ministrou juntamente com Moisés e tornou-se o fundador do sacerdócio de Israel.

A fé de seu povo (vv. 29-31). Moisés havia expressado o medo de que os anciãos hebreus não acreditariam em sua mensagem nem aceitariam sua liderança. No entanto, quando viram a demonstração do poder de Deus nos sinais, tanto os anciãos quanto o restante do povo aceitaram a Moisés. Ao saber que Deus estava preocupado com eles e prestes a resgatá-los, prostraram-se em grata adoração. A adoração é a reação lógica do povo de Deus à graça e à bondade do Senhor.

Aqueles foram tempos de calma antes da tempestade. Deus estava prestes a declarar guerra contra o Egito e o Faraó, e a vida do povo de Israel ficaria ainda pior antes que pudesse melhorar.

1. Há catorze livros no Antigo Testamento que começam com “E” no texto original: Êxodo, Levítico, Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 2 Crônicas, Esdras, Ester, Ezequiel e Jonas. A maioria das traduções para nossa língua simplesmente ignora o “E” ou coloca em seu lugar “Sucedeu” ou “Depois”.
2. Ver minha obra *Be Authentic* (Cook) para uma exposição da vida de José e dos últimos dias de Jacó. A palavra hebraica traduzida por “nome” é *shem*, de onde vem “Sem”, o filho de Noé que deu início à linhagem do povo hebreu (Gn 11:10).
3. Êxodo 1:9 é a primeira ocasião em que a expressão “filhos de Israel” aparece na Bíblia.
4. O termo “hicsos” quer dizer “governantes de países estrangeiros”. Os hicsos eram estrangeiros que se infiltraram no Egito como servos e escravos e, aos poucos, se apossaram do governo, reinando durante a décima quinta e a décima sexta dinastias (1700-1545 a.C.). Sendo de origem semítica, certamente se identificaram com os hebreus que viviam no Egito.
5. Com inúmeras mulheres hebréias dando à luz tantos filhos, é provável que Sifrá e Puá fossem “parteias-chefes” e que houvesse outras mulheres trabalhando sob sua supervisão. Os egípcios eram mestres na arte da organização, e é provável que tivessem uma “Agência de Obstetras Estrangeiras Residentes”.
6. Esses exemplos nos ensinam que, quando os cristãos desobedecem a alguma lei por questões de consciência, sua decisão deve basear-se nas leis claras de Deus que se encontram nas Escrituras e não simplesmente num preconceito

- pessoal. Observe, também, que as parteiras, Daniel e seus amigos e os apóstolos usaram de cortesia ao tratar com as autoridades e aproveitaram essa experiência para testemunhar a verdade de Deus. O exemplo supremo é Jesus (1 Pe 2:13-25).
7. A lei de Deus deixa claro que é tão errado matar quanto mentir, mas há ocasiões neste mundo perverso em que talvez precisemos escolher entre um mal maior ou menor, por isso precisamos da sabedoria de Deus para nos orientar (Tg 1:5). Os legalistas simplesmente obedecem à lei ao pé da letra, e os pragmáticos fazem o que parece ser certo ou seguro em determinada situação, mas a pessoa que atenta para o que é espiritual procura ter a mente de Cristo. Enquanto este mundo encontra-se nas angústias do pecado (Rm 8:22), teremos de enfrentar decisões difíceis.
 8. Muitos estudiosos da Bíblia mais conservadores determinam que Êxodo foi escrito por volta de 1445 a.C. Se Moisés tinha oitenta anos no êxodo (Êx 7:7), então nasceu por volta de 1525 a.C.
 9. Tanto Atos 7:20 quanto Hebreus 11:23 dizem literalmente: "formoso aos olhos de Deus". Uma vez que os pais agiram pela fé, e a fé vem pela Palavra (Rm 10:17), Anrão e Joquebede devem ter recebido alguma mensagem do Senhor dizendo que Moisés era especial para ele.
 10. Não devemos inferir com a palavra "prazeres" que Moisés estava desfrutando de delícias carnisais no palácio. Antes, tratava-se dos prazeres desfrutados por um homem de sucesso numa posição elevada. Como príncipe e homem "poderoso em palavras e obras", possuía autoridade, respeito e segurança, e nada lhe faltava.
 11. O nome Gérson significa "estrangeiro, forasteiro". Em Atos 7:13, 35, 36, Estêvão mostra que, assim como Jesus, tanto José quanto Moisés foram, a princípio, rejeitados pelos irmãos, porém aceitos mais tarde. Além disso, assim como Jesus, cada um deles tomou para si uma noiva durante o tempo em que se encontrava afastado de seu povo.
 12. Em Números 10:29, ficamos sabendo que o filho de Reuel chamava-se Hobabe. No entanto, Juízes 4:11 diz que Hobabe era "sogro de Moisés". A palavra hebraica usada em Juízes significa "um parente do marido, por parte da esposa" e pode referir-se tanto a um cunhado como ao sogro, devendo, nesse caso, ser traduzida por "cunhado".
 13. As promessas de Deus a Abraão haviam sido transmitidas ao longo das sucessivas gerações, de modo que Moisés pudesse associar as palavras de Deus em Êxodo 3:18 com as promessas de Gênesis 15:13-21. Tudo fazia parte da "história contínua" da redenção de Deus.
 14. As versões mais antigas da Bíblia transliteram o nome hebraico de Deus como "Jeová", mas os estudiosos atuais preferem o termo "lavé".
 15. No Egito, Moisés havia sido "poderoso em palavras e obras" (At 7:22), mas, ao que parece, foi silenciado pelos anos que passou trabalhando como pastor de ovelhas.

DECLARAÇÃO DE GUERRA

ÊXODO 5:1 – 8:19

Se Moisés e Arão tivessem tido o privilégio de ouvir Jonathan Edwards pregar seu famoso sermão *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*, provavelmente teriam gritado “Amém!” quando Edwards disse:

Diante de Deus, todos os reis da Terra são como gafanhotos; não são coisa alguma, menos do que nada; tanto o amor quanto o ódio deles são desprezíveis. A ira do grande Rei dos reis é muito mais terrível do que a deles, e sua majestade, muito maior.¹

Ao ouvir essas palavras, Moisés e Arão teriam se lembrado do dia em que se viram diante do governante de um dos maiores reinos do mundo antigo.² Foram enviados por Deus para informar o Faraó de que, se ele não libertasse os hebreus, Jeová declararia guerra contra ele e seus deuses e não cessaria de atacar o Egito enquanto o povo de Israel não fosse libertado. Os dois embaixadores de Deus tinham uma só mensagem: “Deixe, meu povo ir, ou vai se arrepender!”³ A resposta do Faraó a Moisés e Arão foi previsível: rejeitou a ordem de Deus, fez pouco dos milagres que Moisés e Arão realizaram e deliberadamente endureceu o coração contra o Senhor.

1. O FARAÓ REJEITA A PALAVRA DE DEUS (Êx 5:1 – 6:27)

O pedido deles era simples: Moisés e Arão queriam permissão para levar o povo a um lugar do deserto que ficava a três dias de viagem do Egito e onde pudessem adorar o Senhor.⁴ Seis dias de viagem e um dia de

adoração somariam um total de sete dias sem trabalhar, mas Moisés não disse nada sobre quantos dias ficariam lá e nem sobre quando voltariam. Essa omissão deixou o Faraó desconfiado, imaginando se o propósito dessa viagem não era fugir em vez de adorar. Esse episódio levanta três perguntas:

Faraó: “Por que eu deveria obedecer ao Senhor?” (5:1-3). Tratava-se de uma pergunta razoável, uma vez que o povo egípcio considerava o Faraó um deus, e por que seu rei deveria obedecer a um Deus estrangeiro que nem o Faraó e nem os egípcios conheciam? Além disso, que direito esse novo Deus tinha de chamar os israelitas de “meu povo”, quando, na verdade, os hebreus eram escravos do Faraó? Se o Faraó obedecesse àquela ordem, estaria reconhecendo uma divindade superior a ele, e não era o que pretendia fazer. Com todo seu orgulho e segurança, o Faraó não estava disposto a ouvir as palavras do Deus vivo.

Moisés mencionou que os israelitas correriam risco de vida se não obedecessem ao Senhor. O que o levou a dizer isso? Talvez Moisés estivesse insinuando que a obstinação do Faraó poderia custar-lhe seus escravos e que seria melhor para ele dar uma semana de férias aos hebreus e, assim, proteger sua mão-de-obra barata. No entanto, há outro fator nessa questão: Moisés estava dizendo ao Faraó que o Deus dos hebreus era um Deus de grande força, que poderia matar tanto os egípcios quanto os hebreus. O Faraó precisava entender que as exigências que Moisés e Arão faziam deviam ser levadas a sério, pois se tratava de uma questão de vida ou morte.

Faraó: “Por que o trabalho deve parar?” (vv. 4-21). A escravidão dos israelitas deu grande impulso à economia do Egito, e o Faraó não estava prestes a abrir mão de uma coisa tão boa. Assim como os ditadores fazem há séculos, o Faraó explorava o povo cativo sem qualquer consideração por seu bem-estar. O que o rei não sabia era que Deus estava colocando em ação seu plano perfeito para libertar seu povo e glorificar o seu grande nome, e nada do que o Faraó fizesse impediria o sucesso dos desígnios do Senhor.

Em vez de aliviar a carga de trabalho dos hebreus, o Faraó obrigou-os a trabalhar ainda mais. Recusou-se a dar-lhes a palha de que precisavam para os tijolos de barro, mas exigiu que continuassem a cumprir sua cota diária. “Se têm tempo de sobra para tirar uma semana de folga”, argumentou o Faraó, “então eles que encontrem sua própria palha. O trabalho adicional servirá para tirar essas idéias tolas da cabeça deles”.

Para o Faraó, a mensagem que recebeu de Deus por intermédio de Moisés e de Arão não passava de “palavras mentirosas” (v. 9).

Quando seu trabalho tornou-se insuportável, os hebreus enviaram seus capatazes para reclamar ao Faraó. Era incomum os escravos terem acesso ao rei, mas o Faraó sabia o que estava fazendo. Contou-lhes o que Moisés e Arão estavam exigindo dele e, com isso, voltou os capatazes hebreus contra os líderes que Deus havia lhes dado. Os capatazes disseram a Moisés e a Arão o que pensavam deles e, depois, falaram mal dos dois para os hebreus. Essa não seria a última vez que Moisés sofreria oposição de seu próprio povo, que não entendia o que o Senhor estava fazendo.

Em vez de reclamar ao Faraó, os capatazes deveriam ter ido falar com Moisés e Arão e sugerido que convocassem os anciãos para uma reunião de oração. Deveriam ter se lembrado das promessas que Deus havia dado a Israel e se apropriado delas pela fé. Que diferença enorme isso teria feito para eles e para seus líderes! Infelizmente, ao longo dos quarenta anos subsequentes, a murmuração sobre a vontade de Deus e as críticas contra os líderes do Senhor seriam características do povo de Israel. Mas será que o povo de Deus, nos dias de hoje, é muito diferente?

Moisés: “Por que o Senhor me enviou?” (5:22 - 6:27). Moisés fez o que todos os líderes espirituais devem fazer quando as coisas ficam difíceis: levou seu fardo ao Senhor e falou com ele honestamente sobre a situação. Fica claro que Moisés estava decepcionado e perturbado. Pôs a culpa em Deus sobre a forma cruel como o Faraó estava tratando os hebreus e acusou-o de não fazer nada.

“Por que me enviaste?” (Êx 5:22) – perguntou. Em outras palavras: “O senhor vai cumprir as promessas que me fez ou não?”

Os servos escolhidos de Deus devem esperar oposição e dissensão, pois essas coisas fazem parte daquilo que significa ser um líder, e os líderes sabem ficar a sós com Deus, derramar o coração diante dele e buscar sua força e sabedoria. Os líderes espirituais devem ser ousados diante do povo, mas quebrantados diante do Senhor (ver Jr 1); devem apropriar-se das promessas de Deus fazendo a vontade dele, mesmo quando tudo parece estar contra eles.

De que modo o Senhor encorajou seu servo aflito? Em primeiro lugar, *Deus falou com ele dando-lhe grandes promessas* (Êx 6:1-8). Hoje, temos a Palavra de Deus em sua forma escrita, mas é bem provável Deus tenha falado a Moisés com voz audível (Êx 33:11; Dt 34:10). Quatro vezes, em suas palavras a Moisés, Deus o fez lembrar: “Eu sou o SENHOR” (Êx 6:2, 6, 7, 8)⁵ e usou seu nome da aliança – “Jeová”. Deus também disse sete vezes o que faria (“tirarei”, “livrarei”, “resgatarei”...). Quando sabemos que Deus está no controle e nos apropriamos de suas promessas, então podemos sentir paz e coragem na batalha da vida. Deus prometeu tirar os israelitas do Egito, livrá-los da escravidão e levá-los para sua terra prometida. Dentre as sete promessas que fez, Deus disse: “Tomar-vos-ei por meu povo” (6:7), sendo esse o fundamento para tudo o que Deus fez pelo povo de Israel.

Deus também lembrou Moisés de seu nome da aliança – “Jeová” (Êx 6:3). Uma forma de conhecer melhor a Deus é prestar atenção a seus nomes. Os patriarcas conheciam Deus como “Deus Todo-Poderoso”,⁶ em hebraico, “*El-Shaddai* – o Deus Todo-Poderoso e Todo-Suficiente”, e sabiam que o nome de Deus era “Jeová” (*Javé*), mas não compreendiam plenamente as implicações disso. Deus havia explicado o nome “Jeová” a Moisés quando chamou seu servo em Midiã (Êx 3:13,14), mas, dessa vez, associou seu nome à aliança que faria com seu povo (Êx 6:4). Jeová é o nome específico de Deus que o relaciona a Israel e a suas alianças. É um

nome tão sagrado para os judeus que até hoje eles não o pronunciam quando lêem as Escrituras na sinagoga, usando em seu lugar o termo "Adonai" ou simplesmente dizendo "o Nome".

Em terceiro lugar, o Senhor garantiu a Moisés que *sentia o fardo de seu povo e estava operando em favor deles* (6:5; ver 2:24). Deus não estava alheio às necessidades deles nem desatento a seu sofrimento. Também não lhes causara mais problemas ao adiar sua libertação. Tudo estava correndo de acordo com o plano de Deus, e nada do que ele havia planejado iria falhar. Sempre que sentimos que o Senhor nos abandonou e que não se preocupa conosco, devemos nos lembrar de suas palavras reconfortantes: "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós" (1 Pe 5:7).

Em quarto lugar, o Senhor ordenou a Moisés que *falasse com o Faraó novamente* (Êx 6:9-13). Desanimado, Moisés chegou ao fundo do poço quando os anciãos dos hebreus se recusaram até a ouvi-lo. Haviam se esquecido dos sinais e promessas que Moisés e Arão haviam lhes dado (Êx 4:29-31) e, em sua angústia, estavam convencidos de que sua situação era desesperadora. Moisés e os anciãos desistiram, mas Deus não havia desistido de Moisés. Ele ainda era o servo do Senhor, e Deus ordenou que voltasse ao palácio e que confrontasse o Faraó novamente. Em tempos de aflição, o melhor a fazer é ignorar nossos sentimentos e simplesmente realizar o que Deus mandar, deixando as conseqüências nas mãos dele.

A genealogia (Êx 6:14-27) não está aqui por acaso, pois é uma forma de o Senhor nos lembrar, como leitores, de que *Deus havia preparado Moisés e Arão para o ministério do Egito*. O nascimento deles na família de Jacó foi parte da obra providencial de Deus. Rúben era o primogênito de Jacó, seguido de Simeão e, depois, de Levi, o antepassado de Moisés e de Arão. "Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações" (Jr 1:5). Quando Deus chama, ele também

capacita, e o Senhor sempre completa aquilo que começa (Ef 2:10; Fp 1:6).

2. O FARAÓ MENOSPREZA OS MILAGRES DE DEUS (ÊX 6:28 - 8:7)

Até esse ponto de seu confronto com o Faraó, Moisés e Arão haviam simplesmente transmitido o ultimato de Deus. Mas era chegada a hora de revelarem o poder de Deus e de realizarem os sinais miraculosos provando que haviam verdadeiramente sido enviados por Deus. Ainda um tanto desanimado, Moisés afirmou que não era um orador proficiente, e Deus o lembrou de que Arão poderia ser seu porta-voz (Êx 6:26 - 7:2; 4:15-16). No entanto, o Senhor avisou Moisés e Arão de que seria preciso mais do que um ou dois milagres para cumprir seus propósitos, pois multiplicaria seus sinais e maravilhas na terra do Egito.

Antes de estudar essa série impressionante de milagres, devemos nos concentrar nos motivos pelos quais o Senhor usou essa abordagem ao tratar com o Faraó e enviou esses sinais de juízo sobre a terra do Egito. O propósito maior, obviamente, era de sujeitar o Faraó e os egípcios para que deixassem o povo hebreu sair daquela terra. Porém, ao mesmo tempo, o Senhor estava se revelando tanto aos israelitas quanto aos egípcios, provando que somente ele é Deus (Êx 7:5).

Os milagres e pragas também foram a maneira de Deus julgar os deuses do Egito e de mostrar como eram falsos e fúteis. "Executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o SENHOR" (Êx 12:12; ver também 18:11 e Nm 33:4). O Egito adorava mais de oitenta divindades, mas elas não puderam fazer nada para livrar a terra e o povo dos terríveis juízos enviados por Jeová. Se não aprenderam mais nada, pelo menos os egípcios ficaram sabendo que Jeová era o verdadeiro Deus vivo.

No entanto, o povo de Israel também precisava aprender essa lição. De acordo com Ezequiel 20:1-9, alguns dos hebreus haviam começado a adorar os deuses egípcios e, quando foram libertados do Egito, levaram seus deuses consigo! Será que foram

condescendentes em sua fé na tentativa de agradar seus senhores e de receber um tratamento melhor? Mas como era possível abandonar Jeová depois de ver todas as demonstrações de seu poder? "Nossos pais, no Egito, não atentaram às tuas maravilhas; não se lembraram da multidão das tuas misericórdias" (Sl 106:7).

O sinal da serpente (7:8-13). Deus deu esse sinal a Moisés quando o chamou em Midiã (Êx 4:1-5), mas nessa passagem foi Arão quem o realizou no palácio do Faraó. A serpente era uma das criaturas especiais da religião dos egípcios, particularmente a naja, símbolo de imortalidade. A vara de Arão transformou-se numa serpente pelo poder do Senhor, e a sua serpente comeu as feitas pelos magos egípcios.

Os três milagres em forma de sinais que estamos estudando - a vara transformada em serpente, a água transformada em sangue e a invasão das rãs - têm em comum o fato de que todos foram reproduzidos pelos magos da corte do Faraó. Talvez "falsificados" seja um termo mais exato, pois o que fizeram, provavelmente, foi mais parecido com um truque de mágica. No entanto, Satanás tem a capacidade de dar às pessoas o poder de realizar "sinais e prodígios da mentira" (2 Ts 2:9, 10; Mt 24:24; Ap 13:11-15), e talvez essa tivesse sido a fonte de poder daqueles magos.

O apóstolo Paulo usou o exemplo dos magos egípcios para ensinar uma verdade importante: nos últimos dias, Satanás atacará a verdade de Deus e o povo de Deus imitando as obras de Deus. Paulo chegou até a citar o nome de dois desses magos da corte: "E do modo como Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade" (2 Tm 3:8). Como Jesus ensinou na parábola do joio e do trigo (Mt 13:24-30, 36-43), Satanás é um falsificador que "planta" imitações de cristãos neste mundo. Paulo chamou-os de "falsos irmãos" (2 Co 11:26). Satanás tem uma imitação do evangelho (Gl 1:6-9), uma falsa justiça (Rm 10:1-3) e até falsos mestres que propagam suas mentiras (2 Co 11:13-15). Um dia, Satanás produzirá um falso

Cristo que enganará o mundo todo (2 Ts 2:1-12).

Os magos do Faraó transformaram varas em serpentes e água em sangue; também fizeram aparecer rãs sobre a terra. Satanás contra-ataca as obras de Deus com imitações e, desse modo, faz pouco do poder e da glória de Deus. A atitude do Faraó era: "Tudo o que Jeová pode fazer, nós podemos fazer melhor!" É claro que isso não era verdade, mas foi o suficiente para inflar seu orgulho e impedi-lo de submeter-se ao Senhor.

O sinal da água transformada em sangue (vv. 14-25). Esse milagre foi a primeira das dez "pragas" que Deus enviou sobre o reino dos egípcios, sendo que a última (a morte dos primogênitos na Páscoa) levou à partida dos hebreus do Egito.⁷ A palavra "praga" (Êx 9:14; 11:1; 12:13) significa "desgraça, calamidade" e indica que a mão do Senhor estava castigando os egípcios.

Quanto mais tempo o Faraó resistia a Deus, mais sérios tornavam-se seus juízos. As três primeiras pragas foram desagradáveis (água transformada em sangue, rãs e piolhos); o segundo grupo de três foi doloroso e custoso (moscas, morte dos animais, úlceras) e as últimas quatro foram perigosas e destrutivas (chuva de pedras, gafanhotos, trevas e a morte dos primogênitos). Quanto mais tempo os pecadores resistem à vontade de Deus e se recusam a ouvir sua Palavra, mais "alto" ele precisa falar por meio de seus juízos.

Não apenas as águas do Nilo se transformaram em sangue, mas também outras águas da terra e até mesmo a água guardada em reservatórios de madeira e de pedra. Esse foi um juízo sobre o próprio rio Nilo, tratado como um deus, e sobre Api, deus do Nilo, e Ísis, deusa do Nilo. O rio Nilo era a maior fonte de água potável para o povo e suas plantações, de modo que tirar dele seu suprimento de água foi um juízo devastador. O povo cavou poços perto do rio a fim de obter água limpa, mas os peixes do rio morreram, e suas carcaças em decomposição provocaram um horrível mau cheiro. A praga e suas conseqüências duraram uma semana (Êx 7:25).⁸

Os magos usaram água pura de um poço e reproduziram o milagre. Contudo, se de fato possuíam verdadeiros poderes mágicos, por que não reverteram o milagre? Com isso, teriam mostrado ser muito mais poderosos do que Jeová e teriam caído nas graças do Faraó e do povo. A resposta, obviamente, é que não tinham poder para reverter o que Moisés e Arão haviam feito. Os magos realizaram seu feito usando ilusionismo e não por meio de poderes sobrenaturais.

O sinal da invasão das rãs (8:1-7). Mais uma vez, Moisés e Arão ordenaram ao Faraó: “Deixa ir o meu povo” e advertiram-no de que outra praga estava a caminho. “Sua terra produziu rãs em abundância, até nos aposentos dos reis” (Sl 105:30). No Egito, a rã era um símbolo de fertilidade. Hecate, a deusa da ressurreição, da fertilidade e do parto, tinha cabeça de rã.

A advertência do Senhor foi bastante específica. Disse ao Faraó que as rãs entrariam em suas casas, subiriam em suas camas, nos fornos e nos utensílios de cozinha e até se prenderiam ao corpo das pessoas. É claro que, mais uma vez, os magos falsificaram o milagre, quando, na verdade, a coisa mais astuta que poderiam ter feito era anulá-lo.

3. O FARAÓ ENDURECE SEU CORAÇÃO CONTRA O SENHOR (ÊX 8:8-19)

O Faraó começou a endurecer seu coração quando Moisés e Arão realizaram seu primeiro sinal milagroso diante dele, exatamente como Deus disse que aconteceria (Êx 7:3, 13, 14). Seu coração endureceu-se ainda mais quando os magos falsificaram os sinais (v. 22) e mesmo quando não conseguiram reproduzir o que Moisés e Arão haviam feito (Êx 8:19). Quando Moisés conseguiu parar a praga de rãs, o coração do Faraó endureceu-se novamente (v. 15). Esse processo de *endurecimento continuou ao longo de toda a série de pragas* (v. 32; 9:7, 34-35; 13:15).

O que significa endurecer o coração? Significa ver provas claras da mão do Senhor agindo e, ainda assim, recusar aceitar a Palavra de Deus e sujeitar-se a sua vontade. Significa resistir-lhe demonstrando ingratidão e desobediência, sem qualquer temor

do Senhor ou de seus juízos. As pessoas de coração endurecido falam como o Faraó: “Quem é o SENHOR para que lhe ouça eu a voz?” (Êx 5:2).

No entanto, a narrativa bíblica também deixa claro que, ao enviar todos esses juízos, Deus endureceu o coração do Faraó (Êx 4:21; 7:3; 9:12; 10:1, 20, 27; 11:10; 14:4, 8, 17). Isso quer dizer que Deus foi injusto e que o Faraó não deve ser responsabilizado pelo que fez? Não, pois o mesmo Sol que derrete o gelo endurece o barro. Tudo depende da natureza da matéria-prima.

Até o final desse embate (Êx 14:5ss), o Faraó foi um pecador orgulhoso e impenitente que se recusou a ouvir a Palavra de Deus, a fazer a vontade de Deus e, até mesmo, a cumprir suas próprias promessas ao povo judeu. O Senhor deu-lhe provas mais do que suficientes para convencê-lo de que os deuses do Egito eram falsos e de que o Deus dos hebreus era o verdadeiro Deus vivo. Mesmo diante de evidências tão claras, ainda assim o Faraó pecou. E apesar de Deus tê-lo usado para cumprir seus propósitos, o Faraó tomou suas próprias decisões e endureceu o próprio coração contra Deus.⁹

Ele endureceu o coração contra as misericórdias de Deus (v. 8-15). A invasão das rãs tornou a vida dos egípcios extremamente penosa, tanto que o Faraó pediu a Moisés e Arão que removessem a praga. Chegou até a admitir que as rãs haviam sido enviadas pelo Senhor. Estava tão ansioso para se livrar delas que ofereceu permitir que o povo judeu fosse ao deserto para adorar, caso Moisés e Arão atendessem a seu pedido. Não passava de um estratagema para remover a praga, mas Moisés e Arão cooperaram com ele.

Por que Moisés deixou que o Faraó escolhesse a hora exata de as rãs serem retiradas? Para provar a ele e à nação que Jeová era o Deus vivo que ouvia suas palavras e respondia às orações de seus servos. A praga não era uma aberração acidental; Deus estava no controle de tudo. Mas por que o Faraó não pediu para ficar imediatamente livre das rãs? Por que adiar o restabelecimento da ordem até o dia seguinte? Talvez

estivesse contando com a possibilidade de as rãs desaparecerem sozinhas e, assim, não teria de continuar negociando nem precisaria liberar o povo para fazer a tal viagem. Ou, talvez, quisesse que todos ficassem sabendo que o livramento estava próximo, a fim de aumentar a expectativa do povo. No dia seguinte, haveria multidões esperando e observando e, se Moisés fracassasse, o Faraó seria o vencedor, enquanto Jeová e seus servos cairiam em descrédito.

Contudo, Moisés não estava prestes a fracassar, pois ele e Arão oraram ao Senhor pedindo que a praga cessasse. Deus respondeu, não fazendo com que as rãs voltassem para os rios e os lagos, mas matando todas elas e, assim, obrigando o povo a recolher os animais mortos e a se livrar deles. Como dar fim a montes e mais montes de rãs mortas? Não foi fácil, e o terrível mau cheiro serviu para lembrar os egípcios da rebelião de seu rei contra Deus.

Moisés e Arão cumpriram sua promessa, e o Senhor também. O Faraó, porém, se recusou a fazer sua parte e deixar ir o povo de Israel. Na verdade, não estava interessado em ajudar os israelitas; só queria ser aliviado da horrível praga de rãs. Muitos pecadores não estão interessados em se arrepender e em receber a graça de Deus; querem apenas ficar livres do juízo de Deus. No entanto, aquele foi apenas um alívio temporário; os maiores juízos ainda estavam por vir.

Em meu ministério pastoral, encontrei certas pessoas que enfrentavam algum tipo de dificuldade que imploravam para que eu orasse pedindo ao Senhor que as livrasse. Prometiam todo tipo de coisa para mim e para o Senhor, dizendo o que fariam caso Deus as ajudasse. Porém, quando ele bondosamente as socorria, esqueciam-se de suas promessas e até mesmo do Senhor. Nunca mais as vi. Eram bem diferentes do salmista que escreveu: “Entrarei na tua casa com holocaustos; pagar-te-ei os meus votos, que proferiram os meus lábios, e que, no dia da angústia, prometeu a minha boca” (Sl 66:13, 14).

Ele endureceu o coração para o poder de Deus (vv. 16-19). Ao dar fim à praga de rãs, Deus foi misericordioso com o Faraó, mas em vez de submeter-se à misericórdia de Deus, o rei endureceu ainda mais o coração. Assim, o Senhor enviou uma terceira praga e fez com que o pó da terra se transformasse em piolhos.¹⁰ Os magos do Faraó não conseguiram reproduzir o milagre e tiveram de admitir que era “o dedo de Deus”. Porém, mesmo diante das evidências, o Faraó recusou submeter-se ao Senhor e endureceu ainda mais o coração. Nem a misericórdia nem o poder de Deus fizeram com que se arrependesse e obedecesse à Palavra do Senhor.

O fato de a areia do deserto se transformar em piolhos foi um juízo contra Set, o deus egípcio do deserto. Jeová era tão grande que podia dar vida à poeira insignificante e usar essa vida para castigar o povo que adorava a Set. Contudo, havia mais um fator envolvido nessa praga. Os egípcios, em geral, mas especialmente os sacerdotes, eram fanáticos por limpeza, e os sacerdotes se lavavam e raspavam o corpo com frequência a fim de ser aceitáveis a seus deuses. Imagine o desgosto e o desconforto dos sacerdotes quando seu corpo foi invadido por piolhos imundos, transformando sua vida num tormento! E seus deuses não foram capazes de livrá-los dessa aflição!

Os magos, derrotados, viram o “dedo de Deus” nesse milagre, quando, na verdade, foi a “poderosa mão” (Êx 6:1) e o “braço estendido” (v. 6) de Deus. Nas Escrituras, o dedo de Deus é associado à transmissão da lei (Êx 31:18; Dt 9:10), à criação dos céus (Sl 8:3) e à expulsão de demônios (Lc 11:20). Todas essas coisas são demonstrações da autoridade e do poder de Deus.

Mas Deus não havia terminado de falar com o Faraó nem de julgar os deuses do Egito. Jeová ainda tinha mais sete pragas para enviar, e, quando tivesse terminado, a nação do Egito estaria arrasada. “Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).

1. *The Works of Jonathan Edwards*, edição Banner of Truth Trust, 1976, v. 2, p.10. Esse é, provavelmente, o sermão mais famoso, menos lido e mais criticado já pregado nos Estados Unidos. Edwards pregou-o em Enfield, no Estado de Massachusetts, no dia 8 de julho de 1741, e Deus usou-o para começar um poderoso reavivamento espiritual na Região Nordeste do país.
2. Muitos estudiosos acreditam que o Faraó do êxodo é Amenhotep II, filho de Tutmosé III, o Faraó da opressão, cuja morte abriu caminho para que Moisés voltasse ao Egito.
3. A oração "Deixa ir o meu povo" aparece sete vezes na narrativa dos fatos que antecederam o êxodo: 5:1; 7:16; 8:1, 20; 9:1, 13; 10:3.
4. O Senhor havia prometido que a nação o adoraria no monte Sinai (Êx 3:12), mas era impossível chegar ao Sinai em três dias (Êx 19:1). No entanto, Moisés sabia que o Faraó não deixaria o povo ir (Êx 3:12-22). Assim, suas palavras, apesar de sinceras, foram apenas o primeiro "lance" na guerra de Deus contar o Faraó. A ordem de Deus dava ao Faraó a oportunidade de submeter-se ao Senhor ou de revelar a pecaminosidade de seu coração orgulhoso.
5. Deus lembrou os israelitas de que ele era Jeová (Êx 6:2, 6-8, 29; 10:2; 16:12; 20:2; 29:46; 31:13), mas também queria que os egípcios soubessem que ele era o Senhor (Êx 7:5, 17; 8:22; 14:4, 18). O nome Jeová é traduzido como SENHOR (sempre em letras maiúsculas) na maioria das versões da Bíblia em nossa língua. O termo é usado 6.823 vezes no Antigo Testamento.
6. Ver Gênesis 17:1; 28:3; 35:11; 43:14; 48:3; 49:3. *El-Shaddai* ("Deus Todo-Poderoso") é usado trinta vezes no Livro de Jó e oito vezes no Livro de Apocalipse. Ambos os livros enfatizam a grandeza do poder de Deus.
7. As nove primeiras pragas dividem-se em três tríades, sendo que cada uma delas culmina com uma praga não anunciada. A terceira (piolhos), a sexta (úlceras) e a nona (escuridão) pragas vieram sem aviso, enquanto todas as outras foram precedidas de advertências. O Faraó não tinha direito nenhum de queixar-se, pois Deus lhe dizia o que estava para fazer.
8. O fato de ainda haver rãs no rio indica que a água havia voltado ao normal (Êx 8:11). Se a água ainda fosse sangue, as rãs teriam morrido.
9. Uma vez que Deus é santo, justo e bom e que seus caminhos são perfeitos, ninguém precisa defender nem tentar explicar o que ele faz (Rm 9:14-21). Deus deu ao Faraó várias oportunidades de se arrepender, e, no entanto, o Faraó endureceu o coração pela forma como respondeu à revelação clara que Deus estava oferecendo de si mesmo. O que mais Moisés e Arão poderiam fazer?
10. Alguns acreditam que essa praga, na verdade, foi uma invasão de pernilongos. Deus enviou enxames de pequenas criaturas que voavam e picavam para atormentar a vida dos egípcios.

“O SENHOR, PODEROSO NA BATALHA”

ÊXODO 8:20 – 10:29

Deus é bondoso e longânimo, mas chega um momento em que não tolera mais a desobediência e a arrogância dos pecadores que o provocam. “Para com o benigno, benigno te mostras; com o íntegro, também íntegro. Com o puro, puro te mostras; com o perverso, inflexível” (Sl 18:25, 26). Se andarmos contrários a Deus, ele também será contrário a nós (Lv 26:23, 24).

Charles Spurgeon escreveu que: “Deus mostra-se a cada indivíduo de acordo com seu caráter”, e nenhum indivíduo da Bíblia ilustra melhor essa verdade do que o rei do Egito. Moisés e Arão haviam tratado com o Faraó durante meses, mas o rei não estava disposto a obedecer a Deus nem mesmo a reconhecer a autoridade de Deus. As águas do Egito haviam sido transformadas em sangue, rãs pegajosas haviam invadido a terra e enxames de piolhos incômodos haviam exasperado o povo, mas o Faraó havia se recusado a submeter-se.

O que Deus fez? Declarou guerra total contra o governante do Egito e os deuses daquela terra. O Senhor enviou seis pragas dolorosas e destrutivas sobre a terra, depois mais uma praga que causou a morte de todo filho primogênito. Ao estudar a reação do Faraó a essas pragas, vemos a deterioração moral e espiritual de um homem que não quis sujeitar-se a Deus e que pagou um preço terrível por sua rebeldia.

Consideremos as respostas do Faraó ao juízo de Deus, mas, ao mesmo tempo, examinemos nosso próprio coração, a fim de saber se estamos reagindo de forma positiva à vontade de Deus.

1. NEGOCIANDO (ÊX 8:20-32)

Em certas épocas do ano, o Faraó ia até o venerado rio Nilo a fim de participar de rituais religiosos especiais e, certamente, deve tê-lo irritado ver Moisés e Arão esperando por ele naquela determinada ocasião sagrada. Aos olhos do Faraó, aqueles dois homens eram um aborrecimento para sua nação. Na realidade, o próprio Faraó era a causa dos problemas do Egito, mas ele não admitia isso. Deus estava usando de misericórdia ao tratar com o Faraó, desejando conduzi-lo à submissão, pois somente quando obedecemos a Deus é que podemos verdadeiramente desfrutar suas bênçãos. Deus poderia ter eliminado o Faraó e a nação com um só golpe (Êx 9:15), mas escolheu dar-lhes a oportunidade de se arrepender.

O aviso de Deus (vv. 20, 21). Já observamos que, antes de mandar sete das dez pragas, o Senhor advertiu o Faraó do que estava por vir, mas, obviamente, o Faraó recusou-se a crer na Palavra de Deus e persistiu em sua desobediência. O fato de cada praga ter ocorrido exatamente como Deus havia descrito, no tempo anunciado, deveria ter convencido o Faraó e seus oficiais de que o Deus de Israel estava no controle desses acontecimentos extraordinários. Não eram causados pelos magos do Faraó, que não conseguiam evitá-los nem revertê-los, assim como também não eram meras coincidências. A mão do Senhor estava contra a terra do Egito.

A graça de Deus (v. 22). O Senhor acrescentou um novo aspecto a essa praga ao anunciar que os hebreus de Gósen¹ seriam completamente poupados dela. Só o grande Deus de Israel poderia controlar o padrão de vôo de pequenas moscas e impedi-las de entrar na terra de Gósen. No entanto, o cuidado providencial de Deus com Israel ficou evidente nessas sete últimas pragas, pois os judeus escaparam de todas elas (vv. 22, 23; 9:4, 11 [“todos os egípcios”], 26; 10:6 [“todos os egípcios”], 23; 11:7).

Nas Escrituras, a terra do Egito, com frequência, simboliza o sistema do mundo, com seu orgulho e escravidão, enquanto o êxodo de Israel do Egito retrata a libertação do povo de Deus pelo sangue do cordeiro (Jo 1:29;

Gl 1:4; 1 Pe 1:18, 19). Enquanto José estava no Egito, o Faraó havia dado a terra de Gósen aos hebreus e, assim, o Senhor a separou para seu povo. Desse modo, Deus fez uma "divisão" entre o seu povo e os egípcios. A palavra traduzida por "distinção", em Êxodo 8:23, significa "redenção, resgate, livramento". Pelo fato de pertencerem a Deus de um modo especial, os hebreus eram "distintos" dos egípcios, mas o Faraó não reconhecia esse fato.²

A ira de Deus (v. 24). Conforme Deus havia prometido, no dia seguinte, grandes enxames de moscas invadiram a terra, entrando nas casas das pessoas e até no palácio do rei. Mas as moscas eram mais do que um incômodo momentâneo para o povo, pois sua invasão também provocou alguns problemas a longo prazo. Os enxames de insetos sem dúvida carregavam micróbios de doenças que afetaram o povo, e é possível que os insetos tenham depositado seus ovos na vegetação e que as larvas que saíram deles tenham comido as plantas, arrasando a terra. Alguns estudiosos acreditam que a mosca era especialmente sagrada para o deus egípcio Uatchit, de modo que a praga também foi uma forma de Deus desacreditar mais um dos falsos deuses do Egito.

As ofertas do Faraó (vv. 25-32). Durante o tempo das pragas, o Faraó ofereceu quatro acordos a Moisés e Arão. Os dois primeiros encontram-se registrados nestes versículos, durante a praga das moscas (vv. 25, 28). O terceiro foi durante a praga dos gafanhotos (Êx 10:7-11) e o quarto durante os três dias de escuridão (vv. 24-26). O fato de o Faraó chegar a pensar que poderia negociar com Deus é outra prova de seu orgulho. Quem é um homem mortal, mesmo o rei de uma grande nação, para ousar negociar com a vontade de Deus? Essas ofertas todas faziam parte do plano hipócrita do Faraó de enganar Moisés e Arão, pois seu coração ainda estava obstinado e irredutível. Não estava interessado nem na vontade de Deus nem no bem-estar dos judeus; tudo o que queria era fazer cessar as pragas.

O povo de Deus enfrenta "concessões egípcias" semelhantes hoje em dia, quando

buscamos servir ao Senhor. O inimigo nos diz que não precisamos ser separados do pecado, pois podemos servir a Deus "nesta terra". A resposta de Deus encontra-se em 2 Coríntios 6:14-18.

"Não exagere", sussurra o inimigo, "ou as pessoas vão chamá-lo de fanático".

Tiago 1:27 e 4:4 derrubam essa proposta. O verdadeiro serviço significa dar autoridade a Deus sobre nossas posses e todas as pessoas em nossa família pelas quais somos responsáveis. Não fazê-lo é desobedecer àquilo que encontramos em Marcos 10:13-16; Efésios 6:4; e Deuteronômio 6:6-13. Uma vez que começamos a negociar a vontade de Deus e a ver quão perto do mundo podemos chegar, já desobedecemos ao Senhor em nosso coração.

Em sua primeira proposta, o Faraó ofereceu permissão para que os hebreus fizessem sua comemoração religiosa na terra do Egito (Êx 8:25), oferta esta que Moisés e Arão rejeitaram. Sabiam que alguns dos animais que os hebreus sacrificariam eram sagrados aos egípcios,³ e aquilo que começaria como um encontro de adoração solene se transformaria rapidamente num tumulto. Os hebreus eram um povo separado, vivendo em Gósen, a terra que Deus havia destinado a eles, e era preciso que se separassem do Egito com uma jornada de três dias a fim de agradar ao Senhor.

A segunda oferta do Faraó foi para que Israel deixasse a terra, mas que não se afastasse muito (v. 28). O pedido acrescentado pelo Faraó ("Orai também por mim"), no final da proposta, mostra que sua verdadeira preocupação era livrar-se dos enxames de moscas. À primeira vista, temos a impressão de que Moisés e Arão aceitaram essa segunda oferta, uma vez que Moisés prometeu livrar-se das moscas. Talvez acreditassem que, tendo saído da terra, poderiam viajar para algum lugar mais distante, mas certamente os dois sabiam que o Faraó não cumpriria sua promessa. O rei do Egito costumava implorar por ajuda quando precisava (v. 8; 9:28; 10:16, 17) e, depois, mudar de idéia, uma vez que a praga fosse retirada (Êx 8:15, 32; 9:34, 35; 10:20). Deus respondeu

à oração de Moisés e retirou as moscas, mas o Faraó só endureceu o coração ainda mais.

2. RESISTINDO (Êx 9:1-12)

Ao estudar o relato das pragas do Egito, tenha sempre em mente o propósito que Deus estava cumprindo por meio desses acontecimentos significativos. Em primeiro lugar, estava manifestando seu poder ao Faraó e a seus oficiais e provando para eles que somente Jeová é o verdadeiro Deus vivo. Ao mesmo tempo, o Senhor estava expondo a futilidade da religião egípcia e a vaidade dos muitos deuses que adoravam, inclusive do próprio Faraó. Tudo o que Deus fez no Egito teve por finalidade lembrar seu povo de que seu Deus estava lutando por eles e de que não tinham nada com que se preocupar nem o que temer.

A quinta praga (vv. 1-7). Moisés anunciou ao Faraó que, a menos que ele libertasse os israelitas dentro de vinte e quatro horas, todos os animais domésticos nos campos no Egito seriam alvo de uma demonstração do poder de Jeová. Deus enviaria uma terrível peste sobre cavalos, jumentos, camelos, gado, ovelhas e cabras nos campos, e os animais morreriam. A menos que especulemos, não temos como dizer o que era essa peste. Uma coisa é certa: Deus enviou a peste, e os animais nos campos pereceram.⁴ Uma vez que alguns deuses do Egito eram identificados com touros, vacas, carneiros e outros animais domésticos, esse juízo foi outro ataque bem-sucedido contra a religião egípcia.

Contudo, Deus também cumpriu sua promessa e protegeu os animais pertencentes aos hebreus que viviam na terra de Gósen. Quando Jacó e sua família foram para o Egito, no tempo de José, levaram consigo seus rebanhos e gado (Gn 45:10; 47:1; 50:8). Durante seu tempo de escravidão, era permitido aos hebreus ter seus próprios animais domésticos, pois no êxodo levaram consigo seus rebanhos e gado (Êx 12:37, 38).

Qual foi a reação do Faraó a essa terrível praga? Ele endureceu o coração e resistiu à autoridade do Senhor. “Feliz o homem

constante no temor de Deus; mas o que endurece o coração cairá no mal” (Pv 28:14). O oposto de um coração endurecido é um coração temente a Deus, e esse temor reverente é o que nos motiva a obedecer às ordens de Deus. “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10), mas a pessoa de coração endurecido é ignorante de Deus e de sua verdade (Ef 4:18).

A sexta praga (vv. 8-12). Dessa vez, não houve nenhum aviso. Moisés e Arão simplesmente foram até os fornos de cal, encheram as mãos de cinzas, jogaram as cinzas no ar e confiaram que o Senhor faria o resto. Deus cumpriu sua promessa, pois onde as cinzas caíam, nos egípcios e em seu gado, criavam úlceras dolorosas e supuradas. Mais uma vez, os hebreus de Gósen foram poupados (v. 11).⁵

O Faraó convocou os magos da corte, mas eles não conseguiram chegar ao palácio. Também tinham sido acometidos de úlceras e não havia nada que pudessem fazer! Era uma experiência não apenas dolorosa, mas também embaraçosa, uma vez que os egípcios tinham obsessão pela higiene física. Eles se banhavam com frequência, mas as úlceras infeccionadas dificultavam essa prática.

A nação do Egito estava sendo devastada, e o povo estava em grande agonia, mas o Faraó não cedeu. Continuou resistindo ao Senhor e a seus servos, e cada ato de desobediência só serviu para endurecer ainda mais seu coração. “O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz será quebrantado de repente sem que haja cura” (Pv 29:1). Para o Faraó, o pior ainda estava por vir.

3. ENGANANDO (Êx 9:13-35)

Não parecia que Moisés estava alcançando seu propósito, pois cada nova praga só piorava a situação. No entanto, Deus estava no controle e sabia o que estava fazendo. O Senhor tem sempre uma palavra diferente para seus servos; tudo o que precisam fazer é ouvir e obedecer.

O quinto aviso (vv. 13-21). Trata-se de mais longo aviso até aqui, talvez pelo fato de apresentar a praga mais destrutiva enviada

até então. Mais uma vez, Moisés transmitiu ao Faraó a ordem de Deus para permitir que o povo hebreu saísse do Egito, a fim de realizar uma reunião especial com o Senhor. No entanto, dessa vez, o Senhor acrescentou um aviso especial: o Deus dos hebreus estava prestes a enviar “todas as [suas] pragas” com força total (v. 14). O coração do Faraó havia se endurecido ainda mais, de modo que as disciplinas de Deus precisaram tornar-se mais severas.

Moisés lembrou o rei da *misericórdia do Senhor*: “Pois já eu poderia ter estendido a mão para te ferir a ti e o teu povo com pestilência, e terias sido cortado da terra” (v. 15). Com uma simples palavra, Deus poderia ter exterminado todo o Egito, mas, em sua misericórdia, o Senhor não dá aos pecadores tudo o que merecem. O Faraó deveria ter ficado grato, no entanto, continuou resistindo ao Senhor.

Moisés também lembrou o Faraó da *graça soberana de Deus* (v. 16), uma lição que mais de um ditador já teve de aprender do jeito difícil (Dn 4:28-33; At 12:20-24). Se não fosse a vontade soberana de Deus, o Faraó não teria sido o governante do Egito. Cada vez que o Faraó resistia a Deus, o Senhor usava a situação para revelar seu poder e para glorificar seu nome. Se o Faraó se exaltava contra Deus, então Deus se exaltava por meio do Faraó (Êx 9:17). Paulo citou o versículo 16 em Romanos 9:17 como parte de sua explicação sobre a justiça e a misericórdia de Deus para com Israel.⁶

No dia seguinte, Deus enviaria “mui grave chuva de pedras, como nunca houve no Egito” (Êx 9:18), de modo que Moisés avisou o povo para ajuntar num lugar seguro todo o que não havia ficado no campo e havia sobrevivido à quinta praga. Até alguns servos do Faraó começaram a crer na Palavra de Deus e obedeceram, mas o rei continuou a endurecer seu coração.

A sétima praga (vv. 22-26). No dia seguinte, Moisés estendeu sua vara para o céu, e Deus mandou trovões,⁷ chuva (v. 33), granizo e raios que corriam pelo chão. Todas as pessoas e animais que não estavam num lugar coberto morreram, e as plantas e árvores

dos campos foram destruídas. Uma vez que o linho e a cevada estavam prontos para a colheita (v. 31), a praga deve ter vindo em janeiro ou fevereiro. Mais uma vez, Deus protegeu seu povo na terra de Gósen, e os hebreus não foram tocados pela praga.

Outra mentira do rei (vv. 27-35). Vendo a devastação de sua terra, o Faraó mais que depressa mandou chamar Moisés e Arão, algo que já havia feito antes (Êx 8:8) e que faria novamente (Êx 10:16). No entanto, dessa vez o rei orgulhoso reconheceu a justiça de Deus e admitiu que havia pecado! (Ele voltaria a fazer a mesma coisa posteriormente; ver Êx 10:17.) No entanto, sua confissão não foi verdadeira, pois não levou à obediência.⁸ Moisés sabia que o rei não temia verdadeiramente ao Senhor. Tudo o que ele e seus oficiais desejavam era que a terrível chuva de granizo cessasse.

Em sua graça, Deus respondeu à oração de Moisés e fez parar a praga. Em sua falsidade, o Faraó voltou atrás em sua promessa e não deixou Israel ir. Quando ele iria aprender que não se pode lutar contra Deus e vencer?

4. APELANDO (ÊX 10:1-20)

Quando Deus deu a Moisés as instruções para seu próximo encontro com o Faraó, acrescentou outro motivo para a magnífica demonstração de suas maravilhas por meio das pragas: para que os hebreus pudessem falar às gerações futuras sobre o poder extraordinário de seu grandioso Deus.

Esse propósito também fazia parte da festa de Páscoa (Êx 12:26, 27; 13:8, 14, 15). Quer na família, quer na igreja local, é bom que cada geração saiba e valorize a forma como Deus operou em favor de gerações passadas. Lembrar-se dos feitos maravilhosos de Deus e dar graças ao Senhor por eles é um dos temas fundamentais do Livro de Deuteronômio, incluindo o que Deus fez ao Faraó (Dt 4:34; 7:18, 19; 26:5-8; 29:1-3).

Interrogatório (vv. 3-11). Esse confronto com o Faraó pode ser resumido em três perguntas. Primeiro, Moisés e Arão perguntaram ao Faraó por quanto tempo ele persistiria em seu orgulho e recusa em humilhar-se diante de Deus. Era preciso um bocado de

coragem para dizer a qualquer governante da Antiguidade que ele era orgulhoso, mas especialmente ao rei do Egito, venerado como um deus. No entanto, Moisés e Arão sabiam que o Senhor iria protegê-los e cumprir sua palavra. Avisaram o Faraó de que, se ele não obedecesse, grandes nuvens de gafanhotos viriam sobre a terra e destruiriam tudo o que havia sobrado da chuva de granizo. Moisés e Arão não esperaram por uma resposta e nem por outra falsa promessa; transmitiram sua mensagem e saíram do palácio.

A segunda pergunta veio dos oficiais do Faraó: “Até quando nos será por cilada este homem?” (v. 7). Com isso, insinuaram que o Faraó tinha errado em não deixar ir o povo de Israel e ousaram até lembrá-lo de que sua política de oposição aos hebreus havia arruinado o Egito. Sem dúvida os oficiais demonstraram grande coragem ao falar com o Faraó dessa maneira, mas a nação encontrava-se numa situação desesperadora, e alguém precisava fazer alguma coisa. Que mal poderia haver em o povo hebreu deixar seu trabalho por algum tempo e fazer sua viagem?

O Faraó convocou Moisés e Arão de volta ao palácio e fez a terceira pergunta: “Quais são os que hão de ir?” (v. 8). Moisés deixou claro que Deus queria que todos fizessem essa viagem de três dias. Isso incluía todos os homens, mulheres e crianças, os jovens e os velhos e também os rebanhos e o gado necessários para oferecer sacrifícios ao Senhor. O Faraó ofereceu permissão para que só os homens fizessem a viagem, sabendo que poderia manter suas famílias como reféns e garantir sua volta ao Egito, mas isso seria uma transigência, portanto Moisés e Arão recusaram.

Em sua reação irada (vv. 10, 11), o Faraó blasfemou o nome de Deus. Disse literalmente: “Seja o Senhor convosco, caso eu vos deixe ir e as crianças”, uma declaração que pode ser parafraseada como: “Em nome de Deus não permitirei que levem os pequeninos”. O Faraó interpretou seu pedido como um plano perverso para garantir a liberdade do povo da escravidão egípcia. Se todos os homens judeus deixassem para trás suas famílias e rebanhos, seriam obrigados a voltar!

Esse foi o fim da audiência, e o Faraó ordenou que seus oficiais colocassem Moisés e Arão para fora do palácio. De sua parte, o Faraó não tinha mais nada a tratar com Moisés e Arão e nunca mais daria ouvidos às mensagens do Senhor que transmitiam. No entanto, Deus tinha outros planos, e não tardaria para que o Faraó voltasse a suplicar por livramento e alívio.

Invasão (vv. 12-15). Deus havia visto e ouvido toda a audiência e estava preparado para responder à blasfêmia e desobediência do Faraó. Quando Moisés levantou sua vara ao céu, o Senhor enviou um vento do leste que soprou durante o restante daquele dia e durante toda a noite. Trouxe consigo nuvens enormes de gafanhotos sobre a terra, e eles começaram a devorar toda a vegetação que havia sobrevivido à praga anterior (Êx 9:32). Uma vez que as criaturas atacaram “todos os egípcios” (Êx 10:6), a inferência indica que Israel escapou dessa praga devastadora.

Se o vocabulário serve como indicador de relevância, então o gafanhoto era uma criatura extremamente importante para o mundo do Antigo Testamento, pois há pelo menos onze palavras hebraicas diferentes nas Escrituras que fazem referência a ele. O povo de Deus tinha permissão de comer certos tipos de gafanhoto (Lv 11:20-23; Dt 14:19, 20; ver Mt 3:1-4), mas, em sua maioria, odiavam essas criaturas por causa de sua capacidade de destruir toda a vegetação de determinada área a uma velocidade assustadora. Os israelitas usavam a nuvem de gafanhotos para descrever qualquer coisa que invadia e devastava rapidamente sua terra (Jz 6:5; 7:12; Is 33:4; Jr 46:23; 51:14, 27), e o profeta Joel comparou os gafanhotos com um exército invasor (Jl 1 - 2; ver Am 7:1-3).

Intercessão (vv. 16-19). Se os oficiais do Faraó achavam que o Egito já estava arruinado (v. 7), então o que pensaram quando vieram os gafanhotos? Em pouco tempo, não havia absolutamente qualquer vegetação na terra, e as criaturas começaram a invadir as casas bem como os campos (v. 6). Foi a calamidade natural mais devastadora a atingir o Egito em toda a história dessa nação. Ao destruir a vegetação, Deus não apenas deixou a

terra falida, como também triunfou sobre Osíris, o deus egípcio da fertilidade e das colheitas. Além disso, provou ter controle sobre o vento.

Mais uma vez, o Faraó buscou alívio sem arrependimento e, em sua misericórdia, Deus atendeu seu pedido. Deus provou sua grandeza ao inverter o sentido do vento e ao levar os gafanhotos para o mar Vermelho. Em pouco tempo, lançaria o exército do Faraó dentro desse mesmo mar, e os israelitas estariam livres para marchar rumo à terra prometida.

5. AMEAÇANDO (ÊX 10:21-29)

Não sabemos quanto tempo depois de os gafanhotos terem deixado o Egito Deus mandou a nona praga. No entanto, as trevas sobre a terra durante três dias provaram que Jeová era maior do que Rá (ou Ré) e do que Hórus, ambos adorados pelos egípcios como deuses do Sol. A escuridão não foi o resultado natural de uma tempestade de areia, mas sim um milagre da mão do Deus dos hebreus. Havia luz para os israelitas na terra de Gósen, assim como também haveria quando marchassem para fora do Egito (Êx 14:19, 20). O povo do mundo (Egito) anda em trevas, mas o povo de Deus anda na luz (Jo 3:19-21; 1 Jo 1:5-10).

Sempre pronto a pedir ajuda quando se via em dificuldades, o Faraó convocou Moisés e Arão e fez mais uma oferta. Os hebreus poderiam fazer sua viagem para adorar a Deus, mas não poderiam levar consigo seus rebanhos. O plano do Faraó era confiscar todos esses animais dos israelitas para repor o que havia perdido com as pragas e, depois, enviar seu exército para trazer os hebreus de volta à escravidão. Moisés e Arão rejeitaram a oferta, não apenas porque viram que se tratava de um plano astuto, mas também porque sabiam que deviam obedecer inteiramente à vontade de Deus.

O Faraó era um homem orgulhoso, e as pessoas orgulhosas não gostam que outros que consideram inferiores levem vantagem sobre elas. Moisés e Arão haviam recusado suas quatro ofertas e insistido em que deixasse os israelitas irem embora. Esses dois

hebreus humildes haviam se mostrado mais poderosos do que o exaltado Faraó do Egito, um filho dos deuses. Por seu poderoso juízo, o Deus dos hebreus havia subjugoado a grande nação do Egito, e tanto os líderes quanto o povo da terra tinham Moisés em alta consideração (Êx 11:3).

O Faraó era um homem derrotado, mas não admitiu seu fracasso. Antes, usou sua autoridade para tentar intimidar Moisés. Advertiu-o de que seria morto se voltasse ao palácio para ver o Faraó. Não haveria mais audiências oficiais diante do rei do Egito.

Porém, antes de deixar a sala do trono, Moisés transmitiu o aviso final de Deus sobre a última praga, a morte dos primogênitos (Êx 11:4). A divisão de capítulos nessa passagem não é muito feliz, pois é bem provável que Moisés tenha feito seu último discurso entre Êxodo 10:28 e 29 e, depois, tenha saído da sala do trono ardendo em ira.⁹ O Faraó havia ameaçado Moisés de morte, mas Deus mataria todos os primogênitos da terra do Egito e, mais tarde, afogaria os melhores soldados do Faraó no mar. Apesar das palavras do Faraó sobre nunca mais ver Moisés, na noite de Páscoa, o Faraó mandaria chamá-lo mais um vez para suplicar por sua ajuda (Êx 12:31).

O endurecimento do coração do Faraó serve de aviso a todos nós. O coração humano pecaminoso não pode ser transformado pela graça de Deus, se não responder, pela fé, à Palavra de Deus (Ez 36:26, 27; Hb 8:7-13). Antes, ficará cada vez mais duro à medida que continuar resistindo à verdade de Deus. Por mais que Deus mande aflições, apenas provocarão mais desobediência. Nos últimos dias, quando o Senhor enviar seu julgamento terrível sobre o mundo (Ap 6-16),¹⁰ as pessoas amaldiçoarão a Deus e continuarão a viver em pecado, mas não se arrependerão (Ap 6:15-17; 9:20, 21; 16:9, 11). Haverá no mundo todo homens e mulheres como o Faraó que contemplarão o juízo de Deus e, ainda assim, não se arrependerão.

“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (Hb 3:7, 8).

“Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).

1. O Faraó havia dado a terra de Gósen à família de José em sinal de apreciação por tudo o que José havia feito pela terra do Egito (ver Gn 45:10 e 50:8).
2. Ver Êxodo 19:5, 6 e Deuteronômio 32:8, 9; 33:16. Balaão reconheceu o caráter distinto de Israel como nação quando se referiu aos israelitas como “povo que habita só e não será reputado entre as nações” (Nm 23:9). Em Romanos 9:1-5, Paulo apresenta uma relação de bênçãos especiais que Deus deu ao povo de Israel. O fato de os judeus serem o povo escolhido de Deus não significa que sejam melhores do que qualquer outro povo (Dt 7:6-11), mas sim que pertencem a Deus de maneira especial, têm tarefas especiais a cumprir neste mundo e terão de prestar contas de maneira especial em função de seus privilégios (Am 3:2).
3. A deusa Hathor era retratada com a cabeça de uma vaca; o deus Ápis, com a cabeça de um boi. A vaca era sagrada para Ísis, e o carneiro para Amon. Se os egípcios vissem os israelitas sacrificando esses animais a Jeová, protestariam com violência e, provavelmente, atacariam os hebreus que, afinal de contas, não passavam de escravos naquela terra.
4. Visto que ainda havia animais domésticos no Egito afetados pelas duas pragas seguintes (Êx 9:9, 19-21), a palavra “todo” no versículo 6 deve ser interpretada em sentido relativo. Observe, também, que os rebanhos mortos pela quinta praga estavam nos campos e não nos abrigos (vv. 19-21).
5. Deus advertiu Israel que, se lhe desobedecessem depois de terem entrado na terra prometida, ele mandaria as mesmas úlceras dolorosas com as quais havia afligido os egípcios (Dt 28:27, 35).
6. O fato de Deus ter permitido que o Faraó fosse o governante do Egito, de ter sido longânimo para com ele e de ter poupado sua vida não dá a entender que Deus foi culpado pelas decisões do Faraó. Mesmo quando Deus não tem permissão de governar, ele prevalece e sempre cumpre seus propósitos. No entanto, ele não tira das pessoas o privilégio de escolher livremente nem nega a responsabilidade humana. Os hebreus não podiam culpar a Deus por aquilo que o Faraó fez, nem o Faraó poderia isentar-se de sua responsabilidade.
7. Para os judeus, o trovão era a voz de Deus (Sl 29; Jo 12:29) e, com frequência, acompanhava grandes feitos de Deus (Êx 19:19; 20:18; 1 Sm 7:10; 12:17).
8. O Faraó é uma dos seis indivíduos, nas Escrituras, que disseram “pequei”, mas que não deram nenhuma prova de verdadeiro arrependimento; foram eles: Balaão (Nm 22:34), Acã (Js 7:20), o rei Saul (1 Sm 15:24, 30; 26:21), Simei (2 Sm 19:20) e Judas (Mt 27:4). Os que disseram a mesma coisa, porém mostraram arrependimento pela obediência, foram Davi (2 Sm 12:13; 24:10, 17; 1 Cr 21:8, 17; Sl 51:4) e o filho pródigo (Lc 15:18, 21).
9. É a esse episódio que se refere Hebreus 11:27. Moisés não teve medo da fúria do Faraó ao organizar o povo de Israel e conduzi-lo para fora do Egito, pois sabia que Deus iria derrotar o Faraó e seu exército.
10. Os paralelos entre as pragas do Egito e os juízos no Livro de Apocalipse são dignos de nota: água transformada em sangue (8:8; 16:4-6), rãs (16:13), chagas (16:2), chuva de pedras e fogo (8:7), gafanhotos (9:1) e terrível escuridão (16:10).

MAIS UMA PRAGA

ÊXODO 11:1 – 13:16

Essa seção do livro de Êxodo concentra-se num assunto pouco agradável: a morte. O Rei Jeová (Sl 95:3) estava prestes a confrontar o rei Faraó com outro rei: a morte, o “rei dos terrores” (Jó 18:14). A morte, última inimiga do homem (1 Co 15:26), visitaria o Egito com uma praga final e desferiria um derradeiro golpe sobre o orgulhoso governante daquela terra. Numa noite dolorosa, todos os filhos primogênitos e todos os animais primogênitos no Egito morreriam e haveria grande clamor por toda a terra (Êx 11:6; 12:30). Só então o Faraó deixaria o povo de Deus ir.

No entanto, a morte não visitaria os hebreus e seus animais, pois pertenciam ao Senhor e eram seu povo especial. Na terra de Gósen, só morreriam os cordeirinhos inocentes, um para cada lar hebreu. Essa noite marcaria a instituição da Páscoa, a primeira festa nacional de Israel. Neste capítulo, vamos examinar cinco aspectos distintos da Páscoa.

1. A PÁSCOA E OS EGÍPCIOS (ÊX 11:1-10)

O povo do Egito havia sido transtornado pelas seis primeiras pragas; sua terra e seus bens haviam sido devastados pelas duas pragas seguintes. A nona praga – três dias de escuridão – havia preparado o caminho para a mais terrível de todas as pragas, quando mensageiros da morte visitariam a terra. “Lançou contra eles o furor da sua ira: cólera, indignação e calamidade, legião de anjos portadores de males” (Sl 78:49).

Moisés ouviu a Palavra de Deus (vv. 1-3).

Esses versículos descrevem o que aconteceu antes de Moisés ser convocado para ir

ao palácio e ouvir a última oferta do Faraó (Êx 10:24-29). O discurso de Moisés (Êx 11:4-8) foi apresentado entre os versículos 26 e 27 do capítulo 10 e terminou com Moisés deixando a sala do trono ardendo em ira (Êx 10:29; 11:8).

Deus disse a Moisés que enviaria mais uma praga ao Egito, uma praga tão terrível que o Faraó não apenas deixaria como também ordenaria que os israelitas partissem. O Faraó os expulsaria da terra e, assim, cumpriria a promessa que Deus havia feito mesmo antes de começarem as pragas (Êx 6:1; ver 12:31, 32, 39).

Moisés disse ao povo que havia chegado a hora de receberem seus pagamentos atrasados por todo o trabalho que eles e seus ancestrais haviam feito como escravos no Egito. A palavra hebraica para essa coleta é traduzida pelo verbo “pedir” (“peça”; v. 2). Os hebreus não tinham a intenção de devolver o que os egípcios lhes dessem, pois aquela riqueza era pagamento por uma dívida pendente do Egito para com Israel. Deus havia prometido a Abraão que seus descendentes deixariam o Egito com “grandes riquezas” (Gn 15:14) e repetiu essa promessa a Moisés (Êx 3:21, 22). Deus havia tornado seu servo, Moisés, extremamente respeitado no meio dos egípcios e também faria com que os hebreus alcançassem o favor dos egípcios, de modo que estes dariam livremente sua riqueza ao povo de Israel (Êx 12:36, 37).

Moisés advertiu o Faraó (vv. 4-10). Essa foi a última vez que Moisés dirigiu-se ao Faraó, que rejeitou suas palavras como havia feito com todas as outras advertências. O Faraó não tinha qualquer temor de Deus em seu coração e, portanto, não levou a sério o que Moisés lhe disse. No entanto, ao rejeitar a Palavra de Deus, o Faraó causou a morte dos mais excelentes jovens de sua terra e trouxe profunda tristeza sobre si e sobre seu povo.

Há duas perguntas que devem ser tratadas neste ponto: (1) Por que Deus matou apenas os primogênitos? (2) Foi justo Deus fazer isso, uma vez que o Faraó era o único culpado? Ao responder à primeira pergunta,

também contribuimos para a resposta da segunda.

Na maioria das culturas, os filhos primogênitos eram considerados especiais e, no Egito, eram tidos como sagrados. Devemos nos lembrar de que Deus chama Israel de seu filho primogênito (Êx 4:22; Jr 31:9; Os 11:1). Logo no início do conflito, Moisés advertiu o Faraó de que a maneira como ele tratasse o primogênito de Deus determinaria como Deus trataria os primogênitos do Egito (Êx 4:22, 23). O Faraó havia tentado matar todos os bebês hebreus do sexo masculino e seus oficiais haviam maltratado os escravos hebreus com brutalidade, de modo que, ao matar os primogênitos, o Senhor estava simplesmente pagando ao Faraó com sua própria moeda.

A compensação é uma lei fundamental da vida (Mt 7:1, 2), e Deus não é injusto quando permite que essa lei funcione no mundo. O Faraó afogou os bebês hebreus, de modo que Deus afogou o exército do Faraó (Êx 14:26-31; 15:4, 5). Jacó mentiu para o pai, Isaque (Gn 27:15-17), e, anos depois, os filhos de Jacó mentiram para ele (Gn 37:31-35). Davi cometeu adultério e mandou matar o marido de Bate-Seba (2 Sm 11); a filha de Davi foi estuprada e dois de seus filhos morreram assassinados (2 Sm 13; 18). Hamã construiu uma forca para matar Mordecai, mas o próprio Hamã acabou enforcado nela (Et 7:7-10). "Não vos enganéis, de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6:7).

Quanto à justiça da décima praga, quem pode julgar os atos do Senhor, quando a "justiça e direito são o fundamento do seu trono" (Sl 89:14)? Por outro lado, por que a resistência de um homem a Deus deveria levar à morte de tantos jovens inocentes? No entanto, acontecimentos semelhantes ocorrem em nosso mundo hoje em dia. Quantos homens e mulheres que morreram como soldados em combate tiveram a oportunidade de votar a favor ou contra uma declaração de guerra? E quanto à "inocência" desses primogênitos, só Deus conhece o coração humano e pode dispensar sua justiça com perfeição. "Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18:25).

Ao ler o Livro de Gênesis, descobre-se que, com freqüência, Deus rejeitou o primogênito e escolheu o filho seguinte para dar continuidade à linhagem da família e receber a bênção especial do Senhor. Deus escolheu Abel, depois Sete, mas não Caim; escolheu Sem e não Jafé; Isaque e não Ismael; Jacó e não Esaú.

Essas escolhas não apenas exaltam a graça soberana de Deus, como também servem de símbolo para dizer que nosso primeiro nascimento não é aceito por Deus. Devemos passar por um segundo nascimento – o nascimento espiritual – a fim de que Deus possa nos aceitar (Jo 1:12, 13; 3:1-18). O filho primogênito representa o que há de melhor na humanidade, mas não é bom o suficiente para um Deus santo. Por causa de nosso primeiro nascimento, herdamos a natureza pecaminosa de Adão e estamos perdidos (Sl 51:5, 6). Contudo, quando nascemos de novo, por meio da fé em Cristo, recebemos a natureza divina do Senhor e somos aceitos em Cristo (2 Pe 1:1-4; Gl 4:6; Rm 8:9).

O Faraó e o povo egípcio pecaram contra a manifestação clara do Senhor e insultaram a misericórdia de Deus. O Senhor havia suportado com longanimidade a rebeldia e arrogância do rei do Egito bem como seu tratamento cruel para com o povo de Israel. Deus havia avisado o Faraó várias vezes, mas ele se recusou a submeter-se. Jeová havia humilhado publicamente os deuses e deusas e provado ser o único e verdadeiro Deus vivo, e, ainda assim, a nação não creu.

"Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal" (Ec 8:11). A misericórdia de Deus deveria ter conduzido o Faraó à sujeição; mas, em vez disso, ele endureceu o coração repetidamente. Os oficiais do Faraó humilharam-se diante de Moisés (Êx 3:8), então por que o Faraó não pôde seguir o exemplo deles? "A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito, a queda" (Pv 16:18).

2. A PÁSCOA E OS ISRAELITAS (ÊX 12:1-28, 43-51)

A Páscoa marcou um recomeço para os hebreus e uniu-os como uma nação.¹ Quando

o Senhor nos liberta da escravidão, é o começo de um novo dia e de uma nova vida. Sempre que vemos as palavras “redimir” ou “redenção” no Novo Testamento, elas se referem à libertação da escravidão. (Calcula-se que havia cerca de sessenta milhões de escravos no império romano.) Para os crentes de Israel, esses termos eram associados imediatamente à Páscoa e à libertação dos israelitas do Egito por meio do sangue do cordeiro.

No Antigo Testamento, a nação de Israel possuía dois calendários, um civil, que começava na época que equivale a setembro-outubro, para nós, e outro religioso, que começava em março-abril. O ano novo no calendário civil (*Rosh Hashana*, “começo do ano”) caía no sétimo mês do calendário religioso e dava início às comemorações especiais do mês de tisri: a Festa das Trombetas, o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos. No entanto, a Páscoa marcava o início do ano religioso, e, na Páscoa, a atenção voltava-se para o cordeiro.

A pergunta de Isaque: “Onde está o cordeiro?” (Gn 22:7) introduziu um dos principais temas do Antigo Testamento, enquanto o povo de Deus esperava o Messias. A pergunta foi respondida, finalmente, por João Batista, quando ele apontou para Jesus e disse: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). O fato de o cordeiro pascal ser uma imagem de Jesus Cristo é afirmado no Novo Testamento pelo evangelista Filipe (At 8:32-35; Is 53:7-8), bem como pelo apóstolo Paulo (1 Co 5:7), por Pedro (1 Pe 1:18-20) e por João (Ap 5:5, 6; 13:8).²

O cordeiro foi escolhido e examinado (vv. 1-6a) no décimo dia do mês e observado com cuidado durante quatro dias para garantir que estava dentro das especificações divinas. Não há dúvidas de que Jesus preenchia todos os requisitos para ser o Cordeiro, pois Deus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:17). Nos dias que antecederam a Páscoa, os inimigos do Senhor interrogaram-no repetidamente, e ele passou em todos os testes. Jesus não conheceu pecado algum (2 Co 5:21), não pecou

(1 Pe 2:22) e nele não há pecado (1 Jo 3:5). Ele é o Cordeiro perfeito de Deus.

Na noite do décimo quarto dia do mês,³ o cordeiro foi morto (Êx 12:6b, 7, 12, 13, 21-24), e seu sangue foi colocado na verga e nas ombreiras da porta nas casas em que viviam famílias israelitas. Não foi a vida do cordeiro que salvou o povo, mas sim a morte do cordeiro. “Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados” (Hb 9:22; Lv 17:11). Algumas pessoas dizem que admiram a vida e os ensinamentos de Jesus, mas não aceitam sua morte na cruz. Contudo, foi sua morte na cruz que pagou o preço pela nossa redenção (Mt 20:28; 26:28; Jo 3:14-17; 10:11; Ef 1:7; 1 Tm 2:5, 6; Hb 9:28; Ap 5:9). Jesus foi nosso substituto; ele morreu em nosso lugar e sofreu o julgamento por nosso pecado (Is 53:4-6; 1 Pe 2:24).

No entanto, a fim de ser eficaz, era preciso que o sangue fosse colocado nos umbrais das portas, pois Deus prometeu: “Quando eu vir o sangue, passarei por vós” (Êx 12:13). Não basta apenas saber que Cristo foi sacrificado pelos pecados do mundo (Jo 3:16; 1 Jo 2:2). Devemos nos apropriar desse sacrifício e poder dizer como Paulo: “O Filho de Deus [...] me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2:20) e como Maria: “O meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador” (Lc 1:47). O ato de nos apropriarmos da expiação deve ser pessoal: “Senhor meu e Deus meu” (Jo 20:28).

Os hebreus mergulharam ramos de uma planta maleável, chamada hissopo, na bacia com o sangue e aplicaram-no às vergas e ombreiras das portas (Êx 12:22). Posteriormente, o hissopo foi usado para aspergir o sangue que confirmou a aliança (Êx 24:1-8) e para purificar leprosos curados (Lv 14:4, 6, 49, 51, 52). Nossa fé pode ser frágil como o hissopo, contudo, não é a crença em nossa fé que nos salva, mas sim a fé no sangue do Salvador.

O cordeiro foi assado e comido (vv. 8-11, 46), e essa refeição foi feita às pressas, sendo que cada membro da família estava pronto para sair quando fosse dado o sinal. A refeição consistiu de cordeiro assado,

pães asmos e ervas amargas, e cada um simboliza uma verdade espiritual importante.

A fim de ser mantido inteiro, o cordeiro foi assado no fogo e não cozido em água. É pouco provável que os hebreus tivessem panelas grandes o suficiente para cozinhar um cordeiro inteiro, mas, mesmo que tivessem, era proibido fazê-lo. Os ossos teriam de ser quebrados e, durante o cozimento, a carne se separaria deles. Os ossos não deveriam ser quebrados e nem pedaços de carne deveriam ser carregados para fora da casa (v. 46; Jo 19:31-37; Sl 34:20). Era importante que o cordeiro fosse mantido inteiro.

Confiamos em Cristo para nos salvar de nossos pecados por meio de seu sacrifício, mas também devemos fazer de Cristo nosso alimento, a fim de que tenhamos forças para nossa jornada como peregrinos. Ao adorarmos, meditarmos na Palavra, orarmos e crermos, apropriamo-nos do alimento espiritual de Jesus Cristo e crescemos em graça e em conhecimento.⁴

Junto com o cordeiro, os *hebreus comeram ervas amargas e pães asmos* (Êx 12:14-20, 39; 13:3-7). Ao provar as ervas amargas, os hebreus deviam se lembrar de seus anos de escravidão amarga no Egito. No entanto, quando as circunstâncias tornaram-se difíceis ao longo da jornada no deserto, em várias ocasiões o povo se lembrou dos “bons e velhos tempos” e quis voltar para o Egito (Êx 16:3; 17:1-3; Nm 11:1-9; 14:1-5). Esqueceram-se da amargura da sua servidão naquela terrível fornalha de fogo.

O pão era asmo (sem fermento) por dois motivos: não havia tempo para deixar o pão crescer (Êx 12:39) e, para os judeus, o fermento era um símbolo de impureza. Durante uma semana depois da Páscoa, deviam comer pães asmos e remover qualquer resquício de fermento da casa.

O fermento é um símbolo do pecado: fica escondido, trabalha silenciosa e secretamente; espalha-se, polui e faz com que a massa cresça (“se ensoberbeça”; 1 Co 4:18 - 5:2). Tanto Jesus quanto Paulo compararam os falsos ensinamentos ao fermento (Mt 16:6-12; Mc 8:15; Gl 5:1-9), mas ele também

é comparado à hipocrisia (Lc 12:1) e à vida de pecado. Paulo admoesta as igrejas locais a se purificarem do pecado em seu meio e a se apresentarem diante do Senhor como um pão sem fermento (1 Co 5:6-8).

Qualquer carne que, porventura, sobrasse da festa devia ser queimada. O cordeiro era tão especial que não podia ser tratado como uma comida comum. Semelhantemente, o maná era especial e não podia ser guardado para mais de um dia, exceto no dia anterior ao sábado (Êx 16:14-22).

Comeram reunidos em família e em congregação (vv. 25-28; 13:8-10). A refeição foi preparada para a família (ver Êx 12:3, 4) e devia ser comida pelos membros da família. Deus se preocupa com a família como um todo e não apenas com os pais. Se as queridas crianças israelitas não fossem protegidas pelo sangue e fortalecidas pelo alimento, não poderiam ser libertas do Egito, o que representaria o fim de Israel como nação.⁵

Apesar de haver muitos lares judeus em Gósen, Deus via todos eles como uma congregação (vv. 3, 6). Hoje em dia, quando as congregações cristãs se reúnem para celebrar a Ceia do Senhor, Deus vê cada um desses grupos como uma parte do corpo que é um só, a Igreja. Foi por isso que Paulo escreveu sobre “todo o edifício [...] toda família [...] todo o corpo” (Ef 2:21; 3:15; 4:16). Israel era uma só nação por causa do sangue do cordeiro, e a Igreja é uma só comunidade por causa do sangue de Jesus Cristo.

O jantar de Páscoa não era apenas uma ordem a ser obedecida (Êx 12:14, 17, 24, 43), mas também um “memorial” a ser celebrado para manter viva em Israel a história do êxodo (v. 14; 13:8-10). Depois que Israel tivesse entrado em Canaã e conquistado a terra prometida, seria fácil para o povo acomodar-se e esquecer os grandes feitos de Deus em favor deles. A comemoração anual da Páscoa daria aos pais israelitas a oportunidade de ensinar a seus filhos sobre o significado de sua liberdade e sobre o que Deus havia feito por eles. Os adultos deviam ser “elos viventes” com o passado de Israel, de modo que cada nova geração compreendesse o que significava ser membro daquela

nação escolhida por Deus (ver Dt 6:1-15; 11:18-21; Sl 34:11; 78:1-7; 145:4).

Posteriormente, os judeus ortodoxos passaram a observar Êxodo 13:8, 9 e 16 ao pé da letra, juntamente com Deuteronômio 6:8, 9 e 11:18. Moisés disse que a Páscoa devia ser “como sinal” (ver Êx 13:9), ou seja, como lembrança para eles daquilo que o Senhor havia feito. Em vez disso, os ortodoxos interpretaram que essas palavras queriam dizer que deviam usar as Escrituras no próprio corpo. Assim, escreviam passagens das Escrituras em pergaminho e colocavam-nas dentro de pequenas caixas, que usavam amarradas ao braço esquerdo e à testa. No Novo Testamento, esses artefatos são chamados de “filactérios” (ver Mt 23:5).⁶

A participação na festa era *proibida àqueles que não faziam parte da aliança* (Êx 12:43-51). Não apenas um “misto de gente” juntou-se a Israel quando saíram do Egito (Êx 12:38), como também o hebreus encontrariam muitas nações diferentes em sua marcha e quando chegassem a Canaã.

Israel poderia ser tentado a deixar que seus vizinhos gentios também participassem da celebração da Páscoa, seu “dia nacional de independência”, mas o Senhor proibiu essa prática. Mais tarde, Deus proibiria os israelitas de participar das cerimônias religiosas de seus vizinhos pagãos, pois Israel devia ser um povo separado (Dt 7:1-11).⁷ Quem eram os “estrangeiros” que Deus disse que os israelitas não poderiam convidar para a festa de Páscoa? Tratava-se de não-israelitas que não haviam sido circuncidados e, portanto, que não eram filhos da aliança. Talvez fossem escravos no acampamento de Israel ou simplesmente forasteiros (residentes estrangeiros) vivendo no meio dos israelitas. Qualquer estrangeiro ou servo podia submeter-se à circuncisão, tornar-se parte do povo de Israel e compartilhar as bênçãos da aliança, mas também precisava aceitar as responsabilidades.

3. A PÁSCOA E O SENHOR (Êx 12:29-42, 51)

Normalmente, chamamos esse acontecimento de “páscoa dos judeus”, mas a Bíblia a chama de “Páscoa do (ao) SENHOR” (Êx 12:11,

27; Lv 23:5; Nm 28:16). A observação dessa data era mais do que a comemoração do “Dia da Independência”, pois a festa era celebrada em nome “do Senhor” (Êx 12:48; Nm 9:10, 14). “É o sacrifício da Páscoa ao Senhor” (Êx 12:27). O enfoque todo é sobre o Senhor, pois o que aconteceu de especial naquela noite foi por causa dele. Em Êxodo 12, “o Senhor” é mencionado pelo menos dezenove vezes, pois era ele quem estava no controle de tudo.

Deus revelou seu poder (vv. 29, 30). Depois que os hebreus realizaram sua festa de Páscoa “de noite”, esperaram pelo sinal de Deus para partir. À meia noite, o Senhor feriu os primogênitos, a morte visitou todos os lares egípcios e fez-se um grande clamor por todo o Egito (Êx 11:6; 12:30). A morte não respeita ninguém e, naquela noite, afligiu tanto a família do mais desprezível prisioneiro egípcio como a do próprio Faraó. No entanto, não ocorreu uma única morte entre os hebreus na terra de Gósen. A lição apresentada aqui é óbvia: a menos que esteja protegido pelo sangue de Cristo, quando a morte vier, você se verá completamente despreparado, e *ninguém sabe quando a morte virá*.

Deus cumpriu suas promessas (vv. 31-36). Deus disse a Moisés o que aconteceria, e Moisés anunciou esses fatos ao Faraó (Êx 11:1-8), porém o Faraó não acreditou. No entanto, a Palavra de Deus não falhou. Conforme ele havia dito a Moisés, os primogênitos do Egito morreram, houve um grande clamor naquela terra, o Faraó mandou os hebreus partirem e o povo egípcio deu-lhes livremente de sua riqueza. Naquela noite, cumpriram-se promessas que haviam sido feitas a Abraão séculos antes (Gn 15:13, 14). “Nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas, feitas por intermédio de Moisés, seu servo” (1 Rs 8:56).

Deus livrou seu povo (vv. 37-42, 51). Os israelitas marcharam destemidamente para fora do Egito, às vistas dos egípcios que estavam ocupados enterrando seus mortos (Nm 33:3, 4). Se havia cerca de seiscentos mil homens hebreus no êxodo, então o número total do povo era de, aproximadamente,

dois milhões de pessoas. Como um exército com suas divisões (Êx 12:17, 51), marcharam rapidamente e de modo ordenado, levando consigo seus rebanhos. Nenhum hebreu era fraco demais para marchar, e os egípcios ficaram felizes ao vê-los saindo de suas terras (Sl 105:37, 38).

Há duas palavras diferentes usadas para descrever os que deixaram o Egito com os judeus. Em Êxodo 12:38, a palavra usada é simplesmente “misto de gente”, enquanto Números 11:4 fala de um “populacho”. Isso sugere que o “misto de gente” era a origem da maior parte das reclamações no acampamento que causaram tantos problemas para Moisés. É possível que parte dessa multidão fosse de egípcios que haviam se casado com hebreus, apesar das ordens contrárias de Deus. Outros, provavelmente, eram egípcios assustados e impressionados com o poder de Jeová (Êx 9:20) e que desejavam beneficiar-se da convivência com o povo de Deus. Talvez acreditassem que sua terra seria assolada por mais julgamentos e queriam escapar deles.

Seja quem fosse, esse “misto de gente” representa aqueles que fazem parte deste mundo, mas que externamente identificam-se com o povo de Deus, mesmo que em seu interior não sejam, de fato, filhos de Deus. Podem ser membros da igreja e, até mesmo, líderes religiosos, mas suas atitudes e desejos são radicalmente distintos dos anseios daqueles que pertencem em verdade ao Senhor. “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21). Grandes multidões seguiram Jesus durante seu ministério aqui na terra, mas ele não se impressionou com todo esse povo. (Ver Mt 13:1-9, 18-23; Lc 14:25-35 e Jo 6:60-71.)

As promessas de Deus nunca falham, e seu tempo nunca é errado (Êx 12:40-41). O êxodo ocorreu quatrocentos e oitenta anos antes do quarto ano de reinado de Salomão (1 Rs 6:1), que se deu em 966 a.C. Isso significa que o ano do êxodo foi 1446 a.C. e que os descendentes de Jacó haviam habitado no Egito desde 1876 a.C. Tanto Gênesis 15:13

quanto Atos 7:6 falam de “quatrocentos anos”, um número arredondado, mas Gálatas 3:17 diz “quatrocentos e trinta anos”. A maioria dos estudiosos bíblicos mais conservadores aceita 1446 a.C. como o ano do êxodo.

O êxodo de Israel do Egito é mencionado em várias partes das Escrituras como a maior demonstração do poder de Jeová na história de Israel. Os profetas apontam para o êxodo como prova do amor de Deus por Israel (Jr 2:1-8; Os 11:1). Também se referem ao êxodo quando falam da libertação dos judeus do cativeiro na Babilônia (Jr 16:14; 23:7, 8). Isaías promete um futuro reagrupamento de Israel em sua terra e compara isso ao êxodo (Is 11:15; 43:14-21; 51:9-11). Isaías menciona, com freqüência, um “caminho” ou “estrada” para facilitar esse futuro êxodo dos judeus do meio das nações gentias (Is 11:16; 19:23; 35:8; 62:10).

4. A PÁSCOA E OS PRIMOGÊNITOS (Êx 13:1-16)

Essa parte do texto explica o significado dos primogênitos para a nação de Israel. Os judeus não eram lembrados da graça e do poder de Deus apenas uma vez por ano, durante a Páscoa. Toda vez que nascia um primogênito do sexo masculino, homem ou animal, era preciso remi-lo. Em decorrência dos feitos poderosos de Deus ao proteger, remir seu povo e salvar os primogênitos humanos e animais da morte (Êx 12:12, 13), todos os primogênitos pertenciam a Deus. Eram santificados, ou seja, separados como propriedade exclusiva de Deus.

Essa ordem para que se fizesse a redenção passaria a valer quando os israelitas estivessem na terra prometida, e, mais tarde, Moisés explicaria como deveria ser realizada (Lv 12; Nm 18:14-19). O primogênito de um jumento, uma vez que era um animal imundo, não podia ser sacrificado a Deus, de modo que devia ser remido por um cordeiro. Uma vez que era um animal valioso para o trabalho, essa era a única forma de poupá-lo. No entanto, se o animal não fosse remido, devia ser morto. Os pais levavam seus filhos primogênitos ao Senhor e ofereciam o

sacrifício apropriado (Lv 12:6-8). Quando Maria e José foram ao templo para remir o Redentor, levaram o sacrifício humilde dos pobres (Lc 2:21-24).

Quando um filho primogênito era remido ou quando isso era feito com um animal primogênito, os adultos tinham a oportunidade de explicar às crianças como Deus havia salvo os primogênitos na terra de Gósen, na noite de Páscoa, e como todos os primogênitos egípcios haviam morrido, tanto dos homens quanto dos animais domésticos. Mesmo não tendo nada a ver com a ordem de nascimento em seu lar, todo filho primogênito era muito especial tanto para Deus quanto para os pais.

5. A PÁSCOA E MOISÉS (Hb 11:27-29)

Não devemos, em momento algum, nos esquecer de que foi o outrora tímido Moisés, com todas as suas desculpas, que, juntamente com seu irmão Arão, confrontou repetidamente o Faraó e, finalmente, venceu o Faraó e todo o poder do Egito. Hebreus 11:27 lembra que Moisés realizou tudo isso pela fé no Deus vivo. A Páscoa e o êxodo são memoriais ao poder da fé.

Hebreus 11:27 refere-se a Êxodo 10:28, 29, quando o Faraó ameaçou matar Moisés, caso ele fosse ao palácio novamente. Moisés creu nas promessas de Deus e não teve medo do que o rei poderia fazer. Ter fé significa,

simplesmente, confiar em Deus e obedecer à sua Palavra, independentemente dos sentimentos, circunstâncias ou conseqüências. Pela fé, Moisés observou a Páscoa, mesmo que matar cordeiros e colocar sangue nas portas parecesse algo ridículo e, certamente, ofensivo para os egípcios. O Faraó poderia ter mandado seus oficiais matarem Moisés a qualquer momento, mas Deus guardou seu servo em segurança.

A fé na Palavra de Deus havia levado Moisés de volta ao Egito para liderar seu povo; foi a fé que o tirou do Egito, e foi a fé que separou Moisés e seu povo do Egito ao cruzarem o mar Vermelho. Não importa quais sejam nossas circunstâncias, podemos confiar que Deus nos fará atravessá-las e deixá-las para trás.

Jesus instituiu a Ceia do Senhor depois de ter dirigido seus discípulos na celebração da Páscoa, pois ele é o cumprimento da Páscoa como o Cordeiro de Deus que morreu pelos pecados do mundo. Cada vez que participamos da Ceia do Senhor, olhamos para o passado e nos lembramos da morte de Cristo, mas também olhamos para o futuro e esperamos sua volta. Que maravilhoso êxodo será quando Jesus voltar! Os que morreram em Cristo serão ressuscitados, e os cristãos, ainda vivos, serão arrebatados para encontrar com o Senhor no céu (1 Ts 4:13-18). Aleluia, que Salvador maravilhoso!

1. A oração "a toda a congregação de Israel" (12:3) é vista aqui pela primeira vez na Bíblia e indica que, a partir de então, Deus estava vendo seu povo como uma nação. A Páscoa uniu o povo ao redor da morte do Cordeiro (12:6), da separação do fermento (v. 19) e da participação na festa (v. 47). Ver também 16:1, 2, 9, 10, 22 e 17:1.
2. No Livro de Apocalipse, Jesus Cristo é chamado de "Cordeiro" trinta e uma vezes, e o termo grego usado refere-se a um "cordeirinho de estimação". O juízo de Deus é "a ira do Cordeiro" (6:16); a noiva é "a esposa do Cordeiro" (21:9), e o trono é o "trono de Deus e do Cordeiro" (22:1, 3). O cordeiro é um "tipo" ou símbolo de Jesus Cristo, pois o Novo Testamento deixa isso claro. Essa é a maior e mais importante marca de um tipo. Nem tudo o que as pessoas chamam de "tipos" de Cristo preenche, de fato, o requisito do Novo Testamento.
3. Não se esqueça de que os israelitas contavam o dia de uma noite até a outra. O cordeiro pascal foi morto "na noite" de sexta-feira, no décimo quarto dia de nishã, antes da chegada do dia seguinte. Israel deixou o Egito na noite do décimo quinto dia.
4. João 6:51-59 compara nossa comunhão espiritual com Cristo com o comer e beber dele. Os judeus, com sua mentalidade literal, entenderam isso como se Jesus estivesse dizendo para comer carne humana e beber sangue, mas ele explicou que estava falando sobre alimentar-se de sua Palavra (Jo 6:63). Pedro entendeu a mensagem e expressou-a claramente (vv. 66-68). Chamar João 6 de sermão sobre a Ceia do Senhor é uma absoluta falta de compreensão daquilo que a passagem trata. Por que Jesus discutiria um assunto tão particular quanto a Ceia do

Senhor com uma multidão de judeus incrédulos, se nem sequer havia mencionado a questão a seus próprios *discipulos*?

5. "E a tua casa", em Atos 16:31, não significa que a fé do pai salvaria, automaticamente, seus filhos, mas sim que os filhos poderiam apropriar-se das mesmas promessas que seu pai e, também, receber a salvação. No entanto, a declaração revela a preocupação específica de Deus com as famílias. É seu desejo que os filhos creiam e sejam salvos.
6. Essa prática teve início por volta do segundo século antes de Cristo. As quatro passagens copiadas eram Êxodo 13:1-10, 11-16 e Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21. A palavra "filactério" é uma transliteração do termo grego *phylakterion*, que significa "um amuleto, talismã, forma de proteção". É o equivalente grego para o nome hebraico dado a essas pequenas caixas - *tephillin* - e que significa "orações".
7. Quando Israel aproximou-se demais dos midianitas, isso levou ao juízo divino e à morte de vinte e quatro mil pessoas. Ver Números 25.

REDIMIDOS E REGOZIJANTES

ÊXODO 13:17 – 15:21

“A história não confia a guarda da liberdade por muito tempo àqueles que são fracos ou tímidos.” O presidente Dwight Eisenhower disse essas palavras em seu discurso de posse, no dia 20 de janeiro de 1953. Como o homem que ajudou a liderar os Aliados rumo à vitória na Segunda Guerra Mundial, o general Eisenhower tinha amplo conhecimento do altíssimo preço da vitória, bem como do fardo pesado da liberdade que sempre segue o triunfo. Charles Kingsley, escritor inglês, estava certo ao dizer que: “Há dois tipos de liberdade – o falso, no qual o homem é livre para fazer o que bem entende, e o verdadeiro, no qual o homem é livre para fazer o que deve”. Ao longo de sua história, a nação de Israel lutou com esses dois tipos de liberdade, como acontece com o povo de Deus nos dias de hoje.

É um sinal de maturidade quando aprendemos que a liberdade é uma ferramenta de construção, não um brinquedo, e que a liberdade envolve aceitar responsabilidades. O êxodo de Israel ensinou ao povo que seu futuro sucesso encontrava-se no cumprimento de três responsabilidades importantes: seguir ao Senhor (Êx 13:17-22), confiar no Senhor (14:1-31) e louvar ao Senhor (15:12-21).

1. SEGUIR AO SENHOR (ÊX 13:17-22)

O êxodo de Israel do Egito não foi o fim de sua experiência com Deus; na verdade foi um recomeço. “Foi preciso uma noite para tirar Israel do Egito, mas foram necessários quarenta anos para tirar o Egito de Israel”, disse George Morrison.¹ Se Israel obedecesse

à vontade de Deus, o Senhor os conduziria à terra prometida e lhes daria sua herança. Quarenta anos depois, Moisés lembraria a nova geração de que Deus “te tirou do Egito [...] para te introduzir na sua terra e te dar por herança” (Dt 4:37, 38).

A mesma coisa pode ser dita da redenção que temos em Cristo: Deus nos livrou da escravidão para que pudesse nos conduzir à bênção. A. W. Tozer costumava nos lembrar de que “somos salvos de, como também para”.² A pessoa que confia em Jesus Cristo nasce de novo e passa a fazer parte da família de Deus, mas esse é só o começo de uma nova e empolgante aventura que deve nos conduzir ao crescimento e a conquistas. Deus nos liberta e, então, nos conduz através das várias experiências da vida, um dia de cada vez, para que possamos conhecê-lo melhor e para que, pela fé, possamos nos apropriar de tudo o que ele deseja nos dar. Ao mesmo tempo, passamos a nos conhecer melhor e crescemos em entendimento quanto à vontade de Deus e quanto à confiança em suas promessas.

Deus traça o caminho para seu povo (vv. 17, 18). Deus não é surpreendido por nada. Ele planeja o melhor caminho a ser percorrido por seu povo. É possível que nem sempre compreendamos o caminho que ele escolhe ou que nem mesmo concordemos com ele, mas o caminho de Deus é sempre certo. Podemos dizer cheios de confiança: “Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome” (Sl 23:3) e devemos orar com humildade e pedir: “Faze-me, SENHOR, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas. Guia-me na tua verdade e ensina-me” (Sl 25:4, 5).

Se houvesse algum estrategista militar no meio do povo de Israel naquela noite, ele provavelmente teria discordado da rota de desocupação escolhida por Deus, pois era longa demais.³ O primeiro destino de Israel era o monte Sinai, mas por que levar milhões de pessoas pela rota mais longa em vez de tomar o caminho mais curto e mais fácil? A resposta é simples: havia postos avançados egípcios por todo o caminho mais curto, e os soldados nesses locais teriam entrado em confronto com os hebreus. Além disso,

cruzar a fronteira com a Filístia teria sido um convite a um ataque de seu exército, e a última coisa de que Israel precisava era entrar em guerra com seus vizinhos. Deus sabia o que estava fazendo quando escolheu o caminho mais longo.

Se você permitir que Deus dirija seus passos (Pv 3:5, 6), espere ser conduzido, de vez em quando, por alguns caminhos que parecem desnecessariamente longos e sinuosos. Lembre-se de que Deus sabe o que está fazendo, de que ele não está com pressa e de que, enquanto você segui-lo, estará seguro sob a bênção dele. É possível que ele feche algumas portas e, de repente, abra outras, e devemos ficar alertas para isso (At 16:6-10; 2 Co 2:12, 13).

Deus encoraja a fé de seu povo (v. 19).

Antes de morrer, José fez seus irmãos prometerem que, quando Deus livrasse Israel do Egito, seus descendentes levariam consigo os restos mortais dele para a terra prometida (Gn 50:24, 25; Hb 11:22). José sabia que Deus cumpriria sua promessa e salvaria os filhos de Israel (Gn 15:13-16). José também sabia que seu lugar era na terra de Canaã, junto com seu povo (Gn 49:29-33).

O que esse caixão significava para as gerações de judeus que viveram durante os terríveis anos de escravidão no Egito? Sem dúvida, os judeus podiam olhar para o caixão de José e ser encorajados. Afinal, o Senhor havia cuidado de José durante suas provações e, por fim, o havia libertado, e faria o mesmo pela nação de Israel, libertando-a no devido tempo. Durante os anos que passou no deserto, Israel viu o caixão de José como uma lembrança de que Deus tem seu tempo e cumpre suas promessas. José estava morto, mas servia de testemunho da fidelidade de Deus. Quando chegaram a sua terra, os judeus cumpriram sua promessa e sepultaram José na terra prometida a Abraão, Isaque e Jacó (Js 24:32).

É idolatria ter lembranças visíveis da fidelidade de Deus? Não necessariamente, pois há vários monumentos importantes no Livro de Josué. Quando Israel cruzou o rio Jordão, o povo ergueu um monumento de pedra na margem oposta para comemorar o que Deus

havia feito (Js 4). Também colocaram pedras nos montes Ebal e Gerizim para servir de lembrança da lei de Deus (Êx 8:30-35). Um monte de pedras foi testemunho da traição de Acã (Js 7:25, 26), e uma grande pedra serviu de testemunho da reconsagração de Israel depois da conquista da terra (Js 24:24-28). Samuel colocou uma pedra como marco da vitória de Israel sobre os filisteus e a chamou de "Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR" (1 Sm 7:12).

Enquanto continuamos a obedecer ao Senhor, tais lembranças podem servir para encorajar nossa fé. O importante é que elas apontem para o Senhor e não para um passado morto e que perseveremos em caminhar pela fé e em obedecer ao Senhor em nossos dias.

Deus vai adiante de seu povo para mostrar o caminho (vv. 20-22).

A nação foi guiada por uma coluna de nuvem, durante o dia, e uma coluna de fogo, durante a noite. Essa coluna é identificada como o anjo do Senhor, que guiou a nação (Êx 14:19; 23:20-23; ver Ne 9:12). Houve ocasiões em que Deus falou de dentro da coluna de nuvem (Nm 12:5, 6; Dt 31:15, 16; Sl 99:7), e ela também protegeu o povo enquanto caminhavam sob o sol escaldante durante o dia. (Sl 105:39). Quando a nuvem se movia, o acampamento também se deslocava; quando a nuvem parava, o acampamento esperava (Êx 40:34-38).

Não temos o mesmo tipo de orientação visual hoje em dia, mas contamos com a Palavra de Deus, que é luz (Sl 119:105) e fogo (Jr 23:29). É interessante observar que a coluna de fogo servia de iluminação para os israelitas, mas era escuridão para os egípcios (Êx 14:20). O povo de Deus é esclarecido por sua Palavra (Ef 1:15-23), mas os que não são salvos não conseguem compreender a verdade de Deus (Mt 11:25; 1 Co 2:11-16).

O Espírito de Deus, que também é o Espírito de Verdade, guia-nos ao ensinar-nos a Palavra (Jo 16:12, 13). Assim como Deus falou a Moisés por meio da coluna, também o Senhor se comunica conosco por meio das Escrituras ao torná-las claras para nós. Há momentos em que não estamos certos do

rumo que Deus deseja que tomemos, mas, se esperarmos nele, ele nos guiará.

Como teria sido insensato os israelitas pararem sua marcha a fim de fazer uma votação sobre o caminho que deveriam tomar para o monte Sinai! Certamente há um lugar para a deliberação e para o referendo comunitários (At 6:1-7), no entanto, quando Deus fala, não há motivo para fazer uma assembléia. Em mais de uma ocasião, nas Escrituras, a maioria estava errada.

2. CONFIAR NO SENHOR (Êx 14:1-31)

“[Deus] Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel” (Sl 103:7). O povo judeu foi informado daquilo que Deus desejava que fizesse, porém Moisés foi informado do porquê de Deus estar fazendo tais coisas. “A intimidade do SENHOR é para os que o temem” (Sl 25:14). A liderança de Moisés foi um elemento essencial para o sucesso de Israel.

A perseguição dos egípcios (vv. 1-9). Finalmente, ocorreu ao Faraó e a seus oficiais que, ao deixarem os hebreus escaparem, haviam colocado em risco – ou talvez até destruído – toda a economia de sua terra, portanto o mais lógico era ir atrás deles e levá-los de volta ao Egito. Encontramos, aqui, outro motivo pelo qual o Senhor escolheu aquele determinado caminho: os relatos levariam o Faraó a crer que os hebreus estavam vagando como ovelhas perdidas no deserto e que, portanto, poderiam facilmente ser perseguidos e capturados pelo exército egípcio. O Senhor estava atraindo os egípcios para sua armadilha.

O que parecia ser uma vitória fácil para o Egito acabaria transformando-se numa derrota vergonhosa, e o Senhor receberia toda a glória. Mais uma vez, seria vitorioso sobre o Faraó, os deuses e as deusas do Egito. O Faraó ordenou que fossem usados todos os seus carros e conduziu sua própria carruagem real na perseguição ao povo de Israel.

O pânico de Israel (vv. 10-12). Enquanto os israelitas mantivessem seus olhos fixos na coluna de fogo e seguissem ao Senhor, estariam andando pela fé e nenhum inimigo poderia tocá-los. Contudo, quando tiraram os

olhos do Senhor e olharam para trás, viram os egípcios se aproximando, apavoraram-se e começaram a murmurar.

Estes versículos introduzem aquilo que se mostraria um padrão decepcionante de comportamento para Israel durante sua marcha do Egito para Canaã. Enquanto tudo estava indo bem, normalmente o povo obedecia ao Senhor e a Moisés e avançava em sua jornada. No entanto, quando se deparavam com qualquer provação ou desconforto, começavam a reclamar para Moisés e para o Senhor e a pedir para voltar para o Egito. Antes de criticar os israelitas, porém, talvez devamos examinar nosso próprio coração. Quanta decepção ou desconforto é necessário para que fiquemos infelizes com a vontade de Deus, deixando de crer e começando a murmurar? “Visto que andamos por fé e não pelo que vemos” (2 Co 5:7).

Quando você se esquece das promessas de Deus, começa a imaginar as mais terríveis possibilidades. Os judeus estavam certos de que eles e seus filhos morreriam no deserto assim que o exército egípcio os alcançasse. Em pânico, o povo lembrou Moisés de que haviam lhe dito para partir sozinho (Êx 5:20-23), mas ele insistira em desafiar o Faraó. Israel encontrava-se, então, numa situação terrível, e a culpa era de Moisés. A incredulidade consegue apagar de nossa memória todas as demonstrações que vimos do grande poder de Deus e todos os exemplos que conhecemos da fidelidade de Deus a sua Palavra.

O poder de Deus (vv. 13-31). Moisés era um homem de fé, que sabia que o exército do Faraó não consistia, de modo algum, numa ameaça para Jeová. Moisés deu várias ordens ao povo, e a primeira delas foi: “Não temais” (v. 13).⁴ Às vezes, o medo nos enche de energia e procuramos evitar o perigo. Em outras ocasiões, porém, ele nos paralisa e não sabemos o que fazer. Israel foi tentado a fugir, mas Moisés deu-lhe mais uma ordem: “Aquietai-vos e vede o livramento do SENHOR” (v. 13). Pela fé, os israelitas haviam marchado para fora do Egito e deveriam, portanto, pela fé, aquietar-se e ver Deus destruir os soldados da cavalaria egípcia.

Moisés não disse apenas para se aquietarem, mas também “vós vos calareis” (v 14). Como teria sido fácil chorar, murmurar e criticar Moisés, mas nenhuma dessas coisas teria ajudado o povo a sair daquela situação. A incredulidade gera murmuração, mas a fé leva à obediência e traz glória para o Senhor. “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Sl 46:10). Que motivo há para reclamação quando temos a maravilhosa promessa de que “O SENHOR pelejará por vós” (Êx 14:14)? Mais tarde, em sua jornada, o Senhor ajudaria Josué e o exército israelita a combater suas batalhas (Êx 17:8), mas, dessa vez, Deus derrotaria os egípcios sem a ajuda de Israel.

A ordem seguinte foi de Deus para Moisés: “Que marchem!” (14:15) O fato de Israel estar diante do mar não era problema para Deus, e ele disse a Moisés exatamente o que fazer. Quando Moisés erguesse a vara, as águas se separariam, e Israel poderia atravessar em terra seca e escapar do exército egípcio. Ao sinal de Moisés, as águas, então, voltariam a seu lugar, afogariam os egípcios e evitariam que Israel voltasse para o Egito. Nos anos seguintes, todas as vezes que os israelitas expressaram o desejo de voltar ao Egito, deveriam ter lembrado que Deus fez as águas se fecharem e trancou a porta.

Por que Deus realizou essa série de milagres para o povo hebreu? Certamente, não era algo que merecessem, uma vez que se encontravam tomados de pânico e encolhidos de medo, reclamando e dizendo que Deus parecia não saber o que estava fazendo. Em primeiro lugar, ele estava cumprindo sua promessa de que livraria Israel e de que os tomaria para si como seu povo (Êx 3:7, 8). Em tempos vindouros, os judeus mediram todas as coisas tomando como parâmetro a demonstração do grande poder de Deus no êxodo. No entanto, Deus tinha mais um propósito em mente: revelar outra vez seu poder e glória na derrota do exército egípcio. “E os egípcios saberão que eu sou o SENHOR” (Êx 14:18).

A coluna posicionou-se entre Israel e os egípcios, indicando que Deus havia se tornado uma muralha de proteção entre seu povo e seus inimigos. A coluna servia de luz para

os israelitas, mas era escuridão para os inimigos, para o povo incrédulo do Egito, que não era capaz de compreender os caminhos do Senhor. Quando Moisés estendeu a mão, o Senhor enviou um forte vento que separou as águas do mar e abriu caminho para o povo atravessar. O Salmo 77:16-20 indica que esse vendaval foi acompanhado de uma grande tempestade e que, depois de Israel ter atravessado, a tempestade transformou o caminho seco percorrido pelos hebreus numa estrada lamacenta. Quando os soldados egípcios tentaram segui-los, a lama prendeu seus carros e impediu que avançassem. Então, quando as águas voltaram a seu lugar, todos os soldados egípcios se afogaram. Sem dúvida, foi uma noite inesquecível.

Sabendo que estavam sendo perseguidos pelo inimigo e ouvindo os ventos uivando a noite toda, os israelitas devem ter se perguntado o que iria acontecer e por que Deus estava demorando tanto. Contudo, quando temos fé nas promessas de Deus, temos paz em nosso coração. Jesus perguntou a seus discípulos depois de acalmar uma tempestade: “Por que sois assim tímidos?! Como é que não tendes fé?” (Mc 4:40). A fé e o medo não podem viver juntos no mesmo coração, pois uma coisa destrói a outra. A verdadeira fé depende daquilo que Deus diz e não daquilo que vemos ou da maneira como nos sentimos. Alguém disse, muito corretamente, que fé não é crer apesar das evidências – isso é superstição –, mas sim obedecer apesar das conseqüências.

Essa série de milagres divinos certamente foi uma revelação da grandeza e do poder de Deus, de sua fidelidade às suas promessas e de sua preocupação por seu povo. Em anos vindouros, os salmistas exaltariam ao Senhor por seus poderosos feitos no mar Vermelho (Sl 66; 78; 80, 81; 105, 106; 136), e os profetas usariam o êxodo para encorajar os exilados judeus durante sua volta à terra depois do cativeiro na Babilônia (Is 43:1-7; 52:11, 12; 55:12, 13; Jr 16:14, 15; 23:7, 8), bem como para motivar a nação apóstata a voltar para o Senhor (Jr 2:2, 3; Ez 20; Os 2:14-23; Am 3; Mq 6:3, 4).⁵

A posição de Moisés (v. 31; 1 Co 10:1, 2). Paulo considerou a marcha de Israel pelo mar como um “batismo”, pois as águas os cercavam de ambos os lados como muros, e a presença de Deus estava atrás deles e sobre eles. Era como se Israel tivesse sido “imersa” ao atravessar rapidamente o fundo seco do mar. Seu livramento certamente foi um ato de Deus, porém realizado mediante a liderança obediente de Moisés. Em decorrência disso, “o povo [...] confiou no SENHOR e em Moisés” (Êx 14:31). Passaram, então, a ser uma nação tendo Moisés como líder. Por meio desse “batismo”, o povo de Israel foi identificado com Moisés, assim como nas águas do batismo, o povo de Deus hoje em dia é identificado com Jesus Cristo. O milagre do êxodo tornou-se parte da confissão de fé de Israel ao levarem suas ofertas ao Senhor (Dt 26:1-11).

3. LOUVOR AO SENHOR (Êx 15:1-21)

Uma vez que os inimigos haviam se afogado e que a liberdade era certa, o povo de Israel irrompeu em cânticos e adorou ao Senhor. Não lemos que adoraram a Deus enquanto eram escravos no Egito, e, durante a saída da terra, queixaram-se a Moisés pedindo que os deixasse voltar ao Egito. Mas é preciso haver maturidade da parte do povo de Deus a fim de ser capaz de entoar “canções de louvor durante a noite” (Jó 35:10; Sl 42:8; Mt 26:30; At 16:25), e naquele tempo os israelitas ainda eram imaturos em sua fé.

O hino de louvor tem quatro estrofes: a vitória de Deus é anunciada (Êx 15:1-5), as armas de Deus são descritas (vv. 6-10), o caráter de Deus é exaltado (vv. 11-16a) e as promessas de Deus são cumpridas (vv. 16b-18).

A vitória de Deus é anunciada (vv. 1-5).

O Senhor é mencionado dez vezes nesse hino, enquanto Israel cantava ao Senhor e sobre o Senhor, pois a verdadeira adoração envolve o testemunho fiel de quem Deus é e do que ele faz por seu povo.

A vitória de Deus foi gloriosa, pois em tudo foi obra do Senhor. O exército egípcio foi lançado no mar (vv. 1 e 4), e os soldados afundaram como pedras (v. 5) e como chumbo (v. 10). Foram consumidos como restolho

(v. 7). O Faraó havia ordenado que os bebês hebreus do sexo masculino fossem afogados, de modo que Deus lhe retribuiu afogando suas tropas.

A declaração: “O SENHOR é homem de guerra” (v. 3) pode ser perturbadora para aqueles que acreditam que qualquer coisa relacionada à guerra não se encaixa com o evangelho e com a vida cristã. Algumas denominações tiram os hinos “militantes” de seus hinários, inclusive o “Avante, Avante Ó Crentes”. Porém, Moisés prometeu ao povo: “O SENHOR pelejará por vós” (Êx 14:14; ver Dt 1:30), e um dos nomes de Deus é “Jeová Sebaoth”, que significa “SENHOR dos Exércitos”, título que aparece mais de duzentas e quarenta vezes no Antigo Testamento. Em seu hino da reforma, *Castelo Forte*, Martinho Lutero escreveu:

A nossa força nada faz
 Num mundo tão perdido,
 Mas nosso Deus socorro traz,
 Por Cristo, o escolhido.
 Conosco está Jesus,
 O que venceu na cruz,
 Senhor dos altos céus;
 E, sendo o próprio Deus,
 Triunfa na batalha.

(Hinário Luterano, nº 165)

Se temos neste mundo um inimigo como Satanás e se o pecado e o mal são abomináveis ao Senhor, então Deus deve guerrear contra eles. “O SENHOR sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra; clamará, lançará forte grito de guerra e mostrará sua força contra os seus inimigos” (Is 42:13). Jesus Cristo é tanto o Cordeiro que morreu pelos nossos pecados como o Leão que julgará o pecado (Ap 5:5, 6) e, um dia, cavalgará para a conquista de seus inimigos (Ap 19:11). Enfatizar somente que “Deus é amor” (1 Jo 4:8, 16) e ignorar que “Deus é luz” (1 Jo 1:5) significa tirar de Deus os seus atributos de retidão, santidade e justiça.

Em três ocasiões específicas registradas nas Escrituras, o povo de Israel cantou: “O SENHOR é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação” (Êx 15:2): quando Deus

livrou Israel do Egito, quando o remanescente judeu lançou os alicerces do segundo templo (Sl 118:14)⁶ e quando os judeus foram reunidos e voltaram para sua terra a fim de desfrutar as bênçãos do reino (Js 12:2).⁷ Em cada um desses casos, o Senhor deu força, salvação e um cântico.⁸

As armas de Deus são descritas (vv. 6-10). O Senhor é um “homem de guerra” que não luta com armas convencionais. Ao usar características humanas para descrever atributos divinos,⁹ os cantores declaram que sua destra é gloriosa em poder, sua majestade lança por terra os inimigos e sua ira os consume como o fogo que queima o restolho. O resfolegar das narinas de Deus foi o vento que soprou e dividiu as águas, segurando-as de modo que se erguessem como muros. Quando, com toda a sua arrogância, os soldados egípcios pensaram em alcançar os hebreus, Deus simplesmente soprou, as águas voltaram a seu lugar e afogaram o exército. Que Deus poderoso é o Senhor!

O caráter de Deus é exaltado (vv. 11-16a).

Com as dez pragas que havia enviado sobre a terra, o Senhor já havia provado como era maior do que os deuses e deusas do Egito. Não é de se admirar que seu povo cantou: “Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses?” (v. 11; ver Mq 7:18) A resposta, obviamente, é que não há ninguém como o Senhor, pois nenhum outro ser no Universo é “Glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que opera(s) maravilhas” (Êx 15:11). Essa estrofe prossegue louvando a Deus por seu poder (v. 12), por sua sabedoria ao conduzi-los (v. 13) e pela grandeza de sua presença ao inspirar o medo no coração de seus inimigos (v. 14).

A nação aguardava com ansiedade sua marcha para a terra prometida, sabendo que as notícias do êxodo se espalhariam rapidamente por outras nações e trariam medo ao coração de seus inimigos (vv. 14-16a). Quando os espias chegaram a Jericó, descobriram que o povo daquela terra estava, de fato, paralisado de medo com a chegada de Israel (Js 2:8-13, 24; ver Nm 22:3; Sl 114). As nações pagãs sabiam que o verdadeiro Deus vivo era mais poderoso que seus deuses e que daria a vitória a Israel.

A promessa de Deus é cumprida (vv. 16b-18). Essa estrofe refere-se à futura conquista de Canaã por Israel e afirma que Deus comprou Israel e que são seu povo. As nações de Canaã ficariam mudas como pedras, quando os exércitos israelitas conquistassem a terra e as tribos se apropriassem de sua herança. Deus os tirou do Egito para levá-los a Canaã e plantá-los em sua própria terra (Sl 44:2; 80:8, 15; Is 5). Deus colocaria seu santuário no meio do povo e habitaria com eles em glória. A frase “O SENHOR reinará por todo o sempre” (Êx 15:18) é o apogeu do cântico, enfatizando que Deus é soberano e eterno.

Ao ler o versículo 19 em algumas versões da Bíblia, temos a impressão de que o próprio Faraó acompanhou seu exército e liderou-o até o mar, onde se afogaram, mas esse não é o caso, uma vez que o texto diz: “Porque os cavalos de Faraó, com os seus carros e com os seus cavalarianos, entraram no mar” (Êx 15:19). Ao que parece, o Faraó estava presente, mas certamente não estava liderando o exército (Êx 14:6).

Não apenas Moisés liderou os homens no cântico desse hino de louvor (Êx 15:1) como também Miriã¹⁰ formou um coral especial de mulheres israelitas, que se juntaram a ela repetindo as primeiras palavras do cântico. Seu entusiasmo cheio de regozijo expressou-se enquanto cantavam, tocavam seus tamborins e dançavam na presença do Senhor (ver 1 Sm 18:6; 2 Sm 1:20). Miriã é chamada de “profetisa”, o que explica a razão de, mais tarde, ela ter coragem de criticar Moisés (Nm 12:1, 2).¹¹ “As águas cobriram os seus opressores; nem um deles escapou. Então, creram nas suas palavras e lhe cantaram louvor” (Sl 106:11, 12). Contudo, esse não é o fim da história, pois o cântico do povo logo transformou-se em murmuração ao entrarem no deserto e rumarem para o monte Sinai. “Cedo, porém, se esqueceram das suas obras e não lhe aguardaram os desígnios; entregaram-se à cobiça, no deserto; e tentaram a Deus na solidão” (Sl 106:13, 14).

Não foi fácil para eles carregar o fardo da liberdade, e Deus precisou ensiná-los a viver um dia de cada vez.

1. MORRISON, George. *Sunrise: Addresses from a City Pulpit*. Londres: Hodder and Stoughton, p. 66.
2. TOZER, A. W. *Esse Cristão Incrível*. Mundo Cristão, 1985, pp. 40-42.
3. Se você consultar mais de um atlas bíblico, verá que os estudiosos do Antigo Testamento não apresentam um consenso quanto ao caminho exato percorrido no Êxodo. Dentre outras coisas, não estão certos sobre onde ficavam algumas das cidades mencionadas no texto (Êx 14:2). Outra questão é o fato de o termo hebraico *yam suph*, normalmente traduzido por “mar Vermelho”, também poder significar “mar de juncos”, ou seja, um dos lagos menores próximos a Sucote. Uma das melhores discussões sobre esse assunto pode ser encontrada em Berry J. Beitzel. *The Moody Atlas of Bible Lands*. Chicago: Moody Press, 1985, pp. 85-93.
4. Começando em Gênesis 15:1 e terminando em Apocalipse 1:17, as declarações “Não temais” encontradas na Bíblia constituem um estudo bastante proveitoso.
5. No Novo Testamento, o termo “êxodo” descreve a paixão de nosso Senhor e sua obra de redenção na cruz (Lc 9:31 “partida”), bem como a morte e ida dos cristãos para o lar celestial (2 Pe 1:15). Jesus considerou seu sofrimento um “batismo” (Lc 12:50), quando “todas as ondas e vagas” do juízo de Deus passaram sobre ele (Sl 42:7).
6. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que o Salmo 118 foi cantado quando foram lançados os alicerces do segundo templo, conforme registrado em Esdras 3:8-13. Compare o versículo 11 com o Salmo 118:1-4 e observe como todo o Salmo é um paralelo das experiências do remanescente judeu na terra, especialmente nos versículos 10-14 e versículos 18-23.
7. A ênfase de Isaías 11 - 12 é sobre a futura reunião de Israel em sua terra no glorioso reinado do Messias. Isaías 11:15 chega a retratar um “segundo êxodo”, em que o mar seca para permitir a travessia dos israelitas. Será um tempo de felicidade para Israel, e os israelitas cantarão ao Senhor como fizeram próximo ao mar Vermelho.
8. No céu, os santos da tribulação cantarão “o cântico de Moisés [...] e o cântico do Cordeiro” (Ap 15). Israel cantou à beira de um mar aqui na terra, mas no céu cantarão perto de um “mar de vidro, mesclado de fogo”. Israel cantou *depois* de ver os juízos de Deus sendo derramados sobre uma nação, mas os santos no céu cantarão *antes* de os anjos derramarem as sete taças cheias de cólera sobre o mundo todo. Em ambos os casos, o poder de Deus é revelado e o nome de Deus é glorificado.
9. Obviamente, Deus é espírito e, como tal, não tem corpo, de modo que a menção à sua mão e às suas narinas é simplesmente linguagem poética figurativa. Os teólogos chamam isso de “antropomorfismo”, o uso de características humanas para descrever ações e atributos divinos.
10. Não se sabe por que Miriã é chamada de “irmã de Arão” e não de “Moisés e Arão”. Tanto Arão quanto Miriã eram mais velhos que Moisés e, sem dúvida, tinham vivido juntos no Egito, enquanto Moisés estava em Midiã e, portanto, eram mais próximos. É possível que essa forma de identificação tenha sido usada por Moisés para mostrar que a liderança de sua irmã era identificada com Arão como sacerdote, talvez como a líder de cânticos e de adoração e não com a de Moisés como profeta. Quando ela e Arão saíram da linha, Deus os disciplinou (Nm 12). Essa é a única ocasião em Êxodo na qual ela é mencionada pelo nome, apesar de supormos que foi ela quem protegeu Moisés quando era bebê (Êx 2:1-10).
11. Para outras profetisas da Bíblia, ver Juízes 4:4; 2 Rs 22:14; Neemias 6:14; Isaías 8:3; Lucas 2:36; e Atos 21:9. Em seu sermão de Pentecostes, Pedro citou Joel 2:28-32 e declarou que a vinda do Espírito permitiria que os filhos e filhas de Deus profetizassem (At 2:17, 18). Nem todos os estudiosos da Bíblia concordam que o dom de profecia ainda existe dentro da igreja, especialmente nos dias de hoje em que temos toda a Palavra de Deus. O perigo na igreja não é a presença de falsos profetas, mas sim de falsos mestres (2 Pe 2:1; 1 Tm 4:1, 2).

A ESCOLA DA VIDA

ÊXODO 15:22 – 16:36

Não orem pedindo por uma vida fácil. Orem pedindo para ser homens e mulheres mais fortes. Não orem pedindo tarefas que estejam de acordo com seu poder. Orem pedindo poder à altura de suas tarefas.” Esse sábio conselho vem do pregador norte-americano e bispo episcopal Phillips Brooks (1835-1893). Quando ele disse essas palavras a sua congregação em Boston, talvez tivesse em mente o povo de Israel, pois sempre que as coisas ficavam difíceis, os israelitas começavam a murmurar e falavam em voltar para o Egito. Uma coisa era os hebreus cantarem louvores ao Senhor próximo ao mar Vermelho, mas outra bem diferente era confiarem em Deus em sua caminhada diária pelo deserto. Não eram nem um pouco diferentes do povo de Deus hoje em dia. A vida ainda é uma escola, e suas experiências dolorosas nos ensinam algumas das lições mais importantes.

Ao acompanhar as atividades dos israelitas, descobrimos certas verdades importantes que nos ajudam em nossa caminhada de fé.

1. ESPERE PROVAÇÕES (ÊX 15:22 – 16:3)

“Estejamos tão alertas depois da vitória quanto antes da batalha”, escreveu Andrew Bonar, um homem temente a Deus. É possível vencer a batalha e, ainda assim, perder a vitória; foi o que aconteceu com os hebreus quando saíram do mar Vermelho e começaram a marchar em direção ao monte Sinai. Esqueceram-se de que a vida é uma jornada durante a qual devemos aprender novas lições e lutar novas batalhas. Uma grande vitória não resolve tudo; precisamos de

novas experiências desafiadoras que nos ajudem a amadurecer e a glorificar a Deus. Sem dúvida, a vida é uma escola, e o Senhor sabe exatamente quando aplicar uma prova.¹

“Que havemos de beber?” (15:22-27). A maior prioridade na mente dos israelitas não era como agradar a Deus, mas “O que haveremos de comer?” e “O que haveremos de beber?”. De acordo com Jesus, essas perguntas revelam um coração ansioso e não um coração que confia (Mt 6:21, 25-33), e isso pode levar a todos os tipos de problemas.

Seria suportável passar um dia sem água no deserto, dois dias já seria difícil, mas três seria impossível, especialmente para as crianças e animais. A situação só piorou com a decepção de encontrar água amarga (a palavra “Mara” significa “amarga” e está relacionada ao termo “mirra”). Mas Deus estava provando seu povo, não porque não conhecesse o coração deles, mas porque eles não conheciam seu próprio coração. É comum as pessoas dizerem: “Sei bem o que há em meu coração”, mas se esquecem de que “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9).

O Senhor nos prova para estimular o crescimento espiritual e para extrair o que há de melhor em nós, mas o diabo nos tenta a fim de extrair o que há de pior em nós e de estimular a imaturidade espiritual. Nossa atitude diante das dificuldades determina o rumo de nossa vida, pois aquilo que a vida nos faz depende daquilo que ela encontra em nós. Se confiamos em Deus e obedecemos à sua Palavra, seremos aprovados e cresceremos; mas se, em nossa incredulidade, nos queixamos e desobedecemos ao Senhor, somos reprovados e continuamos imaturos (Tg 1:12-18; Hb 12:1-11).

O povo de Israel demonstrava uma aptidão especial para murmurar e reclamar (Êx 16:1-12; Nm 14:2, 27-29; 16:41; 17:1-10; Dt 1:27; Sl 78:17ss; 106:14). Enquanto Deus os provava, eles o tentavam com suas atitudes e palavras. Tentar a Deus significa adotar, deliberadamente, uma postura desobediente e desafiar o Senhor a agir. Em diversas ocasiões enquanto vagavam pelo

deserto, os israelitas trouxeram sobre si o juízo de Deus com suas atitudes obstinadas e queixas intermináveis. Nosso Pai Celestial é longânimo e bondoso, mas, por vezes, precisa dar umas “palmadas” para ensinar seus filhos a se comportarem.

A murmuração não resolve os problemas, e se tentamos fugir das dificuldades (“de volta para o Egito!”), encontraremos os mesmos problemas em outro lugar e ainda teremos que resolvê-los. É claro que o coração de todo problema é o problema do coração, e o coração de muitos dos hebreus não estava em ordem com Deus. Lembravam-se das coisas que costumavam comer no Egito, mas se esqueciam dos milagres que Deus havia realizado (Sl 106:7) e alguns deles haviam começado a adorar os deuses do Egito que Jeová havia humilhado e julgado (Js 24:14; Ez 20:6-9; 23:8). Imagine adorar aos ídolos e reclamar com Deus sobre os problemas!

Moisés usou a abordagem correta, o caminho da fé: clamou ao Senhor e seguiu as ordens de Deus. O Senhor resolve nossos problemas mudando a situação (como ao tornar doce a água amarga), concedendo-nos algo em troca (como os poços de água de Elim) ou dando-nos a graça de que precisamos para suportar as dificuldades sem murmuração. A terceira abordagem é a que produz o crescimento espiritual duradouro (2 Co 12:7-10).

Ver na “árvore” (v. 25) um símbolo da cruz de Cristo é ir além daquilo que a passagem ensina. Certamente, os filhos de Deus encontram vitória em suas provações ao se identificarem com Cristo em sua morte (Rm 6) e ressurreição (Rm 8), mas a passagem da qual estamos tratando não ensina essa lição. A ênfase é sobre a confiança em Deus e a obediência a ele, sabendo que a vontade de Deus jamais nos conduzirá a um lugar em que sua graça não possa nos guardar. Quando passamos por provações, nossa murmuração é uma demonstração de incredulidade, mas nossa obediência é uma demonstração de fé.

Com essa experiência difícil, os israelitas não aprenderam apenas alguma coisa sobre si mesmos, mas também algo sobre seu Deus

- que ele é “Jeová *Rapha*”, “o SENHOR, que te sara” (Êx 15:26).² Deus prometeu a Israel uma abundância de bênçãos físicas caso eles lhe obedecessem, mas também aflições físicas, se lhe desobedecessem (Dt 7:12-15; 28). Essas promessas faziam parte da antiga aliança com Israel e não se aplicam à nova aliança com os crentes de hoje. Se é da vontade dele, Deus certamente pode curar todas as enfermidades, exceto a *última de todas*, mas nossa atitude deve ser sempre “seja feita a tua vontade, e não a minha”.

Se a vida fosse feita só de provas, ficaríamos desanimados. Se a vida fosse feita só de prazeres, jamais aprenderíamos a disciplina e nem desenvolveríamos nosso caráter. O Senhor sabe como equilibrar as experiências da vida, pois ele levou seu povo a Elim, onde encontraram água em abundância e puderam descansar. Sejamos gratos porque o Senhor nos dá bênçãos suficientes para nos animar e fardos suficientes para nos tornar humildes, e porque sabe quanto podemos suportar.

“Que haveremos de comer?” (16:1-3).

O deserto de Sim ficava na costa leste do mar Vermelho e não deve ser confundido com o deserto de Zim, ao sul da Palestina e leste de Edom (Nm 13:21; 33:11, 12). O termo “Sim” é relacionado ao nome “Sinai”, mas não se sabe ao certo seu significado.

Todo o povo queixou-se, pois estava faminto. Havia saído do Egito havia apenas um mês e já estavam se lembrando das “panelas de carne” do Egito e do alimento que tinham “a fartar” (Êx 16:3). No entanto, por algum motivo, haviam se esquecido da servidão, dos espancamentos e do tormento dos trabalhos forçados como escravos. Acusaram Moisés e Arão de terem, propositadamente, levado todos para o deserto a fim de matá-los. Disseram que preferiam que o Senhor tivesse acabado com eles no Egito quando estavam empanturrados em vez de deixá-los morrerem no deserto, quando estavam famintos! O que esses israelitas não sabiam era que, um dia, de fato, acabariam morrendo no deserto, pois toda a geração mais velha não chegaria à Terra Prometida.

2. CONFIE QUE DEUS SUPRIRÁ AS NECESSIDADES (ÊX 16:4-18)

Deus ouviu a murmuração do povo e, em sua graça e misericórdia, supriu as necessidades deles. Disse que à tarde teriam carne para comer (v. 8) e pela manhã choveria pão do céu (v. 4). Ao dar-lhes essas provisões especiais, também estava testando-os para ver se iriam crer e obedecer.

A promessa de Deus (vv. 4, 5, 8, 11, 12).

Em nossa jornada como peregrinos nesta vida, vivemos de *promessas* e não de *explicações*. Quando estamos sofrendo, a reação mais natural é perguntar: “Por quê?”, mas essa não é a abordagem correta. Em primeiro lugar, quando fazemos essa pergunta a Deus, estamos assumindo uma posição de superioridade e dando a impressão de que estamos no controle e de que Deus deve prestar contas a nós. Deus é soberano e não precisa nos explicar nada, a menos que deseje fazê-lo. Ao perguntar “Por quê?” também partimos do pressuposto de que, se Deus explicasse seus planos e propósitos, seríamos capazes de compreender tudo perfeitamente e de nos sentir melhor.

Ao ler o Livro de Jó, vê-se Jó frustrado com Deus, dizendo repetidamente:

“Gostaria de me encontrar com Deus para lhe perguntar algumas coisas!”

Mas quando o Senhor finalmente o encontra, *Jó fica tão estarecido que não pergunta coisa alguma a Deus!* (Ver Jó 40:1-5.) É possível sequer começar a compreender os caminhos e planos de Deus, quando seus caminhos são muito mais elevados que os nossos e sua sabedoria é inescrutável (Is 55:8, 9; Rm 11:33-36)? As explicações não saram corações quebrantados, mas as promessas sim, pois estas dependem da fé, e a fé nos coloca em contato com a graça de Deus.

A glória de Deus (vv. 6, 7, 9, 10). O importante era que Israel se concentrasse na glória de Deus e não em seus próprios apetites. Se andassem pela fé, então glorificaríamos o Senhor e dariam honra a seu nome. O que importa não é se nossa vida é confortável, mas se Deus é glorificado.

Quando as circunstâncias são difíceis, nossa tendência é perguntar: “Senhor, como

posso sair dessa situação?” quando na verdade deveríamos orar: “Senhor, o que posso aprender com essa situação?”. Não é relevante que as coisas aconteçam a nosso modo, mas sim que Deus cumpra seus propósitos e receba toda a glória (Mt 6:33). Deus permite as provações para que possa construir em seus filhos um caráter piedoso e nos tornar mais semelhantes a Cristo. A piedade não é resultado automático da leitura de livros e de frequência a reuniões; também significa levar os fardos, combater nas batalhas e sentir dor.

A fidelidade de Deus (vv. 13-15). Naquela tarde, as codornizes voaram sobre o acampamento de Israel e o povo apanhou-as, limpou-as e cozinhou-as. Haviam pedido carne fresca, e Deus proveu. Os judeus haviam visto aves selvagens antes, mas o que aconteceu na manhã seguinte foi absolutamente inédito, pois o maná apareceu no orvalho sobre o chão. Deus preparou uma mesa no deserto e dividiu com o povo o “pão dos anjos” (Sl 78:17-25). A palavra “maná” vem da pergunta que os israelitas fizeram na primeira manhã: “Que é isto?” (em hebraico, *man hu*). O maná seria o alimento do povo durante os próximos quarenta anos, até que a nova geração entrou na terra prometida, e o maná cessou (Êx 16:35; Js 5:11, 12). A cada manhã, quando saíam de suas tendas e encontravam todo o alimento de que precisavam à espera deles junto com o orvalho, os hebreus participavam de um milagre. O maná era pequeno como uma semente, mas seu sabor era doce como o mel (Êx 16:31).

O Filho de Deus (Jo 6:22-59). Um dia depois de haver alimentado mais de cinco mil pessoas com cinco pães de cevada e dois peixes, Jesus pregou um sermão sobre “o pão da vida” para uma multidão na sinagoga de Cafarnaum. Queriam que ele provasse ser o Messias ao reproduzir o milagre do maná (vv. 30, 31), mas, em vez disso, Jesus declarou ser “o verdadeiro pão do céu”. No Antigo Testamento, o maná era um tipo³ ou retrato do Filho de Deus, que se entregou como o Pão da Vida para os pecadores famintos.

Os judeus na sinagoga estavam seguindo a Jesus por interesse, pois desejavam que

ele lhes desse alimento para o corpo, mas o que precisavam mais encarecidamente era de alimento para o espírito (Is 55:2). Jesus é o Pão da Vida, e a única forma de ser salvo é recebê-lo no ser interior, assim como o corpo recebe o alimento. Deus deu o maná somente a Israel, mas enviou Jesus ao mundo todo. O maná apenas *sustentou* a vida física do povo no deserto, mas o Filho de Deus *dá* a vida eterna para o mundo todo. Assim como os israelitas tinham de se abaixar para apanhar o maná e depois comê-lo, os pecadores também precisam se humilhar perante Jesus Cristo e recebê-lo em seu coração. Os hebreus comeram o maná, porém um dia morreram, mas aquele que recebe a Jesus Cristo viverá para sempre.

Há ainda outra aplicação para o milagre do maná: a cada dia, você e eu devemos “nos alimentar de Jesus Cristo, lendo a Palavra, meditando sobre ela e obedecendo ao que ela diz. Os judeus na sinagoga acharam que Jesus estava falando literalmente sobre comer de sua carne e beber do seu sangue (Jo 6:52-56), algo absolutamente contrário à lei judaica.⁴ Jesus deixou claro que estava falando em linguagem espiritual e referindo-se a receber sua Palavra (vv. 61-63). Assim como Pedro (vv. 67, 68), também devemos compreender essa verdade. A Palavra de Deus é o alimento do céu que sustenta nossa vida espiritual, e devemos nutrir-nos dela diariamente (Jó 23:12; Jr 15:16; Mt 4:4; 1 Pe 2:2; Hb 5:12-14).

3. OBEDEÇA ÀS INSTRUÇÕES DE DEUS (ÊX 16:16-31)

Uma vez que Deus não é autor de confusão (1 Co 14:33), sempre que começa alguma coisa nova, dá-nos as instruções necessárias para que o empreendimento seja bem-sucedido. Se obedecermos às instruções, ele nos abençoará, mas se desobedecermos, enfrentaremos decepções e disciplina. O princípio ainda é o mesmo: “tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1 Co 14:40).

A coleta do maná (vv. 18, 21). Em primeiro lugar, os israelitas receberam instruções para recolher o maná diariamente, mas apenas o que cada pessoa da família

poderia comer (v. 16). Um ômer era uma medida para alimentos secos equivalente a cerca de dois litros. O maná era especialmente nutritivo, pois sustentava um adulto durante um dia de marcha pelo deserto. Ao que parece, os membros de cada família juntavam seus suprimentos diariamente e nunca havia escassez de alimento.⁵ Uma vez que os israelitas marchavam e acampavam divididos em tribos (Nm 1 - 2), sem dúvida cada clã ou família ajuntava todo o maná que haviam recolhido e providenciava para que todos fossem devidamente alimentados.

Era importante que os israelitas se levantassem cedo para recolher o maná, pois o sol quente do deserto o derretia (Êx 16:21). No acampamento de Israel, não havia lugar para o preguiçoso que ficava na cama, enquanto os outros recolhiam seu alimento. Encontramos nisso uma lição para os cristãos de hoje: devemos começar o dia com o Senhor, recolhendo alimento espiritual da Palavra, pois se nos demormos para nos encontrar com Deus, o dia ficará ocupado demais, repleto de distrações, e acabaremos sofrendo de desnutrição espiritual. Dentre os “madrugadores” da Bíblia, encontramos Abraão (Gn 19:27; 21:14; 22:3), Jacó (Gn 28:18), Moisés (Êx 8:20; 9:13; 24:4), Js (Js 3:1, 6), Samuel (1 Sm 15:12), Jó (Jó 1:5), Davi (Sl 57:8; 108:2) e o Senhor Jesus Cristo (Mc 1:35).

Guardando o maná (vv. 19:21). Os israelitas preguiçosos talvez quisesses guardar o maná para que pudessem dormir na manhã seguinte, mas Moisés advertiu-os para não fazê-lo. Alguns tentaram guardar o alimento, de qualquer forma, e ele azedou, cheirou mal e deu bichos, e tiveram de jogar tudo fora. Essas pessoas não apenas desobedeceram às instruções divinas, como também estavam vivendo de modo contrário às práticas de Deus, pois o Senhor providenciava para que o sol derretesse o maná que havia ficado no solo. Não vale a pena rebelar-se contra aquilo que Deus diz em sua Palavra e contra o exemplo que ele dá em sua criação.

Encontramos novamente uma advertência pessoal para o povo de Deus hoje em

dia: não podemos acumular a Palavra nem tentar viver às custas do alimento espiritual de ontem. É bom ouvir a Bíblia sendo pregada e ensinada no dia do Senhor, mas precisamos de maná fresco a cada dia, se desejamos ser cristãos saudáveis. Não há substituto para um tempo diário a sós com Deus, em que recolhemos o alimento de sua Palavra.

Maná para o sábado (vv. 22-31). No versículo 23, o sábado é mencionado pelo nome pela primeira vez nas Escrituras. Em Gênesis 2:1-3, é chamado de “dia sétimo” e traz à memória o descanso do Senhor depois de seis dias de criação. Fica evidente que os hebreus foram ensinados a observar o sábado mesmo antes de Deus dar a Moisés os dez mandamentos.

Mesmo que muitas pessoas bem-intencionadas digam que o domingo é o sétimo dia, isso não é bíblico, pois o domingo é o primeiro dia da semana. O sábado foi dado de modo especial pelo Senhor para o povo israelita como lembrança de sua aliança com ele (Êx 20:8-11; 31:12-17; Ne 9:13-15). A palavra *sabbath*, em hebraico, significa “deixar de trabalhar para descansar” e está relacionada à palavra hebraica para “sete”.

Para que não tivessem de trabalhar no sábado, os israelitas deviam preparar suas refeições com antecedência, e isso incluía a coleta do maná. No sexto dia, tinham permissão de recolher o dobro do maná, e tudo o que guardassem não ficaria rançoso. Não apenas a dádiva do maná era uma ocorrência extraordinária seis dias por semana como também sua conservação, no sétimo dia, também era um milagre. Sempre há os que não entendem o que se passa. Alguns israelitas saíram no sábado à procura de maná e não encontraram nada. Não obedeceram às instruções de Moisés! Lembre-se de que, com a coleta do maná, Deus estava testando seu povo para ver se obedeceriam à lei que estava prestes a lhes dar (Êx 16:4). Se não podiam obedecer a algo simples como a coleta de maná seis dias por semana, como obedeceriam aos estatutos e leis que Moisés traria do alto

do monte Sinai? Era um privilégio comer o “pão dos anjos” enviado do céu e era um insulto ao Senhor desobedecer a suas instruções.

4. LEMBRE-SE DAS LIÇÕES QUE DEUS LHE ENSINA (Êx 16:32-36)

As instruções nos versículos 33 e 34 precedem a entrega da lei (ou “testemunho”; Êx 31:18; 32:15), a confecção da arca do testemunho (Êx 25:16, 22; 26:33) e a construção do tabernáculo. As informações de 16:35 foram acrescentadas anos depois para completar o relato. Naquela ocasião, Moisés ainda não sabia durante quantos anos Israel marcharia pelo deserto.

Como veremos mais adiante, a arca do testemunho era o trono de Deus no acampamento. Ficava no Santo dos Santos, dentro do tabernáculo, onde habitava a glória de Deus. Dentro da arca, estavam as duas tábuas da lei, a vara de Arão e a urna de ouro com maná (Hb 9:4). Somente o sumo sacerdote tinha permissão de entrar no Santo dos Santos, e podia fazê-lo apenas uma vez por ano, mas o povo de Israel sabia o que a havia dentro da arca e ensinava isso a seus filhos. Cada um desses itens lembrava a nação de uma verdade importante: que Deus é Rei e Legislador; que instituiu o sacerdócio e que alimentou seu povo, pois se importava com eles.

Deus deu a lei a Israel porque amava seu povo. Os israelitas precisavam de uma luz para guiá-los, e a lei de Deus é como uma lâmpada e um mapa, e obedecer à lei é o caminho da vida (Pv 6:23). Quando os israelitas desobedeciam, precisavam de um sacerdote para ajudá-los, a fim de que fossem perdoados e reconciliados com Deus. Também precisavam ser lembrados de que era o Senhor quem lhes provia o alimento e que não viviam apenas de pão, mas também da Palavra de Deus (Dt 8:1-3).

A maior parte das pessoas tem a tendência de se esquecer de como Deus tratou com elas e precisa aprender novamente as lições que apagou da memória. Alguns mantêm um diário que relêem regularmente, enquanto outros têm um “diário espiritual” nas

margens da Bíblia, anotando versículos especiais e experiências relacionadas a eles. Uma fotografia sem qualquer significado especial para nós pode conter enormes tesouros de verdades espirituais para o seu dono, que sabe o porquê de a foto estar em sua estante. Não importa como o fazemos, mas devemos fixar as lições relevantes da vida e permitir que nos influenciem de

modo que andemos com Deus e que lhe obedeçamos.

Quando andamos com o Senhor pela fé, então a vida é uma escola, e o peregrino/aluno bem-sucedido pode orar como Moisés: "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio" (Sl 90:12)

Você é uma dessas pessoas?

1. Com frequência, depois de uma grande vitória de fé, o Senhor permite uma provação para nos testar. Quando Abraão chegou à terra prometida, descobriu que havia ali uma grande fome (Gn 12:10) e, depois da gloriosa ocasião do seu batismo, nosso Senhor foi tentado por Satanás no deserto (Mt 3:13 - 4:11). Elias conquistou uma grande vitória no monte Carmelo, mas logo depois enfrentou uma provação de fé (1 Rs 18 - 19).
2. Esse é um dos vários "nomes compostos" de Deus encontrados no Antigo Testamento. Ver Gênesis 22:13, 14; Êxodo 17:15; Juízes 6:24; Jeremias 23:6; Ezequiel 48:35.
3. Um "tipo" é uma pessoa, objeto, instituição, ritual ou acontecimento do Antigo Testamento que aponta para uma verdade espiritual ainda não revelada. No Antigo Testamento, há muitas "ilustrações" de verdades espirituais do Novo Testamento, mas estas devem ser autorizadas pelo Novo Testamento. O relacionamento de Rute com Boaz, por exemplo, ilustra o amor entre Cristo e a Igreja, mas o Novo Testamento não define essa relação em parte alguma como um "tipo". O mesmo acontece com José que nos faz lembrar, em vários aspectos, da pessoa de Jesus Cristo. Alguns estudiosos chamam isso de "tipos inferidos", pois são paralelos a diversas verdades do Novo Testamento. Além do maná, outros tipos de Cristo são Adão (Rm 5:14), Melquisedeque (Gn 14; Hb 5 - 7), o Cordeiro (Êx 12; Jo 1:29) e a serpente de bronze (Nm 21:8, 9; Jo 3:14). O sistema sacrificial judaico é um tipo do sacrifício de Cristo (Hb 10:1-18), bem como os rituais e os móveis e utensílios do tabernáculo e do templo (Hb 8).
4. Jesus não estava se referindo à Ceia do Senhor quando falou sobre comer da carne dele e beber do seu sangue. Nem sequer havia instituído a ceia para seus discípulos, então por que iria discuti-la com uma congregação de judeus não convertidos e rebeldes? Estava empregando linguagem metafórica para explicar certas verdades espirituais, mas o povo compreendeu de modo literal, como acontecia com frequência (Jo 2:19-21; 3:4; 4:11, 32; 8:30-36; 11:11-13).
5. Paulo usou a coleta de maná como uma ilustração para a oferta dos cristãos (2 Co 8:13-15). Cada pessoa, na igreja de Corinto, contribuiria com aquilo que Deus a instruisse e, quando tudo fosse coletado, seria suficiente para suprir as necessidades.

“O SENHOR DOS EXÉRCITOS ESTÁ CONOSCO”

ÊXODO 17 - 18

No dia 18 de abril de 1874, o corpo do missionário e explorador David Livingstone foi sepultado na nave central da abadia de Westminster. Durante o funeral, os presentes cantaram um hino de Philip Doddridge e John Logan baseado em Gênesis 28:20, 21.

Ó Deus de Betel, é por tua mão
Que teu povo ainda é alimentado;
Aqui na terra em peregrinação
Tens nossos pais conduzido;
No caminho que desorienta
Os nossos passos guia;
Dá-nos sempre vestimenta
E o pão nosso de cada dia.

Durante os anos de trabalho árduo e difícil na África, Livingstone colocou sua fé e seu futuro nas palavras de despedida de Jesus: “Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:20). Em seu diário, Livingstone escreveu sobre esse versículo em 14 de janeiro de 1856: “Trata-se da palavra de um *gentleman* da mais rigorosa e sagrada honra, de modo que haverá um fim!”. Ele sabia que podia confiar em seu Senhor!

Foi a presença do Senhor que deu a Moisés a força e a segurança de que precisava para liderar o povo de Israel durante suas jornadas pelo deserto. Sua tarefa era árdua: conduzir um exército ingrato de escravos que tentava constituir uma nação. No entanto, ele perseverou, pois o Senhor estava com ele. Os acontecimentos registrados nesses dois capítulos revelam o que a presença do Senhor significa para o povo de

Deus e para seus líderes como peregrinos em sua jornada.

1. DEUS CONDUZ OS NOSSOS PASSOS (Êx 17:1-7)

Ao dirigir-se para o monte Sinai, o povo de Israel continuava sendo guiado pela coluna de nuvem, durante o dia, e pela coluna de fogo, à noite. Contudo, Deus ainda estava colocando Israel em situações difíceis e fazendo-o passar por provações, a fim de mostrar seu poder e de construir a fé e o caráter do povo. Afinal, a jornada da vida envolve muito mais do que apenas chegar a um destino. Se não estamos crescendo na fé, no conhecimento de Deus e num caráter piedoso, estamos desperdiçando nossas oportunidades.

A repetição de um teste (vv. 1-3). Israel ainda tinha um longo caminho a percorrer antes de ser qualificado como uma nação temente a Deus. Até então, cada provação que havia passado só servira para mostrar suas piores qualidades. Quando os israelitas chegaram a Refidim, no deserto do Sinai, encontraram-se mais uma vez sem água. Tinham sido reprovados nesse teste anteriormente, de modo que Deus precisou testá-los outra vez. O Senhor havia mostrado que podia prover água e alimento para eles, então por que brigavam com Moisés? *Porque o coração do povo ainda estava no Egito!* Eram culpados de ingratidão, de incredulidade, do desejo de voltar àquela antiga vida e, como resultado, foram reprovados novamente.

Toda dificuldade que Deus permite em nossa vida será um teste, que pode nos transformar em pessoas melhores, ou uma tentação, que pode fazer de nós pessoas piores, e é *nossa atitude que determina o que acontecerá*. Se em nossa incredulidade começarmos a murmurar e a colocar a culpa em Deus, então cairemos na armadilha da tentação, sendo privados da oportunidade de crescer espiritualmente. Contudo, se confiarmos em Deus e deixarmos que ele faça as coisas a seu modo, a provação será para nosso bem e não para nos prejudicar (Rm 8:28; Tg 1:12-15), ajudando-nos a crescer na graça.

Quando as pessoas não estão em comunhão com o Senhor e estão cheias de raiva e de amargura, normalmente querem fazer coisas irracionais que só pioram a situação. Nesse caso, o povo queria apedrejar seu líder (Êx 17:5)! É difícil dizer exatamente como isso mudaria a situação deles, mas pessoas desobedientes, com frequência, procuram um bode expiatório.¹

Um recurso infalível (vv. 4-7). Moisés fez aquilo que precisou repetir com frequência como líder: clamou ao Senhor pedindo ajuda (Êx 15:25; 32:30ss; Nm 11:1, 2; 12:13; 14:13ss). “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações” (Sl 46:1). O Senhor o instruiu a tomar alguns dos anciãos com ele e, também, a vara que simbolizava o poder de Deus (Êx 7:20) e ferir a rocha diante de todo o povo. Quando Moisés obedeceu, da rocha jorrou água para dessedentar o povo e os animais (Sl 78:15, 16; 105:41; 114:8; Is 48:21). O Deus bondoso supriu as necessidades do povo murmurador.²

A rocha é um tipo da pessoa de Jesus Cristo, ferido por nós na cruz (1 Co 10:4),³ e a água é um tipo do Espírito Santo, cuja vida foi possibilitada pela morte, ressurreição e ascensão de Cristo ao céu (Jo 7:37-39). Isso explica por que Moisés errou quando, em outra ocasião, feriu a rocha em Meribá em vez de falar a ela conforme Deus havia instruído (Nm 20:1-13), pois “[Cristo] de uma vez para sempre morreu para o pecado” (Rm 6:10, ver Hb 7:27; 9:26-28).

“Massá” quer dizer “provando” e “Meribá” significa “contendendo, disputando”. Os hebreus ainda não haviam aprendido que *Deus prova seu povo nas experiências cotidianas da vida*. Ele usa as experiências difíceis para fortalecer nossa fé e para amadurecer nosso caráter. O povo de Israel era muito fraco em sua fé em Deus, pois pensava que seu Deus os havia conduzido a um lugar em que não poderia cuidar deles! O problema dos israelitas era seu coração endurecido, que não submetem ao Senhor, de modo que se rebelavam contra a vontade dele. Na verdade, a geração mais velha manteve um coração

incrédulo ao longo de toda a jornada do Egito até Canaã (Sl 95:6-11; Hb 3).⁴ Murmuraram sobre a água no começo de sua peregrinação e fizeram o mesmo quarenta anos depois, no fim de sua jornada (Nm 20:1-13).

No mapa de nossa vida, quantos lugares deveriam ser chamados de “Provando e Contendendo” por causa da forma como nos queixamos de nossas circunstâncias e deixamos de confiar em Deus? Uma coisa é sentar-se confortavelmente na igreja e cantar sobre como o Senhor nos guia e como sua graça nos basta; outra coisa bem diferente é ser confrontado com sofrimentos e decepções e dizer humildemente: “Seja feita a tua vontade, e não a minha”. Corrie ten Boom costumava dizer: “Nem tente dizer a Deus o que fazer; apenas apresente-se a ele para trabalhar”.

2. DEUS DERROTA NOSSOS INIMIGOS (Êx 17:8-16)

Na jornada de fé, não apenas passamos por provações que envolvem necessidades da vida, como a de pão e água, como também enfrentamos batalhas quando nossos inimigos nos atacam. Somos peregrinos e também soldados, e isso significa que, ocasionalmente, devemos suportar dificuldades quando seguimos ao Senhor (2 Tm 2:3, 4).

O inimigo (v. 8). O diabo é nosso maior inimigo (1 Pe 5:8), e em seu combate contra nós ele usa o mundo e a carne (Ef 2:1-3). Assim como Israel foi liberto do Egito pelo poder do Senhor, o povo de Deus, nos dias de hoje, também é liberto “deste mundo perverso” (Gl 1:3, 4) pela vitória de Cristo. Estamos no mundo fisicamente, mas não pertencemos ao mundo espiritualmente (Jo 17:14-16) e, portanto, não devemos nos conformar com o mundo (Rm 12:2). Renunciamos às coisas da carne (Gl 5:16-21) e resistimos aos ataque do diabo (Tg 4:7; 1 Pe 5:8, 9).

Os amalequitas eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó (Gn 36:12, 16), um homem “impuro e profano” (Hb 12:16). A palavra traduzida por “profano” vem de um termo grego que significa “soleira” e

refere-se a alguém acessível a tudo e a todos. A palavra "profano", em português, origina-se do latim e significa "de fora do templo", ou seja, que não é sagrado, algo comum. Esaú vivia no mundo e na carne e desprezava as coisas espirituais (v. 17). Opôs-se ao irmão, Jacó, e ameaçou matá-lo (Gn 27:41), e os descendentes de Esaú opuseram-se aos filhos de Jacó (Israel) e ameaçaram aniquilá-los.

Não há qualquer registro de que os hebreus tivessem precisado lutar no Egito, mas uma vez que foram libertos da escravidão, descobriram que tinham inimigos. O mesmo acontece com a vida cristã. Quando nos identificamos com Jesus Cristo, então os inimigos dele se tornam nossos inimigos (Lc 12:49-53), e devemos "combater o bom combate" (1 Tm 6:12). No entanto, precisamos das batalhas da vida para ajudar a contrabalançar suas bênçãos. De outro modo, nos tornamos seguros e acomodados demais e deixamos de confiar no Senhor.

A estratégia (Dt 25:17-19). Os amalequitas atacaram Israel de surpresa pela retaguarda, no ponto mais fraco do acampamento, pois investiram contra os hebreus cansados e fracos e que haviam ficado para trás na marcha. Amaleque atacou depois que Israel havia experimentado uma grande bênção na provisão de água que jorrou da pedra. Satanás e seu exército demoníaco (Ef 6:10-12) sabe qual é o nosso ponto mais fraco e o momento em que não estamos preparados para um ataque. É por isso que Jesus disse: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mc 14:38).

O inimigo com frequência ataca o povo de Deus depois de receber uma bênção especial, mas o Senhor pode usar esses ataques para evitar que confiemos nas dádivas em vez de no Doador. Foi depois de sua vitória sobre os quatro reis que Abraão sentiu-se tentado a ficar com os espólios (Gn 14:17-24), e depois da vitória em Jericó, Josué ficou excessivamente seguro de si e sofreu a derrota em Ai (Js 7). Depois que Elias derrotou os sacerdotes de Baal, ficou desanimado e sentiu-se tentado a desistir

(1 Rs 18:41 - 19:18), e foi depois da bênção em seu batismo que nosso Senhor foi atraído até o deserto para ser tentado (Mt 3:13 - 4:1). "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Co 10:12).

A vitória (vv. 9-13). Não há qualquer evidência de que Israel tenha combatido no Egito. Mesmo na noite em que foram libertos, não tiveram de lutar contra o ataque do exército egípcio, pois o Senhor lutou por eles. "Aquietai-vos e vede o livramento do SENHOR que, hoje, vos fará" (Êx 14:13). No entanto, ao longo de sua jornada como peregrinos, os israelitas teriam de entrar em combate muitas vezes e de confiar em Deus para obter a vitória. "E esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 Jo 5:4).

Essa é a primeira vez que se faz menção a Josué nas Escrituras, mas seu nome aparece mais duzentas vezes na Bíblia.⁵ Ele nasceu no Egito e recebeu o nome de Oséias, que significa "salvação". Mais tarde, Moisés mudou o nome dele para "Josué" (Nm 13:8, 16), que quer dizer "Jeová é salvação" e que é o equivalente hebraico para "Jesus" (Mt 1:21; Hb 4:8). Conhecia as dificuldades da escravidão egípcia e devia ter aptidão especial para a liderança militar, pois Moisés fez dele general do exército. Tornou-se servo de Moisés (Êx 24:13; 33:11; Js 1:1), pois a política de Deus é que, antes de sermos promovidos a líderes, devemos primeiramente nos mostrar fiéis como servos (Mt 25:21, 23). Josué teve apenas um dia para reunir seu exército e prepará-lo para o ataque, mas ele conseguiu.

A grande vitória de Israel sobre Amaleque envolveu três elementos: o poder de Deus no céu, a habilidade de Josué e do exército no campo de batalha e a intercessão de Moisés, Arão e Hur⁶ no alto do monte. Deus podia ter enviado anjos para aniquilar o inimigo (Is 37:38), mas por vezes lhe convém usar instrumentos humanos para cumprir seus propósitos. Josué e seu exército confiariam em Deus e lutariam, Moisés e seus companheiros confiariam no Senhor e intercederiam, e Deus faria o resto. Desse modo, o povo de Deus cresceria em fé, e o nome do Senhor seria glorificado.

Era costume dos israelitas levantar as mãos quando oravam (Sl 28:2; 44:20; 63:4; 134:2; 1 Rs 8:22, 38, 54; 1 Tm 2:8), e uma vez que Moisés segurava a vara de Deus em suas mãos, estava confessando total dependência da autoridade e poder de Jeová. Não era Moisés quem estava fortalecendo Josué e seu exército, mas sim o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o “Senhor dos Exércitos”. Enquanto as mãos de Moisés estavam levantadas, Israel prevalecia, mas quando abaixava as mãos, Amaleque prevalecia.

Podemos entender que Josué e seu exército se cansassem durante a batalha, mas por que Moisés se cansou de segurar a vara de Deus? Até o dia da sua morte, Moisés não perdeu sua força natural (Dt 34:7), de modo que a causa não era física. *A verdadeira intercessão é uma atividade que exige muito de nós.* Concentrar sua atenção em Deus e “[orar] sem cessar” (1 Ts 5:17) pode ser tão cansativo quanto um trabalho pesado. Assim como Epafras, devemos nos “[esforçar] sobremaneira” (Cl 4:12)⁷ em nossas orações e não apenas mencionar casualmente nossos pedidos ao Senhor. Samuel M. Zwemer, missionário em países islâmicos, costumava chamar a oração de “academia de ginástica da alma”, e John Bunyan escreveu: “Na oração, é melhor ter ânimo sem palavras do que palavras sem ânimo”. Colocar todo seu coração nas orações intercessoras lhe custará caro, mas também o abençoará grandemente.

Josué não teria alcançado a vitória sem Moisés, mas Moisés não poderia ter prevalecido sem o apoio de Arão e de Hur. Nem todo mundo pode ser um Moisés, ou um Josué, ou um D. L. Moody, ou Billy Graham, mas todos os cristãos podem ser como Arão e Hur e ajudar a sustentar as mãos dos líderes enquanto obedecem a Deus. O Senhor está à procura de pessoas que participem da batalha e da vitória perseverando firmemente em oração (Rm 12:12; Is 59:16).

Essa passagem também nos faz lembrar de que nosso Salvador vive eternamente no céu para interceder por nós, enquanto lutamos as batalhas da vida, e sua força nunca falha (Hb 7:25). Além disso, o Espírito Santo

em nosso ser intercede por nós e nos orienta em nossa oração (Rm 8:26, 27). Deus promete vitória àqueles que oram e que empunham a espada do Espírito (Ef 6:17, 18).

O testemunho (vv. 14-16). Moisés não construiu um monumento para si ou para Josué, tampouco para o exército de Israel. Antes, teve o cuidado de dar toda a glória a Deus pela vitória de Israel ao construir um altar e chamá-lo de “O SENHOR É Minha Bandeira”. No Egito, é provável que tivesse visto um exército com várias divisões, cada uma delas identificada com um deus. Assim, Moisés ergueu um estandarte para honrar o único Deus verdadeiro.⁸ Moisés também explicou o motivo do memorial: “Porquanto o SENHOR jurou” (v. 16). Deus havia respondido às orações e ajudado seu povo, e Moisés desejava louvar o nome do Senhor.

No entanto, Moisés também anotou no livro oficial de registros⁹ que Israel lutaria contra Amaleque até que aquela nação fosse completamente destruída. Os israelitas entraram em confronto com os amalequitas novamente em Horma, mas foram derrotados (Nm 14:45), e Gideão conquistou-os juntamente com os midianitas (Jz 6:33). O rei Saul desobedeceu a Deus e não exterminou o povo de Amaleque, assim perdeu sua coroa (1 Sm 15); e ele próprio foi morto por um amalequita (2 Sm 1:1-16). Davi derrotou os amalequitas que atacaram seu acampamento (1 Sm 30) e, quando se tornou rei, finalmente subjogou-os (2 Sm 8:11-12). Durante o reinado de Ezequias, seus exércitos aniquilaram os poucos amalequitas que ainda restavam. O juízo de Deus sobre os amalequitas nos ensina que não se pode atacar o trono de Deus impunemente.

3. DEUS MERECE NOSSO LOUVOR (Êx 18:1-12)

Depois de ler sobre as provações, queixas e batalhas dos israelitas, é um alívio passar para um capítulo que descreve o acampamento de Israel como um lugar tranquilo de comunhão familiar e de vida diária normal. A vida não é sempre feita de fome, sede e guerras, apesar de muitas vezes serem essas as coisas das quais nos lembramos. Charles

Spurgeon disse, talvez com razão, que o povo de Deus tem a tendência de “gravar suas provações em mármore e de escrever suas bênçãos na areia”.

Contudo, a melhor coisa sobre esse parágrafo é que todos estão louvando a Deus por aquilo que ele fez por seu povo. Louvar a Deus é muito mais elevado do que murmurar contra ele; na verdade, o louvor é um excelente antídoto para um espírito cheio de murmuração. “A Bíblia fala muito mais sobre louvor do que sobre oração”, disse o evangelista D. L. Moody, “no entanto, quão poucas são nossas ‘reuniões de louvor!’”

A mensagem de Jetro (vv. 1-6). Vimos o sogro de Moisés em Êxodo 2:11-22, mas sua presença aqui levanta duas questões importantes: (1) Como Jetro ficou sabendo dos feitos maravilhosos de Deus no Egito?; e (2) Quando a esposa de Moisés e seus dois filhos voltaram para casa?

É possível que Moisés tivesse mandado sua família de volta para Midiã antes de o Senhor declarar guerra contra o Egito. Então, depois do êxodo, Moisés enviou um mensageiro a Jetro pedindo que trouxesse Zípora e os dois meninos e que se encontrassem com ele no Sinai. Alguns estudiosos rejeitaram essa possibilidade, uma vez que Moisés certamente iria querer que sua família presenciasse o juízo do Senhor contra o Egito e que fosse parte do grande livramento de Israel. Que tipo de líder iria querer que sua família ficasse confortável em Midiã enquanto o povo sofria no Egito?

Se a família estava com ele no Egito, então, em algum momento depois do êxodo, Moisés deve ter mandado Zípora e seus filhos de volta para Midiã, a fim de transmitir as boas novas a sua família. Zípora e seus acompanhantes podiam viajar bem mais rapidamente com suas crianças e animais do que a nação toda, de modo que a família deve ter chegado a Midiã antes de Israel alcançar a região do Sinai. Tendo ouvido as boas notícias, Jetro enviou, assim, uma mensagem a Moisés dizendo que estava a caminho do acampamento com Zípora e os dois meninos.

A chegada de Jetro (vv. 7, 8). No Oriente, os parentes e amigos costumavam cumprimentar-se demoradamente quando se encontravam (Lc 10:4), especialmente se não haviam se visto por muito tempo (Gn 29:9-14; 33:1-7; 45:1-15). Moisés demonstrou respeito por seu sogro ao ir a seu encontro, mas é estranho que o texto não diz nada sobre Zípora e os dois filhos.¹⁰

A hospitalidade é importantíssima no Oriente, e Moisés convidou Jetro e os outros visitantes a se reunirem com ele em sua tenda. Lá, relatou novamente as coisas maravilhosas que Deus havia feito por seu povo. Jetro sabia de alguns fatos sobre a derrota do Egito, mas Moisés contou-lhe os detalhes e respondeu às suas perguntas. Não foi um relato do que Moisés havia feito, mas do que Deus havia feito!

A adoração de Jetro (vv. 9-12). Assim como Melquisedeque (Gn 14:17-24), Jetro era um sacerdote gentio (Êx 2:16) que conhecia o verdadeiro Deus vivo. Também sabia da importância de Israel para o plano de Deus, uma vez que disse que o Senhor havia castigado os egípcios, pois “agiram arrogantemente contra o povo” (Êx 18:11).

O sacerdócio ainda não havia sido oficialmente instituído em Israel, de modo que não havia nada de errado em Moisés, Arão e os anciãos israelitas juntarem-se a Jetro e oferecerem sacrifícios a Deus para, em seguida, desfrutarem um banquete de comunhão. Durante os anos em que Moisés havia vivido em Midiã, sem dúvida havia participado de muitos banquetes sacrificiais com seu sogro. Esse tipo de ocasião renunciava o tempo em que o Messias morreria pelos pecados do mundo todo e se tornaria a redenção acessível às pessoas de todas as nações. “Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome” (Mt 1:11).

4. DEUS DISTRIBUI NOSSOS FARDOS (ÊX 18:13-27)

Moisés poderia ter tirado uma semana de folga para desfrutar a companhia de sua família e entreter seu sogro, mas sendo um pastor fiel, no dia seguinte estava de volta, ajudando o povo com seus problemas.

A tarefa (vv. 13-16). A nação já possuía anciãos (v. 13; 4:29), mas estes não estavam ajudando Moisés nas questões cotidianas do acampamento ou, se estavam, havia questões que não podiam resolver e que precisavam levar a Moisés. Havia regulamentos básicos para a administração do acampamento (Êx 18:16), uma vez que não era possível que dois milhões de pessoas vivessem e viajassem bem todas juntas sem obedecer a algum tipo de estatuto normativo. A expressão “Os estatutos de Deus e as suas leis”, no versículo 16, pode referir-se à vontade de Deus em geral bem como a regras específicas do Senhor. Muito antes de a lei ser dada, Deus abençoou Abraão por obedecer a seus mandamentos, estatutos e leis (Gn 26:5).

Os códigos judiciais são necessários para que haja ordem e segurança na sociedade, mas precisam sempre ser interpretados, mesmo quando vêm do Senhor. Posteriormente, os sacerdotes ajudariam com essa tarefa (Ml 2:4-7), mas o sacerdócio ainda não havia sido instituído. A partir do tempo de Esdras (Ed 7:10), os escribas tornaram-se os estudiosos e intérpretes da lei.

O perigo (vv. 17, 18). Jetro sabia que a liderança de Moisés era essencial para o futuro sucesso de Israel e que qualquer atividade que esgotasse sua energia ou desperdiçasse seu tempo acabaria exercendo efeito negativo sobre a nação. Além disso, não queria que seu genro se desgastasse nem deixasse Zípora viúva e seus dois filhos sem pai. Nenhum homem poderia ministrar pessoalmente a dois milhões de pessoas e durar muito tempo. Mesmo depois de ter sido criado um novo sistema organizacional, Moisés teve de confessar que o trabalho era demais para ele (Nm 11:14), o que nos faz pensar quão pesado era seu fardo sob o sistema anterior. A palavra hebraica traduzida por “mais fácil” em Êxodo 18:22 significa “tirar a carga de um navio”. “Será assim mais fácil para ti.”

A sugestão (vv. 19-27). A sugestão de Jetro era boa. Moisés devia organizar o campo, de modo que cada dez pessoas tivessem alguém com quem discutir seus problemas civis. Se um líder de dez não

conseguisse resolver o problema, poderia levá-lo para um líder de cinquenta, depois de cem e, então, de mil.¹¹ Depois disso, se necessário, a questão seria levada ao próprio Moisés. Talvez fosse isso que D. L. Moody tinha em mente quando disse: “Prefiro colocar dez homens para trabalhar do que fazer o trabalho de dez homens”.

Um sistema como esse separaria os problemas mais simples das questões mais complexas, de modo que Moisés não perdesse seu tempo com assuntos triviais. (Se o povo de Israel era, de algum modo, parecido com as pessoas de hoje, todos achavam que seu problema era o mais importante!) Esse sistema também serviria para testar a seriedade das pessoas, pois nem todas elas estariam dispostas a permitir que o líder “levasse seu caso para um tribunal superior”.

No entanto, Jetro não estava aconselhando Moisés simplesmente a “passar a bola para frente”. Antes, Moisés devia ensinar ao povo os estatutos e leis, contando, sem dúvida, com a assistência de líderes escolhidos, a fim de que pudessem tomar decisões sábias. Também devia representar o povo diante de Deus, o que provavelmente significava orar por eles e pedir a orientação de Deus para os casos difíceis. Moisés era o líder escolhido por Deus, e ninguém poderia substituí-lo até que o trabalho dele fosse concluído, mas ele não precisava fazer todo o trabalho sozinho.

Há quem diga que Jetro era um intrme-tido e que deveria cuidar de sua própria vida, pois Deus havia capacitado Moisés para realizar suas tarefas a cada dia. “Se Deus quisesse que Moisés recebesse ajuda”, argumentam, “teria dito isso pessoalmente a ele”. Porém Jetro não *ordenou* que Moisés seguisse o que ele estava dizendo. Jetro instou Moisés a conversar com o Senhor sobre o problema e a obedecer ao que Deus lhe dissesse (v. 23). Tendo em vista que Moisés adotou a sugestão do sogro, deve ter consultado o Senhor e recebido sua aprovação.

Moisés não perguntou a Jetro como construir o tabernáculo nem como oferecer sacrifícios, pois essas eram questões para as quais

o próprio Moisés recebia revelações do Senhor. Mas no que se refere à organização e à administração, o povo de Deus tem o que aprender com pessoas de fora, pois: “Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz” (Lc 16:8). É claro que não devemos adotar práticas ou políticas até que compreendamos o princípio por trás delas e que estejamos certos de que se encontram de acordo com as Escrituras (Tg 3:13-18).

O importante sobre delegar responsabilidades é ter líderes com aptidão e caráter, “homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza” (Êx 18:21).¹² Essas qualificações nos fazem lembrar da experiência da Igreja primitiva ao encontrar pessoas para auxiliar os apóstolos e para aliviá-los de seus deveres secundários (At 6:1-7). Esses assistentes deviam ter boa reputação, ser cheios do Espírito e de sabedoria e ter a aprovação do povo.

De acordo com Deuteronômio 1:9-18, Moisés compartilhou o conselho de Jetro com o povo, admitiu sua própria fraqueza e cansaço e pediu que escolhessem líderes para assisti-lo. Eles aprovaram o plano e escolheram os líderes que, então, receberam

de Moisés as responsabilidades referentes a seus cargos. Quando Israel entrou na terra prometida, indicaram líderes para cada cidade a fim de assistir na resolução de conflitos (Dt 16:18-20). O Senhor é um Deus de ordem e desejava que seu povo desfrutasse segurança e justiça no acampamento e na terra prometida.

Sempre que o ministério e a organização entram em choque e o ministério é dificultado, o povo de Deus deve fazer ajustes na organização de modo que o ministério possa crescer. Quando a igreja de Jerusalém deu aos apóstolos a ajuda de que precisavam, sua obra cresceu, e muitas pessoas se converteram (At 6:7). Neste mundo de transformações tão rápidas, os ministérios cristãos devem ser flexíveis, se desejam resolver seus problemas e aproveitar as oportunidades. A ênfase da Bíblia não é tanto sobre a organização, em si, mas sobre o tipo de organização que envolve pessoas qualificadas, que fazem bem seu trabalho. Organizações destinadas ao fracasso petrificam suas estruturas e se recusam a mudar. Os ministérios que Deus abençoa são abertos a mudanças, desde que os princípios da Palavra de Deus sejam obedecidos.

1. Os homens de Davi pensaram em apedrejá-lo quando voltaram para casa e viram que suas famílias e bens não estavam mais lá (1 Sm 30:1-6). É impossível dizer de que forma isso teria resolvido o problema. O povo judeu quis apedrejar Jesus (Jo 8:59; 10:31) e acabou, de fato, apedrejando Estêvão (At 7:58).
2. Esse milagre não deve ser confundido com outro semelhante realizado em Números 20:1-13, mesmo que o nome “Meribá” seja usado em ambos os relatos (Êx 17:7; Nm 20:13). Os israelitas provocaram contendas em mais de uma ocasião!
3. De acordo com uma tradição dos rabinos, a pedra que Moisés feriu acompanhou os hebreus ao longo de toda a jornada, provendo-lhes água, mas não há qualquer base bíblica para essa idéia. Em 1 Coríntios 10:4, Paulo disse que foi a rocha espiritual que os acompanhou, não uma rocha literal, e que Cristo era a Rocha *espiritual*.
4. O Livro de Hebreus usa a experiência do povo de Israel para ilustrar a importante verdade espiritual de que é pela fé que recebemos e desfrutamos a herança que Deus preparou para nós. Em Horma, Israel se recusou a obedecer a Deus e a entrar na terra, de modo que ficaram no deserto mais trinta e oito anos até que a geração incrédula tivesse morrido. É por causa da incredulidade que o povo de Deus, nos dias de hoje, perde o que Deus tem de melhor para sua vida. Nossa tarefa é ouvir a voz do Senhor (sua Palavra), crer no que ele diz e obedecer à sua vontade. Deus cuidará do resto.
5. Para uma exposição do Livro de Josué, ver minha obra *Be Strong*, publicada pela editora Cook.
6. É provável que este não seja o Hur cujo filho construiu o tabernáculo (Êx 31:2; 35:30; 38:22; 1 Cr 2:19, 20). Ver Êxodo 24:14. Diz a tradição judaica que ele era casado com Miriã e, portanto, era cunhado de Moisés e de Arão, mas não há qualquer evidência bíblica desse fato.
7. O verbo grego é a origem de nosso termo “agonizar” e aplicava-se a atletas lutando pela vitória (1 Co 9:25) e a soldados combatendo na batalha (1 Tm 6:12).

8. Os estandartes eram usados para reunir as tropas (Is 13:2), declarar guerra (Is 31:9), alertar o exército (Jr 51:12, 27) e declarar a vitória (Êx 17:15).
 9. Ver Êxodo 24:4, 7; 34:27; Números 33:1, 2; Deuteronômio 25:17-19; 31:9, 24.
 10. Vimos Gérson ("estrangeiro, forasteiro") em Êxodo 2:22, mas em 18:4 encontramos a primeira referência ao filho mais novo, Eliézer ("meu Deus é meu auxílio"), na Bíblia. Assim como os nomes que José deu a seus dois filhos (Gn 41:50-52), os nomes dos filhos de Moisés refletiam sua própria experiência: um estrangeiro na terra, mas, com a ajuda de Deus, um conquistador.
 11. Números 31:14, 28 indica que o exército era organizado de acordo com um plano semelhante. Ver 1 Samuel 22:7; 1 Crônicas 12.
 12. Uma vez que Israel possuía uma forte sociedade patriarcal, dava-se ênfase aos homens, mas, ao longo das Escrituras, Deus chamou e usou muitas mulheres competentes para servir a ele e a seu povo.
-

OUÇAM A VOZ DE DEUS

ÊXODO 19:1 - 20:21

Quando Deus falou a Moisés na sarça ardente, deu-lhe uma promessa animadora: “depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte” (Êx 3:12). A promessa havia se cumprido. Os hebreus estavam no monte Sinai, o “monte de Deus” (v. 1; 4:27; 18:5; 24:13), e ficariam acampados ali pelos próximos onze meses.¹ Deus havia redimido seu povo (Êx 1 - 18) e iria tomá-lo para si, entrando num relacionamento de aliança com ele (Êx 19 - 24), conforme havia prometido (Êx 6:6, 7).

Em pelo menos oito ocasiões,² Moisés pediu a permissão do Faraó para levar o povo até o deserto, a fim de poderem adorar Jeová, e a cada vez o Faraó negou seu pedido. No entanto, Israel estava prestes a encontrar-se com seu Deus e a adorá-lo no monte santo. Muitas coisas maravilhosas ocorreram no Sinai, mas a maior de todas foi que o povo de Deus ouviu a voz do Senhor falando-lhes pessoalmente. “Se sucedeu jamais coisa tamanha como esta ou se se ouviu coisa como esta; ou se algum povo ouviu falar a voz de algum deus no meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo” (Dt 4:32, 33; 5:23-27).

Quando Deus falou com seu povo, por sua graça, chamou-o para uma vida muito especial.

1. UMA VIDA DE MATURIDADE (Êx 19:1-4)

Se a liberdade não leva à maturidade, então acabamos prisioneiros de uma escravidão pior do que aquela na qual nos encontrávamos antes, uma escravidão interior, não exterior. É horrível o suficiente ser escravizado por um capataz egípcio, mas pior ainda é

escravizar a si mesmo e tornar-se o próprio capataz.

Moisés foi até o alto da montanha encontrar-se com Deus, e o que ouviu do Senhor compartilhou com o povo ao descer do monte.³ A imagem de maturidade usada por Deus foi a de uma águia carregando seus filhotes nas asas e ensinando-lhes a gloriosa liberdade de voar. Moisés usou a mesma imagem num cântico que ensinou a Israel no final de sua vida. Leia com atenção Deuteronômio 32:10-12. O que as águias nos ensinam sobre a vida de maturidade?⁴

Em certo estágio de desenvolvimento de seus filhotes, as águias adultas desmancham o ninho confortável e forçam os pequenos a voar. Os jovens pássaros podem não estar muito ansiosos para deixar a segurança do ninho, mas devem aprender a voar a fim de cumprir seu propósito na vida. Os pássaros adultos ficam perto dos filhotes e, se eles caem, carregam-nos em suas asas fortes até que os pequenos aprendam a usar as próprias asas, pegar as correntes de ar e desfrutar as habilidades que Deus lhes deu.

As jovens águias ilustram três aspectos da liberdade: liberdade *de algo* (saem do ninho, o que, para nós, representa a redenção); liberdade *em algo* (sentem-se em casa quando estão no ar, o que, para nós, representa a maturidade); e liberdade *para algo* (podem cumprir o propósito de sua vida, o que, para nós, é o ministério). A verdadeira liberdade significa que somos libertos de fazer o que é mau, somos capazes de fazer o que é bom e estamos realizando a vontade de Deus na Terra.

Do ponto de vista de Deus, o Egito foi uma fornalha de aflição para Israel (Dt 4:20; 1 Rs 8:51; Jr 11:4), mas os hebreus muitas vezes viam o Egito como um “ninho” em que, pelo menos, tinham comida, abrigo e segurança (Êx 16:1-3; Nm 11:1-9). Deus os livrou do Egito, pois tinha algo melhor para desfrutarem e realizarem, mas isso significava que teriam de “experimentar suas próprias asas” e de sentir as dores do crescimento ao caminhar para a maturidade.

Quando estamos amadurecendo no Senhor, a vida torna-se uma série de portas

abertas que levam a cada vez mais oportunidades de desfrutar de liberdade responsável. No entanto, se nos recusarmos a permitir que Deus nos faça amadurecer, a vida torna-se uma série de barras de ferro que nos confinam e limitam. Um bebê está seguro e confortável no útero de sua mãe, mas chega um momento em que o bebê deve nascer e entrar em um mundo novo e desafiador de crescimento e de maturidade. Desde o nascimento até a morte, os “pontos críticos” da vida trazem novas liberdades que acarretam novos privilégios e novas responsabilidades: andar em vez de ser carregado; andar de bicicleta e depois dirigir; trabalhar num emprego e ganhar dinheiro; aprender a usar esse dinheiro com sabedoria; fazer amizades; casar-se; educar os filhos; aposentar-se. A cada “ponto crítico”, perdemos alguma coisa e ganhamos outra, e é assim que funciona o processo de amadurecimento.

Sempre que os hebreus reclamavam da forma como Deus estava tratando com eles e queriam voltar para o Egito, estavam agindo como criancinhas, de modo que Deus precisava discipliná-los. As palavras de George Morrison que citei anteriormente devem ser repetidas: “Foi preciso uma noite para tirar Israel do Egito, mas foram necessários quarenta anos para tirar o Egito de Israel”. Quanto tempo está demorando para que o Senhor nos ensine a voar? Ou será que ainda somos filhotes no ninho que não querem ser perturbados?

2. UMA VIDA DE DIGNIDADE (ÊX 19:5-8)

No Egito, os hebreus não passavam de corpos cansados, de escravos que faziam tudo o que seus senhores mandavam, mas Deus tinha coisas melhores planejadas para eles. Israel seria seu povo especial, e Deus iria usá-los para abençoar o mundo todo (Gn 12:3).

Propriedade peculiar de Deus (v. 5). Todas as nações da Terra pertencem ao Senhor, pois foi ele quem as fez e é ele quem as sustenta (Êx 9:29; Sl 24:1; 50:12; At 14:15-17; 17:24-28), mas ele escolheu Israel para ser sua propriedade peculiar (Dt 7:6; 14:2;

26:18; Sl 135:4; Ml 3:17). Essa escolha não se deu em função dos méritos de Israel, pois não tinham qualquer mérito (Dt 26:5-11), mas sim pela graça soberana de Deus (Dt 7:6-8).

O fato de os israelitas serem o povo escolhido de Deus não significa que sejam melhores do que qualquer outra nação, mas apenas que são diferentes, separados pelo Senhor para sua obra especial. Romanos 9:4, 5 nos lembra de alguns dos tesouros espirituais que Deus deu a Israel para que pudessem ser uma bênção para o mundo todo, pois “a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Pelo fato de Israel ter esses tesouros e privilégios, também tem uma responsabilidade maior de amar e de obedecer a Deus, pois “aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lc 12:48).⁵

Um reino de sacerdotes (v. 6). Arão e seus filhos seriam, posteriormente, consagrados para servir como sacerdotes do povo (Êx 28 - 29), mas a intenção de Deus era que *todo Israel* vivesse como sacerdotes, manifestando a verdade de Deus e compartilhando suas bênçãos com o mundo. Israel devia ser a “vitrina” de Deus para os gentios, mostrando-lhes que existe apenas um verdadeiro Deus vivo e que servi-lo é o caminho para a plenitude das bênçãos (Is 42:6; 49:6). Infelizmente, em vez de Israel influenciar as nações a adorar a Jeová, as nações influenciaram Israel a adorar a seus ídolos! Os israelitas adotaram as religiões e o estilo de vida dos gentios e, assim, profanaram a si mesmos, a terra e o templo de tal modo que Deus teve de discipliná-los com severidade e de enviá-los para o cativo na Babilônia. Chegará o dia, porém, em que Israel verá seu Messias, será purificada de suas iniquidades (Zc 12:10 - 13:1) e se tornará uma nação de sacerdotes santos para servir ao Senhor (Is 61:6).

Uma nação santa (v. 6). “Vós me sereis [...] nação santa” (cf. 22:31), ou seja, um povo separado para Deus, um povo diferente. “Sereis santos, pois eu sou santo” é uma declaração encontrada pelo menos seis vezes em Levítico (11:44, 45; 19:2; 20:7, 26; 21:8) e repetida duas vezes em 1 Pedro 1:15,

16. Em cada área da vida, as atividades de Israel deviam ser governadas pelo fato de que pertenciam a Deus, e isso incluía o que comiam, o que vestiam, com quem se casavam, como sepultavam seus mortos e, especialmente, como adoravam.

Durante as pragas no Egito, Deus determinou uma diferença entre eles e os egípcios (Êx 11:7), pois os israelitas não deviam viver como as nações pagãs gentias. Os sacerdotes israelitas deviam servir de exemplo e, também, ensinar o povo “para [fazerem] diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo” (Lv 10:10; 11:47). Os sacerdotes fracassaram nessa missão (Ez 22:26; veja 42:20; 44:23; 48:14, 15), e seu pecado ajudou a conduzir o povo à profanação e à destruição (Lm 4:13).

Quando Moisés compartilhou as boas novas com o povo, os israelitas prometeram entusiasticamente obedecer a tudo o que Deus lhes ordenasse (Êx 19:7, 8). É possível que estivessem sendo sinceros, mas Deus sabia que o coração deles pendia para o mal (Dt 5:27-29). O fato de eles terem repetido este voto outras duas vezes não mudou seu coração ou fortaleceu sua vontade (Êx 24:3, 7), e não tardaria para que Israel sucumbisse à idolatria que se ocultava em seu coração e fizesse um bezerro de ouro para adorar (Êx 32).

O povo de Deus hoje em dia (1 Pe 2:5, 9). Pedro tomou emprestado o conjunto de imagens de Êxodo 19:6 e chamou a Igreja de “sacerdócio santo [...] raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:5, 9). Assim como o antigo Israel, o povo de Deus, nos dias de hoje, deve mostrar o Senhor às pessoas e revelar, por meio de suas palavras e atos, como ele é maravilhoso. Devemos ser “propagandas vivas” da graça e do poder de Deus. É isso o que estamos fazendo?

3. UMA VIDA DE SANTIDADE (ÊX 19:9-25)

Moisés voltou a encontrar-se com o Senhor na montanha e relatou a promessa do povo de obedecer aos mandamentos de Deus.

O fato de Deus falar pessoalmente com Moisés deveria ter dado ao povo confiança em seu líder, mas acontecimentos subsequentes mostraram que não foi esse o caso. Que privilégio para Israel ter um líder como Moisés e que tragédia terem repetidamente dificultado tanto a vida dele!

Esse capítulo enfatiza a santidade de Israel como povo santo de Deus, sendo que três imagens se destacam: a mudança de roupas, a distância entre o povo e Deus e a tempestade no monte Sinai.

A mudança de roupas e lavagem (vv. 10, 11, 14, 15). Hoje em dia, estamos acostumados a ter sabonete e água facilmente disponíveis e roupas penduradas em nossos armários, mas o povo, nos tempos bíblicos, não desfrutava desses luxos. Não podiam tomar banho diariamente, e somente os ricos tinham roupas adicionais. Por isso, o ato de lavar-se e de trocar de roupas muitas vezes servia para marcar um recomeço, como quando Deus restaurou Adão e Eva (Gn 3:21) ou quando Jacó e sua família voltaram para Betel (Gn 35:2). Outros exemplos são José saindo da prisão (Gn 41:14), leprosos curados reintegrando-se à vida em sociedade (Lv 14:8, 9), Davi voltando para Deus (2 Sm 12:20) e o rei Joaquim recebendo uma demonstração de misericórdia de seus captores (Jr 52:31-34). No Antigo Testamento, lavar e trocar de roupa é o equivalente a 1 João 1:9 e a 2 Coríntios 7:1.⁶

A distância entre Deus e o povo (vv. 12, 13, 20-25). Ficar longe do monte Sinai era uma questão de vida ou morte, pois a presença de Deus santificava a montanha. Assim, Moisés colocou barreiras para manter o povo afastado e postou guardas com autoridade para matar à distância qualquer um que rompesse as barreiras, sendo que ninguém devia tocar no corpo daquele que morresse. Quando a trombeta soou, Moisés subiu a montanha para encontrar-se com Deus e, ainda assim, o Senhor mandou-o de volta para avisar o povo de que não deveria aproximar-se do monte Sinai.

Deus estava ensinando o povo, de modo dramático, que havia uma distância entre um Deus santo e homens e mulheres

pecadores, bem como o perigo de apressar-se presunçosamente a entrar na presença do Senhor. Posteriormente, Nadabe e Abiú esqueceram-se desse princípio e Deus os matou (Lv 10). A estrutura da adoração no Antigo Testamento enfatiza a pecaminosidade do homem e a "separação" de Deus: a cerca ao redor do tabernáculo, o véu diante do Santo dos Santos; o fato de apenas os sacerdotes poderem ministrar no tabernáculo e de somente o sumo sacerdote ter permissão de entrar no Santo dos Santos – e isso uma única vez por ano. A ênfase era sempre "Mantenha distância!"

No entanto, o Novo Testamento enfatiza a proximidade de Deus, pois o Filho de Deus se fez carne e habitou no mundo (Jo 1:14), e seu nome é "Emanuel – Deus conosco" (Mt 1:23). Por meio de sua morte e ressurreição, Jesus abriu um novo e vivo caminho para a presença de Deus (Hb 10:1-25), e a mensagem do Novo Testamento é: "Aproximemo-nos!" Isso não significa que devemos nos chegar a Deus sem respeito, como se pudéssemos nos relacionar com ele de igual para igual, mas ele é nosso Pai e recebe com alegria nosso amor. Ver Hebreus 12:18-29.

A tempestade (vv. 16-19; 20:18-20). Nas Escrituras, uma tempestade com frequência é um sinal da presença e do poder extraordinários de Deus (Sl 18:1-15; 29; Hc 3:1-16). A nuvem e a escuridão, os trovões e os raios, o terremoto e o fogo, todos eram manifestações da grandeza de Deus (Dt 5:22, 23, 27) e geraram um temor santo no coração do povo. Até Moisés admitiu estar tremendo de medo (Hb 12:21; Dt 9:19)! Deus estava prestes a ensinar ao povo sua lei, e "o temor do SENHOR é o princípio do saber" (Pv 1:7). Os hebreus também tinham visto as pragas no Egito, e essa demonstração grandiosa do poder de Deus deveria ter preparado o coração deles para lhe obedecer (Sl 105:26-45).

A combinação do ato de lavar-se, trocar de roupa, testemunhar a tempestade e manter-se afastado do Sinai mostrou claramente ao povo sua pecaminosidade e a santidade majestosa de Deus. Foram chamados para ser um povo santificado, diferente dos povos a seu redor. Somente quando obedecessem

a Deus é que poderiam, verdadeiramente, desfrutar os privilégios de ser um reino de sacerdotes, tesouro peculiar de Deus e sua nação santa.

4. UMA VIDA DE RESPONSABILIDADE (Êx 20:1-17)⁷

O privilégio da liberdade traz consigo a responsabilidade de usar essa liberdade com sabedoria para a glória de Deus e para o bem de outros. No entanto, os dez mandamentos eram muito mais do que simples leis para governar a vida do povo de Israel. Eram uma parte da aliança que Deus fez com Israel quando tomou a nação para si e fez dela seu povo especial (Êx 6:1-8; 19:5-8). Na aliança com Abraão, Deus passou aos hebreus a escritura da terra prometida (Gn 12:3; 13:14-18), mas para que Israel pudesse apropriar-se dessa terra e desfrutá-la, teria de obedecer à aliança mosaica. O triste é que a nação desobedeceu à lei, profanou sua terra e entristeceu o Senhor, de modo que precisou ser disciplinada.

A lei jamais foi dada como forma de salvação, quer para os judeus, quer para os gentios, pois "por obras da lei, ninguém será justificado" (Gl 2:16). A salvação não é uma recompensa pelas boas obras, mas um dom de Deus por meio da fé em Jesus Cristo (Rm 4:5; Ef 2:8, 9). A lei revela a justiça de Deus e exige justiça, mas não pode oferecer essa justiça (Gl 2:21); só Jesus Cristo é capaz de fazer isso (2 Co 5:21). A lei é um espelho que mostra onde estamos sujos, mas ninguém lava o rosto no espelho (Tg 1:22-25). Somente o sangue de Jesus Cristo nos purifica do pecado (1 Jo 1:7, 9; Hb 10:22).

Deus não nos dá seu Espírito porque obedecemos à lei (Gl 3:2), mas sim porque confiamos em Cristo (Gl 4:1-7), assim como também não nos concede nossa herança por meio da lei (Gl 3:18). A única coisa que o pecador morto precisa é de vida (Ef 2:1-3), mas a lei não pode dar vida (Gl 3:21). Então, qual é o propósito da lei? Ela é a maneira de Deus mostrar-nos nossos pecados e despir-nos de nossa hipocrisia, de modo que clamemos pela misericórdia e pela graça do Senhor.⁸ Deus concede seu Espírito Santo a

todos aqueles que crêem em seu Filho, e o Espírito nos capacita a obedecer à vontade de Deus e, portanto, a cumprir os preceitos da lei (Rm 8:1-3).⁹

Um dos principais ministérios da lei era preparar o caminho para o nascimento de Cristo (Gl 4:1-7). A nação de Israel era como uma criança imatura que precisava de um "aio" para tomar conta dela, para instruí-la e protegê-la, da mesma forma como os escravos do tempo de Paulo cuidavam das crianças de seu senhor. No entanto, quando as crianças crescem em maturidade, osaios deixam de ser necessários. O sistema cerimonial de Israel apresentado em Êxodo e Levítico foi cumprido por Cristo, mas o conteúdo moral da lei de Deus permanece, e nove dos dez mandamentos são repetidos nas epístolas do Novo Testamento a fim de serem respeitados e obedecidos pela Igreja. O mandamento sobre o sábado não é repetido; comentaremos sobre isso mais adiante.

Apesar de os dez mandamentos tratarem de nossas responsabilidades diante de Deus, os quatro primeiros são particularmente voltados para Deus, enquanto os seis últimos são voltados para os seres humanos. A forma como nos relacionamos com os outros depende da maneira como nos relacionamos com Deus, pois se amarmos ao Senhor e lhe obedecermos, também amaremos a nosso próximo e o serviremos (Mt 22:34-40; Rm 13).

Reconhecendo o único e verdadeiro Deus (vv. 1-3). A expressão "o SENHOR, teu Deus" é repetida cinco vezes nessa passagem (vv. 2, 5, 7, 10, 12), a fim de lembrar o povo da autoridade por trás desses mandamentos. Moisés não está relatando "dez opiniões" que ouviu de um conselheiro amigável, mas sim dez mandamentos proferidos pelo Deus Todo-Poderoso. Os hebreus viviam num mundo de nações cegas e supersticiosas, que adoravam a muitos deuses, algo que Israel presenciou durante séculos no Egito.¹⁰ Israel devia ser testemunha do verdadeiro Deus vivo (Sl 115) e convidar os povos vizinhos a confiar nele.

A expressão "diante de mim" pode significar "em oposição a mim". Para os israelitas,

adorar a outro Deus seria o mesmo que declarar guerra a Jeová e atrair sobre si a ira de Deus. A cada manhã, o judeu fiel declara: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (Dt 6:4).

Adorando somente ao Senhor (vv. 4-6).¹¹ Um ídolo é um substituto de Deus e, portanto, não é um deus, pois há somente um único e verdadeiro Deus vivo. O pluralismo religioso da atualidade ("Você adora o seu deus e eu adoro o meu, pois nós dois estamos certos") é, ao mesmo tempo, antibíblico e absurdo, pois como é possível haver mais de um deus? Se Deus é Deus, ele é infinito, eterno e soberano e não pode dividir seu trono com outro ser também infinito, eterno e soberano.

"Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura" (Is 42:8). A adoração a ídolos das nações pagãs não era apenas absurda e antibíblica, mas também imoral (prostituição cultural nos templos e ritos de fertilidade), desumana (sacrifício de crianças) e demoníaca (1 Co 10:10-22). Não é de se admirar que Deus tenha ordenado ao povo que destruisse os templos, altares e ídolos dos pagãos ao invadir a terra de Canaã (Dt 7:1-11).

"Filhinhos, guardai-vos dos ídolos" (1 Jo 5:21). Essa foi a admoestação final do apóstolo João aos cristãos de sua época, e precisamos dar ouvidos a ela nos dias de hoje. Se um ídolo é qualquer coisa que assuma o lugar de Deus, qualquer coisa à qual dedicamos nossa energia e tempo ou pela qual fazemos sacrifícios, pois a amamos e servimos, então a advertência de João é necessária para nossos tempos. Os ídolos que atraem o povo de Deus, hoje em dia, são o dinheiro, o reconhecimento, o sucesso, os bens materiais (carros, casas, barcos, objetos de coleção), o conhecimento ou até mesmo outras pessoas.

O Senhor é um "Deus zeloso", não no sentido de que tenha inveja de outros deuses, pois sabe que todos os outros "deuses" são fruto da imaginação e não existem de fato. A palavra "zeloso" expressa seu amor por seu povo, pois deseja o que é melhor

para eles. Assim como os pais são zelosos com os filhos e os cônjuges com seus companheiros, Deus também é zeloso com aqueles a quem ama e não tolera qualquer concorrência (Zc 1:14; 8:2). Nas Escrituras, a idolatria equivale à prostituição e ao adultério (Os 1 - 3; Jr 2 - 3; Ez 16:23; Tg 4:4, 5). Deus deseja e merece o amor exclusivo de seu povo (Êx 34:14; Dt 4:24; 5:9; 6:15).

Deus leva tão a sério a exclusividade da adoração e o amor dedicados a ele que castiga os que se recusam a lhe obedecer; Deus não castiga os filhos e netos pelos pecados de alguma outra pessoa (Dt 24:16; Ez 18:4), mas as tristes consequências dos pecados dos antepassados podem ser transmitidas de geração em geração, e crianças inocentes podem sofrer por causa daquilo que seus pais ou avós fizeram. Nos tempos bíblicos, não era incomum haver quatro gerações vivas na mesma família e, assim, existia a possibilidade ainda maior de um influenciar ou afetar o outro.

Ao mesmo tempo, a piedade dos antepassados pode ajudar a trazer bênçãos para as gerações subseqüentes. A fé de Abraão trouxe bênçãos aos seus descendentes, e o ministério de Davi ainda continuou sendo proveitoso mesmo tempos depois de ele haver falecido. Meu bisavô orava para que houvesse um pregador do evangelho na família, e Deus respondeu à oração dele!

Honrando o nome de Deus (v. 7). O nome de uma pessoa representa seu caráter e reputação, aquilo que você é e faz (Jo 17:6, 26). Quando você diz que alguém tem “o nome sujo”, não está criticando o que se encontra escrito na certidão de nascimento dessa pessoa. Está advertindo que se trata de alguém que não é de confiança. Se Deus é o maior ser do Universo, então seu nome é o maior de todos e deve ser honrado. O primeiro pedido na oração do Pai Nosso é: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6:9). As pessoas blasfemam o nome de Deus ao usar de linguagem vulgar. No entanto, usar o nome de Deus para fazer uma promessa ou juramento e não cumprir esse compromisso constitui uma depreciação de seu nome e blasfêmia contra o Senhor (Lv 19:12).

Honrando o sábado (vv. 8-11). A palavra *sabbath* significa “descanso”. A tradição do sábado já fazia parte da vida de Israel (Êx 16:23, 25), mas se tornou parte de sua lei e de seu relacionamento de aliança com Deus. Além de o sábado ter suas origens na criação (Gn 2:1-3), também era um sinal especial entre Israel e o Senhor (Êx 31:12-17; Ne 9:13-15; Ez 20:12, 20), e não há evidências bíblicas de que Deus ordenou às nações gentias que observassem o sétimo dia (Sl 147:19, 20). Mais tarde, Moisés associou o sábado ao livramento de Israel do Egito (Dt 5:12-15), um prenúncio do descanso que gozariam em sua herança prometida (Dt 3:20; 12:10; 25:19).

Quando os israelitas observavam o sábado, não era apenas um sinal de sua devoção ao Senhor, mas também um testemunho a seus vizinhos pagãos, para os quais o sétimo dia era apenas outro dia qualquer. Ao descansar no sétimo dia, os israelitas estavam promovendo tanto o seu próprio bem-estar como também o de seus servos e animais de trabalho e reconheciam o senhorio de Jeová sobre o tempo e a criação (Êx 23:12). Desde a Igreja primitiva, o povo de Deus reunia-se no primeiro dia da semana para honrar a ressurreição de Jesus Cristo (Jo 20:19, 26; At 20:7; 1 Co 16:2), mas o princípio de separar um dia dentre os sete ainda é válido (Cl 2:16, 17; Gl 4:1-11; Rm 14:1 - 15:7).

Infelizmente, os israelitas não honraram o sábado conforme Deus havia instruído e tiveram de ser disciplinados (2 Cr 36:14-21; Ez 20; Is 58:13, 14; Jr 17:19-27). Também é triste que os escribas e fariseus tenham acrescentado trinta e nove proibições a esse mandamento, de modo que a observação do sábado tornou-se um fardo em vez de ser uma bênção (Mc 2:23 - 3:5).

Honrando os pais (v. 12). Em nosso mundo que venera e imita a juventude e que usa a eutanásia para eliminar pessoas idosas indesejadas, esse mandamento parece um eco distante de outra era. Mas os hebreus foram ensinados a respeitar a idade e a cuidar dos seus idosos (Êx 21:15, 17; Lv 19:3, 32; Dt 27:16; Pv 1:8; 16:31; 20:20; 23:22;

30:17), um excelente exemplo a ser seguido hoje em dia (Ef 6:1-3; 1 Tm 5:1, 2).¹² Alguém disse que os idosos são o único grupo de discriminados do qual todos esperam fazer parte, pois ninguém quer a outra opção. No entanto, a forma como tratamos essas pessoas hoje ajuda a determinar o modo como seremos tratados no futuro, pois colhemos aquilo que semeamos.

Honrando a vida humana (v. 13). A vida é uma dádiva de Deus, e só ele tem autoridade para tomá-la. Pelo fato de sermos feitos à imagem de Deus, o homicídio é um ataque contra Deus (Gn 1:26, 27; 9:6). Proteger a vida é responsabilidade de todos os membros da sociedade e não só das autoridades públicas (Rm 13). O que está em questão, aqui, é o homicídio premeditado, que, de acordo com Jesus, pode ter origem na ira (Mt 5:21-26). O povo de Israel tinha permissão de se defender (Êx 22:2), e a lei fazia concessões para mortes acidentais (homicídio culposo), mas o homicídio doloso era uma ofensa capital (Êx 21:12-14).

Honrando o casamento (v. 14). O adultério era um pecado tão sério que foi considerado crime capital (Lv 20:10; Dt 22:22). A família é a unidade fundamental de uma nação, e a fidelidade ao contrato de casamento é o alicerce da família. O adultério é uma forma de defraudação (1 Ts 4:1-8), mas, no final, aqueles que cometem adultério defraudam a si mesmos (Pv 6:20-35). Apesar de ser possível que o Senhor perdoe o pecado de adultério (1 Co 6:9-11; Jo 8:1-11), assim como perdoou Davi, o homem ou a mulher adúlteros devem conviver com as tristes conseqüências do pecado perdoado (2 Sm 12:13, 14; Sl 51). O adultério começa com o desejo do coração instigado pelo olhar com intenção impura (Mt 5:27-30).

Respeitando a propriedade pessoal (v. 15). Deus deu a Israel um conjunto complexo de leis para governar seu modo de usar a terra, pois a terra pertencia a ele, e os israelitas eram apenas despenseiros (Lv 25:2,

23, 38). Esse fato é a base para uma ecologia equilibrada. Efésios 4:28 ensina que há apenas três formas de obter riqueza: trabalhando por ela, recebendo de presente ou roubando, sendo que roubar é inadmissível.

Falando a verdade (v. 16). Falar a verdade e cumprir promessas é a argamassa que mantém a sociedade unida. Mentir no tribunal é um ataque direto à própria lei, o que explica por que Moisés exigia que a testemunha fosse a executora nos crimes capitais (Dt 17:6-13). Uma coisa é mentir, porém outra bem diferente é matar a fim de proteger sua mentira. Esse mandamento também proíbe a maledicência (Êx 23:1; Pv 10:18; 12:17; 19:9; 24:28; Tt 3:1, 2; Tg 4:11; 1 Pe 2:1).

Controlando os desejos (v. 17). O primeiro e o décimo mandamentos tratam daquilo que se encontra no coração, enquanto os outros oito concentram-se em ações exteriores. Pessoas gananciosas transgridem todos os mandamentos de Deus a fim de satisfazer seus desejos, pois o coração do pecado é o pecado no coração (Mt 15:19). Cobiçar é alimentar desejos interiores por qualquer coisa que Deus considera pecaminosa. Foi esse mandamento que "abateu" Saulo de Tarso e que convenceu esse fariseu bem-sucedido de que ele era um pecador (Rm 7:1-14; ver Lc 12:15; Ef 5:3; Cl 3:5).

Os dez mandamentos terminam com uma ênfase no bom relacionamento com nosso próximo, pois o segundo maior mandamento é amar ao próximo como a si mesmo (Mt 22:34-40; Lv 19:18). Se amamos nosso próximo, não cobiçamos o que ele tem, não roubamos dele, não mentimos sobre ele nem fazemos qualquer uma das coisas que Deus proíbe em sua Palavra. Por isso, o amor é o cumprimento da lei (Rm 13:8-10). No entanto, só Deus pode mudar o coração pecaminoso (Hb 10:14-18), dando-nos o amor de que precisamos para lhe obedecer e levando-nos a nos preocupar com os outros (Gl 5:22-26; Rm 5:1-5).¹³

1. O registro bíblico de Êxodo 19:1 até Números 10:10 diz o que aconteceu no acampamento durante os onze meses em que os israelitas ficaram no Sinai. Moisés recebeu a lei e transmitiu-a ao povo; os artífices construíram o tabernáculo,

seus móveis e utensílios; o sacerdócio foi estabelecido e instruído; o povo foi contado, e as tribos foram organizadas para sua marcha até Cades-Barnéia.

2. Ver Êxodo 5:1; 7:16; 8:1, 20; 9:1, 13; 10:3, 26.
3. Ao que parece, Moisés subiu a montanha oito vezes para encontrar-se com Deus e, em seguida, descia e falava ao povo. Algumas das subidas e descidas ficam implícitas, pois encontramos Moisés dirigindo-se a Deus ou à nação.

Subida	Descida
19:3	19:7 (implícito)
19:8	19:14
19:20	19:25
20:21	24:1-3 (implícito)
24:9, 13, 15, 18	32:15
32:31	33:4 (inferido)
33:12 (inferido)	34:1-3 (inferido)
34:4	34:29

4. A água é identificada com Israel, não apenas com referência a seu livramento do Egito (Êx 19:4) e a sua maturidade (Dt 32:11, 12), mas também quanto a sua libertação do cativeiro na Babilônia (Is 40:31) e sua futura segurança no tempo da tribulação de Jacó descrita em Apocalipse 6 - 19 (12:13, 14).
5. Alguns estudiosos acreditam que a parábola do tesouro escondido (Mt 13:44) refere-se especialmente a Israel. Na cruz, Jesus comprou o campo ("o mundo", Mt 13:38) e "escondeu" Israel nele até o tempo em que as promessas se cumprirão e a nação entrará no reino messiânico.
6. A admoestação para que os homens não tenham relações com suas mulheres (v. 15) de modo algum deixa implícito que o ato sexual é uma forma de contaminação. Moisés trata desse assunto mais tarde, ao explicar a lei (Lv 15:16-18).
7. A seção de Êxodo 20:22 - 23:33 é conhecida como "O Livro da Aliança" e foi ratificada pelos sacrifícios realizados por Moisés e pelo povo (Êx 24:1-8; Hb 9:18-22). "O Livro da Aliança" é uma expansão e aplicação de alguns dos dez mandamentos à vida do povo de Israel.
8. Jesus não mostrou a lei para o jovem rico a fim de dizer-lhe como ser salvo, mas para convencê-lo de que ele precisava ser salvo (Mc 10:17-31). A única pessoa que guardou perfeitamente a lei foi Jesus Cristo, e ele o fez por nós.
9. A lei é um jugo que pesa sobre nós (Cl 5:1; At 15:10), mas o jugo de Cristo nos dá descanso (Mt 11:28-30). A lei é uma dívida que não podemos pagar, de modo que Cristo pagou-a por nós (Lc 7:36-50; Cl 2:14). Viver sob a lei significa viver nas sombras (Cl 2:16, 17; Hb 8:4, 5; 10:1), mas viver em Cristo significa viver na luz da realidade (Jo 8:12; 1 Jo 1:5-10).
10. Para a origem do politeísmo e da idolatria, ver Romanos 1:18-32.
11. A proibição da confecção de ídolos não interfere no direito de expressão artística criativa da humanidade. Os israelitas receberam ordens de fazer um lindo tabernáculo e, mais tarde, um bellissimo templo, e em ambos havia objetos que seguiam o modelo de elementos da criação de Deus. Uma coisa é criar objetos artísticos, outra bem diferente é adorá-los.
12. A promessa, no versículo 12, é inicialmente para a nação, assegurando os israelitas de que a obediência manteria o povo na terra por um longo tempo, mas, em Efésios 6:1-3, Paulo aplicou essa promessa aos cristãos como indivíduos.
13. Demos uma rápida pincelada nas questões mais superficiais em nosso estudo dessa parte importante das Escrituras. Para estudos mais aprofundados, ver: R. W. Dale, *The Ten Commandments*, Holder and Stoughton, 1910; William Barclay, *The Ten Commandments for Today*, Harper & Row, 1973; D. Stuart Briscoe, *Playing by the Rules*, Revell, 1986; Edith Shaeffer, *Lifelines: The Ten Commandments for Today*, Crossway, 1982; Elton Trueblood, *Foundations for Reconstruction*, Word, edição brochura, 1972; Thomas Watson, *The Ten Commandments*, Banner of Truth, 1965; e Lehman Strauss, *The Eleven Commandments*, Loizeaux, 1955.

O LIVRO DA ALIANÇA

ÊXODO 20:22 – 24:8

Esta seção de Êxodo inclui as leis básicas que tratam especialmente da proteção à vida humana e à propriedade. Ao aceitar “O Livro da Aliança” (Êx 24:3-8), o povo entrou num relacionamento especial com Jeová e comprometeu-se a lhe obedecer. Essas leis não são arbitrárias; baseiam-se no caráter de Deus e nos princípios morais imutáveis expressos nos dez mandamentos.

A lei não tem poder algum de mudar a natureza humana. Pode apenas proteger a vida e a propriedade ao regular o comportamento humano. Um dos períodos mais críticos e malsucedidos da história de Israel foi o tempo dos juízes, quando “cada qual fazia o que achava mais reto” (Jz 17:6; 18:1; 19:1; 21:25). A imposição de boas leis não garante uma sociedade perfeita, mas promove a ordem e evita a anarquia.

1. DEUS É INVISÍVEL: OUÇAM SUA PALAVRA (ÊX 20:22-26)

Quarenta anos depois, quando Moisés repasou a lei com a nova geração, lembrou os israelitas de que seus antepassados haviam visto manifestações da glória e do poder de Deus no Sinai e ouvido suas palavras, mas “aparência nenhuma vistes” (Dt 4:15). Deus não se revelou sob nenhuma forma para que os israelitas não transformassem o Deus vivo num ídolo morto. “Com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele?” (Is 40:18)

Os israelitas foram chamados a ser o povo da Palavra. O sucesso de sua nação dependia de ouvir a Palavra de Deus, de crer nela e de lhe obedecer. As nações ao redor de Israel construíram suas religiões tomando por base

aquilo que podiam ver – ídolos feitos por mãos humanas –, mas Israel devia adorar ao Deus invisível! e não devia ter absolutamente nenhuma relação com ídolos. “Falsos deuses são sempre deuses que podem ser vistos (e tocados)”, escreveu o filósofo cristão Jacques Ellul, “e justamente essa qualidade demonstra sua falsidade e inexistência como deuses”.²

O estudioso judeu, Abraham Joshua Heschel, resumiu a teologia israelita das Escrituras quando escreveu: “Para crer, precisamos de Deus, de uma alma e da Palavra”.³

Deus advertiu Israel para não manufaturar ídolos e para não construir altares elaborados como aqueles usados pelas nações pagãs vizinhas (ver 2 Rs 16:10-20). Um altar simples de terra ou de pedra não lavrada seria aceitável ao Senhor. Se as pedras fossem trabalhadas, poderiam transformar-se em ídolos, e o trabalho do homem se tornaria mais importante do que a adoração a Deus. A pedra natural que o Senhor provia era tudo o que ele aceitaria.

Tanto a nudez quanto as relações com prostitutas culturais nos templos eram parte de várias cerimônias religiosas pagãs e eram expressamente proibidas pelo Senhor. Deus ordenou que os sacerdotes israelitas usassem roupas especiais para cobrir sua nudez (Êx 28:42, 43; Lv 6:10) e, se não obedecessem, corriam o risco de ser mortos (Êx 28:35, 43).

Apesar de suas promessas cheias de entusiasmo, Israel não demorou a desobedecer a esses mandamentos. Enquanto Moisés estava com Deus no monte, o povo fez um bezerro de ouro e entregou-se a uma orgia idólatra que levou à morte de três mil homens (Êx 32:1-6, 25-29). Qualquer coisa na liturgia religiosa que encoraje o sensual em vez do espiritual não pode vir de Deus nem ser abençoada por ele.

2. DEUS É JUSTO: OBEDEÇAM A SUAS LEIS (ÊX 21:1 – 23:19)

A justiça é o resultado prático da retidão de Deus na história humana, pois “ele ama a justiça e o direito” (Sl 33:5; ver Is 30:18; 61:8). Pode haver um bocado de injustiça

em nosso mundo de hoje, mas virá o dia em que Deus julgará o mundo com retidão pelo Salvador que o mundo rejeitou, e seu julgamento será justo (At 17:31).

Leis sobre servos (21:1-11; ver também Lv 25:39-43; Dt 15:12-18). Apesar de ser permitido aos israelitas ter escravos de outras nações – normalmente prisioneiros de guerra –, não era permitido que escravizassem seu próprio povo. Nesta passagem, são apresentadas duas situações: um homem que se torna escravo voluntariamente (Êx 21:1-7) e uma mulher vendida como serva (vv. 8-11).

Se, por causa da pobreza, um israelita era obrigado a tornar-se servo, seu senhor devia tratá-lo de modo humanitário e libertá-lo depois de seis anos de serviço. Se, por afeição familiar, o homem desejasse continuar servindo e recebesse para isso a aprovação dos juízes, então seria marcado na orelha e seria um servo pelo resto da vida. No entanto, jamais deveria ser tratado como escravo.

As servas não eram, automaticamente, libertas depois de seis anos. Se um homem pobre vendesse sua filha para ser serva ou concubina,⁴ o pai receberia o preço da venda, a moça teria um lar melhor e seu marido não precisaria pagar um dote caríssimo. Se, depois de tornar-se concubina do homem, ela não lhe agradasse, alguém de sua família de sangue poderia remi-la, e ela seria liberta.

Se um homem a tivesse escolhido para seu filho e o moço não gostasse dela e se casasse com outra mulher, então o pai do moço deveria garantir que ela fosse tratada como uma filha casada. Isso significava prover-lhe roupas, alimento e direitos conjugais (1 Co 7:1-6). Se o pai não fizesse isso, a mulher estava livre para voltar para sua família e não era considerada escrava.

Crimes capitais (vv. 12-17). Essas leis são aplicações lógicas do sexto mandamento: “Não matarás” (Êx 20:13; Lv 24:17). Somos feitos à imagem de Deus, de modo que matar outro ser humano é o mesmo que atacar a imagem de Deus (Gn 9:6). Se uma pessoa era considerada culpada de homicídio, de acordo com o depoimento de duas ou mais

testemunhas (Nm 35:30, 31), então o homicida era morto.

A lei fazia uma distinção entre homicídio premeditado (doloso) e homicídio acidental (culposo). Se alguém matasse uma pessoa acidentalmente, poderia refugiar-se no altar de Deus (1 Rs 2:29) até que os anciãos tivessem tempo de estudar a questão. Uma vez que Israel assentou-se em sua terra, foram separadas seis cidades de refúgio para onde esses homicidas podiam fugir e receber proteção até que a questão fosse investigada (Nm 35; Dt 19; Js 20). Israel não tinha uma força policial organizada; esperava-se que a família da vítima cuidasse para que se fizesse justiça. No entanto, no calor da fúria, era possível que estivessem mais interessados em vingança do que em justiça, de modo que a lei interferia para proteger o acusado até se provar que era culpado.

Filhos e pais (vv. 15, 17). Tendo tratado de homicídios de modo geral, a lei passou, então, aos casos específicos. O primeiro refere-se ao homem que maltrata os pais com abuso físico e/ou verbal, o que constituía uma transgressão ao quinto mandamento (vv. 15, 17; Lv 20:9; Dt 27:16). É possível que a “lei do filho desobediente” (Dt 21:18-21) aplique-se a este caso e que se trate de um filho precisando desesperadamente de disciplina. Os filhos que não têm respeito algum pelos pais normalmente não têm respeito por qualquer autoridade e querem fazer tudo de seu jeito egoísta. São “desafeiçoados” (2 Tm 3:3), o que descreve algumas pessoas de nossos tempos, mas que também existiam nos dias de Moisés.

O raptó é proibido em Êxodo 21:16 (Dt 24:7). Se é inadmissível roubar uma propriedade (Êx 20:15), roubar seres humanos feitos à imagem de Deus e vendê-los como escravos é um crime ainda mais grave.

Ferimentos (vv. 18-32). As pessoas não deveriam discutir a ponto de chegar à violência física (Pv 15:1; 25:15). Contudo, era algo que poderia ocorrer, e, nesse caso, às vezes as pessoas se feriam. Se a vítima morresse, o agressor pagaria com sua própria vida, mas se a vítima se recuperasse e, por

fim, conseguisse voltar a andar, o agressor seria eximido de futuras acusações. No entanto, teria de reembolsar a vítima pelo tempo de trabalho que tivesse perdido e por despesas médicas.

Escravos (vv. 20, 21). O princípio é aplicado, em seguida, ao senhor e a seus escravos. Deus não queria que os escravos fossem vistos como propriedades materiais, mas sim como seres humanos criados à imagem de Deus e merecedores de seus direitos humanos. Se, ao disciplinar um escravo (Pv 10:13; 13.24), seu senhor fosse longe demais e o matasse, o senhor seria castigado. Não nos é dito qual era o castigo, mas é provável que fosse determinado pelos juízes (ver Êx 21:22) e que dependesse de existir ou não a intenção de matar. (É difícil crer que um senhor iria querer destruir sua propriedade e perder a renda que o escravo produzia.) Se, depois de alguns dias, o escravo se recuperasse, seu senhor não era castigado, pois já havia perdido a renda referente ao período de convalescença do escravo.

Ferimentos sofridos por uma mulher grávida (vv. 22, 23). Trata-se da esposa de um dos homens envolvidos numa briga em que um deles é o marido dela, que estava perdendo? Não sabemos. Os estudiosos não apresentam um consenso quanto à tradução do versículo 22. Quando se diz: “forem causa de que aborte”, a referência é a um parto prematuro ou a um aborto em si? A frase: “porém sem maior dano” (quer para a mãe ou para o bebê) sugere que a primeira idéia faz mais sentido, uma vez que um aborto seria, sem dúvida, mais grave.

Mesmo que nem a mãe nem a criança se ferissem, o tribunal devia cobrar uma multa do homem culpado dessa agressão contra alguém que não fazia parte da briga. Independentemente da intenção do homem, aquilo que havia feito poderia ter causado a morte da mãe, da criança ou de ambas. No entanto, se houvesse algum ferimento grave, isto é, se a mãe e/ou a criança fossem lesadas, o tribunal devia seguir a *lex talionis* (“Pena de Talião”; vv. 23-25), de acordo com a qual: “O castigo deve corresponder ao crime”.⁵

Esse princípio foi criticado com severidade por alguns como sendo “bárbaro”, mas é justamente o contrário. Numa época em que o sistema legal ainda estava se desenvolvendo, a lei devia garantir que o castigo imposto pelos juízes estivesse à altura da seriedade e severidade do crime, nem abaixo e nem acima dele. Se o agressor cegasse o olho de seu adversário, então seu próprio olho seria cegado. Não poderia ser mais justo. Se alguém quebrasse o dedo do inimigo e o tribunal ordenasse que o agressor fosse cegado, isso não seria, de forma alguma, justo, pois a sentença deveria corresponder ao crime. A única situação em que esse princípio não se aplicava era quando um senhor feria seu escravo e a compensação dada ao escravo era sua liberdade (vv. 26, 27).

Quando Jesus proibiu seus discípulos de revidar contra aqueles que os ferissem (Mt 5:38-44; 1 Pe 2:19-21), estava tratando de vingança pessoal (“Eu vou acertar as contas com você!”) e encorajando o perdão. Não estava criticando Moisés nem interferindo no sistema legal, pois ele veio para cumprir a lei e não para destruí-la (Mt 5:17-20). Como cristãos, temos o privilégio de abrir mão de nossos “direitos legais”, para a glória de Deus, e de não exigir compensação (1 Co 6:1-8). No entanto, um juiz deve providenciar para que se faça justiça e que a lei seja respeitada.

Ferimentos provocados por um animal (vv. 28-32). A lei deixa claro que o dono era responsável por castigar-se de que seu animal não ferisse ninguém. Um touro perigoso que tivesse atacado pessoas devia ser mantido confinado. Se isso não acontecesse e ele matasse alguém, o dono era considerado responsável, e tanto o dono quanto o animal eram mortos. O animal não era comido, pois havia se tornado impuro com esse ato desprezível. No entanto, o tribunal podia multar o proprietário e permitir que ele pagasse um resgate para ser liberto (ver, porém, Nm 35:31). Observe que a lei não fazia distinção entre a morte de um homem ou a de uma mulher (Êx 21:29, 31). Havia uma diferença, porém, quando se tratava de escravos,

pois o dono do animal podia pagar ao senhor trinta peças de prata como compensação pela perda (ver Mt 26:14-16).

Danos causados a propriedades (21:33 - 22:15). Na Terra Prometida, Israel se tornaria uma sociedade agrícola, e os animais de um agricultor eram importantes para ele, pois sem esses animais ele não podia cultivar a terra.

Animais feridos ou mortos (21:33, 34). Se o descuido e a negligência de um homem levassem um animal a ser ferido ou morto ao cair numa cova, então o dono da cova devia ressarcir o proprietário do animal por sua perda, mas o dono da cova podia tomar a carcaça para si. Se um animal matasse outro, os dois proprietários dividiam as carcaças do animal morto e o dinheiro recebido pela venda do animal vivo. Essa lei não apenas revelava a preocupação de Deus com a justiça, mas também seu desejo de que as pessoas fossem cuidadosas e que não facilitassem para que animais fossem feridos e, portanto, tivessem de ser abatidos.

O roubo de animais (22:1-4). A lei fazia diferença entre animais roubados que haviam sido mortos ou vendidos e animais que ainda estavam com o ladrão. Quando o acusado de roubo era considerado culpado, no primeiro caso precisava pagar ao proprietário o valor de cinco para um, se tivesse roubado bois, e de quatro para um, se fossem ovelhas. No segundo caso, deveria devolver dois animais no lugar de um. Roubar um animal era considerado um ato terrível, mas matar ou vender algo que não lhe pertencia era tomar sobre si os direitos de outros. Se o ladrão não pudesse pagar, então era vendido como escravo, e o dinheiro era dado ao homem de quem ele havia roubado o animal.

Essa lei também fazia uma distinção entre o ladrão que roubava à noite e o que roubava durante o dia. De dia, o dono podia identificar o ladrão invadindo seus currais e até pedir ajuda aos vizinhos. Matar um ladrão durante o dia seria uma expressão desnecessária de vingança. À noite, porém, era possível que o proprietário não conseguisse identificar o invasor nem saber se o homem

estava armado e se sua própria vida corria perigo. Além disso, à noite, também era mais demorado conseguir ajuda.

A lei da restituição de animais roubados nos faz lembrar das palavras de Davi em 2 Samuel 12:6 e da promessa de Zaqueu em Lucas 19:8. O profeta Natã viu o rei Davi como um ladrão de ovelhas e Bate-Seba como a cordeirinha roubada, pois o adultério é uma forma de defraudação (1 Ts 4:1-7). De fato, Davi pagou quatro vezes o que havia tomado: o bebê morreu, Amom e Absalão foram mortos e Tamar foi estupro (2 Sm 12:15 - 13:33; 18:1-18).

Plantações (vv. 5, 6). Os limites entre os campos eram marcados por pedras nos cantos e não por cercas ao redor da propriedade (Dt 19:14; 27:17; Pv 22:28; 23:10). Animais que estivessem pastando não eram capazes de distinguir um campo do outro, de qualquer forma, e iam aonde quer que houvesse pasto disponível. O proprietário deveria praticar a política de boa vizinhança e prestar atenção. Se não o fizesse e seus animais comessem da plantação do vizinho, deveria compensar o vizinho em gênero, cuidando para dar-lhe do melhor, pois a restituição não deveria ser algo feito com mesquinha.

Durante a estação seca, sempre havia o perigo de que incêndios nos campos destruíssem os grãos (Êx 22:6). Nada mais certo, portanto, do que a pessoa causadora do incêndio compensar os que tivessem perdido seus grãos. O verbo "pagar" aparece seis vezes no capítulo 22 (vv. 1, 3-6, 12) e é uma tradução do termo hebraico *shalam*, que significa "inteirar, completar" e que é relacionado à conhecida palavra *shalom* ("paz, saúde"). É preciso haver mais do que a confissão de culpa para que um transgressor coloque tudo em ordem; também é preciso que ele se esforce para compensar as pessoas que sofreram. Só então a trama desfeita no tecido dos relacionamentos será consertada, e a sociedade pode readquirir sua inteireza.

Os bens de outros (vv. 7-15). A honestidade e a integridade são os elementos que mantêm unida uma sociedade sadia e produtiva. A vida torna-se difícil quando uns não

podem confiar nos outros. Se alguém me pedisse para guardar algum dinheiro, bens materiais ou animais, eu deveria fazer meu trabalho fielmente. Apesar de meu zelo, porém, um ladrão poderia arrombar minha casa e roubar os bens que essa pessoa me confiou, mas quando ele fosse pego, deveria restituir tudo em dobro. Se o ladrão não fosse pego, eu deveria ser capaz de provar no tribunal que não fui descuidado e que não era culpado. Isso significa uma de três coisas: apresentar testemunhas que atestassem meu zelo; mostrar pedaços dos animais para provar que foram mortos por feras (Gn 31:39; Am 3:12); ou, na falta dessas duas coisas, fazer um juramento de inocência diante do Senhor, algo extremamente sério. Como representantes de Deus à nação, os juízes seriam capazes de discernir se eu estava dizendo a verdade ou não. Se ficasse comprovado que os animais do meu próximo morreram, fugiram ou foram roubados por negligência minha, então eu teria de restituí-los devidamente.

Se tomasse emprestado um de seus animais para trabalhar em minha lavoura e o animal fosse ferido ou morresse enquanto estivesse sob meus cuidados, então deveria compensá-lo por sua perda. Se, na ocasião em que isso aconteceu, você estivesse comigo guiando seu próprio animal, então estaria desobrigado de qualquer ressarcimento. Se lhe pagasse para usar o animal, então meu pagamento cobriria a perda sofrida.

Leis diversas (22:16 - 23:19). A maioria dessas leis não requer qualquer explicação especial, mas observaremos algumas verdades inerentes a elas.

Estupro (22:16, 17). Moças solteiras pertenciam ao pai, e uma moça que não fosse virgem não seria mais considerada para tornar-se esposa de alguém, de modo que a perda de sua virgindade significava a perda do dote para o pai. O agressor devia se casar com a moça, mas se o pai não o quisesse como genro, o homem deveria pagar o dote, ficando, então, livre de qualquer compromisso. Se a moça estivesse noiva, o estupro era considerado adultério, sendo aplicada uma lei diferente (Dt 22:23-29).

Feitiçaria (v. 18). Aquilo que hoje em dia é visto como diversão inofensiva, no tempo de Moisés era corretamente identificado como uma prática demoníaca perigosa. Os israelitas haviam sido ordenados a manter-se afastados de tudo o que estivesse relacionado com o ocultismo (Lv 20:6; Dt 18:10, 14; 1 Sm 28; Is 47:12-14). Gálatas 5:20 relaciona a feitiçaria com a idolatria.

Bestialidade (v. 19). Também fazia parte das práticas religiosas das nações pagãs e era condenada pelo Senhor (Lv 18:23; 20:15, 16; Dt 27:21). Além disso, era uma perversão da maravilhosa dádiva do sexo.

Idolatria (v. 20; 23:13). O povo não devia fazer sacrifícios a outros deuses, sendo que a pena para essa prática era a morte e, também, não devia mencionar os nomes de outros deuses. A idolatria foi a maior tentação para Israel durante sua jornada pelo deserto e depois que entraram na terra prometida, e o Senhor os advertiu para que destruissem os templos pagãos e os altares (Dt 4:14-24).

Egoísmo (22:21-27; 23:9). Essas leis admoestam os israelitas a ser bondosos com forasteiros e estrangeiros, viúvas e órfãos. Os próprios israelitas haviam sido estrangeiros no Egito e, durante muitos anos, foram tratados com bondade. As viúvas e órfãos são objeto de especial preocupação do Senhor (Lv 19:9, 10; Dt 14:28, 29; 16:11, 14; 24:19-21; 26:12, 13; Sl 10:14, 17, 18; 68:5; 82:3; 146:9; Is 1:23; 10:2; Jr 7:6; 22:3; Zc 7:10; Ml 3:5). Os ricos não deviam explorar os pobres, mas sim ajudar os necessitados (Lv 25:35-38; Dt 15:7-11; 23:19, 20; 24:6, 10-13; Pv 28:8). Deus ouve o clamor dos aflitos (Êx 22:23, 27).

Desacato às autoridades (22:28). A blasfêmia contra Deus podia vir dos lábios, mas também podia ser expressa ao desprezar as leis que o Senhor havia dado para seu bem, especialmente aquelas relacionadas à generosidade para com os outros (vv. 21-27). Blasfemar contra Deus era uma ofensa capital (Lv 24:10-16). Era contra a lei falar mal de um governante (Pv 24:21, 22; 1 Pe 2:17). Paulo se desculpou quando, impensadamente, falou mal do sumo sacerdote (At 23:4, 5;

2 Sm 19:19; 1 Rs 21:10). Foi Deus quem instituiu o governo humano (Rm 13) e, mesmo se não respeitamos a pessoa, devemos respeitar o cargo que ela ocupa.

Demora em obedecer (vv. 29, 30). As primícias pertenciam ao Senhor, quer fosse um filho primogênito, um primogênito do animal (Êx 13) ou as primícias dos campos e dos pomares (Pv 3:9, 10). Se era errado reter as vestes de um homem (Êx 22:26, 27) ou o pagamento do trabalhador (Tg 5:4), não seria muito mais grave reter do Senhor suas dádivas e demorar em devolvê-las?

Carne impura (v. 31). A razão por trás dessa lei é tanto religiosa quanto higiênica. A carcaça de animais abatidos incorretamente ainda continha sangue, cuja ingestão era proibida (Lv 22:8). Além disso, carcaças encontradas no campo podiam se estragar rapidamente e espalhar doenças. “Carne de graça”, na verdade, podia custar caro. Uma pessoa consagrada não iria querer tocá-la, muito menos comê-la.

Justiça (23:1-8). Trata-se aqui de uma expansão do nono mandamento (Êx 20:16), uma advertência para não apoiar a falsidade e promover a injustiça em função daquilo que a maioria diz (Lv 19:15, 16; Dt 22:13-19). O povo de Deus também não devia ser influenciado pela riqueza ou pobreza do acusado nem por subornos oferecidos em troca de apoio (Dt 16:18-20; Is 1:23; Mq 3:11). Condenar uma pessoa inocente visando o lucro pessoal é culpável diante de Senhor, e Deus não absolve os culpados (Êx 23:7).⁶ No entanto, Moisés também os lembrou de ser bondosos com seus inimigos e com os animais deles (vv. 4, 5; Dt 22:13-15). Nossa bondade não deve resultar da obediência à lei, mas da prática do amor.

Observância das festas (vv. 10-17). Deus era o Senhor do tempo e instruiu os israelitas a celebrar o sábado semanal abstendo-se de trabalhar nesse dia. A cada sete anos, deviam comemorar um ano sabático, no qual a terra poderia descansar e os pobres se beneficiariam dos alimentos que cresciam sem cultivo (Lv 25:1-7). Já naquele tempo, os israelitas receberam leis ecologicamente corretas. No entanto, esse ano especial

seria uma prova de sua fé bem como de sua obediência.

Quando o povo estivesse assentado em sua terra, os homens deviam reunir-se três vezes por ano para adorar – na Páscoa, em Pentecostes e na Festa dos Tabernáculos (ver Lv 23 para o calendário religioso de Israel). Normalmente, os homens iam acompanhados de suas famílias (ver 1 Sm 1 e Lc 2:40).

“Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe” (Êx 23:19; 34:26; Dt 14:21). O cabrito novo era um dos pratos prediletos do povo e supunha-se que cozinhá-lo em leite tornava-o ainda mais saboroso. Usar o leite da mãe para cozinhar seu filhote revelaria uma atitude interior propensa a todo tipo de pecado. Além disso, esse modo de preparo de um cabrito fazia parte de uma cerimônia pagã cananéia, e Deus não queria que seu povo imitasse os idólatras. Uma vez que essa lei é associada à Festa dos Tabernáculos, o festival da colheita, talvez o ritual pagão tivesse alguma relação com a prosperidade. Depois do cozimento, o leite era aspergido nas árvores e nos campos para promover a fertilidade, uma prática proibida a Israel.⁷

3. DEUS É SÁBIO: SIGAM SUA ORIENTAÇÃO (Êx 23:20 - 24:8)

Os israelitas ficaram no Sinai cerca de onze meses e, depois, rumaram para Cades-Barnéia, onde deveriam entrar na Terra Prometida (Nm 10:11 - 14:45). Quando deixaram de confiar em Deus e não se apropriaram de sua herança, foram condenados a vagar pelo deserto até que a geração de pessoas com vinte anos ou mais morresse, com exceção de Calebe e de Josué. Durante trinta e oito anos, Deus guiaria seu povo e os levaria de volta à fronteira de Canaã para que entrassem na terra e tomassem posse de sua herança.

O anjo dessa passagem é Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Anjo de Deus (Êx 14:19). Somente ele pode perdoar as transgressões e somente nele se encontra o nome maravilhoso do Senhor. Deus havia preparado um lugar para seu povo aqui na Terra (Êx 23:20), assim como Jesus está preparando um lugar para seu povo no céu (Jo 14:1-6).

Se seguissem ao Senhor, ele supriria todas as suas necessidades e derrotaria todos os seus inimigos.

Mais uma vez, o Senhor os advertiu sobre o pecado da idolatria, da adoração a falsos deuses das nações a seu redor. Se Israel se consagrasse inteiramente ao Senhor, Deus iria adiante deles, confundiria seus inimigos e capacitaria o povo a conquistar a terra. De fato, o “terror de Deus” foi adiante de Israel e enfraqueceu os povos da terra (Js 2:11; Êx 15:16). As “vespas”, em Êxodo 23:28, podiam muito bem ser o inseto que conhecemos, pois o povo do Oriente respeita a vespa (Dt 7:20; Js 24:12). A palavra hebraica é semelhante ao termo usado para Egito (*zirah/mizraim*), de modo que alguns estudiosos acreditam tratar-se de uma referência aos exércitos egípcios que invadiam Canaã com freqüência antes da chegada do povo de Israel. Em Isaías 7:18, o Egito é comparado a uma mosca e a Assíria a uma abelha.

Josué e seu exército demoraram cerca de sete anos para conquistar a terra, e a vitória foi seguida de uma operação de “limpeza”. Deus planejava que tomassem a terra gradualmente, de modo que pudessem controlar as coisas, mas algumas das tribos nunca chegaram a conquistar todo o território que lhes havia sido designado (Jz 1 - 2). Deus estabeleceu os limites da terra (Gn 15:18-21), e estes foram alcançados no tempo dos reis Davi e Salomão (2 Sm 8:1-14; 1 Rs 4:20-25), mas quando a nação se dividiu, o povo começou a perder território para os inimigos.

4. DEUS É FIEL: CONFIEM EM SUA ALIANÇA (Êx 24:1-8)

Os dois primeiros versículos estão ligados a Êxodo 20:21, quando Deus chamou Moisés

para subir o Sinai e levar com ele setenta anciãos, Arão e os filhos de Arão, Nadabe e Abiú. Moisés transmitiu as palavras de Deus ao povo que, mais uma vez, prometeu obedecer a tudo o que Deus ordenasse (Êx 24:3; 19:8). Em seguida, Moisés escreveu tudo o que Deus havia dito - os dez mandamentos e o Livro da Aliança.

No entanto, seria preciso mais do que promessas para ratificar o Livro da Aliança, e Moisés tomou as devidas providências na manhã seguinte. Construiu um altar ao Senhor e ergueu doze colunas de pedra para representar as doze tribos de Israel. Os jovens separados para servirem como sacerdotes ofereceram sacrifícios ao Senhor, pois era necessário selar a aliança com sangue. Um pouco do sangue foi aspergido sobre o altar, significando que Deus havia perdoado os pecados de seu povo.

Em seguida, Moisés leu o Livro da Aliança para o povo, que afirmou sua disposição de obedecer. Moisés tomou o resto do sangue das bacias do sacrifício e aspergiu-o tanto sobre o Livro como sobre o povo (Êx 24:8; Hb 9:19, 20), ratificando, assim, a aliança. Era necessário que Israel se conscientizasse de sua responsabilidade em obedecer às leis do Senhor. A aliança havia sido selada com sangue, e Deus iria cobrar-lhes suas promessas. Afinal, eles esperavam que Deus cumprisse as promessas dele!

A promessa do Senhor em Êxodo 6:6-8 estava prestes a passar para a terceira fase. Deus havia redimido Israel (Êx 1 - 18) e tomado o povo para si como sua propriedade (Êx 19 - 24). Em breve habitaria no meio deles e seria seu Deus (Êx 25 - 40). A última seção de Êxodo concentra-se no planejamento, construção e consagração do tabernáculo e é rica em verdades espirituais e em lições práticas.

1. Ver João 1:18; 5:37; 6:46; Colossenses 1:15; 1 Timóteo 1:17; 6:16; Hebreus 11:27.

2. ELLI, Jacques. *The Humiliation of the Word*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1985, p. 86. O capítulo todo (Idols and the Word [Os Ídolos e a Palavra]) é uma discussão repleta de percepções sobre o perigo de desejar “ver” algo extraordinário de Deus ou sobre Deus em vez de ouvir sua Palavra. O Senhor é incompreensível, é “separado e santo”; nem sequer podemos começar a compreender sua natureza ou vontade além daquilo que ele escolheu nos dizer. O ídolo não é apenas um substituto para a pessoa de Deus, mas também para a Palavra de Deus.

3. HESCHEL, Abraham Joshua, (Editado por Samuel H. Dresner). *I Asked for Wonder: A Spiritual Anthology*. Nova York: Crossroad, 1996, p. 73. Infelizmente, nos tempos de Jesus, alguns dos escribas e fariseus haviam transformado as Escrituras num ídolo e deixado de reconhecer o Deus das Escrituras (Jo 5:37-47).
 4. Às vezes, homens ricos possuíam concubinas consideradas esposas legais, porém "secundárias". A lei as protegia de serem consideradas escravas comuns e garantia seus direitos (Dt 21:10-14).
 5. O termo, do latim *talis*, significa "tal qual" e é a origem da palavra portuguesa "retaliar", que quer dizer "pagar tal qual, em gênero". A Pena de Talião (*lex talions* ou lei da retaliação) era um princípio que impedia o povo de se vingar e de exigir mais castigo do que era devido pelo crime, ou seja, matar um pernillongo com um canhão.
 6. No que se refere aos tribunais criminais, o objetivo é libertar os inocentes e condenar os culpados, mas no que se refere a nosso relacionamento com Deus, *não há inocentes*. "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3:23). No entanto, em sua graça, pelo sacrifício de Cristo na cruz, Deus declara justo qualquer pecador que crê em Jesus Cristo (Rm 4:5). Deus justifica os perversos e os transforma para que não precisem mais viver em sua perversidade!
 7. Em decorrência dessa lei, os judeus ortodoxos não servem leite e carne na mesma refeição.
-

INTERLÚDIO

Ao iniciar nosso estudo do tabernáculo e do sacerdócio, devemos fazer uma pausa para considerar algumas questões preliminares.

Em primeiro lugar, pelo fato de o Livro de Êxodo não ser organizado em tópicos, as informações sobre o tabernáculo e o sacerdócio encontram-se distribuídas ao longo de Êxodo 25 - 39, bem como em Levítico, Números e Deuteronômio. Talvez Deus tenha orientado Moisés a escrever dessa forma para que os sacerdotes (e os cristãos de hoje) tivessem de ler todo o material a fim de aprender o que Deus tem a dizer. Todas as Escrituras são inspiradas por Deus e, ao realizar o estudo de qualquer tema, as Escrituras como um todo devem ser levadas em consideração. Para facilitar o estudo desses capítulos,

organizei o material de Êxodo sob vários tópicos principais e também farei referência aos outros três livros de Moisés.

Em segundo lugar, ao examinar todos os detalhes de todas as partes do tabernáculo e dos trajes sacerdotais, seria fácil nos desviarmos dos assuntos principais, de modo que me concentrei nas verdades espirituais mais importantes, as quais creio que Deus deseja que aprendamos. Uma vez que você compreender essas verdades, poderá estudar as outras questões com maior percepção espiritual.

Por fim, o tabernáculo era uma tenda portátil; não era um lugar de reunião, como o espaço físico de uma igreja. Cada vez que Israel levantava acampamento, os levitas desmontavam a tenda cuidadosamente, envolviam os móveis e utensílios em suas coberturas e carregavam tudo até que o Senhor os orientasse a parar. (As cortinas e a estrutura eram carregadas em carros.) Nesse novo local, o tabernáculo era montado outra vez, e os móveis e utensílios colocados em seus devidos lugares (Nm 3 - 4). Cada parte da mobília possuía argolas pelas quais eram passadas varas, para que essas peças pudessem ser carregadas na marcha pelo deserto. As varas da arca nunca deviam ser removidas (Êx 25:15; 1 Rs 8:8).

O LUGAR ONDE DEUS HABITA – PARTE 1

ÊXODO 24:9 – 25:40; 27:20, 21;
30:11-16; 31:1-11; 35:4 –
36:38; 37:1-24; 38:21-31

Fiel a suas promessas em Êxodo 6:6-8, o Senhor libertou seu povo do Egito (Êx 1 – 18) e, no Sinai, “adotou-o” para si como seu tesouro peculiar (Êx 19 – 24; Rm 9:4). Agora, está prestes a cumprir o restante de sua promessa indo ao acampamento de Israel para habitar com seu povo (Êx 25 – 40).

A fim de fazer isso, o Senhor precisava de duas coisas: um lugar para sua glória habitar e servos para ministrarem a ele nesse lugar. Assim, ordenou aos israelitas que construíssem um tabernáculo e que separassem a tribo de Levi para ele. A construção do tabernáculo e a ordenação do sacerdócio são os dois temas principais de Êxodo 25 – 40.

Ao longo do Livro de Gênesis, o Senhor havia caminhado com seu povo – Adão e Eva (3:8), Enoque (5:22-24), Noé (6:9) e os patriarcas (17:1; 24:40; 48:15), mas agora iria *habitar* com eles (Êx 25:8, 45, 46; 29:44-46). Ter o Senhor habitando no acampamento era um grande privilégio para a nação de Israel (Rm 9:4, 5), pois nenhuma outra nação possuía o Deus vivo em seu meio. No entanto, o privilégio trazia consigo uma grande responsabilidade, pois significava que o acampamento de Israel devia ser um lugar santo onde o Deus santo poderia habitar.

Esses dezesseis capítulos registram muito mais do que os acontecimentos históricos em torno da construção do tabernáculo e da instituição do sacerdócio. Aquilo que Moisés escreveu revela verdades espirituais profundas sobre um Deus santo e sobre como devemos nos aproximar dele em adoração e servi-lo “de modo agradável, com reverência e santo temor” (Hb 12:28).

1. DEUS NOS CHAMA A ADORÁ-LO (Êx 24:9-18)

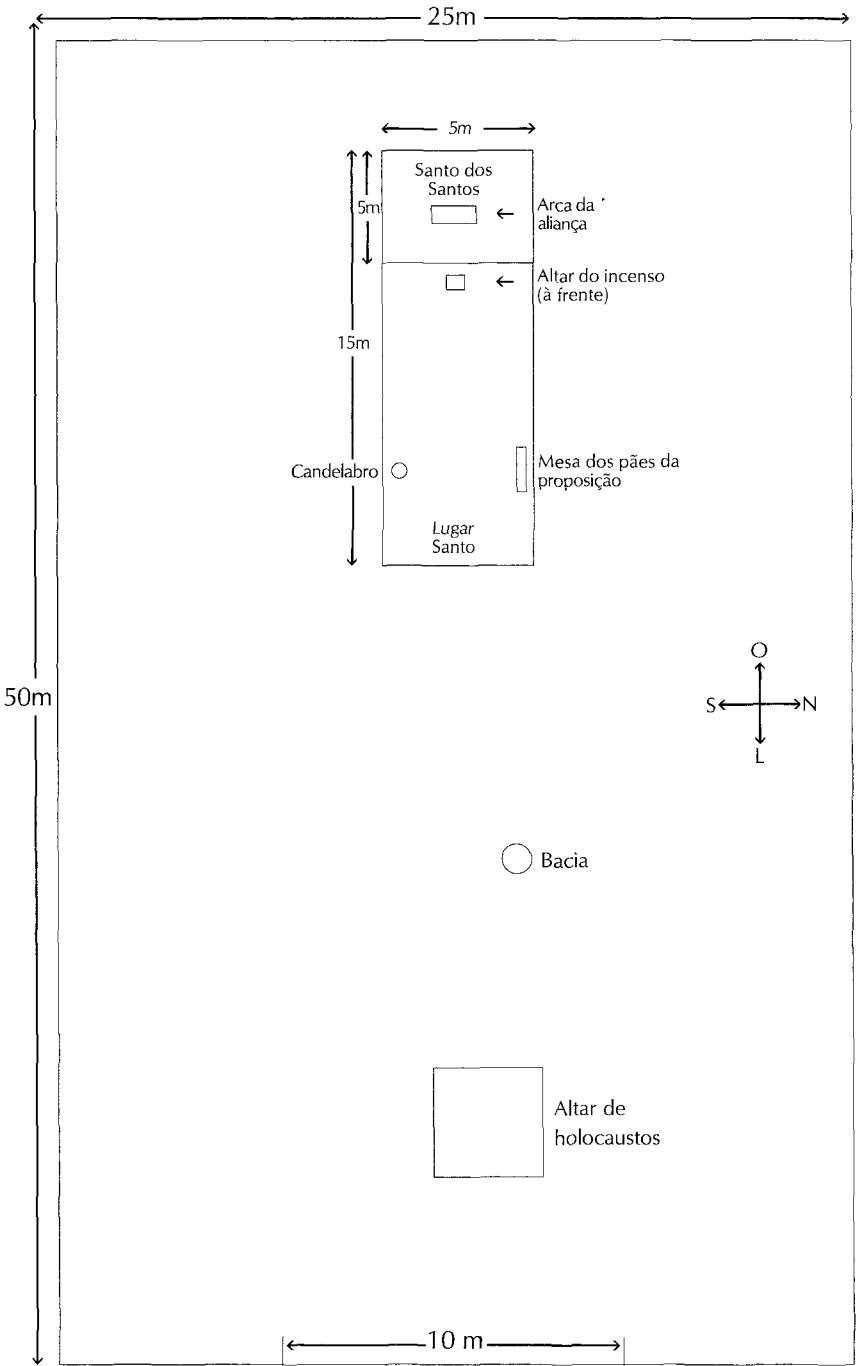
A adoração a Deus é o maior privilégio e a maior responsabilidade da vida cristã, pois Deus é o Ser mais elevado do Universo e Aquele para o qual um dia devemos prestar contas. Tudo o que somos e que fazemos flui de nosso relacionamento com o Senhor. Deus nos criou a sua imagem para que pudéssemos amá-lo e ter comunhão com ele, não porque seja nosso dever, mas porque é nosso desejo. Deus está buscando pessoas que o adorem “em espírito e em verdade” (Jo 4:23, 24).

Um lugar mais elevado. Na base da montanha, cuidando para não se aproximar demais, o povo de Israel esperava pelas palavras do Senhor. Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e os setenta anciãos foram a um lugar mais elevado encontrar-se com o Senhor (Êx 24:9-11), e Moisés e Josué foram a um lugar ainda mais alto (vv. 13, 14). Por fim, só Moisés subiu mais ainda e, então, viu a glória do Senhor (vv. 15-17).

Tudo isso ilustra uma verdade importante: devemos crescer em nossa experiência de adoração ao Senhor, e *somos nós quem* decidimos até que “altura” chegaremos. O povo na base da montanha temia ouvir a voz de Deus e contentava-se em ouvir Moisés lhes falar (Êx 20:18, 19). Moisés, porém, não apenas ouviu a voz do Senhor, mas também viu a glória de Deus! Como é triste quando o povo de Deus se contenta com os níveis inferiores quando há patamares mais elevados de bênçãos para aqueles que buscam ao Senhor de todo o coração.

Israel precisava adorar à distância, pois essa foi a ordem de Deus. Contudo, Deus chama os crentes de hoje a entrar em sua presença por meio do “novo e vivo caminho” (Hb 10:19-25). “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós” (Tg 4:8). Não nos aproximamos amedrontados de uma montanha tempestuosa, mas dirigimo-nos confiantes à gloriosa cidade celestial, onde nossos nomes estão escritos como cidadãos do céu (Hb 12:18-24).

Comunhão com Deus (vv. 9-11). Quando as Escrituras dizem que os setenta e quatro



Planta do Tabernáculo

homens “viram a Deus”, isso não significa que contemplaram a Deus em seu ser essencial, pois isso é impossível (Jo 1:18). Viram uma parte da glória do Senhor e, provavelmente, o trono de Deus no piso de safira (ver Ez 1:26), mas o Deus invisível estava escondido deles. Depois dessa visão de Deus, fizeram uma refeição conjunta que foi o ponto culminante da ratificação da aliança. Comer juntos era um sinal de amizade e de acordo. Deus é glorioso, elevado e exaltado, porém também se dispõe a ter comunhão conosco!

Permanência em Deus (vv. 12-18). Deus chamou Moisés a um lugar ainda mais elevado, a fim de que pudesse dar-lhe as tábuas de pedra nas quais havia escrito os dez mandamentos. Essa é primeira vez que as tábuas da lei são mencionadas nas Escrituras. A nuvem de glória “cobriu” o monte Sinai, sendo que a palavra hebraica traduzida aqui por “cobrir” é *shekinah*, termo usado tanto por teólogos judeus quanto por cristãos para descrever a presença de Deus. Em Êxodo 25:8 e 29:45, 46, o termo é traduzido por “habitar”. O fogo consumidor no monte nos faz lembrar de que “Nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29). Moisés permaneceu com Deus no monte quarenta dias e quarenta noites (ver Mt 4:1, 2), e, durante esse tempo, Deus lhe deu os planos para o tabernáculo e para o sacerdócio.

2. DEUS CRIA UM PLANO (Êx 25:9, 40; 26:30)²

Sempre que Deus realiza uma obra, tem um plano, seja a construção do tabernáculo, do templo (1 Cr 28:11, 12, 18, 19), de uma igreja local (Fp 2:12, 13), da vida cristã ou do ministério de indivíduos (Ef 2:10). Deus advertiu Moisés para que fizesse tudo de acordo com os planos revelados a ele no monte (Êx 25:40; Hb 8:5).

O tabernáculo na Terra era uma réplica do tabernáculo celestial, onde nosso Senhor encontra-se agora ministrando a seu povo e para ele (Hb 8:1-5; 9:1). O Livro de Apocalipse menciona um altar de bronze (6:9-11), um altar de incenso (8:3-5), um trono (4:2),

anciãos/sacerdotes (vv. 4, 5), lâmpadas (v. 5), um “mar” (v. 6) e querubins (vv. 6, 7), sendo que todas essas coisas encontram paralelos nos principais móveis e utensílios do tabernáculo aqui na Terra. Um princípio básico do ministério é que devemos seguir o plano que recebemos do céu e não o deste mundo (Rm 12:2).

3. DEUS PROVÊ OS MATERIAIS (Êx 25:1-9; 30:11-16; 35:4-29)

Só podemos dar a Deus aquilo que recebemos dele antes. “Porque tudo vem de ti”, disse Davi em sua oração, “e das tuas mãos to damos” (1 Cr 29:14).

Não apenas Deus criou os materiais que o povo levou para ele (Is 66:1, 2), como também operou no coração das pessoas para que estivessem dispostas a contribuir com generosidade (ver 2 Co 8:1-5, 12). Na verdade, o povo levou tanta coisa que Moisés precisou pedir que parassem de ofertar! (Êx 36:6, 7).

Diversos tipos de materiais eram necessários para a construção: metais preciosos (ouro, prata), bronze, tecidos (lã, linho fino e pêlo de cabrito), madeira, peles, azeite de oliva, especiarias e pedras preciosas. Calcula-se que cerca de uma tonelada de ouro foi usada no tabernáculo e também mais de três toneladas de prata. De onde veio toda essa riqueza? Os hebreus haviam levado “espólios” do Egito antes de saírem de lá (Êx 12:35, 36), e, sem dúvida, também havia espólios da vitória sobre Amaleque (Êx 17:8-16). Deus providenciou para que tivessem tudo de que precisavam para construir o tabernáculo exatamente como ele havia planejado.

De acordo com Êxodo 30:11-16, Moisés recolheu metade de um siclo de todos os homens com idade para o serviço militar e, conforme 38:21-31, toda esse prata deu um total de 100 talentos e mais 1.775 siclos, num total final de 301.775 siclos (cada talento tem 3.000 siclos). Esse valor veio dos 603.550 homens de vinte anos ou mais de idade. A prata foi usada para as bases do tabernáculo, os colchetes das colunas e suas vergas.

4. DEUS CAPACITA SEUS TRABALHADORES (Êx 31:1-11; 35:30 – 36:7)

Seja para construir o tabernáculo no Antigo Testamento, a igreja no Novo Testamento ou nossa vida e ministério nos dias de hoje, o Espírito Santo de Deus deve nos equipar e capacitar para realizar a obra. Deus deu a Bezalel e Aoliabe a aptidão e a sabedoria de que precisavam, mas também capacitou os artífices que trabalharam sob a supervisão deles e, guiados pelo Espírito, em obediência à Palavra, construíram o tabernáculo, sua mobília e utensílios.

Deus nomeou Bezalel e Aoliabe para dirigir a obra, pois sem líderes o caos tomaria conta, mas o Senhor pediu também artífices voluntários para auxiliá-los (Êx 35:10). Todos nós nascemos com diferentes aptidões e, quando nos convertemos, recebemos diferentes dons do Espírito Santo que devem ser usados para o bem da igreja e para a glória de Deus (1 Co 12:1-13; Ef 4:1-16; Rm 12). “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13). Os israelitas construíram uma tenda que há muito tempo virou pó, mas nós estamos ajudando a edificar uma “habitação de Deus no Espírito” (Ef 2:22) que glorificará a Deus eternamente.

5. DEUS DEVE SER COLOCADO ANTES DE TODAS AS COISAS (Êx 25:10-22; 37:1-9)

Há seis peças especiais de mobília relacionadas ao tabernáculo, e a primeira a ser mencionada é a arca da aliança.³ Uma arca de madeira medindo aproximadamente um metro e quinze de comprimento, setenta centímetros de altura e setenta centímetros de largura, ela ficava no Santo dos Santos, onde repousava a presença *shekinah* de Deus. Sobre ela ficava o propiciatório de ouro, o trono de Deus (Sl 80:1; 99:1; 2 Rs 19:15).

A arca recebeu vários nomes além de “arca da aliança” (Nm 10:33). Foi chamada de “arca de Deus” (1 Sm 3:3), “arca do SENHOR” (Js 3:13), “arca do SENHOR Deus” (1 Rs 2:26), “arca do Testemunho” (Êx 25:22), pois dentro dela estavam as tábuas da lei, “arca sagrada” (2 Cr 35:3) e “arca da fortaleza [de Deus]” (Sl 132:8). A arca representava o

poder e a autoridade de Deus no acampamento de Israel, e, por isso, é mencionada em primeiro lugar. Trata-se da ilustração do Antigo Testamento para Mateus 6:33.

A arca também nos ensina sobre Jesus Cristo. Era feita de madeira, uma referência ao caráter humano de Cristo, mas completamente revestida de ouro, uma menção a sua divindade. De acordo com Hebreus 9:4, dentro da arca estavam as tábuas da lei (Êx 25:16), um vaso com maná (Êx 16:32-34) e o bordão de Arão que floresceu (Nm 16 – 17). Esses objetos indicam que: a lei de Deus encontrava-se no coração de Cristo, ele lhe obedeceu e cumpriu-a com perfeição (Sl 40:6-8; Hb 10:5-9); ele é o Pão da Vida, que dá vida eterna a todos os que o recebem (Jo 6:32); ele vive pelo poder de uma vida indissolúvel, a fim de que possamos dar frutos para Deus (Hb 7:16).

O propiciatório dourado sobre a arca tinha em cada extremidade um querubim, cujas asas cobriam a arca. Uma vez por ano, no Dia da Expição, era permitido ao sumo sacerdote entrar no Santo dos Santos, onde ele aspergia o sangue dos sacrifícios sobre o propiciatório (Lv 16). Com isso, era realizada a expiação pelos pecados de Israel durante mais um ano (vv. 29-34). O cumprimento desse tipo deu-se quando Jesus Cristo morreu, de uma vez por todas, por todos os pecados do mundo e tirou todo o pecado ao entregar a si mesmo como sacrifício (Hb 9:11 – 10:14).

Nas Escrituras, vemos, com frequência, a imagem de encontrar segurança “debaixo de suas asas”. Às vezes, essa expressão refere-se à mãe-pássaro protegendo seus filhotes (Sl 57:1; 63:7; Mt 23:37; Lc 13:34), mas também pode significar estar sob as asas dos querubins no Santo dos Santos (Rt 2:12; Sl 17:8; 36:7, 8; 61:4; 91:1, 4).

Moisés tinha permissão de entrar no Santo dos Santos, onde Deus falava com ele do propiciatório revelando-lhe sua vontade para o povo de Israel (Êx 25:21, 22; 29:42; 30:6, 36; Nm 7:89; ver Sl 91:1). Hoje em dia, o povo de Deus tem acesso à presença do Senhor por meio do sangue de Jesus Cristo (Hb 10:19-25), pois ele é a nossa “propiciação”

(Rm 3:25; 1 Jo 2:2). Pelo sangue que Cristo derramou por nós, o trono de Deus é, para nós, um trono de graça.

A arca do SENHOR e a coluna de nuvem conduziam os israelitas em sua marcha de um lugar para outro (Nm 10:33-36). Ao longo de sua jornada como peregrinos, o povo de Deus recebe direção do trono de Deus e segue a glória do Senhor.

6. DEUS ESTÁ PRESENTE PARA SUSTENTAR SEU POVO (ÊX 25:23-29; 37:10-16)

Quando o sacerdote saía do átrio do tabernáculo e entrava no Lugar Santo, à direita via a mesa dos “pães da proposição”, à esquerda o candelabro de ouro e, à sua frente, o altar de ouro do incenso diante de um lindo véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos.

A mesa tinha, aproximadamente, um metro de comprimento, cinquenta centímetros de largura e setenta centímetros de altura. Assim como a arca, era feita de madeira de acácia revestida de ouro, mais uma lembrança do caráter humano e divino de nosso Salvador. Jesus é o Pão da Vida, que se fez carne para que pudesse vir à Terra e morrer por nossos pecados (Jo 6:26).

Toda semana, eram assados doze pães, seguindo a receita dada em Levítico 24:5-9. O texto não explica o tamanho desses pães, mas pela quantidade de farinha, deviam ser bem grandes.⁴ É bem possível que a farinha fosse fornecida pelo povo como oferta ao Senhor. Todo sábado, os pães velhos eram removidos e comidos pelos sacerdotes no Lugar Santo e eram substituídos por pães frescos.

Ao ser colocado na mesa, o pão era sempre acompanhado de incenso, que provavelmente era queimado num dos utensílios especiais (Êx 25:29). O uso de incenso sugere que, na verdade, o pão era uma “oferta de manjares” (Lv 2:1-11) ao Senhor, dando-lhe graças pelo “pão de cada dia”. Se a farinha era dada pelo povo, era um sacrifício de ação de graças a Deus por prover suas necessidades.

Os pães são chamados de “pães da proposição” (Êx 25:30) ou “pães da presença”,

literalmente, “pães dos rostos”. A presença dos doze pães no Lugar Santo servia para lembrar os sacerdotes de que estavam servindo às doze tribos de Israel, ao povo escolhido de Deus. Por meio desses doze pães, as doze tribos eram apresentadas ao Senhor, que estava presente com elas em seu acampamento, observando sua adoração e suas atividades diárias. As tribos também eram representadas pelas pedras no peitoral e nas ombreiras das vestes sacerdotais (Êx 28:6-21). Ao combinar a imagem dessas pedras preciosas com pães, vemos que o Senhor alimenta seu povo, carrega-o nos ombros e leva-o junto ao peito.

No entanto, em outro sentido, os pães nos fazem lembrar de que Israel foi chamado para alimentar o mundo faminto com o pão espiritual que o Senhor lhes deu. O povo de Israel ofereceu ao mundo a Palavra de Deus, que é pão (Mt 4:4) e Jesus, o Pão da Vida (Jo 6). Infelizmente, o povo deu as costas para o Senhor e comeu dos altares pagãos, e Deus teve de discipliná-lo.

Paulo comparou a igreja com um pão asmo (1 Co 5:1-8; ver 10:16, 17), e nossa tarefa é pregar a Palavra e contar aos pecadores sobre Jesus Cristo, o Pão da Vida. Uma vez que os doze pães eram considerados “ofertas de manjares”, não havia fermento na massa (Lv 2:1-11), e o povo de Deus deve guardar-se de toda a impureza. Não estamos aqui para alimentar a nós mesmos; estamos aqui para alimentar o mundo faminto.

Os pães eram muito especiais e não deviam ser comidos de modo irrefletido, mesmo pelos sacerdotes. Qualquer sacerdote que estivesse impuro e que comesse do pão ou de qualquer carne de sacrifícios pertencente aos sacerdotes corria o risco de morrer (Lv 22:3-9).

7. DEUS ILUMINA NOSSA ADORAÇÃO E SERVIÇO (ÊX 25:31-40; 27:20, 21; 37:17-24; Lv 24:1-3)

O candelabro era feito de cerca de trinta e oito quilos de ouro batido, mas suas medidas não são apresentadas. Sem dúvida, era uma bela obra de arte com seis hastes decoradas com cálices em forma de amêndoas e

ornado com flores. As seis hastes e o pedestal central totalizavam sete lâmpadas a óleo, mantidas acesas continuamente (Êx 27:20, 21; Lv 24:1-4).⁵

Uma vez que não era possível deixar entrar a luz natural externa, o candelabro de ouro era a única fonte de luz no Lugar Santo. Sem ele, os sacerdotes não poderiam realizar seus vários ministérios. Deus quer que ofereçamos a ele adoração inteligente e não ignorante (Jo 4:19-24; At 17:22-31; Rm 1:18-25), e, para isso, precisamos da luz da Palavra de Deus para nos guiar (Sl 119:105, 130; Pv 6:23).

Arão e seus filhos deviam preparar as lâmpadas cada vez que oferecessem incenso no altar de ouro (Êx 30:7, 8). Veremos, mais tarde, que o incenso perfumado representa a oração subindo até Deus e que a Palavra de Deus e a oração devem andar juntas (At 6:4). A oração é esclarecida pela Palavra (Jo 15:7), e a Palavra nos é revelada à medida que oramos (Sl 119:18; Ef 1:15-23). Tanto o estudo da Palavra quanto o exercício da oração devem ter como fonte de energia o Espírito Santo, simbolizado pelo óleo (o candelabro, Zc 4:1-7) e pelo fogo (o altar, At 2:3, 4).

No entanto, o candelabro também nos lembra do povo de Israel, escolhido por Deus para ser “luz para os gentios” (Is 42:6; 49:6). Porém, o candelabro não ficava no átrio externo, onde todos podiam ver, mas sim no Lugar Santo, onde só podia ser visto por Deus e pelos sacerdotes. De que modo, então, simboliza o testemunho de Israel aos gentios? O *relacionamento de Israel com Deus em sacrifício e adoração determinava a força e a extensão de seu testemunho*. Foi quando deixaram a adoração ao verdadeiro Deus vivo e começaram a adorar ídolos que perderam seu testemunho diante das nações gentias.

Jesus Cristo também veio para ser “luz para os gentios” (Lc 1:79; Jo 8:12), e essa luz é propagada pelo testemunho da Igreja (At 13:47-48; Fp 2:14-16; Mt 5:14-16). Em Apocalipse 1:9-20, nosso Senhor encontra-se no meio de sete candeeiros, que representam as sete igrejas da Ásia Menor no tempo de João. No tabernáculo, havia um candelabro, feito de um talento de ouro, representando a nação de Israel e seu testemunho. Apesar de a Igreja ser um só povo, ela irradia luz por meio de suas muitas assembleias individuais em diversas partes do mundo.

As luzes das sete lâmpadas do candelabro eram mantidas acesas com azeite preparado especialmente para esse fim (Êx 27:20, 21). Assim como o povo trazia a flor da farinha para que fossem assados os pães, também trazia azeite puro para manter acesas as luzes do candelabro (Êx 25:27, 28; 35:10, 14). De acordo com Zacarias 4:1-4, esse óleo simboliza o Espírito de Deus, e sem o poder do Espírito não podemos glorificar a Cristo (Jo 16:14) nem dar testemunho eficaz de Jesus (At 1:8). “Sem mim”, disse Jesus, “nada podeis fazer” (Jo 15:5).

O que os sacerdotes faziam dentro do santuário era feito para o Senhor (Êx 28:1, 3, 4, 41; 29:1) e diante do Senhor (Êx 27:21; 40:25; Lv 24:4). Não importava que as pessoas do acampamento não soubessem o que os sacerdotes estavam fazendo, pois Deus via todas essas coisas, e a tarefa dos sacerdotes era agradar a Deus. A parte mais importante da vida cristã é a parte que Deus vê. Se Deus se agrada do que vê, e nossa consciência está limpa diante dele, então não temos de nos preocupar com o que as pessoas pensam ou dizem a nosso respeito (1 Co 4:1-5). Ele aceitará nosso ministério e o abençoará.

1. Deus é tanto transcendente quanto imanente, exaltado acima de nós e próximo a nós, e devemos manter uma perspectiva equilibrada em nossa teologia e adoração. Se enfatizarmos demais a transcendência, pode ser que adoremos um Deus tão distante que se encontra longe demais para nos ajudar, mas se enfatizarmos apenas seu caráter imanente, pode ser que tentemos desenvolver uma familiaridade indevida com Deus, deixando de honrar sua grandeza. O segredo é o equilíbrio.
2. O tabernáculo do Antigo Testamento tinha vários nomes diferentes, como: tenda da congregação (Êx 27:21), tabernáculo do SENHOR (Lv 17:4, NVI), tabernáculo/ tenda do Testemunho (Nm 1:50; 9:15), santuário do SENHOR (Nm 19:20), Casa de Deus (Jz 18:31), Casa do SENHOR (1 Sm 1:7) e templo do SENHOR (v. 9).

3. Quando os israelitas entraram na terra prometida, a princípio a arca foi colocada em Gilgal (Js 4:19; 9:6), porém mais tarde foi mudada para Siló (Js 9:27, 18:1; 19:51; 22:12; Jz 21:12; 1 Sm 4 - 5). Depois de tomarem a arca, os filisteus devolveram-na a Quiriate-Jearim, onde ela permaneceu durante vinte anos (1 Sm 6:21 - 7:2). Depois da tentativa frustrada de Davi de levar a arca para Jerusalém, ela foi colocada na casa de Obede-Edom por três meses (2 Sm 6:1-11) e depois levada a Jerusalém (vv. 12-19). O grande desejo de Davi era construir uma bela casa para a arca, mas Deus escolheu Salomão, o filho de Davi, para essa tarefa (2 Sm 7; 1 Cr 17). A última vez que vemos a arca nas Escrituras, ela se encontra no templo celestial (Ap 11:19). Nesse contexto, é um símbolo da fidelidade de Deus, ao manter sua aliança com seu povo, e uma garantia de que sua lei será sustentada, e sua glória, revelada.
4. O texto hebraico não emprega a palavra “efa” no versículo 5, de modo que não sabemos exatamente quanta farinha era usada para cada pão. Se as medidas eram, de fato, em éfas, então cada pão era feito com cerca de quatro litros de farinha - um pão de bom tamanho! Era possível encaixar duas fileiras de seis pães cada numa mesa tão pequena ou os pães eram colocados uns sobre os outros?
5. O texto hebraico de Êxodo 27:20 diz: “para que queimem continuamente”.

MAZINHO RODRIGUES!
Um Instrumento Escolhido - At 9.15

O LUGAR ONDE DEUS HABITA – PARTE II

Êx 26:1-37; 27:1-19; 30:1-10, 17-21; 37:25-29; 38:1-20

Temos mais três utensílios do tabernáculo a estudar: o altar do incenso, a bacia e o altar do holocausto. Em seguida, veremos o tabernáculo em si, sua estrutura, cobertura e os véus. Ao longo deste estudo, nossa ênfase continuará sendo sobre o Deus do tabernáculo e o que ele faz por seu povo.

1. DEUS OUVE AS ORAÇÕES DE SEU POVO (Êx 30:1-10, 34-38; 37:25-29)

O altar do incenso era feito de madeira de acácia revestida de ouro. Era quadrado, com cerca de cinquenta centímetros de lado e um metro de altura. Era a peça mais alta dentro do Lugar Santo. Possuía um ornamento ao redor da parte superior e um “chifre” em cada canto. Ficava diante do véu que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo, e os sacerdotes queimavam incenso sobre ele todas as manhãs e no fim do dia, quando preparavam as lâmpadas do candelabro.

Na Bíblia, queimar incenso, com frequência, é uma imagem da oração. “Suba à tua presença a minha oração, como incenso” (Sl 141:2), orou Davi, e João viu os anciãos no céu com “taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos” (Ap 5:8; ver 8:3, 4).¹ Sempre que o sacerdote queimava incenso, era um chamado para que o povo tivesse um tempo de oração (Lc 1:8-10).

O fogo para o altar do incenso vinha do altar de bronze, em que eram oferecidos os sacrifícios a Deus (Lv 16:12, 13; Nm 16:46). Isso indica que a verdadeira oração deve basear-se na obra de Cristo na cruz e em nossa completa consagração a Deus. O verdadeiro fervor na oração não é uma emoção religiosa que criamos em nós mesmos;

antes, é uma bênção que Deus nos dá ao nos entregarmos a ele. John Bunyan, autor de *O Peregrino*, disse: “Na oração, é melhor ter ânimo sem palavras do que palavras sem ânimo”. A oração que não é feita de coração é absolutamente ineficaz (Tg 5:16).

A fim de agradar a Deus e de não correr risco de vida, o sacerdote devia usar não apenas o fogo correto no altar, mas também uma mistura específica de especiarias para o incenso (Êx 30:34-38). Nadabe e Abiú tentaram adorar a Deus com “fogo estranho” e foram mortos (Lv 10).

Qualquer israelita que tentasse reproduzir esse incenso especial para seu uso pessoal seria excluído, o que podia significar a morte.

A oração não é simplesmente uma porção de palavras que colocamos todas juntas na esperança de que serão ouvidas por Deus e respondidas. A Bíblia apresenta alguns dos “ingredientes” da oração – adoração, confissão, ação de graças, petição e submissão (1 Tm 2:1; Fp 4:6) – e até nos dá um modelo a seguir (Mt 6:5-15).² Você pode estar certo de que o sacerdote não corria para dentro do tabernáculo, acendia rapidamente o incenso e depois saía às pressas. Sem dúvida, ele se preparava e se aproximava do altar com reverência, sabendo que estava na presença do Deus santo.

Por causa do que Cristo fez na cruz, os crentes de hoje podem atravessar o véu e chegar à presença de Deus, e lá podem apresentar sua adoração e petições em nome de Jesus (Hb 10:19-25). Nosso Sacerdote e Rei Jesus Cristo, que está vivo e reinando, intercede continuamente por nós no céu (Rm 8:33, 34; Hb 4:14-16; 7:19-28), e o Espírito Santo também intercede em nosso coração (Rm 8:26, 27). Apesar de ser bom começar e terminar o dia com uma oração especial, como faziam os sacerdotes, também é importante “[orar] sem cessar” (1 Ts 5:17) e estar em comunhão com o Senhor o dia todo.

Os sacerdotes foram avisados a não usar esse altar de ouro para qualquer outro fim senão queimar o incenso (Êx 30:9), pois não há substitutos para a oração. Não há volume de sacrifícios que possa substituir a oração.

O altar de ouro não era um lugar para negociar com Deus nem para tentar fazê-lo mudar de idéia (Tg 4:1-4; 1 Jo 5:14, 15). Era um lugar para adorá-lo e orar, dizendo: “Seja feita a tua vontade”.

Vale a pena observar que o incenso especial devia ser “temperado com sal” (Êx 30:35), pois o sal é um símbolo de pureza e de um relacionamento de aliança (Lv 2:13). “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (Sl 66:18). Somos ordenados a levantar “mãos santas” enquanto oramos e remover a “ira e animosidade” de nosso coração (1 Tm 2:8). Se nos dias de hoje Deus matasse todo crente que não ora como deve, quantos de nós sobreviveriam a uma reunião de oração?³

Uma vez por ano, no Dia da Expição, o sacerdote devia aspergir sangue sobre o altar do incenso a fim de torná-lo cerimonialmente puro diante de Deus (Êx 30:10). Até em nossa oração podemos pecar!

2. DEUS RECEBE OS SACRIFÍCIOS DE SEU POVO (ÊX 27:1-8; 38:1-7)

Quando um adorador ia ao tabernáculo para oferecer um sacrifício, a primeira coisa com a qual se deparava era uma série de cortinas de linho, com aproximadamente cinquenta metros de comprimento e vinte e cinco de largura, que cercava o tabernáculo e criava um átrio onde os sacerdotes ministravam. O tabernáculo, em si, ficava na extremidade oeste desse átrio, e a leste havia uma entrada de 10 metros de largura para essa área cercada. No átrio, os sacerdotes se encontravam com as pessoas que iam oferecer sacrifícios e examinavam cada animal cuidadosamente, para certificar-se de que eram aceitáveis. O adorador colocava a mão sobre a cabeça do animal para identificar-se com a oferta (Lv 1:1-9), e, então, o sacerdote imolava o animal e oferecia-o no altar de bronze, de acordo com as prescrições de Levítico 1 - 7.⁴

Havia apenas uma entrada para a área cercada e, portanto, apenas uma forma de chegar ao altar de Deus. Quando Deus coloca uma cerca e determina uma entrada, ninguém tem autoridade de questioná-la nem

de mudá-la de lugar. Jesus declarou ser a única porta (Jo 10:9) e o único caminho (Jo 14:6), o que explica por que Pedro disse: “Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12). Na sociedade pluralista de hoje, muitas pessoas querem acreditar que todos os caminhos são aceitáveis ao Senhor, mas essa atitude conduz à morte (Pv 14:12; 16:25; Mt 7:13-27).

O altar de bronze era uma “caixa” oca, com aproximadamente dois metros e vinte de largura e um metro e quarenta de altura, feita de madeira de acácia e revestida de bronze. Nas Escrituras, o bronze, com frequência, é identificado com julgamento (Nm 21:4-9; Dt 28:23; Ap 1:15). Distante da borda cerca de setenta e cinco centímetros, havia dentro da “caixa” uma grelha de bronze, na qual os sacerdotes mantinham um fogo aceso (Lv 6:8-13) e através da qual caíam as cinzas da madeira e dos sacrifícios. Pelo fato de serem parte das ofertas consagradas ao Senhor, essas cinzas eram consideradas cerimonialmente puras e eram recolhidas do lado leste do altar. Os sacerdotes levavam-nas regularmente para um lugar puro fora do acampamento (Lv 1:16; 4:12; 6:10, 11).

Ao contrário do altar do incenso no Lugar Santo, o altar do holocausto era um lugar de derramamento de sangue e de morte, pois “sem derramamento de sangue não há remissão” (Hb 9:22). Se um pecador conseguisse entrar no átrio do tabernáculo e se lavar na bacia, isso não era suficiente para salvá-lo, assim como também não seria perdoado se entrasse no Lugar Santo e comesse dos pães da propiciação ou queimasse o incenso. O caminho para a presença de Deus começava no altar de bronze, onde as vítimas inocentes morriam pelos pecadores culpados. Em resumo, o altar de bronze nos remete ao Calvário, em que o Filho de Deus morreu pelos pecados do mundo (Mt 26:26-28; Jn 1:29; 3:14-16; Rm 5:8; 1 Pe 2:24).

A cada manhã, os sacerdotes deviam oferecer um holocausto no altar de bronze (Êx 29:42, 43), um retrato da absoluta consagração ao Senhor (Lv 1). Essa seria uma

boa forma de cada um dos filhos de Deus começar o dia: apresentando-se em total consagração ao Senhor como “sacrifício vivo” (Rm 12:1, 2).

Os pregadores e evangelistas, às vezes, convidam as pessoas a “chegar-se ao altar”, mas aqui na Terra não há altares ordenados por Deus nem aceitáveis a ele. Isso porque a morte de Jesus Cristo resolveu o problema do pecado de uma vez por todas (Hb 9:25-28). Nenhum sacrifício precisa nem deve ser oferecido. A Ceia do Senhor (Santa Ceia, Eucaristia) é uma lembrança do sacrifício de Cristo e não uma repetição desse sacrifício.

O único “altar” que os cristãos possuem hoje em dia é o próprio Cristo, que carrega em seu corpo glorificado as feridas da cruz (Hb 13:10; Lc 24:39; Jo 20:20). Como sacerdote santo, os cristãos devem oferecer “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1 Pe 2:5, ênfase minha). Apresentamos como sacrifício nosso corpo (Rm 12:1, 2), nossa riqueza material (Fp 4:18); nosso louvor e boas obras (Hb 13:15, 16) e um coração quebrantado (Sl 51:17).

3. DEUS QUER QUE SEU POVO SEJA PURO (ÊX 30:17-21; 38:8)

No átrio do tabernáculo, havia uma bacia entre o altar de bronze e a tenda, e os sacerdotes e levitas tinham de parar lá com frequência para lavar as mãos e os pés. Se entrassem na tenda ou servissem no altar de bronze sem se lavar primeiro, corriam risco de vida.

O Senhor não especificou nem o tamanho e nem o formato da bacia, assim como suas instruções também não dizem como ela era carregada quando o povo se deslocava. O tamanho e o formato da bacia não eram importantes; o que importava de fato era seu conteúdo. Dentro dela, havia água limpa, e a bacia era reabastecida ao longo do dia pelos levitas.

Nas Escrituras, a água de *beber* é uma imagem do Espírito de Deus (Jo 7:37-39), enquanto a água para *lavar* é uma imagem da Palavra de Deus (Sl 119:9; Jo 15:3;

Ef 5:25-27). A bacia, portanto, tipificava a Palavra de Deus que purifica a mente e o coração daqueles que a recebem e obedecem (Jo 17:17). O fato de a bacia ser feita dos espelhos de bronze das mulheres israelitas (Êx 38:8) é prova de que ela tipifica a Palavra, pois a Palavra de Deus é comparada a um espelho (Tg 1:22-26; 2 Co 3:18).

De acordo com o sistema do Antigo Testamento, havia três formas de obter a purificação cerimonial: pela água, pelo fogo ou pelo sangue. Somos purificados da culpa do pecado pelo sangue que Jesus Cristo derramou por nós na cruz, e quando confessamos nosso pecado, esse sangue nos purifica (1 Jo 1:5 - 2:2). No entanto, quando desobedecemos a Deus, nosso coração e nossa mente tornam-se *impuros* por causa do pecado (ver Sl 51), e é a “lavagem de água pela palavra” (Ef 5:26) que nos restaura.

Contudo, os sacerdotes do Antigo Testamento tornavam-se impuros não ao pecar contra Deus, mas ao *servir* a Deus! Seus pés ficavam sujos quando andavam no átrio e no tabernáculo (não havia piso no tabernáculo), e suas mãos eram contaminadas ao manusear os sacrifícios e aspergir o sangue. Assim, suas mãos e pés precisavam ser lavados constantemente, e a bacia provia a água para essa purificação.

Quando estava com seus discípulos no cenáculo, o Senhor lhes ensinou a mesma lição ao lavar os pés deles (Jo 13:1-15).⁵ Aquele que confia que Cristo salva, “já se banhou” (v. 10; 1 Co 6:9-11) e não precisa de outro banho, mas ao caminhar pela vida, nossos pés se sujam e precisam ser lavados. Não podemos ter comunhão com o Senhor se não somos purificados (Jo 13:8), e se não temos comunhão com o Senhor, não podemos desfrutar seu amor e nem fazer sua vontade. Quando confessamos nossos pecados, ele nos purifica, e quando meditamos na Palavra, o Espírito nos renova e restaura.

Em duas ocasiões, Davi orou pedindo: “Lava-me” (Sl 51:2, 7), e Deus respondeu a essa oração (2 Sm 12:13). Porém, Isaías disse aos pecadores de sua época: “Lavai-vos, purificai-vos” (Is 1:16), o que sugere que precisamos limpar nossa própria vida e jogar

fora as coisas que nos tornam impuros. Era isso o que Paulo tinha em mente quando escreveu: “Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1).

Para os sacerdotes, o lavar-se na bacia não era um luxo e sim uma necessidade. Manter-se puros era uma questão de vida ou morte!

4. DEUS QUER QUE SEU POVO APRECIIE E DESFRUTE SUAS BÊNÇÃOS (ÊX 26:1-37; 27:9-19; 36:8-38; 38:9-20)

“Glória e majestade estão diante dele”, escreveu o salmista; “força e formosura, no seu santuário” (Sl 96:6). A força de seu santuário é revelada em sua construção, e a sua formosura, em sua decoração.

Força. O tabernáculo, em si, era uma estrutura sólida sobre a qual eram drapeadas as belas cortinas. Vinte tábuas de madeira de acácia, cada uma com cinco metros de altura e setenta centímetros de largura, revestidas de ouro, formavam as paredes ao norte e ao sul. Cada uma dessas tábuas era apoiada em duas bases de prata feitas dos síclo (“dinheiro da redenção”) coletados dos homens israelitas em idade de serviço militar. Uma vez que a estrutura ficava sobre terreno irregular, essas bases eram necessárias para dar estabilidade e segurança. O santuário de Deus não se encontra apoiado nas areias instáveis deste mundo, mas nos sólidos alicerces da redenção. As quarenta e oito tábuas eram reforçadas, ainda, por quatro varas longas (travessas) que corriam por argolas de ouro em cada tábua.

Do lado leste do tabernáculo, havia cinco colunas nas quais se encontrava pendurada uma cortina de linho, belamente bordada com estofado azul, púrpura e carmesim. Essa era a porta do Lugar Santo. Alguns estudiosos acreditam que havia uma travessa que corria ao longo das tábuas do norte e do sul, ligando-as às colunas e dando mais estabilidade à estrutura.

Formosura. Dourado, azul, púrpura, carmesim e branco são as principais cores usadas nas cortinas e na cobertura do tabernáculo.⁶

As cortinas de linho ao redor da área sagrada eram brancas, lembrando a santidade de Deus. O portão de dez metros, na extremidade leste, era bordado com estofado azul, púrpura e carmesim num fundo branco. Azul é a cor do céu e lembra nosso lar celestial e o Deus do céu. Púrpura é a cor da realeza e refere-se ao Rei, e o carmesim lembra o sangue e o sacrifício do Salvador.

O Lugar Santo e o Santo dos Santos eram cobertos com quatro cortinas diferentes drapeadas sobre as paredes e que chegavam até o chão. Ao olhar para o tabernáculo, o que podia ser visto era a cobertura mais externa, semelhante ao couro, feita da peles de animais marinhos, que protegiam as outras coberturas bem como o tabernáculo, em si, e seus utensílios. Sob essa cobertura protetora, havia uma camada de peles de carneiro tingidas de vermelho e, depois, um tecido feito de pêlo de cabra que podia, muito bem, ser preto e, por último, uma linda cobertura de linho fino, bordada com querubins em estofado azul, púrpura e carmesim.

Entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos, um véu pendia de colchetes de ouro sustentados por quatro colunas. O véu era bordado com querubins em branco, carmesim, estofado azul e púrpura. Hebreus 10:20 diz que o véu tipifica o corpo de Cristo, pois quando seu corpo foi oferecido na cruz, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo (Mc 15:38). Alguns estudiosos vêem um paralelo entre os quatro Evangelhos e as quatro colunas que sustentavam o véu com as quatro cores: púrpura, que se refere à realeza, o Evangelho de Mateus, o Evangelho do Rei. O escarlata, que lembra o sacrifício, o Evangelho de Marcos, o Evangelho do Servo Sofredor. O branco, que se refere ao perfeito Filho do Homem, o Evangelho de Lucas. O azul indica o céu, o Evangelho de João, o Evangelho do Filho de Deus que veio do céu para morrer por nossos pecados.

Apreciação. Ainda que o tabernáculo parecesse comum para alguém que o visse de fora, tudo no santuário era de grande valor e beleza e referia-se ao Salvador que o povo de Israel daria ao mundo.

Os crentes piedosos do Antigo Testamento estavam cientes dos tesouros que possuíam na casa de Deus. Veja o testemunho de Davi:

Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo (Sl 27:4).

Eu amo, SENHOR, a habitação de tua casa e o lugar onde tua glória assiste (Sl 26:8). Ficaremos satisfeitos com a bondade de tua casa – o teu santo templo (Sl 65:4).

E os filhos de Coré escreveram:

Quão amáveis são os teus tabernáculos, SENHOR dos Exércitos! A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do SENHOR; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!... Bem-aventurados os que habitam em tua casa; louvam-te perpetuamente (Sl 84:1, 2, 4).

O que os crentes do Antigo Testamento possuíam no tabernáculo e, depois, no templo, hoje o povo de Deus tem em Jesus Cristo. Os utensílios e as cerimônias apontam para Cristo e revelam os muitos aspectos

gloriosos de seu caráter e da salvação que ele concede a todos aqueles que confiam nele. Cada uma das necessidades do povo israelita era suprida pelas provisões do tabernáculo, e em Jesus Cristo temos tudo de que precisamos para uma vida de piedade (2 Pe 1:3).

Qualquer abordagem à vida cristã que acrescente alguma coisa à Pessoa e à obra de Jesus Cristo conforme revelado nas Escrituras não é uma abordagem correta. Toda a plenitude reside em Cristo (Cl 1:19), assim como “toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9). Em Cristo “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2:3), e devemos buscar “as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus” (Cl 3:1). Em Cristo, o povo de Deus tem todas as bênçãos espirituais (Ef 1:3), e ele é tudo de que precisamos.

Para os crentes que amavam a Deus e que desejavam agradá-lo, o santuário era a fonte de comida e de bebida para sua alma. “Os filhos dos homens se acolhem à sombra das tuas asas [o Santo dos Santos]. Fartam-se da abundância da sua casa” (Sl 36:7, 8).

Semelhantemente, os crentes de hoje fartam-se em Jesus Cristo e encontram nele toda satisfação de que precisam.

1. Não se trata de orações feitas por pessoas no céu “transformadas em santos”, por intermédio das quais as pessoas na Terra podem orar. Todos aqueles que aceitarem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador são santos (separados) e têm o privilégio da oração. As duas passagens no Livro de Apocalipse ensinam que a verdadeira oração de fé oferecida pelos filhos de Deus nunca se perde, mas será respondida do jeito de Deus e no tempo de Deus.
2. A oração chamada tradicionalmente de “Oração do Pai Nosso” deveria ser chamada de “Oração do Discípulo”, pois foi assim que o Senhor ensinou seus discípulos a orar. Essa oração pode ser feita de modo expressivo, de coração, mas não deve ser recitada descuidadamente, como se fosse um “encantamento” religioso. Basicamente, essa oração nos dá um modelo a seguir: Deus vem em primeiro lugar (vv. 9, 10), antes de fazermos nossos pedidos (vv. 11-13). Nossos próprios pedidos pessoais devem ser testados tomando como referência nossa disposição em santificar o nome de Deus, em fazer vir seu reino e em realizar a vontade dele. Orar não é garantir que nossa vontade será feita no céu, mas que a vontade de Deus será feita na Terra.
3. Todo o nosso falar deve ser “temperado com sal” (Cl 4:6), o que sugere que devemos nos dirigir às pessoas tendo a mesma reverência santa com a qual falamos com Deus, pois ele ouve nossas palavras. A capacidade que temos de falar uns com os outros é uma dádiva que recebemos de Deus tão sagrada quanto o privilégio da oração. Observe como Davi relaciona as duas coisas no Salmo 141:1-3.
4. Para uma exposição do significado dos sacrifícios apresentados em Levítico 1 - 7, ver minha obra, *Be Holy* [Seja santo] (Cook).

5. Ao lavar os pés dos discípulos, o Senhor também ensinou a importância do serviço mútuo com humildade. Por vezes, os discípulos queriam buscar as posições mais elevadas, mas Jesus lhes deu o exemplo de que devemos procurar a posição mais humilde.
6. Azul, púrpura e carmesim são cores encontradas juntas vinte e quatro vezes no Livro de Êxodo. Nas vestes sacerdotais, aparecem o ouro, o azul e a púrpura (Êx 28:6, 15; 39:2, 5, 8).

O SACERDÓCIO SANTO

ÊXODO 28 – 29;
30:22-33; 39

A vontade de Deus era que a nação de Israel fosse um “reino de sacerdotes” (Êx 19:6) no mundo, revelando a glória do Senhor e compartilhando as bênçãos de Deus com as nações incrédulas a seu redor. No entanto, a fim de magnificar um Deus santo, era preciso que Israel fosse um povo santo, e, assim, entrou em cena o sacerdócio de Arão. Os sacerdotes (a família de Arão) e os levitas (as famílias de Coate, Gérson e Merari; ver Nm 3 – 4) eram incumbidos de servir no tabernáculo e de representar o povo diante de Deus. Os sacerdotes também deviam representar a Deus diante do povo ao ensinar a lei e ao ajudá-los a lhe obedecer (Lv 10:8-11; Dt 33:10; Ml 2:7).

No entanto, Israel não viveu como um reino de sacerdotes. Em vez disso, a liderança espiritual do povo foi se deteriorando gradualmente até que os sacerdotes chegaram a permitir que o povo adorasse a ídolos dentro do templo de Deus (Ez 8)! O Senhor castigou seu povo ao permitir que os babilônios destruíssem Jerusalém e o templo, levando milhares de judeus para o exílio. Por que isso aconteceu? “Foi por causa dos pecados dos seus profetas, das maldades dos seus sacerdotes que se derramou no meio dela o sangue dos justos” (Lm 4:13).

Hoje, Deus quer que sua Igreja ministre a este mundo como um “sacerdócio santo” e um “sacerdócio real” (1 Pe 2:5, 9).¹ Se o povo de Deus for fiel a seu ministério sacerdotal, então proclamará “as virtudes daquele que [o] chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9). Ao estudar o sacerdócio do Antigo Testamento, você verá paralelos significativos entre os sacerdote israelitas do

passado e o ministério do “sacerdócio santo” da Igreja de nosso tempo.²

1. OS SACERDOTES SÃO ESCOLHIDOS PARA SERVIR A DEUS (ÊX 28:1, 3, 41; 29:1, 44)

As palavras do Senhor “para que me ministre” aparecem cinco vezes nesses dois capítulos e também em Êxodo 30:30; 40:13, 15 e Levítico 7:35. Por certo, os sacerdotes ministravam ao povo, mas seu primeiro dever era ministrar ao Senhor e agradá-lo. Se eles se esquecessem de sua obrigação para com o Senhor, não tardaria para que comessem a menosprezar suas responsabilidades para com o povo, e a nação entraria em decadência espiritual (ver Ml 1:6 – 2:9).

Deus escolheu Arão e seus filhos para ministrar no sacerdócio por um ato de sua graça soberana, pois eles certamente não tinham direito a essa posição nem a mereciam. Contudo, o fato de Deus salvar pecadores como nós e de constituir-nos seu “sacerdócio santo” também é um ato da sua graça, e não devemos jamais deixar de admirar esse privilégio espiritual. “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros” (Jo 15:16).

Infelizmente, Nadabe e Abiú desobedeceram ao Senhor e foram mortos (Lv 10). Quando Arão morreu, Eleazar tornou-se seu sucessor (Nm 20:22-29), e os descendentes de Itamar deram continuidade ao ministério sacerdotal, mesmo depois do cativoiro (Ed 8:1, 2).

Como povo de Deus nos dias de hoje, devemos nos lembrar de que nosso primeiro dever é agradecer e servir ao Senhor. Se fizermos isso, ele trabalhará em nós e por nosso intermédio para realizar sua obra neste mundo. Quando Jesus restaurou Pedro à condição de discípulo, não perguntou: “Você ama seu ministério?”; nem mesmo: “Você ama as pessoas?”. A pergunta que repetiu foi: “Amas-me?” (Jo 21:17). Assim como o maior dever de um pai é amar a mãe de seus filhos, também a obrigação (e o privilégio) mais importante do servo é amar ao Senhor. Todo o ministério flui desse relacionamento.

Uma parte dessa incumbência de agradecer a Deus era usar as vestes sacerdotais. O sumo sacerdote, os sacerdotes e os levitas não podiam se vestir como bem entendessem quando ministravam no tabernáculo. Tinham de usar as roupas que Deus havia planejado para eles. Havia pelo menos três motivos para Deus ter providenciado essas vestes: (1) davam ao sacerdote dignidade e glória (Êx 28:2) e distinguiam-nos do resto do povo, como um uniforme identifica um soldado ou uma enfermeira; (2) revelavam verdades espirituais relacionadas a seu ministério e a nosso ministério hoje em dia; e (3) se os sacerdotes não usassem suas vestes especiais, correriam risco de vida (vv. 35, 43).

2. OS SACERDOTES SÃO ESCOLHIDOS PARA SERVIR AO POVO (ÊX 28:6-30; 39:2-21)

Ao servir a Deus e ao povo, o sumo sacerdote usava sete peças de roupa: calções (vv. 42, 43); uma túnica branca (v. 39; 39:27; Lv 8:6, 7); por cima desta, uma sobrepeliz azul com campainhas e romãs na orla (Êx 28:31-35; 39:22-26); a estola sacerdotal, uma veste sem mangas feita de ouro, estofado azul, púrpura e carmesim e presa por ombreiras incrustadas de jóias (Êx 28:6-8; 39:1-5; Lv 8:7); um cinto (Êx 28:8); e um peitoral com jóias, colocado por cima da sobrepeliz com correntes de ouro presas às ombreiras (vv. 9-30; 39:8-21); e um turbante de linho branco ("mitra"; Êx 28:39) com uma lâmina de ouro em que estava escrito: "Santidade ao SENHOR" (v. 36).

A estola e o cinto (28:6-14; 39:2-7). O termo "estola" vem de uma palavra hebraica usada para uma veste simples de linho, sem mangas e de comprimento até os calcanhares, normalmente associada ao serviço religioso (1 Sm 2:18; 2 Sm 6:14). A estola do sumo sacerdote e seu cinto eram feitos de linho branco ricamente bordado com estofado azul, púrpura e fios carmesim. A estola era composta de duas partes, a da frente e a de trás, unidas à altura do ombro por ombreiras de ouro e na cintura por um belo cinto.

O aspecto mais importante dessa estola não era seu tecido nem as cores, mas sim o fato de cada ombreira ter os nomes de seis

tribos de Israel, de acordo com sua ordem de nascimento, gravados em uma pedra de ônix. Sempre que o sumo sacerdote usava suas vestes especiais para estar perante o Senhor, levava o povo consigo sobre seus ombros. Além disso, essas duas pedras de ônix lembravam-no de dois fatos importantes: (1) as tribos de Israel eram preciosas aos olhos de Deus; e (2) ele não estava no tabernáculo para mostrar suas belas vestes nem para exaltar sua posição especial, mas para representar o povo diante de Deus e levá-lo sobre os seus ombros. Ele não havia sido chamado para servir a si mesmo, mas para servir a seu povo.³

A fim de que a Igreja seja fiel como sacerdote santo, os cristãos devem servir a Cristo ao servir uns aos outros e, também, ao mundo perdido. Jesus disse: "Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve" (Lc 22:27), e é o seu exemplo que devemos seguir (Jo 13:12-17). No ambiente de profunda espiritualidade do tabernáculo, seria fácil o sacerdote esquecer-se do povo do lado de fora, sendo que muitas daquelas pessoas tinham fardos e problemas e precisavam da ajuda de Deus. "Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros" (Fp 2:4).

O peitoral (28:15-30; 39:8-21). O peitoral era um pedaço de tecido quadrado e duplo, ricamente bordado, com um palmo de comprimento e um palmo de largura. Ficava sobre o peito do sacerdote, pendurado por duas correntes de ouro ligadas às ombreiras. No peitoral, havia doze belas jóias, dispostas em quatro fileiras - uma pedra preciosa para cada tribo de Israel. É provável que as pedras se encontrassem dispostas de acordo com a ordem das tribos quando marchavam (Êx 28:21; ver Nm 10).

Assim, o sumo sacerdote não apenas carregava o povo sobre seus ombros, mas também junto a seu coração. Se não há amor sincero em nosso coração, não teremos qualquer preocupação com as necessidades dos outros e não poderemos ajudá-los. "Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade" (1 Jo 3:18). Como servos de Deus, devemos ser capazes de dizer

honestamente ao povo que servimos: “vos trago no coração” (Fp 1:7).

A variedade de pedras no peitoral sugere a variedade de pessoas na Igreja e no mundo, todas elas preciosas para Deus. Cada uma das tribos tinha sua própria visão de mundo e personalidade distinta, não havia duas iguais. Algumas estavam sempre prontas para guerrear, enquanto outras ficavam em casa (Jz 5:13-18). Era fácil trabalhar com algumas delas, enquanto outras gostavam de discutir e ser importantes (Jz 8). No entanto, o Senhor amava todas elas, e o sumo sacerdote ministrava a todas elas.

“Se não fosse pelas pessoas, pastorear seria uma experiência maravilhosa!”, disse-me um jovem pastor.

Lembrei-o de que ajudar as pessoas e suprir suas necessidades espirituais é a essência do ministério, e isso exige um bocado de amor paciente da nossa parte. Somos um “sacerdócio santo”, mas também devemos ser sempre um “sacerdócio amoroso”.

Dentro do peitoral dobrado ficavam “o Urim e o Tumim” (“luzes e perfeições”), que o sacerdote usava para determinar a vontade de Deus para a nação (Êx 28:30; Nm 27:21; 1 Sm 30:7, 8). Não sabemos exatamente como o faziam, mas cabia aos sacerdotes realizar essa tarefa (Dt 33:8; Ed 2:63; Ne 7:65). Alguns acreditam que se tratava de uma pequena bolsa com duas pedras, uma preta e uma branca, e que a pedra que o sacerdote tirasse de dentro da bolsa indicaria a vontade de Deus. Ou, talvez, fossem pedras preciosas que brilhavam de modo especial para indicar a direção do Senhor. É inútil especular, pois os detalhes não nos foram revelados.

Hoje em dia, nós, cristãos, não temos dispositivos como o Urim e o Tumim para determinar o que Deus deseja que façamos, mas temos a Palavra de Deus para guiar nossos passos (Sl 119:105). A Palavra de Deus revela o Deus da Palavra, seu caráter, seus desejos e seus propósitos para seu povo, e quanto mais conhecemos a Deus, mais fácil é descobrir a sua vontade. A Palavra de Deus contém conceitos a que devemos obedecer, advertências às quais devemos dar ouvidos,

promessas das quais devemos nos apropriar e princípios que devemos seguir. Se estamos sinceramente dispostos a obedecer, Deus está pronto a nos guiar (Jo 7:17; Sl 25:8-11).

No entanto, se tivéssemos um método simples e infalível para determinar a vontade de Deus, como o Urim e o Tumim, provavelmente não iríamos orar tanto, examinar tanto as Escrituras e nem nos humilhar tanto quanto fazemos hoje ao buscar a orientação de Deus. Crescermos no Senhor buscando e fazendo a vontade dele, e participar do processo é uma bênção tão grande quanto saber quais serão os resultados.

3. OS SACERDOTES DEVEM SERVIR NO TEMOR DE DEUS (Êx 28:31-43; 39:22-31)

Moisés apresenta algumas outras peças de vestuário.

A sobrepeliz azul (28:31-35; 39:22-26), usada por baixo da estola, era distintiva em pelo menos três aspectos. Em primeiro lugar, não tinha costuras, lembrando-nos da túnica sem costuras de nosso Senhor que simbolizava seu caráter perfeito e integridade (Jo 19:23). O colarinho ao redor da abertura para a cabeça era tecido de modo que não rasgasse. Durante o ministério de nosso Senhor aqui na Terra, algumas pessoas tentaram “rasgar” a túnica inteiriça do seu caráter e acusá-lo de ter pecado, mas em momento algum foram bem-sucedidas. Por fim, em sua orla, havia romãs penduradas, feitas de estofado azul, púrpura e carmesim, com campainhas de ouro penduradas entre elas. As romãs simbolizavam a abundância de frutos, e as campainhas de ouro indicavam que o sumo sacerdote estava ministrando no lugar santos.⁴ As romãs e as campainhas nos lembram de que nossa caminhada sacerdotal deve produzir frutos e ser fiel, sempre dando testemunho de que estamos servindo ao Senhor com integridade.

A mitra (28:36-38; 39:27-31) era usada somente pelo sumo sacerdote, enquanto os outros sacerdotes usavam apenas turbantes de linho. Na frente da mitra, havia uma lâmina de ouro com a seguinte inscrição: “Santidade ao SENHOR”. O propósito todo do sistema levítico era santificar homens e

mulheres e, portanto, torná-los agradáveis ao Senhor.

Algumas pessoas ficam estarelecidas quando descobrem que Jesus não morreu para nos fazer felizes; ele morreu para tornar os pecadores santos. “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44, 45; 19:2; 20:7, 26; 21:8) foi uma ordem dada com frequência ao povo de Israel e repetida em 1 Pedro 1:15, 16 para os crentes de hoje. *O primeiro passo para a felicidade é a santidade.* Se sua vida está em ordem com Deus, então você pode estar em ordem com os outros e com as circunstâncias da vida que o perturbam. Se seu objetivo é a felicidade, você não conseguirá alcançá-lo, mas se seu objetivo é a santidade, você também encontrará felicidade no Senhor.

Ao usar sua mitra santa com a “coroa” de ouro, o sumo sacerdote identificava-se com os pecados do povo, enquanto levavam suas ofertas ao Senhor (Êx 28:38). Assim como os cristãos levam seus sacrifícios a Deus por intermédio de Jesus Cristo, o que torna tais sacrifícios aceitáveis (1 Pe 2:5), também as ofertas do povo eram aceitáveis a Deus por causa da intercessão do sumo sacerdote. No entanto, nosso Senhor e Intercessor no céu não precisa de qualquer veste especial nem de uma “coroa santa”, a fim de ser qualificado para ministrar, pois ele é o santo Filho de Deus, e nele não há pecado.

Em duas ocasiões, nessa seção, os sacerdotes são advertidos de que podem morrer se não obedecerem em tudo às instruções do Senhor e se não usarem as vestes corretas (Êx 28:35, 43). Em outras palavras, os servos de Deus devem andar no temor do Senhor e ter o cuidado de obedecer a Deus e de dar-lhe glória.

Ninguém que esteja trabalhando de todo o coração para o Senhor negará que “há grande alegria em servir a Jesus”, mas, ao mesmo tempo, devemos cultivar “reverência e santo temor” (Hb 12:28). Se, hoje em dia, Deus matasse todo cristão que não se dedica com seriedade ao serviço do Senhor, quantos obreiros restariam? Temer ao Senhor não significa encolher-se de medo diante de um capataz severo, mas sim ser reverente e

humilde diante de um Pai amoroso e de um Senhor bondoso. “Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor” (Sl 2:11). “O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo? – diz o SENHOR dos Exércitos” (Ml 1:6).

Comentamos, anteriormente, que os sacerdotes morreriam se não se lavassem na bacia (Êx 30:20, 21) ou se usassem um incenso diferente daquele que havia sido ordenado por Deus (Lv 6:13). Se os sacerdotes não obedecessem às leis referentes ao que era puro e imundo, também correriam risco de vida (Êx 22:1-9). Não bastava que os sacerdotes ensinassem a lei ao povo, era preciso que eles próprios lhe obedecessem, pois tinham grande responsabilidade. No entanto, a atitude fundamental do coração que ajuda a determinar nossa obediência é um temor do Senhor inspirado pelo Espírito.

Já fui a “cultos” cristãos e a reuniões evangélicas em que a principal ênfase era “se divertir” e não glorificar a Deus. A música era ótima para o entretenimento, mas não para a edificação, e a pregação era superficial e irreverente. Os palestrantes estavam mais preocupados em fazer o público rir do que em ajudá-los a ver Jesus e a arrepende-se de seus pecados. Deus não matou ninguém nessas reuniões, mas também não sentimos a vida e o poder do Espírito naquilo que foi feito ali. Pelo fato de os participantes não estarem concentrados em honrar a Deus, a própria reunião se matou.

4. OS SACERDOTES DEVEM SER CONSAGRADOS A DEUS (Êx 29:1-37; 30:22-33)

Deus ordenou que o sumo sacerdote e seus filhos participassem de um culto público de consagração que os separaria como servos de Deus. Esse culto teve pelo menos sete etapas.

Os sacerdotes foram lavados (29:4; Lv 8:6). Moisés juntou os materiais necessários para o culto de ordenação e levou Arão e seus filhos até a porta do tabernáculo. A montagem do tabernáculo só é descrita em Êxodo 40, mas, ao que parece, a consagração do

tabernáculo e dos sacerdotes ocorreu no mesmo dia (vv. 12-15).

Na Bíblia, o pecado é retratado por imagens como enfermidade (Is 1:4-6), trevas (1 Jo 1:5-10), afogamento (Sl 130:1-4) e até mesmo morte (Ef 2:1, 5; Jo 5:24), mas, com frequência, também é retratado como sujeira e poluição (Is 1:16, 18; Jr 4:14; 2 Co 7:1; Hb 9:14; Tg 1:21; 4:8). Quando Arão e seus filhos foram completamente lavados, esse ato simbolizou a purificação completa pelo Senhor. Não precisavam banhar-se novamente; tudo o que tinham a fazer era lavar as mãos e os pés na bacia. Jesus disse: "Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo" (Jo 13:10). Aqueles que aceitaram a Cristo experimentaram essa purificação interior pelo Senhor (1 Co 6:9-11).

Os sacerdotes foram vestidos (vv. 5, 6, 8, 9, 29, 30; Lv 8:7-9, 13). Moisés vestiu seu irmão com as vestes que estudamos há pouco; também vestiu os filhos de Arão com suas túnicas de linho e turbantes. Esses eram seus "uniformes" oficiais e não ousariam ministrar no tabernáculo vestidos com outros trajes.

Nas Escrituras, usar certos trajes é um retrato do caráter e da vida do crente. Devemos colocar de lado os trajes imundos da antiga vida e nos vestir com os belos "trajes da graça" oferecidos pelo Senhor (Ef 4:17-32; Cl 3:1-15). Cristo nos despiu de nossos trapos sujos e nos deu vestes de justiça que comprou para nós na cruz (Is 61:10; 2 Co 5:17, 21).

Os sacerdotes foram ungidos (vv. 7, 21; Lv 8:10-12, 30). Esse óleo especial (Êx 30:22-33) era usado apenas para ungir os sacerdotes, o tabernáculo e seus utensílios. No Antigo Testamento, profetas, sacerdotes e reis eram ungidos como um símbolo de que Deus lhes havia concedido o Espírito Santo para ter poder e para servir (Lc 4:17-19; Is 61:1-3). Moisés derramou o óleo sobre a cabeça de seu irmão, o que significa que esse óleo escorreu por sua barba e banhou todas as pedras do peitoral. Que bela imagem de unidade no Senhor! (Sl 132:2). "Tomara todo o povo do SENHOR fosse

profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!" (Nm 11:29).

Aqueles que aceitaram a Jesus Cristo como Salvador e Senhor receberam a unção do Espírito de Deus (1 Jo 2:20, 27; 2 Co 1:21, 22). A ênfase de João é sobre o ministério de ensino do Espírito ao guiar o cristão à verdade da Palavra de Deus. A ênfase de Paulo é sobre o encorajamento e a estabilidade: fomos ungidos e selados pelo Espírito, e o Espírito é nosso "penhor" da glória futura. Se Deus nos ungiu, nos selou e deu-nos um antegozo do céu, então por que nos desesperar ou sentir que ele irá nos abandonar?

Os sacerdotes foram perdoados (vv. 10-14). Um touro foi imolado para sacrifício pelos pecados (Lv 4; 8:14-17) como expiação pelos pecados dos sacerdotes. Esse sacrifício foi repetido todos os dias durante uma semana (Êx 29:36, 37), não apenas para a purificação dos sacerdotes, mas também para a santificação do altar em que os sacerdotes iriam ministrar. Jesus Cristo é nosso sacrifício pelos pecados, e é somente por meio dele que encontramos o perdão (Is 53:4-6, 12; Mt 26:28; 2 Co 5:21; 1 Pe 2:24; Ap 1:5, 6).

Os sacerdotes foram inteiramente consagrados a Deus (vv. 15-18; Lv 8:18-21). No sacrifício do holocausto, o animal era inteiramente entregue ao Senhor, retratando a consagração total (Lv 1). Nosso Senhor entregou-se inteiramente e sem reservas, não apenas em seu ministério, mas também em seu sacrifício voluntário na cruz. Era esperado que o sumo sacerdote e todos os outros que serviam no templo se dedicassem totalmente ao serviço do ministério e fizessem disso a maior prioridade de seu coração. Os cristãos precisam meditar em Romanos 12:1, 2 e 1 Timóteo 4:15.

De acordo com uma história conhecida, um comitê britânico estava pensando em convidar D. L. Moody para fazer uma conferência em sua cidade. Quando o pastor falou elogiosamente sobre o ministério de Moody, um membro do comitê perguntou com certa irreverência:

— Por que precisamos de Moody? Por acaso ele tem o controle exclusivo do Espírito Santo?

— Não — respondeu o pastor —, mas o Espírito Santo tem o controle exclusivo de Moody.

Os sacerdote foram marcados pelo sangue (vv. 19-22; Lv 8:22-24). Nesse ponto da cerimônia de ordenação, seria de se esperar que Moisés oferecesse um sacrifício pelos pecados ocultos (Lv 5), mas, em vez disso, ofereceu um carneiro como oferta pacífica, o “carneiro da consagração” (Êx 29:22). A palavra hebraica significa “enchimento”, pois encheram-se as mãos dos sacerdotes de pão e de carne.

Moisés não apenas aspergiu o sangue no altar e sobre Arão e seus filhos, juntamente com o óleo da unção, como também cada homem foi marcado com um pouco de sangue na orelha direita, no polegar da mão direita e no polegar do pé direito. Esse gesto servia para lembrá-los de que deveriam ouvir a Palavra de Deus, trabalhar na obra de Deus e andar nos caminhos de Deus. O sangue refere-se a sacrifício, de modo que os sacerdotes tornaram-se um “sacrifício vivo” (Rm 12:1) a serviço do Senhor.

Os sacerdotes foram alimentados (vv. 22-28, 31-34; Lv 8:25-29). Outro ato inusitado foi encher as mãos dos sacerdotes com comida dos “cestos” (Êx 29:2, 3) e do altar (vv. 22-28). Os sacerdotes moveram essas dádivas em direção ao altar em consagração a Deus (v. 24, “ofertas movidas”) para, em seguida, compartilhá-las numa refeição de comunhão (vv. 31-34). Porções de algumas ofertas e de sacrifícios bem como dízimos especiais das colheitas faziam parte da remuneração dos sacerdotes por servirem no altar (Lv 8:28-36), mas era preciso que considerassem essas ofertas como sacrifícios santos e que as comessem dentro dos limites do tabernáculo.

Se os sacerdotes fossem fiéis em ensinar a Palavra e em encorajar Israel a obedecer ao Senhor, jamais lhes faltaria sustento, pois o povo estaria atento à Palavra de Deus, levando os devidos sacrifícios e ofertas ao tabernáculo e, portanto, proveria para os servos

de Deus. Infelizmente, alguns sacerdotes, em anos posteriores, foram egoístas e carnis e tomaram para si a melhor parte das ofertas (1 Sm 2:12-17; Ml 1:6-14).

5. OS SACERDOTES DEVEM MINISTRAR DIARIAMENTE (Êx 29:38-46)

Durante a semana das cerimônias de ordenação, os sacerdote tiveram de ficar dentro dos limites do tabernáculo (Lv 9:33-36) e, no final da semana, entraram imediatamente em seu ministério. Nada de tempo para tirar um dia de folga ou férias! Em seu trabalho, era necessário seguir um programa diário, semanal, mensal e anual, sendo que tudo isso se encontrava descrito, em linhas gerais, na lei que Deus deu a Moisés no monte Sinai.

Cada dia começava com os sacerdotes sacrificando um cordeiro como holocausto, significando consagração total do povo a Deus, e o dia terminava com a oferta de outro cordeiro como holocausto. Essa prática de começar e de terminar o dia entregando-se ao Senhor é um ótimo exemplo a ser seguido por nós. Juntamente com cada cordeiro, também era apresentada uma oferta de manjares misturada com óleo (Lv 2:1-16; 6:14-23) e uma libação de cerca de um litro de vinho derramado sobre o altar (Nm 15:1-13). Na maioria das ofertas de manjares, os sacerdotes colocavam apenas uma porção simbólica da farinha no altar e usavam o resto para suas próprias refeições, porém não faziam isso nos sacrifícios do começo e do fim do dia. Nesses casos, era tudo entregue ao Senhor.

A farinha e o vinho representavam o fruto do trabalho do povo nos campos e vinhedos. Apresentavam a Deus, de modo simbólico, o fruto de sua labuta e agradeciam a Deus as forças para trabalhar e a comida para se alimentar (Dt 8:6-18). O vinho derramado era uma imagem da vida do povo sendo derramada no serviço do Senhor (Fp 2:17; 2 Tm 4:6). Tudo isso seria agradável ao Senhor, e ele teria prazer em habitar no tabernáculo e em abençoar seu povo.

1. A doutrina do “sacerdócio dos cristãos” é de grande valor, pois significa que cada cristão tem o privilégio de entrar na presença do Senhor para adorar, orar e buscar a vontade de Deus. Observe que Pedro fala do sacerdócio dos cristãos de modo coletivo “sacerdócio santo [...] sacerdócio real [...] nação santa”, mesmo que estivesse escrevendo para cristãos em cinco províncias (1 Pe 1:1). É perigoso um cristão separar-se do resto do povo de Deus e esperar, ainda assim, descobrir a vontade de Deus. Pertencemos uns aos outros e precisamos uns dos outros. Sacerdotes isolados podem tornar-se problemáticos dentro da igreja.
2. O sacerdócio israelita pertencia à ordem de Arão, enquanto o sacerdócio de Cristo pertence à ordem de Melquisedeque (Hb 5:1-10; 7:1 - 8:13). Melquisedeque foi tanto um rei quanto um sacerdote (Gn 14:18-24; Sl 110:4), enquanto Arão foi apenas um sacerdote. Quando o rei Uzias tentou forçar sua entrada no sacerdócio, Deus o feriu com lepra (2 Cr 26:16-23), pois os dois ofícios - de rei e de sacerdote - só foram unidos no ministério sacerdotal de Cristo. O trabalho dos sacerdotes da ordem de Arão não tinha fim, pois o sangue de touros e bodes não era capaz de remover os pecados, mas Cristo concluiu sua obra redentora ao derramar seu sangue na cruz. O tabernáculo não tinha cadeiras para os sacerdotes descansarem, mas Jesus assentou-se no trono celestial, pois terminou seu trabalho. Os sacerdotes do Antigo Testamento morriam e precisavam ser substituídos, mas Jesus vive para sempre pelo poder de uma vida indissolúvel (Hb 7:16). Ver minha obra *Be Confident* [Seja fiel] para uma exposição de Hebreus 6 - 10.
3. As jóias nas ombreiras e no peitoral do sumo sacerdote nos lembram de que nosso Sumo-Sacerdote no céu nos carrega em seus ombros e perto de seu coração. Ele se comove com nossas enfermidades e nos dá a graça de que precisamos quando nos chegamos a seu trono para pedir (Hb 2:17, 18; 4:14-16; 7:25-28).
4. Diz-se, por vezes, que no Dia da Expição as campainhas indicavam para o povo do lado de fora do tabernáculo que o sumo sacerdote ainda estava vivo e que Deus havia aceito os sacrifícios. No entanto, o sumo sacerdote não usava a bela sobrepeliz no Dia da Expição, mas apenas uma túnica simples de linho em sinal de humilhação (Lv 16:4), de modo que não havia campainhas tocando no tabernáculo. O sumo sacerdote só colocava suas vestes oficiais depois de ter se lavado e depois de ter sido solto o bode expiatório (Lv 16:23, 24).

UM CORAÇÃO QUEBRANTADO E UM ROSTO RESPLANDECENTE

ÊXODO 32 – 34; 40

Em fevereiro de 1879, na igreja da Santa Trindade, na Filadélfia, o conhecido clérigo anglicano, Phillips Brooks, apresentou uma série de preleções publicadas posteriormente com o título *The Influence of Jesus*. Na terceira preleção, fez a seguinte declaração:

Ser um verdadeiro ministro para os homens significa ter sempre nova felicidade e novo sofrimento, sendo que ambos são interdependentes e desenvolvem uma união cada vez mais próxima e indissolúvel, à medida que o ministério torna-se cada vez mais espiritual. É impossível ao homem que se dedica inteiramente a outros seres humanos ser de todo triste, assim como também não pode ter alegria desanuviada.¹

Nos capítulos a seguir, vemos esse princípio ilustrado de maneira clara na vida de Moisés. O prazer de seu relacionamento com Deus no alto da montanha foi interrompido por *uma profunda decepção com seu povo. Foi uma das experiências mais sofridas de toda a sua carreira e, no entanto, mostrou o que havia de melhor dentro dele – o que sempre acontece quando amamos a Deus e vivemos pela fé.*

1. A CULPA: O POVO DE DEUS TRANSGRIDE A LEI (ÊX 32:1 – 33:11)

Pelo menos três vezes, durante os meses no Sinai, o povo de Israel prometeu obedecer a tudo o que Deus lhes ordenasse (Êx 19:8; 24:3, 7; ver 20:19). O Senhor sabia que não estavam dispostos a cumprir suas promessas de todo coração (Dt 5:28, 29), e o trágico

episódio do bezerro de ouro mostrou como Deus tinha razão.

O grande pecado (32:1-6). Moisés chamou aquilo que fizeram de “grande pecado” (vv. 21, 30, 31), e sua avaliação foi precisa. Foi um grande pecado por causa daqueles que o cometeram: a nação de Israel, o povo escolhido de Deus, seu tesouro peculiar. Foi grande pela ocasião e pelo lugar em que havia sido cometido: o monte Sinai, depois de os israelitas terem ouvido a declaração da lei de Deus e de terem visto a glória dele. Tinham prometido obedecer à lei de Deus, mas, ao fazer o bezerro de ouro e ao entregar-se a uma comemoração sensual, a nação quebrou o primeiro, o segundo e o sétimo mandamentos. Foi um grande pecado por causa daquilo que já haviam experimentado do poder e da misericórdia de Deus: os juízos contra o Egito, o livramento no mar Vermelho, a provisão de comida e água e a direção de Deus, em sua graça, por meio da coluna de nuvem e de fogo. Aquele ato constituiu uma rebelião contra a bondade do Senhor. Não é de se admirar que seu pecado provocasse a ira de Deus (Dt 9:7).

Por que Israel fez algo tão perverso num momento tão glorioso de sua história? Em primeiro lugar, ficaram impacientes com Moisés, que já estava no monte com Deus havia quarenta dias e quarenta noites (vv. 11, 12), e a impaciência, muitas vezes, leva a ações impulsivas e pecaminosas. Israel não sabia viver pela fé e confiar em Deus, independentemente de onde estivesse seu líder. Quer Moisés estivesse com eles quer longe deles, eles o criticavam e ignoravam o que havia ensinado.

No entanto, Arão e os chefes das tribos foram responsáveis pelo que aconteceu, pois não se voltaram imediatamente a Deus a fim de pedir ajuda e não advertiram o povo sobre o que aconteceria. Arão e Hur haviam recebido autoridade de Moisés para liderar a nação na ausência dele (Êx 24:14) e, apesar de serem homens que haviam visto os feitos poderosos do Senhor, falharam para com Deus e para com Moisés. Em vez de conter o povo, Arão foi complacente e satisfizou os desejos pecaminosos do coração

deles. Mais tarde, Arão apresentou uma desculpa esfarrapada e tentou pôr a culpa no povo (vv. 22-24), mas o Senhor sabia muito bem o que havia acontecido. Deus estava tão irado que teria matado Arão, caso Moisés não tivesse intercedido por ele (Dt 9:20).

A disposição concupiscente de Israel para adorar ídolos nasceu no Egito e ainda estava presente no coração do povo (Js 24:14; Ez 20:4-9; 23:3, 8). Arão alimentou esse apetite dos israelitas ao dar-lhes o que queriam. Hoje em dia, fala-se muito sobre "ir ao encontro das necessidades das pessoas", mas vemos aqui um exemplo de uma nação que não sabia quais eram, de fato, suas necessidades. Achavam que precisavam de um ídolo, mas o que realmente careciam era de fé em seu grande Deus, que se havia revelado a eles de modo tão poderoso.² Israel trocou a glória do Deus vivo pela imagem de um animal (Sl 106:19-23), o que significa que agiu exatamente como as nações pagãs a seu redor (Rm 12:22-27).³ Muita gente consegue madrugar para pecar, mas não para orar.

A grande prova (vv. 7-14). Na liderança, as experiências difíceis com nosso povo nos edificam ou nos destroem, e Moisés estava prestes a ser provado. Deus chamou Israel de "teu povo, que fizeste sair do Egito", como se o Senhor estivesse abandonando a nação nas mãos de seu líder, mas Moisés não tardou em lembrá-lo de que eram o povo de Deus e de que era o Senhor quem os havia livrado. Além disso, Deus havia feito uma aliança com seus antepassados e prometido abençoá-los, multiplicá-los e dar-lhes sua terra (Gn 12:1-3). Moisés estava pedindo que Deus cumprisse sua promessa, e era isso o que Deus esperava dele.

Então, o Senhor usou uma abordagem diferente: ofereceu exterminar Israel e fazer uma nova nação a partir dos descendentes de Moisés.⁴ Um homem de menos caráter poderia ter aceitado esse convite, mas não Moisés. Por mais pecador que fosse seu povo, ele o amava, e o maior desejo de Moisés era glorificar ao Deus de Israel e vê-lo cumprir suas promessas. O líder dos israelitas não estava preocupado com seu

próprio futuro; sua preocupação era com a reputação de Deus. O que os egípcios diriam de Deus, se ficassem sabendo que a nação toda de Israel havia sido destruída no Sinai?

Deus tinha o direito de estar irado com o pecado flagrante de idolatria e sensualidade de Israel (Êx 32:10-12), mas Moisés convenceu o Senhor a não destruir seu povo. Ao escrever esse relato, Moisés usou termos humanos para relatar as ações divinas, o que explica por que ele diz, no versículo 14, que o Senhor "se arrependeu". A palavra hebraica significa "entristecer-se, lamentar" (Gn 6:6; 1 Sm 15:29) e descreve a mudança de abordagem de Deus ao tratar com seu povo (Jr 18:1-12; 19; 26). O caráter de Deus não muda, mas o Senhor responde às orações e ouve as confissões de seu povo.

A grande disciplina (32:15 - 33:11). Em sua graça, Deus perdoa nossos pecados, mas, em sua soberania, permite que o pecado traga suas terríveis conseqüências. Colhemos aquilo que semeamos (Gl 6:7, 8). No caso de Davi, por exemplo, Deus perdoou o pecado do rei, mas advertiu-o de que a espada jamais se apartaria da casa dele (2 Sm 12:1-14), e foi exatamente o que aconteceu. Como é triste colher as conseqüências do pecado!

Moisés disciplinou o povo (32:15-29). Ao descer da montanha, Moisés pediu a Josué que o acompanhasse (Êx 24:12, 13). Um dia, Josué ficaria no lugar de Moisés, de modo que precisava aprender a lidar com essas questões difíceis. Moisés estava irado (Êx 32:19, 22), mas era uma ira temperada pelo amor, o que na verdade é a angústia. Seu ato de quebrar as tábuas de pedra foi simbólico: Israel havia quebrado a aliança e teria de enfrentar a disciplina. Contudo, antes de tratar com o povo, Moisés confrontou Arão, pois o privilégio da liderança traz consigo tanto a responsabilidade quanto a prestação de contas. De acordo com o evangelista Billy Sunday, "uma desculpa é o invólucro de uma razão recheado com uma mentira", e as desculpas esfarrapadas de Arão não convenceram Moisés.

Então, Moisés voltou-se para o povo e perguntou: "Quem é do SENHOR?" (ver Js 24:15 e 1 Rs 18:21). Com isso, deu a Israel a oportunidade de arrepender-se e de reafirmar seu compromisso com o Senhor, mas somente os levitas responderam ao chamado. Sem levar em consideração os laços de família e de amizade (Mt 10:34-39; Lc 14:26, 27), os levitas demonstraram grande coragem ao matar todos os que haviam se envolvido com a orgia, cerca de três mil homens. Séculos depois, Paulo usou esse acontecimento, dentre outros, para advertir os cristãos sobre a rebeldia contra Deus (1 Co 10:1-12).

Em seguida, Moisés destruiu o vergonhoso bezerro de ouro queimando-o (é possível que fosse feito de madeira revestida com ouro), moeu o ouro até virar pó, jogou o pó num ribeiro que havia ali perto (Êx 17:1-7) e fez o povo beber daquela água (Dt 9:21).⁵ Com isso, destruiu totalmente o ídolo e, também, forçou o povo a identificar-se com seus terríveis pecados.

Moisés voltou para o Senhor no monte Sinai, onde, durante mais quarenta dias e quarenta noites, jejuou e orou por seu povo (Êx 32:30-34; 34:28; Dt 9:18-20). Disse a Deus que estava disposto a morrer, se isso significasse que os israelitas viveriam, mas Deus rejeitou sua oferta.⁶ O Senhor garantiu a Moisés que seu Anjo iria adiante dele e que Moisés continuaria a liderar o povo como antes. No entanto, Deus iria castigá-los a seu modo e a seu tempo. Se os israelitas soubessem tudo o que Moisés suportou por amor a eles, talvez o tivessem valorizado mais, porém esse é o preço a ser pago pela liderança espiritual fiel.

Deus disciplinou o povo (32:35 – 33:11).

A primeira disciplina de Deus foi mandar uma praga sobre o povo, mas não somos informados de quantas pessoas morreram. Os levitas haviam dado cabo de três mil homens que se envolveram com a adoração idólatra e as práticas imorais, mas Deus sabia quem eram todos os culpados. Às vezes, Deus dá a sentença de seu julgamento imediatamente, mas depois adia a execução da pena. No entanto, quer no Antigo Testamento, quer no

Novo Testamento, "Há pecado para morte" (1 Jo 5:16, 17).

O segundo juízo de Deus foi recusar-se a ir adiante dos israelitas ao marcharem para a terra prometida (Êx 33:1-6). Deus manteria as promessas da aliança que havia feito com os patriarcas, mas em vez de ir adiante de Israel, na pessoa de seu Filho, o Anjo do SENHOR (Êx 23:20-23), iria nomear um anjo para acompanhar os israelitas. Faria isso porque Israel era "povo de dura cerviz" (Êx 32:9; 33:3, 5). Se fossem um povo que estivesse aflito e sofrendo, o Senhor teria ido até eles com graça e misericórdia (Êx 3:7-10), mas um povo obstinado só pode ser disciplinado. Era melhor Deus apartar-se deles do que vir de súbito sobre eles para destruí-los!

Quando Moisés transmitiu essa mensagem a Israel, a reação do povo foi tirar todos os seus adornos e prantear. Só o Senhor sabia se aquilo se tratava de verdadeiro arrependimento ou não. Pouco antes, os israelitas haviam contribuído com seus adornos de ouro para fazer um ídolo, e aquela era a forma de desfazerem tal ato. Talvez estivessem começando a aprender, do jeito difícil, sua lição.

O terceiro juízo foi mudar a "tenda da congregação" de Moisés para um lugar fora do acampamento, onde ele se encontraria pessoalmente com Deus. Não se trata do tabernáculo do Senhor, uma vez que este ainda não havia sido erguido nem consagrado. Era uma tenda especial que Moisés usava quando desejava consultar a Deus. Em sua graça, Deus encontrava-se com Moisés face a face, feito amigos conversando (Nm 12:1-8; Dt 34:10). A coluna de nuvem que guiava a nação em sua jornada pairava próximo à porta da tenda, e o povo sabia que Moisés e Deus estavam conversando lá dentro.

O pecado sempre custa caro, e o pecado de Israel havia custado não apenas a morte de milhares de pessoas, mas também privara a nação da presença do Senhor no acampamento e em sua jornada de peregrinos até a terra prometida. Como disse Charles Spurgeon: "Deus nunca permite que seu povo peque com sucesso".

2. A GRAÇA: O SERVO DE DEUS INTERCEDE (Êx 33:12 - 34:28)

Durante o segundo período de quarenta dias e quarenta noites com Deus no monte Sinai, Moisés suplicou por seu povo e pediu ao Senhor que lhes restaurasse suas bênçãos prometidas.

A presença de Deus com a nação (33:12-17). Moisés lembrou o Senhor de sua promessa de acompanhar o povo em sua jornada. Além disso, quando a nação cantou louvores a Deus perto do mar Vermelho, regozijou-se na promessa da presença vitoriosa de Deus (Êx 15:13-18). Deus iria voltar atrás em sua palavra?

Moisés baseou seu apelo na graça (favor) de Deus, pois sabia que o Senhor era misericordioso e bondoso e que o povo era culpado. Se Deus lhes desse o que mereciam, teriam sido destruídos! Os israelitas eram o povo de Deus, e Moisés era servo do Senhor. Não queriam que um anjo os acompanhasse, pois não havia nada de excepcional nisso. O que distinguia Israel de outras nações era o fato de seu Deus estar presente com eles, e foi isso o que Moisés pediu. Seu coração deve ter saltado de alegria quando ouviu Deus comprometer-se a acompanhar o povo e a conduzi-lo ao lugar de descanso que havia lhe prometido.

Os filhos de Deus têm o direito de “negociar” com ele como Moisés fez? Tudo depende de nosso relacionamento com Deus. Moisés conhecia os caminhos de Deus (Sl 103:7), era amigo íntimo do Senhor e, portanto, foi capaz de apresentar seu caso com fé e perspicácia. O piedoso pastor escocês Samuel Rutherford, que sabia o que era sofrer por Cristo, escreveu: “É uma obra da fé apropriar-se dos ternos afetos de misericórdia de Deus e estimulá-los em todas as mais duras correções do Senhor”. Era isso o que Moisés estava fazendo pelo povo.

A glória de Deus é revelada (vv. 18-23). O verdadeiro servo de Deus preocupa-se mais com a glória de Deus do que com qualquer outra coisa. Moisés e os israelitas haviam visto a glória de Deus na coluna de nuvem e de fogo, bem como na “tempestade” no monte Sinai. Contudo, Moisés desejava ver a

glória íntima de Deus revelada a ele pessoalmente. Deus deu a Moisés um vislumbre particular de sua glória e satisfaz o desejo de seu servo. Quando os servos de Deus estão desanimados ou decepcionados por causa do pecado de seu povo, o melhor remédio para seu coração quebrantado é uma nova visão da glória de Deus.

Deus concede seu perdão (34:1-28). Moisés havia recebido de Deus a promessa de que o Senhor os acompanharia em sua jornada, mas será que perdoaria o povo por seus pecados? Ele os acompanharia como um policial vigiando um criminoso ou como um Pai cuidado de seus filhos queridos? A resposta veio quando o Senhor ordenou que Moisés preparasse outras duas tábuas de pedra, pois isso significava que iria repor as pedras que Moisés havia quebrado! Deus renovaria a aliança! Logo cedo, na manhã seguinte, Moisés compareceu a seu compromisso carregando consigo as tábuas.

No entanto, antes de fazer qualquer coisa com elas, Deus proclamou a grandeza de seus atributos (vv. 5-7), numa declaração fundamental para toda a teologia judaica e cristã. Moisés repetiu as palavras de Deus em Cades-Barnéia (Nm 14:17-19), os judeus usaram-nas no tempo de Neemias (Ne 9:17, 18) e Jonas citou-as quando estava aborrecido, fora de Nínive (Jn 4:1, 2). Não há registro de que Moisés tenha se prostrado com o rosto em terra quando viu a glória de Deus, mas ele se prostrou para adorar quando ouviu Deus proferir essas palavras magníficas.

A fé vem de se ouvir e receber a Palavra de Deus (Rm 10:17), de modo que, pela fé, Moisés pediu a Deus que perdoasse o povo. Os pronomes dessa oração são importantes: “Perdoa a nossa iniquidade e o nosso pecado” (Êx 34:9, ênfase minha). Apesar de não ser culpado de desobediência a Deus, Moisés identificou-se com os pecados do povo, como fizeram Esdras e Daniel em suas orações de confissão (Ed 9; Dn 9). O Senhor havia acabado de declarar que perdoava “a iniquidade, a transgressão e o pecado” (Êx 34:7), e Moisés apropriou-se dessa verdade.

O fato de Deus haver renovado a aliança é prova de que perdoou seu povo e deu-lhe

um recomeço. No entanto, Deus repetiu os elementos fundamentais da aliança, especialmente as leis sobre a idolatria (vv. 12-17). Quando Israel se mudasse para a Terra Prometida, seria fácil condescender com o inimigo, primeiro fazendo tratados com eles, depois participando de suas festas e, por fim, mediante casamentos mistos e adoção de seus costumes pagãos. Era importante que, desde o começo, Israel repudiasse e destruísse tudo o que era associado a ídolos e que se conscientizasse de que a idolatria estava para a aliança com o Senhor como o adultério estava para o casamento.

Nós, que vivemos vários milênios depois desses acontecimentos, não fazemos nem idéia de como era imunda a idolatria dos cananeus quando os israelitas conquistaram aquela terra. Era indescritivelmente imoral, e os templos e altares precisavam ser removidos e destruídos como tumores cancerosos no corpo humano, a fim de que a terra se tornasse saudável. Deus havia chamado Israel para ser o canal de bênçãos para o mundo – culminando com o nascimento do Salvador –, e a idolatria foi a inimiga que quase destruiu a nação. Em termos humanos, se não fosse por um remanescente fiel depois do cativo, um grupo que se esforçou para ser fiel ao Senhor, é possível que o mundo tivesse sido privado das Escrituras e do nascimento do Salvador.

Contudo, pela graça de Deus, Moisés alcançou seu propósito: Deus prometeu ir com o povo, mostrou a Moisés um vislumbre de sua glória e perdoou os pecados de Israel. Moisés pôde voltar para o acampamento com as tábuas da lei e dizer ao povo que Deus havia perdoado os pecados de Israel.

3. A GLÓRIA: A PRESENÇA DE DEUS HABITA NO MEIO DO POVO (ÊX 34:29-35; 39:32 – 40:38)

O Livro de Êxodo começa com Moisés vendo a glória de Deus na sarça ardente (Êx 3:1-5) e termina com a glória de Deus descendo sobre o acampamento e enchendo o tabernáculo. A presença da glória de Deus no acampamento de Israel não era um luxo, era uma necessidade. Ela identificava Israel

como povo de Deus e separava-o das outras nações, pois o tabernáculo era consagrado pela glória de Deus (Êx 29:43, 44). Outras nações possuíam construções sagradas, mas eram vazias. O tabernáculo de Israel era abençoado com a presença da glória de Deus.

O reflexo da glória de Deus (34:29-35; 2 Co 3). Moisés havia passado oitenta dias jejuando e orando na presença de Deus e vislumbrou a glória de Deus. É de causar algum espanto que seu rosto estivesse resplandecendo? Ele não percebeu que havia “absorvido” um pouco da glória e que a estava refletindo em sua face.⁷ Essa glória fez com que o povo ficasse com medo de aproximar-se dele, mas Moisés chamou os israelitas e conversaram como antes. No entanto, depois de ter falado com o povo, Moisés colocou um véu para cobrir a glória.

Por que Moisés usou um véu? Não porque estivesse assustando o povo, mas porque a glória estava se desvanecendo (2 Co 3:13). Os israelitas consideraram essa glória algo maravilhoso e empolgante, mas o que diriam se soubessem que estava se dissipando? Quem quer seguir um líder que está perdendo sua glória? Assim, quando Moisés ia para a tenda da congregação falar com Deus, a glória voltava, mas, em seguida, ele usava o véu para que o povo não a visse se desvanecendo.

Em 2 Coríntios 3, Paulo apresentou várias aplicações desse acontecimento extraordinário. Em primeiro lugar, afirmou que a glória do sistema legal mosaico estava se dissipando, mas que a glória do evangelho da graça de Deus tornava-se cada vez mais intensa (vv. 7-11). Essa foi sua resposta aos legalistas que ensinavam que a obediência à lei *juntamente com* a fé em Cristo era o caminho de Deus para a salvação (At 15:1). Por que crer em algo quando sua glória estava desvanecendo?

Também aplicou o acontecimento aos judeus perdidos de sua época, que tinham um véu de incredulidade sobre o coração, de modo que não podiam ver a glória de Cristo (2 Co 3:14-16). A única maneira de remover aquele véu era crer na Palavra e aceitar a Jesus Cristo.

Por fim, aplicou a experiência de Moisés aos cristãos que, pela fé, vêem a glória de Jesus Cristo na Palavra e passam por uma transformação espiritual (vv. 17, 18). É por isso que os cristãos lêem a Bíblia e meditam sobre ela; quando um filho de Deus estuda a Palavra de Deus e vê seu Filho, ele é transformado pelo Espírito Santo para a glória de Deus.⁸

A habitação da glória de Deus (39:32 – 40:38). O povo de Israel não fazia idéia do que Moisés havia experimentado na montanha e de quão perto havia chegado de ser rejeitado por Deus e destruído. Nunca subestime o poder espiritual de uma pessoa consagrada que sabe como interceder diante de Deus. Uma de nossas maiores necessidades, hoje em dia, é de intercessores que se apropriem das promessas de Deus e confiem que Deus irá operar com grande poder (Is 59:16; 62:1; 64:1-7).

O trabalho no tabernáculo e em seus utensílios estava completo, de modo que os artífices levaram tudo a Moisés para ser inspecionado. Não faria sentido erguer o tabernáculo e colocar todos os utensílios dentro dele só para descobrir que os artífices haviam cometido erros graves. O verbo “ordenar” aparece dezoito vezes em Êxodo 39 e 40 para nos lembrar que os artífices fizeram o que Deus havia mandado. Moisés era um servo fiel e obedecia a tudo o que o Senhor lhe ordenava (Hb 3:1-6). O trabalho foi aprovado, e o tabernáculo foi erguido (Êx 40:1-8, 17-19, 33). Esse capítulo apresenta um resumo da consagração dos sacerdotes, já descrita em Êxodo 28-29, bem como a consagração do tabernáculo e de seus utensílios. Moisés providenciou para que cada peça de mobília e cada utensílio fosse ungido e colocado em seu devido lugar. Deus não podia habitar no tabernáculo a menos que tudo estivesse de acordo com o plano que ele havia mostrado a Moisés no monte Sinai (Êx 25:8, 9, 40; Hb 8:5; 9:9).⁹

Um número excessivo de pessoas sinceras já tentou realizar a obra de Deus a seu próprio modo pedindo, depois, a bênção de Deus sobre seus projetos. Mas não é assim que funciona o ministério. Primeiro devemos

descobrir o que Deus quer que façamos e, então, o fazemos para glorificá-lo. Se obedecermos à sua vontade e procurarmos honrar seu nome, então o Senhor virá e abençoará a obra com sua poderosa presença.

Depois que tudo e todos relacionados ao tabernáculo haviam sido consagrados ao Senhor, a glória de Deus encheu o tabernáculo e habitou ali. A palavra hebraica traduzida por “permanecia” (Êx 40:35) é transliterada como *shekinah*, “a presença permanente de Deus” (ver Êx 24:16 e 25:8). A presença da glória de Deus era tão poderosa que Moisés não conseguiu entrar no tabernáculo!

Ao ler a história de Israel, descobrimos que a glória que habitava no tabernáculo deixou aquele lugar quando os sacerdotes e o povo pecaram contra o Senhor (1 Sm 4:21-22). *Icabode* significa “a glória se foi”. Quando Salomão consagrou o templo, a glória de Deus voltou a habitar no meio de Israel (1 Rs 8:10, 11), porém mais uma vez os pecados do povo obrigaram a glória de Deus a se retirar (Ez 8:4; 9:3; 10:4, 18; 11:23).

Depois disso, a glória de Deus veio ao mundo na pessoa de Jesus Cristo (Jo 1:14). Na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta), a palavra “permanecia”, em Êxodo 40:35, é a mesma palavra usada em Lucas 1:35 e traduzida por “envolverá com a sua sombra”. O ventre virginal de Maria foi o Santo dos Santos em que a glória de Deus habitou na pessoa de Jesus Cristo. E o que o mundo fez com essa glória? Pregou-a numa cruz!

Onde está a glória de Deus nos dias de hoje? O corpo de todo verdadeiro cristão é o templo de Deus (1 Co 6:19, 20), assim como também o é a igreja local (1 Co 3:10-23) e a Igreja universal (Ef 2:20-22). Quando Salomão terminou o templo, a glória de Deus mudou-se para lá, mas quando Deus terminou de construir sua Igreja, ele a transportará para junto dele! Então, compartilharemos da glória de Deus por toda a eternidade! “Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo Poderoso, e o Cordeiro (Ap 21:22)

Hoje em dia, Deus não habita em construções (At 7:48-50; 1 Rs 8:7). Elas são

consagradas a Deus para que ele as use como instrumentos para sua obra e seus obreiros. No entanto, Deus habita com seu povo, e é nossa responsabilidade glorificar a Deus individual (1 Co 6:20) e coletivamente (1 Co 14:23-25). Como seria triste se a

glória partisse e tivéssemos de escrever “Icabode” em nossas construções! Como é melhor, assim como Moisés, fazer tudo de acordo com o plano celestial, para que a glória de Deus sintasse em casa em nosso meio!

1. BROOKS, Phillips. *The Influence of Jesus*. Londres: H. R. Allenson, p. 191.
2. Alguns defendem Arão dizendo que o bezerro de ouro deveria representar a Deus e não substituí-lo (v. 4), mas seus argumentos são fracos. Era contra a lei para qualquer israelita fazer uma representação de Jeová, e Arão sabia disso. Uma vez que não foi capaz de controlar o povo, condescendeu com ele e incentivou seu pecado.
3. A oração “levantou-se para divertir-se”, em Êxodo 32:6, é descrita nos versículos 18 e 19. Sua festa foi uma demonstração de idolatria com toda a sua sensualidade e imoralidade. Arão permitiu que o povo fizesse o que bem entendesse, e os israelitas deixaram que seu coração perverso tomasse conta.
4. Pelo menos em três ocasiões, em seu ministério, Moisés colocou o povo de Deus antes de seus próprios interesses. No Egito, quando abriu mão de seu futuro como príncipe a fim de identificar-se com o povo de Deus em suas provações (Hb 11:24-26). No monte Sinai, quando recusou a oferta de Deus de constituir uma nova nação a partir dele e de seus descendentes (Êx 32:10). E, finalmente, quando recusou a mesma oferta pela segunda vez, em Cades (Nm 14:1-20). Moisés cometeu erros, mas, em todos os sentidos, foi um grande homem e um grande líder.
5. Nas Escrituras, pecar às vezes é comparado a beber e comer. Ver Jó 15:16; 20:12-19; Salmo 109:18; Provérbios 4:17; 9:17; 18:8; 20:17; 26:22.
6. O “Livro da Vida” é o livro em que estão registrados os nomes dos vivos, nomes estes que são apagados quando eles morrem. Ver Salmo 9:5; 69:28. Não deve ser confundido com o Livro da Vida do Cordeiro, no qual estão registrados os nomes dos salvos (Ap 13:8; 17:8; 20:15; 21:27). Um pecador que não havia sido perdoado corria o risco de ser morto pelo Senhor (2 Sm 12:13). Paulo estava disposto a ser condenado eternamente por amor aos judeus (Rm 9:3), e Jesus morreu e sofreu o julgamento por amor a seu povo e ao mundo todo (Is 53:4-6, 8).
7. As pessoas verdadeiramente espirituais não reconhecem sua própria piedade, pois normalmente se sentem muito aquém daquilo que deveriam ser. Em Pentecostes (At 2), cada um dos cristãos podia ver línguas de fogo acima da cabeça de outros cristãos, mas não sobre a própria cabeça.
8. A palavra grega traduzida por “transformados”, em 2 Coríntios 3:18, é o termo “transfigurado”, em Mateus 17:2. Descreve a glória interior sendo revelada no exterior. Moisés apenas *refletiu* a glória de Deus; o cristão consagrado *irradia* a glória de Deus. Ao contrário de Moisés, não usamos um véu quando estamos na presença da Palavra de Deus, pois não temos nada a esconder.
9. A declaração, no versículo 32: “Assim se concluiu toda a obra” lembra a oração de Cristo, em João 17:4, e seu clamor na cruz: “Está consumado” (Jo 19:30), bem como as palavras de Paulo: “completei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4:7). Como é importante que a vida cristã termine bem!

LEVÍTICO

ESBOÇO

Tema-chave: A santidade de Deus - “Vós sereis santos, porque eu sou santo.”

Versículos-chave: Levítico 11:44, 45

I. OFERTAS SANTAS – 1 – 7

1. Leis para os adoradores – 1:1 – 6:7
2. Leis para os sacerdotes – 6:8 – 7:38

II. UM SACERDÓCIO SANTO – 8 – 10; 21 – 22

1. Consagração – 8 – 9
2. Admoestação – 10
3. Qualificação – 21 – 22

III. UMA NAÇÃO SANTA – 11 – 17

1. Alimentos limpos e imundos – 11
2. Parto – 12
3. Enfermidades e poluição – 13 – 15
4. O Dia da Expição – 16 – 17

IV. UMA TERRA SANTA – 18 – 20; 23 – 27

1. Imoralidade – 18
2. Idolatria – 19
3. Pecados capitais – 20
4. Festas anuais – 23
5. Blasfêmia – 24

6. Ano sabático – 25
7. Bênçãos e maldições – 26 – 27

CONTEÚDO

1. A coisa mais importante do mundo (familiarizando-se com Levítico)..... 330
2. Os sacrifícios e o Salvador (Lv 1 – 7)..... 335
3. Um reino de sacerdotes (Lv 8 – 10)..... 342
4. Pureza e piedade (Lv 11 – 12)..... 348
5. O Médico dos médicos (Lv 13 – 15)..... 354
6. O dia santo e sublime de Israel (Lv 16)..... 361
7. A santidade é uma coisa prática (Lv 17 – 20)..... 365
8. O preço da liderança espiritual (Lv 21 – 22)..... 372
9. O calendário que prevê o futuro (Lv 23)..... 378
10. Santo, Santo, Santo (Lv 24)..... 384
11. Esta terra pertence a Deus (Lv 25)..... 390
12. O grande “Se” (Lv 26 – 27)..... 396
13. Lições de Levítico (Um resumo)..... 403

A COISA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO

FAMILIARIZANDO-SE COM LEVÍTICO

“Vamos nos colocar em pé para cantar o hino *Tempo de Ser Santo*”, disse o dirigente do culto. “Vamos cantar a primeira e a quarta estrofes.”

Se eu estivesse sentado num dos bancos da igreja e não na plataforma do púlpito, é possível que tivesse desatado a rir. Imagine uma congregação cristã cantar um hino chamado assim *sem sequer ter tempo de cantar o hino todo!* Se não temos tempo (menos de quatro minutos) para cantar um hino sobre santidade, é pouco provável que tenhamos tempo para nos dedicar a “[aperfeiçoar] a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1).

O principal objetivo da maioria das pessoas hoje em dia – inclusive muitos cristãos confessos – é a felicidade e não a santidade. Querem que Jesus resolva seus problemas e carregue seus fardos, mas não querem que ele controle sua vida e mude seu caráter. Parece não perturbá-las o fato de que, na Bíblia, Deus diz oito vezes a seu povo: “Sereis santos, porque eu sou santo”,¹ e *ele fala sério!*

Jonathan Edwards escreveu: “Aquele que vê a beleza da santidade ou do verdadeiro bem moral vê a maior e mais importante coisa do mundo”.

Você já pensou na santidade pessoal – a semelhança a Jesus Cristo – como a *coisa mais importante do mundo*?

No reino de Deus, a santidade não é um luxo, mas sim uma necessidade. “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14). Sem dúvida, Deus quer que seus filhos sejam felizes, mas a verdadeira felicidade começa com a santidade. “Bem-aventurados os que têm

fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5:6). “Se eu pudesse escolher entre todas as bênçãos que sou capaz de imaginar”, disse Charles Spurgeon, “escolheria a conformidade perfeita com Jesus Cristo ou, em uma só palavra, a santidade”. Você faria a mesma escolha?

Levítico mostra aos cristãos do Novo Testamento como apreciar a santidade e como apropriar-se dela na vida cotidiana. Palavras relacionadas a *santo* são usadas mais de noventa vezes em Levítico, e palavras relacionadas a *purificação* aparecem mais de setenta vezes. Há mais de cento e vinte referências a *imundície*. Não há dúvidas sobre qual é o assunto desse livro.

Talvez você pergunte: “Mas o Livro de Levítico não foi escrito para os sacerdotes e levitas do antigo Israel?”

A resposta é sim. Porém, as lições de Levítico não se limitam ao povo do antigo Israel. Os princípios espirituais do livro aplicam-se aos cristãos da Igreja de hoje. Os versículos-chave de Levítico – “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44, 45) – aplicam-se à Igreja do Novo Testamento em 1 Pedro 1:15, 16; e o Livro de Levítico, em si, é citado mais de cem vezes no Novo Testamento. Uma vez que todas as Escrituras foram dadas por inspiração de Deus (2 Tm 3:16), então todas as Escrituras são proveitosas para o povo de Deus no desenvolvimento de uma vida piedosa. Jesus disse que devemos viver de acordo com cada palavra que Deus nos deu (Mt 4:4), e isso inclui Levítico.

O Livro de Levítico explica cinco temas fundamentais relacionados à vida de santidade: um Deus santo; um sacerdócio santo; um povo santo; uma terra santa e um Salvador santo.

1. UM DEUS SANTO

O que é “santidade”? Ao contrário do que talvez se ouça hoje em dia em alguns sermões e cânticos religiosos conhecidos, a Bíblia enfatiza a *santidade* de Deus e não o amor de Deus. “O amor é a essência de Deus”, escreveu o teólogo norte-americano Augustus H. Strong, “mas a santidade é a

essência do amor”.² O amor de Deus é um amor santo, pois a Bíblia diz: “Deus é luz” (1 Jo 1:5) e, também: “Deus é amor” (1 Jo 4:8, 16). O amor sem santidade seria algo monstruoso que poderia destruir a lei perfeita de Deus, enquanto a santidade sem amor não daria qualquer esperança ao pecador perdido. Os dois encontram-se em perfeito equilíbrio dentro da natureza divina e nas obras de Deus.

A santidade de Deus não consiste simplesmente na ausência de profanidade, algo negativo. A santidade de Deus é positiva e ativa. É a natureza perfeita de Deus operando a fim de realizar a vontade perfeita de Deus.

A palavra hebraica para “santo” que Moisés usou em Levítico significa “aquilo que é separado e marcado, aquilo que é diferente”. O sábado era santo, pois Deus o havia separado para seu povo (Êx 16:23). Os sacerdotes eram santos, pois haviam sido separados para ministrar ao Senhor (Lv 21:7, 8). As vestes eram santas, pois não podiam ser reproduzidas para o uso comum (Êx 28:2). O dízimo que o povo levava ao tabernáculo era santo (Lv 27:30). Qualquer coisa que Deus declarasse santa devia ser tratada de maneira diferente das coisas comuns da vida no acampamento hebreu. Na verdade, o acampamento de Israel era santo, pois o Senhor habitava lá com seu povo (Dt 23:14).

Em português, a palavra “santo” vem do latim *sanctus*, que significa “estabelecido segundo a lei” ou “que se tornou sagrado”. O termo “santificação” descreve o processo de tornar-se cada vez mais semelhante a Cristo, e “santo” refere-se ao resultado desse processo.³

De que modo Deus revela sua santidade? A religião das nações em Canaã era claramente imoral e envolvia a adoração a ídolos e a prostituição, tanto masculina quanto feminina. (As divindades mitológicas da Grécia e de Roma não eram muito melhores.) Por esse motivo, Deus ordenou que seu povo ficasse longe dos altares e dos santuários deles e que se recusasse a aprender seus caminhos (Êx 23:20-33; Dt 7:1-11). De diversas

maneiras, Deus deixou claro para seu povo que ele era um Deus *santo*.

Em primeiro lugar, deu-lhes uma lei santa, que continha tanto promessas quanto penalidades, sendo que os dez mandamentos são o cerne dessa lei (Êx 20:1-17). Os estatutos e ordenanças de Deus governavam a vida diária do povo e diziam-lhe o que era certo e o que era errado, o que era limpo e o que era imundo e quais eram as penalidades para aqueles que desobedecessem deliberadamente.

No Sinai, Deus revelou sua *presença santa*. “Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe” (Êx 20:18; ver 19:14-25). Também revelou seu poder e presença santa quando julgou os deuses do Egito (Êx 12:12), quando abriu o mar Vermelho e destruiu o exército egípcio (Êx 14:13 - 15:21) e quando realizou feitos miraculosos em favor de Israel no deserto.

Deus é “glorificado em santidade” (Êx 15:11), e sua glória habitava no Santo dos Santos, tanto no tabernáculo (Êx 40:34-38) quanto no templo (1 Rs 8:10). A presença da nuvem de glória e a coluna de fogo lembravam Israel de que Jeová era um Deus santo e um “fogo consumidor” (Dt 4:24; Hb 12:29). Na verdade, a própria estrutura do tabernáculo declarava a santidade de Deus: a cerca ao redor da tenda, o altar de bronze em que era derramado o sangue, a bacia em que os sacerdotes lavavam as mãos e os pés e o véu que separava todos, exceto o sumo sacerdote, do Santo dos Santos.

Todo o sistema sacrificial declarava a Israel que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23), e que “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18:4). Deus odeia o pecado, mas pelo fato de amar os pecadores e de desejar perdoo-los, ele provê um substituto para morrer no lugar do pecador. Tudo isso é um retrato do Salvador prometido que entregou sua vida pelos pecados do mundo.

É impossível chamar qualquer divindade pagã de “santa”. No entanto, o “Santo de Israel” é um dos nomes de Jeová que aparece

repetidamente nas Escrituras. Só em Isaías, é usado vinte e sete vezes.

Por meio de declarações e de demonstrações, Jeová deixou claro para o povo de Israel que ele é um Deus santo, reto em todas as suas obras e justo em todos os seus julgamentos.

2. UM SACERDÓCIO SANTO

O sacerdócio israelita pertencia somente à tribo de Levi. Levi, o fundador da tribo, era o terceiro filho de Jacó e de Lia (Gn 29:34; 35:23) e pai de Gérson, Coate e Merari (Gn 46:11). Uma vez que o filho de Coate – Anrão – era o pai de Arão, Moisés e Miriã (Nm 26:58, 59), os três pertenciam à tribo de Levi.

Arão foi o primeiro sumo sacerdote, e seus descendentes do sexo masculino tornaram-se sacerdotes, sendo que o primogênito de cada geração herdava a posição de sumo sacerdote. (Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes.) O restante dos homens da tribo de Levi (os “levitas”) era incumbido de servir como assistentes dos sacerdotes. Os levitas eram os substitutos dos primogênitos de sexo masculino de Israel, os quais tinham de ser todos consagrados ao Senhor (Êx 13:1-16; Nm 3:12, 13, 44-51). Para facilitar o ministério deles, Davi acabou dividindo os milhares de levitas em “turnos” (1 Cr 23:6).

O nome “Levítico” vem de “Levi” e significa “referente aos levitas”. Na verdade, os levitas são mencionados em apenas um versículo desse livro (Lv 25:32), sendo que as prescrições de Levítico dizem respeito principalmente aos sacerdotes. Obviamente, como assistentes dos sacerdotes, os levitas precisavam saber o que o Senhor desejava que fosse feito no ministério de sua casa.

Deus instou os sacerdotes a que fossem homens santos, separados somente para o serviço do Senhor. Eles não apenas deviam proceder da tribo de Levi, como também não podiam ter nenhum defeito físico nem ser casados com mulheres que Deus não aprovasse (capítulos 21 – 22). Eram consagrados por meio de uma cerimônia complexa da qual fazia parte ser banhados com água e ungidos com óleo e marcados com sangue

(capítulo 8). O sumo sacerdote recebia a unção com um óleo diferente. Os sacerdotes usavam vestes especiais, e a vida deles era governada por leis específicas, que não se aplicavam ao povo comum. Em todos os aspectos, os sacerdotes demonstravam o fato de que eram separados e, portanto, santos para o Senhor.

Os levitas eram encarregados do santuário e, durante o tempo em que Israel vagou pelo deserto, foram eles que carregaram a tenda e os utensílios do tabernáculo de um lugar para outro (Nm 1:47-54). Também eram responsáveis por guardar o santuário de Deus (1 Cr 9:19), ensinar a lei ao povo (Dt 33:8-11; Ne 8:7-9) e dirigir os adoradores no louvor a Deus (1 Cr 28:28-32).

Somente um sacerdócio santo poderia aproximar-se do altar de Deus e ser aceitável para servir ao Senhor. Se os sacerdotes não estivessem vestidos corretamente (Êx 28:39-43), se não se lavassem corretamente (Êx 30:20, 21) ou se tentassem servir quando estavam impuros (Lv 22:9), corriam risco de vida. Se os levitas fossem descuidados com os utensílios do tabernáculo, também podiam morrer (Nm 4:15, 20). O sumo sacerdote usava uma lâmina de ouro na parte da frente de seu turbante e nela estava escrito: “Santidade ao SENHOR” (Êx 28:36); ele não ousava fazer nada que transgredisse essa inscrição. O sumo sacerdote podia estar servindo no Santo dos Santos no tabernáculo e, ainda assim, correr risco de vida (Lv 16:3).

Todo verdadeiro crente em Jesus Cristo é um sacerdote de Deus, tendo o privilégio de oferecer sacrifícios espirituais por intermédio de Jesus Cristo (1 Pe 2:5, 9). No Antigo Testamento, o povo de Deus *tinha* um sacerdócio; porém, no Novo Testamento, o povo de Deus *constitui* um sacerdócio (Ap 1:6). Pela fé em Cristo, fomos lavados (1 Co 6:9-11), vestidos com a justiça de Deus (2 Co 5:21), ungidos pelo Espírito (1 Jo 2:20, 27) e nos foi concedido acesso a sua presença (Hb 10:19, 20).

3. UM POVO SANTO

O propósito de Deus para Israel era que o povo fosse um “reino de sacerdotes e nação

santa" (Êx 19:6). Tudo na vida do povo de Israel, no Antigo Testamento, era "santo" (separado para o uso exclusivo de Deus) ou "comum", e as coisas "comuns" eram "limpas" (as pessoas podiam usá-las) ou "imundas" (era proibido usá-las). Os israelitas tinham de cuidar para evitar aquilo que era imundo, de outro modo, seriam "excluídos do povo" até passarem pela devida cerimônia de purificação.

Apesar de as leis acerca do casamento, dos nascimentos, dos alimentos, do asseio pessoal, da quarentena de pessoas enfermas e do sepultamento dos mortos certamente envolverem os benefícios da higiene, eram todas lembretes de que o povo de Deus não podia viver como bem entendesse. Pelo fato de ser o povo escolhido de Deus, os israelitas precisavam aprender a "diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo" (Lv 10:10). Não deviam viver como as nações pagãs a seu redor.

Ao ler Levítico 11 - 17, você verá como o povo de Israel era distinguido por sua alimentação e pela forma de tratar os recém-nascidos (e as mães) bem como o corpo dos mortos e as pessoas com enfermidades ou úlceras. Uma vez por ano, no Dia da Expição (cap. 16), a nação era lembrada de que Jeová era um Deus santo e de que o sangue derramado era a única forma de purificar o povo.

A Igreja de Deus deve ser uma "nação santa" neste mundo perverso em que vive-mos para "[proclamar] as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pe 2:9). A palavra grega traduzida por "proclamar" significa "anunciar em público, divulgar". A nação santa de Israel em Canaã, com seu sacerdócio santo, revelava às nações pagãs a seu redor a glória e a excelência de Jeová, o verdadeiro Deus vivo. A Igreja no mundo de hoje tem o mesmo privilégio e responsabilidade. Quando Israel começou a viver como os pagãos, privou Deus de sua glória, e o Senhor teve de discipliná-lo.

4. UMA TERRA SANTA

O povo pertencia ao Senhor, pois ele os havia redimido do Egito para ser sua propriedade. A terra também pertencia ao Senhor, e ele a

concedeu a Israel com a condição de que não fizessem nada para profaná-la. Um Deus santo quer que seu povo santo viva numa terra santa.

Em Levítico 18 - 27, a palavra "terra" é usada cinqüenta e quatro vezes. Nesses capítulos, Moisés apresentou uma relação dos pecados que poluem a terra e que chamam para si o julgamento divino: imoralidade (cap. 18); idolatria (cap. 19); crimes capitais (cap. 20); blasfêmia (cap. 23) e a recusa em deixar a terra descansar (cap. 25). Infelizmente, o povo de Israel cometeu todos esses pecados e outros mais. Assim, Deus teve de discipliná-lo ao permitir que a Babilônia destruísse Jerusalém e o levasse para o cativeiro (2 Cr 36:14-21).

As nações do mundo de hoje não têm o mesmo relacionamento de aliança com Deus que Israel possui, mas ainda assim têm a responsabilidade de obedecer à sua lei moral e de usar suas dádivas com sabedoria (Am 1 - 2). Não posso falar por outras nações, mas creio que minha própria terra querida é culpada de abusar das dádivas de Deus e de recusar-se a obedecer às leis de Deus e, portanto, está pronta para ser julgada. Os pecados que Deus condena - homicídio, dolo, ganância e blasfêmia - são justamente as coisas que entretêm as massas, seja na televisão, no cinema ou nos livros. Tire a violência e os vícios do entretenimento e muita gente deixa de pagar para ver.

Deus chegou a dar aos israelitas um calendário anual para seguir, a fim de ajudá-los a apreciar suas dádivas e de usá-las para sua glória (caps. 23 e 25). Até depois do cativeiro na Babilônia, o povo de Israel era basicamente agrícola, e o calendário de festas estava diretamente ligado às colheitas anuais. O ano sabático e o ano do jubileu não apenas ajudavam a preservar a terra como também contribuía para regular a economia de Israel. Só de olhar para Israel, as nações pagãs veriam que Jeová estava abençoando seu povo e cuidando dele!

5. UM SALVADOR SANTO

Estudar a Bíblia e não ver Jesus Cristo é deixar passar o tema principal do livro (Lc 24:27).

A lei era uma “sombra dos bens vindouros” (Hb 10:1). Vemos a Pessoa e a obra de Jesus Cristo retratadas de maneira vívida especialmente nos sacrifícios levíticos e no ministério sacerdotal.

Nenhuma quantidade de boas obras nem de esforços religiosos pode santificar um pecador. Somente o sangue de Jesus Cristo pode nos purificar de nossos pecados (1 Jo 1:7) e somente o Salvador ressurreto e glorificado é capaz de interceder por nós diante do trono de Deus como nosso Advogado (1 Jo 2:1) e Sumo Sacerdote (Hb 8:1; Rm 8:34). Aquilo que os crentes do Antigo Testamento viam apenas como sombras, os crentes de hoje podem ver sob a luz resplandecente de Jesus Cristo.

Assim como Israel precisava ter cuidado com aquilo que era imundo e que podia contaminá-lo, também os cristãos de hoje devem purificar-se “de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a [sua]

santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1). Deus quer que sejamos “sacerdócio santo” e “nação santa” para que possamos proclamar suas virtudes e glorificar o seu nome (1 Pe 2:5, 9).

Na manhã de domingo do dia 24 de janeiro de 1861, Charles Spurgeon encerrou seu sermão no Metropolitan Tabernacle com estas palavras:

Uma Igreja profana! De nada serve para o mundo e não tem nenhum valor entre os homens. É execrável, é o riso do inferno e a abominação do céu. E quanto maior e mais influente a Igreja, maior estorvo ela vem a ser quando se torna morta e profana. Os piores males que assolaram a Terra sobrevieram-lhe pelas mãos de uma igreja profana.

O Senhor diz oito vezes em sua palavra: “Sereis santos, porque eu sou santo!”. Será que estamos prestando atenção?

1. Levítico 11:44, 45; 19:2; 20:7, 26; 21:8; 1 Pedro 1:15, 16.
2. STRONG, Augustus H. *Systematic Theology*. 12ª ed. Filadélfia: The Judson Press, 1949, p. 271.
3. Há três aspectos da santificação que devem ser observados: o posicional, o prático e o perfeito. A santificação posicional significa que o cristão foi separado, de uma vez por todas, para Deus (1 Co 1:2; 6:9-11; Hb 10:10). A santificação prática é o processo por meio do qual o cristão torna-se a cada dia mais semelhante a Cristo (Jo 17:17; 2 Co 3:18; 7:1). Experimentaremos a santificação perfeita quando virmos Cristo na glória (1 Jo 3:2). Uma das “marcas de nascença” do verdadeiro cristão é a aversão ao pecado e o desejo de tornar-se mais parecido com Jesus Cristo (1 Jo 2:29; 3:9; 5:4, 5). Somos salvos para nos tornarmos santos em Cristo (Ef 1:4; 5:27; Cl 1:22).

OS SACRIFÍCIOS E O SALVADOR

LEVÍTICO 1 – 7

Recapitulemos o que Israel estava fazendo antes de serem dadas as instruções encontradas no Livro de Levítico.

Cerca de dez semanas depois de terem sido libertos do Egito, os hebreus chegaram ao monte Sinai (Êx 19:1). Lá, Deus declarou sua lei e orientou Moisés para que construísse o tabernáculo. Moisés ergueu o tabernáculo no primeiro dia, do primeiro mês, do segundo ano da libertação de Israel (Êx 40:17), de modo que aquilo que lemos, em Êxodo 16 – 40, abrange cerca de nove meses (ver Nm 9:1-5).

O Livro de Números começa com a realização de um censo no primeiro dia do segundo mês do segundo ano (Nm 1:1), o que significa que aquilo que se encontra registrado em Levítico abrange cerca de um mês. O tabernáculo estava pronto para ser usado, então Deus deu aos sacerdotes as instruções necessárias para oferecerem os diversos sacrifícios.

Havia seis ofertas básicas que podiam ser levadas ao altar do tabernáculo. Quando os adoradores desejavam expressar seu compromisso com Deus, levavam um holocausto e, possivelmente, junto com ele também uma oferta de grãos ou de manjares e uma libação (ver Nm 15:1-10). Essas ofertas referem-se à consagração total ao Senhor. Os sacrifícios pacíficos estão relacionados à comunhão com Deus. Cada um desses sacrifícios e ofertas supria uma necessidade específica da vida do adorador e expressava alguma verdade sobre a Pessoa e a obra de Jesus Cristo, o sacrifício perfeito de Deus.

O derramamento do sangue de um animal não podia mudar o coração de ninguém

nem remover o pecado (Hb 10:1-4). No entanto, Deus afirmou que os pecados dos adoradores seriam perdoados (Lv 4:20, 26, 31, 35; 5:10, 13, 16, 18; 6:7) e que ele fazia isso com base no sacrifício de Jesus Cristo na cruz (Hb 10:5-14).¹

Assim como algumas pessoas na igreja de hoje, os adoradores de Israel podiam simplesmente realizar o ritual no altar sem fazê-lo de coração, mas isso significava que Deus não os havia perdoado de fato (Sl 50:8-14; 61:16, 17; Is 1:10-20; Mq 6:6-8). Deus não quer nossos sacrifícios, ele quer a obediência de nosso coração (1 Sm 15:22).

Os sacrifícios descritos em Levítico 1 – 7 nos fazem lembrar das necessidades espirituais básicas que temos como povo de Deus: compromisso com Deus, comunhão com Deus e purificação de Deus.

1. COMPROMISSO COM DEUS (Lv 1 – 2; 6:8-23)

O holocausto (1:1-17; 6:8-13) era o sacrifício básico que expressava devoção e consagração ao Senhor. Quando nos entregamos ao Senhor, colocamos “tudo isso sobre o altar” (Lv 1:9) e não retemos nada. O equivalente do Novo Testamento encontra-se em Romanos 12:1, 2, em que o povo de Deus é desafiado a ser um sacrifício vivo, inteiramente consagrado ao Senhor.

O ritual do sacrifício foi determinado pelo Senhor e não podia sofrer variações. O animal sacrificado tinha de ser um macho de novilho (Lv 1:3-10), cabrito ou carneiro (vv. 10-14), ou podia ainda ser uma ave (vv. 14-17),² e o adorador devia levar o sacrifício até a porta do tabernáculo, onde o fogo queimava continuamente no altar de bronze (Lv 6:13). O sacerdote examinava o sacrifício para certificar-se de que não tinha qualquer defeito (Lv 22:20-24), pois devemos dar ao Senhor o que temos de melhor (ver Ml 1:6-14). Jesus Cristo foi um sacrifício “sem defeito e sem mácula” (1 Pe 1:19), que se entregou em total consagração a Deus (Jo 10:17; Rm 5:19; Hb 10:10).

Exceto quando o sacrifício era de aves, o adorador colocava a mão sobre o animal a ser sacrificado (Lv 1:4), gesto que simbolizava

duas coisas: (1) a identificação do ofertante com o sacrifício; e (2) a transferência de algo para o sacrifício. No caso do holocausto, o ofertante estava dizendo: "Assim como esse animal é entregue inteiramente a Deus no altar, também eu me entrego inteiramente ao Senhor". Nos sacrifícios que envolviam o derramamento de sangue, a imposição de mãos simbolicamente transferia o pecado e a culpa para o animal que morria no lugar do pecador. Até o holocausto fazia expiação para o ofertante (v. 4).

Em seguida, o ofertante imolava o animal, e o sacerdote recolhia o sangue numa bacia e aspergia-o nos lados do altar (vv. 5, 11). Era o sacerdote e não o ofertante quem matava a ave; seu sangue era escorrido nas laterais do altar, e seu corpo, queimado no fogo do altar (vv. 15-17). O corpo do novilho, cordeiro ou cabrito era desmembrado, e as partes eram lavadas. Então, tudo, exceto o couro, era colocado em ordem sobre a lenha³ e queimado no fogo. O couro era dado ao sacerdote (Lv 7:8).

O significado do holocausto é visto nas expressões "perante o SENHOR" e "ao SENHOR", encontradas sete vezes no primeiro capítulo de Levítico (vv. 2, 3, 5, 9, 13, 14, 17). A transação no altar não ocorria entre o ofertante e sua consciência, nem entre o ofertante e a nação, nem mesmo entre o ofertante e o sacerdote; era entre o ofertante e o Senhor. Se o ofertante tivesse levado seu sacrifício a um dos templos pagãos, talvez tivesse agradado o sacerdote pagão e seu povo, mas não teria trazido as bênçãos do Senhor.

A expressão "aroma agradável", usada três vezes nesse capítulo (vv. 9, 13, 17) e oito vezes nos capítulos 1 - 3, significa um "bom perfume". Uma vez que Deus é Espírito, não tem um corpo, mas as Escrituras usam termos físicos para as ações e reações de Deus. Nesse caso, Deus é retratado como se estivesse aspirando o bom perfume e se agradando dele (Gn 8:21; Lv 26:31). Quando Jesus morreu na cruz, seu sacrifício foi um "aroma suave" (Ef 5:2) para o Senhor, e nossas ofertas a Deus devem seguir esse exemplo (Fp 4:18).

A "lei do holocausto" encontra-se em Levítico 6:9-13. Deus instruiu o sacerdote a manter o fogo queimando continuamente no altar, a remover as cinzas do altar e, então, a levá-las para um lugar limpo fora do acampamento. É bem possível que esse fogo tenha sido acendido pela primeira vez por Deus quando os sacerdotes foram consagrados e iniciaram seu ministério (Lv 9:24).⁴ Pelo fato de as cinzas serem santas, não podiam ser jogadas fora no lixo do acampamento, mas tinham de ser levadas para um lugar cerimonialmente puro. Até mesmo o papo das aves era colocado com as cinzas (Lv 1:16), não tratado como lixo.

A oferta de manjares (2:1-16; 6:14-23; 7:9, 10) podia ser apresentada no altar em uma dentre cinco formas: flor de farinha, bolos assados no forno, bolos assados numa assadeira, bolos assados numa frigideira ou grãos esmagados de espigas verdes. Esses bolos eram semelhantes à nossa massa de torta ou pizza. O sacerdote que estava ministrando colocava apenas uma parte da oferta no altar - a "porção memorial" para o Senhor -, no qual ela era consumida pelo fogo. O resto da oferta ficava com os sacerdotes para o seu uso pessoal. Somente os homens da família podiam comê-la e tinham de fazê-lo no lugar santo do tabernáculo (Lv 6:16, 18), juntamente com pães asmos (v. 17).

A única oferta de manjares que não era comida era aquela apresentada a cada manhã e no final de cada dia pelo filho do sumo sacerdote, que seria seu sucessor nesse ministério (vv. 19-23). Duas vezes por dia, o Senhor lembrava seus sacerdotes de que, ao servi-lo, deviam manter a pureza e a integridade.

Uma vez que os grãos representam o fruto de nosso trabalho, a oferta de manjares era uma forma de os israelitas consagrarem a Deus aquilo que o Senhor os havia capacitado a produzir. O incenso queimado juntamente com a porção memorial representa a oração (Sl 141:2; Ap 5:8), uma lembrança da petição "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (Mt 6:11). No entanto, a oferta de manjares não era apresentada

sozinha; acompanhava um dos sacrifícios que incluíam o derramamento de sangue. É impossível comprar a salvação ou merecer as bênçãos de Deus com nosso trabalho árduo, pois sem derramamento de sangue não há perdão dos pecados (Hb 9:22).⁵ Porém, aqueles que foram salvos pela fé no sangue que Cristo derramou podem consagrar ao Senhor aquilo que ele os capacitou a produzir.

Essa oferta representa Jesus Cristo como o Pão da Vida (Jo 6:32ss), Aquele que é perfeito e que nutre o ser interior quando o adoramos e meditamos sobre sua Palavra. Isso explica o motivo de Deus ter determinado requisitos tão rígidos a ser preenchidos pelo ofertante antes de a oferta de manjares ser aceita. A oferta devia ser acompanhada de azeite (Lv 2:1, 2, 4, 6, 15) derramado sobre ela ou misturado com ela, um retrato do Espírito de Deus dado a Cristo sem medida (Jo 3:34). Também era preciso que incluisse sal (Lv 2:13; Mt 5:13), uma referência à pureza do caráter do Senhor. Jesus comparou-se a um grão de trigo (Jo 12:23-25), e foi moído (“flor da farinha”) e colocado na fofalha do sofrimento para que pudesse nos salvar de nossos pecados.

Era proibido incluir fermento e mel na oferta de manjares (Lv 2:11). Os israelitas associavam o fermento com o mal por causa das regras da Páscoa (Êx 12:19, 20; ver Lc 12:1; 1 Co 5:8) e, certamente, não havia pecado algum em Cristo. O mel é o produto mais doce da natureza, mas o caráter perfeito de nosso Senhor era divino e não deste mundo. É possível que outro aspecto a ser considerado seja o fato de o fermento e o mel serem lêvedos.

A libação (Nm 15:1-13) é mencionada em Levítico 23:13, 18, e 37, mas suas “leis” não são explicadas nesses versículos. Assim como a oferta de manjares, a libação era apresentada depois que os sacrifícios de animais haviam sido colocados sobre o altar e era uma parte integrante do sacrifício (ver Nm 29:6, 11, 18, 19 e assim por diante). A “quarta parte de um him” equivalia a pouco menos de um litro de líquido. Nem o ofertante nem o sacerdote bebiam do vinho, pois era todo derramado no altar. Observe

que os sacrifícios mais caros exigiam uma quantidade maior de vinho para a libação.

Tanto o holocausto quanto a oferta de manjares e a libação representam consagração a Deus e compromisso com ele e com sua obra. O derramamento do vinho era um símbolo da vida sendo derramada em consagração a Deus. Na cruz, Jesus “[derramou-se] como água” (Sl 22:14) e “derramou a sua alma na morte” (Is 53:12). Paulo viu-se sendo oferecido como libação em favor dos filipenses, participando do sacrifício deles (Fp 2:17), e na prisão em Roma, já estava “sendo oferecido por libação” (2 Tm 4:6), uma vez que antevia seu martírio.

2. COMUNHÃO COM DEUS (Lv 3; 7:11-38)

Há vários elementos distintivos no sacrifício pacífico ou sacrifício de comunhão. Em primeiro lugar, o ofertante podia levar uma fêmea do animal, algo que não era permitido nos outros sacrifícios de animais. Se o sacrifício não era o cumprimento de um voto, podia ter alguns defeitos e, ainda assim, ser aceito (Lv 22:23). Afinal, seria usado essencialmente como refeição para os sacerdotes e para a família do ofertante, e esses defeitos não importariam.

Isso nos leva ao terceiro aspecto distintivo: o sacrifício pacífico era a única oferta compartilhada com os adoradores. Depois que o sacerdote havia completado o sacrifício, uma parte considerável da carne ficava para ele, mas o resto era entregue ao ofertante, que podia, desse modo, desfrutar um banquete com sua família e amigos. Uma vez que os israelitas não abatiam seus valiosos animais com frequência para usar a carne, uma refeição de carne bovina ou de cordeiro era uma ocasião especial. Na consagração do templo de Salomão, 142 mil animais foram sacrificados como ofertas pacíficas, e o povo banquetear-se por duas semanas (1 Rs 8:62-66).

No Oriente, comer com outras pessoas faz delas suas amigas e aliadas. Significa pôr fim às hostilidades, como foi o caso de Jacó com seu sogro, Labão (Gn 31:54), ou selar uma amizade, como a de Israel com Jetro e

seu povo (Êx 18:12). Na igreja de hoje, a Ceia do Senhor ou Eucaristia é uma refeição simples que demonstra a unidade da família de Deus (1 Co 10:16-18; 11:18-34).

A refeição do sacrifício pacífico, no entanto, era mais do que só desfrutar boa comida e comunhão com pessoas queridas. Também expressava com alegria as ações de graça do adorador pelo fato de estar em paz com Deus e em comunhão com o Senhor. Talvez estivesse dando graças por alguma bênção inesperada que havia recebido de Deus (Lv 7:11-15) ou pela reposta às orações de algum voto feito ao Senhor; talvez, ainda, estivesse apenas grato por tudo o que Deus havia lhe dado e queria que todos soubessem de sua gratidão (vv. 16-18). O sacrifício pacífico enfatizava o fato de o perdão dos pecados redundar em comunhão com Deus e com o povo de Deus.

Levítico 7:11-38 apresenta as condições para o banquete de ações de graça, o que os adoradores comiam, o que os sacerdotes comiam e o que deveria ser feito com os restos. O sangue e a gordura⁶ eram ofertados ao Senhor e jamais deviam ser usados como alimento comum. (Também há bons motivos de higiene para essa regra.) Qualquer que estivesse impuro era proibido de participar do banquete (vv. 20, 21, 25, 27; ver 17:4, 9, 10, 14; 18:29; 19:8; 20:3, 5, 6, 17, 18; 23:29). No caso daquele que desrespeitava o sábado, era “eliminado do seu povo”, e isso significava a morte (Êx 31:12-14; Nm 15:32-36), mas não temos certeza de se todas as transgressões às leis dos sacrifícios constituíam crime capital. Em alguns casos, ser “eliminado do seu povo” podia significar ser mandado para fora do acampamento até que a pessoa seguisse as instruções de Deus para que fosse purificada (Lv. 15).

Na cruz, Jesus Cristo pagou o preço pela reconciliação com Deus (2 Co 5:16-21) e pela paz com Deus (Cl 1:20) por todos aqueles que crerem nele, e podemos ter comunhão com Deus e com os outros cristãos por causa do sangue que ele derramou (1 Jo 1:5 - 2:2). “Banqueteamos” em Cristo quando nos alimentamos de sua Palavra e nos apropriamos de tudo o que ele é para nós e do

que fez por nós. Em vez de trazer animais, oferecemos a Deus “sacrifícios de ações de graças” (Sl 116:17) e o “sacrifício de louvor” (Hb 13:15) com um coração puro e grato por suas misericórdias.

3. PURIFICAÇÃO DE DEUS (Lv 4 - 5; 6:1-7, 24-30; 7:1-10)

O sacrifício pelos pecados e o sacrifício pelos pecados ocultos (ou oferta pela culpa) eram bastante parecidos e até governados pela mesma lei (Lv 7:1-10). Em termos gerais, a oferta pela culpa referia-se a pecados individuais que afetavam pessoas e propriedades e para os quais era possível fazer restituição, enquanto o sacrifício pelos pecados concentrava-se em alguma transgressão da lei feita sem intenção premeditada. A oferta pela culpa enfatizava o *dano* causado a outros pelo transgressor, enquanto o sacrifício pelos pecados enfatizava a *culpa* do transgressor diante de Deus. O sacerdote examinava o transgressor e determinava qual sacrifício era necessário.

A oração que aparece repetidamente, “por ignorância” (Lv 4:2, 13, 22, 27; 5:15), não significa que os pecadores eram ignorantes da lei, mas sim que ignoravam o fato de terem transgredido a lei. Haviam se tornado imundos ou desobedientes sem ter consciência disso. No entanto, a ignorância não cancela a culpa. “Ainda que o não soubesse, contudo, será culpada” (5:17; ver vv. 1-5 para exemplos dos pecados em questão).⁷ Uma vez que seu pecado tornava-se conhecido, era preciso ser confessado e tratado. Davi usou essa mesma palavra quando orou: “absolve-me das [faltas] que me são ocultas” (Sl 19:12), ou seja, “dos pecados que desconheço em minha própria vida”.

Não havia sacrifícios previstos para as pessoas que cometiam pecados deliberados, de implicações graves e à plena luz da lei de Deus (Nm 15:30-36). Quando Davi tomou Bate-Seba para si e mandou matar o marido dela (2 Sm 11 - 12), pecou deliberada e conscientemente. Assim, sabia que sua única esperança era a misericórdia de Deus (Sl 51:1, 11, 16, 17). Sendo rei, poderia ter levado milhares de sacrifícios ao tabernáculo,

mas não teriam sido “sacrifícios de justiça” (Sl 51:19).

O sacrifício pelos pecados (4:1 - 5:13; 6:24-30) devia ser levado ao Senhor independentemente de quem era o pecador, e quanto mais alta a posição do pecador em Israel, mais caro era o sacrifício. Quanto maior o privilégio, maior a responsabilidade e maiores as conseqüências. Se o sumo sacerdote pecava, devia levar um novilho (Lv 4:1-12). Se toda a congregação pecasse, também devia levar um novilho (vv. 13-22). Um príncipe levava um bode (vv. 22-26), enquanto uma “pessoa do povo da terra” levava uma cabra (vv. 27-35). Uma pessoa pobre podia levar uma rola ou um pombo e, se fosse uma pessoa muito pobre, podia levar um sacrifício sem sangue, constituído de flor de farinha (Lv 5:7-13).

O transgressor deveria identificar-se com o animal que havia levado ao colocar as mãos sobre ele. Quando a nação toda pecava, esse gesto era realizado pelos anciãos (Lv 4:15), pois como líderes eram responsáveis diante de Deus pela supervisão da vida espiritual do povo. O animal era morto, e o sangue era apresentado a Deus. No caso do sumo sacerdote e de toda a nação, um pouco do sangue era aspergido diante do véu e aplicado sobre os chifres do altar de incenso, no Lugar Santo, e o restante era derramado na base do altar. Isso lembrava a nação de que os pecados dos líderes tinham conseqüências muito mais graves. O sangue dos sacrifícios levados pelos líderes, pelos príncipes ou por pessoas do povo era aplicado aos chifres do altar de bronze na porta do tabernáculo.

Observe que, apesar de a gordura do sacrifício ser queimada no altar, o corpo do sacrifício era queimado num lugar puro fora do acampamento (vv. 8-12, 21). Isso era feito, entre outras coisas, para distinguir entre o sacrifício pelos pecados e o holocausto, a fim de que os adoradores não ficassem confusos ao assistir aos sacrifícios. Mas, o motivo mais importante era lembrar o povo de que os pecados do sumo sacerdote e de toda a congregação poluíam todo o acampamento, e o sacrifício pelos pecados era sagrado demais para permanecer dentro de

um acampamento impuro. Por fim, de acordo com Hebreus 13:10-13, tratava-se de uma figura de nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu “fora da porta [...] fora do arraial” (vv. 12, 13) como sacrifício pelos nossos pecados.

O resultado desse ritual era o perdão (Lv 4:20, 26, 31, 35; ver 5:10, 13; 6:7).

Conforme foi mencionado anteriormente, apesar de os sacrifícios dos animais não terem poder para remover o pecado nem para mudar o coração humano, apontavam para o sacrifício perfeito, Jesus Cristo (Hb 10:1-15). Ele é o sacrifício por nossos pecados (Is 53:4-6, 12; Mt 26:28; 2 Co 5:21; 1 Pe 2:24).

O sacrifício pelos pecados ocultos (ou oferta de culpa; 5:14 - 6:17; 7:1-10) era necessário para dois tipos de pecado: contra “coisas sagradas do SENHOR” (5:15) e contra o próximo (6:1-7). A primeira categoria incluía transgressões que envolviam sacrifícios a Deus, votos, comemoração de dias especiais e assim por diante, enquanto exemplos da segunda categoria são apresentados nos versículos 2 e 3.

No ritual, o pecador confessava o pecado (Nm 5:7), restituía a propriedade envolvida ou seu equivalente em dinheiro, pagando ainda uma multa de 20% da propriedade danificada e sacrificava ao Senhor um carneiro (Lv 5:15, 18). O sacerdote avaliava o carneiro para certificar-se do seu valor, para que o transgressor não tentasse fazer expiação pelos seus pecados dando ao Senhor um animal inferior. A restituição e a multa eram entregues primeiro para o sacerdote, a fim de que ele soubesse que era permitido fazer o sacrifício (Lv 6:10). Se a parte lesada não estivesse disponível para receber a propriedade ou o dinheiro, então o pagamento podia ser feito a um parente. Caso não houvesse parentes disponíveis, ficava com o sacerdote (Nm 5:5-10).

A oferta de culpa ilustra o fato de grande seriedade de que pecar tem um alto preço para o povo e purificar o pecado tem um alto custo para Deus. Nossos pecados ofendem a Deus e a outras pessoas. O verdadeiro arrependimento sempre traz o desejo de restituição. Sempre vamos querer

colocar as coisas em ordem com Deus e com aqueles contra os quais pecamos. O perdão só é possível por causa da morte de um substituto inocente. A passagem de Isaías 53:10 afirma claramente que, quando Jesus morreu na cruz, Deus fez de seu filho uma “oferta pelo pecado”. Jesus pagou o preço em nosso lugar!

Não foi possível nos aprofundarmos nos detalhes desses sacrifícios, no entanto, o que estamos estudando deve nos conscientizar da atrocidade do pecado, da seriedade da confissão e da restituição, da bondade de Deus em perdoar aqueles que crêm em Jesus Cristo e do maravilhoso amor do Salvador demonstrado em sua disposição de morrer por pessoas indignas como nós.

Jesus supre todas as nossas necessidades. Ele é nosso holocausto, e devemos nos entregar inteiramente a ele. Ele é nossa oferta de manjares, o grão moído e queimado para que possamos ter o pão da vida, sendo que devemos nos alimentar dele. Ele é nossa libação derramada em sacrifício e serviço, por isso devemos derramar nossa vida por ele e por outros. Ele é nosso sacrifício

pacífico, tornando a vida um banquete de alegria em vez de dolorosa fome. Ele é nosso sacrifício pelos pecados e nossa oferta de culpa, pois carregou nossos pecados em seu corpo (1 Pe 2:24) e pagou todo o preço por nossas transgressões (1 Pe 1:18, 19).

A nação de Israel precisava oferecer seis tipos diferentes de sacrifícios a fim de ter um relacionamento correto com Deus, mas Jesus Cristo, “tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício” (Hb 10:12), cuidou, de uma vez por todas, do nosso problema do pecado.

Você crê que Jesus Cristo morreu por todos os seus pecados e pagou o valor total de sua dívida? Pode dizer como Maria: “a minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador” (Lc 1:46, 47)? Se esse não é o seu caso, então confie no Senhor hoje mesmo. Se você já crê nele, compartilhe as boas novas com outros.

“A tua fé te salvou”, disse Jesus a uma pecadora arrependida. “Vai-te em paz” (Lc 7:50).

Que palavras maravilhosas de se ouvir!

1. Hebreus 10:5-8 faz referência aos seis sacrifícios levíticos e declara que foram todos cumpridos em Jesus Cristo. O termo “sacrifício” (v. 5) refere-se a qualquer sacrifício animal, inclusive os sacrifícios pacíficos, os holocaustos, sacrifício pelos pecados e o sacrifício pelos pecados ocultos. O termo “oferta” (v. 5) refere-se a ofertas de manjares e libações. O holocausto e o sacrifício pelos pecados são mencionados especificamente nos versículos 6 e 8.
2. Até mesmo os mais pobres do povo podiam levar um sacrifício a Deus. Quando Maria e José consagraram o menino Jesus, levaram aves em lugar de outros animais (Lc 2:21-24; ver Lv 12:8; 2 Co 8:9).
3. A palavra hebraica traduzida por “pôr em ordem”, em Levítico 1:7, 8, 12, pode ser encontrada no Salmo 5:3 (“apresento a minha oração”). Assim como o sacrifício no altar, nossas orações devem ser colocadas ordenada e ardorosamente diante de Deus. A oração também é comparada à queima de incenso no altar de ouro (Sl 141:2).
4. Quando Paulo admoestou Timóteo dizendo: “Reaviva o dom que há em ti” (2 Tm 1:6), usou um termo grego que significa, literalmente: “outra vez – vida – fogo” e estava dizendo: “abane o fogo até ele voltar a ter vida”. Como sacerdotes de Deus, os crentes de hoje devem manter aceso o fogo no altar de seu coração e não se tornar mornos (Ap 3:15, 16) nem frios (Mt 24:12).
5. Ver, porém, Levítico 5:11-13, em que uma oferta de manjares podia ser apresentada por uma pessoa que não tivesse meios de pagar por um animal, sendo que Deus disse que perdoaria os pecados desses ofertantes. No entanto, lembre-se de que, tendo em vista o fato de os manjares serem colocados no altar sobre o qual o holocausto diário havia sido sacrificado (Êx 29:38-42), havia o “derramamento de sangue”.
6. “A cauda toda” mencionada em Levítico 3:9 e “a cauda” em 7:3 referem-se à “cauda toda de gordura” do carneiro, que podia chegar a pesar mais de sete quilos. Era considerada uma das partes mais valiosas do animal e era dada inteiramente ao Senhor.
7. O ditado: “Aos olhos da lei, a ignorância não é desculpa” é uma adaptação do que o jurista inglês John Selden (1584-1654) escreveu: “A ignorância da lei não isenta homem algum, não porque todos os homens conheçam a lei, mas

por ser uma desculpa alegada por todos os homens e que ninguém é capaz de confirmar". Se definirmos pecado com "uma violação da lei de Deus *conhecida*", então estamos dizendo que, quanto mais ignorantes formos, mais santos seremos, o que não é verdade. A Bíblia insta-nos a crescer em conhecimento, a fim de que possamos crescer na graça (Jo 7:17; 2 Pe 3:18). Nosso Sumo Sacerdote exaltado nos entende e pode nos ajudar em nossa ignorância (Hb 5:2; 9:7).

UM REINO DE SACERDOTES

LEVÍTICO 8 - 10

De acordo com a antiga aliança, o povo de Deus *tinha* um sacerdócio; de acordo com a nova aliança, o povo de Deus *constitui* um “sacerdócio santo” e um “sacerdócio real” (1 Pe 2:5, 9). Todo crente em Jesus Cristo pode dizer como o apóstolo João: “Aquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (Ap 1:5, 6).

O desejo de Deus era o de que a nação toda de Israel fosse um “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19:6), mas eles lhe falharam e tornaram-se uma “nação pecaminosa, povo carregado de iniquidade” (Is 1:4). Um motivo pelo qual a nação deteriorou-se moral e espiritualmente foi que seus líderes deixaram de ser santos e obedientes, conforme Deus havia ordenado. Por fim, Deus teve de enviar o povo à Babilônia para disciplinar Israel “por causa dos pecados dos seus profetas, das maldades dos seus sacerdotes” (Lm 4:13). “Coisa espantosa e horrenda se anda fazendo na terra”, disse Jeremias: “os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles; e é o que deseja o meu povo. Porém que fareis quando estas coisas chegarem ao seu fim?” (Jr 5:30, 31).

Deus quer que sua Igreja, nos dias de hoje, seja “nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de [proclamar] as virtudes daquele que [a] chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9). Os sacerdotes de Israel eram pessoas privilegiadas e, no entanto, desprezaram seus privilégios e colaboraram para conduzir a

nação ao pecado. Mesmo depois que os judeus voltaram da Babilônia para a sua terra e instituíram a adoração ao Senhor novamente, os sacerdotes não deram a Deus o melhor de si, e Deus precisou repreendê-los (Ml 1:6 - 2:17).

Levítico 8 - 10 descreve a cerimônia de oito dias para a ordenação do sumo sacerdote, Arão, e de seus filhos. Como sacerdotes escolhidos por Deus, tiveram de aceitar suas responsabilidades solenes: submeter-se à autoridade de Deus (cap. 8), revelar a glória de Deus (cap. 9) e aceitar a disciplina de Deus (cap. 10).

1. SUBMETENDO-SE À AUTORIDADE DE DEUS (Lv 8:1-36)

Encontramos os verbos “dizer” e “ordenar” pelo menos vinte vezes nesses três capítulos. Moisés e Arão não precisaram criar uma cerimônia de ordenação. O mesmo Deus que deu as instruções para a construção do tabernáculo também lhes disse como ordenar os sacerdotes e como os sacerdotes deviam servir no tabernáculo (Êx 28 - 29). Nada foi deixado ao acaso nem ao encargo da imaginação. Moisés devia fazer tudo de acordo com o que Deus havia lhe mostrado no monte (Êx 25:40; 26:30; 27:8; Hb 8:5).

No ministério da Igreja de hoje, o líderes espirituais devem sempre perguntar: “Que diz a Escritura?” (Rm 4:3). Deus não nos deixou em dúvida quanto àquilo que sua Igreja é, como deve ser dirigida e o que deve fazer, mas se colocarmos as idéias das pessoas no lugar das idéias de Deus, aí sim ficaremos cheios de dúvidas (Is 8:20)! São muitas as novidades e os modismos religiosos que criam celebridades e aumentam o tamanho das multidões, porém nem sempre honram ao Senhor ou edificam a Igreja. Precisamos de líderes como Moisés, que passem tempo “no monte” e descubram, a partir da Palavra, o que Deus deseja de seu povo.

A convocação da assembléia (vv. 1-5). A ordenação de Arão e de seus filhos foi um acontecimento público, como toda ordenação deve ser (At 13:1-3; 16:1-3; 1 Tm 4:14). Antes de tudo, os sacerdotes iriam servir a

Deus e procurar agradá-lo (Êx 28:1, 3, 4, 41), mas também serviriam ao povo. Teria sido impossível todas as pessoas do acampamento se reunirem de uma só vez na porta do tabernáculo de modo que, provavelmente, foram os anciãos e líderes que se reuniram, representando as tribos e os diversos clãs (ver Lv 9:1). Ser separado para o ministério é um procedimento muito sério a ser realizado sob a autoridade de Deus e com o testemunho do povo de Deus.

Arão e seus filhos são lavados (v. 6). É possível que isso tenha sido feito na bacia que se encontrava no átrio do tabernáculo (Êx 38:8). Os sacerdotes só foram banhados cerimonialmente uma vez. Dali em diante, enquanto serviam no tabernáculo, lavavam as mãos e os pés na bacia (Êx 30:17-21). Quando os pecadores aceitam a Cristo, são lavados de seus pecados de uma vez por todas (Ap 1:5, 6; 1 Co 6:9-11). Os filhos de Deus precisam manter os pés limpos ao confessar seus pecados ao Senhor (Jo 13:1-10; 1 Jo 1:9). Na Bíblia, a água usada para lavar é uma figura da Palavra de Deus (Sl 119:9; Jo 15:3; Ef 5:22-27). Ao meditar sobre a Palavra de Deus e aplicar suas verdades a nossa vida, o Espírito de Deus usa a Palavra para nos purificar e nos torna mais semelhantes a Cristo (2 Co 3:18).

Arão é vestido (vv. 7-9). Tanto Arão quanto seus filhos usavam túnicas de linho (Êx 28:42, 43; Lv 6:8-10; ver Êx 20:26), mas o sumo sacerdote usava as ricas vestes especiais descritas em Êxodo 28. Primeiramente, Moisés colocou em Arão a bela túnica branca e prendeu-a com um cinto. Sobre ela, colocou a sobrepeliz azul, com as campainhas e romãs na orla. Por cima disso, ia a estola de linho, uma veste sem mangas, presa com um cinto especial; tanto a estola como o cinto eram ricamente bordados com fios de carmesim, estofos azul, púrpura e ouro. Sobre a estola, era colocado o peitoral, um pedaço de tecido duplo e bordado no qual havia doze pedras preciosas que representavam as doze tribos de Israel e onde ficava “o Urim e o Tumim”.¹ Na cabeça, o sumo sacerdote usava um turbante de linho chamado de “mitra”, com uma lâmina de ouro na parte

da frente contendo a seguinte inscrição: “SANTIDADE AO SENHOR”.

Cada “sacerdote crente” foi vestido com a beleza e a justiça de Jesus Cristo e aceito nele (Is 61:10; 2 Co 5:21; Ef 1:6). Aos olhos de Deus, nossa própria justiça não passa de trapos imundos (Is 64:6). Imagine qual é a aparência de nossos pecados para um Deus santo! O sumo sacerdote foi aceito diante de Deus em função das vestes especiais que Deus proveu por sua graça.

Arão e o tabernáculo foram ungidos (vv. 10-12). Isso foi feito com um óleo especial que ninguém devia reproduzir no acampamento e que não devia ser usado por nenhuma outra pessoa a não ser um sacerdote (Êx 30:22-33). Nas Escrituras, o óleo muitas vezes é símbolo do Espírito de Deus, que unge cada cristão (2 Co 1:21; 1 Jo 2:20, 27; ver Sl 133). A palavra hebraica “Messias” e a palavra grega “Cristo” significam “o ungido” (Lc 4:18; At 10:38). O fato de o “óleo da unção do SENHOR” estar sobre os sacerdotes os separava do povo comum e determinava o que podiam ou não fazer (Lv 8:30; 10:7; 21:12, 20).

Os filhos de Arão são vestidos (v. 13). Eles não tinham os belos trajes do sumo sacerdote, mas, ainda assim, aquilo que vestiam era ordenado por Deus, pois suas túnicas e turbantes de linho simbolizavam santidade diante de Deus em caráter e conduta. “Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13:14).

Os diversos sacrifícios oferecidos (vv. 14-29). O novilho da oferta pelo pecado possibilitou que Arão e seus filhos fossem purificados de seus pecados, e o carneiro para o holocausto simbolizou a consagração total ao Senhor. O sangue do sacrifício pelos pecados também santificou o altar.

O “carneiro da consagração” substituiu a oferta pacífica, simbolizando sua comunhão uns com os outros e com o Senhor. A palavra hebraica traduzida por “consagração” significa “encher”. Uma parte do sacrifício, juntamente com uma oferta de manjares (Lv 8:25, 26), foi colocada nas mãos de Arão de modo a enchê-las e, então, foi movida diante do Senhor. Mais tarde, essa porção

seria comida. Contudo, a parte singular da cerimônia foi o gesto de colocar sangue e óleo na orelha direita, polegar direito e polegar do pé direito de Arão e de seus filhos, simbolizando que eram separados para ouvir a voz de Deus, realizar a obra de Deus e andar nos caminhos de Deus.

Era necessário que fosse derramado sangue a fim de que Deus pudesse aceitar Arão e seus filhos como servos em seu santo tabernáculo. Pelo fato de ser o santo Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Sumo Sacerdote, não precisou de tais sacrifícios (Hb 9). Antes, ele é o único sacrifício perfeito “que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29).

Os sacerdotes são ungidos (v. 30). O óleo sagrado da unção já havia sido derramado sobre Arão (Lv 8:12), mas tanto ele quanto seus filhos foram aspergidos pelo óleo e pelo sangue dos sacrifícios tirados do altar. Isso significava que eles e suas vestes haviam sido “santificados”, separados por Deus para seu uso exclusivo. Nem os sacerdotes nem suas vestes podiam ser usados para qualquer propósito “comum”, pois pertenciam inteiramente a Deus.

O carneiro da ordenação é consumido (vv. 31-36). Durante a semana seguinte, Arão e seus filhos tiveram de ficar no átrio do tabernáculo e, a cada dia, Moisés ofereceu sacrifícios como aqueles que haviam sido oferecidos no dia da ordenação (Êx 29:35, 36). Então, os sacerdotes comeram a carne do “carneiro da ordenação” bem como os pães da oferta de manjares, exatamente como teriam feito caso se tratasse de um sacrifício pacífico. Havia, porém, uma diferença: não tinham permissão de comer a carne no dia seguinte (Lv 7:15, 16). Aquilo que sobrasse tinha de ser queimado no mesmo dia. Esses sete dias dentro dos limites do tabernáculo indicaram a plenitude de sua consagração ao Senhor. Se tivessem desobedecido e saído do tabernáculo, teriam morrido. Ser um dos sacerdotes de Deus era uma incumbência de grande seriedade.²

2. REVELANDO A GLÓRIA DE DEUS (Lv 9:1-24)

Arão e seus filhos haviam obedecido às ordens de Deus. Assim, quando terminou a

semana, estavam prontos para começar a servir ao Senhor no altar. Até esse ponto, era Moisés quem oferecia os sacrifícios. Dali em diante, Arão e seus filhos assumiriam seu ministério sacerdotal.

Sacrificando no altar do Senhor (vv. 1-21). Arão e seus filhos tiveram de oferecer um bezerro como sacrifício pelos pecados e um carneiro como holocausto no altar. A partir de então, haveria um holocausto toda manhã e no final de cada dia (v. 16; Êx 29:38-42). Cada dia deveria começar e terminar com total consagração ao Senhor. Por serem imperfeitos, os sacerdotes precisavam oferecer sacrifícios por si mesmos antes de poder oferecer sacrifícios pelo povo (ver Hb 7:25-28).

No entanto, sua ordenação também incluiu a oferta de sacrifícios pelo povo (Lv 9:3, 4): um bode para sacrifício pelos pecados, um bezerro e um carneiro para os sacrifícios pacíficos, juntamente com ofertas de manjares. Não seria certo ter sacerdotes santificados sem um povo santificado. Como Deus é bondoso em prover para os pecadores os meios para o perdão, a consagração e a comunhão! Temos tudo isso em nosso Senhor Jesus Cristo.

Moisés falou ao povo e disse-lhes que a glória do Senhor se manifestaria quando a ordenação estivesse completa (Lv 9:6), assim como sua glória havia se manifestado ao ser erguido o tabernáculo (Êx 40:34-38). *Um dos maiores propósitos do ministério no tabernáculo era glorificar o Deus de Israel, cuja glória habitava no propiciatório no santo dos santos. As nações pagãs a seu redor tinham sacerdotes e sacrifícios, mas não tinham a glória de Deus. Antes, “não o [glorificavam] como Deus”, mas “[mudavam] a glória do Deus incorruptível em semelhança de imagem” (Rm 1:21, 23). Deus odeia a idolatria, pois ela priva o Senhor da glória que lhe é devida e priva o povo de Deus das bênçãos que ele deseja dividir com eles.*

Quando Arão havia completado todos esses sacrifícios, ele, seus filhos e todo o povo de Israel foram perdoados, consagrados inteiramente ao Senhor e estavam em comunhão com ele.

Compartilhando as bênçãos de Deus (vv. 22, 23a). Um dos privilégios do sumo sacerdote era abençoar o povo. No primeiro dia de seu ministério, Arão deu-lhes duas bênçãos. A primeira deu sozinho, depois que havia oferecido os sacrifícios, e a segunda deu juntamente com Moisés, depois que haviam saído do tabernáculo, após a conclusão da cerimônia de ordenação.

A primeira bênção foi, provavelmente, a bênção do sumo sacerdote, que se encontra em Números 6:23-26. Ela veio depois dos sacrifícios, o que nos lembra de que toda bênção que temos vem pela obra completada por Jesus Cristo na cruz (Ef 1:3-7). A menos que aceitemos a Jesus Cristo como Salvador e Senhor, não teremos qualquer bênção espiritual em nós mesmos e não seremos capazes de pedir que Deus abençoe a outros por nosso intermédio. A segunda bênção veio depois do tempo que Moisés e Arão passaram dentro do tabernáculo, e isso nos lembra de que devemos estar em comunhão com Deus e uns com os outros, a fim de sermos uma bênção para outras pessoas.

Vendo a glória de Deus (vv. 23, 24). A glória do Senhor manifestou-se quando Moisés terminou de erguer o tabernáculo (Êx 40:34, 35) e voltaria a manifestar-se na consagração do templo (2 Cr 7:1ss). Quanta bondade da parte de Deus compartilhar sua glória com seu povo pecador!

A glória que habitava no tabernáculo acabou deixando o acampamento por causa dos pecados do povo (1 Sm 4:21). Ela voltou na consagração do templo, mas o profeta Ezequiel a viu partir, pois a nação havia se tornado excessivamente corrompida (Ez 8:4; 9:3; 10:4, 18; 11:22, 23). A glória veio à Terra quando Jesus nasceu (Lc 2:8, 9), e essa glória habitou nele (“tabernaculou”; Jo 1:14), porém o povo pecador pregou a glória numa cruz. Hoje, a glória de Deus habita no corpo de cada cristão (1 Co 6:19, 20), em cada congregação local (1 Co 3:16, 17) e, coletivamente, em toda sua Igreja (Ef 2:19-22). Um dia, veremos essa glória iluminando a cidade perfeita que Deus está preparando para seu povo (Ap 21:22, 23).

O fogo de Deus consumia o holocausto (ver 2 Cr 7:1-3) e assegurava ao povo de que o Deus Jeová estava no meio deles e com eles. “Nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29), e esse fogo poderia ter consumido o povo! Isso nos lembra de que a ira de Deus recaiu sobre seu Filho em vez de vir sobre nós, pecadores, que merecíamos ser julgados (2 Co 5:21; 1 Pe 2:24).

A reação paradoxal do povo ajuda a entender melhor a experiência da adoração, pois ficaram ao mesmo tempo alegres e subjugados. O coração deles se encheu de alegria, porque o Deus vivo se dignou de habitar no meio deles, mas também temeram e prostraram-se com o rosto em terra num sinal de reverência. Essas duas atitudes se contrabalançam. “Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor” (Sl 2:11). Paulo considerou essa uma experiência normal e desejável na igreja local (1 Co 14:23-25). Se nosso ministério não glorifica a Deus, então Deus não pode abençoá-lo nem usá-lo para ajudar a outros e para alcançar os perdidos.

3. ACEITANDO A DISCIPLINA DE DEUS (Lv 10:1-20)

Um dia que deveria ter se encerrado com a gloriosa adoração ao Deus Jeová terminou, em vez disso, com o funeral de dois dos filhos de Arão. As palavras de C. H. Mackintosh são apropriadas e poderosas:

A página da história humana sempre foi tristemente maculada. É um registro de fracasso do começo ao fim. Em meio a todas as delícias do Éden, o homem deu ouvidos às mentiras do tentador (Gn 3); quando foi preservado pela mão do amor eletivo e introduzido num mundo restaurado, cometeu o pecado da intemperança (Gn 9); quando foi conduzido pelo braço estendido de Jeová até a terra de Canaã, “[deixou] o SENHOR e [serviu] a Baal e a Astarote” (Jz 2:13); quando foi colocado no auge do poder e glória terrenos, com riquezas indescritíveis a seus pés e todos os recursos do mundo sob suas ordens, entregou o coração ao

estrangeiro incircunciso (1 Rs 11). Mal a bênção do evangelho havia sido promulgada, foi preciso que o Espírito Santo profetizasse sobre os “lobos vorazes”, a “apostasia” e todo tipo de erro... Assim, o homem a tudo corrompe.³

O pecado de Nadabe e Abiú (vv. 1, 2). Tudo o que esses dois homens fizeram foi errado. Para começar, eram as *pessoas erradas* para manusear o incenso e apresentá-lo ao Senhor. Essa era uma tarefa do pai deles, o sumo sacerdote (Êx 30:7-10). Também usaram os *instrumentos errados*, seus incensórios, em vez do incensório do sumo sacerdote, santificado com o óleo especial da unção (Êx 40:9). Agiram na *hora errada*, pois era somente no Dia da Expição que o sumo sacerdote tinha permissão de levar incenso para dentro do Santo dos Santos e, mesmo então, precisava submeter-se a um ritual especial (Lv 16:1ss).

Agiram sob a *autoridade errada*. Não consultaram Moisés nem seu pai, nem procuraram seguir a Palavra de Deus que Moisés havia recebido. Ao queimar o incenso, usaram o *fogo errado*, que as Escrituras chamam de “fogo estranho” (Lv 10:1). O sumo sacerdote havia sido ordenado a queimar o incenso com brasas tiradas do altar de bronze (Lv 16:12), porém Nadabe e Abiú forneceram seu próprio fogo, e Deus o rejeitou. Agiram com a *motivação errada* e não buscaram glorificar somente a Deus (Lv 10:3). Não sabemos quais eram os segredos do coração deles, mas temos a impressão de que aquilo que fizeram foi um ato deliberado de orgulho. Seu desejo não era santificar e glorificar o Senhor, mas promover a si mesmos e ser importantes.

Por fim, dependeram da *energia errada*, pois os versículos 9 e 10 deixam implícito que estavam sob a influência do álcool. Isso nos faz lembrar de Efésios 5:18: “E não vos embriagueis com vinho [...] mas enchei-vos do Espírito”. Se todo o filho de Deus que coloca energia carnal no lugar do poder do Espírito fosse morto, não sobrariam muitos! A. W. Tozer disse certa vez: “Se Deus tirasse o Espírito Santo deste mundo, boa parte

daquilo que a Igreja está fazendo prosseguiria como se nada tivesse acontecido e ninguém notaria a diferença”.

Nadabe e Abiú não eram de fora; eram sacerdotes *que tinham visto Deus no monte* (Êx 24:1-11). O pai deles era o sumo sacerdote, e eram treinados para servir ao Senhor. No entanto, foram mortos por sua desobediência! “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). É algo muito sério ser um servo de Deus, e nosso serviço deve receber o poder do Espírito Santo e ser controlado por sua Palavra. Devemos servir a Deus “de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:28, 29).

A tristeza de Arão (vv. 3-11). Juntamente com os privilégios do ministério vêm as responsabilidades e os sacrifícios. Arão não teve permissão de prantejar a morte de seus dois filhos mais velhos (Lv 10:6, 7; 21:10-12), mas teve de permanecer nos limites do tabernáculo e de completar a cerimônia de ordenação. Dois de seus sobrinhos se encarregaram do sepultamento dos corpos (Êx 6:21, 22).

Pode nos parecer estranho que Deus tivesse dado cabo de Nadabe e Abiú em vez de simplesmente admoestá-los. Mas, com frequência, no começo de uma nova era da história da salvação, o Senhor trouxe juízo, a fim de advertir o povo. O ministério sacerdotal no tabernáculo estava prestes a começar, e o Senhor desejava certificar-se de que os sacerdotes compreendiam a seriedade de seu trabalho. Quando Israel entrou na Terra Prometida, Deus usou a desobediência de Acã como advertência (Js 7), e a morte de Uzã foi seu aviso quando a arca da aliança foi levada para Jerusalém (2 Sm 6:1-7). Logo no início da história da Igreja, a morte de Ananias e Safira serviu de advertência, a fim de que os santos não tentassem mentir para Deus (At 5).

Não bastava os sacerdotes simplesmente ensinarem o povo a diferença entre o que era puro e o que era imundo; também era preciso que colocassem os ensinamentos em prática em sua própria vida. Essa é uma das responsabilidades contidas na mensagem do

profeta Ezequiel (Ez 22:26; 42:20; 44:23; 48:14, 15).

A sinceridade de Arão (vv. 12-20). Uma vez que Moisés estava preocupado com o fato de que alguma outra prescrição do Senhor fosse desobedecida e que seu juízo voltasse a cair sobre eles, admoestou Arão e seus dois filhos restantes a comer a parte deles dos sacrifícios pacíficos (Lv 7:28-36). Também foram orientados a comer a parte deles do sacrifício pelos pecados (Lv 6:24-30). Moisés descobriu que o sacrifício pelos pecados não havia sido apresentado de acordo com a lei e que Arão e seus filhos não haviam comido desse sacrifício. A princípio, ficou irado, mas depois contentou-se com a explicação de Arão.

Arão explicou que não podia comer do sacrifício com a consciência tranqüila por causa da tristeza da qual havia sido tomado naquele dia. O Senhor conhecia seu coração, e ele não tentaria enganar a Deus ao fazer-se de hipócrita. Arão sabia que simplesmente observar o ritual de maneira automática não teria agradado a Deus, pois o Senhor sonda o coração e deseja obediência e não sacrifício (1 Sm 15:22, 23; 16:7; Sl 51:16, 17; Mq 6:6-8). A lei não permitia que Arão expressasse sua profunda tristeza da forma habitual, mas não o proibia de jejuar; o jejum foi seu modo de mostrar sua grande tristeza pela morte de seus dois filhos.

Ao revisar esses três capítulos, há várias lições que se destacam claramente:

1. A Palavra de Deus contém prescrições para nosso ministério, e devemos obedecer ao que o Senhor diz. As instruções de Deus são mais detalhadas para os sacerdotes do Antigo Testamento do que para os ministros do Novo Testamento, mas o Novo Testamento apresenta princípios e exemplos claros, de modo que não devemos nos desviar deles.

2. Consagramo-nos para Deus, e ele nos consagra para seu serviço. Ele quer servos puros, prontos a ceder, obedientes e "marcados" pelo sangue e pelo óleo.

3. Sem a obra completa de Cristo e o poder do Espírito, não podemos servir a Deus de maneira aceitável (1 Pe 2:5). Não há zelo carnal ou "fogo falso" capaz de substituir a devoção ao Senhor quando esta é cheia do Espírito. Certifique-se de que o "fogo" de seu ministério vem do altar de Deus e não deste mundo.

4. Ministramos, antes de tudo, para o Senhor e para sua glória. Não importa quanto sacrificuemos e sirvamos, se Deus não receber a glória, não poderá haver bênção.

5. Os privilégios do ministério trazem consigo responsabilidades sérias. "Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido" (Lc 12:48).

6. Nossa maior alegria na vida deve ser servir ao Senhor e glorificar o nome dele. "Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor" (Sl 2:11).

1. Essas palavras significam "luzes [ou maldições] e perfeições" e, de um modo geral, os intérpretes acreditam que Urim e Tumim eram "sortes santas" lançadas para determinar a vontade de Deus (Nm 27:21; 1 Sm 28:6; 30:7, 8).
2. A desobediência fazia com que os sacerdotes corressem risco de vida (ver Êx 28:35, 43; 30:20, 21; Lv 16:2; Nm 4:15, 19, 20). Os grandes privilégios trazem consigo grandes responsabilidades.
3. MACKINTOSH, C.H. *Notes on Leviticus*. Neptune, N.J.: Loizeaux, 1948, pp. 175-6.

PUREZA E PIEDADE

LEVÍTICO 11–12

“**A** piedade segue a pureza.” Costuma-se dar crédito a John Wesley por esse ditado, mas é provável que o provérbio já fosse conhecido antes do tempo dele. Na verdade, a forma como Wesley citou-o em seu sermão intitulado *Acerca das Vestimentas* indica que seus ouvintes já conheciam o ditado.¹

Sem dúvida, o povo de Israel se identificaria com tais palavras. No acampamento de Israel, os conceitos de *pureza* e de *piedade* eram tão entretecidos a ponto de serem quase sinônimos. Os israelitas temiam tornar-se cerimonialmente impuros por causa de algo que tivessem tocado ou comido. Do nascimento ao sepultamento, os israelitas deviam submeter todos os aspectos de sua vida diária à autoridade da lei de Deus. Quer fosse na escolha dos alimentos, no cuidado de uma mãe e de seu recém-nascido, no diagnóstico de uma doença ou na eliminação de dejetos, nada era deixado para o acaso no acampamento de Israel, a fim de que ninguém fosse contaminado. Com o propósito de manter a pureza cerimonial, cada israelita devia obedecer à lei de Deus em diversas áreas da vida.

1. A ALIMENTAÇÃO (Lv 11:1-23)

Tendo em vista o que Noé sabia sobre animais limpos e imundos (Gn 7:1-10), essa distinção fazia parte de uma antiga tradição anterior à lei mosaica. O fato de a criatura ser “limpa” ou “imunda” não tinha qualquer relação com a qualidade do animal; tudo dependia do que Deus havia dito sobre esse animal. Quando deu essas leis, sem dúvida o Senhor tinha em mente a saúde de seu povo

(Êx 15:26; Dt 7:15), mas o principal intuito das leis sobre os alimentos era lembrar os israelitas de que pertenciam a Deus e tinham a obrigação de manter-se separados de qualquer coisa que pudesse poluí-los: “sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44; ver Dt 14:3-20 para uma lista paralela de alimentos limpos e imundos).

Ainda assim, o princípio espiritual da separação daquilo que corrompe aplica-se ao povo de Deus nos dias de hoje. O fato de conhecermos a Deus deve fazer diferença em todos os aspectos de nossa vida. “Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Co 6:20). “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10:31). Deus não deu à sua Igreja uma lista de coisas limpas e imundas, mas revelou-nos o suficiente em sua Palavra para nos ajudar a saber o que lhe agrada e o que o entristece.

Devemos observar três fatos sobre as leis acerca dos alimentos: (1) Deus deu essas leis somente para a nação de Israel; (2) a obediência a essas leis garantia a pureza cerimonial, mas não tornava a pessoa automaticamente santa em seu caráter; (3) as leis eram temporárias e terminaram na cruz de Cristo (Cl 2:14).

Jesus deixou claro a seus discípulos que todos os alimentos eram limpos (Mc 7:1ss), e Deus ensinou essa lição novamente a Pedro antes de enviá-lo para ministrar aos gentios “impuros” (At 10:9-16). Paulo afirmou que certos dias e dietas especiais não devem ser considerados nem o *meio* e nem a *medida* para a espiritualidade de uma pessoa (Rm 14:1 – 15:13). “Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comeremos, e nada ganharemos, se comeremos” (1 Co 8:8). É errado julgar outros cristãos com base naquilo que eles comem (Cl 2:16-23). Desde que creiam na Palavra de Deus, a qual afirma que todos os alimentos são limpos, e que peçam a bênção de Deus sobre sua comida, têm o direito de comê-la (1 Tm 4:1-6).²

Não é necessário identificar cada criatura citada neste capítulo. Na verdade, algumas

delas são um mistério para nós. Lembre-se de que a lei dava o nome de criaturas *representativas* e não procurava apresentar uma lista completa. Moisés apresentou as características gerais das criaturas aprovadas e desaprovadas, e o povo deveria usar de discernimento na aplicação da lei. Se houvesse dúvida sobre determinada criatura, ela era rejeitada; não fazia sentido correr o risco de ser poluído.

Animais terrestres (vv. 1-8). Havia dois requisitos: que os animais ruminassem e tivessem o casco fendido. Um animal com apenas uma dessas características não era considerado limpo e, portanto, devia ser rejeitado. A palavra hebraica traduzida por “lebre”, no versículo 6, refere-se a um animal desconhecido para nós, pois os tipos de lebres que conhecemos não ruminam. O movimento do maxilar de uma lebre, bem como de suas narinas, pode dar a impressão de que está ruminando, mas de modo algum esse é o caso.

Criaturas aquáticas (vv. 9-12). Tinham de possuir tanto barbatanas ou nadadeiras como escamas para ser comestíveis, de modo que todos os crustáceos, peixes de pele sem escamas e enguias eram proibidos. Criaturas aquáticas que se alimentam de restos e que se enterram no fundo do mar ou do rio podiam hospedar parasitas e constituir um risco para a saúde de quem as comesse. Uma vez que os peixes nadam livremente na água, geralmente escapam de tais infecções.

Aves (vv. 13-19). Aves carniceiras de rapina eram poluídas pelas carcaças de suas vítimas bem como pelo sangue que ainda se encontrava na carne que comia; isso as tornava duplamente imundas. Quando Israel desejou carne, o Senhor enviou-lhes codornizes (Êx 16:1-13; Nm 11:31-35).

Insetos voadores (vv. 20-23). Todos os insetos eram proibidos, exceto aqueles com juntas nas pernas traseiras, usadas para pular, como locustas, gafanhotos e grilos. Essas criaturas normalmente não fazem parte da dieta ocidental, mas, no Oriente, muitas pessoas comem partes do corpo desses insetos assadas. João Batista alimentava-se basicamente de gafanhotos e de mel silvestre

(Mt 3:4). O povo de Israel repudiava baratas, moscas e outros insetos desse tipo.

Alguns anos atrás, durante meu *check-up* anual, o médico descobriu que minha taxa de glicose estava um tanto elevada. Verificou-a com cuidado e, então, informou-me de que eu estava à beira de desenvolver diabetes e que corria o risco de ter algum problema mais sério de saúde, como um ataque do coração ou cegueira. A solução mais simples para a questão era perder peso, de modo que entrei numa dieta mais que depressa.

O médico me deu um conselho: “Lembre-se de que o segredo de uma dieta feliz é aprender a odiar as coisas que não fazem bem para você e gostar das que fazem”.

Funcionou! Segui a dieta, perdi a vontade de comer doces e sobremesas engordativos e logo me livre do excesso de peso que estava pondo minha saúde (para não dizer minha vida) em risco, e conseguimos controlar a glicose.

Os israelitas que estavam vivendo sob a antiga aliança tiveram de adotar uma atitude semelhante na vida deles. Foi preciso aprender a desprezar os alimentos que Deus havia declarado imundos e desfrutar dos alimentos que Deus havia considerado limpos. Tratava-se de uma escolha entre agradar a si mesmos e ser impuros ou agradar ao Senhor e ser puros. Se havia qualquer dúvida sobre determinado alimento, este devia ser imediatamente descartado, a fim de que não desobedecessem a Deus e se contaminassem.

Quando eu era novo na fé, alguém me deu um folheto chamado *Os outros podem, você não deve*, e ele foi de grande ajuda para mim. Aprendi que devia buscar em Deus as orientações para minha vida e que precisava estar disposto a ser diferente. Meu grande desejo tinha de ser agradar a Deus com alegria, não de má vontade, e evitar fazer testes para ver quão perto eu era capaz de chegar do pecado sem me complicar.

2. O CONTATO (Lv 11:24-43)

Esta seção enfatiza a importância de evitar a contaminação ao tocar em certas criaturas mortas, tanto limpas quanto imundas. Se um israelita se deparava com a carcaça de um

animal, ainda que este fosse limpo, sabia que era contaminada, pois o sangue não havia escoado devidamente dela nem a carne havia sido protegida da contaminação. Quando Sansão comeu mel da carcaça do leão, ele se contaminou e deixou de ser nazireu (Jz 14:1-9; ver Nm 6:6, 9). Não importa quão doce fosse o mel, continuava sendo imundo aos olhos de Deus, e isso fez com que Sansão também ficasse imundo.

Pessoas que se contaminavam ao tocar uma carcaça eram consideradas imundas até o fim do dia. Deviam lavar-se e lavar as roupas e não podiam entrar no acampamento até o pôr-do-sol. Isso evitava que espalhassem qualquer contaminação que pudessem ter adquirido no contato com o animal morto. Se uma criatura morta caía num vaso de barro, o vaso era quebrado. Qualquer coisa que tocasse na carcaça era imunda e devia ser lavada ou destruída.

É fácil ver os motivos de higiene por trás dessas prescrições e, sem dúvida, a obediência a elas ajudou Israel a evitar várias doenças. No entanto, a razão principal para essas leis era ensinar o povo de Deus a valorizar a pureza e a evitar tudo aquilo que fosse imundo. A admoestação de Paulo aos coríntios é uma aplicação contemporânea desse princípio e deve ser considerada e obedecida por todos os cristãos que levam a sério a vida de santidade (2 Co 6:14 - 7:1).

À lista de alimentos proibidos, Moisés acrescentou lagartos, roedores e outras criaturas rasteiras (Lv 11:29, 30). Essas criaturas pequenas podiam morrer e ficar tão escondidas que uma pessoa não perceberia a presença do animal morto até que já o tivesse tocado e sido contaminada. O cadáver podia, ainda, cair em um vaso, pote ou tecido, o que tornaria esses objetos imundos. As mulheres israelitas cuidavam da casa com grande asseio para que não houvesse nada que pudesse tornar os habitantes da casa imundos.

Em Levítico 11, encontramos a palavra *imundo(s)* trinta e uma vezes, e a palavra *abominação* oito vezes. Aquilo que Deus considera imundo deve ser uma abominação a nossos olhos. "Ai dos que ao mal chamam

bem e ao bem, mal" (Is 5:20). O primeiro passo para a desobediência, com freqüência, é "reclassificar" o pecado e torná-lo aceitável em vez de abominável.

Deus disse, por exemplo, que a árvore no meio do jardim era proibida para o homem e a mulher, mas Eva viu "que a árvore era boa para se comer" (Gn 3:6) e tomou do fruto. Deus havia dito que todos os despojos de Jericó estavam sob restrição divina e não deviam ser tocados pelos soldados de Israel (Js 6:16-19), mas Acã reinterpretou essa classificação e tomou para si uma parte desses despojos (Js 7:16-26), e isso custou-lhe a própria vida. Samuel disse ao rei Saul para exterminar todos os amalequitas e seus rebanhos, mas o rei não matou Agague e "pou-pou o melhor das ovelhas e dos bois" (1 Sm 15:15). Saul reclassificou aquilo que Deus havia determinado como abominável e pensou que isso o tornaria aceitável, mas sua insensatez levou-o a perder o reino.

Nos dias de hoje, vivemos numa sociedade que rejeita os absolutos morais e promove uma moralidade "fluida" que não é moralidade coisa nenhuma. Assim como as pessoas descritas no Livro de Juízes, cada um está fazendo o que é certo a seus próprios olhos (Jz 21:25). No entanto, o fato de a sociedade reclassificar o pecado não muda nada; Deus ainda o chama de pecado e de abominação e ainda o julga.

Os médicos podem ser processados por imperícia se fizerem um diagnóstico incorreto ou se receitarem o tratamento errado. Contudo, um professor universitário, um pregador liberal ou um colunista famoso de algum jornal podem justificar o pecado e defender a imoralidade e ainda ser aplaudidos por seu diagnóstico tão capaz. Isso acontece porque o coração humano é "enganoso [...] mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto" (Jr 17:9), e as pessoas amam "mais as trevas do que a luz" (Jo 3:19), pois seus atos são perversos.

O evangelista Billy Sunday costumava dizer que um pecador não consegue encontrar a Deus pelo mesmo motivo que um criminoso não consegue encontrar um policial: não estão se esforçando muito para achá-lo!

"Tanto o profeta como o sacerdote usam de falsidade", escreveu o profeta Jeremias. "Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz" (Jr 8: 10, 11). As pessoas que têm o diagnóstico certo e o único remédio são perseguidas, enquanto as pessoas com o falso diagnóstico e remédios inócuos são respeitadas. "Os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles; e é o que deseja o meu povo" (Jr 5:31).

3. O DISCERNIMENTO (Lv 11:44-47)

A fim de que o povo de Israel se mantivesse puro e agradável ao Senhor, era preciso que usasse de discernimento. Isso significa conhecer a Palavra de Deus, respeitá-la e lhe obedecer. Pais e mães deviam ensinar a seus filhos a lei e adverti-los sobre as coisas imundas (Dt 6:1-9). Os sacerdotes deviam ensinar o povo e lembrá-lo dos mandamentos do Senhor. Foi quando a nação deixou de lado a Palavra de Deus e se recusou a lhe obedecer que o povo começou a seguir as práticas abomináveis das nações pagãs a seu redor - o que levou à disciplina e à derrota de Israel.

Os israelitas precisavam lembrar-se, a cada hora de cada dia, de que pertenciam a Jeová, o verdadeiro Deus vivo, e de que o fato de fazerem parte de Israel era um grande e santo privilégio. "Eu sou o SENHOR, vós Deus; portanto, vós vos consagrareis e sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11:44). Na linguagem do Novo Testamento essa verdade é expressa da seguinte forma: "Rogo-vos [...] que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados" (Ef 4:1). Obedecer à vontade de Deus não é um fardo, é um privilégio! Como Moisés lembrou a seu povo: "Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o SENHOR, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje vos proponho?" (Dt 4:7, 8).

O israelita do Antigo Testamento, assim como o cristão do Novo Testamento, não devia andar "como... andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos"

(Ef 4:17). Era uma tentação "entrar na onda" e imitar os costumes das nações pagãs, e isso levou à corrupção e à disciplina de Israel. Temo que a Igreja de hoje esteja seguindo a mesma filosofia e tornando-se cada vez mais parecida com o mundo. G. Campbell Morgan estava certo quando disse que a Igreja contribuía mais para o mundo quando era menos parecida com ele.

Aqueles do povo de Deus que usavam de discernimento espiritual "[andavam] em amor" (Ef 5:2), e seu amor pelo Senhor motivava-os a obedecer à lei de Deus. A cada manhã, o judeu ortodoxo recitava o *Shema*, a confissão de fé oficial dos judeus: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (Dt 6:4, 5). Esse ainda é o primeiro grande mandamento (Mt 22:34-40).

Assim como Israel no Antigo Testamento, os cristãos hoje devem não apenas andar de modo condigno com seu chamado e em amor, mas também atentar para as palavras de Paulo, quando o apóstolo disse: "vede prudentemente como andais [...] procurai compreender qual a vontade do Senhor" (Ef 5:15, 17). Devemos manter nossos olhos abertos e olhar ao redor com cuidado para que não nos contaminemos. Os israelitas que sabiam o que era puro e o que era imundo e que usavam sempre de cautela tinham menos probabilidade de tocar em algo imundo e de contaminar-se. Quando andamos "como filhos da luz" (Ef 5:8), não tropeçamos em alguma carcaça na escuridão, pois a Palavra de Deus é a luz que nos dirige (Sl 119:105).

O Senhor lembrou seu povo de que ele os havia redimido da escravidão egípcia (Lv 11:45). Assim, os israelitas pertenciam a Deus e eram obrigados a obedecer à vontade dele. Cristo nos redimiu não para que fôssemos livres para agradar a nós mesmos, mas para que fôssemos livres para servi-lo, sendo que essa é a maior liberdade de todas. Ao dar sua lei, o Senhor usou, em várias ocasiões, o milagre do êxodo para chamar Israel à obediência (Lv 19:36; 22:31-33; 25:38, 42, 55; 26:13, 45). De acordo com a linguagem do Novo Testamento, os israelitas foram

“comprados por preço” e tinham a obrigação de glorificar ao Senhor que os havia redimido (1 Co 6:20; 1 Pe 1:18-25).

Um dos sinais da maturidade é a capacidade de “fazer diferença” (Lv 11:47) e de distinguir entre o que é certo e o que é errado. Ao olhar através de seu microscópio, um patologista pode distinguir entre uma célula saudável e uma célula cancerosa. O músico experiente pode ouvir a diferença entre uma nota certa e uma errada, e o escritor experiente sabe a diferença entre “qualquer palavra” e a palavra certa. Semelhantemente, os cristãos maduros podem usar de discernimento, identificar o que é imundo e evitá-lo. Lembre-se de que as crianças costumam andar na lama e se sujar.

O que o profeta Oséias disse sobre Israel, em seu tempo, vale para muitos cristãos confesos hoje em dia: “Por isso, tropeçarás de dia, e o profeta contigo tropeçará de noite [...] o meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento” (Os 4:5, 6). “Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hb 5:14). Ao comentar sobre 1 Coríntios 2:13-16, Vance Havner disse: “Hoje em dia, discernimento é o que há de mais raro na igreja. O homem natural não quer nada com ele, o homem carnal é desprovido dele. Somente o homem espiritual o possui, e temos um número pequeno demais de pessoas nessa categoria”.

4. A PURIFICAÇÃO (Lv 12:1-8)

Em sua graça, Deus providenciou para que houvesse purificação e restauração para qualquer um que ficasse imundo. Para uma situação rotineira de impureza, o procedimento normal era que as pessoas lavassem a si mesmas e suas roupas e que ficassem fora do acampamento até o pôr-do-sol. Números 19 descreve o preparo especial da “água purificadora”, que era mantida fora do acampamento e usada para a purificação cerimonial. No entanto, para certos tipos de contaminação, eram necessárias medidas adicionais, como no caso do parto (Lv 12) e da presença

de úlceras ou de doenças infecciosas (caps. 13 - 15).

Mãe e filho (vv. 1-5). Ao dar à luz, a mãe sofria um sangramento (vv. 4, 5, 7) bem como a secreção de fluidos corporais (ver cap. 15), o que a tornava *cerimonialmente* imunda. O tema desse capítulo não é a santidade pessoal, mas a purificação *ritual* para a mãe, sem a qual ela não poderia retomar uma vida normal em sua casa e no acampamento.

Assim, não há nada em Levítico 12 que deva ser interpretado como um ensinamento de que a sexualidade humana é “suja”, de que a gestação é desonrosa ou de que os bebês são impuros. Deus criou os seres humanos “macho e fêmea” (Gn 1:27), e quando declarou aquilo que havia criado “muito bom” (v. 31), essa declaração incluía o sexo. Ele ordenou a nossos primeiros antepassados: “sede fecundos, multiplicai-vos” (v. 28). Apesar das atitudes negativas com relação aos bebês hoje em dia, as Escrituras apresentam os filhos como bênçãos de Deus (Sl 113:9; 127:3-5; 128:3; Pv 17:6; Mt 19:14). Se, por algum motivo, a gravidez era indesejada, os israelitas jamais pensariam em aborto.

É provável que haja questões de saúde envolvidas nessas instruções. Uma vez que a mãe é considerada, até certo ponto, “imunda” durante quarenta dias depois do nascimento de um filho e oitenta dias depois do nascimento de uma filha, isso significava que ela podia descansar e se recuperar antes de retomar suas tarefas normais na casa. Esse procedimento promovia seu próprio bem-estar e também o da criança. Além disso, protegia a mãe de possíveis enfermidades trazidas por pessoas infectadas que quisessem ajudá-la ou pela propagação de qualquer infecção que pudesse ter (como febre puerperal).

As Escrituras não explicam por que a mãe era considerada impura durante um período duas vezes mais longo quando dava à luz uma menina. Não há qualquer prova de que as meninas recém-nascidas sejam mais frágeis que os meninos e, portanto, precisem de mais tempo com a mãe. Um dia, a filha estaria sujeita ao julgamento

colocado sobre Eva (Gn 3:16), mas por que Deus dobraria o tempo de confinamento da mãe por causa do sexo de sua criança, algo totalmente fora do controle da mãe? Também não parece razoável que Deus tivesse determinado esse prazo a fim de “castigar” o marido ao dobrar o tempo que ele teria de manter-se longe da esposa. Talvez Deus tenha estabelecido essas prescrições principalmente em função da saúde da mãe e para que ela pudesse criar laços mais fortes com a filha. A estrutura social de Israel era, sem sombra de dúvida, masculina, e os filhos eram mais bem recebidos do que as filhas.

Circuncisão (v. 3).³ Outras nações praticavam a circuncisão na Antiguidade, mas Deus deu esse ritual a Abraão como um sinal especial da aliança entre o Senhor e o povo de Israel (Gn 17:10-14). Toda criança do sexo masculino tornava-se um “filho da aliança” quando era circuncidada e recebia seu nome oito dias depois do nascimento. A operação também simbolizava a “cirurgia espiritual” que Deus deseja realizar no coração humano (Dt 10:16; 30:6; Jr 4:4). Infelizmente, o povo judeu ignorou o aspecto espiritual da cerimônia e considerou somente a operação física uma garantia de que os judeus eram salvos e aceitos por Deus (Mt 3:7-10; Rm 2:25-29). Uma idéia semelhante surgiu na Igreja primitiva e teve de ser energeticamente refutada (At 15; Rm 4:1-12).

Algumas pessoas equiparam o batismo infantil com a circuncisão, mas como R. K. Harrison coloca de modo sábio: “Os paralelos são muito superficiais e restritos a fim de serem considerados inteiramente convincentes

ou válidos”.⁴ O cristão autêntico passou por uma circuncisão espiritual interior mediante o Espírito Santo, a “verdadeira circuncisão” que transforma o coração e concede nova vida (Cl 6:12-16; Fp 3:1-3; Cl 2:10, 11). Pelo fato de a natureza pecaminosa do cristão ser “despojada”, ele pode andar em novidade de vida e não se entregar aos desejos da carne.

Sacrifício (v. 4-8). Quarenta dias depois do nascimento de um filho ou oitenta dias depois do nascimento de uma filha, o pai e a mãe deviam ir ao santuário e oferecer sacrifícios para a purificação da mãe: um cordeiro de um ano como holocausto e um pombinho ou uma rola como sacrifício pelos pecados. O holocausto simbolizava sua dedicação a Deus ao voltar à vida normal, e o sacrifício pelo pecado cuidava da contaminação envolvida no processo do parto. Os sacrifícios também serviam para lembrar os pais de que todo filho, não importa quão lindo ele seja, nasce em pecado e, um dia, deve crer no Senhor para ser salvo (Sl 51:5; 58:3).

A graça de Deus é tão grande que ele levou em consideração aqueles que não podiam pagar por um cordeiro! Maria e José usaram dessa provisão quando levaram Jesus ao templo (Lc 2:21-24).

Por mais curto que seja, este capítulo todo mostra a preocupação amorosa de Deus com a família, especialmente com a mãe e o filho. Não é nem um pouco surpreendente ouvir Jesus dizer:

“Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Mc 10:14).

1. Ver o Sermão 93 de John Wesley, *Acerca das Vestimentas*. O termo “segue”, nesse caso, indica que a piedade vem “imediatamente depois”. Quando as pessoas tornam-se cristãs, sua fé deve afetar a maneira como cuidam de si mesmas.
2. Em Romanos 14 - 15 e 1 Coríntios 8 - 10, Paulo discutiu a questão de abusar dessa liberdade e, assim, escandalizar um cristão com uma consciência mais sensível que ainda não havia compreendido inteiramente o conceito de liberdade em Cristo. Colocamos nossos privilégios de lado prontamente, não para perder nossa liberdade, mas para ajudar um cristão mais fraco a ganhar a dele. Não queremos que as pessoas continuem sendo sempre “bebês” que precisam crescer, mas ministramos a elas em amor. Não se pode forçar a maturidade. Sem dúvida, é imprudente comer qualquer alimento que faça a pessoa se sentir mal ou que cause dano ao corpo do cristão, que é o templo do Espírito de Deus (1 Co 6:19, 20).
3. Para um estudo interessante desse tópico realizado por um médico cristão, ver S. I. McMillen. *None of These Diseases*, cap. 8 (edição revisada). Revell, 1984). Ver também o *New England Journal of Medicine*, 3 de maio de 1990, v. 322, n.18, pp. 1308-15.
4. HARRISON, R.K. *Leviticus. Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1980, p. 134.

O MÉDICO DOS MÉDICOS

LEVÍTICO 13 – 15

“Conhecer a doença é o princípio da cura”, escreveu o romancista espanhol Miguel de Cervantes, e os médicos concordam com ele. Afinal, como é possível receber um tratamento eficaz sem fazer um diagnóstico preciso?

Estes três capítulos de Levítico tratam de enfermidades de diferentes tipos, pois Deus se preocupava com o bem-estar físico de seu povo. Supriu as necessidades dos israelitas durante o tempo em que caminharam pelo deserto (Dt 29:5) e, se eles lhe obedecessem, prometeu guardá-los das doenças que haviam visto no Egito (Êx 15:26; Dt 7:12-15). Apesar de ser verdade que nossas maiores necessidades são espirituais, ainda assim Deus cuidou do bem-estar físico de seu povo.

A palavra hebraica traduzida por “lepra” em Levítico 14 – 15 inclui vários tipos de doenças de pele, inclusive micoses (Lv 13:47ss; 14:33ss). Mas estes capítulos contêm mais do que uma simples descrição de sintomas e de cerimônias. Nas Escrituras, a enfermidade é uma das representações do pecado (Sl 147:3; Is 1:5, 6; Jr 8:2; 30:12; Mc 2:17). Assim, ao estudar esses capítulos, podemos aprender mais sobre a natureza do pecado e sobre como Deus deseja que tratemos dele. Devemos olhar além de Moisés e ver Jesus Cristo, o Médico dos médicos, ferido para que pudéssemos ser curados (Is 53:5). Estes três capítulos ilustram três tópicos relacionados de maneira essencial à vida de santidade: o pecado (cap. 13), a salvação (cap. 14) e a santidade (cap. 15).

1. O PECADO (Lv 13:1-46; 14:1-32)

Uma vez que uma infecção tornava a pessoa cerimonialmente imunda, Deus nomeou os

sacerdotes para a examinarem e determinarem se a vítima estava “imunda” e, portanto, se devia ser separada do restante do acampamento. A pessoa a ser examinada podia ser isolada por até três semanas para dar à doença a chance de desenvolver-se ou de retroceder. Dentre os sintomas, podia haver inchaço com urticária (Lv 13:1-8); inchaço, brancura e carne viva (vv. 9-17); úlceras (vv. 18-23); queimadura (vv. 24-28) e diversas erupções cutâneas (vv. 29-44). Nem tudo o que se parecia com lepra na verdade era lepra, e seria cruel isolar alguém que não estava, de fato, infectado.

Não se investigava apenas a pessoa (vv. 1-46), mas também as roupas (vv. 47-59) e até a casa (Lv 14:33-57). Nesse caso, o sacerdote procurava por micoses ou fungos que, se não fossem contidos, poderiam causar sérios danos. Quando Israel estivesse em sua terra, esses fungos poderiam até destruir suas plantações (Dt 28:22; Am 4:9).

Tendo em vista que, na Bíblia, a enfermidade é uma representação do pecado, ao ler esses versículos, você aprenderá um bocado sobre os “sintomas” do pecado.

O pecado não é superficial (13:3, 4, 25, 30-32, 34). “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desespereadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9) A palavra traduzida por “corrupto”, nesse versículo, significa “doente”. O pecado não é um problema superficial que pode ser resolvido com simples curativos, como quem tenta curar um câncer com creme hidratante. O pecado vem de dentro, da natureza humana decaída, e, a menos que o coração seja transformado, o problema do pecado não pode ser resolvido. “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum” (Rm 7:18). Aqueles que falam da “bondade inerente do ser humano” não conhecem nem a Bíblia e nem o próprio coração.

Na Inglaterra do século dezoito, se a pessoa era condenada por roubo ou por furto, o juiz ordenava que as autoridades cortassem a mão direita do ladrão. Se ele fosse condenado novamente, podiam cortar sua mão esquerda. Lembro-me de ler sobre um

trombadinha que perdeu as duas mãos e ainda conseguiu se dar bem em sua “ocupação”, pois se aperfeiçoou na arte de roubar *com os dentes!* Mesmo que autoridades arrancassem todos os dentes dele, não teriam resolvido o problema, pois o pecado é muito mais profundo. Jesus disse: “Porque do coração procedem maus designios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem” (Mt 15:19, 20).

No tempo de Jeremias, os falsos profetas eram como médicos que mentiam para seus pacientes e se recusavam a dar-lhes más notícias. “Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jr 6:14). Hoje em dia, os conselhos de medicina disciplinariam um médico que fizesse isso, mas essa prática é perfeitamente aceitável para conselheiros que usam a linha humanista, pastores e professores liberais e colonistas de jornais. As pessoas ainda acreditam no “mito do progresso” segundo o qual os seres humanos são bons e estão aperfeiçoando a si mesmos e ao mundo a cada dia.

O pecado se alastra (13:5-8, 22, 23, 27, 28, 32, 34-36, 51, 55, 57; 14:39, 44, 48). A verdadeira lepra (“hanseníase”) afeta a pele e as terminações nervosas. À medida que se espalha, produz nódulos e úlceras. Em seguida, o tecido se contrai e os membros ficam deformados. O que começa com uma ferida espalha-se e transforma todo o corpo numa massa de decomposição e de feiúra. Quão parecida é com o pecado! “Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1:15).

Nossos primeiros pais foram ladrões. Seu filho, Caim, foi um mentiroso e homicida. Desse pequeno começo, o pecado espalhou-se de modo a corromper e a escravizar toda a raça humana. Quando Deus mandou o dilúvio, a Terra estava *repleta* de perversidade, desgraça, violência e corrupção (Gn 6:5; 11 - 13), e, de lá para cá, as coisas não mudaram para melhor. O progresso científico fez a vida ficar mais confortável, mas não tornou

o mundo menos corrupto. “Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões, chagas inflamadas” (Is 1:5, 6).

Durante quase cinqüenta anos, Alexander Whyte pregou a Palavra de Deus na igreja St. George em Edinburgo, na Escócia, e adquiriu a fama de expor os pecados do coração humano e de colocá-los sob o escrutínio da Palavra de Deus. As pessoas chamavam seus sermões de “pregações cirúrgicas”. Durante um tempo, ele teve um assistente, chamado Hugh Black, que pregava no culto da noite e era muito mais otimista e liberal em suas mensagens. Os cristãos diziam que o reverendo Whyte desenterrava os pecados deles no domingo pela manhã e o reverendo Black enterrava-os de volta no domingo à noite!

No entanto, quando a igreja tem uma visão superficial do pecado, essa atitude influencia tudo o que a igreja crê e faz. Se os homens e as mulheres são essencialmente bons e não pecadores sob a ira de Deus, então por que pregar o evangelho? Por que enviar missionários? E, sendo assim, por que Jesus morreu na cruz? Se as pessoas são boas, então só precisam de conselhos e de consolo, e devemos oferecer-lhes ânimo e não evangelismo.

O pecado contamina (13:44-46). A palavra *imundo(s)* é usada cinqüenta e três vezes em Levítico 13 - 15. Ela descreve a contaminação cerimonial que torna a vítima imprópria para a vida em sociedade ou para a adoração na casa de Deus. O profeta Isaías confessou que era “homem de lábios impuros” (Is 6:5) e, então, falou por todos nós quando disse: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia” (Is 64:6). Qualquer coisa que o nosso pecado toca, ele contamina. Somente o sangue de Jesus Cristo pode purificar essa contaminação (1 Co 6:9-11; 1 Jo 1:7; Ap 1:5).

Ao ler o Salmo 51 - a oração de confissão de Davi -, não se pode deixar de observar como seus pecados contaminaram todas as partes de seu ser: olhos (v. 3), mente (v. 6),

ouvidos (v. 8), ossos (v. 8), coração (v. 10) e boca (vv. 13-15). Suas mãos estavam manchadas com o sangue de Urias (v. 14), e tudo o que lhe restava fazer era entregar-se à misericórdia de Deus e clamar: “Lava-me!” (vv. 2, 7).

O pecado isola (v. 46). Que palavras duras: “É imundo, habitará só; a sua habitação será fora do arraial”. Ele devia rasgar as roupas, cobrir o lábio superior (“bigode”), gritar “Imundo, imundo!” sempre que alguém se aproximasse dele e permanecer fora do acampamento até que morresse ou fosse curado. Hemã descreve essa situação como “atirado entre os mortos” (Sl 88:5). Deus feriu o rei Azarias (Uzias) com lepra, e ele teve de habitar “numa casa separada”, literalmente, uma “casa desocupada” isolada de todo o resto do povo (2 Rs 15:5). Foi lançado aos mortos!

Se você já testemunhou a outros, provavelmente deparou-se com pessoas que parecem não ter qualquer noção da tragédia do pecado e de quão terrível é o inferno. “Não me importo de ir para o inferno”, dizem com certa impertinência. “Vou ter bastante companhia lá”.¹ Porém, não há companhia no inferno, pois é um lugar de isolamento e de solidão eternos. Como os leprosos fora do acampamento, os pecadores perdidos habitarão na mais completa solidão; ficarão sós para sempre.

O pecado só serve para o fogo (vv. 52, 55, 57). Uma roupa contaminada devia ser queimada; não devia ser purificada, mas sim destruída. Quando Jesus falou sobre o inferno, usou a palavra *gehenna*, que se referia ao depósito de lixo de Jerusalém, “onde não morre o verme, nem o fogo se apaga” (Mc 9:44; ver Is 66:24). O inferno é o depósito de lixo eterno de Deus, preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25:41) e para aqueles que seguem o diabo ao rejeitar Jesus Cristo. É um lago de fogo (Ap 19:20; 21:10, 14, 15) em que o diabo e seus aliados sofrerão para sempre juntamente com as pessoas cujos nomes não se encontram no Livro da Vida, pois não crearam em Jesus Cristo e não nasceram de novo na família de Deus.

As conseqüências da lepra eram temporárias, mas as conseqüências do pecado são eternas. Os israelitas não conheciam a cura para a lepra, mas há uma cura para o pecado – a fé em Jesus Cristo, o Salvador do mundo. Você confia nele? Se você já entregou sua vida a ele, está contando aos outros as boas novas para que não sejam leprosos indo viver para sempre no depósito de lixo do inferno, onde o fogo não se apaga?

2. A SALVAÇÃO (Lv 14:1-32)

Sinto certo desânimo ao ler o capítulo 13 com sua ênfase na imundícia e no isolamento. No entanto, o capítulo 14 nos traz o alegre raio de luz de esperança de que precisamos: um leproso pode ser purificado e restaurado! Precisamos ouvir as más notícias do julgamento antes de poder valorizar as boas novas da salvação.

Os israelitas não conheciam a cura para a lepra. Assim, se a vítima era curada, tratava-se de uma dádiva da graça e misericórdia de Deus. “Havia muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu”, disse Jesus, “e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o sírio” (Lc 4:27). “Ao SENHOR pertence a salvação!” (Jn 2:9). Se não somos salvos pela graça de Deus, então não temos salvação, pois ninguém merece ser salvo.

As etapas da purificação e restauração do leproso retratam para nós o que Jesus Cristo fez pelos pecadores.

O sacerdote ia até o leproso (vv. 1-3). Uma vez que não era permitido ao leproso imundo entrar no acampamento, o sacerdote precisava sair do acampamento para ministrar a essa pessoa. “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Durante seu ministério aqui na Terra, Jesus foi chamado de “amigo de publicanos e pecadores” (Lc 7:34). Ele se comparou a um médico ajudando seus pacientes necessitados (Mt 9:10-13). Como Médico dos médicos, Jesus faz “consultas a domicílio” e vai até o lugar onde se encontram os pecadores. No caso dos leprosos israelitas, o sacerdote ia até onde estavam para examinar e determinar se a vítima havia, de fato, sido curada. No entanto,

Jesus vem até nós para nos curar da enfermidade do pecado.

A vítima oferecia duas aves (vv. 4-7). Esse ritual incomum retrata para nós o que Cristo fez para salvar o mundo perdido. O lugar dos pássaros não é em vasos de barro; seu lugar é no céu. Jesus veio do céu para tornar-se homem (Jo 3:13, 31; 6:38, 42). Assim, ele colocou-se num vaso de barro para que pudesse morrer por nossos pecados. A água corrente sobre a qual a ave era imolada nos faz lembrar o Espírito Santo de Deus (Jo 7:37-39), pois Jesus ofereceu-se a Deus “pelo Espírito eterno” (Hb 9:14). Quando a ave viva molhada de sangue era libertada, retratava a ressurreição do Senhor, pois a ressurreição de Cristo é tão parte da mensagem do Evangelho quanto a sua morte (1 Co 15:1-4). Somente um Salvador vivo pode livrar os pecadores mortos.

O sangue da ave sacrificada ficava sobre a ave viva e sobre o vaso, mas também era aplicado sobre o leproso curado. Usando hissopo (Êx 12:22; Sl 51:7), o sacerdote aspergia sangue sobre o leproso sete vezes e, em seguida, o declarava limpo.² “Sem derramamento de sangue não há remissão” (Hb 9:22). Como a vítima sabia que estava limpa? O sacerdote dizia isso a ela! Como nós, cristãos de hoje, sabemos que Deus nos salvou? Ele nos diz em sua Palavra! Não importava como o leproso se sentia ou qual era a sua aparência, Deus declarava que ele estava limpo, e ponto final.

A pessoa se lavava (vv. 8, 9). No dia de sua purificação, o leproso tinha de lavar a si mesmo e suas roupas e raspar todo o cabelo. Tinha permissão de entrar no acampamento, mas não podia entrar em sua tenda. Devia ficar fora dela por mais uma semana.

Por que se lavar quando o sacerdote já o havia declarado limpo? Porque ele precisava aplicar *pessoalmente* o que Deus havia declarado ser verdade *posicionalmente*. O homem estava cerimonialmente limpo e tinha o *direito* de morar no acampamento, mas precisava tornar-se pessoal e praticamente limpo para ser *adequado* para viver lá. “Lavai-vos, purificai-vos” (Is 1:16). “Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne

como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1). Talvez Paulo tivesse em mente Levítico 14 quando comparou a nova vida em Cristo com o ato de trocar de roupa (Cl 3:1-14).

A pessoa se lavava novamente (v. 9). Isso ocorria uma semana depois. O homem precisava lavar e raspar o corpo novamente e vestir roupas limpas. Essa raspagem dupla deixava sua pele como a de um bebê, talvez simbolizando um novo nascimento. A raspagem e a lavagem não matavam os micróbios da lepra - Deus já havia feito isso -, mas simbolizavam a novidade de vida do antigo leproso.

A pessoa oferecia os sacrifícios exigidos (vv. 10-32). Era o oitavo dia depois que o sacerdote havia visitado o leproso, e oito é o número do recomeço. O leproso purificado devia levar à porta do tabernáculo um cordeiro para uma oferta pela culpa, um cordeiro para holocausto e uma cordeira para sacrifício pelos pecados, bem como flor de farinha e óleo para oferta de manjares.

O sacerdote declarava a pessoa limpa (Lv 14:7), tomando por base esses sacrifícios, pois eles retratavam a pessoa e a obra de Jesus Cristo. O sacrifício pelos pecados mostra Cristo expiando o pecado de uma pessoa. A oferta pela culpa nos lembra de que Cristo pagou a dívida que tínhamos com Deus, pois, como o leproso, éramos incapazes de servi-lo durante nossos dias de imundície. Com o holocausto, a pessoa consagrava-se inteiramente, e com a oferta de manjares, demonstrava a perfeição de Cristo aceita no lugar das imperfeições do adorador.

O aspecto singular dessa cerimônia era que o sacerdote *tratava o leproso purificado como se ele fosse outro sacerdote!* Colocava o sangue da oferta pela culpa na orelha direita, no polegar direito e no polegar do pé direito. Aspergia óleo sete vezes sobre o homem e, então, colocava óleo sobre o sangue que já estava em sua orelha, polegar e polegar do pé.³ Depois disso, derramava óleo sobre a cabeça do homem. Esse gesto é semelhante à cerimônia que Moisés usou na ordenação de Arão e de seus filhos (cap. 8).⁴

Que graça maravilhosa de Deus tratar um antigo leproso como um sacerdote! Seis vezes nessa seção, o Senhor declara que o sacerdote “fará expiação” pelo homem (vv. 18-21, 29-31), o que significa que seus pecados eram perdoados.

Uma vez que o leproso havia sido um pária, sem poder trabalhar para levantar seu sustento, talvez não tivesse como levar os três animais para o sacerdote. Deus permitia àquele que fosse mais pobre levar aves para o sacrifício pelos pecados e para o holocausto (Lv 14:21-23, 30-32). Além disso, o Senhor não exigia nenhuma restituição junto com a oferta pela culpa. Deus facilita as coisas ao máximo para que os pecadores sejam perdoados e restaurados. No entanto, os pecadores alegam que não podem responder ao chamado de Deus, como se a salvação fosse algo tão difícil.

3. A SANTIDADE (LV 15:1-33)

A palavra-chave neste capítulo é “fluxo” e aparece vinte e três vezes. Significa, simplesmente, a eliminação de um líquido, quer seja da água na natureza ou de um fluido do corpo humano. A eliminação de fluidos no corpo humano pode ser normal (vv. 16-18, 25-30) ou anormal (vv. 1-15, 19-24), mas de qualquer modo era considerada imunda e devia ser tratada de acordo com a lei de Deus. Essas prescrições certamente incluem a preocupação de Deus com a higiene pessoal e com a mulher, mas tudo indica que a motivação central é o dever da santidade pessoal. Nem todos somos leprosos, mas todos temos nossos “fluxos” ocasionais que nos contaminam e podem contaminar a outros.

Fluxos masculinos anormais (vv. 1-15).

Podia ser qualquer coisa, desde diarreia até doenças venéreas, como gonorréia. Qualquer coisa que o homem acometido desse mal tocasse ou sobre a qual cuspiisse seria imunda. Além do mais, aqueles que fossem contaminados ao tocar nele deviam lavar a si mesmos e suas roupas e eram considerados imundos até o pôr-do-sol. Os vasos de barro que tocasse deviam ser quebrados, e os de madeira, lavados. A possibilidade de infecção era levada extremamente a sério.

Pela bondade do Senhor, o homem com esse fluxo podia ser curado. Quando isso acontecia, deveria esperar uma semana e, como o leproso purificado, deveria lavar a si mesmo e suas roupas. No oitavo dia, ofereceria um sacrifício pelos pecados e um holocausto, mas não precisava levar sacrifícios caros, uma vez que um fluxo corporal não era tão grave quanto um caso de lepra. Depois disso, o homem estava livre para adorar ao Senhor e viver normalmente no acampamento.

Nos últimos anos, tenho ouvido falar um bocado sobre “pessoas nocivas” e até “igrejas nocivas”. Stephen Artburn e Jack Felton escreveram um livro chamado *Toxic Faith* (Oliver/Nelson, 1991), que descreve igrejas “sectárias” e o vício religioso que propagam silenciosamente entre pessoas inocentes. Essa imagem é bíblica, pois Jesus advertiu sobre pessoas como os fariseus, que fingiam ser santas, mas que, na verdade, estavam contaminando aqueles que os seguiam (Mt 23:25-28). Aliás, Paulo escreveu sobre pessoas em sua época cuja religião era “nociva”. “Evita, igualmente, os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior. Além disso, a linguagem deles corrói como câncer” (2 Tm 2:16, 17).

Fluxos masculinos normais (vv. 16-18).

Este parágrafo nem sequer sugere que a relação sexual dentro do casamento seja impura ou contaminadora. Conforme as palavras da cerimônia tradicional de casamento, “Deus instituiu o casamento para ser bênção e benefício para a humanidade”. Dentro dos laços santos e amorosos do casamento, o marido não contamina sua esposa, nem a esposa o marido. “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13:4).

Nessa passagem, Moisés está tratando da imundícia *cerimonial* e não moral. Uma vez que a relação sexual envolve fluidos corporais e que estes tornam uma pessoa imunda, o marido e a esposa deveriam tomar cuidado para lavar-se e manter a pureza cerimonial. Talvez o Senhor esteja nos

dizendo que, mesmo numa experiência bela como o amor conjugal, existe a oportunidade de a natureza pecaminosa agir de modo a contaminar essa relação. O casal israelita devia levar Deus em consideração bem como seus próprios desejos, o que os ajudava a santificar seu relacionamento. Não era necessário realizar qualquer sacrifício para a purificação do casal, apenas a lavagem com água. Assim, nenhum pecado precisava ser expiado.³

Fluxos femininos normais (vv. 19-24).

Mais uma vez, Deus não está condenando nem castigando a mulher por ter seu fluxo menstrual normal, pois foi ele quem a fez desse modo a fim de poder ter filhos. Essa prescrição declara, apenas, que o fluxo da mulher a tornava imunda e, portanto, ela podia contaminar outros. Raquel usou desse artifício quando enganou seu pai sobre os deuses do lar (Gn 31:26-35).

Durante o tempo de sua menstruação e uma semana depois, a mulher era considerada imunda e deveria ter cuidado com o lugar onde se assentava e dormia e com aquilo que tocava. No entanto, esse confinamento trazia implícita, em si, uma bênção, uma vez que a mulher desfrutava de tranqüilidade e de descanso quando mais precisava. Se seu marido fosse sexualmente ativo demais, essa lei impedia que se aproveitasse da esposa num período em que a relação sexual não seria especialmente agradável! a ela. Se ele a forçasse, tanto ele quanto o leito matrimonial ficariam imundos por uma semana, e isso os separaria de todos da família e do acampamento! Não valia a pena.⁶

Sem dúvida, Deus criou o sexo para o prazer bem como para a procriação, mas o prazer não disciplinado transforma-se logo em escravidão e em tormento. Aqueles que não são casados devem usar de autocontrole a fim de não ter relações ilícitas, atraindo para si o juízo de Deus (Hb 13:4), mas aqueles que são casados também precisam de autocontrole, para não se aproveitarem um

do outro e deixarem Deus de fora de seu relacionamento mais íntimo. Deus criou o sexo, e sábio é aquele que permite ao Criador determinar as regras.

Fluxos femininos anormais (vv. 25-33).

Uma hemorragia prolongada podia ser tanto fisicamente dolorosa como religiosamente desastrosa, pois com isso a mulher ficaria continuamente imunda. A mulher desconhecida que procurou a ajuda de Jesus sofria desse mal havia mais de vinte anos (Mc 5:25-34; Lc 8:43-48). Em termos mais estritos, todos os que tiveram contato com aquela mulher na multidão foram contaminados por ela, quer soubessem quer não. Quando ela tocou a veste de Jesus, ele também foi contaminado. Quanta bondade da parte dele curá-la e devolver-lhe a vida normal que ela tanto almejava! O ritual para sua purificação nos faz lembrar do ritual para a restauração de uma mãe depois de dar à luz (Lv 12:6, 7).

Essas prescrições para a santidade pessoal não eram apenas sugestões piedosas dos líderes religiosos do povo. Eram mandamentos sagrados do Senhor, e lhes desobedecer constituía uma ofensa grave (Lv 15:31-33). Uma pessoa imunda que fosse ao tabernáculo e que o contaminasse estaria atraindo juízo para si (v. 31). Deus advertiu os israelitas de que a transgressão à lei dada em Levítico 15:24 faria com que o casal fosse “[eliminado] do meio do seu povo” (Lv 20:18). Não existe um consenso entre os estudiosos a respeito de se o termo “eliminado” significava a morte (o termo é usado dessa forma em Gn 9:11) ou a excomunhão, mas, de qualquer modo, a penalidade era grave.

O povo de Deus, nos dias de hoje, não vive sob a ameaça de tais juízos, apesar de haver “pecado que é para a morte” (1 Jo 5:16; ver 1 Co 11:30). No entanto, não deve existir em nossa vida qualquer área da qual o Senhor seja excluído, e todo relacionamento deve estar sob o controle dele.

As palavras do Senhor para nós ainda são: “Sereis santos, porque eu sou santo”!

1. Qualquer um que esteja esperando encontrar “companhia” no inferno precisa ficar sabendo quem serão seus “companheiros” lá: “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos

feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre” (Ap 21:8). “Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira” (Ap 22:15). Compare essas pessoas com a companhia que os filhos de Deus terão no céu (Hb 12:22-24).

2. O número sete aparece com frequência nas cerimônias judaicas. Simboliza a perfeição e a plenitude. O número oito dá a idéia de recomeço.
 3. É interessante observar que Deus não coloca o óleo da unção sobre a pele do homem, mas sim sobre o sangue aspergido. O Espírito Santo só vai ao lugar onde o sangue foi aplicado.
 4. O sacerdote seguia um ritual parecido quando purificava a casa infectada por algum tipo de micose ou fungo (Lv 14:49-53).
 5. É provável que essa lei também se aplicasse à imundícia de um homem por poluição noturna (Lv 22:4; Dt 23:10, 11). A marca da aliança encontrava-se sobre o membro viril, e Deus tinha todo direito de dar leis a esse respeito.
 6. Os rabinos ensinavam que o versículo 24 não se referia ao marido que, intencionalmente, tomava sua esposa à força, mas sim à possibilidade de a menstruação da esposa começar durante a relação sexual. Não podiam crer que um homem judeu iria deliberadamente se contaminar e desobedecer a Deus só por prazer.
-

O DIA SANTO E SUBLIME DE ISRAEL

LEVÍTICO 16

O dia mais importante do ano para os israelitas do Antigo Testamento era o Dia da Expição - *Yom Kippur* -, quando Deus, na sua graça, expiava todos os pecados de todas as pessoas e dava à nação um recomeço. Pelo fato de hoje em dia não terem nem templo e nem sacerdotes (Os 3:4), os israelitas não podem comemorar o *Yom Kippur* da maneira como foi instituído, mas aqueles que receberam a Jesus Cristo podem encontrar nesse antigo ritual um retrato daquilo que Jesus fez por nós na cruz.

1. UM TEMPO DETERMINADO (Lv 16:1, 2, 29)

A morte de Nadabe e Abiú (Lv 10) deve ter enchido o coração de Arão e dos sacerdotes do temor de Deus, de modo que se perguntavam se era seguro entrar nos limites do tabernáculo para realizar seu trabalho. Deus deixou claro que os sacerdotes não precisavam ter medo de servir, mas que somente o sumo sacerdote poderia entrar no Santo dos Santos, e isso apenas uma vez por ano, no Dia da Expição. Não era uma questão de escolha humana - tratava-se de um mandado divino. Qualquer sacerdote que desobedecesse morreria.

A data determinada era o décimo dia do sétimo mês (Lv 16:29; 23:26-32; 25:9; Nm 29:7-11). O calendário judaico é descrito em Levítico 23 e será estudado em mais detalhes no capítulo 10. Contudo, é necessário observar, agora, a importância do sétimo mês (que equivale à nossa segunda quinzena de setembro e primeira quinzena de outubro). No primeiro dia do sétimo mês, as trombetas eram tocadas para anunciar o começo de

um novo ano (*Rosh Hashanah*; Lv 23:23-25).¹ O décimo dia era o Dia da Expição (Lv 23:26-32), depois vinha a Festa dos Tabernáculos (ou Tendões), que começava no décimo quinto dia do mês e durava uma semana (Lv 23:33-44).

O toque das trombetas anunciava um novo ano, mas somente o derramamento de sangue podia dar ao povo o perdão e um recomeço. "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9:22). Sem dúvida, havia pecado no acampamento. Além disso, nem todo transgressor havia levado o sacrifício determinado no ano anterior, e o próprio santuário havia sido contaminado de maneiras que só Deus podia ver. Era hora de começar de novo.

O sumo sacerdote tinha de repetir o ritual do Dia da Expição a cada ano, mas Jesus Cristo veio na hora certa (Gl 4:4, 5) para concluir a obra que ninguém mais podia terminar. "Se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado" (Hb 9:26). A morte de Cristo na cruz cumpriu o Dia da Expição.

2. UM PROPÓSITO DECLARADO (Lv 16:30-34)

O termo hebraico *kapar*, traduzido por "expição", é usado dezesseis vezes em Levítico 16 e significa, basicamente, "resgatar, remover ao pagar um preço". O sacerdote colocava as mãos sobre a cabeça do sacrifício simbolizando a transferência de todos os pecados do povo para a vítima inocente, que morria no lugar deles. Expição significa que é pago um preço e que sangue é derramado, pois uma vida deve ser dada em troca de outra (Lv 17:11). John Stott expressou-se magnificamente quando disse: "Portanto, rejeitamos energeticamente toda explicação acerca da morte de Cristo que não tem em seu cerne a 'satisfação por intermédio da substituição'; de fato, a satisfação própria divina por intermédio da substituição própria divina".²

A palavra "sangue" aparece nove vezes neste capítulo e outras onze no capítulo 17. Se há uma coisa que o Dia da Expição ensina sobre a salvação é que não pode haver

salvação do pecado sem derramamento de sangue. Aqueles que rejeitam essa idéia e afirmam que querem apenas a “religião amorosa de Jesus” devem ouvir o próprio Cristo dizendo: “porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para a remissão de pecados” (Mt 26:28). “O Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:28).

Os sacrifícios oferecidos no Dia da Expição proporcionavam uma tríplice purificação: para o sumo sacerdote e sua família (Lv 16:6, 17), para o povo de Israel (v. 17) e para o tabernáculo (vv. 16, 20, 33). Para nós, parece estranho que o santuário sagrado tivesse sido profanado e que precisasse ser purificado, mas era o que acontecia. Os pecados do povo não contaminavam apenas a eles próprios, mas também profanavam o tabernáculo de Deus. Os sacrifícios feitos na Terra purificavam o santuário terreno, mas o sacrifício de nosso Senhor purificou as “coisas celestiais” (Hb 9:23) com o sangue de um sacrifício mais elevado.

3. UM POVO AFLITO (Lv 16:29, 31)

Em qualquer dia da semana em que caísse, o Dia anual da Expição era considerado sabbado, e o povo não podia realizar nenhum tipo de trabalho. Deus ordenou ao povo: “afligireis a vossa alma”, sendo que a palavra hebraica para “afligir” significa “humilhar, oprimir”. O termo é usado para descrever a dor que os egípcios infligiram sobre os israelitas (Êx 1:11, 12) e que José sofreu na prisão (Sl 105:18). A “aflição” do Dia da Expição normalmente é interpretada como jejum e confissão dos pecados.

Naquele dia, Deus chamava seu povo para defrontar o pecado; a Igreja de hoje precisa ouvir esse chamado. “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4:8-10).

“O arrependimento é quase um gesto perdido em nossas preações e experiências”,

disse Vance Havner, “e sua ausência está enchendo nossas igrejas de pecadores batizados que jamais sentiram culpa pelo pecado nem a necessidade de um Salvador[...]. Estamos tentando levar os jovens a dizer: ‘Eis-me aqui’ antes de terem dito: ‘Ai de mim!’”.

O fato de não se poder realizar qualquer trabalho naquele dia nos lembra de que somos salvos somente pela graça de Deus por meio da fé, não em função de nosso caráter ou de boas obras (Ef 2:8, 9). O perdão que o povo recebia naquele dia era uma dádiva de Deus.

4. UM PROCEDIMENTO ORDENADO (Lv 16:3-28)

Não bastava o sumo sacerdote servir no dia certo, com o propósito certo e o povo ter a atitude certa. Também era importante que o sumo sacerdote seguisse os procedimentos certos que Deus havia lhe dado. O Dia da Expição não era uma ocasião para inovações, pois havia implicações demais.

O sumo sacerdote se preparava (vv. 3-5).

Antes de tudo, o sumo sacerdote precisava certificar-se de que os devidos sacrifícios estavam disponíveis: um novilho e um carneiro para si mesmo e para sua família e dois bodes e um carneiro para o povo. Esses animais tinham de ser examinados, a fim de garantir que não tivessem defeito algum.

Então, o sumo sacerdote tirava suas vestes magníficas, lavava-se na bacia e colocava a túnica simples de linho usada pelos outros sacerdotes. Deixava suas vestes especiais no lugar santo, para onde voltaria mais tarde para colocá-las novamente. O ato de despir-se de suas vestes magníficas era um gesto de *humilhação*, e a lavagem na bacia era um ato de *santificação*. Ele estava se separando para servir ao Senhor e a seu povo naquele dia especial.

De forma muito maior, nosso Senhor Jesus Cristo fez tudo isso por nós. “A favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade” (Jo 17:19). Ele não precisou ser purificado do pecado, pois jamais pecou. Mas, ainda assim, separou-se para nos servir. Despiu-se da sua glória e entrou neste mundo

como um bebê pobre. Como Servo Sofredor de Deus, humilhou-se a si mesmo e morreu na cruz (2 Co 8:9; Fp 2:5-11). Uma vez que sua obra havia sido completada, voltou para o céu e “vestiu-se” novamente com a glória que lhe é de direito (Jo 17:1, 5).

O sumo sacerdote oferecia seu próprio sacrifício pelos pecados (vv. 6, 11-14). Uma vez devidamente lavado e vestido, o sumo sacerdote ia até o altar, no qual sacrificava o novilho como um sacrifício pelos pecados dele e de sua família, o que provavelmente incluía todos os sacerdotes (Lv 6:11). Tomando um pouco do sangue do novilho, um incensório cheio de brasas do altar e uma porção do incenso especial, entrava no Santo dos Santos. Colocava o incenso sobre as brasas de modo que a nuvem de incenso cobrisse o propiciatório da arca (Lv 16:13). Depois, aspergia um pouco do sangue sobre o propiciatório e outro tanto sete vezes *dian-*te do propiciatório (Lv 16:14).

Uma vez que a nuvem de incenso simbolizava a glória de Deus, o sumo sacerdote colocava a glória de Deus em primeiro lugar. Isso nos traz à memória o primeiro pedido de Cristo em sua oração sacerdotal: “Glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (Jo 17:1). Precisamos nos lembrar de que o objetivo final do grande plano de salvação de Deus (Ef 1:6, 12, 14) não é o bem das pessoas, mas a glória de Deus. O sumo sacerdote precisava de um sacrifício, pois era pecador, mas Jesus não precisou de um sacrifício para si, pois jamais pecou (Hb 7:23-28).

O sumo sacerdote oferecia o sacrifício pelos pecados do povo (vv. 7-10, 15-22). Os dois bodes juntos constituíam um sacrifício pelos pecados (“dois bodes, para a oferta pelo pecado”, v. 5), mesmo que apenas um deles fosse imolado. O sumo sacerdote lançava sortes sobre os bodes, e um deles era escolhido para morrer. Ele matava o bode e levava um pouco do sangue do animal para o Santo dos Santos, onde o aspergia sobre o propiciatório, e diante do propiciatório sete vezes, exatamente como havia feito com o sangue do novilho. Contudo, o sangue do bode também era aspergido no Lugar Santo

e aplicado nos chifres do altar de bronze, juntamente com sangue do novilho. Assim, ele purificava o tabernáculo e o altar “das impurezas dos filhos de Israel” (Lv 16:19).

Então, o sumo sacerdote colocava as duas mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessava “todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados” (Lv 16:21). Esse bode era levado para fora do acampamento e solto no deserto para nunca mais ser visto.

Esse bode é chamado de “bode emissário [expiatório]” (vv. 8, 10, 26).³ O termo hebraico usado para ele é *azazel*, um substantivo composto de duas palavras hebraicas que significam “bode” e “ir embora”. Alguns estudiosos da língua hebraica associam esse termo à palavra árabe que significa “remover, banir”. Qualquer que seja a origem da palavra, o significado é claro: a soltura do bode simboliza os pecados do povo sendo levados embora para nunca mais serem imputados. “Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões” (Sl 103:12). “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1:29).

Lembre-se de que os dois bodes eram considerados *um só* sacrifício pelos pecados (Lv 16:5). Um bode morria, pois era preciso haver sacrifício de sangue antes de ser concedido o perdão. O outro bode vivia, mas se “perdia” no deserto, tendo “levado embora” os pecados do povo. Pelo fato de o bode vivo ser parte da oferta pelos pecados, o homem que levava o bode para fora do acampamento deveria lavar a si mesmo e suas vestes antes de voltar para o acampamento (Lv 16:26).

O sumo sacerdote lavava-se e colocava suas vestes oficiais (vv. 23, 24). Uma vez que tinha certeza de que o bode expiatório estava perdido no deserto, o sumo sacerdote entrava no lugar santo do tabernáculo, tirava a túnica de linho, banhava-se e colocava suas vestes oficiais. Isso nos lembra da volta de nosso Senhor ao céu, onde recebeu a glória da qual havia se despedido quando esteve aqui na Terra.

O sumo sacerdote oferecia o holocausto (vv. 3, 5, 24). Ele oferecia um carneiro para si

e outro para o povo, cada um deles um símbolo de consagração total ao Senhor. Ao mesmo tempo, queimava a gordura do sacrifício pelos pecados (ver Lv 4:8-10). “Contigo, porém, está o perdão, para que te temam” (Sl 130:4). O perdão, e o temor do Senhor andam juntos, pois o privilégio do perdão traz consigo a obrigação do compromisso e da obediência. Jesus ofereceu-se a si mesmo em total obediência ao Pai, e não podemos fazer menos do que seguir seu exemplo.

Uma vez que os holocaustos haviam sido apresentados e a gordura do sacrifício pelos pecados havia sido queimada, o sumo sacerdote supervisionava o transporte das ofertas pelos pecados para fora do acampamento, a fim de serem queimados (Lv 4:1-12; ver Êx 29:13, 14). O homem que realizava essa tarefa deveria se lavar antes de poder voltar para o acampamento.

5. UM RETRATO APROPRIADO (Zc 12:10 – 13:1)

Muitos vêem no Dia anual da Expição um retrato da futura purificação de Israel, quando seu Messias se manifestar para livrá-los, purificá-los e estabelecê-los em seu reino.

O sétimo mês começa com o soar das trombetas, e há um futuro “toque da trombeta” para Israel chamando o povo a reunir-se. “Naquele dia, em que o SENHOR debulhará o seu cereal desde o Eufrates até ao ribeiro do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um. Naquele dia, se tocará uma grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que forem desterrados para a terra do Egito tornarão a vir e adorarão ao SENHOR no monte santo em Jerusalém”

(Is 27:12, 13). Jesus também fez referência a essa futura reunião dos judeus (Mt 24:29-31).

Assim como o Dia da Expição era um dia de “aflição” pessoal para os israelitas, também se lamentarão quando virem seu Messias (Zc 12:10-14). Deus lhes dará “espírito de graça e súplicas” (Zc 12:10), e eles se arrependerão de seus pecados e crerão nele. “Olharão para aquele a quem traspas-saram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito” (Zc 12:10).

O arrependimento de Israel e a sua fé conduzirão à purificação. “Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza” (Zc 13:1). O Messias dos judeus, que morreu por eles, será a oferta pelo pecado e o holocausto deles e dará um recomeço aos perdoados, ao povo amado do Senhor. Aquilo que o Senhor disse sobre o remanescente judeu que voltaria da Babilônia também valerá para a nação toda naquele grande dia: “Buscar-se-á a iniquidade de Israel, e já não haverá; os pecados de Judá, mas não se acharão; porque perdoarei aos remanescentes que eu deixar” (Jr 50:20).

O Dia da Expição anual era seguido da Festa dos Tabernáculos, a época de celebração mais alegre em Israel, e o futuro “Dia da Expição” de Israel será seguido da fundação do reino que Deus prometeu a seu povo (Is 11 – 12; 32; 35). A criação será libertada da escravidão do pecado (Rm 8:18-22); Jesus governará como Rei e “[flo-rescerá] em seus dias o justo, e [haverá] abundância de paz até que cesse de haver lua” (Sl 72:7).

1. Israel começava seu ano *religioso* com a Páscoa (Êx 12:1, 2) e seu ano *civil* com a Festa das Trombetas (Lv 23:23-25). Diferentemente de nosso Ano Novo moderno, para os judeus, o *Rosh Hashanah* é um dia de confissão, jejum, adoração e oração. Fariamos bem em seguir o exemplo deles em vez do exemplo do mundo.
2. STOTT, John R. W. *The Cross of Christ*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986, p. 159.
3. Hoje em dia, o “bode expiatório” é o indivíduo que leva a culpa por algo que não fez ou que está disposto a assumir a culpa a fim de poupar outra pessoa.

A SANTIDADE É UMA COISA PRÁTICA

LEVÍTICO 17 - 20

Em seu famoso discurso de formatura na Universidade de Harvard, em 7 de junho de 1978, o escritor e crítico social russo Alexander Solzhenitsyn disse: "Passei toda minha vida sob um regime comunista, e digolhes que uma sociedade sem parâmetros legais objetivos é, de fato, uma sociedade terrível. No entanto, uma sociedade que não tem outros parâmetros além dos legais também não é exatamente digna do ser humano".

Com todo o respeito pelos legisladores, juizes e policiaes que trabalham tão arduamente, concordo com Solzhenitsyn; é preciso mais do que boas leis para instilar o bem nas pessoas e na sociedade. Em nosso mundo de hoje, nem tudo o que é legal é moral ou bíblico. Algumas atividades humanas sancionadas pelos tribunais e defendidas pela sociedade um dia serão julgadas por Deus como pecados abomináveis.

Levítico 17 - 20 constituía um código legal para o povo de Israel, tratando de diversas áreas de sua vida pública e particular. A ênfase não é apenas sobre a justiça ou a retidão civil, por mais importantes que sejam essas duas coisas, mas também sobre a *santidade*. Afinal, Israel era o povo *de Deus* e a lei era a lei *de Deus*. O Senhor lhes disse: "Portanto, santificai-vos e sede santos, pois eu sou o SENHOR, vosso Deus. Guardai os meus estatutos e cumprí-os. Eu sou o SENHOR, que vos santifico" (Lv 20:7, 8).

A motivação para a obediência de Israel precisava ser maior do que o medo do castigo. Era preciso que o povo tivesse *em seu coração* um desejo de agradar a Deus e uma determinação de ser um povo santo que traria glória para o nome dele (Êx 19:3-6).

Obediência à lei e santidade de caráter não são, necessariamente, a mesma coisa.

Encontramos a declaração: "Eu sou o SENHOR" vinte e quatro vezes nestes quatro capítulos. Deus estava dando a seu povo as leis divinas que expressavam sua vontade santa, leis que ele esperava que Israel respeitasse e obedecesse. Apesar de a obediência à lei não ser o caminho de Deus para a salvação (Rm 3:19-20; Gl 3:21-29), um amor pela santidade e um desejo de obedecer e de agradecer a Deus certamente são evidências de que somos filhos de Deus (1 Jo 3:1ss).¹

Estes capítulos tratam de quatro áreas específicas da vida que devem ser respeitadas e mantidas santas: a santidade do sangue, ou da vida (Lv 17); a santidade do sexo (Lv 18); a santidade da lei (Lv 19) e a santidade do julgamento (Lv 20).

1. A SANTIDADE DO SANGUE (Lv 17:1-16)

A palavra "sangue" é usada 370 vezes na Bíblia, sendo que 283 delas aparecem no Antigo Testamento.² Em Levítico 17, encontramos a palavra "sangue" onze vezes; também vemos nesse capítulo o texto-chave da teologia bíblica para o significado do sangue na salvação: "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Lv 17:11).

Muito antes de a ciência médica entender a circulação do sangue no corpo e sua importância para a vida, as Escrituras já nos diziam que o sangue era a vida. Quando um sacrifício era oferecido e seu sangue era derramado, significava uma vida sendo entregue no lugar de outra. A vítima inocente morria no lugar do pecador culpado. Ao longo das Escrituras, é o sangue que faz a expiação. Qualquer teologia que ignore ou que subestime o sangue não é fundamentada na Palavra de Deus.

A oferta de manjares (vv. 1-7). Os judeus não comiam muita carne, pois era caro demais abater seus animais. A lei declarada nessa passagem proibia o povo de matar seus animais para alimento em qualquer local dentro ou fora do acampamento. Qualquer

animal a ser usado como alimento devia ser levado para o altar e apresentado como oferta pacífica ao Senhor.

Essa lei cumpria vários propósitos. Em primeiro lugar, evitava que o povo oferecesse sacrifícios a ídolos secretamente nos campos. Se fossem descobertos e interrogados, podiam dizer que estavam apenas preparando o animal para um banquete. No entanto, se esse fosse o caso, deveriam ter levado o animal para o altar do tabernáculo. O sangue do animal deveria ser oferecido somente ao Senhor e somente em seu altar.

Em segundo lugar, por essa lei, o Senhor dignificava refeições comuns, fazendo delas uma experiência sagrada. O animal abatido não era apenas um pedaço de carne, era um sacrifício apresentado ao Senhor. De acordo com o versículo 4, o abate de um animal em qualquer lugar que não fosse o altar era o mesmo que assassinar o animal, e Deus quer que tratemos sua criação com o maior respeito. Quando à mesa agradecemos a Deus o alimento, não estamos apenas reconhecendo sua bondade, mas também santificamos a refeição e fazemos de sua ingestão uma experiência espiritual.

Em terceiro lugar, ao levar o animal para o altar, o ofertante providenciava para que o Senhor (Lv 3:1-17) e o sacerdote (Lv 7:11-18) recebessem a parte que lhes era devida. Sem dúvida, o ofertante não ficava com tanta carne para si e sua família, mas o princípio por trás de Mateus 6:33 o compensaria de outras formas. A refeição em comunhão na casa de Deus glorificaria ao Senhor e satisfaria as necessidades do ofertante e daqueles que comessem com ele.

A oferta dos sacrifícios (vv. 8, 9). Vemos aqui uma aplicação expandida da primeira lei. Mesmo que a pessoa estivesse oferecendo um sacrifício legítimo a Deus, deveria levá-lo até o altar, no qual o sangue seria derramado. Ninguém do povo de Israel tinha permissão de oferecer um sacrifício nos campos ou em sua tenda. Havia um tabernáculo, um altar e um sacerdócio ordenado, e o povo devia respeitar as ordens de Deus.

Essas leis foram ligeiramente modificadas quando a nação entrou na terra de Canaã

(Dt 12:1-16). No acampamento de Israel, ninguém vivia muito longe do tabernáculo. Assim, levar um animal para o sacrifício pacífico não era problema. Na terra de Canaã, porém, a distância criaria certas dificuldades. Assim, o Senhor permitiu que o povo abatesse animais para alimento em casa sem precisar levá-los para o altar (Dt 12:15, 16). No entanto, todos os *sacrifícios* deveriam ser feitos no altar, e ninguém tinha permissão de ingerir sangue.

A ingestão de sangue (vv. 10-14). Pelo fato de o sangue ser a vida da criatura e o meio ordenado por Deus para a expiação, o sangue não devia ser tratado como um alimento qualquer. Essa proibição já vinha do tempo de Noé (Gn 9:1-4) e foi repetida com freqüência na lei (Lv 3:17; 7:26, 27; Dt 12:16, 23-25; 15:23). A Igreja primitiva incluiu essa prescrição em suas instruções para os convertidos gentios (At 15:23-29). Em muitas religiões pagãs, era comum a prática de usar sangue como alimento, o que explica por que Deus advertiu até os que não eram israelitas no acampamento para que não transgredissem essa lei. Como era fácil para um israelita seguir o exemplo de seu vizinho pagão e, assim, trazer sobre si a ira de Deus!

Antes de preparar sua refeição, um israelita que estivesse caçando deveria ter o cuidado de deixar escorrer todo o sangue do animal ou ave que tivesse pego. Em seguida, o sangue seria coberto com terra, dando-lhe, por assim dizer, um sepultamento decente. Hoje em dia, os judeus ortodoxos têm o cuidado de comprar somente carnes *kosher*, das quais o sangue foi escorrido da maneira prescrita.

O consumo de animais encontrados mortos (vv. 15, 16). Uma vez que a carne era escassa e cara, a perspectiva de encontrar um animal morto no campo poderia parecer um acontecimento favorável. No entanto, a carcaça era, obviamente, imunda, pois o sangue não havia sido escoado dela e estava exposta a vermes. Nenhum israelita iria querer correr o risco de tornar-se imundo ao comer dessa carne. Se o fizesse, teria de ficar fora do acampamento até o pôr-do-sol e, então, lavar a si mesmo e suas roupas.

Os cristão, hoje em dia, precisam dar o devido valor ao precioso sangue de Cristo (1 Pe 1:19). Dentre outras coisas, por intermédio de seu sangue é que somos justificados (Rm 5:9), redimidos (Ef 1:7), lavados (Ap 1:5), santificados (Hb 13:12), trazidos para perto do Senhor (Ef 2:13) e purificados (1 Jo 1:7). A Igreja foi comprada pelo sangue de Cristo (At 20:28).

2. A SANTIDADE DO SEXO (Lv 18:1-30)

Vivemos numa sociedade saturada de sexo, que não leva a sério a monogamia, que incentiva o aborto como forma de controle de natalidade, que promove e apóia a distorção do sexo como forma de entretenimento, que afirma que os absolutos morais não existem e que acredita que as pessoas podem transgredir os padrões morais e escapar das conseqüências. Fulton J. Sheen estava certo quando disse: “Os vitorianos faziam de conta que o sexo não existia; os modernos fazem de conta que nada mais existe”.

Autoridade (vv. 1-5). Há vários motivos para o Senhor ter dado instruções claras sobre a higiene sexual do indivíduo, a moralidade sexual e o casamento. Em primeiro lugar, somos criados à imagem de Deus, e o Criador sabe o que é melhor para sua criação. Deus certamente deseja que os casais desfrutem, dentro do casamento, da maravilhosa dádiva do sexo, mas também deseja que evitem as terríveis conseqüências decorrentes da transgressão às leis do Senhor.

O Senhor escolheu Israel para ser um meio pelo qual o Filho de Deus viria ao mundo, e era importante que esse meio fosse santificado. A desintegração do casamento na sociedade de Israel e a adoção de práticas pagãs poderiam ameaçar o plano de Deus para sua redenção. Essa parece ser a ênfase de Malaquias 2:15. O Senhor “buscava a descendência que prometera”, a qual só poderia proceder de casamentos piedosos.

Um casamento cristão deve ser um testemunho para o mundo do amor que Cristo tem por sua Igreja (Ef 5:25-33), mas se esse casamento não é puro e fiel, acaba com seu testemunho. Se maridos e esposas não são capazes de se amar como Cristo amou a

Igreja, então por que convidar seus amigos descrentes para aceitar a Jesus Cristo e compartilhar de seu amor?

Nesta passagem, Deus diz três vezes: “Eu sou o SENHOR” (Lv 18:2, 4, 5). Essa oração é usada quarenta e uma vezes em Levítico 18 a 26. Essa é toda a autoridade de que precisamos para os padrões em que acreditamos! O Senhor advertiu Israel a não olhar para trás e a não imitar os pecados do Egito e, também, a não olhar em volta e não imitar os pecados das nações gentias (Lv 18:3). Quando os israelitas entrassem em Canaã, descobririam que o povo de lá era terrivelmente imoral. Israel teria de manter uma atitude de separação, a fim de ser agradável ao Senhor. A Igreja de hoje deve manter a mesma postura (2 Co 6:14 - 7:1; Ef 5:1-14; Cl 3:1-7).

A obediência aos mandamentos de Deus traz vida (Lv 18:5). Aliás, outros escritores da Bíblia citaram esse versículo em várias ocasiões (ver Ne 9:29; Lc 10:28; Rm 10:5; Gl 3:12). Se as pessoas conseguissem obedecer *perfeitamente* à lei de Deus, seriam salvas por sua obediência, mas é claro que ninguém seria capaz de fazer isso. Portanto, a salvação é inteiramente pela fé, totalmente separada das obras da lei (Rm 3:19-31). Contudo, quando somos salvos, nossa obediência à vontade de Deus, conforme se encontra revelada na Palavra de Deus, é a base para a comunhão com o Senhor e para desfrutarmos a vida abundante que ele deseja que tenhamos.

Padrões (vv. 6-23). Uma vez que foi Deus quem criou o sexo e que instituiu o casamento, ele tem todo o direito de determinar prescrições para controlá-los, e nossa obediência ajudará a proteger essas bênçãos maravilhosas da contaminação do mundo. A atitude de liberalismo do mundo humanista que diz “vale tudo” não se aplica ao cristão.

Quando se trata de padrões morais, tornamo-nos antiquados, somos perseguidos, mas não recuamos.

A expressão repetida “descobrir a nudez” significa, simplesmente, “ter relações sexuais com”. Essas leis valiam não apenas para o casamento, mas também para outros contatos considerados imorais. As proibições são

relacionadas neste capítulo; as penalidades aparecem no capítulo 20.

Levítico 18:7-18 trata dos relacionamentos incestuosos. Essas prescrições baseiam-se no fato de que, no casamento, o homem e a mulher são uma só carne (Gn 2:21-25; 1 Co 6:16; Ef 5:31). Uma pessoa que tivesse relações com a madrasta, por exemplo, estaria “descobrimdo a nudez” de seu pai, pois o pai e a madrasta eram um só (Lv 18:8; ver 1 Co 5:1ss). A maioria das sociedades modernas proíbe casamentos consanguíneos, não pelo que a Bíblia diz, mas pelas conseqüências dessas uniões. A tendência é que os filhos desses casamentos herdem genes recessivos perigosos, fazendo aparecer o que há de pior na árvore genealógica e não o que há de melhor.

Levítico 18:16 não proibia aquilo que é conhecido como “casamento de levirato” (“Levir” é o termo em latim para “irmão do marido”). Esse tipo de união ocorria quando o irmão do marido falecido casava-se com a viúva, a fim de gerar filhos que dessem continuidade ao nome da família e proteger a herança familiar (ver Dt 25:5-10). A lei declarada em Levítico 18:16 proibia apenas as relações ilícitas entre cunhados e cunhadas.

O sétimo mandamento – “Não adulterará” (Êx 20:14) – é declarado explicitamente em Levítico 18:20 (ver Dt 5:18). Um homem poderia argumentar: “Posso desfrutar da esposa de meu próximo, pois ela não é uma parenta e, portanto, não é ilegal”. Mas Deus disse que era errado e ponto final. A Bíblia apresenta, repetidamente, advertências severas contra o adultério (ver Pv 2:16-19; 7:5-22; Mt 5:28; Rm 13:9; Gl 5:19; Tg 2:11).

Trataremos da advertência sobre Moloque (Lv 18:21) quando estudarmos Levítico 20:1-5.

O auge desta seção é o conjunto de proibições contra a homossexualidade (Lv 18:22) e a bestialidade (v. 23; ver Êx 22:19 e Dt 27:21), acrescidas das advertências de que esses pecados contaminam e são abomináveis e uma perversão. O melhor comentário sobre isso na Bíblia encontra-se em Romanos 1:24-32 (ver também Gn 18:16 – 19:38; Jz 19; Dt 23:17, 18).

O fato de ser possível que pessoas que cometeram quaisquer desses pecados sejam perdoadas e se tornem filhos de Deus fica claro em Mateus 12:31 e 1 Coríntios 6:9-11; o fato de que Deus espera que se arrependam e que deixem seu antigo estilo de vida fica evidente em 2 Coríntios 5:21; Efésios 5:1-10 e Colossenses 3:1-7.

Conseqüências (vv. 24-30). A imagem apresentada nesses versículos não tem nada de belo. As perversões sexuais são como micróbios de uma doença; fazem a sociedade e a nação adoecerem. Então, a própria terra adocece e deve vomitar seu povo imundo, como o corpo humano vomita algo que lhe é tóxico. Como é triste que pessoas feitas à imagem de Deus acabem virando vômito! Observe que se trata, aqui, de nações gentias que foram julgadas, pessoas com as quais Deus não fez aliança alguma, mas de quem, ainda assim, exigiu que prestassem contas de seus atos imundos e antinaturais (Rm 1:18ss).

Se Deus tratou dessa forma com nações gentias às quais não havia dado suas leis, quanto mais não exigirá que prestem contas aqueles que possuem sua Palavra? Os pecados sexuais têm conseqüências graves, e o juízo é maior onde a luz brilhou com mais intensidade. Infelizmente, a nação de Israel desobedeceu a Deus, contaminou a terra e foi vomitada para o cativeiro. Hoje em dia, existem organizações religiosas e seculares que defendem abertamente um estilo de vida contrário à Palavra de Deus. Aos olhos de Deus, estão fazendo a sociedade adoecer.

3. A SANTIDADE DA LEI (Lv 19:1-37)

No capítulo 19, os dez mandamentos são aplicados a diversas áreas da vida, enquanto no capítulo 20, são declaradas as penalidades que deviam ser impostas àqueles que desobedecessem aos mandamentos de Deus. Deus esperava que o povo levasse sua lei a sério e que aplicasse as penalidades obedientemente e sem favoritismo.

Os preceitos apresentados no capítulo 19 não se encontram organizados numa ordem discernível, mas o que une todos eles é sua relação com os dez mandamentos

(Êx 20:1-17), a base para toda a lei do povo de Israel e que deve ser o alicerce de todas as leis morais. Talvez a maneira mais fácil de classificar essas leis seja considerá-las de acordo com sua relação com Deus, com outras pessoas e com as coisas.³

Preceitos relacionados a Deus. Uma vez que o Senhor é um Deus santo, devemos ser um povo santo (Lv 19:1, 2). Observamos que a oração: "Eu sou o SENHOR, teu Deus" é repetida mais de quarenta vezes em Levítico 18 - 26 para nos lembrar que pertencemos a ele. O Senhor nos adverte: "Temerás o teu Deus. Eu SOU o SENHOR" (Lv 19:32). Atente para o fato de que Deus chama essas leis de "meus estatutos" e de "meus juízos" (v. 37). Os sábados são "meus sábados" (vv. 3, 30) e o tabernáculo é "meu santuário" (v. 30). A lei coloca os pecadores na presença de um Deus soberano, que tem todo o direito de nos dizer o que é certo e o que é errado.

Guardar o sábado (vv. 3, 30) os lembra do quarto mandamento (Êx 20:8-11) e do fato de que o sábado era um "sinal" especial entre Deus e Israel (Êx 31:13-17; Ne 9:13, 14). Quando estudarmos Levítico 23, veremos que a vida dos israelitas baseava-se num sistema associado ao número sete, a começar pelo sétimo dia.⁴ A transgressão do sábado era um crime capital (Nm 15:32-36).

A lei contra a *idolatria* (Lv 19:4) concentrava-se tanto no primeiro quanto no segundo mandamentos (Êx 20:2-6) e levava à pena de morte (Lv 20:1-5). Poderíamos incluir, aqui, a proibição contra a tolerância e a prática do *ocultismo* (vv. 26, 31), uma forma de idolatria que as Escrituras condenam claramente (Dt 13:1-5; 18:9-22).

Levítico 19:5-8 enfatiza a importância de seguir as instruções de Deus para a adoração. O Senhor lhes disse como deveriam apresentar os sacrifícios pacíficos (Lv 3:1-17; 7:11-21) e esperava que obedecessem. Também podemos incluir Levítico 19:27, 28, que consiste em proibições contra a *imitação das práticas de incrédulos*. Os cristãos de hoje podem considerar modas e estilos algo neutro, mas nem sempre é o caso. Ao mesmo tempo que os cristãos não devem parecer

que "são de outro planeta", certamente não devem imitar este mundo. "Não vos conformeis com este século" (Rm 12:2).

O nome do Senhor (v. 12) é sagrado e não deve ser usado de maneira blasfema ou num juramento que a pessoa não tem intenção de cumprir. Esse é o teor do terceiro mandamento (Êx 20:7). Se tememos ao Senhor, respeitaremos seu nome e oraremos com sinceridade: "Santificado seja o teu nome" (Mt 6:9).

Preceitos relacionados a outras pessoas. Começam com o *respeito pelos próprios pais* (Lv 19:3), numa referência ao quinto mandamento (Êx 20:12; Mt 15:3-6; Ef 6:1-4). Relacionado a isso, encontra-se o *respeito pelos idosos* (Lv 19:32), pois Deus se preocupa com as pessoas de idade (Is 46:4; 1 Tm 5:1, 2, 4, 8; 1 Pe 5:5), e devemos fazer o mesmo. Deus também se preocupa com os *deficientes físicos* (Lv 19:14). Jesus curou cegos e surdos e, apesar de não podermos fazer isso, podemos protegê-los e dar as condições para que tenham uma vida melhor. Deus também se preocupa com o *estrangeiro em nosso meio* (vv. 33, 34) e lembrou os israelitas, com frequência, de que haviam sido estrangeiros na terra do Egito (Êx 22:21; 23:9; Lv 25:23; Dt 10:19). Essa admoestação torna-se ainda mais significativa quando pensamos nos milhares de imigrantes que vivem em nosso país e que constituem um campo missionário bem diante de nossos olhos.

A preocupação de Deus com os *pobres e necessitados* é vista nas "leis da sega" (Lv 19:9-10; ver 23:22; Dt 23:24, 25; 24:19-22; Rt 2). Também pode ser observada nas prescrições sobre a "paga" ou salário (Lv 19:13). Tendo em vista que os trabalhadores eram pagos diariamente, qualquer atraso implicava sérias dificuldades para eles (Dt 24:14, 15; Tg 5:4), sendo que os empregadores não deviam, de modo algum, aproveitar-se de seus empregados. *Ricos e pobres* são iguais diante de Deus e da lei, e a justiça não deve ser parcial (Lv 19:15; ver Êx 23:3), pois Deus ouve o clamor do pobre quando é oprimido (Sl 82:3, 4). A nação devia cuidar para ter *pesos e medidas justos*, a fim de que comerciantes inescrupulosos não roubassem

peças inocentes (Lv 19:35, 36; ver Pv 11:1; 16:11; 20:10, 23; Am 8:5; Mq 6:10, 11).

O oitavo mandamento diz: “Não furta-rás” (Êx 20:15); o nono mandamento adver-te contra a mentira (Êx 20:16), e ambos são incluídos em Levítico 19:11. O respeito pela verdade e pela *propriedade* é o alicerce de uma sociedade justa e ordeira. O *mentiroso* e o *mexeriqueiro* (v. 16) são uma ameaça à segurança pública e à paz, especialmente se cometem perjúrio ao testemunhar num tribunal.

Os versículos 20-22 e 29 exigem a *moralidade sexual*. A expressão usada é: “se-rão açoitados”, mas o original também pode significar: “deve ser dado o devido casti-go”, o que pode indicar que o transgressor devia pagar uma quantia em dinheiro ao homem a quem a mulher pertencia ou com o qual era desposada. É difícil entender o que faria um pai israelita querer que sua filha se tornasse prostituta num templo pa-gão (Lv 19:29; Dt 23:17). Essas duas leis referem-se ao sétimo mandamento: “Não adulterarás” (Êx 20:14).

Ter um bom relacionamento com as pes-soas, especialmente aquelas a nosso redor, não é uma questão de obedecer às leis, mas de ter amor no coração (Lv 19:18). “O cum-primento da lei é o amor” (Rm 13:10). O novo mandamento para amar uns aos ou-tros nos ajuda a lidar com os relacionamen-tos interpessoais e a tratar as pessoas da forma como Deus nos trata (Jo 13:34, 35).

Preceitos relacionados às coisas. A pres-crição incomum em Levítico 19:19 parece proibir que imitassem as práticas relaciona-das aos cultos de adoração pagãos ou, ain-da, pode ser simplesmente uma lembrança de que Israel é um povo separado. R. Laird Harris, estudioso de hebraico, traduz a pri-meira oração por: “Não faça com que seus animais caiam por causa de um jugo desi-gual”, o que forma um paralelo com Deu-teronômio 22:10. Seria cruel atrelar a uma carga pesada dois animais de estatura e de força diferentes.

O fato de Deus preocupar-se com a eco-logia pode ser visto em Levítico 19:23-25 (ver também Dt 20:19, 20). A referência ao

fruto “vedado” indica que, no terceiro ano, ainda não teriam permissão de consumi-lo. No quarto ano, o fruto já estaria mais madu-ro, uma vez que seria a terceira colheita de- pois da sementeira e pertenceria a Deus. As primícias devem ser sempre consagradas ao Senhor (Pv 3:9, 10).

4. A SANTIDADE DO JULGAMENTO (Lv 20:1-27)

Este capítulo apresenta as penalidades a se-rem impostas sobre aqueles que transgre-dissem a lei de Deus. O mesmo Senhor que declarou os preceitos também declarou as penalidades.

Havia quinze ofensas em Israel conside-radas crimes capitais: ferir ou amaldiçoar os pais (Êx 21:15, 17); não guardar o sábado (31:14); blasfemar contra Deus (Lv 24:10-16); envolver-se em práticas de ocultismo (Êx 22:18); falsa profecia (Dt 13:1-5); adul-tério (Lv 20:10); estupro (Dt 22:25); falta de castidade antes do casamento (Dt 22:13ss); incesto (Lv 20:11, 12); homossexualismo (Lv 20:13); bestialidade (Lv 20:15, 16); raptó (Êx 21:16); idolatria (Lv 20:1-5); falso teste-munho em caso que envolvesse crime capi-tal (Dt 19:16-21); homicídio intencional (doloso) (Êx 21:12).

O povo de Israel era o povo da aliança de Deus. Portanto, a lei de Deus era a lei da terra. Com a possível exceção de algumas sociedades muçulmanas, não há um único crime, na lista acima, cuja condenação resul-taria em pena de morte, hoje em dia, na mai-oria das nações, inclusive o homicídio. No entanto, a perspectiva bíblica da lei é dife-rente do ponto de vista moderno. Deus deu sua lei para refrear o pecado e não para re-formar os pecadores; as penalidades impos-tas tinham o propósito de manter a lei do Senhor e não de regenerar os transgressores. Contudo, isso não significa que os cristãos de hoje em dia devam defender a pena de morte para todos esses crimes. Ao mesmo tempo que queremos ver leis justas sendo aplicadas com justiça, nossa principal incumbência é ganhar pessoas para Cristo, e nos-sas principais armas são a Palavra de Deus e a oração (At 6:4).

Os israelitas, normalmente, apedrejavam os condenados até a morte (Lv 20:2; Dt 13:10; 17:5; 22:21, 24), mas Levítico 20:14 e 21:9 mencionam que transgressores deviam ser queimados com fogo. Não temos certeza do que o termo “eliminado” (20:3, 5, 6, 17, 18) significa; em algumas passagens, parece equivaler a ser morto. Também pode significar expulsão do acampamento e perda de todos os privilégios da aliança. Deus infligiu alguns transgressores com a ausência de filhos (vv. 20, 21), enquanto, acerca dos filhos de outros, disse: “sobre si levarão a sua iniquidade” (v. 19).

Moloque (Lv 20:1-5) era o deus dos amonitas. Sua imagem de metal era aquecida até ficar incandescente e, então, crianças pequenas eram colocadas em seus braços, onde morriam queimadas (ver 2 Rs 23:10; 2 Cr 33:6; Jr 32:35). As pessoas que praticavam tais idolatrias eram de uma crueldade extrema, e sua presença no acampamento contaminava o santuário de Deus e seu santo nome. Os ídólatras não eram tolerados, pois influenciavam a outros e afastavam as pessoas da adoração ao Deus verdadeiro.

As ofensas mencionadas neste capítulo foram comentadas em nosso estudo de Levítico 18 - 19, especialmente aquelas

relacionadas ao pecado sexual. Observe que este capítulo encerra com outra lembrança de que os pecados do povo podem contaminar a terra (Lv 20:22-27). Essa advertência já antevia a época em que Israel entraria em Canaã e tomaria posse de sua herança. Como povo escolhido e separado, tinha a obrigação de distinguir entre o puro e o imundo e de não viver como os pagãos a seu redor.

Enquanto a lei pode ser uma luz que expõe o mal e um guarda que contém o mal, jamais pode transformar o coração humano. Somente o evangelho de Jesus Cristo é capaz disso. Deus instituiu autoridades para manter a paz e a ordem na sociedade (Rm 13); os cristãos devem obedecer à lei, fazer o bem e orar por aqueles em cargos públicos. A lei moral de Deus é a revelação de sua vontade santa para a humanidade, e indivíduos e nações não podem desprezar a lei de Deus e escapar do julgamento.

Mais de duzentos anos atrás, Thomas Jefferson, o patriota norte-americano, escreveu em sua obra *Notes on the State of Virginia* [Observações sobre o Estado da Virginia]: “Certamente estremeço por meu país quando reflito que Deus é justo”.

Palavras sensatas sobre as quais devemos refletir em nosso tempo.

1. Os cristãos não se encontram sob a lei de Moisés (Rm 6:14; 7:4; Gl 2:19), mas isso não significa que tenham a permissão de viver sem qualquer lei. Ao andarmos no poder do Espírito, cumpre-se em nós a justiça exigida pela lei (Rm 8:1-4). A velha natureza não conhece lei alguma, enquanto a nova natureza não precisa de lei alguma. A lei revela a santidade de Deus, a atrocidade do pecado e a enorme necessidade que temos da graça de Deus, a fim de sermos capazes de lhe agradecer.
2. Ver MORRIS, LEON. *The Apostolic Preaching of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 1955, cap. 3.
3. Uma vez que Deus é o autor da lei mosaica, toda desobediência é uma ofensa contra ele, mesmo que seja cometida contra pessoas ou coisas (Sl 51:4). No entanto, algumas ofensas estão mais diretamente relacionadas a nosso relacionamento com Deus, com os outros ou com as coisas. Essa classificação é apresentada simplesmente por uma questão de conveniência e não como uma definição teológica.
4. Há quem diga que o domingo é o “sábado dos cristãos”; no entanto, não existe qualquer base bíblica para esse termo. O sábado é o sétimo dia e refere-se ao descanso depois dos trabalhos. O domingo é o Dia do Senhor, o primeiro dia da semana, o dia da ressurreição, e refere-se ao descanso antes dos trabalhos. O sábado é parte da antiga criação, e o Dia do Senhor, da nova criação.

O PREÇO DA LIDERANÇA ESPIRITUAL

LEVÍTICO 21 – 22

S seja fabricar carros, fazer guerras, vender computadores ou construir igrejas, tudo depende de liderança. O povo de Deus é “um em Cristo Jesus” (Gl 3:28) e somos todos iguais diante de Deus. Contudo, somos diferentes uns dos outros em nossos dons, aptidões e chamados específicos.

Os líderes espirituais de Israel eram os sacerdotes. “Ele, sendo homem principal entre seu povo, não se contaminará” (Lv 21:4). Eram encarregados do santuário de Deus; ensinavam ao povo a Palavra de Deus; ofereciam os sacrifícios a Deus no altar e, quando necessário, determinavam a vontade de Deus para o povo. Sem o ministério dos sacerdotes, Israel não tinha como se aproximar do Senhor.

Os sacerdotes deviam preencher os requisitos definidos por Deus para o sacerdócio e servi-lo de acordo com suas orientações. Era necessário que recebessem a aprovação de Deus em sua conduta pessoal, características físicas e interesses profissionais. Há um preço a ser pago por aqueles que desejam ser líderes espirituais.

1. CONDUTA PESSOAL (Lv 21:1-15)

O privilégio da liderança traz consigo a responsabilidade de manter uma vida irrepreensível. Em sua dedicação e obediência ao Senhor, os sacerdotes deviam ser exemplos para o resto do povo.¹ Infelizmente, o sacerdócio de Israel entrou em declínio espiritual e levou o povo a afastar-se de Deus. “Alimentam-se do pecado do meu povo e da maldade dele têm desejo ardente. Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote; castigá-lo-ei pelo seu procedimento e lhe darei o pago das suas obras” (Os 4:8, 9).

Havia qualificações e requisitos não apenas para os sacerdotes, mas também para cada um dos membros da família do sacerdote. O importante para todos eles era permanecer cerimonialmente limpos diante do Senhor. O verbo *contaminar* é usado quatro vezes neste capítulo e o verbo *profanar* aparece seis vezes. Você poderá observar que, no final de cada parágrafo principal, nos capítulos 21 e 22, o Senhor diz: “Eu sou o SENHOR, que vos [o] santifico” (Lv 21:8, 15, 23; 22:9, 16, 32).

Os filhos do sumo sacerdote (vv. 1-8).

Havia somente um sumo sacerdote, mas uma vez que seus filhos serviam com ele, também eram ordenados e era exigido deles que tivessem certas qualificações determinadas pelo Senhor. Os outros israelitas do acampamento podiam planejar casamentos e funerais com grande liberdade, mas Deus disse aos sacerdotes como deviam expressar sua tristeza (vv. 1-6) e como escolher uma esposa (vv. 7, 8).

Nos tempos bíblicos, expressar a tristeza era uma forma de arte praticada por pessoas especialistas em prantear (Gn 50:7-11); 2 Cr 35:25; Mc 5:38). Apesar de Deus esperar que os sacerdotes demonstrassem tristeza quando um ente querido morria, também esperava que agissem como servos de Deus.² Qualquer um que tocasse o corpo de uma pessoa morta ou que, até mesmo, entrasse na tenda onde alguém havia morrido, ficava imundo por uma semana, e essa contaminação impediria que o sacerdote servisse o povo (Nm 19:11-14). Assim, os sacerdotes podiam contaminar-se apenas por seus pais, filhos, irmãos e irmãs solteiras, mas não por qualquer outra pessoa que falecesse. A obediência devia vir antes da afeição.

No entanto, o Senhor determinou até mesmo a *maneira* como deveriam expressar sua tristeza (Lv 21:4-6; ver 19:27, 28). Essas práticas proibidas eram os costumes dos povos pagãos ao redor de Israel, e o povo de Deus não deveria “[entristecer-se] como os demais, que não têm esperança” (1 Ts 4:13). Mesmo em nossa tristeza, devemos procurar glorificar a Deus.

Qualquer sacerdote que raspasse a cabeça e a barba e que cortasse o corpo (1 Rs 18:28) agia como pagão e, portanto, profanava o nome de Deus e contaminava o altar do Senhor. Um sacerdote que agisse como seus vizinhos pagãos incentivaria o povo israelita a desobedecer à lei de Deus e a seguir seu mau exemplo. Sem dúvida, era um privilégio para ele conhecer a Deus e servir no altar do Senhor. Desobedecer a Deus significaria envergonhar o nome do Senhor e profanar o altar de Deus e os sacrifícios.

Sempre que sou convidado a participar da ordenação de um pastor ou da comissão de um missionário, procuro incentivar o candidato a concentrar-se nos privilégios do ministério e não nos fardos e sacrifícios. Jesus Cristo não é um capataz cruel e "os seus mandamentos não são penosos" (1 Jo 5:3). Nenhum sacerdote deveria reclamar dessas restrições. Afinal, estava servindo ao Senhor e ao povo do Senhor, um privilégio que valia por qualquer sacrifício que precisasse fazer.

Quanto ao casamento, os sacerdotes eram proibidos de casar-se com prostitutas e com mulheres divorciadas. Nas religiões pagãs, havia prostitutas culturais nos templos que serviam junto com os sacerdotes, mas a prostituição era proibida em Israel (Lv 21:9; ver 19:29; Dt 23:17). Uma vez que os filhos de um sacerdote ocupariam um lugar especial no meio do povo, ele teria de ser cuidadoso em sua escolha, de modo a não se casar com uma mulher estrangeira. A única forma de garantir a pureza da linhagem sacerdotal era o sacerdote casar-se com uma virgem de seu povo.

Ao ler as qualificações para os pastores (presbíteros, bispos) e diáconos, em 1 Timóteo 3 e Tito 1, não podemos deixar de observar que a esposa e a família de um ministro da igreja são uma parte importante do ministério. Em mais de quarenta anos de ministério, deparei-me com vários obreiros cristãos obrigados a trabalhar sozinhos porque a esposa não tinha qualquer interesse em coisas espirituais. Todos os cristãos devem usar de prudência na escolha de um cônjuge (1 Co 7:39; 2 Co 6:14-18), mas aqueles que foram

chamados para servir a Cristo devem ser ainda mais atentos.

A filha do sacerdote (v. 9). Se a filha do sacerdote se tornasse uma prostituta e viesse em pecado, o sacerdote não deveria perder seu ministério, mas a filha deveria perder a vida. É provável que ela fosse apedrejada até a morte (Dt 22:21) e que, depois, seu corpo fosse humilhado ao ser queimado como lixo comum (Js 7:25; ver Lv 20:14). Na igreja de hoje, o presbítero deve ter "filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados" (Tt 1:6). Esse requisito pode parecer desnecessariamente rigoroso, mas "se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?" (1 Tm 3:5).

O sumo sacerdote (vv. 10-15). Uma vez que o sumo sacerdote era especialmente ungido e vestido com trajes sagrados (Lv 8:7-12; 16:4), tinha uma obrigação ainda maior de servir ao Senhor fielmente e de honrar o nome de Deus. Os sacerdotes comuns tinham permissão de se contaminar ao tocar o corpo de mortos de sua família mais próxima, mas ao sumo sacerdote nem isso era permitido. Também não tinha permissão de exprimir tristeza das formas costumeiras nem de ultrapassar os limites do tabernáculo para ir a um sepultamento (ver Lv 10:6, 7). As tendas de Arão e de seus filhos ficavam do lado leste do tabernáculo (Nm 3:38), e era esperado deles que estivessem sempre de serviço e que não se envolvessem com outras atividades do acampamento (ver 2 Tm 2:4).

Uma vez que o filho primogênito do sumo sacerdote se tornaria o próximo sumo sacerdote, era importante que não ocorresse o casamento misto com mulheres estrangeiras, de modo que o sumo sacerdote só poderia casar-se com uma virgem do seu povo (Lv 21:13, 14). Na maioria das vezes, os sacerdotes escolhiam suas esposas da tribo de Levi (Lc 1:5), e esse era o caso especialmente para o sumo sacerdote. Casar-se com uma mulher inadequada implicaria contaminar os descendentes e, conseqüentemente, todo o sacerdócio que o Senhor Deus havia santificado (Lv 21:8, 15).

Apesar de tais prescrições especiais não se referirem aos obreiros da igreja hoje em dia, os princípios ainda são importantes e aplicáveis. Se desejamos ter a bênção de Deus em nosso ministério, devemos nos manter *puros e consagrados diante de Deus, e o mesmo vale para nosso casamento e nossas famílias. Um casamento piedoso, com filhos piedosos, é uma fortaleza espiritual da qual os servos de Deus podem partir, a fim de batalhar para o Senhor. Os cristãos precisam orar muito pelos pastores, líderes espirituais e suas famílias, pois aqueles que estão na liderança são os alvos mais visados pelo inimigo.*

2. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS (Lv 21:16-24)

Todos os membros da raça de Adão são pecadores e sofrem as conseqüências trágicas da queda de Adão. No entanto, nossos defeitos físicos e morais não são um obstáculo nem para a salvação e nem para o serviço do Senhor. Quando Deus convida os perdidos à salvação, ele chama "os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos" (Lc 14:21), justamente as pessoas para as quais Jesus ministrou quando esteve aqui na Terra (Mt 4:23-25). E todos os cristãos podem entregar-se ao Senhor e ser "sacrifícios vivos" para a glória dele, independentemente de quaisquer deficiências.

Fanny Crosby, grande escritora de hinos, era cega, bem como George Matheson, autor de livros, escritor de hinos e pregador. Amy Carmichael dirigia o trabalho de sua missão na Índia de seu leito de enfermidade. O pregador presbiteriano escocês, Robert Murray McCheyne, sentia-se freqüentemente enfraquecido em função de problemas cardíacos, e Charles Spurgeon precisava sair de Londres no inverno a fim de recuperar sua saúde no sul da França. As deficiências físicas não precisam ser uma barreira para o serviço cristão se dependermos inteiramente da graça de Deus (2 Co 12). Em Israel, porém, Deus exigiu que todos os sacerdotes fossem livres de defeitos e marcas. Havia dois motivos para esse requisito. Em primeiro lugar, os sacrifícios que o povo levava para o Senhor deviam ser perfeitos; nada mais

certo que aqueles que ofereciam os sacrifícios no altar também seriam sem defeito. Em segundo lugar, os sacerdotes exemplificavam o Sumo Sacerdote por vir, e nele não havia qualquer defeito.

Não temos motivo algum para crer que qualquer sacerdote desqualificado fosse tratado como cidadão de segunda classe no acampamento de Israel. Apesar de os sacerdotes com defeitos físicos não poderem servir no altar e nem no Lugar Santo, ainda eram sacerdotes e tinham permissão de participar das refeições sacrificiais juntamente com suas famílias (Lv 2:3,10; 6:14-18), bem como de outros benefícios materiais desfrutados pela tribo de Levi.

Não sabemos, ao certo, o significado de todas as palavras hebraicas usadas para descrever os defeitos mencionados nesse parágrafo, mas "cego, ou coxo, de rosto mutilado ou desproporcionado" parece ser um resumo de todos esses defeitos (Lv 21:18). Em alguns casos, tratava-se de defeitos congênitos, enquanto em outros podiam ser as tristes conseqüências de enfermidades ou de acidentes. Os médicos da antiguidade não sabiam tratar de fraturas e de doenças com tanta habilidades quanto os de hoje. O "testículo quebrado", no versículo 20, é uma referência a testículos defeituosos. Os eunucos não podiam adorar na comunidade de Israel (Dt 23:1) e, certamente, não lhes era permitido ministrar no altar. A geração de filhos era importante para os israelitas, e especialmente importante para a perpetuação da linhagem sacerdotal.

Mais uma vez, essa passagem bíblica não deve ser usada, hoje em dia, para humilhar ou intimidar qualquer pessoa com deficiência física. De modo algum foi escrita com esse propósito. Os sacerdotes eram pessoas especiais, com um trabalho importante a realizar, e Deus queria que fossem o que havia de melhor também em termos físicos. Muitas vezes, uma bela alma habita num corpo com defeito físico, e portadores de deficiências podem ser grandemente usados pelo Senhor.

Da próxima vez que você ouvir a gravação de alguma música regida pelo grande

maestro Arturo Toscanini, lembre-se de que ele devia seu sucesso a uma deficiência: era míope. Aos dezenove anos, quando tocava violoncelo numa pequena orquestra europeia, decorava toda a partitura, pois não podia enxergá-la bem o suficiente para ler as notas quando se sentava no fosso onde ficava a orquestra. Um dia, o maestro ficou doente, e Toscanini era o único que sabia a partitura completa. Assim, ele regeu o concerto inteiramente de memória. Foi o começo de uma carreira extraordinária, tudo por causa de uma deficiência - e de uma boa memória.

3. INTERESSES PROFISSIONAIS (Lv 22:1-33)

A fim de que um sacerdote pudesse servir a Deus de modo aceitável, não bastava simplesmente preencher os requisitos de ser filho de Arão e de não ter nenhum defeito físico. Também era preciso conduzir seu ministério de modo tal que o Senhor se agradasse dele. É possível que os adoradores olhassem para o ritual exterior, mas Deus podia ver o íntimo de seu ser.

A oração: "que se abstenham das coisas sagradas" (v. 2) determina o tema do capítulo. Significa "tratar com respeito e consideração" ou "ter cuidado ao manusear". Os sacerdotes ofereciam sacrifícios o dia todo, o ano todo; seria fácil que desenvolvessem uma atitude de "profissionalismo" que transformaria um ritual sagrado numa rotina superficial. O romancista George McDonald disse: "Nada é mais mortal para o divino do que a rotina de lidar com a exterioridade das coisas sagradas". É a tal perigo que se refere essa advertência.

Quando estava no seminário, um de meus professores falou-nos de sua preocupação quando, certa tarde, ouviu dois alunos conversando, à distância, no *campus*.

- Aonde você vai? - perguntou o primeiro.
- À igreja - respondeu o outro.
- Fazer o quê?
- Vou fazer a cerimônia para um presunto!

O professor ficou zangado e triste ao ver um de seus alunos descrever um culto funeral cristão como "cerimônia para um presunto". Essa atitude é o que Ralph G. Turnbull

chamava de "fantasma do profissionalismo", ser capaz de realizar os rituais do ministério sem trabalhar de coração.³ Exteriormente, você faz todas as coisas certas do jeito certo, mas quando Deus vê seu interior, lá dentro nada estava certo. No tempo do profeta Malaquias, o fantasma do profissionalismo tomou conta do trabalho de todos os sacerdotes (Ml 1:6 - 2:9).

O descuido e o profissionalismo no altar podiam manifestar-se de três formas: sacerdotes impuros (Lv 22:3-9), hóspedes não qualificados (vv. 10-16) e sacrifícios inaceitáveis (vv. 17-33). O sacerdote acabaria contaminando a si mesmo, aos sacrifícios e até ao altar em que deveria servir a Deus.

Sacerdotes impuros (vv. 3-9). E se um sacerdote fosse contaminado e não fizesse nada? Como alguém ficaria sabendo que ele estava imundo? Poderia ministrar no altar, manusear os sacrifícios e até comer a parte que lhe cabia das ofertas sagradas e, aparentemente, não sofrer qualquer conseqüência. Mas Deus saberia, e o sacerdote correria o risco de vida (v. 9).

Esse tipo de comportamento indicaria que o sacerdote estava colocando a si mesmo antes de Deus e que estava mais preocupado com sua reputação do que com seu caráter. O nome desse pecado é hipocrisia. Preocupava-se em não deixar que as pessoas soubessem que estava imundo, mas não se preocupava em contaminar o ministério sagrado para o qual Deus o havia separado. Assim como os fariseus no tempo de Jesus, esse sacerdote parecia puro, mas na verdade era "nocivo" (Mt 23:25-28).

Todos aqueles que servem ao Senhor e ao povo de Deus devem ser francos e honestos diante de Deus e ministrar primeiramente com o intuito de agradar somente a Deus. Devemos agradecer ao Senhor pelo privilégio de ser chamados a servir e devemos tratar as coisas de Deus com respeito santo. "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4:13). José teve essa atitude quando disse à mulher que o estava tentando:

“Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gn 39:9). Essa também era a abordagem de Paulo em seu ministério: “Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24:16).

A melhor proteção contra o profissionalismo e a hipocrisia no ministério é o temor do Senhor, revelado numa consciência sensível (2 Co 1:12; 4:2; 5:11). A consciência é como uma janela que deixa entrar a luz. À medida que a janela vai ficando suja, a luz transforma-se, gradualmente, em escuridão. Uma vez que a consciência esteja corrompida (Tt 1:15), vai deteriorando cada vez mais e, um dia, chega ao ponto de estar tão “cauterizada” (1 Tm 4:2) que não tem mais nenhuma sensibilidade. Então, torna-se “má consciência” (Hb 10:22), funcionando de maneira oposta à boa consciência (1 Pe 3:16).

Hóspedes não qualificados (vv. 10-16).

O sacerdote podia comer porções de determinadas ofertas e dividir o alimento com os membros de sua família qualificados para isso, mas se ele fosse generoso demais com as ofertas de Deus e incluísse pessoas de fora, pecava contra o Senhor e contra seus hóspedes. O hóspede não qualificado teria de levar uma oferta pela culpa e uma multa. No final, a “conta” de sua refeição com o sacerdote seria salgada!

Em outras palavras, o sacerdote fiel precisava ter a honestidade e a coragem de dizer não a si mesmo (Lv 22:1-9) e aos outros (vv. 10-16). Isso incluía qualquer filha dele que tivesse se casado com alguém de fora da família sacerdotal (vv. 12, 13). Mesmo que seu coração amoroso quisesse essas filhas no banquete, não lhe era permitido fazê-lo. Uma das coisas mais difíceis do ministério cristão é precisar dizer não. No entanto, para manter pura nossa comunhão com Deus, às vezes é o que devemos fazer. O pastor que se recusa a officiar o casamento de uma pessoa cristã com uma incrédula com freqüência faz inimigos, especialmente entre os parentes do casal, mas isso mantém a consciência dele pura diante de Deus. Pais que proíbem os filhos de desenvolver relacionamentos

prejudiciais por vezes são mal interpretados e criticados, mas sabem que estão fazendo a vontade de Deus. As igrejas que se recusam a receber como membros pessoas que não apresentam qualquer evidência da fé salvadora de Cristo com freqüência são chamadas de “puritanas”, mas têm a coragem de dizer não.

Sacrifícios inaceitáveis (vv. 17-32). Assim como os sacerdotes não podiam ter defeitos físicos, os sacrifícios que ofereciam também precisavam ser perfeitos ou não seriam aceitos pelo Senhor. Fico imaginando quantas vezes os sacerdotes precisavam rejeitar um adorador com seu sacrifício porque aquilo que o homem estava tentando oferecer ao Senhor era um animal inferior de que não valia a pena cuidar e que ele não conseguia vender. “Vós oferecereis o dilacerado, e o coxo, e o enfermo; assim fareis a oferta. Aceitaria eu isso da vossa mão? — diz o SENHOR” (Ml 1:13). “Ora, apresenta-o ao teu governador; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? — diz o SENHOR dos Exércitos” (Ml 1:8).

Os servos de Deus não apenas devem dificultar o pecado para as pessoas (Lv 22:10-16), como também devem incentivar as pessoas a dar o que têm de melhor ao Senhor. Davi teve uma atitude correta: “Não oferecerei ao SENHOR, meu Deus, holocaustos que não me custem nada” (2 Sm 24:24). Os sacerdotes que respeitassem seu ministério e tivessem consideração pelos sacrifícios de Deus só aceitariam os animais que estivessem dentro dos padrões de Deus. Mandar um adorador para o altar com a falsa certeza de perdão podia causar danos enormes na vida dessa pessoa.

O requisito específico sobre a idade da oferta (Lv 22:26-28; ver Êx 22:30) mostra o coração bondoso do Criador para com suas criaturas (Jn 4:11; Dt 22:6, 7). Um novilho ou cordeiro com menos de uma semana que fosse transportado por qualquer distância até o santuário podia morrer no caminho. Ao que me parece, seria crueldade matar a mãe e o filhote no mesmo dia, para qualquer que fosse o propósito. Ao cumprir nossos deveres religiosos, devemos ter o cuidado de não

nos tornarmos cruéis e insensíveis na maneira como usamos aquilo que Deus nos provê. Vários críticos sociais já disseram que a maneira como as pessoas tratam os animais torna-se gradualmente o modo como tratam os seres humanos. "Pois aquilo que acontece aos animais, logo acontece ao homem", disse um chefe da tribo norte-americana dos índios Seattle. "Todas as coisas são relacionadas."

Imagine que um sacerdote perguntasse: "Por que devo honrar e respeitar os sacrifícios de Deus e o ministério do qual ele me incumbiu?"

Os três últimos versículos deste capítulo certamente responderiam a essa pergunta:

(1) Esses são os mandamentos de Deus e devem ser obedecidos. Deus nunca ordena aquilo que não é o melhor para nós.

(2) É desse modo que glorificamos a Deus e que o santificamos diante de seu povo.

(3) O Senhor que nos ordena é o mesmo que nos redimiu da escravidão e foi ele quem nos separou para sermos seu povo especial. Devemos tudo a ele!

Que motivação maior do que essa precisamos?

1. Mesmo que o sacerdócio de Jesus pertença à ordem de Melquisedeque e não à ordem de Arão (Hb 7 - 9), de certa forma, Arão e seus filhos ainda retratam o ministério do grande Sumo Sacerdote que estava por vir. Somente por esse motivo, deviam buscar o aperfeiçoamento e a excelência.
2. Arão não teve permissão de prantear a morte de Nadabe e Abiú, provavelmente pelo fato de terem morrido pelo juízo de Deus (Lv 10:1), e ao profeta Ezequiel, também sacerdote, não foi permitido lamentar a morte da esposa (Ez 24:15-18). Seu comportamento foi um sinal para o povo e deu ao profeta a oportunidade de pregar.
3. Veja a obra clássica de Ralph Turnbull. *A Minister's Obstacles*. Grand Rapids: Baker Book House, 1972, p. 9.

O CALENDÁRIO QUE PREVÊ O FUTURO

LEVÍTICO 23

Se você quer adentrar um mundo de confusão e de loucura, estude o desenvolvimento do calendário moderno.

No tempo de Júlio César, o calendário estava tão descoordenado com a natureza que César mandou que um astrônomo grego chamado Sosígenes pusesse ordem na confusão. Uma vez que não podia alterar os movimentos dos corpos celestes, Sosígenes resolveu o problema temporariamente acrescentando quase três meses a mais ao calendário, dando ao ano 46 a.C. 445 dias! O povo que nasceu naquele ano deve ter se divertido tentando descobrir a data de seu aniversário.

O papa Gregório XIII (1502-85) encomendou o calendário que usamos hoje. Na verdade, trata-se de uma revisão do antigo calendário de Júlio César. Quando a Grã-Bretanha e suas colônias adotaram o calendário gregoriano, em 1752, o dia 3 de setembro tornou-se 14 de setembro e onze dias desapareceram da história da Inglaterra. Aos vinte anos de idade, George Washington descobriu que seu aniversário havia mudado de 11 de fevereiro para 22 de fevereiro. Talvez ele comemorasse duas vezes por ano.

Os calendários são uma parte normal de nosso agitado mundo moderno, mas não eram tão importantes para o povo de Israel no tempo de Moisés. Os israelitas trabalhavam do nascer ao pôr-do-sol, contavam os meses pelas fases da Lua e observavam a passagem das estações do ano. Deus havia prometido ao povo "sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite" (Gn 8:22) e, para eles, isso bastava. Cada dia era uma dádiva sagrada de Deus.

O Senhor deu a Israel um calendário associado ao ritmo das estações e à história de sua nação. Era um calendário incomum, pois não apenas resumia o que Deus havia feito por eles no passado, como também antevia o que Deus faria por eles no futuro. A obra salvadora de Cristo, a fundação da Igreja e o futuro de Israel também são ilustrados nessas festas.

Neste capítulo, os dias especiais são chamados de "festas" nove vezes e de "santas convocações" dez vezes. Essas festas não incluíam, necessariamente, comida e diversão. Na verdade, no Dia da Expição, o povo jejuava. A palavra significa, simplesmente, "épocas determinadas". O termo "convocação" dá a idéia de que, durante essas festas, o povo todo se reunia como congregação, mas isso também não era o caso.

Havia certas reuniões nesses dias especiais, mas a palavra significa, basicamente, "proclamação" ou "anúnciação". O Senhor "determinou e anunciou" esses eventos, os quais o povo deveria comemorar fielmente.

1. O SÁBADO SEMANAL: DEUS É SENHOR DO NOSSO TEMPO (Lv 23:1-3)

O sábado semanal não fazia parte das festas anuais (Êx 20:8-11), mas era um dia importante para o povo de Israel e era esperado que eles o guardassem. Desrespeitar o sábado implicava morte (Nm 15:32-36).

Deus deu o sábado a Israel por vários motivos. Em primeiro lugar, oferecia o descanso e o refrigério necessários para o povo, para os animais usados na lavoura e para a terra. (O termo "sábado" vem de uma palavra hebraica que quer dizer "descansar, deixar de trabalhar".) Baseado em Gênesis 2:1-3, o sábado semanal lembrava os judeus de que o Deus Jeová era o Criador e de que eles eram apenas despenseiros das dádivas generosas do Senhor. Deus também instituiu o ano sabático e o ano de jubileu para evitar que os judeus desgastassem a terra, tornando o solo pobre (Lv 25). Nas leis do sábado, vemos a preocupação carinhosa de Deus com sua criação.

O sábado também era um sinal especial entre Deus e seu povo da aliança (Êx 31:12-

17). Outros povos provavelmente trabalhavam no sétimo dia e tratavam-no como qualquer outro dia, mas os israelitas descansavam no sétimo dia e, assim, davam testemunho de que pertenciam ao Senhor (Ne 13:15-22; Is 58:13, 14). Neemias deixou claro que a lei do sábado só foi dada a Israel depois que o povo chegou ao Sinai (Ne 9:13, 14), enquanto o Salmo 147:19, 20 indica que essa lei nunca foi dada às nações gentias. Apesar de os cristãos, hoje, não serem ordenados a “guardar o sábado” (Rm 14:1ss; Cl 2:16, 17), o princípio de descansar um dia dentre sete ainda é válido.

2. PÁSCOA: CRISTO MORREU POR NOSSOS PECADOS (LV 23:4, 5)

A Páscoa é a festa da libertação de Israel; a passagem-chave para esse evento é Êxodo 12. O cordeiro inocente morreu pelos primogênitos; por causa do sangue do cordeiro colocado na porta pela fé, os filhos primogênitos estavam seguros. Essa foi a “passagem do Senhor” e a única forma de livramento naquela terrível noite em que o anjo da morte visitou o Egito. Rejeitar o sangue do cordeiro significava aceitar julgamento e morte.

O cordeiro simbolizava Jesus Cristo, que derramou seu sangue na cruz por um mundo de pecadores perdidos (Jo 1:29; 1 Pe 1:19, 20). “Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1 Co 5:7). Uma vez que o cordeiro pascal tinha de ser perfeito, era escolhido no décimo dia do mês e observado atentamente antes de ser imolado no décimo quarto dia do mês. Jesus Cristo “não conheceu pecado” (2 Co 5:21), “não pecou” (1 Pe 2:22) e “nele não há pecado” (1 Jo 3:5).

Os primogênitos hebreus no Egito não foram salvos da morte por admirar o cordeiro, cuidar do cordeiro ou amar o cordeiro. O animal teve de ser imolado, e o sangue, aplicado à verga e aos umbrais da porta de cada lar hebreu. Não somos salvos por Cristo, o Exemplo, ou Cristo, o Mestre. Somos salvos por Cristo, o Substituto, que na cruz entregou sua vida no lugar da nossa na mesma hora em que os cordeiros pascais

estavam sendo imolados no templo judeu em Jerusalém.

Os hebreus também se alimentaram do cordeiro, e isso lhes deu forças para a jornada que tinham pela frente. Não era permitido a nenhum estrangeiro comer da refeição pascal (Êx 12:43-51). Era preciso fazer parte da família (vv. 48, 49) ou ser comprado, e os homens tinham de levar no corpo a marca especial da aliança. Aqueles que não aceitam a Jesus Cristo não podem se alimentar dele por meio da sua Palavra e encontrar as forças de que precisam para sua jornada na vida. Somente alguém nascido na família de Deus e marcado pelo Espírito Santo como filho da nova aliança pode apropriar-se de Jesus Cristo pela Palavra e nutrir-se dele.

A Páscoa era o começo do ano religioso de Israel (vv. 1, 2), e, quando os pecadores crêem em Cristo, isso marca para eles um novo começo numa nova vida (2 Co 5:21). Israel não ficou apenas livre do juízo; como nação, foi liberto do Egito, ficando livre para tomar posse de sua herança prometida.

3. OS PÃES ASMOS: SEPARAÇÃO DO PECADO (LV 23:6-8)

Durante sete dias depois da Páscoa, os israelitas comiam apenas pães asmos com as refeições e tomavam todo o cuidado de remover qualquer fermento de suas casas (Êx 12:15-20). Em várias partes das Escrituras, o fermento representa o pecado. Assim, a remoção do fermento retrata a purificação da vida da pessoa depois que esta foi salva pela fé no sangue (2 Co 6:14 - 7:1).

Devemos nos livrar do fermento da nossa “antiga vida” (1 Co 5:7). Essas coisas pertencem a nossos dias de incrédulos e não têm lugar em nossa nova jornada cristã (1 Pe 4:1-5). Também devemos deixar o “fermento da maldade e da malícia” (1 Co 5:8; Ef 4:31, 32), o fermento da hipocrisia (Lc 12:1) e o fermento das falsas doutrinas (Gl 5:7-9). O “fermento de Herodes” (Mc 8:15) representa a atitude de orgulho e de profanidade que se evidenciava na vida daquele rei perverso. E o “fermento [...] dos saduceus” (Mt 16:6) era a incredulidade.

O povo não foi salvo da morte e da escarvidão por livrar-se do fermento, mas sim por usar o sangue do cordeiro pela fé. Hoje em dia, as pessoas acreditam que serão salvas por mudar de comportamento ou por abandonar um vício, mas por melhor que sejam essas coisas, jamais podem cumprir o papel do sangue de Cristo. A salvação vem somente pelo sangue de Cristo, o Cordeiro sem pecado de Deus, mas “aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2 Tm 2:19).

A vida cristã não é fome nem funeral; ela é uma festa. “Por isso, celebremos a festa [...] com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Co 5:8). O pecado pode ser introduzido em segredo na nossa vida e crescer silenciosamente de modo a contaminar todo o ser interior. Com o tempo, um cristão “nativo” pode contaminar o corpo todo. Se for deixado livre para crescer, uma falsa doutrina destrói todo um ministério.

Em várias partes do mundo ocidental, encontramos igrejas e escolas que, no passado, foram fiéis à fé cristã, mas que hoje negam essa fé. Como isso aconteceu? Em algum ponto, um conselho de líderes contratou um professor ou chamou um pastor que não concordava de todo o coração com as declarações de fé evangélicas e, sem que ninguém percebesse, introduziu-se ali o fermento da falsa doutrina. Não demorou para que toda a massa estivesse fermentada e para que o ministério não fosse mais evangélico. Os líderes cristãos devem estar atentos e procurar manter a Palavra de Deus livre de qualquer fermento.

4. PRIMÍCIAS: CRISTO RESSURETO DOS MORTOS (Lv 23:9-14)

No primeiro dia da semana, o dia depois do sábado seguinte à Páscoa, o sacerdote tomava um feixe de cevada e movia-o diante do Senhor. Com isso, estava dizendo que as primeiras e melhores coisas pertenciam a Deus, sendo que esse ritual era realizado antes de Israel fazer a colheita para si (Êx 23:19; Ne 10:34-37; Pv 3:9). Também era uma expressão de gratidão pela colheita e por supri-los o pão de cada dia. Os israelitas

não podiam comer daquela safra até que as primícias tivessem sido entregues ao Senhor (Lv 23:14), um retrato, no Antigo Testamento, da verdade expressa em Mateus 6:33.

O cordeiro sacrificado como holocausto referia-se à dedicação do povo a Deus. A oferta de manjares e a libação lembravam os israelitas de que dois elementos fundamentais de sua alimentação – o pão e o vinho – eram dados por Deus (ver Sl 104:14, 15).

No entanto, essa cerimônia possui um significado mais profundo, pois Jesus Cristo é “a primícia dos que dormem” (1 Co 15:20). Jesus comparou sua morte e sepultamento ao plantio de uma semente (Jo 12:24), e Paulo levou essa ilustração ainda mais longe ao ver a ressurreição de Cristo como a colheita dos grãos (1 Co 15:35-49).

Aparecem, aqui, duas verdades essenciais. Em primeiro lugar, Deus aceitava o feixe no lugar de toda a colheita e, pelo fato de o Pai ter aceito Jesus Cristo, nós somos aceitos nele (Ef 1:6). Em segundo lugar, o feixe é correspondente à colheita. O sacerdote não movia ramos de palmeira diante do Senhor para representar a colheita de cevada; movia um feixe de cevada. Como primícia da colheita da ressurreição, Jesus Cristo é, hoje, aquilo que um dia seu povo será. Na colheita da ressurreição, seremos como ele (1 Co 15:49; Fp 3:20, 21; 1 Jo 3:1-3).

O fato de esse ritual ocorrer no primeiro dia da semana, o dia do Senhor, é importante, pois Jesus Cristo ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana. O Salmo 118:17-24 parece descrever a vitória da ressurreição do Messias sobre todos os inimigos (ver Mt 21:1-11, 42-46) e o Salmo 118:24 diz: “Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele”. Essa pode ser uma referência ao primeiro dia da semana, o dia da ressurreição.

5. PENTECOSTES: O ANIVERSÁRIO DA IGREJA (Lv 23:15-21)

Esse dia especial também era chamado de “Festa das Semanas”, pois era celebrado sete semanas depois das primícias. A palavra “Pentecostes” significa “quinquagésimo” e, uma vez que a festa era realizada sete semanas

depois das primícias, também caía no primeiro dia da semana, o dia do Senhor. Cada dia do Senhor comemora a ressurreição de Cristo, a vinda do Espírito e o nascimento da Igreja.

Em vez de o sacerdote mover feixes diante do Senhor, movia dois pães assados com fermento. A fim de obter os pães, os grãos precisavam ser moídos para fazer farinha, e a farinha precisava ser assada para formar os pães. O cumprimento dessa imagem encontra-se em Atos 2 quando, cinqüenta dias depois da ressurreição de Cristo, o Espírito Santo desceu sobre os cristãos e uniu-os, formando a Igreja, simbolizada na festa dos israelitas pelos dois pães (judeus e gentios).¹ Há fermento nos dois pães, pois há pecado na igreja (Lv 2:11). A Igreja não será “santa e sem mácula” (Ef 5:27) até que veja o Senhor em glória.

A festa durava apenas um dia, sendo que, nele, as pessoas não trabalhavam, mas se regozijavam diante do Senhor e levavam a ele uma oferta proporcional à colheita que ele havia lhes dado (Dt 16:9-12). Esse acontecimento marcava o fim da colheita do trigo, e os israelitas eram ordenados a se lembrar dos pobres ao colher os grãos que Deus havia lhes dado generosamente (Lv 23:22; ver Dt 24:19-22). Graças a essa prescrição, Rute pôde rebuscar espigas no campo de Boaz (Rt 2). Foi isso o que levou a seu casamento com Boaz, e, finalmente, em sua linhagem, nasceu Davi (Rt 4).

Juntamente com o mover dos pães, eram apresentados ao Senhor treze sacrifícios animais: sete cordeiros, um novilho e dois carneiros para holocaustos (consagração); um cabrito para sacrifício pelos pecados (expiação) e dois cordeiros para sacrifícios pacíficos (reconciliação, comunhão). Se Jesus Cristo não tivesse morrido, sido ressuscitado dentre os mortos e, então, voltado para o céu, o Espírito Santo não poderia ter vindo à Terra para ministrar. Todos esses sacrifícios cumpriram-se no sacrifício único na cruz (Hb 10:1-18).

O povo de Deus não pode atuar corretamente neste mundo sem o ministério do Espírito Santo. É o Espírito que batiza o cristão

de modo a torná-lo parte do corpo de Cristo (At 1:5; 1 Co 12:13), e que lhe dá o poder de servir e de testemunhar (At 1:8; 4:8, 31) e a capacidade de suportar perseguição e sofrimento para a glória de Deus.

Depois da festa de Pentecostes, havia uma lacuna de quatro meses no calendário de Deus antes da próxima festa. Essa lacuna representa a era em que estamos vivendo agora, a era da Igreja, durante a qual devemos estar envolvidos na colheita com toda a dedicação (Mt 9:36-38), aguardando ansiosamente o som da trombeta (1 Co 15:51-58; 1 Ts 4:13-18).

6. TROMBETAS: A CONVOCAÇÃO DO POVO DE DEUS (Lv 23:23-25)

As três últimas festas eram comemoradas no sétimo mês, equivalendo a setembro-outubro em nosso calendário moderno. O número sete é importante no calendário e no plano de Deus para Israel (Dn 9:20-27). Há sete festas, sendo que três delas são no sétimo mês. O sábado é o sétimo dia da semana. Pentecostes é comemorado cinqüenta dias depois das primícias (sete vezes sete mais um). Tanto a Festa dos Pães Asmos quanto a Festa dos Tabernáculos duravam sete dias.

A palavra hebraica para “sete” vem de um radical que significa “repleto, satisfeito” e, também, está relacionada ao termo que quer dizer “fazer um juramento”. Sempre que o Senhor associa alguma coisa ao número sete está lembrando seu povo de que suas palavras e obras são completas e confiáveis. Não se pode acrescentar nada àquilo que ele faz.

De acordo com Números 10:1-10, os sacerdotes tocavam as trombetas de prata em três ocasiões: a fim de chamar o povo para se reunir, para anunciar uma guerra e para anunciar épocas especiais, como a lua nova. A Festa das Trombetas acontecia no primeiro dia do sétimo mês e dava início ao novo ano civil (*Rosh Hashanah*, “a cabeça do ano”). Os sacrifícios para a Festa das Trombetas encontram-se relacionados em Números 29:1-6.

O pregador escocês Alexander Whyte disse, certa vez, que “a vida cristã vitoriosa é

uma série de recomeços". Deus dá a seu povo oportunidades de começar de novo, e seremos tolos se não as aproveitarmos. Diferentemente das comemorações de Ano Novo de hoje em dia, os israelitas usavam o primeiro dia do novo ano para orar, meditar e confessar seus pecados. Procuravam começar de novo com o Senhor.

Também há uma mensagem profética nessa festa. Devido à sua incredulidade e à rejeição de Cristo, Israel tornou-se um povo disperso (Lv 26:27-33; Dt 28:58-67), mas Deus os ajuntará novamente em sua terra nos últimos dias (Is 11:1, 12; 27:12, 13; Mt 24:29-31). Quando Israel transformou-se oficialmente em nação, no dia 14 de maio de 1948, lembrou o mundo das promessas feitas por Deus na antiguidade e, entre os ortodoxos, as palavras "Ano que vem, Jerusalém!" tornaram-se mais do que um lema de Páscoa.

A interpretação básica dessa festa está relacionada a Israel, mas podemos aplicá-la à Igreja. Alguns dos santos estão no céu e outros estão na Terra, e aqueles que estão na Terra encontram-se dispersos em muitas tribos, povos e nações. Porém, todos nós deveríamos estar aguardando ansiosamente o som da trombeta e "nossa reunião com ele" (2 Ts 2:1).

7. O DIA DA EXPIAÇÃO: PERDÃO (Lv 23:26-32)

Tratamos desse acontecimento importante em nosso estudo de Levítico 16, no capítulo 6. Note, aqui, a ênfase sobre o povo afligindo sua alma (jejuando, orando, confessando os pecados) e abstendo-se de todo o trabalho. "Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou" (Tt 3:5).

Conforme observamos no capítulo 6, também há uma mensagem profética no Dia da Expição. Depois que Israel for reunida à sua terra, os judeus verão seu Messias rejeitado, se arrependirão de seus pecados (Zc 12:10 - 13:1) e serão purificados. A nação dispersa será ajuntada, e a nação pecadora será purificada. Que dia glorioso será!

8. TABERNÁCULOS: A ALEGRIA DO SENHOR (Lv 23:33-44)

A nação de Israel não é apenas um povo disperso e pecador,² mas também um povo sofredor. Nenhuma nação na história sofreu tanto quanto os judeus, mas, um dia, seu sofrimento será transformado em glória e regozijo.

A Festa dos Tabernáculos lembra Israel das bênçãos de Deus no passado (vv. 42, 43). Ele os havia livrado da escravidão no Egito, cuidado deles no deserto e conduzido à sua herança prometida. Em outros tempos, haviam morado em tendas, mas em Canaã, viveriam em casas!

Essa festa também é chamada de "Festa da Colheita", pois correspondia ao final da ceifa (v. 39). Assim como o nosso Dia de Ação de Graças, a Festa dos Tabernáculos era um tempo para comemorar, regozijar-se e dar graças a Deus por suas dádivas abundantes (Dt 16:13-15). No entanto, devemos nos lembrar de que a *alergia vem sempre depois da purificação* e de que a Festa dos Tabernáculos era precedida do Dia da Expição (ver Sl 51:12). Aqueles que desejam a felicidade sem a santidade estão fadados a se frustrar.

Durante a semana de comemoração, os sacerdotes seguiam um elaborado programa de oferta de sacrifícios (Nm 29) e, ao oitavo dia, haviam oferecido cento e noventa e nove animais! Isso, sem dúvida, servia de lembrança de que não pode haver bênção alguma sem a graça de Deus e o sacrifício de seu Filho por nós na cruz.

A Festa dos Tabernáculos retrata o reino futuro que Deus está preparando para Israel quando o Messias voltar e eles o receberem (Zc 12:10 - 13:1); ver Is 35; Lc 1:67-80). O profeta Zacarias descreveu as mudanças que ocorrerão na topografia da Terra Santa e como as nações gentias irão comemorar a Festa dos Tabernáculos juntamente com os judeus (Zc 14:16-19).

Para Israel, o melhor ainda está por vir! O povo espalhado será ajuntado; o povo pecador será purificado; o povo triste se regozijará. E, para os críticos, o melhor também ainda está por vir, pois estaremos junto com

o Senhor e seu povo, livres de toda a imperfeição, regozijando-nos na presença do Senhor.

Vale observar que o povo de Israel acrescentou mais dois rituais à comemoração da Festa dos Tabernáculos para lembrá-los das bênçãos de Deus no deserto. O primeiro era o derramamento de água no tanque de Siloé, relembrando a provisão de água dada por Deus no deserto, e o segundo foi o uso de quatro candelabros acesos para lembrar a coluna de fogo que conduzia o povo à noite.

Jesus relacionou essas duas tradições a si mesmo. Foi durante a Festa dos Tabernáculos, quando a água estava sendo derramada, que ele exclamou: “Se alguém tem sede,

venha a mim e beba” (Jo 7:37)! Também disse à multidão no templo: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8:12). Como era triste os judeus observarem essas tradições e, ainda assim, terem deixado passar seu Messias, que se encontrava bem no meio deles!

Todo ano, os homens adultos do povo deviam apresentar-se diante de Deus para comemorar três festas específicas: a Páscoa (seguida de sete dias de Pães Asmos), as Primícias e os Tabernáculos (Êx 23:14-19). Essas três festas nos fazem lembrar da morte de Cristo, de sua ressurreição e de sua volta para estabelecer seu reino. Cristo morreu por nossos pecados; Cristo vive; Cristo está voltando! Aleluia, que Salvador maravilhoso!

1. O Espírito batizou os cristãos judeus na Igreja em Pentecostes e os gentios na casa de Cornélio (At 10). Assim, cumpriu-se a imagem desses dois pães.
2. Ao chamar os judeus de “povo pecador”, não é minha intenção deixar implícito que sejam mais pecadores que as nações gentias ou mesmo que a Igreja cristã. No tribunal de Cristo, o Senhor tratará das “manchas e rugas” de sua Igreja e será um momento sério e solene. Porém, para o que recebe muito, muito lhe será cobrado, e Israel é uma nação abençoada por Deus de modo extraordinário.

SANTO, SANTO, SANTO

LEVÍTICO 24

A estrutura mais importante do acampamento de Israel era o tabernáculo, o santuário onde Deus habitava e onde os sacerdotes e os levitas o serviam. A cobertura externa de peles não era impressionante, mas o interior da tenda da congregação era belo, suntuoso e cheio de glória. Era o tabernáculo que tornava o acampamento santo e que o separava para Deus, assim como a presença do Espírito Santo dentro dos cristãos os separa do mundo e faz com que pertençam inteiramente a Deus (1 Co 6:19, 20; 2 Co 6:14-18; Ef 1:13, 14).

Neste capítulo, o Senhor dá a Moisés instruções sobre três coisas santas: o azeite santo para o candelabro (Lv 24:1-4), o pão santo para a mesa (vv. 5-9) e o nome santo do Senhor, a ser reverenciado por todos (vv. 10-23).

1. O AZEITE SANTO (Lv 24:1-4)

O véu dividia o tabernáculo em duas partes: o Lugar Santo e o Santo dos Santos. No Lugar Santo, havia três peças de mobília: o altar de ouro do incenso, a mesa do Senhor e o candelabro de ouro. Quando o sacerdote estava voltado para o altar do incenso, tinha a mesa à sua direita e o candelabro à sua esquerda.

Uma vez que não havia janelas no tabernáculo, era necessário iluminar o Lugar Santo para que os sacerdotes pudessem enxergar enquanto ministravam lá dentro. Essa iluminação vinha do candelabro de ouro. Era feito de ouro puro batido em uma só peça, com um pedestal central e seis hastes. As lâmpadas na extremidade de cada haste usavam azeite puro de oliva (ver Êx 25:31-39; 27:20, 21; 30:7, 8; 37:17-24; 40:24, 25).

A cada manhã e no final de cada dia, quando o sacerdote queimasse incenso no altar de ouro, devia cuidar das luzes no candelabro para garantir que continuassem acesas.¹ Foram providenciados instrumentos especiais de ouro para retirar os pavios do óleo e para apará-los.

A prescrição em Levítico 24:1-4 enfatiza dois aspectos essenciais: (1) o povo de Israel devia fornecer o óleo regularmente; e (2) o óleo devia ser batido e puro (Êx 27:20, 21). Havia um método para se extrair azeite de oliva que usava o calor, mas bater ou prensar as azeitonas e filtrar os detritos produzía o melhor azeite de oliva. E o Deus de Israel merece o que há de melhor.

Estudiosos da Bíblia geralmente concordam que o óleo para a *unção* é um símbolo do Espírito Santo de Deus, que unge o povo de Deus para servir ao Senhor (2 Co 1:21; 1 Jo 2:27), mas esse tipo específico de óleo é para a *queima* e não para *unção*. Zacarias 4:1-6 relaciona o óleo para a queima com o Espírito Santo e identifica o candelabro como os dois servos fiéis de Deus. Qual é o significado do candelabro do tabernáculo?

Pessoalmente, creio que o candelabro simboliza, em primeiro lugar, a Palavra de Deus que dá luz a este mundo em trevas (Sl 119:105, 130; 2 Pe 1:19). Aqueles que ainda não se converteram não podem ver nem compreender a luz da Palavra de Deus, pois falta dentro deles o ministério do Espírito Santo (1 Co 2:9-16). Ninguém fora do lugar santo podia ver a luz do candelabro de ouro, mas os que estavam dentro percebiam sua claridade.

Sem a Palavra, os servos de Deus não podem ver onde estão nem o que estão fazendo, e, também, não podem servir a Deus de modo eficiente. O candelabro dava luz para que o sacerdote pudesse queimar o incenso no altar de ouro, e, sem as Escrituras, não podemos orar com eficácia (Sl 141:1, 2; Jo 15:5; At 6:4). A luz do candelabro iluminava as belas cortinas do lugar santo e, também, revelava o pão sobre a mesa de ouro. O ministério iluminador do Espírito de Deus torna as coisas de Deus claras e reais para nós.

Gostaria de sugerir que o candelabro também simboliza a nação de Israel, como era o caso dos doze pães da proposição, os quais estudaremos a seguir. Deus chamou Israel para ser uma luz brilhante no mundo cheio de trevas, mas precisavam brilhar primeiramente na presença dele antes de testemunhar às nações pagãs a seu redor (ver Is 58:8; 60:1-3). Infelizmente, o sacerdócio tornou-se perverso e não manteve a luz do povo acesa diante de Deus (1 Sm 3).

É claro que Jesus é a luz (Lc 2:32; Jo 1:4, 9; 8:12; 9:5), e somente por meio dele podemos ver e dar o devido valor às coisas espirituais. O apóstolo João comparou as igrejas locais a castiçais individuais que devem brilhar e dar testemunho, cada uma em sua cidade (Ap 1:12, 20; ver Mt 5:16; Ef 5:8; Fp 2:15).

Se o povo de Israel não fornecesse o azeite de oliva batido, as luzes não poderiam continuar acesas no lugar santo. O povo poderia dizer: "Que diferença faz, uma vez que não podemos mesmo ver o candelabro?"

As luzes não estavam lá para o povo ver, mas sim para Deus ver e para o sacerdote usá-la ao exercer seu ministério. *O que acontecia na presença de Deus era muito mais importante do que aquilo que acontecia em qualquer outra parte do acampamento!* É uma pena, mas muitas igrejas locais viram suas luzes apagar tanto diante de Deus quando do mundo por causa da infidelidade de seus membros. Deixaram de orar, de ofertar e de permitir que fossem usados pelo Espírito Santo. Para que a luz seja mantida acesa, alguém precisa fornecer o azeite.

2. OS PÃES SANTOS (Lv 24:5-9)

O povo não devia levar apenas o azeite puro de oliva para o candelabro, mas também a flor da farinha usada para assar os doze pães a cada semana. Esses pães eram colocados sobre a mesa de ouro todo sábado, e os pães do sábado anterior eram entregues aos sacerdotes para servir-lhes de alimento.

O tamanho desses pães é um mistério para nós, pois o texto não apresenta as medidas usadas na receita. O original, em hebraico, diz apenas: "e será de dois décimos",

mas dois décimos do quê? Alguns acreditam que se tratava de dois décimos de um efa, cerca de quatro litros de farinha, mas a palavra "efa" não aparece no texto hebraico. Essa quantidade de farinha resultaria em um pão grande, e dificilmente doze pães grandes caberiam todos sobre a mesa. É possível que os pães fossem colocados uns sobre os outros, fazendo duas pilhas, cada uma com seis pães, com um pequeno recipiente de incenso sobre cada pilha.

Esses pães era tratados como "oferta de manjares" (Lv 2:1-11). No sábado, quando os pães eram substituídos, o sacerdote tomava uma "porção memorial" de um dos pães, acrescentava incenso e queimava no altar juntamente com o holocausto diário. Depois disso, os sacerdotes podiam comer dos pães, mas deviam fazê-lo no Lugar Santo (Lv 24:9).

O que isso simbolizava? Somente os sacerdotes (a tribo de Levi) tinham permissão de entrar no Lugar Santo, mas as outras tribos encontravam-se *representadas* lá de duas formas: pelas pedras preciosas nas vestes do sumo sacerdote (Êx 28:6-21) e pelos doze pães sobre a mesa. A mesa era chamada de "mesa da proposição" (Nm 4:7) e os pães, de "pães da proposição" (Êx 25:30), sendo que o termo traduzido por "proposição" também significa "presença". Deus estava presente com seu povo, que se encontrava na presença do Senhor no tabernáculo. Não importava em que parte do acampamento os israelitas estivessem, deviam lembrar-se de que sua tribo estava representada sobre a mesa de ouro no Lugar Santo. A aplicação do Novo Testamento pode ser encontrada em Colossenses 3:1ss.

Do ponto de vista do sacerdote, os pães o lembravam de que estava ministrando para pessoas reais. Visto que ficavam um tanto isolados dentro dos limites do tabernáculo dia após dia, os sacerdotes podiam, facilmente, "perder o contato" com o povo que representavam diante de Deus. O azeite que o povo fornecia para o candelabro dava luz para os sacerdotes, e o pão que comiam a cada sábado era feito da farinha ofertada pelo povo. Os doze pães lembravam os sacerdotes de que

todas as tribos encontravam-se representadas diante de Deus e eram povo de Deus. Tudo isso devia levar os sacerdotes a dar o devido valor às tribos e a desejar servi-las da melhor maneira possível.

Se houvesse apenas um pão, poderia talvez ser visto como um símbolo de Jesus Cristo, o Pão da Vida (Jo 6:35), mas a imagem, em João 6, indica o maná e não os pães do tabernáculo. Mateus 6:11 também vem à memória: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje". Quer precisemos de pão espiritual para o ser interior, quer de alimento para o corpo físico, devemos buscá-los somente em Deus.

A presença do óleo e do incenso no Lugar Santo é previsível, mas não a do pão. Afinal, o pão é um alimento comum. No entanto, a presença do pão no tabernáculo nos assegura de que Deus se preocupa com as coisas práticas de nossa vida e de que não há uma divisão entre "secular" e "sagrado" na vida cristã. Foi esse "pão da proposição" que Davi e seus homens comeram quando Davi fugia de Saul (1 Sm 21:1-6; ver Mt 12:1-4).

3. O SANTO NOME DO SENHOR (Lv 24:10-23)

Pode parecer estranho que o Livro de Levítico seja interrompido, nesse ponto, para contar a respeito de um blasfemador que foi julgado, mas a narrativa constitui uma ilustração e não uma interrupção. A base para a obediência à lei é o temor do Senhor, e aqueles que blasfemam contra o santo nome do Senhor não têm o temor de Deus em seu coração.

Desonrando o nome de Deus (vv. 10, 11). Todo israelita conhecia o terceiro mandamento: "Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (Êx 20:7). Os israelitas tinham tanto medo de quebrar esse mandamento que usavam o nome "Adonai" no lugar de "Jeová" sempre que liam as Escrituras e, assim, jamais pronunciavam o nome de Deus. Respeitar um nome é respeitar a pessoa a quem ele se refere, e nosso maior respeito deve ser dedicado ao Senhor.

O blasfemador era filho de um casamento misto entre um egípcio e uma israelita da tribo de Dã. Uma vez que a presença do pai não é mencionada, perguntamo-nos se ele ficou no Egito quando a mãe tomou o filho e fugiu ou se, talvez, já havia falecido. O menino não cresceu aprendendo a ter o devido respeito pelo Senhor ou por seu nome. Já nos tempos de Moisés, o casamento de crenças com incrédulos criava problemas para o povo de Deus.² Moisés teve de lutar contra a influência negativa do "misto de gente" que havia deixado o Egito no êxodo, mas que, na verdade, não tinha seu coração voltado para as coisas do Senhor (Êx 12:38; Nm 11:4; ver Ne 13:23-31).

Esse hebreu egípcio envolveu-se numa briga com um hebreu no acampamento (ver Êx 2:11-15) e, durante a briga, blasfemou contra o nome de Deus. É possível que tivesse amaldiçoado seu adversário em nome de Jeová ou que, em sua ira, tivesse amaldiçoado o nome do Senhor. Aquilo que está em nosso coração, mais cedo ou mais tarde, sai por nossos lábios (Mt 12:34, 35).

É claro que, além de proferir maldições, há outras maneiras de blasfemar contra o nome de Deus. O perjúrio desrespeita o nome de Deus (Lv 19:12) e o mesmo acontece com o roubo (Pv 30:8, 9). Jesus ensinou que nossa vida deve ser tão pura que não precisemos jurar nem fazer votos para que as pessoas acreditem em nós (Mt 5:33-37). Uma grande quantidade de palavras poderia ser prova de que havia algum pecado envolvido (Pv 10:19).

Determinando a vontade de Deus (vv. 12-16). Se fosse alguém do povo de Israel que tivesse cometido o terrível pecado da blasfêmia, Moisés não teria dúvidas sobre o que fazer. No entanto, aquele homem era parte hebreu e parte egípcio, e a lei não dizia nada sobre esses casos. Usando uma abordagem sábia, Moisés mandou prender o homem e esperou que o Senhor lhe dissesse o que fazer.

Essa é a primeira de quatro ocasiões, das quais se tem registro, em que Moisés precisou buscar o conselho do Senhor sobre problemas específicos. A segunda vez, foi por

causa de alguns homens que haviam sido contaminados por um cadáver e que não podiam celebrar a Páscoa. O Senhor permitiu que comemorassem no mês seguinte (Nm 9:6-14). No terceiro caso, um homem havia desrespeitado o sábado (Nm 15:32-36) e foi apedrejado até a morte. A quarta ocasião envolveu a herança das cinco filhas de Zelofeade e abriu precedente para que as mulheres israelitas pudessem herdar a terra de seus pais (Nm 27:1-11; 36:1ss). Observe que, nesse último caso, uma decisão levou à outra, o que muitas vezes é o caso quando estamos buscando a vontade de Deus.

Moisés era humilde o suficiente para admitir que não sabia tudo e que precisava perguntar ao Senhor o que fazer. Esse é um ótimo exemplo a ser seguido pelos líderes das igrejas de hoje. “Guia os humildes na justiça e ensina aos mansos o seu caminho” (Sl 25:9). Deus havia dado a Israel todas as leis de que precisavam para governar sua vida civil e religiosa com sucesso, mas Moisés e os chefes das tribos precisavam interpretar essas leis e aplicá-las, à medida que novas situações iam surgindo. Quando os líderes não tinham nenhum preceito ou precedente claro a seguir, precisavam buscar a orientação do Senhor antes de poder dar um parecer correto.

Os cristãos imaturos querem que o Senhor lhes dê regras e preceitos que incluam todas as áreas de sua vida, e isso explica por que são imaturos. Se não precisarmos, em momento algum, orar, buscar a Palavra, ouvir o conselho de outros cristãos e esperar no Senhor, jamais exercitaremos nossos “músculos espirituais”. A Bíblia nos dá preceitos, princípios, promessas e exemplos pessoais que, juntos, são adequados para nos guiar nas decisões da vida. As agências de turismo dão a seus clientes mapas detalhados para suas viagens, mas a Bíblia parece mais uma bússola, que nos mantém no rumo certo sem apresentar os pormenores da jornada. “Visto que andamos por fé e não pelo que vemos” (2 Co 5:7).

Deus instruiu Moisés sobre o que fazer. O transgressor devia ser levado para fora do acampamento, onde toda a congregação o

apedrejaria, pois em Israel a blasfêmia era um crime capital (Mt 26:65; At 6:11, 13; 7:58). Aqueles que tinham ouvido o homem blasfemar imporiam as mãos sobre a cabeça dele, identificando-o publicamente como o transgressor. As testemunhas também seriam os primeiros a apedrejá-lo (Dt 17:7). Em outras palavras, a mesma lei que se aplicava aos israelitas também valia para os estrangeiros que viviam em seu meio (Lv 24:16, 22). Nem mesmo os estrangeiros deviam blasfemar contra o nome do Deus de Israel.

Discernindo o propósito de Deus (vv. 17-22). O Senhor também aplicou essa decisão legal a outras áreas da vida e estabeleceu o princípio de que *o castigo deve corresponder ao crime* (ver Êx 21:22-25; Dt 19:21). Esse princípio é conhecido como *lex talionis* (“Pena de Talião”) ou “lei da retaliação” e assegurava que o transgressor não fosse castigado mais severamente do que seu crime exigia. O homicida devia ser morto (Lv 24:17, 21; Gn 9:5, 6), mas as penalidades para outros crimes deviam ser aplicadas de acordo com a ofensa.

Pelo fato de esse princípio ser mal entendido, muitas pessoas o chamam de cruel e de injusto. Questionam como um Deus de amor e de misericórdia poderia determiná-lo. No entanto, essa lei, na verdade, é uma expressão da justiça e compaixão de Deus, pois ajudava a conter a vingança pessoal numa sociedade que não tinha polícia nem um sistema jurídico mais complexo. Sem essa lei, os mais fortes poderiam aniquilar os mais fracos pelas menores ofensas.

Os fariseus usaram a *lex talionis* para defender sua prática da vingança pessoal, uma prática que Jesus condenou em seu sermão do monte (Mt 5:38, 39). Assim como a *lex talionis* foi um avanço em relação à vingança pessoal, Mateus 5:38, 39 foi um salto adiante em relação à *lex talionis*. No entanto, devemos ter sempre em mente que as instruções de nosso Senhor, no sermão do monte, foram dadas a cristãos e não a incrédulos, a indivíduos e não a nações. Em nossos tribunais modernos, ainda é praticado o princípio de aplicar uma pena correspondente ao crime.³

Aplicando a justiça de Deus (v. 23).

Moisés e o povo foram para fora do acampamento e fizeram o que o Senhor ordenou. Hoje em dia, muitas pessoas sinceras, tanto cristãos quanto não-cristãos, teriam objetado matar o transgressor, mas a sentença foi executada. Era uma ofensa capital, e o homem culpado perdeu a vida.

Os argumentos em torno da pena de morte são muitos e variados, mas não devemos tornar nossas opiniões pessoais ou convicções um critério para a comunhão ou a espiritualidade. A lei de Moisés fazia distinção entre homicídio intencional (doloso) e acidental (culposo) (Êx 21:12-14) e oferecia seis “cidades de refúgio” em que um homem inocente podia ser protegido e receber um julgamento justo (Nm 35). Essa providência frustrava os planos dos parentes irados do morto, pessoas que poderiam querer tomar a lei em suas próprias mãos.

Na Bíblia, o homicídio é considerado crime grave. Os seres humanos são feitos à imagem de Deus (Gn 1:26, 27; 1 Co 11:7; Tg 3:9), e matar um ser humano é atacar a imagem de Deus (Gn 9:4-6). A vida é uma dádiva sagrada de Deus, e somente ele pode tomá-la ou permitir que seja tomada. Deus instituiu o governo humano e deu às autoridades civis o poder da espada (Rm 13:1-5). O propósito da pena de morte não é atemorizar possíveis criminosos para que se comportem bem, mas sim manter e defender a lei. É uma declaração de que homens e mulheres são especiais – criados à imagem de Deus – e de que a vida é sagrada aos olhos de Deus.⁴

A questão principal não é o fato de a pena de morte afetar ou não as estatísticas criminais. É de duvidar que qualquer uma de nossas leis refreie, de fato, a criminalidade.

Motoristas negligentes ainda correm demais, pessoas ainda estacionam o carro onde a placa indica que é proibido, contribuintes ainda sonegam impostos e ladrões ainda roubam. *Mas será que algum de nós iria querer que nossas legislaturas revogassem as leis sobre excesso de velocidade, estacionamento, sonegação ou roubo?* Claro que não! O respeito pela verdade, pela vida e pela propriedade são alicerces de uma sociedade justa e pacífica. A pena de morte pode não diminuir o número de assassinatos, assim como as multas não diminuem o número de pessoas que ultrapassam o limite de velocidade, mas declara que os seres humanos são feitos à imagem de Deus e que a vida é uma dádiva sagrada.

A Bíblia não apresenta a pena de morte como solução para todos os crimes. Antes, ela é mostrada como uma forma de castigo que revela o respeito pela lei, pela vida e pelos seres humanos feitos à imagem de Deus. Uma abordagem pragmática ou sentimental dessa questão implica absoluta falta de compreensão a respeito dela.

Levítico 24 começa no Lugar Santo do tabernáculo e termina fora do acampamento. Inicia com azeite e pão e encerra com o derramamento de sangue culpado. No entanto, a ênfase é a mesma: nosso Deus é um Deus santo, e devemos reverenciá-lo, quer seja ao levar nossas dádivas, quer ao respeitar o seu nome. Hoje, o Senhor não executa blasfemadores, mas o dia do julgamento virá, e nele os segredos de todos os corações serão revelados; então, Deus “retribuirá a cada um segundo o seu procedimento” (Rm 2:6).

“Porque para com Deus não há acepção de pessoas” (Rm 2:11).

“Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10:13).

1. Não há unanimidade entre os estudiosos no que se refere ao tempo em que as lâmpadas do candelabro ficavam acesas. Era dia e noite ou apenas do pôr-do-sol ao nascer do sol? Uma vez que os raios de sol não podiam passar pelas tábuas da estrutura do tabernáculo, pelo véu, na parte anterior, nem pelas coberturas de pele e de tecido, é provável que os sacerdotes precisassem de luz no Lugar Santo o dia todo. O sumo sacerdote aparava os pavios todos os dias, verificava a reserva de azeite e certificava-se de que as lâmpadas brilhassem continuamente (ver Êx 30:7, 8).
2. Timóteo era filho de mãe judia cristã e de pai grego incrédulo, e ele foi um homem de caráter (At 16:1, 2; 2 Tm 1:5). Assim, um casamento misto, apesar de não ser bíblico (2 Co 6:14-18), não precisa automaticamente condenar os filhos

ao fracasso. Contudo, tanto a mãe quanto a avó de Timóteo ensinaram-lhe as Escrituras desde a infância, o que teve um papel determinante na vida dele. Mais uma vez, o texto não fala do paradeiro do pai de Timóteo. Talvez estivesse morto ou tivesse abandonado a família e, portanto, não tivesse exercido qualquer influência sobre o filho.

3. No Sermão do Monte, Jesus tratou da blasfêmia e da vingança (Mt 5:33-48), fazendo, assim, um paralelo com os tópicos de Levítico 24:10-24. Talvez a mensagem transmitida por Moisés e pelo Senhor seja: “Se você tem o temor de Deus no coração, não buscará a retaliação nem tentará vingar-se quando for maltratado por outros”. Romanos 13:1-7 é a declaração de Deus sobre o lugar do governo humano na sociedade, e Romanos 12:14-21 é a admoestação de Deus a seu povo sobre insultos ou ataques pessoais.
 4. Aqueles que se opõem à pena de morte gostam de citar estatísticas para provar que as execuções não detêm a criminalidade. No entanto, usar estatísticas tanto para defender como para se opor à pena de morte é uma perda de tempo, pois não há modo de determinar um parâmetro para testar as estatísticas. O tamanho e a composição da população de uma cidade ou estado somados à forma como as leis são criadas e aplicadas têm grande influência na questão. Até mesmo o advogado humanista norte-americano, Charles Darrow, inimigo da pena de morte, precisou admitir: “Trata-se de uma questão para a qual é impossível apresentar provas contra ou a favor por meio de estatísticas”. Durante sua carreira, Darrow defendeu cem acusados de homicídio e nem um deles foi executado. Ver a obra *Lend Me Your Ears: Great Speeches in History* [Ouça-me: Grandes discursos da história] com textos selecionados por William Safire. Nova York: W. W. Norton, 1992, pp. 327-35.
-

ESTA TERRA PERTENCE A DEUS

LEVÍTICO 25

Os capítulos 25 e 26 concentram-se em Israel *na sua terra*. Aliás, a palavra “terra” é usada trinta e nove vezes nesses dois capítulos. A declaração, no versículo 2 (“Quando entrardes na terra, que vos dou”), deve ter servido de grande estímulo para Moisés, especialmente depois que Israel deixou de apropriar-se de sua herança em Cades-Barnéia e teve de vagar pelo deserto (Nm 13 - 14).

Se os israelitas iam possuir e desfrutar de sua terra, era preciso que reconhecessem e que respeitassem alguns fatos básicos, sendo que o primeiro deles era que a *terra pertencia a Deus* (Lv 25:2, 23, 38), portanto, ele tinha todo o direito de dispor dela como lhe aprouvesse. *O povo de Israel também pertencia a Deus* (v. 55), pois ele os havia redimido da escravidão no Egito. Pelo fato de pertencerem ao Senhor, os israelitas deviam tratar-se como irmãos e irmãs (vv. 25, 35-38) e não se aproveitar uns dos outros na negociação de dívidas pessoais e na posse de propriedades. Esperava-se que os israelitas trabalhassem em seus campos, mas *Deus daria os frutos* (v. 21) e proveria a luz do Sol, a chuva e as colheitas. Em outras palavras, o Senhor era o proprietário da terra de Israel, e o povo devia viver pela fé na Palavra de Deus. Isso significava obedecer a seus mandamentos e confiar em suas promessas.

Outro fato importante aparece neste capítulo: *Deus controlava o calendário*. O Senhor não apenas deu ao povo sua terra e seu alimento, mas também deu-lhes “tempos” especiais que deviam ser observados para que a terra não ficasse desgastada nem se deteriorasse. Deus se preocupa com a ecologia e

com a maneira como tratamos sua criação. Assim como os israelitas da antiguidade, nós não passamos de despenseiros das dádivas de Deus; devemos cuidar para não abusar dessas dádivas nem desperdiçá-las.

Se os israelitas tivessem obedecido a esses princípios, seu sistema econômico teria funcionado sem maiores dificuldades, a terra teria provido tudo de que precisavam e todos teriam suas necessidades supridas. No entanto, não obedeceram ao Senhor. Em decorrência disso, os ricos enriqueceram ainda mais, os pobres empobreceram ainda mais e a terra ficou devastada.

1. DESCANSO PARA A TERRA: O ANO SABÁTICO (Lv 25:1-7, 18-22)

Quando estudamos Levítico 23, vimos que o calendário de Israel baseava-se em séries de sete. Havia sete festas anuais, sendo que três delas ocorriam no sétimo mês do ano, e o sétimo dia da semana – o sábado – era um dia de descanso. Agora, vemos que o sétimo ano devia ser um ano de descanso para a terra, para o povo e para seus animais.

Durante o ano sabático, o povo não deveria trabalhar nos campos nem ter colheitas organizadas, mas sim colher do campo aquilo que ele próprio produzisse. Todas as pessoas, inclusive os pobres e estrangeiros, podiam colher dos campos e ser “convidados” de Deus (Êx 23:10-12).

Não apenas a terra descansava, mas também as pessoas e os animais das lavouras tinham repouso. Os homens certamente cuidavam das tarefas rotineiras de manutenção, mas não deviam realizar as tarefas normais de uma sociedade agrícola, como arar, semear e colher sistematicamente. Essa proibição também incluía os servos e animais, sendo que a todos eles era dado um ano de descanso de suas obrigações costumeiras.

Deuteronômio 15:1-11 diz que as dívidas pessoais também eram perdoadas no ano sabático e que servos que trabalhavam para pagar dívidas eram libertados. A palavra “remissão”, em Deuteronômio 15:1, significa “liberação, soltura”. Envolve o cancelamento de dívidas e a libertação de escravos. Ao compartilhar suas coisas com os pobres

e com seus servos libertos, as pessoas deviam ser generosas e liberais. Três motivações deveriam governar o que o povo fazia: gratidão pelas bênçãos de Deus (Lv 25:4, 6, 10, 14), gratidão pelo livramento da escravidão no Egito (v. 15) e simples obediência às prescrições divinas (v. 5). As ordens de Deus visavam o bem de seu povo, e ninguém tinha o direito de lhe desobedecer. Durante o cerco de Jerusalém por Nabucodonosor, o rei Zedequias proclamou a libertação dos escravos, mas depois rescindiu-a (Jr 34:8ss).

No ano sabático, também acontecia uma "conferência bíblica", na qual os sacerdotes liam e explicavam o Livro de Deuteronômio para todo o povo (Dt 31:9-13). Isso era feito durante a festa anual dos Tabernáculos, que daria início ao novo ano [N.T.: de acordo com o autor, o ano novo religioso começava na Páscoa e o ano novo civil (*Rosh Hashanah*) na Festa das Trombetas - ver comentário sobre Levítico 23:23-25]. Seria preciso um bocado de fé para o povo a fim de confiar que Deus supriria seu alimento diário, e "a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10:17). Durante esse ano especial, a nação aprenderia o significado de "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje". Deus prometeu guardá-los e prover-lhes ao longo daquele ano, se confiassem nele e lhe obedecessem (Lv 25:18-22).

Não temos qualquer evidência bíblica de que os israelitas observaram, em algum momento, o ano sabático; na verdade, a Bíblia indica que não o fizeram: "Para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram" (2 Cr 36:21). Deus enviou o povo ao exílio na Babilônia durante setenta anos a fim de dar à terra o descanso necessário (Jr 25:8-11; 29:10). Isso indica que, durante quase quinhentos anos, os israelitas desobedeceram à lei de Deus sobre o ano sabático.

É um princípio básico da vida que aquilo que roubamos de Deus jamais conseguimos manter e desfrutar. Em meu ministério pastoral, vi pessoas roubar a Deus nos dizimos

e ofertas e acabarem gastando mais em consultas médicas ou em conserto do carro. Lembro-me de um membro da igreja que levou seu caderno de orçamento familiar a meu escritório para mostrar como Deus havia começado a abençoá-lo depois que ele havia parado de roubar do Senhor. Os cálculos dele mostavam que cada dólar que havia tomado de Deus tinha sido gasto com alguma necessidade emergencial e que ele mesmo não conseguiu usar o dinheiro.

Ao desobedecer à lei do ano sabático, os judeus se privaram não apenas de bênçãos espirituais, mas também da força da terra e de seus servos e animais de trabalho. Ao lavar a mesma terra ano após ano, tiveram suas colheitas, mas perderam a renovação que ocorre quando a terra e os trabalhadores podem descansar. Também perderam as bênçãos resultantes de compartilhar com os necessitados e roubaram de Deus a glória que ele teria recebido, se outras nações tivessem visto quanto ele havia abençoado seu povo. Cometeram um erro que lhes custou caro.

2. LIBERTAÇÃO E RESTAURAÇÃO: O ANO DO JUBILEU (LV 25:8-17, 23, 24)

A palavra "jubileu" é usada cinco vezes nos versículos 8 a 17 e significa, literalmente, "soar a trombeta" (o termo hebraico é *yobel*, que quer dizer "um chifre de carneiro"). Para os israelitas, cada novo ano começava com o som das trombetas no primeiro dia do sétimo mês¹ e, dez dias depois, o povo comemorava o Dia da Expição jejuando, arrependendo-se e oferecendo os devidos sacrifícios. No entanto, a cada quinquagésimo ano, no encerramento da celebração do Dia da Expição, as trombetas eram tocadas novamente para anunciar que o ano do jubileu havia começado.

A celebração desse ano especial iria requerer um bocado de fé, pois no ano anterior - o quadragésimo nono - o povo teria observado o ano sabático, quando os campos, vinhedos e pomares não teriam sido cultivados. Os israelitas precisavam confiar que Deus iria prover-lhes o necessário no quadragésimo nono, no quinquagésimo ano e,

também, no quinquagésimo primeiro ano enquanto esperavam pela colheita. Deus certamente não iria decepcioná-los, mas era possível que o povo falhasse em sua fé. Na verdade, não há qualquer evidência nas Escrituras de que a nação de Israel chegasse a comemorar o Ano do Jubileu.

Que elementos estavam envolvidos no Ano do Jubileu?

Arrependimento (v. 9). O fato de o Ano do Jubileu começar no Dia da Expição é significativo, pois era um dia em que os israelitas deveriam “afligir-se” e arrepender-se de seus pecados (Lv 16:29-34). Não deviam entrar no Ano do Jubileu sem que antes o Senhor os tivesse purificado e perdoado. Se o coração deles não estivesse em ordem com o Senhor, será que seriam capazes de libertar seus escravos e de devolver as terras a seus proprietários originais? Nosso relacionamento com Deus determina a maneira como tratamos os outros.

Libertação (vv. 10, 13). “Proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores.” Essa é a inscrição do Sino da Liberdade que se encontra no Pavilhão da Liberdade, em Filadélfia, nos Estados Unidos. Deus havia ordenado que, no começo do Ano do Jubileu, o povo libertasse aqueles que eram servos por motivo de dívida, para que voltassem a sua família e a sua terra. Um servo hebreu devia servir somente seis anos e, depois, devia ser liberto (Êx 21:2). Como os israelitas poderiam comemorar esse ano especial se alguns do seu povo estivessem numa condição de servidão e longe de seus entes queridos e de sua terra?

Descanso (vv. 11, 12). Durante o Ano do Jubileu, as pessoas eram proibidas de realizar suas atividades agrícolas normais e deviam viver daquilo que a terra produzisse. Isso dava tanto a elas quanto à terra mais um ano de descanso, uma vez que o ano anterior havia sido um ano sabático. Era necessário que confiassem que o Senhor cumpriria suas promessas e que supriria alimento suficiente para quase três anos, uma vez que só poderiam lavar a terra no quinquagésimo primeiro ano e, mesmo assim, teriam de esperar pela colheita.

Restauração (vv. 13-17). Qualquer propriedade que tivesse sido vendida desde o Ano do Jubileu anterior deveria voltar a seu proprietário original, pois o Senhor desejava que sua terra permanecesse com as tribos, clãs e famílias conforme haviam sido alocadas. A fim de que os pais pudessem cuidar de sua família, era preciso que tivessem terras para cultivar, e a propriedade particular de terras dava estabilidade à economia. A terra pertencia ao Senhor, ele apenas a emprestava para o povo. Queria que tivessem um senso de propriedade e de responsabilidade ao cuidar daquilo que era do Senhor. Normalmente, as pessoas cuidam melhor do que é delas.

Sempre que um terreno era vendido, a proximidade do Ano do Jubileu seguinte determinava o preço, pois indicava quanto o novo proprietário poderia produzir naquela terra. Uma vez que o comprador sabia muito bem que a terra acabaria voltando para seu proprietário original, certamente não pagaria por ela mais do que poderia obter com a produtividade. De acordo com a lei de Deus, “A terra não se venderá em perpetuidade” (Lv 25:23).

Essas leis impossibilitavam que especuladores imobiliários ricos e inescrupulosos acumulassem vastas propriedades e, assim, desequilibrassem a economia. Até mesmo a mais pobre das famílias israelitas recebia sua terra de volta e, ao cultivá-la, podia obter o suficiente para suprir suas necessidades e, talvez, até as necessidades de outros. O Ano do Jubileu oferecia um recomeço para os servos libertos e para os proprietários de terras e mantinha a pobreza e a desigualdade a um nível mínimo. Os israelitas não deviam oprimir uns aos outros (v. 17), mas sim lembrar-se de que a terra pertencia a Deus e de que eles eram apenas seus inquilinos (vv. 23, 24).

O profeta Isaías viu, no Ano do Jubileu, um retrato do reino messiânico prometido, quando o Senhor libertaria seu povo, o restauraria à terra e o abençoaria abundantemente (Is 61:1-3). Jesus usou essa passagem de Isaías como o texto para o sermão que pregou na sinagoga, em Nazaré (Lc 4:16-30), e aplicou-o ao “ano aceitável do SENHOR” que

estava iniciando com sua morte e ressurreição. Jesus parou sua leitura em “ano aceitável do SENHOR” e não leu a parte sobre “o dia da vingança de nosso Deus”. Em “Isaías 61:2, esse atual “ano aceitável” da graça de Deus é separado do futuro “dia da vingança” apenas pela conjunção “e”! O maravilhoso “dia da salvação” (2 Co 6:2) tem se estendido por tanto tempo porque Deus é longânimo e quer que todos os pecadores se arrependam (2 Pe 3:9, 15).

Como a proclamação do Ano do Jubileu, o evangelho é uma boa nova para os pobres, pois suas dívidas foram pagas e eles foram completamente perdoados (Lc 7:36-50). Tudo o que precisam fazer é receber o Salvador e regozijar-se com o recomeço. Assim como devedores e servos eram libertos para desfrutar do Jubileu, também os pecadores são libertos quando entregam a vida ao Senhor. A salvação por meio da fé em Cristo Jesus é uma experiência de jubileu, pois restaura famílias desfeitas e traz bênçãos perdidas e “tempos de refrigério” vindos do Senhor (At 3:19-21).

3. REDENÇÃO: O PARENTE RESGATADOR (Lv 25:25-55)

Se um israelita pobre tivesse de vender a si mesmo ou sua propriedade a fim de sobreviver, não precisava esperar até o Ano do Jubileu para readquirir sua propriedade ou liberdade. A qualquer momento, um parente que desejasse e que tivesse condições de pagar o preço podia remi-lo ou a sua terra.

O resgate de terras (vv. 25-28). Se o antigo proprietário da terra fosse pobre demais para resgatá-la, então um parente próximo podia fazê-lo por ele. No entanto, se o antigo proprietário, de algum modo, adquirisse a riqueza necessária, poderia resgatar a terra por sua própria conta. O preço dependeria, obviamente, do número de anos (colheitas) até o Ano do Jubileu. Se um homem não tivesse um resgatador disposto a pagar nem os meios de fazê-lo por si próprio, teria de esperar até o Ano de Jubileu para readquirir sua propriedade.

O resgate de casas (vv. 29-34). Uma casa numa cidade murada podia ter um valor

muito mais alto do que aquela numa área aberta, pois oferecia proteção contra invasores. O dono anterior tinha apenas um ano durante o qual poderia resgatar a casa. Depois disso, pertenceria ao novo proprietário e não era revertida ao antigo dono nem no Ano do Jubileu. Afinal, ninguém iria querer comprar uma casa cara, mudar-se para ela com a família e, então, ficar imaginando quanto tempo iria morar lá!

Casas em vilas sem muros podiam ser resgatadas a qualquer momento e voltavam para o proprietário original no Ano do Jubileu. Se um levita vendesse sua casa em uma das quarenta e oito cidades levíticas (Nm 35; Js 21), podia resgatá-la a qualquer momento. Se não o fizesse, a casa voltaria para ele e sua família no ano de jubileu. Os levitas não receberam uma parte das terras como as outras tribos, pois o Senhor era a herança deles (Js 13:14, 33; 14:3, 4; 18:7), mas receberam pastos adjacentes a suas cidades (Nm 35:1-5). Essas terras não podiam ser vendidas (ver, porém, At 4:34-37).

O resgate dos pobres (vv. 35-55). Moisés trata de três situações possíveis:

Um irmão falido e endividado (vv. 35-38) podia contar com a ajuda de seus “irmãos” israelitas com um empréstimo sem juros,² pois os israelitas deviam usar de compaixão uns para com os outros como membros da mesma família. Os israelitas podiam cobrar juros de gentios (Dt 23:19, 20). Uma vez que qualquer dívida contraída era perdoada no Ano do Jubileu, ajudar ao próximo era, verdadeiramente, um ato de fé. No entanto, o Senhor havia sido tão bom para com Israel ao resgatar o povo do Egito, ao permitir que levassem riquezas dos egípcios e ao dar a Israel a terra de Canaã, que nenhum israelita deveria querer explorar seu próximo. “De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10:8). A Igreja primitiva não demorou a compreender esse princípio e a colocá-lo em prática ao ajudar viúvas e outros cristãos necessitados (At 2:44-47; 4:34 - 5:1; 6:1-7; ver Dt 10:18; 24:17).

Um irmão pobre que se tornava servo de um israelita (vv. 39-46) deveria ser tratado como um trabalhador contratado e não

como um escravo. Seu senhor deveria ser bondoso com esse servo e com sua família, pois, em outros tempos, os israelitas haviam sido escravos no Egito, e o Senhor, em sua bondade, os havia libertado. Como poderia um israelita escravizar um irmão a quem o Senhor havia libertado? Um servo hebreu devia servir apenas seis anos e ser liberto no sétimo ano (Êx 21:2); mas se o Ano do Jubileu viesse primeiro, ele se tornaria um homem livre.

Era permitido aos israelitas ter escravos das nações gentias a seu redor ou dentre estrangeiros que viviam na terra (Lv 25:44-46), mas um hebreu jamais podia escravizar outro hebreu. Os escravos eram considerados propriedade de seu senhor e podiam tornar-se parte da herança da família, sendo passados à geração seguinte. Em outras palavras, os escravos gentios não tinham esperança de receber a liberdade a menos que conseguissem comprá-la ou que seu senhor cedesse libertá-los.

No tempo da Guerra Civil nos Estados Unidos, alguns norte-americanos usaram passagens como essas para provar que era correto e bíblico ter e vender escravos. No entanto, deve-se observar que as leis de Deus não *instituíram* a escravidão, mas sim a *regulamentaram* e, na verdade, tornaram-na mais humana. A escravidão era uma instituição existente séculos antes de Moisés dar a lei, e a lei mosaica proibia que os israelitas escravizassem uns aos outros. Deus teve de eliminar a escravidão em Israel antes de lidar com ela nas nações gentias. Se os israelitas tivessem tratado uns aos outros conforme a lei estabelecida, Israel teria sido um testemunho da graça e da bondade do Senhor para as nações gentias. No entanto, Israel não obedeceu, e os próprios israelitas acabaram tornando-se escravos, como vemos no Livro de Juízes.

Mesmo no Novo Testamento, não vemos nem Jesus e nem Paulo atacando abertamente a escravidão, apesar de os historiadores dizerem que havia cerca de sessenta milhões de escravos no império romano naquele tempo. Contudo, Jesus e Paulo levaram a mensagem da salvação a *indivíduos*, e seria

através de indivíduos salvos que a instituição da escravidão terminaria por ser abolida. Os cristãos são o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5:13-16) e influenciam por meio do exemplo e da persuasão. Como escreveu Alexander Maclaren: “[A mensagem do evangelho] não interfere diretamente em nenhuma questão política ou estrutura social, mas estabelece princípios que afetarão profundamente a ambas, apresentando-os para que sejam absorvidos pela mentalidade coletiva”.³

Se a Igreja primitiva tivesse começado uma cruzada contra a escravidão, teria identificado o cristianismo como um movimento político, o que, por sua vez, serviria de impedimento para a propagação do evangelho no mundo romano. Uma vez que não havia democracia nem eleições populares naquela época, a Igreja não tinha uma forma de acabar com a escravidão. Ao levar em consideração como foi custoso para os movimentos modernos de direitos civis influenciar até mesmo a Igreja cristã, imaginamos como não teria sido muito mais difícil travar essa batalha no tempo de César!

Por motivos conhecidos apenas pelo Senhor, ele escolheu transformar as pessoas e a sociedade gradualmente, mediante o ministério do Espírito Santo e da proclamação da verdade da Palavra de Deus. Apesar de os princípios da vontade de Deus serem os mesmos em todas as eras, não temos autoridade alguma para aplicar à sociedade de hoje as leis que regiam o povo de Israel durante a dispensação da lei mosaica.

Um israelita escravizado por um gentio (vv. 47-55) podia ser remido por um parente resgatador próximo disposto a isso e que fosse rico o suficiente para fazê-lo. É interessante que um “residente estrangeiro” na terra de Israel deveria obedecer à lei de Moisés, mesmo que não fosse membro da comunidade israelita da aliança. Se um israelita conseguisse juntar o dinheiro, poderia comprar sua liberdade, e o preço era calculado de acordo com o Ano do Jubileu. O senhor gentio devia tratar o escravo israelita como um servo contratado e não com aspereza. Se não fossem remidos, o escravo e sua família eram libertos no Ano do Jubileu.

O exemplo clássico da lei do parente resgatador encontra-se registrado no Livro de Rute, em que Boaz remiu tanto Rute quanto sua herança e, depois, casou-se com ela. O Senhor Jesus Cristo assumiu a forma de carne humana sem pecado e tornou-se nosso "semelhante" (Hb 2:5-18), para que pudessemos entregar-se como resgate e nos libertar. Somente ele era qualificado para preencher os requisitos e estava disposto a fazê-lo. Jesus Cristo não apenas nos remiu como também nos deu parte em sua herança, e nos fez co-herdeiros com ele!

Infelizmente, o povo de Israel não obedeceu às leis apresentadas neste capítulo, pois seu egoísmo e ganância arruinaram a terra e o sistema econômico. Os profetas repreenderam os ricos por explorar os pobres e roubar deles suas casas, terras e até seus filhos (Is 3:14, 15; 10:1-3; Am 2:6, 7; 5:11). Os tribunais locais desconsideravam

os decretos de Deus, e os juízes, abastados de tanto receber subornos, tomavam decisões que favoreciam os ricos e oprimiam os pobres. No entanto, Deus ouviu o clamor dos pobres e, um dia, fez vir terrível juízo sobre o povo de Israel.

Deus se preocupa com a maneira como usamos os recursos que ele nos deu e como tratamos uns aos outros no mercado de trabalho. Tanto a ecologia quanto a economia são do interesse dele e, a seu tempo, ele julga aqueles que exploram os outros tratando-os de maneira desumana.

Nas palavras do escritor inglês Samuel Johnson: "Uma provisão generosa para os pobres é a verdadeira prova de civilização".

"Tens ouvido, SENHOR, o desejo dos humildes; tu lhes fortalecerás o coração e lhes acudirás, para fazeres justiça ao órfão e ao oprimido, a fim de que o homem, que é da terra, já não infunda terror" (Sl 10:17, 18).

1. Não se esqueça de que o ano religioso dos israelitas iniciava em abril, com a Páscoa (Êx 12:2), e de que seu ano civil começava com a Festa das Trombetas, sete meses depois.
2. Alguns estudiosos interpretam que essa lei impedia os credores de cobrar "juros excessivos", como era o caso no tempo de Neemias (Ne 5). No entanto, de acordo com a interpretação dos rabinos, ela determinava empréstimos sem juros.
3. MACLAREN, Alexander. *The Expositor's Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 1940, v. VI, p. 301.

O GRANDE “SE”

LEVÍTICO 26 – 27

O termo “se” já foi considerado uma das palavras mais curtas porém mais importantes de nossa língua. É inútil discutir o que poderia ter acontecido à história do mundo se Wellington tivesse sido derrotado em Waterloo ou se os alemães tivessem vencido a Segunda Guerra.

Deixar fora todos os “ses” que aparecem em Levítico 26 e 27 pode comprometer a compreensão do seu sentido, pois o termo é usado trinta e três vezes como conjunção condicional nessa passagem. A história de Israel não pode ser compreendida inteiramente sem os “ses” contidos na aliança de Deus. No tocante à história do povo de Deus, “se” é uma palavra e tanto. Três orações com “se” no capítulo 26 nos mostram a importância dessa palavra: “Se andardes nos meus estatutos” (v. 3); “Se não me ouvirdes e cumprirdes estes mandamentos” (v. 14); “Mas, se confessarem a sua iniquidade” (v. 40). O termo “se” pode ter um grande peso em nosso relacionamento com o Senhor.

Os estatutos e instruções que Deus deu a Israel em Levítico 26 e 27 ilustram quatro responsabilidades que cada cristão tem para com o Senhor.

1. OBEDECER AOS MANDAMENTOS DE DEUS (Lv 26:1-13)

Em Levítico 26, obedecer aos mandamentos de Deus é “andar nos estatutos” (v. 3), mas desobedecer-lhes é “andar contrariamente” (vv. 15, 21, 23, 24, 27, 28, 40, 41). A palavra traduzida por “contrariamente” significa “de maneira hostil, com a intenção de lutar”.¹

Se estou indo para um lado e Deus está indo para o outro, estou me afastando da

presença dele, e *Deus certamente não vai mudar de rumo!* Se continuar andando contrariamente a ele, acabarei me envolvendo em sérios problemas, pois: “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?” (Am 3:3) Moisés deu a seu povo quatro excelentes motivos pelos quais deviam obedecer ao Senhor.

Por causa de quem Deus é (v. 1). O Deus de Israel, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, é o verdadeiro Deus vivo e não um ídolo feito por mãos humanas. Ele os lembrou: “Eu sou o SENHOR, vosso Deus”. O nome SENHOR em letras maiúsculas significa Deus Jeová, o grande EU SOU, Aquele que entrou num relacionamento de aliança com Israel e para o qual os hebreus disseram: “Tudo o que o SENHOR falou faremos” (ver Êx 19:1, 8).

A. W. Tozer lembra que: “A essência da idolatria é alimentar pensamentos sobre Deus que não são dignos dele”² Quando o povo abandonou a adoração a Jeová em troca da adoração a ídolos ou, pior ainda, quando tentou adorar Jeová e a falsos deuses ao mesmo tempo, deixou a realidade e passou a viver na ilusão, deixou a verdade e passou a viver uma mentira, e as consequências foram catastróficas. Apesar da promessa que haviam feito de obedecer ao Senhor, os israelitas quebraram os dois primeiros mandamentos e voltaram-se para ídolos.

Por causa do que Deus fez (v. 2a). A palavra “sábados” (plural) refere-se a todos os dias especiais do calendário de Israel e não apenas ao sétimo dia da semana. Estudamos esse calendário no capítulo 9 e observamos que esses dias especiais lembravam os israelitas da bondade de Deus para com eles. A Páscoa era um memorial do livramento de Israel do Egito e a Festa dos Tabernáculos lembrava-os do cuidado de Deus com seu povo no deserto. A Festa das Primícias e de Pentecostes eram “festivais das colheitas”, que se referiam às bênçãos de Deus sobre o trabalho do povo no campo, e a Festa dos Tabernáculos era um tempo de alegria pelas colheitas, pelos frutos recebidos de Deus nos vinhedos e pomares.

Até mesmo o sábado semanal era uma lembrança de que os israelitas eram o povo especial de Deus, pois o sétimo dia era um sinal entre Deus e Israel (Êx 31:13). Ao descansar no sétimo dia, os israelitas podiam dar graças por pertencer ao verdadeiro Deus vivo que havia adotado Israel para ser seu tesouro peculiar. Também podiam dar graças ao Deus que os havia fortalecido para o trabalho de mais uma semana. Quer repensassem a história de Israel a partir do êxodo, quer simplesmente meditassem sobre a bondade de Deus na semana que havia passado, os israelitas tinham motivos de sobra para agradecer a Deus e para obedecer a seus estatutos.

Por causa do lugar onde Deus habita (v. 2b). O Deus de Israel habitava no acampamento deles! Os israelitas tinham seu tabernáculo sagrado no meio do acampamento com a “nuvem de glória” pairando sobre ele. As nações ao redor do povo tinham seus templos com deuses criados por mãos humanas, mas Israel tinha o Deus que os criou habitando em seu meio. Como poderiam pensar em desobedecer-lhe quando o Senhor estava tão próximo deles, dignando-se a habitar com eles no acampamento? A desobediência deliberada a Deus não era apenas uma transgressão a sua santa lei, mas também uma profanação de seu santuário. Pecar significava contaminar o acampamento, o que explica por que as pessoas imundas eram obrigadas a sair dele.

A aplicação dessa verdade para o cristão é óbvia. Nosso corpo é o santuário de Deus, e devemos cuidar para usá-lo para a glória de Deus (1 Co 6:15-20). O Espírito Santo de Deus habita em nós e não devemos entristecê-lo ao usar seu santuário para fins pecaminosos (Ef 4:30; ver vv.17-32). Se um israelita sacrificasse um porco no altar ou espalhasse ossos humanos no átrio do tabernáculo, seria culpado das maiores transgressões à santa lei de Deus. Cristãos com uma conduta sexual inapropriada ou que contaminam sua imaginação com pensamentos perversos são culpados de transgressões igualmente graves.

Por causa daquilo que Deus prometeu (vv. 3-13). Os israelitas não passavam de

crianças na fé (Gl 4:1-7), e a principal maneira de ensinar crianças é por meio de recompensas e de castigos. Não se pode fazer uma preleção sobre ética para crianças e esperar que entendam, mas pode-se prometer recompensá-las se obedecerem e castigá-las se desobedecerem. Essa abordagem as protegerá de fazer mal a si mesmas e lhes dará tempo de amadurecer e de entender melhor por que a obediência é essencial a uma vida feliz. As crianças devem aprender aos poucos que tanto prescrições quanto castigos são expressões de amor para o próprio bem delas.

Posteriormente, Moisés explicou sua “bênção da aliança” (Dt 28 - 30). Era o “arrendamento” de Deus para o povo, a fim de ajudá-lo a manter a posse e a desfrutar da terra que ele havia lhes prometido. Eles possuíam a terra em função das promessas de Deus a Abraão (Gn 12:1-3; 13:14-17), mas não podiam desfrutá-la a menos que obedecessem às leis que Deus havia dado a Moisés. Infelizmente, o povo desobedeceu à lei, deixou de aproveitar a terra e acabou sendo levado para o exílio na Babilônia.

Como filhos de Deus, já temos tudo de que precisamos para a “vida e piedade” (2 Pe 1:3), pois agora possuíamos “toda sorte de bênção espiritual [...] em Cristo” (Ef 1:3). No entanto, ter essas bênçãos é uma coisa e desfrutá-las é outra bem diferente. Ao confiar nas promessas de Deus e ao obedecer a seus mandamentos, usufruímos de nossa herança espiritual e podemos caminhar com sucesso servindo com eficiência. Assim como a nação de Israel em Canaã, temos batalhas a travar e trabalho a ser feito, mas ao andar em obediência ao Senhor, ele nos capacita a conquistar o inimigo, a nos apropriarmos da terra e a desfrutar suas bênçãos.

Em primeiro lugar, Deus prometeu-lhes chuvas e colheitas abundantes (Lv 26:3-5, 10). Por ser uma nação agrícola, Israel dependia das chuvas de outono e de primavera para regar suas plantações e suprir suas necessidades domésticas. Um dos motivos pelos quais a adoração a Baal seduziu os israelitas foi o fato de Baal ser o deus cananeu das tempestades. Às vezes, quando o povo de Israel precisava de chuva, buscava a ajuda

de Baal em vez de voltar-se para Jeová. Como forma de disciplinar seu povo, Deus com frequência retinha as chuvas, como fez nos tempos de Elias (1 Rs 17 -18).

O Senhor também prometeu *paz e segurança na terra de Canaã* (Lv 26:5-8). Podiam ir dormir sem medo de animais ou de invasões inimigas em suas terras. Se um inimigo invadissem, não tardaria a ser expulso pelo exército de Israel, e um soldado israelita seria equivalente a vinte ou até a cem soldados do exército inimigo! A segurança de outras nações dependia de grandes exércitos, com muitos cavalos e carros, mas a vitória de Israel vinha pela fé no Senhor e pela obediência a sua Palavra. “Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriamos em o nome do SENHOR, nosso Deus” (Sl 20:7).

Se os israelitas obedecessem à sua lei, Deus prometeu *multiplicar a população de Israel* (Lv 26:9). Ao contrário de algumas pessoas hoje em dia que recorrem ao aborto e que desaprovam as famílias grandes, os israelitas queriam ter muitos filhos e consideravam as famílias numerosas uma bênção de Deus (Gn 17:6; Dt 7:13, 14; Sl 127 - 128). Era necessário haver novas gerações para manter a economia, sustentar os clãs e tribos e proteger a nação. Uma população dizimada era um julgamento do Senhor.

A *presença do Senhor* (Lv 26:11, 12) era a maior bênção prometida, pois todas as outras bênçãos dependiam dela. Que outras nações tinham o santuário do Deus vivo no meio delas e seu Deus andando com elas? (Rm 9:1-5) Que tragédia foi a desobediência de Israel ter transformado o templo num “covil de salteadores” (Jr 7:11), obrigando o Senhor a destruir o templo e a mandar seu povo para o exílio! Quando perdemos a percepção da presença do Senhor e do privilégio que é servi-lo, começamos a desprezar sua Palavra e a desobedecer a seus mandamentos.

Em nove ocasiões, no Livro de Levítico, o Senhor lembra seu povo de que ele os havia livrado do Egito e, portanto, merecia sua obediência (Lv 11:45; 19:36; 22:33; 23:43; 25:38, 42, 55; 26:13, 45). Em Deuteronômio, Moisés enfatizou que o amor deles pelo

Senhor devia motivar sua obediência em função de tudo o que Senhor havia feito por eles.

Devemos observar que essa aliança de bênção foi dada somente a Israel e não deve ser aplicada à Igreja de hoje. Deus certamente abençoa aqueles que lhe obedecem, mas suas bênçãos não são sempre saúde, riqueza e sucesso. Alguns dos maiores heróis da fé sofreram por causa de sua obediência e jamais experimentaram os milagres de provisão e livramento do Senhor (Hb 11:36-40). Milhões de cristãos caíram em mãos inimigas e foram martirizados por sua fé. Essa aliança referia-se apenas a Israel em sua terra e era a maneira de Deus ensinar-lhes fidelidade e obediência.

Hoje em dia, alguns dos “pregadores do sucesso” gostam de apropriar-se dessas “bênçãos” da aliança para a Igreja, mas preferem crer que os juízos referem-se a alguma outra pessoa! Se essa aliança aplica-se aos filhos de Deus em nossos tempos, então deveríamos ser julgados sempre que desobedecêssemos ao Senhor. No entanto, a experiência mostra que vários cristãos condescendentes com as coisas do mundo são bem-sucedidos, saudáveis e ricos, enquanto muitos dos filhos mais féis de Deus estão passando por provações e dificuldades (ver Sl 73).

2. SUBMETER-SE À DISCIPLINA DO SENHOR (Lv 26:14-39)

“Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12:6; ver Pv 3:11, 12). O relacionamento especial de Israel com Jeová implicava uma obrigação de obedecer à voz de Deus e de glorificar seu nome. “De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades” (Am 3:2). O privilégio traz consigo a responsabilidade, e não há nação que tenha desfrutado de mais privilégios espirituais do Senhor do que Israel.

São descritos seis períodos de disciplina (Lv 26:16, 17, 18-20, 21, 22, 23-26, 27-31 e 32-39), sendo que o último é o mais rigoroso. Nos cinco primeiros, Deus castiga o povo *em sua própria terra*, mas no sexto juízo,

o povo é levado *para fora da terra* e dispersado entre as nações. Algumas correções são repetidas nos diversos períodos, mas podem ser assim resumidas: aflição e terror; seca e fome; doenças; derrota diante dos inimigos; morte decorrente de guerras, animais e pragas; destruição das suas cidades e de sua nação; dispersão e exílio entre as nações gentias. Posteriormente, Moisés explicou essas disciplinas (Dt 28:15ss). Como é triste quando crianças inocentes precisam sofrer por causa do pecado de seus pais! (Lv 26:22, 29).

A oração “vos castigarei sete vezes mais”, repetida quatro vezes nessas advertências (vv. 18, 21, 24, 28), significa um “castigo completo”, uma vez que esse é o número hebreu que representa a plenitude. Cada período de disciplina seria pleno e completo, em nada deixando a desejar, e o período seguinte seria mais rigoroso que o anterior.

Versículos 16, 17, nvi. “Pavor repentino” significa confusão mental, o tipo de pavor que se sente quando não é possível controlar o que está acontecendo. A “física” refere-se a enfermidades que consumiam o corpo aos poucos, como a tuberculose. No Livro de Juízes, as nações gentias invadiam Israel no tempo da colheita e levavam embora suas safras. Se os israelitas tivessem obedecido, o Senhor faria “resplandecer o seu rosto” sobre eles (Nm 6:22-27), mas sua desobediência fez com que Deus voltasse seu rosto para o outro lado (comparar Lv 26:17 com Pv 28:1).

Versículos 18-20. Deus declara seu objetivo: “Quebrantarei a soberba da vossa força” (v. 19). As chuvas cessariam e a terra ficaria tão dura que as sementes não germinariam. Haveria grande labuta sem nenhuma safra (Am 4:6-13). É de se pensar que todo esse sofrimento colocaria a nação de joelhos e conduziria o povo ao arrependimento, mas não houve contrição alguma. Será assim no fim dos tempos, quando Deus enviar juízos sobre o mundo todo (Ap 16, especialmente os vv. 9 e 11).

Versículos 21, 22. Um dos juízos é citado nesses versículos: a invasão de feras do campo que matariam animais e pessoas, especialmente crianças. Imagine o terror que sobreviria à nação se feras famintas estivessem

sempre rondando suas casas! O mais lógico seria que os adultos se voltassem para Deus, nem que fosse só por amor aos filhos.

Versículos 23-26. Guerras, fome e praga normalmente andam juntas. Quando pessoas estão amontoadas numa cidade murada durante um cerco inimigo, ficam sem comida, adoecem e pragas terríveis começam a se espalhar (ver Ez 5).

Versículos 27-31. A fome leva as pessoas a fazer coisas desumanas, como matar e comer os próprios filhos (ver 2 Rs 6:29; Jr 19:9; Lm 4:10). Os exércitos inimigos destruiriam os santuários idólatras construídos pelo povo e atiraria os cadáveres dos israelitas aos ídolos que não foram capazes de salvá-los. Levítico 26:31 dá a entender que o povo tentaria retomar o culto a Jeová, mas seria tarde demais. As cidades e santuários seriam todos arrasados.

Versículos 32-39. Essa seção descreve o ponto culminante das disciplinas de Deus, uma medida necessária por causa da dureza do coração de seu povo. Até esse ponto, o Senhor havia corrigido o povo em Canaã. Em 722 a.C., o exército assírio levou para o cativeiro o povo do reino do Norte, Israel, e depois, em 605 a.C., os babilônios começaram sua conquista de Judá, o reino do Sul. Os setenta anos de cativeiro na Babilônia permitiram que a terra descansasse e que “folgasse nos seus sábados” (vv. 34, 35, 43; 2 Cr 36:21; Jr 25:11).

Em sua misericórdia, o Senhor levou um remanescente dos judeus de volta para a terra, mas o reino jamais recobrou o poder e a glória anteriores de outros tempos. Exceto por breves períodos de liberdade, como sob a liderança dos macabeus, os judeus estiveram sempre sob o controle de algum poder estrangeiro. Sua dispersão final foi no ano 70 d.C., quando os exércitos romanos invadiram e tomaram Jerusalém. O cerco de Jerusalém cumpriu e foi além das profecias de Levítico 26:22 e 29.

3. CONFIAR NA ALIANÇA DO SENHOR (Lv 26:40-46)

Mesmo nas piores situações, porém, sempre há esperança, pois o Senhor é “compassivo,

clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado” (Êx 34:6, 7). A aliança de Deus com seu povo nunca muda, e se confessarmos nossos pecados e nos arrependermos, ele nos perdoará e restaurará (Lv 26:40; 1 Rs 8:33, 34; Ne 9:2; 1 Jo 1:9). Seja em meio a bênçãos, disciplina ou perdão, Deus sempre mantém sua aliança e é fiel à sua Palavra.

Deus pode castigar seu povo, mas jamais o rejeitará nem lançará fora (Rm 11). Na verdade, uma das motivações de sua correção é conduzir o povo desgarrado de volta a seus braços de amor, onde o Senhor pode se agradecer deles e abençoá-los novamente (Hb 12:1-13). O povo de Deus talvez se esqueça da lei, mas Deus se lembra de sua aliança. Também se lembra da terra, pois ela lhe pertence (Lv 25:23).

No futuro, Israel se reunirá em sua terra antes da vinda de Cristo ao mundo para estabelecer seu reino prometido. (Ver os comentários sobre a Festa das Trombetas no capítulo 9 deste livro.) Deus deu a terra a Abraão e a seus descendentes e não voltará atrás em sua palavra.

A rebelião de Israel era decorrente de “corações incircuncisos”, ou seja, corações que jamais haviam sido transformados pelo Senhor (Lv 26:41). O povo de Israel orgulhava-se de ser circuncidado no corpo, mas isso não bastava para salvá-los (Mt 3:7-12). A marca no corpo era um selo exterior da aliança, mas era necessário mais do que isso para transformar o coração (ver Dt 10:16; 30:6; Jr 4:4; 9:25; Rm 2:29).

Quando desobedecemos ao Senhor, o inimigo nos acusa e quer que acreditemos que não há mais esperança, pois Deus deu as costas para nós (2 Co 2:1-11). “Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2 Tm 2:13). O rei Salomão falou das promessas de perdão quando consagrou o templo (1 Rs 8:31-53), e foi dessa promessa que Jonas se apropriou quando se arrependeu de seus pecados (Jn 2:7).

A promessa de perdão em 1 João 1:9 jamais deve ser usada como pretexto para

pecar, mas certamente é um encorajamento maravilhoso para os filhos de Deus quando caem em pecado. A fidelidade de Deus à sua Palavra e à sua aliança é uma garantia maravilhosa de que “Contigo [com Deus], porém, está o perdão, para que te tenham” (Sl 130:4). Uma vez que a Palavra de Deus não muda, nem seu caráter, somos incentivados, de toda forma possível, a nos achegarmos a ele e a recomeçarmos.

4. MANTER NOSSOS COMPROMISSOS COM DEUS (Lv 27:1-34)

Parece estranho que o Livro de Levítico termine com um capítulo sobre votos e não com um relato de uma demonstração especial da glória e da santidade de Deus. No entanto, nossas promessas a Deus devem ser tão invioláveis quanto sua aliança conosco. “Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus” (Ec 5:2). “Laço é para o homem o dizer precipitadamente: É santo! E só refletir depois de fazer o voto” (Pv 20:25).

O princípio por trás das prescrições desse capítulo é o da substituição de algo consagrado a Deus – uma pessoa, animal ou propriedade – por uma soma em dinheiro a ser entregue aos sacerdotes para a manutenção do santuário. Os sacerdotes avaliariam a oferta de acordo com as regras apresentadas nesse capítulo. Ao dar dinheiro em lugar daquilo que haviam consagrado, os adoradores estavam “remindo” essa dádiva prometida e, ainda assim, cumprindo seus votos. Tais votos eram estritamente voluntários e expressavam a gratidão do adorador a Deus por suas bênçãos.

O que era remível (vv. 1-25). Vemos, primeiramente, a remissão de pessoas (vv. 1-8). Um adorador podia consagrar-se ao Senhor ou levar um membro da família ou servo a servir ao Senhor pelo resto da vida no santuário. No entanto, uma vez que havia um número suficiente de levitas e que estes eram especialmente separados para o serviço no santuário, era esperado que a pessoa consagrada fosse remida com dinheiro e que o dinheiro fosse dado aos sacerdotes para o

ministério no santuário. No caso de Samuel (1 Sm 1 - 2), ele foi, de fato, entregue ao sumo sacerdote e treinado para servir no tabernáculo. As crianças podiam ser remidas ou, como Samuel, podiam passar a servir quando ficassem mais velhas.

O valor em dinheiro determinado para cada faixa etária e sexo não tinha nenhuma relação com o valor do indivíduo como pessoa. Todos eram preciosos ao Senhor. A idéia central era relativa a quanto trabalho poderiam realizar. Um siclo equivalia a um mês de salário para um trabalhador, apesar de não sabermos exatamente qual era seu poder aquisitivo. Assim, um homem de vinte a sessenta anos era avaliado em cerca de quatro anos de renda. Colocando isso em valores atuais, podemos concluir, corretamente, que as pessoas não costumavam fazer votos desse tipo irrefletidamente. Sem dúvida, saía caro pagar por quatro anos de renda para cumprir um voto feito ao Senhor.

Podia-se consagrar e, então, remir animais (Lv 27:9-13). Todo animal consagrado ao Senhor era considerado santo (vv. 9, 10), o que significa que era separado ("santificado") e que pertencia ao Senhor. Se o ofertante desejasse substituí-lo por um animal inferior, então os dois passariam a pertencer ao Senhor (v. 10)! Esse foi um dos pecados dos sacerdotes no tempo de Malaquias (Ml 1:13, 14). No caso de animais, o ofertante deveria acrescentar 20% ao valor estimado pelo sacerdote.

Propriedades também podiam ser consagradas e remidas (Lv 27:14-25), mas o proprietário devia acrescentar 20% ao valor estimado quando entregasse o dinheiro da remissão ao sacerdote. Um campo era avaliado com base em sua produtividade e na proximidade do Ano do Jubileu. Se por algum motivo o proprietário vendesse a terra depois de tê-la consagrado ao Senhor, era penalizado ao perdê-la no Ano do Jubileu, quando seria dada aos sacerdotes e não poderia nunca mais ser remida. É melhor cumprir aquilo que prometemos ao Senhor.

O que era irremível (vv. 26-34). Havia três coisas irremíveis: os primogênitos de animais,

algo que Deus tivesse tomado para si e as dízimas da terra.

Os primogênitos dos animais (vv. 26, 27) foram separados para o Senhor na primeira Páscoa (Êx 13:2; ver 34:19, 20). Esses animais tomaram o lugar dos primogênitos de Israel remidos do juízo pelo sangue do cordeiro. Esses animais não podiam ser remidos. Contudo, se o animal era "imundo", o que provavelmente significa que tinha algum tipo de defeito, o dono podia remi-lo ao pagar o valor estimado ao qual se devia acrescentar 20%. (Nenhum animal imperfeito podia ser colocado sobre o altar, e certamente um sacerdote jamais poderia aceitar um animal considerado "imundo".)

Coisas "consagradas" ao Senhor (vv. 28, 29) era aquilo que Deus havia separado para si, como os espólios de guerra em Jericó (Js 6:17-19; 7:11-15). Tais coisas haviam sido "interditadas" por Deus, pois pertenciam somente a ele. O rei Saul quebrou essa lei quando tentou dar a Deus aquilo que o Senhor já havia interditado para si, ou seja, os amalequitas e suas riquezas (1 Sm 15).

As dízimas da terra (vv. 30-33) já haviam sido separadas para o Senhor e não podiam ser usadas de qualquer outra maneira. Tudo indica que os israelitas pagavam três dízimos: um para os levitas, os quais, por sua vez, davam o dízimo aos sacerdotes (Nm 18:21-32); um dízimo era levado ao santuário e consumido "perante o SENHOR" (Dt 14:22-27); e um dízimo adicional era dado, a cada três anos, aos pobres (vv. 28, 29). Nenhum lavrador podia ficar com o dízimo do Senhor e remi-lo com dinheiro. Devia ser dado conforme o Senhor havia instruído.

A principal lição deste capítulo é que Deus espera que honremos nossos compromissos e que sejamos honestos em nosso proceder para com ele. Não devemos tentar negociar um "acordo mais vantajoso" nem escapar das responsabilidades. É bom ofertar em dinheiro para o Senhor, mas nem sempre o dinheiro é uma forma aceitável de expressar nossa dedicação a Deus. Esse dinheiro pode ser um substituto para o serviço que deveríamos estar prestando ao Senhor.

O que Samuel disse ao rei Saul precisa ser ouvido hoje em dia: "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros" (1 Sm 15:22).

Por fim, precisamos nos lembrar de que Cristo pagou com sua própria vida o preço

de remissão pelos pecadores e *não* somos dignos dele. Ele não nos redimiu com ouro e prata, mas com seu precioso sangue (1 Pe 1:18, 19). Qualquer sacrifício que fizermos por ele fica muito aquém daquilo que ele fez por nós.

1. HARRIS, ARCHER e WALKE (Eds.). *Theological Workbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980, p. 814, v. 2.
2. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*, p. 11.

MAZINHO RODRIGUES!
Um Instrumento Escolhido - At 9.15

LIÇÕES DE LEVÍTICO

UM RESUMO

O fato de Deus dedicar um livro inteiro da Bíblia à questão da santidade indica que se trata de um assunto *importante* que não pode ser ignorado. Há muitos detalhes fascinantes desse livro que não pudemos estudar, mas as lições principais destacam-se claramente. Vamos resumir algumas delas e apresentar certas aplicações práticas para a vida cristã de nosso tempo.

1. NOSSO DEUS É UM DEUS SANTO

Sempre que subestimamos a santidade de Deus, corremos o risco de subestimar a pecaminosidade humana, e a combinação desses dois erros resulta no desprezo à cruz de Cristo. Se desejamos pregar o evangelho, então devemos ter um Deus santo que abomina o pecado e que tomou uma atitude em relação a ele que lhe custou um preço altíssimo. Nas palavras do teólogo Carl F. H. Henry: “É pelo fato de Deus ser santo e amoroso que proporciona a expiação”.¹

A santidade de Deus denota seu caráter absolutamente “isolado” de tudo o que é pecaminoso. Ele é *diferente* daquilo que é comum; é *separado* de tudo o que contamina. Contudo, a santidade de Deus não é algo estático, como um bloco de gelo puro. Sua santidade é viva e ativa, “um mar de vidro, mesclado de fogo” (Ap 15:2). Tudo o que se refere a Deus é santo: sua sabedoria, seu poder, seus julgamentos e até mesmo seu amor. Se seu amor não fosse santo, jamais teria enviado seu único Filho para morrer pelos pecados do mundo, para preencher os requisitos justos de sua própria natureza e os preceitos de sua lei santa.

Posso estar errado, mas tenho a impressão de que muitos do povo de Deus, hoje em dia, perderam a percepção extraordinária da santidade de Deus. Por quê?

Por uma razão: não enfatizamos a santidade em nossas igrejas. Como encontros ao redor da fogueira em acampamentos escoteiros, nossos cultos de “adoração” são cheios de energia e de alegria, mas totalmente desprovidos da ênfase vital na santidade de Deus. Nossas pregações giram em torno das pessoas, tentando suprir suas necessidades em vez de voltá-las para o Deus santo, que merece sua adoração e obediência. As pessoas arrebatadas pela grandiosidade e santidade de Deus não se preocupam muito com suas necessidades.

A ausência de disciplina e de padrões cristãos elevados dentro da Igreja indica que não levamos a santidade a sério. Tentamos promover e “vender” a Igreja para o mundo ao transmitir a idéia antibíblica de que o cristianismo é “divertido” e de que todo pagão deveria fazer parte do clube e começar a viver o lado alegre da vida. Uma vez, ouvi um pastor dizer na hora dos avisos: “Venham para o culto hoje à noite, vamos nos divertir pra valer”.

Pensei nas palavras de Tiago, escritas para os cristãos mundanos: “Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza” (Tg 4:9).

Não consigo imaginar Moisés e os anciãos “se divertindo” no monte Sinai ao contemplar a glória de Deus, ou Isaías dizendo que “foi divertido” ir ao templo e ver “o Senhor [...] sobre um alto e sublime trono” (Is 6:1). Ninguém gosta de bom humor e de riso saudável tanto quanto eu, mas ao contemplar minha pecaminosidade e a santidade de Deus, meu desejo é juntar-me a Jó, Isaías, Pedro e João e prostrar-me com o rosto em terra em reverência e temor ao Senhor.

2. DEUS QUER QUE SEU POVO SEJA SANTO

Deus diz oito vezes nas Escrituras: “Sereis santos, porque eu sou santo”. Uma vez que o Senhor sempre nos capacita a fazer aquilo que ele ordena, esse mandamento nos garante que é possível ter uma vida santa.

A santidade é para a alma o que a saúde é para o corpo, e o Médico dos médicos pode nos dar a saúde espiritual de que precisamos.

Deus queria que o povo de Israel fosse uma “nação santa” (Êx 19:6), e essa vocação mais elevada aplica-se aos cristãos de hoje (1 Pe 2:9). A Igreja da atualidade pode ser conhecida por muitas coisas – construções, orçamentos, multidões, grande número de programações –, mas certamente não é conhecida por sua santidade. *Quantos cristãos você conhece sobre os quais poderia honestamente dizer “Ele é um homem de Deus” ou “Ela é uma mulher de Deus”?* Quantas “celebridades cristãs” merecem esse título?

Israel não foi uma nação santa e, portanto, não deu testemunho como Deus queria que tivesse feito. Não apenas *Israel* sofreu as consequências de seus pecados, mas também o *mundo pagão*, pois não viu em Israel como é diferente pertencer a um Deus santo. A Igreja enfatiza o testemunho verbal, mas se esquece do caráter piedoso e da conduta, e ambos são importantes. Jesus não disse: “Vós sois os lábios do mundo”, mas sim: “Vós sois a luz do mundo”. Não disse: “Vós sois os sermões da terra”, mas sim: “Vós sois o sal da terra”. Uma vida santa dissipa a escuridão e afasta a corrupção.

3. A SANTIDADE COMEÇA NO ALTAR

O Livro de Levítico não começa com uma reunião de oração, um culto de louvor ou um momento para compartilhar. Começa no altar em que é derramado o sangue dos sacrifícios inocentes pelos pecadores culpados. Começa com a descrição de cinco sacrifícios, sendo que todos apontam para o Senhor Jesus Cristo e para sua obra na cruz.

O primeiro passo para a santidade é admitir meus próprios pecados e reconhecer a Cristo como meu único Salvador e Redentor do pecado. Se acredito que vou santificar-me com minhas resoluções sinceras, meus costumes religiosos ou meu conhecimento teológico, estou fadado a fracassar. Sem dúvida, precisamos de conhecimento espiritual e devemos ter a resolução de cultivar uma vida de piedade, mas, sem o sacrifício

de Cristo, todas essas coisas boas tornam-se inúteis e, por vezes, até nocivas.

A cruz revela a aversão de Deus pelo pecado. *Nosso pecado matou seu único Filho*. Como posso ter uma posição neutra ou até ser amigável para com algo que levou o Filho de Deus a sofrer e a morrer? A menos que eu aprenda a odiar o pecado, jamais serei capaz de cultivar a santidade.

Contudo, a cruz também revela o poder de Deus para subjugar o pecado. O sangue de Cristo nos purifica (1 Jo 1:7, 9) e nos leva para perto de Deus (Ef 2:13), purificando também a nossa consciência (Hb 9:14). Ao aceitar a obra completa de Cristo e nossa condição santificada nele (Hb 13:12), damos o primeiro passo para levar uma vida de santidade.

4. A SANTIDADE ENVOLVE OBEDIÊNCIA E DISCIPLINA

Não bastava que o adorador israelita levasse um sacrifício para o altar e, depois, fosse embora sabendo que seus pecados haviam sido perdoados. Esse adorador também tinha de obedecer às ordens e aos preceitos dados pelo Senhor a seu povo com referência ao que era limpo e imundo. Em outras palavras, nosso Deus santo tem o direito de nos dizer o que é certo e o que é errado.

Hoje em dia, os cristãos não observam as leis judaicas com relação à alimentação, mas deveríamos estar atentos para a verdade que elas ilustram: há certas coisas neste mundo que não devemos permitir dentro de nós, pois Deus não as aprova. Não tenho medo de tocar num corpo morto nem de pegar um osso, mas devo cuidar para “[guardar-me] incontaminado do mundo” (Tg 1:27). A liberdade cristã não é uma permissão para participar de coisas que não nos fazem bem.

Sou totalmente a favor da atual ênfase no estudo da Bíblia entre os cristãos e me alegro com as muitas ferramentas excelentes à nossa disposição. No entanto, não basta ler e estudar a Bíblia. Devemos “[guardar] os seus mandamentos e [fazer] diante dele o que lhe é agradável” (1 Jo 3:22). *A obediência disciplinada é uma parte importante da*

vida de santidade. É muito mais fácil investigar e discutir temas bíblicos do que demonstrar suas verdades em nossa vida diária.

O povo de Deus, no Antigo Testamento, precisava proceder com cuidado a fim de não ser contaminado (Ef 5:15). Era preciso incorporar os padrões de santidade de Deus a todos os aspectos da vida diária: as roupas que vestiam, o alimento que ingeriam, as coisas que tocavam e as pessoas com as quais tinham comunhão. Maridos e esposas deviam colocar suas experiências mais íntimas sob a disciplina da Palavra de Deus. Não havia a divisão de “secular” e “sagrado” para o santo do Antigo Testamento, pois tudo na vida pertencia a Deus.

Os cristãos de hoje acreditam que são espirituais por ir à igreja uma vez por semana e por ler um livro devocional nos outros seis dias. É somente quando a santidade de Deus passa a alcançar, cada vez mais, *todas as áreas de nossa vida* que podemos dizer que estamos começando a fazer progresso rumo à santificação.

5. A SANTIDADE DEVE SER AUTÊNTICA E VIR DE DEUS

Devemos ter cuidado com o “falso zelo”. Deus matou Nadabe e Abiú, os filhos de Arão, pois levaram “fogo estranho” e falso zelo para o santuário, transgredindo a lei santa de Deus. O Senhor não faz isso hoje em dia, mas, se fizesse, não sobrariam muitos santos. É bem provável que os dois sacerdotes estivessem embriagados, o que lembra a admoestação de Paulo para que não nos embriaguemos com vinho, mas nos enchemos do Espírito (Ef 5:18).

A natureza humana refinada pode imitar a espiritualidade, mas nunca reproduzi-la com exatidão. Sentimentos religiosos não garantem que estejamos agradando a Deus. Sou grato pelo fato de a Igreja estar voltando a enfatizar a adoração e o louvor, mas devemos cuidar para que nosso “fogo” seja aceso pelo Espírito Santo do altar de Deus e não pela carne, nem mesmo por forças demoníacas. Satanás é o enganador, e devemos estar atentos para identificar e rejeitar as imitações.

6. A SANTIDADE ENVOLVE A MEDIAÇÃO SACERDOTAL

O israelita do Antigo Testamento que não nascia na tribo de Levi não tinha permissão de ficar nos átrios sagrados do tabernáculo. Era preciso chegar-se a Deus pela mediação dos sacerdotes. Na Igreja do Novo Testamento, todos do povo de Deus são sacerdotes. No entanto, *devemos nos chegar a Deus por meio de Jesus Cristo, nosso Sumo Sacerdote mediador no céu* (1 Pe 2:5).

Não pode haver crescimento em santidade sem comunhão com Jesus Cristo. Ele completou a obra da nossa salvação quando morreu e ressuscitou aqui na Terra. Mas agora, ao interceder no céu, continua a realizar a “obra inacabada” de nossa santificação. Esse é um dos principais temas do Livro de Hebreus. Deus quer nos “[aperfeiçoar] em todo o bem, para [cumprirmos] a sua vontade, operando em [nós] o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo” (Hb 13:21).

Ao contrário dos crentes do Antigo Testamento, o povo de Deus hoje em dia pode entrar na presença dele (santo dos santos) e ter comunhão com ele (Hb 10:19-22). Por intermédio de Jesus Cristo, temos acesso ao trono da graça, “a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16). A menos que “tenhamos tempo para ser santos” e que estejamos em comunhão com Deus, jamais cresceremos em santidade ou em semelhança a Jesus Cristo.

7. A FALTA DE SANTIDADE AFETA NOSSA TERRA

Nossa tendência é pensar no pecado como uma atividade individual que afeta somente o pecador, mas não é isso o que acontece. Moisés deixou claro que os pecados do povo afetavam a terra que Deus havia lhes dado e que a terra iria “vomitá-los”, se persistissem em sua rebelião.

Idolatria e imoralidade sexual são os dois pecados que Deus ressaltou como motivo de contaminação da terra. “Com nenhuma destas coisas vos contaminareis, porque com todas estas coisas se contaminaram as nações que eu lanço de diante de vós. E a terra

se contaminou; e eu visitei nela a sua iniquidade, e ela vomitou os seus moradores” (Lv 18:24, 25).

Apesar de ser necessário fazer todo o possível para manter os padrões de santidade, a Igreja não tem autoridade para impor as leis de Deus sobre os cidadãos não salvos. Mas o que devemos fazer quando as *pessoas da igreja, que dizem conhecer a Deus, não colocam esses padrões em prática em sua vida?* Quando a Igreja torna-se igual ao mundo, não tem qualquer influência para mudar o mundo.

A idolatria e a imoralidade não apenas são aceitáveis na sociedade de hoje, como também são apoiadas e promovidas. Livros, filmes e programas de TV exibem e exaltam a imoralidade sexual a ponto de fazer dela uma parte importante do entretenimento da atualidade. Os pecados que deveriam nos colocar de joelhos em lágrimas agora são uma forma admissível de recreação. Esperamos esse estilo de vida ímpio de pessoas do mundo, mas não do povo de Deus; no entanto, a imoralidade e a idolatria invadiram a Igreja.

O julgamento está a caminho e começa-
rá “pela casa de Deus” (1 Pe 4:17).

8. A SANTIDADE NÃO É UMA QUESTÃO PARTICULAR

O crente do Antigo Testamento fazia parte de uma comunidade de adoradores. Ele não tentava caminhar por sua própria conta. Os sacerdotes eram supervisores da vida espiritual do povo de Deus; tinham a assistência dos levitas, e cada membro de Israel tinha um papel importante a desempenhar na batalha contínua contra o pecado e o mundo.

Uma das tendências perigosas da cristandade de nosso tempo é a ênfase no “cristianismo individual”, como se cada cristão fosse um “Cavaleiro Solitário” e não precisasse de ninguém mais para ajudá-lo em sua busca pela santidade. É claro que precisamos de um período devocional diário individual e pessoal com o Senhor, mas não devemos nos restringir a isso. Também precisamos da ajuda de nossos líderes espirituais e de outros cristãos na igreja, e eles precisam de nós.

O sábado de descanso dava aos pais a oportunidade de ensinar a Palavra a seus filhos, e cada Páscoa era mais uma ocasião para lembrar a misericórdia de Deus para com seu povo. As outras festas reuniam a comunidade para se arrepender ou para se alegrar. Quando decidimos “(deixar) de congregar-nos” (Hb 10:25), privamo-nos das bênçãos que Deus dá àqueles que são parte vital de uma comunidade de adoradores.

9. A SANTIDADE GLORIFICA O SENHOR

Uma vez que somente Deus pode santificar uma pessoa, uma vida piedosa é símbolo do triunfo de sua graça e um tributo a seu poder. Pode-se dar crédito aos professores por nos instruírem, aos pastores por nos orientarem e aos amigos por nos encorajarem, mas quando as pessoas vêem Cristo em nós, toda glória deve ser dada a Deus.

É possível que não vejamos as mudanças ocorrendo, mas Deus é capaz de vê-las, e os outros também. O importante não é nos medirmos como medimos a altura de nossos filhos quando estão crescendo, mas sim continuarmos a nos entregar e deixar que Deus seja glorificado em tudo o que somos e fazemos.

10. SANTIDADE SIGNIFICA VIVER PARA AGRADAR SOMENTE A DEUS

Se, ao estar andando sozinho num campo, um israelita acidentalmente ficasse imundo, tinha duas opções. Podia ficar fora do acampamento e cumprir as etapas necessárias para a purificação ou podia voltar para o acampamento, não fazer coisa alguma sobre isso e ficar contaminado. Ninguém ficaria sabendo, mas ele seria “nocivo”, estaria secretamente contaminando a tudo e a todos que tocasse, e o Senhor saberia. A menos que obedecesse às prescrições da lei de Deus e voltasse a ser puro, estaria vivendo uma mentira, causando um bocado de estrago e chamando sobre si a disciplina de Deus.

Um dos princípios que Jesus enfatizou em seu sermão do monte foi a importância de viver nossa vida perante os olhos de Deus de modo a agradar somente a ele, não perante os olhos das pessoas a fim de impressioná-las

(Mt 6:1-18). Há momentos em que aquilo que fazemos pode ser mal compreendido por nossos amigos aqui na Terra, mas será totalmente compreendido e aprovado por nosso Pai no céu. Em outras palavras, Jesus quer que nos concentremos em construir o caráter, não apenas uma reputação religiosa.

Não faz diferença quanto nossos amigos nos aprovam, se Deus está descontente conosco. "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença" (Hb 4:13), de modo que é inútil tentarmos nos esconder. De acordo com 1 João 1:5-10, uma vez que começamos a mentir para os outros (v. 6), logo passamos a mentir para nós mesmos (v. 8). Como resultado, tentamos mentir para Deus (v. 10). Isso conduz a uma deterioração gradual de nosso caráter, o que, por sua vez, leva à desintegração e à vergonha. Devemos viver em santidade não para ser reconhecidos como "pessoas santas", mas a fim de agradar a um Deus santo, vivendo

diante dele aberta e sinceramente, sem ter o que esconder ou temer.

Há anos tenho um quadro na parede de meu escritório com uma citação de A. W. Tozer: "Conhecer a Deus é, ao mesmo tempo, a coisa mais fácil e a mais difícil do mundo".

Conhecer a Deus e tornar-se mais semelhante a ele é a coisa mais fácil do mundo, pois Deus é por nós e nos dá toda a ajuda que desejarmos ao procurarmos atingir esse objetivo. No entanto, é a coisa mais difícil, pois quase tudo dentro de nós e a nosso redor luta contra nós, e é preciso exercitar uma santa determinação a fim de correr a carreira e de manter nossos olhos fixos no Senhor (Hb 12:1-3).

Mas isso não é impossível. De outro modo, Deus não teria dito oito vezes em sua Palavra: "Sede santos, porque eu sou santo".

Seu mandamento é a promessa de que ele irá nos capacitar.

Seja santo!

NÚMEROS

ESBOÇO

Tema-chave: O fracasso do homem e a fidelidade de Deus

Versículos-chave: Números 14:8, 9

I. NO SINAI: OBEDECENDO AO SENHOR – 1:1 – 9:14

1. Contando os soldados – 1:1-54
2. Organizando as tribos – 2:1-34
3. Distribuindo as incumbências – 3 – 4
4. Purificando o povo – 5 – 6
5. Consagrando o tabernáculo – 7 – 8
6. Comemorando a Páscoa – 9:1-14

II. RUMO A CADES: TENTANDO O SENHOR – 9:15 – 12:16

1. O povo marcha – 9:15 – 10:36
2. O povo murmura – 11
3. Arão e Miriã criticam Moisés – 12

III. EM CADES: REBELANDO-SE CONTRA O SENHOR – 13 – 14

1. Explorando a Terra Prometida – 13
2. Recusando-se a tomar posse da terra – 14:1-9
3. Afastando-se da terra – 14:10-45

IV. NO DESERTO: APRENDENDO DO SENHOR – 15:1 – 20:13

1. Sobre os sacrifícios – 15:1-31
2. Sobre a autoridade – 15:32 – 17:13
3. Sobre a responsabilidade – 18
4. Sobre a pureza – 19
5. Sobre a humildade – 20:1-13

V. EM MOABE: O SENHOR CONCEDE UM RECOMEÇO – 20:14 – 36:13

1. Novas vitórias – 20:14-21; 21:1-35
2. Um novo sacerdote – 20:22-29
3. Novos perigos – 22 – 25
4. Uma nova geração – 26
5. Novas prescrições – 27:1-11
6. Um novo líder – 27:12-23
7. Um novo compromisso com a lei – 28 – 30
8. Um novo compromisso com a batalha – 31 – 32
9. Novas leis para a nova terra – 33 – 36

CONTEÚDO

1. Ordem no acampamento (Nm 1 – 4; 9:1-14)..... 410
2. Consagração e comemoração – Parte I (Nm 5 – 7)..... 417
3. Consagração e comemoração – Parte II (Nm 8; 9:15 – 10:10)..... 423
4. Marchando para Moabe (Nm 10:11 – 12:16)..... 428
5. Crise em Cades (Nm 13 – 14)..... 435
6. Uma questão de autoridade (Nm 15 – 17)..... 441
7. Outra crise em Cades (Nm 18 – 20)..... 448
8. Marchando vitoriosos – e derrotados (Nm 21)..... 454
- Interlúdio..... 460
9. Principados e potestades – Parte I (Nm 22:1 – 23:26)..... 461

10. Principados e potestades – Parte II (Nm 23:27 – 25:18).....	466	12. Preparativos para a conquista (Nm 30 – 35).....	479
11. Um recomeço (Nm 26 – 29; 36).....	472	13. A escola do deserto (Resumo e revisão).....	486

ORDEM NO ACAMPAMENTO

NÚMEROS 1 – 4; 9:1-14

O codinome da investida era “Operação Overlord”, mas ficou mais conhecida como “Dia D”, em 6 de junho de 1943, quando as forças aliadas chegaram à Praia de Omaha, marcando o começo do término da guerra na Europa. Foi a maior união de forças militares da história das guerras. O historiador Samuel Eliot Morison escreveu: “As forças aliadas compostas de soldados, marinheiros, aviadores e serviços de apoio totalizaram cerca de dois milhões e 800 mil homens na Inglaterra”.¹

Moisés estava prestes a começar sua própria “Operação Overlord”, e seu maior desejo era que Jeová, o Senhor dos Exércitos, fosse verdadeiramente o Senhor de toda a investida. Mais de dois milhões de israelitas estavam esperando para entrar em Canaã, conquistar os habitantes, apropriar-se da terra e desfrutar sua herança prometida. No entanto, antes que tudo isso pudesse ocorrer, Moisés precisava organizar essa multidão de ex-escravos libertos há apenas um ano. Não era uma tarefa simples.

Seus preparativos para a conquista envolveram quatro estágios: a comemoração da Páscoa (9:1-14), a contagem dos soldados (cap. 1), a organização das tribos (cap. 2) e a distribuição das incumbências sacerdotais (caps. 3 e 4).

1. COMEMORANDO A PÁSCOA (Nm 9:1-14)

Os acontecimentos registrados em Números 1 – 6 foram precedidos daqueles descritos em Números 7:1 – 9:15. Estamos agora no segundo ano da história nacional de Israel (1:1; 9:1). O tabernáculo foi erguido no primeiro

dia do primeiro mês (Êx 40:2, 17). Os doze príncipes das tribos começaram a levar suas ofertas naquele dia (Nm 7:1), um processo que se estendeu por vinte dias (v. 78). No décimo terceiro dia, os levitas foram consagrados (Nm 8), e, no décimo quarto dia, os israelitas comemoraram a Páscoa (9:1-14).

A segunda Páscoa (vv. 1-5). Era mais do que apropriado que os israelitas comessem seu segundo ano de liberdade comemorando a noite extraordinária em que Deus os havia libertado da escravidão no Egito. “Esta noite se observará ao SENHOR” (Êx 12:42). Ao olhar para trás, o povo podia apreciar o que Deus havia feito por eles e ensinar a seus filhos o significado do “dia da independência” de Israel (Êx 12:26-28; 13:8-16). A menos que os pais lembrassem seus filhos do que o Senhor havia feito, logo a geração seguinte se afastaria da fé (Dt 6:1-9; ver 2 Tm 2:2).

De acordo com Êxodo 12, cada família devia imolar um cordeiro, assá-lo e comê-lo com pães asmos e ervas amargas (ver Nm 9:11). O pão não continha qualquer fermento por dois motivos, um prático e outro simbólico. O motivo prático era que os hebreus deviam estar preparados para sair do Egito a qualquer momento, de modo que não podiam esperar a massa crescer. O motivo simbólico envolvia o fato de que, para um hebreu, o fermento representava o mal, e o povo de Israel devia ser puro. Todo o fermento devia ser removido da casa deles antes da Páscoa e não podia haver fermento na casa sete dias depois disso (ver 1 Co 5:1-8; Mt 16:6, 12; Gl 5:9). As ervas amargas lembravam os hebreus de sua escravidão cruel no Egito.

Para os cristãos, hoje, a Páscoa refere-se a Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que morreu pelos pecados do mundo (Jo 1:29; 1 Co 5:7; Is 53:7; 1 Pe 1:19; Ap 5:6). Aqueles que crêem nele são remidos do pecado (1 Pe 1:18; Rm 8:34; Ef 1:7; Hb 9:12) e podem apropriar-se da sua herança espiritual em Cristo (Ef 1:3). Durante a última ceia de Páscoa com seus discípulos, Jesus instituiu a Ceia do Senhor (Santa Ceia, Eucaristia) para incentivar seu povo a lembrar-se dele.

Essa ceia nos faz recordar que Cristo deu seu corpo e derramou seu sangue para nossa redenção (Mt 26:26-30; Mc 14:22-25; Lc 22:17-20) e que, um dia, ele voltará para nos receber (1 Co 11:23-34; 1 Ts 4:13-18).

Uma situação de emergência (vv. 6-12).

Qualquer um que fosse contaminado deveria ficar fora do acampamento, pois a contaminação costuma espalhar-se (Nm 5:1-2). Isso significava que esses homens eram proibidos de participar da Páscoa. Essa situação inédita exigiu nova sabedoria, de modo que Moisés buscou o Senhor e pediu ajuda (Tg 1:5). Uma vez que era a Páscoa do Senhor, só ele poderia mudar as regras.

A resposta de Deus foi bondosa: qualquer um que estivesse imundo ou que estivesse fora de casa durante a Páscoa no primeiro mês poderia comemorá-la no décimo quarto dia do segundo mês, mas deveria ter o cuidado de seguir as mesmas instruções divinas encontradas em Êxodo 12. Deus não estava instituindo outra Páscoa; estava apenas permitindo que a Páscoa original fosse comemorada numa época diferente. Nenhuma parte da carne devia ser tratada como comida comum ("restos"), e os ossos do cordeiro não deviam ser quebrados (Jo 19:31-37).

Duas advertências (vv. 13, 14). Essa consideração especial da parte do Senhor poderia levar alguns israelitas a mudar indevidamente as instruções de Deus para a Páscoa, de modo que o Senhor disse a Moisés para advertir o povo sobre as prescrições originais que ainda vigoravam, tanto para o primeiro quanto para o segundo mês. Qualquer israelita que estivesse apto a comemorar a Páscoa no primeiro mês mas que não o fizesse, na esperança de comemorar de modo mais conveniente no segundo mês, seria disciplinado pelo Senhor. A passagem não explica o que quer dizer o termo "eliminado", e este pode significar exclusão do acampamento ou morte. Assim como a Páscoa era uma questão muito séria para o povo de Israel, a Ceia do Senhor deve ser levada a sério pelos cristãos (1 Co 11:28-30).

A segunda advertência estava relacionada aos estrangeiros que residiam no

acampamento, pessoas que não haviam nascido sob a aliança de Abraão e que não tinham recebido o sinal da circuncisão. Essas pessoas talvez achassem que a Páscoa do segundo mês não tinha tantas restrições quanto a comemoração do primeiro mês, mas estavam errados. Os gentios que desejassem observar a Páscoa com os israelitas precisavam tornar-se prosélitos (Êx 12:19, 43).

Uma grande tragédia. Essa foi a última Páscoa comemorada pelo povo de Israel antes de Josué liderá-los para a Terra Prometida quase quarenta anos depois (Js 5:10). Devido à sua rebeldia e incredulidade em Cades-Barnéia (Nm 13 - 14), as pessoas com mais de vinte anos foram rejeitadas pelo Senhor e morreram durante a marcha de Israel pelo deserto. Quando Josué liderou a nova geração até Canaã, os homens receberam o sinal da circuncisão, e Deus voltou a favorecer seu povo (Js 5:2-9). Foi um recomeço para Israel em sua nova terra.

2. CONTANDO OS SOLDADOS (Nm 1:1-54)

No segundo mês de segundo ano, treze meses depois do êxodo, Israel teve de começar a se preparar para a batalha. Se Gênesis é o livro dos começos e Êxodo é o livro da redenção, então Números é o livro sobre as estratégias de guerra. Os israelitas estavam em território inimigo, marchando rumo à terra que Deus os ajudaria a conquistar, e precisavam organizar-se para confrontos e conflitos. A expressão "capazes de sair à guerra" é usada catorze vezes neste capítulo. Fico imaginando qual seria o tamanho do exército, se Deus fosse contar o número de cristãos na Igreja de acordo com sua capacidade de lutar na guerra espiritual.

A ordem dada (vv. 1-3). No Livro de Números, encontramos registrado que, em mais de cento e cinquenta ocasiões, Deus falou a Moisés e deu-lhe instruções para transmitir ao povo. Na verdade, Números começa com Deus falando a seu servo e encerra com a lembrança de que Deus havia falado a Israel por meio de Moisés (Nm 36:13). Um dos nomes hebraicos para esse livro é: "Falou o SENHOR", palavras de Números 1:1.² Sem a revelação de Deus, Israel não teria sabido o

que fazer nem onde acampar. “O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e Arão” (Sl 77:20).

A ordem de Deus era que Moisés, Arão e os líderes das tribos fizessem um censo dos homens disponíveis para o serviço militar. O exército de Israel não era constituído de voluntários, pois era esperado que todo homem saudável de vinte anos ou mais fizesse sua parte e servisse ao Senhor e ao povo. Algumas pessoas ficam perturbadas com a ênfase sobre a guerra em determinadas partes da Bíblia, e certas denominações chegaram a tirar de seus hinários cânticos como *Avante, avante, soldados de Cristo*. Contudo, suas críticas e medo são infundados. “O SENHOR é homem de guerra” (Êx 15:3) quando se trata de castigar o pecado e de exterminar o mal. As nações que Israel destruiu em Canaã estavam vivendo em imundícia moral abominável, pecando desavergonhadamente, e o Senhor havia sido longânimo com eles (Gn 15:13-16; Rm 1:18ss). Alguém criticaria um cirurgião, hoje em dia, por remover um tumor canceroso que estivesse ameaçando a vida do paciente? Deus estava extirpando o mal da sociedade quando usou Israel para julgar as nações degeneradas em Canaã.

Além do mais, a imagem militar também é usada com frequência no Novo Testamento por Jesus (Mt 16:18), especialmente por Paulo (Rm 8:31; Ef 6:10-18; 2 Co 10:3-5; 1 Co 9:7; 2 Tm 2:1-4). A vida cristã é um campo de batalha, não um parque de diversões; há um inimigo contra o qual devemos lutar e território a conquistar para o Senhor. Deus declarou guerra contra Satanás há muito tempo (Gn 3:15), e nesse conflito espiritual não há lugar para a neutralidade, pois Jesus disse: “Quem não é por mim é contra mim” (Mt 12:30).

Os líderes são nomeados (vv. 4-16).

Moisés e Arão foram assistidos no censo por líderes de cada tribo nomeados para essa função. Esses líderes tribais também são mencionados nos capítulos 2, 7 e 10. Não era difícil fazer um censo, pois a nação era organizada em domicílios, famílias (clãs) e tribos (Js 7:14), e havia chefes para cada grupo de dez, cem e mil israelitas (Êx 18:21).

Observe que Naassom (Nm 1:7) fazia parte da árvore genealógica de Davi (Rt 4:20-22) e, portanto, era um antepassado de Cristo (Mt 1:4). Observe também que cada pessoa tinha de provar sua linhagem (Nm 1:18) de modo que não houvesse estrangeiros não qualificados no exército do Senhor.

Os números são registrados (vv. 17-26).

Os números são arredondados para a centena mais próxima, com exceção do relatório da tribo de Gade, arredondado para cinqüenta (vv. 24, 25). O número total de guerreiros com vinte anos ou mais era de 603.550 (v. 46). Com exceção de Josué e Calebe, todos esses homens morreram durante os anos em que Israel vagou pelo deserto. O segundo censo apresentou um total de 601.730 homens (Nm 26:51), sendo esse o exército que entrou na terra e que tomou posse da herança.

Os levitas são dispensados (vv. 47-54).

Os três filhos de Levi eram Gérson, Coate e Merari (Gn 46:11). Moisés e Arão eram descendentes de Coate (Nm 3:14-24), e Arão foi o primeiro sumo sacerdote. Somente os filhos de Arão podiam ministrar no altar (vv. 1-4), e os levitas assistiam os sacerdotes em seu ministério. Sob a supervisão do sumo sacerdote, os levitas desmontavam o tabernáculo quando o acampamento se mudava, carregavam as várias partes do tabernáculo, sua mobília e utensílios e, depois, erguiam o tabernáculo no novo local de acampamento.

Os levitas acampavam ao redor do tabernáculo, que ficava exatamente no centro do acampamento, tendo Coate ao sul, Merari ao norte e Gérson a oeste. Moisés e Arão acampavam a leste, próximo ao portão do tabernáculo. Desse modo, os levitas protegiam o tabernáculo de intrusos e, estando perto dele, podiam ver quando a nuvem sinalizava que o povo devia se mover.

Em função de seu ministério essencial como assistentes dos sacerdotes, os levitas foram dispensados do serviço militar. O tabernáculo era a estrutura mais importante de todo o acampamento, e somente os levitas podiam cuidar dele. Assim, não foram contados no censo militar. A adoração e a guerra podem parecer duas coisas separadas,

mas, dentro do sistema de Deus, elas andam juntas. Um dos principais temas no Livro de Apocalipse é a guerra de Deus contra o mal na Terra e o modo como ele é adorado no céu. Se o povo de Deus não estiver em ordem diante do Senhor em sua adoração, não tem como enfrentar os inimigos e derrotá-los na batalha. “Nos seus lábios estejam os altos louvores de Deus, nas suas mãos, espada de dois gumes” (Sl 149:6).

3. ORGANIZANDO AS TRIBOS (Nm 2:1-34)

Quando o movimento da coluna de nuvem sobre o tabernáculo indicava que o acampamento devia se deslocar, seria difícil, senão impossível, levantar acampamento e começar a marchar com rapidez e eficiência, caso não houvesse algum tipo de ordem dentro do acampamento. Uma admoestação para o povo de Deus em todo tempo é: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1 Co 14:40). “Porque Deus não é de confusão” (1 Co 14:33).

Já vimos que Moisés e Arão, juntamente com os sacerdote e levitas, acampavam logo em volta do tabernáculo. Cada uma das doze tribos ocupava um lugar específico dentro do acampamento, determinado também com referência ao tabernáculo, pois Deus habitava no centro do acampamento, e a localização de cada tribo foi definida pelo Senhor.

Judá, Issacar e Zebulom, todos descendentes de Lia, acampavam a leste, com um total de 186.400 homens. Uma vez que era nessa direção que ficava a entrada do tabernáculo, era importante ter ali o maior número de soldados para protegê-lo. Rúben, Simeão e Gade acampavam ao sul do tabernáculo, com 151.450 homens. Efraim e Manassés, os descendentes de José, acampavam a oeste do tabernáculo, juntamente com Benjamim, totalizando 108.100 homens. Assim, todos os descendentes de Raquel acampavam juntos. No lado norte do tabernáculo ficavam Dã, Aser e Naftali, com 157.600 homens.

Sempre que o acampamento se deslocava, a arca da aliança ia adiante do povo, sendo carregada pelos sacerdotes. Depois

vinham as tribos de Judá, Issacar e Zebulom, seguidas dos gersonitas e dos meraritas carregando o tabernáculo em si (estruturas, cortinas e coberturas). Em seguida, vinham Rúben, Simeão e Gade e, após eles, os coaitas carregando a mobília e utensílios do tabernáculo. Efraim, Manassés e Benjamim vinham depois, enquanto Dã, Aser e Naftali ocupavam a parte pósterior. O maior número de soldados ia à frente (186.400), e o segundo maior número (157.600) formava a retaguarda.

As doze tribos deviam cuidar para não acampar próximas demais ao tabernáculo, pois essa área era reservada para os sacerdotes e levitas (Nm 2:2). Chegar perto demais da tenda sagrada podia significar a morte (Nm 1:51). Cada tribo também devia exibir seu estandarte, e cada família, suas insígnias (v. 52; 2:2). As Escrituras não descrevem as cores desses estandartes nem os emblemas deles, e é inútil conjecturar. A tradição judaica sugere que as cores eram as mesmas das doze pedras preciosas encontradas no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28:15-29), mas não sabemos, ao certo, quais eram algumas dessas cores. A tradição judaica também afirma que quatro dos emblemas apareceram a Ezequiel 1:10 (ver também Ap 4:7) e atribuem o leão a Judá (Gn 49:9), o boi a Efraim, o homem a Rúben e a águia a Dã. No entanto, as Escrituras não dizem nada sobre isso.

Com a coluna de nuvem pairando sobre o acampamento durante o dia e ardendo em fogo durante a noite, e as tendas das diversas tribos organizadas em seus devidos lugares, o acampamento de Israel devia ser algo extraordinário de se ver. Quando o profeta Balaão contemplou o acampamento do alto da montanha, disse: “Que boas são as tuas tendas, ó Jacó! Que boas são as tuas moradas, ó Israel! Como vales se estendem, como jardins à beira dos rios, como árvores de sândalo que o SENHOR plantou, como cedros junto às águas” (Nm 24:5, 6).

No plano de Deus, Israel e a Igreja são dois povos diferentes (1 Co 10:32), mas não podemos evitar de ver o acampamento como uma ilustração da maneira que a Igreja de Deus deve viver neste mundo: um povo

peregrino seguindo ao Senhor, com a glória dele no centro de tudo e sua presença indo adiante. Israel era um só povo, unido ao Senhor e uns aos outros. No entanto, Deus reconhecia cada companhia separada e cada uma delas exibia seu próprio estandarte, ocupava seu lugar específicos e marchava sob as ordens do Senhor.

4. DISTRIBUINDO AS INCUMBÊNCIAS (Nm 3:1 - 4:49)

Estes dois capítulos são dedicados aos levitas, os homens que serviam ao Senhor assistindo os sacerdotes em seu ministério no tabernáculo. Moisés registrou dois números de levitas - aqueles com um mês ou mais de idade e aqueles com vinte anos ou mais, bem como as incumbências dadas a eles. Os levitas não tinham herança na Terra Prometida, mas viviam do dízimo das ofertas que o povo levava ao Senhor (Nm 18:20-24).

Os sacerdotes (3:1-4). Os sacerdotes eram descendentes de Arão, o primeiro sumo sacerdote, que tinha quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar (Êx 6:23). Nadabe e Abiú adoraram indevidamente no santuário e foram mortos pelos Senhor (Lv 10).³ Eleazar era o líder dos levitas (Nm 3:32) e, no devido tempo, substituiu seu pai como sumo sacerdote (Nm 20:22, 29). Itamar havia recebido as ofertas para a construção do tabernáculo (Êx 38:21) e era encarregado dos gersonitas e meraritas (Nm 4:28, 33). Ser um sacerdote de Deus não era um cargo insignificante, pois os sacerdotes eram os servos ungidos de Deus, especialmente consagrados para sua glória (Êx 28 - 29).

A oferta dos levitas (vv. 5-13). Deus via Israel como seu filho primogênito (Êx 4:22). Ele poupou os primogênitos de Israel na Páscoa, mas exterminou os filhos primogênitos do Egito (Êx 11:1-7; 12:29, 30). Por esse motivo, todo primogênito do sexo masculino em Israel, humano ou animal, pertencia ao Senhor e tinha de ser redimido por um sacrifício (Êx 13:1, 2, 11-13; 22:29, 30; 34:19, 20; Lc 2:7, 22, 23).

A nação toda de Israel devia ser um "reino de sacerdotes" (Êx 19:5, 6) diante de Deus, sendo que o Senhor nomeou um sacerdócio

especial para ajudar seu povo a obedecer à sua lei e para dar testemunho de sua bondade. Os levitas eram a dádiva de Deus aos sacerdotes, substitutos dos primogênitos de Israel que já pertenciam a Deus. Os levitas faziam para o Senhor e para os sacerdotes o serviço que os filhos primogênitos deveriam realizar, pois os levitas ministravam no lugar deles.

O censo e as incumbências dos levitas (3:14 - 4:49). Foram realizados dois censos diferentes dos levitas. Primeiro, Moisés contou todos aqueles do sexo masculino com um mês ou mais de idade a fim de certificar-se de que havia levitas suficientes para substituir todos os primogênitos de Israel. Havia 7.500 gersonitas (Nm 3:22), 8.600 coatitas (v. 28) e 6.200 meraritas (vv. 33, 34), num total de 22.000 levitas.⁴ Quando Moisés contou os primogênitos de Israel, viu que havia 22.273 (vv. 40-43), de modo que os 273 a mais não tinham levitas para representá-los no santuário. Esses 273 homens foram remidos pelo pagamento de cinco ciclos cada, e o dinheiro foi entregue a Arão a fim de ser usado para o serviço do tabernáculo.

O segundo censo dos levitas incluiu todos aqueles entre trinta e cinquenta anos de idade, que podiam servir no santuário (Nm 4:1-3, 21-23, 29, 30), e o total encontrado foi de 8.580 (vv. 46-49). De acordo com Números 8:24, os levitas começavam a servir aos vinte e cinco anos de idade, de modo que é provável que os homens mais jovens passavam por um período de cinco anos de treinamento a fim de se preparar para o seu trabalho. Tinham muito o que aprender sobre os sacrifícios e o serviço no tabernáculo e era perigoso cometer erros. Posteriormente, Davi baixou essa idade para vinte anos (1 Cr 23:24, 25).

Os gersonitas (3:21-26; 4:21-28, 38-41) eram 7.500, sendo que, destes, 2.630 tinham idade suficiente para servir (Nm 4:40). Eles acampavam na extremidade oeste do tabernáculo e tinham Eliasafe como líder. Sua responsabilidade era transportar as coberturas, as cortinas e a estrutura do tabernáculo e todo o equipamento referente a elas.

Para essa tarefa, receberam dois carros e quatro bois (Nm 7:7). O sacerdote Itamar supervisionava o trabalho.

Os coatitas (3:27-32; 4:1-20, 34-37) eram 8.600, sendo que, destes, 2.750 tinham idade suficiente para servir (Nm 4:36). Acampavam no lado sul do tabernáculo e tinham como líder Elisafã. Eram responsáveis por levar a mobília e os utensílios do santuário, e Números 4:1-20 explica esse procedimento. Quando o acampamento estava prestes a se deslocar, Arão e seus filhos entravam no Lugar Santo, removiam o véu e usavam-no para cobrir a arca da aliança. Em seguida, colocavam por cima disso uma cobertura protetora de peles e, então, um pano azul. Depois, encaixavam as varas de madeira nas argolas da arca para que quatro homens pudessem carregá-la adiante do povo em sua marcha.

Uma vez que a arca estava devidamente coberta, as outras peças de mobília eram cobertas de maneira semelhante. Primeiro cobriam a mesa dos pães da propiciação, depois o altar de ouro do incenso e, por fim, o altar dos holocaustos. Os diversos recipientes e utensílios referentes a cada peça de mobília também eram embalados. Cada um desses objetos sagrados tinha argolas nas quais eram colocadas as varas usadas pelos coatitas para carregar a mobília e os utensílios nos ombros.⁵ Era importante que todos os utensílios estivessem cobertos para que algum levita curioso não olhasse para eles e atraísse sobre si o julgamento de Deus (vv. 16-20). Eleazar, filho de Arão, era encarregado do trabalho dos coatitas (Nm 3:32), e também era sua incumbência levar o azeite para o candelabro, o incenso para o altar de ouro, a farinha para a oferta diária de manjares e o óleo santo de unção (Nm 4:16).

Os gersonitas e meraritas tinham carros para levar suas cargas, mas os coatitas não (Nm 7:1-9). Os utensílios sagrados do tabernáculo deviam ser levados nos ombros dos servos santificados de Deus. Quando Davi ordenou que a arca fosse transportada para Jerusalém, não obedeceu a essa regra, o que causou a morte de Uzá (2 Sm 6). Os coatitas eram carregadores, mas suas cargas

eram preciosas, de grande importância para o povo e designadas a eles por Deus. Sem dúvida, consideravam um privilégio carregar os utensílios sagrados do santuário em seus ombros enquanto marchavam pelo deserto.

Os meraritas (3:33-37; 4:29-33, 42-45) eram 6.200, sendo que, destes, 3.200 tinham idade para servir (v. 44). Acampavam ao norte do tabernáculo; e seu líder era Zuriel. Sua incumbência era especialmente difícil, pois carregavam as tábuas pesadas do tabernáculo bem como as barras, colunas e encaixes de prata sobre os quais eram colocadas as colunas. Não é de se admirar que Moisés tenha lhes dado quatro carros e oito bois para ajudá-los em seu trabalho (Nm 7:8). Itamar, filho de Arão, supervisionava seu ministério.

Toda essa informação sobre o ministério dos levitas nos lembra de que nosso Deus se preocupa com detalhes e deseja que sua obra seja feita por pessoas que ele escolheu e da forma como ele determinou. Nada no acampamento era deixado ao acaso ou ao artifício humano. Cada levita e sacerdote sabia quais eram suas responsabilidades e era esperado que servissem a Deus "com reverência e santo temor" (Hb 12:28). Cuidar do tabernáculo era um trabalho sério, uma questão de vida ou morte.

Estes capítulos também nos lembram de que nem todos têm os mesmos fardos a carregar. Os gersonitas e meraritas colocavam suas cargas em carros, mas os coatitas precisavam carregar suas cargas nos ombros. Há alguns fardos que podemos compartilhar (Gl 6:2), mas há outros que só nós podemos carregar (Gl 6:5).⁶

Por fim, devemos observar que nosso Deus acredita na organização, mas a organização é um meio para alcançar um fim, e não um fim em si. Um de meus colegas na Igreja Moody gostava de dizer: "Lembre-se de que a igreja é um organismo e não uma organização". No entanto, eu o lembrava de que, se um organismo não for organizado, ele morre! Sem dúvida, a igreja é um organismo espiritual, mas também é uma organização. Se um exército não for organizado, não pode alcançar vitória sobre o inimigo; se uma

família não for organizada, não terá outra coisa senão caos e confusão.

Deus estava preparando seu povo para lutar contra nações inimigas e vencê-las. Era importante que houvesse ordem no acampamento e que o trabalho do tabernáculo fosse organizado. De outro modo, a adoração não agradaria ao Senhor, e as lutas acabariam em derrota.

Vivemos numa época não muito diferente daquela descrita no Livro de Juízes,

em que “cada qual fazia o que achava mais reto” (Jz 17:6; 18:1; 19:1; 21:25). Mas a palavra de Deus para seu povo é justamente o contrário: “Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte” (Hb 8:5; ver Êx 25:40).

Quando a obra de Deus é realizada do modo que ele quer e em obediência à sua verdade, então jamais carecerá da bênção do Senhor.

1. MORISON, Samuel Eliot. *The Oxford History of the American People*. Nova York: Oxford University Press, 1965, p. 1030.
2. Os judeus também chamam o livro de Números de *bemidbar*, “no deserto”.
3. Levítico 16:12 sugere que os dois filhos de Arão talvez estivessem embriagados quando levaram “fogo estranho” para dentro do santuário. Aquilo que fizeram teve origem no orgulho, pois estavam desobedecendo às instruções claras de Deus. No início da adoração formal no tabernáculo de Israel, esse julgamento deixou claro tanto para os sacerdotes quanto para o povo que somente o que Deus havia autorizado podia ser praticado ali. Não era permitido inovar.
4. Ao somar os números registrados em Números 3:22, 28 e 34, temos um total de 22.300, mas o total no versículo 39 é de 22.000. O que aconteceu com os outros 300 levitas? Alguns textos hebraicos do versículo 28 dizem 8.300 em vez de 8.600, o que compensaria pela diferença final. A linguagem hebraica usava letras em vez de números e não seria difícil um copista cometer um erro.
5. Parece estranho que a bacia não seja mencionada na lista de utensílios, pois certamente deveria ser carregada na marcha pelo deserto. Essa é apenas uma das coisas peculiares sobre a bacia. Outra é o fato de não serem apresentadas medidas para ela, de modo que não sabemos seu formato nem tamanho. De modo geral, acredita-se que a bacia era redonda, mas não há nada nas Escrituras que apóie essa idéia. A palavra usada para “bacia”, em Êxodo 30:18, é traduzida por “tribuna” em 2 Crônicas 6:13, e fica claro que sua forma era quadrada. É possível que a bacia fosse um recipiente quadrado, talvez da mesma forma que o altar dos holocaustos, e pode ser que fossem carregados juntos.
6. A palavra traduzida por “fardo” em Gálatas 6:5 significa “a mochila de um soldado”, e cada soldado tinha de carregar sua própria mochila. Se meu carro quebra, meu vizinho pode me ajudar levando meus filhos para a escola, mas ele não pode assumir as responsabilidades paternas em minha casa de modo que eu esteja livre de minhas responsabilidades para fazer o que bem entender. Há certos fardos que nós mesmos devemos carregar e não podemos entregar a outros.

CONSAGRAÇÃO E COMEMORAÇÃO – PARTE I

NÚMEROS 5 – 7

Quando Mohandas K. Ghandi era o líder espiritual da Índia, um missionário perguntou-lhe qual ele achava que era o maior obstáculo para as missões cristãs naquele país, ao que Ghandi respondeu: “Os cristãos”.

Pode ser que não gostemos da resposta dele, mas temos de admitir que, com muita freqüência, o povo de Deus é um estorvo para o obra do Senhor. A melhor ilustração disso encontra-se no Livro de Números, em que vemos Israel desobedecendo a Deus repetidamente e sofrendo as conseqüências. Isso explica por que o Senhor colocou algumas regras claras e práticas para a vida diária no acampamento de Israel. Eles eram o povo escolhido de Deus, separados das outras nações, e Deus queria que fossem diferentes em sua maneira de viver. Que tipo de pessoa o Senhor desejava que fossem?

1. UM POVO PURO (Nm 5:1-31)

A presença gloriosa de Deus habitava no acampamento de Israel (v. 3; Êx 29:45) e, portanto, o acampamento devia ser puro e santo aos olhos de Deus. O Senhor prometeu-lhes: “Andarei entre vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” (Lv 26:12). E com essa promessa maravilhosa veio a séria responsabilidade: “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44, 45).¹

Os conceitos de “limpo” e “imundo” eram essenciais à vida diária de Israel. A limpeza envolvia mais do que a higiene pessoal; incluía também ser aceitável diante de Deus naquilo que comiam, vestiam e na forma como se portavam em casa e em público. Os israelitas estavam na infância da sua fé, e Deus usou imagens conhecidas

para ensinar-lhes verdades espirituais. Comparou o pecado a doenças e contaminação e a santidade a saúde e pureza (Lv 11 – 15). Pessoas imundas eram colocadas para fora do acampamento até que tivessem cumprido os requisitos para voltar ao meio do povo de Deus.

Termos relacionados a “contaminar” são usados oito vezes em Números 5 e são descritos três tipos de contaminação.

Contaminação física (vv. 1-4). Os estudiosos não apresentam um consenso quanto ao que era chamado de lepra na antiguidade, e algumas traduções modernas preferem “doenças infecciosas da pele”. Seja o que fosse, a lepra era uma doença temida que tornava suas vítimas cerimonialmente imundas. Tinham de viver fora do acampamento e, se alguém se aproximasse delas, deviam gritar: “Imundo! Imundo!” (Ver Lv 13.) Caso fossem curadas, deviam passar por um longo processo de purificação antes de ser readmitidas no acampamento (Lv 14).

O segundo grupo contaminado era constituído de pessoas que tivessem algum tipo de fluxo (ver Lv 15). Esse fluxo podia ser normal (vv. 16-18, 25-30) ou anormal (vv. 1-15, 19-24), mas, de qualquer modo, tornava a pessoa imunda. Alguns desses fluxos podiam ser causados por doenças venéreas ou outras infecções, que fariam com que a pessoa contaminasse outros, de modo que o isolamento desses indivíduos ajudava a manter o acampamento saudável.

O terceiro grupo era composto de pessoas que haviam tocado um corpo morto, quer fosse humano ou animal. A lei sobre a contaminação pelos mortos é apresentada em Números 19:11-22 e Levítico 21:1-4. A carcaça de um animal em decomposição tinha grande probabilidade de estar contaminada e, assim, contribuir para propagar doenças; contudo, até os cadáveres de pessoas eram considerados imundos. Aqueles que preparavam seus entes queridos para o sepultamento ficavam cerimonialmente imundos por uma semana e precisavam passar pela purificação ritual antes de ser recebidos de volta no acampamento.

Apesar de essas leis envolverem questões de saúde e de higiene, seu propósito fundamental era ensinar aos israelitas o sentido da separação e da santidade. Israel devia ser um povo puro e, para isso, precisava obedecer à Palavra de Deus em todas as áreas da vida. Hoje em dia, o povo de Deus precisa dar ouvido a estas palavras: “purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1).

Quando o Senhor ministrou aqui na Terra, ignorou as leis de imundície e tocou leprosos (Lc 5:12-15), foi tocado por pessoas com fluxos anormais (Lc 8:43-48) e, até mesmo, tocou os mortos (Lc 7:11-17; 8:49-56). O toque do Médico dos médicos trouxe cura às vítimas, porém não contaminou o Filho de Deus. Foi somente quando morreu na cruz que levou sobre si nossa impureza e a terrível “enfermidade” de nosso pecado (1 Pe 2:24; Is 53:4-6).

Contaminação interpessoal (vv. 5-10). A pessoa que cometia uma ofensa contra outra devia confessá-la e restituir o que fosse preciso (ver Lv 6:1-7, 7:1-10). Não bastava apenas confessar o pecado, dizer “sinto muito” e, depois, levar o sacrifício pelo pecado ao sacerdote. O transgressor deveria pagar à parte prejudicada (um parente ou o sacerdote) uma quantia em dinheiro equivalente à perda sofrida, acrescentando a esse valor mais 20%. Desse modo, o Senhor ensinou a seu povo que o pecado tem alto preço e magoa as pessoas, e o verdadeiro arrependimento exige uma restituição honesta.

No entanto, havia outro elemento envolvido. Israel estava prestes a enfrentar seus inimigos, e não podia haver unidade no exercício se o povo tivesse conflitos internos por causa de ofensas pendentes. Soldados zangados com seus companheiros e com Deus poderiam levar a nação à derrota. A verdadeira unidade começa quando todos estão em ordem com Deus e uns com os outros.

Contaminação matrimonial (vv. 11-31). A fidelidade no casamento é um alicerce de toda sociedade, pois quando o lar vai bem, a nação também vai. Em Israel, o adultério não apenas contaminava as pessoas envolvidas,

mas também a própria terra, e era um pecado abominável a Deus (Lv 18:20, 24-29). O adultério era uma ofensa capital. Se a culpa fosse comprovada, o casal adúltero era apedrejado até a morte (Dt 22:22-24).

Suponhamos que um marido suspeitasse que sua esposa estava sendo infiel, mas não tivesse testemunhas para provar. O que poderia fazer? Se suas suspeitas estivessem erradas, quanto mais tempo escondesse seus sentimentos, mais danos causaria a si mesmo, à esposa e à família. Se suas suspeitas estivessem corretas, a infidelidade da esposa poderia trazer fluxos espúrios – ou até mesmo doenças – para casa. Para resolver esse dilema, o Senhor instituiu uma prova.

Vejamos primeiro os procedimentos e, depois, as questões envolvidas.²

Primeiramente, o marido levava a esposa para o sacerdote à porta do tabernáculo com a oferta determinada (Nm 5:15, 16). O teste era um acontecimento público que podia ser visto e ouvido por outros. Então, o sacerdote apresentava a mulher ao SENHOR, pois somente Deus era o Juiz desse caso (vv. 15, 16; Lv 5:1-13). As palavras “perante o SENHOR” aparecem quatro vezes nessa passagem (Nm 5:16, 18, 25, 30), e o nome do SENHOR é mencionado duas vezes no juramento (v. 21). O sacrifício era o mais simples possível, do tipo que uma pessoa pobre pudesse levar, e era apresentado sem óleo nem incenso. O casal ficava diante do Senhor como o mais pobre dos pobres.

Segundo, o sacerdote pegava água da bacia e pó do chão do tabernáculo e misturava-os num vaso de barro (v. 17). Talvez o pó fosse uma lembrança das origens humildes do homem (Gn 2:7) e de seu destino – a morte (Sl 22:15).

Terceiro, o sacerdote soltava o cabelo da esposa, como se ela estivesse pranteando (Nm 5:18). O cabelo da mulher é sua glória e cobertura, e, com esse ato, ela estava apresentando sua glória ao Senhor, sem esconder coisa alguma dele (1 Co 11:15). Ao mesmo tempo, o sacerdote colocava a oferta nas mãos da mulher.

Em quarto lugar, o sacerdote fazia a esposa jurar diante de Deus (Nm 5:19) e, então,

anunciava a maldição ligada ao juramento (vv. 20-22). Ela se submetia ao julgamento justo de Deus dizendo: "Amém, Amém", que significa: "Assim seja".

Quinto, o sacerdote escrevia as maldições num pergaminho e, depois, o lavava com a água amarga (v. 23).

Em sexto lugar, a mulher bebia essa água (v. 24). A palavra "amarga", usada quatro vezes nessa passagem (vv. 18, 19, 23, 24), e a palavra "amargura", que aparece uma vez (v. 24), não se referem ao sabor da água, mas a seus efeitos sobre o corpo da mulher. Se ela fosse culpada, Deus faria cair sobre ela amargo sofrimento.

Em sétimo lugar, a esposa bebia a água, e o sacerdote tomava a oferta das mãos dela e a oferecia ao Senhor. Se a esposa fosse, de fato, culpada, os resultados provariam sua culpa. Se ela concebesse, perderia o bebê ou, então, ela se tornaria estéril para o resto da vida. Sentiria em seu corpo as terríveis conseqüências de seus pecados e viveria com elas até o fim. Sem dúvida, para uma esposa israelita, a esterilidade era uma tragédia, pois sua mais importante incumbência na vida era gerar herdeiros para o marido e dar continuidade ao nome dele em Israel (Gn 30:1, 2; Rt 4:14).³

Consideremos, agora, algumas das questões envolvidas nessa cerimônia. Não há qualquer registro nas Escrituras de que algum marido tenha usado essa prova ou de que alguma esposa a tenha pedido. Talvez a própria existência dessa lei tivesse servido para refrear o adultério e advertir que o pecado podia ser descoberto. Existem algumas barreiras claras que fariam um marido pensar duas vezes antes de levar a esposa ao sacerdote e de pedir que ela passasse pela prova.

Em primeiro lugar, era um acontecimento público, e o acampamento todo podia ficar sabendo. Será que um marido iria querer expor seus problemas conjugais de modo tão explícito, especialmente quando não sabia qual seria o resultado da prova?⁴

Além disso, esse processo indicava não apenas certos aspectos do caráter da esposa, mas também do marido. Se o marido

amava a esposa e estava profundamente aflito com sua possível infidelidade, por que iria querer expor a mulher publicamente? Mas se ele não a amava e só queria magoá-la, poderia acabar sendo envergonhado se a prova mostrasse que ele estava errado. Um homem sábio pensaria muito bem antes de levar a esposa a julgamento dessa forma.

O marido teria de viver com as conseqüências. Caso suas suspeitas estivessem erradas, deveria pedir perdão à esposa e trabalhar de modo a reconstruir o relacionamento. (Por que não havia algum castigo para o marido por falsa acusação?) Se a esposa fosse culpada, ele teria de viver com ela, imaginando quem era o amante e sofrer as conseqüências físicas da maldição e da má reputação da mulher. Ela nunca mais poderia dar-lhe filhos, mas ele ainda teria de prover para ela e para quaisquer filhos que ela tivesse lhe dado antes de cometer o pecado.

Há muitas perguntas desconcertantes associadas a esse ritual, mas não vamos perder de vista a mensagem principal: Deus quer que haja pureza no casamento (Jo 8:1-11), e tanto maridos quanto esposas podem recomençar no Senhor. Porém, o adultério traz sofrimento a todos, e, por vezes, é difícil viver com as conseqüências dolorosas do pecado perdoado.

2. UM POVO SEPARADO (NM 6:1-21)

Não confunda "nazireu" com "nazareno". Jesus era chamado de "nazareno", pois vinha de Nazaré, uma cidade desprezada pelo povo da Judéia (Jo 1:43-46).⁵ O termo "nazireu" vem de uma palavra hebraica que significa "separar, consagrar". Jesus não era nazireu, pois tocava em pessoas mortas e bebia do fruto da videira, duas coisas proibidas aos nazireus.

Descrição da separação (vv. 1-8). Os nazireus eram homens ou mulheres de Israel que se consagravam inteiramente ao Senhor a fim de cumprir o voto nazireu de separação. O voto nazireu possuía aspectos afirmativos e negativos: em termos afirmativos, significava ser dedicado a Deus; em termos negativos, significava abster-se das coisas

que Deus não permitia. Cada nazireu tinha em mente um objetivo distinto, mas todos eles desejavam glorificar ao Senhor e obedecer à sua palavra. Eles não se isolavam da sociedade, mas sim testemunhavam a outros sobre a importância da consagração total ao Senhor. Seu voto durava um período específico (At 21:23-27) e tinha um propósito específico.

Havia três responsabilidades envolvidas no voto nazireu. Primeiramente, não deviam beber vinho, suco de uva, vinagre ou bebidas fermentadas nem comer uvas, passas, cascas ou sementes de uvas! Em segundo lugar, deviam deixar o cabelo crescer como sinal de que eram especialmente consagrados a Deus. Uma vez que os cabelos das mulheres que faziam o voto já eram longos, talvez os deixassem soltos ou de algum modo despenteados como marca de sua consagração. Em terceiro lugar, jamais deveriam tocar o corpo de um morto, nem que fosse de um parente próximo.

A separação é contaminada (v. 9-12). Ninguém, a não ser Deus, tem como controlar as circunstâncias da vida, e podia acontecer de um nazireu contaminar-se acidentalmente. Se isso ocorresse, deveria esperar uma semana e, no sétimo dia, raspar a cabeça. Uma vez que o período de consagração havia terminado subitamente e o cabelo era o sinal dessa consagração, era preciso que fosse raspado. No entanto, o cabelo cortado não era acrescentado ao sacrifício, como acontecia com os nazireus que completavam seus votos (v. 18).

No oitavo dia, o ex-nazireu encontrava-se com o sacerdote diante do altar de bronze e oferecia os sacrifícios determinados: uma ave como sacrifício pelo pecado e outra como holocausto e um cordeiro como oferta pela culpa. Isso permitia que a pessoa se consagrasse novamente ao Senhor e que começasse outra vez. Era uma nova chance de cumprir os votos feitos ao Senhor. Os cristãos, hoje, precisam conscientizar-se de que nenhum fracasso precisa ser permanente. O pastor presbiteriano Alexander Whyte (1837-1921) disse: "A vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços".

A separação é cumprida (v. 13-21). Os nazireus que completavam com sucesso seu período de consagração levavam seus sacrifícios ao sacerdote e ofereciam-nos ao Senhor.⁶ Primeiro o sacerdote sacrificava uma cordeira como oferta pelo pecado, pois o período de consagração não significava que o nazireu não havia pecado. Depois disso, o sacerdote oferecia um cordeiro de um ano como holocausto, o que simbolizava a consagração total ao Senhor. Juntamente com um cesto de pães asmos, oferecia, em seguida, um carneiro como sacrifício pacífico e também a oferta de manjares e a libação. O pão da oferta pacífica seria consumido posteriormente como parte da refeição de comunhão que o adorador podia dividir com outros. De acordo com a lei levítica, o sacerdote recebia uma parte das ofertas, pois esse era seu sustento.

Uma das partes mais importantes da cerimônia era raspar a cabeça do nazireu e colocar o cabelo no fogo do altar debaixo do sacrifício pacífico. Era uma oferta especial ao Senhor, pois o cabelo longo simbolizava o voto feito pelo nazireu que havia sido cumprido com sucesso. Uma vez que essas instruções haviam sido obedecidas, o nazireu podia beber vinho.⁷

Ninguém é salvo ao fazer ou ao cumprir um voto. A salvação é uma dádiva de Deus àqueles que crêem, não uma recompensa dele para os que têm um bom comportamento. No entanto, algumas pessoas são dirigidas pelo Senhor a fazer algum voto especial a Deus, não com a intenção de conseguir alguma coisa dele, mas sim de oferecer alguma coisa a ele. Desde que esses votos não sejam contrários às Escrituras, podem ser abençoados por Deus (Sl 22:25; 50:14; 61:5, 8; 76:11; 116:14). Há pessoas que fazem votos ao Senhor para que ele as tire de uma situação difícil (Sl 66:14; Jn 2:9) e algumas delas se esquecem de suas promessas quando se encontram novamente confortáveis e seguras. Contudo, é perigoso fazer promessas a Deus e depois não as cumprir (Ec 5:1-7).

3. UM POVO ABENÇOADO (Nm 6:22-27)

Os sacerdotes receberam o privilégio de servir no altar e de ministrar no santuário,

mas, além disso, podiam também abençoar o povo de Deus em nome do Senhor. Ainda usamos essa bênção hoje em dia, pois nos pertence tanto quanto a Israel. A Igreja foi abençoada com “toda sorte de bênção espiritual” (Ef 1:3) por intermédio de Jesus Cristo, e podemos nos apropriar delas por meio de Cristo.

Se há uma nação abençoada, essa nação é Israel. Em sua graça, Deus a chamou, livrou da escravidão, deu-lhe sua santa Palavra e a terra prometida e habitou no meio do povo em seu santuário – bênçãos que não concedeu a nenhuma outra nação. Sem dúvida, a maior bênção de todas foi ter enviado seu Filho pela nação de Israel, pois “a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22; ver Rm 9:1-5).

O uso triplo do nome do Senhor sugere que nosso Deus é uma Trindade: Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. O Pai é o Senhor (Sl 110:1), bem como o Filho (Rm 10:9) e o Espírito Santo (2 Co 3:17). Vemos a Trindade em Mateus 3:16, 17; 28:19, 20; João 3:34, 35 e 2 Coríntios 13:14, bem como em muitas outras passagens da Bíblia. Efésios 1:3-14, na verdade, é um hino à Trindade: Pai (vv. 3-6), Filho (vv. 7-12) e Espírito (vv. 13, 14).

Os pronomes dessa bênção estão no singular, o que indica que a bênção de Deus é de caráter pessoal. No entanto, há um pronome no plural em Números 6:27: “eu os abençoarei”. Deus abençoa a nação ao abençoar os indivíduos; ao abençoar a nação, abençoa também o mundo. Deus prometeu a Abraão: “te abençoarei [...] Sê tu uma bênção” (Gn 12:2). Abençoamos o mundo ao compartilhar a verdade de Deus e, com frequência, falamos a uma pessoa de cada vez. Precisamos das bênçãos de Deus relacionadas nessa passagem: o cuidado do Senhor, que nos guarda; o rosto do Senhor resplandecendo sobre nós; as riquezas da graça de Deus que nos são concedidas; a certeza de que Deus nos ouve quando clamamos; em decorrência dessas coisas, podemos gozar a paz de Deus em nosso coração. A paz (*shalom*) é uma das palavras magníficas do vocabulário hebraico e

significa muito mais do que a simples ausência de tempestades e de problemas a nosso redor. Trata-se de uma quietude do coração dentro de nós, de saúde e de prosperidade espirituais, de adequação às exigências da vida e do tipo de bem-estar espiritual que vai além das circunstâncias. George Morrison definiu “paz” como “estar de posse dos recursos adequados” – à idéia que Paulo tinha em mente quando escreveu Filipenses 4:6-20.

4. UM POVO GENEROSO (Nm 7:1-89)

No primeiro dia do primeiro mês, no segundo ano depois que Israel foi libertado do Egito, o tabernáculo foi erguido e consagrado ao Senhor (Êx 40). Naquele dia, as doze tribos de Israel começaram a levar ofertas especiais para o Senhor a fim de ser usadas pelos sacerdotes e levitas no serviço do tabernáculo. O povo havia feito doações generosas para a construção do tabernáculo (Êx 25:1-8; 35:4 - 36:7) e, depois da consagração, estava contribuindo para o seu ministério e manutenção.

Uma leitura rápida deste capítulo longo (o mais extenso do Pentateuco) pode dar a impressão de que ele não contém nada além de repetição, pois, durante os doze dias sucessivos, cada um dos príncipes das tribos levou presentes idênticos. No entanto, não devemos deixar de observar que Deus reconheceu cada presente, cada líder e cada tribo a cada dia sucessivo. Na verdade, cada príncipe é mencionado duas vezes, uma no começo do relato e outra no final. Vimos esses líderes em Números 1:5-16 e 2:3-32. A ordem é a mesma determinada para Israel quando o povo marchava de um lugar para outro.

Apesar de ser impossível saber o valor desses presentes em termos atuais, é evidente que foi uma oferta suntuosa e feita com grande generosidade. Sem dúvida, os doze príncipes se reuniram e decidiram o que presenteariam e, então, deram a suas respectivas tribos a oportunidade de contribuir. Esses presentes eram, ao mesmo tempo, caros e úteis, demonstrando uma atitude generosa e prática. Os pratos e bacias de prata e os recipientes de ouro eram necessários para o

ministério no tabernáculo, bem como seu conteúdo - farinha, azeite e incenso. Certamente, os vinte e um animais que cada príncipe levou representavam uma soma considerável em dinheiro, um total de 252 animais!

O fato de Deus haver observado e registrado cada nome e cada presente indica seu amor e interesse pelos crentes como indivíduos. Ele conhece nosso nome (Jo 10:3) e registrou cada um separadamente no livro celestial (Lc 10:20; Fp 4:3). Quando estivermos diante do Senhor, ele nos receberá individualmente, “então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus” (1 Co 4:5) e “cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho” (1 Co 3:8). Ninguém será esquecido e ninguém se perderá na multidão.

Davi mantinha um registro com o nome de seus “valentes” (2 Sm 23:8-39), e Paulo

mandou saudações e elogios a seus amigos em Roma (Rm 16), sendo que vinte e seis deles são citados por nome e dois são simplesmente mencionados. Davi era um grande guerreiro, mas o que teria sido dele sem seus valentes? Paulo era um grande apóstolo e evangelista, mas precisava de seus ajudantes a fim de realizar seu trabalho.

Assim como era seu desejo para Israel na antiguidade, Deus quer que seu povo de hoje seja puro e separado, “incontaminado do mundo” (Tg 1:27). Campbell Morgan disse que a Igreja contribuía mais com o mundo quando era menos parecida com ele. Somos um povo abençoado pelo Senhor, e com essas bênçãos vem a obrigação de ser uma bênção para outros. Deus quer que sejamos um povo generoso, sustentando a igreja local e contribuindo para o obra do Senhor ao redor do mundo, conforme ele nos orienta.

Deus pode contar conosco?

1. Essa admoestação é repetida em Levítico 19:2; 20:7, 26; 21:8 e 1 Pedro 1:15, 16.
2. Ao comparar os vv. 16, 18, 19, 21, 24 e 26, temos a impressão de que certas ações foram realizadas duas vezes, mas não é o caso. Contudo, somente o versículo 24 declara que o sacerdote lhe dará a água, enquanto o versículo 26 diz que a mulher beberá a água. O versículo 16 declara a intenção do marido de colocá-la “perante o SENHOR”, enquanto o versículo 18 descreve o procedimento oficial do sacerdote. No versículo 19, o sacerdote coloca a esposa sob juramento, enquanto, no versículo 21, anuncia as maldições relacionadas ao juramento.
3. Esses julgamentos deixam implícito que, depois da prova, a esposa culpada e o marido desconfiado continuavam a ter relações conjugais; de outro modo, como ela poderia conceber e perder a criança ou saber que era estéril?
4. Não estou deixando de considerar que a motivação do marido poderia ser muito nobre, como, por exemplo, remover o pecado do acampamento de Israel. No entanto, a mulher não era apedrejada nem o pecador removido do acampamento. Ela continuava a viver com os outros, carregando consigo a dor de seu pecado.
5. Mateus 2:23 afirma que o título de “nazareno” usado para Jesus lhe foi dado como cumprimento daquilo que os profetas haviam escrito, porém não encontramos tais profecias no Antigo Testamento. No entanto, os profetas anunciaram que o Messias seria pobre, rejeitado e que levaria opróbrio sobre si, e Nazaré era uma cidade desprezada e rejeitada por muitos. Ao ser associado a Nazaré e, até mesmo, levar o nome da cidade à vergonhosa cruz (Jo 19:19), Jesus estava tomando sobre si o opróbrio dos pecadores e identificando-se com os desprezados e rejeitados da humanidade.
6. Para o significado espiritual dos sacrifícios israelitas para os cristãos de hoje, ver meu livro sobre Levítico, *Be Holy* [Seja santo], publicado pela editora Cook.
7. Em nenhuma parte das Escrituras encontramos qualquer condenação ao vinho pelo simples fato de ser vinho. O povo de Israel considerava o vinho uma dádiva e bênção de Deus (Sl 104:13-15; Jz 9:13). No entanto, a Bíblia condena claramente a embriaguez (Dt 21:20, 21; Pv 20:1; 23:20, 21, 29-35; Is 5:11, 22; Hc 2:15, 16; Lc 21:34; Rm 13:13, 14; 1 Co 5:11; Ef 5:18; 1 Pe 4:3-5).

CONSAGRAÇÃO E COMEMORAÇÃO – PARTE II

NÚMEROS 8; 9:15 – 10:10*

Ainda estamos estudando os acontecimentos que ocorreram no acampamento de Israel no monte Sinai, no dia em que o tabernáculo foi erguido e consagrado a Deus (Nm 7:1; Êx 40:2, 17). Era o primeiro dia, do primeiro mês, do segundo ano depois do êxodo de Israel do Egito.

Tudo o que foi feito no acampamento de Israel foi ordenado pelo Senhor. No Lugar Santo do tabernáculo, diante do véu, Moisés falava com Deus, e o Senhor falava com Moisés, a partir do propiciatório (Nm 7:89). Então, Moisés transmitia as ordens de Deus para o povo de Israel. “Falava o SENHOR a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo” (Êx 33:11).

Essa passagem trata de duas coisas: a revelação divina e a liderança escolhida por Deus. O povo de Deus, como um todo, constituiu um sacerdócio santo (Êx 19:6; 1 Pe 2:5, 9),¹ mas o Senhor deu líderes espirituais a seu povo (Ef 4:11-16), e esses líderes devem ser respeitados e obedecidos (Nm 12:6-8; Hb 13:7-9, 17). Na Igreja, hoje, Deus não fala de maneira audível a seu povo como fazia com Moisés. Contudo, quando o povo de Deus adora, estuda a Palavra e ora em conjunto, o Senhor revela sua vontade. “Provai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Ts 5:21). Deus falou a Moisés sobre três questões importantes: a manutenção das lâmpadas do santuário (Nm 8:1-4), a consagração dos levitas (vv. 5-26) e a obediência a sua orientação na marcha de Israel para Canaã (Nm 9:15 – 10:10).

1. A MANUTENÇÃO DAS LÂMPADAS (Nm 8:1-4)

O tabernáculo era dividido em duas partes: o Santo dos Santos, em que a glória de Deus repousava sobre o propiciatório da arca, e o Lugar Santo, que era separado do Santo dos Santos por um véu. Havia três peças de mobília no Lugar Santo: a mesa para os doze pães, o altar de ouro do incenso diante do véu e o candelabro de ouro com suas sete lâmpadas.²

Quando o tabernáculo foi consagrado ao Senhor, a glória de Deus encheu o santuário (Êx 40:34, 35), e o fogo de Deus consumiu os sacrifícios no altar (Lv 9:23, 24). Mas Deus não acendeu as sete lâmpadas no candelabro de ouro do lugar santo. Isso era obrigação de Arão, o sumo sacerdote, pois ele, seus filhos e seus descendentes teriam a responsabilidade solene de cuidar do candelabro, aparando os pavios, acrescentando azeite sagrado e certificando-se de que as lâmpadas estavam acesas (ver Êx 25:31-40; 27:20, 21; 37:17-24; Lv 24:1-3).

Uma vez que não havia janelas no Lugar Santo, a única fonte de luz era o candelabro de ouro que ficava à esquerda do altar do incenso, diante do véu. As medidas do candelabro não são apresentadas, mas temos uma descrição dele. Era feito de uma peça única de ouro puro batido, pesando cerca de trinta e oito quilos, com seis hastes e um pedestal central. As hastes eram decoradas com belas “maçanetas e flores” (Êx 25:33). No final de cada haste e do pedestal central havia uma lâmpada que queimava o azeite, fornecido pelo povo de Israel (Êx 27:20, 21).³

Sem dúvida, Arão tirou do altar o fogo para acender as sete lâmpadas. Dali em diante, era incumbência de Arão e de seus filhos aparar os pavios e reabastecer as lâmpadas de azeite todas as manhãs quando ofereciam incenso no altar (Êx 30:7, 8). Sem essa luz, não teria sido possível aos sacerdotes ministrar no Lugar Santo. As instruções dessa passagem acrescentam outro detalhe: Arão devia colocar as lâmpadas de forma que iluminassem “defronte do candelabro” (Nm 8:3) e a luz brilhasse sobre a mesa do pão da proposição e se difundisse por todo o Lugar Santo.

*Já tratamos de Números 9:1-14 no capítulo 1.

Qual era o significado desse candelabro? Uma vez que o tabernáculo, seus utensílios e suas cerimônias referiam-se à pessoa e à obra de Jesus Cristo (Hb 9), certamente o candelabro é um símbolo de Jesus Cristo, a Luz do mundo (Jo 8:12). "Deus é luz" (1 Jo 1:5), e é somente por meio de sua revelação que podemos ver e compreender as verdades espirituais.

O candelabro servia para lembrar os sacerdotes de que Israel era chamado para ser luz para o mundo gentio (Is 42:6; 49:6). A menos que o povo obedecesse a Deus e o adorasse conforme ele havia ordenado, a luz do testemunho de Israel perderia seu brilho e acabaria por apagar-se. Foi exatamente o que aconteceu, e parte da culpa pode ser atribuída aos sacerdotes (Lm 4:13). Somente Deus podia ver os sacerdotes enquanto ministravam no Lugar Santo, mas isso devia ter bastado para que se sentissem motivados a ministrar em obediência e em reverência.

Porém, antes de julgar Israel, qual é o brilho e o alcance do testemunho das igrejas de hoje? "Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que vos torneis irreprensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida" (Fp 2:14-16; ver Mt 5:14-16). Israel era representado por um candelabro, mas as igrejas locais são retratadas como castiçais individuais, tendo em seu meio a presença de Jesus examinando e dando a seu povo orientação e admoestação (Ap 1:12-20). Se a luz de uma igreja não está brilhando como deveria, o Senhor pode remover esse castiçal (Ap 2:5). Ele considera preferível não haver igreja alguma numa determinada cidade a ter uma igreja que não o ama e que, portanto, dá falso testemunho.

O azeite das lâmpadas simboliza o Espírito Santo de Deus, o único que pode dar poder para que testemunhemos sobre Cristo com eficácia (Zc 4:1-4; At 1:8). Uma igreja cheia do Espírito pode enfrentar oposição e continuar a testemunhar com ousadia para Jesus Cristo (At 4:23-33).

2. CONSAGRANDO OS LEVITAS (Nm 8:5-26)

Se Arão e seus filhos eram o "clero oficial" no acampamento, servindo no altar e no tabernáculo, então os levitas eram os "leigos consagrados" que assistiam os sacerdotes em seu ministério. Eram separados "do meio dos filhos de Israel" (vv. 6, 14, 16, 19) como substitutos para os primogênitos do sexo masculino que pertenciam ao Senhor (vv. 16-18; ver 3:40-51 e Êx 13). Os levitas eram do Senhor (Nm 8:14), e ele os ofereceu aos sacerdotes como uma dádiva especial das suas mãos (v. 19). Os levitas cuidavam do tabernáculo, desmontavam a estrutura para cada marcha, carregavam-na durante a jornada e, em seguida, voltavam a montá-la no novo local.

Uma vez que estavam servindo a Deus no tabernáculo, os levitas precisavam ser separados para o Senhor. Primeiramente, eram purificados com água (vv. 5-7), mas, ao contrário dos sacerdotes, eram simplesmente aspergidos e não lavados de todo (Êx 29:4). É bem possível que Moisés e Arão tenham aspergido vinte e dois mil levitas (Nm 3:39) coletivamente. Para completar a purificação, os levitas deviam raspar o corpo (ver Lv 14:8, 9) e lavar as roupas. (Quando foram consagrados ao Senhor, os sacerdotes receberam roupas especiais para vestir e não precisaram raspar o corpo. Ver Êx 25:5-9.)⁴

Os levitas foram apresentados a Deus como "oferta movida" (Nm 8:8-14; ver Rm 12:1). Os príncipes das tribos, representando a nação toda, puseram as mãos sobre os levitas num gesto de consagração, como se estivessem dizendo: "Vocês não nossos substitutos, servindo a Deus em nosso lugar". Os levitas, por sua vez, puseram as mãos sobre dois novilhos, um como oferta pelo pecado e outro como holocausto. Não bastava se purificarem por meio da lavagem; também era preciso que houvesse purificação pelo sangue. O holocausto simbolizava a dedicação total dos levitas ao Senhor.

Uma vez que esses procedimentos prescritos haviam sido completados, os levitas passaram a ter permissão de servir ao Senhor e de assistir os sacerdotes em seus diversos ministérios no tabernáculo (Nm 8:15-26).

Números 4:3 afirma que começavam a trabalhar com trinta anos de idade, mas Números 8:24 determina como idade vinte e cinco anos. Isso significa que, provavelmente, os levitas passavam por um período de cinco anos de aprendizado antes de entrar no ministério de tempo integral, pois certamente havia muito o que aprender. Quando os levitas completavam cinqüenta anos, eram dispensados das tarefas mais pesadas, mas ainda tinham permissão de assistir os sacerdotes conforme fosse necessário.⁵

Vemos surgir da consagração dos levitas alguns princípios práticos para o serviço cristão. Em primeiro lugar, é Deus quem escolhe, capacita e consagra seu povo para o serviço espiritual, e devemos aceitar a vontade do Senhor. Os sacerdotes eram encarregados do ministério do tabernáculo, e os levitas eram seus assistentes. Todo sacerdote devia ser da família de Arão, e nenhum levita podia tomar o lugar de um sacerdote. Os levitas não tinham permissão de servir no altar, nem de usar vestes sacerdotais, nem de entrar no santuário (Nm 3:10, 38; 4:15-20; 18:1-7; Êx 28:1; 29:9).

Essa distinção não depreciava, de forma alguma, os levitas nem subestimava a importância de seu trabalho. Posteriormente, quando alguns levitas tentaram invadir o sacerdócio, Deus julgou-os com severidade (Nm 16 - 17). Não era motivo de orgulho ser sacerdote e nem motivo de vergonha ser levita, pois tudo o que temos vem do coração bondoso de Deus (Jo 3:27; 1 Co 4:7). Não há competição no serviço do Senhor, pois “cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho” (1 Co 3:5-8).

O segundo princípio é que aqueles que servem devem, antes de tudo, servir ao Senhor e, depois, servir ao povo de Deus. Os servos de Deus devem ser sacrifícios vivos, “por oferta ao SENHOR” (Nm 8:13; Rm 12:1). Servimos ao Senhor ao servir a seu povo, mas nossas ordens devem vir de Deus. “Nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” (2 Co 4:5). Não importa a tarefa que o Senhor nos dá, ela é essencial à obra do Senhor, e devemos completá-la com alegria e atenção.

Por fim, tanto os levitas quanto os sacerdotes tinham a obrigação de proteger o santuário de Deus da presença de intrusos (Nm 8:19, e ver 1:53). Os sacerdotes e levitas viviam acampados nas imediações mais próximas do tabernáculo e serviam como um muro protetor contra aqueles que quisessem invadir a área santa e, assim, atrair sobre si o julgamento de Deus. Nos dias de hoje, os líderes das igrejas locais também devem proteger diligentemente seu rebanho daqueles que poderiam destruí-lo. “Atendei por vós e por todo o rebanho” – essa foi a admoestação de Paulo para os líderes da igreja em Éfeso (At 20:28), e advertiu-os de que inimigos perigosos surgiriam tanto fora quanto dentro da congregação (At 20:29-31). Os servos de Deus devem estar sempre atentos e ter a coragem de confrontar os inimigos da verdade de Deus.

3. SEGUINDO A ORIENTAÇÃO DE DEUS (Nm 9:15 - 10:10)

Os israelitas eram um povo peregrino, marchando pelo deserto como um exército, e precisavam, em todo tempo, da orientação de Deus. Seu objetivo era a Terra Prometida, e o Deus que os livrou do Egito prometeu levá-los a sua herança se confiassem nele e fizessem a vontade dele.

Conhecer a vontade de Deus e obedecer a ela é de importância vital para uma vida cristã realizada e produtiva. Jeremias estava certo quando disse: “Eu sei, ó SENHOR, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (Jr 10:23). O filho de Deus que não diz: “Se o Senhor quiser” (Tg 4:13-17), está fadado a decepções e a fracassos.

Para nos ajudar a saber a vontade de Deus hoje em dia, temos o Espírito Santo (Rm 8:26, 27; At 16:6, 7) dentro nós, a Palavra de Deus (Sl 119:105) diante de nós e um Salvador acima de nós (Rm 8:28-34), que trabalha providencialmente a nosso favor. Para guiar Israel em sua jornada, Deus lhes deu a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite (Nm 9:15-23); para anunciar a vontade de Deus ao povo, ordenou que os sacerdotes tocassem duas trombetas de prata (Nm 10:1-10).

A coluna de nuvem e fogo (9:15-23). Essa coluna miraculosa apareceu pela primeira vez no êxodo (Êx 13:21, 22) e permaneceu com Israel ao longo de toda sua jornada (Ne 9:19).⁶ Quando os israelitas montavam o acampamento, a coluna pairava sobre o tabernáculo no centro do arraial, lembrando o povo, dia e noite, de que seu Deus habitava com eles (Nm 9:17; essa é a palavra hebraica *shekinah*) e os guiaria um dia de cada vez, um passo de cada vez. Deve ter sido algo maravilhoso de se ver!

Oito vezes nesse parágrafo encontramos as expressões: “o mandado do SENHOR” / “a ordem do SENHOR” (vv. 18, 20, 23). Os movimentos da coluna eram ordenados pelo Senhor; ele não pedia o conselho dos líderes nem do povo (Is 40:13, 14). O povo de Deus também não era capaz de prever o que ele faria em seguida. A coluna podia pairar sobre eles durante a noite e, depois, mover-se pela manhã, ou podia ficar dois dias, um mês ou mesmo um ano no mesmo lugar. Contudo, não importava quando a coluna se movia, fosse de dia ou de noite, os israelitas deviam estar preparados para arrumar suas coisas e segui-la.

É interessante observar que essa coluna miraculosa servia de luz para o povo de Israel, mas era escuridão para os inimigos (Êx 14:19, 20). Nesse sentido, ela simboliza a Palavra de Deus, pois aqueles que não conhecem a Cristo pela fé simplesmente não são capazes de compreender o que a Palavra diz (1 Co 13:12-16). A fim de conhecer os pensamentos de Deus, devemos nos submeter à vontade dele, e o primeiro passo é aceitar pela fé a Jesus Cristo (Ef 2:8, 9). Então, saímos da escuridão e passamos para a luz gloriosa de Deus (Jo 3:18-21; 1 Pe 2:9; 2 Co 4:6; Cl 1:13).

Os sacerdotes e levitas que moravam perto do tabernáculo provavelmente escolheram pessoas para vigiar dia e noite, a fim de que soubessem quando a coluna estava se movendo. Se desejamos sinceramente fazer a vontade de Deus, precisamos estar de olhos abertos e de sobreaviso todo tempo. Essa atitude de alerta e de expectativa é expressa no Novo Testamento pelo imperativo

“vigiai” (Mt 24:42; 25:13; 1 Co 16:13; 1 Ts 5:6; 1 Pe 4:7).

Jesus chamou-se de “a luz do mundo” (Jo 8:12) e prometeu àqueles que o seguissem que jamais andariam em trevas. É um grande privilégio “andar na luz” (1 Jo 1:4-10) e desfrutar de comunhão com Deus e com seu povo. Andar na escuridão significa estar fora da vontade de Deus, separado das bênçãos dele e correndo o risco de receber sua disciplina. Por que viver nas sombras ou em trevas quando você pode ter a face de Deus resplandecendo sobre você? (Nm 6:24-26).

As trombetas de prata (10:1-10).⁷ Esses dois instrumentos eram tocados pelos sacerdotes e não pelos levitas, apesar de os levitas terem se tornado os músicos oficiais de Israel (1 Cr 23:30; 25:1-3). As duas trombetas não eram usadas para acompanhar o culto de adoração, mas sim para transmitir ordens rapidamente ao acampamento de Israel.⁸ Os líderes e o povo não apenas tinham de manter os olhos abertos e de prestar atenção na coluna sobre o tabernáculo, como também tinham de manter os ouvidos alertas para escutar o som das trombetas.

Se Moisés desejava convocar uma assembléia com o povo ou com os líderes, os toques da trombeta davam o sinal apropriado. Se as duas trombetas tocassem, era uma convocação para todo o povo. Se uma trombeta tocasse, era uma convocação para os líderes. Quando era hora de levantar acampamento, as trombetas davam o sinal para cada grupo de três tribos marchar, começando com Judá, Issacar e Zebulom, do lado leste do tabernáculo. As trombetas também soavam um alarme ordenando aos soldados que se preparassem para a batalha (Nm 31:1-6; 2 Cr 13:13-15). Números 10:9 descreve esse toque da trombeta como uma oração diante de Deus, declarando que ele daria a seu povo vitória na batalha.

Mesmo depois que a nação assentou-se na terra prometida, o toque das trombetas era importante para lembrá-los das festas especiais que faziam parte de seu calendário religioso (v. 10). A Festa das Trombetas dava início aos eventos religiosos especiais

do sétimo mês: o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos (Nm 29:1ss; Lv 23:23-43; Sl 81:3). O toque das trombetas anunciava as comemorações especiais do povo de Israel, inclusive o começo do Ano de Jubileu (Lv 25:8-12).

Assim como o povo de Deus no Antigo Testamento, os filhos de Deus, hoje em dia,

estão aguardando o “som da trombeta”, que sinaliza nossa reunião com Jesus bem como a declaração de guerra de Deus contra um mundo perverso e pronto para o juízo (1 Ts 4:13-18; 1 Co 15:51-57). Até chegar esse momento, somos um povo peregrino neste mundo desértico, seguindo a orientação de Deus e servindo-o fielmente.

1. É uma pena que a expressão “o sacerdócio do crente” tenha se tornado tão conhecida, pois, na verdade, deveria ser “o sacerdócio dos crentes”. Não apenas eu sou considerado um “sacerdote real”, mas pertenço a um “sacerdócio real”. O exercício das funções sacerdotais bem como dos privilégios é uma atividade coletiva da Igreja. Nadabe e Abiú agiram de modo independente dos outros sacerdotes e foram mortos por causa de seu orgulho (Lv 10).
2. Para mais detalhes sobre o tabernáculo, ver Êxodo 25 - 31, e para uma interpretação do significado desses utensílios, ver minha obra *Be Delivered* [Seja enviado], publicada pela editora Cook.
3. O povo forneceu os materiais usados para a construção do tabernáculo (Êx 25:1-8; 35:4 - 36:7) e também era o povo que fornecia o azeite para as lâmpadas. É provável que contribuisse, ainda, com a farinha usada para fazer os doze pães (Lv 24:1-9).
4. É bem possível que a raspagem do corpo e a lavagem das roupas ocorresse depois da cerimônia. De outro modo, Moisés e Arão teriam de fazer uma pausa extremamente longa na cerimônia, enquanto os vinte e dois mil homens raspavam o corpo, lavavam e secavam as roupas, sendo que tudo isso exigia privacidade.
5. Quando Davi organizou os sacerdotes e os levitas em preparação para a expansão do ministério no templo, diminuiu a idade em que iniciavam o serviço para vinte anos (1 Cr 23:24, 27), sendo que, aparentemente, realizou essa mudança em obediência ao Senhor (1 Cr 28:11-19).
6. Neemias 9:20 acrescenta que o Espírito de Deus instrua o povo por meio da Palavra que Deus lhes dava por intermédio de Moisés, e que a lei tratava da maior parte das questões relacionadas à vida diária. Nenhum israelita precisava buscar a vontade de Deus para saber o que deveria comer, pois a lei lhe dizia quais alimentos eram limpos e quais eram imundos. Para a maioria das decisões que nós, como povo de Deus, devemos tomar nos dias de hoje, podemos nos voltar para a Palavra de Deus e encontrar preceitos, princípios e promessas que nos orientarão. Nas questões que nos deixam confusos, Deus nos guiará, se desejarmos sinceramente fazer sua vontade (Jo 7:17) e se buscarmos sua vontade de todo o coração.
7. Essas trombetas não devem ser confundidas com aquelas feitas de chifres de carneiro (*shophar*) usadas em Jericó (Js 6:20) e na batalha de Gideão contra Midiã (Jz 7:16-22), bem como, hoje em dia, nas sinagogas dos judeus.
8. No tempo de Davi, o número de trombeteiros subiu para sete, e tocavam suas trombetas diante da arca de Deus (1 Cr 15:24). Quando Salomão levou a arca para o templo, havia cento e vinte sacerdotes tocando trombetas como um ato de adoração (2 Cr 5:12).

MARCHANDO PARA MOABE

NÚMEROS 10:11 – 12:16

O povo de Israel acampou no monte Sinai por cerca de onze meses. Chegaram lá no terceiro mês depois de sua libertação do Egito (Êx 19:1); nesta passagem, estavam no segundo mês do segundo ano. Durante esse tempo, a lei de Deus havia sido anunciada, e o tabernáculo havia sido construído e consagrado. Moisés havia consagrado os sacerdotes e levitas, contado os soldados e organizado as tribos. Israel era uma nação pronta para entrar em ação.

Contudo, a história de Israel ao longo dos trinta e oito anos que se seguiram (Nm 10:11 – 22:1) é, em sua maior parte, um relato de incredulidade e de fracassos. Houve anos durante os quais o povo opôs-se a Moisés e rebelou-se contra a vontade de Deus. Por causa de sua desobediência em Cades-Barnéia, Israel vagou pelo deserto durante trinta e oito anos, deixando para trás um rastro de sepulturas, à medida que a geração mais velha ia morrendo. Dessa geração, somente Josué e Calebe sobreviveram para entrar em Canaã.

Os dez primeiros capítulos de Números, por outro lado, registram as atividades de Israel obedecendo ao Senhor. “Assim fizeram os filhos de Israel; segundo tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés, assim o fizeram” (Nm 1:54). Esse é um tema repetido com frequência nesses capítulos (2:34; 3:16, 51; 4:49; 5:4; 8:3, 20, 22; 9:5, 23). Ao obedecer a Deus, Israel tinha tudo a ganhar e nada a perder. No entanto, se recusaram a confiar nele e a seguir seus mandamentos. É só em Números 26 que a história muda, quando Moisés faz um censo na nova geração e prepara-os para entrar na terra, conquistar o inimigo e tomar posse de sua herança.

Consideremos três cenas da vida de Israel no início de sua jornada como nação e vejamos o que significa saber e fazer a vontade de Deus.

1. MARCHANDO SOB AS ORDENS DE DEUS (Nm 10:11-36)

A nuvem sobre o tabernáculo se moveu, os sacerdotes tocaram as trombetas, os levitas desmontaram o tabernáculo, e o povo se preparou para marchar. Estavam acomodados no Sinai, tendo morado quase um ano no mesmo lugar sem precisar enfrentar os rigores da marcha diária. A grande vitória de Deus sobre o Egito ainda estava vívida em sua memória, e a cada manhã, quando juntavam o maná, eram lembrados da bondosa provisão do Senhor para todas as suas necessidades.

No entanto, a herança do povo não estava no monte Sinai, mas sim na “terra que mana leite e mel” e que Deus havia prometido a seu povo. Quanto mais acomodados ficamos, menos gostamos de mudanças e, no entanto, não há crescimento sem desafios, e não há desafios sem mudanças. O conforto normalmente leva à complacência, e a complacência é inimiga do caráter e do crescimento espiritual. A cada nova experiência da vida, pode acontecer uma de duas coisas: ou confiamos em Deus, e ele extrai o que há de melhor de nós, ou desobedecemos a Deus, e Satanás extrai o que há de pior em nós.

Marchando em ordem (vv. 11-28). As tribos já dispunham de seus líderes (Nm 1) e sabiam qual era a ordem em que deviam marchar (Nm 2), de modo que tudo o que os sacerdotes precisavam fazer era tocar trombetas e sinalizar quando cada tribo devia se deslocar e juntar-se à procissão. A arca da aliança ia adiante do povo, carregada pelos sacerdotes, seguindo a coluna de nuvem (Nm 10:33-36; Ne 9:12; Sl 78:14). A arca era o trono de Deus (Sl 80:1; 99:1), e o Senhor era soberano sobre seu povo, mostrando-lhe o caminho a seguir. “O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão” (Sl 77:20).

Judá, Issacar e Zebulom eram os primeiros na ordem de marcha, seguidos dos gersonitas

e meraritas carregando o tabernáculo em si. Depois, vinham Rúben, Simeão e Gade, seguidos dos coaitas carregando os utensílios do tabernáculo bem no centro da procissão. Aquele era o lugar mais seguro para os utensílios valiosos. As tribos de Efraim, Manassés e Benjamim vinham depois e, em seguida, Dã, Aser e Naftali. O “populacho” que não pertencia a uma tribo alguma vinha por último (Nm 11:4; Êx 12:38).

O lugar em que cada tribo devia marchar na procissão não era uma opção; era uma obrigação, uma ordem do Deus Todo-Poderoso. Se as tribos de Dã e de Gade se cansassem de ficar na retaguarda e pedissem para passar para a frente, Moisés recusaria seu pedido, pois a vontade de Deus quanto a isso não era negociável. O povo de Israel não estava fazendo turismo, apreciando a paisagem. Eram um exército invadindo território inimigo, comandados pelo Senhor dos Exércitos. Cada tribo era uma divisão do exército de Deus (Nm 28), e cada divisão devia estar em seu devido lugar.

Convidando outros para acompanhá-los (vv. 29-32). Hobabe era cunhado de Moisés, filho de Reuel, também conhecido como Jetro (Êx 2:15 - 3:1).¹ É bem provável que, a essa altura, Jetro tivesse falecido, e Hobabe fosse o chefe da família. Moisés queria que seus parentes acompanhassem Israel e desfrutassem as bênçãos que Deus havia prometido a seu povo, mas Hobabe recusou o convite. Preferiu ficar em sua própria terra com seu próprio povo. Por que sacrificar o conforto e a segurança em troca de um futuro incerto?

Moisés, porém, sabia que Jeová estava com Israel e que o futuro era daqueles que confiavam no Senhor e que obedeciam a suas leis. Talvez por isso Moisés tenha acrescentado um desafio especial a seu convite: devido ao conhecimento que Hobabe tinha do terreno, poderia ser de ajuda para Israel durante sua jornada pelo deserto. Hobabe deve ter aceitado a proposta, pois, anos mais tarde, encontramos seus descendentes vivendo com os israelitas (Jz 1:16; 4:11). Certamente estavam muito melhor fazendo parte do povo de Deus.

Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto a Moisés estar certo ou errado em convidar a Hobabe para ser o “guia” de Israel enquanto viajavam pelo deserto. Afinal, a nação não estava sendo guiada pela coluna de nuvem e pela arca do Senhor? Deus não falava pessoalmente a Moisés e lhe revelava sua vontade? Então, por que alistar um guia humano, quando tinham tanta ajuda do céu?

No entanto, a providência divina não menospreza nem destrói a aptidão ou a responsabilidade humana. Israel não precisava de Hobabe para dizer-lhes para onde marchar e onde acampar; Deus faria isso. Mas os conhecimentos de Hobabe os ajudariam a tomar outras decisões ao ir de um lugar para outro. Charles Spurgeon disse: “Creio que, com isso, devemos aprender que, apesar de sempre buscarmos a orientação de Deus em sua providência, ainda assim podemos, com frequência, encontrar direção e orientação no uso do bom-senso e do arbítrio dos quais o Senhor nos dotou”.² Não nos estribamos no nosso próprio entendimento (Pv 3:5, 6), mas também não o ignoramos. Deus quer que nossas ações sejam realizadas com inteligência, bem como com fé, e o cristão espiritual sabe usar tanto o coração quanto a mente, a fim de discernir a vontade de Deus (Rm 12:2).

Não deixemos de observar, porém, a motivação mais forte por trás do que Moisés fez: ele convidou outros a se juntar a Israel e a desfrutar as bênçãos que Deus havia preparado para eles. A Igreja, hoje, é um povo peregrino neste mundo (1 Pe 1:1; 2:11), viajando rumo ao céu, e é nosso privilégio convidar outros a juntar-se a nós. A jornada não é fácil, mas Deus está abençoando seu povo agora e o abençoará para sempre. Quantas pessoas convidamos ultimamente?

Glorificando o Senhor (vv. 33-36). Fica implícito, aqui, que Moisés e Arão marchavam adiante das tribos, logo depois da arca. Cada vez que a coluna de nuvem sinalizava um movimento, as tribos se reuniam, e Moisés orava ao Senhor pedindo orientação e vitória; quando a nação parava e montava acampamento, ele orava para que a presença de

Deus repousasse novamente com seu povo no tabernáculo. A arca era colocada no Santo dos Santos, e a coluna pairava sobre a tenda.³

Não importava quantas vezes os israelitas caminhassem e parassem, Moisés repetia essas orações.⁴ Queria que o povo soubesse que Deus, e não Moisés, estava no comando de Israel e que o povo era um exército que dependia do Senhor para ser vitorioso. Como a invocação e a bênção nos cultos da igreja, essas orações tornaram-se conhecidas para os israelitas e foram essenciais para o bem de Israel como nação. Moisés colocou Deus em primeiro lugar na vida do povo, e se os israelitas tivessem prestado atenção a isso, teriam evitado os pecados que, mais tarde, lhes causaram tanta tristeza.

2. QUEIXANDO-SE PARA O SERVO DE DEUS (Nm 11:1-35)

O coração humano é tão pecaminoso que tem a tendência de se esquecer das bênçãos de Deus, de ignorar as promessas dele e de encontrar defeitos na providência divina. “Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!” (Sl 107:8, 15, 21, 31).

A murmuração dos israelitas (vv. 1-3). A história se repete. Três dias depois do grande culto de louvor no mar Vermelho, os israelitas murmuraram contra Moisés e contra Deus, pois não tinham água para beber (Êx 15:22-27). Então, três dias depois de deixar o Sinai (Nm 10:33), os israelitas queixaram-se novamente. É preciso ter fé para ser capaz de aceitar a direção providencial de Deus (Rm 8:28), e a fé do povo de Israel não era muito forte.

Uma vez que o povo havia ficado acampado num mesmo lugar durante quase um ano, talvez tenham se desanimado com as dificuldades da jornada e com a monotonia daquela região. Números 11:1 diz: “Queixou-se o povo de sua sorte”. Qualquer que tenha sido a causa, Deus ouviu aquelas palavras pecaminosas, irou-se e matou os ingratos.⁵ O “fogo do SENHOR” pode ser uma descrição de raios (Êx 9:23, 24), e o fato de o julgamento ter caído sobre pessoas que se

encontravam acampadas na parte mais externa indica que, talvez, “o populacho” fosse a causa das murmurações (Nm 11:4).

Quantas vezes em meu ministério já vi demonstrações do versículo 2: as pessoas que mais reclamam de Deus e de seus líderes espirituais são as que acabam procurando a ajuda desses mesmos líderes! Como Moisés foi bondoso e semelhante a nosso Senhor Jesus Cristo ao interceder pelo povo! “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Em mais de uma ocasião, Israel pecou, e foi a intercessão de Moisés que deteve a o julgamento de Deus. Numa das vezes, Moisés chegou a oferecer-se para morrer para que o povo de Israel fosse poupado (Êx 32:30-35).

A murmuração do populacho (vv. 4-9).

Este é o único lugar, no Antigo Testamento, em que o termo hebraico *asapsup* é usado e descreve a “ralé” ou “gentalha” que acompanhou os israelitas quando saíram do Egito (Êx 12:38).⁶ A Bíblia não explica por que esse povo deixou o Egito. Talvez alguns temessem que mais juízos viessem sobre os egípcios e acharam mais seguro acompanhar os israelitas (Êx 9:20). Alguns servos e escravos podem ter visto na partida de Israel uma oportunidade de sair do Egito enquanto o povo estava ocupado sepultando seus mortos. É possível que outros fossem bem-intencionados, mas, por não terem fé no Senhor, seu coração nunca mudou (Hb 4:1, 2).

Qualquer que fosse sua origem, o “populacho” trouxe muitos problemas para Moisés e o povo de Israel, e um grupo parecido de pessoas está sempre criando caso com os servos e o povo de Deus hoje em dia. Na parábola do joio e do trigo (Mt 13:24-30, 36-43), Jesus ensinou que, onde quer que o Senhor “plante” seus verdadeiros filhos, o diabo também vem e planta suas imitações. A natureza de Satanás é imitar e infiltrar-se (Jd 4; 2 Pe 2:1, 2), o que explica por que Paulo advertiu a igreja sobre os “falsos irmãos” (Gl 2:4; 2 Co 11:26), os “obreiros fraudulentos” (vv. 13ss) e sobre “o outro evangelho” (ou seja, um evangelho falso; Gl 1:6-9).

Ao longo de muitos anos de ministério, aprendi que não são os inimigos de *fora* da igreja local que fazem estrago, mas sim as imitações que se encontram *dentro* da comunidade da igreja (At 20:28-30; 3 Jo 9-11). Esses intrusos podem marchar junto com a igreja e agir como se fossem povo de Deus, mas não têm o desejo de buscar as coisas espirituais e, mais cedo ou mais tarde, acabam mostrando com o que estão verdadeiramente comprometidos (1 Jo 2:18, 19).

Os israelitas participavam de um milagre seis manhãs por semana, quando o “pão do céu” (Sl 78:24; 105:40) caía no acampamento provendo o sustento necessário para aquele dia. Talvez influenciados pelo populacho, muitos dos israelitas enjoaram do cardápio e tentaram melhorar a receita de Deus (Nm 11:8). Em vez do maná, queriam as comidas que apreciavam no Egito. Esqueceram-se da escravidão do Egito e lembraram-se apenas daquilo que agradava a carne!

Como é triste quando pessoas que se dizem cristãos e estão dentro das igrejas buscam substitutos no mundo em vez de desejar o maná celestial, que é a Palavra de Deus (Jo 6:66-69; Mt 4:4). Ao tentar atrair e agradar o “populacho”, certas igrejas transformaram seus templos em teatros, seus ministérios em *shows* e seus cultos em entretenimento. Paulo teve de tratar com essa gente em sua época (Fp 3:17-21), de modo que não se trata de um problema novo.

No entanto, é algo muito sério murmurar contra o Senhor, criticar seus servos e pedir “substitutos religiosos” que satisfaçam nossos desejos carnis. Esses murmuradores de Israel acabaram sendo julgados por Deus e usados por Paulo como uma advertência para as igrejas de hoje (1 Co 10:10). “Fazei tudo sem murmurações nem contendas” (Fp 2:14). Um coração ingrato cria um ambiente propício para todo tipo de pecado (Rm 1:21ss).

Moisés lamenta seu chamado (vv. 10-15). Moisés tinha cantado triunfantemente a respeito o Senhor (Nm 10:35, 36), mas naquele momento lamentava com amargura o trabalho que Deus o chamara a fazer. Poucas coisas desanimam mais os servos de Deus do

que as pessoas que criticam injustamente e que reclamam das bênçãos recebidas do Senhor.⁷ Essa é a primeira de duas ocasiões em que a atitude do povo levou Moisés a pecar (ver Nm 20:1-13). Uma vez que sabemos como o povo de Israel tinha um coração endurecido e era ingrato, é de se admirar que Moisés não desanimasse com mais frequência!

É triste ver um grande homem de Deus pedir ao Senhor que tire sua vida, pois ele sente que seu chamado divino é um fardo com o qual Deus o afligiu e o desgraçou. Moisés perdeu a perspectiva correta, deixando de olhar para o Senhor e voltando-se para si mesmo – algo fácil de acontecer em meio às experiências difíceis da vida. Suas palavras: “Eu não posso” (Nm 11:14) nos lembram de quando Deus chamou Moisés e garantiu que iria ajudá-lo (Êx 3:11, 12). Pelo menos, Moisés levou seus fardos ao Senhor e aceitou a decisão de Deus (1 Pe 5:7).

Moisés recebe ajuda de Deus (vv. 16-35).

O Senhor ajudou Moisés a resolver dois problemas difíceis: como liderar tantas pessoas e como prover carne para todas elas. Os dois problemas surgiram do tempo em que os hebreus passaram no Egito, onde desenvolveram o gosto pelas comidas de seus senhores. O povo se esqueceu da escravidão e lembrou-se apenas daquilo que comiam “de graça” no Egito.

Com relação ao primeiro problema (vv. 16, 17, 24-30), o Senhor ordenou que Moisés escolhesse setenta anciãos tementes a Deus para ajudá-lo a cuidar da vida espiritual do acampamento. Moisés já havia nomeado líderes para ajudar o povo a resolver suas disputas pessoais (Êx 18), mas esses novos líderes teriam um ministério mais espiritual com o povo. Afinal, o coração de todo o problema é o problema do coração, e a menos que o coração das pessoas seja transformado pelo Senhor, seu caráter e sua conduta nunca mudam.

Sessenta e oito dos setenta homens reuniram-se no tabernáculo, e Deus lhes deu o poder do Espírito para que pudessem assistir Moisés em seu trabalho.⁸ Sua adoração a Deus é prova de que, verdadeiramente,

receberam o Espírito (ver At 2:11; 10:44-46; 19:1-7; Ef 5:18-20). Não sabemos por que Eldade e Medade não estavam presentes, mas uma vez que não foram disciplinados pelo Senhor, supomos que sua ausência não foi uma questão séria. Pelo menos não perderam a bênção de Deus. Josué ficou perturbado por eles terem recebido o Espírito, mas Moisés encheu-se de gratidão. O líder de Israel parece ter readquirido sua habitual compostura e atitude de generosidade quando disse: "Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!" (Nm 11:29).

Moisés não foi o único servo de Deus a enfrentar o problema da "exclusividade espiritual". João Batista passou por isso (Jo 3:26-30), bem como Jesus (Lc 9:46-50) e Paulo (Fp 1:15-18). No entanto, Josué achava que Moisés e Deus estavam perdendo alguma coisa ao permitir que esses dois homens recebessem o Espírito. A primeira vez que vemos Josué nas Escrituras, ele está liderando o exército de Israel na vitória sobre os amalequitas (Êx 17:8-16). Depois disso, nós o encontramos no monte Sinai com Moisés (Êx 24:13; 32:17) e, agora, ficamos sabendo que ele é servo de Moisés (Nm 11:28). Mais tarde, Josué se tornaria o sucessor de Moisés.

O segundo problema estava relacionado a encontrar carne suficiente para alimentar a nação (vv. 18-23, 31-35; ver Êx 16:1-13). Certamente, os israelitas não iriam abater seus rebanhos, pois isso os deixaria sem nada. Com um vento, Deus enviou para o acampamento codornizes que voaram a um metro do chão, e os israelitas passaram dois dias apanhando e matando as aves.⁹ "Dez ômeres" (Nm 11:32) equivalem a um recipiente com capacidade para trinta e seis litros! Mas Deus lhes disse que teriam carne suficiente para comer durante um mês (vv. 19, 20).

Quando Deus quer, de fato, julgar as pessoas, ele permite que façam as coisas do jeito delas (Rm 1:24, 26, 28). "Concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma" (Sl 106:15). Os israelitas começaram a devorar a carne, felizes por satisfazerem seu desejo; mas veio o julgamento de Deus,

e muitos morreram (Nm 11:33; Sl 78:23-31; 1 Co 10:10). Moisés chamou o lugar de Quibrote-Taavá, "túmulos de concupiscência", e aquelas sepulturas serviram de monumento para o perigo de se orar pedindo: "Seja feita a minha vontade e não a tua".

O Senhor havia advertido Israel de que a forma como tratavam o maná diário seria um teste de sua obediência à Palavra de Deus (Êx 16:4; Dt 8:3). Ao rejeitar o maná, Israel, na verdade, rejeitou o Senhor (Nm 11:20), e foi essa atitude rebelde que trouxe sobre eles o julgamento de Deus. Isso nos lembra de que a forma como tratamos a Palavra de Deus é a forma como tratamos o próprio Senhor. Ignorar a Palavra, tratá-la com descaso ou lhe desobedecer deliberadamente é pedir a disciplina de Deus (Hb 12:5-11). Em vez de nos alimentarmos das coisas do mundo, que trazem a morte, vamos cultivar um apetite pela santa Palavra de Deus (Jó 23:12; Sl 1:1; Jr 15:16; Mt 4:4; Lc 10:38-42; 1 Pe 2:1-3).

3. O ATRASO DEVIDO À DISCIPLINA DE DEUS (NM 12:1-16)

Pessoas que ocupam posições de liderança espiritual sabem que os problemas, normalmente, vêm em pacotes de dois ou três de uma vez. Isso acontece porque Satanás está vivo e ativo (1 Pe 5:8, 9), e a natureza humana pecaminosa luta contra a santa vontade de Deus (Gl 5:16, 17). Assim que o Senhor ajudá-lo a resolver uma crise, logo aparece outra.

A acusação falsa (vv. 1-3). Moisés, Arão e Miriã formavam uma equipe enviada por Deus para ajudar a nação de Israel (Mq 6:4). Deus havia usado Miriã para salvar a vida de seu irmão mais novo (Êx 2:1-10), e, além de ser uma profetisa, ela dirigia as mulheres israelitas no louvor a Deus (Êx 15:20, 21).¹⁰ Arão era o irmão mais velho da família (Êx 7:7), nomeado por Deus não apenas para ajudar Moisés a confrontar o Faraó (Êx 4:10-17), mas também para servir como sumo sacerdote. Todos em Israel sabiam que Moisés, Arão e Miriã eram os servos escolhidos de Deus, mas que Moisés era o líder.

Há três evidências que nos levam a concluir que Miriã foi a líder dessa rebelião dentro

da família: em Números, ela é mencionada, pela primeira vez, no capítulo 12, versículo 1. No hebraico, o verbo "falaram" encontra-se na forma feminina, e somente Miriã foi disciplinada pelo Senhor. Ela não começou seu ataque acusando Moisés de usurpar autoridade, mas discordando do irmão com referência à esposa dele. (A maioria das pessoas que acusam os servos de Deus raramente dão as verdadeiras razões de suas divergências.) É provável que Zípora tivesse morrido e que Moisés tivesse tomado para si outra esposa, e talvez Miriã se sentisse ameaçada por ela. Além disso, quando o Senhor enviou o Espírito sobre os setenta anciãos, é possível que Miriã tenha sentido que estava perdendo sua autoridade.

Desde que Moisés não se casasse com uma mulher dos povos cananeus (Êx 34:12-16), sua escolha era aceitável ao Senhor. Nas Escrituras, Cuxe normalmente refere-se a um povo que vivia próximo ao Egito, mas algumas versões traduziram o termo hebraico como "Etiópia". Isso levou a pensar que a segunda esposa pertencia a outra raça e, portanto, não era aceitável. De acordo com William S. LaSor: "Não há evidência alguma, quer em material bíblico quer em extrabíblico, para apoiar a idéia de que Cam ou quaisquer de seus descendentes fossem negróides".¹¹

Finalmente, Miriã expressou sua verdadeira queixa: Moisés era o único porta-voz do Senhor? Miriã e Arão não tinham também o direito de proclamar a Palavra de Deus? Ao questionar a vontade de Deus e a autoridade de Moisés, Miriã e Arão estavam agindo exatamente como o povo de Israel! Moisés, porém, não respondeu nem tentou se justificar, mas deixou que o Senhor o defendesse. Foi um sinal de mansidão, pois a mansidão não é fraqueza – é ter poder, mas não usá-lo a qualquer hora e de qualquer jeito.¹²

O julgamento rápido (vv. 4-10). Deus ouviu as palavras deles, viu as motivações mal-dosas em seu coração e agiu rapidamente para que o pecado deles não se espalhasse no meio do povo, pois quando líderes pecam, as conseqüências podem ser desastrosas. Observe que, no versículo 4, os três nomes

aparecem em ordem inversa em relação à seqüência do versículo 1. Deus coloca Moisés em primeiro lugar! Ele chamou os três ao tabernáculo, falou com os dois (Miriã e Arão) e pronunciou seu julgamento sobre um – Miriã.

Deus deixou claro que Moisés era mais do que um profeta, pois o Senhor se comunicava com ele pessoalmente e até revelou-lhe sua glória (Êx 19:16-19; 24:17, 18; 34:5-11). Tanto Miriã quanto Arão tinham seus respectivos ministérios, mas Deus havia escolhido Moisés para liderar Israel, e ninguém podia tomar o lugar dele. Foi o Senhor quem deu a Moisés sua posição e autoridade, e foi errado Miriã desafiar o irmão. Como forma de julgamento, Deus afligiu Miriã com lepra.

A súplica fervorosa (vv. 11-13). Arão sabia das implicações da lepra e suplicou a Moisés que intercedesse por Miriã e por ele, pois os verbos indicam o plural: "loucamente procedemos e pecamos" (v. 11). Arão era o sumo sacerdote que intercedia por Israel e, no entanto, precisava de um intercessor! Mostrando ainda mais mansidão, Moisés orou pela irmã, e o Senhor retirou a lepra.

Um atraso vergonhoso (vv. 14-16). Apesar de Miriã ter sido curada, teve de ficar fora do acampamento durante sete dias (ver Lv 13:1-6; 14:1-8; 15:8), pois havia sido contaminada. Isso lhe causou grande vergonha, pois o acampamento ficou sabendo do que havia acontecido. Significou, também, um atraso para o povo, pois tiveram de esperar pela restauração de Miriã antes de poder seguir viagem. O pecador rebelde é sempre motivo de atraso no progresso do povo de Deus.

Ser um líder espiritual é algo sério, pois quanto maior a honra, maior a responsabilidade. Tentar usurpar a autoridade que Deus deu a outros também é muito grave. "Quanto aos [presbíteros] que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os demais temam" (1 Tm 5:20). Jesus advertiu que nossos inimigos podem ser os que estão dentro de nossa própria casa (Mt 10:34-36; Mq 7:6).

"Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para

que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros" (Hb 13:17).

"Lembra-te do que o SENHOR, teu Deus, fez a Miriã no caminho, quando saíste do Egito" (Dt 24:9)

1. Não era incomum, naquele tempo e lugar, as pessoas terem mais de um nome. Alguns acreditam que Reuel era seu nome e que Jetro era seu título oficial como sacerdote. Jetro significa "excelência".
2. SPURGEON, Charles D. *The Metropolitan Tabernacle*, v. 7, p. 161.
3. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que a nuvem não apenas conduzia Israel, mas também se espalhava sobre o povo a cada dia, protegendo-os do sol escaldante enquanto marchavam. (Ver Sl 105:39; 1Co 10:1.)
4. É provável que Davi tenha meditado sobre essas palavras de Moisés, pois usou algumas delas no primeiro versículo do Salmo 68. O salmo glorifica a Deus por sua obra maravilhosa ao libertar e guiar o povo, e, pela fé, Davi pediu a ajuda de Deus na conquista de seus próprios inimigos.
5. É comum que, no início de uma nova era na história da salvação, Deus julgue o pecado de maneira dramática, a fim de advertir seu povo. Outros exemplos são Nadabe e Abiú (Lv 10), Acã (Js 7), Uzá (2 Sm 6:1-7) e Ananias e Safira (At 5).
6. Apesar de a palavra hebraica usada em Êxodo 12:38 ser diferente do termo empregado em Números 11:4, a idéia é a mesma: pessoas de várias raças que não faziam parte do povo de Israel e, portanto, não eram filhos da aliança.
7. Alguns dos maiores líderes de Deus tiveram momentos de desânimo, inclusive Josué (Js 7), Elias (2 Rs 19), Davi (Sl 42), Jeremias (Jr 12:1-4; 15:15-18) e Paulo (2 Co 1:8-11).
8. O versículo 25 não sugere que Moisés ficou com "menos do Espírito" depois desse acontecimento. O Espírito Santo é uma pessoa da Trindade e é espírito, de modo que não pode ser dividido. Deus não "dividiu" o Espírito entre os setenta e um homens. Ele colocou sobre os anciãos o mesmo Espírito que dava poder a Moisés.
9. Levava apenas alguns minutos toda manhã para juntar o maná que os sustentaria ao longo do dia, mas os hebreus estavam dispostos a passar dois dias e uma noite conseguindo carne para satisfazer seu apetite. As pessoas não espirituais na igreja gastam tempo, dinheiro e energia em coisas que satisfazem seus próprios desejos, mas jamais fariam esses sacrifícios simplesmente para agradar a Deus e fazer a vontade dele.
10. Miriã é uma das dez mulheres nas Escrituras chamadas de profetisas: Débora (Jz 4:4), Hulda (2 Rs 22:14), Noadia (Ne 6:14), a esposa de Isaías (Is 8:3), Ana (Lc 2:36) e as quatro filhas de Filipe, o evangelista (At 21:9).
11. "Cuxe". *The International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1979, v. 1, p. 839. Por esse motivo, o casamento de Moisés não tinha qualquer relação com a questão dos casamentos inter-raciais.
12. Se Moisés era um homem manso, por que disse isso ao escrever o Livro de Números? Não se trata de um sinal de orgulho? O radical hebraico da palavra traduzida como "manso" em Números 12:3 significa, simplesmente, "estar curvado", referindo-se a todos os fardos que Moisés devia carregar (Nm 11:14). Outros acreditam que um "editor" inspirado acrescentou esse versículo posteriormente, mas não temos qualquer evidência disso. Em seus escritos, Moisés foi honesto o suficiente para registrar seus pecados e fracassos, e aceitamos o que ele diz. Assim, por que não podemos aceitar uma declaração sobre seu caráter piedoso? Paulo escreveu de maneira parecida em 2 Coríntios 10:1; 11:5 e 12:11, 12.

CRISE EM CADES

NÚMEROS 13 – 14

Em Cades-Barnéia, na fronteira com Canaã, o povo agiu com insensatez e abriu mão de sua oportunidade de entrar na Terra Prometida e de se apropriar de sua herança. Esse fracasso trágico fez do nome “Cades” um sinônimo de derrota e de oportunidades perdidas. A queda de Israel em Cades é uma lembrança para nós, hoje em dia, de que é perigoso não levar a vontade de Deus a sério. Você pode acabar passando o resto da vida vagando de um lado para o outro simplesmente esperando pela morte.

Apesar do que alguns hinos declaram, Canaã não é uma representação do céu. Certamente não haverá batalhas no céu! Antes, Canaã é um retrato da herança que Deus planejou para seus filhos hoje, o trabalho que ele deseja que façamos e os lugares que deseja que ocupemos. Paulo chamou isso de “boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10). O Senhor tem um plano perfeito para cada um de seus filhos, mas só podemos nos apropriar dessas bênçãos pela fé e em obediência.

Assim como o povo de Israel séculos atrás, muitos cristãos, hoje em dia, andam pelo que podem ver e não pela fé, de modo que deixam de desfrutar das coisas boas que Deus tem para eles. Não podem dizer como Davi: “Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança” (Sl 16:6). O que Israel fez em Cades que provocou sua derrota vergonhosa? Cometeram pelos menos cinco pecados ostensivos que os filhos de Deus, nos dias de hoje, também estão sujeitos a cometer, sofrendo o mesmo tipo de derrota vergonhosa.

1. OS ISRAELITAS DUVIDARAM DA PALAVRA DE DEUS (Nm 13:1-25)

Deus libertou os israelitas do Egito para que pudessem entrar na terra prometida e desfrutar as bênçãos que o Senhor havia preparado para eles. Quarenta anos depois, Moisés lembrou à nova geração: “E dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais” (Dt 6:23; ver Ez 20:6). O Senhor prometeu a terra aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12:7; 13:15; 17:8; 28:13; 35:12) e reafirmou essa promessa por meio de Moisés (Êx 3:8, 17; 6:4, 8; 13:5; 33:3).

Além disso, o Senhor lembrou o povo de suas promessas quando levantaram acampamento no Sinai (Dt 1:6-8) e quando chegaram a Cades (vv. 20, 21). A promessa do Senhor era tudo de que Israel precisava, mas a nação duvidou da Palavra de Deus e começou a andar pelas aparências e não pela fé.

Deram seu primeiro passo vacilante quando pediram a Moisés que os deixasse enviar espias à terra antes de todo o povo iniciar o ataque ao inimigo (Dt 1:22; Tg 1:5-8). Moisés concordou com o pedido (Dt 1:23) e obteve a permissão do Senhor para colocar o plano em ação (Nm 13:1-3). No entanto, ao que parece, o Senhor estava permitindo que os israelitas fizessem as coisas do modo deles, não porque o modo deles fosse o jeito certo, mas porque desejava ensinar-lhes uma lição. Precisavam aprender a confiar na Palavra de Deus e a fazer a vontade dele, do jeito dele, não a seu próprio modo (Pv 3:5, 6).

Os doze espias escolhidos não eram os mesmos líderes cujos nomes são relacionados em Números 1 – 2; 7 e 10. Esses espias precisavam ser homens mais jovens que pudessem suportar os rigores e perigos de uma missão de reconhecimento da terra. Vemos Calebe pela primeira vez em Números 13:6, mas, daí em diante, ele é mencionado mais trinta e sete vezes no Antigo Testamento. Ele e Josué foram os únicos membros da geração mais velha a entrar na terra prometida. O restante dessa geração morreu no deserto.

A primeira vez que vemos Josué nas Escrituras, ele é general de Israel (Êx 17:8-16)

derrotando os amalequitas e, depois, servo de Moisés (Êx 24:13; Nm 11:28). Mais tarde, Josué foi o sucessor de Moisés (Nm 27:15-20) e liderou Israel na conquista da terra prometida. Seu nome original era Oséias, que significa “salvação”, mas Moisés mudou-o para Josué, que quer dizer “Jeová é a salvação”. Era o tipo de nome que serviria para encorajar a fé de um soldado e lembrá-lo de que Deus estava lutando por ele.

Os doze espias viajaram cerca de oitocentos quilômetros durante os quarenta dias de sua inspeção da terra de Canaã, mas não descobriram nada que Deus já não lhes tivesse dito! Já sabiam o nome das nações pagãs que vivia na terra (Gn 15:18-21), sabiam que era uma terra boa (Êx 3:8) e rica, produzindo leite e mel e abundância (vv. 8, 17). Contemplaram os frutos incríveis da terra e levaram de volta ao acampamento um cacho enorme de uvas para o povo ver. Chegaram até a visitar Hebrom, onde os patriarcas de Israel encontravam-se sepultados com suas esposas (Nm 13:22; Gn 23:2, 19; 49:29-31; 50:13). A lembrança da fé de Abraão, Isaque, Jacó e José serviu para encorajar os espias a confiar em Deus? No caso de dez deles, a resposta é não.

A inspeção da terra pode ter sido uma boa idéia do ponto de vista militar, mas do ponto de vista espiritual, Deus já havia lhes dado a terra e ordenado que se apropriassem dela. O Senhor prometera-lhes vitória, de modo que tudo o que precisavam fazer era crer e obedecer. O Senhor iria adiante deles e dissiparia seus inimigos (Nm 10:33-36), mas era necessário que o povo de Deus o seguisse pela fé. Foi nisso que falharam. Duvidaram que Deus fosse capaz de cumprir suas promessas e de dar-lhes a terra.

2. OS ESPIAS DESANIMARAM O POVO DE DEUS (NM 13:26-33; DT 1:26-28)

Diz-se que uma comissão é um “grupo de pessoas que, individualmente, não pode fazer nada e, coletivamente, decide que não há nada a fazer”. Por causa de sua falta de fé, todos os espias, exceto Calebe e Josué, ficaram desanimados com a perspectiva de entrar na terra e de lutar contra o inimigo,

e seu desânimo espalhou-se rapidamente pelo acampamento. A dúvida havia se transformado em incredulidade, e a incredulidade em rebelião contra Deus (Nm 14:9; Hb 3:16-19).

É interessante como os dez espias identificaram Canaã como a “terra a que nos enviaste” (Nm 13:27) e “a terra pelo meio da qual passamos” (v. 32), mas não como “a terra que o Senhor nosso Deus está nos dando”. Esses dez homens não creram nas promessas de Deus, pois estavam sendo levados pelas aparências. Olharam para a terra e viram gigantes; olharam para as cidades cananéias e viram muralhas enormes e portões trancados; olharam para si mesmos e viram gafanhotos. Se ao menos tivessem olhado para Deus pela fé, teriam visto Aquele que era capaz de conquistar todos os inimigos e que vê as nações do mundo como gafanhotos (Is 40:22). “Não poderemos” (Nm 13:31) é o lema da incredulidade, mas “Se o nosso Deus [...] quer livrar-nos [...] ele nos livrará” é a afirmação da fé (Dn 3:17; ver Fp 4:13).

O que John Gardner disse sobre a esfera política também pode ser aplicado à esfera espiritual e à vida cristã de fé: “Somos continuamente confrontados com grandes oportunidades disfarçadas brilhantemente de problemas insolúveis”. Uma fé que não pode ser provada não é digna de confiança, e Deus prova nossa fé a fim de que nos certifiquemos de que ela é autêntica (1 Pe 1:1-9) e a fim de contribuir para seu crescimento. De acordo com A. W. Tozer: “A fé chega primeiro ao ouvido que escuta e não à mente que cogita”. “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17).

Para o mundo incrédulo, não é irracional confiar num Deus que nunca viu nem ouviu, mas temos todas as provas de que precisamos para nos convencer de que Deus é confiável e de que tem o poder de realizar aquilo que se propõe a fazer. Ele é capaz de cumprir suas promessas (Rm 4:21). Israel havia visto o que Senhor tinha feito com os egípcios e amalequitas (Êx 17:8-16) e tinha todas as garantias de que Deus jamais falharia com seu povo.

A incredulidade é algo muito sério, pois questiona o caráter de Deus e rebela-se contra a sua vontade. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). “E tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23). Moisés lembrou os israelitas daquilo que Deus já havia feito por eles (Dt 1:29-33), mas ainda assim não pararam de se queixar. Estavam certos de que o melhor a fazer era voltar ao Egito e à escravidão.

3. O POVO DESAFIOU A VONTADE DE DEUS (Nm 14:1-10)

No acampamento de Israel, a incredulidade e o desânimo espalharam-se rapidamente de um coração para o outro, e logo “Levantou-se, pois, toda a congregação e gritou em voz alta; e o povo chorou aquela noite” (Nm 14:1; observe também os vv. 2 e 10). No dia seguinte, a congregação toda criticou Moisés e Arão e lamentou o fato de não ter perecido no Egito ou no deserto. Quando nossos olhos estão voltados para nós mesmos e para nossas circunstâncias, perdemos a perspectiva e acabamos dizendo e fazendo coisas ridículas.

No entanto, os israelitas já possuíam um longo histórico de murmurações contra o Senhor e seus líderes e já haviam sido julgados por isso. Sua murmuração começou na noite do êxodo, quando estavam certos de que seriam mortos pelo exército do Faraó (Êx 14:10-14). Ao entrar no deserto de Sur, reclamaram por não ter água para beber (Êx 15:22-27) e, depois, murmuraram porque sentiam falta das refeições deliciosas que recebiam no Egito (Êx 16). “Tomara que tivéssemos morrido na terra do Egito!”, era sua lamentação predileta. Em Refidim, o povo estava pronto a apedrejar Moisés por não ter água (Êx 17:1-7), e em Taberá alguns murmuraram e foram mortos por fogo do céu (Nm 11:1-3). Logo depois disso, o populacho incitou os israelitas a pedir carne para comer, e Moisés ficou tão desanimado que desejou morrer (vv. 4ss).

Na maioria das igrejas, há dois ou três murmuradores crônicos que incomodam os líderes espirituais e que, às vezes, precisam ser disciplinados. No caso de Israel, tratava-se

de uma nação inteira lamentando a triste situação causada por sua própria incredulidade! Em vez de admitir seus próprios erros, culpavam a Deus, resolveram escolher um novo líder e voltar para o Egito (Nm 14:3, 4). Ao tomar essa decisão, rebelaram-se contra a vontade de Deus.

Quando o filho de Deus está dentro da vontade do Senhor, não há lugar para a murmuração, mesmo que as circunstâncias sejam difíceis. A vontade de Deus jamais nos conduz a um lugar em que a graça de Deus não possa prover o que necessitamos e o poder de Deus não possa nos proteger. Se nossa oração diária é: “Seja feita a tua vontade” e se andamos em obediência à vontade de Deus, então que motivo temos para reclamar? Um espírito murmurador é sinal de um coração ingrato e de uma vontade obstinada. Com nossas queixas, estamos oulando dizer que sabemos melhor do que Deus o que será bom para seu povo! “Fazei tudo sem murmurações nem contendas” (Fp 2:14; ver também 1 Co 10:10).

Havia quatro homens de fé no acampamento – Moisés, Arão, Calebe e Josué –, e eles tentaram mudar a situação. Moisés e Arão prostraram-se com o rosto em terra e intercederam a Deus pelo povo, algo que fariam com frequência nos anos vindouros (ver Nm 16:4, 22, 45; 20:6; 22:31), mas Calebe e Josué falaram com o povo e garantiram que o exército de Israel podia tomar a terra facilmente, pois Deus estava com eles. Esses dois homens viram qual era, de fato, o pecado de Israel: a rebelião contra Deus.

Os dez espias incrédulos argumentaram que a terra de Canaã iria “devorar” (Nm 13:32) os israelitas, mas Calebe e Josué consideraram os cananeus como “pão” para o exército israelita “devorar” (Nm 14:9). O povo de Israel não gostou do que Calebe e Josué estavam dizendo e decidiram apedrejá-los juntamente com Moisés e Arão (v. 10). Quando andamos pelas aparências e não pela fé, não temos discernimento suficiente para saber quem são nossos verdadeiros amigos e, então, nos voltamos contra aqueles que mais podem nos ajudar.

A vontade de Deus é a expressão do amor dele por seu povo, pois seus planos vêm de seu coração (Sl 33:11). A vontade de Deus não é castigo, mas sim alimento (Jo 4:31-34); seus desígnios não são correntes que nos prendem (Sl 2:3), mas laços de amor que nos atam ao coração de Deus, a fim de que ele possa nos mostrar o caminho certo (Os 11:4). Aqueles que se rebelam contra Deus estão negando a sabedoria divina, questionando seu amor e tentando o Senhor a discipliná-los. Deus tem de colocar “freios e cabrestos” (Sl 32:8, 9) nos rebeldes, a fim de controlá-los, algo que não é nada agradável.

Deus quer que conheçamos sua vontade (At 22:14), compreendamos a sua vontade (Ef 5:17), agrademo-nos em fazer sua vontade (Sl 40:8) e obedeçamos de coração à sua vontade (Ef 6:6). Ao nos entregarmos ao Senhor, confiar nele e obedecer, “experimentamos” qual é a vontade de Deus (Rm 12:1, 2). O Espírito de Deus nos revela sua Palavra e nos ajuda a discernir o que Deus quer que façamos. Contudo, é importante que estejamos dispostos a obedecer, ou ele não nos ensinará o que precisamos saber (Jo 7:17). O clérigo anglicano britânico F. W. Robertson (1816-1853) estava certo quando disse que a obediência é o órgão do conhecimento espiritual. Se não estamos dispostos a obedecer, Deus não tem a obrigação de nos revelar sua vontade.

4. O POVO MERECEU O JULGAMENTO DE DEUS (Nm 14:11-38)

Em mais de uma ocasião, o orgulho de Israel levou o povo a tentar a Deus no deserto, e ele respondeu com juízo (Dt 6:16; Sl 78:17, 18, 41, 56; 95:8-11; 106).

Como crianças teimosas, os israelitas pareciam não aprender sua lição. Em vez de agradarem ao Senhor, que havia feito tanta coisa por eles, provocaram sua ira e desafiaram-no a agir.

Intercessão (vv. 11-19). Assim como havia feito quando Israel adorou o bezerro de ouro (Êx 32), Moisés intercedeu pelo povo e evitou que a ira de Deus caísse sobre eles. Mais uma vez, Deus ofereceu constituir uma nova nação a partir de Moisés e destruir com-

pletamente o povo israelita (Nm 14:11), mas Moisés recusou a oferta. A marca dos grandes líderes tementes a Deus é que pensam somente no bem de seu povo e não no benefício próprio. Na verdade, Moisés estava disposto a morrer pela nação em vez de deixar que Deus a destruísse (Êx 32:32; ver Rm 9:1-3).

Moisés arrazoou com Deus e argumentou que, em primeiro lugar, a glória do Senhor seria infamada se Israel fosse destruída. As nações tinham ouvido o que Deus havia feito no Egito, mas deixariam de temê-lo se os israelitas fossem exterminados. As nações diriam: Ele tirou Israel do Egito mas não foi capaz de colocá-los na terra. Isso significa que os deuses da terra de Canaã são mais fortes que Jeová! A grande preocupação de Moisés era que Deus fosse glorificado diante das nações.

Seu segundo argumento foi a aliança que Deus havia feito com os patriarcas anos antes (Nm 14:16). O Senhor havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó que lhes daria a terra, e Deus não podia voltar atrás em sua palavra (Gn 13:17; 15:7-21; 28:13; 35:12).

Como terceiro argumento, Moisés salientou o caráter de Deus e citou o que o próprio Deus havia lhe declarado no monte Sinai (Nm 14:17, 18; Êx 34:6, 7). Por ser um Deus santo, o Senhor deve castigar o pecado, mas por ser um Deus bondoso e misericordioso, ele perdoa o pecador. De que maneira Deus resolve esse dilema? Ao entregar seu próprio Filho na cruz a fim de pagar pelos pecados do mundo. Por causa da cruz, Deus é aquele que, ao mesmo tempo, faz justiça e justifica os que confiam em Cristo (Rm 3:21-31). Ele preserva sua santa lei, é fiel a seu caráter e, concomitantemente, torna o perdão acessível aos pecadores que se arrependem e que crêem em Jesus Cristo.

Em sua graça e misericórdia, Deus perdoa os pecadores, mas em sua soberania divina, permite que os tristes efeitos do pecado sejam sentidos na vida dos pecadores. Ele não responsabiliza os filhos pelos pecados dos pais, mas os filhos podem sofrer as conseqüências desses pecados. Uma vez que vários lares israelitas eram constituídos de

três ou quatro gerações, isso significava que *tudo o lar sofriria em função dos pecados dos pais*.

O argumento final de Moisés em favor do perdão de Israel foi o fato de que o Senhor já havia perdoado seu povo diversas vezes anteriormente (Nm 14:19). “Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades” (Sl 103:10; ver Ed 9:13). O fato de Deus nos perdoar não é um incentivo para que continuemos pecando, pois o Senhor disciplina aqueles que se rebelam contra ele. Deus nos perdoa para que possamos temê-lo (Sl 103:4) e para que não tenhamos mais o desejo de pecar (Jo 8:10, 11).

Perdão (vv. 20-22). Deus garantiu a Moisés que iria, de fato, perdoar o pecado do povo (v. 20), mas isso não impediria as terríveis conseqüências destrutivas que o pecado traz. Os israelitas rebeldes não estavam preocupados com a glória do Senhor, mesmo sendo essa glória aquilo que os guiava a cada dia e que pairava sobre o tabernáculo a cada noite. Deus queria usar Israel para magnificar sua glória por toda a terra (v. 21; Sl 72:19; Is 6:3; Hc 2:14), mas o povo havia fracassado completamente.

Disciplina (vv. 23-38). O juízo de Deus foi triplo: (1) a nação vagaria pelo deserto durante trinta e oito anos, totalizando quarenta anos no deserto, um para cada dia que os espias haviam investigado a Terra Prometida; (2) durante esse tempo, a geração mais velha, de vinte anos para cima, morreria e, portanto, não entraria na terra, com exceção de Calebe e de Josué; e (3) os dez espias incrédulos morreriam por causa de seu relato pecaminoso sobre o que haviam visto (vv. 36-38).

Os israelitas se lamentaram dizendo que desejavam morrer no deserto (v. 2) e queixaram-se de que seus filhos morreriam em Canaã (v. 3); porém, Deus declarou que os filhos deles viveriam em Canaã e que os adultos morreriam no deserto! Deus usou as palavras da boca do próprio povo para julgá-los.¹ Tenha cuidado com aquilo que você diz a Deus quando reclama, pois ele pode satisfazer seu desejo! Afinal, o maior juízo de

Deus é deixar que as pessoas consigam aquilo que *querem*.

Moisés liderou a marcha fúnebre mais longa do mundo, e Calebe e Josué viram toda a sua geração morrer. No entanto, os dois seriam encorajados pela promessa de Deus de que ambos entrariam na Terra Prometida e desfrutariam sua herança. Essa garantia seria suficiente para dar-lhes forças nos dias de provação, enquanto a nação marchava, uma disciplina da qual nem Calebe nem Josué eram culpados. Semelhantemente, a esperança abençoada da volta de Cristo encoraja o povo de Deus nos dias de hoje, apesar das provações que passamos em nossa jornada de peregrinos.

5. ISRAEL DESOBEDECEU À ORDEM DE DEUS (Nm 14:39-45; Dt 1:41-46)

No dia seguinte àquele grande fracasso, os israelitas deviam começar sua longa marcha pelo deserto (Nm 14:25), mas a nação se recusou a obedecer. A incredulidade, o espírito de murmuração e a atitude de rebeldia causam problemas sem fim na vida daqueles que os cultivam. “A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito, a queda” (Pv 16:18).

O povo de Israel “se contristou muito” (Nm 14:39) e disse: “havemos pecado” (v. 40),² mas essa aflição era remorso e não verdadeiro arrependimento. Os israelitas estavam arrependidos pelas conseqüências de seus pecados, mas não pelos pecados em si. Israel havia se rebelado contra Deus e privado o Senhor de sua glória; no entanto, não mostrava espírito quebrantado nem contrição pelo pecado. Ao contrário de Moisés e de Arão, não se prostraram com o rosto em terra nem buscaram a ajuda do Senhor. Em vez disso, foram da rebeldia à presunção e tentaram lutar contra o inimigo com suas próprias forças.

Admitir o pecado não é o mesmo que confessar o pecado, voltar-se para o Senhor e buscar sua misericórdia. Os israelitas pensaram que seria possível recomeçar, pois Deus havia lhes concedido o perdão, mas estavam errados. Deus havia perdoado os pecados deles, mas também havia instituído um novo plano que atrasaria a conquista da

Terra Prometida em quase quarenta anos. Um povo incrédulo com uma atitude arrogante jamais teria como derrotar as nações pagãs em Canaã. Se Israel não estivesse em ordem com Deus, não poderia, em momento algum, pedir a ajuda Deus no processo de conquista da terra.³

Nem Moisés nem a arca deixaram o acampamento (ver Nm 10:33-36), a nuvem não saiu de cima do tabernáculo, e as trombetas de prata não soaram. Ainda assim, o exército improvisado partiu para o combate! A palavra traduzida por “temerariamente”, em Números 14:44, vem de um termo hebraico que significa “ser exaltado”, ou seja, algo feito de modo “orgulhoso, arrogante e cheio de si”. A declaração presunçosa dos soldados, “subiremos ao lugar que o SENHOR tem prometido”, foi respondida com a advertência de Deus: “Não estou no meio de vós” (Dt 1:41, 42). Os esforços do homem sem as bênçãos de Deus fazem mais mal do que bem, pois Jesus disse: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

Tudo transcorreu conforme o Senhor havia predito, e o exército israelita sofreu uma derrota vergonhosa. Não apenas os amalequitas e cananeus aniquilaram os soldados

israelitas com seu ataque, como também perseguiram o exército de Israel por mais de cento e cinquenta quilômetros para o norte, até Hormá. Foi um dia triste para os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Todos esses acontecimentos em Cades nos ensinam que não há substituto para a fé nas promessas de Deus e a obediência a seus mandamentos. A fé implica, simplesmente, obedecer a Deus apesar de tudo o que sentimos, vemos ou pensamos que pode acontecer. Quando aqueles que são do povo de Deus confiam e obedecem, ele se deleita em fazer maravilhas por eles, pois glorifica o nome do Senhor.

O editor de jornal e agnóstico norte-americano, Henry L. Mencken, definiu fé como “uma crença ilógica na ocorrência do impossível”. Mark Twain escreveu que a fé consiste em “crer naquilo que não é”. Os dois estavam errados.

Nas palavras do evangelista D. L. Moody, “a verdadeira fé é a fraqueza do homem amparando-se na força de Deus”. É pegar Deus pela Palavra e experimentá-la fazendo aquilo que o Senhor ordena.

Foi aí que Israel falhou.

Não vamos seguir seu exemplo!

1. Os rabinos encontraram dez ocasiões em que a nação provou o Senhor: no mar Vermelho (Êx 14:10-12); em Mara (Êx 15:22-24); quando receberam o maná (Êx 16); quando alguns dos israelitas guardaram maná (vv. 19, 20); quando alguns deles procuraram maná no sábado (vv. 27-30); quando o povo implorou por água (Êx 17:1-7); quando adoraram o bezerro de ouro no Sinai (Êx 32); quando murmuraram (Nm 11:1-3), quando pediram carne para comer (vv. 4ss) e quando se rebelaram em Cades-Barnéia. No entanto, a expressão “dez vezes”, em Números 14:22, pode simplesmente significar “muitas vezes”.
2. Algumas pessoas admitem, com sinceridade, que pecaram. Foi o caso de Acã (Js 7:20), Davi (2 Sm 12:13; Sl 51:4; 1 Cr 24:8, 17) e do filho pródigo (Lc 15:18, 21); outras apenas dizem palavras de falsa piedade, como o Faraó (Êx 9:27), Balaão (Nm 22:34), o rei Saul (1 Sm 15:24, 30; 26:21), Simei (2 Sm 19:20) e Judas (Mt 27:4). É preciso mais do que palavras para demonstrar verdadeiro arrependimento.
3. É bastante proveitoso ler Josué 1-5 e ver como Deus preparou a nova geração para entrar na terra e confrontar o inimigo. Quando a aliança foi renovada, os homens foram circuncidados, e a nação comemorou a Páscoa, lembrando-se da grande vitória de Deus sobre o Egito. A arca foi adiante do povo, e Deus foi glorificado quando cruzaram o Jordão e entraram na terra. *Essa iniciativa foi dirigida por Deus do começo ao fim, e o povo obedeceu ao Senhor.*

UMA QUESTÃO DE AUTORIDADE

NÚMEROS 15 - 17

Os acontecimentos descritos nestes capítulos ocorreram, provavelmente, pouco depois da grande derrota de Israel em Cades e revelam claramente que o povo ainda não havia aprendido a confiar e a obedecer. Não é de se admirar que Deus tenha rejeitado a geração mais velha e recomeçado com a geração mais jovem!

Deus tinha uma palavra especial de encorajamento para a geração mais jovem: "Quando entrardes na terra das vossas habitações, que eu vos hei de dar..." (Nm 15:2). A geração mais jovem tinha diante de si trinta e oito anos de caminhada, mas o Senhor garantiu que, um dia, entrariam na terra e tomariam posse de sua herança. Os filhos sofreram por causa do pecado de seus pais e tiveram de participar da marcha fúnebre mais longa da história.

A geração mais velha de israelitas recusou-se, repetidamente, a submeter-se à autoridade da Palavra de Deus, bem como aos líderes escolhidos por Deus. Os cristãos, hoje, cometem os mesmos pecados, e as conseqüências são claras: igrejas divididas, famílias desestruturadas e indivíduos desobedientes que peregrinam de uma igreja para outra, mas nunca fazem muita coisa pelo Senhor. A menos que nos submetamos à Palavra de Deus e aos líderes escolhidos por ele (Hb 13:7-9, 17), não temos como nos apropriar de nossa herança em Cristo (Ef 2:10) nem como realizar o que Deus quer.

1. A AUTORIDADE DA PALAVRA DE DEUS (Nm 15:1-41)

O Senhor queria que a nova geração entrasse na terra prometida e desfrutasse dela por

muitos anos, mas isso dependia da obediência deles a sua Palavra.¹ Moisés lhes deu quatro instruções específicas, às quais os cristãos devem dar ouvidos.

Agradem ao Senhor (vv. 1-21). As palavras "ao SENHOR, em aroma agradável" ou "aroma agradável ao SENHOR" aparecem cinco vezes nesse parágrafo (vv. 3, 7, 10, 13, 14). As cinco principais ofertas da lei mosaica eram o holocausto, a oferta de manjares, o sacrifício pacífico, o sacrifício pelo pecado e o sacrifício de culpa (Lv 1 - 7). Os três primeiros eram sacrifícios de "aroma agradável", pois tinham o propósito de agradecer ao Senhor, mas o sacrifício pelo pecado e o sacrifício de culpa não tinham um "aroma agradável", pois tratavam da culpa e do pecado, e, para Deus, não há nada de agradável no pecado.

O holocausto simbolizava a consagração total do adorador a Deus, pois o animal era completamente consumido no altar. A oferta de manjares (grãos) referia-se à dedicação de seu trabalho ao Senhor, e o sacrifício pacífico representava a alegre comunhão e as ações de graças a Deus por suas bênçãos.²

Os sacrifícios discutidos nesses versículos eram expressões espontâneas do amor e da gratidão a Deus. Juntamente com esses sacrifícios, os adoradores eram instruídos a oferecer dois litros de flor de farinha³ misturados com cerca de um litro de óleo, sendo que uma porção era colocada no altar e o resto era entregue ao sacerdote. O adorador também levava um litro de vinho, que o sacerdote derramava na base do altar, em que também era derramado o sangue do sacrifício. Quando animais de maior porte eram sacrificados, as porções de grãos, de óleo e de vinho deviam ser aumentadas proporcionalmente.

Os israelitas só se tornariam um povo agrícola ao assentar-se na terra, quando passariam a cultivar oliveiras, vinhedos e campos de trigo. Ao acrescentar farinha, óleo e vinho ao sacrifício, o adorador estava levando ao Senhor os frutos de seu trabalho e as evidências da bondade de Deus. Hoje, levamos dinheiro como oferta ao Senhor, mas não teríamos esse dinheiro se Deus não

tivesse nos dado empregos e a capacidade de trabalhar (Dt 8:18).

Os cristãos de hoje em dia vêem na flor de farinha uma imagem de Jesus Cristo, o Pão da Vida (Jo 6), que se ofereceu a si mesmo a Deus "em aroma suave" (Ef 5:2). A farinha também é uma forma de reconhecer a Deus como a fonte generosa de nosso alimento. O óleo é um símbolo do Espírito Santo (Zc 4), e o vinho nos faz lembrar a alegria do Senhor (Sl 104:15).⁴ O coração de Deus se agrada quando vê seu povo agradecendo espontaneamente as bênçãos materiais e espirituais que ele concede tão fiel e abundantemente.

A libação derramada na base do altar simbolizava a vida derramada para Deus. Na cruz, Jesus "derramou a sua alma na morte" (Is 53:12), a fim de que aqueles que nele crêem pudessem ter a vida eterna. Quando servimos ao Senhor sacrificialmente, somos como uma "libação" derramada a serviço de outros e para a glória de Deus (Fp 2:17; 2 Tm 4:6; e ver 2 Sm 23:14-17).

Os estrangeiros no meio dos israelitas tinham permissão de levar ofertas de aroma suave ao Senhor (Nm 15:14-16), mas o texto não diz se, para isso, esses adoradores deviam ser circuncidados (Êx 12:48). Nem mesmo os meninos israelitas receberam a marca da circuncisão durante os anos em que o povo vagou pelo deserto, pois a nação havia se rebelado contra Deus e quebrado sua aliança. Os meninos e homens das novas gerações foram marcados com o sinal da aliança quando entraram na Terra Prometida (Js 5:1-8).

Por fim, era ordenado às mulheres que dessem ao Senhor uma parte da massa que preparavam, como oferta de primícias para reconhecê-lo como Senhor de sua vida (Nm 15:17-21). "Honra ao SENHOR com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda" (Pv 3:9). Essa é a versão do Antigo Testamento para as palavras de Mateus 6:33.

Busquem ao Senhor (vv. 22-29). Os sacrifícios descritos em Levítico 1 - 7 tratavam de pecados intencionais e ativos, mas as instruções que encontramos nessa passagem referem-se a pecados de omissão por

ignorância, coisas que as pessoas deveriam ter feito, mas não fizeram. O pecado podia ser conjunto, envolvendo a nação como um todo (Nm 15:24-26), ou uma transgressão individual (vv. 27-29). Mesmo que as pessoas que pecavam não tivessem consciência de sua transgressão, aquilo que deixavam de fazer ainda assim era pecado e precisava ser tratado. As palavras "eu não sabia" não terão valor algum diante do trono de Deus.

Os pecadores deviam seguir o que Deus havia ordenado, a fim de que fossem perdoados e restaurados à comunhão e à bênção. Se a nação toda pecasse, tinham de levar um novilho como holocausto (consagração), além das ofertas requeridas de libação e de manjares e um bode como oferta pelo pecado (expição). O indivíduo que pecasse devia levar uma cabra de um ano como oferta pelo pecado. Deus prometeu perdoar aqueles que buscassem ao Senhor de todo o coração pela fé (vv. 25, 26, 28). É claro que o perdão não era proveniente do sangue dos animais, mas sim do fato de Cristo ter derramado seu sangue pelos pecadores, cumprindo aquilo que esses animais simbolizavam (Hb 10:1-18).

Às vezes, pecamos contra o Senhor por causa daquilo que fazemos, outras vezes, por causa daquilo que deixamos de fazer (Lc 7:36-50). Os pecados por ignorância não são perdoados automaticamente pelo simples fato de termos nos esquecidos dos mandamentos de Deus, mesmo sem ter a intenção de fazê-lo. Esses pecados devem ser confessados ao Senhor, assim como confessamos os pecados conscientes de comissão (1 Jo 1:9).⁵ O fato de o Senhor perdoar os pecados de omissão não significava que estava tratando esses pecados com menos seriedade, pois ainda era preciso que se derramasse sangue para que o pecado fosse perdoado.

Temam ao Senhor (vv. 30-36). Pecar "atrevidamente" significa desobedecer à lei de Deus deliberada e arrogantemente, sabendo muito bem dos perigos envolvidos. No hebraico, o termo significa, literalmente, "pecar de punho em riste", como se a pessoa estivesse agitando o punho no rosto de Deus

e desafiando-o a fazer alguma coisa. Os pecados atrevidos são cometidos por pessoas como aquelas descritas por Paulo: “Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Rm 3:18).

Deus ordenou que tais pecadores fossem eliminados do meio do povo, o que significava que eram apedrejados até a morte. Eles não apenas haviam desobedecido à lei de Deus, mas também o haviam feito de uma forma que afrontava a vontade de Deus e que desprezava a Palavra de Deus. Não havia sacrifícios para pecados intencionais cometidos atrevidamente, de modo que não havia perdão para eles no altar.⁶

Moisés registra um exemplo de pecado desse tipo no relato de um homem que juntou lenha no sábado (Nm 15:32-36). Sem dúvida, esse homem conhecia os mandamentos de Deus (Êx 20:8-11; 13:12-17) e, no entanto, ainda assim lhes desobedeceu. Ao que parece, ele estava apanhando gravetos para fazer fogo, sendo que era contra a lei acender fogo no sábado (Êx 35:1-3). Aquela transgressão era uma situação inédita para os israelitas, de modo que Moisés buscou a vontade do Senhor, e Deus lhe disse para ordenar ao povo que apedrejasse até a morte o transgressor imprudente.

É perigoso um cristão dizer: “Vou pecar de qualquer forma e, depois, posso pedir que Deus me perdoe”.

Pessoas assim vêem as promessas de Deus em 1 João 1:9 como se fossem um “pé de coelho espiritual” para tirá-las de situações difíceis após terem desobedecido a Deus de propósito. É provável que aqueles que se dizem cristãos e que pecam repetida e deliberadamente, na realidade, nem sejam cristãos verdadeiros (Rm 6; 1 Jo 3:7-10; 5:1-5, 18). E os cristãos verdadeiros que adotam uma atitude descuidada serão disciplinados pelo Pai, até que se submetam à sua vontade (Hb 12:3-15). Quando o poeta alemão Heine disse em seu leito de morte: “É claro que Deus vai me perdoar, é o trabalho dele”, não entendeu nem o caráter terrível de seu pecado nem o alto preço da graça de Deus.

Lembrem-se do Senhor (vv. 37-41). Uma vida ocupada tem sua cota de exigências e

de distrações, de modo que o Senhor deu a seu povo uma forma simples de se lembrar de sua obrigação de obedecer à lei de Deus. Ordenou que colocassem borlas (pequenas franjas) nos cantos da parte de cima de suas vestes, sendo que cada borla devia ter fios brancos e azuis entretecidos. Essas borlas serviam para lembrar o povo de Israel de que eram o povo da aliança de Deus, diferentes das outras nações (ver Dt 22:12; Zc 8:23; Mt 23:5). Os judeus ortodoxos modernos têm borlas nos seus xales de oração.

Toda manhã, ao se vestirem, os israelitas veriam as borlas e se lembrariam de que eram o povo de Deus, que tinham a obrigação de obedecer à vontade dele. Talvez os fios azuis os lembrassem de que seu Deus estava no céu, vendo tudo o que faziam. Ao andar de um lado para o outro durante o dia, reparariam nas borlas e se recordariam dos mandamentos de Deus, e o mesmo aconteceria quando se preparassem para dormir. Não importava quantos ídolos vissem durante o dia, as borlas trariam à memória deles que era Jeová, o Deus de Israel, quem os havia livrado do Egito, portanto deveriam adorar e servir somente ao Senhor. “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios” (Sl 103:2).

2. A AUTORIDADE DOS SERVOS DE DEUS (NM 16:1 - 17:13)

Ao repassar a história de Israel do Egito a Canaã, descobrimos que a nação se metia em dificuldade toda vez que resistia à liderança de Moisés e de Arão. Sempre que Deus procurava edificar a fé dos israelitas ao colocá-los numa situação difícil, mais que depressa se rebelavam contra Moisés e Arão, culpavam os dois líderes por sua situação e faziam planos de voltar para o Egito.

Esses capítulos registram dois desafios à liderança de Moisés e de Arão, um do grupo dos levitas (Nm 16:1-35) e outro do povo como um todo (vv. 41-50). Cada um desses confrontos resultou numa lembrança visível para os israelitas de sua rebeldia: a cobertura de bronze no altar (vv. 36-40) e a vara de Arão que floresceu (Nm 17:1-13).

A primeira confrontação (16:1-40). Não importava quanto Deus havia feito pelo povo ou o que lhe havia ensinado, os israelitas não tinham disposição para as coisas espirituais (Dt 31:16-30). Ainda tinham o Egito no coração, e seu fascínio por ídolos os acompanhou enquanto marchavam pelo deserto (Am 5:25, 26; At 7:42, 43). Moisés era um líder temente a Deus, e Israel poderia ter sido um povo temente a Deus se tivesse obedecido ao que Moisés lhe havia ensinado.

1. Corá, um líder eminente (vv. 1-3). Levi-ta da família de Coate, Corá deve ter sido um líder de grande distinção para ter conseguido o apoio de duzentos e cinqüenta “varões de renome” das outras tribos. O fato de o texto apresentar sua genealogia é outro sinal de que ele era um homem importante. Números 27:3 dá a entender que havia membros de outras tribos envolvidos na rebelião, de modo que se tratava de uma conspiração de proporções nacionais. Os coatitas carregavam a mobília do tabernáculo quando Israel marchava para outro local e acampavam do lado sul do tabernáculo, do outro lado das tribos de Gade, Simeão e Rúben. Talvez isso explique como Corá conseguiu o apoio de Datã, Abirão e Om - três rubenitas - para sua cruzada.

Quando encontramos murmuração e rebelião no meio do povo de Deus, normalmente há um “motivo declarado” e um “motivo oculto”. A queixa pública de Corá era que Moisés e Arão estavam “monopolizando as coisas” e não estavam dando ao povo a oportunidade de participar das decisões. Queria mais democracia. Afinal, o Senhor habitava em todo o acampamento, e todo o povo era um “reino de sacerdotes” (Êx 19:3-6). Portanto, quem eram Moisés e Arão para se acharem melhores do que o restante dos israelitas? O motivo oculto era que Corá desejava que os levitas tivessem os mesmos privilégios que Arão e seus filhos (Nm 16:10). Corá não se contentava em ajudar os sacerdotes, queria ser sacerdote também.

Quer seja no acampamento de Israel, quer numa cidade moderna, nenhuma sociedade

pode funcionar sem subordinação.⁷ Alguém precisa estar no comando. Os pais têm autoridade sobre o lar, os professores sobre a sala de aula, os administradores sobre as fábricas ou escritórios e os governantes sobre a cidade ou nação (Rm 13; 1 Pe 2:11ss). Quando esse tipo de ordem se desestrutura, a sociedade vê-se em sérios apuros. Deus havia escolhido Moisés para ser o líder de Israel e Arão para ser o sumo sacerdote. Resistir a essa organização era rebelar-se contra a vontade de Deus e causar uma divisão crítica no acampamento.

O desejo egoísta de grandeza e de auto-ridade é um tema comum nas Escrituras, quer seja Corá opondo-se a Moisés, Absalão desafiando seu pai (2 Sm 15), Adonias usurpando o trono (1 Rs 1), os discípulos discutindo sobre qual deles era o maior (Lc 22:44), ou Diótrefes gostando de exercer a primazia (3 Jo 9, 10). E, no entanto, o lugar mais importante da vida cristã é aquele que Deus escolhe para nós, o lugar que ele preparou para ocuparmos. O mais essencial não é a posição, mas sim a fidelidade em realizar o trabalho que Deus nos deu. Todo membro da Igreja, o corpo de Cristo, tem um dom espiritual a ser usado para servir aos outros, e, portanto, cada membro é de grande valor para Deus e para a Igreja (1 Co 12:14-18).

2. Moisés, um líder humilde (vv. 4-11). Como havia feito em outras ocasiões, Moisés prostrou-se com o rosto em terra diante do Senhor (Nm 14:5, 22; 16:22, 45; 20:6; 22:31). Não discutiu com Corá e seus homens para tentar fazê-los mudar de idéia, pois sabia que o objetivo deles era assumir o controle do sacerdócio, algo que o Senhor jamais permitiria. O Senhor mostraria a Corá e a seus seguidores como estavam errados, e o orgulho deles acabaria levando-os à destruição (Pv 16:18).

Moisés propôs uma prova simples: Se Corá e seus homens eram, de fato, sacerdotes aceitáveis aos olhos de Deus, então que levassem seus incensórios ao tabernáculo e vissem se o Senhor os aceitaria. Sem dúvida, os rebeldes se lembraram do que havia acontecido a Nadabe e Abiú quando haviam

temerariamente levado “fogo estranho” para diante do Senhor (Lv 10), mas nem essa advertência os deteve.

3. *Moisés, um líder irado (vv. 12-17).*

Moisés chamou Datã e Abirão para comparecer à reunião, mas eles se recusaram. O texto não diz nada sobre Om, de modo que talvez tenha readquirido seu bom-senso e abandonado a rebelião. A arrogância desses dois homens é algo extremamente perturbador, pois não apenas se recusaram a obedecer a Moisés, como também o culpavam pelo pecado de Israel em Cades-Barnéia! Além disso, chamaram o Egito de “terra que mana leite e mel” e acusaram Moisés de declarar-se príncipe e de “impor-se” ao povo. Sem dúvida, esses homens espiritualmente ignorantes tinham o coração cheio de inveja e desejavam assumir a liderança.

Mais uma vez, Moisés não discutiu com os rebeldes. Orou ao Senhor pedindo que Deus o defendesse. A ira de Moisés não era uma exasperação egoísta, mas sim uma indignação justa de um homem de integridade que buscava somente a glória do Senhor. Existe uma ira justa que o povo de Deus deve sentir quando os pecadores desprezam a vontade de Deus e tentam outros a pecar (Êx 32:19; 2 Co 11:29; Mc 3:5; Ef 4:26).

4. *Jeová, o justo juiz (vv. 18-35).* Na manhã seguinte, Corá e seus seguidores apareceram com seus incensórios e ficaram na entrada do tabernáculo, juntamente com Moisés e Arão, enquanto Datã e Abirão estavam com suas famílias à porta de suas tendas no lado Sul do tabernáculo. Podemos imaginar o silêncio aterrador que cobriu o acampamento. Então, a glória do Senhor apareceu (Nm 14:10; 20:6; Êx 16:10-12), e a voz do Senhor falou. Era chegada a hora do juízo de Deus.

Sendo líderes verdadeiros, Moisés e Arão prostraram-se imediatamente com o rosto em terra diante do Senhor e intercederam por sua nação. Por que todos deviam morrer em função do pecado daqueles homens? Moisés teve de interceder pelo povo várias vezes, e é provável que os israelitas nem dessem valor ao que seu líder fazia por eles. Em duas ocasiões, Deus estava pronto

a destruir toda a nação, mas a intercessão de Moisés salvou o povo de Israel (Nm 14:10-12; Êx 32:7-14).

Deus advertiu o povo para afastar-se das tendas de Corá, Datã e Abirão, e, em seguida, a terra se abriu e tragou aqueles homens perversos, suas casas e suas famílias, e fogo de Deus destruiu os duzentos e cinquenta pretensos sacerdotes (Nm 11:1-3; Lv 10:1-7).⁸ Deus deixou muito claro que os israelitas deviam aceitar e respeitar a autoridade dos líderes que ele havia escolhido. É perigoso que as pessoas desafiem a ordem do Senhor e se promovam a posições de liderança. Não pecam apenas contra o Senhor (Nm 16:11), mas também contra sua própria vida (v. 38). O Dr. A. W. Tozer costumava dizer: “Nunca siga um líder até que tenha visto o óleo da unção sobre a cabeça dele”.

5. *Eleazar, o sacerdote fiel (vv. 36-40).*

Uma vez que os duzentos e cinquenta incensórios haviam sido oferecidos ao Senhor, tinham sido santificados – mesmo que tivessem ficado nas mãos de homens perversos –, de modo que não podiam ser tratados como metal comum. Deus ordenou a Eleazar, filho de Arão, que juntasse os incensórios e que providenciasse para que fossem batidos, a fim de formar lâminas para serem colocadas no altar do holocausto. Essas lâminas seriam uma lembrança permanente para o povo de que “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31). O texto não diz se essas lâminas substituíram a outra grelha de bronze sobre a qual eram queimados os sacrifícios ou se foram acrescentadas a ela.

Quando Judas escreveu para advertir a Igreja primitiva sobre os falsos mestres, usou Corá como exemplo, associando-o a Caim e Balaão (Jd 11).⁹ A palavra “erro” significa “desacerto, desvio do caminho”, e nessa passagem ela tem o sentido de “rebelião”. Em sua mensagem de despedida aos presbíteros de Éfeso (At 20:28-31), Paulo advertiu-os sobre as pessoas arrogantes que procuram apossar-se da autoridade na igreja buscando a autopromoção. É bem provável que mais igrejas tenham sido divididas por arrogância da liderança do que por falsas doutrinas.

A segunda confrontação (16:41 - 17:13). A morte de mais de duzentas e cinquenta pessoas deveria ter inspirado um temor reverente no coração dos israelitas, mas não havia "temor de Deus diante de seus olhos" (Rm 3:18). O movimento que havia começado com algumas centenas de rebeldes tinha se transformado numa insurreição nacional! Em vez de caírem de joelhos e de clamarem a Deus suplicando seu perdão e misericórdia, os israelitas se rebelaram contra Moisés e Arão exatamente como Corá havia feito! Pessoas de disposição carnal não conseguem perceber o significado espiritual daquilo que Deus faz, pois lhes falta o discernimento espiritual (1 Co 2). A nação contemplava os atos de Deus, mas Moisés conhecia os caminhos do Senhor (Sl 103:7).

Mais uma vez, a glória do Senhor apareceu, e o julgamento do Senhor começou a consumir os israelitas. Pela segunda vez em dois dias, Moisés e Arão prostraram-se com o rosto em terra e intercederam pelo povo. Arão tomou um incensário, correu para o meio da multidão que já havia começado a ser afligida pela praga e "Pôs-se em pé entre os mortos e os vivos; e cessou a praga" (Nm 16:48). Quando contaram os corpos dos mortos, descobriram que quatorze mil e setecentas pessoas haviam morrido por causa de sua rebelião insensata contra o Senhor. "O salário do pecado é a morte" (Rm 6:23).

O que há no coração humano que torna tão fácil seguir a multidão e desobedecer ao Senhor? "Mas o que a experiência e a história nos ensinam é isto: que os povos e governos jamais aprenderam coisa alguma com a história nem agiram com base em princípios deduzidos dela." Assim escreveu o filósofo alemão Hegel na introdução de sua obra *A Filosofia na História*, e estava certo. A única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos com a história, e isso inclui a história da Igreja.

1. Uma segunda lembrança (17:1-13). Deus provaria, de uma vez por todas, que ele havia escolhido Arão e seus filhos para servirem como sacerdotes e que qualquer tentativa da parte de qualquer outra tribo

de assumir o sacerdócio seria confrontada pela ira de Deus.

A prova era simples. O príncipe de cada tribo deu a Moisés uma vara com o nome da tribo, e as doze varas, mais a vara de Arão, foram colocadas diante do Senhor no Santo dos Santos. O fato de todas as tribos terem sido incluídas na prova dá a entender que representantes de todas elas haviam participado da insurreição. Aquele cuja vara florescesse seria o escolhido de Deus para ser o sacerdote do povo. Quando, no dia seguinte, Moisés levou para fora as varas, todos puderam ver que somente a de Arão havia germinado. Sua vara "brotara, e, tendo inchado os gomos, produzira flores, e dava amêndoas" (Nm 17:8). Que outra prova os israelitas poderiam desejar?

Tendo em vista que Moisés colocou a vara de Arão de volta no Santo dos Santos, como ela poderia servir de lembrança para a nação de que a tribo de Levi era a tribo sacerdotal? Em primeiro lugar, os príncipes de cada tribo e muitos do povo viram as varas e podiam testemunhar que a de Arão era a única que havia florescido. A cada dia, quando os príncipes das tribos tomassem suas varas, seriam lembrados de que Deus havia escolhido os filhos de Arão para servir no altar. Além disso, o sumo sacerdote sempre poderia apresentar a vara de Levi como prova irrefutável de que a família de Arão havia sido escolhida para o sacerdócio.

Como sempre, quando os israelitas ficaram sabendo o que havia ocorrido, sua reação foi exagerada e concluíram que qualquer um que se aproximasse do tabernáculo morreria (vv. 12, 13; ver 14:40-45). Tinham medo do juízo, mas não tinham no coração o verdadeiro temor de Deus. A presença do tabernáculo no meio do acampamento deveria ter sido uma fonte de segurança para os israelitas, pois significava que Jeová estava com eles. Iria guiá-los pelo deserto, derrotar seus inimigos, receber seus sacrifícios e conceder-lhes o perdão. Para acalmar a apreensão do povo, vemos nos dois capítulos seguintes que Moisés lhes explicou o ministério dos sacerdotes e a importância do tabernáculo no acampamento.

O Senhor deu a Israel três lembretes para encorajar a nação a obedecer a suas leis e a sujeitar-se à sua vontade: as borlas nas vestes, as lâminas de bronze no altar e a vara de Arão no Santo dos Santos. A fim de encorajar os cristãos, hoje, a ser filhos obedientes, o Senhor nos deu sua Palavra (Jo 17:17), O Espírito Santo que habita em nós (1 Co 6:19, 20), a Ceia do Senhor,

lembrando-nos da morte de Cristo e de sua volta prometida (1 Co 11:23-34; 1 Jo 3:1-3) e a intercessão do Salvador no céu (Hb 4:14-16; Rm 8:34). Antes de julgarmos o povo de Deus na antiguidade, talvez seja melhor examinarmos nosso próprio coração e vermos se nos submetemos à autoridade da sua Palavra e dos líderes que ele escolheu.

1. Trinta e oito anos mais tarde, Moisés repetiria a lei para a nova geração naquilo que conhecemos como o Livro de Deuteronômio. Nele, Moisés enfatiza que a obediência traz vida e bênçãos para a nação, mas que a desobediência resulta em morte e maldições. Josué repetiu essa mensagem depois que o povo entrou em Canã e começou sua conquista (Js 8:30-35). Os mesmos princípios aplicam-se ao povo de Deus nos dias de hoje.
2. Sem dúvida, as ofertas apontam para Jesus Cristo (Hb 10:1-18). Ele se entregou completamente na cruz (holocausto) e pagou pelos pecados do mundo (sacrifício pelo pecado, sacrifício pela culpa). Ele é nossa paz e fez as pazes na cruz (sacrifício pacífico); ele é o pão da vida que satisfaz (oferta de manjares). Para um estudo dos sacrifícios levíticos, ver *Be Holy* [Seja santo] (Cook).
3. A flor de farinha era o que tinham de melhor para oferecer. Os israelitas normalmente usavam uma farinha grossa feita do grão integral.
4. O vinho também é associado ao Espírito em Atos 2:13 e em Efésios 5:18, mas apenas em contraste. As pessoas que bebem perdem o domínio próprio, um dos frutos do Espírito (Gl 5:22-23). A alegria das pessoas bêbadas é tola e inconveniente, mas o regozijo no Senhor glorifica a Deus e dá a oportunidade de testemunhar.
5. A oração de Jesus na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23:34) não concedeu automaticamente o perdão divino à nação judaica ou às pessoas responsáveis pela morte de Cristo. No entanto, adiou o juízo que a nação merecia e que, por fim, recebeu no ano 70 d.C. Veja Atos 3:17 e também o testemunho de Paulo em 1 Timóteo 1:13.
6. Quando Davi cometeu adultério com Bate-Seba, foi um pecado deliberado e especialmente hediondo que desafiou a vontade de Deus, pois Davi era rei, e não apenas conhecia as leis de Deus, mas também tinha a responsabilidade de fazer com que fossem cumpridas. Não havia qualquer sacrifício que pudesse levar (Sl 51:15), de modo que se entregou à misericórdia de Deus. O Senhor lhe perdoou, mas Davi teve de sofrer as conseqüências dolorosas de seu pecado (2 Sm 12:13, 14).
7. Subordinação não implica inferioridade. Um soldado raso pode ter mais caráter e sabedoria que um general, mas ainda é um soldado raso que deve obedecer a ordens.
8. Ao que parece, os filhos de Corá não participaram da rebelião de seu pai, pois se tornaram músicos famosos em Israel. A expressão "Salmo dos filhos de Corá" aparece no título de onze salmos (Sl 42; 44 - 49; 84; 85; 87; 88). Foram músicos importantes do culto no tabernáculo e no templo.
9. Caím era do diabo (1 Jo 3:12). Balaão seduziu Israel a cometer pecados da carne (Nm 25) e Corá agiu como as pessoas do mundo, promovendo a si mesmo e desafiando a vontade de Deus. Os cristãos devem estar sempre alertas para as tentações do mundo, da carne e do diabo (Ef 2:1-3).

OUTRA CRISE EM CADES

NÚMEROS 18 - 20

É provável que as instruções, nos capítulos 18 e 19, tenham sido dadas pelo Senhor enquanto Israel ainda estava em Cades-Barnéia. No entanto, ao chegarmos ao capítulo 20, vemos que a nação completou seus trinta e oito anos vagando pelo deserto e está de volta em Cades (20:1, 16).

Números diz pouca coisa sobre os anos em que Israel vagou pelo deserto, apesar de haver uma lista de seus locais de acampamento em Números 33.

Miriã faleceu no primeiro mês do quadragésimo ano (20:1), quando a nação havia voltado a Cades, e Arão faleceu no quinto mês do mesmo ano (33:38). Quando Moisés faleceu, no final do quadragésimo ano (Dt 1:3; 34:5), toda a geração mais velha havia morrido, com exceção de Calebe e de Josué, a quem foi permitido entrar em Canaã.

O povo de Deus havia sido obstinado e rebelde, e o Senhor os havia castigado por isso, mas, apesar da desobediência dos israelitas, o Senhor fora fiel em cuidar deles. “Mas ele os salvou por amor do seu nome, para lhes fazer notório o seu poder” (Sl 106:8). Considere algumas das preocupações do Senhor com seu povo, conforme expressas pelas instruções e acontecimentos encontrados nos capítulos 18 a 20.

1. GUARDANDO O SANTUÁRIO (Nm 18:1-7)

Por causa dos juízos do Senhor contra os rebeldes no tabernáculo (Nm 16:31-35) e de sua defesa miraculosa do sumo sacerdócio de Arão (Nm 17:10-13), os israelitas estavam aterrorizados só de ter o tabernáculo no meio deles. “Acaso expiraremos todos?”

(Nm 17:13), lamentou o povo. Na verdade, a presença de Deus em seu acampamento era a marca distintiva do povo de Israel (Êx 33:1-16), pois era a única nação a ter a glória do Deus vivo presente com ela e indo adiante dela (Rm 9:4).

Deus falou especificamente a Arão (Nm 18:1, 8, 20), exaltando ainda mais seu ministério como sumo sacerdote. O Senhor deixou claro que era responsabilidade dos sacerdotes ministrar no tabernáculo e guardá-lo da profanação, e era responsabilidade dos levitas assistir os sacerdotes em seu ministério no tabernáculo.¹ Desde que os sacerdotes e levitas obedecessem a essas regras, o povo não seria julgado (v. 5).

O ministério sacerdotal era assunto sério, pois se os sacerdotes não seguissem as instruções de Deus, poderiam morrer. Se permitissem que uma pessoa não autorizada entrasse no tabernáculo ou ministrasse nele, Deus poderia dar cabo deles. Qualquer desobediência, até mesmo no modo de se vestir (Êx 28:35, 42, 43) ou de se lavar (Êx 30:17-21), era arriscada. Deus considerava Arão e seus filhos responsáveis pelas ofensas cometidas contra o santuário e o sacerdócio.

O sacerdócio era uma dádiva de Deus a Israel, pois sem os sacerdotes o povo não poderia chegar a Deus. Os levitas eram a dádiva de Deus aos sacerdotes, aliviando-os de tarefas servis de modo que pudessem dedicar-se inteiramente a ministrar ao Senhor e a atender o povo. Os sete homens escolhidos em Atos 6, normalmente chamados de diáconos, tinham uma relação semelhante com os apóstolos. Não há menosprezo em servir mesas, mas os apóstolos tinham um trabalho mais importante a fazer.

O sucesso ou o fracasso dependem da liderança, e Arão era o líder da família sacerdotal. Devia prestar contas a Deus de tudo o que acontecia no santuário. Deus não habita em templos feitos por mãos humanas (At 7:48), mas sim em nosso corpo, pelo Espírito Santo (1 Co 6:19, 20), e no meio de seu povo na congregação local (1 Co 3:16ss). Devemos ter cuidado com a forma como tratamos nosso corpo e com aquilo que fazemos à Igreja de Jesus Cristo. “Se alguém

destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado" (1 Co 3:17).

2. CUIDANDO DE SEUS SERVOS (Nm 18:8-32)

Como servos de Deus, os sacerdotes e levitas mereciam os cuidados do povo de Deus. Ao contrário das outras tribos, os levitas não teriam herança na terra prometida, pois o Senhor era a herança deles (v. 20; Dt 10:8, 9; Js 13:14, 33; 14:13; 18:7), e receberiam quarenta e oito cidades para habitar (Nm 35:1-8; Js 21).² As necessidades dos sacerdotes bem como dos levitas eram supridas pelos sacrifícios, ofertas e dízimos do povo.

Os sacerdotes (vv. 8-20). Deus determinou que os sacerdotes teriam porções das ofertas de manjares, dos sacrifícios pelo pecado, dos sacrifícios pela culpa e dos sacrifícios pacíficos (Lv 6:14 - 7:38), bem como as primícias (Dt 26:1-11) e os animais primogênitos que o povo levasse para o Senhor. Uma parcela dessa comida só podia ser consumida pelos sacerdotes, mas a maior parte podia ser dividida com suas famílias. Contudo, qualquer um da família sacerdotal que comesse dos sacrifícios oferecidos a Deus tinha de estar cerimonialmente limpo e de tratar o alimento com reverência, pois ao ser apresentado ao Senhor, havia sido santificado.

Os levitas (vv. 21-32). Recebiam os dízimos que o povo levava ao santuário de Deus, pois 10% de toda a produção pertenciam ao Senhor. Os israelitas deveriam pagar três dízimos: um para os levitas (vv. 21-24), um que era comida "ali perante o SENHOR" (Dt 14:22-27) e um a cada três anos, que era dado aos pobres (Lv 27:28, 29). Os levitas, por sua vez, deveriam separar o dízimo daquilo que recebiam, oferecê-lo ao Senhor e entregá-lo ao sumo sacerdote.

O princípio encontrado nessa passagem é claro e recebe ênfase freqüente nas Escrituras: aqueles que servem ao Senhor e ao povo de Deus devem ser sustentados pelas bênçãos materiais que Deus dá a seu povo. Jesus disse: "Digno é o trabalhador do seu salário" (Lc 10:7; Mt 10:10), e Paulo escreveu: "Assim ordenou também o Senhor aos

que pregam o evangelho que vivam do evangelho" (1 Co 9:14). Paulo explicou esse princípio em mais detalhes em Gálatas 6:6-10; Filipenses 4:10-19 e 1 Timóteo 5:17, 18.

O povo de Israel nem sempre obedecia à lei levando os dízimos ao Senhor e, como consequência, o ministério no tabernáculo e no templo sofria (ver Ne 10:35-39; 12:44-47; 13:10-14; Ml 1:6 - 2:9). Se os levitas e sacerdotes não tinham alimento para as famílias, precisavam deixar o santuário e trabalhar nos campos (Ne 13:10). É triste quando o povo de Deus não ama o Senhor e sua casa o suficiente para sustentá-la fielmente.

Deus esperava que os levitas dessem o dízimo daquilo que recebiam, entregando-o ao sumo sacerdote (Nm 18:25-32). Às vezes, encontro obreiros cristãos que não dão o dízimo pois se consideram isentos disso. Usam como argumento o fato de que estão servindo ao Senhor e de que tudo o que têm pertence a ele, mas esse argumento não é válido. Os levitas serviam a Deus em tempo integral e, ainda assim, davam o dízimo daquilo que recebiam.

O dízimo não é, necessariamente, uma prática associada à lei, pois Abraão e Jacó deram o dízimo séculos antes de a lei ser apresentada (Gn 14:20; 28:22). Se os israelitas sob a antiga aliança podiam dar 10% da sua renda (produção) ao Senhor, os cristãos da nova aliança podem dar menos? Para nós, o dízimo é só o começo! Se compreendermos o significado de 2 Coríntios 8 - 9, nossas ofertas irão muito além do dízimo.³

3. PURIFICANDO OS CONTAMINADOS (Nm 19:1-22)

Em sua vida diária, o povo de Israel precisava ter muito cuidado com o que era "limpo" e o que era "imundo", pois isso determinava seu relacionamento com o Senhor e com as outras pessoas no acampamento. A regra de Deus era: "Sereis santos, porque eu sou santo", uma declaração encontrada oito vezes na Bíblia (Lv 11:44, 45; 19:2; 20:7, 26; 21:8; 1 Pe 1:15, 16). As prescrições acerca do que era "limpo" ou "imundo" encontram-se detalhadas em Levítico 11 - 15, dizendo aos

israelitas o que podiam comer, como deviam tratar de fluxos corporais e infecções e o que deviam fazer com o corpo dos mortos. Sem dúvida, a higiene era um dos propósitos por trás dessas leis, mas seu intento também era espiritual: ensinar aos israelitas a diferença entre santidade e pecado e encorajá-los a andar em santidade.

A preparação (vv. 1-10). Esse ritual tem diversos aspectos singulares. O animal escolhido não era macho; era imolado fora do acampamento, longe do tabernáculo e do altar; por um leigo e não por um sacerdote; o sangue não era recolhido e derramado diante de Deus, mas sim queimado com a carcaça e as cinzas recolhidas para serem misturadas com água e usadas para purificações cerimoniais.

Em primeiro lugar, a novilha escolhida devia ser perfeita, vermelha e que ainda não tivesse levado jugo para trabalhar. A cor vermelha poderia indicar o sangue a ser derramado, mas talvez se referisse à terra vermelha da qual o primeiro homem foi feito (Gn 2:7). O nome "Adão" vem da palavra hebraica *adamah*, que significa "terra vermelha".

O filho de Arão e seu sucessor, Eleazar, conduzia a novilha para fora do acampamento, onde um leigo imolava-a na presença do sacerdote. A palavra usada para o abate do animal não é a mesma empregada para o sacrifício, uma vez que o altar não estava presente nesse processo. Eleazar pegava um pouco do sangue e aspergia-o sete vezes na direção do tabernáculo.

Em seguida, a carcaça, ainda com o sangue, era queimada, sendo que a palavra usada, nesse caso, não é a mesma empregada para o ato de "queimar um sacrifício". Enquanto o animal estava queimando, Eleazar lançava três itens importantes no fogo: madeira de cedro, hissopo (uma planta porosa que absorve líquidos) e estofó carmesim, sendo que todos esses elementos eram usados na cerimônia de purificação de um leproso curado (Lv 14:4, 6, 49, 51, 52; ver Sl 51:7).

Devido ao contato com um corpo morto, Eleazar e o homem que o auxiliava eram

considerados cerimonialmente imundos e tinham de lavar a si mesmos e suas roupas antes de voltar para o acampamento no final do dia. Um homem cerimonialmente limpo juntava as cinzas num recipiente e colocava-o num lugar fora do acampamento, acessível ao povo. Ele também tinha de lavar-se antes de entrar no acampamento.

A aplicação (vv. 11-22). De que forma essas cinzas eram usadas? As pessoas que se tornavam cerimonialmente imundas, ao tocar um corpo morto (vv. 11-13), ao entrar numa tenda onde alguém havia morrido (vv. 14, 15) ou ao tocar em algo contaminado (v. 16), podiam ser purificadas ao usar as cinzas. Deviam esperar três dias depois de sua contaminação e, então, sair do acampamento com um homem cerimonialmente limpo e ir até o lugar onde ficavam as cinzas. O homem misturava as cinzas com água corrente num vaso, mergulhava hissopo na água e aspergia sobre a pessoa imunda. Esse mesmo ritual era repetido quatro dias depois, no sétimo dia. As pessoas purificadas lavavam a si mesmas e suas roupas e esperavam até o final do dia para voltar ao acampamento.

Era uma ofensa grave uma pessoa imunda recusar-se a ser purificada, pois pessoas contaminadas profanavam o acampamento. A presença de Deus habitava o tabernáculo (vv. 13, 20), e ele andava no meio do povo (Lv 26:11, 12; Dt 23:12-14); assim, o acampamento tinha de ser mantido santo. Pessoas imundas que se recusassem a ser purificadas eram excluídas do povo (Nm 19:20) e apedrejadas até a morte.

A igreja de hoje não se preocupa com a imundícia ritual exterior, mas devemos dar ouvidos à lição desse capítulo - Deus quer que sejamos um povo santo. "...purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7:1). Deus prometeu perdão e purificação para seus filhos se estes se arrependerem de seus pecados e os confessarem ao Senhor (1 Jo 1:9). Um animal inocente tinha de morrer para que os israelitas pudessem ter a purificação ritual, mas para que nós pudessemos ser purificados, o Cordeiro inocente de

Deus teve de dar sua vida (Jo 1:29; 1 Pe 1:18-23).

4. DISCIPLINANDO SEUS LÍDERES (Nm 20:1-13)

A morte de Miriã deve ter afetado Moisés e Arão profundamente. O Senhor usou Miriã para salvar a vida de Moisés quando ele era um bebê, sendo que ela até providenciou para que sua própria mãe cuidasse de Moisés e ainda recebesse por isso (Êx 2). Ela dirigiu o louvor das mulheres no mar Vermelho (Êx 15) e suportou as provações do deserto com os irmãos. A única mancha no relato sobre Miriã foi sua crítica a Moisés (Nm 12), mas que servo de Deus tem uma vida imaculada?

Um problema antigo (vv. 1-5). Era um reflexo condicionado: sempre que os israelitas se deparavam com uma dificuldade, reclamavam a Moisés e a Arão e se lamentavam por não terem ficado no Egito. As dificuldades servem para mostrar o que há de melhor ou de pior dentro de nós e levam-nos a amadurecer ou a nos tornar ainda mais infantis (Tg 1:2-8). As palavras e atitudes de Israel revelaram claramente que o coração deles ainda estava no Egito. Trata-se de um retrato claro do cristão confesso que ainda ama o mundo (1 Jo 2:15-17) e que se volta para o mundo em busca de socorro cada vez que há um problema!

Uma solução divina (vv. 6-9). O povo é que deveria estar prostrado com o rosto em terra, confessando seus pecados e buscando o perdão de Deus. Porém, mais uma vez, Moisés e Arão humilharam-se perante o Senhor e buscaram sua sabedoria e ajuda (Nm 14:5; 16:4, 22, 45; 22:31). Os líderes espirituais pagam um preço quando procuram servir ao povo de Deus, mas as pessoas normalmente não dão valor a isso. As mesmas pessoas cometem os mesmos pecados e recusam-se a confiar em Deus e a obedecer a ele.

A vara era a mesma que Moisés havia usado para realizar os sinais maravilhosos no Egito, especialmente para abrir o mar Vermelho. A palavra hebraica para "rocha" refere-se a um penhasco alto, um lugar para uma fortaleza e não uma pedra grande. Não importa

quais sejam as circunstâncias, Deus é capaz de resolver nossos problemas, desde que confiemos nele e que façamos sua vontade.

Um pecado impulsivo (vv. 10, 11). Irritado, em vez de falar à rocha, Moisés feriu-a duas vezes. Também falou ao povo com indignação, chamou-os de "rebeldes" e deu a impressão de que ele e Arão haviam providenciado a água. Foi uma triste manifestação de hostilidade da parte do homem mais manso da Terra (Nm 12:3), mostrando que podemos falhar em nossas forças bem como em nossas fraquezas.⁴

Moisés era humano como nós e, sem dúvida, estava exausto ao aproximar-se do fim da marcha no deserto, durante a qual ele não havia visto outra coisa além de incredulidade e não havia ouvido nada senão murmurações. O Salmo 106:32, 33 afirma que foi o povo quem provocou a ira de Moisés, o que não é difícil de acreditar. Talvez ele estivesse emocionalmente esgotado por causa da morte da irmã. É possível que estivesse perturbado, pois quando o povo murmurava, o Senhor não revelava sua glória e julgamento como havia feito antes.

Contudo, não importam as atenuantes que possamos apresentar, o fato é que Moisés não honrou ao Senhor nem obedeceu a suas ordens. Ao ferir a pedra, destruiu um símbolo do Messias que dá a água viva a seu povo (Êx 17:1-7; Jo 7:37-39). Nosso Senhor entregou-se na cruz apenas uma vez e não precisou ser crucificado (ferido) novamente (Hb 9:26-28). Agora, aqueles que crêem só precisam pedir, e Deus lhes dá seu Espírito.

É impressionante que Deus tenha feito jorrar a água mesmo com as atitudes e ações completamente erradas de Moisés!⁵ "Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades" (Sl 103:10). "Se observares, SENHOR, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?" (Sl 130:3) Em sua graça, Deus supre as necessidades de seu povo, pois é um Deus de compaixão e de infinita bondade. No entanto, Deus não ignorou o pecado de Moisés.

Uma disciplina dolorosa (vv. 12, 13). O povo foi ajudado, mas Moisés foi disciplinado da maneira mais dolorosa: não lhe foi

permitido entrar na Terra Prometida (Lc 12:48). Ele havia glorificado a si mesmo em vez de glorificar a Deus. Mais uma vez, vemos aqui um tipo importante do Antigo Testamento, pois a lei (Moisés) não pode nos dar nossa herança (Gl 3:18). Josué é um tipo de Jesus Cristo, o conquistador, e somente ele pode liderar o povo à sua herança prometida (Hb 4:1-11). Se Moisés tivesse entrado na terra com o povo de Deus, teria estragado a mensagem do Livro de Hebreus!⁶

A primeira vez que Deus proveu água para o povo de Israel, Moisés chamou o lugar de "Massá e Meribá", que significa "provando e contendendo". Da segunda vez, Moisés chamou o lugar de Meribá ("contendendo"), mas ele é quem havia sido provado e reprovado. Em certa ocasião, Moisés implorou a Deus que lhe permitisse atravessar o Jordão, mas o Senhor recusou seu pedido (Dt 3:23-29). Moisés revelou sua mansidão ao submeter-se à disciplina de Deus e ao continuar a liderar o povo.

5. GUIANDO SEU POVO (Nm 20:14-22)

Israel estava marchando para o norte rumo às campinas de Moabe (Nm 33:48), onde Moisés prepararia a nova geração para entrar na terra. O caminho mais fácil era por Edom, passando pela estrada do rei, a principal rota comercial daquele tempo. Os edomitas eram descendentes de Esaú (Gn 36) e, portanto, aparentados de Israel, pois Jacó era irmão de Esaú.

Sabendo da história de conflito entre Esaú e Jacó, Moisés usou de diplomacia e pediu permissão para passar pela terra. Israel havia conquistado muitos reis e nações durante sua marcha, e os edomitas sabiam disso, de modo que Moisés precisava deixar claro que se tratava de uma marcha pacífica. Temos a impressão de que Números 20:14-17 era, originalmente, um documento escrito levado ao rei de Edom por embaixadores de Israel. Enquanto era príncipe no Egito, é provável que Moisés tivesse aprendido sobre essas questões diplomáticas.

Primeiro, Moisés enfatizou o fato de que os israelitas e edomitas eram irmãos (v. 14) e usou a expressão "nossos pais" (v. 15).

Essa herança comum deveria gerar alguma simpatia por seus irmãos no líder edomita. Então, Moisés lembrou os edomitas do sofrimento de Israel e de sua escravidão no Egito, bem como do livramento miraculoso que o Senhor havia lhes dado. Uma vez que Deus os havia livrado e os estava conduzindo, certamente os edomitas iriam querer cooperar com Jeová e deixar que seus parentes israelitas marchassem por sua terra.

Porém, ter dois a três milhões de pessoas e seus rebanhos passando por sua terra poderia sair caro, uma vez que toda essa gente precisaria de água e de alimento. Dirigido pelo Senhor (Dt 2:1-8), Moisés garantiu ao povo de Edom que os israelitas pagariam por sua comida e água e que não entrariam nos campos ou vinhedos de Edom. Moisés estava se esforçando ao máximo para garantir uma jornada pacífica, mas os edomitas se recusaram a aceitar sua oferta generosa. Moisés tentou persuadir os edomitas mais uma vez, porém suas palavras só provocaram mais oposição.

Jacó e Esaú haviam se encontrado e acertado suas diferenças (Gn 32 - 33), mas os descendentes de Esaú estavam perpetuando o antigo conflito entre as famílias. Anos mais tarde, quando Jerusalém foi atacada, os edomitas ajudaram o inimigo e chegaram até a impedir que fugitivos judeus escapassem (Livro de Obadias; Sl 137:7). É triste quando um conflito entre famílias é alimentado geração após geração, trazendo profunda amargura e impedindo que irmãos ajudem uns aos outros.

Quando o exército edomita chegou e colocou-se no caminho de Israel, ficou evidente que a coisa mais prudente a fazer era escolher outro caminho. Sem dúvida, Deus poderia ter ajudado Israel a destruir todo o exército edomita, mas esse não era o plano dele. "Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens" (Rm 12:18). Deus cuidaria de Edom no devido tempo (ver Obadias). Enquanto isso, Israel pegou uma rota alternativa e chegou ao monte Hor. Não sabemos a localização desse monte, mas foi lá que Arão morreu e foi sepultado.

6. PERPETUANDO O SACERDÓCIO (Nm 20:23-29)

Tanto Moisés quanto Arão haviam se rebelado contra Deus quando Moisés feriu a rocha, de modo que nenhum dos dois entraria na Terra Prometida. No primeiro dia do quinto mês do quadragésimo ano (Nm 33:38), Moisés, Arão e Eleazar foram para algum lugar no monte Hor, pois era chegada a hora de Arão morrer. Moisés se despediria de um irmão querido e Eleazar de um pai honrado. Arão tinha 123 anos (Nm 33:38, 39).

Contudo, a morte de Arão não interrompeu o ministério do sacerdócio, pois Eleazar tomou seu lugar. Como John Wesley costumava dizer: “Deus enterra seus obreiros, mas sua obra continua”. Em cumprimento à lei (Êx 29:29, 30), Moisés tirou as vestes santas de seu irmão, Arão, e colocou-as em Eleazar. É provável que também o tenha ungido para sua nova incumbência. Quando Moisés e Eleazar voltaram para o acampamento e os israelitas viram Eleazar trajando as vestes de sumo sacerdote, souberam que a vida de Arão havia chegado ao fim. Prantearam

Arão por trinta dias, ou seja, até o sexto mês.

Eleazar era o terceiro filho de Arão (Nm 3:2). Os dois primeiros, Nadabe e Abiú, foram mortos pelo Senhor por profanar o tabernáculo com fogo estranho (Lv 10). Antes de tornar-se sumo sacerdote, Eleazar foi o principal líder dos levitas, dirigindo-os no cuidado do tabernáculo (Nm 3:32; 4:16). Assitiu Moisés quando foi feito o censo da nova geração (Nm 26:1-3) e oficializou a posição de Josué como sucessor de Moisés (Nm 27:18-23). Quando Israel havia conquistado a terra, Eleazar ajudou Moisés a dar a cada tribo sua herança (Nm 34:17; Js 14:1; 19:15).

Moisés passou por dois funerais, duas confrontações com críticos no acampamento e um fracasso pessoal em Cades. Ainda assim, pegou sua vara e voltou a trabalhar. O serviço cristão vitorioso, assim como a vida cristã vitoriosa, é uma série de recomeços. Não importam os erros que tenhamos cometido, é sempre cedo demais para desistir.

1. A expressão “para que se ajuntem a ti”, em Números 18:2, descreve a relação de união entre sacerdotes e levitas. Em hebraico, a palavra “levita” significa “unido” (Gn 29:34).
2. As tribos de Simeão e de Levi não tinham boa reputação por causa da fúria e crueldade com que haviam tratado o povo de Siquém (Gn 34), de modo que Jacó profetizou que ficariam dispersas em Israel (Gn 49:5-7). A tribo de Simeão foi absorvida pela de Judá (Js 19:1, 9), e os levitas foram espalhados em quarenta e oito locais por toda a terra prometida. Contudo, isso também deu a muitos a oportunidade de aprender a lei de Deus com seus vizinhos levitas.
3. Para uma explicação desses capítulos sobre ofertar, ver meu livro *Be Encouraged* [Seja encorajado] (Cook).
4. Abraão falhou em seu ponto forte, que era sua fé. O ponto forte de Davi era sua integridade, e foi nisso que ele falhou. A força de Pedro era sua coragem, no entanto, acovardou-se com a pergunta de uma menina. Satanás sabe como transformar forças em fraquezas, mas o Senhor pode fazer justamente o contrário.
5. Esse relato deve nos servir de advertência contra a construção de uma teologia particular tomando por base certos acontecimentos em lugar da Bíblia. O fato de Deus suprir uma necessidade ou de abençoar o ministério não é prova de que as pessoas envolvidas estejam, necessariamente, obedecendo ao Senhor na forma como ministram.
6. Moisés, porém, chegou a entrar na terra prometida quando apareceu juntamente com Elias para ver Jesus glorificado no monte da Transfiguração (Mt 17:1-8).

MARCHANDO VITORIOSOS – E DERROTADOS

NÚMEROS 21

É impressionante quantos não convertidos têm a idéia de que a vida cristã é tediosa. Como pode ser tedioso andar com Deus, quando nosso Pai do céu providencia as experiências de vida para nosso bem e para sua glória? Para o cristão, a vida torna-se uma escola (Sl 90:12) na qual aprendemos mais sobre Deus e sobre sua Palavra, bem como sobre nós mesmos e sobre quanto precisamos crescer. A vida também se torna um ginásio de esportes e um campo de batalha (Hb 12; 2 Tm 2:1-5), em que devemos exercitar nossa fé e desenvolver músculos espirituais fortes, a fim de correr na carreira e lutar na batalha.

Números 21 ilustra bem essa verdade, pois é um capítulo em que fica extremamente claro o cuidado e a disciplina de Deus para com seu povo.

1. O PODER DE DEUS (Nm 21:1-3)

A vida continua. Os israelitas completaram o tempo de luto por Arão e logo voltaram à jornada e à batalha. Arade era uma cidade cananéia localizada cerca de quarenta quilômetros de Hebrom, de modo que a nova geração estava diante de seu primeiro conflito com os cananeus. O exército israelita passaria sete anos conquistando as nações na terra prometida. Assim, Deus deu-lhes algum treinamento militar enquanto marchavam para Atarim.¹

A notícia da marcha de Israel do Egito para Cades havia precedido os israelitas, e os governantes das cidades-estados dentro e ao redor de Canaã não estavam prestes a se entregar aos invasores sem lutar. Ao que parece, os israelitas não se encontravam pre-

parados para o primeiro ataque, pois alguns do povo foram capturados, porém os líderes voltaram-se imediatamente para Deus e pediram ajuda. Juraram destruir totalmente os cananeus e suas cidades se o Senhor lhes desse vitória.

“Destruir totalmente” significava consagrar algo inteiramente ao Senhor (“dedicar irremissivelmente”; Lv 27:28, 29; Dt 7:2-6), exterminando o povo e suas cidades e dando todos os espólios a Deus. Foi isso o que Israel fez a Jericó (Js 6:17-21), e, por ter tomado para si o que pertencia a Deus, Acã foi morto (Js 7).² A cultura cananéia era de uma perversidade indescritível, especialmente no que se referia a suas práticas religiosas, e Deus queria que essas nações fossem removidas da face da Terra.

Deus deu a Israel a vitória sobre o inimigo, e o povo cumpriu sua promessa. Destruíram Arade e as outras cidades ligadas a ela e deram um novo nome à região: Hormá, que significa “destruição”. Esse conflito foi um contraste e tanto com a derrota que Israel havia sofrido trinta e oito anos antes quando tentou atacar o inimigo sem a bênção de Deus (Nm 14:39-45). Quando Josué distribuiu às tribos sua herança em Canaã, deu essa região a Judá (Js 15:30) e Simeão (Js 19:1, 4).

2. A GRAÇA DE DEUS (Nm 21:4-9)

A primeira vitória certamente animou os israelitas, mas uma coisa é “[subir] com asas como águias” e outra bem diferente é ser como os que “caminham e não se fatigam” (Is 40:31). A coragem na batalha deve ser seguida de resistência na corrida. Pelo fato de os edomitas não terem dado a Israel direito de passagem por suas terras, Moisés precisou conduzir o povo a leste de Edom e, depois, a norte, passando por um terreno difícil. Não demorou muito para que os rigores da marcha deixassem o povo impaciente e para que começassem a murmurar novamente. É fácil vencer uma batalha e perder a vitória!

O pecado do povo (v. 5). A raiva e a impaciência no coração do povo transbordou em palavras duras contra o Senhor e contra

Moisés. Tanto em suas atitudes quanto em suas palavras estavam provando o Senhor (1 Co 10:9), algo perigoso de se fazer. Era a mesma queixa de sempre: Moisés os havia tirado do Egito para morrerem no deserto e não havia nada além de maná para comer. Nas dificuldades da marcha diária, haviam se esquecido da promessa de Deus de que entrariam na terra que era sua herança e de que tomariam posse de Canaã, fazendo dela seu lar (Nm 15:1). Começando logo depois do êxodo, uma provisão abundante de maná era enviada do céu a cada manhã (Êx 16:1-22), de modo que, durante quarenta anos, Deus havia dado a seu povo o sustento de que precisava. O maná era “o pão dos anjos” (Sl 78:25), mas o povo havia se acostumado tanto com suas bênçãos que o detestavam e chamavam-no de “pão imprestável” (ver Nm 11:4-6).

De acordo com João 6, o maná era muito mais do que o alimento diário de Israel: era um tipo de Jesus Cristo, o Filho de Deus, o “Pão da Vida” (Jo 6:32-40). O maná só foi dado a Israel, mas Jesus veio para ser o Salvador de todo o mundo. O maná só servia para manter a vida, mas Jesus Cristo dá a vida. Quando os israelitas desprezaram o maná, na verdade estavam rejeitando o Filho de Deus. Mais uma vez, Deus havia testado seu povo, e os israelitas foram reprovados (Dt 8:15, 16).

A Palavra de Deus é o “pão do céu” do qual o povo de Deus deve se alimentar diariamente a fim de ser bem-sucedido em sua jornada de peregrino (Mt 4:4). A maneira como tratamos a Palavra de Deus no começo de cada dia revela se nos entregamos ou não ao Senhor e se desejamos lhe obedecer. Começar um novo dia sem antes se alimentar do maná celeste é um convite à decepções e a fracassos.

O castigo do povo (v. 6). No passado, quando Israel havia pecado, a glória do Senhor costumava aparecer seguida do julgamento de Deus. Dessa vez, porém, não houve aviso. O julgamento veio imediatamente quando o Senhor mandou serpentes venenosas para o meio do povo. Eles haviam rejeitado a dádiva de vida e de saúde do

céu, de modo que Deus enviou-lhes sofrimento e morte da terra, e muitos do povo pereceram.

A palavra “abrasadoras” é a tradução do termo hebraico *saraph*, que significa “queimando”, e também se refere às criaturas angelicais (serafins) que ministram diante do trono sagrado de Deus (Is 6:2, 6). O termo “abrasadoras” não descreve a aparência das serpentes, mas a inflamação e a dor causadas por seu veneno. Aqueles que eram picados morriam rapidamente e, ao que parece, era uma morte dolorosa. O salário do pecado ainda é a morte.

A confissão e a súplica do povo (v. 7). Israel havia murmurado e se rebelado várias vezes e, numa das ocasiões anteriores, havia admitido: “havemos pecado” (Nm 14:40). No entanto, essa é a primeira vez que essas palavras parecem sinceras.³ No passado, Moisés havia se prostrado com o rosto em terra e intercedido pelo povo, mas, dessa vez, o povo suplicou que seu líder orasse por eles. Isso significava que o coração da nova geração era mais sensível para com o Senhor? Esperamos que sim.

O livramento do povo (vv. 8, 9). Moisés orou pelo povo, mas o Senhor não respondeu da maneira como talvez fosse esperada. Em vez de remover imediatamente as serpentes e de curar as pessoas que haviam sido picadas, Deus instruiu Moisés a fazer uma serpente de bronze e a colocá-la numa haste, onde todos pudessem vê-la. Se aqueles que haviam sido picados olhassem para a serpente, seriam prontamente curados.

Jesus usou a serpente de bronze para ilustrar sua própria morte na cruz (Jo 3:14). (“Levantar” era um termo usado na época para referir-se à crucificação.) A comparação entre a serpente de bronze no tempo de Moisés e a cruz de Cristo nos ajuda a compreender melhor o significado da graça de Deus na salvação. Todas as pessoas foram contaminadas pelo pecado e, um dia, morrerão e enfrentarão o julgamento (Hb 9:27), mas se olharem para Cristo pela fé, ele as salvará e lhes dará vida eterna. O ato de olhar para a serpente de bronze salvou muitas pessoas

da morte física, mas olhar para Cristo nos salva da morte eterna.

Mas por que Moisés devia fazer o modelo de uma *serpente*, justamente a criatura que estava causando a morte do povo? Na cruz, Jesus tornou-se pecado por nós – exatamente aquilo que condena as pessoas – e levou sobre o seu corpo aquilo que causa a morte espiritual (2 Co 5:21; Rm 8:3; Gl 3:13; 1 Pe 2:22-24). Moisés não escondeu a serpente de bronze; antes a colocou numa haste e pôs a haste num lugar onde todos pudessem vê-la! O mesmo aconteceu com nosso Senhor que foi crucificado publicamente, fora da cidade de Jerusalém, e aqueles que ouvem o evangelho podem olhar para ele e ser salvos. “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10:13).

Moisés não fixou a haste no tabernáculo nem no átrio do tabernáculo, pois ninguém é salvo por guardar a lei. A serpente suspensa era a única cura no acampamento, assim como Jesus Cristo é o único Salvador para os pecadores do mundo (At 4:12; Jo 14:6). Ninguém podia olhar para a serpente de bronze no lugar de outra pessoa. Cada pecador a caminho da morte deve fazer isso por si mesmo. A salvação que Cristo oferece é pessoal e individual, e cada um de nós deve olhar para Cristo pela fé. Por mais que se esforçasse, nenhum israelita que estivesse à beira da morte conseguiria salvar a si mesmo. A única salvação disponível era aquela que Deus, em sua graça, havia provido, e se a rejeitassem, morreriam.

O pecado e a morte entraram no mundo por um olhar (Gn 3:6), e o único livramento do pecado e da morte eterna só pode ser contemplado com os olhos da fé: “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra” (Is 45:22). Olhar significa exercitar a fé, e o único meio de ser salvo é pela fé (Ef 2:8, 9). Os israelitas à beira da morte poderiam argumentar que contemplar a serpente era uma idéia tola ou simples demais (1 Co 1:18-25), porém, ainda assim, o remédio funcionou.

Imagine a alegria no acampamento de Israel quando se espalhou a notícia de que

havia uma cura à disposição de todos! As únicas pessoas que não podiam ser libertas da morte eram aquelas que, por algum motivo, não estavam dispostas a olhar pela fé *ou aquelas que não sabiam que havia um remédio para elas*. Como é importante transmitir as boas novas de que “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1 Tm 1:15).

3. A BONDADDE DE DEUS (Nm 21:10-20)

Ao deixar o campo de batalha, Israel continuou marchando para o norte, atravessando o rio Zerede e acampando no vale. Cruzaram o rio Arnom e aproximaram-se do território dos amorreus, passando entre regiões moabitas e de amorreus. Encontraremos os moabitas novamente em Números 22 – 24 e veremos como eles enganaram os israelitas para que desobedecessem a Deus.

Em Números 21:14-15, temos uma descrição da região tirada de um registro antigo chamado de *Livro das Guerras do Senhor*. Ao que parece, esse livro perdido era um compêndio de informações detalhadas das viagens e batalhas de Israel.⁴ Aqui ele é citado para descrever a geografia da região pela qual Israel estava passando. Não era um terreno fácil, mas o Senhor deu aos israelitas as forças de que precisavam para completar a jornada. Quando chegaram a Beer (“poço”), o Senhor previu a necessidade do povo e prometeu dar-lhes água (ver Êx 17:1-7; Nm 20:2-13; 21:6). “O que comeremos?” e “O que beberemos?” (Mt 6:24-34) pareciam ser algumas das principais preocupações dos israelitas, assim como as maiores preocupações das pessoas hoje em dia, juntamente com “O que vestiremos?” No entanto, nessa ocasião o povo não murmurou. Em vez disso, todos entoaram um cântico! De acordo com o relato bíblico, essa é a primeira vez que vemos Israel cantando desde que Deus os livrou do Egito, quarenta anos antes (Êx 15).

“O Cântico do poço” (Nm 21:16-18) celebrou a provisão de água para o povo no deserto. É pouco provável que os príncipes de Israel tivessem cavado o poço com seus bordões, pois no deserto arenoso seria preciso ter ferramentas muito melhores. O que

pode ter acontecido é Deus ter mostrado a Moisés onde a água estava e os príncipes terem todos enfiado as varas no solo ao redor do lugar e o poço ter se aberto e jorrado água.

O povo regozijou-se por Deus ter suprido as necessidades deles e alegrou-se em louvá-lo por sua bondade. A água era um bem precioso no deserto, e os israelitas sabiam de seu valor. O mesmo nem sempre acontece hoje em dia, pois muitas pessoas não dão o devido valor aos recursos naturais, o que explica tanta poluição e desperdício. Quando Deus, o Criador, é deixado de lado, os seres humanos não se vêem mais como despenseiros e comportam-se apenas como consumidores egoístas. Um dia, Deus irá dar cabo de todos aqueles que destroem a Terra (Ap 11:18).

Este é um bom momento para fazer uma pausa e observar as figuras de nosso Senhor Jesus Cristo que podemos encontrar nessa narrativa até aqui. Já o vimos no maná como o Pão da Vida (Jo 6), e agora, no poço, ele é quem dá água viva (Jo 7:37-39). Na Bíblia, a água para beber é um retrato do Espírito de Deus, enquanto a água para se lavar é um símbolo da Palavra de Deus (Ef 5:26, 27). Porém, antes que Jesus pudesse enviar o Espírito, teve de morrer na cruz (Jo 7:39), o que nos leva de volta à serpente suspensa na haste em Números 21:4-9 e João 3:14. O maná enfatiza a encarnação de Jesus;⁵ a serpente, sua crucificação; e a água, sua ascensão e o derramamento do Espírito.

4. A VITÓRIA DE DEUS (NM 21:21-35)

Antes de chegarem às planícies de Moabe, os israelitas lutaram duas grandes batalhas e, com a ajuda do Senhor, venceram ambas.

Vitória sobre os amorreus (vv. 21-32). Ao prosseguir em sua jornada, os israelitas chegaram ao território dos amorreus. Estes eram descendentes de Cam, filho de Noé, por parte do seu filho, Canaã (Gn 10:6-15), e não devem ser confundidos com os amonitas. Deus proibiu Israel de confrontar os amonitas (Dt 2:18, 19), pois eram aparentados com os israelitas por parte de Ló, sobrinho de Abraão (Gn 19:30-38).

Durante algum tempo, os amorreus dominaram grandes áreas na Mesopotâmia e na Síria, mas, na época de Moisés, seu território era bem menor. Os amorreus situavam-se na costa oeste do mar Vermelho, a norte dos edomitas, entre os rios Arnom e Jaboque. Era um povo perverso aos olhos de Deus e prontos para o julgamento (Gn 15:16), e Moisés sabia que o Senhor havia prometido a Israel a vitória sobre essa nação perversa (Êx 23:23). Contudo, antes de atacar, Moisés tentou usar de diplomacia, como havia feito com os edomitas (Nm 20:14-22), garantindo a Seom, rei de Hesbom, que Israel tinha vindo em paz e que não criaria problemas (Dt 2:26-37).

O Senhor desejava que Israel possuísse a terra a leste do Jordão, de modo que permitiu que Seom atacasse Israel. A capital de Seom era Hesbom, mas ele e seu exército foram para o sul, até a cidade de Jaza, cerca de trinta quilômetros ao norte do rio Arnom, e lá desafiaram Israel. O povo de Deus venceu a batalha e tomou posse da região do rio Arnom até o rio Jaboque. Antes de Israel entrar na terra prometida, o território a leste do rio Jordão foi dado a Rúben, Gade e Manassés (Nm 32).

Em Números 21:27-30, Moisés citou um "cântico de guerra" dos amorreus e aplicou-o ao povo de Israel. O cântico original celebrava a grande vitória dos amorreus na ocasião em que Seom derrotou Moabe, tomou suas cidades e levou seu povo cativo. Era chegada a hora de Seom e dos amorreus serem vencidos. Seom havia derrotado Camos, o deus dos moabitas, mas Jeová havia derrotado o deus dos amorreus! As seis primeiras linhas do cântico (vv. 27, 28) descrevem a vitória de Seom sobre Moabe, mas as duas últimas linhas (v. 30) descrevem a vitória de Israel sobre Seom.⁶

Ao escrever o Livro de Números, Moisés foi guiado pelo Espírito Santo para registrar esse cântico de guerra e para aplicá-lo a Israel. Aliás, o profeta Jeremias também citou parte desse cântico em sua profecia sobre o julgamento de Moabe (Jr 48:45, 46). Isso significa que, hoje em dia, o povo de Deus pode pegar cânticos seculares e usá-los para

adorar a Deus? Não, pois Israel usou esse “cântico de escárnio” no campo de batalha e não no santuário. Moisés estava relatando uma história e não criando uma liturgia, e Jeremias estava escrevendo profecias.⁷ Certos compositores de músicas cristãs fazem adaptações de canções seculares,⁸ mas há um grande perigo em tomar de empréstimo palavras seculares para expressar nosso louvor e adoração a Deus.

Vitória sobre Basã (vv. 33-35). Depois de uma operação de limpeza da área que havia conquistado em torno de Jazer, Israel voltou-se para Basã, uma região muito fértil a leste do mar da Galiléia e ao sul do monte Hermom. No tempo de Abraão, os refains viviam lá (Gn 14:5). Ogue, rei de Basã, confrontou Israel em Edrei, uma cidade cerca de oitenta quilômetros a noroeste de Jazer, mas o Senhor garantiu a Moisés que Israel seria vitoriosa, e de fato foi.

De acordo com Josué 2:10, a notícia dessa vitória chegou a Jericó e encheu de medo o coração dos seus habitantes. Esdras

menção essa vitória em sua oração (Ne 9:22) e os salmistas falam dela em seus cânticos de louvor (Sl 135:11; 136:19, 20). A capital de Ogue era Astarote (Dt 1:4) e ele reinava sobre sessenta cidades (Js 13:30), sendo que Israel capturou e destruiu todas elas sem deixar sobreviventes (Nm 21:35; Dt 3:1-11). Em sua conquista de Canaã, Israel seguiu o padrão descrito em Números 21:32-35. Josué mandava seus espias para estudar o terreno. Em seguida, buscavam as instruções específicas de Deus para cada ataque, obedeciam às ordens de Deus pela fé e alcançavam a vitória. Nas duas ocasiões em que não seguiu esse padrão (Js 7 e 9), Josué foi derrotado.

Toda a região a leste do rio Jordão passou para as mãos dos israelitas e, mais tarde, foi entregue às tribos de Rúben, Gade e Manassés (Nm 21:32; Dt 29:7-8). No entanto, Israel estava prestes a enfrentar os moabitas, que usariam uma estratégia sutil para levar vinte e quatro mil israelitas à morte.

1. Esse termo apresenta um problema de tradução. Pode significar que Israel percorreu o mesmo caminho feito pelos espias quarenta anos antes (Nm 13) ou, ainda, a palavra hebraica pode ser transliterada como Atarim, supondo que seja o nome de um lugar.
2. Esse voto aplicava-se não apenas a Arade, mas também a todas as cidades de Canaã. Os israelitas foram ordenados a destruir inteiramente a cultura perversa dos cananeus (Êx 23:20-33; Dt 7) e começaram por Arade, prometendo ao Senhor que obedeceriam à sua vontade. Não precisamos fazer votos a fim de receber a ajuda de Deus, mas devemos fazer a vontade de Deus à maneira dele se esperamos receber sua bênção. Para uma descrição de como Israel destruiu seus inimigos, ver Josué 10:16-43.
3. Quando o povo disse: “havemos pecado”, em Números 14:40, aquela não podia ser uma confissão sincera, pois ainda estavam se rebelando contra Deus e procurando fazer as coisas a seu próprio modo. A declaração significava: “Cometemos um erro, mas podemos consertá-lo”. Se tivessem se apresentado verdadeiramente quebrantados diante de Deus, não teriam deixado o acampamento para invadir Canaã por sua própria conta.
4. Os outros dois livros que também já não existem mais são o *Livro dos Justos* (Js 10:13; 2 Sm 1:18) e *As Crônicas dos Reis de Israel e Judá* (1 Rs 14:19, 29).
5. Observe em João 6, no sermão que Jesus pregou na sinagoga, quantas vezes ele mencionou o pão “do céu” e a vinda dele do céu (vv. 32, 33, 38, 50, 51, 58). Os judeus ficaram estupefatos com essa declaração (vv. 41, 42).
6. Durante o tempo em que Jefé foi juiz, os amonitas afirmaram que queriam de volta as terras das quais, de acordo com eles, Israel havia tomado posse indevidamente. Jefé, porém, conhecia a história e lembrou-os do que havia acontecido de fato (Jz 11:1-28).
7. A inspiração garante que as Escrituras foram “sopradas” por Deus e que estão de acordo com a vontade de Deus. Os registros bíblicos compreendem vários tipos de texto, inclusive o registro das mentiras de Satanás e dos homens. Paulo citou escritores pagãos seculares (At 17:28; 1 Co 15:33; Tt 1:12), mas isso não significa que tais escritores tenham sido inspirados por Deus naquilo que escreveram. Significa, apenas, que o Espírito guiou Lucas quando estava escrevendo o Livro de Atos para que ele registrasse aquilo que Deus queria e, desse modo, fosse confiável.

-
8. Há hinos cristãos bem conhecidos adaptados de canções seculares, por exemplo, "O Deus de Abraão" (*Cantor Cristão*, n. 14), foi composto a partir de uma melodia hebraica do século XV; o cântico natalino "Quem é o infante" é entoado com a melodia de uma antiga canção inglesa, *Greensleeves*; o hino "Vencendo Vem Jesus" (*Cantor Cristão*, n. 112) foi composto a partir de um canto marcial.
-

INTERLÚDIO

Números 22 – 25 relata a história de Balaão, o adivinho misterioso. Pelo fato de esses três capítulos constituírem uma unidade completa, seguiremos o esboço sugerido abaixo. O capítulo 9 tratará de Números 22:1 – 23:26 e o capítulo 10 de Números 23:27 – 25:18.

I. BALAÃO E A VONTADE DE DEUS – 22:1-35

1. O pedido do rei – 22:1-20
2. A resistência da jumenta – 22:21-30
3. A revelação do anjo – 22:31-35

II. BALAÃO E A MENSAGEM DE DEUS – 22:36 – 24:25

1. A primeira bênção – Um povo separado – 22:26 – 23:12

2. A segunda bênção – Um povo conquistador – 23:13 – 26
3. A terceira bênção – Um povo próspero – 23:27 – 24:14
4. A quarta bênção – Um povo real – 24:15-19
5. Três bênções finais – 24:20-25

III. BALAÃO E O POVO DE DEUS – 25:1-18

1. O pecado de Israel – 25:1-9
2. A coragem de Finéias – 25:10-15
3. O julgamento de Midiã – 25:16-18

IV. BALAÃO E A IGREJA DE HOJE

1. O caminho de Balaão – 2 Pedro 2:15
2. O erro de Balaão – Judas 11
3. A doutrina de Balaão – Apocalipse 2:14

Antes de estudar os detalhes, pode ser interessante fazer uma leitura de Números 22 – 25 de uma só vez para ter uma visão geral. Observe também as três referências importantes do Novo Testamento na Parte IV do esboço, bem como as seguintes referências do Antigo Testamento: Números 31:8; Deuteronômio 4:3, 4; 23:3-6; Josué 13:22; 24:9, 10; Neemias 13:1-3.

PRINCIPADOS E POTESTADES – PARTE I

NÚMEROS 22: 1 – 23:26

Na noite de Páscoa, o povo de Israel marchou para fora do Egito como soldados conquistadores, e Deus afundou o exército egípcio nas águas do mar Vermelho. Com exceção do ataque precipitado aos cananeus fora da vontade de Deus (Nm 14:39-45), Israel derrotou todos os inimigos que enfrentou: Amaleque (Êx 17:8-16), o rei de Arade (Nm 21:1-3), os amorreus (vv. 21-25) e o exército de Ogue, rei de Basã (vv. 33-35).

Porém, quando Israel chegou às campinas de Moabe, enfrentou outro tipo de inimigo, escondido no alto das montanhas, que podia invocar as forças do maligno para assisti-lo. Acampados tranquilamente no vale, os israelitas não faziam idéia de que Balaão estava tentando amaldiçoá-los para que pudessem ser derrotados pelos moabitas e midianitas. Essa situação nos lembra da advertência de Paulo em Efésios 6:12: “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”.

Satanás, muitas vezes, vem como um leão devorador (1 Pe 5:8), mas se isso falha, ele ataca novamente como uma serpente enganadora (2 Co 11:3). A Igreja luta contra um inimigo poderoso, que tem um exército organizado de espíritos malignos dedicados a se opor ao povo e à obra de Deus (Ef 6:10-20).¹ Foi desse ataque de “principados e potestades” que o Senhor protegeu Israel enquanto estavam acampados nas campinas de Moabe.

Neste estudo, examinaremos dois dos quatro aspectos da vida e da conduta desse

homem perverso que foi Balaão e veremos como estão relacionados com Deus e com o povo de Israel.

1. BALAAO E A VONTADE DE DEUS (Nm 22:1-35)

O personagem principal desse drama é um adivinho² chamado Balaão, um gentio que vivia num lugar chamado Petor, próximo ao rio Eufrates (v. 5; Dt 23:4). Era conhecido por saber fazer adivinhações (receber conhecimento oculto, especialmente sobre o futuro) e encantamentos (o uso de poder oculto para abençoar ou amaldiçoar), e estava disposto a vender seus serviços a todos que pagassem seus honorários.

O pedido do rei (vv. 1-21). Os moabitas e midianitas ficaram aterrorizados quando viram o tamanho do acampamento de Israel (“cobre a face da terra”, v. 5) e ouviram os relatos das vitórias militares dele sobre as nações vizinhas (“como o boi lambe a erva do campo”, v. 4). Balaque, rei de Moabe, não sabia que Deus havia dito a Israel para não atacar os moabitas (Dt 2:9), pois, como descendentes de Ló, o sobrinho de Abraão, eram aparentados dos israelitas (Gn 19:26-37).

Uma guerra convencional estava fora de questão. Moabe a Midiã precisavam da ajuda do diabo, e Balaão tinha contato com o maligno. Esse confronto seria outro episódio daquilo que Donald Grey Barnhouse chamava de “guerra invisível”, o conflito entre Deus e Satanás, que teve início quando Deus amaldiçoou a serpente no jardim (Gn 3:13-15; ver Ap 12). Balaão devia ser bem conhecido por sua prática das artes ocultas, pois, de outro modo, Balaque não teria ignorado a distância³ e o preço quando mandou chamá-lo.

Balaque dependia de duas coisas a fim de influenciar Balaão a ajudá-lo: a delegação impressionante de anciãos proeminentes, tanto de Moabe quando de Midiã, e a riqueza que levavam consigo para pagar os honorários do adivinho. Sem dúvida, Balaão era um mercenário interessado, antes de tudo, no dinheiro (2 Pe 2:15). Apesar de ter recusado o pedido de Balaque duas vezes,

Balaão usou de um artifício para contornar a vontade expressa de Deus e ir a Moabe receber seus honorários.

Naquele tempo, as pessoas acreditavam que cada povo tinha seu próprio deus, e Balaão sabia que Jeová era o Deus dos israelitas. Assim, buscou a vontade do Senhor sobre o pedido de Balaque.⁴ Deus veio a Balaão sem que o adivinho o tivesse invocado e proibiu Balaão de aceitar o convite. Deus deixou sua vontade bem clara: “Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado” (Nm 22:12). Balaão sabia que sem o Deus de Israel a seu lado, não teria sucesso em sua tarefa, de modo que disse à delegação que não iria com eles. *No entanto, não lhe disse o motivo: Israel não podia ser amaldiçoado porque Deus os havia abençoado.* Se Balaão tivesse dito isso à delegação, teria sido o fim das negociações, e os príncipes não teriam mais voltado a Petor.

Sem se desanimar do propósito de vencer Israel, Balaque enviou uma delegação ainda mais proeminente de príncipes com a promessa de pagar qualquer valor que Balaão pedisse, além de conceder-lhe honrarias reais. Balaão deveria ter se recusado a sequer considerar a segunda oferta, mas o adivinho mercenário ainda tinha esperança de encontrar um modo de contornar a vontade de Deus. Tendo em vista o fato de que Balaão chegou a considerar a nova proposta, seu discurso, no versículo 18, não passa de falsa religiosidade. Com seus lábios professava obedecer ao Senhor, mas em seu coração cobiçava o dinheiro e esperava que Deus mudasse de idéia.

Deus veio a Balaão e instruiu-o a ir com os príncipes (v. 20). O Senhor advertiu Balaão dizendo: “Todavia, farás somente o que eu te disser”. Na manhã seguinte, Balaão selou sua jumenta e foi ao lugar onde a delegação estava acampada, decidido a fazer sua própria vontade. Essa determinação, juntamente com a cobiça no coração de Balaão, iraram o Senhor. Balaão estava agindo como o cavalo e a mula (Sl 32:9): correndo impetuosamente adiante de Deus e, ao mesmo tempo, recusando-se obstinadamente a obedecer às

instruções claras do Senhor. Ele sabia que Israel era abençoado, mas esperava poder amaldiçoar a nação e receber o dinheiro e as honrarias que o rei havia lhe prometido. Era um homem hipócrita e dobre.

A resistência da jumenta (vv. 22-30).

Deus estava irado com Balaão por desobedecer à sua vontade e por deixar-se controlar pelo amor ao dinheiro. Às vezes, usamos os animais como ilustração para a falta de racionalidade, mas, nesse caso, o animal foi mais esperto que seu mestre e os dois servos! A jumenta viu o Anjo do SENHOR segurando uma espada e impedindo sua passagem e, ao se desviar do caminho, salvou a vida de Balaão. Três vezes ela se desviou e três vezes Balaão a espancou. A raiva do adivinho era tanta que ele estava fora de si e, se estivesse armado, teria matado seu fiel animal de carga. Pedro chamou isso de “a insensatez do profeta” (2 Pe 2:16).

Por que Balaão não ficou surpreso quando sua jumenta falou-lhe “em voz humana” (2 Pe 2:16)? Sem dúvida, não era algo que acontecia todos os dias, nem mesmo para um adivinho profissional. Satanás falou a Eva por meio de uma serpente (Gn 3:1ss; 2 Co 11:3), e é possível que, no passado, os demônios de Satanás tivessem usado animais para falar a Balaão. Quando Deus precisa usar um animal irracional para comunicar-se com uma pessoa, é porque ela atingiu um nível muito baixo de sua vida.

A revelação do Anjo (vv. 31-35). O mesmo Deus que abriu a boca e os olhos da jumenta também abriu os olhos de Balaão para que visse o Anjo temível que estava no caminho com sua espada desembainhada em riste. Finalmente, Balaão fez alguma coisa certa e prostrou-se com o rosto em terra diante do Anjo, e este lhe disse que a jumenta havia salvo a vida de seu senhor. O Anjo advertiu Balaão de que estava se precipitando temerariamente pelo caminho errado rumo à destruição, e Balaão ofereceu-se para voltar para casa.

Quando o adivinho disse: “pequei”, não foi uma prova sincera de arrependimento. O Faraó (Êx 9:27), o rei Saul (1 Sm 15:24, 30; 26:21) e Judas Iscariotes (Mt 27:4) também

disseram isso, mas não se voltaram para Deus a fim de suplicar por sua misericórdia. De que adianta dizer palavras piedosas se o coração continua pecando? Para ver uma *confissão verdadeira*, considere as palavras de Davi (2 Sm 12:13; Sl 54:4; 2 Sm 24:10, 17; 1 Cr 21:8, 17) ou a parábola do filho pródigo.

Deus permitiu a Balaão que seguisse viagem, prevenindo-o de que deveria transmitir somente as mensagens que Deus lhe ordenasse. Pela primeira vez, Balaão compreendeu que essa aventura envolvia mais do que simplesmente amaldiçoar uma nação e ganhar algum dinheiro. Assim como Deus usou a jumenta para repreender seu senhor, usaria Balaão para revelar grandes verdades sobre Israel e seu Messias prometido.⁵

2. BALAAO E A MENSAGEM DE DEUS (Nm 22:36 - 23:26)

O fato de o rei sair ao encontro de um homem do povo mostra quanto Balaque estava ansioso para começar seu ataque a Israel. Por que Balaão havia demorado tanto a chegar? A oferta de Balaque não havia sido generosa o suficiente? O profeta não percebia quão grave era a situação? Balaão não se defendeu nem explicou seu atos, mas deixou claro que tudo o que podia fazer era pronunciar as palavras que Deus lhe desse. O rei ofereceu sacrifícios a seu deus, Baal, e provavelmente deu a Balaão algumas das entranhas dos animais, a fim de que Balaão as usasse para suas adivinhações.

A primeira bênção (22:39 - 23:12). Na manhã seguinte, Balaque levou Balaão para Bamote-Baal ("os lugares altos de Baal"), de onde podiam ver o acampamento de Israel e oferecer mais sacrifícios a Baal. Balaão não ficou simplesmente esperando a mensagem de Deus, mas usou esses sacrifícios como parte de suas feitiçarias e adivinhações (Nm 24:1). Em sua graça e bondade, o Senhor usou esse homem perverso e o fingimento desse adivinho, pois tinha uma mensagem especial para declarar sobre Israel, o povo de Deus.

A mensagem que Deus deu a Balaão enfatizava diversas verdades fundamentais

sobre o povo de Israel. Deus havia abençoado especialmente os israelitas, de modo que não poderiam ser amaldiçoados (Nm 23:7, 8). Isso fazia parte da aliança de Deus com Abraão (Gn 12:1-3) e tem se cumprido ao longo da história. Deus julgou cada governante e nação que causou sofrimento a seu povo, inclusive o Egito, a Assíria, a Babilônia e a Alemanha nazista.

Nenhuma nação tem sido tão abençoada por Deus como Israel, não apenas com bênçãos materiais e com proteção divina, mas principalmente com bênçãos espirituais para serem compartilhadas com o mundo todo. Paulo apresenta uma lista de algumas dessas bênçãos em Romanos 9:1-5. Israel deu ao mundo o conhecimento do verdadeiro Deus vivo, a Palavra de Deus em sua forma escrita e Jesus Cristo, o Salvador do mundo.

A segunda verdade fundamental proclamada por Balaão foi que os israelitas eram escolhidos por Deus e, portanto, eram uma nação separada das outras (Nm 23:9). O Senhor havia declarado isso a Israel no monte Sinai (Êx 19:5, 6), e as leis que havia lhes dado permitiam que vivessem como um povo especial. Em sua mensagem de despedida para os israelitas, Moisés também enfatizou o caráter singular de Israel como povo de Deus (Dt 4:20; 14:2, 21; 26:18, 19; 32:8, 9; 33:3, 28, 29) e lembrou os israelitas de que Deus os escolheu porque os amava (Nm 7:6-8). Ver também Levítico 20:26; 1 Reis 8:52, 53; Amós 3:2; e Isaías 43:21.

A grande tentação de Israel era querer ser como as outras nações, e foi isso o que causou sua ruína e que levou o povo ao cativeiro. Em vez de se alegrarem com sua singularidade como povo do verdadeiro Deus vivo, os israelitas imitaram a conduta e a adoração das nações vizinhas, e Deus teve de discipliná-los. Em lugar de permitir que Deus governasse como seu Rei, pediram um rei, "como o têm todas as nações" (1 Sm 8:5), e isso causou à nação todo tipo de transtorno.

Infelizmente, muitas pessoas na Igreja de hoje têm a idéia equivocada de que uma forma de alcançar o mundo é ser como ele. Esquecem que a Igreja é o povo de Deus,

um povo muito especial, salvo pela graça do Senhor. Em vez de manterem a separação (2 Co 6:14 - 7:1), promovem a imitação (1 Jo 2:15-17; Rm 12:2), de modo que está cada vez mais difícil distinguir entre o povo de Deus e o povo do mundo. No entanto, como Campbell Morgan nos lembrou: "A Igreja contribuía mais com o mundo quando era menos parecida com ele".

A terceira ênfase de Balaão foi sobre a vastidão do acampamento de Israel, mesmo que estivesse vendo apenas uma pequena parte dele (Nm 22:41). Seu uso da palavra "pó" nos lembra das promessas de Deus a Abraão, e seus descendentes de que se multiplicariam e se tornariam tão numerosos quanto o pó da terra (Gn 13:16; 28:14). Nações surgem e desaparecem, mas apesar de todas as suas provações, os israelitas jamais foram destruídos. Antes, multiplicaram-se e, hoje, encontram-se espalhados por todo o mundo.

Balaão foi enviado para amaldiçoar Israel, no entanto terminou seu oráculo dizendo que desejava *ser como Israel*: "Que eu morra a morte dos justos, e o meu fim seja como o dele" (Nm 23:10). Contudo, não se pode ter a morte do justo a menos que se viva como um, e isso era algo que Balaão não estava disposto a fazer. O amor ao dinheiro controlava sua vida de tal modo que ele faria qualquer coisa para obter riquezas. Balaão morreu com os perversos quando Israel derrotou os midianitas (Nm 31:8), e seu fim foi o juízo eterno.

Quando Balaque reclamou da bênção, Balaão só pôde dar uma resposta: as palavras haviam vindo de Deus, e era isso o que ele devia falar. Balaão poderia ter inventado a maldição e enganado Balaque, mas o Senhor não permitiu que ele o fizesse, pois, um dia, as bênçãos proferidas pelo adivinho fariam parte da Palavra de Deus.

A segunda bênção (vv. 13-26). A fim de encorajar Balaão a fazer aquilo para o que havia sido pago - amaldiçoar Israel -, Balaque pediu a seu profeta contratado que visse a situação de outro ângulo. Levou-o para o alto do monte Pisga onde, mais uma vez, ofereceram sacrifícios a seus deuses (vv. 13,

14; ver Dt 34:1-4). O fato de Balaão ter participado desses rituais pagãos de ocultismo demonstra a perversidade de seu coração. Ele proferia a Palavra de Deus e ansiava morrer como os justos, mas não via nada de errado em usar encantamentos ou em relacionar-se com Satanás (Nm 24:1). Era um homem dobre, cujo maior desejo era ganhar o máximo possível de dinheiro vendendo seus serviços.

A primeira bênção retratava Israel como um povo *escolhido* por causa do amor de Deus e a segunda mostra os israelitas como um povo *conquistador* por causa da fidelidade de Deus. O Senhor não mente, de modo que todas as suas promessas e aliança são certas. Ele não muda e, portanto, seu caráter permanece o mesmo. Ele não é fraco, mas tem todo o poder de cumprir suas promessas, e ninguém pode manipular nem controlar o Senhor.⁶ Deus estava com o povo de Israel e governava como seu Rei.

Foi Deus quem deu a Israel suas vitórias, começando com seu êxodo do Egito. A nação era como boi selvagem em sua força e como uma leoa e um leão em sua determinação de capturar sua presa e matá-la. Assim, nenhum encantamento podia prosperar contra o povo de Deus, pois o Senhor estava operando neles e por meio deles. "Que coisas tem feito Deus!" (Nm 23:23).

Quando Deus olhava para Israel, não contemplava a iniquidade nem a perversidade e, portanto, não tinha motivo para julgar a nação. Era um "reino de sacerdotes e nação santa" (Êx 19:6), mesmo que o Senhor tivesse de discipliná-los por sua incredulidade e desobediência. Os cristãos, hoje, são o povo escolhido de Deus (Ef 1:4), ocultos em Cristo (Cl 3:3), revestidos de sua justiça (2 Co 5:17, 21) e assentados com ele nos lugares celestiais (Ef 2:4-6). Pelo fato de estarmos "em Cristo", Deus nos vê como seu povo especial (1 Pe 2:5, 9, 10) e nos trata como tal.

Mais uma vez, Deus transformou a maldição em bênção!

As batalhas que o povo de Deus enfrenta, hoje, não são contra carne e sangue aqui

na Terra, mas com as hostes de Satanás nas regiões celestes (Ef 6:10ss), e não podemos alcançar a vitória com nossas próprias forças. Devemos, antes de tudo, nos ver como povo de Deus, comprado pelo sangue de Cristo, com o Espírito Santo habitando dentro de nós, e sendo “mais que vencedores” (Rm 8:37) por meio de Cristo. Nossa proteção

é “toda a armadura de Deus”, e nossas principais armas são a Palavra de Deus e a oração (Ef 6:13-20; At 6:4).

Enquanto Israel andasse com Deus e obedecesse à sua Palavra não sofreria derrotas, e Deus faria grandes maravilhas por eles. “E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4).

1. Infelizmente, essa “guerra espiritual” tem sido caricaturada e desacreditada por algumas pessoas como uma “caça às bruxas”. Também é uma pena que algumas pessoas bem-intencionadas que acreditam na “guerra espiritual” tenham desenvolvido uma teologia que não está de acordo com os ensinamentos bíblicos. Para apresentações bíblicas equilibradas, ver Neil T. Anderson, *Quebrando Correntes* (Mundo Cristão) e *Released from Bondage* (Here's Life); Clinton E. Arnold, *3 Crucial Questions About Spiritual Warfare* (Baker); Mark I. Bubeck, *O Adversário* (Vida Nova) e *Vencer o Adversário* (Vida Nova); Sydney H. T. Page, *Powers of Evil* (Baker); Timothy Warner, *Spiritual Warfare* (Crossway); e Warren W. Wiersbe, *A estratégia de Satanás* (Editora Batista Regular-- EBR).
2. A palavra hebraica traduzida por “encantamentos”, em Números 22:7, 23:23 e por “adivinhação”, em Josué 13:22, com referência a Balaão também é empregada para descrever as práticas de ocultismo da médium de Endor (1 Sm 28:8) e a obra dos falsos profetas (Jr 14:14; 2 Rs 17:17; Ez 13:6, 23). Balaão não era um profeta no sentido bíblico, mesmo que Deus o tenha usado para transmitir oráculos verdadeiros sobre Israel (Nm 23:2). Se Deus falou por meio da jumenta de Balaão (Nm 22:22-30) e comunicou suas verdades a Faraó (Gn 41:15ss), a Abimeleque (Gn 20) e a Nabucodonosor (Dn 4), então certamente podia falar a Balaão e por intermédio dele. Pedro chama Balaão de profeta em 2 Pedro 2:15, mas o contexto indica que o termo significa “falso profeta”.
3. Uma vez que Balaão encontrava-se em Petor (Nm 22:5), os homens tiveram de viajar para além do Eufrates a fim de chegar até ele, uma distância de talvez até 525 quilômetros.
4. O fato de Balaão ter chamado Jeová de “SENHOR, meu Deus” (Nm 22:18) não significa, de maneira alguma, que ele cria verdadeiramente no Deus de Israel. Através do Espírito Santo (Nm 24:2), Deus deu a Balaão a mensagem que desejava que transmitisse, mas nem isso é prova de fé salvadora na vida de Balaão. O adivinho proferiu a Palavra de Deus (Nm 22:8, 18, 20, 35, 38; 23:5, 16; 24:4, 16), mas não tinha a fé salvadora no Deus da Palavra. Ver João 11:45-53, em que encontramos um paralelo.
5. O texto nos diz, pelo menos nove vezes, que Balaão falou “a palavra do SENHOR” (Nm 22:8, 18, 20, 35, 38; 23:5, 16; 24:4, 16; e ver 23:12 e 26). O fato de Balaão, em si, ser desviado da verdade e ganancioso não foi impedimento para que o Espírito (Nm 24:2) usasse sua mente e sua língua para comunicar a verdade inspirada. Na realidade, só essa experiência impressionante deveria ter sido suficiente para levar Balaão ao arrependimento, mas ele persistiu em seus pecados.
6. O objetivo da religião pagã era controlar os deuses e conseguir que eles fizessem aquilo que os adoradores desejavam, quer fosse derrotar inimigos, quer dar colheitas abundantes. Em suas negociações com os deuses, os povos pagãos chegavam a extremos de todo tipo, a ponto de sacrificar os próprios filhos. Esse tipo de “adoração” era proibido em Israel, pois Jeová é absolutamente distinto dos deuses pagãos.

PRINCIPADOS E POTESTADES – PARTE II

NÚMEROS 23:27 – 25:18

1. BALAÃO E A MENSAGEM DE DEUS (NM 23:27 – 24:25)

Balauque levou Balaão para o alto de Peor, um monte associado ao deus pagão Baal (Nm 25:3, 5; Dt 4:3; Sl 106:28, 29; Os 9:10). Construíram os altares costumeiros e sacrificaram os animais, porém, dessa vez, Balaão não tentou usar seus encantamentos. Em vez disso, contemplou o acampamento de Israel, e o Espírito de Deus veio sobre ele e deu-lhe as palavras da terceira bênção.

A terceira bênção (23:27 – 24:14). A ênfase dessa bênção é sobre o contentamento do povo de Deus com sua própria terra. No oráculo, a conquista de Canaã chegou ao fim (Nm 24:8, 9), os inimigos foram derrotados e Israel está desfrutando a abundância da provisão de Deus na “terra que mana leite e mel”. A terra prometida é um paraíso com fontes copiosas de água, um bem precioso no Oriente, e as moradas de Israel são como belas flores e árvores num jardim. Essa beleza e abundância na terra são resultado das bênçãos do Senhor.

Na segunda bênção, Balaão viu Deus como o Rei de Israel (Nm 23:21), mas, nesse caso, vê a nação sendo governada por seu próprio rei, alguém maior do que Agague (Nm 24:7). Uma vez que o nome Agague aparece séculos depois (1 Sm 15:9), pode ter sido o título oficial dos governantes amalequitas, como era “Faraó” no Egito e “Abimeleque” em Gerar (Gn 20; 26). Quando Israel estava a caminho do monte Sinai, os amalequitas atacaram o povo, mas foram derrotados pelas orações de Moisés e pelos soldados de Josué, e os amalequitas tornaram-se inimigos declarados dos israelitas (Êx 17:8-16).

A qual rei de Israel essa profecia faz referência? Certamente não ao rei Saul, que não conseguiu exterminar os amalequitas e morreu em desgraça. É possível que fale do rei Davi, mas sem dúvida aponta para Jesus Cristo, que é “o mais elevado entre os reis da terra” (Sl 89:27). Essas palavras parecem conter uma profecia dupla, pois durante o reinado de Jesus Cristo sobre o reino messiânico prometido, a terra de Israel se tornará como o jardim do Éden (Is 35).

Balaão repete as imagens do boi e do leão (Nm 24:8, 9; ver 23:22, 24) e encerra sua bênção com uma citação da aliança de Deus com Abraão (Nm 24:9; Gn 12:3; 27:29). Balaão não gostou do que o adivinho disse, especialmente da ameaça de ser amaldiçoado caso lançasse maldição sobre Israel. Mandou Balaão para casa e recusou-se a lhe pagar, pois não havia feito seu trabalho como deveria. Pelo fato de Balaão ouvir ao Senhor e de falar somente sua Palavra, o rei Balauque concluiu que o Senhor havia roubado Balaão de sua recompensa!

Balaão concordou em voltar para casa, mas não sem antes proferir a quarta bênção. Contudo, Balaão ficou com Balauque tempo suficiente para tramar o banquete sedutor que levou à contaminação e à derrota de Israel. Balaão não foi capaz de amaldiçoar os israelitas, mas conseguiu tentá-los à descendência com a idolatria.

A quarta bênção (vv. 15-19). O prefácio é semelhante àquele da terceira bênção (vv. 3, 4), enfatizando que aquilo que Balaão viu e ouviu veio do Senhor e foi tão sobrepujante que fez o profeta prostrar-se. Seria de se esperar que uma experiência extraordinária como essa com o Deus vivo teria levado Balaão a uma atitude de submissão e de fé, mas não foi o que aconteceu. Esse episódio mostra como um incrédulo pode aproximar-se tanto do conhecimento do Senhor e, ainda assim, rejeitar a verdade (Mt 7:15-23).¹

A visão é rápida e objetiva: concentra-se na vida do Messias de Israel e em suas conquistas “nos últimos dias” (Nm 24:14). As imagens da estrela e do cetro referem-se à realeza e ao reino do Messias (Gn 49:10; Ap 22:16), e as palavras “de Jacó sairá o

dominador”, sem dúvida, dizem respeito ao Messias (Nm 24:19; Sl 72:8; Zc 9:10; Ap 1:6). Apesar de parte dessa profecia ter se cumprido em menor escala com as conquistas de Davi, Jesus, o Filho de Davi, irá cumpri-las em sua totalidade quando conquistar seus inimigos e estabelecer seu reino aqui na Terra (Ap 19:11 - 20:6).

No entanto, o adivinho ainda não havia terminado. No alto do monte Peor, teve visões sobre outras nações e previu o destino delas. *Amaleque* (Nm 24:20) foi a primeira nação a atacar Israel depois da saída do Egito (Êx 17:8-16), mas seria finalmente derrotada e exterminada por Davi (1 Sm 27:8, 9; 2 Sm 8:11, 12). Os *queneus* (Nm 24:21, 22) eram um povo nômade que vivia no meio dos midianitas.² Habitava as regiões montanhosas, mas seu “ninho” não o protegeria da invasão dos assírios (Assur), que o levariam para o cativeiro. O destino das nações está nas mãos de Deus (At 17:24-28), e nenhuma nação ou indivíduo poderia sobreviver sem a misericórdia de Deus (Nm 24:23).

As previsões do versículo 25 são difíceis de interpretar, mas como afirma o Dr. Roland B. Allen: “Uma nação se levantará e suplantará outra, mas em seguida será arruinada. Em contraste com isso, fica implícita a bênção permanente do povo de Israel e a promessa infalível de um futuro libertador que terá a vitória final”.³ É impressionante Deus ter dado essa visão a um adivinho gentio ganancioso em vez de colocar as palavras nos lábios de um profeta consagrado de Israel. Contudo, o Senhor é soberano em todos os seus caminhos, e os seus caminhos são mais elevados que os nossos (Is 55:8-11).

2. BALAÃO E O POVO DE DEUS (NM 25:1-18)

“Então, Balaão se levantou, e se foi, e voltou para a sua terra” (Nm 24:25). Essas palavras não devem ser interpretadas como se significassem que Balaão voltou imediatamente para Petor, pois ele estava entre aqueles que foram mortos quando Israel exterminou os midianitas (Nm 31:8). É provável que “sua terra” queria dizer o lugar onde Balaão estava hospedado enquanto visitava Balaque.

O pecado de Israel (vv. 1-5). Balaão não podia amaldiçoar Israel, mas sabia como contaminá-los e seduzi-los a cair em pecado de modo que fossem julgados por Jeová. Balaão sugeriu a Balaque (Nm 31:16) que os moabitas (Nm 25:1) e midianitas (v. 6) se reunissem para fazer uma festa religiosa em homenagem a Baal e que convidassem os israelitas a participar. É claro que a festa envolveria idolatria e imoralidade abominável e seria uma transgressão flagrante da aliança de Israel com o Senhor. Porém, como descendentes de Ló, sobrinho de Abraão, os moabitas eram aparentados dos israelitas e os midianitas eram aliados de Moabe, de modo que não havia motivo algum para que os israelitas não mantivessem uma política de boa vizinhança. Aquilo que Balaão não conseguiu fazer apelando para demônios ele fez ao convidar os israelitas para “se divertirem” em Baal-Peor.

Essa é a primeira ocasião em que as Escrituras registram Israel adorando a Baal, mas certamente não é a última. Baal era o principal dos deuses cananeus e responsável especialmente pelas chuvas e pela fertilidade. Até o cativeiro na Babilônia, os israelitas eram um povo agrícola e, quando havia uma seca, buscavam com frequência a ajuda de Baal em vez de voltarem-se para o Senhor. Os rituais de fertilidade cananeus envolviam prostituição cultural masculina e feminina e incentivavam todo tipo de imoralidade sexual. Tanto a idolatria quanto a imoralidade eram proibidas pela lei de Deus (Êx 20:1-5, 14).

Era de se esperar que os israelitas se lembrassem das experiências extraordinárias no Sinai quando entraram em aliança com o Senhor. Também seria de se imaginar que se recordassem da idolatria do povo no Sinai, quando Arão fez o bezerro de ouro e Deus julgou a nação (Êx 32). Aquele acontecimento também envolveu adoração a um ídolo e imoralidade. Israel era um povo especial, o “reino de sacerdotes” de Deus, e não devia se misturar com os moabitas e midianitas pagãos nem adorar seus falsos deuses.

O Senhor enviou uma praga que começou a matar o povo, de modo que Moisés

entrou em ação. Seguindo as instruções de Deus, ordenou aos juízes de cada tribo que matassem as pessoas que haviam liderado Israel naquele pecado terrível e que expusessem o corpo delas como aviso para o resto do povo. Contudo, houve um ato específico de julgamento que ajudou a acabar com a praga e a salvar o resto do povo.

A coragem de Finéias (vv. 6-15). Zinri, um líder da tribo de Simeão (v. 14), não apenas participou da festa idólatra como também levou uma mulher midianita, chamada Cosbi (v. 15), de volta ao acampamento israelita e conduziu-a abertamente até sua tenda diante dos olhos de Moisés e dos israelitas que choravam à porta do tabernáculo.⁴ Foi um pecado arrogante para o qual não havia perdão. Zinri era um príncipe de Israel e Cosbi era filha de um príncipe, de modo que, talvez, tivessem pensado que sua posição social lhes dava o privilégio de pecar.

Finéias, neto de Arão, deixou a reunião de oração e foi atrás do casal, matando os dois na tenda de Zinri ao atravessar ambos ao mesmo tempo com uma lança. Isso fez cessar a praga, mas, àquela altura, vinte e quatro mil pessoas já haviam morrido (Dt 4:3-4).⁵ Assim como Abraão quando ofereceu Isaque (Gn 22; Tg 2:21-24), Finéias demonstrou sua fé por meio de suas obras, e isso “lhe foi atribuído para justiça” (Sl 106:28-31).

Em função de seu zelo pela honra do Senhor, Finéias recebeu a recompensa especial de um sacerdócio perpétuo para si e para seus descendentes. Finéias não sabia da recompensa antes de tomar uma atitude, de modo que sua motivação não foi egoísta. Ele foi impelido por seu zelo pela honra de Deus e pela autoridade da lei divina. Finéias acompanhou Moisés quando Israel atacou os midianitas (Nm 31:5, 6), demonstrando que não tinha medo da batalha. Também foi encarregado de supervisionar os porteiros do tabernáculo, e o Senhor esteve presente com ele em seu ministério (1 Cr 9:20). Guardar o santuário do Senhor é um trabalho de grande responsabilidade, mas Finéias possuía a convicção e a coragem necessárias para fazê-lo bem.

O julgamento de Midiã (vv. 16-18). Deus declarou que os midianitas deviam ser considerados inimigos de Israel e que deviam ser mortos. O relato de Moisés cumprindo essa ordem encontra-se em Números 31:1-24. Como observamos anteriormente, Balaão, o homem que planejou a festa idólatra, morreu nessa ocasião.

Aqueles que criticam o Senhor e as Escrituras pelo massacre desses povos não compreendem que Deus havia sido paciente com essas nações séculos a fio (Gn 15:16), dando-lhes inúmeras oportunidades de se arrepender. Havia se revelado a elas por meio da natureza (Rm 1:18ss; Sl 19) bem como por meio dos juízos que enviou contra o Egito, dos quais tiveram notícia (Js 2:8-14). Suas práticas religiosas eram abominavelmente imundas, e a única forma de Deus remover esse câncer era eliminar de todo aquelas civilizações. Israel tinha uma tarefa importante a cumprir para o Senhor, e a presença daquelas nações perversas só serviria de tentação para os israelitas pecarem.

3. BALÃO E A IGREJA DE HOJE

Como povo de Deus nos dias de hoje, não devemos pensar que as narrativas do Antigo Testamento são simplesmente história antiga e relatos interessantes de se ler. Até que o Novo Testamento fosse escrito, as únicas Escrituras que a Igreja primitiva possuía eram os livros do Antigo Testamento, e por meio deles os primeiros cristãos puderam ser encorajados e esclarecidos. Esses acontecimentos da história de Israel servem de advertência para não desobedecermos ao Senhor (1 Co 10:1-13) bem como de encorajamento para edificar nossa fé (Hb 11) e nossa esperança (Rm 15:4).

Balaão é mencionado por três escritores do Novo Testamento: Pedro (2 Pe 2:15, 16), Judas (Jd 11) e João (Ap 2:14).

O “caminho de Balaão” (2 Pe 2:15, 16).

O segundo capítulo de 2 Pedro concentra-se no perigo de falsos mestres infiltrarem-se na igreja e levarem o povo a se desviar. Pedro promete que Deus julgará esses enganadores (v. 3), mas também adverte os cristãos de que devem usar de discernimento espiritual,

a fim de não cair nas armadilhas de falsas doutrinas. Esses falsos mestres eram como Balaão, no sentido de que sabiam o caminho certo, mas desviaram-se dele, eram gananciosos e conduziam o povo à imoralidade (v. 14). Na verdade, ao ler esses capítulos, vemos uma apresentação das características de Balaão.

O "caminho de Balaão" é o estilo de vida dele como adivinho e falso profeta. Sua motivação era ganhar dinheiro e, em vez de usar suas oportunidades para servir a Deus e a seu povo, aproveitou-se delas para satisfazer sua ganância. Em outras palavras, era um mercenário que se vendia para quem pagasse mais. Usava a "religião" como uma forma de ganhar dinheiro e de satisfazer seus desejos pecaminosos. Também usava a "religião" para seduzir as pessoas ao pecado.

Balaão sabia que Deus não queria que ele voltasse com a delegação nem que servisse ao rei Balaque, mas contornou a vontade de Deus e foi a Moabe. De acordo com o pastor inglês F. W. Robertson: "Ele buscou a Deus para mudar sua obrigação e não para saber qual era ela".⁶ Não importava o que dizia da boca para fora, Balaão tinha interesses secretos que, na verdade, não eram segredo algum para Deus. Ainda que não governe as decisões da vida de uma pessoa, o Senhor prevalece e cumpre seus propósitos, mas *quem sai perdendo é o servo desobediente.*

Deus usou um "mudo animal de carga" para repreender Balaão e para tentar conduzi-lo de volta ao caminho certo, mas em momento algum o coração de Balaão mudou. A visão do Anjo do SENHOR pode tê-lo assustado, mas não levou o adivinho a entregar sua vida e a crer. Balaque havia lhe prometido grandes riquezas, e Balaão iria conseguí-las de um jeito ou de outro.

Quando estamos andando "no caminho de Balaão"? Quando nos rebelamos deliberadamente contra a vontade revelada de Deus e tentamos mudá-la. Quando temos motivações egoístas e perguntamos: "O que vou ganhar com isso?" Quando levamos outras pessoas a pecar para que levemos alguma vantagem. É possível que Paulo estivesse

pensando em Balaão quando escreveu 1 Timóteo 6:9, 10, palavras que precisam ser levadas a sério em nosso tempo. A "religião" é um "grande negócio" hoje em dia, e é fácil pregadores, músicos, executivos, escritores e outros profissionais dedicados à obra cristã acabarem se preocupando mais com o dinheiro e com a reputação do que com valores espirituais e com o caráter cristão.

O "erro de Balaão" (Jd 11). Assim como Pedro, Judas escreveu para advertir a Igreja sobre falsos mestres (vv. 3, 4). Na verdade, a carta de Judas é uma repetição daquilo que Pedro escreveu em 2 Pedro 2, de modo que o Senhor nos deu uma advertência dupla. Isso nos mostra quão sério é o perigo e quão grande é nossa responsabilidade de identificar e de derrotar esses falsos mestres insidiosos. Infelizmente, muitas pessoas que se dizem cristãs não se preocupam com a doutrina bíblica e tornam-se vítimas fáceis de influências heréticas. É fato comprovado que a maior parte dos membros de seitas são ex-membros de igrejas tradicionais. Os sectários não procuram ganhar almas perdidas, pois não têm qualquer mensagem de salvação para elas. Em vez disso, atraem recém-convertidos e os escravizam com suas falsidades (vv. 18, 19).

O erro de Balaão não foi apenas pensar que podia desobedecer a Deus e escapar incólume, mas também achar que aqueles a quem ele seduziu a pecar também sairiam ilesos. Os falsos profetas do tempo de Pedro e de Judas iam à caça de pessoas ignorantes e tentavam conduzi-las ao pecado (vv. 10, 13, 18; Jd 4, 8, 18, 19), sempre encobrindo tudo com um manto de "religiosidade". Se o maior mal de todos é a deturpação do maior bem de todos, então esses falsos mestres eram, de fato, os maiores pecadores de todos, pois usavam a fé cristã como pretexto para seus atos de perversidade.

Sem dúvida a "ganância" era a motivação por trás de tudo o que faziam (Jd 11), sendo que isso podia significar várias coisas: dinheiro, poder sobre as pessoas, popularidade e prazeres sensuais. Judas Iscariotes usou o ministério para benefício próprio (Jo 12:6), mas acabou cometendo suicídio.

“A doutrina de Balaão” (Ap 2:14). Trata-se da doutrina que Balaão seguiu quando seduziu Israel a participar de uma festa idólatra em Baal-Peor e cometer atos imorais com os midianitas (Nm 25). O mundo expressaria tal doutrina como: “Quando em Roma, faça como os romanos. Não seja um separatista pretensioso. Seja uma pessoa sociável e agradável. Afinal, vivemos numa sociedade pluralista, então aprenda a respeitar o modo de vida e as crenças dos outros”. Mas do ponto de vista Deus, o que Israel fez foi uma transigência e uma transgressão de sua aliança no Sinai.

O problema em Pérgamo era que falsos mestres haviam se infiltrado na igreja e estavam atraindo pessoas para festas em templos idólatras.⁷ Em Baal-Peor, o pecado do povo havia sido uma combinação de idolatria e de imoralidade, mas não era assim que os falsos mestres apresentavam sua doutrina. Ensinavam que a graça de Deus dava a seu povo a liberdade de pecar, mas Judas chamou isso de “[transformar] em libertinagem a graça de nosso Deus” (Jd 4; e veja Rm 6:1ss).

Os israelitas eram o povo escolhido de Deus, separados das outras nações para servir e para glorificar ao Senhor. Não deviam adorar os ídolos dos povos vizinhos nem tomar parte em suas festividades. Quando entrassem na terra prometida, deviam destruir todos os altares e templos e dar cabo de todos os ídolos (Dt 7; Js 23) para que Israel não fosse tentado a deixar o verdadeiro Deus vivo e a começar a imitar seus vizinhos pagãos. É triste dizer que foi exatamente isso o que aconteceu depois da morte de Josué (Jz 2:10 - 3:6).

A doutrina de Balaão é a mentira de que é permitido aos salvos viver como não salvos,

que a graça de Deus dá o direito de desobedecer à lei divina. Ao longo de todo o Antigo Testamento, a transigência de Israel com a idolatria é chamada de “adultério” e de “ser infiel”, pois a nação “casou-se” com Jeová no Sinai (ver Jr 2:19, 20; 3:1-11; Ez 16; 23; e Os 1 - 2). Essa mesma imagem de “casamento” é usada para falar da relação de Cristo com a Igreja no Novo Testamento (2 Co 11:1-4; Ef 5:22-33; Tg 4:4; Ap 19:6-9). A condescendência do cristão com o pecado é como o marido ou a esposa que comete adultério.

Qualquer ensinamento que facilite ou que permita o pecado é uma falsa doutrina, pois a Palavra de Deus nos foi dada a fim de nos capacitar para uma vida de santidade (1 Tm 6:3, 4; Tt 1:1). Paulo enfatiza a necessidade de a igreja ter uma “sã doutrina”, ou seja, uma “doutrina saudável” (1 Tm 1:10; 2 Tm 4:3; Tt 1:9; 2:1),⁸ sendo que o apóstolo compara a falsa doutrina a um câncer (2 Tm 2:17).

Séculos atrás, quando Israel matou Balaão, não conseguiu matar as mentiras que continuaram a influenciar os israelitas depois que conquistaram Canaã (Js 22:15-18). Essas mentiras ainda exercem influência sobre indivíduos e igrejas hoje em dia, e o câncer da condescendência enfraquece nosso testemunho e consome nossa energia espiritual (2 Co 6:14 - 7:1).

Devemos dar ouvidos à admoestação de F. W. Robertson: “Irmãos, tenham cuidado. Vejam como um homem pode proferir palavras agradáveis, verdades ortodoxas e, no entanto, ter um coração corrompido”.⁹

“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4:23).

1. No versículo 16, Balaão usou três nomes para Deus: *El*, *Elyon* (Altíssimo) e *Shaddai* (Todo-Poderoso). Ele possuía um conhecimento racional do Deus de Israel, mas não um relacionamento de coração.
2. O sogro de Moisés é chamado tanto de queneu (Jz 1:16) quanto de midianita (Nm 10:29).
3. GAEBELEIN, Frank E. (Edit. Geral). “Numbers”. *The Expositor’s Bible Commentary*, Grand Rapids: Zondervan, 1990, p. 913.
4. Alguns comentaristas sugerem que os dois haviam cometido seu ato de perversidade bem diante do tabernáculo ou mesmo dentro dos limites do tabernáculo, como se desejassem provocar o Senhor ainda mais. Tendo em vista que haviam feito isso diante de Baal, no acampamento dos midianitas, por que não diante de Jeová, no acampamento de

- Israel? No entanto, as palavras “até ao interior da tenda”, no versículo 8, indicam que se tratava da tenda de Zinri e não do tabernáculo em si.
5. 1 Coríntios 10:8 diz que vinte e três mil pessoas morreram, de modo que parece haver uma contradição. Há várias respostas possíveis. O versículo 7 sugere que a referência no versículo 8 não é ao pecado em Baal-Peor, mas no Sinai, quando os israelitas adoraram o bezerro de ouro. Êxodo 32 não registra quantos morreram por causa do bezerro de ouro, mas Paulo o diz em 1 Coríntios 10:8. Outra possibilidade é que vinte e três mil tenham morrido com a praga que Deus mandou e que outros mil tenham sido mortos pelos juízes (Nm 25:5).
 6. ROBERTSON, F. W. *Sermons: Fourth Series*. Londres: Kegan, Paul, Trench, Trubner, 1900, p. 39.
 7. A Conferência de Jerusalém tentou resolver esse problema (At 15:19-29), e Paulo tratou da questão em 1 Coríntios 8 - 10. A carne mais barata era vendida nos templos pagãos, e as guildas (associações de profissionais) muitas vezes realizavam suas reuniões e jantares em templos, de modo que era tentador para os cristãos fazer como todo mundo.
 8. A palavra grega *hygeia* traduzida por “sã” é a origem do termo “higiene”. *Hygeia* era a deusa grega da saúde.
 9. ROBERTSON, op. cit., p. 50.
-

UM RECOMEÇO

NÚMEROS 26 – 29; 36

A transição entre os capítulos 25 e 26 nos lembra da transição entre os capítulos 14 e 15, pois em ambos os casos o Senhor passou do julgamento para a misericórdia e do castigo para a promessa. Em Cades-Barnéia e em Baal-Peor, Israel havia pecado gravemente e Deus o havia disciplinado, mas, em sua graça, dera-lhe o perdão e a oportunidade de um recomeço. O escriba Esdras expressou essa verdade em sua oração de confissão quando disse: “Tu, ó nosso Deus, nos tens castigado menos do que merecem as nossas iniquidades” (Ed 9:13). Davi também sentiu-se assim quando escreveu: “Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades” (Sl 103:10).

Enquanto Israel encontrava-se na planície de Moabe, Moisés cumpriu quatro tarefas importantes, a fim de preparar Israel para o que teriam pela frente.

1. A CONTAGEM DOS SOLDADOS (Nm 26:1-51)

Quando Israel entrou no vale de Zerede (Nm 21:12), a geração mais velha havia morrido (Dt 2:14,15), com exceção de Moisés, Calebe e Josué (Nm 26:63-65), e não tardaria para que Moisés também falecesse. Israel estava recomeçando graças à fidelidade e misericórdia de Deus. Era hora de realizar um censo da nova geração e de começar a olhar para o futuro.

Moisés tinha dois propósitos em mente quando realizou o segundo censo.¹ Como foi o caso no primeiro censo (Nm 1:1-46), precisava saber quantos homens havia com vinte anos ou mais que podiam servir no

exército. O segundo propósito do censo era ter uma idéia de quanta terra cada tribo precisaria quando Israel se assentasse em Canaã e se apropriasse de sua herança (Nm 26:52-56). A incumbência de dividir as terras entre as tribos ficaria a cargo de Josué, do sumo sacerdote Eleazar e de dez líderes representando as tribos que se assentariam a oeste do rio Jordão (Nm 34:16-29).

O primeiro censo havia mostrado a existência de 603.550 soldados disponíveis (Nm 1:45, 46), enquanto o total do segundo censo foi de 601.730 (Nm 26:51), apresentando um pequeno decréscimo. Ao levar em consideração que todos os homens que haviam morrido nos trinta e oito anos anteriores, com exceção de apenas 1.820 homens, tinham sido substituídos por uma nova geração, vemos que esse total é impressionante. Assim como Deus havia multiplicado seu povo durante os anos de sofrimento no Egito (Êx 1:7, 12), também os tornou férteis durante os anos em que vagaram pelo deserto. O Senhor foi fiel no cumprimento de suas promessas da aliança (Gn 12:2; 15:5; 22:17).

A diminuição do número de soldados foi mais expressiva nas tribos de Gade, Simeão e Rúben, sendo que a tribo de Simeão teve o maior decréscimo, de 59.300 para 22.200. Essas três tribos acampavam juntas do lado sul do tabernáculo e podem ter sido uma influência negativa umas para as outras. Datã e Abirão pertenciam à tribo de Rúben e foram parte da rebelião de Corá, em que quase quinze mil pessoas morreram (Nm 26:9-11; 16:35, 49). É possível que muitos dos rebeldes fossem dessa tribo. Além disso, Zinri, que pecou atrevidamente no caso de Baal-Peor (Nm 25:6-15), era príncipe da tribo de Simeão. Seu mau exemplo pode ter influenciado outros homens de Simeão a tomar parte na idolatria e na imoralidade dos midianitas, pecados pelos quais também pereceram.

Judá, Issacar e Zebulom, que acampavam do lado leste do tabernáculo, mostraram um crescimento significativo. É estranho que Efraim tivesse perdido 8 mil pessoas, enquanto a tribo de seu irmão, Manassés, ganhou 20 mil novos membros.

Deus poderia ter enviado anjos para limpar toda a terra de Canaã, mas escolheu trabalhar por intermédio de seres humanos, um dia de cada vez. Sem dúvida, Deus é longânimo para com seu povo, e devemos considerar um grande privilégio conhecer o Senhor e poder trabalhar com ele realizando sua obra.

2. A PREPARAÇÃO PARA A HERANÇA (Nm 26:52 - 27:11; 36)

Israel ainda não havia atravessado o rio e entrado na terra prometida e, no entanto, pela fé Moisés já estava preparando as tribos para se apropriarem de suas terras. (O termo “herança” ou “herdar” é usado doze vezes nessa seção.) Com exceção do cumprimento da ordem de Deus de exterminar os midianitas (Nm 25:16-18; 31:1-11), Israel não teria mais batalhas até chegar a Jericó. Apesar de ele próprio não ter permissão de entrar na terra prometida, Moisés passou as últimas semanas de sua vida preparando a nova geração para chegar a Canaã e para tomar posse da terra que Deus prometera lhes dar.

A herança das tribos (26:52-56). Uma vez que a terra tivesse sido conquistada e que Deus tivesse dado descanso a seu povo, Josué, Eleazar e os dez representantes das tribos (Nm 34:16-29) lançariam sortes para determinar a porção de cada tribo na terra (Js 14 - 19). Sem dúvida, o tamanho da tribo ajudaria a determinar a quantidade de terras que receberia. De acordo com o registro do Livro de Josué, algumas tribos aceitaram sua herança de bom grado e puseram-se a trabalhar, a fim de transformar a terra em seu “lar”, mas outras reclamaram das terras que haviam recebido e outras, ainda, partiram para a conquista de mais território. “Faça-se-vos conforme a vossa fé” (Mt 9:29).²

A herança dos levitas (vv. 57-62). Do primeiro para o segundo censo, o número de levitas aumentou de 22 mil (Nm 3:39) para 23 mil (Nm 27:62). Os levitas não receberam seu próprio território, mas foram espalhados no meio do povo pelas quarenta e oito cidades separadas para eles (Nm 35:1-5; Js 21). Havia pelo menos três motivos para isso.

Em primeiro lugar, a dispersão dos levitas cumpria a profecia de Jacó em seu leito de morte, segundo a qual os descendentes de Levi seriam distribuídos por toda a terra (Gn 49:1-7). Levi e Simeão haviam sido violentos no confronto com o povo de Siquém (Gn 34), e Jacó acreditava que seria mais seguro que os filhos de Levi ficassem amplamente dispersos.

Em segundo lugar, estando espalhados por toda a terra, os levitas tinham mais oportunidades de ensinar a lei a um número maior de pessoas e de influenciá-las a ser fiéis ao Senhor. Os pais deviam ensinar aos filhos a Palavra de Deus (Dt 4:1-10; 6:6-15), mas era responsabilidade dos sacerdotes e levitas ensinar ao povo o significado da lei de Deus e as bênçãos decorrentes da obediência a ela (Lv 10:11; 2 Cr 15:3; 17:7; Ml 2:4-7).

O terceiro motivo pelo qual os levitas não herdaram uma parte da terra foi o fato de Deus ser sua herança (Nm 26:62). Eram privilegiados por servir a Deus ao assistir os sacerdotes e tinham parte nos sacrifícios e ofertas que o povo levava ao Senhor (Nm 18:20; Dt 10:9; 12:12; 14:27-29; 18:1, 2; Js 13:14, 33). Os levitas deviam consagrar-se inteiramente ao serviço do Senhor e de seu povo e viver pela fé, tendo suas necessidades supridas por Deus por meio de seu povo.

A herança da família (27:1-11). Uma vez que a terra pertencia ao Senhor (Lv 25:23-28), os israelitas não podiam dividi-la nem dispor dela como bem entendessem. Manter a herança de geração em geração era importante para cada família e para as tribos às quais as famílias pertenciam.³

Assim como outras nações daquela época, Israel era uma sociedade extremamente patriarcal, e os pais deixavam suas propriedades para os filhos. O filho mais velho recebia dois terços da herança, e os outros filhos dividiam o terço restante (Dt 21:15-17). Se um homem não tinha um filho, deixava seus bens para o parente do sexo masculino mais próximo, mas não para uma filha. Quando uma filha se casava, recebia do pai seu dote e deixava de viver na casa de sua família. O dote era sua herança.

As cinco filhas de Zelofeade, da tribo de Manassés, consideraram essa lei da herança injusta e pediram a Moisés, a Eleazar, aos príncipes das tribos e a toda a congregação que considerassem a possibilidade de mudá-la. Por que o nome do pai delas deveria ser apagado de Israel como conseqüência de algo que não podia controlar? A família dele devia ser penalizada por não ter filhos homens?

Por ser sábio, Moisés levou a questão ao Senhor, assim como havia feito com o problema do blasfemador (Lv 24:10-16) e do homem que havia desrespeitado o sábado (Nm 15:32-36). O Senhor concordou com as cinco mulheres e decretou que um pai que não tivesse filhos podia deixar seus bens para a filha. Se não tivesse filhos nem filhas, podia passar a terra para seu parente mais próximo.

Essa decisão de permitir que as filhas herdassem os bens do pai resolveu um problema, porém criou outro, e os líderes da tribo de Manassés apresentaram a questão a Moisés (Nm 36). Se uma filha que havia herdado a terra de seu pai se casasse com um homem de outra tribo, isso faria com que a terra saísse da tribo original e passasse a fazer parte das propriedades do marido. No ano do jubileu (Lv 25:8-24), não poderia voltar à família original, privando a tribo de sua propriedade.

Moisés deve ter levado a questão ao Senhor, pois respondeu: "esta é a palavra que o SENHOR mandou" (Nm 36:6). A solução era ordenar que as filhas que tivessem recebido herança se casassem com homens pertencentes à própria tribo. Esse procedimento simples permitiria que as filhas se casassem, mas ao mesmo tempo manteria a propriedade da família em sua tribo original. As cinco irmãs obedeceram ao decreto e cada uma se casou com um primo.

Na sociedade de hoje, não há necessidade de regras desse tipo, mas eram muito importantes para o povo de Deus na Antiguidade. A terra pertencia a Deus, e ele permitiu que os israelitas a usassem, desde que fossem obedientes a ele. Quando o povo de Israel voltou-se para ídolos e profanou a

terra, Deus permitiu que outras nações invadissem Canaã e roubassem suas colheitas (ver o Livro de Juízes). Quando os pecados de Israel tornaram-se hediondos demais para que Deus pudesse suportá-los, o Senhor tirou seu povo da terra e exilou-o na Babilônia. Lá, aprenderam a dar valor ao que o Senhor lhes havia concedido.

Para os israelitas em Canaã, possuir terras era o alicerce para constituir uma família, ter uma renda, segurança e o suprimento das necessidades da vida. Os profetas condenavam, com freqüência, as pessoas ricas que acumulavam grandes propriedades ao roubar as terras dos pobres (Is 5:8-10; Mq 2:1-3; Hc 2:9-12). A vida ideal para o israelita do Antigo Testamento era ter sua própria terra, poder sentar-se à sombra de sua própria figueira e desfrutar sua família e os rendimentos de seu trabalho (1 Rs 4:25; Mq 4:4).

3. A CONSAGRAÇÃO DE UM NOVO LÍDER (NM 27:12-23)

Ainda que continuasse fisicamente forte, Moisés estava com cento e vinte anos (Dt 31:2; 34:7) e havia chegado a hora de sair de cena. Ele havia conduzido o povo de Israel fielmente durante quarenta anos (At 7:23, 30; Êx 7:7), carregando seus fardos, participando de suas vitórias e ensinando-lhes as leis do Senhor. Deus e Moisés conversavam como amigos, e o Senhor não escondia nada de seu servo.

Moisés e a terra (vv. 12 - 14). Por não terem honrado ao Senhor em Meribá, Moisés e Arão não tiveram permissão de entrar na terra junto com a nova geração (Nm 20:2-13). Moisés pediu repetidamente ao Senhor que o deixasse entrar na terra prometida (Dt 4:23-29),⁴ mas o Senhor não cedeu. Não apenas Moisés precisava ser disciplinado por seu orgulho e ira em Meribá, como também era necessário que não desfigurasse a imagem que seria esclarecida no Livro de Hebreus. Não é a lei (Moisés) que nos concede a herança espiritual, mas sim Jesus (Josué; Hb 4:8 e contexto).⁵

Depois que Moisés transmitiu as mensagens registradas em Deuteronômio, teve permissão de subir ao monte Nebo (Pisga),

na cadeia de montanhas de Abarim, e ver a terra que Israel iria herdar (Dt 32:48-52; 34:1-4). Séculos depois, Moisés e Elias se encontrariam em glória no monte da transfiguração, quando falaram com Jesus sobre sua morte iminente na cruz (Mt 17:1-8); de modo que Moisés chegou, afinal, à Terra Prometida.

Moisés e Josué (vv. 15-23). Em muitas ocasiões durante seu longo ministério, Moisés havia demonstrado ser um verdadeiro líder ao preocupar-se mais com o povo do que consigo mesmo. Por duas vezes, Deus havia feito a oferta de destruir os israelitas e de começar uma nova nação com Moisés, mas ele recusou (Nm 14:11-19; Êx 32:7-14) e, com freqüência, intercedeu pelo povo quando o julgamento de Deus estava prestes a cair sobre ele. Moisés havia sido mal entendido, criticado e quase apedrejado, mas continuou sendo um pastor fiel para seu povo.

Mesmo com sua morte se aproximando, Moisés não pensou em si mesmo, mas no futuro de Israel. Sua grande preocupação era que Deus providenciasse um líder para o povo, pois eles não passavam de ovelhas (Nm 27:17; ver Sl 74:1; 79:13; 95:7; 100:3; 2 Sm 24:7), e ovelhas precisam de um pastor (1 Rs 22:17, Zc 10:2; Mt 9:36; Mc 6:34).

Certamente, não foi motivo de surpresa Josué ter sido escolhido por Deus para tomar o lugar de Moisés, uma vez que Josué havia trabalhado junto com Moisés desde que a nação havia deixado o Egito. Ele liderou o exército israelita na vitória sobre os amalequitas (Êx 17:8-16) e ministrou como servo de Moisés (Êx 24:13; 33:11; Nm 11:28), chegando até a subir o Sinai com Moisés quando Deus deu a lei (Êx 24:13; 32:17). Como um dos doze espias, juntamente com Calebe, encorajou o povo a entrar na terra (Nm 14:6-9). Era cheio do Espírito (Nm 27:18; Dt 34:9) e havia sido disciplinado pelos rigores da escravidão egípcia e pela marcha pelo deserto. Josué era, em todos os aspectos, o sucessor perfeito de Moisés.

Moisés recebeu seu chamado e comissão na solidude do deserto midianita (Êx 3), mas Josué foi comissionado publicamente

por Moisés e Eleazar, o sumo sacerdote. Moisés impôs as mãos sobre seu sucessor e concedeu-lhe a autoridade que havia recebido de Deus, sendo que Eleazar usaria o Urim e o Tumim para ajudar Josué a saber qual era a vontade de Deus (Êx 28:30). Nas semanas seguintes, Moisés transmitiu, gradualmente, mais responsabilidades a Josué, de modo que o povo aprendesse a respeitá-lo e a obedecer a ele como líder escolhido por Deus.⁶ Parte do discurso de comissão de Moisés encontra-se em Deuteronômio 31:1-8, e Deus deu ainda mais encorajamento a Josué em Josué 1:1-9.

Durante os anos que serviu com Moisés, Josué aprendeu alguns princípios valiosos da vida espiritual e de serviço, princípios que ainda têm aplicação nos dias de hoje. Ao ler o Livro de Josué, vemos que ele se preocupava com a glória de Deus e com o bem-estar do povo e que tinha o cuidado de obedecer às ordens que Deus lhe dava. Nas duas ocasiões em que Josué não buscou a vontade de Deus, levou a nação a derrotas vergonhosas (Js 7 e 9), mas pode-se dizer em seu favor que ele confiou em Deus para transformar seus erros em sucesso no final.

Sob a liderança de Josué, os israelitas se uniram para derrotar as nações pagãs em Canaã e para estabelecer a nação de Israel. Antes de morrer, Josué reuniu os líderes e o povo e levou-os a consagrar a si mesmos e a suas famílias ao Senhor, afirmando: "Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR" (Js 24:15).

Uma das responsabilidades dos líderes cristãos de hoje é providenciar para que a geração seguinte esteja preparada para dar continuidade à obra (2 Tm 2:2). A única coisa que impede a extinção da igreja local é a nova geração, e a menos que ensinemos e treínemos novos líderes, colocaremos em perigo o futuro de nossos lares, igrejas e do país.

4. O ENFOQUE SOBRE A ADORAÇÃO (Nm 28:1 - 29:40)

Desde o começo de sua vida como nação, o segredo do sucesso de Israel estava em um relacionamento com o Senhor caracterizado pela fé e a obediência. Os israelitas eram o

povo da aliança de Deus, escolhido por ele para fazer a vontade dele e, por fim, dar ao mundo o Redentor. Uma vez que Israel tivesse se assentado na terra, deveria ter o cuidado de seguir essas instruções exatamente, pois adoravam ao Senhor Deus Todo-Poderoso. As nações pagãs ao redor deles podiam inventar suas próprias formas de adoração, mas Israel deveria levar os sacrifícios certos, na hora certa e da maneira certa, do contrário o Senhor não poderia abençoá-los (Jo 4:22).

Algumas das instruções que aparecem aqui já haviam sido dadas no Sinai, enquanto outras são novas. A base para a adoração dos israelitas era o calendário de dias especiais apresentado em Levítico 23, começando com o sábado semanal e terminando com a festa anual dos Tabernáculos.⁷ As palavras “aroma agradável” aparecem onze vezes nesses dois capítulos (Nm 28:2, 6, 8, 13, 24, 27; 29:2, 6, 8, 13, 36). Cada oferta cumpria um propósito diferente, mas o objetivo maior era agradar ao Senhor e alegrar seu coração. Deus procura verdadeiros adoradores (Jo 4:23) e agrada-se da adoração em amor de seu povo.

Sacrifícios diários (28:1-10). A cada manhã e no final de cada dia, os sacerdotes deveriam oferecer um cordeiro como holocausto. De acordo com a nova instrução, nos sábados eram oferecidos dois cordeiros pela manhã e dois no fim do dia (ver Êx 29:38-43 e Lv 1). O holocausto simbolizava a consagração total ao Senhor, e devemos começar cada dia entregando-nos completamente ao Senhor (Rm 12:1, 2). A vida cristã é um “holocausto contínuo”, com a diferença de que somos sacrifícios vivos.

Ofertas mensais (vv. 11-15). Essa era uma nova instrução para os sacerdotes. O povo de Israel seguia um calendário lunar (Lv 23), e a “lua nova” era comemorada com alegria pela nação como um todo (Nm 10:10; Sl 81:1-3), bem como pelas famílias individuais (1 Sm 20:5, 18, 24). No primeiro dia de cada mês, os sacerdotes deviam oferecer mais um holocausto constituído de dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros de um ano, juntamente com as devidas ofertas de

manjares e libações. Um bode também era sacrificado como oferta pelo pecado. A cada novo mês, Israel deveria recomeçar as ofertas.

Ofertas para os eventos religiosos anuais (28:16 - 29:40). Nessa passagem, encontramos cinco eventos religiosos, começando com a Páscoa. Pentecostes era celebrado sete semanas depois da Páscoa (*pentecostes* significa “quingagésimo dia”, em grego) e também era chamado de “Festa das Semanas”. O sétimo mês do calendário de Israel começava com a Festa das Trombetas (Nm 29:1-6; Lv 23:23-25), indicando o começo do ano civil israelita (*Rosh Hashanah*). No décimo dia desse mês, Israel comemorava o Dia da Expição (Nm 29:7-11; Lv 16; 23:26-32). Cinco dias depois, começava a Festa dos Tabernáculos, que durava uma semana. Era um tempo jubiloso de comemorações pelas colheitas, quando os israelitas viviam em tendas e celebravam os anos passados no deserto. Para cada um desses acontecimentos especiais, os sacerdotes foram instruídos a oferecer os sacrifícios apropriados. Para os cristãos, hoje, esses acontecimentos festivos anuais são uma referência a Cristo e àquilo que fez por nós.

Páscoa (28:16-25; Êx 12). Essa festa comemorava o êxodo de Israel do Egito e marcava o início do calendário religioso de Israel (Êx 12; ver também o v. 2). No décimo quarto dia do mês, o chefe de cada casa levava um cordeiro para ser imolado e, posteriormente, assado e comido, mas no décimo quinto dia, os sacerdotes deviam oferecer no altar sacrifícios semelhantes àqueles apresentados na lua nova: um holocausto de dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros, além de um bode como oferta pelo pecado. Sacrifícios idênticos eram realizados todos os dias durante uma semana, período em que os israelitas comemoravam a Festa dos Pães Asmos e removiam de suas casas qualquer vestígio de fermento.

Para o cristão, a Páscoa refere-se à morte de Cristo na cruz pelos pecados do mundo (Jo 1:29; 1 Co 5:7, 8; 1 Pe 1:18-21; Ap 5:5, 6). O fermento é uma imagem do pecado, e o povo remido de Deus deve remover o

pecado de sua vida e ser um povo santo (1 Co 5:1-8; Gl 5:7-9; Mt 16:6; Mc 8:15; Lc 12:1).

O Pentecostes (28:26-30; Lv 23:15-22) era comemorado cinqüenta dias depois da Páscoa, contando a partir da Festa das Primícias, o dia após o sábado seguinte à Páscoa.⁶ O sacerdote oferecia sacrifícios semelhantes àqueles da lua nova e da Páscoa. Os cristãos comemoram o Pentecostes como o dia em que o Espírito Santo desceu e batizou os santos no corpo de Cristo, enchendo-os de poder para ministrar (At 1:1-5; 2:1-4). O Pentecostes é o aniversário da Igreja.

A Festa das Trombetas (29:1-6; Lv 23:23-25). O toque das trombetas no primeiro dia do sétimo mês indicava o início do ano civil de Israel. Naquele dia, os israelitas não deviam trabalhar, e os sacerdotes deviam oferecer um novilho, um carneiro e sete cordeiros como holocausto, bem como um bode para sacrifício pelo pecado.

De acordo com Números 10, havia diversos motivos para se tocar as trombetas: reunir o povo (v. 2), soar um alarme (v. 5) ou anunciar uma batalha (v. 9). Hoje em dia, os judeus são um povo disperso (Dt 28; Lv 26), porém um dia a trombeta soará para chamá-los de volta à sua terra e prepará-los para a volta do Messias (Is 27:12, 13; Mt 24:29, 31). O toque da trombeta que os cristãos aguardam anunciará a volta do Salvador para buscar sua Igreja (1 Ts 4:13-18).

O Dia da Expição (29:7-11; Lv 16; 23:26-32). Esse era o dia mais santo e sublime de Israel, quando o povo jejuava e se abstinha de qualquer trabalho. O sacerdote oferecia sacrifícios idênticos àqueles do primeiro dia do mês, mas, além disso, seguia *sozinho* a cerimônia descrita em Levítico 16. Também era o único dia do ano em que o sumo sacerdote tinha permissão de transpor o véu e de entrar no Santo dos Santos, mas deveria levar consigo incenso aceso e sangue dos sacrifícios. O ritual do Dia da Expição retrata a obra de Jesus Cristo quando morreu na cruz por nossos pecados.

A Festa dos Tabernáculos (29:12-39; Lv 23:33-43). Essa alegre festa da colheita começava cinco dias depois do Dia da Expição e

durava uma semana. Durante essa semana, os sacerdotes ofereciam duzentos sacrifícios, inclusive de holocaustos diários (dois cordeiros), que eram dobrados no sábado. A festa antecipava o tempo em que Deus cumprirá as promessas do reino feitas a Israel, e a nação se regozijará em sua terra de abundância e de beleza.

Os cristãos podem tirar pelo menos três lições práticas desses sacrifícios.

Em primeiro lugar, são cumpridos em Jesus Cristo (Hb 10:1-18). Os sangue dos animais não pode jamais remover os pecados (vv. 1-4), mas o sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado (1 Jo 1:7; Ef 1:7; Ap 1:5). Os sacrifícios deviam ser repetidos em intervalos regulares, mas o sacrifício de Jesus Cristo no Calvário trouxe salvação eterna de uma vez por todas (Hb 9:24-28; 10:11-14).

Em segundo lugar, a nação não poderia ter funcionado sem o ministério dos sacerdotes. Eles representavam o povo diante de Deus e ofereciam os sacrifícios exigidos pelo Senhor. Hoje, Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote dos cristãos no céu (Hb 4:14-16) e “[vive] sempre para interceder por eles” (Hb 7:25). Seu sacrifício no Calvário foi definitivo, e agora ele é nosso Sumo Sacerdote, Advogado (1 Jo 2:1-3) e Mediador no céu (1 Tm 2:5; Hb 8:6; 12:24).

Em terceiro lugar, esses sacrifícios eram muito caros. Além dos sacrifícios que o povo levava em sua adoração pessoal e do grande número de cordeiros imolados na Páscoa, a cada ano os sacerdotes ofereciam cento e treze novilhos, trinta e dois carneiros e mil e oitenta e seis cordeiros! Se o povo de Deus vivendo sob a lei podia fazer isso, quanto mais nós, que experimentamos a graça de Deus!

Devemos ser extremamente gratos pelo fato de o antigo sistema sacrificial ter-se cumprido em Jesus Cristo e de termos o privilégio de entrar na presença de Deus a qualquer momento pelo novo e vivo caminho (Hb 10:19-25). Como sacerdotes de Deus, podemos levar a ele nossos sacrifícios espirituais (1 Pe 2:5, 9): nosso corpo (Rm 12:1, 2), pessoas ganhas para Cristo (Rm 15:16), dinheiro e ofertas materiais (Fp 4:18), adoração

e louvor (Hb 13:15), boas obras (v. 16), um coração quebrantado (Sl 51:17) e orações com fé (Sl 141:1, 2).

Vamos fazer como Davi e nos recusar a dar ao Senhor aquilo que não nos custou nada (2 Sm 24:24; ver Mt 1:6-11).

1. O primeiro censo relacionava apenas as tribos e a contagem, mas o segundo censo incluía os clãs e famílias. Uma vez que o segundo censo ajudaria Josué e Eleazar a dar a cada tribo sua parte da herança, essa informação adicional deve ter sido proveitosa para eles.
2. Para um estudo sobre o Livro de Josué, ver minha obra *Be Strong* [Seja forte] (Cook).
3. Isso explica por que Nabote se recusou a vender sua propriedade ao rei Acabe (1 Rs 21). Ver Levítico 25:23 e Números 36:7. Mover ou remover marcos de delimitação era uma ofensa grave em Israel (Dt 19:14; 27:17; Pv 22:28; 23:10).
4. O tempo do verbo em Deuteronômio 4:23 indica que Moisés suplicou ao Senhor repetidamente para que lhe permitisse entrar em Canaã.
5. Apesar do que alguns hinos e cânticos afirmam, Canaã não é um retrato do céu. Canaã representa nossa herança presente em Jesus Cristo, quando seguimos a Palavra de Deus e nos apropriamos de suas promessas pela fé. Deus tem uma herança especial de vida e de serviço para cada um de seus filhos, e devemos confiar nele e obedecer à sua vontade. Esse é um dos temas principais do Livro de Hebreus.
6. Deus instruiu Moisés a nomear seu sucessor, mas não há qualquer registro de que tenha dado a mesma direção a Josué antes de ele falecer. Alguns “especialistas em liderança” criticam Josué por isso, mas que tipo de líder Josué seria se escolhesse alguém sem uma ordem divina expressa? Quando morreu, Josué deixou uma geração de anciãos que serviram ao Senhor, mas a geração seguinte afastou-se de Deus (Jz 2:7-11). Moisés foi o legislador que construiu uma grande nação com um ajuntamento de escravos, mas Josué foi o grande general que liderou essa nação na conquista da terra e na apropriação da herança. Depois da conquista de Canaã, as doze tribos foram assentadas nos territórios determinados por Deus, cada uma com seus próprios oficiais e juizes, bem como com o tabernáculo e o sacerdócio ocupando o devido lugar. O povo sabia que Deus era seu Rei e tinha a lei divina para guiá-lo. O colapso descrito no Livro de Juízes não ocorreu por falta de líderes nas tribos, mas porque o povo afastou-se de Deus, seu Rei, e voltou-se para os falsos deuses das nações vizinhas. Foi um fracasso espiritual, não organizacional ou político. O povo havia deixado de obedecer a Deuteronômio 6:1-15.
7. Ver minha obra *Be Holy* [Seja santo] (Cook) para uma aplicação dessas festas à vida cristã de hoje.
8. A Festa das Primícias era celebrada no dia após o sábado seguinte à Páscoa, o que significa que era sempre no primeiro dia da semana (Lv 23:9-14). Para a Igreja de hoje, essa festa representa a ressurreição de Jesus Cristo no primeiro dia da semana (1 Co 15:20-24), o Dia do Senhor. Naquele dia, o sacerdote israelita cortava um feixe de trigo da colheita e oferecia-o a Deus, indicando que toda a colheita pertencia ao Senhor. Quando Cristo ressuscitou dos mortos naquele primeiro Dia do Senhor, também garantiu nossa ressurreição (Rm 8:18-23; Jo 12:23-33).

PREPARATIVOS PARA A CONQUISTA

NÚMEROS 30 – 35

Durante quarenta anos, Israel havia sido um povo nômade, viajando de um lugar para outro rumo à terra prometida. Logo entrariam em Canaã, conquistariam a terra e estabeleceriam sua própria nação, e era preciso que fossem preparados para essa responsabilidade. Os capítulos finais de Números, juntamente com o Livro de Deuteronômio, registram as instruções que o Senhor transmitiu por intermédio de Moisés com o propósito de preparar o povo para essa nova experiência desafiadora. A fim de tornar-se uma nação santa para a glória de Deus, Israel teria de aceitar e de aplicar os princípios básicos apresentados por Moisés, *princípios estes que ainda são praticados em comunidades e nações de hoje.*

1. A SANTIDADE DAS PALAVRAS (NM 30:1-16)

Em Levítico 27, Moisés havia tocado no assunto dos votos em termos de consagração de pessoas e de bens ao Senhor, mas aqui ele trata de votos pessoais e de como são afetados pelos relacionamentos. Este capítulo deixa claro que o lar é fundamental para a nação, que deve haver autoridade e subordinação dentro dele e que a verdade é o que mantém a sociedade unida.

Há uma diferença entre “voto” e “juramento”, mas os dois deviam ser considerados invioláveis. O voto era uma promessa de fazer algo pelo Senhor, enquanto o juramento era a promessa de não fazer algo. Qualquer um que fizesse um voto ou juramento tinha de cumpri-lo, pois suas palavras eram ditas “ao Senhor”. Quando as pessoas se esquecem de que Deus ouve o que dizem,

então são tentadas a enganar, e as mentiras levam a sociedade a se desintegrar (ver Dt 23:21; Sl 76:11; Ec 5:1-7).

Quando os homens faziam promessas a Deus, tinham de cumpri-las, e ninguém podia anulá-las, *mas e quanto às mulheres? Moisés trata dos votos das mulheres solteiras na casa de sua família (Nm 30:3-8), das mulheres que não são mais casadas (v. 9) e das que são casadas (vv. 10-15). O princípio básico é o de que, se a mulher estivesse sob a autoridade do pai ou do marido, era preciso que ele aprovasse o voto. Tanto o pai quanto o marido tinham poder para cancelar o voto.*

A moça solteira na casa de sua família (vv. 3-8). Se o pai ficasse sabendo do voto e não dissesse nada, o voto seria válido e deveria ser cumprido pela moça. Não há só poder nas palavras, mas também no silêncio; nesse caso, o silêncio significava consentimento. Contudo, se o pai anunciava sua desaprovação, o voto seria cancelado. Se, mais tarde, a moça ficasse noiva, e o noivo soubesse do voto e não dissesse nada, o voto seria válido, mas se o noivo não o aprovasse, o voto seria anulado, mesmo que tivesse recebido a aprovação do pai da noiva. A moça seria liberada pelo Senhor das obrigações referentes àquele voto.

A viúva e a divorciada (v. 9). O Senhor partiu do pressuposto de que essas mulheres eram experientes e maduras e poderiam tomar decisões sábias, mesmo que a idade e a experiência não sejam sempre uma garantia de sabedoria. Se essas mulheres fizessem promessas ao Senhor, tais promessas deveriam ser cumpridas. Moisés não explica o que aconteceria no caso de elas se casarem novamente. Uma vez que não são dadas instruções específicas, supomos que seus votos não podiam ser cancelados nem pelo novo marido.

A mulher casada (vv. 10-16). Se o marido ficasse sabendo do voto e não dissesse nada, a mulher continuava comprometida com o voto, pois o silêncio significava consentimento. Se ele discordasse abertamente do voto e o proibisse, o voto seria anulado. No entanto, se mudasse de idéia depois de haver consentido, então ele (e não a esposa)

deveria ser penalizado por fazê-la abandonar o voto sagrado, sendo que, para isso, deveria levar ao Senhor um sacrifício pelo pecado (Lv 5:4).

Encontramos algumas verdades importantes nessas prescrições, e uma delas é o poder da palavra. Quer as pessoas tenham consciência quer não, fazer uma promessa é comprometer-se com o Senhor. Os alicerces da sociedade de hoje estão corroídos por causa de promessas quebradas, sejam contratos oficiais, votos matrimoniais, compromissos políticos ou palavras ditas no banco de testemunhas do tribunal. Esperamos que o Senhor cumpra suas promessas, e ele espera que cumpramos as nossas. A verdade é a argamassa que mantém a sociedade unida.

Outra verdade contida nessas prescrições é a importância da autoridade e da subordinação na sociedade e no lar. Ao mesmo tempo que todas as pessoas são iguais diante de Deus e da lei, ainda há diferentes níveis de autoridade e de responsabilidade que devem ser respeitados (Ef 5:18 - 6:9). A moça solteira na casa de sua família está sujeita à vontade do pai, e a mulher casada está sujeita à vontade do marido. Antes de fazer votos, a moça deveria consultar o pai; a esposa, o marido; a moça noiva, o noivo. Os relacionamentos trazem responsabilidades, e precipitar-se em assumir compromissos insensatos significava expor-se a penalidades que poderiam ser altas. Ver Provérbios 20:25 e Eclesiastes 5:1-6.

2. A VITÓRIA DA FÉ (Nm 31:1-54)

Apesar de o povo de Israel ter errado ao envolver-se com os midianitas em Baal-Peor, Midiã errou ao seguir o conselho de Balaão e ao tentar destruir Israel. Aqueles que amaldiçoam Israel serão amaldiçoados por Deus (Gn 12:1-3), e havia chegado a hora de o Senhor castigar Midiã (Gn 25:16-18).¹ Essa batalha seria um "ensaio geral" para as batalhas de Israel na terra de Canaã. No entanto, para Moisés, aquela seria a última batalha; depois disso, enfrentaria seu "inimigo final", a morte (1 Co 15:26).

A batalha (vv. 1-10). Essa batalha foi parte da "guerra santa" que Jeová declarou

contra Midiã, pois os midianitas haviam levado Israel a pecar. Sem dúvida, Israel era responsável por ter desobedecido ao Senhor e por ter se entregado à idolatria e à imoralidade, e Deus castigou seu povo por isso, mas Midiã era a principal transgressora, e tais ofensas exigiam um castigo (Mt 18:7). A Igreja não tem qualquer ordem de Deus para se envolver em "guerras santas" (Jo 18:10, 11, 36), pois nossos inimigos não são de sangue e carne (Ef 6:10ss) e nossas armas são espirituais (2 Co 10:1-6). Para levar adiante a causa de Cristo (Ef 6:17-18), a única espada que usamos é a do Espírito.

Vemos aqui um padrão para os confrontos militares que Israel teria em Canaã: Israel recebeu instruções do Senhor e confiou que Deus iria adiante deles e que lhes daria a vitória. Supomos que Josué liderou o exército, mas Finéias, o filho do sumo sacerdote, também estava lá, juntamente com os sacerdotes que carregavam a arca da aliança e que tocavam as trombetas (Nm 10:1-10). Finéias demonstrou grande coragem e devoção a Deus quando o pecado de Baal-Peor invadiu o acampamento de Israel (Nm 25:7-15).

Foi uma vitória monumental para o Senhor, pois todos os homens midianitas foram mortos, mas nem um único soldado israelita morreu no conflito (Nm 31:7, 48, 49). Vários líderes inimigos foram mortos durante a batalha, e, depois da luta, Josué matou cinco reis midianitas que ainda restavam, inclusive Zur, o pai de Cosbi, a mulher com a qual Zinri havia pecado no acampamento de Israel (Nm 25:14, 15). Balaão, o arquiteto da grande sedução em Baal-Peor, também foi morto (Nm 31:8, 16). Israel queimou as cidades e tomou posse do território midianita, entregando-o posteriormente à tribo de Rúben (Js 13:15-23).

A purificação (vv. 12-24). Desobedecendo às ordens de Deus, os soldados não exterminaram todos os midianitas, mas tomaram cativas mulheres e crianças. Moisés irou-se com esse desacato, pois a presença de mulheres e de meninas midianitas no acampamento só dava mais oportunidade para o pecado que quase havia destruído Israel.

A nação havia vencido a batalha, mas estava correndo perigo de perder a vitória, um erro que o povo de Deus cometeu mais de uma vez ao longo dos séculos.

Moisés ordenou que os meninos fossem mortos, bem como as mulheres e meninas que não fossem virgens. As virgens que restaram poderiam ser tomadas pelos homens como servas.² Uma vez que os soldados haviam sido contaminados durante a batalha ao tocar o corpo de mortos, era preciso que cumprissem a lei da purificação (Nm 19:11-13), e Moisés aplicou a mesma regra às mulheres cativas das quais se esperava obediência às leis de Israel. A grande quantidade de riquezas tiradas de Midiã também tinha de ser purificada por meio do fogo ou da lavagem com água, e levaria uma semana para que a purificação se completasse.

Quer em tempos de paz, quer de guerra, era importante para Israel que a nação mantivesse um relacionamento santo com o Senhor. Precisavam fazer distinção entre o que era limpo e o que era imundo, e não havia espaço para qualquer transigência. Esse período de uma semana de purificação serviria para lembrar os doze mil soldados e o povo do acampamento de que as nações que enfrentariam em Canaã eram perigosas, não apenas por serem inimigas, mas também por serem pecadores imundos, que podiam tentar o povo e contaminá-lo. Moisés queria evitar outra derrota como a de Baal-Peor.

Os espólios da batalha (vv. 25-47). O povo e os animais que Israel tomou como espólios de guerra foram divididos em três partes: os soldados ficaram com a metade, o povo do acampamento ficou com a outra metade e ambos deram uma porcentagem de sua parte ao Senhor. Afinal, era o Senhor quem lhes havia dado a vitória. Os soldados receberam a ordem de levar 1 pessoa ou animal para cada 500, num total de 840, e a comunidade deveria levar 1 pessoa ou animal a cada 50, num total de 8.400. Esses animais e pessoas foram entregues a Eleazar, o sumo sacerdote, a fim de que fossem usados para o ministério no tabernáculo. As mulheres foram incumbidas de tarefas para ajudar os sacerdotes e levitas (Êx 38:8; 1 Sm

2:22), dos quais acreditamos que elas tenham aprendido a conhecer e a obedecer o verdadeiro Deus vivo de Israel.

Uma oferta especial (vv. 48-54). Tendo em vista que somente doze mil homens atacaram Midiã (v. 5), não pode ter havido mais de cento e trinta e dois oficiais que levaram a Moisés uma oferta especial para o Senhor. No entanto, é possível que alguns comandantes de cem soldados fossem encarregados de mais de uma divisão. Quando os oficiais contaram seus homens depois da batalha, descobriram que o exército de Israel não havia perdido um soldado sequer! Tal milagre só podia vir do Senhor, e os oficiais desejavam demonstrar sua gratidão a Deus. Levaram ao santuário uma oferta especial dos espólios que eles próprios haviam recebido. Uma coisa é dar ofertas a Deus por ser nossa obrigação e outra bem diferente é ofertar em amor e em gratidão por tudo o que ele fez por nós.

Quando os oficiais falaram em “fazer expiação” (v. 50) perante o Senhor por si mesmos, não estavam sugerindo que suas ofertas podiam, de algum modo, salvar sua alma (Sl 49:6-9; 1 Pe 1:18, 19). De acordo com Êxodo 30:11-16, cada vez que havia um censo em Israel (como o que acabara de ser realizado - Nm 26), cada homem com vinte anos ou mais deveria dar meio siclo de prata como oferta ao Senhor. Essa oferta era conhecida como “dinheiro da expiação”, originalmente usado para fazer as bases do tabernáculo (Êx 38:21-28). Ao perceber que sua vida havia sido poupada pela bondade de Deus, os doze mil soldados desejavam dar uma contribuição adicional de “dinheiro da expiação” em ação de graças ao Senhor. Em vez de levar prata, deram mais de duzentos quilos de ouro, oferta que foi recebida por Moisés e Eleazar e colocada no santuário.

3. A LEALDADE MÚTUA (Nm 32:1-42)

Uma comunidade ou nação bem-sucedida depende não apenas de mantermos nossa palavra e de confiarmos que Deus dará a vitória, mas também da lealdade das pessoas umas para com as outras. Talvez a palavra

“patriotismo” seja o melhor termo para descrever essa atitude, desde que não transformemos o amor por nosso país em idolatria.³

O pedido (vv. 1-5). As tribos de Rúben e de Gade pediram permissão para assentarem-se do lado leste do Jordão, onde a terra era especialmente apropriada para a criação de ovelhas, cabras e gado. Mais tarde, aquela região seria ocupada, ainda, por metade da tribo de Manassés (v. 33; Js 13:8ss). O Senhor havia colocado todas aquelas terras nas mãos de seu povo (Num 21), de modo que não havia outra coisa a fazer senão fortificá-la e ocupá-la. É verdade que essas tribos ficariam separadas do resto do povo pelo rio Jordão, mas consideraram isso uma questão secundária.

A reação de Moisés (vv. 6-15). É possível que o grande legislador tenha reagido rápido demais (Pv 18:13), pois a primeira coisa que pensou foi que essas tribos estavam desertando da causa de Israel. É claro que a declaração: “não nos faça passar o Jordão” (Nm 32:5) deve ter dado a Moisés a impressão de que estavam se acomodando.

Moisés sempre levava em consideração a nação como um todo, bem como o desafio de conquistar e de tomar posse da terra prometida. Para Moisés, era um pecado terrível qualquer uma das tribos retirar-se do conflito e deixar de fazer sua parte na conquista da terra. Assim como os dez espias haviam desencorajado a nação inteira em Cades-Barnéia e levado o povo a perder trinta e oito anos, essas duas tribos também podiam desanimar Israel ao desistir logo na fronteira de sua herança. Mais do que isso, sua atitude egoísta poderia incitar a ira do Senhor, e ele poderia julgá-los como havia feito anteriormente quando o povo pecou. Pior ainda, o Senhor poderia abandonar a nação e deixar que morressem no deserto.

A defesa das tribos (vv. 16-19). Sem dúvida, Rúben e Gade não ficaram contentes de ser chamados de “raça de homens pecadores” (v. 14), mas a culpa foi deles mesmos por terem apresentado seu pedido de maneira tão descuidada. Dessa vez, explicaram com calma a Moisés que estavam dispostos e preparados para entrar na terra e lutar com

seus irmãos até que Canaã tivesse sido conquistada. As duas tribos (e, mais tarde, metade de Manassés) só voltariam ao território do outro lado do Jordão depois que as outras tribos tivessem recebido sua herança. No entanto, antes disso, desejavam construir cidades fortificadas, para proteger suas mulheres e crianças, e currais para seus rebanhos. Em seguida se juntariam às outras tribos para cruzar o rio e enfrentar o inimigo.

O acordo (vv. 20-42). Moisés repetiu as promessas deles aos membros das tribos de Gade e de Rúben e acrescentou uma palavra de advertência: se não cumprissem suas promessas, estariam pecando contra o Senhor, e o pecado deles os acharia! A frase: “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (v. 23) é usada com frequência em apelos evangélicos e pode ter essa aplicação, porém sua intenção original era admoestar o povo de Deus. O pecado deles seria deixar de cumprir seu voto e demonstrar falta de disposição para ajudar seus irmãos e irmãs na tarefa que Deus os havia chamado a realizar.

Moisés não estaria vivo quando a nação cruzasse o rio, de modo que chamou Eleazar e Josué para que os líderes das tribos lhes falassem do acordo. Seria responsabilidade deles certificar-se de que as tribos transjordânicas cumpririam sua promessa e cruzariam o rio para lutar contra as nações em Canaã. A terra que haviam pedido era delas, mas iriam perdê-la se faltassem com a palavra.

A nação demorou tempo suficiente para as duas tribos e meia mudarem-se para suas terras, derrotarem os inimigos que ainda restavam ali e acomodarem suas famílias e rebanhos em segurança. No entanto, não podemos deixar de imaginar se essas tribos transjordânicas tomaram uma decisão sábia. Ficaram de fora da terra prometida e separadas do resto do povo. Fizeram sua escolha tomando por base exclusivamente o benefício próprio: o fato de a terra ser boa para seus rebanhos. Assim como Ló, estavam andando pelas aparências e não pela fé (Gn 13:10-11). De fato, as tribos cumpriram sua

palavra, mas, apesar disso, sua localização do outro lado do Jordão criou alguns problemas (Js 22).

De acordo com Hebreus 4, a posse da terra prometida é uma ilustração das diferentes formas como os cristãos de hoje se relacionam com a vontade de Deus e a herança que ele tem para nós agora em Jesus Cristo. Algumas pessoas são como as gerações mais velhas de israelitas que pereceram enquanto vagavam no deserto e nunca entraram na terra. Outras são como os dez espias que visitaram a terra e viram sua riqueza, mas não entraram ali. As tribos transjordânicas entraram na terra, mas não ficaram lá. Preferiram viver na periferia da terra e cuidar de seus rebanhos. Deus quer que seu povo seja como a nova geração, que confiou no Senhor, entrou na terra, apropriou-se da vitória e desfrutou as bênçãos.

4. A SOBERANIA DE DEUS (Nm 33:1-49)

O Senhor ordenou a Moisés que mantivesse uma relação dos lugares onde Israel havia acampado durante sua jornada pelo deserto. A lista apresenta quarenta lugares, começando com Ramessés, no Egito (v. 3) e terminando com as campinas de Moabe, do outro lado de Jericó (v. 49). O êxodo de Israel é registrado nos versículos 3 e 4, e a marcha para o mar Vermelho e sua travessia encontra-se nos versículos 5 a 8. Os versículos 9 a 15 mostram o avanço de Israel de Mara até o monte Sinai, e os versículos 16 a 36 do Sinai até Cades, onde, por causa de sua incredulidade, os israelitas deixaram de entrar na terra prometida. Os trinta e oito anos em que vagaram pelo deserto ficariam entre os versículos 36 e 37 e, numa demonstração de benevolência, deixaram de ser mencionados. A passagem de Cades para as campinas de Moabe é registrada nos versículos 37 a 49.

No entanto, esse capítulo é mais do que só uma lista de lugares: é um testemunho da soberania de Deus ao tratar com o seu povo. Como A. T. Pierson costumava dizer: "A História do homem é a história de Deus". Deus não se limita a escrever a história, ele a planeja e certifica-se de que seu plano seja

executado. "O conselho do SENHOR dura para sempre; os designios do seu coração, por todas as gerações" (Sl 33:11). Quando Israel não permitiu que Deus governasse, ele prevaleceu. Israel perdeu as bênçãos, mas Deus cumpriu seus propósitos.

Nenhuma dificuldade era grande demais para o Senhor. Ele abriu o mar Vermelho para que seu povo o atravessasse e, depois, fechou-o, afogando o exército de perseguidores egípcios. Quando o povo estava em perigo, Deus lhe deu vitória sobre os inimigos. Quando estava sedento, deu-lhe água, e, a cada manhã, fez cair do céu o maná para alimentá-lo.

Durante essa marcha, a geração mais velha pereceu, e a mais nova assumiu seu lugar. Miriã morreu em Cades (Nm 20:1), e outra mulher teve de liderar o coral. Arão morreu no monte Hor (vv. 23-29), e seu filho, Eleazar, tornou-se o sumo sacerdote. Antes de Moisés falecer, nomeou Josué como seu sucessor. Mas em todas essas mudanças, Deus permaneceu o mesmo, e em momento algum abandonou seu povo. "Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração" (Sl 90:1).

A soberania de Deus não destrói a individualidade nem a responsabilidade humana. Deus é tão grande que pode permitir que tenhamos liberdade de escolher e, ainda assim, cumprir seus propósitos. Que Deus poderoso! Não é de se admirar que Paulo escreveu: "Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Rm 11:33).

5. A CERTEZA DA HERANÇA (Nm 33:50 - 35:34)

A terra de Canaã ("terra") é mencionada vinte e duas vezes nessa passagem, e a ênfase é sobre Israel entrando na terra e tomando posse da herança prometida. O Senhor queria que o povo soubesse que os trinta e oito anos de atraso não haviam alterado seu plano nem anulado suas promessas. Essa seção começa com o Senhor dizendo: "Quando houverdes passado o Jordão para a terra de Canaã" (Nm 33:51). Que grande encorajamento para o povo!

Os habitantes da terra (33:50-56). Deus queria que a invasão de Canaã por Israel fosse uma conquista absoluta. Israel deveria expulsar e despojar todos os habitantes, destruir todos os altares, imagens e templos e, depois, dividir a terra entre as tribos. Essa ordem não era novidade, pois já havia sido dada pelo Senhor no Sinai (Êx 23:20-33; 34:10-17). Moisés voltaria a falar dela em sua mensagem de despedida à nação (Dt 7; 12:1-3).

Quais eram os motivos para exterminar essas nações? Em primeiro lugar, esse era o julgamento de Deus por causa da perversidade desses povos (Gn 15:15, 16; Lv 18:24-28). Romanos 1:17-32 descreve como se tornaram tão perversos e o que aconteceu em decorrência disso. Deus havia sido longânimo com esses povos durante séculos, mas havia chegado a hora de serem julgados.

Outro motivo era a necessidade de abrir caminho para as tribos de Israel se apropriarem de sua herança (Nm 33:54). Assim como um empreiteiro deve demolir construções e limpar o terreno a fim de ter espaço para uma nova estrutura, Deus também teve de eliminar as sociedades pagãs em Canaã para que seu povo pudesse se mudar para a terra e construir uma nação que glorificasse ao Senhor. A Terra Prometida seria o palco no qual Deus mostraria seu poder, derramaria suas bênçãos, daria sua verdade e, um dia, enviaria seu Filho para morrer pelos pecados do mundo.

Um terceiro motivo para o extermínio das nações pagãs era a necessidade de remover a tentação do povo de Israel, que tinha uma tendência à idolatria (vv. 55, 56). Durante sua marcha pelo deserto, os israelitas revelaram seu apetite pelas coisas do Egito e, em Baal-Peor, sucumbiram à sedução do culto a Baal. Se os santuários pagãos não fossem destruídos, não tardaria para que Israel começasse a adorar ídolos. Infelizmente, Israel não obedeceu às ordens de Deus e acabou caindo na armadilha das práticas dos povos pagãos que restaram na terra (Jz 2:6-15).

As fronteiras da terra (34:1-15). Na antiguidade, não havia equipes de medição com

instrumentos científicos para determinar as linhas divisórias das propriedades. Quando queriam definir fronteiras, as pessoas usavam cidades e elementos geográficos. O Senhor começou com a fronteira sul de Canaã (vv. 3-5), então passou à fronteira oeste, que era o mar Mediterrâneo (v. 6). Em seguida, apresentou a fronteira norte (vv. 7-9), depois a leste (vv. 10-13) e, por fim, o território das tribos da transjordânia (vv. 14, 15).

O Senhor deu a seu povo uma terra vasta e boa, mas os israelitas não derrotaram seus inimigos nem se apropriaram de toda a terra pela fé (Js 15:63; 16:10; 17:11-13; Jz 1:21-35).⁴ Sua fronteira leste não chegou ao Mediterrâneo, pois aquele território ainda pertencia aos filisteus. Também não chegaram até Hamate ao norte. Do lado leste do Jordão, rumando para o norte a partir da fronteira de Manassés, havia focos de resistência em cidades que Israel não conquistou nem destruiu. A previsão de Moisés se concretizou: os cananeus tornaram-se como espinhos em seus olhos e como agulhões em suas ilhargas e levaram alguns dos israelitas a pecar (Nm 33:55).

Antes de julgarmos o povo de Israel, devemos refletir sobre a situação da Igreja de hoje. Já nos apropriamos, pela fé, de tudo o que temos em Cristo? Ainda há em nossa vida focos de resistência que nos afastam do Senhor? "Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência" (Hb 4:11).

A divisão da terra (16-29). No começo do Livro de Números, Moisés tinha um comitê de doze líderes para ajudá-lo a realizar o censo (Nm 1:5-16), e aqui nomeou um comitê de dez líderes para ajudar Josué e Eleazar a dividir a terra entre as tribos a leste do Jordão (Js 14:1 - 19:51).

As cidades na terra (35:1-34). Depois de conquistar Canaã, os israelitas mudaram o nome de várias cidades e, também, estabeleceram quarenta e oito cidades para os levitas e seis cidades de refúgio (vv. 1-8). Como vimos, os levitas estavam espalhados por todo o Israel para que pudessem ministrar ao povo e ensinar-lhes a lei de Deus

(Js 21). Os levitas também receberam pastagens adjacentes às suas cidades, onde poderiam cuidar de seus rebanhos.

As seis cidades de refúgio eram Quedes, Siquém e Hebrom, do lado oeste do Jordão, e Golã, Ramote e Bezer, do lado leste. Olhando um mapa de Israel, pode-se perceber que essas cidades eram localizadas de modo a ficar acessíveis a qualquer um que precisasse fugir para elas.

A nação de Israel tinha um exército, mas não havia nada parecido com a força policial que temos hoje em dia. Se alguém era assassinado, os membros da família e do clã providenciavam para que o homicida fosse punido. No entanto, se um homem matava outro acidentalmente, ou seja, num caso de homicídio culposo, seria errado o homicida pagar com sua própria vida.

Esse homem podia fugir para uma das cidades de refúgio e apresentar seu caso aos anciãos, que ouviriam o homicida e as testemunhas. Se o considerassem culpado de homicídio doloso, entregavam-no à família e

às autoridades para que fosse punido. Se concluíssem que era inocente, o homem teria permissão de ficar na cidade de refúgio sob a proteção dos anciãos até a morte do sumo sacerdote. Depois disso, estava livre para voltar para casa. Não havia a possibilidade de pagar um resgate para ser liberado antes (v. 32).

Se o homem fosse culpado, seria apedrejado até a morte. O homicídio era um crime capital para o qual não havia resgate (v. 32). O sangue das vítimas inocentes contaminava a terra, a qual pertencia ao Senhor (vv. 33, 34; ver Gn 4:10; 9:5). A única maneira de a terra ser purificada era pela morte do homicida.

Os pecadores de hoje podem fugir, pela fé, para Jesus Cristo e encontrar refúgio do julgamento de Deus (Hb 6:18). Pelo fato de Jesus ser o eterno Sumo Sacerdote, a salvação é garantida para sempre, pois Jesus está no céu: "Vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7:25). Cristo levou sobre si os castigos dos pecadores; assim, não pode haver condenação alguma (Rm 8:1).

1. Moabe também havia se envolvido na sedução em Baal-Peor (Nm 25:1), mas uma vez que os moabitas eram parentes dos israelitas, foram poupados por Deus (Dt 2:8, 9). Por esse mesmo motivo, Deus não permitiu que os israelitas atacassem os amonitas.
2. Uma vez que a nação se estabeleceu, uma nova lei passou a vigorar para o tratamento dos cativos de cidades conquistadas em terras fora de Canaã (Dt 20:1 - 21:14). No entanto, o conflito com Midiã não era uma batalha normal, era o castigo de Deus por os midianitas terem tentado enfraquecer e destruir seu povo escolhido. Deus queria que os midianitas fossem exterminados, de modo que não pudessem contaminar a terra nem tentar seu povo a pecar.
3. Foi isso o que Samuel Johnson quis dizer quando afirmou: "O patriotismo é o último refúgio do homem ignóbil". George Bernard Shaw concordou com ele quando disse: "O patriotismo é a convicção de que seu país é superior a todos os outros, pois você nasceu nele". Um amor pelo país que não vê suas falhas não leva à oração nem a um esforço para melhorá-lo; é idólatra e perigoso.
4. Durante o reinado de Davi e de Salomão, as fronteiras da terra chegaram perto daquilo que Deus havia delimitado. Ao norte, as conquistas de Davi alcançaram o Eufrates e, ao sul, chegaram ao rio do Egito; além disso, as fronteiras orientais e ocidentais foram expandidas.

A ESCOLA DO DESERTO

RESUMO E REVISÃO

O estudioso judeu Martin Buber certa vez escreveu: “A vida é feita de encontros”. Trata-se de uma declaração breve, porém, quanto mais você reflete sobre ela, mais lúcida ela se mostra.

A vida é um encontro com novas circunstâncias, muitas das quais não esperamos e não podemos controlar. A vida é um encontro com novas pessoas e o desenvolvimento de novos relacionamentos; é um encontro com novas idéias, sendo que algumas delas podem nos perturbar. Por mais que tentemos evitar, a vida é um encontro com nós mesmos, e nem sempre gostamos daquilo que vemos. Porém, acima de tudo, a vida é um encontro com Deus, pois ele está sempre presente nos protegendo, desejando nos ensinar coisas novas e sempre procurando nos amadurecer.

A vida é um encontro, e os encontros devem levar ao aprendizado, e o aprendizado, ao crescimento. Vamos repassar algumas das lições que aprendemos enquanto marchamos com Moisés e o povo de Israel, pessoas como você e eu.

1. APRENDEMOS SOBRE A VIDA

Há muitas metáforas para a vida, e cada uma delas ensina algo importante. Às vezes, a vida é como uma batalha, às vezes, parece mais uma corrida, mas é sempre uma escola em que precisamos estar atentos e alertas para aquilo que Deus está tentando nos ensinar. Para Moisés e o povo de Israel, a vida foi uma jornada muito especial: da escravidão à liberdade, da infância à maturidade, do egoísmo ao serviço, da glorificação do passado à esperança no futuro.

Do ponto de vista de Deus, só existem três lugares nessa jornada: o Egito, um lugar de escravidão que dá a ilusão de segurança; Canaã, o lugar da herança onde Deus quer nos dar o que tem de melhor; e o deserto, o lugar de incredulidade, de disciplina, onde estamos aquém daquilo que Deus planejou para nós. Essa verdade é explicada em Hebreus 1 - 5.

A vida cristã começa com o livramento do Egito (escravidão) por meio da graça e do poder de Deus. É isso o que acontece quando cremos em Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, e entregamos nossa vida a ele. *Mas a essência da vida cristã é entrar em nossa herança espiritual o mais rápido possível.* Quando você chegar à sua Cades-Barnéia da vida, como acontece com todos os cristãos, confie na Palavra de Deus e entre em sua herança pela fé. Não se preocupe com os gigantes, com o inimigo, com as cidades muradas nem com suas fraquezas e insignificância. Como Calebe e Josué, diga: “O SENHOR é conosco; não os temais” (Nm 14:9). “Nós, porém, que cremos, entramos no descanso” (Hb 4:3).

Antes de os israelitas chegarem a Cades-Barnéia, Deus os fez passar por várias provações, pois, para as pessoas que desejam crescer, é necessário ter algumas experiências no deserto (Tg 1:2-8; 1 Pe 1:3-9). *Mas o Senhor não quer que fiquemos sempre no deserto. Sem dúvida, há lições a aprender no deserto, mas há lições ainda maiores a aprender depois que nos apropriarmos de nossa herança em Cristo.* O Senhor sabe quais são as provações de que precisamos, quando precisamos delas e por quanto tempo. Ele sempre ensina aqueles que estão dispostos a aprender.

Acima de tudo, na jornada da vida, devemos nos certificar de que estamos seguindo o Senhor, à medida que ele vai adiante de nós, e não devemos olhar para trás nem desejar de volta a vida que costumávamos ter no Egito. “Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia” (Sl 34:8).

2. APRENDEMOS SOBRE DEUS

Israel cometeu repetidamente os mesmos três erros que lhes causaram inúmeros trans-

tornos: (1) olharam para trás e glorificaram o Egito; (2) olharam ao seu redor e reclamaram das circunstâncias; e (3) olharam para dentro de si mesmos e exaltaram seus próprios desejos. O que deveriam ter feito era olhar para o alto, para o Deus Todo-Poderoso, e confiar que ele não os abandonaria. Se nós mesmos planejamos o currículo e escrevermos os livros de estudo, não aprenderemos as lições. Devemos deixar tudo nas mãos do Senhor.

O desejo de Deus é que desenvolvamos nosso caráter e que nos tornemos cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo. É por isso que Deus prepara as experiências de nossa vida e faz com que cooperem para nosso bem e para a glória dele (Rm 8:27-29). Não podemos crescer na graça a menos que cresçamos no conhecimento de Deus conforme revelado em Jesus Cristo (2 Pe 3:18).

De que maneira aprendemos sobre Deus? Principalmente por meio de sua Palavra, tanto na meditação particular como no culto congregacional. Também aprendemos sobre Deus por meio das experiências pessoais, sejam elas nossas próprias ou de outros que compartilham conosco o que Deus fez por eles. Nas coisas difíceis da vida, o Espírito Santo nos ajuda a lembrar das verdades da Palavra e a colocá-las em prática. Esse ministério nos dá sabedoria para entender melhor a situação e fé para confiarmos nas promessas de que precisamos para nos dar forças.

Durante sua jornada pelo deserto, os israelitas descobriram que Deus os amava e cuidava deles, mas nem sempre creram nisso. “O que havemos de comer?” “O que havemos de beber?” eram perguntas que o povo repetia com frequência (Mt 6:25-34), quando, na verdade, deveriam estar dizendo uns aos outros: “O Senhor é nosso pastor. Nada nos faltará”.

Israel também descobriu que Deus era longânimo com eles, mas que não permitiria que fossem bem-sucedidos em seus pecados. Estava disposto a perdoar quando o povo clamasse por ele, mas muitas vezes só o faziam com uma atitude de contrição depois de sofrer. “Porque o SENHOR repreende a

quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem” (Pv 3:12; ver Hb 12:1-11). Quanta dor poderíamos evitar se nos submetêssemos à vontade de nosso amoroso Pai celeste!

Na jornada da vida, descobrimos que o Senhor é o Deus dos recomeços. Como o Dr. V. Raymond Edman costumava lembrar seus alunos em Wheaton College: “É sempre cedo demais para desistir”. É triste ver como os israelitas duvidaram de Deus e desobedeceram a ele tantas vezes. Por outro lado, é animador ver que Deus lhes deu a oportunidade de recomeçar e encorajou-os a continuar rumando para sua herança. É verdade que uma geração inteira teve de morrer antes que a nação pudesse entrar na terra prometida, mas eles morreram por causa de sua própria rebeldia. Em sua graça, Deus os perdoou; em sua soberania, permitiu que sofressem as conseqüências de seus próprios pecados. A vontade de Deus é inegociável. Só podemos obedecê-lo, ignorá-lo ou resisti-lo.

Uma das provas de maturidade espiritual é o que Paulo chamou de “[crescer] no pleno conhecimento de Deus” (Cl 1:10). Não se trata apenas de conhecimento da Bíblia ou da teologia cristã, mas de conhecimento do próprio Deus, de seu caráter, de seu agir e de como agradar seu coração. Moisés cresceu nesse conhecimento de Deus, mas o povo de Israel não aprendeu a lição. “Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel” (Sl 103:7). Os israelitas viram o que Deus fez, porém Moisés entendeu por que Deus realizou tais feitos. São duas coisas diferentes.

3. APRENDEMOS SOBRE NÓS MESMOS

Enquanto estudava o Livro de Números, quando estava me preparando para escrever este material, muitas vezes dizia em voz alta: “Como puderam fazer uma coisa dessas? Será que não entenderam nada?”

Então, parava e confessava:

“Senhor, fiz a mesma coisa. Perdão!”

Gente é gente, quer marchando lentamente por um deserto na Antiguidade quer dirigindo a toda velocidade numa estrada

moderna. "Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó" (Sl 103:14).

Sócrates disse que a vida sobre a qual não se reflete não é digna de ser vivida, mas a maioria das pessoas não gosta de encarar a verdade sobre si. Assim como nossos primeiros antepassados, correremos, fugimos e nos defendemos ao inventar desculpas e colocar a culpa em outros. São poucos os que oram como Davi fez no Salmo 51.

Uma das primeiras lições que aprendemos sobre nós mesmos pelas experiências de Israel é que todos nós temos uma natureza decaída, cuja tendência é resistir à vontade de Deus, e quanto antes admitirmos esse fato, mais fácil será realizar nossa jornada. Pedro reconheceu que era um homem pecador (Lc 5:8), e Paulo confessou: "Eu sei que em mim [...] não habita bem nenhum" (Rm 7:18). Jesus nos advertiu de que: "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26:41).

Outra lição que aprendemos sobre nós mesmos é que não gostamos de mudanças em nossa vida nem dos desconfortos que causam. Um dia o povo estava sedento, no dia seguinte foi atacado pelo inimigo, durante quarenta dias ficou questionando o que tinha acontecido a seu líder. Todos nós queremos que a vida seja o mais confortável possível e nos protegemos das mudanças. Contudo, esquecemos que as mudanças ordenadas por Deus podem ser usadas para moldar nosso caráter e nos ajudar a crescer.

Se há uma lição que os israelitas sempre tiveram dificuldade de aprender é que murmurar e criticar são pecados, e que Deus os julga. Quando nos queixamos de nossa vida para Deus, não estamos apenas cometendo o pecado da ingratidão, mas também demonstramos orgulho (pensamos que sabemos mais do que Deus e não concordamos com aquilo que acontece conosco!), incredulidade (não confiamos verdadeiramente em Deus) e impaciência. Se aprendêssemos a confiar em Deus, a louvá-lo por suas misericórdias e a esperar enquanto ele realiza a vontade dele, nosso crescimento seria muito mais rápido e teríamos bem menos sofrimento.

Uma última lição das experiências de Israel: idade não é garantia de maturidade. É possível envelhecer sem crescer. Quando a nação pecou em Cades-Barnéia, a culpa não foi dos jovens, mas sim dos mais velhos. Para provar esse fato, Deus rejeitou a geração mais velha (de vinte anos para cima) e esperou até que morresse para, então, recomeçar com a geração mais jovem.

A igreja precisa tanto dos cristãos mais velhos quanto dos mais jovens, pois cada geração tem algo a oferecer, e podemos todos aprender uns com os outros (Tt 2:1-8). Porém, Moisés foi sábio ao treinar Josué para ser seu sucessor, e Paulo foi sábio ao preparar Timóteo para continuar o trabalho dele em Éfeso.

4. APRENDEMOS SOBRE A FÉ

A vida é uma jornada que devemos realizar pela fé, pois somente Deus sabe o caminho. Na verdade, todo mundo vive pela fé em alguém ou em alguma coisa. A diferença entre os cristãos e os não-cristãos é o *objeto dessa fé*. Os cristãos depositam sua fé em Deus e em sua Palavra, enquanto os não cristãos confiam em si mesmos, em suas experiências, aptidões, dinheiro e, talvez, em seus amigos. Israel, porém, tinha o péssimo hábito de andar pelas aparências e não por fé, e foi essa falta de confiança em Deus que causou tantos transtornos à nação.

O Senhor havia acabado de livrar o povo do Egito, e logo os israelitas estavam todos diante do mar Vermelho, estremecendo de medo e querendo voltar. Isso porque não criam que o Deus que os havia redimido poderia concluir o que havia começado e que não os abandonaria. Quando Deus começa sua obra, ele a leva até o fim (Fp 1:6).

Fé não é crer apesar das evidências, isso é superstição. Fé é obedecer a Deus apesar daquilo que vemos, ouvimos, da maneira como nos sentimos ou daquilo que pode acontecer. Deus havia provado aos israelitas que se preocupava com eles e que tinha poder para libertá-los, protegê-los e levá-los à terra prometida. A devastação do Egito foi uma amostra do poder do Senhor; então, por que Israel não confiava em seu Deus?

Anos atrás, ouvi Vance Havner pregar uma mensagem sobre Hebreus 11, e suas palavras ficaram gravadas em meu coração e me deram ânimo em muitos momentos difíceis. Os três pontos de seu sermão eram:

A fé escolhe o que é incorruptível
(Hb 11:24-26).

A fé vê o invisível (Hb 11:27).

A fé faz o impossível (Hb 11:28, 29).

Uma vez que escolhemos seguir ao Senhor e viver de acordo com valores eternos, o resto vem naturalmente. Não importam as circunstâncias que nos cercam; Deus nos ajudará a ver o impossível.

A fé deve ser nutrida para se fortalecer, daí a importância das Escrituras, uma vez que: "A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10:17). Quando Moisés proclamou a Palavra de Deus, Israel não a ouviu de verdade nem acrescentou fé a ela, de modo que sua fé não cresceu (Hb 4:1, 2). A fé é como os músculos de seus braços: se você não os exercita, eles perdem a força. Toda provação da vida é uma oportunidade de apropriar-se das promessas de Deus e de confiar que ele tem a solução.

5. APRENDEMOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UM CRISTÃO

Números é um livro de "contagens". Moisés contou duas vezes os homens disponíveis para servir no exército e também contou os levitas. Alguém chegou a contar o número de

pessoas que morreram nas diversas pragas que Deus mandou para discipliná-los. Esses israelitas da antiguidade ficariam estarelecidos com todas as contagens realizadas hoje em dia, sendo que a maior parte é feita eletronicamente e de maneira imperceptível.

Deus quer que todos os seus filhos sejam pessoas com as quais ele pode contar. O Senhor podia contar com Moisés e Arão para liderar o povo de acordo com a vontade dele, mesmo que, em uma ocasião ou outra, os dois o tenham desapontado. Josué e Calebe eram homens com os quais Deus podia contar, como também o eram Eleazar e seu filho, Finéias. Qualquer um pode ser uma estatística, um número num registro, mas é preciso ter fé e coragem para ser o tipo de pessoa com a qual o Senhor pode contar.

Podemos escolher entre seguir a maioria incrédula e perder o que Deus tem de melhor, reclamando de tudo na vida, ou podemos ficar com a minoria e ter a coragem de crer em Deus e de seguir seus mandamentos. Podemos buscar o conforto e ansiar pela segurança carnal ou olhar para a frente aguardando ansiosamente alcançar a maturidade espiritual. Podemos vagar pelo deserto da incredulidade, egoísmo e desobediência ou entrar na terra prometida, com suas batalhas e provações, confiando que Deus nos dará a vitória.

"Escolheu-nos a nossa herança" (Sl 47:4).

Vamos escolher tomar posse de nossa herança e usá-la para a glória de Deus? Vamos ser contados entre os conquistadores?

DEUTERONÔMIO

ESBOÇO

Tema-chave: Preparação para tomar posse da herança

Versículos-chave: Deuteronômio 6:1-3, 23

I. RELEMBRANDO AS BÊNÇÃOS DE DEUS – 1:1 – 5:33

1. Deus os guiou – 1:1 – 3:29
2. Deus foi até eles – 4:1-43
3. Deus os ensinou – 4:44 – 5:33

II. RESPONDENDO À BONDADE DE DEUS – 6 – 11

1. Amando a Deus – 6
2. Obedecendo a Deus – 7
3. Mostrando gratidão a Deus – 8:1 – 10:11
4. Temendo a Deus – 10:12 – 11:32

III. RECAPITULANDO A PALAVRA DE DEUS – 12:1 – 26:19

1. Adoração e obediência – 12:1 – 16:17; 18:9-22
2. Juízes e oficiais – 16:18 – 17:20
3. Ofertas – 18:1-8; 26:1-19
4. Cidades de refúgio – 19; 21:1-9
5. Lutando em guerras – 20
6. Leis variadas – 21:10 – 25:19

IV. RENOVANDO A ALIANÇA DE DEUS – 27:1 – 30:20

1. Obediência e desobediência – 27 – 28
2. Os termos da aliança – 29 – 30

V. SUBSTITUINDO O SERVO DE DEUS – 31 – 34

1. Moisés encoraja seu sucessor – 31:1-13
2. Moisés adverte a nação – 31:14 – 32:52
3. Moisés abençoa as tribos – 33
4. Moisés deixa o povo – 34

“Deuteronômio” significa “segunda lei” ou “repetição da lei”. Neste livro, Moisés recapitula a lei dada no Sinai, aplicando-a à vida na terra de Canaã. Deuteronômio também contém instruções e exortações sobre a conquista da terra e sobre o relacionamento de Israel com os habitantes de Canaã.

CONTEÚDO

1. Uma retrospectiva (Dt 1 – 3)..... 492
2. O Deus que adoramos (Dt 4 – 5)..... 500
3. Os segredos da obediência (Dt 6 – 7)..... 509
4. Quem você é (Dt 8 – 11)..... 519
5. Adorai ao Senhor em verdade (Dt 12 – 13; 18:9-22)..... 530
6. Alimentos e festas (Dt 14:1 – 16:17)..... 541
7. Juízes, reis, sacerdotes e pessoas do povo (Dt 16:18 – 18:8; 26:1-19).... 549
8. Homicídio culposo, guerra e homicídio doloso (Dt 19:1 – 21:14)..... 557
9. Disputas e decisões (Dt 21:15 – 25:19)..... 566

10. Obediência e desobediência, bênçãos e maldições (Dt 26:16 - 30:20).....	578	12. O fim de uma era (Dt 32:48 - 34:12).....	593
11. O cântico de Moisés (Dt 31:1 - 32:47).....	586	13. Aprendendo a lembrar - lembrando de aprender (Revisão de Deuteronômio).....	599

UMA RETROSPECTIVA

DEUTERONÔMIO 1 - 3

Nosso professor de jornalismo nos ensinou que o primeiro parágrafo de toda reportagem deve informar os leitores “quem, o que, onde, quando e por que” sobre o acontecimento que está sendo relatado.

Deuteronômio 1:1-5 não é uma reportagem, mas apresenta exatamente essas informações. O povo de Israel encontra-se em Cades-Barnéia no quadragésimo ano depois de sua libertação do Egito, e seu líder, Moisés, está prestes a expor a lei de Deus e a preparar a nova geração para entrar em Canaã. O próprio Moisés não entraria na terra, mas ainda assim explicaria ao povo o que devia fazer para conquistar o inimigo, apropriar-se de sua herança prometida e ter uma vida bem-sucedida em seu novo lar para a glória de Deus.

Deus estava dando a seu povo uma segunda chance, e Moisés não queria que a nova geração fracassasse como havia acontecido com seus pais. Israel deveria ter entrado em Canaã trinta e oito anos antes (Dt 2:14), mas, em sua incredulidade, o povo rebelou-se contra Deus. O Senhor condenou-os a vagar pelo deserto até que a geração mais velha morresse, com exceção de Josué e de Calebe (Nm 13 - 14). O filósofo George Santayana escreveu: “Aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo”,¹ de modo que a primeira coisa que Moisés fez em seu discurso de despedida foi dar uma retrospectiva do passado de Israel e lembrar a nova geração de quem eles eram e de como haviam chegado onde estavam (Dt 1 - 5). Sabendo de seu passado, a nova geração de Israel podia evitar de repetir os pecados de seus pais.

1. A MARCHA DE ISRAEL (Dt 1:6-18)

É importante que toda geração tenha uma compreensão da história, pois isso lhe dá um senso de identidade. Se você sabe quem é e de onde veio, terá mais facilidade em descobrir o que deve fazer. Uma geração sem identidade é como uma pessoa sem certidão de nascimento, sem nome, sem endereço e sem família. Se não conhecemos nossas raízes históricas, podemos ficar como folhas ao vento sopradas de um lado para o outro sem chegar a lugar algum.

Um pai levou o filho ao museu da cidade para ajudar o menino a compreender melhor como era a vida antes de ele nascer. Depois de olhar, meio mal-humorado, alguns objetos expostos, por fim o menino disse:

— Pai, vamos a algum lugar onde as pessoas são reais.

Assim como aquele menino entediado, muitas pessoas acreditam que o passado é irreal ou irrelevante e que não tem qualquer relação com a vida de hoje e, assim como o menino, estão erradas. O cínico diz que a única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos com a história, mas o cristão maduro sabe que A. T. Pierson estava certo quando disse: “A história humana é a história de Deus”. A Bíblia não é um museu entediante em que tudo está morto. É uma obra dramática e viva que nos ensina sobre Deus e nos encoraja a lhe obedecer e a desfrutar suas bênçãos (Rm 15:4; 1 Co 10:1-12). Não há livro mais contemporâneo do que a Bíblia, e a cada nova geração precisa aprender essa lição importante.

Israel no Sinai (vv. 6-8; ver Nm 1:1 - 10:10).² Depois de deixar o Egito, o povo marchou para o monte Sinai, chegando lá no décimo quinto dia do terceiro mês (Êx 19:1), e lá o Senhor revelou-se em poder e glória. Entregou a lei a Moisés, que a transmitiu para o povo, e os israelitas aceitaram os termos do contrato. O povo de Israel saiu do Sinai no vigésimo dia do segundo mês, no segundo ano depois do êxodo (Nm 10:11), o que significa que ficaram no Sinai pouco menos de um ano. Enquanto a nação estava acampada no Sinai, o tabernáculo foi construído,

e os sacerdotes e levitas foram consagrados para servir ao Senhor.

Por que o Senhor fez com que Israel de-morasse tanto no Sinai? Queria lhes dar sua lei e ensiná-los a adorar. O Senhor não deu a Israel sua lei para salvar o povo de seus pecados, pois "por obras da lei, ninguém será justificado" (Gl 2:16). Assim como os pecadores de hoje, as pessoas na antiga aliança eram salvas pela fé (Rm 4:1-12; Gl 3:22; Hb 11). A lei revelava a pecaminosidade do homem e a santidade de Deus. Ela explicava as condições de Deus para que seu povo o adorasse e desfrutasse sua bênção. A lei civil permitia que Israel tivesse uma sociedade justa e ordeira, e a lei religiosa possibilitava que vivessem como povo de Deus, separados de outras nações para glorificar o nome do Senhor. A lei também preparava o caminho para a vinda do Messias de Israel (Gl 4:1-7), e os diversos utensílios e cerimônias do tabernáculo apontavam para Jesus.

Sabendo das guerras e dos perigos que os esperavam, é possível que muitos israelitas tivessem se contentado em ficar no monte Sinai, mas o Senhor ordenou que prosseguissem em sua jornada. Deus não apenas deu essa ordem como também os encorajou dizendo: "Eis aqui a terra que eu pus diante de vós" (Dt 1:8). Ele prometeu manter a aliança que havia feito com os patriarcas, para os quais, em sua graça, havia prometido a terra de Canaã (Gn 13:14-18; 15:7-21; 17:8; 28:12-15; Êx 3:8). Tudo o que o exército de Israel precisava fazer era seguir as ordens de Deus, e o Senhor lhes daria vitória sobre seus inimigos em Canaã.

Israel a caminho de Cades-Barnéia (vv. 9-18; Nm 10:11 - 12:16). Não foi fácil para Moisés liderar essa grande nação, pois, com frequência, teve de resolver problemas e de ouvir as queixas do povo. Habitados com o conforto do acampamento no Sinai, os israelitas ressentiram-se das dificuldades de sua jornada para a terra prometida. Esqueceram-se do sofrimento de seus anos de escravidão no Egito e chegaram até a querer voltar para lá! Acostumaram-se com o maná que Deus lhes mandava do céu a cada manhã e logo deixaram de apreciá-lo, desejando as carnes

e legumes que gostavam de comer quando estavam no Egito. Não é de se admirar que Moisés tenha ficado desanimado e clamado ao Senhor!³ Quis desistir e até pediu que Deus lhe tirasse a vida! (Nm 11:15).

A resposta de Deus à oração de Moisés foi dar-lhe setenta anciãos para assisti-lo na administração das questões operacionais do acampamento. Moisés era um grande líder e um homem espiritual, mas também tinha limites. Ele e os anciãos organizaram a nação em grupos de mil, de cem, de cinquenta e de dez, deixando cada divisão ao encargo de líderes competentes. Isso criou uma estrutura de comando entre Moisés e o povo, de modo que ele não precisasse mais se envolver em todas as controvérsias secundárias. Podia dedicar-se a conversar com o Senhor e ajudar a resolver os problemas mais abrangentes do acampamento.

A ordem de Moisés aos líderes recém-nomeados deve ser ouvida por todos que se encontram numa posição de autoridade, quer seja no meio religioso, quer no secular (Dt 1:16-18). Suas palavras enfatizam o caráter e a justiça, bem como a consciência de que Deus é a autoridade e juiz supremo. Se todos os líderes tomassem suas decisões com base em nacionalidade, raça, posição social ou riqueza, estariam pecando contra Deus e corrompendo a justiça. Por toda a lei de Moisés, encontramos uma ênfase sobre a justiça e sobre a demonstração de bondade e de imparcialidade para com os pobres em geral e especificamente para com as viúvas, os órfãos e os estrangeiros na terra (Êx 22:21-24; Lv 19:9, 10; Dt 14:28, 29; 16:9-12; 24:17-21). Em várias ocasiões, os profetas bradaram contra os ricos latifundiários por estarem abusando dos pobres e desamparados da terra (Is 1:23-25; 10:1-3; Jr 7:1-6; 22:3; Am 2:6, 7; 5:11; Zc 7:8). "O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou" (Pv 14:31).

2. A REBELDIA DE ISRAEL (Dt 1:19-46; Nm 13 - 14)

Cades-Barnéia era a passagem para a terra prometida, mas, por causa do medo e da incredulidade, Israel não entrou na terra. Deixou-se levar pelas aparências em vez de agir

pela fé nas promessas de Deus. Moisés lhes disse: “Eis que o SENHOR, teu Deus, te colocou esta terra diante de ti: Sobee, possua-a [...]. Não temas e não te assustes” (Dt 1:21). Sem dúvida, ter fé não é crer apesar das aparências – isso é superstição –, mas sim obedecer apesar das circunstâncias e conseqüências. Quantas provas mais o povo precisava de que seu Deus era capaz de derrotar o inimigo e de dar-lhe a terra? Já não havia derrotado e desgraçado todos os falsos deuses do Egito, protegido Israel e suprido todas as necessidades ao longo de sua jornada como peregrinos? Deus sempre capacita seu povo a cumprir suas ordens e a alcançar a vitória; tudo o que os israelitas precisavam fazer era confiar e obedecer.

Sondando a terra (vv. 22-25; Nm 13). O primeiro indício de que os israelitas estavam vacilando em sua fé foi seu pedido para que Moisés nomeasse uma comissão para sondar a terra. Assim, Israel saberia das condições da região e poderia preparar melhor um plano de ataque. Essa é a abordagem que qualquer exército usaria – chamada de “reconhecimento” –, mas Israel não era “qualquer exército”. Era o exército de Deus, e o Senhor já havia feito o “reconhecimento” da terra para eles. Desde o princípio, Deus havia dito a Abraão que Canaã era uma terra boa, que manava leite e mel, e havia até lhes dado o nome das nações que viviam na terra (Êx 3:7, 8; ver Gn 15:19-21). Sem dúvida, os israelitas sabiam que a vontade de Deus não os levaria a um lugar em que a graça e o poder do Senhor não os pudessem guardar.

Quando Moisés conversou com Deus sobre a sugestão do povo, em sua bondade, o Senhor deu a Moisés permissão para atender ao pedido dos israelitas (Nm 13:1). Deus sabe como somos fracos, de modo que, por vezes, ele se adapta a nossa condição (Sl 103:13, 14, Jz 6:36-40). No entanto, fazer aquilo que Deus permite não é exatamente a mesma coisa que obedecer à sua vontade “boa, agradável e perfeita” (Rm 12:2). Quando Deus deixa que façamos as coisas a nosso modo, trata-se de uma concessão da parte dele que deve nos levar a andar em temor e em humildade. Isso porque há sempre o

perigo de nos tornarmos orgulhosos e autoconfiantes demais e de começarmos a dizer a Deus o que ele deve fazer! O caminho mais seguro a seguir é fazer a vontade expressa de Deus, pois o Senhor nunca erra. Às vezes, nossos desejos e as concessões de Deus resultam em disciplina dolorosa.⁴

Os doze homens exploraram Canaã durante quarenta dias e voltaram para o acampamento com o relato entusiasmado e unânime de que tudo o que Deus havia dito sobre a terra era verdade. Esse relato não deveria ter causado surpresa, pois podemos sempre confiar em tudo o que a Palavra de Deus nos diz.

Rejeitando a terra (vv. 26-40). No entanto, os espias acrescentaram sua opinião ao relato, dizendo que Israel não era capaz de conquistar Canaã, pois as cidades eram protegidas por muralhas altas e havia gigantes na terra. A minoria (Josué e Calebe) afirmou, com ousadia, que o Senhor era capaz de dar a vitória a seu povo, pois era maior que o inimigo. Infelizmente, a nação seguiu a maioria, ficando desanimada e ainda mais assustada. Moisés disse duas vezes que não temessem (Dt 1:21, 29), mas suas palavras caíram em ouvidos moucos. Em vez de entoarem seu cântico de vitória e de marcharem adiante pela fé (Nm 10:35), os líderes e o povo sentaram-se em suas tendas murmurando, chorando e planejando voltar para o Egito. A nação inteira, com exceção de quatro homens – Moisés, Arão, Josué e Calebe (Dt 14:5, 6) –, rebelou-se contra o Senhor e não se apropriou da terra que Deus havia lhe prometido. O Senhor os tirou do Egito, mas não pôde fazê-los entrar em Canaã!

O que levou Israel a fracassar em Cades-Barnéia? “Esqueceram-se das suas obras e das maravilhas que lhes mostrara. [...] não se lembraram do poder dele” (Sl 78:11, 42). Deus havia demonstrado seu grande poder ao enviar as pragas sobre o Egito e ao abrir o mar Vermelho para que Israel pudesse escapar e, no entanto, nenhuma dessas maravilhas havia ficado registrada na mente e no coração de seu povo. Nem mesmo a provisão miraculosa de pão, carne e água aumentou

a fé dos israelitas. Receberam as dádivas com prazer, mas não consideraram a bondade e a graça do Doador. Em vez disso, endureceram seu coração contra o Senhor e desenvolveram um “perverso coração de incredulidade” (Hb 3:12). Se as bênçãos de Deus não trouxerem humildade a nosso coração e não nos levarem a confiar mais no Senhor, então endurecerão nosso coração e enfraquecerão nossa fé. A menos que recebamos sua Palavra em nosso coração, dando graças a Deus por suas bênçãos, tornamo-nos orgulhosos e egoístas e deixamos de dar o devido valor às bênçãos do Senhor.

Há uma diferença entre incredulidade e dúvida. A incredulidade é uma decisão que leva a pessoas a se rebelar contra Deus e a dizer: “Não importa o que Senhor disser ou fizer, não vou crer nem obedecer!” A dúvida, porém, refere-se ao coração e às emoções e é o que a pessoa sente quando oscila entre o medo e a fé (Mt 14:31; Tg 1:5-8). Aquele que duvida diz: “Senhor, eu creio. Ajuda-me na minha falta de fé!” Deus quer dar coragem àqueles que duvidam e ajudá-los a crer. Quanto aos rebeldes, porém, tudo o que pode fazer é julgá-los. Em Cades Deus decretou que a nação iria vagar durante trinta e oito anos (já haviam passado dois anos no deserto) até que todas as pessoas com vinte anos para cima tivessem morrido. Então, o Senhor levaria a nova geração – as crianças e os adolescentes que os líderes haviam dito que seriam devorados pelo inimigo – e a conduziria à terra onde conquistaria o inimigo e tomaria posse de sua herança.

Atacando o inimigo (vv. 40-46; Nm 14:40-45). Quando os israelitas ouviram a declaração do juízo de Deus, tentaram desfazer seu pecado, mas só pioraram as coisas. “Havemos pecado!”, disse o povo, mas suas palavras não passaram de uma confissão superficial que, na verdade, significava “Lamentamos as conseqüências de nosso pecado”. Não foi um arrependimento verdadeiro, mas apenas remorso. Em seguida, tentaram atacar alguns habitantes da terra, mas sua investida fracassou, e Deus permitiu que sofressem uma derrota humilhante (Dt 1:41-46). Afinal, o Senhor não estava

com eles e não havia ordenado que lutassem. O ataque não havia passado de uma tentativa da parte dos homens de Israel de conseguir, com suas próprias forças, aquilo que Deus teria feito por eles se tivessem apenas confiado nele. A única coisa que a nação pecadora poderia fazer era submeter-se à disciplina de Deus. Voltaram ao acampamento e choraram, mas suas lágrimas não fizeram Deus mudar de idéia. A nação não ouviu a voz de Deus, de modo que Deus também não deu ouvidos à voz deles.

Calebe e Josué creram em Deus e, portanto, o Senhor declarou que eles sobreviveriam à jornada pelo deserto e entrariam na terra prometida. Contudo, mais tarde, Moisés e Arão se rebelaram contra o Senhor e também não puderam entrar na terra (v. 37; Nm 20:1-13, 24). Quando Deus instruiu Moisés para que fizesse surgir água apenas falando à rocha, Moisés feriu a rocha e disse: “Ouvi, agora, rebeldes: porventura faremos sair água para vós outros desta rocha?” (Nm 20:10). Por não crer em Deus nem glorificá-lo, Moisés perdeu o privilégio de liderar a entrada de Israel em Canaã.⁵ Moisés não pecou por duvidar, mas por desobedecer a Deus e por exaltar a si mesmo.

Quando Moisés disse que Deus estava irado com ele “por causa de vós” (Dt 1:37), não estava se eximindo de culpa responsabilizando os israelitas. Com isso, queria dizer que a rebeldia do povo o havia provocado a fazer o que fizera e a dizer o que havia dito. Moisés se entristecera tantas vezes com a murmuração e a desobediência do povo que chegara a seu limite e perdera a mansidão pela qual era tão conhecido. Até os maiores líderes espirituais não passam de frágeis seres humanos separados da graça de Deus, e muitos deles fracassam justamente em seus pontos mais fortes. A maior força de Moisés era sua mansidão, mas ele perdeu a calma. Abraão é conhecido por sua grande fé e, no entanto, num momento de provação, fugiu para o Egito e mentiu sobre a esposa. A grande força de Davi era sua integridade (Sl 78:72), mas ele falhou terrivelmente e tornou-se mentiroso e hipócrita. O ponto mais forte de Pedro era sua coragem e, no entanto,

por três vezes ele se amedrontou e negou o Senhor. "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia" (1 Co 10:12).

3. AS CONQUISTAS DE ISRAEL (Dt 2:1 - 3:20)

Este é um resumo do relato apresentado em Números 20:14 - 31:54, que descreve o povo de Israel derrotando nações e reis em sua marcha rumo à terra prometida. Neste discurso, Moisés não dá detalhes das experiências de Israel durante os trinta e oito anos que passou vagando pelo deserto.⁶ Nesses anos, os israelitas não tiveram as bênçãos da aliança com Deus, e não há qualquer registro de que tenham observado a Páscoa nem mesmo de que tenham circuncidado seus filhos. Depois que Josué conduziu a nação até o outro lado do rio Jordão, cuidou dessas obrigações, e Israel voltou a ter as bênçãos da aliança (Js 5). Aqueles da congregação de Moisés que tinham dezenove anos quando o povo começou a vagar pelo deserto estavam com cinqüenta e sete anos (19 + 38) e, sem dúvida, se lembravam dos anos difíceis e falavam deles a seus filhos e netos.

Evitando os edomitas (2:1-8; Nm 20:14-21). Deus havia ordenado a Moisés que não declarasse guerra contra o povo de Edom nem tentasse tomar suas terras. Os edomitas eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó, portanto parentes dos israelitas (Gn 36). Primeiramente, Moisés tentou uma abordagem amigável, mas os edomitas não aceitaram de modo algum seus irmãos, de modo que Moisés conduziu o povo por outro caminho, que passava pelo monte Seir. Os edomitas deveriam ter mostrado amor fraternal aos israelitas, mas, em vez disso, preferiram perpetuar o antigo conflito familiar entre Jacó e Esaú. (Gn 27; 32 - 33). Séculos depois, Edom ainda estava irado com Israel e alegrou-se quando os babilônios destruíram Jerusalém (Sl 137:7; Ez 25:12-14; Am 1:11; Ob 10 -13).

De todos os problemas que enfrentamos na vida, é provável que os desentendimentos familiares sejam os mais dolorosos e difíceis de resolver e, no entanto, a Bíblia relata muitos desses conflitos. Caim matou seu irmão, Abel

(Gn 4); Jacó e Esaú eram rivais; as esposas de Jacó estavam sempre competindo entre si; Jacó mostrou preferência por José, levando os outros filhos a odiar o irmão mais novo (Gn 29 - 30), e o rei Saul, sogro de Davi, o perseguiu e tentou matá-lo (1 Sm 19 - 20). Até mesmo na igreja local, irmãos e irmãs em Cristo nem sempre demonstram amor uns pelos outros. A igreja de Corinto havia se dividido em quatro (1 Co 1:12); os cristãos da Galácia mordiam e devoravam uns aos outros (Gl 5:15); os cristãos de Éfeso precisavam ser amáveis e perdoar uns aos outros (Ef 4:31, 32), e na igreja filipense havia duas mulheres que não se entendiam (Fp 4:2, 3). Pelo menos, as brigas de família e desavenças na igreja ocorrem num âmbito mais limitado. No entanto, muitas pessoas inocentes sofrem quando nações inteiras cultivam e encorajam o ódio umas contra outras e fazem guerras.

Moisés fez a coisa certa ao obedecer à ordem de Deus e ao ter o cuidado de evitar um confronto que custaria caro e que não seria de proveito algum. "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5:9). "Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros" (Rm 14:19). Há ocasiões em que evitar um conflito é covardia, mas em outros momentos, é sinal de coragem e de sabedoria (Tg 3:13-18; Mt 5:21-26). Assim como Tiago e João, talvez nosso desejo seja pedir fogo do céu sobre as pessoas que nos rejeitam, mas o melhor é seguir o exemplo de Moisés e de Jesus e tomar outro caminho (Lc 9:51-56).

É importante observar ainda outro fator dessa "pacificação": em sua graça, Deus havia cuidado de Israel e abençoado seu povo durante os anos em que vagaram pelo deserto, de modo que não tinham necessidade alguma de atacar nem de explorar os irmãos (Dt 2:7). Deus daria a Israel toda a terra de que necessitava sem que precisasse guerrear. Se mais indivíduos, famílias e nações se contentassem com as bênçãos recebidas de Deus, haveria muito menos conflitos entre elas.

Evitando os moabitas e amonitas 2: 9-23). Assim como os edomitas não foram atacados

nem conquistados por serem parentes de Jacó, também os moabitas e amonitas foram poupados, pois eram descendentes de Ló, o sobrinho de Abraão (Gn 19:30-38). Deus tem autoridade suprema sobre todas as nações e distribui seus territórios segundo sua vontade soberana (At 17:26-28; 2 Cr 20:6). Na verdade, o Senhor até mesmo ajudou essas nações a derrotar os inimigos e a apropriar-se de suas terras (Dt 2:20-23). Deus está em seu trono e trata com as nações de acordo com sua vontade perfeita (Dn 4:35). Nem os moabitas e nem os amonitas mereciam essa bondade, mas, às vezes, Deus abençoa as pessoas em função de seu relacionamento com outros. Sem dúvida, Israel foi abençoado por causa das alianças de Deus com Abraão e com Davi, e a Igreja é abençoada nos dias de hoje em função da aliança eterna do Pai com Jesus Cristo (Hb 13:20).

Ao atravessar o vale de Zeredé, os israelitas estavam num ponto crítico de sua história, pois já não havia mais ninguém da geração mais velha, exceto Moisés, Calebe e Josué (Dt 2:13-16). Passado seu tempo de disciplina por Deus, Israel poderia aguardar com ansiedade o momento de derrotar seus inimigos e entrar na terra que Deus havia prometido a seu povo.

Derrotando os amorreus (2:24 - 3:11).

Seom e Ogue eram reis poderosos da região dos amorreus, do lado leste do Jordão, e o Senhor havia decidido destruí-los e a seu povo. As ordens de Deus em Deuteronômio 2:24, 25 e 31 resumem o padrão que Israel seguiria em sua conquista da Terra Prometida. Deus dizia a Josué qual cidade ou povo atacar; dava aos israelitas a certeza da vitória e, depois, ia com eles para ajudá-los a ganhar a batalha. A derrota de Seom e de Ogue por Israel foi especialmente importante, pois serviria de mensagem para as outras nações em Canaã e encheria de medo o coração desses povos (Dt 11:25). Quando Josué estava pronto para entrar na terra, o povo de Deus já era precedido da fama de sua marcha invencível (Js 2:8-11; ver Êx 15:14-16).

Como havia feito com os edomitas, moabitas e amonitas, antes de tudo Moisés enviou

a Seom uma proposta de boa vontade, prometendo passar pelo território dele pacificamente e pagar pela comida e água que o povo consumisse. No entanto, o Senhor desejava que Israel derrotasse Seom e que tomasse toda a sua terra, de modo que ele endureceu o coração do rei, como havia endurecido o coração do Faraó no Egito.⁷ Quando Seom liderou seus exércitos num ataque contra Israel, Deus deu grande vitória a Moisés, e todo o povo daquela região foi massacrado. Essa vitória sobre Seom animou os israelitas a confrontar Ogue e, depois de vencerem a batalha, tomaram posse de seu território. O fato de as cidades terem muralhas altas (Dt 3:5) e de Ogue ser um gigante (v. 11) não parece ter causado os problemas tão temidos pela geração mais velha (Nm 13:28). Deus é maior que as muralhas e mais poderoso que os gigantes!

Os críticos liberais da Bíblia preocupam-se com a forma como Israel destruiu nações inteiras, matou “pessoas inocentes” e tomou para si suas cidades e terras. Porém, quão “inocentes”, de fato, eram essas pessoas? É possível que esses críticos das Escrituras (e de Deus) não se dêem conta de que as nações com as quais Israel se deparou, a leste do Jordão e em Canaã em si, eram indescritivelmente perversas. Eram povos cruéis que sacrificavam os próprios filhos aos falsos deuses que adoravam. A prostituição cultural masculina e feminina em seus templos e as relações sexuais eram parte importante da religião cananéia.

Não faltava a esses povos o testemunho de Deus por meio da criação (Rm 1:18ss) bem como por meio da vida de Abraão, Isaque e Jacó, que viveram em Canaã. Além disso, as notícias da destruição de Sodoma e Gomorra, das pragas do Egito e do livramento de Israel com a travessia do mar Vermelho (Js 2:8-11) haviam chegado aos ouvidos desses povos e eram testemunho de que somente Jeová é o Deus verdadeiro. Deus havia sido longânimo com essas nações perversas até mesmo no tempo de Abraão, mas seu tempo havia se esgotado, e era chegada a hora de seu julgamento (Gn 15:16). Se essas civilizações perversas não

tivessem sido exterminadas, Israel correria sempre o risco de ser tentado pela idolatria pagã. De fato, foi isso o que aconteceu durante o período dos juízes, e o Senhor teve de disciplinar seu povo a fim de conduzi-lo de volta ao Deus verdadeiro. Israel tinha um trabalho importante a realizar na Terra ao produzir as Escrituras e ao trazer ao mundo o Salvador e, se imitasse as nações pagãs, teria contaminado Israel e ameaçado o grande plano de Deus para a salvação da humanidade.

4. ISRAEL SE PREPARA (Dt 3:12-29)

As vitórias sobre Seom e Ogue, os dois reis poderosos das terras a leste do Jordão, foram, em si, uma preparação para as batalhas que Israel teria ao chegar a Canaã. A geração mais nova estava tendo suas primeiras experiências de combate e aprendendo rapidamente que podia confiar em Jeová para conquistar todos os inimigos. Tudo o que o exército precisava fazer era obedecer às ordens de Deus, crer em suas promessas e enfrentar bravamente o inimigo.

O segundo passo da preparação para a conquista foi o assentamento das duas tribos e meia no território capturado a leste do Jordão. Essa terra foi dada às tribos de Rúben e de Gade e à meia tribo de Manassés. Elas pediram esse território especificamente porque se dedicavam à criação de rebanhos, e a região era propícia para essa atividade (Nm 32). As duas tribos e meia receberam permissão de fortificar cidades para que suas famílias vivessem ali e de construir currais e apriscos para seus rebanhos. No entanto, o acordo era que os homens aptos a guerrear cruzariam o Jordão com as outras tribos e ajudariam os irmãos a conquistar a terra. Uma vez que tivessem tomado posse de Canaã e que as outras tribos recebessem sua herança, os homens de Rúben, Gade e Manassés poderiam voltar para casa e para suas famílias (Js 22). O fato de Moisés dar-lhes a terra e de os homens estarem dispostos a deixar seus entes queridos para trás foi a prova de sua fé em que Deus daria a vitória a Israel em Canaã.

Moisés descreveu essa vitória como "o SENHOR [dando] descanso" (Dt 3:20), uma

expressão usada novamente em Deuteronômio 12:10 e 25:19 e que aparece com frequência em Josué (1:13-15; 11:23; 14:15; 21:44; 22:4; 23:1). O Livro de Hebreus toma essa expressão e a aplica ao descanso espiritual que temos em Cristo, pois confiamos em sua obra completada na cruz (Hb 3:11, 18; 4:1-11). Quando estava em Cades-Barnéia, Israel queria voltar para o Egito, e os judeus cristãos para os quais o Livro de Hebreus foi escrito queriam voltar para seu antigo modo de vida e religião. No entanto, não havia descanso na religião judaica, que logo seria algo do passado, de modo que o escritor de Hebreus instou o povo a avançar pela fé no descanso que somente Cristo pode dar (Mt 11:28-30). Canaã não é um retrato do céu, mas sim das nossas riquezas espirituais em Cristo, a herança que temos nele.

O terceiro passo da preparação para a conquista foi a nomeação de Josué para suceder Moisés e liderar a nação até Canaã (Nm 27:18-23). Seguindo as ordens do Senhor, Moisés impôs as mãos publicamente sobre Josué e, com a ajuda de Eleazar, o sumo sacerdote, consagrou-o para seu novo cargo. Moisés também começou a transferir parte de suas responsabilidades a Josué (Nm 27:20), de modo que, quando Moisés saiu de cena, Josué estava pronto a assumir todas as suas incumbências. Josué, porém, era um homem de grande fé e experiência, plenamente qualificado para liderar o povo de Deus. Fora servo de Moisés (Êx 33:11) e líder militar (Êx 17:8-16) e havia estado no Sinai com Moisés (Êx 24:13). Em Cades-Barnéia, provara sua fé e obediência ao apoiar Moisés e Calebe em oposição aos dez espias e à nação toda de incrédulos.

A única coisa que obscureceu o brilho dessa comemoração de vitória foi o fato de Moisés não ter permissão para entrar na Terra Prometida devido a seu pecado impetuoso ao ferir a rocha em Meribá (Nm 20:1-13; 27:12-14). Contudo, mesmo esse tom de tristeza trazia consigo um toque de ânimo nas palavras de Moisés: "Ó SENHOR Deus! Passaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua poderosa mão" (Dt 3:24). Por mais maravilhosas que tivessem sido as vitórias de

Israel até lá, eram apenas uma pequena demonstração da grandeza e do poder de Deus, e Moisés não queria perder nenhuma das coisas maravilhosas que Deus iria realizar em Canaã. O SENHOR não permitiu que Moisés entrasse na terra, mas antes que ele falecesse, deixou-o contemplar a terra do alto do monte Pisga (Nebo; ver Dt 32:48-52; 34:1-6). Séculos mais tarde, Moisés colocou seus pés na Terra Santa, na glória do monte da transfiguração, com Jesus e Elias (Mt 17:1-3).

Todas as palavras de Moisés no início de seu discurso de despedida prepararam o caminho para sua explicação e aplicação da lei de Deus, pois a história e a responsabilidade andam juntas. Deus havia realizado feitos poderosos em favor de seu povo, tanto ao abençoá-lo quanto ao discipliná-lo, e Israel

tinha a responsabilidade de amar a Deus e de obedecer à sua Palavra. Ao longo de todo o seu discurso, Moisés lembra os israelitas, com freqüência, de que eram um povo privilegiado, o povo de Deus, separado de todas as nações da Terra para o Senhor. Quando nos esquecemos de nosso propósito mais elevado, decaímos num modo de vida depravado.

A Igreja de hoje precisa olhar para o passado e se lembrar de tudo o que o Senhor fez por seu povo – e de tudo o que seu povo fez ou deixou de fazer em retribuição às bênçãos de Deus. Para que uma nova geração de cristãos marche vitoriosa rumo ao futuro, é preciso que volte a suas raízes e que aprenda novamente os fundamentos do que significa ser povo de Deus.

1. SANTAYANA, George. *The Life of Reason*, v. 1, cap. 12.
2. Para uma interpretação do Livro de Números, ver minha obra *Be Counted* [Seja contado], publicada pela editora Cook.
3. Essa é a primeira vez que o título “o SENHOR, vosso Deus” é usado em Deuteronômio (v. 10) e pode ser encontrado mais de sessenta vezes nesse livro. Moisés usou esse título para lembrar os israelitas de que pertenciam ao Senhor e de que eram seu povo especial.
4. Durante a conquista de Canaã, em duas ocasiões Josué confiou somente na informação humana e nas duas vezes foi derrotado: quando atacou Ai com um exército muito pequeno (Js 7) e quando fez uma aliança com os gibeonitas (Js 9). Não há nada de errado em obter informação humana, mas é pecado fiar-se inteiramente nela e não buscar a orientação divina (Pv 3:5, 6). Quando Israel pediu um rei, Deus atendeu seu pedido, mas isso trouxe sofrimento para o povo (1 Sm 8 - 9).
5. O julgamento sobre Moisés envolveu mais do que a simples disciplina pessoal. Moisés representava a lei, e é impossível o povo de Deus se apropriar de suas bênçãos pela obediência à lei. Trata-se de uma questão de fé nas promessas do Senhor, de tomar para si a graça de Deus. Josué representava Jesus, pois os dois nomes significam “Jeová é salvação”. É ao confiar em Cristo que entramos em nossa herança espiritual representada pela terra de Canaã (Hb 4:1-8).
6. Números 33 apresenta uma relação sem comentários dos lugares em que Israel acampou durante aqueles tristes anos.
7. Assim como aconteceu com o Faraó, o processo de endurecimento envolveu a resposta pessoal de Seom à vontade de Deus. O Senhor não é invasivo e não obriga as pessoas a agir contra sua vontade. A notícia da marcha de Israel havia chegado aos ouvidos de Seom bem antes de os israelitas entrarem em cena, e o rei já havia decidido declarar guerra. Uma vez que Seom resistiu à Palavra do Senhor, seu coração foi endurecido.

O DEUS QUE ADORAMOS

DEUTERONÔMIO 4 – 5

O povo de Israel foi abençoado mais do que todas as nações da terra, pois pertencia ao verdadeiro Deus vivo e tinha um relacionamento de aliança com ele. Estavam se preparando para entrar na terra que Deus prometeu quando chamou Abraão, o pai dos israelitas (Gn 12:1-3; 13:14-18), e parte dessa preparação consistia em ouvir atentamente o discurso de despedida de Moisés, o profeta do Senhor e líder do povo de Deus. Depois de relatar a história de Israel (Dt 1 – 3), Moisés lembrou o povo do caráter do Deus de Israel e de como deveriam responder a ele. Se não conhecermos o caráter do Deus a quem adoramos, como poderemos adorá-lo “em espírito e em verdade” (Jo 4:24)?

1. DEUS FALA – DEVEMOS OUVI-LO (Dt 4:1, 2)

O grande estudioso judeu Abraham Joshua Heschel escreveu: “Para crer, precisamos de Deus, de uma alma e da Palavra”.¹ Outro estudioso judeu, o apóstolo Paulo, chegou à mesma conclusão e escreveu: “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17).

O Deus que fez a criação existir por sua Palavra (Sl 33:6-9) ordenou que seu povo deve ter uma vida dedicada à atenção e à obediência a sua Palavra..

O verbo “ouvir” é usado quase cem vezes em Deuteronômio. A confissão de fé tradicional dos judeus (Dt 6:4, 5) é chamada de *Shema*, palavra que vem do hebraico e significa “ouvir, prestar atenção, compreender, obedecer”. Para o judeu do Antigo Testamento e o cristão do Novo Testamento, ouvir a Palavra de Deus implica muito mais

do que ondas de som chegando ao ouvido humano. Ouvir a Palavra de Deus é uma questão de concentrar todo nosso ser – mente, alma e vontade – no Senhor, recebendo o que ele nos diz e obedecendo. A fim de transformar nossa vida, a Palavra de Deus deve penetrar em nosso coração e tornar-se parte de nosso ser interior. Foi isso o que Jesus quis dizer quando falou: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lc 8:8). Essa declaração aparece pelo menos oito vezes nos Evangelhos e, portanto, deve ser importante (ver também Dt 29:4 e Ez 12:2).

Ouvir a Palavra de Deus e lhe obedecer era a essência de Israel (Dt 4:1a). Quando Deus fala, coloca diante de nós a vida e a morte (Dt 30:15-20), e nossa resposta determina qual se concretizará. “Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo-os, o homem viverá por eles. Eu sou o SENHOR” (Lv 18:5). Deuteronômio 4:1, 2 e 5 enfatiza o mandamento e o ensino, pois o Senhor não apenas nos diz o que fazer, mas também explica a verdade por trás de suas prescrições. É possível que Jesus tivesse isso em mente quando disse a seus discípulos que os tratava como amigos e não como escravos, pois lhes explicava o que estava fazendo (Jo 15:14, 15).

Não era apenas a vida de Israel que dependia da obediência à Palavra de Deus, mas também sua vitória sobre o inimigo (Dt 4:1b). Sem fé e obediência, Israel não poderia entrar na terra e derrotar as nações fortemente entrincheiradas naquela região. O Senhor não poderia ir adiante de seu povo e dar-lhes a vitória se eles não o seguissem em obediência (Dt 1:30). Os dez espias que não compreenderam o poder das promessas de Deus levaram Israel ao desânimo, à derrota e à morte por causa de sua incredulidade (Nm 13 – 14). “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4), e a fé vem da Palavra (Rm 10:17).

Os cristãos de hoje devem buscar sua vida e sua vitória na Palavra de Deus. Não podemos obedecer a Deus se não conhecemos seus mandamentos. Mas se os conhecemos, cremos neles e lhes obedecemos, então o poder de Deus opera em nossa vida.

“Ora, os seus mandamentos não são penosos” (1 Jo 5:3). Obedecer ao Senhor torna-se um privilégio prazeroso quando percebemos que seus mandamentos são expressões de seu amor, garantias de sua força, convites às suas bênçãos, oportunidades de crescer e de trazer glória para o nome do Senhor e ocasiões de desfrutar o amor de Deus e a comunhão com ele, à medida que procuramos agradá-lo. A Palavra de Deus é a porta para os tesouros da graça divina.

Moisés deu ainda uma advertência sobre mudar a Palavra de Deus, acrescentando a ela ou subtraindo dela (Dt 4:2; ver 12:32; Pv 30:6; Gl 3:15; Ap 22:18, 19). Os primeiros manuscritos das Escrituras eram copiados a mão, e era fácil um copista fazer mudanças; mas Deus cuida de sua Palavra (Jr 1:12) e julga aqueles que adulteram seu conteúdo. Os fariseus do tempo de Jesus guardavam as Escrituras com grande zelo e, no entanto, adulteravam a Palavra de Deus ao colocar no lugar dela suas próprias tradições (Mc 7:1-13). Se a Palavra de Deus é nossa vida, então estamos pondo nosso próprio futuro em risco se deixarmos de honrá-la e de lhe obedecer de todo o coração (Ef 6:6).

2. DEUS É SANTO – DEVEMOS TEMÊ-LO (Dt 4:3, 4)

A idolatria e as práticas imorais associadas a ela eram o pecado contumaz de Israel. Enquanto viveram no Egito, os hebreus tiveram contato com a idolatria e chegaram a praticá-la em sua jornada pelo deserto (At 7:42, 43). Enquanto Moisés estava com Deus no monte Sinai, o povo no acampamento adorou a um bezerro de ouro (Êx 32). A idolatria era um pecado muito grave, pois Israel havia se “casado” com Jeová no monte Sinai, de modo que, na verdade, sua adoração a ídolos era adultério (Jr 3; Os 1 - 2). Era um pecado contra o amor de Deus e uma transgressão à lei divina. Por fim, o Senhor teve de mandar seu povo à Babilônia para curá-lo de sua idolatria.

Pode ter sido esse o motivo que levou Moisés a citar a tragédia dos pecados de Israel em Baal-Peor (Dt 4:3, 4; Nm 25). O

acontecimento era recente o suficiente para que o povo se lembrasse dele. O falso profeta Balaão havia sido contratado pelo rei Balaque para amaldiçoar o povo de Israel, mas cada vez que Balaão tentava amaldiçoá-los, acabava abençoando-os (Nm 22 - 24). Suas maldições não funcionaram, mas ele elaborou um plano que deu certo. Balaão e Balaque convidaram os homens israelitas para as festas religiosas dos moabitas e incentivaram sua total participação (Nm 25). Isso significava ter relações com prostitutas culturais dos templos, e um dos homens chegou a levar sua “namorada” de volta para o acampamento de Israel! O fato de Deus julgar seu povo matando vinte e quatro mil homens indica que muitos dos israelitas não hesitaram em tomar parte naquela libertinagem. Aquilo que o inimigo não conseguiu fazer com maldições e combate, foi capaz de realizar por meio da condescendência e da “amizade”.

Os israelitas que recusaram o convite e permaneceram fiéis ao Senhor ainda estavam vivos, pois a Palavra é nossa vida, e obedecer à Palavra de Deus nos mantém em comunhão com o Senhor (2 Co 6:14 - 7:1). O povo de Deus deve cuidar para não ter amizade com o mundo (Tg 4:4) nem ser contaminado pelo mundo (Tg 1:27), pois isso nos leva a amar as coisas terrenas (1 Jo 2:15-17) e a nos conformar com o mundo (Rm 12:2). Esse tipo de vida chama para si a disciplina de Deus, pois “O Senhor julgará o seu povo” e “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:30, 31).

Temer ao Senhor significa respeitar quem ele é, o que ele é e o que ele diz, e por meio de nossa submissão e obediência demonstrar nosso amor e o desejo de lhe agradar. Deus é o Criador e nós somos as criaturas; ele é o Senhor e nós somos os servos. Quando desrespeitamos sua autoridade deliberada e propositadamente, tentamos o Senhor a nos disciplinar, e nossa arrogância só causa dor e perdas trágicas. Não vale a pena. Se você quer identificar as bênçãos que os cristãos perdem quando não temem ao Senhor, leia e medite nos seguintes versículos: Deuteronômio 6:24; Salmos 25:12; 31:19; 34:9; 112;

145:19; Provérbios 1:7; Isaías 33:6; Efésios 5:21; Hebreus 12:28, 29.

3. DEUS É SÁBIO – DEVEMOS APRENDER DELE (Dt 4:5-9)

A Palavra de Deus é a revelação da sabedoria de Deus, e precisamos conhecer e seguir tal sabedoria se queremos ter uma vida que agrade e que glorifique ao Senhor. Para Deus, a sabedoria do mundo é insensatez (1 Co 3:19) e aqueles que a seguem ficarão desapontados. No Antigo Testamento, a palavra “sabedoria” está relacionada ao caráter e não à inteligência humana e descreve o uso correto do conhecimento. De acordo com o Dr. Roy Zuck: “A sabedoria consiste em demonstrar aptidão e em ter sucesso nos relacionamentos e responsabilidades, observando e seguindo os princípios de ordem do Criador no universo moral”.² A prática da sabedoria de Deus implica não apenas sobreviver, mas viver de fato.

Por que era tão importante que Israel conhecesse e obedecesse à sabedoria de Deus? Em primeiro lugar, essa era a garantia de seu sucesso ao tomar posse da Terra Prometida (Dt 4:5). Ao ler o Livro de Josué, descobrimos que Deus já havia planejado toda a campanha militar, e Josué simplesmente precisava discernir a vontade de Deus e lhe obedecer. Nas duas ocasiões em que Josué não buscou a sabedoria do Senhor, a nação sofreu derrotas humilhantes (Js 7; 9).

Ao conhecer a sabedoria de Deus, o povo de Israel não apenas teria sucesso em sua missão, mas também serviria de testemunho para as outras nações (Dt 4:6-8). As nações pagãs em Canaã tentavam obter a orientação de seus falsos deuses por meio da feitiçaria e de várias formas de espiritismo, sendo que todas elas eram proibidas aos israelitas (Dt 18:9-14; Is 47:12-14). As leis de Deus revelavam claramente a Israel ao certo e o errado e abrangiam praticamente todas as decisões que precisavam tomar. Nós, cristãos de hoje, temos a Palavra de Deus completa e a certeza de que, se obedecermos ao que Deus já nos ensinou, ele nos dará a orientação de que precisamos em áreas específicas da vida (Jo 7:17). Aqueles que vivem de acordo com

a sabedoria de Deus inevitavelmente demonstram aos que se encontram a seu redor que seguir a sabedoria divina redundará em bênçãos.³ Todos os aspectos da religião de Israel eram tão infinitamente superiores aos das nações vizinhas que os pagãos incrédulos não podiam deixar de se impressionar: a presença de Deus no santuário, a lei de Deus governando a vida do povo, a orientação de Deus e a ausência de crueldade e de impureza. O triste é que Israel se acostumou com essas bênçãos, começou a imitar os povos vizinhos e perdeu seu testemunho.

Há ainda outro benefício que gozamos quando seguimos a sabedoria de Deus: ela nos ajuda a construir lares tementes ao Senhor (Dt 4:9, 10). Cercados como estavam de povos pagãos, apenas uma geração separava Israel de perder as bênçãos de Deus, sendo que o mesmo se aplica à Igreja de hoje (2 Tm 2:2). Se não ensinarmos nossos filhos sobre Deus e sua Palavra, um dia surgirá uma geração que não conhece ao Senhor, como acabou acontecendo em Israel (Jz 2:7-15). “Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lc 18:8).

Qual a melhor maneira de os pais cristãos influenciarem seus filhos de modo que confiem no Senhor e vivam de acordo com a sabedoria de Deus? Moisés dá três sugestões aos adultos: sejam exemplos para seus filhos; não deixem que a Palavra de Deus saia da mente e do coração deles; e lembrem-se do que o Senhor fez por vocês no passado, compartilhando essas experiências com seus filhos. Todas as crianças israelitas no tempo de Moisés deveriam conhecer a história do êxodo (Dt 6:20-25; Êx 10:1, 2; 12:24-28; 13:1-16), e, posteriormente, toda criança deveria saber o que significava o fato de Israel ter cruzado o rio Jordão (Js 4:1-7, 21-24). A geração mais velha é responsável por instruir as gerações mais jovens e ser um exemplo e um estímulo para elas (Dt 6:1-3; 32:44-47; Sl 34:11; 44:1; 71:17-19; 78:1-8; Tt 2:1-8). Os pais não devem colocar essa responsabilidade nas mãos dos professores da escola dominical ou de líderes de outros programas para crianças na igreja, por mais

importantes que sejam esse ministérios, pois os pais cristãos consagrados são a primeira opção de Deus para ensinar os filhos. Os pecados dos pais – especialmente a negligência espiritual e os maus exemplos – podem ser imitados pelos filhos e produzir conseqüências tristes ao longo da vida desses jovens (Dt 5:8-10; Êx 20:5, 6; Nm 14:17, 18).⁴

4. SOMENTE O SENHOR É DEUS – DEVEMOS ADORÁ-LO (Dt 4:10-43)

As nações ao redor de Israel adoravam vários deuses e deusas, mas Israel deveria adorar somente o único e verdadeiro Deus. “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” – esse é o primeiro princípio fundamental da confissão de fé dos judeus, o *Shema* (Dt 6:4, 5), e o primeiro dos dez mandamentos é: “Não terás outros deuses diante de mim” (Dt 5:7). Isso porque todos os outros “deuses” são apenas fruto de imaginações pecaminosas e, na verdade, não são deuses coisa nenhuma (Rm 1:18ss). Adorar outros deuses significa adorar o nada e tornar-se nulo (Sl 115:8). Uma das palavras hebraicas para “ídolos” significa “ vaidade, inutilidade”. Em sua mensagem, Moisés apresenta vários argumentos para apoiar essa advertências contra a idolatria.

A experiência de Israel no Sinai (v. 10-19). Moisés lembrou o povo das experiências extraordinárias de Israel no Sinai, quando Deus fez sua aliança com eles. A montanha ardeu em fogo e cobriu-se de nuvens e de grande escuridão. Trovões e raios assustaram o povo, e depois do toque da trombeta, que soava cada vez mais alto, Deus chamou Moisés para o topo da montanha (Êx 19:16-19; Hb 12:18-21). O povo ouviu o som das palavras, mas não viu aparência alguma de Deus. O Senhor estava deixando bem claro que Israel deveria ser o povo da Palavra, ouvindo seu Deus falar, mas sem contemplar qualquer forma que pudesse copiar e, então, adorar (Dt 4:12, 15).

“Aquele que pode ouvir, pode ver”, disse, com toda razão, um sábio judeu.

“Aparência nenhuma vistes no dia em que o SENHOR, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo” (Dt 4:15). A conclusão é

óbvia: o Senhor proíbe seu povo de adorar representações visíveis de Deus ou qualquer coisa que Deus tenha feito, sejam seres humanos, animais, aves, peixes, o Sol, a Lua ou as estrelas. A adoração da criação em lugar do Criador é a essência da idolatria (Rm 1:22-25). Deus fez o homem à sua imagem, mas os idólatras fazem deuses à imagem deles próprios e, assim, se depreciam e afrontam o Senhor.⁵

O livramento de Israel do Egito (v. 20).

Moisés havia acabado de mencionar todas as nações (v. 19), de modo que lembrou o povo que Israel era diferente desses outros povos, pois Israel era o povo escolhido de Deus e sua propriedade peculiar (Êx 19:1-6). O Senhor escolheu Abraão e seus descendentes para levar suas bênçãos ao mundo todo (Gn 12:1-3; Jo 4:22), e, a fim de realizar essa tarefa importante, era preciso que Israel fosse um povo separado. A cada ano, quando comemorassem a Páscoa, os israelitas se lembrariam de que haviam sido escravos no Egito, de que o Senhor os havia livrado por seu grande poder e de que eram seu povo. Foi quando Israel começou a imitar as outras nações e a adorar seus deuses abomináveis que o povo deixou de ser uma nação dedicada exclusivamente ao Senhor. Por terem esquecido de seus privilégios distintivos, perderam suas bênçãos distintivas.

A Igreja de hoje tem uma lição a aprender com isso. Somos chamados a ser um povo separado, que não se conforma com este mundo (2 Co 6:14 - 7:1; Rm 12:1, 2), e, no entanto, a tendência das igrejas de hoje é usar aquilo que o mundo faz como modelo para seu ministério. De acordo com essa filosofia, a igreja atrairá mais pessoas se os perdidos se sentirem mais à vontade nos cultos. O mais triste é que o santuário transforma-se num teatro, e o “ministério” torna-se uma forma de entretenimento. Porém, as Escrituras e a história da Igreja deixam claro que as palavras de Campbell Morgan são verdadeiras: “A Igreja contribuía mais com o mundo quando era menos parecida com ele”. Jesus não condescendeu com o mundo e, ainda assim, atraiu os pecadores e ministrou-lhes com eficácia (Lc 15:1-2).

A experiência de Moisés em Cades (vv. 21-24; Nm 20:1-13). Quando Moisés feriu a rocha em vez de falar-lhe, Deus, em sua bondade, supriu água em abundância para seu povo sedento, mas disciplinou seu servo, que havia glorificado a si mesmo em lugar de glorificar ao Senhor. Não há outro Deus além do Senhor e somente ele deve ser glorificado. “Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem” (Is 42:8). Moisés advertiu o povo, dizendo: “Porque o SENHOR, teu Deus, é fogo que consume, é Deus zeloso” (Dt 4:24; ver Hb 12:29). O zelo de Deus por seu povo é semelhante ao zelo de um marido pela esposa ou de uma mãe pelos filhos (ver Dt 5:9; 6:15; 13:2-10; 29:20; 33:16, 21). Ele quer o que há de melhor para nós, mas quando seguimos deliberadamente nossos próprios caminhos, entristecemos o coração de Deus e perdemos o que ele deseja fazer por nós.

A aliança de amor de Deus (vv. 25-31). Deus fez uma aliança com seu povo e espera que eles a guardassem. A palavra “aliança” é usada pelo menos vinte e sete vezes em Deuteronômio e vem do termo hebraico *berith* que, de acordo com alguns estudiosos, significa “comer pão”. No Oriente, quando as pessoas faziam uma refeição juntas, formavam uma aliança ou tratado de ajuda e de proteção mútuas (ver Gn 26:26-35). Quando Deus estabeleceu sua aliança com Israel no monte Sinai, Moisés e os anciãos israelitas comeram diante de Deus na montanha (Êx 24:11). Os termos da aliança eram simples: se Israel obedecesse às leis de Deus, ele o abençoaria; se desobedecesse, Deus o disciplinaria. Mostraria seu amor pelo povo tanto na bênção quanto na disciplina, “porque o Senhor corrige a quem ama” (Hb 12:6).

Moisés explicou os detalhes dessa aliança mais adiante em seu discurso (Dt 28 - 30), mas, nessa parte, advertiu o povo de que seriam castigados, dispersos e destruídos como nação se não levassem a sério as responsabilidades da aliança. Infelizmente, foi justamente isso o que aconteceu. Nos últimos anos do reinado de Salomão, a fim de agradar suas muitas esposas, o rei introduziu a idolatria na terra (1 Rs 11), o que

levou ao julgamento de Deus e à divisão e deterioração do reino (1 Rs 12). Em 722 a.C., a Assíria capturou as dez tribos que constituíam o reino do Norte - Israel -, e a Babilônia tomou o reino do Sul - Judá - em 586 a.C. Do ano 70 d.C. até 14 de maio de 1948, quando a nação moderna de Israel foi reconhecida, o povo judeu ficou disperso por todo o mundo, sem um território nacional.

O amor de Deus (vv. 32-43). Ao educar crianças pequenas, usam-se recompensas e castigos para ensiná-las a obedecer, mas quando ficam mais velhas, espera-se que o caráter e o amor sejam sua motivação para evitar o mal e fazer o que é certo. Quando Israel afastou-se do verdadeiro Deus vivo e começou a adorar a ídolos, estava pecando contra a graça e o amor de Deus. O Senhor não escolheu qualquer outra nação, nem fez aliança com ela, nem falou com qualquer outro povo dando sua santa lei. Deus conduziu seu povo e cuidou dele desde os dias de Abraão até o tempo de Moisés, coisa que não havia feito por outras nações. Israel não foi abençoado por mérito próprio, mas sim por causa do amor eterno de Deus (v. 37; ver 7:7, 8, 13; 23:5).

Deus não quer que seus filhos obedecam a ele apenas para receber as bênçãos ou para evitar a disciplina, mas porque o amam de todo o coração. A palavra “coração” aparece mais de quarenta vezes no discurso de Moisés, e o *Shema* (Dt 6:4, 5) enfatiza o amor do Senhor. (Ver também 10:12; 11:1, 13, 22; 13:3; 19:9; 30:6, 16, 20.) Quando Moisés deu a lei à geração mais velha no Sinai, sua ênfase foi sobre o temor do Senhor (Êx 19:10-25; 20:20), mas sua aplicação da lei à nova geração magnifica o amor de Deus por Israel e a importância de Israel amar ao Senhor. Era preciso que fossem um povo maduro e obediente a Deus de coração. O Senhor é um Deus misericordioso (Dt 4:31), mas não devemos tentá-lo, pois também é um Deus zeloso (v. 24).

Como prova do amor e da misericórdia de Deus, Moisés separou três “cidades de refúgio” do lado leste do Jordão, para onde as pessoas que tivessem matado alguém

acidentalmente poderiam fugir, receber justiça e encontrar proteção (vv. 41-43). Trataremos desse assunto com mais detalhes em Deuteronômio 19:1-14.

5. DEUS É SENHOR DE TUDO – DEVEMOS LHE OBEDECER (Dt 4:44 – 5:33)

As descobertas arqueológicas revelam que o Livro de Deuteronômio segue um padrão literário empregado em tratados entre um soberano e seus vassallos no antigo Oriente Próximo. No caso de Israel, é evidente que o Senhor havia conquistado seus inimigos e libertado os israelitas, seu povo especial. Israel era o povo da aliança, e Deuteronômio define os termos desse acordo. Assim como os antigos tratados de vassallos, Deuteronômio contém um preâmbulo (Dt 1:1-5) e uma recapitulação da história por trás do tratado (1:6 – 4:49). Em seguida, apresenta uma lista das estipulações do soberano quanto à conduta de seus súditos (caps. 5 – 26) e o que aconteceria em caso de desobediência (caps. 27 – 30). Encerra com uma explicação de como o tratado funcionaria nas gerações futuras (caps. 31 – 34).

Moisés começou chamando Israel para ouvir a aliança de Deus, aprendê-la e cumpri-la (Dt 5:1). Como vimos, “ouvir” significa muito mais do que escutar casualmente aquilo que alguém está dizendo. Significa ouvir atentamente, compreender, atender e obedecer. Quando Deus fez essa aliança, ela incluía todas as gerações de Israel daquele dia em diante e não só a geração reunida no Sinai. Moisés estava se dirigindo a uma nova geração e, ainda assim, disse: “O SENHOR, nosso Deus, fez aliança conosco em Horebe” (Dt 5:2). Assim como a aliança de Deus com Abraão incluía o povo de Israel do futuro, assim também se aplicava a aliança no Sinai, pois Deus era seu “refúgio, de geração em geração” (Sl 90:1). A maioria das pessoas que havia estado no Sinai tinha morrido durante os anos vagando pelo deserto, mas a aliança do Senhor continuava inalterada.

Moisés era o mediador entre Jeová e Israel, pois o povo tinha medo de ouvir a voz de Deus (Dt 5:23-27; Êx 20:18-21; ver também

Gl 3:19). Para quem é cristão e obediente, ouvir a voz de Deus significa bênção e ânimo; mas se nosso coração não está em ordem com Deus, sua voz significa juízo.

A lei de Deus (vv. 6-21; Êx 20:1-17). O Senhor deu início à proclamação de sua lei lembrando o povo de que era ele quem os havia livrado da escravidão do Egito (Dt 5:6; ver Ne 9:9-11; Sl 77:14, 15; 105:23-38; 136:10-15; Is 63:11-14). Esse grande ato de redenção deveria ter sido motivo suficiente para o povo de Israel ouvir a lei de Deus e lhe obedecer, assim como a redenção que temos em Cristo deve servir de motivação para que obedecemos ao Senhor. A cada Páscoa, os israelitas eram lembrados do grande ato de salvação de Deus, e cada vez que nós, como igreja, celebramos a Ceia do Senhor, somos lembrados de que Cristo morreu por nós para que fôssemos salvos de nossos pecados e pertencêssemos a ele. O Senhor deseja que sejamos obedientes a ele, não como escravos que estremecem de medo diante de um capataz, mas como filhos que amam o Pai celeste e apreciam tudo o que ele é para nós e que faz por nós.

Os quatro primeiros mandamentos referiam-se ao relacionamento pessoal de Israel com Deus: reconhecendo a existência de um único Senhor (Dt 5:6), abstendo-se da adoração a ídolos (vv. 8-10), honrando o nome de Deus (v. 11) e guardando o sábado (vv. 12-15). O primeiro mandamento (vv. 6, 7) é enunciado no *Shema* (6:4, 5) e o segundo (vv. 8-10) é a expressão lógica do primeiro. Se existe somente um Deus verdadeiro, então fazer ídolos e adorá-los não é apenas absurdo, mas também uma negação da confissão de fé de Israel. O povo de Israel “casou-se” com Jeová no Sinai, e a idolatria era uma infidelidade a esse casamento e equivalia a adultério. Não se esqueça de que, naquele tempo, a idolatria no Oriente poderia envolver relações sexuais com prostitutas dos templos.

Observamos anteriormente que o Senhor não castiga os filhos e netos pelos pecados de seus antepassados (Ez 18), mas pode permitir que as conseqüências desses pecados afetem as gerações futuras física, mental

e espiritualmente. A tendência dos filhos é imitar os pais, e, nas sociedades do Oriente, a parentela toda vivia junta, com três ou quatro gerações ocupando a mesma casa. É fácil entender como os membros mais velhos da família tinham a oportunidade de influenciar os mais novos de forma positiva ou negativa. Contudo, o Senhor também abençoa as gerações subseqüentes de pessoas que honram ao Senhor e lhe obedecem. Meu bisavô orava para que houvesse um pregador do evangelho em cada uma das gerações de nossa família, e seu pedido foi atendido. Meu ministério hoje pode ser atribuído às orações de antepassados piedosos que confiavam no Senhor.

No terceiro mandamento (Dt 5:11), o nome de Deus representa o caráter e a reputação do Senhor, e honrar o nome dele significa falar bem dele para as pessoas a nosso redor. Todo pai quer que seus filhos honrem o nome da família. Devemos primeiro orar: "Santificado seja o teu nome" (Mt 6:9) e, então, viver de modo a contribuir para a resposta a essa oração. Usar o nome de Deus sob juramento para defender uma declaração desonesta bem como para amaldiçoar e insultar são formas de desonrar o nome dele. Levar conosco esse nome e viver como cristãos é honrar o nome de Deus diante do mundo que nos observa (1 Pe 4:12-16).

Nove dos dez mandamentos são repetidos no Novo Testamento para que a Igreja obedeça; a exceção é o quarto mandamento (Dt 5:12-15) sobre o sábado. Isso porque o sábado era um sinal especial entre Israel e o Senhor (Êx 31:12-17; Ne 9:13-15; Ez 20:12, 20) e não foi dado a nenhuma outra nação (Sl 147:19, 20). O sábado teve início na criação (Gn 2:1-3) e, por esse motivo, era parte da vida religiosa de Israel mesmo antes de a lei ser dada no Sinai (Êx 16:23, 25). No Sinai, porém, a observação do sábado tornou-se parte da aliança de Deus com Israel e foi relacionada à sua libertação do Egito (Dt 5:15). Canaã seria o lugar de descanso de Israel (Dt 3:20; 12:10; 25:19), e o sábado semanal serviria de antegozo desse descanso. Os cristãos encontram seu descanso em Cristo (Mt 11:28-30; Hb 3 - 4) e aguardam o descanso eterno no céu (Ap 14:13).

Infelizmente, Israel não guardou o sábado nem o ano sabático, e o Senhor teve de disciplinar seu povo (2 Cr 36:14-21; Ez 20; Is 58:13, 14; Jr 17:19-27).

Muitas pessoas bem intencionadas chamam o domingo de "sábado cristão", mas, no sentido exato da palavra, essa é uma designação incorreta. O domingo é o primeiro dia da semana, o dia do Senhor, enquanto o sábado é o sétimo dia da semana. O sábado representa a antiga aliança da lei em que se trabalhava seis dias e, depois, vinha o descanso. O dia do Senhor celebra a nova aliança da graça: começa a semana com descanso no Senhor e prossegue com serviço. Todos os dias pertencem ao Senhor, e é antibíblico tornar a observação de um dia uma prova de espiritualidade ou de ortodoxia (Cl 2:16, 17; Rm 14:1 - 15:7; Gl 4:1-11).

O quinto mandamento (Dt 5:16) nos leva do relacionamento com o Senhor para a prática desse relacionamento com outras pessoas, começando no lar. Tanto os aspectos humanos quanto os divinos da lei são importantes e não devem ser separados, pois nos foi ordenado amar ao Senhor e também amar ao próximo (Mc 12:28-34). A piedade começa em casa, ao honrar pai e mãe, uma lei muito importante em Israel (Dt 27:16; Êx 21:15, 17; Lv 19:3, 32; Pv 1:8; 16:31; 20:20; 23:22; 30:17) e ainda relevante para a Igreja (Ef 6:1-3; 1 Tm 5:1, 2). Um número excessivo de pessoas na sociedade de hoje cultua a juventude e não gosta da idéia de envelhecer; por esse motivo, os idosos, com freqüência, são negligenciados, sofrem agressões e, em algumas nações, são até mortos com o aval da lei (eutanásia).

Isso leva, logicamente, ao sexto mandamento (Dt 5:17), que exige que honremos a vida humana e que não matemos. É Deus quem dá vida e somente ele tem o direito de tomá-la. Pelo fato de sermos feitos à imagem de Deus, o homicídio é um ataque contra Deus (Gn 1:26, 27; 9:6). A Bíblia não proíbe a legítima defesa (Êx 22:2), mas somente o Estado tem o direito de tirar a vida humana no caso de crimes capitais (Rm 13). Jesus advertiu que o homicídio, muitas vezes, começa com a ira sem motivo (Mt 5:21-26) e

que, apesar de o homicídio ser muito pior, a ira sem motivo é o equivalente moral do homicídio. É importante observar que a lei foi dada a Israel para refrear as pessoas e castigá-las por seus crimes e não para reformá-las. Apesar de a lei não ser capaz de mudar o coração humano (Hb 7:19), pode conter e castigar aqueles que desafiavam a autoridade e que se recusam a obedecer a seus preceitos.

O sétimo mandamento (Dt 5:18) requer a pureza sexual e a fidelidade no casamento como forma instituída por Deus para o uso e desfrute apropriados da sexualidade. No antigo Israel, o adultério era considerado crime capital (Dt 22:22), enquanto na sociedade de hoje dificilmente é considerado pecado, quanto mais crime. Deus pode perdoar os pecados sexuais (1 Co 6:9-11), mas'ele não promete interferir nas conseqüências dolorosas dessa transgressão (2 Sm 12:13, 14; Pv 6:20-35; Gl 6:7, 8; Hb 13:4). É repugnante ver a maneira como a mídia exalta a sexualidade e transforma o sexo antes e fora do casamento numa forma de entretenimento.

Deus não se preocupa apenas com a maneira como tratamos as outras pessoas, mas também com o modo como tratamos a propriedade dos outros. O oitavo mandamento (Dt 5:19) é simplesmente: "Não furta-rás". Sucinto e direto, esse mandamento abrange uma infinidade de ofensas: roubar bens, roubar o bom nome de uma pessoa (calúnia e difamação), colar numa prova e até mesmo roubar pessoas (escravidão, rapto). Efésios 4:28 deixa claro que há apenas três formas de se obter bens: trabalhar por eles, recebê-los de presente ou roubá-los. Somente as duas primeiras são aceitáveis diante do Senhor.

O nono mandamento (Dt 5:20) proíbe todas as formas de mentira, desde aquelas contadas no banco de testemunhas no tribunal até aquelas ditas ao vizinho (ver Dt 17:6-13). A verdade é o amálgama que mantém a sociedade unida, e quando as pessoas não cumprem suas promessas, sejam contratos de negócios ou votos matrimoniais, as coisas começam a se desintegrar. Esse mandamento também proíbe a calúnia e a

difamação, pois consistem em mentir sobre outras pessoas (Êx 23:1; Pv 10:18; 12:17; 19:9; 24:28; Tt 3:1, 2; Tg 4:11; 1 Pe 2:1). O povo de Deus deve ser conhecido por falar a verdade em amor (Ef 4:15).

O enfoque do décimo mandamento (Dt 5:21) é a cobiça, o desejo pecaminoso do coração por qualquer coisa que não deve ser nossa de direito. Esse mandamento, assim como o primeiro (v. 1), trata de atitudes interiores e não ações exteriores, mas quebrar qualquer um desses dois mandamentos pode levar à desobediência de todos os outros. A cobiça leva as pessoas a roubar, a cometer adultério, a mentir e até mesmo a matar. Se obedecermos ao primeiro mandamento e verdadeiramente amarmos a Deus e o adorarmos, então a cobiça não será um problema (Mt 6:33; Lc 12:16; Ef 5:3; Cl 3:5).

Como cristãos, dependemos do Espírito Santo, que habita em nós (Gl 5:22-26), e vivemos de acordo com a lei do amor (Rm 13:8-10). Não precisamos nos esforçar para obedecer a esses mandamentos, pois a vida de Deus fluirá através de nós e nos capacitará a cumprir os preceitos de Deus (Rm 8:1-17). A velha natureza não respeita lei alguma. É provável que haja em seu país uma lei que obrigue os pais a cuidar de seus filhos, mas quantos pais pensam nessa lei? Os pais cuidam dos filhos porque os amam e não porque têm medo de ir para a cadeia.

Pelo fato de termos nascido de novo, de sermos parte da família de Deus e de termos recebido dentro de nós a natureza divina, o Espírito nos capacita a obedecer à lei e a viver no temor do Senhor (1 Jo 3:1-9).

O Deus da lei (vv. 22-33). O propósito da lei de Deus é revelar o Deus da lei, e, quando nos concentramos nele, vemos que é agradável obedecer a seus mandamentos (Sl 40:8). Moisés encerrou sua recapitulação dos dez mandamentos lembrando a nova geração de que, no Sinai, Deus revelou sua glória e grandeza. O Deus de Israel não pode ser menosprezado, pois ele é um Deus santo. Israel nunca mais voltaria ao Sinai nem veria o fogo, a nuvem, a escuridão, os raios, nem ouviria a voz aterradora de Deus falando da montanha, mas era preciso que se lembrasse da

majestade de seu Deus e da autoridade de sua Palavra.

Muitas igrejas de hoje perderam o conceito bíblico da majestade e da autoridade de Deus conforme expressas em sua lei. Essa deficiência empobreceu nosso culto, transformou o evangelismo numa técnica de venda religiosa e converteu a Bíblia num livro de auto-ajuda, que garante transformar você num sucesso. A. W. Tozer estava certo quando disse que: “religião alguma jamais foi maior do que sua concepção de Deus”. Também de acordo com Tozer: “A essência da idolatria é alimentar pensamentos sobre Deus que não são dignos dele”.⁶ Se isso é verdade, e creio que é, então muitos cristãos evangélicos estão caindo em idolatria.

Em seu apelo a Israel, Moisés instou o povo a lembrar a majestade de Deus e a respeitar a Palavra de Deus. Citou as palavras do próprio Jeová: “Quem dera que eles tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos” (Dt 5:29). A obediência envolve sempre uma atitude do coração, e se amamos ao Senhor, guardaremos seus mandamentos (Jo 14:15, 21-24). Não há qualquer contradição entre a grandeza de Deus e a graça de Deus, sua transcendência e sua imanenência, pois podemos amar ao Senhor e temer ao Senhor com o mesmo coração (Sl 2:10-12;

34:8, 9). O temor do Senhor é um tema importante em Deuteronômio (6:2, 13, 24; 10:20; 14:23; 17:19; 31:12) bem como o amor de Deus por nós (7:7; 10:15; 23:5) e nosso amor por ele (6:5; 10:12; 11:1, 13, 22; 19:9; 30:6, 16, 20). O cristão imaturo e com uma teologia superficial entende isso como uma contradição, mas o cristão maduro se regozija no equilíbrio revelado na Palavra: “Deus é amor” e “Deus é luz” (1 Jo 4:8; 1:5).

Mesmo que os filhos de Deus vivam sob a graça e não sob a lei mosaica (Rm 6:14; Gl 5:1), é importante conhecer a lei de Deus, a fim de conhecer melhor o Deus da lei e de agradá-lo. Cristo concretizou todos os tipos e símbolos da lei, de modo que não precisamos mais praticar os rituais do Antigo Testamento como fazia o povo de Israel. Cristo levou sobre si na cruz a maldição da lei (Gl 3:10-13), para que não precisássemos temer o juízo (Rm 8:1). Contudo, a lei moral permanece, e Deus ainda julga o pecado. É tão errado mentir, roubar, cometer adultério e homicídio hoje quanto no tempo em que Moisés recebeu as tábuas da lei no monte Sinai. Na verdade, é pior, pois hoje temos a revelação plena da vontade de Deus por intermédio de Jesus Cristo e pecamos mesmo tendo conhecimento claro da verdade.

“Terei prazer nos teus decretos; não me esquecerei da tua palavra” (Sl 119:16).

1. HESCHEL, Abraham Joshua. (Editado por Samuel H. Dresner.) *I Asked for Wonder: A Spiritual Anthology*. Nova York: Crossroads, 1996, p. 73.
2. ZUCK, Roy. *Biblical Theology of the Old Testament*. Chicago: Moody, 1991, p. 232. Jó, Provérbios e Eclesiastes são os principais “livros de sabedoria” no Antigo Testamento e Tiago no Novo Testamento.
3. Não devemos interpretar isso como uma garantia de que os santos obedientes de hoje experimentarão, automaticamente, todo tipo de bênção especial mencionada na aliança de Deus com Israel, como ausência de enfermidades, riquezas materiais e uma vida longa e tranqüila (Lv 26; Dt 27 - 30). Dentro da nova aliança, não recebemos promessas de tais benefícios, pois nossa riqueza é, antes de tudo, espiritual e não material (Mt 5:1-12; Ef 1:3ss).
4. Deus não julga os filhos pelos pecados cometidos pelos pais (Ez 18:1-20), mas as conseqüências desses pecados podem afetar grandemente os filhos. Além disso, os filhos têm a tendência de seguir o exemplo que os pais dão em casa, de modo que imitarão os pecados dos pais. Contudo, também devemos nos lembrar de que a piedade de avós e de pais trará bênçãos a seus descendentes (Sl 90:16; 103:17, 18; Gn 18:17-19).
5. No tabernáculo e no templo, Deus permitiu que seu povo tivesse réplicas de várias coisas da natureza, mas elas serviam para embelezar a casa de Deus, não objetos de adoração. Deus não proíbe a confecção de objetos artísticos em si, pois ele é o autor da beleza, mas não permite que transformemos essas coisas em deuses. Ver Francis A. Schaeffer. *Art and the Bible*. InterVarsity Press.
6. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. Harper, 1961, pp. 9, 11.

OS SEGREDOS DA OBEDIÊNCIA

DEUTERONÔMIO 6 – 7

Moisés ensinou a verdade de Deus com sabedoria. Primeiramente, recapitulou o que o Senhor havia feito por Israel (Dt 1 – 4) e lembrou o povo da misericórdia e bondade de Deus. Em seguida, reafirmou os princípios fundamentais da lei de Deus (Dt 5 – 6), aquilo que conhecemos como os dez mandamentos (10:4). Nos capítulos 6 e 7, Moisés discutiu os motivos para a obediência e explicou por que o povo devia honrar às leis do Senhor. Seu desejo era que a obediência do povo se baseasse em princípios espirituais e não apenas em opiniões pessoais, e queria também encorajar o povo a ter uma motivação correta. Somente depois de ter lançado os alicerces é que Moisés aplicou os mandamentos de Deus a áreas específicas da vida de Israel.

Deus deu sua lei para edificar as pessoas individualmente bem como a nação coletivamente. De que modo dois milhões de pessoas poderiam viver e trabalhar juntas e, mais ainda, lutar juntas contra o inimigo se não tivessem regras e preceitos para governá-las? A paz cívica de Israel e o bem-estar geral dependiam de o povo respeitar a lei e lhe obedecer. Infelizmente, ao longo dos anos, alguns dos líderes religiosos acrescentaram diversas tradições à lei de Deus, a ponto de o povo sentir que estava sob um jugo insuportável (At 15:10; Gl 5:1).

A lei também tinha como propósito revelar a Deus e trazer o povo para perto dele. Para que Israel fosse um povo santo e um reino de sacerdotes (Êx 19:1-8), era preciso que tivesse uma lei santa para guiar a nação. Sem dúvida Deus estava preocupado com a conduta exterior de Israel, mas também

desejava que o povo consagrasse a ele seu coração. Ao ler o Salmo 119, descobrimos o significado da lei de Deus para os israelitas de disposição espiritual e consagrados ao Senhor. Não viam a justiça de Deus como um jugo pesado, mas como mel (v. 103), luz (v. 105), um tesouro (vv. 14, 72, 127, 162), liberdade (v. 45) e fonte de grande alegria (v. 14). Eles se agradavam da lei e meditavam nela (vv. 15, 16, 23, 24, 47, 48, 77, 78; ver Sl 1:1-3). É certo que os dez mandamentos foram gravados em tábuas de pedra, mas o judeu espiritual também tinha a lei guardada em seu coração (Sl 119:10-11).

Um dos temas-chave de Deuteronômio 6 – 7 é a motivação para a obediência.

Estes dois capítulos respondem à pergunta: “Por que devemos obedecer à Palavra de Deus em um mundo onde a maior parte das pessoas a ignora ou deliberadamente lhe desobedece?” Moisés explicou quatro motivos fundamentais para a obediência.

1. AMOR PELO SENHOR (Dt 6:1-9)

Moisés já havia enfatizado o amor de Deus por Israel e a importância do amor de Israel por Deus (Dt 4:32-43) e menciona esse tópico várias vezes antes do fim de seu discurso. Se Israel obedecesse ao Senhor, conquistaria o inimigo, possuiria a terra, se multiplicaria na terra e gozaria uma vida longa com a bênção de Deus (Dt 6:1-3). Pelo menos seis vezes, em Deuteronômio, Moisés chama Canaã de “terra que mana leite e mel” (Dt 6:3; 11:9; 26:9, 15; 27:3; 31:20), expressão que descreve a riqueza e a produtividade da região. O leite era um alimento comum, enquanto o mel era um luxo, de modo que “uma terra que mana leite e mel” proferia tudo de que o povo necessitasse. Haveria pastagem adequada para seus rebanhos e plantas suficientes nos campos para as abelhas obterem o pólen. Como seria possível o povo não amar e obedecer a Jeová diante das bênçãos abundantes recebidas dele?

Aliança (v. 3). Havia sempre o perigo de a nova geração tornar-se orgulhosa e achar que Deus os havia abençoado por serem melhores do que as gerações anteriores. Moisés lembrou-os de que todas as suas bênçãos

vinham do Senhor em função da aliança dele com Abraão, Isaque e Jacó. Aliás, foi com esse fato que começou seu discurso (Dt 1:8, 21, 35), sendo que voltaria a mencioná-lo mais adiante (Dt 6:10; 9:5, 27; 29:13; 30:20; 34:4; ver também Êx 6:8 e 33:1). A promessa que Deus, em sua graça, havia feito aos patriarcas dava a Israel a escritura de propriedade da terra, mas só poderiam tomar posse e desfrutar dela se obedecessem ao Senhor.² Infelizmente, depois de viver na terra durante algum tempo, Israel tomou por certo suas bênçãos, desobedeceu à lei de Deus e teve de ser castigado por sua rebeldia. Primeiramente, foram disciplinados na terra (conforme descrito no Livro de Juízes) e, depois, foram tirados da terra e levados para o cativo na Babilônia.

Os cristãos de hoje precisam ser lembrados de que todas as bênçãos nos são concedidas em função da aliança eterna de Deus com seu Filho (Hb 13:20) e da nova aliança que Jesus fez por meio de sua morte sacrificial na cruz (Lc 22:20; 1 Co 11:25; Hb 8 - 9). Não recebemos as bênçãos em razão daquilo que somos por nós mesmos, mas sim por causa daquilo que somos em Cristo (Ef 1:3-14).

Confissão (v. 4). A confissão de fé judaica ortodoxa é chamada de *Shema*, termo hebraico que significa “ouvir”. Essa confissão ainda é recitada todas as manhãs e no final de cada dia por judeus devotos em todo o mundo, declarando “Jeová, *Elohim*, Jeová é o único Senhor” (ver Mt 22:37, 38; Mc 12:29, 30; Lc 10:27). Essa confissão é tão importante que os meninos judeus em lares ortodoxos devem aprendê-la assim que comecem a falar. As nações ao redor de Israel adoravam a vários deuses e deusas, mas Israel declarava a todos que há somente um verdadeiro Deus vivo, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

A palavra hebraica traduzida por “único” (*ehad*) também pode significar “uma união” bem como “unidade numérica”. O termo é empregado dessa forma em Gênesis 2:24, descrevendo a união de Adão e Eva, e também em Êxodo 26:6 e 11, para descrever a “unidade” das cortinas no tabernáculo.

A palavra também pode transmitir a idéia de “singularidade”. Em contraste com os muitos deuses e deusas pagãos, Jeová é singular, pois só existe um verdadeiro Deus vivo; ele é Deus único - não é parte de um panteão. Também é uma unidade que, para os cristãos, é a Trindade (Mt 28:19, 20; 3:16, 17). Quando Israel começou a colocar Jeová junto com os falsos deuses das nações gentias, negou sua própria confissão de fé. Os gentios podiam renunciar seus falsos deuses e confiar no verdadeiro Deus, o Deus de Israel, mas um israelita consagrado jamais poderia colocar Jeová no mesmo nível que os deuses dos gentios.

Mandamento (v. 5). É possível mandar alguém amar? O amor não é algo misterioso que simplesmente acontece, uma emoção maravilhosa que ou está presente ou não? De acordo com as Escrituras, não é assim. Na vida do cristão, o amor é uma decisão: escolhemos nos relacionar com Deus e com as outras pessoas de maneira amorosa, sem levar em consideração como nos sentimos. O amor cristão significa apenas que tratamos os outros da forma como Deus nos trata. Em seu amor, Deus nos perdoa e é bondoso conosco, de modo que procuramos usar de bondade e de perdão para com os outros (Ef 4:32). Deus deseja o que há de melhor para nós e, assim, desejamos o que há de melhor para os outros, mesmo que isso exija sacrifícios de nossa parte. O amor não é apenas um sentimento extravagante; o amor resulta em ação. “Deus amou [...] deu” (Jo 3:16). As virtudes do amor apresentadas em 1 Coríntios 13:4-7 descrevem como tratamos as pessoas e não como nos sentimos em relação a elas.

Amar a Deus, adorá-lo e servi-lo é o maior privilégio que podemos ter, de modo que, quando o Senhor ordena que amemos, está nos dando o que há de melhor. No entanto, nosso amor por Deus deve envolver todo nosso ser interior - “de todo o teu coração [...] alma [...] e força”. Não é necessário definir e distinguir esses três elementos, como se fossem funções humanas internas diferentes. Em algumas passagens, vemos somente dois deles (Dt 4:29; 10:12; Js 22:5), enquanto em

outros trechos paralelos das Escrituras há quatro (Mc 12:30; Lc 10:27). A expressão significa apenas “com tudo o que há dentro de ti” (ver Sl 103:1), uma consagração total ao Senhor. Se o ser interior encontrar-se totalmente nas mãos do Senhor e aberto a sua Palavra, conforme ministrada pelo Espírito Santo, os sentimentos virão. Mas mesmo que não venham, ainda assim devemos nos relacionar com as pessoas como Deus se relaciona conosco.

Comunicação (vv. 6-9). Quando ouvimos a Palavra de Deus e a recebemos em nosso coração (1 Ts 2:13), então o Espírito Santo pode usar a verdade para transformar nosso ser interior (2 Co 3:1-3; Jo 17:17). Deus “escreve” a Palavra em nosso coração para que outros possam lê-la e para que possamos confiar em Cristo. A maneira como vivemos é importante, pois confirma aquilo que dizemos. Moisés admoestou os pais a falar da Palavra de Deus em casa, a passá-la aos filhos e a permitir que a Palavra guiasse suas mãos e seu coração enquanto trabalhavam ao longo do dia. A Palavra devia até mesmo controlar quem passava pelo portão e entrava pela porta da casa. Os judeus entenderam esses mandamentos literalmente e começaram a usar trechos das Escrituras³ colocados em pequenos recipientes, chamados filactérios, atados à testa e ao braço esquerdo (Mt 23:5). Também fixavam no batente da porta uma pequena caixa chamada mezuzá, contendo uma parte das Escrituras. Cada ocupante da casa tocava o mezuzá em sinal de reverência sempre que passava pela porta (Sl 121:8). Era um sinal de que a casa devia ser um santuário para o Senhor e um lugar onde a Palavra era amada, obedecida e ensinada.

Não podemos deixar de admirar tamanho respeito pela Palavra de Deus, mas é provável que a ênfase desse mandamento, pelo menos de acordo com Deuteronômio 11:18-21, seja sobre a obediência à Palavra e não sobre uma ordem para usar as Escrituras na testa e no braço. No entanto, concordamos de todo o coração que o povo de Deus deve fazer de seu lar um lugar onde Deus habita, onde as Escrituras são honradas

e não onde temos vergonha de nossa fé. Não é necessário transformar cada cômodo numa capela, mas uma Bíblia sobre a mesa e alguns textos bíblicos nas paredes pelo menos servem de testemunho de que pertencemos ao Senhor e desejamos lhe agradecer.

2. GRATIDÃO AO SENHOR (DT 6:10-25)

Moisés estava preparando a nova geração para entrar na terra prometida e para tomar posse dela, e ele sabia que Canaã seria um lugar não apenas de triunfo, mas também de tentação. Quando tivessem conquistado as nações de Canaã, os israelitas herdariam grandes riquezas e seriam tentados a se esquecer do Senhor que tornou possíveis suas vitórias. Outra tentação seria Israel condescender com as nações pagãs a seu redor e não se manter separado como povo do Senhor. (Moisés trata dessa segunda tentação em Dt 7:1-16.)

A maioria das pessoas considera mais fácil lidar com a adversidade do que com a prosperidade (ver Fp 4:10-20), pois a adversidade normalmente nos aproxima de Deus ao buscarmos sua sabedoria e seu auxílio. Quando as coisas estão indo bem, nossa tendência é relaxar nas disciplinas espirituais, deixar de dar o devido valor a nossas bênçãos e esquecer de agradecer a Deus, a fonte de todas as bênçãos. As coisas materiais pelas quais esperamos e pelas quais nos sacrificamos parecem ser muito mais importantes do que os presentes que caem em nossas mãos sem nossa participação.

Moisés citou algumas das bênçãos materiais que o Senhor daria aos israelitas na terra prometida: cidades grandes e prósperas, casas cheias de diferentes tipos de riquezas, poços, vinhedos e oliveais, bem como a terra em si. Sempre que os israelitas tirassem água dos poços ou colhessem frutos das vinhas e árvores, deveriam olhar para o Senhor com gratidão. A água é um bem precioso no Oriente, e o povo nem precisou ter o trabalho de cavar poços! Também não precisou plantar as vinhas e nem os oliveais e esperar que crescessem e que amadurecessem. Deus usou esses espólios de guerra para compensar os israelitas pelos salários que

não receberam quando foram escravizados no Egito e, ao mesmo tempo, lembrou-os de sua graça abundante.

O privilégio sempre vem acompanhado de responsabilidade, e a responsabilidade de Israel era temer a Jeová e obedecer a ele (Dt 6:13), versículo que Jesus citou quando respondeu à terceira tentação de Satanás (Mt 4:10). Ao cultivar um coração reverente e submisso, teremos uma vontade obediente e sequer iremos querer mencionar o nome de falsos deuses. Israel precisava se lembrar de que a terra pertencia ao Senhor (Lv 25:23) e de que eram apenas seus “inquilinos”. A herança da terra era a dádiva de Deus a seu povo, mas se desobedecessem à aliança, perderiam a terra e suas bênçãos. O Senhor é zeloso com seu povo e não divide com falsos deuses o amor e a adoração daqueles que são seus (Dt 5:8-10; 32:16-26).

Moisés advertiu o povo para não tentar (provar) o Senhor como a geração mais velha havia feito em Massá (Êx 17:1-7). Tentamos o Senhor quando questionamos aberta e incredulamente sua capacidade ou desafiamos sua autoridade com aquilo que dizemos ou fazemos. Depois de libertar os israelitas do Egito, o Senhor deliberadamente os fez passar por dificuldades para que pudesse ensiná-los a confiar nele. Primeiramente, chegaram ao lugar de águas amargas em Mara e se queixaram em vez de pedir a ajuda de Deus (Êx 15:22-26). Depois, tiveram vontade de comer carne como faziam no Egito, murmuraram contra o Senhor, e ele proveu o maná diário para seu sustento (Êx 16:1-8). Quando chegaram a Refidim, não havia água para beber e, mais uma vez, murmuraram contra o Senhor em vez de confiar nele (Êx 17:1-7). “Está o SENHOR no meio de nós ou não?”, foi a pergunta deles e que na verdade queria dizer: “Se ele está no meio de nós, por que não faz alguma coisa?”

Moisés fez o que o povo deveria ter feito: voltou-se para o Senhor em busca de auxílio, e Deus supriu a água de que precisavam. Porém, aquele lugar recebeu dois nomes especiais: “Massá”, que significa “provando”, e “Meribá”, que significa “contendendo” (Êx 17:7; Sl 95; Hb 3:7-15). Israel desafiou o

Senhor com suas atitudes e palavras e provou que não o amava nem confiava nele. Seu corpo estava no acampamento de Israel, mas seu coração estava no Egito. Se Deus não tivesse sido bondoso e longânimo, poderia tê-los julgado com severidade, mas ele sabe que seu povo é apenas pó (Sl 103:8-14).

O Senhor prova nossa fé não somente nas grande crises da vida, mas ainda mais nos pequenos acontecimentos inesperados, como o atraso numa viagem, uma interrupção irritante, uma enfermidade súbita ou a perda de uma carteira com documentos. A maneira como reagimos a essas situações indicará o que há em nosso coração, pois aquilo que a vida faz conosco depende daquilo que encontra em nós. Se amamos o Senhor e confiamos nele, deixaremos o problema nas mãos dele e faremos o que ele nos mandar; mas se questionarmos o Senhor e nos rebelarmos porque as coisas não estão de acordo com nossa vontade, correremos o risco de tentá-lo. Um coração grato é uma das melhores garantias contra o perigo de tentar o Senhor. Se temos o hábito de dar graças a Deus por tudo, inclusive pelas experiências dolorosas da vida, então o Espírito Santo encherá nosso coração de amor e de louvor, em vez de Satanás colocar dentro de nós seu veneno amargo. Quantos “Massás” e “Meribás” temos marcado no mapa de nossa jornada de fé?

Sem dúvida, a maior bênção pela qual Israel deveria ter sido grato era sua libertação do Egito (Dt 6:20-25). Em seu discurso de despedida, Moisés referiu-se com frequência a esse milagre e, mais tarde, os profetas fizeram o mesmo. Se Israel tivesse permanecido no Egito, não haveria nação, nem santuário, nem sacerdócio, nem esperança alguma. Porém, o Senhor libertou os israelitas, levou-os à sua terra e cumpriu suas promessas. Hoje, temos a Bíblia e um Salvador porque Moisés conduziu o povo para fora do Egito, acontecimento comemorado anualmente na Páscoa. Os pais israelitas foram ordenados a ensinar a seus filhos o significado da Páscoa e as leis que Deus havia dado a Israel para que a seguinte geração soubesse confiar em Jeová, amá-lo e obedecer a

suas leis. Sem o conhecimento do passado, nossos filhos também não terão esperança para o futuro.

A atitude de gratidão é uma arma extraordinária contra a incredulidade, a desobediência, o coração endurecido e o espírito amargurado. "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1 Ts 5:16-18). Em vez de reclamar-mos daquilo que não temos, sejamos gratos por aquilo que temos, pois Deus sempre dá o que há de melhor àqueles que deixam a escolha nas mãos dele.

3. SEPARADOS PARA O SENHOR (DT 7:1-16)

"Eis que é povo que habita só," disse o ganancioso profeta Balaão sobre Israel, "não será reputado entre as nações" (Nm 23:9). Desde o chamado de Abraão até o êxodo, esperava-se que o povo de Israel fosse separado, não por ser melhor do que as outras nações, mas por ser diferente. Era o povo escolhido de Deus. O Senhor ordenou a Abraão que deixasse Ur dos caldeus e que fosse para a terra que ele lhe mostraria (Gn 11:31 - 12:4), e quando Abraão deixou a terra e foi procurar ajuda no Egito, Deus teve de discipliná-lo (vv. 10-20). Ao longo de sua história, quando Israel manteve-se separado ao obedecer às leis de Deus e ao procurar agradar ao Senhor, foi bem-sucedido em tudo o que fazia. Porém, quando começou a condescender com outras nações e a adorar seus ídolos, sofreu derrotas e fracassos.

Separação significa segurança (vv. 1-6). Nas Escrituras, separação não quer dizer isolamento, pois se os cristãos se isolassem, como poderiam ser "o sal da terra" e "a luz do mundo" (Mt 5:13-16) e falar do Senhor a outros? Os cristãos podem viver afastados do pecado e consagrados ao Senhor e, ainda assim, estar envolvidos nos desafios e atividades normais da vida. Abraão era aliado de alguns de seus vizinhos em Canaã e juntos derrotaram invasores e salvaram o povo de Sodoma e Gomorra (Gn 14). Contudo, em momento algum Abraão viveu ou adorou como seus vizinhos. Jesus era "amigo de

publicanos e pecadores" (Mt 11:19) e, no entanto, também era "santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores" (Hb 7:26). Jesus tinha contato com o mundo real e com as pessoas desse mundo, mas não foi contaminado por esse contato. A verdadeira separação bíblica é o contato sem contaminação. Somos diferentes do mundo, mas não esquisitos. Quando você é diferente, atrai as pessoas e tem oportunidade de compartilhar as boas novas de Cristo; mas quando você é esquisito, afasta as pessoas e faz com que fechem a porta para seu testemunho.

Deus prometeu expulsar as nações pagãs e entregá-las na mão do exército dos israelitas. Com a ajuda do Senhor, Israel derrotaria essas nações e as destruiria, bem como todas as coisas ligadas a sua religião.⁴ Israel deveria manter-se separado dessas nações. O Senhor não permitiria casamentos mistos, tratados políticos, nem qualquer tipo de tolerância ou interesse pelas religiões pagãs da terra. O motivo era óbvio: qualquer relação com os cananeus ímpios poderia levar Israel a fazer alianças que enfraqueceriam seu relacionamento com o Senhor e que chamariam para si a disciplina de Deus. Israel é o povo escolhido de Deus e sua propriedade peculiar; sua separação da idolatria em Canaã era importante para a saúde espiritual do povo e para seu futuro político.

Como um exemplo do tipo de cautela que Israel deveria ter, o mesmo Deus que permitiu aos israelitas tomar espólios dos egípcios advertiu-os para que não cobiçassem nem removessem os metais preciosos que revestiam muitos dos ídolos cananeus (Dt 7:25). Era lógico destruir os ídolos, mas por que não ficar com o ouro e a prata? Uma vez que a idolatria é associada às atividades demoníacas (1 Co 10:14-22), levar ouro e prata provindos de ídolos para o acampamento de Israel faria com que o acampamento fosse contaminado e abriria uma porta para ataques de Satanás. Nem o ouro nem a prata, em si, eram malignos, mas pelo fato de terem sido associados a demônios, os metais preciosos assumiam outro caráter que os tornava úteis para o inimigo. Qualquer um que usasse aqueles metais, mesmo

que fosse para fazer algo belo, estaria lidando com uma coisa associada ao mal.

Separação significa bênção (vv. 7-16).

Ao escolher Abraão e Sara, Deus usou sua graça soberana. Adoravam ídolos em Ur dos caldeus quando “o Deus da glória” (At 7:1-3; Js 24:1-3) apareceu a eles. Não tinham filhos e, no entanto, receberam a promessa de que sua descendência seria numerosa como a areia do mar e as estrelas do céu. Mais tarde, tiveram um filho – Isaque –, o qual teve dois filhos – Esaú e Jacó –, sendo que dos doze filhos de Jacó vieram as doze tribos de Israel. Quando a família de Jacó reuniu-se no Egito, havia setenta pessoas (Gn 46), mas quando foram libertos do Egito, tinham se transformado numa grande nação. Isso aconteceu porque Deus os amava e cumpriu a promessa que havia feito a seus ancestrais.

Não devemos deixar de observar o paralelo entre Israel e a Igreja. Todos aqueles que nasceram de novo por meio da fé em Jesus Cristo são “[escolhidos] nele [Cristo], antes da fundação do mundo” (Ef 1:4). Tal salvação chegou até nós “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia” (Tt 3:5). Um de meus professores de seminário disse, certa vez: “Tente explicar a eleição divina e você pode perder a cabeça, mas tente desfazer-se dela e perderá sua alma”. Assim como Israel, a Igreja é o povo escolhido de Deus e sua propriedade peculiar, um reino de sacerdotes e uma nação santa (1 Pe 2:5, 9) e, como Israel, somos chamados a ser luz para um mundo perdido (Mt 5:14-16).

O privilégio sempre traz responsabilidades, e a responsabilidade de Israel era obedecer aos mandamentos de Deus, pois assim ele poderia abençoá-los conforme havia prometido. A aliança de Deus é uma aliança de amor, e o Senhor demonstraria seu amor ao abençoá-los, se obedecessem, e ao discipliná-los, se desobedecessem. O Senhor os abençoaria com filhos e netos e aumentaria grandemente sua descendência. Também aumentaria suas colheitas e rebanhos, de modo que teriam o suficiente para se alimentar e o excedente para vender. Por sua obediência, Israel não sofreria as enfermidades terríveis

que havia visto no Egito nem as pragas que Deus havia enviado sobre a terra.

Todas essas bênçãos sobre Israel trariam glória ao Senhor. As outras nações veriam a fertilidade da terra e do povo e perguntariam qual era o motivo de tudo aquilo. Então, os israelitas responderiam que eram as bênçãos de Deus para seu povo. Israel teria a oportunidade de falar aos incrédulos sobre Jeová de modo que pudessem crer no verdadeiro Deus vivo. As bênçãos derramadas sobre a nação também dariam aos pais a oportunidade de ensinar a seus filhos sobre a importância de obedecer à Palavra de Deus.⁵

Essa seção da lei começa com as palavras: “e o SENHOR [...] as tiver dado [as nações] [...] para as ferir, totalmente as destruirás” (Dt 7:2) e encerra com a mesma admoestação (v. 16).⁶ Moisés repetiu essa advertência várias vezes em seu discurso de despedida, pois sabia como seria fácil Israel condescender com o inimigo, confraternizar com ele e acabar imitando seus costumes. A maioria dos cristãos de hoje vive em sociedades pluralistas, em nações democráticas, e não tem autoridade para aniquilar todos os que adoram a um falso deus, nem deve desejar tal autoridade. Nossa tarefa é amar aqueles dos quais discordamos e procurar ganhá-los para Cristo. No entanto, ao mesmo tempo, devemos manter uma atitude de separação e não ser contaminados pelas idéias e atividades do mundo perdido (Sl 1:1).

A passagem-chave do Novo Testamento sobre separação encontra-se em 2 Coríntios 6:14 – 7:1. Nela, Paulo salienta que, na separação bíblica, há elementos de afirmação e de negação. Em função daquilo que somos em Cristo – justiça, luz e templo de Deus –, em termos espirituais não temos nada em comum com os incrédulos, que ele descreve como iniquidade, trevas e idólatras. Separação significa apenas viver de acordo com aquilo que somos em Cristo. Se nos separarmos do pecado, Deus poderá nos tratar como filhos obedientes. Ele terá comunhão conosco e nos abençoará. “Purifiquemo-nos” é a parte de negação das coisas do mundo na vida de piedade, mas “aperfeiçoando a

nossa santidade no temor de Deus" é a parte de afirmação da nossa nova identidade, e as duas andam juntas (2 Co 7:1).

Não devemos nos isolar do mundo (1 Co 5:9-13), pois o mundo precisa de nosso testemunho e serviço. Devemos cooperar com pessoas diferentes, em ocasiões diferentes e por diferentes motivos, mas devemos ter cuidado para não comprometer nosso testemunho de Cristo. Fazemos algumas coisas para o bem da humanidade e outras porque somos cidadãos ou empregados. Mas devemos realizar todas as nossas atividades para a glória de Deus (vv. 19, 20).

4. PROMESSAS DO SENHOR (Dt 7:17-26)

O primeiro motivo que Moisés citou para a obediência de Israel é o amor pelo Senhor (Dt 6:1-9), pois o amor é o maior motivo da vida. "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14:15). O segundo motivo é a gratidão (Dt 6:10-25), pois demonstrar gratidão é uma das formas de expressar amor. Não devemos jamais nos esquecer do que o Senhor tem feito por nós. O terceiro motivo é a separação do pecado e a consagração ao Senhor (Dt 7:1-16), pois desejamos viver de acordo com tudo o que Deus nos chamou para ser. Ele nos chamou para ser uma nação santa, um povo escolhido, um povo para glorificar o nome dele, e não poderemos cumprir nenhum desses chamados tão nobres sem nos separarmos daquilo que é perverso e sem nos apegarmos ao Senhor.

Contudo, esses três motivos dependem da fé nas promessas de Deus: "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus" (Hb 11:6). Israel não estava agindo em função daquilo que o mundo chama de "fé cega", uma vez que tinha as promessas da aliança de Deus para encorajá-lo e um longo histórico da experiência do cuidado de Deus para dar-lhe segurança. O povo de Deus não vive de explicações, mas sim de promessas. No final de sua vida, Josué lembrou aos israelitas: "E vós bem sabeis de todo o vosso coração e de toda a vossa alma que nem uma só promessa caiu de todas as boas palavras que falou de vós o SENHOR, vosso Deus; todas vos sobrevieram, nem uma delas falhou" (Js 23:14).

Deus foi fiel no passado (vv. 17-19). A geração mais velha não creu que a vitória era possível em Canaã (Nm 13 - 14), de modo que rebelou-se contra Deus e acabou morrendo no deserto. A nova geração, porém, não deveria ter encontrado dificuldade em crer nas promessas de Deus depois de tudo o que o Senhor havia feito por seu povo. O Senhor derrotou o Faraó e humilhou todos os deuses e deusas do Egito. O Senhor também ajudou Israel a derrotar os midianitas, Seom, rei de Hesbom, e Ogue, rei de Basã. Permitiu que as tribos de Rúben, Gade e Manassés se assentassem a oeste do Jordão, enquanto os homens dessas tribos se preparavam para marchar até Canaã e tomar a terra. Desde que Israel havia chegado à região do Jordão, nenhuma nação havia conseguido resistir ao povo de Deus, pois Israel confiava no Senhor. O mesmo Deus que deu a vitória no Egito e no território a leste do Jordão também poderia dar a vitória na terra de Canaã.

Deus iria adiante de Israel (vv. 20, 21). O terror do Senhor foi adiante de Israel, enchendo de medo o coração do povo de Canaã (Js 2:11; Êx 15:16). A notícia da derrota do Egito, da separação das águas do mar Vermelho e do extermínio das nações a leste do Jordão paralisou até os mais fortes em Canaã. Não há consenso entre os estudiosos da Bíblia sobre o significado de "vespões" em Deuteronômio 7:20 (Êx 23:27-30; Js 24:12), mas é provável que fosse o inseto conhecido por seus ferrões e que voava em enxames sobre a terra atacando as pessoas. Os cananeus eram um povo supersticioso, que via agouros em todos os acontecimentos incomuns, e talvez tenha interpretado essa ocorrência incomum como um anúncio de sua derrota. Às vezes, os insetos são usados como metáforas para as nações (Is 7:18), e alguns estudiosos entendem que os "vespões" referem-se à nações invasoras que Deus enviaria a Canaã antes da chegada de Israel. Essas guerras locais enfraqueceriam as defesas militares dos cananeus e preparariam o caminho para a invasão de Israel. Qualquer que seja a interpretação - e o sentido literal tem lógica -, há dois fatos que ficam claros:

Deus vai adiante de seu povo e abre caminho para a vitória e pode usar pequenos insetos para cumprir seus propósitos.

A certeza de que Deus estava com seu povo ao invadir a terra (Dt 7:21) deveria ter servido de estímulo para os israelitas serem corajosos e obedientes. Quarenta anos antes, quando a geração mais velha havia se rebelado em Cades-Barnéia (Nm 13 - 14), Calebe e Josué usaram a promessa da presença do Senhor como argumento em favor da coragem e da obediência. “O SENHOR é conosco; não os temais” (Nm 14:9). A característica distintiva de Israel como nação era o fato de o Senhor estar com eles (Êx 33:12-17). A certeza da presença do Senhor remonta ao tempo de Isaque (Gn 26:24) e de Jacó (Gn 28:15) e foi repetida com frequência a Israel quando o povo precisou de ânimo (Is 41:10; 43:5; Jr 46:28; Ag 1:13; 2:4). Essa segurança maravilhosa foi dada também à Igreja de hoje (Mt 28:18-20; Hb 13:5, 6).

O intérprete britânico, G. Campbell Morgan, conta de sua visita a algumas irmãs idosas quando era um jovem pastor e lembra-se de ter lido Mateus 28:18-20 para elas. A oração: “Eis que estou convosco todos os dias” chamou a atenção de Morgan e ele comentou: “Que promessa maravilhosa!” Uma das senhoras respondeu: “Meu rapaz, não é uma promessa - é uma realidade!” Como ela estava certa! “O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio” (Sl 46:7, 11).

Deus tinha o momento certo para cada etapa da conquista (vv. 22, 23). Obedecer ao Senhor significa fazer a coisa certa, da maneira certa, no tempo certo e pelo motivo certo, que é a glória de Deus. “Não sejais como o cavalo ou a mula” (Sl 32:9), advertiu Davi, pois o cavalo se precipita e corre adiante e a mula empaca e fica para trás. Deus tem um tempo para todas as coisas (Ec 3:1-8), e durante seu ministério aqui na Terra, Jesus seguiu um cronograma divino (Jo 11:9; 2:4; 7:6, 8, 30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1). Feliz é o cristão que pode dizer com honestidade: “Nas tuas mãos, estão os meus dias” (Sl 31:15).

Ao avançar passo a passo para dentro da terra de Canaã, alcançando uma vitória

após a outra, os israelitas aprenderiam a confiar mais no Senhor. Mas, ao seguir o tempo determinado por Deus, cuidariam melhor da terra (Êx 23:28-30) e evitariam que feras do campo se multiplicassem rapidamente e que se tornassem uma ameaça. De acordo com o registro do Livro de Josué, Israel levou sete anos para controlar toda a terra. Primeiramente, Josué atravessou Canaã de uma ponta a outra e dividiu a terra (Js 1 - 8); depois, conquistou as nações do sul (Js 9 - 10), e, por fim, os povos do norte (Js 11). Ainda assim, algumas das tribos teriam de realizar “operações de limpeza” em seus territórios individuais, sendo que algumas nunca eliminaram os inimigos em suas terras (Js 13:1; Jz 1 - 2). Esses focos de paganismo foram uma grande tentação para os israelitas e levaram à disciplina de Deus.

Deus esperava que a nação lhe obedecesse (vv. 23-26). “A fé sem obras é morta” (Tg 2:14-20), pois a verdadeira fé sempre leva à obediência. “Pela fé, Abraão [...] obedeceu” (Hb 11:8). As pessoas podem falar sobre a fé, analisá-la e procurar explicá-la, mas, até que façam o que Deus ordena, não terão entendido do que se trata. O povo de Israel devia obedecer às ordens claras de Deus, a fim de exterminar as nações pagãs e sua religião. Tudo o que estava na terra devia ser consagrado ao Senhor, e ninguém tinha o direito de tomar tais coisas para si. O que era abominável devia ser completamente separado para a destruição, de modo que não se transformasse em armadilhas para o povo. Qualquer um que roubasse algo consagrado ao Senhor e que levasse isso para casa também seria separado para destruição - justamente o que aconteceu com Acã (Js 6 - 7).

No entanto, não bastava que os israelitas apenas obedecessem ao mandamento de destruir o que Deus havia condenado. Deviam obedecer a ele de todo o coração. A ordem era para que detestassem e abominassem de todo as coisas execráveis encontradas em Canaã (Dt 7:26). Sem dúvida, Acã ajudou a destruir várias coisas abomináveis quando Israel conquistou Jericó, mas decidiu que parte da prata, do ouro e das belas vestes que viu não era abominável e tomou

essas coisas para si (Js 7:20-23). Preferiu ficar com os espólios de guerra a desfrutar as bênçãos de obedecer à Palavra (Sl 119:14, 72, 127, 162), e isso lhe custou caro. O rei Saul cometeu o mesmo erro e perdeu a coroa (1 Sm 15).

Ao crescer na graça, aprendemos a amar e a apreciar aquilo que agrada a Deus e a desprezar e rejeitar aquilo que lhe desagrada. Não se trata apenas de uma decisão de obedecer a Deus, mas também de desenvolver um coração que se alegre em ser obediente a ele (Ef 6:6). É possível fazer a vontade de Deus de forma que outros sejam abençoados, mas nós não! Foi o que aconteceu com dois profetas do Senhor, Moisés e Jonas. Em sua arrogância, Moisés feriu a rocha e Deus proveu água, porém Moisés perdeu o privilégio de entrar na terra prometida (Nm 20). Jonas acabou obedecendo à vontade do Senhor, mas não o fez de coração e ficou amargurado (Jn 4). Isso nos leva de volta ao primeiro motivo apresentado por Moisés: amor ao Senhor (Dt 6:1-9). O amor torna a obediência uma bênção e não um fardo.

É bom que, ocasionalmente, o povo de Deus pare e pergunte: qual a motivação por trás daquilo que fazemos? Agradar a nós mesmos, aos outros ou impressionar o mundo? Estamos fazendo a vontade de Deus só

por interesse em suas bênçãos ou estamos “fazendo, de coração, a vontade de Deus” (Ef 6:6), porque o amamos? Obedecer a Deus só para evitar o castigo e receber a bênção é uma motivação egoísta que segue a filosofia de Satanás (Jó 1 - 2), mas se obedecermos a Deus por amor, isso agrada o coração do Senhor, e ele nos dá o que é melhor e o que traz mais glória para ele.

Assim como Israel na Antiguidade, a Igreja de hoje deve avançar pela fé, conquistar o inimigo e tomar posse de novos territórios para o Senhor (Ef 6:10-18; 2 Co 2:14-17). Porém, ao contrário de Israel, usamos armas espirituais e não humanas, à medida que, pela fé, transpomos as muralhas de resistência que Satanás colocou na mente dos pecadores (Jo 18:36; 2 Co 10:1-6; Ef 6:17; Hb 4:12). A igreja apostólica não tinha templos, orçamentos (At 3:6), diplomas acadêmicos (At 4:13) nem influência política, mas dependia da Palavra de Deus e da oração (At 6:4), e Deus lhes deu grande vitória. Será que ele não pode fazer o mesmo por seu povo nos dias de hoje? Jesus venceu o mundo e o diabo (Jo 12:31; 16:33; Ef 1:19-21; Cl 1:13; 2:15). Portanto, podemos lutar já de posse da vitória, em vez de apenas buscar a vitória. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31)

1. Quando Corá, Datã e Abirão se rebelaram contra Deus e contra Moisés, chamaram o Egito de “terra que mana leite e mel” (Nm 16:13), mas Deus comparou o Egito a uma fomalha de fogo (Dt 4:20; 1 Rs 8:51; Jr 11:4). A escravidão de Israel no Egito ajudou a refinar o povo e a prepará-lo para sua nova vida como uma nação. No entanto, tudo o que a geração mais velha parecia se lembrar do Egito era a fartura de comida (Êx 16:1-3; Nm 11:4-6). A dor da escravidão do Egito foi omitida ou esquecida.
2. Em várias ocasiões, Moisés lembrou ao povo as promessas de Deus aos patriarcas: 1:8, 11, 21, 35; 6:3, 10, 19; 7:8, 12; 8:18; 9:5, 27; 11:9; 19:8; 26:3; 29:13; 30:20; 34:4.
3. As passagens das Escrituras anotadas em quatro pedaços de pergaminho colocados dentro dos filactérios são: Êxodo 13:1-10, 11-16. Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21. O mezuzá contém o texto de Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21 e a frase “O SENHOR, NOSSO DEUS, É O SENHOR”.
4. No versículo 5, os “postes-ídolos” eram postes esculpidos consagrados a Aserá, a consorte de Baal. Os postes eram feitos para ser símbolos fálicos, e a adoração de Aserá era associada a práticas absolutamente imorais. Toda a destruição ordenada nesse versículo é associada à palavra hebraica *herem*, que significa “ser consagrado a Deus, estar sob interdição”. Quando Josué conquistou Jericó (Js 6 - 7), a cidade foi colocada sob interdição, e nada podia ser tomado como espólio de guerra. Ao pegar alguns dos espólios, Acã roubou de Deus, o que levou a nação a ser derrotada em Ai.
5. Devemos nos lembrar de que a promessa de saúde e de bênção material referia-se apenas a Israel sob a lei e não se aplica à Igreja sob a nova aliança. Também não devemos concluir que a ausência de saúde e de bênçãos materiais seja

sinal do desprazer de Deus. Esse foi o erro que os amigos de Jó cometeram quando tentaram explicar o sofrimento dele e sugeriram que ele colocasse a vida em ordem com Deus para que suas bênçãos fossem restauradas. É claro que essa também é a filosofia de Satanás (Jó 1 - 2), uma filosofia que chamo de "cristianismo mercantilista". Os "cristãos mercantilistas" adoram e obedecem a Deus só pelas recompensas. Na infância de Israel como nação, Deus usou recompensas e castigos para ensinar a obediência ao povo e, depois, procurou conduzi-los à maturidade.

6. Deuteronômio 20 é o capítulo-chave sobre a conduta de Israel na guerra. Nos versículos 10-15, Moisés trata de como Israel deve atacar as cidades fora da terra de Canaã, e nos versículos 16-18, aplica as diretrizes às cidades dentro de Canaã.

QUEM VOCÊ É

DEUTERONÔMIO 8 – 11

O liver Cromwell avisou ao artista que pintava seu retrato que se recusaria a pagar um centavo sequer pelo quadro se ele não se parecesse exatamente com ele, inclusive com “espinhas, verrugas e tudo o que você vê em mim”.¹ Ao que parece, o grande estadista inglês era tão corajoso ao posar para um retrato quanto era liderando um exército no campo de batalha. A maioria de nós não é assim tão valente. Nossas fotos sem retoques nos incomodam e, certamente, pagaríamos de bom grado para que alguém pintasse um retrato que melhorasse nossa aparência.

Nesta parte de seu discurso de despedida, Moisés retratou o povo de Israel como era de fato, “com verrugas e tudo”. Era importante para a vida espiritual deles que Moisés fizesse isso, pois um dos primeiros passos para a maturidade é aceitar a realidade e tomar uma atitude em relação a ela. Precisamos nos ver com os olhos de Deus e, por sua graça, nos tornar tudo o que podemos ser em Jesus Cristo.

1. FILHOS NO DESERTO (Dt 8:1-5)

Os três elementos essenciais para que Israel conquistasse e desfrutasse a terra prometida eram: ouvir a Palavra de Deus, lembrar-se dela e lhe obedecer. Esses elementos ainda são essenciais para uma vida cristã bem-sucedida e satisfatória nos dias de hoje. Ao andar neste mundo, não temos como progredir sem a orientação de Deus, sem sua proteção e provisão, sendo que uma boa memória também ajuda. Nestes capítulos, Moisés nos ordena quatro vezes a lembrar (8:2, 18; 9:7, 27) e em quatro ocasiões nos

admoesta a não esquecer (8:11, 14, 19; 9:7). O apóstolo Pedro dedicou sua segunda epístola ao ministério de lembrar o povo de Deus daquilo que os apóstolos haviam lhes ensinado (2 Pe 1:12-18; 3:1, 2). Moisés ressaltou quatro ministérios que Deus realizou por Israel e que realiza por nós hoje, quando procura nos amadurecer e preparar para aquilo que ele tem planejado para nós.

Deus nos prova (vv. 1, 2). Deus sabe o que há dentro do coração de seus filhos, mas nem sempre seus filhos o sabem – ou querem saber. “E todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações” (Ap 2:23). A vida é uma escola (Sl 90:12), e muitas vezes não nos damos conta de qual é a lição até termos sido reprovados no teste! As pessoas às vezes afirmam que conhecem seu próprio coração, mas a verdade assustadora é que não sabemos o que há dentro de nós. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9).

A forma como reagimos às provas da vida revela o que há, de fato, dentro de nosso coração, especialmente quando essas provas incluem experiências da vida diária. Em várias ocasiões, o povo de Israel viu-se faminto, sedento e cansado da jornada, e foi nesses momentos que se tornaram irritáveis e críticos. O diabo nos tenta para extrair o que há de pior em nós, mas Deus nos prova para extrair o que há de melhor em nós. Quando Deus permite uma circunstância difícil para nos provar, podemos confiar nele e amadurecer ou podemos tentá-lo e ficar ainda mais infelizes. A diferença entre uma e outra está em crer nas promessas de Deus e em confiar que o Senhor cuidará de nós e nos conduzirá ao longo de todo o caminho para a glória dele e para nosso bem.

Deus nos ensina (v. 3). Durante a jornada do povo pelo deserto, Deus enviou-lhes “pão dos anjos” (Sl 78:21-25) todas as manhãs para ensiná-los a confiar nele em tudo de que precisassem. Porém, o maná era mais do que o sustento físico diário. Era também um símbolo do Messias vindouro, “o pão da vida” (Jo 6:35).² Quando foi tentado por

Satanás para transformar pedras em pão (Mt 4:1-4), Jesus citou Deuteronômio 8:3 e mostrou que a Palavra de Deus também é o pão de Deus, pois nos “alimentamos” de Jesus Cristo quando nos “alimentamos” da Palavra de Deus. O Senhor estava ensinando os israelitas a buscar nele seu “pão [...] de cada dia” (Mt 6:11) e a começar o dia meditando na Palavra de Deus. Aqueles que obedecessem a Deus na responsabilidade diária de recolher o maná estariam mais propensos a obedecer aos outros mandamentos do Senhor. Nosso relacionamento com a Palavra de Deus (maná) indica nosso relacionamento com o Deus da Palavra.

Deus cuida de nós (v. 4; 29:5). Deus não apenas alimentou os israelitas a cada manhã com “pão miraculoso”, mas também guardou as roupas que vestiam de se desgastar e seus pés de inchar. As três perguntas mais prementes da vida da maior parte das pessoas é: “O que comeremos? O que beberemos? O que iremos vestir?” (Mt 6:25-34), e o Senhor supriu todas essas necessidades de seu povo durante quarenta anos. “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5:7). “Pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas” (Mt 6:32). Deus não envia pão, água e roupas miraculosamente a nossa porta todos os dias, mas ele nos dá trabalho e capacidade de ganhar dinheiro, de modo que possamos comprar aquilo de que precisamos (Dt 8:18).³ O mesmo Deus que supriu as necessidades de Israel sem usar meios humanos também pode suprir nossas necessidades por esses meios.

Deus nos disciplina (v. 5). Deus considerava os Filhos de Israel como seus próprios filhos a quem muito amava. “Israel é meu filho, meu primogênito” (Êx 4:22; ver Os 11:1). Depois de anos de escravidão no Egito, os israelitas precisavam aprender o que era a liberdade e como usá-la com responsabilidade. Normalmente, pensamos em “disciplina” apenas como um castigo pela desobediência, mas ela inclui muito mais do que isso. A disciplina é a preparação da criança para as responsabilidades da vida adulta. Um juiz castiga justamente um criminoso

condenado, a fim de proteger a sociedade e de preservar a lei, mas um pai disciplina seu filho em amor a fim de ajudar essa criança a amadurecer.⁴ A disciplina prova que Deus nos ama e que somos membros de sua família (Hb 12:5-8; Pv 3:11, 12).

Ao pensar em como o Senhor disciplina seus filhos, não visualize um pai irado castigando uma criança. Antes, veja um pai amoroso desafiando seus filhos a exercitar os músculos (físicos e mentais), a fim de amadurecerem e de se tornarem adultos dignos de confiança. O segredo para o crescimento durante a disciplina é nos humilharmos e nos submetemos à vontade de Deus (Dt 8:2, 3; Hb 12:9, 10). Resistir à disciplina do Senhor é endurecer o coração e resistir à vontade do Pai. Assim como um atleta em seu treinamento, precisamos nos exercitar e usar cada provação como uma oportunidade de crescimento.

2. CONQUISTADORES NA TERRA (Dt 8:6-20)

Depois de ser libertado do Egito, o destino do povo de Israel não era o deserto, mas sim a terra prometida, o lugar de sua herança. “E [Deus] dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais” (Dt 6:23). O mesmo acontece com a vida cristã: nascer de novo e ser redimido do pecado é só o começo de nossa caminhada com Cristo, sem dúvida um grande começo, mas nada além disso. Se, como Israel em Cades-Barnéia, nos rebelarmos em incredulidade, iremos vagar pela vida e deixaremos de desfrutar o que Deus planejou para nós (Ef 2:10; Hb 3 - 4). Porém, se nos entregarmos ao Senhor e obedeceremos à sua vontade, então ele nos capacitará, a fim de nos tornarmos “mais que vencedores” (Rm 8:37) quando nos apropriarmos de nossa herança em Deus e servirmos ao Senhor.

Desfrutando a bênção de Deus (vv. 6-9). A “chave” que abria a porta da Terra Prometida era simples: obedecer aos mandamentos de Deus, andar nos seus caminhos e reverenciá-lo (v. 6). Se o povo de Israel desobedecesse à Palavra de Deus, andasse em seus próprios caminhos e não demonstrasse

o temor do Senhor, isso traria o juízo de Deus sobre a nação. Mas por que Israel não iria querer entrar na Terra Prometida, a boa terra que Deus havia preparado para eles? Era uma terra que lhes oferecia tudo o que podiam desejar para uma vida feliz.

Uma vez que a água é um bem precioso no Oriente, Moisés a menciona primeiro: ribeiros, fontes e mananciais profundos saindo dos vales a das montanhas. Mais adiante, Moisés fala das chuvas que Deus prometeu enviar todos os anos (Dt 11:14), as primeiras chuvas de primavera e as últimas de outono. Com a bênção de Deus, a abundância de água permitiria a abundância de colheitas, e os israelitas ceifariam grãos, uvas, figos e azeitonas e também encontrariam mel. Haveria pastagem farta para os rebanhos e cobre e ferro enterrados nas rochas e montes. Sem dúvida, era uma terra de leite e mel, onde nada faltava. Tudo isso tipifica, para o cristão de hoje, a riqueza espiritual que temos em Cristo: as riquezas de sua graça (Ef 1:7; 2:7), as riquezas de sua glória (Ef 1:18; 3:16), as riquezas de sua misericórdia (Ef 2:4) e as “insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3:8). Somos completos em Cristo (Cl 2:10), no qual habita toda a plenitude (Cl 1:19) e, portanto, temos tudo de que precisamos e de que viremos a precisar para uma vida cristã plena para a glória de Deus. O Senhor tem uma vida maravilhosa planejada para cada um de seus filhos (Ef 2:10) e supre tudo o que é necessário a fim de cumprir esse plano.

Esquecendo-se da bondade de Deus (vv. 10-18). A prosperidade e o conforto trazem consigo o perigo de nos envolvermos tanto com as bênçãos a ponto de nos esquecermos daquele que nos abençoou. Por esse motivo, Moisés admoestou os israelitas a louvar a Deus depois de fazer suas refeições, para que não se esquecessem do Doador de tudo o que é bom e perfeito (v. 10; Tg 1:17). Quando eu era menino, meu tio Simon – o “tio pregador” sueco – nos visitava de vez em quando, e lembro-me de que ele não apenas agradecia a Deus antes de comer, mas também terminava a refeição com uma oração de graças. Foi só vários anos depois que descobri que ele estava obedecendo a

Deuteronômio 8:10. É natural agradecer pelo alimento quando estamos com fome, mas também é sábio dar graças depois que estamos satisfeitos.

Moisés descreveu os perigos relacionados a se esquecer de que Deus é a fonte de todas as bênçãos que desfrutamos. Se nos esquecermos de Deus, então, de uma forma ou de outra, sempre nós orgulharemos de nosso sucesso (v. 14) e nos esqueceremos daquilo que éramos antes de o Senhor nos chamar. Os israelitas haviam sido escravos no Egito, e logo estariam vivendo em casas confortáveis, vendo seus rebanhos crescerem, juntando ouro e prata e se esquecendo daquilo que o Senhor havia feito por eles. Haviam sido nômades no deserto, mas em breve estariam assentados numa terra rica, desfrutando paz e prosperidade com seus filhos e netos. Seria muito fácil que os israelitas se tornassem orgulhosos e se esquecessem de como eram desamparados antes de o Senhor resgatá-los. Não tardariam em pensar que seu sucesso poderia ser atribuído a suas próprias forças e sabedoria – e que era merecido! “Antes, te lembrarás do SENHOR, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirir riquezas” (v. 18).

Rejeitando a autoridade de Deus (vv. 19, 20). No ponto mais crítico desse declínio espiritual, os “israelitas abastados” deixariam o Senhor, o verdadeiro Deus vivo, e passariam a adorar aos falsos deuses de seus vizinhos. A idolatria começa no coração quando a gratidão ao Doador é substituída pela cobiça pelas dádivas. “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus” (Rm 1:21). Um coração ingrato pode tornar-se rapidamente um abrigo para todo tipo de atitude pecaminosa e de apetite carnal. O que o Senhor faria? Trataria a idolatria de seu próprio povo como havia tratado a idolatria das nações que expulsara da terra e destruiria Israel e seus falsos deuses. Antes de Moisés terminar seu discurso, delineou os termos da aliança de Deus com Israel e da disciplina que Deus enviaria caso o povo insistisse em adorar ídolos.

Prosperidade – ingratidão – idolatria: três passos para a destruição. No entanto, não se

trata de pecados da antiguidade, pois estão presentes nos dias de hoje em corações, lares, negócios e igrejas.

3. REBELDES CONTRA O SENHOR (Dt 9:1 – 10:11)

Pela quinta vez em seu discurso, Moisés diz: “Ouve, ó Israel!” (ver Dt 4:1; 5:1; 6:3, 4). Ele estava lhes entregando a Palavra de Deus, e quando Deus fala, seu povo deve ouvir. A palavra “ouve” é usada com frequência em Deuteronômio, pois o povo de Deus vive pela fé, e “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Os israelitas não podiam ver seu Deus, mas podiam ouvi-lo, enquanto seus vizinhos pagãos podiam ver seus deuses, mas não podiam ouvi-los (Sl 115:5). Nessa parte do discurso, Moisés lembrou o povo de que sua conduta, desde que tinham deixado o Egito, havia sido qualquer coisa, menos exemplar, apesar da longanimidade e da graça de Deus.

A graça de Deus (vv. 1-6). A palavra “hoje” não significa no mesmo dia em que Moisés estava falando, pois Israel só entrou na terra quarenta dias depois (Dt 1:3; 34:8; Js 4:19). Essa palavra refere-se a um período no qual Deus está realizando uma determinada obra, como o dia da criação, constituído de seis dias (Gn 2:4), ou o “Dia do SENHOR”, quando Deus irá julgar o mundo (Jl 2). Deus lembrou Israel da incredulidade da geração anterior em Cades-Barnéia, quando viram os obstáculos de Canaã, mas se esqueceram do poder de seu Deus (Dt 9:1, 2; Nm 13 – 14). Deus garantiu a seu povo que não havia necessidade de temer o futuro, pois o Senhor iria adiante deles para ajudá-los a derrotar os inimigos. Ele não lutaria no lugar deles, pois os israelitas deviam fazer sua parte e combater as batalhas; também não fariam isso independentemente dele, pois era preciso que o povo fosse obediente e que respeitasse suas leis. Mas Deus trabalharia neles e por intermédio deles, a fim de conquistar as nações da terra (Fp 2:12, 13; Pv 21:31).

Mais uma vez, Moisés lembrou a nação de que a terra era uma dádiva do Senhor, não uma recompensa pela retidão deles. Em sua

bondade, Deus havia entrado em aliança com Abraão para dar a ele e a seus descendentes a terra de Canaã (Gn 12:1-3; 13:14-17; 15:7-21) e cumpriria sua promessa. O povo da terra era perverso e estava pronto para ser julgado; mesmo que Israel não fosse um povo perfeito, Deus iria usá-lo para realizar esse juízo. A ênfase é sobre a graça de Deus e não sobre a vontade do povo de Deus, e essa ênfase é necessária nos dias de hoje (Tt 2:11 – 3:7). Quando nos esquecemos da graça de Deus, tornamo-nos orgulhosos e começamos a pensar que merecemos tudo o que Deus fez por nós; assim, Deus precisa nos lembrar de sua bondade e de nossa pecaminosidade, e tal lembrete pode ser doloroso. Esse é o tema da parte seguinte da mensagem de Moisés.

A disciplina de Deus (9:7 – 10:11). Moisés estava se dirigindo à nova geração, mas aquelas pessoas precisavam ouvir essa parte da mensagem e conscientizar-se de que eram pecadores assim como seus antepassados. O tema é expresso com severidade em Deuteronômio 9:24: “Rebeldes fostes contra o SENHOR, desde o dia em que vos conheci”. Deus chamou Abraão e conduziu-o à Terra Prometida, mas o patriarca fugiu para o Egito, a fim de evitar uma fome que assolava a terra (Gn 12:10ss). O cenário no drama da vida de fé pode mudar, mas os atores e os textos são basicamente os mesmos: Deus abençoa, desfrutamos as bênçãos e, em seguida, rebelamo-nos contra sua disciplina e perdemos as bênçãos que ele planejou para nós.

Em sua recapitulação da história de rebeldia de Israel, Moisés começou com a adoração do bezerro de ouro no monte Sinai (Dt 9:7-21; 25:10, 11; Êx 32) e, depois, simplesmente mencionou os lugares onde se rebelaram na jornada do Sinai até Cades-Barnéia (Dt 9:22). Em seguida, anunciou a incredulidade e a rebelião do povo em Cades-Barnéia (vv. 23, 24), prosseguindo com outro lembrete a respeito do bezerro de ouro (9:25 – 10:11). Moisés não seguiu uma cronologia rígida em seu relato de todos os acontecimentos da história de Israel, mas enfatizou seus dois grandes pecados:

a adoração ao bezerro de ouro, no Sinai, e a recusa em entrar na terra, em Cades-Barnéia.

Israel cometeu um pecado gravíssimo quando adorou ao bezerro de ouro (Êx 32 - 34). Em sua história da libertação do Egito, encontrava-se uma demonstração da graça e do poder de Deus e, ainda assim, o povo rebelou-se contra seu Redentor! Israel era o povo de Deus, remido pela mão do Senhor, no entanto, fizeram um novo deus! Tinham diante deles o monte Sinai, onde haviam visto demonstrações da glória e da santidade de Deus e de onde haviam recebido a lei do Senhor. Naquela lei, Deus ordenava que adorassem somente a ele e que não fizessem ídolos nem os adorassem. Todos aceitaram a lei e prometeram, duas vezes, que a cumpririam (Êx 24:3, 7); no entanto, quebraram o primeiro e o segundo mandamentos ao confeccionar e adorar um ídolo e o sétimo mandamento ao participar de uma festa lasciva em sua "adoração".

A impaciência e a incredulidade impeliaram Israel a pecar tão gravemente no monte Sinai, pois Moisés havia estado na montanha com o Senhor durante quarenta dias e quarenta noites (Êx 24:1-18). Arão deveria ter se oposto ao povo quando pediram um novo deus, mas, em vez disso, condescendeu e cumpriu as exigências dos israelitas, na esperança de trazer paz ao acampamento. Imagine o primeiro sumo sacerdote confeccionando um ídolo! Moisés havia dado a seu irmão autoridade para liderar o povo em sua ausência (v. 14), e Arão poderia ter reunido os líderes das tribos e rogado aos israelitas que obedecessem ao Senhor, mas ele queria agradar ao povo e evitar conflitos. Séculos depois, Pôncio Pilatos cometeria o mesmo erro obedecendo à multidão que desejava a crucificação de Jesus (Mc 15:15).

Nunca subestime a importância da liderança espiritual que estimula a obediência à Palavra de Deus. Arão ficou em falta com o Senhor, que o nomeara sumo sacerdote, com seu irmão, que estava dependendo dele para liderar a nação, e com o povo, que precisava desesperadamente de uma liderança espiritual forte. Quando Moisés o confrontou, Arão tentou inventar desculpas e eximir-se

da responsabilidade culpando o povo! Tudo o que fez foi pegar as jóias de ouro dos israelitas e atirá-las ao fogo e o bezerro simplesmente apareceu! (ver Êx 32:22-24). Moisés passou outros quarenta dias e quarenta noites na montanha intercedendo por Arão e pelo povo. Deus estava prestes a matar Arão, a exterminar a nação e a começar outro povo com Moisés, mas Moisés orou por Arão e pelo povo e recusou a oferta de Deus de torná-lo o pai de uma nova nação. Moisés enfrentou a mesma prova em Cades-Barnéia e, mais uma vez, colocou a glória de Deus e o bem do povo antes do benefício próprio (Nm 14:12). Moisés estava mais preocupado com a glória e a reputação do Senhor diante das nações pagãs, pois sabia que o temor de Deus deveria ir adiante de Israel, a fim de que pudessem conquistar a terra e apropriar-se de sua herança.

Não podemos deixar de admirar Moisés como líder do povo de Deus. Ficou quarenta dias na montanha aprendendo a conduzir o povo em sua adoração a Deus e, depois, ficou mais quarenta dias jejuando e orando, intercedendo por uma nação que havia murmurado, resistido à sua liderança e se rebelado contra o Senhor. Mas tanto os líderes quanto os seguidores são provados, e Moisés passou no teste. Demonstrou que sua grande preocupação não era com a própria fama ou posição, mas com a glória de Deus e o bem do povo. Na verdade, estava disposto a morrer pelos israelitas para que Deus não os destruísse (Êx 32:31-34). O verdadeiro pastor dá a vida por suas ovelhas (Jo 10:11).

Depois de recapitular o grande pecado no Sinai, Moisés mencionou as repetidas rebeliões de Israel a caminho de Cades-Barnéia (Dt 9:22). Em Taberá, o povo reclamou de suas "dificuldades", e Deus enviou fogo do céu para consumir algumas pessoas das cercanias do acampamento (Nm 11:1-3).⁵ As pessoas que murmuraram para Moisés imploraram que seu líder orasse por eles, e Deus ouviu Moisés e fez cessar o julgamento. "Taberá" significa "queimadura", e o nome deve nos lembrar de que a murmuração é pecado (Fp 2:14, 15; 1 Co 10:10). Em Masá, os israelitas reclamaram, pois estavam

sedentos, de modo que Moisés feriu a rocha, e Deus proveu água em abundância para o povo (Êx 17:1-7). O nome “Massá” significa “provando” e é colocado junto com o nome “Meribá”, que quer dizer “contendendo”. “Quibrote-Taavá” significa “túmulo de concupiscência” e refere-se à ocasião em que Israel cansou-se do maná e pediu carne para comer (Nm 11:4ss). Deus enviou bandos de codornizes sobre o acampamento de Israel, e tudo o que o povo tinha a fazer era apanhar os pássaros, limpá-los, cozinhá-los e comê-los. Era o velho “apetite egípcio” se manifestando novamente, a carne se rebelando contra o Espírito. Enquanto os israelitas estavam comendo a carne, o julgamento do Senhor veio sobre eles, e Deus enviou uma praga ao acampamento. “Concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma” (Sl 106:15). Às vezes, o maior julgamento de Deus é permitir que nossos desejos sejam satisfeitos (Rm 1:22-28).

Por fim, Moisés recapitulou o grande pecado de Israel em Cades-Barnéia (Dt 9:23, 24; Nm 13 - 14). Durante a marcha do Egito para Cades, os israelitas haviam visto a mão de Deus operando cada dia, suprimindo todas as suas necessidades, mas em Cades acharam que Deus não era grande o suficiente para lhes dar a vitória sobre as nações de Canaã. Mostraram um “perverso coração de incredulidade” (Hb 3:12), que na verdade não é outra coisa senão rebelião contra o Senhor. A incredulidade é um pecado deliberado; é tentar o Senhor e dizer: “Não vou confiar no Senhor nem obedecer a suas ordens!”. Os dez espias incrédulos andaram pelas aparências, não pela fé, e viram apenas os problemas da terra. Moisés, Arão, Calebe e Josué andaram pela fé e creram que Deus podia derrotar qualquer inimigo e superar qualquer obstáculo.

Essa revisão dos pecados de Israel é uma incriminação e tanto, mas Deus jamais abandonou o povo de Israel, e em muitas ocasiões os perdoou quando deveria tê-los julgado. “Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades” (Sl 103:10; ver Ed 9:13). Deus é sempre fiel em suas promessas, e mesmo quando

não permitimos que ele governe nossa vida, ele prevalece e, ainda assim, cumpre seus propósitos. No entanto, perderemos as bênçãos que ele havia preparado para nós.

Todo cristão e todo ministério cristão, quer seja uma igreja local, quer seja um ministério paraeclesialístico, deve crer que Deus suprirá suas necessidades a cada dia. Se murmuramos ao longo do caminho, estaremos apenas dando provas de que não confiamos em Deus, mas achamos que sabemos melhor do que ele o que é o ideal para nós. Quando chegarmos a um lugar como Cades-Barnéia em nossa vida, onde devemos nos apropriar daquilo que Deus planejou para nós e avançar pela fé, não devemos nos rebelar contra Deus e nos recusar a confiar e a obedecer. Se o fizermos, é possível que acabemos vagando pela vida sem realizar aquilo que Deus tem planejado para nós. Apropriar-se da herança em Cristo é um dos principais temas do Livro de Hebreus, e o escritor usa Israel como sua ilustração mais importante (Hb 3 - 4).

4. SERVOS DO SENHOR (Dt 10:12 - 11:32)

As palavras: “Agora, pois, ó Israel” (Dt 10:12) constituem a transição a que Moisés chega ao encerrar essa parte de seu discurso, uma seção em que ele lembra o povo dos motivos para obedecer ao Senhor seu Deus. Não se tratava de um assunto novo, porém, ainda assim, era uma questão importante, e Moisés queria que todos compreendessem a mensagem e que não a esquecessem: a obediência por amor ao Senhor é a chave de toda bênção. Jesus muitas vezes repetiu certas verdades que já havia compartilhado anteriormente, e Paulo escreveu aos filipenses: “A mim, não me desgosta e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas” (Fp 3:1). Nem todos os ouvintes compreendem a mensagem da primeira vez, e alguns, mesmo que a entendam, podem esquecê-la. Os israelitas não carregavam Bíblias de bolso e tinham de depender de sua memória, de modo que a repetição era um recurso importante.

Obedeçam pelos mandamentos de Deus (vv. 12, 13). A seqüência destes cinco verbos

é significativa: temer, andar, amar, servir e guardar. O temor do Senhor é a reverência que lhe devemos pelo simples fato de ele ser Senhor. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a vida de fé é comparada a uma caminhada (Ef 4:1, 17; 5:2, 8, 15). Começa com um passo de fé quando confiamos em Cristo e entregamos nossa vida a ele, mas conduz a uma comunhão diária com o Senhor ao andarmos juntos pelo caminho que ele planejou. Essa caminhada cristã envolve progresso e também equilíbrio: fé e obras, solidão e comunhão, separação do mundo e ministério e testemunho para o mundo. A obediência ao Senhor é “para o [nosso] bem” (Dt 10:13), pois quando lhe obedecemos temos comunhão com ele, desfrutamos suas bênçãos e evitamos as conseqüências trágicas da desobediência.

O elemento central desse conjunto de cinco verbos é o amor, sendo que nessa parte de seu discurso Moisés emprega seis vezes termos relacionados a ele (Dt 10:12, 15, 19; 11:1, 13, 22). É possível temer e amar ao Senhor ao mesmo tempo? Sim, pois a reverência que demonstramos para com ele é uma forma amorosa de respeito que vem do coração. A palavra “coração” aparece cinco vezes nessa parte do discurso de Moisés (Dt 10:12, 16; 11:13, 16, 18), de modo que ele deixou claro que o Senhor quer mais do que obediência externa. Deseja que façamos a vontade dele de coração (Ef 6:6), uma obediência motivada pelo amor que alegra nosso Pai celestial. O amor é o cumprimento da lei (Rm 13:10); portanto, se amarmos a Deus, não será um fardo nem uma batalha lhe servir e guardar seus mandamentos. Esses cinco elementos são como partes de um motor, que devem ficar juntas e trabalhar em conjunto.

Obedeçam pelo caráter de Deus (vv. 14-22). O equilíbrio entre o temor do Senhor e o amor ao Senhor é resultado de uma compreensão cada vez maior dos atributos de Deus, sendo que esses atributos encontram-se descritos na Bíblia. Ele é o Criador (v. 14): “Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Cl 1:16). Enquanto estavam vivendo no Egito, os israelitas viram o poder do Criador quando ele mandou fogo, granizo, escuridão,

rãs, piolhos e até morte, provando que estava no controle de todas as coisas. Ele abriu o mar Vermelho para permitir que Israel fugisse e, depois, fechou as águas para que o exército egípcio não escapasse. Deu água da rocha e pão do céu. Quando o Criador do Universo é seu Pai, por que se preocupar?

Ao olhar para a criação, não é difícil ver que existe um Deus poderoso e sábio, pois somente um Ser poderoso teria como criar algo do nada e somente um Ser sábio teria como fazê-lo de modo tão completo e maravilhoso e como mantê-lo funcionando em harmonia. Quer você olhe por um telescópio, quer por um microscópio, vai concordar com Isaac Watts:

Do chão que estou a pisar
Às noites estreladas,
Para onde volto meu olhar.
Senhor, como tuas maravilhas são demonstradas!⁶

A criação não revela claramente o amor e a graça de Deus, mas vemos esses atributos nas alianças que ele fez com seu povo (Dt 10:15, 16). Deus escolheu Israel porque o amava, e, por causa desse amor, entrou em aliança com ele, a fim de ser seu Deus e de abençoá-lo. O selo dessa aliança era a circuncisão, dada primeiramente a Abraão (Gn 17:9-14) e que devia ser realizada em todos os seus descendentes do sexo masculino. A circuncisão era tão importante para os judeus que eles se referiam aos gentios como “incircuncisos” ou “incircuncisão” (Jz 14:3; 1 Sm 17:26, 36; At 11:3; Ef 2:11). Contudo, Israel exaltou esse ritual físico a tal ponto que se esqueceu da realidade espiritual de que a circuncisão marcava-os como povo de Deus com privilégios e responsabilidades espirituais. A circuncisão não era uma garantia de que todo judeu iria para o céu (Mt 3:7-12). A menos que houvesse uma transformação interior, realizada por Deus em resposta a sua fé, a pessoa não pertenceria, necessariamente, ao Senhor (ver Dt 30:6), sendo que essa mensagem foi repetida pelos profetas (Jr 4:4; Ez 44:7, 9) e pelo apóstolo Paulo (Rm 4:9-12; ver At 7:51).

Infelizmente, a mesma cegueira espiritual ainda está presente em nosso meio hoje em dia, pois muitas pessoas crêem que o batismo, a profissão de fé, o fato de ser membro da igreja ou de participar da Ceia do Senhor garantem, automaticamente, sua salvação. Por mais importantes que sejam essas coisas, a certeza e o selo da salvação do cristão não estão em uma cerimônia física, mas sim na obra espiritual realizada pelo Espírito Santo no coração (Fp 3:1-10; Cl 2:9-12). A circuncisão dos judeus removia uma pequena parte da carne, mas o Espírito Santo despoja todo o “corpo da carne” e nos faz novas criaturas em Cristo (Cl 2:11). Os judeus do Antigo Testamento sabiam que faziam parte da aliança por causa de uma operação física. Os cristãos do Novo Testamento sabem que fazem parte de uma aliança por causa da presença do Espírito Santo dentro deles (Ef 1:13 e 4:30; Rm 8:9, 16).

O Deus que adoramos e servimos também é santo e justo. “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). Depois de atravessar o mar Vermelho, os israelitas cantaram: “Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos?” (Êx 15:11; ver também Sl 22:3 e Is 6:3). O amor de Deus recebe tanta ênfase hoje em dia que nossa tendência é esquecer de que se trata de um amor santo e de que “o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29). Por ser santo, tudo o que Deus faz é justo, pois para Deus é impossível pecar. As pessoas podem acusá-lo de ser injusto quando as coisas não acontecem da forma como esperavam, mas um Deus santo não pode cometer injustiça alguma. Sua conduta é imparcial, e ele não pode ser subornado por nossas promessas ou boas obras. Deus tem um cuidado especial com os desamparados, especialmente as viúvas, os órfãos e os estrangeiros sem lar (Dt 27:19; Êx 22:21-24; 23:9; Lv 19:33; Sl 94:6; Is 10:2). Deus cuidou dos israelitas quando eram estrangeiros no Egito e esperava que eles cuidassem de outros estrangeiros quando Israel estivesse assentado em sua própria terra.

Obedeçam pelo cuidado de Deus (10:21 - 11:7). As palavras “o que fez” ou seme-

lhantes são usadas seis vezes nesse parágrafo, pois a ênfase é sobre os feitos poderosos de Deus em favor de seu povo, Israel, “a grandeza do SENHOR, a sua poderosa mão e o seu braço estendido” (Dt 11:2). O que Deus fez por Israel? Em primeiro lugar, quando eram escravos no Egito, Deus cuidou deles e multiplicou-os grandemente. Jacó e sua família fizeram sua jornada para o Egito, a fim de se juntarem a José (Gn 46), e setenta pessoas transformaram-se numa nação poderosa de cerca de dois milhões.⁷ Sem dúvida, Deus cumpriu a promessa que havia feito a Abraão de multiplicar sua descendência como as estrelas do céu e como o pó da terra (Gn 13:14-16; 15:5; 22:17; 26:4).

Quando os israelitas estavam no Egito, viram o grande poder de Deus em ação contra o Faraó e contra a nação, quando Deus enviou sucessivos juízos que finalmente levaram à libertação de Israel. O poder de Deus não apenas devastou a terra e destruiu o exército do Faraó, como também demonstrou que Jeová era o Deus verdadeiro e que todos os deuses e deusas do Egito não passavam de ídolos parvos e impotentes. Uma vez que Israel se assentasse na terra, comemoraria a Páscoa todos os anos e se recordaria do que o Senhor havia feito por eles.

Moisés também lembrou a nova geração de que Deus havia cuidado deles durante o tempo em que vagaram pelo deserto, mas mencionou apenas um acontecimento específico: o julgamento de Deus sobre Datã e Abirão (Dt 11:5, 6; Nm 16; Jz 11). Um levita chamado Corá conseguiu o apoio de Datã, Abirão e de mais duzentos e cinqüenta líderes para desafiar a autoridade de Moisés, pois Corá desejava que os levitas tivessem o privilégio de servir como sacerdotes. Isso era contra a vontade de Deus, de modo que Moisés e Arão entregaram a questão nas mãos do Senhor. Deus abriu a terra, que trago os três rebeldes, e, então, o Senhor enviou fogo para destruir os duzentos e cinqüenta líderes das tribos.⁸ Era importante que essa nova geração aprendesse a respeitar os líderes de Deus e a obedecer aos mandamentos do Senhor com relação ao sacerdócio. Ainda hoje, indivíduos arrogantes que

desejam promover-se e ser “importantes” na igreja devem ter cuidado com a disciplina e o juízo de Deus (At 5:1-11; 1 Co 3:9-23; Hb 13:17; 2 Jo 9-12).

Obedeçam pelas promessas da aliança de Deus (vv. 8-25). A palavra-chave desta parte do discurso é “terra” e aparece pelo menos doze vezes, referindo-se à terra de Canaã que Deus havia prometido a Abraão e a seus descendentes quando entrou em aliança com ele (Gn 13:14-17; 15:7-21; 17:8; 28:13; 5:12; Êx 3:8). Canaã não era apenas a Terra Prometida pelo fato de Deus haver garantido a posse daquele território a Israel, mas era também a “terra das promessas”, pois naquele lugar Deus cumpriria muitas de suas promessas relacionadas a sua grande dádiva da salvação para o mundo todo. A terra de Israel serviria de palco em que se desenrolaria o grande drama da redenção. Lá o Salvador nasceria e viveria; lá morreria pelos pecados do mundo. Seria ressuscitado dos mortos e voltaria ao céu, e para seu povo nascido de novo naquela terra, ele enviaria a dádiva do Espírito Santo. A partir daquela terra, seu povo se espalharia para todo o mundo e transmitiria a mensagem da salvação.

Se Israel desejava possuir a terra, permanecer nela e desfrutá-la, deveria obedecer aos mandamentos de Deus, pois toda a terra de Israel pertence ao Senhor (Lv 25:2, 23, 38). Somente ele poderia abrir o rio Jordão para que Israel entrasse na terra, e somente ele poderia dar aos israelitas a vitória sobre as nações que já ocupavam Canaã. Essas nações eram mais fortes que Israel, e o povo vivia em cidades muradas. Contudo, mesmo depois que Israel entrasse em Canaã e que conquistasse a terra, não permaneceria lá nem desfrutaria sua herança se deixasse de ouvir a Palavra de Deus e de lhe obedecer. O mesmo princípio aplica-se aos cristãos de hoje: em Cristo temos “toda sorte de bênção espiritual” (Ef 1:3), mas não podemos nos apropriar delas nem desfrutá-las a menos que creiamos nas promessas de Deus e que obedecemos a seus mandamentos.

A Terra Prometida era uma “terra de leite e mel”, mas se as chuvas não viessem nas

devidas estações do ano, nada cresceria, e o povo morreria de fome; e somente Deus pode mandar a chuva. Baal era o deus cananeu da tempestade e, ao longo de sua história, em várias ocasiões, os israelitas buscaram a ajuda desse falso deus, e o Senhor teve de castigá-los. O encontro dramático de Elias com os sacerdotes de Baal no monte Carmelo provou que o Senhor Jeová era o verdadeiro Deus vivo (1 Rs 18:16ss). Diferentemente da terra do Egito, que dependia da irrigação do rio Nilo,⁹ a terra de Israel recebia as águas vivificadoras das chuvas enviadas pelo Senhor. Em diversos momentos da história de Israel, o Senhor reteve as chuvas e disciplinou seu povo até que confessassem seus pecados e voltassem para ele (Dt 28:23, 24; 2 Cr 7:12-14). Deus guardaria a terra e cuidaria dela e de seus habitantes (Dt 11:12). Se a nação de Israel temesse a Deus, o amasse e lhe obedecesse, ele enviaria as colheitas de grãos em seu devido tempo e daria alimento ao povo e aos rebanhos. Deus não estava “comprando” a obediência deles, mas sim recompensando sua fé e ensinando-lhes sobre as alegrias de conhecer e de servir ao Senhor.

O problema não era Deus nem a terra, mas sim o coração do povo. “Guardai-vos não suceda que o vosso coração se engane” (11:16). Se o povo abandonasse a adoração a Jeová, a ira do Senhor se acenderia, e ele mandaria sua disciplina. Se a idolatria contaminasse a terra, Deus teria de removê-los dela e de purificá-la, e foi o que fez quando enviou os judeus para o cativeiro na Babilônia. O instrumento mais eficaz para deter a idolatria era a Palavra de Deus (vv. 18-21; ver Dt 6:6-9), o tesouro que Deus deu a Israel e a nenhuma outra nação. Essa Palavra deveria governar a vida do povo e ser o assunto de suas conversas. Como vimos anteriormente, os judeus entenderam esse mandamento literalmente e fizeram filactérios para o braço e a testa, bem como mezuzás para as casas, mas não deixaram que a Palavra de Deus penetrasse em seu coração. Os cristãos de hoje enfrentam o mesmo perigo. É muito mais fácil usar uma cruz de ouro no pescoço do que carregar a cruz de Cristo na

vida diária, e pendurar um texto das Escrituras na parede de nossa casa é mais simples do que guardar a Palavra de Deus em nosso coração. Se amamos o Senhor e se nos apegamos a ele, vamos ansiar conhecer mais de sua Palavra e lhe obedecer em todas as áreas de nossa vida.

De que maneira nos apropriamos das bênçãos de Deus? Ao dar um passo de fé (Dt 11:24, 25). Foi isso o que Deus ordenou a Abraão (Gn 13:17), bem como a Josué (Js 1:3). Essa foi a promessa da qual Calebe se apropriou quando pediu sua herança na terra prometida (Js 14:6-15) e essa é a promessa da qual todos os cristãos devem se apropriar se esperam desfrutar as bênçãos que Deus tem para eles. Você não “toma posse da terra” ao estudar o mapa e sonhar com a conquista. Você toma posse ao dar um passo de fé, crer na Palavra de Deus e depender da fidelidade do Senhor. J. Hudson Taylor, fundador da *China Inland Mission* [Missão para o Interior da China], hoje chamada *Overseas Missionary Fellowship*, disse: “Como fazer para que a fé se fortaleça? Não lutando por ela, mas, sim, descansando sobre aquele que é fiel”.¹⁰

Obedeçam pela disciplina de Deus (vv. 26-32). A conclusão era que o povo precisava escolher se iria obedecer a Deus e desfrutar suas bênçãos ou se iria desobedecer-lhe e sofrer sua disciplina. Tinham opção de desfrutar a terra, de suportar o castigo na terra (Livro de Juízes) ou de ser expulsos da terra (cativeiro na Babilônia). Seria de se esperar que a escolha fosse fácil, pois quem iria querer a disciplina do Senhor? Mas assim como as crianças desafiam os ordens dos pais sabendo muito bem que sua desobediência resultará em castigo, também o povo de Deus desobedece ao Senhor deliberadamente e despreza sua vontade. Pessoas que assim procedem não têm temor algum do Senhor e acreditam que escaparão incólumes à disciplina da mão de Deus! É isso o que a Bíblia chama de “tentar a Deus”.

Moisés tinha em mente duas situações quando deu essa advertência. A primeira referia-se à nação diante dele naquele dia (Dt 11:26-28) e a segunda dizia respeito à

nação depois de ter entrado em Canaã (vv. 29, 30). Suas vitórias no futuro dependiam de suas decisões no presente, da determinação em seu coração de amar ao Senhor e de obedecer à sua Palavra. Logo estariam num campo de batalha, e somente a ajuda do Senhor lhes daria a vitória sobre o inimigo. A oferta era simples: se obedecessem ao Senhor, ele os abençoaria; se desobedecessem, ele os disciplinaria.

Depois que os israelitas entrassem na terra e começassem a conquistá-la, deveriam realizar uma cerimônia especial em Siquém, localizada entre o monte Gerizim e o monte Ebal (os detalhes são apresentados em Dt 27 - 28 e a realização da cerimônia em Js 8:30-35). Josué devia escrever as palavras da lei em algumas pedras grandes caídas e, também, construir um altar. Ebal seria o “monte das maldições” e Gerizim seria o “monte das bênçãos”. As tribos sobre o monte Gerizim seriam Simeão, Levi, Judá, Issacar, José (Efraim e Manassés) e Benjamim, e as demais tribos deveriam reunir-se no monte Ebal. No vale entre as duas montanhas, Josué, os sacerdotes, os levitas e os líderes das tribos ficariam com a arca da aliança, e daquele lugar os levitas recitariam em voz alta para todo o povo as maldições e as bênçãos. Depois de cada maldição proferida, o povo no alto do monte Ebal deveria dizer “Amém”, que significa: “Assim seja - nós concordamos!” Depois da leitura de cada bênção, as tribos no monte Gerizim deveriam gritar “Amém!”.

No altar do monte Ebal,¹¹ os sacerdotes ofereciam holocaustos simbolizando a consagração a Deus, e ofertas pacíficas simbolizando a comunhão com Deus, e comeriam “diante do Senhor” desfrutando uma refeição de aliança. Essa cerimônia importante seria uma reafirmação da aliança que Israel já havia aceitado no monte Sinai e que havia ouvido, pela segunda vez, nas campinas de Moabe no discurso de despedida de Moisés.

Em termos espirituais, os cristãos de hoje se encontram entre dois montes: o Calvário, onde Jesus morreu por nós, e o monte das Oliveiras, para o qual um dia Jesus irá voltar (Zc 14:4; At 1:11, 12). Porém, Deus não

escreveu a lei da antiga aliança em pedras nem nos advertiu sobre suas maldições. Antes, ele escreveu sua nova aliança em nosso coração e nos abençoou em Jesus Cristo (2 Co 3:1-3; Hb 8; Ef 1:3). “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1). No entanto, o fato de nós, como cristãos, estarmos sob a graça e não sob a lei não significa que temos permissão

para pecar (Rm 6:1-14). As dispensações de Deus podem mudar, mas seus princípios são sempre os mesmos, e um desses princípios é que Deus nos abençoa quando obedecemos e nos disciplina quando desobedecemos. Ao caminhar no poder do Espírito, superamos os desejos da carne, a retidão de Deus se cumpre em nós (Rm 8:4) e nunca ouvimos as vozes do monte Ebal.

1. WALPOLE, Horace. *Anecdotes of Painting in England*, v. 3, cap. 1.
2. Em seu sermão sobre o pão da vida (Jo 6), Jesus ressaltou que, assim como o maná, ele desceu do céu, mas veio para dar vida, enquanto o maná apenas sustentava a vida. Deus mandou o maná somente para Israel, mas enviou seu filho para todo o mundo. Não somos salvos a menos que recebamos Jesus em nosso coração, assim como o corpo recebe o pão. O sermão do Senhor em João 6 não tem relação alguma com a Ceia do Senhor nem com qualquer outra cerimônia religiosa. Ele se concentra inteiramente na necessidade de se ter um relacionamento pessoal com Jesus pela fé. “Comer de sua carne e beber de seu sangue” é uma expressão metafórica que significa receber Jesus pessoalmente dentro de nós.
3. Existem, porém, vários episódios registrados sobre a provisão de Deus a seu povo de maneiras tão miraculosas quanto as que realizou por Israel. Por mais de trinta anos, George Mueller de Bristol, na Inglaterra, confiou em Deus para alimentar milhares de órfãos e nunca se decepcionou. Sem fazer campanhas para levantar fundos, J. Hudson Taylor confiou que Deus iria prover o sustento para os missionários da *China Inland Mission*, e o Senhor foi fiel.
4. Hebreus 12:1-15 é o texto clássico sobre Deus disciplinando o cristão. Para uma explicação, ver o capítulo 11 de minha obra *Be Confident* [Seja confiante], publicada pela editora Cook.
5. As cercanias do acampamento eram o local onde vivia o “misto de gente”, aqueles que não eram hebreus e que haviam deixado o Egito com Israel (Êx 12:38). De acordo com Números 11:4, foi essa multidão que causou o problema, assim como pessoas não-salvas e cristãos carnais criam problemas nas igrejas de hoje. Contudo, os israelitas não deveriam ter dado ouvidos ao “populacho” nem se juntado a essas pessoas em suas murmurações.
6. “I Sing the Mighty Power of God”, de Isaac Watts.
7. Os membros da família de Jacó são relacionados em Gênesis 46:8-25 de acordo com suas esposas: Lia - 33; Zilpa - 16; Raquel - 14; Bila - 7, num total de setenta pessoas. No entanto, Er e Onã (Gn 46:12) haviam morrido, de modo que o total é de sessenta e oito, e José já estava no Egito com seus dois filhos, portanto eram sessenta e cinco pessoas. Com o acréscimo de Diná, temos sessenta e seis pessoas que foram com Jacó para o Egito, conforme declarado em Gênesis 46:26. Ao acrescentar Jacó, José e os dois filhos de José, tem-se o total de setenta pessoas (Dt 10:22). Estêvão usou o número setenta e cinco (At 7:14), tirado da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, bastante conhecida entre os judeus helenistas. O número da Septuaginta inclui os cinco netos de José (Nm 26:28-37; 1 Cr 7:14, 15, 20-25).
8. Datã e Abirão perderam suas posses, suas famílias e suas vidas, porém Números 26:8-11 indica que família de Corá não foi julgada. Os filhos de Corá serviram como levitas e recebem o crédito como autores de pelo menos onze salmos (42; 44 - 49; 84, 85; 87, 88).
9. A oração “com o pé, a regáveis”, no versículo 10, indica que uma das tarefas dos escravos israelitas no Egito era manter as valas de irrigação abertas para que a água corresse até os campos. Não há evidência alguma de que os egípcios possuísem sistemas de irrigação movidos com os pés que tiravam a água do Nilo distribuindo-a para os campos.
10. TAYLOR, Dr. e Sra. Howard. *O segredo espiritual de Hudson Taylor*. São Paulo: Mundo Cristão, 1976, p. 163. Todo cristão deveria ler esse clássico sobre a fé e a vitória espiritual.
11. Uma vez que o monte Ebal era o monte da maldição, era preciso que houvesse um altar ali, a fim de serem realizados sacrifícios que trouxessem perdão e que restaurassem a comunhão com Deus. Os sacrifícios do Antigo Testamento referem-se à obra de Jesus Cristo na cruz (Hb 10:1-18), sendo que ele levou a maldição da lei sobre si em nosso lugar (Gl 3:10-14).

ADORAI AO SENHOR EM VERDADE

DEUTERONÔMIO 12 – 13; 18:9-22

Moisés era um instrutor sábio. Dedicou a primeira parte de seu discurso (Dt 1 – 5) a uma retrospectiva e a ajudar a nova geração a dar o devido valor a tudo o que Deus havia feito por eles. Em seguida, disse aos israelitas como deveriam responder à bondade de Deus e apresentou os motivos para que obedecessem a Jeová (Dt 6 – 11). Em outras palavras, Moisés estava ajudando o povo a desenvolver em seu coração o amor pelo Senhor, pois se amassem ao Senhor, iriam obedecer-lhe. Moisés repetiu à nação as promessas da aliança com Deus, mas também contrabalançou essas promessas com advertências sobre o que aconteceria se o povo desobedecesse. O que Moisés mais queria era que os israelitas amadurecessem na fé e no amor para que pudessem entrar na terra, conquistar o inimigo e desfrutar a herança para a glória de Deus.

Tomando esses fundamentos, em Deuteronômio 12 – 26, Moisés aplicou a lei à nova situação de Israel na terra prometida. Os israelitas haviam sido escravos no Egito e nômades no deserto, mas se tornariam conquistadores e inquilinos da terra de Deus (Lv 25:23). Moisés apresentou as responsabilidades com as quais o povo teria de arcar, a fim de viver como povo escolhido de Deus e residentes fiéis na terra, desfrutando a bênção de Deus.

1. A PURIFICAÇÃO DA TERRA (DT 12:1-3)

A declaração do versículo 1 era tanto uma garantia quanto um mandamento. A garantia era que Israel entraria na terra e conquistaria o inimigo, e o mandamento era que, tendo entrado na terra, deveria purificá-la de

toda a idolatria.¹ A vitória de Israel sobre as nações a leste do Jordão era um protótipo da limpeza que os israelitas fariam na terra de Canaã (Nm 21:31). Não se tratava de um novo mandamento, pois Moisés já o havia mencionado anteriormente (Dt 7:1-6, 23-26; Nm 33:50-56) e voltaria a mencioná-lo mais adiante.

As religiões dos cananeus eram ao mesmo tempo falsas e imundas. Adoravam uma infinidade de deuses e deusas, especialmente Baal, deus da tempestade, e sua consorte, Aserá. Os “postes-ídolos” de Aserá eram símbolos de conotação sexual, e a prostituição cultural nos templos fazia parte da adoração aos deuses. Uma vez que o objetivo principal da religião dos cananeus era a fertilidade para si mesmos e para suas lavouras, estabeleciam lugares de adoração nas montanhas e montes (“lugares altos”)² de modo a ficarem mais próximos dos deuses. Adoravam, ainda, sob grandes árvores, que também eram símbolos de fertilidade. Suas práticas religiosas imorais eram uma forma de feitiçaria, com a qual esperavam agradar aos deuses e influenciar os poderes da natureza para dar-lhes colheitas abundantes.

No entanto, Moisés ressaltou que qualquer coisa ligada à idolatria que ficasse na terra era perigosa, pois poderia tornar-se um instrumento a ser usado pelo diabo para tentar Israel. A admoestação: “Nem deis lugar ao diabo” (Ef 4:27) nos adverte de que, sempre que desobedecemos ao Senhor desenvolvendo uma apreciação por aquilo que ele deseja que eliminemos, abrimos espaço para Satanás trabalhar em nossa vida. Israel deveria até mesmo apagar os nomes das divindades pagãs, pois seus nomes poderiam ser usados na prática do ocultismo e em feitiços.

Vivemos em um mundo que abandonou os absolutos e que promove o “pluralismo”. Desde que “ajudem”, todas as religiões são boas, e não é “politicamente correto” afirmar que Jesus Cristo é o único Salvador do mundo (At 4:12; Jo 4:19-24). Porém, Moisés deixou claro que Deus rejeitava as religiões cananéias e queria que todas as evidências de suas práticas pagãs fossem removidas da terra. A terra pertencia ao Senhor e, portanto,

era um direito dele purificá-la. Seu primeiro mandamento era: “Não terás outros deuses diante de mim” (Dt 5:7). Israel não purificou a terra e foi disciplinado por sua desobediência. “Não exterminaram os povos como o Senhor lhes ordenara. Antes, se mesclaram com as nações e lhes aprenderam as obras; deram culto aos seus ídolos, os quais se lhes converteram em laço” (Sl 106:34-36).

2. ADORAÇÃO AO SENHOR (Dt 12:4-14)

“Não fareis assim para com o SENHOR, vosso Deus” (Dt 12:4). Essa é uma declaração simples que transmite uma mensagem poderosa. Como povo de Deus, devemos adorar ao Senhor da maneira como ele ordena e não imitar as práticas religiosas de outros. A fé judaica e a fé cristã vieram a existir pela revelação e não por uma invenção do homem ou por instrução de Satanás (1 Tm 4:1; 2 Tm 3:5-7). A atividade mais importante da Igreja é a adoração a Deus, pois tudo o que a Igreja faz de caráter verdadeiramente espiritual vem da adoração. Como é triste quando as congregações imitam o mundo e transformam o culto cristão numa forma de entretenimento e o santuário de Deus num teatro! “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem dessa maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20).

Israel adorava o verdadeiro Deus vivo, enquanto os pagãos da terra adoravam ídolos mortos, que representavam falsos deuses. Os cananeus tinham muitos lugares sagrados, mas Israel teria um único lugar central de adoração. Sem dúvida, há um contraste no texto entre “todos os lugares”, em Deuteronômio 12:2, e “o lugar”, nos versículos 5, 11, 14, 18, 21 e 26:2. Os cananeus construíram muitos altares, mas Israel devia ter um único altar. Os cananeus sacrificavam aos deuses o que bem entendiam, inclusive os próprios filhos, mas o Senhor instruiu os israelitas sobre quais sacrifícios levar e deixou claro que jamais deveriam sacrificar os filhos.³

Um só lugar onde Deus habita (vv. 5, 8-11a). O Livro de Gênesis diz que Deus andava com seu povo, com pessoas como Enoque (5:24), Noé (6:9) e Abraão (17:1). Contudo, no monte Sinai, Deus anunciou a Moisés que desejava habitar no meio de seu

povo (Êx 25:8, 45, 46). Instruiu-o a construir um tabernáculo, sendo que o povo de Israel contribuiu com sua riqueza para esse projeto santo (Êx 25:1, 2; 35:4 - 36:6). Quando Moisés consagrou o tabernáculo, Deus desceu em glória e passou a habitar no Santo dos Santos, fazendo do propiciatório da arca seu trono santo (Êx 40:34-38; Sl 80:1; 99:1). Às vezes se fala da “glória *shekinah*” de Deus no acampamento de Israel, uma expressão que vem da palavra hebraica para “habitar”.

As nações cananéias tinham muitos templos e santuários, mas somente Israel tinha a gloriosa presença do verdadeiro Deus vivo habitando com eles (Rm 9:4). O fato de haver somente um santuário central para Israel significava que havia apenas um verdadeiro Deus, uma adoração, um sacerdócio autorizado e uma nação santa. O tabernáculo e, posteriormente, o templo, unificavam as doze tribos espiritual e politicamente.

É interessante acompanhar a história do tabernáculo. Os israelitas carregaram o tabernáculo para Canaã, colocando-o em Siló (Js 18:1; 19:51; Jr 7:12). No tempo de Samuel, ficou em Mísopa (1 Sm 7:6) e, depois, em Nobe (1 Sm 21:1-6). Por causa dos pecados de Israel contra o Senhor, a glória de Deus deixou o tabernáculo (1 Sm 4:21, 22). No tempo de Davi, a arca estava no monte Sião, enquanto o tabernáculo, em si, encontrava-se em Gibeão (1 Cr 16:1, 37-42; 1 Rs 3:4). Deus revelou a Davi que seu filho, Salomão, seria seu sucessor ao trono e que construiria um templo para a glória do Senhor no monte Sião, e quando Salomão consagrou o templo, a glória do Senhor passou a habitar ali (1 Rs 8:10, 11). Quando a Babilônia capturou Judá, o profeta Ezequiel viu a glória de Deus deixar o templo (Ez 8:1-4; 9:3; 10:4, 18; 11:22, 23), mas também a viu retornar e habitar no templo do reino (Ez 43:1-3).

Quando Jesus veio à Terra para “tabernacular conosco”, a glória de Deus voltou (Jo 1:14), mas homens pecadores pregaram o Senhor da glória na cruz. Ele ressuscitou dentre os mortos e voltou para o céu, a fim de receber novamente a glória que havia posto de lado em sua humilhação (Jo 17:1, 5).

Agora, cada pessoa que aceita a Cristo torna-se um templo de Deus e tem o Espírito habitando dentro de si (1 Co 6:19, 20). Mas cada congregação de cristãos também é um templo de Deus (1 Co 6:10-17), e Cristo está edificando sua Igreja universal como uma habitação para o Espírito (Mt 16:18; Ef 2:19-22). *Algum dia, todo o povo de Deus habitará na cidade celestial, que será iluminada pela glória do Senhor (Ap 21:23).*

Um só altar para sacrifícios (vv. 6, 7, 12-14). A religião cananéia permitia que o povo oferecesse os sacrifícios que quisesse, no lugar que escolhesse, mas para Israel deveria haver um único altar. Os israelitas tinham permissão de abater e de comer animais domésticos e selvagens em qualquer lugar (vv. 15, 21, 22), mas esses animais não deveriam ser oferecidos como sacrifício quando eram mortos. O único lugar em que se aceitavam sacrifícios era o altar do santuário de Deus, e as únicas pessoas que podiam oferecê-los eram os sacerdotes escolhidos pelo Senhor. Deus não queria que o povo de Israel inventasse seu próprio sistema religioso imitando as práticas das nações pagãs. No tempo decadente dos juízes, era exatamente isso o que algumas pessoas faziam (Jz 17 - 18).

O holocausto (Lv 1) simbolizava a consagração total ao Senhor, pois tudo era consumido no altar. É possível que Paulo tivesse essa imagem em mente, quando ordenou que nos apresentássemos inteiramente ao Senhor a fim de fazer sua vontade (Rm 12:1, 2). A oferta pacífica referia-se (Lv 3) à comunhão com Deus, e o adorador repartia a carne desse sacrifício com sua família e com os sacerdotes. Fazia-se uma refeição alegre em que era celebrada a bondade do Senhor (Dt 12:12, 18; 26:11). Ao mesmo tempo que a adoração, sem dúvida, é algo sério, não precisa ser austera nem sombria. A verdadeira adoração não apenas aproxima o adorador de Deus, mas também aproxima os cristãos uns dos outros.

Os israelitas não levavam apenas seus sacrifícios ao tabernáculo, mas também seus dízimos e ofertas. O dízimo era 10% do que a terra havia produzido e era repartido com

os sacerdotes e levitas. Os sacerdotes também recebiam uma determinada porção de carne de alguns sacrifícios, que, desse modo, servia de sustento para eles e para suas famílias. Moisés lembrou o povo, várias vezes, do dever de sustentar os levitas levando com fidelidade os dízimos e ofertas ao santuário (Dt 12:12, 18, 19; 14:27, 29; 16:11, 14). Deus prometeu abençoar os israelitas abundantemente se fossem fiéis em levar seus dízimos e ofertas ao santuário do Senhor (Ml 3:6-12; ver 1 Rs 7:51 e Ne 13:12).

3. RESPEITO À VIDA (Dt 12:15, 16, 20-28)

Estes versículos concentram-se na forma como os israelitas tratavam o sangue dos animais sacrificados no altar ou consumidos em casa, um tema que Moisés discutiu em Levítico 17:1-16. O Senhor apresentou esse tema depois que Noé e sua família saíram da arca, ocasião em que ele permitiu aos seres humanos que comessem carne (Gn 9:1-7; e ver 1:29; 2:9, 16). De acordo com os preceitos determinados por Deus em Gênesis, era proibido derramar sangue humano e ingerir sangue de animais, quer o animal fosse doméstico quer fosse selvagem. O Senhor também instituiu aquilo que chamamos hoje de "pena capital" ou "pena de morte". Uma vez que os seres humanos são criados à imagem de Deus, matar alguém é atacar a Deus e roubar àquela pessoa o dom da vida recebido de Deus. O Senhor decretou que os homicidas deviam ser castigados com a perda da própria vida, e o direito de executar essa sentença pertencia às autoridades do Estado (Rm 13). Ao dar essa lei, o Senhor estava, na realidade, instituindo o governo humano na Terra. É interessante observar que o animal que matasse uma pessoa devia ser abatido (Êx 21:28-32).

Muito antes de a ciência descobrir o significado do sangue, o Senhor declarou que a vida encontrava-se no sangue e que este deveria ser respeitado e não tratado como alimento comum.⁴ Se um israelita abatesse um animal em casa, deveria deixar escoar todo o sangue no solo antes que a carne pudesse ser cozida e ingerida. Se levasse o animal

para ser sacrificado no santuário, o sacerdote deixaria todo o sangue escorrer ao lado do altar. Dependendo do ritual, o sacerdote recolhia numa bacia sangue suficiente para aspergir no altar ou próximo a ele. Ao seguir esse procedimento, os israelitas não apenas demonstravam respeito pela dádiva da vida concedida por Deus até mesmo aos animais, como também pelos animais que davam a vida em lugar do adorador. Os israelitas não comiam carne com frequência, pois saía caro abater animais dos rebanhos, de modo que, quando o fizessem, devia ser com respeito. Poderiam, ainda, levar o animal ao santuário e oferecê-lo como sacrifício pacífico e, então, apreciar a carne como parte de uma refeição especial (Lv 3; 7:11-38).

A ênfase no derramamento de sangue é o cerne da mensagem do evangelho. Não somos salvos de nossos pecados pela vida de Cristo nem por seu exemplo, mas pela morte sacrificial de Cristo, “no qual temos a redenção, pelo seu sangue” (Ef 1:7; Cl 1:14). O sangue de Cristo é precioso para nós (1 Pe 1:19) por causa daquele que o derramou – o Cordeiro perfeito de Deus – e também por causa daquilo que realiza naqueles que confiam nele: justificação (Rm 5:9), purificação (Ap 1:5; 1 Jo 1:7), salvação eterna (Hb 9:11-28), acesso a Deus (Hb 10:19, 20) e reconciliação (Ef 2:13), sendo estas apenas algumas das bênçãos que temos no sangue de Cristo.

4. A ENTREGA DE DÍZIMOS E OFERTAS (Dt 12:17-19)

A prática de levar 10% da produção para o Senhor já existia antes da lei, pois Abraão dava o dízimo (Gn 14:17-20; Hb 7:4) e Jacó também (Gn 28:22). Na maior parte do mundo hoje em dia, o povo de Deus leva dinheiro em lugar de produtos. A orientação do Novo Testamento para os dízimos e ofertas encontra-se em 2 Coríntios 8 - 9, e apesar de o dízimo não ser mencionado, são incentivadas as contribuições generosas feitas de coração. No entanto, não devemos parar nos 10%, mas sim contribuir sistematicamente de maneira proporcional à prosperidade concedida pelo Senhor (1 Co 16:1, 2).

Os sacerdotes e levitas não tinham herança alguma na terra de Israel, pois o Senhor era a herança deles (Nm 18:20; Dt 10:8, 9; Js 13:14, 33; 14:13; 18:7), de modo que confiavam em Deus para prover suas necessidades por intermédio do povo. Deus designou aos sacerdotes determinadas porções de diversos sacrifícios (Lv 6:14 - 7:38) bem como as primícias e os animais primogênitos (Nm 18:8-20). Os levitas recebiam os dízimos do povo e davam seu dízimo aos sacerdotes (vv. 20-32). O povo também levava um dízimo a mais a cada três anos para os pobres (Lv 27:28, 29). Aqueles que moravam muito longe do santuário tinham permissão de vender os produtos e, com o dinheiro, comprar um sacrifício substituto quando chegassem lá (Dt 14:24-26); caso não o fizessem, deveriam pagar uma multa (Lv 27:31).

É um princípio básico das Escrituras que aqueles que servem ao Senhor e a seu povo devem receber o sustento do povo de Deus. “Digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10:7) e “os que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1 Co 9:14). Aqueles que recebem bênçãos espirituais dos mestres e pregadores devem compartilhar com eles suas bênçãos materiais (Gl 6:6-10; 1 Tm 5:17, 18). Paulo considerava as ofertas do povo de Deus como sacrifícios espirituais consagrados ao Senhor (Fp 4:10-19). Se todo o povo de Deus contribuísse da maneira descrita em 2 Coríntios 8 - 9, as igrejas não teriam dívidas, os servos de Deus teriam suas necessidades supridas e a obra do Senhor prosperaria ao redor do mundo.

5. A IMPORTÂNCIA DE EVITAR A CONTAMINAÇÃO (Dt 12:29 -13:18; 18:9-22)

Moisés ressaltou quatro abordagens que o inimigo poderia usar para levar os israelitas a praticar a idolatria e, em seguida, advertiu-os sobre isso.

Curiosidade humana (vv. 29-32). Os habitantes de Canaã haviam contaminado a terra horrivelmente com sua conduta pessoal e suas práticas religiosas abomináveis, que incluíam o sacrifício de crianças a falsos deuses, normalmente a Moloque, “abominação

dos filhos de Amom" (v. 31; 1 Rs 11:7, 33). Essa prática desprezível era proibida ao povo de Israel (Dt 18:10; Lv 18:20; 20:2-5), mas, em anos posteriores, tanto reis quanto pessoas do povo sacrificaram seus filhos (2 Rs 17:16, 17). O piedoso rei Josias destruiu um lugar, no vale de Hinom, onde essa cerimônia detestável era praticada em Judá (2 Rs 23:10), mas o rei Manassés trouxe essa prática de volta (2 Cr 33:6).

O ensaísta inglês Samuel Johnson chamou a curiosidade de "uma das características de um intelecto vigoroso" e, sem dúvida, nossos filhos e netos aprendem porque têm curiosidade com respeito à vida e ao mundo em que vivem. Alguém definiu uma criança como "uma ilha de curiosidade cercada de um mar de perguntas". No entanto, há certas áreas do conhecimento humano perigosas de se investigar, pois Deus quer que seus filhos sejam "sábios para o bem e simples para ao mal" (Rm 16:19). Não precisamos experimentar o pecado para saber quanto ele é mortal. Os israelitas curiosos que investigassem as práticas desprezíveis das religiões cananéias correriam o perigo de tentar a si mesmos e de dar a Satanás a oportunidade de agir.

Ao amadurecer na fé e nos tornar mais firmes na Palavra, podemos estudar com cuidado as filosofias e idéias defendidas por diversos grupos religiosos, mas somente com o propósito de compartilhar o evangelho de maneira mais eficaz com pessoas desses grupos. Isso também é válido quando estudamos os chamados "clássicos", muitas vezes cheios de imundícia moral e de ataques à fé cristã. "Cuidado com o ambiente moral dos clássicos", escreveu Robert Murray M'Cheyne a um amigo. "É verdade que devemos conhecê-los, mas apenas como um químico lida com substâncias venenosas – para descobrir suas qualidade e não para infectar o sangue com eles".⁵ Com a ajuda de Deus, é possível aos estudiosos cristãos ter contato sem se contaminar, mas devem "vigiar e orar" para não ser tentados e não cair em pecado.

A tentação dos profetas (13:1-5).⁶ Deus levantou profetas em Israel durante as épocas

em que o povo precisava ser chamado de volta à adoração fiel ao Senhor. Diz-se com frequência que os profetas não eram apenas "prenunciadores", mas principalmente proclamadores, que declaravam a Palavra de Deus em nome do Senhor. O profeta fiel falava em nome de Deus, transmitia apenas as mensagens de Deus, para a glória de Deus e para o povo de Deus.

A oração-chave em Deuteronômio 13 é: "Vamos após outros deuses" (vv. 2, 6, 13). Nesse parágrafo, Moisés descreve um profeta que predisse um acontecimento que de fato ocorreu, sendo assim aprovado no teste do verdadeiro profeta (Dt 18:21, 22). Contudo, depois disso, o profeta convidou o povo a acompanhá-lo na adoração a outros deuses. Por que um profeta transmitiria uma mensagem verdadeira seguida de um convite para adorar falsos deuses? Pelos mesmos motivos que ex-líderes religiosos abandonaram seu chamado e se envolveram com seitas ou até mesmo fundaram as próprias seitas: orgulho, desejo de ter seguidores e de exercer autoridade e ganância. Os israelitas sabiam que a lei de Deus proibia a adoração a ídolos, mas sempre há pessoas inconstantes que acompanham cegamente um "líder religioso bem-sucedido" sem testar suas decisões de acordo com a verdade de Deus.

Moisés deixou claro que não importava quantos milagres e sinais um profeta realizasse, a Palavra de Deus era verdadeira. Não testamos a mensagem tomando por base acontecimentos sobrenaturais; usamos a Palavra de Deus como parâmetro. Satanás pode realizar prodígios (2 Ts 2:9; Ap 12:9), e nem todos que chamam Jesus de "Senhor" e que fazem milagres são verdadeiros filhos ou servos de Deus (Mt 7:21-23). Por vezes, Deus permite que essas coisas aconteçam a fim de testar seu povo e ver se obedecerão à sua Palavra. Mesmo que, a princípio, esse homem tivesse sido chamado por Deus, quando pediu ao povo que desobedecesse à lei divina, deixou de ser um verdadeiro servo do Senhor. Devia ser morto por haver instigado o povo a rebelar-se contra Deus.

“Assim, eliminarás o mal do meio de ti” (Dt 13:5). Essa declaração aparece pelo menos mais oito vezes no Livro de Deuteronômio (17:7, 12; 19:19; 21:21; 22:21, 22, 24; 24:7), e Paulo citou-a em 1 Coríntios 5:6-8 com referência à disciplina dentro da igreja local. Não apedrejamos pessoas culpadas em nossas igrejas, mas devemos remover da comunhão qualquer um que abertamente viva em pecado e que recuse se arrepender e obedecer à Palavra de Deus. A razão para isso é a mesma pela qual o ídôlatra era removido (pela morte) do meio de Israel: o pecado é como o fermento: quando não é eliminado, espalha-se e contamina outros (1 Co 5:6-8; Gl 5:9). Assim como um cirurgião remove o tecido canceroso do corpo do paciente para evitar que a doença se espalhe, a comunidade local de cristãos também deve passar por cirurgias, por mais dolorosas que sejam, a fim de manter a saúde espiritual da igreja.

O fato de o acusador ter de atirar a primeira pedra serviria para que ele considerasse seriamente os fatos e não acusasse de forma impensada uma pessoa inocente (ver 1 Rs 21). O método de execução era o apedrejamento para que todo o povo pudesse participar e dar seu voto contra a adoração de ídolos. Ou o pecado de uma única pessoa afetaria a nação toda (Js 7), ou a nação toda trataria do pecado daquela única pessoa.

É impressionante como pessoas tão inteligentes em outros aspectos estudam seu horóscopo e consultam “videntes” profissionais que afirmam ter o poder de ver o futuro. Se as pessoas tivessem, de fato, essa aptidão, poderiam ganhar um bocado de dinheiro no mercado de ações ou nas corridas de cavalos e não teriam de ganhar a vida lendo a palma da mão de outros, observando as estrelas ou consultando bolas de cristal. Mais adiante em seu discurso, Moisés menciona práticas ocultas específicas proibidas para o povo de Deus, sendo que uma delas é consultar Satanás a fim de saber o futuro (Dt 18:9-13). Jesus advertiu sobre os falsos profetas, e os apóstolos advertiram sobre os falsos mestres

(Mt 7:15-20; 2 Co 11:3, 4, 11-13; 1 Tm 1:6, 7; 2 Pe 2).

A tentação de amigos e parentes (vv. 6-11). Não seria difícil desmascarar e executar um falso profeta, mas e quanto a parentes ou amigos próximos que o tentassem a adorar um deus falso? Desde que mantivesse a imagem de adorador de Jeová, ninguém suspeitaria se fosse um adorador secreto de Baal. Porém, a resposta de Moisés a essa sugestão é um estrondoso “Não!” Ainda que a própria esposa instigasse o marido a adorar ídolos – e aqui nos lembramos do rei Salomão (1 Rs 11:1-13) –, ele não deveria protegê-la, mas sim levá-la às autoridades e até participar de sua execução. Os israelitas deveriam amar ao Senhor seu Deus mais do que amavam a seus próprios cônjuges e familiares. Jesus apresentou uma condição semelhante para o discipulado (Lc 14:25-27). Moisés ensinou que esse tipo de pena de morte colocaria o temor do Senhor no coração do resto do povo e, assim, os israelitas pensariam duas vezes antes de adorar ídolos (Dt 13:11; ver 17:13; 21:21). A lição para a Igreja é: “Quanto aos que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os demais temam” (1 Tm 5:20).

Ao longo dos anos em que exerci o ministério pastoral, em algumas ocasiões fui procurado por pastores profundamente entristecidos que não conseguiam lidar com pecadores flagrantes dentro da igreja, pois esses transgressores eram parentes de membros do conselho ou da congregação. Como é triste quando o testemunho de uma igreja é totalmente destruído por causa de pessoas que colocam sua família antes de Deus e de sua Palavra! “A paz a qualquer custo” não é maneira bíblica de tratar os problemas, pois “a sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica” (Tg 3:17). A unidade que se baseia na hipocrisia não permanece. Por outro lado, vi pessoas piedosas que se uniram à congregação na disciplina de seus próprios parentes que desonraram o nome de Cristo e da igreja.

A tentação da multidão (vv. 12-18). “Não seguirás a multidão para fazeres mal” (Êx 23:2). Se uma pessoa cometeu um ato de

perversidade, o fato de centenas de pessoas aprovarem tal ato não muda o caráter do feito. É Deus quem define o que é pecado e como devemos tratar dele. Deus governa seu povo por decreto e não por consenso. Como pôde uma cidade inteira de Israel afastar-se do Senhor e começar a adorar falsos deuses? Ao deixar de tratar da primeira pessoa na cidade que buscou os falsos deuses. Os líderes não obedeceram à lei de Deus e não expulsaram o mal da cidade, de modo que o pecado espalhou-se facilmente de uma pessoa para outra e acabou contaminando todos os habitantes. Quando nos lembramos de que a terra pertencia ao Senhor (Lv 25:23), de que ele, por sua bondade, havia permitido que o povo de Israel vivesse lá e de que somente ele poderia determinar as regras, então vemos que a cidade idólatra era culpada de um pecado gravíssimo.

Era importante que a questão fosse investigada de modo completo e exato. "Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha" (Pv 18:13). Se fosse descoberto que a acusação era verdadeira, a riqueza e as poses do povo deveriam ser queimadas na praça da cidade como holocausto ao Senhor. O povo seria morto, e a cidade, em si, seria destruída sem que nada fosse tirado de lá. O lugar seria um "montão" – tradução da palavra hebraica *tel* –, um monte composto de camadas de ruínas. Esse monte de ruínas seria um testemunho constante para advertir os israelitas contra a idolatria.

Mas a nação de Israel podia se dar ao luxo de perder uma cidade e todos os seus habitantes? Sem dúvida, pois Deus multiplicaria seu povo e os abençoaria por obedecer à sua Palavra e honrar seu nome. E por que não reconstruir a cidade e começar de novo? Porque Deus disse que a cidade devia permanecer para sempre um monte de ruínas e jamais ser reconstruída. Pelos cálculos humanos, isso seria um grande prejuízo, mas, de acordo com a sabedoria divina, seria um grande lucro, pois uma ferida supurada seria removida de Israel.

Infelizmente, Israel não obedeceu a essas leis, e a idolatria multiplicou-se no meio do povo durante o reinado de Salomão e

depois que o reino se dividiu. Quando Jeroboão tornou-se rei de Israel, o reino do Norte, oficializou a idolatria ao colocar dois bezerros de ouro para o povo adorar, um em Dã e outro em Betel. Desse modo, incentivou o povo a não ir a Jerusalém para adorar (1 Rs 12:25ss). Em decorrência de sua idolatria, Israel caiu sob o domínio da Assíria, em 722 a.C., e Judá, da Babilônia, em 606-586 a.C. Deus preferia que a nação fosse dispersa e que o santuário sagrado fosse destruído a ver seu povo adorando a falsos deuses. O povo se esqueceu de que era o Senhor Jeová que os havia tirado do Egito e lhes dado sua terra (Dt 13:5, 10).

6. A NECESSIDADE DE HONRAR A PALAVRA DE DEUS (Dt 18:9-22)

Se as pessoas não conhecem o verdadeiro Deus vivo e não têm sua Palavra para guiá-las, têm de encontrar substitutos para ajudá-las a tomar decisões e a enfrentar as exigências da vida. Em vez de adorar o verdadeiro Deus vivo, o povo de Canaã adorou ídolos mortos (Sl 115), e no lugar da Palavra de Deus, colocou as práticas supersticiosas que ligaram os israelitas a Satanás e a seus poderes demoníacos. Não importa o que dizem os especialistas em "estudo comparativo das religiões", a idolatria pagã é adoração a Satanás (1 Co 10:14-22; Ap 9:20). A explosão do ocultismo que temos visto nos últimos anos é prova de que as pessoas estão buscando no lugar errado a ajuda espiritual de que precisam. Em qualquer grande livraria secular você pode encontrar prateleiras cheias de livros dedicados a Satanás, a demônios, a magia negra e a temas afins. As pessoas que se recusam a amar a verdade acabam, inevitavelmente, crendo em mentiras (2 Ts 2:7-12), e somente Jesus Cristo pode livrá-las da escravidão que essas práticas ocultas traz à vida delas.

As abominações de Satanás (vv. 9-13).

Deus proíbe seu povo de ter qualquer relação com a prática de ocultismo. Moisés já havia mencionado algumas dessas "abominações" (vv. 9, 12) advertindo Israel a não mexer com elas (Êx 22:18; Lv 17:7; 19:26, 31; 20:6, 27), de modo que esse não era um

tema completamente novo; aqui, porém, entrou em mais detalhes. O falso profeta Balaão descobriu que nenhuma feitiçaria funcionava contra Israel (Nm 23:23), mas os israelitas podiam escravizar a si mesmos se investigassem essas práticas perigosas e se envolvessem com elas. Um dos motivos de Deus ordenar que Israel exterminasse as nações de Canaã foi a prática do ocultismo (Nm 18:14). Além do mais, por que o conquistador deveria seguir a religião do conquistado?

A fim de não concluirmos que essas advertências sobre o ocultismo não se aplicam aos cristãos de nossa "era esclarecida", precisamos ser lembrados de que a idolatria e a feitiçaria encontram-se relacionadas entre os pecados da carne em Gálatas 5:19-21 e de que o Livro de Apocalipse ensina que as práticas de ocultismo serão amplamente difundidas no final dos tempos (Ap 9:20, 21; 18:2). Aliás, aqueles que se envolvem com tais coisas estão destinados ao lago de fogo (Ap 21:8; 22:14, 15).

Em Deuteronômio 18:10, 11, Moisés apresentou uma lista de práticas proibidas por Deus, começando com o sacrifício de crianças, um assunto que discutimos anteriormente (Dt 12:31). Se você deseja adorar a Satanás, deverá pagar o preço que ele exige. Satanás lhe dará o que você quiser, se você der a ele o que ele quer. Ele ofereceu a Jesus os reinos do mundo em troca de um ato de adoração (Mt 4:8-10) e zombou de Jó afirmando que ele adorava a Deus só porque o Senhor o recompensava (Jó 1 - 2). Há poemas, romances e peças teatrais na literatura antiga e moderna sobre pessoas que se venderam a Satanás, receberam suas recompensas e, depois, se arrependeram de ter entrado em tal negócio. Talvez a obra mais conhecida seja *Fausto*, de Goethe.

A segunda prática proibida é a adivinhação, que consiste na busca de conhecimentos secretos, especialmente sobre acontecimentos futuros. A adivinhação era uma prática bastante comum no mundo antigo e era feita de várias formas, como mediante a interpretação de presságios, o estudo das estrelas, o exame das entranhas

de animais, a observação do movimento da água e o contato com os mortos (1 Sm 28). De algum modo, o sacrifício de crianças também estava relacionado à adivinhação. Médiuns, necromantes e espíritas consultavam os mortos na esperança de ficar sabendo de coisas proibidas sobre o futuro.

Enquanto o adivinhador deseja saber o futuro, o objetivo do encantador é controlar as pessoas e o futuro utilizando várias formas de magia, bruxaria e feitiços. Ao associar-se a demônios e ao lançar feitiços, mágicos e bruxos procuram influenciar pessoas e acontecimentos de modo a alcançar seus propósitos egoístas. As pessoas do "meio científico" de hoje talvez zombem dessas coisas, mas qualquer missionário evangélico pode contar sobre as influências demoníacas que mantêm tantas pessoas presas e aterrorizadas. Sem dúvida, há forças demoníacas operando em nosso mundo ocidental "moderno", mas atuam com mais sutileza e nem sempre são facilmente distinguíveis. Aqueles que querem negar a influência de demônios na Igreja de hoje precisam explicar o grande número de casos de endemoninhados, quando Cristo estava aqui na Terra, e sua vitória sobre os demônios. Também devem considerar a comissão de nosso Senhor para seus discípulos (Mc 3:14-25; Lc 9:1) e as experiências deles ao ministrar a endemoninhados (Lc 10:17). E o que dizer do ministério de Paulo (At 19:11) e daquilo que o apóstolo escreveu sobre demônios para os cristãos de várias igrejas (1 Co 10:20-21; Rm 8:37-39; Ef 6:10-18)?

Se qualquer israelita chegasse até mesmo a pensar em iniciar uma investigação pessoal dessas práticas malignas, teria de pensar na admoestação final de Moisés: "Perfeito serás para com o SENHOR, teu Deus" (Dt 18:13). O termo "perfeito" não deixa implícita uma perfeição sem pecado algum, mas sim um coração inteiramente consagrado ao Senhor. Refere-se à integridade e a um coração que não se encontra dividido. É aquilo que Davi quis dizer quando escreveu: "Portas a dentro, em minha casa, terei coração sincero" (Sl 101:2). O *Shema* judaico declarava: "Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus,

de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (Dt 6:5).

A revelação do Deus verdadeiro (vv. 14-19). Israel não precisava experimentar religiões diferentes, pois o Senhor havia revelado a si mesmo e sua Palavra por intermédio de Moisés, seu profeta escolhido. Uma vez que você conhece o que é verdadeiro, por que procurar substitutos? Israel poderia ter dito às nações em Canaã aquilo que Jesus disse à mulher samaritana: "Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22). Nessa declaração, Jesus rejeitou todas as religiões, com exceção do judaísmo do Antigo Testamento e do cristianismo do Novo Testamento, sendo que o cristianismo veio do judaísmo e foi sua consumação.

Moisés prometeu ao povo que Deus chamaria outros profetas, à medida que a nação precisasse deles, e que o povo deveria dar ouvidos à mensagem deles, pois seria a Palavra de Deus. Moisés lembrou o povo de que no Sinai havia pedido que ele lhe transmitisse a mensagem de Deus, pois temiam a voz do Senhor (Êx 20:18-21). Nem todos os profetas escreveram suas mensagens para que gerações futuras pudessem lê-las e estudá-las, mas Moisés o fez, bem como Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e os doze homens que chamamos de "profetas menores". Essas profetas não apenas repreenderam Israel e Judá por seus pecados e incentivaram o povo a viver em santidade, como também apontaram para a vinda do Messias, o Salvador do mundo. Durante sua caminhada com os dois discípulos rumo a Emaús, Jesus, "começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24:27).

Ao longo dos séculos, estudiosos judeus interpretaram Deuteronômio 18:15 como uma referência a um profeta específico, que viria antes que o Messias chegasse para estabelecer seu reino. Pelas palavras de Malaquias 4:5, os judeus sabiam que Elias voltaria antes do fim dos tempos e se perguntavam se ele era João Batista, que se vestia e ministrava de modo muito parecido com Elias

(Lc 3:1-9; Mt 3:4). João negou essa idéia e também negou ser o profeta que Moisés havia prometido (Jo 1:19-21). De certa forma, João Batista foi o "Elias" que preparou o caminho para Cristo (Mt 11:14; 17:12; Lc 1:13-17), mas João não se identificou como o cumprimento da profecia de Malaquias 4:5. (Para saber o que Moisés escreveu sobre Cristo, ver Jo 1:19-28, 45; 5:46; 6:14; 7:40.)

Moisés não apenas estava prometendo toda a série de profetas que o Senhor enviaria, mas também anunciava a vinda do Profeta, o Senhor Jesus Cristo. Pelo menos, essa foi a explicação de Pedro em Atos 3:22-26. O Senhor tem três ofícios: Profeta, Sacerdote e Rei. Em seu ministério aqui na Terra, ele proclamou a Palavra de Deus como Profeta e, pela inspiração de seu Espírito, fez com que essa Palavra fosse escrita para que pudessemos aprender dela. Ele intercede por seu povo como Sumo Sacerdote no céu e encontra-se assentado em seu trono governando como Rei, realizando seus propósitos no mundo (1 Co 15:25; Ef 1:18-23). Um dia, voltará e reinará sobre a Terra como Rei dos Reis (Ap 19:11ss).

É algo muito sério ouvir a Palavra de Deus e não respeitá-la nem lhe obedecer, pois ela é a Palavra do Deus vivo, do Deus da verdade. As Escrituras são um tesouro de valor inestimável; elas nos ensinam o que precisamos saber sobre Deus, sobre o caminho para a salvação e sobre como ter uma vida de piedade para agradar a Deus. Não há substitutos para a Palavra de Deus. Pedro estava certo: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna" (Jo 6:68).

A identificação dos verdadeiros profetas (vv. 20-22). Moisés prometeu que Israel teria profetas enviados por Deus para ensinar ao povo aquilo que precisavam saber, o que levantava uma pergunta lógica: "Como podemos distinguir entre um profeta verdadeiro e um falso profeta?". Moisés já lhes havia dito que tudo o que um profeta fala e faz deve ser testado pela Palavra de Deus (Dt 13:1-5) e repetiu essa advertência. "Porém o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses,

esse profeta será morto” (Dt 18:20). Essa prova era válida mesmo que a previsão do profeta se concretizasse ou que ele realizasse sinais e maravilhas. Porém, a maior prova de todas é que os profetas de Deus são sempre absolutamente exatos (vv. 22). Os profetas modernos orgulham-se de uma precisão de 75% ou talvez 80%, mas, ao admitir isso, estão se qualificando como falsos profetas. Um profeta enviado por Deus nunca está errado em suas previsões, pois elas sempre se cumprem.

Os cristãos, hoje, devem usar de discernimento espiritual, pois “muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1 Jo 4:1-6). João deixa claro que a primeira prova do verdadeiro ministro da Palavra é a confissão de que Jesus Cristo veio em carne e é, de fato, o Filho de Deus. Ao ouvir um mestre que é verdadeiramente um servo de Deus, o Espírito que habita em seu coração responderá à Palavra que está sendo ensinada (1 Jo 2:18-27). A mensagem será fiel às Escrituras e exaltarà a Jesus Cristo.⁸

Nessa parte de seu discurso, Moisés concentrou-se na verdadeira adoração ao Senhor, um assunto de grande importância para a

Igreja de hoje. Já viajei o suficiente pelo mundo para saber que encontramos estilos de adoração variados, em diferentes países e no meio de povos distintos. Minha esposa e eu já participamos de cultos formais em catedrais bem como de reuniões informais em casas e, até mesmo, ao ar livre, e fomos abençoados. O importante não é a cultura nem o lugar, mas sim adorar ao Senhor: “em espírito e em verdade” (Jo 4:24). A verdadeira adoração vem de dentro, de um coração completamente consagrado ao Senhor, e é controlada pelo Espírito Santo e pela Palavra de Deus (Ef 5:18-21; Cl 3:16-20). Nossos sentimentos subjetivos devem ser monitorados pelas Escrituras e motivados pelo Espírito; de outro modo, poderemos deixar de adorar em verdade. A falsa adoração é perigosa, pois é capaz de abrir brechas para influências demoníacas. Satanás é um falsificador (2 Co 11:13-15) que sabe como afastar pessoas sem discernimento de Cristo e da verdade. Elas acreditam que estão cheias do Espírito, quando, na verdade, estão sendo enganadas por espíritos.

“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1 Jo 5:21).

1. A expressão “na terra” é usada cinco vezes no capítulo 12 (vv. 1, 10, 19, 29). No versículo 1, encontramos a tradução “sobre a terra”.
2. Ver também 14:23, 24; 15:20; 16:2, 6, 11; 26:2. Quando o reino de Judá estava em declínio, os profetas condenaram os judeus por freqüentar os “altos” para adorar ao Senhor em vez de ir ao templo. Eles adoravam ao Deus verdadeiro de modo falso e inaceitável para o Senhor. Em algumas ocasiões, reis tementes a Deus destruíram esses lugares altos, mas o povo não demorou a voltar a suas práticas pagãs (2 Cr 31:1; 33:3, 17).
3. Ver Levítico 1 - 7 para uma descrição dos diversos sacrifícios que o Senhor ordenou que seu povo levasse ao santuário. Todos esses sacrifícios e rituais apontam para Jesus Cristo e para os diversos aspectos de sua Pessoa e de sua obra de expiação (Hb 10:1-18). Para uma explicação desses sacrifícios, ver o capítulo dois de meu livro *Be Holy* [Seja santo] (Cook).
4. Essas leis explicam o significado das carnes *kosher* (ou *kasher*; de uma palavra hebraica que quer dizer “correto, próprio”) consumidas pelos judeus. A carne é colocada de molho em água por um mínimo de meia hora e, em seguida, é coberta de sal e deixada sobre uma grelha durante pelo menos uma hora. Depois que o sal é lavado, a carne está pronta para ser consumida. A obediência às leis alimentares de Levítico 11 também é parte dos procedimentos para manter um lar *kosher*.
5. BONAR, Andrew A. *The Memoirs and Remains of Robert Murray M'Cheyne*. Londres: Banner of Truth, 1966, p. 29.
6. Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto a esse homem ter sido um profeta verdadeiro que se transformou em falso profeta ou a ter sido um falso profeta desde o princípio. Se era comprovadamente um falso profeta, devia ter sido morto, mas os israelitas nem sempre seguiam as leis referentes à pena de morte. Acredito que, tomando por base Deuteronômio 13:1, o homem era um profeta verdadeiro, o que pode ter tornado a tentação ainda mais insidiosa.

7. Nem tudo o que é publicado sobre o demonismo é verdadeiro e confiável, mas pode ser interessante ler alguns dos seguintes estudos: Merrill F. Unger, *Demons in the World Today* (Tyndale); Donald Grey Barnhouse, *The Invisible War* (Zondervan); Mark I. Bubeck, *O Adversário* (São Paulo: Vida Nova); Timothy M. Warner, *Spiritual Warfare* (Crossway); Sidney H. T. Page, *Powers of Evil* (Baker) e Neil T. Anderson, *Quebrando Correntes* (Mundo Cristão).
 8. Para uma descrição clara dos falsos mestres e de seus métodos, ver 1 Timóteo 4; 2 Timóteo 3; 2 Pedro 2 e a Epístola de Judas. Quanto mais próximos estivermos da volta de Cristo, mais falsos profetas e mestres entrarão em cena (Mt 24:3-5, 23-27).
-

ALIMENTOS E FESTAS

DEUTERONÔMIO 14:1 – 16:17

A adoração não é um “contrato comercial” com Deus, no qual aceitamos adorá-lo, se ele concordar em nos abençoar. (Ver Jó 1:6-12.) Em nossa adoração a Deus, o propósito maior é agradar e glorificar o Senhor, mas um dos resultados espirituais da verdadeira adoração é que nos tornamos mais semelhantes a Cristo (2 Cr 3:18). Moisés não sabia que seu rosto estava resplandecendo (Êx 34:29), e nós nem sempre reconhecemos as transformações que Deus realiza em nosso coração e em nossa vida ao passarmos tempo com ele. No entanto, essas transformações ocorrem, e outros podem vê-las e glorificar a Deus. A adoração é nossa maior prioridade e privilégio.

Nestes capítulos, Moisés explica ainda mais a adoração de Israel e concentra-se no tipo de pessoa que deve – e que nós também devemos – ser como povo que pertence ao verdadeiro Deus vivo.

1. UM POVO SANTO (Dt 14:1-21)

Não devemos, em momento algum, deixar de apreciar o fato de que somos “filhos do SENHOR, [nosso] Deus” e “povo santo ao SENHOR [nosso] Deus” (vv. 1, 2). São privilégios que não merecemos, que jamais seríamos capazes de conquistar e que desfrutamos somente pelo amor e pela graça de Deus. O Senhor declarou ao Faraó: “Israel é meu filho, meu primogênito” (Êx 4:22; ver Jr 31:9), e pelo fato de o Faraó não ter dado ouvidos nem obedecido, o Egito perdeu todos os seus primogênitos.

Antes de dar a lei no Sinai, o Senhor anunciou a Israel: “Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19:6). Por causa de

seu relacionamento singular com o Senhor como povo escolhido e propriedade peculiar, Israel tinha a responsabilidade de obedecer ao Senhor e de ser verdadeiramente santo. Seu relacionamento com Deus era o elemento mais importante de sua vida como nação, pois sem o Senhor Israel seria como todas as outras nações. Como povo santo, deveria aprender a distinguir as coisas e a ser diferentes.

O santo e o profano (vv. 1, 2). A palavra hebraica traduzida por “santo” significa “aquilo que foi separado e marcado, que é diferente e completamente outro”. A origem do termo “santo”, em nossa língua, está associada a “são, saudável”. A santidade está para o ser interior como a saúde está para o corpo físico. Como povo santo, os israelitas eram separados de todas as outras nações, pois a presença santa do Senhor estava com eles, e haviam recebido a santa lei de Deus (Dt 23:14; Rm 9:4). Pelo fato de ser um povo santo, não devia imitar as práticas perversas de seus vizinhos, como mutilar o corpo e raspar a cabeça em sinal de luto (1 Rs 18:28; Jr 16:6; 41:5). Isso nos lembra de Romanos 12:2: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”.

Essa parte do discurso começa e termina com o mesmo lembrete: “Porque sois povo santo ao SENHOR” (Dt 14:2 e 21). No Livro de Levítico, o Senhor disse ao seu povo: “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44, 45; ver 19:2; 20:7, 26; 21:8), uma admoestação que Pedro citou em sua primeira epístola e que deve ser obedecida pela Igreja de hoje (1 Pe 1:15, 16). A igreja local é um templo santo (1 Co 3:17) e um sacerdócio santo (1 Pe 2:5) e, portanto, os cristãos devem separar-se da contaminação do mundo e buscar a santidade perfeita no temor de Deus (2 Co 6:14 – 7:1). É triste ler as estatísticas e descobrir que, no tocante à moralidade, aqueles que se dizem cristãos não acreditam em coisas muito diferentes dos não convertidos. E, no entanto, o povo de Deus deve ser “separado, marcado, diferente”, a fim de poder proclamar as virtudes gloriosas do Senhor (1 Pe 2:9).

O limpo e o imundo (vv. 3-21). O povo de Israel deveria demonstrar que era diferente até mesmo em sua alimentação. Vimos, anteriormente, que não era permitido aos israelitas ingerir carnes contendo sangue (Dt 12:16, 23; 15:23), e em seu discurso Moisés lembra o povo das criaturas que tinham permissão para comer (ver Lv 11:1-23).

A distinção entre animais “limpos e imundos” era conhecida no tempo de Noé (Gn 7:1-10), de modo que deve ter sido dada por Deus a nossos primeiros antepassados quando os ensinou a adorar. Na lei judaica, as palavras “limpo” e “imundo” não têm relação alguma com a natureza nem com o valor intrínseco das criaturas em si. Essa designação foi dada pelo Senhor por motivos nem sempre explicáveis. Alguns estudiosos acreditam que os israelitas gozavam de saúde melhor porque evitavam certos alimentos,¹ mas tanto Jesus quanto os apóstolos declararam que todos os alimentos são limpos (Mc 7:14-23; At 10:9-25; Rm 14:1 - 15:13), tanto aqueles considerados “saudáveis” quanto os “não saudáveis”. O jejum é uma disciplina espiritual aceitável quando é relacionado à oração, mas “não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos” (1 Co 8:8). Os cristãos que se consideram mais espirituais do que os outros em função daquilo que comem ou que deixam de comer devem refletir sobre Colossenses 2:16-23.

É provável que Deus tenha declarado algumas criaturas “imundas” como forma de ensinar o povo a exercer discernimento e a comportar-se como um povo santo nas atividades da vida diária, como na alimentação. O mesmo princípio aplica-se aos cristãos de hoje: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10:31).

Quando damos graças e pedimos a bênção de Deus antes de comer uma refeição, não estamos apenas reconhecendo a bondade e a fidelidade do Senhor ao suprir o pão de cada dia, mas também estamos dizendo que desejamos honrá-lo com aquilo que comemos e com a maneira de comermos.

Os israelitas que quisessem glorificar a Deus se recusariam a ingerir qualquer coisa que tivesse sido proibida pelo Senhor.

Outro fator para a instituição das leis alimentares pode ter sido a relação de algumas criaturas proibidas com cultos pagãos que Israel devia evitar. A admoestação sobre não cozinhar o cabrito no leite da própria mãe (Dt 14:21; Êx 23:19; 34:26) pode encaixar-se nessa categoria. Alguns estudiosos acreditam que se tratava de um “ritual de fertilidade” pagão e que o leite era aspergido sobre os campos para estimular as colheitas, porém não há qualquer evidência arqueológica que apóie tal interpretação. Sabemos que essa lei incomum explica por que os judeus ortodoxos não misturam leite e carne numa mesma refeição.

A lista inclui animais terrestres (Dt 14:4-8), animais aquáticos (vv. 9, 10), aves (vv. 11-18) e insetos voadores (vv. 19, 20). As criaturas aquáticas e as aves carniceiras eram proibidas, talvez por haver a possibilidade de transmitir doenças causadas por parasitas. Lembramos que João Batista vivia de gafanhotos e de mel silvestre (Lv 11:20-23; Mt 3:4). Por fim, devemos admitir que não sabemos o que eram algumas dessas criaturas e não podemos identificá-las. É o caso da lebre (Dt 14:7), que certamente não é o mesmo animal que nosso “coelho”. As lebres não ruminam, apesar de os movimentos de suas narinas e mandíbulas darem essa impressão.

A admoestação final para que não comessem nenhum animal que tivessem encontrado morto (v. 21) envolvia a prescrição importante de que os israelitas não deviam ingerir sangue, e era bem provável que houvesse sangue na carcaça. Outra consideração era o fato de os israelitas não poderem tocar em qualquer corpo sem vida, pois isso os tornava imundos (Lv 11:24, 25; 22:8). Se um israelita encontrasse um animal morto, podia dá-lo a um estrangeiro que vivesse na terra ou vendê-lo a um visitante, pois nenhum deles estaria sob a jurisdição da lei de Israel. Há certas coisas que as pessoas do mundo podem fazer e que os cristãos não podem nem devem desejar fazer. De acordo com um ditado: “Outros podem – você não deve”.

Deus tem todo o direito de dizer o que podemos ter a nosso redor (Dt 12:1-3) e o que podemos colocar dentro de nós.

2. UM POVO GENEROSO (Dt 14:22-29)

Quando estudamos Deuteronômio 12, vimos que Deus ordenou a seu povo que desse 10% de sua produção (grãos, frutas, legumes, verduras e animais) a ele como forma de adoração e como expressão de gratidão por suas bênçãos. Todo ano, cada família deveria ir ao santuário para dar seu dízimo aos levitas, que, por sua vez, davam o dízimo dessas ofertas aos sacerdotes (Nm 18:20-32). Moisés repetiu esse mandamento, pois, em se tratando de dar ao Senhor, algumas pessoas precisam ser lembradas disso mais de uma vez (2 Co 8:10, 11; 9:1-5).

O povo de Israel deveria ser generoso com os dízimos e ofertas, pois o Senhor havia sido generoso com seus filhos. Cada vez que levassem seus dízimos e contribuições para o santuário e desfrutassem uma refeição de ações de graças, isso os ensinaria a temer ao Senhor (Dt 14:23), pois se não fosse pela bênção do Senhor, não teriam o que comer e nem o que ofertar. Como disse Davi, tudo o que damos a Deus vem antes das mãos do Senhor, e tudo pertence a ele (1 Cr 29:16). Quando deixamos de temer a Deus e de apreciar sua provisão abundante, tornamo-nos arrogantes e não damos mais o devido valor a suas bênçãos. Então, o Senhor tem de nos disciplinar para nos lembrar de que todas as dádivas vêm dele.

A cada três anos, o povo deveria dar ao Senhor mais um dízimo que ficava em sua própria cidade e era usado para alimentar os levitas e os necessitados, especialmente os órfãos e as viúvas. Os levitas serviam no santuário, mas se encontravam espalhados por todo o Israel. Se os israelitas demonstrassem preocupação com a necessidade dos outros, Deus abençoaria seu trabalho e permitiria que ofertassem ainda mais (Dt 14:29). Nosso Senhor prometeu: “Dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalçada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também” (Lc 6:38) e

“Aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará” (2 Co 9:6).

Como cristãos que desfrutamos das bênçãos da graça de Deus, devemos dar muito mais do que os israelitas que viviam na dispensação da lei mosaica. O Novo Testamento não apresenta uma ordem explícita sobre quanto devemos ofertar, mas nos insta a contribuir segundo a proporção das bênçãos que recebemos do Senhor (1 Co 16:1, 2; 2 Co 8 - 9). O cristão egoísta vai sempre sair perdendo, mas o que é generoso desfrutará as bênçãos de Deus. Porém, o industrial cristão R. G. LeTourneau costumava advertir: “Não adianta contribuir pensando no que se vai receber”. Nossa motivação deve ser sempre agradar a Deus e glorificá-lo.

3. UM POVO QUE CONFIA (Dt 15:1-18)

Aqueles que acreditam que é necessário ter um bocadinho de fé para dar a Deus o dízimo de sua renda provavelmente vão ficar estarecidos ao ler essa parte da lei. Assim como cada sétimo dia da semana deveria ser separado para Deus, também cada sétimo ano deveria ser separado como ano sabático. Durante esse ano, os israelitas não cultivariam a terra, mas sim a deixariam repousar. O povo teria de confiar em Deus para produzir os grãos, os legumes e as frutas necessários a seu sustento e ao de seus rebanhos e animais domésticos. (Ver Lv 25:1-7.) Todo quinquagésimo ano deveria ser observado como “ano do jubileu” (Lv 25:8ss), quando a terra permaneceria mais um ano sem ser cultivada! Sem dúvida, seria preciso que o povo tivesse fé de modo a confiar que Deus supriria todas as suas necessidades durante dois longos anos!

O devedor pobre (vv. 1-11). Porém, o ano sabático implicava muito mais do que descanso para a terra (Êx 23:10, 11). Também significava o cancelamento de dívidas (Dt 15:1-11) e a libertação de servos que haviam trabalhado para seu senhor por seis anos (vv. 12-18). Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto ao perdão da dívida. Não se sabe, ao certo, se significava o cancelamento da dívida toda ou somente

dos juros do empréstimo referentes àquele ano (Dt 31:10).² “Não o exigirá [pagamento] do seu próximo ou do seu irmão” (Dt 15:2). Contudo, os israelitas podiam cobrar juros dos estrangeiros. Uma vez que as pessoas não estariam tirando a renda de suas terras naquele ano, não seria muito fácil pagar as dívidas. No entanto, aquilo que seria uma prova de fé para alguns, se tornaria uma resposta às orações dos pobres e necessitados. Estes poderiam comer à vontade dos campos e pomares e teriam um ano a mais para juntar dinheiro e pagar suas dívidas.

A aparente contradição entre o versículo 4 (“para que entre ti não haja pobre”) e o versículo 11 (“pois nunca deixará de haver pobres na terra”) é resolvida ao prestar-se atenção no contexto. Durante o ano sabático, os credores eram obrigados a perdoar as dívidas (ou os juros devidos) de seus irmãos israelitas pobres, a menos que não houvesse israelitas pobres que estivessem endividados – e não haveria se o povo obedecesse às leis de Deus. Era esperado de qualquer devedor israelita que não fosse pobre que pagasse suas dívidas durante o sétimo ano, e os credores podiam receber dos estrangeiros que viviam na terra. Se um devedor israelita pudesse pagar e não o fizesse, estaria explorando a pessoa que lhe havia feito o empréstimo e frustrando um dos propósitos do ano sabático.

O ano sabático e o ano do jubileu faziam parte do plano sábio de Deus para equilibrar a balança econômica de Israel, de modo que os ricos não explorassem os pobres, e os pobres não se aproveitassem dos ricos. Porém, o Senhor sabia que sempre haveria pobres na Terra (Mt 26:11; Mc 14:7; Jo 12:8), pois Israel nem sempre obedeceria a essas leis. A nação de Israel teria sido a mais próspera da Terra se tivesse seguido as instruções que havia recebido de Deus, mas rejeitou a vontade dele e adotou os métodos das nações vizinhas. Não guardou o sétimo ano como ano sabático nem o quinquagésimo como ano de jubileu (Lv 26:32-45) e teve de pagar o preço por esse erro. Os setenta anos de cativeiro na Babilônia deram à terra o repouso que não havia

recebido durante aqueles anos de desobediência (2 Cr 36:14-21).

O ano sabático era uma prova de fé, mas também era uma prova de amor (Dt 15:7-11). Suponhamos que um israelita pobre precisasse de um empréstimo e só faltassem dois anos para o ano sabático. O devedor receberia um ano a mais para pagar a dívida, e o credor perderia um ano de juros! Se o credor visse o empréstimo estritamente como um negócio, iria negá-lo; mas era justamente essa atitude que o Senhor desejava corrigir. Não se tratava de um negócio, mas sim de um ministério a um irmão. Se o israelita mais rico fechasse seu coração e sua mão para o homem necessitado, ofenderia o irmão e entristeceria o Senhor, que havia lhe dado toda aquela riqueza. Assim, deveria abrir tanto o coração quanto a mão para ajudar o irmão, e o Senhor providenciaria para que fosse recompensado por sua generosidade. Ver Provérbios 14:21, 31; 19:17; 21:13; 28:27; Efésios 4:28; 1 Timóteo 6:17-19; 1 João 3:14-18.

O servo contratado (vv. 12-15, 18). Os devedores israelitas que não conseguissem pagar suas dívidas podiam tornar-se servos da casa de seu credor e, dessa forma, pagar com trabalho aquilo que deviam. Os israelitas não poderiam tomar seus compatriotas como escravos, apesar de terem muitos escravos de outras nações (Lv 25:39-43). Os servos deveriam ser libertos depois de seis anos de serviço, quer o sétimo ano fosse sabático quer não. Essa lei parte do pressuposto de que seis anos de serviço de um homem sem receber salário eram o suficiente para pagar a dívida. Contudo, mais uma vez, o Senhor ordenou que se usasse de generosidade, pois os senhores deveriam mandar os servos embora com presentes que os ajudassem a recomeçar a vida, inclusive animais do rebanho, grãos e vinho. Afinal, se quando os hebreus deixaram o Egito receberam presentes caros em troca de seus anos de escravidão (Êx 11:2; 12:35, 36), por que um irmão israelita não deveria ser recompensado por seis anos de trabalho fiel a seu compatriota?

O servo voluntário (vv. 16-18; Êx 21:1-6). Havia a possibilidade de o devedor apegar-se

à família que havia servido durante os seis anos e de querer ficar com ela. Talvez tivesse se casado nesse meio tempo, formando sua família, e desejasse ficar com ela. Caso essa fosse a escolha do devedor, ele seria levado aos juízes, que tornariam oficial sua decisão. Então, o senhor poderia fazer um furo na orelha dele para marcá-lo como servo voluntário para o resto da vida. Uma serva podia tomar a mesma decisão, mas ver Êxodo 21:7-11 para prescrições específicas.

Sem dúvida, encontramos aqui uma mensagem para o povo de Deus nos dias de hoje. Devemos amar nosso Senhor a ponto de desejar servi-lo de bom grado e com alegria por toda nossa vida. Jamais devemos encarar nosso serviço como “escravidão”, mas sempre como privilégio. As palavras “Eu amo meu senhor [...] não quero sair forro” (Êx 21:5) são uma confissão maravilhosa de fé e de amor. Por certo, o amor do servo para com sua esposa e filhos também contava, mas até mesmo essas bênçãos tinham vindo pela bondade de seu senhor e pelo fato de este cuidar tanto do servo como de sua família. O que todos nós precisamos é de ouvidos abertos para ouvir a vontade de Deus (Sl 40:6-8; Is 50:4, 5) e de uma orelha furada que mostre que o amamos e estamos prontos a obedecer a todas as suas ordens.

A ênfase desta seção é sobre a fé que produz generosidade. Se temos o coração endurecido e a mão fechada (Dt 15:7), isso mostra que, na verdade, não cremos que Deus cumprirá suas promessas e proverá para os que dão aos necessitados. Jesus tornou-se pobre para nos fazer ricos (2 Co 8:9), e ele nos abençoa a fim de que possamos ser uma bênção para outros.

4. UM POVO QUE CELEBRA (Dt 15:19 - 16:17; Lv 23)

O Senhor deu a Israel um calendário sem igual para ajudar os israelitas a se lembrar de quem eles eram e para encorajá-los a recordar tudo o que Deus havia feito por eles. Ao seguir esse calendário de datas especiais a cada ano, Israel encontraria motivos para muita celebração pelas misericórdias do Senhor para com seus antepassados e para com

eles. Ao estudar esse calendário, devemos ser gratos e nos regozijar por termos tão grande salvação e tão grande Salvador.

No sétimo dia da semana, os israelitas celebravam o sábado. Deus lhes deu o sábado como sinal de que eram o povo especial da aliança e de que pertenciam ao Criador do Universo (Êx 31:12-17). Não há registro algum nas Escrituras de que Deus tenha dado o sábado a outros povos ou ordenado que se guardasse esse dia (ver Cl 2:16, 17). O sétimo ano era o ano sabático (Dt 15:1-11), e o quinquagésimo era o ano do jubileu (Lv 25:8-55).

O ano civil de Israel começava com o *Rosh Hashanah*, a Festa das Trombetas, no primeiro dia do sétimo mês (setembro-outubro para nós), mas o calendário religioso começava com a Páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês (março-abril para nós; ver Êx 12:1, 2). A semana seguinte era a Festa dos Pães Asmos. No dia depois da Páscoa, que era domingo, o sacerdote movia diante do Senhor os primeiros feixes da colheita de cevada, sendo que essa ocasião era conhecida como Festa das Primícias. Cinquenta dias depois, era celebrado o Pentecostes e, do décimo quinto dia ao vigésimo primeiro dia do sétimo mês (setembro-outubro), o povo comemorava a Festa dos Tabernáculos.

Moisés enfatizou apenas três dessas sete ocasiões, pois eram as festas que todos os homens de Israel deveriam comemorar no santuário central todos os anos (Dt 16:16, 17; Êx 23:14-17; 34:22-24). Esse lugar seria o tabernáculo e, posteriormente, o templo em Jerusalém.

Páscoa e Pães Asmos (15:19 - 16:8; Êx 12 - 13). Moisés trata de três tópicos relacionados à Páscoa: a santificação dos animais primogênitos (Dt 15:19-23); o sacrifício do cordeiro pascal (Dt 16:1-3, 5-17) e a observação da Festa dos Pães Asmos (vv. 4, 8). Na primeira Páscoa no Egito, Deus matou todos os primogênitos da terra, tanto humanos quanto animais, exceto pelos hebreus que estavam em casa e protegidos pelo sangue nos umbrais das portas (Êx 12:12, 13). A partir de então, Deus tomou para si todos os primogênitos de humanos e de animais de

Israel, e todos tinham de ser redimidos com um sacrifício (Êx 13:1-3, 11-13; Lv 12; Nm 18:14-19; Lc 2:21-24). Se o animal não fosse redimido, deveria ser morto. Sempre que um pai israelita precisasse redimir um animal primogênito, tinha a oportunidade de explicar aos filhos o significado da Páscoa.

A Páscoa era o “dia da independência” de Israel como nação, pois naquela noite o Senhor não apenas os libertou da escravidão como também demonstrou seu grande poder sobre os deuses e exércitos do Egito. Israel comemorou a Páscoa um ano depois no Sinai (Nm 9:1-14); mas, após sua rebelião em Cades-Barnéia (Nm 13 - 14), a nação só voltou a comemorar essa festa depois que a nova geração entrou na terra prometida (Js 5:10, 11). Uma vez que estivessem assentados na terra, os homens deveriam obedecer à ordem de ir para o santuário observar a Páscoa, sendo que podiam levar a família consigo. Pais e mães deveriam ensinar aos filhos sobre a libertação de Israel do Egito (Êx 12:25-28).

A interpretação e aplicação da Páscoa no Novo Testamento identifica o cordeiro com Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que deu sua vida pelos pecados do mundo (Jo 1:29; 1 Co 5:7; 1 Pe 1:19; Ap 5:12). Fora da cidade de Jerusalém, Jesus morreu na cruz no momento em que os cordeiros pascais estavam sendo imolados pelos sacerdotes no templo. O sangue derramado por muitos cordeiros no Egito livrou a nação naquela primeira noite de Páscoa, mas o sangue do Cordeiro morto na cruz pode livrar do juízo qualquer pecador que crer em Jesus Cristo. O sangue de inúmeros sacrifícios do povo de Israel pode cobrir os pecados, mas nunca removê-los, o que explica por que esses sacrifícios eram repetidos; mas o sangue de Cristo resolveu a questão da salvação de uma vez por todas (Hb 10:1-18). Não foi a vida do cordeiro que salvou Israel da escravidão, mas sim a morte dele e o uso do sangue pela fé. Cristo é nosso Exemplo perfeito em todas as coisas (1 Pe 2:21-25; 1 Jo 2:6), mas tentar seguir seu exemplo não garante nossa salvação, pois ele não pecou. Em primeiro lugar, precisamos de Jesus como nosso Salvador; só então poderemos seguir seus passos.

A Festa dos Pães Asmos vinha logo depois da Páscoa e durava uma semana (Dt 16:3, 4, 8). Nesses dias, não era permitido haver qualquer fermento na casa dos israelitas. Na primeira Páscoa, os hebreus não tiveram tempo de esperar a massa crescer e, assim, comeram pão asmo com carneiro assado e ervas amargas (Êx 12:1-12; 13:2-10). No entanto, não se tratava apenas de uma questão de falta de tempo nem de prontidão para partir. Nas Escrituras, muitas vezes o fermento simboliza algum tipo de mal, pois é uma substância que, apesar de pequena e aparentemente insignificante, cresce rapidamente e “contamina” toda a massa. O fermento representa os pecados do antigo modo de vida (1 Co 5:7), como a malícia e a maldade (v. 8), bem como a hipocrisia (Lc 12:10). Também representa a incredulidade (Mt 16:6), a condescendência (Mc 8:15) e a falsa doutrina (Gl 5:9).

A nação de Israel não foi resgatada do Egito por limpar suas casas e livrar-se de todo o fermento. Foi liberta pelo poder de Deus por causa do sangue que havia sido aspergido nos umbrais das portas de suas casas. Os pecadores não são remidos ao se livrar dos maus hábitos e “limpar” sua vida, mas sim ao crer no Senhor Jesus Cristo que morreu por eles na cruz. Contudo, uma das características de um verdadeiro filho de Deus é uma vida transformada. “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2 Tm 2:19). “Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1). Qualquer um que afirma pertencer a Cristo mas que não procura dominar o pecado e tornar-se mais semelhante a Cristo na conduta diária está mentindo (1 Jo 3:1-10).

Em 1 Coríntios 5:8, Paulo comparou a vida da igreja local com a “[comemoração] da festa” da Páscoa. A igreja não comemora literalmente essa festa, pois ela já se realizou em Cristo, o Cordeiro Pascal que se sacrificou por nós (v. 7). No entanto, assim como os hebreus na noite de Páscoa no Egito, somos um povo peregrino pronto a ser chamado e não devemos ser impedidos pelo

pecado. Os hebreus comeram a festa da Páscoa reunidos em famílias, e cada igreja local é uma família de Deus, alimentando-se de Jesus Cristo pela Palavra e esperando que ele chame seu povo para deixar este mundo. Assim como o Israel antigo, devemos nos lembrar de que já fomos escravos do pecado, presos ao mundo (Ef 2:1-3), mas Deus nos libertou ao enviar seu Filho como sacrifício por nossos pecados. Quando observamos a Ceia do Senhor, lembramos sua morte e aguardamos ansiosos sua volta.³

Pentecostes (16:9-12; Lv 23:15-22). A palavra “pentecostes” significa “cinquenta” e vem da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento. Essa festa era comemorada cinquenta dias depois das Primícias, o que significa que caía no primeiro dia da semana. Para o povo de Israel, era um tempo alegre de comemoração da colheita do trigo, mas, para os cristãos, celebra a vinda do Espírito Santo e é o “aniversário da Igreja” (At 2). Jesus prometeu que ele e o Pai enviariam o Espírito aos cristãos (Jo 14:16, 17), mas o Espírito não poderia vir até que Jesus morresse, ressuscitasse dentre os mortos e fosse glorificado no céu (Jo 7:37, 38).

Desde a criação (Gn 1:1, 2), o Espírito pode ser visto operando ao longo de todo o Antigo Testamento, normalmente dando poder a homens e mulheres para realizar grandes feitos para a glória de Deus. Nos tempos do Antigo Testamento, o Espírito era um visitante na vida das pessoas, mas desde sua vinda, em Atos 2, o Espírito habita em caráter permanente em todos aqueles que pertencem a Cristo (Jo 14:16, 17). Ele concede dons espirituais à igreja (1 Co 12) e dá poder ao povo de Deus para testemunhar de Jesus Cristo (At 1:8). Sem o ministério e o poder do Espírito Santo, os cristãos não poderiam viver para Deus nem lhe servir de modo eficaz.

Na Festa das Primícias, o sacerdote movia diante do Senhor um feixe de grãos; mas na Festa de Pentecostes ele apresentava ao Senhor dois pães assados com fermento (Lv 23:17, 20). Quando o Espírito veio em Pentecostes, batizou todos os cristãos em Cristo (At 1:4, 5; 1 Co 12:13), de modo que não temos

mais feixes separados de grãos, mas sim o grão transformado em farinha e, depois, em pães. A farinha era feita das primícias da colheita do trigo. A presença de fermento nos pães indica que a Igreja aqui na Terra não é pura nem o será até que Cristo a leve para o céu.

A Festa de Pentecostes dava início à época de colheita (Lv 23:22), e os israelitas deveriam compartilhar o que tinham e celebrar alegremente na presença do Senhor (Dt 16:11). Quando o Espírito veio sobre os cristãos em Pentecostes, foi o começo de uma grande época de colheita para a Igreja. A mensagem de Pedro, naquela ocasião, levou mais de três mil pessoas a Cristo (At 2:41), e, logo depois disso, seu ministério acrescentou mais duas mil pessoas (At 4:4). O Livro de Atos é o registro inspirado do crescimento da Igreja, à medida que o Espírito Santo dava poder para que os cristãos testemunhassem do evangelho no campo pronto para a colheita, onde quer que o Senhor os enviasse.

O Dr. A. W. Tozer disse certa vez: “Se Deus tirasse o Espírito Santo deste mundo, muito daquilo que a Igreja está fazendo não mudaria e ninguém perceberia a diferença”. Uma acusação e tanto de que nossas igrejas dependem de tudo menos do poder do Espírito Santo! A Igreja primitiva não tinha nada daquilo que consideramos imprescindível – orçamentos, prédios, diplomas acadêmicos e até “contatos” políticos –, mas era cheia do poder do Espírito Santo e, por meio dela, multidões voltaram-se para Cristo.

Tabernáculos (16:13-15; 23:33-44). Assim como a Festa dos Pães Asmos, a Festa dos Tabernáculos durava sete dias. Acontecia durante o outono do hemisfério Norte (setembro-outubro) e era chamada também de Festa das Cabanas, Festa de Sucote ou Festa da Colheita. Comemorava o fim das colheitas que haviam começado com a cevada, na Festa das Primícias, continuando com o trigo, em Pentecostes, seguido dos frutos: uvas, figos e azeitonas. Depois da colheita, os lavradores aravam seus campos e plantavam os grãos antes que comessem as chuvas de inverno. Durante a festa, o povo de Israel morava em cabanas feitas de ramos de árvores, uma lembrança do tempo

em que seus antepassados viveram em habitações temporárias enquanto vagavam pelo deserto. Era uma semana de comemorações alegres que começava com uma santa convocação e terminava com uma assembléia solene (Lv 23:33-44).

Sem dúvida, Deus quer que seu povo seja grato e que se alegre com as boas dádivas recebidas dele. Depois que Israel se mudasse para a terra prometida, o Senhor queria que o povo se lembrasse de que a vida nem sempre tinha sido fácil e de que seus antepassados haviam morado em tendas e cabanas depois de sair do Egito. Todos nós sabemos que nenhuma geração mais jovem quer ouvir “os idosos” falarem sobre os “bons tempos”, mas o Senhor registrou a lembrança do passado de Israel na Páscoa e na Festa dos Tabernáculos, a primeira e a última festas do ano. Ao mesmo tempo que a Igreja não deve viver no passado, também não deve se esquecer dele e daquilo que o Senhor tem feito por seu povo ao longo das eras. Nossa tendência é deixar de dar o devido valor às bênçãos que recebemos e esquecer a fidelidade de Deus.

Duas das igrejas que pastoreei comemoraram aniversários importantes enquanto estava exercendo meu ministério ali, e durante aqueles anos especiais, separamos um tempo durante os cultos para lembrar a bondade do Senhor e agradecer a ele por tudo o que havia feito. Foi de grande proveito para os membros mais jovens ficar sabendo dos sacrifícios que as pessoas haviam feito no passado e foi bom para os membros mais velhos receber um novo desafio para o futuro. Afinal, a igreja não é um estacionamento, é uma plataforma de lançamento!

Como povo de Deus, temos muitos motivos para comemorar a grandeza e a bondade do Senhor. Fomos remidos pelo sangue de Cristo (Páscoa), o Espírito Santo habita em nós e nos dá poder (Pentecostes) e somos sustentados generosamente pelo Senhor em nossa jornada de peregrinos (Tabernáculos). Nosso tempo aqui na Terra é breve e limitado, mas um dia entraremos no céu, onde Jesus já está preparando um lugar para nós.

“Engrandeci o SENHOR comigo, e todos, à uma, lhe exaltemos o nome” (Sl 34:3).

1. Deus havia prometido que, se o povo obedecesse, ele o guardaria das enfermidades que havia visto no Egito (Dt 7:15; Êx 15:26), de modo que talvez a alimentação estivesse relacionada a essa promessa. O bom-senso nos diz que se alguém tem alergia e fica doente quando ingere certos alimentos, deve evitá-los. Porém, encontrar significados místicos nas unhas fendidas, na ruminção, nas barbatanas e escamas e em outros elementos distintivos dessa lista é querer tirar do texto mais do que o Espírito Santo colocou dentro dele.
2. A lei proibia os israelitas de cobrar juros quando emprestavam dinheiro a compatriotas (Êx 22:25; Lv 25:37; Dt 23:19), mas, ao que parece, nem sempre essa lei era obedecida (Ne 5:10-12; Ez 18:8, 13, 17).
3. No dia seguinte ao sábado depois da Páscoa, ou seja, no primeiro dia da semana, os israelitas celebravam a Festa das Primícias (Lv 23:9-14). O sacerdote ia até o campo pronto para a colheita e movia um feixe de grãos diante do Senhor, indicando que toda a colheita pertencia a Deus. A Páscoa retrata a morte de Cristo, mas a Festa das Primícias retrata sua ressurreição (1 Co 15:20-24). Ele foi o “grão de trigo” plantado no solo e que produziu muito fruto (Jo 12:24). Pelo fato de Cristo ter ressuscitado dos mortos, seu povo também será ressuscitado e se tornará como ele (1 Ts 4:13-18; 1 Jo 3:1-3). O feixe era balançado no primeiro dia da semana, e Cristo ressuscitou e apareceu a seus discípulos no primeiro dia da semana (Mt 28:1-8; Jo 20:19ss). Os cristãos se reúnem para adorar no primeiro dia da semana (At 20:7; 1 Co 16:1, 2).

JUÍZES, REIS, SACERDOTES E PESSOAS DO POVO

DEUTERONÔMIO 16:18 – 18:8;
26:1-19

Ao prosseguir em sua preparação da nova geração para entrar na Terra Prometida, Moisés não apenas os instruiu sobre sua história passada e suas obrigações quanto à adoração, como também lhes explicou o tipo de governo que Deus desejava que organizassem. Quando seus antepassados estavam no Egito, os hebreus possuíam uma organização mínima constituída de anciãos (Êx 3:18; 4:29-31), e durante a jornada pelo deserto, Moisés tinha oficiais das tribos que o ajudavam na resolução dos problemas que o povo trazia até eles (Êx 18:13ss). Cada tribo também tinha um líder (Nm 1:5-16; 7:10-83), e havia setenta anciãos que assistiam Moisés na supervisão espiritual do povo (Nm 11:10ss).

Essa organização básica era adequada para governar um povo nômade que seguia um líder talentoso, mas não seria suficiente quando a nação se mudasse para a Terra Prometida. Em primeiro lugar, Moisés não estaria mais com eles para transmitir-lhes as mensagens que recebia diretamente do Senhor. Além disso, cada uma das doze tribos estaria vivendo em seus respectivos territórios, e Rúben, Gade e Manassés estariam do outro lado do rio Jordão. De que modo iriam lidar com as diferenças tribais? Quem protegeria o povo e executaria as leis de Deus? O Senhor, em sua graça, deu-lhes o tipo de governo que supriria suas necessidades.

Com freqüência, os cristãos subestimam a importância do governo para a paz, segurança e progresso da sociedade. Mesmo com todos os defeitos do governo humano, sem ele a sociedade se desintegraria, e nenhuma nação poderia progredir nem se defender

adequadamente. “As autoridades que existem foram por ele [Deus] instituídas” (Rm 13:1). Isso não significa que Deus seja responsável pela nomeação ou eleição de cada governante individual ou das decisões que os políticos tomam uma vez que assumem seus cargos. Significa, sim, que a autoridade para governar vem de Deus e que aqueles que servem em cargos públicos são ministros do Senhor e prestam contas a ele (Rm 13:4). “Tudo, porém, seja feito com ordem e decência” (1 Co 14:40). Esse é um princípio que se aplica não apenas ao culto na igreja, mas também ao serviço daqueles que ocupam cargos públicos. O povo de Deus recebeu a ordem de orar pelas autoridades (1 Tm 2:1-6), mas muitas vezes somos culpados de criticá-las em vez de interceder por elas.

1. JUÍZES COMPETENTES (Dt 16:18 – 17:13)

A repetição do termo “cidades” (16:5, 11, 14, 18; 17:2, 5 [“portas”], 8) indica que o conselho local da cidade era a unidade básica de governo em Israel. Esse conselho era constituído de juízes e de oficiais que, juntamente com os anciãos, tratavam dos negócios nas portas da cidade (Rt 4:1-12). É provável que os juízes e oficiais fossem nomeados ou eleitos pelos cidadãos do sexo masculino que tivessem terras, mas não temos mais detalhes. A palavra traduzida por “oficiais” significa “escrivãos, secretários” e refere-se aos homens que mantinham os registros oficiais e genealogias, que serviam como conselheiros dos juízes e que executavam suas decisões. Deus era o Legislador supremo da terra, pois foi ele quem deu as leis; os juízes locais formavam o poder judiciário do governo, e seus oficiais constituíam o poder executivo.

Caráter piedoso (vv. 19, 20). O mais importante sobre os juízes e oficiais era que fossem homens de caráter, pois somente homens justos poderiam julgar com justiça.¹ Os juízes não deveriam “torcer a justiça” nem fazer “acepção de pessoas”, o que, numa tradução literal do hebraico, significa “considerar a aparência”. O importante era determinar o que o acusado havia feito e não

entrar em todos os detalhes da vida dele. O Senhor advertiu os juízes para que não favorecessem os amigos absolvendo os culpados, reduzindo suas sentenças ou adulterando o processo legal, assim como não deveriam aceitar subornos. A justiça, normalmente, é retratada como uma mulher de olhos vendados segurando uma balança. “Não é bom ser parcial com o perverso, para torcer o direito contra os justos” (Pv 18:5).

A decisão dos juízes não apenas afetava os indivíduos envolvidos no julgamento, mas também a nação como um todo. Se os juízes soltassem o perverso à custa do inocente, a terra seria contaminada, e Deus acabaria tirando a nação de lá. Infelizmente, foi isso o que aconteceu durante os anos que antecederam a queda de Israel e Judá. Os tribunais tornaram-se corruptos, permitindo que os ricos roubassem dos pobres e necessitados, e não demorou para que os ricos se tornassem latifundiários e controlassem a economia.² Pelo fato de os líderes não obedecerem às leis sobre o ano sabático e sobre o ano do jubileu, a economia desequilibrou-se, e a terra foi tirada de seus verdadeiros donos. Deus não podia permitir uma desobediência tão flagrante de sua lei, de modo que castigou seu povo severamente ao enviá-lo para o cativoiro.

A liderança da igreja local deve ser dada somente àqueles que são qualificados (At 6:1-7; 1 Tm 3; Tt 1:5-9). O Dr. Lee Roberson tem toda razão quando diz: “A ascensão e a queda estão nas mãos da liderança”. Como é triste quando as igrejas escolhem pessoas inadequadas e inexperientes para “preencher” cargos em vez de colocar esses cargos a serviço da igreja e para a glória de Deus (1 Tm 3:10). Na liderança da igreja local, o caráter espiritual é muito mais importante do que a popularidade, a personalidade, o talento ou a ocupação da pessoa.

Devoção ao Senhor (16:21 - 17:7). A idolatria era o grande inimigo da vida espiritual de Israel como nação, e era preciso que os juízes estivessem atentos para detectá-la e que fossem corajosos o suficiente para tratar dela. “Plantar qualquer árvore” é uma referência ao fato de que certas áreas arborizadas eram

dedicadas à adoração de Aserá, a consorte de Baal, e dentre os símbolos do casal estavam os postes-ídolos, que representavam o órgão masculino. Observe que os idólatras procuravam colocar seu lugar de adoração o mais próximo possível do altar de Deus (Dt 16:21; “junto ao altar”). Os idólatras desejavam incentivar o povo a adorar tanto Jeová quanto Aserá, e a deusa acabaria sendo preferida. Se os juízes fossem devotos ao Senhor, investigariam cuidadosamente tais práticas, descobririam os fatos, condenariam os culpados e removeriam os ídolos da terra. Era preciso que colocassem Jeová em primeiro lugar.³

Nunca é demais enfatizar quanto a religião das nações cananéias era indescritivelmente obscena e misturava superstição cega com imoralidade repulsiva. A própria natureza humana levava os israelitas a se sentirem atraídos pelos deuses que podiam ver e pelas cerimônias que satisfaziam seus desejos sensuais. Isso explica por que Deus ordenou que os israelitas eliminassem da terra todo e qualquer vestígio da religião cananéia (Dt 7:1-11): ele sabia que, apesar das leis santas e das advertências divinas, o coração humano tem pendor para o mal.

A sabedoria de Deus (17:8-13). Muitas vezes, os juízes e tribunais locais teriam de julgar casos complicados, confusos e difíceis demais para eles, casos envolvendo matanças, demandas, litígios e vários tipos de violência. Para auxiliar os oficiais locais, o Senhor instituiria uma “corte” central em seu santuário, na qual sacerdotes e levitas compartilhariam sua sabedoria e explicariam a lei de Deus. Em Israel, a lei de Deus era a lei nacional, e os mais indicados para interpretar e aplicar a lei eram os sacerdotes e levitas.

Essa “corte do santuário” não era um tribunal superior para recorrer de sentenças nem um comitê deliberativo cujas decisões podiam ser aceitas ou rejeitadas. Era um tribunal que julgava os casos com grande cautela e cujas decisões eram peremptórias e definitivas. Qualquer um que desrespeitasse as autoridades dos tribunais locais ou suas decisões, na verdade, estaria desrespeitando

Deus e sua lei. Esses rebeldes eram culpados de crime capital e estavam sujeitos à pena de morte. Deus não aceitaria cidadãos rebeldes em sua nação nem permitiria que as pessoas resistissem presunçosamente à sua lei. De acordo com a lei, não havia sacrifício para quem cometesse pecados atrevida e deliberadamente (Nm 15:30-36).

Quando Woodrow Wilson era presidente dos Estados Unidos, disse: "Há um bocado de problemas diante do povo norte-americano e diante de mim como presidente, mas espero encontrar a solução para esses problemas de modo diretamente proporcional à minha fidelidade em estudar a Palavra de Deus".⁴ Nas palavras do estadista Daniel Webster: "Se formos fiéis aos princípios ensinados na Bíblia, nosso país continuará prosperando, mas, se em nossa prosperidade nos esquecermos das instruções e da autoridade da Palavra, é impossível dizer quão súbita será a catástrofe que sobrevirá e que sepultará nossa glória em profunda obscuridade".⁵ Tendo em vista que vivemos numa sociedade democrática pluralista, não podemos esperar que o governo faça da Bíblia seu guia oficial, mas seria de grande ajuda à nação se igrejas e cristãos confessos se tornassem proficientes na pregação, no ensino e na obediência à Palavra de Deus.

2. REIS PIEDOSOS (Dt 17:14-20)

As nações de hoje são governadas por líderes eleitos e não por monarcas hereditários. Na antiguidade, porém, os reis e imperadores governavam as nações e impérios com autoridade despótica. Mas Israel era diferente das outras nações, pois a lei do Senhor era a "argamassa" que unia as doze tribos. Os levitas encontravam-se espalhados por toda a terra, ensinando ao povo a lei de Deus, e os sacerdotes e juizes providenciavam para que a lei fosse cumprida com justiça. Os israelitas deveriam levar seus dízimos e sacrifícios ao santuário central e, três vezes por ano, todos os homens adultos deveriam reunir-se lá para celebrar a bondade do Senhor. Jeová era o Rei de Israel (Êx 15:18; Jz 8:23) e estava "entronizado acima dos querubins" (Sl 80:1) no Santo dos Santos.

O desejo de ter um rei (v. 14). No entanto, o Senhor sabia que chegaria um dia em que, em seu desejo de ser como as outras nações, Israel pediria um rei (1 Sm 8). No tempo dos juizes, a unidade política e espiritual das doze tribos deteriorou-se gravemente (Jz 17:6; 21:25), e Israel viu-se constantemente sob o risco de ser invadido por seus inimigos (1 Sm 9:16; 12:12). Em vez de confiar em Deus, o povo quis um rei e um exército que conduzissem a nação à vitória. Infelizmente, a liderança espiritual em Israel havia decaído, e os filhos de Samuel não estavam andando nos caminhos do Senhor (1 Sm 8:1-5). Contudo, o principal motivo de os israelitas quererem um rei era seu desejo de ser como as outras nações. A distinção de Israel, porém, vinha justamente do fato de não ser igual a nação alguma! Era o povo escolhido de Deus, reino de sacerdotes e propriedade peculiar do Senhor (Êx 19:5, 6). "Eis que é povo que habita só e não será reputado entre as nações" (Nm 23:9).

Imitar o mundo em vez de confiar no Senhor sempre foi uma grande tentação para o povo de Deus, e cada vez que se entregou a ela, o povo sofreu. Em sua jornada pelo deserto, Israel comparava tudo o que acontecia com suas experiências no Egito e em Cades-Barnéia; até quiseram escolher um líder e voltar para o Egito (Nm 14:1-5)! Mas a Igreja de hoje é igualmente culpada de incredulidade. Quando os líderes da Igreja adotam métodos e parâmetros do mundo, a Igreja dá um passo gigantesco no sentido de tornar-se como o mundo e de perder suas distinções divinas. Em vez de confiarmos na Palavra de Deus e na oração (At 6:4), dependemos da sabedoria do mundo, imitando seus métodos e satisfazendo seus desejos, dando às pessoas aquilo que elas querem em vez de lhes dar aquilo de que precisam. Os cristãos de hoje deveriam dar ouvidos ao lembrete de Deus para Israel: "Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos separei dos povos" (Lv 20:24).

Requisitos para um rei (vv. 15-17). O rei não seria eleito pelo povo, mas sim escolhido por Deus. O primeiro rei de Israel foi Saul (1 Sm 9 - 10), mas não fazia parte dos planos de Deus que Saul estabelecesse uma

dinastia real em Israel. Saul era da tribo de Benjamim, mas a tribo real era Judá (Gn 49:8-10), e o Messias viria de Judá. Na verdade, Deus deu Saul ao povo como forma de disciplina por terem rejeitado ao Senhor (1 Sm 8:7). O maior juízo de Deus é dar ao seu povo aquilo que ele quer e permitir que sofra as conseqüências.

O rei não apenas deveria ser escolhido por Deus como também precisava ser de Israel e não um estrangeiro. Sempre que desejasse disciplinar seu povo, o Senhor colocaria sobre Israel um governante estrangeiro e deixaria que o povo sentisse a diferença entre a bondade de Deus e a opressão dos gentios idólatras. O rei de Israel deveria confiar inteiramente no Senhor e não depender de cavalos, nem de exércitos (Dt 17:16), nem de alianças com outras nações realizadas por meio de casamentos (v. 17a) ou de riquezas materiais (v. 17b). O rei Salomão transgrediu essas três prescrições, o que levou tanto o rei quanto a nação a cair em pecado. Salomão casou-se com uma princesa egípcia (1 Rs 3:1), sendo essa a primeira de várias alianças políticas por meio de casamentos com estrangeiras (1 Rs 11:1-6). O rei foi ao Egito não só para buscar uma esposa, mas também para trazer cavalos para seu exército, e construiu em Israel "cidades para os carros" (1 Rs 10:26, 28, 29) que serviam de estábulos para seus cavalos e carros. Quanto à sua riqueza, era fabulosa e incalculável (vv. 14-25, 27).⁶

Sabedoria para o rei (vv. 18-20). O requisito mais importante para o rei era o conhecimento pessoal da lei de Deus (vv. 18-20). Deveria escrever para si uma cópia da lei usando a cópia oficial providenciada pelos sacerdotes (Dt 31:9, 24-26), deveria lê-la regularmente e guardar suas palavras (ver a ordem de Deus para Josué em Js 1:7, 8). Esse estudo da lei não iria ajudá-lo apenas a governar o povo com justiça, mas também serviria para revelar-lhe o caráter de Deus e para encorajá-lo a temer ao Senhor e a amá-lo cada vez mais (Pv 4). A submissão do rei a Deus e a sua lei o guardaria de tornar-se arrogante e de abusar da autoridade que o Senhor havia lhe concedido.⁷ Se demonstrasse

uma atitude de superioridade em relação a seus irmãos, crendo que tinha o privilégio de viver acima da lei de Deus, indicaria que não era apto para dirigir a nação.

3. LÍDERES ESPIRITUAIS FIÉIS (Dt 18:1-8)

A Igreja de Jesus Cristo é um sacerdócio (1 Pe 2:5, 9), mas a nação de Israel *tinha* um sacerdócio. Todos os sacerdotes e levitas eram descendentes de Levi, o terceiro filho de Jacó e Lia. Levi tinha três filhos – Gérson, Coate e Merari –, sendo que Arão e Moisés eram da família de Coate (Êx 6:16-25). Somente os descendentes de Arão eram chamados de "sacerdotes" e tinham o direito de servir no santuário propriamente dito. Os levitas, descendentes de Gérson e de Merari, assistiam os sacerdotes em diversos ministérios relacionados ao altar e ao santuário. Os sacerdotes e levitas não receberam herança na terra de Israel (Dt 10:8, 9; 12:12, 18, 19) e viviam dos dízimos, ofertas e sacrifícios levados ao santuário.

Os sacerdotes (vv. 3-5). Os sacerdotes deveriam receber partes específicas dos sacrifícios, com exceção dos holocaustos. Queimavam um punhado da oferta de manjares no altar e ficavam com o resto para si, e várias partes dos sacrifícios animais eram dadas a eles como sua porção devida (Lv 6:8 - 7:38). Também recebiam as primícias dos grãos, do óleo, do vinho e da lã. Essa prática do Antigo Testamento nos remete ao ministério do Novo Testamento. "Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho" (1 Co 9:13, 14). A ordem do Senhor encontra-se em Lucas 10:7 e é citada em 1 Timóteo 5:18.

Se o povo não sustentasse os sacerdotes conforme Deus havia ordenado, então os sacerdotes teriam de buscar seu sustento em outro lugar, e isso os afastaria do ministério no santuário. Mas só os sacerdotes podiam oferecer sacrifícios, cuidar das lâmpadas e da mesa do Senhor com o pão da proposição e queimar incenso no altar de ouro. Sem a presença dos sacerdotes, o ministério no

santuário seria interrompido, e o povo não teria intercessores nem auxílio espiritual.

Os levitas (vv. 6-8). Os levitas viviam em quarenta e oito cidades espalhadas por toda a terra de Israel (Js 21). Supomos que houvesse uma escala definida para gerir o serviço no santuário, como era o caso no tempo de Davi (1 Cr 23 - 26), sendo que cada levita recebia uma tarefa e um horário. Os sacerdotes e levitas podiam comprar terras se desejassem (1 Rs 2:26; Jr 32:7; At 4:36, 37) e até tirar uma renda dessa terra. Contudo, sua maior preocupação deveria ser ministrar ao Senhor no santuário e ajudar o povo a conhecer a Deus e a obedecer à Palavra. Se um levita comprasse ou arrendasse sua propriedade e servisse no santuário por amor ao Senhor e à casa de Deus, teria permissão de ministrar ali e de tomar parte nas ofertas trazidas pelo povo. O fato de ter dinheiro por haver arrendado ou vendido alguma propriedade não mudava esse princípio. No tempo de Neemias, o povo não levou seus dízimos e ofertas fielmente ao templo, e alguns dos levitas tiveram de voltar para suas terras a fim de se sustentar (Ne 13:10-14). Neemias instou o povo a obedecer à Palavra e a sustentar seus líderes espirituais, e os israelitas levaram seus dízimos e ofertas para serem distribuídos entre os levitas. É triste que cristãos professos deixem de sustentar sua igreja por não dar fielmente seus dízimos e ofertas e, ainda assim, esperam que a igreja os ajude quando têm alguma necessidade.

4. PESSOAS OBEDIENTES (Dt 26:1-19)

Não basta uma nação ter líderes piedosos e competentes; é preciso que tenha também cidadãos piedosos que obedeçam à lei do Senhor. Confúcio dizia: "A força de uma nação vem da integridade de seus lares". No entanto, lares são constituídos por indivíduos, de modo que é a força individual que ajuda a fazer de um lar aquilo que ele deve ser. Nas palavras de Daniel Webster: "Aquilo que torna os homens bons cristãos torna-os bons cidadãos". As três confissões públicas registradas nesse capítulo nos ajudam a entender que tipo de cidadãos devemos ser como seguidores de Jesus Cristo.

Confissão da bondade de Deus (vv. 1-11). Essa cerimônia era realizada na primeira vez que qualquer israelita levasse suas primícias ao Senhor. Não deve ser confundida com a oferta anual das primícias (Dt 16:4; Êx 23:19; 34:26; Lv 23:10-17; Nm 15:18-20; 18:12, 13). A cerimônia especial não era apenas uma confissão da bondade de Deus para com Israel e para com o adorador, mas também uma declaração de que aquele ofertante havia se apropriado de sua herança na terra. Ele cultivara a terra e recebera uma colheita, portanto levava as primícias e o que tinha de melhor para dar ao Senhor. O cesto com os frutos perto do altar era testemunho da fidelidade do Senhor para com seu povo. A cerimônia toda era a versão do Antigo Testamento daquilo que é dito em Mateus 6:33.

A confissão começa com a entrada de Israel na terra de Canaã (Dt 26:3), o que lembraria ao adorador o milagre da travessia do Jordão (Js 3). O Senhor, que abriu o mar Vermelho para que a nação deixasse o Egito, também abriu o rio Jordão, para que Israel pudesse entrar na terra e apropriar-se de sua herança. "E dali nos tirou, para nos levar" (Dt 6:23). O único motivo pelo qual os israelitas não entraram na terra antes foi a rebelião da geração mais velha em Cades-Barnéia (Nm 13 - 14). O adorador era lembrado de que o segredo do sucesso de Israel era a fé nas promessas de Deus. Anos depois, Josué diria: "Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o SENHOR falara à casa de Israel; tudo se cumpriu" (Js 21:45; ver 23:14; 1 Rs 8:56).

Em seguida, o adorador falaria sobre Jacó, o pai das doze tribos de Israel (Dt 26:5), que havia deixado seu lar e ido para Harã, na região Noroeste da Mesopotâmia (Os 12:12; Gn 25:20), para encontrar uma esposa. Depois de vinte anos na casa de seu sogro, Labão, em obediência a Deus, Jacó voltou a sua própria terra e assentou-se lá com seus doze filhos e suas famílias. De fato, Jacó havia sido um "fugitivo" e "peregrino" durante todos aqueles anos, mas o Senhor o havia guardado e abençoado. Os doze filhos de Jacó viriam a ser os fundadores das doze

tribos de Israel, e por intermédio de Israel Deus abençoaria o mundo todo (Gn 12:1-3).

Como Deus conseguiu transformar a família de um homem em uma grande nação? Levando-os para o Egito, onde passaram pela “fornalha de fogo” do sofrimento (Dt 26:5-7; 4:20; 1 Rs 8:51; Gn 46). Setenta pessoas viajaram para o Egito, onde José havia preparado um lar para elas e, anos depois, na noite de Páscoa, é provável que houvesse dois milhões de hebreus deixando o Egito em marcha triunfal. Quanto mais o inimigo perseguia os hebreus, mais eles se multiplicavam (Êx 1). Muitas vezes, o sofrimento e as provações são instrumentos de Deus para trazer bênçãos para seu povo, mesmo que durante essas tribulações talvez não sejamos capazes de compreender esse propósito. Quanto mais o inimigo perseguia a Igreja primitiva, mais os cristãos se dispersavam e se multiplicavam (At 5:41 - 6:1; 8:1-4).

A confissão não faz qualquer menção da murmuração de Israel em sua jornada nem de seu fracasso em Cades-Barnéia. Trata-se de uma confissão de fé e não de incredulidade. “E o SENHOR NOS TIROU DO EGITO [...] e nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel” (Dt 26:8, 9). O homem chama Canaã de “terra que mana leite e mel”, o mesmo nome que Deus usou com frequência para a terra prometida. Deus deu a seu povo um lugar maravilhoso, que supriria todas as suas necessidades. Nos anos em que Israel se rebelou e ficou vagando pelo deserto, alguns israelitas chamaram o Egito de “terra que mana leite e mel” (Nm 16:13). É triste quando as pessoas são tão materialistas a ponto de as coisas do mundo se tornarem mais convidativas que as coisas do Senhor.

Em resposta à bondade e à graça do Senhor, o adorador entregava a Deus as primícias e os melhores frutos de seu trabalho, pois não teria havido colheita se não fosse pela bênção do Senhor. Porém, ao apresentar as primícias, na verdade o adorador estava entregando toda colheita ao Senhor. A verdadeira mordomia consiste em dar a Deus aquilo que pertence a ele como reconhecimento de que tudo o que temos é dele.

Então, usamos o que resta com sabedoria e para a glória do Senhor. Levar 10% ao Senhor e desperdiçar os outros 90% não é mordomia, é insensatez.

O Senhor “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17), o que explica por que Moisés admoestou os israelitas a se regozijar com todas as coisas boas que o Senhor lhes dava (Dt 26:11). Enquanto estavam no santuário, podiam levar uma oferta de ação de graças ao Senhor e desfrutar de um banquete de coisas boas, tudo para a glória de Deus. Contudo, observe a menção feita aos levitas e ao estrangeiro, aqueles com os quais precisamos compartilhar as dádivas do Senhor (Dt 12:12, 18; 16:11, 14). Isso nos leva à segunda confissão.

Confissão de honestidade e de generosidade (vv. 12-15). Trata-se, aqui, de uma cena que se desenrolaria dois anos depois, quando os israelitas deveriam levar o dízimo adicional aos oficiais locais (Dt 14:28, 29). A cerimônia anterior ocorreria apenas uma vez, depois da primeira colheita na Terra Prometida, mas esta cerimônia seria repetida a cada três anos. O sétimo ano seria o ano sabático, e, então, o ciclo começaria novamente. Essa confissão equivalia a uma renovação sucinta da aliança entre Deus e Israel realizada no Sinai, com a promessa do povo de obedecer ao Senhor e a promessa do Senhor de abençoar a obediência dos israelitas.

O dízimo do terceiro ano ficava nas cidades e era usado localmente para alimentar os levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas. Ao entregar esse dízimo, o adorador deveria confessar ao Senhor que havia sido honesto ao separá-lo e que o estava empregando da maneira como o Senhor havia ordenado. Esse dízimo não deveria ser usado para fins pessoais, muito menos pecaminosos. Haveria o cuidado de não contaminá-lo tocando-o enquanto estivesse imundo por causa de morte na família. Em outras palavras, a separação do dízimo para outros era um procedimento sério a ser realizado com dignidade e obediência. A cerimônia terminaria com a oração de Deuteronômio 26:15, pedindo a Deus que abençoasse a nação toda e não apenas o adorador como indivíduo.

Tanto a primeira quanto a segunda confissões expressam apreciação pela terra que “mana leite e mel” (vv. 9, 15). É bom quando o povo de Deus aprecia todas as dádivas do Senhor. Durante os quarenta anos vagando pelo deserto, a geração mais velha havia desejado com frequência voltar para o Egito e desfrutar a comida de lá, mas essa fixação pelo passado colocou-os em apuros. Em se tratando das circunstâncias da vida, todos nós precisamos seguir o exemplo de Paulo: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fp 4:11). Uma das melhores maneiras de aprender a ter contentamento é dividir com outros as bênçãos que Deus nos dá.

Confissão de obediência (vv. 16-19). As duas primeiras confissões voltavam-se para o futuro, quando Israel estaria assentado em sua terra fazendo as colheitas. Essa confissão nos leva de volta às campinas de Moabe, onde Moisés estava preparando a geração mais jovem para entrar na terra. Moisés usou o termo “hoje” (vv. 16-18) várias vezes ao falar ao povo (Dt 2:25; 4:26, 39; 6:6; 7:11; 8:1, 18; 10:13; etc.). Sem dúvida, foi uma ocasião solene em que Moisés reiterou a lei e recapitulou a história de sua nação. O futuro de Israel dependia de o povo receber a Palavra de Deus, compreendê-la e lhe obedecer, e Moisés a estava compartilhando com eles.

O perigo constante era que o povo não recebesse a Palavra de Deus em seu coração, mas apenas a ouvisse e esquecesse.

Como os judeus do tempo de Jesus, tinham ouvidos, mas não podiam ouvir (Mt 13:13-15). O mero conhecimento superficial da Palavra não é suficiente. A fim de que a Palavra de Deus nos alimente e transforme para sermos abençoados por Deus (Sl 1:1-3), devemos nos dedicar a ela de corpo e alma. Deus havia tomado Israel para ser seu povo e havia prometido abençoá-lo se lhe obedecesse (Dt 26:18), e Israel havia declarado que Jeová era seu Deus e que iria lhe obedecer (v. 17). Sem dúvida, Deus iria cumprir suas promessas, mas e quanto a Israel?

Deus tinha grandes coisas planejadas para Israel, assim como tem grandes coisas planejadas para cada um de seus filhos (Ef 2:10; 1 Co 2:6-10). Se os israelitas mantivessem suas promessas da aliança com o Senhor, ele os abençoaria e faria deles uma bênção para outros, mas se eles lhe desobedecessem, Deus teria de discipliná-los. “Mas o meu povo não me quis escutar a voz e Israel não me atendeu. Assim, deixei-o andar na teimosia do seu coração; siga os seus próprios conselhos. Ah! se o meu povo me escutasse, se Israel andasse nos meus caminhos! Eu, de pronto lhe abateria o inimigo e deitaria mão contra os seus adversários [...] Eu o sustentaria com o trigo mais fino e o saciaria com o mel que escorre da rocha” (Sl 81:11-14, 16).

Deus é fiel para conosco, mas quanta coisa perdemos quando não somos fiéis para com ele!

1. Como na maioria das nações do mundo antigo – senão todas –, a estrutura social de Israel era extremamente masculina. No entanto, a lei de Deus tinha um cuidado especial pelas mulheres e crianças, dando-lhes grande proteção, de modo que não pudessem facilmente sofrer abuso nem ser tratadas como escravas desamparadas. Miriã, a irmã de Moisés, era uma líder de Israel (Êx 15:20, 21), e Débora foi uma juíza notável (Jz 4 - 5).
2. Isaías 59 apresenta um retrato vívido da corrupção do sistema judiciário de Judá, que, aliás, parece muito contemporâneo!
3. Livrar-se dos ídolos é um dos aspectos da consagração ao Senhor, mas dar-lhe o melhor também é importante (Dt 17:1). Se verdadeiramente amarmos ao Senhor, lhe daremos aquilo que temos de melhor e não as sobras. Ver Malaquias 1:6-14.
4. Citado em DAY, Gwynn McLendon. *The Wonder of the World*. Fleming H. Revell, 1957, pp. 165, 66.
5. *Ibid.*, p. 170.
6. A descrição do reino de Salomão, em 1 Reis 10, dá a impressão de que era um paraíso que se deteriorava de dentro para fora. Depois da morte de Salomão, o povo pediu alívio dos fardos pesados que tiveram de carregar para sustentar o estilo de vida luxuoso do rei (1 Rs 12). O Livro de Ezequiel por vezes dá a entender que não importava quão glorioso o reino parecesse aos visitantes, havia corrupção de oficiais, injustiça nos tribunais e uma fachada de sucesso que não tardaria em desmoronar.

7. Deuteronômio 17:20 dá a entender que o rei deveria ser “o primeiro dentre os iguais” e não se exaltar acima de seus irmãos. Essa foi a atitude de Saul no início de seu reinado. Depois que foi ungido rei, voltou para sua casa e ajudou seu pai (1 Sm 10:26). Quando recebeu a notícia da invasão dos amonitas, Saul estava arando com uma junta de bois (1 Sm 11:4ss). Infelizmente, Saul tornou-se arrogante e defensivo, desobedeceu à ordem de Deus e perdeu a coroa. Deuteronômio 17:20 também afirma que o rei fundaria uma dinastia e, se obedecesse a Deus, seus descendentes reinariam depois dele. Os filhos de Saul, inclusive Jônatas, foram mortos no campo de batalha (1 Sm 31; 2 Sm 1). Deus havia escolhido Davi para ser o novo rei (1 Sm 16; Sl 78:70-72) e com ele fundou a dinastia por meio da qual Jesus Cristo veio ao mundo.

HOMICÍDIO CULPOSO, GUERRA E HOMICÍDIO DOLOSO

DEUTERONÔMIO 19:1 – 21:14

Os israelitas eram extremamente abençoados. Tinham o Senhor Deus como Rei, uma terra maravilhosa como lar e uma lei santa para guiá-los; no entanto, enfrentaram alguns dos problemas com que a sociedade de hoje se defronta. Devido à natureza humana pecaminosa, as nações sempre terão de tratar da “desumanidade entre os homens”, pois o coração de todo problema é o problema do coração. As leis são necessárias para colocar ordem na sociedade, para refrear o mal e para ajudar a controlar o comportamento dos indivíduos, mas as leis jamais podem mudar o coração humano. Isso só pode ser feito pela graça de Deus. Se há uma coisa que essa parte das Escrituras enfatiza é que Deus considera a vida humana extremamente preciosa e deseja que tratemos as pessoas com justiça, pois são criadas à imagem de Deus (Gn 9:1-7). Eis o que Deus quer para todas as nações: “Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene” (Am 5:24). E seu padrão para nós como indivíduos é Miquéias 6:8: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”.

1. JUSTIÇA NA TERRA (Dt 19:1-21)

O poeta quacre John Greenleaf Whittier chamava a justiça de “esperança de todos os que sofrem, terror dos que fazem o mal”. Esse é o ideal, porém nem sempre ele é alcançado na vida real. Sem justiça, a sociedade se desintegraria, a anarquia tomaria conta, e não seria seguro sair de casa. Israel não contava com uma força policial como

a que temos hoje, de modo que encontrar e castigar criminosos dependia principalmente dos anciãos e dos juizes. Ao separar as “cidades de refúgio”, o Senhor promoveu a justiça na terra.

As cidades (vv. 1-3, 7-10). Nesta passagem, Moisés faz uma revisão daquilo que havia ensinado a Israel em Números 35. Na verdade, ele já havia estabelecido três cidades de refúgio a leste do Jordão (Dt 4:42, 43). Caberia a Josué estabelecer outras três cidades a oeste do Jordão depois que Israel tivesse conquistado a terra (Js 20). As cidades a leste do Jordão eram Golã, Ramote e Bezer, e as do oeste eram Quedes, Siquém e Hebrom. Ao consultar um mapa da Terra Santa, vemos que, por sua localização, essas cidades eram de fácil acesso para aqueles que precisassem de proteção. As estradas que levavam a elas deviam ser mantidas em boas condições e marcadas claramente. A tradição rabínica diz que havia placas em todas as encruzilhadas indicando o caminho para a cidade de refúgio mais próxima. O Senhor queria dar à pessoa que havia cometido homicídio acidentalmente a oportunidade de escapar da vingança de outros.

O Senhor também queria que fossem acrescentadas mais três cidades de refúgio se as fronteiras de suas terra fossem expandidas. Ele havia prometido a Israel um vasto território (Gn 15:18; Êx 23:31), e se o povo tivesse obedecido à lei de Deus, ele teria cumprido sua promessa. Foi só durante o reinado de Davi que Israel chegou a controlar um território maior, mas a nação perdeu essas terras no processo de desintegração que ocorreu no reinado de Salomão. Se não obedecermos à vontade de Deus e não nos apropriarmos de suas promessas, é impossível receber tudo o que Deus deseja que tenhamos.

O homicida involuntário (vv. 4-6). A lei moderna ainda segue os princípios de Moisés ao fazer distinção entre homicídio doloso e homicídio culposos ou involuntários (Êx 21:12-14; Lv 24:17). A pessoa que matava outra sem ter a intenção de fazê-lo podia fugir para a cidade de refúgio mais próxima e apresentar seu caso aos anciãos.

Se não fugisse, poderia acontecer de ser caçada e morta por um membro da família da vítima, um “vingador de sangue”. Israel não tinha um sistema para localizar e prender suspeitos de crimes e ficava ao encargo da família da vítima providenciar para que se fizesse justiça. O “vingador de sangue” não tinha autoridade para agir como juiz, júri e executor. Seu papel era apenas entregar o acusado para os oficiais. Porém, se esse parente estivesse irado, poderia tomar a lei em suas próprias mãos e matar um homem inocente. Ao fugir para a cidade de refúgio, o homicida involuntário estava seguro até que os fatos acerca do caso fossem examinados e que se apresentasse um veredicto. Se fosse considerado inocente, o homicida involuntário teria permissão de viver em segurança na cidade de refúgio até a morte do sumo sacerdote. Apesar de ser inocente, ainda assim pagava um preço por ter tirado acidentalmente a vida de outro ser humano. Se deixasse a cidade de refúgio, correria risco de vida, e os anciãos não teriam como protegê-lo.

Essas cidades de refúgio ilustram nossa salvação em Jesus Cristo, para o qual “já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta” (Hb 6:18), mas tal ilustração baseia-se num contraste: o homem que fugia para o refúgio em Israel o fazia porque não era culpado de assassinato; nós, porém, fugimos porque somos culpados e merecemos ser julgados. Ninguém precisa investigar nossa causa, pois sabemos que pecamos e que merecemos o castigo de Deus. No caso das cidades de refúgio, o homem inocente podia viver, mas em nosso caso, Jesus Cristo, o inocente, foi condenado à morte. O israelita deveria permanecer na cidade de refúgio, pois, se a deixasse, poderia morrer nas mãos do vingador. A salvação que temos em Cristo não é condicionada por nossa obediência, mas depende inteiramente da graça de Deus e de suas promessas. “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10:28). “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1). O homicida involuntário em Israel

tinha direito, pela lei, de deixar a cidade de refúgio depois da morte do sumo sacerdote, mas nosso Sumo Sacerdote no céu é imortal e vive para sempre, a fim de interceder por nós (Hb 7:25).

O homicida doloso (vv. 11-13). Porém, podia acontecer de um homem que havia assassinado seu inimigo fugir para uma cidade de refúgio e mentir para os anciãos, dizendo-lhes que era inocente. Cabia aos anciãos da cidade de origem do homicida esclarecer os fatos enviando alguém para a cidade de refúgio e levando o homem de volta para a própria cidade. Os anciãos da cidade de refúgio deveriam extraditar o acusado para que pudesse ser devidamente julgado e, se considerado culpado, ser executado. Deus esperava que cada cidadão se preocupasse em ver a justiça sendo feita na terra. Seria fácil para os oficiais da cidade de origem do homicida deixarem que os anciãos da cidade de refúgio se preocupassem com o caso, mas com isso não estariam promovendo a justiça nem evitando a profanação da terra. Em Israel, o derramamento de sangue inocente profanava a terra, e uma forma de purificá-la era punir o transgressor. “Assim, não profanareis a terra em que estais; porque o sangue profana a terra; nenhuma expiação se fará pela terra por causa do sangue que nela for derramado, senão com o sangue daquele que o derramou” (Nm 35:33).

O homicídio era um dos vários crimes capitais em Israel. Os outros eram idolatria e feitiçaria (Lv 20:1-6), blasfêmia (Lv 24:10-16), violação do sábio (Nm 15:32-36), desobediência deliberada e repetida aos pais (Dt 21:18-21; Êx 21:15, 17), rapto (Êx 21:16), bestialidade (Êx 22:19), homossexualidade (Lv 20:13), adultério e estupro de uma virgem comprometida (Dt 22:22-27). Não temos tantos crimes considerados capitais hoje em dia, mas Israel era uma teocracia, e suas leis eram as leis de Deus. Infringir a lei significava pecar contra o Senhor e profanar a terra, e o povo precisava entender a seriedade de tais atos. Em 1972, a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou a pena de morte inconstitucional,

mas ela voltou a vigorar em 1976. A pena de morte pode não impedir todos os homicidas em potencial de tirar a vida de outra pessoa, mas ela exalta a preciosidade da vida humana e também honra a lei.

O ladrão (v. 14). Depois que Israel conquistasse a terra de Canaã, cada tribo teria seu território, e suas fronteiras seriam definidas em detalhes. Josué, Eleazar, o sumo sacerdote, e os chefes das doze tribos lançaram sortes e fizeram a distribuição da terra (Js 14:1, 2). Dentro das tribos, cada família e clã faria sua própria divisão e demarcação por meio de marcos de delimitação. Naquele tempo, os oficiais não faziam mapas detalhados das propriedades. Esperava-se que todos respeitassem os marcos de delimitação, pois movê-los significava roubar as terras de seus vizinhos e dos descendentes deles (Pv 22:28). Oficiais inescrupulosos podiam facilmente explorar viúvas e órfãos pobres e tomar sua terra e sua renda (Pv 15:25; 23:10, 11). Uma vez que a terra pertencia a Deus e que o povo era seu inquilino, mover os marcos de delimitação também significava roubar de Deus, e ele os castigaria por isso (Os 5:10). Não é de se admirar que esse crime estivesse entre as maldições declaradas no monte Ebal (Dt 27:17).

O castigo para o homicida lembrava o povo de que a vida humana é preciosa, e o castigo para o ladrão os lembrava de que a propriedade particular deve ser respeitada. “Não furtarás” (Êx 20:15) é um mandamento que abrange muito mais do que proibir um ladrão de entrar numa casa e de levar o que não lhe pertence. A extorsão também é roubo (Sl 62:10), e Deus condena os oficiais que criam leis injustas para roubar dos pobres e desamparados (Ez 22:29). Calúnia, difamação e falso testemunho roubam das pessoas seu bom nome (Dt 19:16-19; Mt 15:19, 20), e uma boa reputação é mais difícil de recuperar do que bens materiais roubados.

O mentiroso (vv. 15-21). Todo sistema judiciário depende de as pessoas saberem e dizerem a verdade. O falso testemunho é uma transgressão a um dos mandamentos

de Deus (Êx 20:16) e enfraquece os alicerces do sistema legal. A pessoa que jura dizer a verdade e depois mente está cometendo um crime grave chamado perjúrio. A lei de Israel exigia que houvesse duas ou três testemunhas para determinar a culpa de uma pessoa acusada (Dt 17:6; Nm 35:30), e tanto Jesus (Mt 18:16) quanto Paulo (2 Co 13:1; 1 Tm 5:19) aplicaram esse princípio à disciplina na igreja local. O fato de duas ou três pessoas darem testemunho não garante que estejam dizendo a verdade (1 Rs 21:1-14), mas Moisés advertiu que as falsas testemunhas seriam castigadas com a mesma pena que pediam para o acusado.

No entanto, podia haver uma situação em que somente uma testemunha se apresentasse para acusar uma pessoa e o fizesse falsamente. O que fazer, então? Tanto o acusado quanto a testemunha teriam de ir à corte do santuário para apresentar o caso aos sacerdotes e juizes de lá (Dt 17:8-13). Se o tribunal descobrisse que a testemunha não estava dizendo a verdade, ela receberia a mesma sentença que teria sido dada ao acusado se fosse culpado. Essa lei faria os mentirosos pensarem duas vezes antes de acusar falsamente uma pessoa inocente. Só o fato de ter de ir ao tribunal dos sacerdotes seria intimidação suficiente, pois o Senhor poderia transmitir sua verdade aos sacerdotes e juizes e expor a perversidade do acusador. Porém, saber que poderiam receber a mesma pena que desejavam para o acusado também os faria hesitar, especialmente no caso de crimes capitais. “A falsa testemunha não fica impune, e o que profere mentiras perece” (Pv 19:5, 9).

Às vezes, ouvimos dizer que o medo do castigo não impede as pessoas de infringir a lei, mas não é o que diz Deuteronômio 19:20: “Para que os que ficarem [o restante do povo] o ouçam, e temam, e nunca mais tornem a fazer semelhante mal no meio de ti”. Toda lei criada até hoje provavelmente já foi infringida muitas vezes, e nem todos os infratores foram detidos e julgados. No entanto, isso não prova que a instauração de um processo contra aqueles que foram detidos não contribuiu em nada para a sociedade e

não preveniu mais criminalidade. Alguns especialistas em legislação argumentam que a pena de morte não serviu para impedir as pessoas de cometerem crimes capitais, mas como podem saber ao certo? As leis de limite de velocidade não impediram pessoas descuidadas de ultrapassar a velocidade máxima permitida, mas o fato de terem detectores de radar em seus carros sugere que não querem ser parados pela polícia! Imagine como nossas estradas seriam perigosas se não houvesse lei alguma de limite de velocidade!

Moisés encerrou essa parte de seu discurso lembrando o povo de que, em todo o caso, o castigo deveria corresponder ao crime (v. 21; ver Êx 21:23-25). Esse princípio é conhecido como *lex talionis*, termo em latim que significa "lei da retaliação". Aqueles que consideram esse princípio "rudimentar" provavelmente não compreendem seu significado. A sentença não deve ser nem muito severa nem muito branda, mas sim estar de acordo com o que a lei exige e com o que o criminoso condenado merece. Juízes honestos não dão a um assassino a mesma sentença que dão ao homem que envenenou o gato do vizinho, nem um ladrão de lojas recebe a mesma pena que um seqüestrador. Esse princípio judicial enfatizava a equidade e o tratamento humanitário numa época da história em que os castigos eram terrivelmente brutais. Na Inglaterra do século dezoito, havia mais de duzentos crimes capitais, e um trombadinha podia ser condenado à forca. Era comum as crianças que transgrediam a lei ser tratadas como adultos e presas por pequenas infrações.

Quando Jesus fez referência à *lex talionis*, em seu sermão da montanha (Mt 5:38-42), não estava falando sobre o sistema judiciário oficial, mas sobre como os cristãos devem tratar ofensas e insultos pessoais. Ele não anulou a lei do Antigo Testamento, pois veio para cumpri-la (Mt 5:17-20). Antes, proibiu que seus seguidores "pagassem com a mesma moeda" àqueles que os ofendessem ou que se aproveitassem deles. Se nossos tribunais seguissem as ordens do Senhor encontradas nos versículos 38-42, o país estaria nas mãos dos criminosos! Jesus nos exortou a

não praticar a vingança pessoal, mas sim deixar essas questões nas mãos de Deus (Rm 12:17-21). Devemos imitar o Mestre e pagar o mal com o bem, o ódio com o amor e o egoísmo com o sacrifício (1 Pe 2:11-25).

2. GUERRA EM CANAÃ (Dt 20:1-9, 16-18)

Os israelitas não estavam entrando em Canaã como turistas, mas como soldados preparados para a batalha, esperando que Deus lhes desse a vitória. É importante observar que Deus deu à nação duas abordagens militares diferentes – uma para as cidades *dentro* de Canaã (vv. 1-9, 16-18) e outra para cidades *fora* de Canaã (vv. 10-15). Depois que Israel tivesse conquistado Canaã e se assentado na terra de sua herança, era possível que precisassem atacar uma cidade distante, pois sempre havia inimigos a ser combatidos, e o povo podia ainda aceitar o desafio de apropriar-se da promessa de Deus e de expandir seu território (Dt 19:8, 9).

A garantia do Senhor (v. 1). Moisés não subestimou nem o tamanho e nem a força do inimigo, pois sabia que as nações que viviam em Canaã tinham cavalos, carros, grandes exércitos e cidades fortificadas. Os espias que investigaram a terra 38 anos antes haviam visto todos esses obstáculos e perigos (Nm 13), mas não viram como essas questões eram pequenas quando comparadas à grandeza do Deus de Israel. Moisés lembrou o povo de que o Senhor os havia tirado da terra do Egito, levado até as campinas de Moabe e derrotado todos os inimigos que os haviam atacado. Aliás, o território em que Israel se encontrava naquele momento pertencia aos israelitas e não mais ao inimigo, pois o Senhor havia dado a seu povo grande vitória sobre as nações a leste do Jordão. Assim como Deus derrotara o Faraó e seu exército no Egito, também derrotaria as nações em Canaã.

No começo da Grande Depressão nos Estados Unidos, o presidente Franklin D. Roosevelt declarou, em seu discurso de posse: "A única coisa que devemos temer é o próprio medo". Há um medo que mobiliza a pessoa, como quando você ouve um alarme

de incêndio disparar, mas há também um medo que paralisa a pessoa, e era a esse medo que Moisés estava se referindo. Quando temos temor do Senhor e confiamos nele, não precisamos temer o inimigo. Israel não tinha nada a temer, pois o Deus que havia afogado o exército do Egito também iria derrotar os exércitos de Canaã.

As palavras de encorajamento do sacerdote (vv. 2-4). Não se tratava do sumo sacerdote, mas sim de outro sacerdote incumbido de falar ao exército. Não devemos nos surpreender ao ver aqui um sacerdote encorajando o exército, uma vez que as guerras em Canaã eram guerras santas. Consistiam no julgamento de Deus sobre nações que se rebelaram contra ele pecando deliberadamente. O Senhor havia dado a essas nações tempo suficiente para se arrepender e voltar para ele, mas elas se recusaram a obedecer. O livramento miraculoso de Israel do Egito e a travessia do rio Jordão eram provas mais que suficientes de que o Deus Todo-Poderoso estava com eles e de que o juízo não tardaria a chegar (Js 2). Os israelitas eram o povo de Deus, lutando as batalhas de Deus, e era apropriado que ouvissem as palavras de um servo de Deus, um sacerdote.¹

Todo cristão, ao enfrentar os inimigos da fé, precisa ouvir o Senhor dizer: “não temas”. Foi essa a mensagem que o Senhor deu a Abraão depois de ajudá-lo a derrotar os reis (Gn 15:1) e a Jacó quando ele deixou seu lar a fim de ir para o Egito (Gn 46:3). Moisés deu essa mensagem aos hebreus quando estava diante do mar Vermelho (Êx 14:13), e o profeta Isaías repetiu-a várias vezes a fim de animar o remanescente judeu (Is 41:10, 13, 14; 43:1, 5; 44:2, 8). Encontramos essas palavras sete vezes no Evangelho de Lucas (1:13, 30; 2:10; 5:10; 8:50; 12:7, 32). Quando andarmos pela fé e mantivermos nossos olhos fixos no Senhor (Hb 12:1-3), ele nos dará a paz de que precisamos (Fp 4:4-9). Você está a caminho da vitória quando sabe que o Senhor está com você, lutando por você.

As palavras de encorajamento dos oficiais (vv. 5-9). Os sacerdotes encorajariam os soldados a encarar o inimigo sem medo,

mas os oficiais lhes diriam para voltar para casa se tivessem negócios pendentes. Nenhum oficial quer comandar soldado distraído cuja mente e coração se acham em outra parte, “pois tem mente dividida e é instável em tudo o que faz” (Tg 1:8, NVI). Talvez Paulo tivesse essa cena em mente quando escreveu 2 Timóteo 2:4: “Nenhum soldado em serviço se envolve com negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou”.

Os oficiais anunciariam três casos em que se concederia dispensa temporária, sendo que o primeiro deles era para permitir que o soldado consagrasse uma casa nova ao Senhor (Dt 20:5). A palavra “consagrou” também significa “iniciou”, ou seja, começou a viver na casa com sua família e a desfrutá-la. A família precisava do homem muito mais do que o campo de batalha, de modo que ele era dispensado por um ano. O segundo caso era a colheita em um novo vinhedo, cujos frutos o soldado ainda não havia provado. De acordo com Levítico 19:23-25, o dono de um pomar deveria esperar cinco anos até poder comer do fruto das árvores, mas é provável que essa lei não se aplicasse aos vinhedos. Cinco anos seria uma dispensa longa demais. O terceiro caso era, talvez, o mais importante, pois permitia que um soldado noivo voltasse para sua tribo a fim de se casar. De acordo com Deuteronômio 24:5, esse homem era dispensado por um ano.

Essas três exceções indicam que Deus está interessado em que gozemos as bênçãos comuns da vida – o lar, as colheitas, a lua de mel –, não nos dedicando exclusivamente às suas batalhas. Ele não queria que qualquer homem israelita usasse as responsabilidades militares como desculpa para negligenciar sua família, seu vinhedo ou sua noiva. Sem dúvida, o serviço militar era importante, mas o Senhor estava mais preocupado que os homens tivessem prioridades corretas. De que adiantaria o exército israelita derrotar o inimigo no campo de batalha, enquanto, em casa, as coisas iam de mal a pior?

Os sacerdotes pediram aos soldados que olhassem para o alto e que confiassem no Senhor, e os oficiais pediram que olhassem

para trás e que refletissem sobre qualquer assunto pendente que os impediria de dar o melhor de si. Contudo, os oficiais apresentaram ainda outro desafio e pediram aos soldados que olhassem para dentro de si mesmos e que avaliassem se estavam temerosos demais para lutar. Gideão perdeu vinte e dois mil homens ao lançar esse desafio (Jz 7:1-3). O medo e a fé não podem coexistir no mesmo coração com sucesso (Mt 8:26; Lc 8:25). Além disso, o medo é contagioso e tiraria a coragem de outros soldados. O medo e a incredulidade foram as causas da grande derrota de Israel em Cades (Nm 13 - 14).

Depois dessa “peneirada”, quando restassem apenas os soldados mais corajosos, os oficiais nomeariam capitães, de modo que cada homem estaria pronto a servir. Nessa época, Israel não tinha um exército permanente, com uma estrutura fixa de comandantes. Os principais oficiais conheciam seus melhores homens e designavam-lhes as responsabilidades de comando de cada campanha. Quando Saul tornou-se rei, formou o núcleo de um exército permanente, e seu sucessor, Davi, desenvolveu ainda mais essa estrutura. Ao lutar as batalhas de Deus, não é importante apenas ter fé e coragem, mas também autoridade e ordem.

3. GUERRAS FORA DE CANAÃ (Dt 20:10-20; 21:10-14)

As instruções anteriores de Moisés referiam-se ao combate dentro da terra de Canaã, mas ele prosseguiu tratando das batalhas que o exército iria travar fora da terra. O Senhor queria expandir as fronteiras de Israel (Dt 19:8) e isso implicaria ataques militares fora de Terra Prometida.

Tomando uma cidade (vv. 10-18). É importante observar que a abordagem de Israel ao atacar cidades distantes era diferente daquela usada ao atacar as cidades em seu próprio território. Em várias ocasiões, Deus ordenou que Israel destruísse o povo das cidades cananéias sem misericórdia (vv. 1-18; 3:6; 7:1-11). Na invasão de Canaã, os israelitas não apenas deveriam exterminar todos os cidadãos, mas também destruir tudo o que estivesse ligado ao perverso sis-

tema religioso cananeu, inclusive os templos, os ídolos e os altares. Essa diretriz ajudaria a remover tentações perigosas do povo israelita, que demonstrava com frequência predisposição à idolatria.

Ao chegar a uma cidade estrangeira, a primeira responsabilidade dos oficiais era oferecer uma resolução pacífica, sendo que, nesse caso, a cidade e seus habitantes seriam poupados, mas a cidade passaria a pagar tributos a Israel. Isso implicava o pagamento de um imposto anual para os israelitas e o direito de Israel usar os cidadãos daquele lugar como escravos (ver Js 9:16, 17; 16:10; 17:13). Durante o reinado de Davi, havia em Israel um oficial específico para os “trabalhos forçados” (2 Sm 20:24). Em função de seu vasto programa de construção, o rei Salomão expandiu esses trabalhos a ponto de incluir até israelitas (1 Rs 5:13-18; 9:15; 2 Cr 2:17, 18). Foi esse peso que, por fim, levou Judá a se rebelar contra Roboão, filho de Salomão, e a separar-se do reino (1 Rs 12).

Se a oferta de paz fosse recusada, então o exército israelita poderia sitiá-la, confiando que Deus daria a vitória a seu povo. Os homens da cidade seriam mortos (Nm 31:7), as mulheres e crianças seriam levadas como servas, e os espólios da cidade seriam divididos entre os soldados.

Apesar de algumas pessoas bem-intencionadas não gostarem das metáforas militares da Bíblia, a Igreja de hoje encontra-se em batalha contra o mundo, a carne e o diabo (Ef 2:1-3; 6:10-18; 2 Tm 2:3, 4). Contudo, somos também embaixadores da paz, calçados com a “preparação do evangelho da paz” (Ef 6:15), e rogamos aos pecadores rebeldes que sejam “reconciliados com Deus” (2 Co 5:18-21). Jesus levou a mensagem de paz a seu próprio povo (Lc 2:14) e eles a rejeitaram (Lc 13:34, 35; Jo 1:11), de modo que teve de substituir a oferta de paz por uma declaração de juízo (Lc 12:51-56). No ano 70 d.C., o exército romano destruiu Jerusalém e matou, capturou ou dispersou seus habitantes, e Israel só voltou a ser uma nação política em 14 de maio de 1948.

Cuidando dos recursos naturais (vv. 19, 20). Assim como Israel deveria cuidar dos

recursos recebidos de Deus em sua própria terra (v. 6), também foi advertido para não desperdiçar recursos naturais de outras terras. Era importante derrotar o inimigo, mas também era preciso pensar na preservação da natureza. Quando o Senhor desejava verdadeiramente humilhar uma nação, ordenava que seu povo destruísse as árvores boas (2 Rs 3:19), mas esse procedimento era uma exceção. As outras árvores podiam ser usadas para obras necessárias ao cerco, mas as árvores frutíferas deveriam ser preservadas, “porque dele [o arvoredo] comerás” (Dt 20:19), sendo que os beneficiados incluíam tanto homens e mulheres aliados quanto inimigos. Levaria anos para repor árvores derrubadas sem qualquer escrúpulo.² A guerra, em si, já é suficientemente destrutiva sem que se acrescente a ela mais ruína e desperdício.

Escolhendo uma esposa (21:10-14). Apesar de os homens israelitas não poderem se casar com mulheres das nações cananéias (Dt 7:3), tinham permissão de tomar para si mulheres das cidades conquistadas que ficassem distantes da Terra Prometida (Dt 20:14, 15). Obviamente, era esperado que essas mulheres aceitassem a fé israelita e que participassem da vida religiosa do povo de Deus. No entanto, ao voltar para casa com sua noiva, o homem deveria esperar um mês antes de consumir o casamento. Essa prescrição o impediria de agir impulsivamente tomando para si uma mulher atraente com o propósito de satisfazer seus desejos, como se ela fosse parte dos espólios da batalha. Durante esse período de espera, o homem poderia refletir seriamente sobre o que estava fazendo, e a mulher poderia preparar-se emocionalmente para começar uma nova vida. Para isso, ela devia raspar a cabeça, cortar as unhas e vestir roupas diferentes.

Raspar a cabeça era um ato que fazia parte dos rituais para leprosos que haviam sido curados (Lv 14:8, 9) e para os nazireus que haviam cumprido seus votos (Nm 6:18). Ao mesmo tempo que era uma experiência humilhante para a mulher (ver Dt 21:14) – assim como para o leproso e o nazireu³ –, raspar a cabeça era um sinal de recomeço. Ela estava renunciando a sua antiga religião

e aceitando Jeová como seu Deus. Do ponto de vista prático, sua aparência seria um incentivo para que ficasse em casa e para que conhecesse melhor seu futuro marido israelita. Durante esse período, era esperado que ela expressasse sua tristeza por deixar a família e a cidade de origem. Em resumo, por mais dolorosas que fossem as experiências desse mês de espera, tinham o propósito de ajudar a mulher a fazer a transição de sua antiga vida para a nova.

Se, depois de consumado o casamento, o homem se desagradasse da mulher, não podia simplesmente descartá-la ou vendê-la como se fosse uma escrava. Deveria dar-lhe carta de divórcio e permitir que ela fosse para onde desejasse.⁴ Supõe-se que outro homem poderia se casar com ela ou que ela poderia voltar para sua cidade natal. Uma sociedade moderna não aprovaria que uma mulher fosse levada cativa a fim de tornar-se esposa de um homem desconhecido, mas isso fazia parte dos costumes do mundo antigo (Jz 21). No entanto, essa lei protegia a mulher de ser estuprada e descartada depois da batalha, ou de ser tão humilhada pelo marido a ponto de outro homem não querer casar-se com ela. Era melhor que fosse libertada do que forçada a viver com um homem que não a desejava.⁵

4. FAZENDO EXPIAÇÃO PELA TERRA (Dt 21:1-9)

A terra pertencia a Deus, e aqueles que viviam nela eram seus inquilinos. Os pecados do povo não apenas ofendiam o Senhor como também profanavam a terra, especialmente os pecados de imoralidade sexual (Lv 18:24-28) e de homicídio (Nm 35:30-34). O derramamento de sangue inocente era um crime terrível em Israel (Dt 19:10, 13; Jr 7:6; 22:3, 17). Quando Caim matou seu irmão Abel, o solo recebeu o sangue de Abel e clamou a Deus por justiça (Gn 4:10-12; Hb 12:24). Deus grava em sua memória todo sangue inocente derramado, animal ou humano, e um dia exigirá uma prestação de contas (Gn 9:5, 6). “Pois aquele que requer o sangue lembra-se deles e não se esquece do clamor dos aflitos” (Sl 9:12). Quando o

Senhor vier para julgar o mundo, a terra dará testemunho do sangue inocente derramado (Is 26:21).

É provável que “anciãos e juízes” mencionados em Deuteronômio 21:2 sejam parte da “corte do templo” mencionada em Deuteronômio 17:8-13, a qual também incluía os sacerdotes (Dt 21:5). Esse era o tribunal superior da terra, e o homicídio era um crime hediondo. Além do mais, ninguém havia medido, ainda, que cidade era a mais próxima, de modo que não era possível que os anciãos e juízes viessem de alguma das cidades ao redor. Uma vez que fosse determinado qual era a cidade mais próxima, os anciãos dessa cidade participariam do ritual prescrito. Supomos que os anciãos e juízes investigavam o caso minuciosamente antes de tomar os passos descritos nesses versículos.⁶

A oferta da novilha vermelha não era como a oferta do sacrifício no santuário. Em primeiro lugar, os sacerdotes não imolavam o animal nem recolhiam seu sangue. Eram leigos que decapitavam a novilha no vale, e os sacerdotes só serviam como testemunhas. Os oficiais lavavam as mãos sobre o animal morto (Mt 27:24), professavam sua inocência, oravam para que Deus perdoasse seu povo, e ele perdoava. É claro que isso não significava que o homicida desconhecido era automaticamente perdoado, mas sim que o Senhor purificaria a terra e perdoaria Israel pelo pecado cometido. A justiça de Deus era preservada, e a lei de Deus era obedecida, mesmo que não se soubesse quem havia cometido o crime.

O fato de esse ritual estar relacionado à obra de expiação de Jesus Cristo fica claro nas palavras dos anciãos: “Não ponhas a culpa do sangue-inocente no meio do teu povo de Israel” (Dt 21:8). Naquele dia trágico em que Israel pediu para que seu Messias fosse crucificado, Pilatos lavou as mãos e disse: “Estou inocente do sangue deste

justo”, e o povo respondeu: “Caia sobre nós o seu sangue e sobre os nosso filhos” (Mt 27:24, 25). Assim como a novilha inocente, Cristo morreu pela nação e chegou a orar na cruz: “Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Jesus fez a vontade de Deus e preservou sua santa lei, e Deus reteve o julgamento contra Israel por cerca de quarenta anos. Jesus morreu pelos pecados do mundo (Jo 1:29; 1 Jo 4:14), pela igreja (Ef 5:25, 26) e pelo povo de Israel: “Por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido” (Is 53:8).

O ritual todo refere-se à graça de Deus, pois as obras do homem jamais seriam capazes de torná-lo merecedor do perdão de Deus. A novilha nunca havia trabalhado, o solo do vale nunca havia sido arado, e os anciãos, juízes e sacerdotes não haviam feito nada de especial para merecer o perdão de Deus concedido a seu povo. O sacrifício nem sequer era feito no santuário ou oferecido por um sacerdote. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8, 9). A oferta da novilha inocente apontava para a oferta do Filho de Deus, cuja morte trouxe purificação, perdão e anulação do juízo de Deus.

Ao recapitular essa parte da lei, o que nos impressiona é o fato de que Deus desejava que seu povo tivesse prazer em viver em sua terra, e o segredo desse prazer era a obediência à vontade de Deus. O crime e a injustiça profanavam a terra, e Deus não queria ver sua terra desonrada. As nações ímpias de Canaã contaminaram a terra a tal ponto que esta “vomitou os seus moradores” (Lv 18:24-30). Exceto por Israel, não há nenhuma outra nação no mundo que se encontre numa relação de aliança com Deus. Porém, o Senhor exige que todas as nações prestem contas de seus pecados (Am 1:3 - 2:3). Um dia Deus julgará as nações com justiça (Jl 3:9-16) e ninguém escapará.

1. Os sacerdotes marcharam com o exército israelita ao redor de Jericó e tocaram trombetas (Js 6:4-21), e um levita chamado Jaaziel transmitiu uma mensagem de encorajamento ao rei Josafá antes de ele sair para a batalha (2 Cr 20:14-19). Benaia, filho do sacerdote Joiada (1 Cr 27:5), um dos homens valentes de Davi, era chefe dos guarda-costas do rei

(1 Rs 1:38) e foi o sucessor de Joabe como capitão do exército quando Salomão tornou-se rei (1 Rs 2:35; 4:4). Os sacerdotes podiam tornar-se soldados!

2. O Senhor permitia que os israelitas lutassem contra povos rebeldes, mas não contra a criação divina.
 3. Para um homem, raspar a cabeça e a barba era uma humilhação (Is 7:20; 2 Sm 10:4, 5) e, certamente, o mesmo se aplicava à mulher (1 Co 11:15). Quando pranteavam, os homens israelitas não tinham permissão de imitar os pagãos raspando a cabeça e cortando a barba (Lv 19:27, 28), e isso valia especialmente para os sacerdotes (Lv 21:1-5).
 4. A expressão traduzida por “mandá-la embora”, em Deuteronômio 22:19 e 29, tem o sentido de “divórcio”. Uma vez que o casamento havia sido consumado, os dois eram marido e mulher, e o casamento só podia ser legalmente anulado pelo divórcio (Dt 24:1-4).
 5. Alguns comentaristas sugerem que o divórcio seria motivado pela recusa da mulher em aceitar a religião dos israelitas e em adorar o verdadeiro Deus vivo. Contudo, não há nada no texto que indique essa idéia.
 6. O fato de certa cidade estar mais próxima do corpo não significava que um de seus cidadãos fosse culpado do homicídio. Era necessário envolver os líderes da cidade mais próxima, pois os anciãos de lá conheceriam melhor a região e serviriam de representantes dos cidadãos locais. A responsabilidade do processo era da corte do santuário, mas seus membros respeitavam as autoridades locais.
-

DISPUTAS E DECISÕES

DEUTERONÔMIO 21:15 – 25:19

A principal ênfase destes capítulos é sobre a maneira como a lei do Senhor governava os relacionamentos dentro de Israel. O material é tão variado que talvez o melhor modo de estudar o que Moisés disse seja organizar o conteúdo em categorias gerais.

1. PROTEÇÃO À FAMÍLIA (Dt 21:15-21; 24:1-5; 25:5-10)

O alicerce da sociedade humana é a família, uma dádiva de Deus para a qual não foi encontrado nenhum substituto adequado. De acordo com a socióloga Margaret Mead: “Não importa quantas comunidades sejam inventadas, a família acaba sempre aparecendo de novo”. Foi Deus quem instituiu o lar e, ao fazê-lo, tratou da única coisa que não considerou boa em sua criação: que o homem estivesse só (Gn 1:26-31; 2:18-25). Deus ordenou que o povo de Israel honrasse pai e mãe (Êx 20:12), e uma vez que até quatro gerações podiam viver juntas como família, essa honra era bastante abrangente.

O filho primogênito (21:15-17). O padrão divino para o casamento era que um homem e uma mulher se dedicassem um ao outro por toda a vida, e as duas exceções – poligamia e divórcio – foram permitidas a Israel por causa da “dureza do coração do homem” (Mt 19:3-9). O primeiro polígamo foi Lameque, um homem que se rebelou contra Deus (Gn 4:19), e os outros homens das Escrituras que seguiram o exemplo de Lameque causaram sofrimento e transtornos em seus lares. Jacó descobriu que ter várias esposas significava competição e atritos no lar e trazia grande tristeza para a família (Gn 29:30; 31:1ss). Deus prevaleceu sobre o

egoísmo naquele lar e cumpriu seus propósitos ao construir a nação, mas isso custou caro para alguns membros da família.

Na Páscoa, Deus poupou os primogênitos israelitas do sexo masculino protegidos pelo o sangue do cordeiro. Em reverência a esse milagre de sua graça, Deus ordenou que todos os primogênitos de Israel – homens ou animais – fossem consagrados a ele (Êx 13:1-16). Israel era o primogênito de Deus (Gn 4: 22, 23), e os filhos de Israel também pertenciam ao Senhor. Também foi ordenado que o filho primogênito da família herdaria porção dobrada dos bens. Se houvesse dois filhos, o mais velho receberia dois terços, e o mais jovem, um terço. Nada podia mudar essa lei, nem mesmo o amor de um marido por sua esposa predileta.

Devemos observar que, na história da salvação, Deus por vezes colocou de lado o primogênito e escolheu o segundo filho. O primogênito de Abraão era Ismael, mas Deus escolheu Isaque. Esaú era o primogênito de Isaque, mas Deus escolheu Jacó (Rm 9:6-13). Jacó deu a bênção especial a Efraim, o segundo filho de José, e não a Manassés, o primogênito (Gn 48). O Senhor não aceita nosso primeiro nascimento, que é da carne, mas nos oferece um segundo nascimento, que é o espiritual, e nos transforma em filhos primogênitos de Deus (Jo 3:1-18; Hb 12:23).

O filho rebelde (vv. 18-21). Vemos aqui um retrato do primeiro “filho pródigo” (Lc 15:11-32), exceto pelo fato de que esse filho não saiu de casa, mas continuou vivendo com a família; desobedecia ao quinto mandamento, envergonhava os pais e desgraçava a comunidade. Dia após dia, resistia aos apelos, advertências e repreensões dos pais ao recusar-se a trabalhar, ao divertir-se com os beberões sem fazer contribuição alguma ao lar ou à comunidade. Esse tipo de pecado era tão hediondo que foi incluído nas maldições lidas na terra de Canaã (Dt 27:16; ver Êx 21:17).¹

Era mais do que uma questão familiar, pois envolvia a paz e a reputação da comunidade. A solidariedade do povo de Israel era um elemento importante de sua vida

civil, social e religiosa, pois o pecado de uma só pessoa, família, cidade ou tribo poderia afetar a nação como um todo (ver Dt 13; Js 7:1-15). Isso também vale para a Igreja, pois como membros de um corpo espiritual (1 Co 12) pertencemos uns aos outros e afetamos a vida uns dos outros (1 Co 5). Os pais do filho rebelde deviam levá-lo ao conselho local na porta da cidade, dar testemunho da rebeldia e da obstinação do filho e deixar que o conselho decidisse o que fazer. Se o filho se recusasse a mudar seu comportamento, o único veredicto era a morte por apedrejamento, com a participação de todos os homens da comunidade. Isso era feito para eliminar o mal do meio do povo e para alertar outros filhos pródigos ao que poderia acontecer com eles. A oração “eliminarás o mal do meio de ti” aparece nove vezes em Deuteronômio (ver 13:5 e referências), e a expressão “ouvirá e temerá” é usada quatro vezes (Dt 13:11; 17:13; 19:20; 21:21). Para o Senhor e para Moisés, o castigo público de um transgressor podia servir para refrear outros pecadores. Além disso, o que estava em jogo era o futuro daquela família, caso fosse permitido que o filho continuasse a pecar.

Essa “lei do pródigo” nos ajuda a entender um aspecto da parábola que Jesus contou: o fato de o pai correr de encontro ao filho (Lc 15:20). No Oriente, não era costume um homem mais velho correr. Sem dúvida, o amor do pai por seu filho o impeliu a se apressar para encontrá-lo. A notícia da vida devassa do rapaz no país distante certamente havia chegado a sua cidade natal, e os cidadãos que respeitavam a lei sabiam que ele havia desgraçado a cidade. Ao ver o rapaz se aproximar, os anciãos na porta poderiam ter sido tentados a não deixá-lo passar ou, em sua ira, poderiam ter pego pedras para atirar nele! Porém, com o pai segurando o rapaz em seus braços, beijando-o e dando-lhe as boas vindas, não havia nada que os anciãos pudessem fazer. Se alguém tivesse atirado pedras, poderia ter acertado o pai. Para nós, esse é um retrato do Calvário, onde Deus assumiu nosso castigo para que nos recebesse em seu lar.

Divórcio (24:1-4).² É ruim quando uma família tem um filho rebelde, mas é pior ainda quando marido e mulher não se entendem e se separam. A lei sobre o casamento, conforme instituída no Éden, não fazia qualquer referência ao divórcio (Gn 2:18-25). O casamento é, fundamentalmente, uma união física (“uma só carne”), de modo que somente um motivo físico pode anulá-lo, sendo que isso ocorre em dois casos: a morte de um dos cônjuges (Rm 7:1-3; 1 Co 7:39) e o adultério (Dt 22:22; Lv 20:10). O homem e a mulher que cometiam adultério eram mortos, deixando os cônjuges inocentes livres para se casar novamente. A lei de Moisés não permitia o divórcio por motivo de adultério, pois o cônjuge adúltero era apedrejado até a morte por seu pecado.

Uma vez que a “coisa indecente” não era adultério, então o que podia permitir que um homem se divorciasse da esposa? No tempo de Jesus, a escola rabínica de Hillel tinha uma visão bastante ampla dessa questão, interpretando a “coisa indecente” como “qualquer coisa que desagradasse o marido”. Porém a escola do Rabino Shammai adotava a visão mais restrita e considerava que a “coisa indecente” era algum tipo de pecado sexual (ver Mt 5:31, 32; 19:1-9; Mc 10:1-12). Jesus não definiu esse termo, mas deixou claro que a lei mosaica do divórcio era uma concessão e não uma prescrição. Deus tolerou o divórcio por causa da dureza do coração humano. No entanto, ao que parece, Jesus de fato permitiu o divórcio no caso de um dos cônjuges ter cometido adultério. Pressupõe-se que o cônjuge inocente estava livre para se casar de novo. De outro modo, por que se divorciar?³

Ao permitir o divórcio por causa do adultério, Jesus o estava equiparando à morte. A igreja não tem o direito de matar as pessoas que cometem adultério ou qualquer outro pecado, mas pode aceitar o divórcio como o equivalente à morte, liberando, dessa forma, o cônjuge inocente para casar-se outra vez. Jesus afirmou a prioridade da lei original sobre o casamento, conforme havia sido instituída no Éden, mas também fez essa concessão. Sem dúvida, é melhor que a parte

culpada confesse o pecado, arrependa-se, seja restaurada e perdoada; mas nem sempre isso acontece. O pecado é o grande destruidor e, nas situações em que os privilégios são maiores, como o casamento, a dor que esse pecado causa é mais intensa.

O “termo de divórcio” era um documento oficial que protegia a mulher da calúnia, difamação e abuso e também lhe concedia o privilégio de um segundo casamento. O tempo necessário para que esse documento fosse emitido dava ao marido a oportunidade de pensar sobre o assunto e, possivelmente, de reconsiderar sua decisão. Ele perderia o que restava do dote, e isso poderia custar-lhe caro. Muitas separações são resultado de um acúmulo de emoções, de feridas não tratadas e de palavras impensadas que poderiam ter sido evitadas se os cônjuges tivessem usado de honestidade um para com o outro, conversando abertamente e buscando a ajuda do Senhor antes que o problema se agravasse.

Se o segundo casamento terminassem em divórcio, a mulher era proibida de voltar para o primeiro marido, pois havia sido “contaminada” (Dt 24:4). Talvez isso signifique que a consumação do segundo casamento fosse considerada adultério, pois somente a morte ou o adultério podem anular o casamento. (O adultério é chamado de “contaminação” em Lv 18:20 e Nm 5:13, 14.) Sua volta para o primeiro marido seria humilhante e faria dela apenas uma propriedade que podia ser comprada e vendida à vontade.

Dispensa (v. 5). Essa lei foi estudada em Deuteronômio 20:7. Qualquer homem fisicamente apto poderia substituir o marido recém-casado no exército, mas ninguém poderia substituí-lo em casa. Sua esposa sofreria por ficar separada de seu amado e, caso ele morresse na batalha, sua tristeza e perda seriam imensas. Essa lei mostra o valor elevado que Deus atribui ao amor humano e à responsabilidade do casamento.

Casamento de levirato (25:5-10). A palavra “levirato” vem do latim e significa “irmão do marido”, ou seja, cunhado. Foi essa lei que os saduceus usaram quando tentaram confundir Jesus (Mt 22:23-33). Basicamente,

a lei determinava que o irmão do marido falecido se casasse com a esposa dele e tivesse filhos com ela para que o nome do falecido não desaparecesse de Israel. No entanto, havia algumas condições específicas a ser observadas. Em primeiro lugar, era preciso que o irmão casado e o irmão solteiro vivessem juntos; em segundo lugar, o casal não devia ter filhos; e, em terceiro lugar, o irmão solteiro devia estar disposto a casar-se com a viúva e a ter filhos com ela.

O primeiro requisito – “morar juntos” – não exigia que os dois ocupassem a mesma casa, mas apenas que morassem perto um do outro (Gn 13:6). A esposa, portanto, não era uma desconhecida para o cunhado. Quanto ao segundo requisito, se o casal tivesse filhos, o segundo casamento seria desnecessário. Na verdade, era contra a lei um homem casar-se com a cunhada se ela tivesse filhos (Lv 18:16). O terceiro requisito era crítico: o cunhado estaria disposto a casar-se com a viúva de seu irmão? O parente cujo nome não é citado no Livro de Rute recusou-se a casar com ela, pois isso teria colocado sua própria herança em risco (Rt 4:1-6).

Se o homem se recusasse a casar com ela, a mulher levaria seu caso para os anciãos na porta da cidade que, por sua vez, tentavam persuadi-lo. Sem dúvida, ressaltariam o fato de que a viúva sem filhos precisava de proteção e de que o irmão falecido necessitava um herdeiro para manter o nome da família e suas propriedades. Se ainda assim ele se recusasse, a viúva podia humilhá-lo publicamente cuspiendo no (ou na frente do) rosto dele (Nm 12:14) e retirando sua sandália. Colocar o pé na terra ou lançar a sandália sobre ela significava apropriar-se dela (Gn 13:17; Js 10:24; Sl 60:8; 108:9), enquanto tirar a sandália significava abrir mão de qualquer direito de posse de uma propriedade. Se o irmão se casasse posteriormente e tivesse uma família, essa família seria conhecida como “a casa do descalçado”. Só os pobres, os enlutados ou os prisioneiros é que andavam descalços (Is 20:2-4; Mq 1:8; Lc 15:22), mas receber a sandália de volta significava ser reintegrado à sociedade (2 Cr 28:15; Lc 15:22). Ao se recusar a honrar o

irmão falecido, o homem trazia vergonha para si mesmo e para sua família.

2. HUMILHAÇÃO DE CRIMINOSOS (Dt 21:22, 23)

O Senhor usou tanto imagens positivas quanto negativas para ensinar seu povo a respeitar sua lei e a lhe obedecer. Em termos positivos, os homens usavam borlas azuis nos cantos de suas roupas para se lembrarem de que pertenciam ao Senhor e de que eram privilegiados por ter a lei divina para obedecer (Nm 15:37-41). O sábado semanal e as festas anuais também eram lembretes positivos de tudo o que o Senhor havia feito por Israel, e o santuário no meio dos israelitas mantinha a presença do Senhor diante dos olhos do povo.

O fato de os levitas estarem espalhados por todo o Israel era uma lembrança viva da lei do Senhor e da importância de conhecê-la

Em termos negativos, a oferta de sacrifícios de sangue era um lembrete claro de que a base para o perdão e para a comunhão era a entrega da vida (Lv 17:11). Sempre que a comunidade apedrejasse um transgressor até a morte, isso levaria o povo a “ouvir e temer”. Isolar os leprosos fora do acampamento, queimar suas vestes e derrubar a casa infestada de lepra lembrava o povo de que o pecado é como a lepra e deve ser tratado. Porém, a exposição pública do corpo de um criminoso seria uma lição prática da qual poucos se esqueceriam. Um transgressor culpado de um crime capital era apedrejado até a morte, e se os oficiais desejassem fazer com que o julgamento fosse ainda mais solene, poderiam ordenar que o corpo fosse pendurado numa árvore ou empalado numa estaca até o pôr-do-sol. Uma lição e tanto! (Nos séculos dezessete e dezoito, na cidade de Londres, a cabeça dos criminosos executados às vezes era exibida em público.) Uma vez que o corpo morto era considerado imundo, ele era removido antes do pôr-do-sol, de modo a não se decompor ainda mais e não contaminar a terra. Além disso, o Senhor não queria que criminosos executados recebessem muita atenção, a fim de que não se tornassem heróis.

Esse ato simbólico, um tanto repulsivo, lembrava ao povo que Deus amaldiçoava as pessoas que cometiam crimes capitais. Em Gálatas 3:13, Paulo aplicou essa verdade à morte do Senhor na cruz: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)”. Aqueles que confiam em Cristo não podem ser condenados pela lei (Gl 3:10), pois Cristo já levou sobre si a maldição deles.

3. AMOR AO PRÓXIMO (Dt 22:1-4, 6-8; 23:24, 25)

Essas prescrições são aplicações específicas de Levítico 19:18: “Não te vingará, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR”. O próximo é um irmão, o que serve de motivação ainda maior para ajudá-lo, e Deus é Senhor dos dois, sendo essa a maior motivação de todas. Na verdade, os israelitas deviam ter essa mesma preocupação até pelos animais de seus inimigos (Êx 23:4). Tanto Jesus quanto Paulo nos admoestaram a amar a nossos inimigos e a manifestar esse amor de maneiras práticas (Mt 5:43-48; Rm 12:17-21).

Propriedade perdida (22:1-3). Havia poucas cercas e muros nos campos israelitas, de modo que era fácil aos animais passarem de uma propriedade para outra. Se uma pessoa encontrasse um animal pertencente a outro, deveria devolvê-lo ao dono; se o dono morasse longe, deveria “recolher” o animal até que o proprietário fosse buscá-lo. Os animais de criação eram caros e também essenciais; nem as famílias de camponeses nem a nação sobreviveria sem eles. Moisés, porém, não limitou a lei à restituição de animais perdidos. Disse ainda que qualquer coisa que um israelita encontrasse deveria ser guardada e restituída ao dono. O “próximo” não era apenas o vizinho da propriedade adjacente, mas também qualquer necessitado que se pudesse ajudar. Em sua parábola do bom samaritano (Lc 10:25-37), Jesus seguiu essa definição de “próximo”. Deus se preocupa tanto com o

animal quanto com o dono, e devemos fazer o mesmo.

O Senhor desejava que as pessoas encontrassem e que restituíssem animais perdidos, porém sua grande preocupação é que encontremos pecadores perdidos (Lc 15:1-7; Tg 5:19, 20). Sem dúvida, um ser humano é muito mais precioso para Deus do que um animal (Mt 12:12)!

Emergências (v. 4). Não era fácil erguer um jumento que estivesse levando uma carga pesada, mas para isso servem os vizinhos e irmãos. Para o bem do animal e por amor ao dono, os homens deveriam se unir e transformar essa emergência numa oportunidade de praticar o amor fraternal. As emergências não fazem as pessoas, mas mostram do que as pessoas são feitas. Quando uma tempestade terrível derrubou milhares de árvores em nossa cidade, houve quem se aproveitasse da situação usando serras elétricas para remover as árvores e cobrando um valor absurdo por seus serviços, quando as pessoas não tinham mais a quem recorrer. O amor ao dinheiro prevaleceu sobre o amor ao próximo. Nessa mesma ocasião, porém, outros – inclusive muitos adolescentes – foram de casa em casa ajudando as pessoas sem cobrar nada por seus serviços.

Cuidado (vv. 6, 7). Depois da preocupação com os animais caídos, vê-se a preocupação com as aves indefesas. Seria fácil para um homem limpar o ninho e fazer um jantar com os pássaros e os ovos, mas Deus proibiu esse tipo de atitude desumana. Se o homem levasse a mãe, os filhotes morreriam de fome e de abandono. Assim, ele poderia levar os filhos e os ovos. A ave fêmea teria, assim, outra ninhada, e isso ajudaria a preservar a espécie. Ao ler a lei mosaica, não se pode deixar de observar a preocupação do Senhor com os recursos naturais que ele colocou na Terra, não só com as aves, mas também com as árvores (Dt 20:19, 20), os jumentos (22:4) e os bois famintos (25:4). Deus preserva tanto o homem quanto os animais (Sl 36:6; 104:10-30) e espera que as pessoas o ajudem nessa importante tarefa. Deus provê alimento para a humanidade, mas a ganância de uns poucos acaba com o

suprimento de comida de muitos. O Senhor prometeu que tudo iria bem com a nação se demonstrasse preocupação pelas criaturas desamparadas (Dt 22:7; ver 4:40; 5:16; 6:3, 18; 12:25, 28; 19:13).

Segurança (v. 8). O terraço no alto de uma casa em Israel era uma área de estar para a família, especialmente durante os meses mais quentes, em que dormiam nessa parte mais fresca da casa. O proprietário deveria construir uma cerca baixa (parapeito) para evitar que alguém caísse dali. Não bastava colocar uma placa avisando as pessoas do perigo, era preciso pôr uma barreira de proteção. Muitas vezes, pensamos em nosso lar como um refúgio da violência do mundo, mas de acordo com os especialistas em segurança, o lar pode ser o local de muitos acidentes, de ferimentos e até de morte.

Generosidade (23:24, 25). A terra pertencia ao Senhor, e as colheitas eram a recompensa dele pelo trabalho fiel do povo e por sua obediência à lei. Assim, Deus tinha todo o direito de dividir sua colheita com os necessitados. Se bois famintos podiam comer dos grãos enquanto debulhavam (Dt 25:4), sem dúvida pessoas famintas podiam comer dos frutos dos campos do Senhor (Mt 12:1-8). Essa lei não dava às pessoas o direito de pegar alimentos dos campos, vinhedos e pomares de seus vizinhos sempre que tivessem vontade de comer alguma coisa. Esse privilégio era reservado aos que estavam verdadeiramente famintos e, especialmente, os trabalhadores dos campos, estrangeiros e pobres. Essa lei era de grande ajuda para os viajantes que passassem pela terra. Porém, Moisés deixou claro que a comida deveria ser levada no estômago de cada um, não em bacias ou em cestos. A lei dava às pessoas a oportunidade de suprir sua necessidade, não de satisfazer sua ganância.

Deus incentivou o povo de Israel a ser generoso com os menos favorecidos. Os lavradores não deveriam ceifar os campos com tanto cuidado a ponto de não deixar nada para os pobres e os necessitados fazerem a respiga (Dt 24:19-22; Lv 19:9, 10; 23:22; ver Rt 2). Se Israel obedecesse às leis de Deus e amasse ao próximo, Deus os abençoaria

abundantemente e proveria copiosamente para todos. Mesmo na velha aliança, as pessoas que dessem a outras receberiam bênçãos abundantes do Senhor (Pv 11:25; 22:9; Is 58:6, 7; Mt 3:10; e ver Mt 5:42; Lc 8:38; At 20:35; 2 Co 9:6).

Nós, que compartilhamos das riquezas inescrutáveis da graça de Deus pela fé em Jesus Cristo, devemos ser muito mais generosos!

4. A PRESERVAÇÃO DAS DISTINÇÕES (Dt 22:5, 9-12)

Pelo fato de os israelitas serem o povo escolhido de Deus e de estarem separados das outras nações, havia práticas aceitáveis nas culturas pagãs proibidas ao povo de Israel. Deus separou os sacerdotes e levitas para ensinar o povo a distinguir entre o certo e o errado, o limpo e o imundo, e isso ajudou seu povo a desenvolver seu discernimento. Ao obedecer a Deus e buscar sua bênção, o povo foi aprendendo o que era apropriado e correto para a sociedade israelita. A nação entrou em decadência espiritual, pois os sacerdotes e levitas não fizeram seu trabalho, e o povo começou a imitar seus vizinhos pagãos (Ez 22:23-29; 44:23).

Roupas (v. 5). O termo “unissex”, tão conhecido e aceito hoje, apareceu pela primeira vez na revista *Life* (21 de junho, 1968) num artigo que descrevia roupas unissex como “moda divertida e de bom gosto”. Nesse versículo, Deus chama isso de “abominável”. No entanto, pessoas que concordam com Moisés nem sempre concordam entre si quanto à forma como essa lei deve ser aplicada à Igreja. Uma vez que os cristãos não estão vivendo sob a velha aliança, alguns cristãos desconsideram completamente essa lei, enquanto outros a usam para dizer às mulheres de sua igreja como se vestir tanto em casa quanto em público. Não podemos ignorar a revelação de Deus no Antigo Testamento, pois Jesus e os apóstolos usaram o Antigo Testamento ao discutir questões espirituais.⁴ Mesmo que essa lei sobre as roupas não se aplique à Igreja da mesma forma que se aplicava a Israel, por trás dessa prescrição existem princípios espirituais importantes para nós (2 Tm 3:16, 17).

Em primeiro lugar, o enfoque dessa lei não é apenas sobre as roupas. Traduzindo literalmente, o versículo diz: “Não haverá coisas de homem sobre uma mulher e um homem não vestirá roupas de mulher”.⁵ A expressão “coisas de homem” pode se referir a qualquer coisa associada aos homens naquela cultura, incluindo roupas, ferramentas e armas. Se aplicarmos essa lei de modo rigoroso aos cristãos de hoje, então devemos determinar, em cada cultura e circunstância, quais são as coisas femininas e quais são as masculinas, uma tarefa que pode não ser muito fácil. Os homens semitas usavam brincos e outras jóias de ouro, uma prática que algumas igrejas desaprovam hoje em dia. Sem dúvida, esse versículo é uma proibição ao travestismo, mas um homem de uma cultura ocidental poderia usar a sombrinha ou a capa de chuva de uma mulher?

Moisés está lembrando ao povo que existe uma distinção entre os sexos, determinada por Deus desde o princípio e que Deus quer que mantenhamos essa distinção. “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1:27). Pela sabedoria divina, o homem e a mulher foram feitos um para o outro, porém diferentes um do outro. Muitas nações do mundo antigo aprovavam e praticavam o homossexualismo, até mesmo em suas religiões, mas Deus proibiu essas práticas em Israel e declarou-as crime capital (Lv 18:22; 20:13). Preservar e honrar as distinções sexuais não significa rebaixar a mulher nem exaltar o homem. Ambos foram criados por Deus à sua imagem e ambos têm parte nas bênçãos e incumbências da criação (Gn 1:28-31). Confundir essas diferenças a tal ponto que o homem não seja mais distinguível da mulher é trazer confusão para a ordem que Deus determinou para seu mundo (1 Co 11:1-16; 1 Tm 2:9-15).

Se Deus tivesse permitido que homens e mulheres se vestissem indistintamente, teria sido mais fácil pecar. Tudo o que um adúltero precisaria fazer seria vestir roupas de mulher e ninguém seria quem estava visitando a casa do vizinho... Na sociedade de hoje, os disfarces não são mais necessários.

Na verdade, os pecados sexuais são lugar-comum na mídia de entretenimento, e as pessoas parecem não se envergonhar daquilo que vêem ou fazem. Além do mais, o uso indistinto de roupas seria uma imitação dos costumes de nações pagãs que usavam tais práticas em seus rituais religiosos. “Não vos conformeis com este século” (Rm 12:2). Isso não significa que os cristãos devam se parecer com seres de outro mundo ou saídos do túnel do tempo. Os cristãos consagrados não apenas têm aparência e atitudes cristãs, mas também têm aparência e atitudes correspondentes a seu sexo. Isso se aplica, ainda, a crianças e a jovens. As modas e culturas variam e mudam, mas as meninas e mulheres cristãs devem sempre se vestir com recato (1 Tm 2:9), em trajes apropriados para a ocasião, sendo que o mesmo se aplica a meninos e homens.

Por trás dessa lei, encontramos o princípio da separação do mundo e o reconhecimento da ordem determinada por Deus para homens e mulheres. Esse é um princípio que nos ajuda a honrar a Deus e a evitar confusão e pecado. Afirmar que devemos obedecer a essa lei ao pé da letra hoje em dia mostra uma falta de compreensão do que está, de fato, sendo tratado. Isso também significa que não podemos usar roupas com misturas de fios (Dt 22:11) ou que devemos costurar borlas em nossas vestes? (v. 12; ver Nm 15:37-40; Mt 23:5). Talvez a proibição quanto à mistura de tecidos seja mais uma lembrança para Israel de sua responsabilidade de ser separado das outras nações que tinham esses costumes, talvez como parte de seu sistema religioso.

Cultivo (vv. 9, 10; Lv 19:19). Ao não colocar animais diferentes sob o mesmo jugo, os israelitas estavam, mais uma vez, reconhecendo a ordem natural determinada por Deus. Havia ainda a questão da separação, pois o boi era um animal limpo, enquanto o jumento era imundo. Do ponto de vista prático, os animais possuem temperamentos diferentes, e o fato de estarem presos à mesma junta podia criar complicações. Manter as diversas sementes separadas ao semear os campos também era um reconhecimento

do princípio da separação. É possível que as nações pagãs misturassem as sementes como parte dos rituais de fertilidade associados a seus deuses.

Tecendo roupas, arando o campo com os animais ou semeando, os israelitas deviam lembrar-se de que eram o povo de Deus e, portanto, uma nação separada. Essa era a versão apresentada na antiga aliança para a verdade que encontramos em 1 Coríntios 10:31: “Portanto, quer comais, quer bebeis ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”.

5. O RESPEITO À PUREZA PESSOAL (Dt 22:13-30)

De acordo com Fulton J. Sheen: “O sexo tornou-se um dos assuntos mais discutidos dos tempos modernos. Os vitorianos faziam de conta que ele não existia, e os modernos fazem de conta que não existe nada além dele”. Deus criou o sexo e tem todo o direito de controlar a maneira como usamos essa dádiva. Se obedecermos ao Senhor, o sexo será uma experiência enriquecedora e prazerosa. Uma das regras fundamentais é que o sexo não deve ser praticado fora dos laços do matrimônio. A lei de Moisés e o Novo Testamento exaltam a pureza pessoal e a importância da honestidade e da lealdade dentro do casamento.

A esposa difamada (vv. 13-21). A pureza sexual da mulher era importante em Israel, a fim de manter a integridade das tribos. A legitimidade dos filhos de um homem garantia a proteção e a perpetuação do nome da família e de suas propriedades. Para nós, esse não parece ser um parâmetro justo, uma vez que a mulher não tinha como testar a fidelidade do marido. No entanto, o que está em questão, aqui, não é tanto a moralidade pessoal, mas sim, de forma ainda mais importante, a integridade da família, a fim de evitar que um filho ilegítimo passasse a fazer parte dela. Se, ao consumir o casamento, o marido descobrisse que a esposa não era virgem, era possível que ela já estivesse grávida. Se o marido não agisse imediatamente para se proteger, teria de aceitar um filho de outro homem. Mas como poderia provar que esse era o caso?

Na noite de núpcias, a noiva prudente munia-se de um pedaço de tecido que seria manchado com seu sangue na consumação do casamento. Essa seria a prova de que, de fato, ela havia se casado virgem. Se, mais tarde, o marido dissesse algo diferente,⁶ a esposa e seus pais poderiam apresentar o tecido manchado como prova. Nenhuma mulher fiel iria desejar ver sua reputação difamada ou seu futuro destruído por causa da mentira de um homem rancoroso. Os anciãos açoitariam o homem e cobrariam dele cem siclos de prata (vv. 19 e 29) – o equivalente a dez anos de salário – e determinaríamos que ele jamais poderia se divorciar dela. A lei punia o homem e protegia a mulher.

Porém, se fosse provado que a acusação era verdadeira, a mulher seria apedrejada até a morte na frente da casa do pai, pois havia pecado enquanto vivia com a família. Também é possível que os pais já soubessem que sua filha não era virgem e tivessem mentido para o marido. Toda vez que os pais saíssem de casa, veriam o lugar onde a filha havia sido apedrejada. “O salário do pecado é a morte.”

Adultério (vv. 22-24). A fornicação é toda relação sexual ilícita, enquanto o adultério define especificamente os casos em que pelo menos uma das partes é casada. Quem fosse encontrado cometendo adultério era apedrejado até a morte. (No episódio descrito em João 8:1-11, ficamos sem saber o que aconteceu com o homem.) Uma moça israelita que estivesse noiva e prestes a se casar era considerada esposa de um homem (Dt 22:24), e se ela tivesse relações na cidade, isso seria considerado adultério, e ela seria apedrejada. O princípio aplicava-se mesmo que a relação não tivesse sido voluntária da parte dela, pois, uma vez que estava na cidade, poderia ter gritado por socorro. Mesmo que ninguém tivesse acudido, seus gritos serviriam de prova de que ela não estava cooperando com o ato. Seu silêncio significava consentimento.

Estupro (vv. 25-29). Uma mulher noiva que fosse atacada no campo podia gritar e não ser acudida, pois não havia ninguém para

ouvi-la. Assim, o homem era apedrejado, mas a mulher era poupada. A passagem não diz nada sobre seu futuro casamento, sendo possível que o noivo não a quisesse, se ela tivesse perdido a virgindade. Moisés não comenta a questão.

O homem que estuprasse uma moça que não estivesse noiva devia casar-se com ela, pagar ao pai da moça o preço de cinquenta siclos e não podia divorciar-se dela. Ficamos imaginando que futuro teria um casamento que começava simplesmente com um desejo lascivo e que era mantido somente pela lei. Porém, mais uma vez, a lei protegia a mulher e punia o homem.

Incesto (v. 30). Nesse caso, a mulher é madrasta do homem em questão e não sua mãe (ver Lv 18:7, 8). Levítico 20:11 condena ambos à morte. Esse pecado estava entre aqueles condenados no monte Ebal (Dt 27:20). Ao que parece, era o pecado do homem que precisava ser disciplinado na igreja de Corinto (1 Co 5).

6. LEIS DIVERSAS (Dt 23:1 - 25:19)

Temos aqui várias leis importantes para a vida de Israel e que ilustram verdades espirituais relevantes para os dias de hoje.

A inclusão na assembléia (23:1-8; 25:17-19). Era um privilégio ser membro do povo de Israel e ter parte nas bênçãos da aliança de Deus. A palavra “assembléia” pode se referir à congregação de adoradores, não à nação como um todo. Era permitido que gentios vivessem dentro do território de Israel, mas isso não lhes dava o direito de participar das festas e de outros eventos religiosos. Os gentios que se submetiam à circuncisão e que professavam que Jeová era o verdadeiro Deus vivo podiam tornar-se prosélitos (Êx 12:43-51), mas alguns deles eram excluídos por motivos diversos. O Senhor tem o direito de determinar quem pode fazer parte de sua nação santa.

Em primeiro lugar, qualquer homem emasculado (eunuco) era rejeitado (Dt 23:1). Sacerdotes com defeitos semelhantes eram proibidos de servir no altar, apesar de poderem comer dos alimentos consagrados (Lv 21:16-23), e Israel era um reino

de sacerdotes (Êx 19:5, 6). Assim, o homem que estivesse entrando para a nação não devia ter esses defeitos. É possível que alguns dos homens gentios tivessem passado por essa cirurgia como parte de sua devoção a algum deus pagão, enquanto a circuncisão israelita referia-se a pertencer ao verdadeiro Deus de Israel. O profeta Isaías falou do dia em que os eunucos seriam recebidos no reino e abençoados por Deus (Is 56:3-5). Podemos nos regozijar desde já, porque as limitações e defeitos físicos não são um impedimento para a fé em Jesus Cristo e para a participação nas bênçãos da nova aliança (At 8:26-39).

Os filhos ilegítimos (“bastardos”; Dt 23:2) também não podiam entrar na assembléia, apesar de não sabermos, ao certo, qual era o significado dessa expressão no Israel antigo. Os rabinos interpretavam o termo “bastardo” como “nascido de um casamento proibido”, mas o que vem a ser esse casamento? Poderia incluir uniões incestuosas ou casamentos envolvendo nações rejeitadas (amonitas, moabitas). É difícil entender por que a criança inocente deveria ser castigada pelos pecados dos pais (Dt 24:16). A oração “a sua décima geração” significa “eternamente” (Dt 23:3).

Os amonitas e moabitas (Dt 23:3-6) eram descendentes de Lô (Gn 19:30-38), sobrinho de Abraão, mas não usaram de bondade com seus parentes israelitas. Os amonitas não lhes venderam comida nem água, e Balaque, rei de Moabe, contratou Balaão para amaldiçoar Israel (Dt 2:9-23; Nm 22 - 24). Pelo fato de essas duas nações serem parentes de Israel, o Senhor não permitiu que os israelitas as atacassem. O castigo para elas era a exclusão eterna das bênçãos nacionais de Israel. Contudo, a moabita Rute casou-se com Boaz e entrou para a nação de Israel, tornando-se bisavó do rei Davi (Rt 4:17-22) e, portanto, parte da genealogia de Jesus Cristo (Mt 1:2-6). Rute depositou sua fé em Jeová (Rt 1:16, 17), e o Senhor a aceitou.

Os edomitas e egípcios (Dt 23:7, 8) podiam entrar para a nação na terceira geração, pois os edomitas eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó (Gn 25:24-26), e os

egípcios receberam Jacó e sua família em sua terra e cuidaram deles (Gn 46 - 47). Apesar de, posteriormente, os egípcios terem se tornado hostis, Deus transformou a família de Jacó em uma grande nação durante a estadia temporária do povo no Egito.

Os amalequitas (Dt 25:17-19) foram rejeitados por Deus, e Israel não deveria se esquecer de seus feitos perversos. Atacaram Israel depois que o povo havia saído do Egito (Êx 17:8-13), começando com os hebreus fracos e cansados na retaguarda. Josué derrotou os amalequitas, e Deus declarou guerra contra eles em caráter permanente. O rei Saul perdeu sua coroa porque não exterminou esse povo (1 Sm 15) e foi morto por um amalequita no campo de batalha (2 Sm 1:1-16). Os amalequitas só saíram de cena durante o reinado de Ezequias (1 Cr 4:41-43).

A santificação do acampamento do exército (vv. 9-14). Essa seção aplicava-se aos soldados de Israel que estivessem acampados longe de casa. O princípio básico era que deveriam tratar o acampamento como sua terra natal, pois o Senhor estava com eles até mesmo no campo de batalha, caminhando no meio deles. As nações idólatras acreditavam que deixavam seus deuses para trás quando iam para outro país, mas o Deus de Israel estava sempre com eles, pois ele é o Deus de toda a Terra. Se um soldado se tornasse imundo quando estava em casa, teria de deixar a comunidade, lavar-se e voltar no dia seguinte, e a mesma regra valia para o acampamento militar.⁷ Os homens também deviam ter um lugar fora do acampamento para depositar os excrementos. Isso não apenas evitaria que fossem contaminados cerimonialmente como também ajudaria a manter a higiene do acampamento.

Não importa para onde vamos, Deus vai conosco, e não devemos pensar que podemos desobedecer ao Senhor e escapar incólumes. A admoestação de Deus é: “te guardarás de toda coisa má” (v. 9). Quer você esteja de férias, quer longe de casa a trabalho, o Senhor está observando e deseja que você tenha tanto cuidado com seu proceder onde ninguém o conhece quanto tem nos lugares onde é conhecido. Moisés

estava em solo sagrado em Midiã (Êx 3:5), assim como Josué, perto de Jericó (Js 5:13-15).

Repartindo com os pobres e necessitados (vv. 15, 16, 19, 20; 24:6, 10-15, 19-22; 25:4). Temos aqui uma coleção de leis relacionadas às oportunidades que os israelitas encontrariam de demonstrar bondade e generosidade tanto para com seres humanos como para com animais. Diferentemente das leis de outras nações, a lei de Israel permitia aos israelitas abrigar escravos fugitivos e protegê-los. Esses escravos não eram israelitas, pois os israelitas eram proibidos de escravizar gente de seu povo. Os servos israelitas eram libertos no ano sabático ou, então, serviam voluntariamente pelo resto da vida (Dt 15:12-18). Além disso, os senhores israelitas eram proibidos de maltratar seus servos de modo a sentirem o desejo de fugir. Esses fugitivos eram das nações vizinhas, e ajudá-los daria aos israelitas a oportunidade de lhes falar sobre o Deus de Israel.

Os israelitas eram proibidos de cobrar juros quando emprestavam dinheiro ou produtos a seus compatriotas, mas podiam cobrar juros de estrangeiros (Dt 23:19, 20; ver Êx 22:25-27 e Lv 25:35-37). A bênção que o Senhor daria ao credor seria muito maior do que os juros que ele teria ganho com o empréstimo. Trata-se de outro exemplo do princípio expresso em Mateus 6:33.

Se um credor precisava de uma garantia para o empréstimo, era proibido de tomar as pedras de moinho (“mós”; Dt 24:6) do devedor, pois o homem precisava delas para alimentar sua família, inclusive ele próprio. O credor não devia humilhar aquele a quem estava emprestando ao entrar na casa dele para tomar o penhor (vv. 10-15), e se esse penhor fosse o manto do devedor, o credor devia devolvê-la até o fim do dia (Êx 22:25-27). As transações comerciais entre os irmãos israelitas deviam ser marcadas pela bondade e compaixão, tendo a finalidade de ajudar o irmão necessitado e não de enriquecer o credor.

O lavrador deveria deixar algumas “respigas” para os pobres durante a época de colheita (Dt 24:19-22; ver Lv 19:9, 10).

Isso daria aos estrangeiros, órfãos e viúvas a oportunidade de juntar alimento de maneira digna e não ser obrigados a mendigar. Assim como no caso do credor, Deus abençoaria o lavrador em seu trabalho e o recompensaria por sua bondade para com os pobres (Sl 41:1; Pv 14:21, 31; 29:7). “Mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20:35).

Essa generosidade também deveria se estender aos animais (Dt 25:4). Atar a boca do boi que debulhava o grão seria frustrante para o animal e tornaria seu trabalho desnecessariamente doloroso. Mais uma vez, o Senhor demonstra compaixão pelos animais e insta-nos a usar de piedade para com aqueles que estão sob nossos cuidados. “O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração dos perversos é cruel” (Pv 12:10). Paulo usou esse versículo para ensinar que aqueles que trabalham proclamando o evangelho devem ser sustentados pelo povo de Deus (2 Co 9:1-14; 1 Tm 5:17, 18).

Cumprindo votos religiosos (23:17, 18, 21-23). A questão dos votos também é discutida em Levítico 27 e em Números 30. Um israelita podia fazer um voto de dar algo para o Senhor ou de fazer algo por ele em troca de uma bênção especial. Esse voto também podia incluir a abstinência de algo a fim de agradar ao Senhor. Os votos eram estritamente voluntários (Dt 23:22), deviam ser declarados em público e cumpridos obedientemente (v. 23). Aquilo que havia sido prometido devia ser levado ao santuário e entregue ao Senhor (Ec 5:4-6). Fazer uma promessa e não cumpri-la era tomar o nome do Senhor em vão (Êx 20:7; Pv 20:25).

No entanto, nenhum voto poderia ser pago ao Senhor usando dinheiro proveniente de uma atividade pecaminosa (Dt 23:17, 18). A prostituição é um eufemismo para a idolatria (Êx 34:15, 16), pois os templos pagãos ofereciam prostitutas e prostitutas cultuais aos adoradores. Nenhum homem ou mulher de Israel deveria prostituir-se nos santuários e nenhum voto poderia ser pago ao Senhor com “salário de prostituição”. Não “[praticamos] males para que venham bens” (Rm 3:8). Em certo sentido, todo dinheiro é contaminado – Paulo e Pedro chamaram-no

de “sórdida ganância” (1 Tm 3:3, 8; Tt 1:7, 11; 1 Pe 5:2) –, mas às vezes o dinheiro é especialmente sórdido devido à sua origem.

Providenciando para que se fizesse justiça (24:7, 16-18; 25:1-3, 11-16). O rapto era proibido (Dt 24:7) e era considerado crime capital (Êx 21:16). Raptar pessoas e vendê-las era tratá-las como mercadorias e não como seres humanos criados à imagem de Deus. Os israelitas não deviam escravizar aqueles que eram de seu povo nem vendê-los como escravos. O Senhor havia livrado seu povo do Egito para que fosse livre, e o rapto era contrário a esse propósito de Deus.

Quando um transgressor era declarado culpado e condenado a ser açoitado, não deveria ser humilhado, mas sim castigado de maneira justa (Dt 25:1-3). Açoitá-lo de menos seria uma forma de minimizar sua ofensa, e açoitá-lo demais seria tratá-lo de modo desumano e “[aviltá-lo]”. O limite era de quarenta chibatadas, mas posteriormente os judeus mudaram o limite para trinta e nove chibatadas (2 Co 11:24), a fim de que o número legal não fosse acidentalmente ultrapassado. Quer seja um juiz sentenciando um condenado, quer seja um pai disciplinando o filho, o castigo deve ser adequado à transgressão e não deve humilhar o transgressor. De acordo com a Declaração de Direitos dos Estados Unidos: “Não será cobrada fiança

excessiva, nem muitas excessivas serão impostas, assim como também não serão impostos castigos cruéis e incomuns” (Emenda VIII).

Uma briga entre dois homens (Dt 25:11, 12) é um convite para mais confusão; o melhor era que procurassem ajuda e que resolvessem suas diferenças de maneira construtiva. Era compreensível uma mulher querer que o marido vencesse, mas sua forma de ajudar poderia ser vergonhosa, injusta e extremamente ofensiva. Ao descrever essa situação, Moisés proibiu o uso de todo e qualquer método indecente de combate tanto por homens quanto por mulheres. O castigo certamente refrearia qualquer um de fazer tal coisa.

Pesos e medidas honestos (vv. 13-16) eram essenciais para o bem de todos (Lv 19:35-37). Os profetas condenaram os pesos e medidas desonestos, pois seu uso fazia com que os pobres ficassem ainda mais pobres, e os ricos ainda mais ricos (Am 8:5; Mq 6:10, 11; ver também Pv 11:1; 16:11; 20:10, 23). Mais uma vez, Moisés lembrou o povo de que sua segurança e bênção futuras na terra dependiam de sua obediência à lei de Deus. Ao ser desonestos com os outros, estavam sendo desonestos consigo mesmos.

“A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34).

1. O que o filho rebelde fez a seus pais foi o que a nação de Israel fez ao Senhor. Desobedeceram a suas leis e voltaram-se para ídolos, desperdiçaram as boas dádivas recebidas dele e endureceram seu coração contra a disciplina do Senhor. Em vez de destruí-los, o Senhor os exilou na Babilônia, permitiu que voltassem para sua terra e, por fim, enviou-lhes seu Filho.
2. A ênfase desses versículos é sobre o fato de que a mulher não podia voltar para seu primeiro marido. “Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela [...] por ter achado coisa indecente nela [...] lhe lavar um termo de divórcio [...] se ela [...] se casar com outro homem [...] e este lhe lavar um termo de divórcio [...] ENTÃO seu primeiro marido não poderá tornar a desposá-la” (destaque nosso). Moisés está partindo do pressuposto de que a prática do divórcio fazia parte da vida de Israel havia um bom tempo e não suspendeu tal procedimento. Essa lei foi dada para proteger a mulher e não para que fosse mais fácil para o homem divorciar-se dela.
3. De acordo com a lei de Israel, uma mulher não podia se divorciar do marido. Contudo, em Marcos 10:11, Jesus suspendeu essa proibição. Marcos estava escrevendo especificamente para os gentios do mundo romano.
4. Jesus e seus apóstolos, por exemplo, usaram princípios do relato da criação (Gn 1 - 3) para explicar a relação entre o homem e a mulher no casamento, no lar e na igreja (Mt 19:1-12; Mc 10:1-12; 1 Co 11:1-16; 1 Tm 2:9-15).
5. KEIL, C. F. e DELITZCH, F. *Commentary on the Old Testament*, v. 3, p. 409.
6. Por que um homem pagaria o preço pela noiva (v. 29) e, mais tarde, tentaria livrar-se dela depois de casado? Ao que parece, não havia demorado para desagradar-se dela e queria seu dinheiro de volta. Talvez a esposa tivesse descoberto

algo sobre o marido que ele não queria que fosse revelado e esperava tirá-la de seu caminho. Contudo, sem dúvida ele sabia que o tecido da noite de núpcias provaria que ele era um mentiroso. Ainda assim, quando o amor se transforma em ódio, as pessoas fazem coisas inexplicáveis. Ver 2 Samuel 13:1-22.

7. O versículo 10 descreve algo imprevisto ocorrido durante a noite e sobre o qual o homem não tinha controle, mas que o havia deixado impuro. Era possível que se tratasse de um fluxo corporal (Lv 15:16) ou de tocar algo imundo (Lv 22:4-9).

OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA, BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES

DEUTERONÔMIO 26:16 – 30:20

Moisés concluiu sua explicação da lei em Deuteronômio 26:15 e, então, começou o encerramento de sua longa mensagem de despedida com um desafio pessoal à obediência. Como vimos anteriormente, o Livro de Deuteronômio segue o padrão dos antigos tratados que os reis entregavam às nações conquistadas. O Senhor é o Rei, e Israel é sua nação escolhida e povo especial. Ele tomou os israelitas para si ao derrotar o Egito e ao libertar Israel para amá-lo e servi-lo. Moisés havia recapitulado o que o Senhor havia dito a Israel e feito por ele e havia apresentado em detalhes os termos da aliança. Na seqüência, ele explica os benefícios da obediência ao Senhor e as disciplinas que virão se Israel desobedecer.

1. AS ESCOLHAS SÃO APRESENTADAS (Dt 26:16 – 28:14)

Em sua breve introdução a esta parte final (26:16-19), Moisés lembrou o povo de que havia lhes dado a Palavra do Senhor, os mandamentos do Deus vivo e verdadeiro. Também lembrou-os de que, no Sinai, a nação havia prometido obedecer a tudo o que Deus lhes dissesse (Êx 19:7, 8; 24:3-8), e que o Senhor havia prometido abençoá-los se lhe obedecessem de todo o coração (Dt 7:6-16). Nas campinas de Moabe, os israelitas aceitaram esse compromisso solene pela segunda vez e iriam confirmá-lo pela terceira vez quando entrassem na Terra Prometida (Js 8:30-35). Para o povo de Deus, não basta desfrutar as bênçãos e privilégios da aliança, também é preciso aceitar as responsabilidades incluídas nesse pacto. Moisés explicou essas responsabilidades e

pediu ao povo que se submetesse inteiramente ao Senhor.

Os dois montes (27:1-13). Observe que Moisés anunciou a aliança ao povo juntamente com os anciãos (v. 1) e os sacerdotes (v. 9). Em breve, Moisés sairia de cena, mas a nação continuaria, e a autoridade de Deus operaria por meio dos líderes civis e religiosos. O povo não estava assumindo um compromisso com Moisés, estava se comprometendo com o Senhor, afirmando que “[guardaria] todos os seus mandamentos” (Dt 26:18).

Uma vez que Josué tivesse conduzido a nação até a Terra Prometida, deveria interromper sua conquista e realizar uma cerimônia de reafirmação da aliança. Ela seria realizada em Siquém, tendo o monte Ebal ao norte e o monte Gerizim ao sul. O vale entre os dois montes formava um anfiteatro natural onde os sacerdotes e levitas poderiam se reunir e proclamar a Palavra de Deus. As seis tribos que se reuniram no monte Gerizim, o monte da bênção, foram Simeão, Levi, Judá, Issacar, José (Efraim e Manassés) e Benjamim, todos filhos de Jacó com suas duas esposas – Raquel e Lia. Reunidas no monte Ebal, o monte da maldição, estavam as tribos de Rúben e Zebulom (ambos filhos de Lia) e os filhos das servas, Gade, Aser, Dã e Naftali.

Josué foi ordenado a cair algumas pedras grandes no monte Ebal e a escrever nelas as leis que Deus havia dado a seu povo. Não se tratava de um gesto simbólico, pois as palavras deveriam ser escritas claramente para que o povo pudesse ler (Dt 27:8).¹ Também deveria construir um altar na base do monte Ebal, onde os sacerdotes ofereceriam holocaustos (consagração total a Deus) e ofertas pacíficas (celebração alegre das bênçãos de Deus). Ter a lei de Deus sem um sacrifício pelos pecados traria condenação e não consagração, pois “pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20). Aquele local continha lembranças sagradas para os israelitas, pois tanto Abraão (Gn 12:6, 7) quanto Jacó (Gn 33:17-20) haviam construído um altar próximo a Siquém.

As maldições (vv. 14-26). Quando os líderes espirituais leram essas maldições,

não estavam predizendo o que aconteceria se o povo desobedecesse a Deus. Estavam pedindo ao Senhor que enviasse essas maldições sobre seu povo se ele o abandonasse.² E quando o povo dizia: “Amém” (“assim seja”) depois de cada declaração, declarava a Deus que estava disposto a ser disciplinado se lhe desobedecesse. O “amém” deles não era apenas anuência às palavras ditas, mas também sua aceitação dos termos da aliança. Essas maldições estavam intimamente relacionadas com a lei que Moisés havia transmitido e explicado, especialmente os dez mandamentos.

A primeira maldição (v. 15) condenava a idolatria e a transgressão do primeiro e do segundo mandamentos (Êx 20:1-6). Esculpir ou fundir um ídolo e adorá-lo significava negar que Jeová era o único Deus vivo e verdadeiro, e foi esse o pecado que trouxe a ira de Deus sobre Israel. Mesmo que um israelita adorasse um deus em segredo e não tentasse persuadir mais ninguém a fazer o mesmo como ele, ainda assim era um grande pecado e devia ser castigado (Dt 13). A segunda maldição referia-se à família e ao lar (Dt 27:16; Êx 20:12), e a terceira, à propriedade (Dt 27:17; 19:14; Êx 20:15). A quarta maldição (Dt 27:18) revelava a preocupação especial de Deus por pessoas com deficiências. Levítico 19:14 menciona surdos e cegos.

Na quinta maldição (Dt 27:19), o enfoque é sobre tratar com bondade e justiça os desamparados e desafortunados da terra. Viúvas, órfãos e estrangeiros com frequência eram maltratados e explorados em Israel, e Deus chamou seu povo para defender a causa dessas pessoas e para garantir que recebessem justiça (Dt 24:17, 18; Êx 22:21-24; Lc 18:1-8). Os israelitas haviam sido estrangeiros no Egito durante muitos anos, e o Senhor cuidou deles e julgou o povo que se aproveitou deles. Se Israel não cuidasse dos necessitados, Deus também julgaria seu povo. Dentre outras coisas, esse cuidado significava levar os dízimos especiais ao Senhor a cada três anos para alimentar os necessitados (Dt 14:28, 29).

As maldições de número seis a nove (Dt 27:20-23) referem-se à pureza sexual e

estão relacionadas ao sétimo mandamento (Êx 20:14). Esses pecados eram comuns no meio das nações em Canaã, e Israel não deveria imitar seus vizinhos. O incesto (Dt 27:20, 22, 23) foi condenado especificamente em Israel (Dt 22:30; Lv 18:8, 9, 17; 20:11). Rúben perdeu seus direitos de primogenitura porque transgrediu essa lei (Gn 35:22; 49:3, 4). A bestialidade (Dt 27:21; Lv 18:23) era praticada em algumas religiões pagãs, e “animais sagrados” eram usados na adoração a seus falsos deuses. A perversão do sexo não é apenas mau uso de uma dádiva de Deus, mas também uma ameaça ao casamento e à família, elementos fundamentais para o sucesso de uma nação.

As duas maldições seguintes (Dt 27:24, 25) são uma repetição do sexto mandamento: “Não matarás” (Êx 20:13). Essa ordem refere-se a um ato deliberado (homicídio doloso) e não a uma morte acidental (homicídio culposo; Êx 21:12-14). O homicídio é o maior de todos os crimes pelo fato de suas conseqüências não poderem ser desfeitas, porém matar o próximo é um crime ainda pior. A única coisa mais abominável que isso seria receber dinheiro para matar alguém! A lei de Moisés condenava os que aceitavam subornos para transgredir a lei, pois ganhar dinheiro não é mais importante do que preservar a justiça (Dt 16:19; Êx 23:8). A lei ensinava o povo de Israel a amar o próximo e a fazer-lhe o bem (Lv 19:18; Dt 22:1-4). Porém, quer a vítima seja o próximo, quer seja um desconhecido, o homicídio é inaceitável e deve ser punido.

A décima segunda maldição (Dt 27:26) determinava que os israelitas deviam obedecer a todas as leis que Deus havia lhes dado, quer tivessem sido mencionadas nessa lista quer não. Paulo citou esse versículo em Gálatas 3:10 para provar que não podia haver salvação pela obediência à lei, uma vez que ninguém podia obedecer a tudo o que Deus havia ordenado. No entanto, o propósito da lei não era a salvação, mas sim a condenação, a acusação de todas as pessoas como pecadoras e, conseqüentemente, a necessidade de todos crerem em Cristo, “porque o justo viverá pela fé” (Gl 3:11).³

Sem convicção da culpa não existe verdadeira conversão, e essa convicção vem quando vemos a santidade de Deus em sua lei e a pecaminosidade de nosso próprio coração. Dizer que guardamos algumas das leis de Deus não nos justifica, pois transgredir uma lei é transgredir a todas elas (Tg 2:10, 11). Se você estivesse pendurado num precipício segurando uma corrente com dez elos, quantos elos teriam de se romper para você cair?⁴

Quando os israelitas na Terra Prometida dissessem “amém” para essas doze maldições, estariam aceitando a lei de Deus, prometendo lhe obedecer e concordando que mereciam ser julgados se lhe desobedecessem. Seria uma ocasião solene na história de Israel. No Sinai, Israel concordou em obedecer à lei de Deus (Êx 19:7, 8; 24:3-8); logo depois, fizeram um bezerro de ouro e o adoraram! Ser um filho de Deus dedicado e obediente exige mais do que só palavras piedosas e boas intenções (Mt 7:21-23).

As bênçãos (28:1-14). O texto não diz que o povo deveria responder à declaração dessas bênçãos com “amém”, como havia feito com as maldições. As maldições não eram proféticas, enquanto essa lista de bênçãos era a promessa profética de Deus daquilo que ele faria por seu povo, se eles honrassem seu compromisso com ele. As bênçãos de Deus são inteiramente fruto de sua graça, quer seu povo aprove-as e aprecie-as, quer não.⁵ Essas bênçãos elevariam Israel acima de todas as outras nações (Dt 26:19) e fariam de Israel uma “luz para as nações” (Is 49:6). Isso daria aos israelitas a oportunidade de falar a outras nações sobre o verdadeiro Deus vivo (Dt 28:10).

Deus prometeu abençoar seu povo em todos os lugares – na cidade, nos campos e em casa – com tudo de que precisassem.⁶ Ao trabalhar diariamente, entrando e saindo (v. 6; 8:17, 18), Deus cuidaria deles e faria seus esforços prosperarem. O Senhor lhes daria a vitória sobre os inimigos para que pudessem manter a posse da terra. Supriria chuva para os campos, pois a água é um bem precioso no Oriente. Deus enviaria as

“primeiras chuvas” em outubro e novembro, as “chuvas de inverno” de dezembro a fevereiro e as “últimas chuvas” em abril, e as plantações de Israel seriam férteis e abundantes. Venderiam o excedente das colheitas a outras nações e não teriam de comprar alimentos de ninguém.

Devemos ter sempre em mente o motivo pelo qual o Senhor prometeu essas bênçãos maravilhosas. Em primeiro lugar, a nação de Israel ainda se encontrava em sua infância espiritual (Gl 4:1-7), e uma forma de ensinar as crianças é por meio de recompensas e de castigos. Essas bênçãos materiais eram a maneira de Deus lembrar seus filhos de que a obediência traz benefícios e a desobediência traz disciplina. No entanto, não demorou para os israelitas mais perspicazes perceberem que as pessoas perversas também estavam recebendo bênçãos, de modo que a fé era mais do que simplesmente ser recompensado (ver Sl 73; Jr 12:1-4; Jó 21:7-15).⁷ Aos poucos, Deus ensinou a seu povo que sua obediência era um testemunho às outras nações (Dt 28:12) e que glorificava o nome dele. A obediência também construía um caráter piedoso no povo para que pudesse, de fato, constituir uma nação santa e um reino de sacerdotes.

2. A DESCRIÇÃO DAS MALDIÇÕES (Dt 28:15-68)

Essa seção é profética, pois descreve os juízos que Deus prometeu mandar sobre a nação se o povo se recusasse a obedecer à sua lei. Os juízos são apresentados com mais detalhes do que as bênçãos e são exatamente o oposto das bênçãos. (Comparar os vv. 1-14 com os vv. 15-64.) Quando viessem essas calamidades, Deus queria que o povo reconhecesse a mão do Senhor e que não pensasse que se tratava de uma série de coincidências.

Assim como Deus prometeu abençoá-los em todas as áreas da vida se obedecessem à sua aliança, também advertiu-os de que iria amaldiçoá-los em todas as áreas da vida – seu corpo, suas famílias, seus campos e seus rebanhos – se desobedecessem. Seriam acometidos de doenças físicas e mentais, destituídos das necessidades básicas da

vida, derrotados nas batalhas e dispersos pelo mundo. A palavra “destruído” é repetida funestamente (vv. 20, 24, 45, 48, 51, 61, 63) bem como a expressão “te ferirá” (vv. 22, 25, 27, 28, 35). Os israelitas seriam consumidos por doenças e fome e derrotados na guerra, sendo que os corpos dos mortos ficariam expostos para tornar-se alimento de pássaros e de animais. (Para um israelita, era uma desgraça terrível não ter o corpo sepultado.) Sofreriam das enfermidades e pragas que haviam visto no Egito, as esposas dos israelitas seriam violentadas, e seus filhos, mortos diante dos olhos deles. Por fim, seriam levados para o cativeiro, onde aprenderiam que, na verdade, servir a Deus não era tão difícil, mas então seria tarde demais.

Eis um resumo dos juízos relacionados nesses versículos:

filhos amaldiçoados (v. 18);
 baixa taxa de natalidade (vv. 62, 63)
 colheitas destruídas e animais mortos (vv. 18, 22, 31, 32, 38-40, 42, 51)
 confusão mental, loucura e temor (vv. 20, 28, 29, 34, 65-69)
 enfermidade (vv. 21, 22, 27, 28, 35, 59-61)
 seca, fome e sede (vv. 22-24, 48)
 derrota nas guerras (vv. 25, 49, 50, 52)
 esposas violentadas (v. 30)
 opressão e escravidão (vv. 29, 33, 48, 68)
 canibalismo (vv. 53-57)
 cativeiro (vv. 36, 63, 64)
 corpos não sepultados (v. 26)
 planos frustrados (v. 30)
 pobreza, dívida e nudez (vv. 44, 48)
 roubos (vv. 29, 31, 33)
 filhos raptados (vv. 32, 41)
 posse da terra por estrangeiros (v. 43)
 vergonha e desprezo (v. 37)

É um tanto deprimente ler essa longa lista de calamidades, especialmente quando nos damos conta de que Israel passou por tudo isso em algum momento e que pessoas inocentes sofreram em função dos pecados dos culpados.

Não só Deuteronômio 28, como também o Livro de Lamentações de Jeremias, lembram, em tom grave, que não compensa

rebelar-se contra Deus e seguir nossos próprios caminhos. E qual o motivo de tantas dificuldades? “Porquanto não serviste ao SENHOR, teu Deus, com alegria e bondade de coração, não obstante a abundância de tudo” (Dt 28:47). O povo recebeu de bom grado e desfrutou as bênçãos, mas não honrou ao Senhor que lhes concedeu essas bênçãos (Dt 8:11-20). “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças” (Rm 1:21). A idolatria começa com um coração arrogante e egoísta que ama as dádivas mais do que o Doador e acaba perdendo tanto o Doador quanto as dádivas.

Quem é a “nação de longe, da extremidade da terra” e que “virá, como o vôo impetuoso da águia” (Dt 28:49)? Nas Escrituras, a imagem da águia é usada com frequência para descrever invasões militares de diferentes nações, inclusive a Babilônia (Jr 48:40; 49:22; Ez 17:3), o Egito (Ez 17:7) e a Assíria (Os 8:1). Os assírios capturaram Israel, o reino do Norte, em 722 a.C., e a Babilônia invadiu Judá, o reino do Sul, em 606 a.C. e destruiu Jerusalém e o templo em 586 a.C. Milhares de judeus foram levados para o cativeiro na Babilônia e forçados a viver naquela terra de ídolos e isso os curou, de uma vez por todas, da idolatria. Talvez a intenção da imagem de Deuteronômio 28:49 seja abranger todas as invasões que sobrevieram ao povo de Deus como disciplina, inclusive a invasão romana em 70 d.C. Aquilo que é descrito nos versículos 49-57 sem dúvida aconteceu tanto quando Jerusalém foi sitiada pelos babilônios como quando foi dominada pelos romanos. Ser vendidos como escravos e não ser comprados constituiria uma das humilhações do povo nesses tempos de disciplina (v. 68). Ninguém os queria!

Os judeus tornaram-se não apenas um povo castigado, mas também disperso (vv. 63-68; 2 Rs 17:6; 25:21). Em 538 a.C., depois do cativeiro na Babilônia, receberam permissão para voltar a sua terra, reconstruir Jerusalém e restaurar o templo (Ed 1 - 6; Livro de Ageu), e cerca de cinqüenta mil judeus aproveitaram essa oportunidade de

retornar. Israel tinha um templo, um sacerdócio e uma nação até a invasão romana no ano 70 d.C. Depois disso, os judeus tornaram-se, mais uma vez, um povo disperso, que podia ser encontrado em quase todas as nações da Terra. Não tinham terra, nem templo e nem sacerdócio e, no entanto, não importava o país onde estivessem, os judeus jamais perderam sua identidade nacional. Só em 14 de maio de 1948 é que Israel se tornaria, mais uma vez, uma entidade política de âmbito mundial.

Nesses tempos de grande angústia, mais de um judeu perguntou ao Senhor: "Por que o teu povo sofre enquanto as nações gentias perversas escapam da aflição? Como pode um Deus santo usar nações ímpias para disciplinar seu povo escolhido?"

Esse é um dos temas do Livro de Habacuque e que é discutido em vários salmos (Sl 74; 77; 79, 80). Mas o fato de Israel ser o povo escolhido de Deus e uma nação especial explica por que ele os disciplina: quanto maior o privilégio, maior a responsabilidade. "De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades" (Am 3:2). A eleição divina não é uma desculpa para a rebelião humana. "Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido" (Lc 12:48).

Encontramos aqui uma mensagem muito séria para a Igreja no mundo de hoje. Assim como o antigo Israel, somos o povo escolhido de Deus e uma nação santa (1 Pe 2:9, 10) e temos sido grandemente abençoados em Jesus Cristo. Estamos aqui para anunciar as virtudes do Senhor e para declarar as boas novas do evangelho. Se deixarmos de glorificar a Deus e de obedecer à sua Palavra, ele nos disciplinará, como fez com Israel (Hb 12:1-14). "Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?" (1 Pe 4:17). Se Deus disciplina seu próprio povo por seus pecados, o que fará com aqueles que não pertencem à família e que resistiram à vontade dele? Contudo, o julgamento começará na família de Deus, e a

única forma de evitá-lo é deixar nossos pecados e fazer a vontade de Deus.

Jesus disse que a igreja que pensava ser rica era pobre, e a igreja que pensava ser pobre era rica (Ap 2:9; 3:17). O que Jesus revelará sobre nossas igrejas quando vier o fogo da disciplina?

3. A RENOVAÇÃO DA ALIANÇA (Dt 29:1-29)

A palavra "aliança" é usada sete vezes neste capítulo. Na verdade, este capítulo é uma miniatura do Livro de Deuteronômio. Moisés recapitulou o passado (vv. 1-8), instou o povo a obedecer à lei de Deus (vv. 9-15) e advertiu os israelitas sobre o que aconteceria se desobedecessem (vv. 16-29). Ao ler e estudar o discurso de despedida de Moisés, pode acontecer de nos cansarmos desses temas repetidos, mas eles são a essência da aliança de Deus com seu povo. Apesar de os sacerdotes e levitas terem uma cópia da lei de Moisés para consultar (Dt 17:18; 28:58; 29:20, 27; 31:26), o resto do povo dependia de sua memória, e, portanto, a repetição era importante. "A mim, não me desgosta e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas" (Fp 3:1). Com frequência, o povo de Deus se esquece daquilo que deve se lembrar e se lembra daquilo que deve esquecer!

A aliança declarada em Deuteronômio não era diferente daquela dada no monte Sinai. Antes, era uma explicação e aplicação daquela aliança para a nova geração e sua nova situação na terra prometida. Se aquilo que Moisés ensinou em Deuteronômio tivesse sido uma aliança separada, teria oferecido sacrifícios de sangue para selar a aliança como fez no Sinai (Êx 24:3-8; Hb 9:18-22). Muitas das pessoas que aceitaram a aliança no Sinai haviam perecido no deserto, mas ainda havia uma "nação de Israel" que deveria prestar contas ao Senhor e obedecer àquela aliança (Dt 4 - 5). As gerações futuras da Grã-Bretanha receberam tanto benefícios quanto obrigações quando o rei John assinou a Carta Magna, em 1215, e o mesmo aconteceu com as futuras gerações de norte-americanos quando a Constituição dos Estados Unidos passou a vigorar em 1789.

As gerações futuras de israelitas tinham um compromisso com a aliança feita pelos seus antepassados no Sinai, e essa aliança só foi anulada quando Cristo morreu na cruz (Cl 2:11-14).

Fazendo uma recapitulação (vv. 1-8). Ao que parece, Moisés nunca se cansava de lembrar o povo da graça e da misericórdia que Deus concedeu aos descendentes de Abraão, Isaac e Jacó. Deus julgou a terra do Egito e livrou Israel da escravidão (vv. 2, 3), cuidou do povo em sua jornada pelo deserto (vv. 5, 6) e deu-lhes vitória sobre as nações a leste do Jordão (vv. 7, 8). Por causa de tudo o que Deus havia feito por eles, os israelitas estavam prestes a entrar na terra prometida e a tomar posse de sua herança. Durante a longa jornada do povo, Deus não permitiu que suas roupas e sapatos se gastassem⁸ e deu-lhes maná para comer e água para beber. Um povo nômade não teria como colher uvas para fazer vinho nem grãos para preparar pão.

Pedindo obediência (vv. 9-15). O segredo da prosperidade era a bênção de Deus, e o segredo para receber essa bênção era a obediência à lei de Deus. Moisés começou com os líderes de Israel (v. 10), pois se os líderes não derem o exemplo como pessoas espirituais, não se pode esperar muito dos seguidores. No entanto, ninguém do acampamento ficou de fora, nem as mulheres e crianças, nem os estrangeiros que habitavam no meio deles, nem os mais humildes servos. Deus não podia, verdadeiramente, ser Deus para eles caso se recusassem a aceitar a sua lei e a obedecer a ela. Aquilo que o Senhor faz por nós depende, em grande parte, da forma como nos relacionamos com ele (2 Co 6:14-18). A aliança que ele fez com os pais deles permanecerá para sempre, mas a possibilidade de desfrutar das promessas dependia de cumprirem suas obrigações.

É importante observar que aquilo que os israelitas fizeram naquele dia afetou seus descendentes nos anos que se seguiram (Dt 29:14, 15). Assim como a decisão de Israel no Sinai representou um compromisso para essa nova geração nas campinas de Moabe, também a decisão da nova geração seria um compromisso para seus descendentes.

Advertindo sobre o julgamento (vv. 16-29). Moisés lembrou o povo da idolatria repugnante que haviam presenciado quando eram escravos no Egito e, mais tarde, enquanto viajavam pelo deserto. Se haviam assistido àqueles atos com o coração consagrado ao Senhor, sem dúvida o que tinham visto causara repulsa e, certamente, não iriam ter qualquer participação naqueles cultos pagãos. Ninguém de Israel – nenhum indivíduo, família ou tribo – deveria envolver-se com a idolatria, pois qualquer idólatra poderia tornar-se uma “raiz de amargura” que contaminaria a nação toda. Hebreus 12:15 aplica essa mesma advertência às assembleias locais de cristãos, pois “um só pecador destrói muitas coisas boas” (Ec 9:18). Mesmo que os transgressores mantivessem seus pecados em segredo e estivessem certos de que escapariam do julgamento, o Senhor saberia e julgaria. Não poderia haver perdão. Seriam afligidos e mortos, e seus nomes seriam apagados de debaixo do céu (Dt 9:14; Êx 32:32, 33). Sofreriam das mesmas pragas citadas em Deuteronômio 28.

Se a nação seguisse os idólatras e desobedecesse ao Senhor, então Deus julgaria toda a terra, e Israel se tornaria um exemplo para outros do que acontece quando a lei de Deus é infringida. Aqueles que passassem por lá veriam uma terra sem pessoas nem campos cultivados. Uma terra devastada como a região ao redor de Sodoma e Gomorra. A desolação absoluta de Israel seria uma lembrança de que o preço da desobediência a Deus é altíssimo.

Israel seria um povo obediente? Deus enviaria essas maldições? O que o futuro reservava para a nação? É possível que alguns israelitas estivessem se fazendo essas perguntas, mas não era o momento para especular; era hora de consagrar-se. “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, NOSSO Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29:29). Nossa responsabilidade como povo de Deus não é de tentar forçar as portas do futuro para que se abram, mas sim obedecer à vontade de Deus aqui e agora. Quando

um homem perguntou: “Senhor, são poucos os que são salvos?”, a resposta de Jesus foi pessoal e não filosófica. “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão” (Lc 13:23, 24). Não é necessário conhecer os segredos de Deus, mas é essencial obedecer àquilo que o Senhor nos revelou claramente.

4. A RESTAURAÇÃO DAS BÊNÇÃOS (Dt 30:1-20)

Em várias partes das Escrituras, a voz estrondosa de juízo é seguida do tom amoroso de esperança. Infelizmente, Israel deixou o Senhor e seguiu os ídolos, e Deus trouxe sobre seu povo os juízos declarados em sua aliança. Nenhuma nação na história já sofreu tanto quanto Israel e, no entanto, nenhuma nação já ofereceu tanta riqueza espiritual ao mundo. Neste capítulo, Moisés olhou séculos adiante e viu a futura restauração de Israel em sua terra sob as bênçãos de Deus.

Promessa (vv. 1-10). O termo “coração” é uma das palavras-chave deste capítulo (vv. 2, 6, 10); as outras são “ordeno” ou “mandamentos” (vv. 2, 8, 10, 11, 16), “tornar” ou “converter” ou “mudar” (vv. 2, 3, 10) e “vida” (15, 19, 20). A relação é evidente: se o povo de Deus se convertesse de seus pecados e se voltasse, de todo o coração, para Deus e para os mandamentos dele e lhes obedecesse, então gozaria vida como só o Senhor pode dar. Nessa passagem, Moisés está olhando para o futuro, quando Israel, depois de ter sido disciplinado, se arrependerá, deixará seus caminhos maus e voltará para o Senhor.

Até certo ponto, houve um ajuntamento depois do cativeiro na Babilônia, quando um remanescente fiel voltou à terra e reconstruiu o templo. Contudo, o cumprimento pleno dessa promessa (vv. 3-6) só ocorrerá no final dos tempos. Atualmente, o povo judeu encontra-se disperso por todo o mundo, sendo que em seu país, Israel, há cerca de seis milhões de judeus. No entanto, o Senhor prometeu ajuntar seu povo, levá-lo de volta a sua terra e abençoá-lo. Contudo, antes disso, deve ocorrer uma “operação” espiritual, a circuncisão do coração, para que possam

receber seu Messias, amar seu Senhor e experimentar a vida espiritual que ele prometeu.

Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto ao futuro de Israel. Alguns dizem que a Igreja de hoje é o “Israel espiritual” e que todas essas promessas do Antigo Testamento estão sendo cumpridas no sentido espiritual dentro da Igreja. Outros dizem que é preciso entender as promessas do Antigo Testamento literalmente e que devemos esperar seu cumprimento quando Jesus Cristo voltar para estabelecer seu reino na terra. Nesta passagem, Moisés dá a impressão de estar falando para Israel e sobre Israel e não a respeito de algum outro “povo de Deus” no futuro, como a Igreja. A Igreja não tem uma relação de aliança com a terra de Israel, pois o Senhor deu essa terra a Abraão e a seus descendentes (Gn 15), e as bênçãos e maldições foram declaradas para Israel, não para a Igreja. Ao que parece, haverá um cumprimento literal dessas promessas para Israel. Quando se arrependerem, voltarem para Jeová e abrirem o coração para a obra do Espírito de Deus (Ez 37:1-14; Is 11:2; Jl 2:28, 29), então Deus os salvará de seus pecados e os estabelecerá no reino glorioso do Messias (Zc 12:10 – 13:1; 14:8, 9).

Escolha (vv. 11-20). Pelo fato de sermos criados à imagem de Deus, temos capacidade de pensar, coração para sentir e vontade própria para decidir, e Deus pede que tomemos as decisões certas. Não somos robôs; podemos ouvir a Palavra de Deus, descobrir a vontade dele e decidir se vamos obedecer ou não. Moisés deixou claro que tomar essa decisão não é uma tarefa difícil. Afinal, temos a verdade de Deus revelada em sua Palavra e temos essa Palavra a nossa disposição. Não precisamos subir ao céu para obter essa Palavra nem atravessar o oceano e ir a outro país, pois Deus trouxe sua Palavra até nós. Paulo citou essa passagem em Romanos 10:6-10 para provar que a justificação não é obtida pela realização de grandes feitos, mas sim pelo simples exercício da fé em Jesus Cristo, o Senhor.

Além disso, trata-se de uma escolha entre a vida e a morte, e quem escolheria deliberadamente a morte? No caso de Israel, a escolha

era entre confiar em Deus e desfrutar a abundância da terra (“a vida e o bem”) ou voltar-se para ídolos e sofrer as maldições declaradas na aliança (“a morte e o mal”) – “vida e bênção” ou “morte e maldição”. Será que é uma decisão difícil? É claro que, hoje em dia, a escolha é entre a vida eterna e a morte eterna, a salvação pela graça de Deus ou a condenação pela justiça de Deus. A única decisão sensata é escolher a vida. “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3:36).

Moisés chamou toda a criação para testemunhar a grande oportunidade de Israel de aceitar a aliança e desfrutar suas bênçãos

(Dt 30:19; 31:28; 32:1; Sl 50:1; Is 1:2). Deus ofereceu vida ao seu povo, pois Deus é nossa vida (Dt 30:20). “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17:28). Recebemos dele não apenas a vida física em nosso primeiro nascimento, mas também a vida espiritual quando nascemos de novo (Jo 3:1-18).

Essa passagem marca o final do discurso de despedida de Moisés, a recapitulação da lei e a renovação da aliança. Moisés ainda tem muito a dizer, e aquilo que diz é fundamental. Depois disso, Moisés morreu, e o Senhor sepultou seu corpo num lugar onde ninguém pôde encontrá-lo. Josué assumiu a liderança e conduziu Israel ao triunfo em sua Terra Prometida.

1. O texto não diz quanto de Êxodo, Levítico e Deuteronômio Moisés incluiu nas “palavras todas desta lei”. Sem dúvida, os dez mandamentos seriam escritos nas pedras, bem como o “livro da aliança” (Êx 20:22 - 24:8).
2. As predições das maldições que Deus ameaçou enviar sobre seu povo desobediente são apresentadas em Deuteronômio 28:15-38. Quando Deus julgou os israelitas por seus pecados, estava apenas fazendo aquilo que haviam concordado que ele fizesse.
3. “O justo viverá pela sua fé” (Hc 2:4) é um dos versículos fundamentais das Escrituras. No Novo Testamento, ele é citado em Romanos 1:17, Gálatas 3:11 e Hebreus 10:38. Romanos explica quem é “o justo”, Gálatas diz como ele “vive”, e Hebreus esclarece o significado de “pela fé”.
4. O modo como a santa lei de Deus é menosprezada, hoje em dia, tem produzido um evangelismo superficial e trazido para dentro das igrejas os “pecadores religiosos”, que jamais se arrependem de seus pecados, pois nunca foram convencidos deles. “A pessoa que não se arrepende continua dando as costas para Deus” (A. W. Tozer, *Men Who Met God*, p. 45).
5. “Guardar para cumprir” pode ser traduzido como “seguir cuidadosamente” e é uma expressão encontrada, ainda, em Deuteronômio 16:12; 17:19; 19:9; 24:8; 28:1, 13, 15, 58; 29:9; 31:12.
6. Deus não prometeu riqueza material a seus filhos espirituais, mas abençoou sua Igreja com “toda sorte de bênção espiritual” (Ef 1:3) e, em Cristo, elevou-nos “sobre todas as coisas” (Ef 1:20-23). Não devemos aplicar à Igreja as promessas da aliança que Deus fez com Israel.
7. Os amigos de Jó criticaram-no, pois, de acordo com a teologia deles, “Deus sempre abençoa o obediente e amaldiçoa o desobediente”. Tendo em vista que Jó havia perdido sua riqueza, família e saúde, só podia ser um homem desobediente, pois Deus o estava castigando. Não entendiam que Deus também podia estar aperfeiçoando seu servo. Até mesmo os discípulos de Jesus achavam que, se havia alguém que seria salvo, eram os ricos (Mt 19:16-30). Jesus tornou-se pobre para fazer-nos ricos (2 Co 8:9) e prometeu abençoar os pobres de espírito (Mt 5:3; ver 2 Co 6:10; Ap 2:9; 3:17).
8. Não devemos supor que as roupas das crianças “cresceram” junto com elas. Deus impediu que as roupas se desgastassem para que as crianças mais novas tivessem algo adequado para vestir. As roupas dos adultos não precisavam de muitos ajustes, uma vez que a nação tinha uma alimentação simples.

O CÂNTICO DE MOISÉS

DEUTERONÔMIO 31:1 – 32:47

“**E** este povo se levantará, e se prostuirá, indo após deuses estranhos na terra para cujo meio vai” (Dt 31:16).¹ Foi essa a mensagem que Deus deu a Moisés depois de terminado o discurso de despedida para o povo que ele havia servido fielmente durante quarenta anos.² Sem dúvida, essas palavras entristeceram o coração de Moisés, mas ele sabia que Israel tinha uma longa história de rejeição ao Senhor e de adoração a ídolos. No Sinai, havia feito um bezerro de ouro e se entregado a uma orgia pagã (Êx 32) e em Cades-Barnéia quis escolher um novo líder e voltar para o Egito (Nm 14). Nessas duas rebeliões, foi a intercessão de Moisés que salvou a nação de ser destruída pelo juízo de Deus. Em sua jornada pelo deserto, os israelitas haviam reclamado para Moisés, com frequência, sobre a forma como ele os estava liderando. Quando a nova geração chegou à fronteira de Canaã, os homens entregaram-se à imoralidade e à idolatria com mulheres de Moabe, e Deus enviou uma praga que matou vinte e quatro mil israelitas (Nm 25). De fato, a história de Israel era trágica.

De que maneira Moisés poderia encorajar seu povo amado a ser fiel ao Senhor, que havia feito tanto por eles? Moisés fez o que o Senhor lhe ordenou: deu ao povo o Livro da Lei e disse-lhes como deveriam usá-lo, depois entoou um cântico de admoestação. Aquilo que Moisés fez para prevenir a apostasia em Israel precisa ser feito na Igreja de hoje, pois o histórico da Igreja não é muito melhor do que o de Israel.³ Temos três responsabilidades diante do Senhor: honrar os líderes tementes a Deus, ouvir a Palavra de

Deus e dar ouvidos às advertências que Deus nos dá.

1. HONRAR OS SERVOS DE DEUS (Dt 31:1-8, 23)

Moisés estava com oitenta anos de idade quando Deus o chamou para liderar seu povo (Êx 7:7) e, aqui, está com cento e vinte anos, de modo que vinha servindo ao Senhor e a seu povo havia quarenta anos. Chegara a hora de dar lugar a seu sucessor, Josué. Moisés ainda estava em boa forma física (Dt 34:7), mas o Senhor havia lhe dito que, por causa de seu pecado em Cades, não poderia entrar em Canaã (Dt 1:37, 38; 3:23-27; 4:21, 22; Nm 20:1-13). Moisés havia sido um servo fiel em seu trabalho de liderar o povo, de transmitir a lei de Deus e de construir uma nação, mas Josué foi o homem que Deus escolheu para liderar o exército de Israel na conquista da terra de Canaã. A oração “sair e entrar” (Dt 31:2) descreve as atividades de um líder a serviço do povo (Nm 27:15-17; Js 14:11) e, dali em diante, Josué seria esse líder.

Josué não era desconhecido do povo, pois vinha servindo-o com dedicação desde que deixara o Egito. Muito antes de tornar-se o sucessor de Moisés, fora seu servo (Êx 33:11; ver Mt 25:21). Foi Josué quem comandou o exército na derrota dos amalequitas quando atacaram a nação depois do êxodo (Êx 17:8-16) e quem esteve com Moisés no monte Sinai (Êx 24:13; 32:17). Josué foi um dos doze espias enviados a Canaã, e tanto ele quanto Calebe apoiaram Moisés e Arão, encorajando o povo a confiar em Deus e a tomar posse da terra (Nm 13 – 14). Em resposta às orações de Moisés pedindo um líder, Deus nomeou Josué e transferiu a ele sua autoridade diante de toda a congregação (Nm 27:12-23).

Moisés encorajou Josué ao garantir-lhe que Deus iria adiante de seu povo e os ajudaria a conquistar a terra e a destruir as nações ímpias de Canaã (Dt 31:3-6, 23). A “ordem”, no versículo 23, é semelhante àquela que o Senhor deu a Josué depois da morte de Moisés (Js 1:1-9). Josué deveria repetir as vitórias que o Senhor havia dado

a Israel no lado leste do Jordão, quando Israel derrotou Seom e Ogue, o que significava destruir as nações cananéias e tudo o que estivesse ligado à sua religião. É bom saber que o mesmo Deus que marchou adiante dos exércitos de Israel ainda ajuda seu povo nos dias de hoje (Hb 13:5).

Na obra do Senhor, não há substitutos para uma liderança temente a Deus. Assim como Moisés fez com Josué, Cristo com seus apóstolos e Paulo com Timóteo e Tito, a geração mais velha deve preparar a mais nova para tomar seu lugar (2 Tm 2:2). O Senhor nos apresentou as qualificações para os líderes da igreja (1 Tm 3; Tt 1) e devemos nos dedicar a orientar e a treinar pessoas qualificadas para que se tornem esses líderes. Nas palavras do colunista político Walter Lippmann: "A prova final de um líder é o que deixa como legado para os outros homens após ele: a convicção e a força de vontade para prosseguir". Os líderes não devem ser apenas qualificados, mas também preparados e experientes (1 Tm 3:10), de modo que não sejam novatos no serviço do Senhor (v. 6). Por vezes, a falta de líderes talentosos e qualificados é evidência do juízo de Deus sobre seu povo (Is 3:1-4, 12; 57:1). Hoje em dia, a situação é outra, mas para os israelitas da antiguidade, seria humilhante ter mulheres e jovens servindo em cargos de liderança. Eram os homens de mais idade que tinham a sabedoria e a experiência para liderar o povo.

2. OUVIR A PALAVRA DE DEUS (Dt 31:9-13, 24-29)

No monte Sinai, o Senhor deixou claro para Israel que, ao contrário das nações a seu redor, eles deveriam ser um povo dedicado à palavra, que ouviria a voz de Deus e que lhe obedeceria (Dt 4:15-20). Os pagãos podiam ver seus ídolos feitos por mãos humanas, mas não podiam ouvi-los falar, pois seus ídolos eram mortos (Sl 115:1-8). Se Israel abandonasse as palavras vivas do Deus vivo e se curvasse para adorar ídolos mudos, estaria vivendo pelas aparências, não pela fé, e estaria abrindo mão da verdade divina em troca de superstições humanas. Foi pela Palavra

que Deus criou o Universo e pela mesma Palavra ele realiza seus propósitos na história (Sl 33:6-13).

Durante seu longo ministério, Moisés havia mantido um registro de tudo o que Deus havia feito e dito (Êx 17:14; 24:4-8; 34:27; Nm 33:2; Dt 28:58; 29:20, 27), e ele deixou esse registro com os sacerdotes que carregavam a arca da aliança. Ordenou-lhes que colocassem o livro dentro da arca no Santo dos Santos, onde o Senhor estava entronizado no propiciatório entre os querubins (Sl 80:1). Deus governa seu mundo por sua Palavra, e o povo de Deus deve respeitar essa Palavra e lhe obedecer. Em anos posteriores, seria exigido do rei de Israel que escrevesse, estudasse e mantivesse consigo uma cópia da lei (Dt 17:18-20). A cada ano sabático, na Festa dos Tabernáculos, a lei deveria ser lida e explicada publicamente para todo homem, mulher e criança, quer fosse israelita quer estrangeiro, de modo que todos a ouvissem, temessem e lhe obedecessem (Ne 8). Era especialmente importante que as crianças ouvissem a Palavra (Dt 31:13) para que pudessem aprendê-la desde cedo e desfrutar uma vida longa na terra prometida.⁴

Moisés disse ao povo claramente o que o Senhor havia lhe falado: eram rebeldes e de dura cerviz e, depois da morte de seu líder, iriam afastar-se do Senhor para adorar ídolos (v. 27). Pessoas de dura cerviz se recusam a prostrar-se em reverente submissão ao Senhor, endurecendo-se contra o Senhor e insistindo em seguir seus próprios caminhos (ver Êx 32:9; 33:3, 5; 34:9; Dt 9:6, 13; 10:16). Ouvir a Palavra de Deus, meditar sobre ela e lhe obedecer era o melhor remédio contra a apostasia. Infelizmente, depois da morte de Moisés e de Josué, o povo de Israel deu ouvidos a falsos profetas, afastou-se da verdade de Deus e entregou-se à prática da idolatria (Jz 2:6, 7). Séculos depois, Estêvão acusou sua própria nação de ser constituída de "homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos" e de sempre resistir ao Espírito Santo, que lhes falava por intermédio da Palavra (At 7:51).

Encontramos aqui uma lição importante para a Igreja de hoje, pois Deus deu a seu povo a verdade de sua Palavra, e devemos guardá-la, obedecer-lhe e transmiti-la para a geração seguinte (ver 1 Tm 1:11, 18, 19; 6:20; 2 Tm 1:13, 14; 2:2). A Igreja de Jesus Cristo está sempre separada da extinção por uma única geração, portanto é importante que cada cristão estude as Escrituras, receba a verdade, pratique-a e passe-a adiante para outros. Precisamos de profissionais fiéis como Esdras, o escriba que “tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7:10). Também precisamos de leigos dedicados e dispostos como Priscila e Âqüila, que possam explicar melhor o caminho do Senhor para os cristãos que se encontram confusos (At 18:24-26).

As doutrinas da fé cristã, conforme registradas nas Escrituras, não foram inventadas pelos cristãos da Igreja primitiva, mas sim dadas por Deus para seus servos escolhidos. Judas 3 chama esse conjunto de verdades sagradas de “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”. Não devemos ensinar qualquer outra doutrina além dessa na igreja local (1 Tm 1:3), assim como também não devemos pregar qualquer outra coisa além da Palavra inspirada de Deus (2 Tm 4:1-5). Paulo chamou esse tesouro de verdades de “sã doutrina” (1 Tm 1:10; 2 Tm 4:3; Tt 1:9; 2:1) e de “sãs palavras” (2 Tm 1:13). Se queremos ter igrejas espiritualmente saudáveis, os santos devem alimentar-se da “sã doutrina”, pois qualquer outra coisa é “loquacidade frívola” (1 Tm 1:6; 2 Tm 2:16), é um câncer (2 Tm 2:17). Apesar de ser uma coisa boa os cristãos encorajarem-se uns aos outros, é preciso cuidar para que esse “tempo de compartilhar” promova a verdade da Palavra, não só o que os indivíduos pensam da Palavra.

As igrejas locais devem imitar Israel e ter tempos determinados para se reunir, ler as Escrituras e ouvi-las sendo explicadas. Em meu próprio ministério, tive o privilégio de falar em grandes conferências bíblicas das quais participaram cristãos com um só

propósito: ouvir da Palavra de Deus o que o Senhor desejava que fizessem. Hoje em dia, muitas igrejas não conseguem realizar conferências bíblicas por falta de participantes. Todos estão ocupados demais, e uma hora ou duas no domingo de manhã uma vez por semana é tudo o que podem dedicar ao Senhor. A Palavra não é mais lida e ensinada nos lares como costumava ser, e, a menos que freqüentem uma escola cristã, as crianças recebem educação cristã durante os trinta minutos da escola dominical e, talvez, mais uma hora durante algum programa semanal na igreja. É de se admirar que as famílias e as igrejas estejam se distanciando cada vez mais da fé?

3. OUVIR AS ADVERTÊNCIAS DE DEUS (Dt 31:14-22, 30; 32:1-47)

Deus instruiu Moisés a encontrar-se com ele no tabernáculo e a levar consigo Josué, seu sucessor. Falando da nuvem de glória, o Senhor disse aos dois homens que Israel se afastaria do verdadeiro Deus vivo e adoraria a ídolos (“se prostituirá”), e que ele esconderia seu rosto do povo e enviaria os julgamentos citados em sua aliança (Dt 28). A causa dessa apostasia não seria apenas a influência pagã ao redor dos israelitas, mas também sua própria prosperidade na terra (Dt 31:20). Eles se esqueceriam de Deus, o Doador generoso, e deixariam de agradecer a ele por sua bondade. Se a nação obedecesse ao Senhor e o servisse com alegria, seu rosto resplandeceria sobre eles (Nm 6:22-27). Mas se os israelitas se voltassem para os ídolos, o Senhor esconderia seu rosto e disciplinaria seu povo.

O Senhor instruiu Moisés e Josué⁵ a escrever o cântico que ele lhes daria, um cântico que o povo poderia aprender e do qual se lembraria facilmente. Esse cântico admoestaria a nova geração e as gerações seguintes sobre os perigos da idolatria e as conseqüências trágicas da apostasia. Também serviria para lembrá-los da bondade e da misericórdia do Senhor. Depois que Moisés e Josué escreveram o cântico (Dt 31:19), ensinaram-no aos líderes (v. 28) e a toda a congregação (v. 30).⁶ Antes do cântico,

Moisés lembrou solenemente que, depois de sua morte, o povo abandonaria o Senhor e, assim, chamaria para si a disciplina do Senhor. Essas palavras são parecidas com aquelas do discurso de despedida de Josué para os oficiais e o povo (Js 23 - 24) e as últimas palavras de Paulo aos presbíteros de Éfeso (At 20:17-37).

O cântico tem quatro divisões principais: o caráter de Deus (Dt 32:1-4); a bondade de Deus para com seu povo (vv. 5-14); a fidelidade de Deus em disciplinar seu povo (vv. 15-25) e a vingança de Deus contra seus adversários (vv. 26-43). O cântico apresenta, em linhas gerais, o tratamento de Deus com seu povo e uma breve revisão da história de Israel, desde o tempo que passaram no deserto até o julgamento do fim dos tempos. Assim, mostra tanto aspectos históricos quanto proféticos.

O caráter de Deus (vv. 1-4). Apesar de Josué estar com ele, foi Moisés quem falou (vv. 44, 45) e quem começou o cântico, apresentando duas imagens interessantes: um tribunal (v. 1) e chuva (v. 2). Convocou os céus e a terra a ser testemunhas de suas palavras (Dt 30:19; 31:28), pois o cântico acusaria Israel de abandonar seu Deus e de quebrar a aliança. Essa era a ofensa mais grave que o povo poderia cometer. Tudo na criação obedece ao Senhor exceto seu próprio povo! (Ver Sl 119:89-91; 148:5-9; Is 1:1-3.) Contudo, Moisés não pediu uma tempestade, mas transmitiu sua mensagem como uma chuva leve, confiando que a Palavra amoleceria o solo duro e daria frutos no coração do povo (Is 55:10, 11). “[Falar] a verdade em amor” (Ef 4:15) é a melhor forma de proclamar a Palavra de Deus.

Na escola da vida, nossa maior preocupação deve ser aprender sobre o caráter de Deus, e Moisés foi um excelente aluno (Êx 33:12 - 34:9; Sl 90). Para os israelitas, o nome do Senhor era “Jeová”, nome revelado a Moisés na sarça ardente (Êx 3:13-15). Moisés não proclamou seu próprio nome, pois era um homem manso (Nm 12:3), e seu desejo era honrar o nome do Senhor. O outro “cântico de Moisés” (Êx 15) também exalta os atributos de Deus. Em dois

versos sucintos, Moisés atribui ao Senhor perfeição, grandeza, justiça, verdade, fidelidade e retidão e descreve Deus como “a Rocha” (Dt 32:4, 15, 28, 30, 31). Essa é uma imagem bíblica bastante usada para Deus, que se refere a ele como um Deus estável, forte, imutável, fiel e permanente. Jacó o chamou de “Pedra” (Gn 49:24), e Jesus falou, em várias ocasiões, sobre “a Pedra” e “a Rocha” (Mt 21:42-44; At 4:11; Rm 9:32, 33; 1 Pe 2:4, 7, 8; ver Dn 2).

Bem no início do cântico, Moisés voltou sua atenção para a grandeza de Deus, pois se compreendessem a grandeza dele, os israelitas não desejariam adorar a ídolos feitos por homens. A. W. Tozer costumava nos lembrar de que “nenhuma religião jamais foi maior do que sua concepção de Deus”.⁷ Também dizia: “O primeiro passo no declínio de uma igreja é dado quando ela abre mão da mais alta consideração por Deus”.⁸

A bondade de Deus para com seu povo (vv. 5-14). Seria de se esperar que Israel tivesse exaltado a um Deus tão grandioso e considerado um privilégio conhecê-lo e servi-lo, mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, voltaram-se para ídolos, corromperam-se e sujaram seu próprio nome e reputação. “Procederam corruptamente contra ele, já não são seus filhos, e sim suas manchas; é geração perversa e deformada” (v. 5). Que maneira de retribuir a seu Pai por tudo o que ele havia feito por eles!⁹ Esperamos de pessoas não convertidas que sejam perversas e corruptas (Fp 2:15), mas não do povo de Deus (Mt 17:17; Lc 9:41).

Mais um vez, Moisés convidou o povo a lembrar-se daquilo que Deus havia feito por eles nos “dias da antiguidade” (v. 7). Os mais jovens podiam perguntar aos mais velhos do que se lembravam, pois era responsabilidade dos crentes mais velhos ensinar os mais jovens (Sl 78:5-8; Tt 2:1-8). O Senhor é o Deus da história e da geografia. Ele dividiu as nações (Gn 10) e colocou-as onde queria que ficassem (At 17:26). No entanto, tinha um plano especial para Israel, pois os israelitas eram seu povo, e Deus providenciou uma terra adequada para eles.¹⁰ O drama da salvação se desenrolaria na terra de Israel,

de modo que aquela terra era muito especial para o Senhor.

O Senhor livrou Israel do Egito e depois se encontrou com ele no deserto do Sinai. Era um povo desamparado, e ele o tomou para si. Era a “menina dos seus olhos”, ou seja, a pupila dos olhos (Sl 17:8; Pv 7:2; Zc 2:8).¹¹ Moisés usou a imagem de uma águia a fim de ilustrar o cuidado de Deus para com seu povo (Dt 32:11-13a). Num determinado estágio da vida de seus filhotes, os pais destroem o ninho e forçam as pequenas aves a voar. Para certificar-se de que os filhotes não irão cair, a ave adulta fica perto deles, enquanto “experimentam suas asas”, voando debaixo deles e até carregando-os com suas garras fortes. É um belo retrato do processo difícil de amadurecimento pelo qual Deus faz com que passemos, assim como fez com a nação de Israel. O povo de Israel foi feito para “[voar] sobre os altos da terra” (v. 13) e não para rastejar no lodo como os pagãos. Cada uma das experiências que tiveram durante sua jornada pelo deserto foi mais uma oportunidade de crescer, mas, com frequência, regrediram e começaram a agir como bebês.

O tema dos versículos 13b-14 é Israel desfrutando a terra de Canaã. Deus lhes deu uma terra farta que produzia mel das rochas e na qual as oliveiras podiam vicejar do solo pedregoso. Rebanhos se multiplicavam nos pastos, e frutos e grãos cresciam nos campos, pomares e vinhedos.¹² Sem dúvida, o Senhor lhes deu uma terra boa em que nada faltava.

A fidelidade de Deus em disciplinar seu povo (vv. 15-25). Moisés advertiu o povo de que sua prosperidade imerecida na terra seria uma tentação para que se tornassem arrogantes e se esquecessem do Senhor (Dt 8), de modo que Deus teria de discipliná-los – e foi exatamente isso o que aconteceu. “seu povo amado” ou “amado” são outros nomes para Israel (Dt 33:5, 26; Is 44:2). No original, o termo usado é *Jeshurun*, que significa “o reto”. No que se referia à sua posição diante de Deus: “Não viu iniquidade em Jacó, nem contemplou desventura em Israel” (Nm 23:21). Porém, com referência à sua conduta,

Deus estava pronto a disciplinar seu povo amado por não viver à altura de sua posição. Deus tem um problema parecido com a Igreja de hoje, pois nossa conduta nem sempre é digna da vocação para a qual fomos chamados (Ef 4:1ss).

Os “zelos” de Deus são semelhantes àquelas de um marido amoroso e fiel traído pela esposa. (Essa é a história do Livro de Oséias; ver também Jr 2:25.) A idolatria é a adoração a demônios (1 Co 10:20), de modo que Israel não apenas estava entristecendo ao Senhor, como também favorecendo o maligno. Esqueceram-se de sua Rocha, que era tanto seu Pai (“que te gerou”) como sua mãe (“que te deu o ser”, ou seja, “que te deu à luz”). Os israelitas são seus “filhos e filhas” (Dt 32:19). Suas atitudes e ações impediram que ele os amasse como desejava e, portanto, Deus teve de demonstrar seu amor ao discipliná-los.

Uma vez que o levaram a zelos por seguirem a outros deuses, o Senhor decidiu provocar os ciúmes de seu povo ao abençoar e usar outras nações (v. 21; Os 1). Em termos históricos, isso se refere ao fato de Deus usar diversas nações gentias para disciplinar Israel em sua terra (Livro de Juízes) e, depois, a Babilônia para levá-los ao cativeiro. Contudo, em termos proféticos, refere-se a Deus chamando os gentios a ser salvos depois que Israel havia desprezado a mensagem do evangelho (Rm 10; 11:11ss). Deus quer usar a Igreja de nosso tempo para causar ciúmes em Israel pelas bênçãos espirituais que temos e que os judeus tiveram no passado (Rm 9:1-5; 11:13, 14). Devemos “anunciar as suas virtudes [do Senhor]” (1 Pe 2:9) para que os perdidos anseiem por tomar parte nas bênçãos que temos em Cristo. É triste ver palavras como fogo, flechas, fome, tísica, feras do campo, serpentes, espadas e assolação sendo usadas para o povo especial de Deus, mas esses foram os juízos que o Senhor enviou sobre Israel (Lv 26:14ss). Depois da invasão romana, no ano 70 d.C., a nação foi dispersa, e hoje encontramos judeus em todo o mundo.

A vingança de Deus contra seus adversários (vv. 26-43). Em duas ocasiões anteriores,

o Senhor havia ameaçado destruir seu povo, e Moisés o havia lembrado de suas promessas da aliança e do fato de que as nações gentias estavam observando (Êx 32:11-14; Nm 14:11-25). Se Deus destruísse Israel, então os gentios diriam: "O Deus deles não é forte o bastante para levá-los a sua terra e cuidar deles!". Moisés se preocupava tanto com a glória de Deus quanto com o bem de Israel. Deus sabia que os gentios iriam se vangloriar de ter derrotado e humilhado os israelitas e, assim, interveio e salvou seu povo (Ez 20:8-29). Também castigou com severidade as nações gentias por terem ido longe demais sendo cruéis ao tratar com os israelitas (Jr 50:10-13,17). Foi o Senhor quem permitiu que a Assíria e a Babilônia capturassem seu povo, e as nações agiram como se fossem grandes conquistadoras.

Israel não se encontrava naquela situação por causa da força de seus inimigos, mas por sua própria falta de sabedoria (Dt 32:28, 29; Is 1:3). Tinham as Escrituras que registravam as alianças; tudo o que precisavam fazer era obedecer às leis de Deus, e ele os abençoaria. Essas mesmas Escrituras predisseram a vinda do Messias e, no entanto, quando ele chegou, Israel não o reconheceu (Jo 1:26). Hoje, há um véu sobre o coração deles quando lêem o Antigo Testamento e não conseguem ver Cristo nas Escrituras (2 Co 3:12-18; Rm 11:25-36; Jo 5:39).

Se Israel tivesse sido fiel ao Senhor, Deus teria dado a seu povo a vitória sobre os inimigos, e um soldado israelita teria sido equivalente a vinte ou a até cem soldados inimigos (Lv 26:6-8). Infelizmente, sua rebelião levou a Rocha a entregá-los nas mãos de seu adversário, mesmo que esse inimigo não tivesse nada comparado ao que Israel tinha em Jeová (Dt 32:31-33). Seus deuses ("rocha") certamente não eram como o Deus vivo de Israel, e sua vinha (nação) não era plantada como Israel na terra (Is 5). Comer as uvas do inimigo e beber seu vinho era ser envenenado, mas ainda assim Israel adorou os seus deuses! "É gente falta de conselhos" (Dt 32:28).

Deus não ignora os atos perversos dos inimigos de Israel, antes tem suas armas prontas

para vingar seu povo (vv. 34, 35). A palavra "isto", no versículo 34, refere-se à vingança de Deus contra os inimigos de Israel e de Deus, algo que o Senhor havia planejado havia muito tempo. Nessa passagem, Deus é apresentado como um guerreiro justo que derrotará os inimigos de Israel e, ao mesmo tempo, como um juiz que julgará ("fará justiça") seu próprio povo e se compadecerá deles. Trata-se de uma mensagem de esperança para Israel, pois a disciplina de Deus é o primeiro passo para restaurar seu povo e voltar a abençoá-lo, como fazia antes que os israelitas se voltassem para os ídolos.¹³ Os falsos deuses nos quais confiavam não seriam capazes de ajudar Israel, mas o Senhor mostraria seu grande poder em favor do seu povo desamparado e o livraria do inimigo. É possível que os versículos 39-43 sejam uma descrição da batalha do Armagedom (ver Ap 14:17-20; 16:12-16). Não há qualquer registro, nas Escrituras ou na história, indicando uma ocasião específica em que Deus tenha vingado os judeus ao derrotar nações gentias, de modo que essa profecia ainda está para se cumprir.

A ênfase dessa parte de encerramento do cântico (Dt 32:34-43) é a justificação final de Israel diante das nações gentias que a atacaram, humilharam e abusaram dela. Até certo ponto, o povo foi vingado quando a Babilônia foi tomada por Dario, o medo, e os judeus tiveram permissão de voltar para sua terra, mas certamente esses versículos descrevem algo muito mais abrangente e dramático do que esse acontecimento. A linguagem vívida nos faz pensar nas descrições do Antigo Testamento do Dia do Senhor e da matança que ocorrerá nesse dia (Is 2:10-21; Am 5:18-20; Sf 1:7-18). Ao mesmo tempo que será um dia de juízo sobre os gentios pela maneira como trataram Israel (Jl 3:1-3), também será uma ocasião para aperfeiçoar Israel, e, no final, eles verão seu Messias, se arrependirão e se converterão (Zc 9 - 14).

Tendo Josué a seu lado, Moisés encerrou o cântico rogando ao povo que desse ouvidos a essa mensagem e que ensinasse esse cântico a seus filhos, para que as futuras

gerações obedecessem à lei e se guardassem da idolatria (ver Dt 4:9, 10; 6:7; 11:19; Êx 10:2; 12:26).

A Palavra de Deus é a vida do povo de Deus, assim como Deus é nossa vida (Dt 30:20), pois a Palavra nos transmite a verda-

de sobre Deus e as bênçãos de sua graça. Receber a Palavra e lhe obedecer é participar da vida de Deus. “Porque esta palavra não é para vós outros coisa vã; antes, é a vossa vida” (Dt 32:47). “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz” (Hb 4:12).

1. A idolatria é descrita como prostituição, pois Israel havia se “casado” com Jeová quando aceitou a aliança no monte Sinai. Ao condenar a adoração aos ídolos, os profetas, muitas vezes, compararam a nação a uma esposa infiel. Ver Oséias 1 - 2; Isaías 54:5; Jeremias 2:1-3; 3:14; 31:32. No Novo Testamento, o equivalente é amar o mundo (Tg 4:4).
2. Não é fácil ministrar quando se sabe que as pessoas irão rejeitar suas mensagens, mas devemos ser fiéis até o fim. Anos antes, Moisés já sabia que o Faraó endureceria seu coração (Êx 7:1-7). Isaías sabia que a nação se tornaria mais cega e surda (Is 6), e Jeremias estava ciente de que a calamidade e o cativo ocorreriam apesar de seu ministério (Jr 1:13-19).
3. No final da era apocalíptica, várias igrejas em Apocalipse 2 - 3 já haviam sido contaminadas por falsas doutrinas, idolatria, imoralidade e por uma liderança não espiritual. Quando chegamos à igreja de Laodicéia, Jesus está do lado de fora tentando entrar! (Ap 3:20).
4. A filosofia educacional moderna nos aconselha a usar uma abordagem apropriada para cada idade diferente, mas há ocasiões em que a igreja toda precisa se reunir e ouvir a Palavra de Deus. Se a Palavra é apresentada com clareza e simplicidade, até as crianças podem compreendê-la e aprender alguma coisa, e, além disso, é bom que as famílias adorem reunidas. A Igreja de hoje precisa de um João Batista que “[converta] o coração dos pais aos filhos” e traga união aos lares e congregações (Lc 1:17).
5. No original, o verbo “escrever”, do versículo 19, encontra-se no plural (“escrevei”), indicando a participação tanto de Moisés quanto de Josué.
6. Numa sociedade que não possuía livros impressos nem materiais para escrever facilmente disponíveis, uma boa memória era essencial para o sucesso. Ao contrário das pessoas de nossa era da multimídia, os israelitas sabiam escutar atentamente e lembrar-se com exatidão daquilo que haviam ouvido.
7. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. Harper, 1961, p. 9.
8. *Ibid.*, p.12.
9. O Senhor não é chamado de “Pai” com muita frequência no Antigo Testamento: Deuteronômio 32:6, [18, 19]; Isaías 63:16; 64:8; Malaquias 2:10; ver também Êxodo 4:22.
10. É pouco provável que o versículo 8 refira-se a Gênesis 10 e às setenta nações originárias de Sem (v. 26), Cão (v. 30) e Jafé (v. 14) e às setenta pessoas da família de Jacó que foram para o Egito (Gn 46). Ao longo da história, muitas nações surgiram e desapareceram, o número delas mudou.
11. Literalmente, o termo significa: “o pequeno homem do olho”, ou seja, o reflexo de alguém que está olhando nos olhos de outra pessoa. A palavra hebraica deixa implícito: “algo precioso e insubstituível que deve ser guardado com grande zelo”.
12. No versículo 14, “o mais escolhido trigo” significa, simplesmente, o melhor trigo. Quanto à gordura dos carneiros, nos sacrifícios, a gordura que ficava sobre os rins era a parte mais seleta da carne (Êx 29:13, 22; Lv 3:3, 4, 9, 10, 14, 15). O “sangue das uvas” refere-se ao suco de uva e ao vinho (Gn 49:11).
13. O versículo 36 é citado em Hebreus 10:30 e aplicado ao povo de Deus na nova aliança. A oração, no versículo 35, “a seu tempo, quando resvalar o seu pé” é o texto do sermão famoso de Jonathan Edwards intitulado: *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*.

O FIM DE UMA ERA

DEUTERONÔMIO 32:48 – 34:12

“**E**nsina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coraçaõ sábio” (Sl 90:12). É bem provável que Moisés tenha escrito essas palavras depois da grande crise em Cades-Barnéia, quando Israel rebelou-se contra Deus e contou os dias da geração mais velha (Nm 13 – 14). Mas, agora, Moisés estava contando as horas, pois estava prestes a deixar o acampamento de Israel, subir até o monte Nebo e entregar-se aos braços amorosos de Deus para descansar. Moisés deixou o acampamento e esta vida, mas também deixou para trás dádivas maravilhosas a seu povo e a nós.

1. UMA BÊNÇÃO PARA ISRAEL (Dt 33:1-29)

O “Cântico de Moisés” havia sido uma lição de teologia, com várias advertências enérgicas, porém a bênção final que Moisés concedeu a seu povo é repleta de graça e de misericórdia. É bem diferente da “bênção” que Jacó deu a seus filhos antes de morrer (Gn 49), revelando o caráter oculto de cada um e expondo seus pecados.¹ Moisés começou e terminou seu discurso exaltando a grandeza do Senhor com o qual ele estava prestes a se encontrar no alto da montanha (Dt 33:1-5, 26-29) e, depois, citou o nome de todas as tribos, exceto Simeão,² e deu-lhes uma bênção do Senhor. Moisés escreveu e falou sobre si mesmo na terceira pessoa (vv. 1, 4), da mesma forma como Davi falou ao Senhor, em 2 Samuel 7:20, ao admirar-se com as promessas de Deus. Tanto Moisés quanto Davi eram como crianças pequenas que, com freqüência, usam o próprio nome ao falar com adultos.

A glória de Deus (vv. 1-5). Ao fazer uma retrospectiva de sua longa vida, uma cena que causou uma forte impressão em Moisés foi a revelação da glória de Deus no monte Sinai (Êx 19:16-25; 24:15-18; Hb 12:18-21) e a comunicação da lei. Ele havia visto a glória de Deus de perto quando estava no monte Sinai intercedendo ao Senhor (Êx 33 – 34). Essa mesma descrição é usada no cântico de Débora em Juízes 5:4, 5 e, também, quando o profeta Habacuque louvou ao Senhor (Hc 3:3). Quanto maior é nosso conhecimento da Palavra de Deus, mais somos capazes de expressar corretamente nossa adoração. Nada substituiu os “salmos e hinos e cânticos espirituais” (Ef 5:19; Cl 3:16) encontrados nas Escrituras.

Deus veio³ das miríades de anjos no céu para estar com Israel. Isso porque, “na verdade, [ama] os povos” (Dt 33:3). Ao longo do Livro de Deuteronômio, Moisés enfatizou o amor especial de Deus por Israel e sua graça ao escolhê-los para ser seu povo (4:31-40; 7:6, 13; 14:2; 26:19; 28:9). A graça e o amor soberanos de Deus jamais são motivo de orgulho para os pecadores. Antes, são verdades que devem nos humilhar e criar em nós um desejo de servi-lo de todo coração. Os “santos” em 33:2, são os anjos, mas os santos do versículo 3 são o povo de Israel, aqueles que foram separados para Deus, *Jeshurum*, “os retos”. Apesar da desobediência freqüente dos israelitas, Deus os considera seu povo especial. “Não viu iniquidade em Jacó, nem contemplou desventura em Israel” (Nm 23:21). A igreja de Corinto estava repleta de pecados, e, no entanto, Paulo dirigiu-se aos coríntios como “santos” (1 Co 1:1, 2). Diante de Deus, somos justificados em Jesus Cristo (2 Co 5:21), mas, em nossa vida presente neste mundo, somos tentados e, muitas vezes, caímos. Ter uma vida cristã vitoriosa significa viver de acordo com nossa verdadeira condição de remidos pela fé no poder de Deus.

Moisés descreve nossa posição exaltada em função da graça de Deus: amados por Deus, seguros em suas mãos e submissos a seus pés (Dt 33:3). Além disso, habitamos seguros com ele (v. 12) e temos os braços

eternos do Senhor estendidos por baixo de nós (v. 27). Não é de se admirar que Moisés exclamou: "Quem é como tu? Povo salvo pelo SENHOR" (v. 29). Moisés não considerava a lei um fardo de Deus, mas uma preciosa herança (v. 4). Israel herdaria uma terra boa, mas sua maior herança era a Palavra de Deus que os sustentava, protegia e guiava. "Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo, porque me constituem o prazer do coração" (Sl 119:111). Ao contrário das nações a seu redor, Israel não tinha um rei humano para governar o povo, pois Deus era seu Rei, e seu trono era o propiciatório na arca da aliança (Dt 33:5; Sl 80:1). Tragicamente, Israel pediu mais tarde um rei e depositou sua fé em braços humanos (Dt 17:14-20; 1 Sm 8 - 9).

A bênção de Deus para as tribos (vv. 6-25). Deus não via apenas a nação como um todo, o povo de Israel, mas também as tribos separadamente, e abençoou cada uma delas. Assim como o sumo sacerdote, o Senhor tem o nome de cada tribo próximo ao coração (Êx 28:15-30). Observamos anteriormente que a tribo de Simeão não é mencionada, mas todas as outras o são, inclusive José, juntamente com seus dois filhos, Efraim e Manassés. Eis a ordem em que aparecem:

- Rúben, Judá, Levi - filhos de Lia (Dt 33:6-11)
- Benjamim e José - filhos de Raquel (vv. 12-17)
- Efraim e Manassés - filhos de José (v. 17)
- Zebulom e Issacar - filhos de Lia (vv. 18, 19)
- Gade - filho de Zilpa (vv. 20, 21)
- Dã e Naftali - filhos de Bila (vv. 22, 23)
- Aser - filho de Zilpa (vv. 24, 25)

Tendo em vista que Rúben (v. 6) era o primogênito de Jacó, ele é mencionado primeiro, apesar de o pecado de Rúben (Gn 35:22) ter lhe custado seus direitos de primogenitura (Gn 49:3, 4), dados a José (1 Cr 5:1, 2). Contudo, Moisés não faz comentário algum sobre isso! Jacó disse que a tribo não se sobressairia, mas Moisés orou para que vivesse, ou seja, crescesse e prosperasse.

Os estudiosos do hebraico não apresentam um consenso quanto à tradução da última oração: "e não sejam poucos os seus homens" ou "e sejam poucos os seus homens"? Moisés está pedindo uma bênção ou um julgamento? Apesar de seu pecado contra o pai, Rúben intercedeu por José (Gn 37:19-22; 42:22) e estava disposto a dar seus filhos como garantia por Benjamim (Gn 42:37). Os rubenitas assentaram-se juntamente com Gade e Manassés do lado leste do Jordão, mas marcharam na vanguarda do exército na conquista de Canaã (Js 4:12) e só voltaram para casa depois de terminada a conquista (Js 22:1-9). Entre o primeiro e o segundo censo de Números (caps. 1 e 26), Rúben perdeu 2.770 homens, mas a tribo era conhecida por ter soldados corajosos (1 Cr 5:10). É interessante que nenhum grande líder civil ou militar e nenhum profeta tenha vindo da tribo de Rúben.

Judá (Dt 33:7) era a tribo real (Gn 49:10), mas também era uma tribo militar, pois os homens de Judá marcharam adiante do exército durante as jornadas de Israel (Nm 2:9). Moisés orou para que Deus ouvisse as orações de Judá, lhes desse vitória no campo de batalha e trouxesse seus exércitos de volta para casa em segurança.

A tribo de Levi (Dt 33:8-11) foi separada para ser a tribo sacerdotal (sacerdotes e levitas), sendo que os levitas assistiam os sacerdotes no santuário. Jacó associou Simeão a Levi (Gn 49:5-7) e anunciou que, por causa de seus pecados, essas duas tribos seriam dispersas no meio de Israel. Simeão tornou-se parte de Judá, e os levitas viviam em quarenta e oito cidades especiais separadas para eles (Js 21). A dispersão dos levitas acabou sendo uma bênção para Israel, pois os levitas conheciam e ensinavam a lei e podiam instruir o povo. É curioso que, em suas declarações no leito de morte, Jacó não tenha dito nada sobre o ministério espiritual dos descendentes de Levi.

Os sacerdotes possuíam o Urim e o Tumim (Êx 25:7; 28:30), que provavelmente eram duas pedras preciosas guardadas no peitoral do sumo sacerdote e usadas para determinar a vontade de Deus (1 Sm 23:6-9). É possível

que o “teu fidedigno” em Deuteronômio 33:8 seja Moisés que, juntamente com Arão, era da tribo de Levi. Moisés passou por grandes provas em Massá (Êx 17:1-7) e em Meribá (Nm 20:1-13) e recebeu o apoio dos sacerdotes e levitas. Foram os levitas que mataram os ídólatras depois do episódio com o bezerro de ouro (Êx 32:25-29), numa demonstração de zelo pelo Senhor. Para eles, a obediência a Deus vinha antes do amor por suas própria família e pela nação (ver Mt 10:37; Lc 14:26). Seria privilégio e responsabilidade dos sacerdotes guardar e usar o Urim e o Tumim, ensinar a lei ao povo e se encarregar da adoração no santuário. Moisés orou para que a tribo de Levi – sua própria tribo – recebesse força para seus muitos ministérios e fosse protegida dos inimigos.

Benjamim, filho mais jovem de Jacó (Dt 33:12), era muito amado por seu pai (Gn 35:18; 44:20) e também amado e protegido pelo Senhor. A pequena tribo de Benjamim ficava ao lado da fronteira norte de Judá, e a cidade de Jerusalém situava-se na divisa de Judá e Benjamim. Uma vez que o santuário ficaria em Jerusalém, Benjamim estaria perto do Senhor, que habitava naquele lugar com seu povo. Como um pai cuidando de um filho, Deus carregaria Benjamim nas costas, entre seus ombros, protegendo-o do perigo. Os homens de Benjamim eram conhecidos por serem excelentes guerreiros (Jz 5:14).

José, Efraim e Manassés (Dt 33:13-17) recebem mais espaço do que qualquer outra tribo, exatamente como Jacó havia feito em sua bênção (Gn 49:22-26). Jacó havia dado os direitos de primogenitura a José e também havia declarado Efraim o primogênito em lugar de Manassés (Gn 48). Moisés abençoou José “com o que é mais excelente” em abundância de água, terras boas, colheitas abundantes e madeira e minerais valiosos dos montes e montanhas. Falou do Sol que, juntamente com a Lua, é sinal para as estações (Gn 1:14). “[Aquele] que apareceu na sarça” (Dt 33:16) é o próprio Senhor quando apareceu a Moisés (Êx 3). A oração “príncipe entre seus irmãos” também pode significar “separado de seus irmãos”. Foi o que aconteceu não apenas literalmente no

Egito, mas também espiritual e moralmente na família. José foi um homem temente a Deus.

Moisés comparou José ao primogênito do touro com chifres pontudos que derrotam todos os inimigos. A palavra “primogênito” é significativa, pois José herdou a bênção da primogenitura quando Jacó rejeitou Rúben e declarou Efraim o primogênito sobre Manassés. As tribos de Efraim e Manassés eram conhecidas por seus rebanhos férteis e seu poderio militar. Infelizmente, orgulhavam-se de sua linhagem e, por vezes, se recusavam a cooperar com as outras tribos, criando problemas para a nação.

Zebulom e Issacar (Dt 33:18, 19) são descritos como duas tribos que receberiam ricas bênçãos da terra e do mar. Jacó identificou Zebulom com o mar (Gn 49:13) e Issacar com a terra (Gn 49:14, 15), apesar de Issacar estar próximo do mar da Galiléia e Zebulom ficar apenas a alguns quilômetros do mar Mediterrâneo. As duas expressões “nas tuas saídas” e “nas tuas tendas” abrangem toda a vida cotidiana: sair para trabalhar e voltar para casa a fim de descansar. Moisés estava abençoando todos os aspectos da vida deles, aquilo que podemos chamar de “tarefas rotineiras”. Deuteronômio 33:19 retrata adoração seguida de um banquete comunitário, mas os israelitas deviam levar seus sacrifícios ao santuário central, onde poderiam desfrutar grandes refeições com suas famílias. Alguns acreditam que se trata de um retrato das duas tribos repartindo sua fartura com os irmãos e irmãs e dando graças a Deus por sua generosidade, uma versão israelita de um piquenique em família.

A tribo de Gade (Dt 33:20, 21) ficava a leste do Jordão (Dt 3:12-16), juntamente com Rúben e Manassés. Moisés sabia que Deus havia escolhido a melhor terra para os rebanhos deles. Contudo, Gade também era uma tribo valente que enviou guerreiros a Canaã para ajudar a conquistar a terra (Js 1:12-18; 4:12-18; 22:1-4). Quando Israel derrotou as nações a leste do Jordão, Gade tomou para si a maior parte.

A comparação de Dã (Dt 33:22) com um “leãozinho” sugere que a tribo ainda não

era exatamente madura, mas se mostrava promissora e tinha grande força. Um leãozinho cresce e transforma-se num leão! Infelizmente, porém, a tribo de Dã tornou-se idólatra e apóstata (Jz 17 - 18).

Naftali (Dt 33:23) recebe a promessa de plenitude das bênçãos do Senhor e de expansão para o sul, onde fica o mar da Galiléia, e para o oeste, em direção ao mar Mediterrâneo. Baraque era dessa tribo, e tanto ele quanto Débora (Jz 5:18) e Gideão (Jz 7:23) receberam ajuda dos soldados de Naftali. Em Isaías 9:1 e Mateus 4:13-16, Naftali é mencionado na profecia messiânica.

O nome Aser (Dt 33:24, 25) significa "abençoado", e Moisés pediu a Deus que abençoasse essa tribo com muitos filhos, o favor de seus irmãos e grande prosperidade. Usar precioso azeite de oliva nos pés era um sinal de riqueza, e o território de Aser foi abençoado com muitas oliveiras. Os ferrolhos de ferro e de bronze são uma referência a portões extremamente seguros nas cidades. Assim, a tribo gozaria fertilidade, amor fraternal, prosperidade e segurança, e o Senhor lhes daria forças, a cada dia, para realizar seu trabalho. O que mais podiam desejar?

A felicidade do povo de Deus (vv. 26-29). Essas são as últimas palavras escritas por Moisés e concentram-se na felicidade do povo de Deus decorrente das bênçãos dele recebidas. Ao encerrar a bênção das tribos, Moisés visualizou a nação como um todo e a alegria que Israel devia ter em conhecer o verdadeiro Deus vivo. O Deus deles não é um deus morto dentro de um templo. Ele cavalga sobre os céus para ajudar seu povo! (Ver Sl 18:10 e 68:33.) Porém, mais do que isso, Deus é a "habitação" de Israel e seu "refúgio" (ver Sl 90:1), e Israel permanece nele aonde quer que seu povo vá. Ao avançarmos pela fé, ele derrota o inimigo e nos sustenta na batalha.

Israel enfrentaria muitos inimigos e lutaria muitas batalhas pela conquista da terra prometida, mas Deus lhe daria a vitória. Habitaria uma terra segura e fértil, separada das nações pagãs, mas dando-lhes testemunho do Deus de Israel. Deus seria seu ajudador,

seu escudo e sua espada, e não precisava temer coisa alguma. Os exércitos ao redor da terra não representavam um perigo tão grande para Israel quanto os desejos dentro dos israelitas. Precisavam livrar seu coração do amor aos ídolos e dos pecados associados à idolatria. Os israelitas acabaram aceitando e adorando os deuses das nações que derrotaram, o que levou a nação ao declínio espiritual e moral. Em vez de fazer conforme a bênção de Moisés: "pisarás os seus altos [dos seus inimigos]" (Dt 33:29), Israel afundou-se cada vez mais nos poços de pecado, até que Deus precisou enviar seu povo para o cativeiro.

2. UMA ADVERTÊNCIA AOS SERVOS DE DEUS (DT 34:1-8)

A morte iminente de Moisés é um tema que se repete nesses capítulos de encerramento (Dt 31:1, 2, 14, 16, 26-29; 32:48-52; 33:1; 34:1-8, 10, 12). Moisés sabia o que o esperava, pois a morte é um encontro marcado (Hb 9:27) e não um acidente. Ele havia começado seu ministério como um pastor solitário, cuidando de suas ovelhas, próximo a Horebe (Sinai), o monte de Deus (Êx 3), e estava prestes a terminar seu ministério deixando suas ovelhas para Josué e subindo o monte Nebo sozinho para encontrar-se com Deus.

Contudo, a ênfase destes versículos não é tanto sobre sua morte, mas sim sobre o fato de que o Senhor não podia permitir que ele entrasse na terra prometida devido a seu pecado impulsivo em Cades (Nm 20). Em vez de falar à rocha, Moisés feriu-a com raiva e disse: "Ouvi, agora, rebeldes: porventura, faremos sair água desta rocha para vós outros?" (v. 10). Sua atitude, seu gesto (ferir a rocha) e suas palavras vieram da carne e não do Espírito e tiveram a intenção de glorificar a si mesmo e a Arão e não ao Senhor. Moisés não santificou a Deus naquilo que disse e fez, por isso foi deixado de fora da Terra Prometida (Dt 1:37-40; Nm 20:12, 13). Ele orou pedindo de todo o coração que o Senhor mudasse de idéia, mas o Senhor se recusou a atendê-lo (Dt 3:23-26; o verbo indica que Moisés fazia essa oração com freqüência).

No monte Nebo, Moisés estava a cerca de dez quilômetros da fronteira com a Terra Prometida, mas o Senhor não permitiu que ele entrasse.

O castigo foi maior que a transgressão? De modo algum. De acordo com Alexander Maclaren: "Qualquer transgressão de Moisés não pode ser pequena". Moisés era o líder do povo especial de Deus; era o legislador e arquiteto de Israel como nação e da religião israelita. Ele sabia que, quanto maiores fossem os privilégios, maiores seriam as responsabilidades. Em sua transgressão, Moisés não glorificou a Deus e precisou sofrer a disciplina. Em sua graça, Deus perdoa nossos pecados, mas em sua soberania, ele deixa que o pecado tenha conseqüências em nossa vida.

Deus permitiu que Moisés visse a terra toda, tendo Naftali ao norte, Efraim e Manassés na região central e Judá, o Neguebe e Zoar ao sul. O Senhor garantiu a Moisés que seria fiel à aliança que havia feito com os patriarcas e daria a Israel aquela terra maravilhosa. Mas nem tudo estava perdido para Moisés, pois ele chegou à Terra Santa séculos depois, quando ele e Elias encontraram-se com Jesus em glória no monte da transfiguração (Mt 17:1-3; Lc 9:28-31). Moisés chegou a falar com o Senhor sobre "sua partida [seu êxodo]", aquilo que Jesus faria na cruz em Jerusalém. (E Moisés sabia bem o que era passar por um "êxodo"!)

Depois de ver a terra, Moisés faleceu, e o Senhor e o arcanjo Miguel (Jd 9) o sepultaram no monte Nebo, num túmulo que ninguém jamais poderia encontrar nem identificar. As Escrituras não explicam, em parte alguma, o que foi a contenda entre Miguel e o diabo. O principal motivo pelo qual Judas mencionou esse estranho episódio foi para refutar aqueles que falam mal de dignitários (Jd 8, 10), algo que nem mesmo um arcanjo faria, apesar de o "dignitário" ser o próprio diabo! Esse acontecimento não foi registrado nas Escrituras, mas vem de um livro apócrifo chamado *A Ascensão de Moisés*. Miguel tem um ministério especial relacionado à nação de Israel (Dn 10:13, 21; 12:1) e também é inimigo de Satanás, pois o maligno deseja destruir

o povo judeu (Ap 12:7-9). O nome Miguel significa: "Quem é como Deus?", e Satanás havia dito: "serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14:14). Será que Satanás desejava usar o corpo de Moisés para perturbar a nação israelita, que estava prestes a invadir os baluartes do mal em Canaã? Não sabemos e é inútil especular.

Moisés morreu "segundo a palavra do SENHOR" (Dt 34:5), e esse deve ser o objetivo de todo cristão. A morte dos santos de Deus é extremamente preciosa para ele (Sl 116:15) e, portanto, ele não permite que aconteça por acidente, a menos que o cristão esteja se rebelando contra a vontade de Deus. Os dias que Deus tem "determinado" para nós estão escritos (Sl 139:16) e, apesar de não podermos viver além deles, é possível, por nossa insensatez e pecado, apressar nossa própria morte.

3. UM EXEMPLO PARA OS SERVOS DE DEUS (Dt 34:9-12)

Houve ocasiões em que Moisés queixou-se para Deus, pois seu trabalho era difícil e, mais de uma vez, esteve disposto a desistir. No entanto, apesar de suas fraquezas humanas, Moisés foi um servo fiel. Na verdade, em termos de fidelidade, Moisés é até comparado a Cristo (Hb 3:1-6).

Moisés foi fiel ao caminhar com Deus e falou com ele como um homem conversa com um amigo (Êx 33:11; Nm 12:7, 8). O segredo da vida dele não foi o conjunto de suas próprias aptidões - ele se declarava absolutamente inapto - nem sua educação no Egito (At 7:22), mas sim sua maneira humilde de caminhar com o Senhor. Ele passou tempo com Deus, ouviu sua Palavra e obedeceu a suas ordens.

Outro aspecto exemplar da vida de Moisés foi sua dedicação a seu povo. Em duas ocasiões, Deus ofereceu exterminar o povo de Israel e começar uma nova nação com Moisés, e em ambas as vezes Moisés recusou a oferta (Êx 32:9-14; Nm 14:10-25). Moisés era um verdadeiro pastor disposto a dar a vida por suas ovelhas (Êx 32:30-35). Muitos daqueles que se dizem "líderes cristãos", na verdade, são apenas profissionais

que trabalham só por dinheiro, buscando sempre o benefício próprio (Jo 10:12-14). Quando as coisas se complicam, esses "líderes" vão procurar um refúgio, enquanto o verdadeiro pastor busca ao Senhor a fim de obter as forças necessárias para cumprir suas tarefas.

Moisés foi um intercessor fiel. Muitas vezes, prostrou-se com o rosto em terra e implorou ao Senhor que não julgasse o povo e, no alto da montanha, orou até estar certo de que o Senhor iria com eles em sua jornada. Assim como os apóstolos, Moisés foi um homem que se dedicou "à oração e ao ministério da palavra" (At 6:4). Como Jesus com seus apóstolos, ensinou a Palavra para o povo e, então, orou para que a recebessem e crescessem.

O Senhor preparou Moisés para seu ministério e levou oitenta anos para fazê-lo. Ele foi criado como príncipe no Egito e recebeu todo o conhecimento dos sábios daquela terra. Alguns estudiosos acreditam que Moisés estava sendo preparado para ser o próximo Faraó. No entanto, Moisés abriu mão de tudo isso para identificar-se com o povo de Deus em seu sofrimento (Hb 11:24-27). Deus deu a Moisés quarenta anos de "pós-graduação" como pastor de ovelhas na terra de Midiã, um lugar estranho para um homem com todo o conhecimento do Egito. Contudo, havia lições a ser aprendidas na solidão, no silêncio e ao cuidar de ovelhas ignorantes, que Moisés jamais teria aprendido na universidade do Egito. Deus tem maneiras diferentes de treinar seus servos, e a preparação de cada pessoa é feita sob medida para ela pelo Senhor.

Moisés demonstra o espírito de Cristo em vários aspectos. Assim como Jesus, nasceu num lar piedoso numa época difícil da história do povo de Israel, e sua vida também foi ameaçada. Quando Moisés abriu mão dos tesouros do Egito, fez como Jesus, que se tornou pobre para dar a muitos a riqueza espiritual (2 Co 8:9). Como Jesus, Moisés foi rejeitado por seu povo na primeira vez que tentou ajudá-los (Êx 2:11-15), mas foi aceito por eles na segunda vez (Êx 4:29-31; At 7:23-36). Israel rejeitou a Cristo em sua primeira vinda, mas o receberá quando ele voltar (Zc 12:10 - 13:1).

Moisés era um homem manso, e Jesus disse: "sou manso e humilde de coração" (Mt 11:28-30). Moisés completou o trabalho que Deus lhe deu (Êx 39:42, 43; 40:33), como também o fez o Filho de Deus (Jo 17:4). Antes de voltar para o céu, Jesus deixou na Terra discípulos treinados para dar continuidade ao evangelismo mundial, e Moisés deixou Josué e os anciãos para conduzir o povo nos caminhos do Senhor. O rosto de Cristo resplandeceu no monte da transfiguração, e o rosto de Moisés resplandeceu depois de seu encontro com Deus no monte (Mt 17:2; Êx 34:29, 30). Moisés foi "poderoso em palavra e obras" (At 7:22), como Jesus também o foi durante seu ministério aqui na Terra (Lc 24:19).

O único exemplo perfeito é Jesus Cristo, mas quando lemos sobre Moisés, ele nos faz lembrar de nosso Senhor e nos encoraja a nos tornarmos mais semelhantes ao nosso Salvador em todas as coisas.

1. Gênesis 49:28 chama o discurso de Jacó de "bênção", mas esse termo foi aplicado somente a José (vv. 25, 26). Para Jacó, suas palavras foram profecias (v. 1), e algumas de suas palavras para seus filhos e sobre eles foram severas.
2. A tribo de Simeão foi, posteriormente, assimilada por Judá (Js 19:1-9). Jacó havia exposto a ira de Simeão e de Levi e anunciado que seriam dispersos entre as tribos (Gn 49:7).
3. Apesar de os anjos terem participado da entrega da lei (Cl 3:19), o texto indica que o próprio Senhor veio das hostes angelicais para o monte Sinai (Dn 7:10).

APRENDENDO A LEMBRAR – LEMBRANDO DE APRENDER

REVISÃO DE DEUTERONÔMIO

Perdi quase toda minha memória”, escreveu John Newton aos oitenta e dois anos de idade, “mas lembro-me de duas coisas: que sou um grande pecador e que Cristo é um grande Salvador”.

Era esse o propósito que Moisés tinha em mente quando fez os discursos que chamamos de Livro de Deuteronômio: ele queria que o povo se lembrasse das coisas realmente importantes. Se conseguissem se lembrar de quem eram – pecadores salvos pela graça e o poder de Deus – e o que Deus havia feito por eles, poderiam entrar em triunfo na nova terra, derrotar os inimigos, evitar as tentações perigosas que os cercavam de todos os lados e desfrutar a herança que Deus havia preparado para eles.

Podemos recapitular as lições mais importantes de Deuteronômio observando o que Moisés nos diz para lembrar.

1. “LEMBRARÁS DO SENHOR” (Dt 8:18)

A Palavra de Deus nos foi dada para que pudéssemos conhecer melhor o Deus da Palavra.¹ Tudo o que Moisés declarou ao povo era uma revelação da mente e do coração de Deus. Cada lei, cada cerimônia, cada proibição e cada lembrança de acontecimentos passados apontavam para Jeová, o Deus dos israelitas. Em seus feitos poderosos e palavras bondosas acerca da verdade, o Senhor se revelou a Israel como não fez a nação alguma, e Moisés registrou essas palavras e feitos para que pudéssemos lê-las hoje. O conhecimento de Deus é o conhecimento mais importante da vida.

Israel deveria lembrar-se de que o Senhor era o único Senhor (Dt 6:4). Os israelitas

viviam num mundo de idolatria supersticiosa, no qual cada povo tinha seus próprios deuses e deusas e, ao mudar de uma nação para outra, mudava-se de deuses! O povo de Israel, porém, cria na existência de um só Deus supremo, o verdadeiro Deus vivo cujo nome era Jeová – “Eu sou o que sou”. O primeiro mandamento era: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20:3), e o segundo proibia os israelitas de fazer imagens de seu Deus ou de qualquer outra coisa no Universo para adorar como deus.

Esse único Senhor é o Criador de todas as coisas, e seu poder é ilimitado. Demonstrou esse poder ao enviar as pragas sobre o Egito e, depois, ao abrir o mar Vermelho para que Israel pudesse partir. Revelou sua glória no monte Sinai, mas também revelou sua graça e misericórdia ao entrar em aliança com Israel (Dt 4:32, 37). O Senhor é o Deus fiel, que mantém sua palavra e que jamais faltará a seu povo. O Deus de Israel ama seu povo e quer ser amado por ele. É zeloso com seu povo (v. 24; 5:9; 16:16), como um marido é zeloso com a esposa.

O Deus de Israel é o Deus que disciplina os filhos quando são desobedientes a ele. Sua aliança deixa claro que abençoará seu povo quando este lhe obedecer e que o disciplinará quando lhe desobedecer, sendo que tanto a bênção quanto a disciplina são demonstrações de seu amor e fidelidade. Em sua misericórdia, perdoará, se o povo se arrepender e voltar para ele, mas não irá tolerar a rebelião.

Deus declara sua Palavra por intermédio de servos escolhidos como Moisés e espera que seu povo ouça sua Palavra, lembre-se dela e seja obediente a ela. Como o Israel antigo, a Igreja de hoje também é um povo dedicado à Palavra. Nossa fé não consiste em algo que nós mesmos criamos, pois a recebemos pela graça por meio da Palavra do Senhor. Ela é nossa vida, e sem essa Palavra é impossível conhecer a Deus, saber sua vontade ou adorar e servir devidamente ao Senhor. Deus nos capacita a obedecer seus mandamentos. Somos privilegiados por ter a Palavra escrita em nossa própria língua e por gozar a liberdade de lê-la e de

compartilhá-la com outros. Assim como Israel, a Igreja deve ser um “povo da Palavra”, pois tudo de que precisamos para a vida e a piedade pode ser encontrado na Palavra inspirada de Deus (2 Pe 1:3; 2 Tm 3:16, 17).

2. “LEMBRARÁS QUE FOSTE SERVO” (Dt 5:15)

Essa admoestação também aparece em Deuteronômio 15:15; 16:3 e 12; e 24:18-22. Cada vez que os israelitas celebravam a Páscoa, eram lembrados das tribulações que a nação havia passado no Egito, o que deveria levá-los a amar ao Senhor ainda mais por aquilo que havia feito por eles. Nos momentos mais difíceis da jornada, os israelitas, muitas vezes, quiseram voltar para a segurança e a escravidão do Egito em vez de confiar no Senhor e de desfrutar a liberdade que ele lhes deu. Ainda que não desejemos repetir os pecados do passado, é bom nos lembrarmos do que fomos salvos pelo Senhor quando confiamos em Cristo. Os israelitas deviam se lembrar do dia em que o Senhor os havia tirado da escravidão (Dt 16:3). Não há nada de errado em separar “dias comemorativos”, a fim de que nos recordemos da bondade do Senhor para conosco.

O fato de os israelitas terem sido estrangeiros em outra terra deveria tê-los motivado a ser especialmente bondosos com os estrangeiros em sua terra (Dt 10:19). Deveria tê-los incentivado a ser bondosos para com seus próprios servos (Dt 24:14). “Amamos uns aos outros” significa, simplesmente, que tratamos uns aos outros da maneira como o Senhor nos trata.

3. “RECORDAR-TE-ÁS DE COMO DEUS TE GUIOU” (Dt 8:2)

“Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou”. Deus não abandonou Israel quando o povo saiu do Egito. Antes, conduziu-o com uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite. Os israelitas nem sempre entenderam a rota escolhida pelo Senhor, mas ele nunca os levou pelo caminho errado. Podemos estar certos de que a vontade de Deus jamais nos conduzirá a lugares onde

ele deixe de nos guardar nem onde seu poder deixe de nos capacitar a glorificá-lo.

Uma das lições mais difíceis que o povo de Deus deve aprender é aceitar a vontade de Senhor e obedecer a ele sem protestar nem murmurar. Se os israelitas tivessem feito uma retrospectiva de sua jornada do Egito até Canaã, teriam visto que cada etapa da jornada havia servido para que aprendessem mais sobre si mesmos e sobre o Senhor. Teriam visto como haviam se apegado ao passado e temido o futuro, duvidando do amor de Deus e de sua capacidade de levá-los até o fim. As murmurações freqüentes do povo revelavam sua falta de amor pelo Senhor, e sua rebelião mostrava sua falta de submissão à vontade de Deus.

Onde quer que estivesse morando, o missionário J. Hudson Taylor colocava na parede um quadro que dizia: “Ebenézer – Jeová-Jiré”. Essas palavras hebraicas significam: “Até aqui nos ajudou o SENHOR” – “O SENHOR Proverá” (1 Sm 7:12; Gn 22:14). Quando nós, o povo de Deus, olhamos para trás, vemos como o Senhor tem sido fiel, e quando olhamos para o futuro, sabemos que ele proverá. Então, por que se preocupar e se afligir?

4. “LEMBRARÁS DO MONTE SINAI” (Dt 4:9-13)

O Senhor não conduziu Israel diretamente do Egito para Canaã, pois não estavam preparados para entrar na terra e enfrentar o inimigo. Liberdade não é sinônimo de maturidade; aliás, a liberdade sem maturidade é algo perigoso. Deus não deu sua lei aos israelitas como um caminho para a salvação, pois ele já os havia remido pelo sangue do cordeiro pascal. Deus lhes deu sua lei para que amadurecessem, pois eram como crianças pequenas que precisavam dos cuidados de um adulto (Gl 4:1-7).

O que o povo aprendeu no monte Sinai? Antes de tudo, que Deus é um Deus santo, que deve ser temido e honrado. Deus demonstrou seu grande poder e glória no Sinai, e o povo estremeceu de medo. Contudo, a menos que esse medo se torne reverência no coração, não é capaz de transformar a vida. Israel também aprendeu que o Senhor era

um Deus bondoso e misericordioso, que provia perdão como um meio para que o adorassem e servissem.

No entanto, também foi no monte Sinai que o povo descobriu sua própria impaciência e incredulidade, quando Moisés passou tanto tempo no monte. Em seu coração, os israelitas ansiavam por ídolos, assim adoraram a um bezerro de ouro. Viram como Deus julgou rapidamente o pecado terrível, mas também descobriram que Jeová os perdoaria e permitiria que recomeçassem.

Todo cristão deve aprender a submeter-se à vontade de Deus conforme expressa na Palavra dele. Uma prova de nossa submissão é a disposição de esperar no Senhor sem buscar substitutos. Mesmo tendo recebido a aprovação do sumo sacerdote, o bezerro de ouro era maligno e contrário à vontade de Deus.

5. “LEMBRAI-VOS DE QUE MUITO PROVOCASTES À IRA O SENHOR” (Dt 9:7)

“Lembrai-vos e não vos esqueçais de que muito provocastes à ira do SENHOR, vosso Deus, no deserto”. Em pelo menos duas ocasiões, Deus ameaçou destruir todo o povo e começar uma nova nação com Moisés. E, no entanto, que motivo o povo tinha para sentir-se provocado? O Senhor que, em sua graça, os livrou do Egito também supriu todas as suas necessidades ao longo da jornada, derrotou seus inimigos e deu-lhes uma terra que manava leite e mel.

O problema fundamental dos israelitas foi a incredulidade (Hb 3 – 4), pois simplesmente não confiaram em Deus. Não creram em suas promessas nem obedeceram a seus mandamentos, mas tentaram seguir seus próprios caminhos, o que os levou à rebelião e à disciplina. E pareciam nunca aprender a lição! Como filhos obstinados e rebeldes, os israelitas apanhavam e não hesitavam em pecar novamente!

Na condição de filhos de Deus, precisamos confessar que, sem a graça de Deus, dentro de nós não habita bem nenhum (Rm 7:18) e que nossa natureza caída não pode ser mudada. “O que é nascido da carne é carne” (Jo 3:6) – e sempre será carne! Ainda

temos em nós a capacidade de cair em pecado, mas o desejo de pecar deve ser menor. Por meio da obra santificadora do Espírito e da Palavra (Jo 17:17; 2 Co 3:18), nosso ser interior deve tornar-se cada vez mais semelhante a Cristo, desejando as coisas de Deus e nelas se deleitando.

6. “LEMBRA-TE DOS TEUS INIMIGOS” (Dt 25:17)

Essa não era uma ordem para cultivar o ran-cor, mas para reconhecer os verdadeiros inimigos que se opõem ao Senhor e a nós. Os amalequitas atacaram Israel depois do êxodo e foram derrotados por Josué e o exército israelita (Êx 17:8-16). Foi nessa ocasião que Deus declarou guerra contra todas as gerações de amalequitas, até que a memória dessa nação fosse apagada da face da terra. Os israelitas não foram atacados no Egito, mas só depois que Deus os libertou da escravidão. Isso nos lembra de que o mundo, a carne e o diabo não atacam pecadores mortos, pois já estão sob seu controle (Ef 2:1-3). Contudo, uma vez que o Senhor nos liberta, esses inimigos virão atrás de nós, e a guerra continuará até que vejamos Jesus Cristo.

Um jovem pastor escocês participou de um congresso sobre “a vida cristã vitoriosa” e acreditou que havia “obtido a vitória” sobre os inimigos da vida espiritual. O jovem compartilhou essa boa notícia com Alexander Whyte, um pastor conhecido de Edinburgo, que disse: “Essa é uma batalha feroz até o fim!”. É algo muito sério pensar que alguns dos homens das Escrituras que pecaram grandemente contra o Senhor não o fizeram quando jovens: Abraão ao fugir para o Egito e mentir sobre a esposa, Moisés ao perder a calma, Arão ao fazer um bezerro de ouro, Davi ao cometer adultério e homicídio e Pedro ao negar seu Senhor. Nunca somos velhos demais para as tentações e as batalhas.

7. “LEMBRA-TE DO QUE O SENHOR FEZ A MIRIÃ” (Dt 24:9)

A história da rebelião de Miriã encontra-se em Números 12. Apesar de Arão também estar envolvido, ao que parece, a iniciativa veio de Miriã, pois foi ela quem sofreu o

castigo. Miriã ficou com inveja da esposa de Moisés e criticou o irmão por seu casamento.² Deus viu o coração dela, ouviu suas palavras e castigou seu pecado, ferindo-a com lepra. Numa demonstração de misericórdia e de amor extraordinária, Moisés intercedeu por ela, e o Senhor a curou. No entanto, em função da lepra, ela se tornou imunda e teve de passar uma semana fora do acampamento até que o sacerdote verificasse que havia sido curada. Seu pecado atrasou a marcha de Israel, pois o pecado sempre atrasa o progresso do povo de Deus.

Os pecados do espírito são tão destrutivos quanto os pecados da carne, às vezes até piores. Miriã pecou por orgulho, inveja, maledicência e falta de amor. Porém, mais do que isso, os pecados dentro da família são especialmente dolorosos, como também os pecados no meio dos líderes do

povo de Deus. Se Deus ferisse com lepra cada líder que tivesse inveja de outros líderes e que os criticasse, não restaria muita gente saudável!

Essas lembranças especiais aplicam-se a nós e a nosso tempo. Memórias negativas podem levar a atitudes e a ações negativas e, com frequência, à infidelidade para com o Senhor. Apesar de o Livro de Deuteronômio ser longo e repleto de material variado, a lição espiritual que nele se destaca é que devemos ser preparados pelo Senhor para encarar os desafios e as oportunidades do futuro. Essa preparação vem de ouvir a Palavra de Deus, lembrar-se dela e de lhe obedecer. Apesar de haver coisas das quais devemos nos esquecer, também há coisas das quais devemos nos lembrar, se desejamos agradecer ao Senhor, glorificá-lo e realizar a obra da qual ele nos incumbiu.

1. Um dos paradoxos da história de Israel é que os escribas judeus reverenciavam as Escrituras e estudavam-nas minuciosamente e, ainda assim, não reconheceram seu Messias quando ele veio. Jesus disse: "Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim" (Jo 5:39). Nas palavras de um hino antigo: "Além da página sagrada / Busco a ti Senhor / Meu espírito deseja com ardor / A Palavra cheia de vida" ("Break Thou the Bread of Life", de Mary A. Lathbury).
2. A primeira esposa de Moisés havia morrido, e ele havia se casado novamente. Ainda que as traduções mais antigas usem o termo "etíope" em vez de "cuxita", isso não significa, necessariamente, que fosse uma mulher de raça negra, apesar de a Bíblia não proibir esses casamentos (At 17:26). Miriã considerou a nova esposa uma concorrente a ser temida e não uma cunhada a quem poderia estimar.

MAZINHO RIBEIRO
Um Instrumento Escrito At 9.15